UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

CAFÉ
O TRAJETO DA CRIAÇÃO
DE UM ROMANCE INACABADO DE MÁRIO DE ANDRADE

Tatiana Maria Longo dos Santos e Nogueira Figueiredo

Bolsista FAPESP

Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Therezinha Aparecida Porto Ancona Lopez

Volume I

São Paulo

2009

capas:

Luiz Guilherme de Godoy

ÍNDICE

Volume I

Resumo	I
Abstract.....	III
Dedicatória	V
Agradecimentos	VII
Epígrafe.....	IX
Pausa para <i>Café</i>	XI
Novos aromas e sabores	XXI
Interrompido/ inacabado.....	XLI
Do broto à poda? ou do broto ao fruto?.....	XLV
Bibliografia.....	LXIII
Edição da 1ª parte do romance. Intersecção das três versões conhecidas	1

Edição genética e crítica do romance inédito de Mário de Andrade, *Café*

Antecedentes.....	161
1ª fase.....	165
2ª fase.....	485

Volume II

3ª fase.....	1
4ª fase.....	7
5ª fase.....	29
6ª fase.....	195

Volume III

7ª fase.....	1
8ª fase.....	17
9ª fase.....	89
10ª fase.....	261
11ª fase.....	295
O romance <i>Café</i> em cartas e entrevista	305

Resumo

A pesquisa teve como objetivo editar e estudar o trajeto da criação de um romance inédito de Mário de Andrade, *Café*, considerando, no âmbito da crítica genética, a questão da obra inacabada/ interrompida. A reflexão teórica a respeito da natureza de um texto interrompido/ inacabado, vinculada à análise do manuscrito de uma obra em desenvolvimento, marcada por migrações e permutas com outras obras do escritor, deram base à interpretação ensaística. Iniciado em 1925, este alentado romance – do qual o público conheceu dois excertos nas revistas *Ilustração Brasileira* e *Movimento Brasileiro*, em 1930, e uma parcela mais extensa na série “Vida do cantador”, em 1943, na *Folha da Manhã* de São Paulo –, compõe-se de numerosas notas de trabalho, planos, esquema, esboços e versões com muitas etapas de redação, admitindo também textos recortados de periódicos e notas de leitura deixadas nas margens de livros. Estas últimas colocam em cena a biblioteca do escritor, como *locus creationis*. Reunindo textos de variada tipologia documental no grande rascunho que perfaz a escritura, a análise do processo criativo do romance, precedida da organização e da análise documentária do manuscrito deu base à edição genética pretendida.

A tese inscreve-se no projeto temático FAPESP/ IEB e FFLCH-USP, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Therezinha A. Porto Ancona Lopez, *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras*.

Palavras-chave: texto inacabado; Mário de Andrade; processo de criação; crítica genética; romance.

Abstract

This study had the objective of editing and analyzing the creative trajectory of Mário de Andrade's unpublished novel *Café*, considering, on the sphere of the genetic criticism, the matter of the unfinished/ interrupted work. The theoretical consideration on the nature of an interrupted/ unfinished text, entailed to the examination of the manuscript of a work in development, marked by migrations and interchanges with other works by the author, provided the basis for the essayistic interpretation. Started in 1925, this vigorous novel — of which the public already knew two excerpts published by the magazines *Ilustração Brasileira* and *Movimento Brasileiro*, in 1930, and a more extensive parcel in the series “Vida do cantador” (“Singer’s Life”), in 1943, by the newspaper *Folha de São Paulo*, São Paulo —, is composed by great number of notes, plans, scheme, sketches and versions in many stages of redaction, also admitting clippings containing texts from other periodic publications and reading notes left in the margin of books. The last ones bring to the scene the author’s library as *locus creationis*. Assembling texts of varied documental typology in the great draft that completes the writing, the study of the novel’s creative process, preceded by the organization of the documentary analysis of the manuscript, gave basis to the intended genetic edition.

The thesis is inscribed in the thematic project FAPESP/ IEB and FFLCH-USP, coordinated by Prof. Dr. Therezinha A. Porto Ancona Lopez, *Study of Mário de Andrade’s creative process through the manuscripts in his archive, his letters, marginalia and readings*.

Key words: unfinished text, Mário de Andrade’s creative process, genetic criticism, novel.

*Ofereço este trabalho a
Eunice Longo dos Santos, minha mãe,
mulher batalhadora que se engajou
bravamente contra a injustiça, na defesa
dos direitos dos trabalhadores e na luta pela
democratização do país.*

Agradecimentos

À Família Mário de Andrade, em especial a Carlos Augusto de Andrade Camargo, com quem pude contar quando precisei.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela bolsa de doutorado que me concedeu no período de fevereiro de 2007 até a defesa da minha tese em 2009, em um país onde poucos podem estudar.

Aos estagiários, professores e funcionários do Instituto de Estudos Brasileiros onde comecei a desenvolver pesquisas no ano do centenário de Mário de Andrade. Em especial, às arquivistas: Maria Izilda Claro do Nascimento Fonseca Leitão, Maria Cecília de Castro Cardoso, Maria Helena Pinoti, Mônica Guilherme da Silva, à atendente Luana Batista de Souza, à estagiária Glalce Finotelo, à Profa. Dra. Lucy Maffei Huntter; à restauradora Lúcia Elena Thomé; às bibliotecárias: Maria Itália Causin, Floripes de Moura Pacheco e demais funcionários da biblioteca; a todos da Seção de Processamento de Imagem e Reprografia e do Setor de Informática, principalmente Denis Rossi, Rosana Campos Nascimento, Breno de Araújo Ferreira e Maurício Mendes Vieira.

Aos atuais integrantes do Projeto temático *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras*, com quem cotidianamente partilho experiências: Telê Ancona Lopez, Marcos Antonio de Moraes, Flávia Toni, Aline Nogueira Marques, Ângela Teodoro Grillo, Flávio Rodrigo Vieira Lopes Penteado Corrêa, Fernando José da Silva Alvim, Leandro Raniero Fernandes, Lílian Escorel de Carvalho, Luciana Barongeno, Marina Damasceno de Sá, Paulo José da Silva Cunha e Rafael Antônio Batini. Às colegas Rosana Fumie Tokimatsu e Rosângela Asche de Paula, antigas integrantes da Equipe Mário de Andrade que trilharam outros caminhos.

Aos Profs. Drs. Alfredo Bosi, Cecília Salles, João Roberto Faria, José Luis Jobim, Maria Augusta Fonseca, Marlene Gomes Mendes e Philippe Willemart pelo diálogo.

Aos amigos Andréa Lopez, Ângelo Caio Mendes Corrêa Júnior (e ao caro Itamar), Antonio Ribeiro (e à dona Anadina e ao seu Antonio), Armando Olivetti Ferreira, Cristina Moretti, Eliane Santoro, Lucineia Nicolau da Silva, Nívea Lino Santos, Paulo Santoro, Priscila Zapata de Oliveira, Sheila Oliveira Lima e Simone Angelini.

A Luiz Guilherme de Godoy, pela capa. E aos demais alunos e ex-alunos do Renato: o reconhecimento do espaço que ocupam em minha vida.

A Patrick Levy pelo desenvolvimento do CDROM que acompanha a tese.

A Clóvis Alonso Júnior, amigo de todas as horas, pela revisão do texto inicial.

A Aline Nogueira Marques, segurança de ter alguém perto com quem se pode contar.

A Vera Silvia Camargo Guarnieri, exemplo de coragem para enfrentar os problemas da vida, pela amizade verdadeira, ajuda inestimável nas traduções e na revisão das transcrições deste trabalho. E à família dela, que sinto como também minha: dona Eli, Míriam, Tânia, Daniel Paulo, Alexandre, Tatiana, Marcelo, Carolina e Camila.

A Ronilda de Souza Araújo pelo fundamental apoio logístico doméstico.

A Sônia Medeiros, Tilza Gomes, aos casais Leni e Natanael Agrello, Raimunda e Aldenir Rodrigues Silva e às famílias: Olga e Joaquim de Oliveira e Cleudeir e Edinaldo Rodrigues de Oliveira, pelas orações e amizade.

À família que ganhei, os Figueiredo – Bernadete, Vilma, Fabian, Renato e Sueli.

À vovó Anita, avó escolhida pelo meu coração, *in memoriam*, saudade do carinho com que me acolheu.

Aos meus tios Zilnai, Moacir e Leda, Darcy Longo de Oliveira, Darci Almeida Longo, Adelpho e Neusa, Wanda e Dagusan, José e Leonilda, Lídia, Germina e aos meus primos (todos) pela torcida.

À minha irmã Kristina Romano Pimentel, seu marido Marcelo, sua mãe Hilda e ao pequeno Pedro Henrique que moram no meu pensamento.

À Telê, minha mestra acadêmica e de vida, modelo de intelectual, por sua generosidade. E a Marcelo Ancona Lopez, pela paciência.

A Joel, meu pai, a meus irmãos Luis Ricardo e Luciana e à minha sobrinha, Ana Clara, meu desejo de passar tardes sentada no chão, brincando.

À minha mãe, Eunice, pelo que sou e pelo que pretendo ser...

Ao Renato, meu amor, na alegria e na tristeza... na saúde e na doença... por todo o sempre.

A Deus e ao Senhor Jesus Cristo, por tudo.

*Se este decifrar
é lento,
posso gastar
uma vida toda
nisso*

Texto na exposição *Sob neblina [em segredo]*, de Marilá Dardot. Centro Cultural Banco do Brasil, 2007.

Pausa para Café

Quem lê determinado autor não pode imaginar o mar de papéis que liga a primeira ideia da obra ao livro publicado. Além disso, tudo o que se escreve está, sem dúvida, vinculado a uma tradição que envolve toda a cultura em que o criador está inscrito: preferências de leitura e projetos literários ou de vida dele.

Mário de Andrade, colecionador de obras de arte e de livros raros, reuniu ao longo da vida um acervo incomparável, o qual está, desde 1968, no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Longe da era das máquinas copiadoras e dos computadores, recebe de amigos, muitas vezes com cartas, manuscritos para ler e comentar. Com percepção arguta, capta a importância desses textos, que precedem as publicações, e começa a guardá-los. Em carta de 15 de setembro de 1942, pede um manuscrito a Sérgio Buarque de Holanda, e revela:

“Como você deve saber, bibliófilo inveterado e sem vergonha como todos, tenho uma coleção de originais (manuscritos ou datilografados de primeira versão, corrigidos) que é uma já bonita coisa. Entre outras importâncias tem o *Brás*, *Bexiga e Barrafundada*, o *João Miguel* e *As três Marias* da Raquel, um Lins do Rego, um Marques Rebelo, um quarteto inédito do Henrique Oswald, etc. etc. Já uns quarenta números sem contar as poesias está claro, Manuel, o Drummond, o livro retirado do mercado do Murilo Mendes etc. [...] Concebi a ideia de ter os originais, projetos, rascunhos, etc. do livro que você está escrevendo [...]”¹.

O colecionador, que deseja possuir “originais, projetos, rascunhos, etc” de livro de outro escritor, ao mesmo tempo tinha por hábito eliminar os registros das etapas de criação de seus próprios textos, destruindo os manuscritos anteriores à publicação. Por essa razão, muitas vezes os rastros de seu trabalho criador podem ser vislumbrados

¹ V. MACHADO, Marcia Regina Jaschke. *Manuscritos de outros escritores no Arquivo Mário de Andrade: perspectivas de estudo*. São Paulo: Linear B/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2008, p. 11.

apenas em sua biblioteca, onde despontam marginália e matrizes². Por outro lado, a impressão não é o ponto final do processo criativo de Mário de Andrade; em geral, o escritor resiste à sacralização do texto exibido ao público e continua criando nos “exemplares-de-trabalho”, nome dado por ele para os exemplares aos quais apõe rasuras que materializam uma nova versão do texto. Tais objetos transcendem a própria existência como obras publicadas e passam a ter novamente o *status* de manuscrito³.

Somente os textos inacabados mostram-se em um percurso mais completo, que une projetos, rascunhos, versões, às vezes mais de uma, e um sem-número de notas de trabalho em papéis de diversos tamanhos, folhas de bloco ou arrancadas de caderneta, o verso de notas fiscais ou de ingressos de concerto. Lápis, caneta, lápis-tinta, qualquer um desses instrumentos da escrita que estivesse mais à mão servia para lançar a criação no papel. Letra esmerada no passar a limpo, esgarçada na pressa do registro ou miúda para caber nas margens estreitas da folha datilografada, como no caso da página 36 da 1ª versão da primeira parte do romance.

Cabe, portanto, aos estudiosos do processo criativo mariodeandradiano detectar caminhos nos manuscritos remanescentes, arcabouço de ideias que engendram a criação.

Mário de Andrade, ao morrer, em fevereiro de 1945, deixou, entre seus inéditos, dois manuscritos denominados *Café*: o romance e a ópera (libreto e “concepção melodramática”). Até então, apenas duas parcelas do romance se tinham visto divulgadas com a indicação da origem. No Rio de Janeiro, em abril de 1930, DOIS SÍRIOS é dado como “Fragmento do romance *Café*”, na *Ilustração Brasileira* (a. 11, nº 116), e A NEGRADA, “(DO ROMANCE ‘CAFÉ’)”, com ilustração de Di Cavalcanti, sai em *Movimento Brasileiro* (a. 2, nº 16). Depois de mais de uma década, o escritor seleciona longa sequência do romance na qual o personagem principal é Chico Antônio – o coqueiro norte-rio-grandense cuja criação musical muito o impressionara na viagem que fizera, como Turista Aprendiz, ao Nordeste entre 27 de novembro de 1928 e 15 de fevereiro de 1929. Essa sequência afirma-se como a narrativa autônoma intitulada VIDA DO CANTADOR, que absorve parcela do romance *Café* e elementos de crônicas d’O

² No projeto temático FAPESP/ IEB-USP, coordenado pela Profª. Drª. Telê Ancona Lopez, *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras*, do qual a presente tese faz parte, um viés explorado é, justamente, o do estudo da biblioteca do escritor como *locus creationis*.

³ Sobre o assunto, vide: MARQUES, Aline Nogueira. *Catálogo analítico dos dossiês literários com exemplares de trabalho de Mário de Andrade: caminhos da criação*. Orientador: Marcos Antonio de Moraes. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2009.

Turista Aprendiz, publicadas em 1929 no *Diário Nacional*. VIDA DO CANTADOR sai, com periodicidade semanal, entre 19 de agosto e 23 de setembro de 1943, em seis partes denominadas “lições”, na coluna “Mundo Musical”, assinada por Mário de Andrade na *Folha da Manhã*, em São Paulo. Depois da última lição publicada, ainda na mesma coluna, em 1944, o tema recebe prolongamento de cunho etnográfico nos artigos O CANTADOR (6 de janeiro), NOTAS SOBRE O CANTADOR NORDESTINO (13 de janeiro), BAZÓFIA E HUMILDADE (27 de janeiro), NOTAS AO CANTADOR (3 de fevereiro), O CANTO DO CANTADOR (17 de fevereiro), CANTADOR CACHACEIRO I (30 de março) e CANTADOR CACHACEIRO II (13 de abril). Complementa-se com a crônica CHICO ANTÔNIO, no jornal carioca *Correio da Manhã*, em 5 de março do mesmo ano. Vale ressaltar que, no primeiro desses textos, o autor classifica VIDA DO CANTADOR como “conto”, reconhecendo-lhe o caráter ficcional.

Quanto à ópera, uma versão do libreto e a “concepção melodramática” foram registradas em *Poesias completas*, em edição póstuma de 1955, nas Obras Completas publicadas pela Editora Martins.

Tais publicações não expressam, porém, a totalidade nem, muito menos, a riqueza do processo de criação desses dois grandes projetos, que, estendem-se por anos, sofrendo alargamentos, reduções e muitas outras transformações. O conjunto dos manuscritos de *Café*, que hoje se tem, compreendendo *Café* (romance) e *Café* (ópera), encontrou seu encadeamento quando a série Manuscritos Mário de Andrade, do arquivo do escritor, foi indexada.

O manuscrito da ópera foi objeto da tese de livre-docência da Prof^a Dr^a Flávia Camargo Toni, *Café, uma ópera de Mário de Andrade: estudo e edição anotada*, defendida no IEB-USP em 2004.

A ficção recebeu a primeira exploração, em 1987, com a edição crítica de *Vida do Cantador*, dissertação de mestrado de Raimunda de Brito Batista, defendida na área de Literatura Brasileira da FFLCH-USP, depois, em 1993, publicada pela Editora Vila Rica. A edição tomou por base não o manuscrito do romance *Café*, mas a parcela referente ao personagem Chico Antônio publicada no jornal *Folha da Manhã*, a ela agregando o prolongamento de cunho etnográfico. Na verdade, a edição utilizou-se dos recortes do texto impresso reunidos e emendados pelo escritor, que, ao sobrepor rasuras aos textos publicados, os transformou em outro manuscrito. Já a edição crítica de *Café*, tese de doutoramento de Sylvie Josserand no Instituto de Estudos Ibero-Americanos da Universidade de Paris X, Nanterre, em novembro de 1989, teve como objeto o

manuscrito de *Café*, contemplando, porém, apenas a parcela localizada no arquivo do escritor em 1986 – a única redação em datiloscrito da primeira parte do romance então conhecida. Ambos os trabalhos foram desenvolvidos no IEB-USP, tendo como orientadora a Prof^a. Dr^a. Telê Ancona Lopez.

Na pesquisa que culminou, em 2001, na dissertação de mestrado *Edição genética de Vento, esboço de um romance de Mário de Andrade*, orientada pela mesma professora, analisando o manuscrito de *Café*, pude concluir que o primeiro momento da escritura do romance encontra-se na caderneta que abriga o esboço de *Vento*. O ano do início da elaboração do texto, utilizado esse suporte, pode ser atestado como janeiro de 1925, quando a redação de outro romance de Mário, *Amar, verbo intransitivo* (então chamado *Fräulein*), ainda passava por reformulações. Corroboram a data uma das notas apenas à caderneta que está no verso de nota fiscal da Casa Di Franco, de 31 de dezembro de 1924, a menção, no verso da folha 8 da mesma caderneta, ao número de janeiro de 1925 da revista inglesa *Criterion*, e a carta a Manuel Bandeira, atestada como posterior a 11 de maio de 1925. Nesta missiva, o escritor anuncia suas intenções para as férias de inverno em Araraquara: “Talvez escreva lá uma ‘Louvação do meu Estado natal’ [...]. Ou escreverei *Vento*... Ou o *João bobo*...”⁴.

A caderneta traz o plano, notas referentes à elaboração dos personagens, esboço de sequências, lembretes e notas de pesquisa para a escrita de um romance que seria nomeado *Vento*. O plano inicial do romance, à página 11, arquiteta: “[...] 2 grandes partes: Ceia e cena de separação, intervaladas pelo intermédio longo, mas mais curto que elas, da ventania”. Numa entrega absoluta à escrita, escapam palavras incompletas, com grafia errada, lapsos resultantes da extrema concentração na criação da trama ficcional. Esse trabalho acelerado dá margem, no entanto, a atos falhos responsáveis por flutuação no nome da protagonista: ora Luísa, ora Maria. Os esboços, feitos ao longo de alguns anos, mostram-se em escrita plural, dinâmica, que desnuda o inacabamento. Entre as páginas da caderneta, Mário guarda folhas com outras notas e esboços. No anverso da folha 8 da caderneta *Vento*, o escritor aponta: “Veja II vol de Notas, a nota 48”, remetendo ao esboço *Vento* – 48 –, 2 folhas arrancadas de caderneta de bolso. O anverso da folha em que, no verso, tem início a nota “48” apresenta as notas “46” e “47”, encimadas por uma parcela do que possivelmente seria a nota 45; já a parte final

⁴ MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp/ Instituto de Estudos Brasileiros, 2000, p. 211 (Coleção Correspondência de Mário de Andrade; 1).

do anverso da segunda folha, além de trazer o final da nota “48”, mostra o início da nota “49”, que continua no verso da folha. Pelo que sobrou da caderneta de notas, percebe-se que se tratava de receptáculo de ideias ali jogadas no fluxo em que surgiam. Nela cabiam: esboços de textos ficcionais, estudos de música, apontamentos para a escrita de artigos, material enfim atinente à atuação e aos interesses do polígrafo, que numerava as matérias para mais tarde as aproveitar. A nota “49”, por exemplo, é o esboço inicial da conferência “Na sombra das moças brasileiras”, supostamente proferida em 1925 para a festa do dia 25 de setembro da Capela de Santa Cecília, texto recuperado das anotações de uma aluna de Mário de Andrade, Carmem Borelli, e publicado por Flávia Toni na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 36⁵. Talvez, até pela proximidade numérica, a caderneta de notas tenha recebido o primeiro momento conhecido da escrita de *Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma*, que, em folhas idênticas a essas, traz, antes do título, o número “56” e, no topo, 4 linhas de anotações de natureza diversa: nomes de compositores e comentário musical conciso.

Após essa fase inicial de notas e esboços, o romance *Vento* foi para a gaveta. Data de 1929 a grande transformação pela qual passa o texto, presa a dois marcos temporais: a viagem do Turista Aprendiz ao Nordeste e a “quebra” do café. Nesta época, Mário de Andrade projeta um longo romance, que se chamaria *Café* e trataria do momento histórico vivido no Brasil, explorando as contradições paulistas da modernidade, ao transportar para o universo ficcional imigrantes e migrantes como o cantador Chico Antônio, por ele conhecido no Rio Grande do Norte. No plano inicial surgem os títulos para as partes de *Café*: “1ª Prelúdio/ 2ª Família/ 3ª O Par/ 4ª Pobres ensimesmados/ 5ª Final”. Por ele, pode-se concluir que a terceira parte seria o aproveitamento dos esboços e notas de *Vento*. Ainda na 1ª fase de criação, valendo-se de esquema gráfico, em planejamento pormenorizado, o escritor inclui a “Explicação”:

“O tema de Café percorre todo o livro e tem sua explosão com a geada central.
O tema de amor Carlos e Maria percorre
quasi todo o livro menos Início e Epílogo e tem seu
climax com a separação
Os temas As Duas Irmãs e O Católico, episo-

⁵ São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1994.

dios violentos, rapidos, tempestades.”⁶

Já em outro plano, ligado à 5ª fase de criação, o título da terceira parte remete, mais explicitamente, ao do romance *Vento*: “I/ A Noite de Sábado/ II/ Uma Família Paulista/ III/ Noite de Ventania/ IV/ Indivíduos/ V/ Dia da Falsa Glória”.

Além da caderneta que continha o esboço e notas para redação do romance *Vento*, o manuscrito de *Café* compõe-se de grande quantidade de notas de trabalho, esboços de sequências e planos, três versões datiloscritas da primeira parte do romance e uma versão da segunda parte, também datilografada. Datilografia comprovadamente de Mário pela peculiaridade das rasuras que fazia à máquina de escrever, batendo cifrões por cima do que queria anular, ao invés de repetidas vezes o “X”. A escrita avança quase sem deixar espaço nas margens, sobretudo na margem inferior. A troca do papel sempre é deixada para o último momento, quando a folha já não comporta mais uma nova linha. A premência, a pressa com que Mário escreve a única versão conhecida da segunda parte do romance, sobretudo quando retoma a redação, em 1942, pode ser exemplificada no fim da página 54, que mostra uma frase que, sem ser suprimida, não se completa: “Acabou fazendo um sarceiro ~~danado~~, que não ficava mesmo, não se acostumava, tava com saudades de Do-”. O texto, na página seguinte, começa sem continuar a ideia: “E ela mesma telefonou, que susto num trem sozinha!”. Presa do fluxo da criação, é possível que o escritor não tenha percebido que batera frases no rolo da máquina antes da troca do papel. Caso semelhante aconteceria na página 13 da primeira versão da primeira parte do romance, mas a folha, já solta do carro da máquina de escrever, desliza e entorta, o que, certamente, faz o escritor perceber o problema e mudar de folha, repetindo o que ali escrevia: “ritmando o passo”. Do mesmo modo, a campainha da máquina de escrever, anúncio do iminente fim da linha em que a criação se espraia, também não interrompe o jato de escrita. Nesses datiloscritos, nos finais de linha, multiplicam-se palavras com divisão silábica errada ou sem hífen, outras ficam incompletas, às vezes só com a primeira letra, motivo pelo qual, muitas vezes, têm início repetido na próxima linha.

Depois da volta de sua segunda viagem ao Nordeste, na mesma época em que inicia a redação de notas de trabalho vinculadas ao romance *Café*, o escritor recorre a outra caderneta de notas, na qual lançava ideias, traçava apontamentos críticos, copiava citações, entre outros usos. De lá recolhe frases que julga de interesse para a criação,

⁶ Esse esquema deu base para a capa da presente tese. Em todas as citações do manuscrito optei pela transcrição diplomática, apontando quebras de linha.

arrancando as folhas da caderneta e recortando o papel. Risca o que estava anotado no verso e, usando as margens superiores ou inferiores, repõe aquilo que eventualmente perdera ao recortar. O texto de um desses recortes escolhido por MA para o elenco de notas de trabalho do romance *Café* aponta para “30 de Agosto”, cujo ano se completa na anotação anulada no verso, “29-8-921”, a qual alude ao livro de Guilherme de Almeida *A frauta que eu perdi: canções gregas*, publicado em 1924. Pelo que se depreende da nota, é possível que o manuscrito dessa obra tenha passado pelas mãos de Mário de Andrade.

Na segunda versão conhecida do texto – apesar de identificada pelo escritor como “1ª versão” e de exibir data idêntica à da 1ª versão “(S, Paulo, 13-VI-1929)” –, o escritor assimila as rasuras da 1ª versão conhecida da primeira parte do romance e apõe novas rasuras, posteriormente assimiladas pela 3ª versão. Cabe salientar que os textos de Mário de Andrade, muitas vezes, multiplicam-se em versões, nomeadas por ele iniciais ou “definitivas”. *Macunaíma*, alguns textos de *Contos novos* e do poema *O carro da Miséria* são exemplos.

Preocupado sempre com a economia do texto, MA opta por não incluir, na passagem para terceira versão, um acréscimo sugerido na página 19 da primeira versão da primeira parte: “(continuar contando as peripecias todas de seu João, como si fosse êle a contar pra Chico Antonio, até que Nedim vem conversar com os dois)”.

Na primeira versão da primeira parte do romance, mais de uma vez o escritor usa a primeira pessoa; bom exemplo está à página 20: “Os mais sinceros que nem meu velho amigo Di Franco⁷ vinham falando que sim, que a Italia era mesmo grandiosa porêem que não se acostumavam mais lá”. Já à página 49 do datiloscrito:

“Se encostava ao lado do capenga e principiava contando coisas. Nunca me/ foi possivel ~~Seon\$~~ perceber o que conversavam. Cheguei mesmo e puxar conver-/sa e travar ~~Suma\$~~ relações nutridas ao possivel com um dêsses meninos, só pra/ saber. Depois de quasi um mês disso e de acervejar o amigo novo, saber a re-/alidade quasi tragica e inabalavel de vida destinada, toquei no capenga./ Mas o rapaz fechou-se em copas, assustado, ficou esquerdo num momento, olhav[a]/ pra mim quasi perdido,

⁷ Antonio Di Franco, dono da loja de partituras e instrumentos musicais A. Di Franco & Cia., frequentada por MA, à rua São Bento, 50, no centro de São Paulo. No início da criação do romance inacabado *Vento*, o escritor usa as costas de uma nota fiscal da loja (datada 31 de dezembro de 1924) para tecer uma nota de planejamento do romance.

pouco depois não se conteve mais, se despediu, partiu/ quase fugindo do barzinho escondido em que estávamos”.

O trecho, realçado por traço a grafite e pela anotação “despersonalizar/ isto”, ao ser passado a limpo, na terceira versão, já sanou esse problema.

Por outro lado, em um dos esboços do romance *Vento*, o próprio escritor participaria do universo ficcional, sendo citado no diálogo:

“Foi Mario/ de Andrade que disse muito/ bem, parece que no romance/ dêle, que todos se dão no amor./ É isso mesmo.”

No esboço de outro diálogo, agora no romance *Café*, intitulado *Café/ (Mario de Andrade)*, lê-se:

“E Carlos ironico:/ –Isso não... tem... tem o/ Mario de Andrade/ – Esse, não nego valor pra/ êle, mas é uma pena!/ Um moço tão inteligen-/te mas perdido pelo Mo-/dernismo”.

O recurso, aliás, já é usado pelo escritor anos antes na blague da dedicatória impressa de *Paulicéia desvairada* (1922), na qual Mário de Andrade é o “Mestre querido” a quem o discípulo Mário de Andrade oferece seus poemas.

A liberdade ficcional permite ao escritor ser o dono do tempo, do espaço: senhor da vida. Desse modo, a ficção transfigura pessoas de seu convívio. Em esboços e notas de trabalho é possível acompanhar esse tipo de processo: Luis, personagem que habitaria o romance *Vento*, seria “Rubens/ misturado com Tacito talvez”, isto é, Rubens Borba de Moraes e Tácito de Almeida. Em nota de planejamento, um dos personagens femininos da segunda parte de *Café* é assim condensado: “representa Izabelinha, minha prima”, ou seja, a prima de Mário de Andrade, Isabel Rocha Mello. Na caderneta *Vento*, planeja mais um personagem:

“Dar outro tipo que será mis-/tura do Gilberto Freyre, Pruden-/tinho e Rodriguinho de Melo/ Franco, isto é, o tipo típico, ‘he-roico’ do ratado que caçoa/ dos não ratados/ Outro tipo misturar Carlos Pin-/to Alves, Couto de Barros e Yan”.

Em “*Café*/ Política e Eleições”, nota vinculada à 6ª fase de criação do romance *Café*, percebe-se no engendramento da narrativa o desejo de assimilar o testemunho de fatos vividos por Mário de Andrade e o cálculo para evitar anacronismo:

“Quando o Catolico se mete na/ politica quem sabe si é preferivel/ em vez de faze-lo Comunista, faze-lo/ Democratico, porquê isso penetra mais/ fundo na verdade do país e do Es-/tado. E então faze-lo fiscal numas elei-/ções porquê assim descrevo o roubo de/ livros e a recusa de boletins a que as-/sisti na Penha. O Catolico representaria/ o dr. Moraes Andrade e no meu pa-/pel de assistente eu botaria o proprio/ Carlos, que estando então em maré de mi-/seria sentimental fôra acompanhar o ami-/go e protegelo. A cronologia fica perfeita-/mente justa pois a parte central do livro,/ “Carlos e Maria” se dá no arrebentar da/ crise do café por fins de 1929, e as eleições/ são a 1º de março de 1930. Abandonada/ Maria por Carlos em outubro de 1929, dá/ tempo pro Catolico resolver brilhar nal-/guma coisa, entrar pro Partido Democra-/tico e ser fiscal da Penha.”

Por essas e outras marcas lançadas em notas de trabalho, percebe-se que o processo de criação de Mário de Andrade se enraizava em sua experiência de vida.

Após a divulgação de excertos da primeira parte do romance *Café*, em abril de 1930, nos anos subsequentes, alternando períodos de intenso trabalho e longas paradas, Mário não chega a concluir esse romance de fôlego. Quando VIDA DO CANTADOR surge, em 19 de agosto de 1943, como a primeira das “lições” da série no jornal paulistano, Mário não menciona a filiação ao romance *Café*, de cujo manuscrito provinha o texto. A recriação em VIDA DO CANTADOR da parcela ficcional de *Café* pode, no entanto, ser acompanhada no cotejo desse manuscrito com os recortes do texto publicado no periódico. O escritor guarda esses recortes, colando-os em um suporte de papel-jornal que lhe possibilita prosseguir na criação, por meio de novas rasuras, ao mesmo tempo que recompõe letras falhadas na impressão. Além desses documentos, o plano de *Vida do Cantador*, possivelmente anterior a agosto de 1943, ganha relevo neste estudo, já que aponta, de página a página, a utilização do manuscrito da 3ª versão de *Café*. Seguindo o plano traçado pelo escritor, *Vida do Cantador* abarca as páginas de 1 a 17 da 3ª versão da primeira parte do romance, nas quais o escritor deixa marcas visando, sobretudo, delimitar o fim de uma lição e o início de outra. A ação de extrair para publicar é referendada pelo escritor quando acrescenta, ao datiloscrito da terceira versão de *Café*, a

proposição do tema: “Agora vos contarei em seis lições a vida do cantador”⁸, frase que, no percurso da criação, marca a transposição e tinge o texto de tonalidade épica. O aproveitamento, provavelmente, gerou uma versão passada a limpo que, entregue à composição no jornal, nunca retornou, ou foi destruída pelo escritor. A hipótese decorre do confronto do texto publicado na *Folha da Manhã* com a 3ª versão do manuscrito de *Café*, que revela número expressivo de substituições, acréscimos e supressões. A primeira lição de *Vida do Cantador* traz acréscimos oriundos da entrevista que o cantador de cocos potiguar Chico Antônio concedeu a Antônio Bento de Araújo Lima, amigo de Mário, no Engenho Bom Jardim, onde o escritor o conhecera (documento integrante do manuscrito de *Na Pancada do ganzá*). Mostra, também, a interseção do manuscrito do romance inacabado *Café* com elementos das crônicas d’*O Turista Aprendiz*, publicadas em 1929 no *Diário Nacional*:

“O ganzá chiou num soluço. Ai, seu doutô, quando chegar em sua terra, vá dizer que Chico Antônio é danado pra embolar! Adeus casa, adeus amigo, adeus sala de se estar! Adeus lápis de escrever! Adeus papel de assentar! Adeus as moças sensatas, adeus luz de alumiar, adeus casa de alicerce e a honra deste lugar!...

“E assim continuava, nas vozes mais solares e sentidas que possuía, se despedindo do amigo, de tudo o que era dele, [...]. Pois bem: que ele partisse sempre, mas nunca mais poderia se esquecer de Chico Antônio, os dois sentindo a saudade danada pra maltratar. Nunca mais que nós se visse! Mas a saudade mais triste, presença deste ganzá: Eu de cá fico sentindo, e vós, do lado de lá!

“E ajoelhado, olhos esbugalhados, metálicos, ofertou o ganzá para o amigo”⁹.

Em fevereiro de 1939, o escritor começa a criar novo romance, *Quatro pessoas*, transportando para lá não só os personagens Carlos e Maria, assim como frases e cenas de *Café* e de *Vento*¹⁰. A escritura, no entanto, é também interrompida.

⁸ Ao seguir o plano de *Vida do Cantador*, transpondo a frase que abre a série para a 3ª versão de *Café*, o escritor hesita entre o uso da forma verbal mais popular “vou contar” (como estava no plano) e a forma mais erudita; no manuscrito da 3ª versão anota: “vos contarei”. Para a publicação em jornal, o verbo é substituído e a abertura fica “Agora vou cantar em seis lições a vida do cantador:”. É possível estabelecer paralelo entre a frase e o primeiro verso de um dos poemas da *Lira paulistana*, também da década de 1940, cuja estrofe é: “Agora eu quero cantar/ Uma história muito triste/ Que nunca ninguém cantou,/ A triste história de Pedro,/ Que acabou qual principiou.” (ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987, p. 372).

⁹ ANDRADE, Mário de. *Vida do Cantador*. Edição crítica de Raimundo de Brito Batista. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Vila Rica, 1993, p. 39.

Novos aromas e sabores

Além das relações mais lineares no processo de criação visto como devir, em outros textos de Mário de Andrade também se encontram expressões, personagens, temas e motivos narrativos de *Café*, migrações e permutas, como o caso de “Jaburu malandro”, de *Os contos de Belazarte*. Nesse conto, de 1924, anterior ao romance *Café*, o escritor, ao descrever o personagem principal, filha de imigrantes italianos, afirma:

“Ora a Carmela... [...] Era moça bonita, isso era, desses tipos de italiana que envelhecem muito cedo, isto é, envelhecem não, engordam, ficam chatas, enjoativas. Porém nos dezenove, que gostosura! Forte, um pouco baixa, beiços tão repartidinhos no centro, um trevo encarnado! Cabelo mais preto nem de brasileira! Porém o sublime era a pele, com todos os cambiantes do rosado, desde o róseo-azul do queixo com as veinhas de cá pra lá sapecas, até o rubro esplendor ao lado dos olhos, querendo extravasar pela fronte nos dias de verão brabo. Filha de italiano já se sabe...”¹¹

A mesma visão está presente na 3ª versão da primeira parte do romance *Café* [de janeiro de 1931?], nas páginas 23 e 24:

“Sem incentivo de especie alguma, clas-/sificada à parte, e tambem rastaqueramente inculta, a alta sociedade italia-/na era especialmente prejudicial ao Estado. Vivia num isolamen-/to ignorado e ignorante, subrepticamente, como si fosse uma sociedade-secre-/ta do bom-viver. E era duma falta de caracter mesquinha. Apresentava de vez/ em longe, mulheres de beleza extraordinaria, porém que, feito as argentinas,/ principiavam engordando aos trinta anos, viravam repolhos contraditórios, de/ corpos enjoativos e boniteza indiscreta e sempre fresca no rosto”.

¹⁰ Na dissertação de mestrado, *Vento: esboço de um romance de Mário de Andrade*, defendida na FFLCH-USP, em 2001, verifiquei o uso de elementos do romance *Vento* em *Quatro pessoas*.

¹¹ ANDRADE, Mário de. *Os contos de Belazarte*. Estabelecimento de texto, dossiê e apresentação: Aline Nogueira Marques. Posfácio: Tatiana Longo Figueiredo. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 39-40.

O manuscrito *Quatro cantos terenas*, de Mário de Andrade, ao lado dos documentos atinentes à pesquisa do musicólogo, iniciada em 1929, exhibe desdobramento ficcional da história de vida do informante Huaquidi Gaturamo¹²:

“[...] Huaquidí, de decadencia em/ decadencia ao convívio e contacto/ com os brancos de cultura europeia,/ chegou á desmoralisação de viver/ em S. Paulo como um cabotino re-/ligioso. E na civilisação dos nossos/ ameríndios tanto Huaquidi co-/mo o pai, além de sentirem uma/ organização definida, encontravam/ com variantes profundas de in-/venção não tem duvida, e me-/nos progresso objetivo e conforto/ espiritual, o mesmo sentido da/ civilisação indiana de que/ provinham”.

Em outra nota de trabalho aponta:

“Huaquidí/ Veja n 181¹³, p 299, [parágrafo] 8/ Cerimonias que/ si Huaquidi for/ desse distrito,/ ele pode transpor-/tar pra cá e de-/formar ao contacto/ de ritos daqui.”

A ideia será retomada na primeira parte do romance *Café*, página 56 da 3ª versão:

“[...] religiõesinhas bastardas, que nem a do indiano Huaquidí, feitas/ de plagios miseráveis do Catolicismo de mistura com vagas recordações asi-/áticas”.

Em apontamento no esboço *Café/ Episodio As Duas Irmãs*, o escritor joga com a possibilidade de fazer de Huaquidi Gaturamo personagem da segunda parte do romance:

“(É melhor, em vez de/ dona emília botar mesmo o Huaqui-/dí Gaturamo e contar quem que êle/ é)”.

O processo criativo de *Café* também se apropria de expressões utilizadas em *Macunaíma*, publicado em 1928; no capítulo X, “Pauí-Pódole”, lê-se:

¹² Sobre essa pesquisa de MA, ver: PENTEADO, Flávio Rodrigo. “Mário de Andrade polígrafo”. In: *Processo de Criação e Interações: a crítica genética em debate nas artes, literatura e ensino*. IX Congresso da APCG. Associação dos Pesquisadores de Crítica Genética. Belo Horizonte, 2008, p. 109.

¹³ FRAZER, James George. *Le rameau d'or*. Nouvelle traduction par Lady Frazer. Paris: Paul Geuthner, 1923.

“Nesse momento um mulato da maior mulataria trepou numa estátua e principiou um discurso entusiasmado explicando pra Macunaíma o que era o dia do Cruzeiro.”¹⁴

A mesma expressão está na página 58 da 3ª versão da primeira parte do romance *Café*: “[...] O presidente perpétuo era um/ mulato da maior mulataria [...]”.

Assim se dá, também, com o motivo guardar a consciência, presente em “Piaimã”, capítulo V de *Macunaíma*:

“No outro dia Macunaíma pulou cedo na ubá e deu uma chegada até a foz do rio Negro pra deixar a consciência na ilha de Marapatá. Deixou-a bem na ponta dum mandacaru de dez metros, pra não ser comida pelas saúvas.”¹⁵

O motivo migra para o romance *Café*, na 3ª versão da primeira parte, página 64:

“Nobreza, dignidade, humanidade, tudo isso não podia ser ideal pra quem deixara a conciencia na ilha de Marapatá e vinha pra um meio de financismo e aventura feito o nosso.”

O manuscrito de *Café* relaciona-se também com o *Sequestro da dona ausente*. Em 1943, no artigo A DONA AUSENTE, publicado na revista *Atlântico*, Mário de Andrade expõe sua tese:

“A Dona Ausente é o sofrimento causado pela falta de mulher nos navegadores de um povo de navegadores. O marinheiro parte em luta com o mar e, por todas as dificuldades que fazem o trabalho marítimo, é obrigado a abandonar a amada em terra. O ramerrão do mar, em síntese, é o mesmo da terra, luta pela vida, comer, dormir... Mas a dona está ausente, e sem dúvida este é o mais sofrido dos males a que o marujo está exposto em viagem. O mar todo-poderoso exige dos que lhe manejam o rito, viverem em castidade completa. Mas a saudade da mulher persegue o casto, o desejo dela o castiga demais. E o marujo, especialmente o lusitano que foi o

¹⁴ ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Estabelecimento de texto, dossiê e notas de Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 115.

¹⁵ *Idem*, p. 49.

maior dos navegadores, busca disfarçar o martírio nas imagens e nos símbolos da poesia. O folclore luso-brasileiro se enriqueceu, com isso, de uma série numerosa e admirável de quadrinhas e cantigas.”¹⁶

No manuscrito de *Café*, a primeira versão do texto, além de abrigar o tema da ausência da mulher, acolhe versos populares vinculados ao *Sequestro da dona ausente* que o cantador Chico Antônio transforma na embolada do desfecho da primeira parte:

“Voltava a imagem de/ Izabel, de barca, na dificuldade do mar. ‘Aos poucos êle se infantilizava nu-/ma puerilidade magnífica. Eram palavras, rodas de meninas boas pra se apro-/veitar num coco, toadas que desde a infância parece que nunca/ mais... A canoa virou...

“Foi deixar ela virá,
Foi pur causa de Zabé
Que num sôbe remá...”¹⁷

“Partiu feito pra ãa embolada mais dele:

“Diz, lá na baica
Quebrô remo
P’a morena
Num passá;
Diz, a canoa
Num é boa,
Trupelão,
Rio, caná!...

“A canoa virô...”

A ideia de explorar o tema no romance também está presente em uma nota numerada. O número 15, a grafite, na folha destacada de bloco de bolso, desperta a atenção para a ligação dessa nota com outras anotações também numeradas que se

¹⁶ ANDRADE, Mário de. A dona ausente. *Atlântico*, nº 3. Lisboa/ Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Propaganda/ Departamento de Investigação e Propaganda, 1943, p. 9. (V. CARVALHO, Ricardo Souza. *Edição genética d'O sequestro da dona ausente de Mário de Andrade*. Orientadora: Telê Ancona Lopez. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2001).

¹⁷ Trata-se de adaptação de “Barca virou”, melodia com algumas variantes recolhida por MA em Natal (RN): “a barca virou/ Por (Foi) deixar de virá/ Por causa de Maria/ Que ela não soube remá (ou: Que não soube remá)” (V. ANDRADE, Mário de. “Peças para ‘A dona ausente’”. In: *As melodias do boi e outras peças*. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1987, p. 299).

relacionam com o momento da reescrita da primeira parte do romance. Para o romancista, no entanto, a dúvida a respeito do melhor ponto para a inserção se faz clara pelo corte da palavra “Final”, prevalecendo a indicação “4ª parte”:

“Café 4ª. parte /15 ~~Final~~/ Será talvez interessante fazer/ Chico Antonio morrer afo-/gado em Santos, vítima do/ Sequestro da Dona Ausente./ Na parte central, como êle,/ vai mesmo a Santos e aí/ trabalha um tempo, chegan-/do á vista do mar ele tem/ uma saudade dôida do/ Nordeste. Não que veja o mar/ do Nordeste no mar de San-/tos, mas vê a caatinga e/ o sertão. Ele vê o mar no/ porto e do outro lado de lá,/ é que êle tem vontade de ir/ pra encontrar com uma mu-/lher que na certa está lá./ Depois ele se acostuma, a/ saudade desaparece. No/ Final então êle deixa São/ Paulo (quem sabe si trabalhando no Mayrinck-Santos)/ e chega em Santos. Faz muito/ tempo que banza, magro, triste/ sujo, bem mais feio, sem di-/nheiro e sobretudo sem mu-/lher. O dia está feio, anuncian-/do chuva e o mar bravissimo./ C. Antonio em S. Vicente quando/ a tempestade cai. Uma barca/ no portinho. A um relampago/ adquire certeza que uma mu-/lher está no meio da barra,/ lutando numa canoinha. E-/la vem pra êle e é linda./ Então embarca e parte. A lu-/ta é terrível contra o mar da/ barra. Os relampagos o guiam/ e êle não vê mais a mu-/lher mas tem certeza que/ ela está por ali ou do outro/ lado de lá. Quebra-se um re-/mo. Afinal a canoinha se/ espedaça na ilha das Palmas./ Ou enganado pelo farol da/ muela, noite fechada, C. Anto-/nio se perde lá no alto mar”.

Ao reformular essa parte do romance, redigindo a terceira versão do texto, o escritor também se prende à temática do *Sequestro da dona ausente*:

“[...] De repente acreditou nitido que/ enxergava Isabel numa barca bem no meio dum mar de navegar. Isabel vinha/ pra êle, sentiu, vinha pra êle atravessando o verde mar de navegar. Brotaram-/lhe ritmos do coração, mais inquietado. De navegar... Uma linha apenas imagi-/nada, de melodia. Mas como Isabel não pudesse vencer as ondas, parada de-pé/ no meio da barquinha, diz-que vindo mas não fazendo nada pra chegar junto/ dele, a barquinha desapareceu subito.”

Entre os fôlios do romance *Café*, Mário de Andrade guardou recortes de jornais, notícias e reportagens recolhidas como subsídios à verossimilhança de sua criação. Extraídos de diferentes periódicos, a maioria do ano de 1929, esses textos

enfocam questões ligadas ao café, à crise na exportação do produto e a aspectos e curiosidades a respeito das colônias de imigrantes na cidade de São Paulo.

Do jornal paulistano *Diário Nacional* o ficcionista recolheu as reportagens: O GRANDE POVO QUE NÃO TEM PÁTRIA. OS HEBREUS QUE VIVEM CONOSCO, SUAS CRENÇAS, SEUS HÁBITOS, SUAS TRADIÇÕES (26 out. 1929); A OPINIÃO DE UM BANQUEIRO ESTRANGEIRO SOBRE A ATUAL CRISE e O CAFÉ (2 nov. 1929); OS TCHECO-SLOVENOS/ COSTUMES INTERESSANTES, HISTÓRIA ACIDENTADA E HÁBITOS... IGUAIS AOS NOSSOS (8 nov. 1929); A COLÔNIA CHINESA EM SÃO PAULO. EPISÓDIOS INTERESSANTÍSSIMOS QUE MUITA GENTE IGNORA (15 nov. 1929) e VIVEM CONOSCO E DESCONHECEMOS OS SEUS HÁBITOS. O QUE É A COLÔNIA LITUANA DE SÃO PAULO (sem data). Do *Diário de S. Paulo* Mário separou o artigo A GUERRA DO CAFÉ/ A PROIBIÇÃO É UM SUICÍDIO (6 nov. 1929), de Alcides Penteado, e a reportagem A PAJELANÇA, CERIMÔNIA DO RITUAL AFRICANO, TEM EM SÃO PAULO ADEPTOS FERVOROSOS (1º jan. 1930). Publicado em *O Jornal*, outro periódico paulista, em 28 de julho de 1929, o artigo A POSIÇÃO ATUAL DO CAFÉ, assinado por Raul de Araújo Maia, também foi recolhido por Mário de Andrade.

De periódicos cariocas, o escritor guarda o artigo de Afonso de Taunay, publicado em *Ilustração Brasileira*, A EVOLUÇÃO DO BENEFICIAMENTO DO CAFÉ. O MONJOLO DE RABO (jul. 1929) e a notícia O MOMENTO PAULISTA E BRASILEIRO. O CAFÉ, do *Jornal do Commercio*, de 1º mar. 1931.

Mário também seleciona artigos assinados, mas sem indicação de periódico ou local da publicação: a reportagem A SITUAÇÃO DO CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS. OPINIÕES DO CÔNSUL BRASILEIRO EM CHICAGO SOBRE A ATITUDE DOS IMPORTADORES, de C. A. Nobrega da Cunha (28 jul. 1929); SELEÇÃO IMIGRATÓRIA, assinado por A. C. Couto de Barros (sem data, p. 45-59); ÉTUDES ÉTRANGÈRES. AFRAMÉRIQUE, de André Levinson (sem data).

Esses recortes guardados funcionam, no conjunto do manuscrito de *Café*, como matriz, marca indelével de um memento. Para citar um exemplo, na primeira parte do romance o narrador situa:

“A outra/ face do predio metia pela rua do Anhangabaú que ninguém sabia pelo nome, e/ era a “rua do Casino Antartica”, ponte curiosa da nossa vida, por onde arabes, turcos/ e sirios pouco a pouco atingiam o centro da cidade. No corpo dela, retorci-/do, êles tinham montado uns restaurantes pobres, disputando freguesia com ou-/tros italianos, e principalmente uns espertalhões de chineses que aprovei-/tando a

curiosidade de serem chins e a **esperança** de comidas **chinas**, ofereci-/am aos fregueses o macarrão, a canja, e o peixe podre paulistano.”¹⁸.

O escritor recorrera, na ambientação de sua Pauliceia, à reportagem A COLÔNIA CHINESA EM SÃO PAULO. EPISÓDIOS INTERESSANTÍSSIMOS QUE MUITA GENTE IGNORA (*Diário Nacional*, São Paulo, 15 nov. 1929), em que se lê:

“Os chineses em S. Paulo são quase todos proprietários de restaurantes modestos que se encontram espargidos pela cidade. Os que não são proprietários trabalham nos restaurantes dos seus compatriotas onde, também, diversos imigrantes de outras nacionalidades encontram trabalho.”

O manuscrito de *Café* reúne também diversas notas que explicitam a pesquisa empreendida. Nelas, por meio de anotações em pequenas folhas – remetendo à bibliografia preparada por ele para o estudo *Na pancada do ganzá*¹⁹ –, Mário indica textos de revistas, capítulos ou livros aos quais recorreu no decurso do processo criativo do romance. Como o romance descortina o painel político e econômico do fim da década de 1920 e início da década de 1930, mais de um texto trata dessas questões.

No anverso da folha 13 da caderneta *Vento*, primeiro momento conhecido da escrita do romance *Café*, o escritor registra a intenção de utilizar a mesma disposição gráfica de *Die Armen* (Leipzig: Kurt Wolff, 1917). Nesse romance de Heinrich Mann, já deparara com a ausência de divisão do texto em capítulos, solução estrutural nova que, aliás, adotara no idílio/romance *Amar, verbo intransitivo*, publicado em 1927. Além disso, no anverso da folha 8 da mesma caderneta, atendo-se à questão da simbologia, recorre a trecho do romance *Typhoon*, de Joseph Conrad (London: William Heinemann, 1922), ali transcrevendo trecho que sublinhara a grafite no exemplar de sua propriedade. Entende-se, pois, que *Vento*, tanto no título, como no núcleo da trama, prende-se à consideração de Conrad: “This is the desintegrating power/ of a great wind: it isolates

¹⁸ 1ª versão, página 48, e 3ª versão, página 49; na transcrição a cor vermelha marca palavras ou períodos modificados na passagem para a 3ª versão.

¹⁹ A relação, com 837 títulos e numeração original determinada por MA, foi divulgada no *Dicionário musical brasileiro* (coordenação: Oneyda Alvarenga e Flávia Toni. Belo Horizonte/ Brasília/ São Paulo: Itatiaia/ Ministério da Cultura/ IEB-USP/ Edusp, 1989, p. 634-686). Nessas notas, em geral, Mário resumia a indicação bibliográfica anotando apenas dois números em algarismos árabes separados por vírgula ou traço, o primeiro referindo-se ao livro e o segundo correspondendo à página de interesse no exemplar. Quando a obra tinha mais de um volume, ele acrescentava um número em algarismos romanos entre os dois algarismos árabes, remetendo-se, desse modo, ao volume em questão.

one/ from ones kind”²⁰. Ao reconhecer o poder deletério do tufão, o trecho parece ter ecoado na criação de nosso romancista, na medida em que marca de modo desagregador o destino dos personagens. O tempo atmosférico imbrica-se em acontecimentos e estados psicológicos, determinando, assim, rumos na trama. Seguindo o mesmo viés, em *Café*, a terceira parte do romance seria intitulada “A Geada”, título depois repensado e substituído por “A Crise”.

No manuscrito de *Café* multiplicam-se notas em pequenas folhas de papel. A nota “*Café/ Conceção russa da vida*”, remete a *Europe: revue mensuelle* (nº 82. Paris, 15 out. 1929). Apesar da indicação de que o trecho entre as páginas 208 e 210 era “muito importante e aproveitável”, Mário não deixou marca em seu exemplar da revista nas páginas do artigo que enaltece a ex-URSS, em que se encontra o texto de Waldo Frank “*Russie/ Europe/ Amérique*”, parte do grande texto “*Re-Découverte de l’Amérique*”, publicado em blocos em mais de um número da revista.

Em outro apontamento, “*O Café/ Sociologicamente/ 573, 210*”, Mário remete-se ao número 573 da *Bibliografia para Na pancada do ganzá*, isto é, ao livro de Pedro Calmon, *Espírito da sociedade colonial* (São Paulo: Editora Nacional, 1935). O exemplar presente na biblioteca de MA não exhibe anotação autógrafa do leitor romancista na página 210, no texto que discorre sobre o ciclo da cultura cafeeira no Brasil.

A nota de pesquisa “*Café/ Conversas nor-/destinas vem/ em nº 39 p. 305/ em diante*”. A indicação conduz a *Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense* (Rio de Janeiro: Castilho, 1921), de Leonardo Mota, com exemplar na biblioteca do escritor, em que, notas a grafite, se evidenciam trechos de conversas sertanejas. As margens do exemplar mostram, diversas vezes, a indicação autógrafa “*Dic.*”, vinculada à pesquisa empreendida pelo escritor para o *Dicionário Musical Brasileiro*. À página 326, a expressão popular Boi sabe a cerca que fura, sublinhada por Mário, sinaliza a possibilidade de aproveitamento da expressão em *Café*, talvez no trecho em que Chico Antônio, na fazenda, lida com bois, ou em outro passo, considerando-se a ambiguidade do refrão.

Em nota sobre São Paulo, em que o romancista salienta que “*S. Paulo tem sido a mamata mor do Brasil*”, a indicação “*129-I-396*” põe em cena o 1º volume da *História geral do Brasil; antes da sua separação e independência de Portugal*, de Varnhagen (3ª

²⁰ Frase realçada às páginas 43 e 44 do exemplar; tradução: Esse é o poder desintegrador de uma ventania: ele o isola dos outros de sua espécie.

ed. integral, São Paulo: Melhoramentos, 1927/36). Na página 396, indicada por Mário, sem destaque, encontramos um trecho que se relaciona com a nota: “Pela segunda vez a capitania de S. Vicente se prestou, talvez mais do que lhe permitiam suas forças, para o bem de todos – para o Brasil não ser dilacerado. [...] tudo esta capitania, sem exceção da nova colônia de Piratininga, tão exposta às agressões do gentio do sertão, – tudo sacrificou a boa gente para o bem da nova pátria comum. Qual fênix que sucumbe por dar vida à sua prole, assim a colônia mais antiga do Brasil se exaure agora de forças e desenvolvimento, e concorre quanto pode a dar existência a um empório mais poderoso”.

A nota “13/ Café/ Valorização/ nº. 43 p. 422/ frei Vicente do Salvador já dizia/ o mesmo do/ açúcar: ‘mas/ que aproveita fa-/zer-se tanto açú-/car se a cópia lhe/ tira o valor e dão/ tão pouco preço por/ ele que nem o custo/ se tira?’” traz à baila a indicação da *História do Brasil (1500-1627)* (nova ed. rev., São Paulo: Weisflog Irmãos, 1918). No exemplar de Mário, a página indicada não traz anotações, mas lá encontramos a citação que está em seu apontamento.

A presença do “padre Ivo d’Evreux”, evocada pela nota “8 Café/ Imigração”, faz buscar o exemplar de Mário da *Viagem ao norte do Brasil*, na tradução de César Augusto Marques (Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1929), página 232, início do capítulo XLVIII, “Resposta a muitas perguntas, que fazem n’aquela país a respeito das índias ocidentais”. Em sua nota de trabalho, MA explica e copia um trecho: “o padre Ivo d’Evreux/ p 232 respondendo à pergun-/ta sobre se se adaptariam/ os franceses no Maranhão/ disse ‘Respondo, que na/ verdade todos os princípios/ são difíceis, porém pouco/ a pouco aparece a facili-/dade’”. Nesse caso, também, apesar de não deixar qualquer marca no exemplar, nota e livro coincidem.

No trecho em que MA explora o individualismo de Carlos – “esse individualismo contemporâneo” – desponta a citação: “que é ‘um engano, um quiprocó: a exaltação da individualidade camuflada em personalidade e a correlativa depreciação da verdadeira personalidade’, Maritain citado em 235 p.47”. Otávio de Faria em *Machiavel e o Brasil* (Rio de Janeiro: Schmidt, 1931, nº 235 da *Bibliografia para Na pancada do ganzá*), à página 47, não apresenta, contudo, notas de Mário; o trecho citado, discorre, de fato, sobre o individualismo:

“Estamos evidentemente diante de um individualista. Mas já aqui é necessário distinguir entre esses dois individualismos que existem e que correm

mundo geralmente confundidos e condenados do mesmo modo. Um baseia-se no indivíduo comum, permitindo que cada um leve a sua liberdade a um tal ponto que o resultado é o desastre que conhecemos – o individualismo moderno – talvez a mais viva das chagas dos nossos dias. Procurando explicá-lo Maritain lança-lhe a acusação: ‘Um engano, um quiprocó: a exaltação da individualidade camuflada em personalidade e a correlativa depreciação da verdadeira personalidade’. A esse individualismo opõe Maritain nos parágrafos célebres dos *Três Reformadores* (p. 28-33) o personalismo – que seria o outro individualismo de que falamos se certas diferenças básicas em matéria filosófica não separassem os tomistas dos que não o são. Onde Maritain, com a doutrina tomista, vê a ‘pessoa’ (– ‘*id, quod est perfectissimum in tota natura*’²¹, segundo S. Tomaz), esse individualismo naturalista que podemos chamar superior, vê o homem de exceção, o indivíduo dotado de tais qualidades que mimetiza a ‘pessoa’, se assim se pode dizer, e se torna capaz de agir por si, imprimindo aos acontecimentos o impulso e a marca da sua personalidade especial”.

A anotação “Café (romance)/ Carlos/ Problema pessoal de Carlos” remete-se ao artigo, sem assinatura, “Les causes morales de la crise”, publicado na revista *Le mois: synthèse de l’activité mondiale* (Paris, 1º abr. – 1º maio 1932). Os parágrafos realçados a grafite às páginas 138 e 139, no exemplar de Mário de Andrade em sua biblioteca, tratam de questões religiosas e existenciais do homem moderno, subsídio utilizado em outras notas de preparo ou esboços em que os personagens do romance *Café Carlos* e *O Católico* discutem.

A nota “Café/ Doutrinas de Carlos?/ separação da religião/ e da vida terrestre/ V. frase de N. Senhora/ em 382 p. 59” conduz a pesquisa ao trecho com traço à margem (Nota MA), evidenciando, à página 59, este trecho do livro das Missões Salesianas do Amazonas, *Pelo rio mar* (Rio de Janeiro: Typ. Mendes Jr., 1933): “– E toma cuidado, replicou a S.S. Virgem (que outra não era aquela Pastora), livra-te do erro que está agora em voga; de mesclar os que estudam as artes humanas com os que se dedicam à divina; porque a ciência do céu não se mete com a da terra...”.

O ficcionista recorre a uma crítica sem assinatura, “L’homme standardisé”, do número 33 da revista francesa *Le Mois: synthèse de l’activité mondiale*, datada de 1º set. – 1º out. 1933, que aborda o artigo de M. Anton Gabele em *Der Graal*, cujo tema é o homem-padrão, aquele que tudo racionaliza, que persegue cegamente fins determinados,

²¹ Tradução: “o que há de mais perfeito está na natureza inteira”.

despreza os mais fracos e julga que um só comando substitui toda a religião ou moral. O texto finaliza, porém, com a verificação: “[...] a essência do homem permaneceu a mesma, de Lao-Tsé a Lênin. [...] E, quando tudo for destruído, de que se nutrirá a fé na destruição? Como pacificar o demônio que não conhece a saciedade?... Chegará o dia em que o ‘homem novo’ também reconhecerá sua solidão, sua incapacidade diante do infinito”.

A nota de planejamento “Café/ Maria – Keyserling dizendo que a/ mulher é mentira e Dissimulação,/ diz que a ‘épouse qui saisit le sens/ du mariage, ou l’amie qui est/ une véritable compagne de fortune et d’infortune s’élève au-dessus du plan de la féminité/originelle’²² (Meditations, p. 40)”, remete-se a *Meditations sud-américaines*, do filósofo da nostalgia da ação (Traduites de l’allemand par Albert Béguin. Paris: Stock, 1932). Lá, à página 40 indicada, o texto “Deuxième méditation. La peur originelle” não exibe qualquer sinal de Mário, apesar de o trecho ter sido por ele transcrito em nota de trabalho.

Com a anotação “Café/ A Geada/ Ler o ‘Drama da/ Geada’ do Lobato/ *Rev. do Brasil*/ vol. XIV, ano 1920,/ pg 314”, o romancista pretende reunir, provavelmente, subsídios para a elaboração da parte “A Geada”. Essa nota nos remete à coleção encadernada da *Revista do Brasil* na qual o volume XIV, ano V, corresponde aos meses de maio a agosto de 1920, o qual abarca o nº 56, de agosto de 1920, em que está o texto de Monteiro Lobato. As páginas, porém, não receberam notas autógrafas.

Em “Café/ Fala do Católico/ Toda a pg 206²³, em *Europe* fevereiro/ de 1935”, a anotação remete-se ao número 146 da revista francesa. A página 206, indicada por

²² Tradução: “a esposa que compreende o sentido do casamento ou a amiga que é verdadeira companhia de fortuna ou de infortúnio se eleva acima do plano da feminilidade original”.

²³ Tradução da página 206: Insistir sobre o fato de que a ética deve ser naturalista, baseada sobre uma compreensão do que os seres humanos realmente desejam e não sobre a suposta vontade de Deus não exclui interpretação religiosa do universo. De fato, a civilização é impossível sem a religião. De todas as virtudes humanas, a mais necessária é a resignação; da resignação, a menos que esta não esteja apoiada sobre uma visão religiosa da vida, só pode resultar a convicção sombria e quase desesperada de que o universo é caos de forças mecânicas eternamente hostis aos ideais humanos. A virtude da resignação adquiriu reputação ruim porque, com frequência, significa que não é possível impedir as injustiças sociais. A situação na qual se encontra todo ser humano consiste parcialmente em condições sobre as quais ele não tem controle algum e, em parte, de condições que ele espera poder mudar, se desejar. É desejável que tudo que tenha causa econômica ou social esteja contido na segunda categoria, e a virtude do marxismo é mostrar como isso pode ser conseguido. Mesmo em sociedade comunista é, porém, impossível que os desejos humanos sejam plenamente realizados. O homem, como afirma São Tomás, deseja o infinito. Na natureza humana há certo platonismo intelectual que se revela na procura da imortalidade e na sede de união perfeita que, ao nos abandonarmos a ela, torna a experiência sexual permanentemente pouco satisfatória. O homem está no meio do caminho entre Deus e o animal; se nega que aspira à imortalidade, rebaixa-se ao nível do animal. Ao recusar contentar-se com o finito e procurar tornar-se Deus, expõe-se ao romantismo e a outras desordens emotivas similares. A vida normal é

Mário, pertencente ao texto “Les limites du marxisme”, de Baymford Parkes, não oferece notas de leitura, mas, pelo teor, caberia perfeitamente no discurso do personagem, conforme outras notas de preparo e esboços.

A nota “Café/ O Católico/ Refúgio na oração, vivendo/ o brilho inútil das estrelas:/ Em que vai se refugiar/ o homem? ‘Goethe dans Wilhelm Meister, dans *Faust*,/ avait répondu: – ‘Dans l’action’./ Novalis, lui, répondait: – Dans un monde fabuleux, dans/ le rêve, dans une pieuse/ magie’.²⁴/ S. Zweig *Hölderlin* p 107” menciona a obra de Stephan Zweig, *Hölderlin* (Paris: Stock, 1928), de onde a citação foi extraída, sem que o lápis do leitor deixasse sinais, no exemplar nas prateleiras de Mário.

O texto de Léon Pierre Quint “Les caractères religieux du communisme”, do nº 79 de *Europe*, suscita, no manuscrito, a nota “Café/ Episódio do Católico/ Botar na revolta deste ou/ na boca de Carlos em/ briga intelectual com o/ Católico as ideias que/ desde o sinal a lápis/ até o fim do artigo/ (principalmente o fin-/zinho assinalado a lá-/pis) de L. Pierre Quint, pg/ 484, *Europe* 15 Julho 1929”. No exemplar da revista da biblioteca de nosso escritor, traços à margem salientam os últimos parágrafos das páginas 484 e 486 e toda a extensão do texto à página 487.

A nota “Café/ Final/ Leia ‘Bonheur et/ Machinisme’ em/ *Le mois* de 1º de/ maio a 1º de junho,/ pg 128” encaminha ao artigo que focaliza a adaptação às mudanças econômicas, publicado em 1932 no número 17 da revista francesa.

A anotação sobre a relatividade do pecado, “Café (Última parte)/ ‘Ultra aequinoctia-/lem non peccari’²⁵ de Barleus/ nº 138 p 298/ menos que inflamam-/te, indica precisões/ novas, provindas/ da nossa geografia. O que é pecado lá/ pode ser exigência aqui. Outra civilização, e só nossa, é/ que temos de criar” refere-se ao livro de Raimundo de Morais, *Paiz das pedras verdes* (Manaus: Imprensa Pública, [1930]). O trecho à página citada, em perfeita consonância com a nota, contudo, não mereceu realce em autógrafa:

“E accentue-se bem esse desregramento, para melhor esclarecer certos aspectos obscuros, mal observados pelos naturalistas, e que embora atribuídos ao

impossível sem aceitação dos limites impostos pela natureza aos desejos humanos; para salvar a vida, é necessário estar pronto para perdê-la.

²⁴ Goethe em Wilhelm Meister, no *Fausto*, respondeu: “Na ação”; Novalis, ele próprio, respondeu: “Em um mundo fabuloso, no sonho, em uma piedosa magia”.

²⁵ Tradução: “Além do Equador não se peca”.

silvícola, provinham realmente do invasor sem escrúpulos, debochado, ao se transferir para o solo virgem do Novo Mundo. O cínico apotegma de Barleus – ultra aequinoctialem non peccari – é o melhor atestado. Essa inscrição infamante justificava as maiores misérias, as maiores indignidades, os maiores crimes do recém-vindo”.

“Café/ (Final)/ Descrever então o erro/ da civilização e ideais/ europeus transplantados/ pra cá e esboçar uma/ verdadeira civilização/ tropical que seria a/ nossa. Ler sobre isso/ o artigo ‘Sur l’Inde’ em *N.R.F.* de julho de 1930./ Ver como somos pareci-/dos. Princípios duma/ civilização nossa basea-/dos na calma (dos caipi-/ras de todo o Brasil) na/ paciência, na preguiça/ natural, na religiosida-/de, na suntuosidade sem/ eloquência, como literatura/ popular nossa e arquitetura-/ra indiana etc.”. Na biblioteca de MA encontra-se o nº. 202 da *Nouvelle Revue Française*, mas o artigo “Sur l’Inde”, de Jean Grenier (p. 55-69), não possui notas de leitura.

Na anotação “Café/ Última parte/ Civilização tropical/ Varnhagen (nº 129 – I, 279)/ conta falando de escra-/vatura que já nas Anti-/lhas se tinha reconhe-/cido pela experiência que/ os africanos eram mais/ fortes e resistiam mais/ ao trabalho aturado do/ sol do que os índios/ E afirma em seguida/ que antes da chegada dos/ europeus, os índios no tra-/balho só empregavam as/ horas da manhã, des-/de as cinco até 8 ou 9 e/ desde as 16 ou 17 até as/ 18 e 30”, Mário se inclina sobre o primeiro volume da *História geral do Brasil; antes da sua separação e independência de Portugal /por/ Visconde de Porto Seguro* (3ª. ed. integral. São Paulo: Melhoramentos, 1927/36). Na página 279 mencionada, um traço vertical, à margem direita, seleciona trecho sobre a chegada de escravos negros ao Brasil desde a primeira colonização, elucidando que o tráfico só se firmara com a proibição do uso dos índios.

“Fim de Carlos” recua a *Les Conquérants*, de André Malraux (Paris: Grasset, 1928), volume sem intervenções do lápis de Mário de Andrade, apesar de bastante explorado por ele, conforme a própria nota elucida: “As considerações prin-/cipiadas do paragrafo/ principiado na pg 253 dos/ *Conquérants* de André/ Malraux, mostram cer-/ta afinidade do estado/ psicologico de Garine/ com o de Carlos. Rele-/las e aproveita-las. Du-/ram até umas 5 li-/nhas da pg. 256”.

A nota “Café/ Final”, a respeito do separatismo paulista, encosta-se no artigo de Waldo Frank “Re-Decouverte de l’Amérique - Introduction à une philosophie de la vie américaine”, da revista *Europe*, de 15 de julho de 1929, em cuja página 367 um colchete marca o início da quarta parte.

Para facilitar a própria consulta, o escritor numera as notas de trabalho, as quais, na economia do texto, mostram-se como *links* diretos entre a 1ª versão da primeira parte do romance e a biblioteca do escritor, bem como lhe possibilitam a reescrita de trechos na 3ª versão dessa parte.

Já na página 12 da primeira versão conhecida da parte inicial do manuscrito do romance *Café*, sobressai o número “22”, entre parênteses, anotado a grafite, à margem direita, realçado por círculo a lápis vermelho. O mesmo tipo de chamada se repete recorrentemente nas páginas 17, 21, 26, 28, 33, 39, 46, 54, 56, 60 e 69, que só diferem da primeira pela mudança do número anotado.

Depois de o número 22 aparecer à página 12; a próxima página com esse tipo de marca é a 17, onde se lê o número 21. Apressadamente se poderia presumir sequência numérica decrescente, mas na anotação seguinte, à página 21, a suposição se dissolve, uma vez que na folha estão postos dois algarismos numericamente bem distantes: 5 e 16. À página 69, a última desta versão do texto, inserem-se algarismos sequenciais: 1 e 2, curiosamente. Observa-se que essas anotações abarcam, com falhas, o intervalo numérico entre 1 e 23; faltam os números 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 13 e 15. Para o crítico genético, esse emaranhado de números ilumina o caminho, trazendo elementos de suma importância para o entendimento do processo de criação deste romance inacabado.

É preciso salientar, aliás, que só se pode ter acesso ao percurso criativo mariodeandradiano por meio do estudo de suas obras inacabadas, já que ele tinha por hábito eliminar os registros das etapas de criação das obras que via publicadas. Ao mesmo tempo, a marginália do escritor dá acesso à sua “musa inspiradora”, ou seja, às leituras, à pesquisa e à coleta de dados, às matrizes, enfim, que tanto alimentam estudos, como instituem os diálogos da criação. Salienta Telê Ancona Lopez, em “Matrizes/ marginália/ manuscritos”:

“Nas influências reconhecidas, nas leituras declaradas, na presença de determinadas obras na biblioteca do autor, em todas as formas e feições do recriar recortam-se, entretanto, matrizes. São sempre textos – longos ou breves, motivos, sequências, cenas, personagens, etc. – responsáveis pela recriação que se afirma com originalidade, integrada em um novo contexto”²⁶.

²⁶ LOPEZ, Telê Ancona. “Matrizes, marginália, manuscrito”. In: *Anais: Congresso da ABRALIC — Literatura e memória cultural*, vol. I. Belo Horizonte: ABRALIC, 1991, p. 431.

Ao seguir tais pistas, em meio às versões existentes no manuscrito do romance *Café*, na profusão de notas de trabalho, a maioria em pequenas folhas separadas de bloco de bolso, sete se distinguem ao exhibir, no canto superior esquerdo, o mesmo tipo de numeração a grafite. Quando se procura cruzar as notas numeradas e os números marcados na primeira versão conhecida do texto, percebe-se, no entanto, que poucos coincidem. No datiloscrito da primeira versão há números que não correspondem a nenhuma anotação em folha avulsa do manuscrito. Entre as notas avulsas, as de números 4, 6, 8, 9, 10, 13 e 15 equivalem aos números não elencados na primeira versão do texto, excetuando-se as notas 3 e 7, não localizadas.

Cotejadas a primeira e a terceira versão da primeira parte de *Café* – cabe ressaltar que a segunda versão foi descartada do confronto por se tratar de versão parcial, com apenas os 9 fólios iniciais²⁷ –, compreende-se que os números da primeira versão do manuscrito funcionam como chamadas para localizar os pontos em que deveriam ser feitas as inserções, no texto. Realizado o acréscimo ao assimilar a ideia oferecida na nota, esta, perdendo a função, foi descartada, conforme o costume do escritor. Por esse motivo, conclui-se que a maior parte das anotações em pequenas folhas tiradas de bloco de bolso numeradas resistiu porque não teriam sido encontrados, para elas, na primeira parte do texto, os pontos convenientes para os acréscimos. Apesar disso, fica ainda sem resposta a interrogação: qual o motivo da eliminação das notas 3 e 7, já que esses números não foram apontados na primeira versão do texto? Por outro lado, é possível explicar os três casos em que os números marcados na primeira versão e na nota coincidem.

Essas e outras questões são aqui exemplificadas. A primeira circunscreve-se à ausência da nota preparatória. À página 12 da primeira versão, sobressai o trecho que mostra o uso do número entre parênteses, circulado pelo lápis vermelho:

“Per-/guntava si Chico Antonio não carecia de nada/ e de-tarde passeou o estranho por todos os cafés frequentados. ~~de Uberaba~~ (22) Chico Antonio se deixou fazer um sucesso despercebido, respondendo pra todos/ com bondade mas fatigadissimo”.

²⁷ A segunda versão do texto, que se comprova como tal na comparação com a primeira, também traz no cabeçalho a indicação a lápis vermelho: “Primeira versão”.

Na terceira versão, página 12, a cópia “passada a limpo” amplia circunstâncias da ação, além do acréscimo referente à nota 22, aqui transcrito em itálico:

“Per-/guntava si Chico Antônio não carecia de nada, passou-lhe uns cobrinhos, e de tarde, depois de muita in-/sistência, passeou o jóquei do Rio por todos os cafés e bares ~~eonh~~ frequen-/tados. *Mas não o deixava tomar café, com medo/ que pusessem suor de cavalo na/ bebida, que dá loucura.* E Chico Antônio se deixou fazer um sucesso desperce-/bido, respondendo pra todos com bondade mas fatigadíssimo”.

Do manuscrito de *Café* não consta a nota 22, possivelmente descartada após o uso. A pesquisa procurou resgatá-la no manuscrito de *Namoros com a Medicina* na parte referente à “Medicina dos excretos”, mas ali nada se encontrou sobre o suor. Unicamente um registro, fruto de pesquisa realizada no interior de São Paulo, testemunha a aceção negativa que cerca a excreção equina: “É crença na roça que o cavalo e burro são animais amaldiçoados [...] Por essa razão suas urinas fazem mal pra nós cristãos”²⁸. Mário de Andrade, estudioso de costumes populares, sem dúvida não inventou a superstição a respeito do suor de cavalo. Suas fontes, em livro, até o momento não foram localizadas²⁹. Seria muito difícil garimpar especificamente essa questão em biblioteca de perto de 20 mil volumes!...

A segunda questão liga-se ao uso de anotações de trabalho no mesmo tipo de suporte, isto é, nas pequenas folhas separadas de um bloco de bolso. Veja-se este caso:

“20 Café/ Introdução/ Exigências dos colonos e/ dos consulados aos fazen-/deiros./ As circunstâncias em/ meio século tinham mu-/dado totalmente daque-/las em que o colono/ Davatz (nº 217 o livro todo)/ se lamentava em nome/ seu e dos patrícios nas/ tentativas de colonização/ suíça que então/ fazia o senador Verguei-/ro. Então os colonos pou-/co se distinguiam dos/ escravos, hoje pouco,/ dos senhores”.

A indicação “nº 217” aponta para o livro de Thomas Davatz *Die Behandlung der Kolonisten in Provinz St. Paulo in Brasilien; und deren Erhebung gegen ihre Redrucker...* (Shur: Drud von Leonh, 1858). Na *Bibliografia para Na pancada do ganzá*, ao lado do título, uma nota indica que o exemplar consultado pertencia à

²⁸ Coleta atribuída a José Bento Faria Ferraz.

²⁹ Em livro de 1966, *No mundo maravilhoso do folclore* (Rio de Janeiro: Tipografia Batista de Souza), Hernani de Carvalho também se refere a essa crença popular, estudo, obviamente, não consultado por Mário de Andrade.

biblioteca de Yan [João Fernando] de Almeida Prado, escritor e bibliófilo amigo de MA, cujo acervo pertence ao patrimônio do IEB desde 1962. O exemplar não traz, logicamente, qualquer anotação marginal de Mário no livro do amigo³⁰.

A nota de pesquisa, identificada pelo número “20”, é também assim indicada quando, na página 28 da 1ª versão da primeira parte do romance, o escritor encontra o momento para utilizá-la. No manuscrito, o número funciona como *link* direto à nota, mas, ao “passar a limpo” o texto, na página 29, o escritor aproveita, do diálogo com as memórias do colono alemão, unicamente o que a anotação já expressava:

“Em meio século, tinham mudado totalmente as circunstan-/cias que ditaram as lamentações do velho Davatz, nas primeiras tentativas/ de colonização entre nós. Então os colonos pouco se distinguiam dos escri-/vos, hoje pouco dos senhores”.

Como a criação está em constante movimento, o acréscimo passa por reavaliação, fruto de releitura, e, por fim, o trecho é excluído a lápis azul.

Cabe esclarecer que, em geral, nos manuscritos, vigora um código de cores instituído por Mário de Andrade. Nessa convenção, no lápis de duas pontas, a cor vermelha significava matéria utilizada ou aprovada, e a cor azul sinalizava descarte, código perfeitamente aplicado por ele no manuscrito de *Café*.

A nota de pesquisa sobre vocabulário “23 Café/ ‘nem mode coisa’/ ‘expressão nordes-/tina’/ Cortei/ o burro na espora/ e ele nem mode/ coisa, não saiu/ do lugar” remete-se à *Revista da Academia Brasileira de Letras* (nº 34, Rio de Janeiro, outubro de 1930). Por ela se chega à página 216 da colaboração de Rodrigues de Carvalho, LÍNGUA NACIONAL, ao texto, organizado em verbetes, que traz “contribuição de diversas origens, compreendendo modismos, hibridismos, plebeísmos e particularidades idiomáticas”. É no verbete “não se dar por achado” que Mário de Andrade pesca a expressão “nem mode coisa”:

“Não fazer caso do que lhe acontece. João Ribeiro diz que neste caso achar vale por achacar. Assim o dar-se por achado é dar-se por achacado, por ofendido. O nosso povo tem uma expressão muito original para esse estado de indiferença e diz:

³⁰ O exemplar das memórias do colono alemão Davatz traz, como outras obras da coleção de Yan de Almeida Prado, anotações a respeito de problemas de revisão e traços que assinalam destacando parágrafos (páginas 102 e 155). Apesar do grande interesse pelo livro que a indicação “(nº 217 o livro todo)” testemunha, não se pode atribuir as notas de leitura citadas a MA, bibliófilo que não se permitiria anotar nada em um livro raro de outro bibliófilo.

nem mode coisa. ‘Cortei o burro na espora, e ele nem mode coisa, não saiu do lugar’. ‘O patrão passou-lhe uma sarabanda assim e o sem vergonha nem mode coisa... Não se deu por achado’”.

O escritor não encontra o lugar exato para inserir a expressão na primeira versão do texto e anota na margem esquerda da página 39 “pôr por aqui.....(23)”. No trecho o diálogo dos personagens Chico Antônio, João e Nedim, diálogo entrecortado pelo narrador, possivelmente teria aberto espaço para o emprego da expressão nordestina recolhida:

“– Você o que vem fazer em São Paulo?

“– Vem ganhar dinheiro que nem o senhor, seu Nedim.

“Seu João deu uma grande gargalhada. Nedim olhou pra ele com ódio. Percebia com segurança na frase que o moço vinha ganhar o dinheiro dele Nedim mas era tal a enormidade da verificação que não podia tomar nenhuma defesa contra ela.

“– Sou pobre!

“– Ora, seu Nedim!... se o senhor é pobre quem que é rico então! Decerto eu!...

“– Já tem muito imigrante em São Paulo.

“As frases do sírio cortavam e seu João principiou sentindo um certo mal-estar. Chico Antônio não, estava seguro, muito calmo, olhando pro sírio, voltado à inconsciência habitual.

“– Sempre hei-de arranjar ele por aqui. Está bom: agora já tomamos nosso café e vamos dar um passeio na cidade pra Chico Antônio ver.

“Chico Antônio carregava os trens. Falaram-se até-logos sem que ninguém desse a mão. Caminhando entre as mesas em direção das saídas seu João falou baixo pro moço:

“– Este Nedim é burro!”

A terceira versão da primeira parte do romance apresenta esse trecho com poucas substituições e sem incorporar a expressão.

Em outra instância, a utilização de notas feitas em folhinhas de bloco de bolso leva o romance a buscar subsídios na *História do fado* de Pinto de Carvalho (Lisboa: Emp. História de Portugal, 1903). É a nota “12/ Café/ Como se tatua/ nº 49 p 39”. A página para a qual MA chama atenção não apresenta marca de leitura. O texto, ao tratar

do aspecto geral do fadista, ao pormenorizar o tipo de sapato, o anel e o penteado, aponta para o uso frequente de tatuagens:

“O fadista usava frequentemente tatuagens ou desenhos impressos na epiderme, que ele ou algum artista antropógrafo traçava nas mãos, entre o indicador e o polegar, nos braços e no peito, iluminuras a carmim que representavam âncoras, navios, guitarras, flores, animais, inscrições diversas, corações traspassados, corações unidos, a cruz, as Cinco Chagas, o signo saimão, e outros emblemas amorosos, religiosos, metafóricos e fantasistas”.

Na mesma página, a nota de rodapé expõe o processo de tatuar:

“A operação da tatuagem pratica-se por meio de três agulhas fixas a um cabo de madeira ou simplesmente unidas por um fio, e previamente embebidas n’um líquido corante, que pode ser tinta da China, tinta de escrever, carvão triturado, pólvora moída ou azul das engomadeiras. Aplicam-se por meio de picadas dirigidas oblíqua e perpendicularmente, e, para estas serem inapagáveis, devem atingir os gânglios linfáticos”.

Apesar da ausência de notas autógrafas, o texto serviu de matriz para a composição de um dos personagens de passagem do romance *Café*, o marinheiro alemão, que

“Tatuava como ninguém. O proprio/ corpo dele era uma renda minuciosa [...].

“Esse marinheiro tatuou muita gente em São Paulo. Copiava nos corpos dis-/tintivos de clubes esportivos, frases votivas de amor, bandeiras, figurinhas de revistas,/ que reduzia com admiravel habilidade a uma bastante viva síntese linear./ Mais raro, e só com previo consentimento, gravava imoralidades. Só então não exigia modelos, inventava; e sempre as imoralidades/ saiam eivadas de ardor religioso” (3ª versão da primeira parte, página 57).

Como exposto nos três últimos casos, os números marcados na primeira versão coincidem com notas guardadas no manuscrito. Conclui-se, porém, que a dúvida motivou a permanência dessas anotações em folha avulsa depois que a terceira versão foi concretizada.

As notas numeradas que não encontraram ponto de inserção na primeira parte do romance constituem, no manuscrito, um estoque da criação ao se somarem a outras notas não numeradas.

A criação de Mário não dialoga apenas com textos publicados; avança para a vida ao recorrer a cartas e outros documentos. É assim que junta aos arquivos da criação de *Café*, no mecanismo de apropriação e recriação, por exemplo, um trecho da missiva de Antônio Bento de Araújo Lima, datada de 15 de setembro de 1930, Rio de Janeiro. Desse trecho, a frase original, “Apesar disso, não houve e parece que não haverá nada.”, na nota de planejamento *Café Ultima parte* ganha tom peremptório: “Apesar disso não houve e juro e que não haverá (Setembro de 1930) nada”.

Essas relações reafirmam que todo texto, por mais “inspirado” que possa parecer, pertence a intrincada rede de vasos comunicantes que ligam o escritor e suas leituras. Os livros lidos, um tema, uma frase destacada ou não, um título, uma palavra ingressam no universo dos recursos que alimentam a criação.

Interrompido/ inacabado

A história da cultura ocidental deu, em alguns momentos, realce especial para obras que, do ponto de vista dos criadores, ficaram inacabadas. Escrita em 1822, a *Sinfonia nº 8, em si menor*, D. 759, de Franz Peter Schubert (1797-1828), tornou-se mundialmente conhecida como *Sinfonia inacabada* por ter apenas dois movimentos. Desconhecendo o projeto do compositor, poderíamos conjecturar que ele desejasse quebrar as normas vigentes, já que na época as sinfonias tinham, por via de regra, quatro movimentos. Se assim fosse, entretanto, o que explicaria a pauta que restou com os primeiros oito compassos do terceiro movimento? A morte prematura do compositor, aos 31 anos apenas, também não foi responsável por essa não finalização, já que, depois da oitava sinfonia, Schubert ainda escreveu a nona. Houvesse concluído a oitava, teria esta permanecido como permaneceu?

A questão do texto interrompido e a do texto inacabado são centrais para o estudo do romance *Café*. Ao examinar a materialidade do manuscrito, vemos que a narrativa foi em vários momentos interrompida, ficando definitivamente inacabada com a morte do escritor, em fevereiro de 1945. Notamos, no entanto, que essas questões não se limitam a datas, mas se ligam ao processo criativo, conforme se percebe no manuscrito, já que entre os documentos que o compõem está o manuscrito de *Vento*, outro romance, o qual, ao se tornar inacabado como narrativa autônoma, passa a integrar o universo de *Café*.

Antes de mais nada é preciso fazer algumas observações e distinguir, à luz da crítica genética, os conceitos de “interrompido” e “inacabado”.

Em todos os momentos nos quais o fluxo da escrita é freado, o texto se torna interrompido. A interrupção mostra-se de duas formas. A primeira é a que pode durar um pequeno lapso de tempo – por exemplo, quando o escritor para de escrever para ler aquilo que acabou de fazer e refletir a respeito, prosseguindo daquele ponto na sequência frasal ou rasurando o texto. Aliás, excetuando-se as rasuras realizadas na etapa subjacente, as demais correspondem a uma pausa no fluxo da escrita, silêncio em que atua o primeiro leitor, isto é, o próprio escritor. A segunda compreende a suspensão por longo período, quando a criação “descansa na gaveta” e só é retomada meses ou anos depois. Segundo Jean-Louis Lebrave, “a interrupção constitui, portanto, ponto

crítico, cheio de todas as potencialidades, com o peso de todos os perigos”³¹. O texto interrompido guarda em si um leque incalculável de possibilidades de continuação, inevitavelmente associadas ao risco do inacabamento.

O texto inacabado é aquele que não será mais retomado. A mais das vezes ocorre quando a morte do escritor ceifa o processo de trabalho. Em outros casos, em que, por vontade, o criador destrói os manuscritos, só resta a notícia de sua existência em depoimentos ou cartas. Em alguns casos esses documentos recolhem, além do título, algum trecho da obra destruída. Sobre isso, Jean Levaillant afirma: “O inacabamento me parece, então, um lugar de fronteira, um objeto fronteiro, um espaço relacional, o signo de um sentido a inventar. Sinal de um novo gênero: o branco, o não-dito, ou a escritura em desordem, sem solução, como signo do possível ou do impossível”³².

Um fio de navalha separa duas possibilidades inerentes a um texto inacabado: destruição ou fragmentação, opções que se apresentam ao escritor e dependem única e exclusivamente de sua vontade³³.

No caso do romance *Vento*, após a fase inicial de notas e esboços, ao não ter sido concretizado como narrativa autônoma, o texto se transforma ao longo da vida do escritor; o casal Carlos e Maria ronda-lhe os pensamentos e exige-lhe lugar de destaque. Em alguns momentos Mário de Andrade relê o manuscrito remanescente de *Vento*. Provavelmente, ainda nos primeiros meses de 1929, na fase inicial do trabalho em *Café*, enfocados os amantes, surge o esboço *Café/ Carlos Maria*. Elencadas em quatro tópicos ideias já exploradas em esboços na caderneta *Vento*, nova cena se impõe, no item V. Em 1939, escrevendo *Quatro pessoas*, outro romance em que o casal seria protagonista, novamente recorre à leitura da caderneta *Vento*, de onde chega, inclusive, a copiar frases, leituras essas que também geram rasuras na caderneta.

No caso de *Café*, Mário de Andrade não destruiu o volumoso dossiê que constituiu ao longo de anos de trabalho, estendido em profusão de notas, planos e versões. Pelo projeto, *Café* teria “oitocentas páginas”. O romance, iniciado em 1929, ao

³¹ Texto original: “L’interruption constitue donc un point critique, gros de toutes les potentialités et lourd de tous les dangers.” (LEBRAVE, Jean-Louis. “L’écriture interrompue: quelques problèmes théoriques. In: HAY, Louis (org.). *Le manuscrit inachevé: écriture, création, communication*. Paris: Éditions du CNRS, 1986, p. 159).

³² Texto original: “L’inachèvement me paraît donc un lieu frontière, un objet-frontière, un espace relationnel, le signe d’un sens à inventer. Signe d’un nouveau genre: le blanc, le non-dit, ou l’écriture en désordre, sans solution, comme signe du possible ou de l’impossible.” (LEVAILLANT, Jean. “Inachèvement, invention, écriture, d’après des manuscrits de Paul Valéry. In: HAY, Louis (org.). *Op. cit.*, p. 101).

³³ Sobre o assunto, vide WILLEMART, Philippe. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

se expandir, engole a matéria da caderneta e notas soltas referentes ao romance *Vento* – exibindo esboços de cenas, plano da estrutura do romance, notas de pesquisa que apontam outros textos (próprios e matrizes em outros escritores), notas prévias, planejamento de personagens, de tempo e espaço, cenas e desenvolvimento de episódios.

A materialidade do manuscrito de *Café*, por si só, exhibe momentos de interrupção do trabalho. Um dos índices dessa interrupção é a mudança do tipo de suporte utilizado; por exemplo, no esboço *Patria Nova Taxi/ Modernismo*, redigido em duas folhas, a primeira de papel-jornal e a segunda de papel do mesmo tipo do usado na redação da 1ª versão da primeira parte do romance, mais fino e filigranado. Também rompe o fluxo da escrita a troca da fita da máquina de escrever, como se percebe na página 27 do datiloscrito da primeira parte do romance *Café*. As pausas também são evidenciadas pela alternância no uso de tinta preta e grafite na caderneta *Vento*, por exemplo. Em outros casos, justamente para não interromper a datilografia, provavelmente em momentos de hesitação, o escritor deixa em branco, por exemplo, o topo das páginas 3 e 5 e metade da página 11 da primeira versão da primeira parte do romance. Espaços preenchidos pelo acréscimo a tinta preta.

Em *Café*, projeto que percorre duas décadas, Mário de Andrade, como que procurando calçar-se, pontua o manuscrito com alertas para si mesmo. Ao mesmo tempo institui lembretes nos esboços: “(No princípio falar na penum-/bra mansa, familiar do/ vestibulo. No fim falar na penum-/bra fria e seca do vestibulo)”³⁴; “(A horas tantas dizer que Luiza sente/ sono)”³⁵; “Fala-se muito em lepra./ Assim o leitor fica na duvida/ si é lepra ou amor. Deixar bem/ indeciso isso”³⁶; “(É mi-/lhor ser a sonsa que mata o/ filho da outra. E todos a per-/doam porquê lhe querem/ bem)”³⁷.

Cabe salientar que os conceitos de “interrompido” e “inacabado” integram de forma tão intrínseca a própria ideia de criação que, de forma sintomática, estão ausentes do “Glossário de crítica genética” do livro de Almuth Grésillon, *Elementos de crítica genética*³⁸.

Ao problematizar a questão do texto inacabado, Cecília Almeida Salles salienta que

³⁴ Anverso da folha 3 da caderneta *Vento*.

³⁵ *Idem*.

³⁶ Verso da folha 10 da caderneta *Vento*.

³⁷ Nota de planejamento *Café Duas Irmãs*.

³⁸ GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética*: ler os manuscritos modernos. Trad. Cristina de Campos Velho Birck *et al.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 329-335.

“O artista lida com sua obra em estado de permanente inacabamento. No entanto, o inacabado tem um valor dinâmico, na medida em que gera esse processo aproximativo na construção de uma obra específica e gera outras obras em uma cadeia infinita. O artista dedica-se à construção de um objeto que, para ser entregue ao público, precisa ter feições que lhe agradem, mas que se revela sempre incompleto. O objeto ‘acabado’ pertence, portanto, a um processo inacabado”³⁹.

Desse modo, é preciso relativizar o sentido de acabamento nos textos de Mário de Andrade, porque, para ele, nunca seus textos pareciam de fato acabados ou definitivos, espaço aberto para reformulações, como *Macunaíma*, por exemplo, que tem sequências suprimidas no exemplar de trabalho da 1ª edição, rasura realmente válida para a 2ª edição. Se assim procedia com os textos que dava a público, naqueles que inteiramente lhe pertenciam as possibilidades de rasuras, transcrição e remanejamento eram totais, permitindo idas e vindas, começos, retomadas e abandonos.

Ao longo da vida de Mário de Andrade, o trabalho do polígrafo é interligado, unindo áreas à primeira vista distintas, separadas. Nesse viés, ficção e estudo se encontram. Assim, os projetos, como em um grande tronco de árvore que se ramifica, são alimentados pela mesma seiva. Se, todavia, por algum motivo um dos ramos seca, a força vital que ali circulava volta para alimentar outros ramos.

³⁹ SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado*: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP/Annablume, 1998, p. 78.

Do broto à poda? Ou do broto ao fruto?

Em 13 de julho de 1929, em carta a Manuel Bandeira, Mário usa a ambientação do texto ficcional de *Café*. Assim como seu personagem no romance, o correspondente se põe, em “noite de sábado”, na rua, onde migrantes e imigrantes se misturam:

“Noite de sábado já é uma das coisas mais humanas de São Paulo, todos os húngaros, tchecos, búlgaros, sírios, austríacos, nordestinos saem passear, gente dura, no geral tipos horrorosos, mas me sinto bem no meio deles. E além disso: a neblina, um *fog* maravilhoso. No Anhangabaú não se via nada de nada. Só os anúncios e o farol da Light circulando. Fui no cinema, vi umas besteiras, saí no meio e fui andando. Quando vi estava no Brás. Então voltei procurando caminhos mais misteriosos, cheguei a ter medo no meio do parque Pedro II, completamente sem iluminação e com alguns ruídos nas moitas. Depois atravessei o bairro turco e só quando esbarrei na estrada-de-ferro, vim me encostando nela até esta rua Lopes Chaves. Muito apito de trem, várias propostas de aventuras, uma calma interior sem comparação, o espírito vivinho gozando em colher. Mas cheguei meio excitado, sem sono, e estou escrevendo”⁴⁰.

Nessa encenação, Mário de Andrade, imbuído do seu personagem Chico Antônio, talvez pretendesse testar, na elevada consideração que tinha pela sensibilidade do amigo poeta, a recepção do romance *Café*, cuja primeira versão conhecida é datada exatamente de um mês antes da carta a Bandeira. Do mesmo modo como narra na carta, o nordestino Chico Antônio, na página 18 da 1ª versão da primeira parte do romance *Café*, também anda pela cidade de São Paulo, um mundo para ele novo, em que tudo acontece:

“Chico Antônio obedecia levado [...] Continuava mandado, seguindo apli-/cadamente o companheiro, não atentando mais nem á aos gritos violentos de/ luz que os restaurantes apitavam nas calçadas escuras nem no mundo de/ sirios de voz chacoalhante que o princípio da noite de sabado botava pra fôra das/ casas”.

⁴⁰ MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Op. cit.*, p. 427.

Em outro trecho do romance, surgem os lugares por onde Mário, na carta ao amigo, diz ter passado e onde teria recebido “propostas de aventuras”:

“[...] Pretinhas barateiras, de corpo/ alinhado e sempre limpo, apesar delas preferirem o meretrício de rua, mais/ semostrador e divertido que o de espera. O lugar preferido delas eram/ ali mesmo, junto da praça do Correio, os jardins do Anhangabaú. Jar-/dins escuríssimos porquê neles a pessima iluminação paulistana inda se via/ estorvada pelas árvores baixas e folhudas, eram perfeitamente propícios às/ negrinhas. Não que elas se envergonhassem de si, mas a escuriza lhes prote-/gia os amadores brancos que inda guardavam um preconceito.

[...]

“Em noite de sábado então, os jardins do Anhangabaú eram um vi-/veiro de contratos amorosos. E contrastava ironicamente com o luxo da ambi-/encia a qualidade dos contratos. Mas o parque regorgitava curiosíssimo. E de-/le principalmente é que no curiangular do seu vôo curto, ia ter na praça do/ Correio o rebotalho do meretrício e da viadagem paulistana.”

Desde o princípio do trabalho, o escritor revela receio de falhar, isto é, de não conseguir levar adiante o projeto do romance, como explicita na mesma carta de 13 de julho de 1929, a Manuel Bandeira:

“[...] E iniciei e gosto muito dum romance *Café* que terá oitocentas páginas (meio de contar o tamanho do livro) cheias de psicologia e intensa vida. Mas sinto que é superior às minhas forças e tenho mais ou menos a convicção de que vou ratar, da mesma forma com que ratei *Macunaíma* – a obra-prima que não ficou obra-prima. Mas não é por isso que vou parar o livro não. Quero ver como que vou ratar e sempre, você entende, fica essa esperancinha de ganhar a partida. Pra quem tem o espírito sincero e esportivo, quero dizer: esportivamente sincero, capaz de confessar que perdeu, o jogo de azar é mesmo o que diverte mais...”⁴¹.

Envolvido pelo romance, o escritor mostra-se aberto a toda contribuição possível. Trabalha com afínco, ao mesmo tempo em que traça notas de pesquisa voltadas a livros de sua biblioteca ou a pontos fundamentais – como “Ler sempre” – para o desenvolvimento do texto; busca subsídios para estribar a verossimilhança da

⁴¹ MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Op. cit.*, p. 427.

ficção em notícias e reportagens de periódicos, principalmente aquelas que focalizam colônias de imigrantes fixadas na cidade de São Paulo; recolhe questões relacionadas ao café e à crise da exportação do produto, além de um artigo sobre a necessidade de seleção imigratória. As matrizes do escritor abarcam, inclusive, cartas que recebe de amigos.

Depois de outubro de 1929, o maior desafio no bojo da crise econômica mundial seria superar as dificuldades financeiras. Assim, é substituído o título da 3ª parte, de “A Geada” para “A Crise”, pois no início da redação do romance o grande evento que afetaria a produção cafeeira no Brasil seria o fenômeno da geada. A separação do casal Carlos e Maria, assim transplantada do inacabado *Vento* para o romance *Café*, também coincidiria com a condição climática, como em *Typhoon*, romance de Conrad, citado por Mário em anotação no anverso da folha 8 da caderneta que reúne esboços e notas para redação de *Vento*.

Excertos da primeira parte do romance *Café* se vêem divulgados em abril de 1930, em revistas cariocas: DOIS SÍRIOS é dado como “Fragmento do romance *Café*”, na *Ilustração Brasileira*, e A NEGRADA, “(DO ROMANCE ‘CAFÉ’)”, sai em *Movimento Brasileiro*, com ilustração de Di Cavalcanti. A carta de Renato Almeida, datada de 23 de abril de 1930, oferece o dia exato da distribuição dos exemplares da revista *Movimento Brasileiro*: “[...] não sei se já lhe acusei o recebimento do capítulo de seu novo romance para [*Movimento Brasileiro*] [...] Sai no número aparecido hoje com uma ilustração do Di Cavalcanti”⁴².

Após a publicação dos excertos, podemos acompanhar em cartas a boa acolhida do que fora divulgado e a expectativa gerada em relação ao romance *Café*. No mesmo mês, Augusto Frederico Schmidt escreve a Mário: “Li um capítulo do seu romance na revista *Movimento*, que me impressionou bastante. O romance deve ser extraordinário, principalmente pelo modo tão simples, de estilo”⁴³. De 10 de junho do mesmo ano, no *post-scriptum* da carta de Ascenso Ferreira, está: “PS: Vi um trecho de um romance novo seu. É um negócio sobre Café. Estava muito bom”⁴⁴.

Provavelmente, o entusiasmo geral contagia o escritor, e *Café* (romance) comparece na lista de obras em preparo em *Remate de Males*, livro de poemas impresso

⁴² NOGUEIRA, Maria Guadalupe Pessoa. *Edição anotada da Correspondência Mário de Andrade e Renato Almeida*. Orientadora: Ivone Daré Rabello. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2003, p. 239-240.

⁴³ Série Correspondência, Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.

⁴⁴ *Idem*.

nas Oficinas Gráficas de Eugenio Cupolo e lançado em 15 de dezembro de 1930, segundo informação do cólofon.

Após o término da 1ª versão da primeira parte, datada de 7 de novembro de 1930, o escritor busca pontos para a inserção das notas de trabalho ainda não usadas, visando a uma nova redação dessa parcela do romance. Também agrega, ao manuscrito de *Café*, a página em que divulgara um dos fragmentos do romance: DOIS SIRIOS, transformado em OS SIRIOS pela rasura do escritor que, ainda, impõe outras mudanças ao texto. A página retirada da revista é marcada com o número “17”, a grafite, no canto superior esquerdo, e com o mesmo número o escritor faz chamada na folha 33 do datiloscrito da primeira versão, no início do parágrafo de abertura do trecho selecionado para publicação. A releitura motiva a reelaboração do texto publicado, com o acréscimo de longo trecho que ocupa quase todo o verso da folha 33 da 1ª versão do manuscrito. Por esse motivo, o escritor opta por acolher, no anverso da folha 33, as rasuras apostas no exemplar de trabalho, mas só as assimila parcialmente. Na 3ª versão, tomando-se por base a 1ª, o texto é mais uma vez reelaborado, sem se levar em conta aquilo que não tinha sido acatado na versão passada a limpo, isto é, na 1ª versão da primeira parte.

Ao idealizar a conclusão da obra, Mário escreve a Manuel Bandeira, em 28 de março de 1931: “Mas cacete mesmo está ficando o meu *Café*. Tenho escrito um bocado dele, mas vai lerdo, aos arrancos [...]. Mas enfim sempre o romance continua e talvez nestes dois ou três anos esteja pronto”⁴⁵.

De fato, apesar de lenta, a criação prossegue. Comprovadamente nessa época, um momento de ebulição criativa invade uma caderneta cujas notas referentes ao romance foram retiradas por MA para estar no manuscrito de *Café*. O anverso da primeira folha e verso da segunda trazem anotações diversas: pesquisa de acepções de palavras; lembretes de itens a comprar; tentativa de captar o canto de um pássaro na fazenda de Cândido Rocha, em Araraquara; referência bibliográfica de *Animais venenosos do Brasil*, livro de Afrânio do Amaral lançado em 1931. Por essas anotações que emolduram o esboço referente ao romance, pode-se atestar a data desse documento do processo criativo de *Café*. Na anotação “rua Onze de Agosto – ~~Farma~~ Drograria Brasil (?) subindo a rua [ã] esquerda. Mercurio doce Ribeiro da Costa, 2 quilos – 80\$000 Araraquara (encomenda)”, a menção a Araraquara lembra imediatamente Pio Lourenço Corrêa (1875-1957), fazendeiro e intelectual daquela cidade, primo e amigo

⁴⁵ MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Op. cit.*, p. 494.

de Mário de Andrade, a quem o escritor chamava “tio Pio”. Na carta de 7 de julho de 1931, Pio Lourenço assente: “Pode mandar, pois, o mercúrio”. Na resposta, de 16 de julho, MA esclarece, passando pelo fato da renúncia do interventor do governo federal em São Paulo: “Quanto ao Mercúrio, a demissão do J. Alberto nos fez esquecer, ao Cândido e a mim, que ele achou aí em Araraquara o ‘Ribeiro da Costa’ por 6\$000, cem gramas. Aqui só consegui 75\$000 o quilo, na Drogaria Morse”. No dia seguinte, Pio reitera a encomenda e explica: “Eu já sabia, porque ouvi do Cândido, o caso do mercúrio doce na Internacional, e o respectivo preço. Fui sem demora ao telefone: só dispõe agora de... uma caixinha de 100 gramas. – Ora bolas!, exclamei comigo. Continua, portanto, a valer a incumbência. Por este motivo, melhor será V. efetuar a compra do mercúrio, mandar encaixotar, e guardar até nova ordem”. Podemos concluir que a anotação, apesar de ligada à segunda parte do romance, foi escrita antes de 7 de julho de 1931.

Em carta a Renato Almeida, datada 26 de março de 1933, dois anos depois, o escritor, ao falar sobre os livros que prepara, displicentemente solta: “E rabisco o meu *Café*”⁴⁶. Ainda em 1933, a 22 de abril, percebe que não conseguiria cumprir o plano de finalizar a escrita naquele ano, mas almeja concluir a segunda parte das cinco projetadas, conforme confia a Bandeira: “[...] Na verdade não estou atualmente trabalhando senão em dois livros, a *Pancada do ganzá*, que é técnico, e o *Café*, que é lirismo. Deste pretendo acabar este ano, se Deus quiser, a segunda parte (são cinco) [...]”⁴⁷.

Em 1934, entusiasmado com o trabalho e a primeira repercussão dos trechos divulgados na imprensa, o romancista inclui *Café* na lista de obras em preparo, aposta à edição de *Belazarte*, pela Editora Piratininga: “*Música, doce Música* – (estudos musicais)./ *A Musica dos Brasís*./ *Café* – (romance)./ *Na Pancada do Ganzá* – (folclore nordestino)./ *João Bobo* – (romance)./ *Dicionario Musical Brasileiro*”. Talvez, logo que publica a lista, Mário teme não conseguir levar ao cabo a empreitada.

No mesmo ano, em 9 de outubro, assim se manifesta a Pio Lourenço Corrêa:

“Tio Pio, lhe escrevo em dia de aniversário, ao cumprir exatamente 41 anos de existência dura e que ainda prefiro longa pelo menos duns 20 anos. Sem 20 anos mais, terei que deixar incompleto o que de mais essencial terei a fazer, uns dois romances

⁴⁶ NOGUEIRA, Maria Guadalupe Pessoa. *Op.cit.*, p. 262.

⁴⁷ MORAES, Marcos Antonio de (org.) *Op. cit.*, p. 556-557.

ainda, e umas três obras de técnica. Faça-me pois o favor de desejar pra este seu amigo mais 20 anos de existência produtiva.”⁴⁸.

Em 1935, Mário de Andrade torna-se Diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo. Durante três anos, o escritor ocupa-se prioritariamente dessa função. Projetos pessoais ficam pendentes, incluída a criação literária. Essa situação deve ter sido exposta à amiga Ignez Teltscher, tradutora alemã radicada no Brasil, que protesta, em carta de 1º de junho daquele ano: “Deixar seu grande romance *Café* é um crime, ouviu, um crime!! Volte quanto antes à tarefa; não perca nem um dia!!! – !!!”⁴⁹. Reforça a reclamação em 17 de janeiro de 1936: “[...] suas ocupações não me agradam em nada. É demais! Escreva *Café*; isto é o essencial”⁵⁰.

Apesar da interrupção do trabalho em *Café*, em 1937, na 2ª edição de *Macunaíma* o romance continua fazendo parte da lista de obras em preparo. Na aba da 1ª capa, lê-se: “de/ Mario/ de/ Andrade/ em preparo:/ A DONA AUSENTE/ (folclôre)/ A MUSICA DOS BRASIS/ CAFÉ/ (romance)/ JOÃO BOBO/ (romance)/ NA PANCADA DO GANZÁ/ (folclôre nordestino)”.

Em 16 de fevereiro de 1938, Manuel Bandeira escreve: “Mário, [...] você precisava de três vidas pelo menos: uma para consagrar exclusivamente a esses estudos musicais brasileiros: é um mundo! Me diverti ler no *Ensaio* a lista das obras do autor. Coisas anunciadas não apareceram até hoje, e quanta coisa publicada em que você nem pensava! Tenho pena dos romances: *João Bobo*, *Café*... Um romance seu escrito agora depois de passado o prurido modernista, depois de serenadas uma porção de coceiras e com a sua língua amadurecida, *assagie*... É uma coisa em que volta e meia penso”⁵¹.

Em carta a Adolfo Casais Monteiro, 7 de junho de 1938, Mário compromete-se a enviar colaboração para a revista *Presença*: “Vou ver se acho alguma prosa que lhe sirva, ou do abandonado *Café*, ou página perdida entre os que não publiquei”⁵².

Ao sair do posto de chefia que ocupava na Prefeitura de São Paulo, muda-se para o Rio de Janeiro, onde permanece até o início de 1941. Datado de 17 e 18 de fevereiro de 1939, surge o esquema de um novo romance, *Quatro pessoas*. Em 4 de julho de 1939, Mário dá início à redação. O novo texto assimila o casal de personagens

⁴⁸ GUARANHA, Denise (org.). *Cartas de Mário de Andrade e Pio Lourenço Corrêa*. Prefácio: Gilda de Mello e Souza. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

⁴⁹ Série Correspondência, Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.

⁵⁰ *Idem*.

⁵¹ MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Op. cit.*, p. 646.

⁵² Fotocópia da carta no Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.

do romance *Vento*, cujo aproveitamento em *Café* se restringia a notas e esboços. Em 25 de julho, escrevendo a Oneyda Alvarenga sobre a nova criação, o escritor confessa:

“Bati máquina o dia inteiro e avancei inesperadamente doze páginas no meu romance que não há meios de avançar, tempo não chega. Estou apenas na p. 27, tipo ofício, datilografado, isto é, pra aí umas 50 páginas de impressão. Acabei o Iº capítulo. Não sei se estará bom, é uma coisa louca, uma análise psicológica feroz. Duvido que alguém aguente e, o pior, duvido que seja qualquer coisa de bom. Mas é desses livros que o melhor, se acabar, é não pedir a opinião de ninguém, ou publicar ou destruir, mas por conta própria, sem me garantir de ninguém. Estou numa inquietação horrível, e isso ainda maltrata mais o avanço do livro, porque quando penso em escrever me sinto sem força, sem coragem pra perder tempo com uma possível borracheira longa. Um poema, até um conto, ainda a gente não se inquieta de escrever e jogar fora, mas um romance inteirinho, é horrível, minha amiga. E isso ajuda o meu sofrimento de agora”⁵³.

Em 1940, a criação de *Quatro pessoas* também é interrompida, por causa do desconforto do escritor diante da 2ª Guerra Mundial:

“[...] estava escrevendo [*Quatro pessoas*] no Rio de Janeiro quando a notícia da queda de Paris me estarreceu. Não era mais possível preocupar-me com o destino de quatro indivíduos – envolvidos em dois casos de amor – quando o mundo sofria tanto e a cultura recebia um golpe profundo. Desisti”⁵⁴.

Talvez, justamente o que fez Mário de Andrade desistir de *Quatro pessoas* tenha se tornado o mote da retomada de *Café*, após o longo período engavetado. Em 16 de outubro de 1941, em carta a Moacir Werneck de Castro, ele alude a um valor social amplo que percebia no romance e decide:

“[...] Vou fazer um balancinho na vida. Pôr pra fora uns livrecos que me impedem andar. Vou ver se retomo o *Café*, que tem um sentido mais viril e mais geral. Já tirei os originais de onde estavam guardados, vou ler, ver se merecem continuação”⁵⁵.

⁵³ ALVARENGA, Oneyda (org.). *Cartas Mário de Andrade e Oneyda Alvarenga*. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 191.

⁵⁴ Entrevista a Mário da Silva Brito. *Diário de São Paulo*. São Paulo, 2 dez. 1943.

⁵⁵ CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade: exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 182.

Após a releitura do texto, em 6 de novembro, Mário resume o projeto e pede a opinião do mesmo amigo, que o incentiva na carta de 7 de dezembro:

“[...] pensei sempre com entusiasmo no seu plano de levar avante o *Café*. Acho que você deve esse livro à literatura brasileira e a si mesmo, que ele pode ser o seu grande motivo de vida nestes tempos, que merece todos os sacrifícios, jejuns e abstinências, todo um regime de parturiente. Se é possível acreditar em forças cósmicas, penso que todas elas se juntam para ungir em você o intérprete desse ‘drama’ paulista do café, num livro que seria ao mesmo tempo o remate da sua obra e a expressão artística acabada de uma realidade riquíssima, que não pode forçosamente ficar desperdiçada como até hoje tem estado. Acho que você devia se entregar a esse livro como a uma missão, no mais gravibundo sentido da palavra. O plano do romance não podia ser melhor, e o número de páginas não deve assustar ninguém, muito menos o autor, quando o título é tão vasto e sugestivo”.

Moacir Werneck de Castro aponta, continuando a carta, a necessidade de evitar, no prosseguimento desse novo romance, a linguagem utilizada pelo autor de *Macunaíma* na primeira fase do Modernismo. Em 6 de janeiro de 1942, o escritor concorda, afirmando que, durante a ruptura modernista, a intenção ficava na linguagem, e, na fase por ele vivida naquele momento, prendia-se ao conteúdo. Continua:

“Não me iludo também, não pense. Sei, sem vaidade, que atingi um amadurecimento muito harmonioso... de mim. ‘De mim’ quer dizer de um artista *temporário*, com uma incapacidade estranha de se realizar enquanto promete. Se escrever o *Café* e chegar à conclusão de publicá-lo, isto é, à conclusão de quase todos os meus livros, o ‘dei tudo quanto posso’, a realidade da coisa publicada dirá, como sempre, que ainda não é o livro que é lícito esperar de mim, do que meus escritos prometem. [...]

“Este ano vai ser um ano de trabalho pessoal importantíssimo pra mim. Toco pra diante o *Café*. Tapearei o mais possível o Serviço do Patrimônio quanto a horas de trabalho, fingindo fazer pesquisas que resultarão infrutíferas. [...]”⁵⁶.

Ainda imbuído do replanejamento do texto, Mário escreve a Pio Lourenço Corrêa, em 24 de janeiro de 1942, carta que permite atestar a data das notas que

⁵⁶ CASTRO, Moacir Werneck de. *Op. cit.*, p. 187.

nomeiam como Aracina a cidade em que se passaria a parte “As duas irmãs” e que trariam à tona o personagem “Mister”, a ser composto a partir de dados e pormenores conferidos por “tio Pio”:

“[...] início em fevereiro, a reescritura do meu romance *O Café*. Reli agora as notas, preparando a continuação de onde o livro estava parado, e vi que entra em breve no entrecho o personagem “o Mister”, aquele escocês que foi seu amigo. É mero personagem de passagem, que me serve pra explicar porque na cidadinha de Aracina (+ ou – Araraquara) tanta gente estudara o inglês, e principalmente as Duas Irmãs, personagens importantíssimas do romance. O livro (que será enorme) tem dezenas e dezenas de personagens de passagem que pego uma vez só, conto como é, e abandono pra sempre. São verdadeiros *close-up* de cinema, que me servem pra expor a complexidade civilizada do estado de São Paulo, com a riqueza subitânea do café, a consequente atração de estrangeiros de todo o mundo. Não tem pressa, vá me contando aos poucos o que sabe do Mister”.

Ainda sobre a retomada do romance, Mário informa a Henriqueta Lisboa, em 30 de janeiro de 1942: “Hoje preparei a manhã toda os meus estudos e notas, pra reiniciar na segunda-feira um romance abandonado creio que em 1934”⁵⁷. Em troca recebe a cobrança amistosa, em 10 de abril de 1942: “Dedique-se profundamente a esse romance, dê-nos mais um grande livro!”.

A intenção, anunciada aos amigos, concretiza-se. O texto é retomado do ponto em que tinha estancado, isto é, mais precisamente, página 53 do datiloscrito da única versão conhecida da segunda parte, intitulada “As duas irmãs”. Além das marcas físicas naquela página – o suporte de cor ligeiramente diferente e a fita de máquina mais nova –, a anotação a tinta vermelha, no canto superior esquerdo, confirma: “Reiniciada aqui a escritura, dia 10/ de fevereiro de 1942, depois dum interva-/lo de mais de sete anos. M.”. Na página 65, um apontamento datilografado entre parênteses no meio do texto revela mais uma data: “(12-2-42)”, ou seja, 12 páginas escritas em dois dias. Ao se retomar a escritura, a ebulição criativa se impõe sem preocupação com questões que poderiam ser deixadas para mais tarde. O nome do marido de Vivi, uma das irmãs que protagonizam a trama, volta a ser Celeu, como era inicialmente, antes das rasuras que

⁵⁷ SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Cartas de Mário de Andrade e Henriqueta Lisboa*. Estabelecimento de texto: Maria Silvia Ianni Barsalini. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/ Edusp/ Peiropolis (no prelo).

impuseram a substituição para Leléu. Preocupado em não deixar arestas na construção ficcional, Mário, entretanto, anota na página 58:

“(Tomar cuidado: si Fernandinho, o segundo fi[-]/lho de Clara já está andando, quando nasceu Lígia, que ainda é criança de/ braço? Acertar isto atras. Vivi, Celeu não queriam filhos, Lígia viera sem êles/ quererem. E ainda por cima ficaram despeitadíssimos, porque Fernando já tinh[a]/ do[i]s machinhos e pra êles viera menina)”.

Para prevenir outros possíveis problemas, acrescenta o lembrete a tinta vermelha, no canto superior direito da primeira página: “Esta parte até pg. 52 inclusive,/ absolutamente não está trabalha-/da. Esta é a primeira versão”, anotação provavelmente realizada quando o trabalho foi novamente interrompido.

Quando o vulcão criativo explode, após longos períodos de inatividade, o que se vislumbra é a narrativa como um todo. A preocupação com detalhes ou até com a verossimilhança fica em segundo plano, sobretudo em notas de trabalho, como nesta nota de planejamento da 4ª parte:

“Retomar agora o caso das duas/ irmãs iniciando a parte com/ Clara assassinando o filho/ da irmã, por causa da doença/ da filha”.

Na única versão da segunda parte do romance, em que atuam as duas irmãs, a invejosa é Vivi, e é ela também a mãe de uma menina, Lígia, enquanto Clara é mãe de dois meninos, Fernandinho e Joaquim.

Em uma das notas de planejamento, *Café Duas Irmãs*, puxando o fio do assunto traição, o escritor comete o lapso de usar o nome do personagem do romance *Quatro pessoas*: “João” para o nome do cunhado de Clara, a irmã sonsa:

“Era com aquela cami-/sa de esporte, depois duma/ visita os dois casais á fazen-/da do Carlos, que o cunhado/ passando por ela no corre-/dor, havia de abraça-la/ e ~~desla~~ fazer-lhe abrupta-/mente uma proposta de/ amor. Porêem ela recusou/ com energia e ameaçou-o./ Não contara nada prá ir-/mã; praquê, coitada!... De-/pôs o trabalhinho, imaginan-/do na irmã. O cunhado entra-/va alegre duma volta no/ cafezal e veio fazer uma/ festa nela. – Oh João, você me/ machuca assim”.

Pode-se concluir que, nesse momento da redação do romance *Café*, o projeto se mescla ao também inacabado romance *Quatro pessoas*, este, desde a origem, àquele imbricado por causa do casal Carlos e Maria, o qual contracenava com outro casal, João e Violeta.

Em 24 de fevereiro de 1942, ou seja, poucos dias depois da retomada do romance, Mário de Andrade escreve a Henriqueta Lisboa:

“Francamente eu estou carecendo arranjar um tempinho (de várias horas!...) pra estudar melhor em conjunto estes versos novos de você... Mas esta vida! E meu romance que faz uma semana parei! E meu curso sobre a ‘História da poesia popular brasileira’ cujo preparo ainda não comecei! E meus trabalhos do Serviço! E o resto imenso!... Sim, minha vida talvez nunca tenha estado tão completa como nestes meses de janeiro e fevereiro, mas o implacável das Horas volúveis, às vezes me deixa numa ânsia tamanha que por segundos perco a respiração”.

Um mês depois, em carta datada de 21-22 de março de 1942, São Paulo, confia à poetisa mineira:

“Me sinto triste. Triste, não: tristonho, aborrecido de mim, achando que não dou um jeito na minha vida. Afinal das contas ando trabalhando muito, lendo alguma coisa, estudando um bocado. [...] Mas não tenho força, não tenho força! Eu não tenho coragem pra ser o literato que eu sou! Eu devia era mandar o meu ganha-pão plantar batatas, me arranjar de qualquer jeito, não ter duzentos reis pra bonde, andar de roupa gasta no corpo, mas estar escrevendo um romance, preparando o meu curso do ano que vem. Isso que eu devia fazer. Mas é aquela covardia: dou nem sei quantas horas pro Serviço do Patrimônio, preciso escrever uma porção mensal de artigos idiotíssimos pra equilibrar orçamento e me gasto estupidamente nessas bobagens que não são minhas. Eu devia botar uma bomba no palácio Guanabara pra ver se crio vergonha de ser brasileiro, mas não é meu jeito. Meu jeito! Qual que é o meu jeito! Eu não tenho jeito, sou uma besta, amanhã meio dia tenho um almoço que não tive forças pra recusar, depois de amanhã tenho trabalhos que não tive força pra recusar, e uma reunião de noite que não tive direito (força é que é!) de recusar. Talvez o meu jeito seja mesmo este conformismo larvar de não ter força pra. Agora não estou tristonho mais, estou desesperado”.

De Belo Horizonte, apoiando o amigo, Henriqueta o aconselha, em carta datada de 10 de abril:

“Creia nas minhas palavras: você não é um incompatível, ao contrário, chegam a ser emocionantes certos aspectos da sua solidariedade humana. É natural que esteja de vez em quando impaciente e cansado. Se todo mundo adivinhasse você!... Mas é preciso encontrar uma solução ao menos conciliatória: penso que ela está, por ora, no próprio romance que você não tem podido trabalhar. Veja se consegue afastar-se do Serviço por uns dois meses, com o Capanema não será difícil uma licença. Dedique-se profundamente a esse romance, dê-nos mais um grande livro!”

Sem poder dedicar-se ao romance, mas com ele em mente, o escritor alude a *Café* no texto NOTAS DIÁRIAS, publicado na revista *Mensagem*, em 20 de julho de 1943:

“Francamente às vezes até me chateia, mais frequentemente me assusta, a versidade de intençõeszinhas, de subentendidos, de alusões, de símbolos que dispersei no [*Macunaíma*]. [...] De uma das alegorias não me lembrava, porém a leitura de hoje fez ela me ressaltar bem viva na lembrança. Talvez a recordação chegasse tão viva agora porque, tendo imaginado retomar a composição do meu romance *Café*, o problema de formarmos, de querermos formar uma cultura e civilização de base cristã-européia, que seria por assim dizer a tese do romance, esteja me preocupando muito. Já me esquecera da alegoria que pusera sobre isso no *Macunaíma*...”⁵⁸

Em 1943, aceitando a ideia de Murilo Miranda de homenageá-lo com um número da *Revista Acadêmica* dedicado à sua produção, Mário, em carta de 1º de agosto, constrói o plano que inclui poesia, polêmica, sátira, crítica e:

“II – Prosa de ficção – Um trecho do *Turista Aprendiz*

Um trecho do romance inacabado *Café* (Aqui ainda estou na dúvida muito. Só mandarei coisas inéditas. O trecho do *Café* só pegando e relendo pra ver si tem

⁵⁸ ANDRADE, Mário de. NOTAS DIÁRIAS. *Mensagem* (Quinzenário de Literatura e Arte), a. 2, nº 26. Belo Horizonte, 20 jul. 1943, p. 1.

coisa que preste. No *Turista* é mais fácil de garantir porque no ano passado, datilografei ele e me recordo mais)”⁵⁹.

Talvez tenha sido nessa carta, juntando *O Turista Aprendiz* e o romance *Café*, que o escritor tenha resolvido uni-los, de fato, em um plano, intitulado *Vida do Cantador*, que recriaria a longa sequência inicial do romance, nas páginas de 1 a 17, tendo-se como personagem principal Chico Antônio, povoando-as com elementos de crônicas d’*O Turista Aprendiz*. A narrativa autônoma *Vida do Cantador* recupera, ainda, do manuscrito de *Café*, o esboço *Chico Antônio e os bois*, utilizando-o, reformulado, como fecho. A publicação em “lições”, entre 19 de agosto e 23 de setembro, na coluna “Mundo Musical”, na *Folha da Manhã*, entretanto não indica essa filiação, apesar das marcas deixadas no manuscrito da 3ª versão da primeira parte do romance *Café*.

Sobre o romance e o libreto para ópera *Café*, Mário considera em carta a Carlos Drummond de Andrade, de 3 de março de 1943:

“Eu queria que você me fizesse o favor de ler o *Café* (poema coral em três atos e cinco quadros) que acabou explodindo enfim.

“As primeiras ideias disso me vieram por 33 ou 34, que eu andava preocupado com o problema do teatro cantado e da ópera. Todo o grande teatro social da antiguidade, das grandes civilizações asiáticas, do Cristianismo religioso, e todo o teatro folclórico, realmente do povo, sempre foi cantado. [...] Então me veio a ideia vaga de um drama cantado mais diretamente baseado nas forças da vida coletiva e como então andava escrevendo o meu ex-romance *Café*, me lembrei do mesmo *Café* como base, mas com assunto que nada tem a ver com o romance.”⁶⁰.

Apesar de afirmar isso, o escritor transpõe para o libreto da ópera diversos elementos de seu “ex-romance”, cuja redação havia sido retomada no início de 1942, sendo, imediatamente, mais uma vez interrompida, tal como indica a entrevista a Mário da Silva Brito, no *Diário de S. Paulo*, em 2 dezembro de 1943:

⁵⁹ ANTELO, Raul (org.). *Cartas de Mário de Andrade a Murilo Miranda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 155.

⁶⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *A lição do amigo*. Rio de Janeiro: Record, 1988, p. 196-197.

“Eu tinha iniciado um romance com esse título, mas, em 1935, parei de escrevê-lo. Nunca mais peguei nele, e nem pretendo retomá-lo nunca mais. Até tirei muita coisa do seu texto para aproveitar em crônicas musicais. ‘A vida do Cantador’, por exemplo, recentemente publicada em jornal, é do *Café*”.

Nessa entrevista, o repórter retruca: “Quer dizer que abandonou esse trabalho definitivamente”. E Mário anuncia: “Sim e não. Sim, porque morreu como romance. Não, porque vai ser uma ópera. [...] Dele extraí elementos para um trabalho desse gênero”⁶¹. No manuscrito do romance, a nota de planejamento intitulada *Café/ Final* – “Nesta parte é/ que a sensibi-/lidade geral/ é de revolta,/ não conformis-/mo, comunismo,/ violencia e/ comoção” –, torna-se filão explorado no libreto da ópera *Café* ao desenvolver a problemática social relacionada à crise na exploração do produto. O plano *Café/ Cronologia*, ligado à 6ª fase de criação do romance *Café*, prevê: “*Final/ Rebenta a Revolução de 5/ de outubro. Angustia da ci-/dade. Vitória*”, abandonada a redação do romance este é o desfecho utilizado no libreto da ópera.

Entre 18 e 21 de dezembro de 1942, visando à publicação do libreto, o escritor esboça uma introdução em que, ao historiar a criação da ópera *Café*, demonstra sua consciência do risco do inacabamento do qual o texto foi salvo por conta de seu valor social:

“[...] resolvi descansar dei-/xando os textos dormirem na gaveta até que eu/ os pudesse retrabalhar com mais felicidade./ [...] Quando fui/ pra guardar na gaveta aquela pape-/lada imensa [...] não consegui me vencer./ Embora certo de não pegar naquilo tão cedo,/ não sei, tive ciúme, tive a sensação detestavel/ de abandono, de desistência final, si sepultas-/se aquilo na gaveta. Mais outro entre/ os mil e um trabalhos abandonados. Peguei/ com raiva na pasta, a sufoquei sob as/ varias pastas de outros trabalhos em/ andamento, estudos de ofício, obras encomen-/dadas, contos do acaso. Mas sempre estava ali,/ sinão visível, sensível à minha vista e ao/ meu coração. Na verdade, mais que nenhum ou-/tro eu “precisei” criar o “Café”. Ele/ representa um completamento do meu ser,/ uma exigência moral do meu ser”.

⁶¹ Trecho extraído de BRITO, Mário da Silva. *Diário intemporal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, p. 169-170, que modifica trecho da entrevista que ele mesmo fizera em 1943, “Uma excursão pelo fichário de Macunaíma”, recorte na série Matérias extraídas de periódicos, no arquivo do escritor. Entrevista publicada em: ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e depoimentos*. Ed. preparada por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiros, 1983, p. 93-98.

Segundo Flávia Camargo Toni, na tese de livre-docência *Café, uma ópera de Mário de Andrade: estudo e edição anotada*⁶², o início do trabalho no libreto da ópera ocorre quando Mário se aproxima com outros olhos desse tipo de produção artística.

Preocupado com a “importância social do teatro cantado”⁶³, ao idealizar o libreto para a ópera o escritor privilegia massas corais em detrimento de solistas, sendo a única personagem solista a Mãe, “a receptora de todos os sofrimentos”⁶⁴, aquela que em si contém toda a dor da Terra e dos filhos da Terra atingidos pela fome. Nessa época, a preocupação de Mário de Andrade com o papel social da arte manifesta-se, de forma contundente, no ano seguinte, na entrevista a Francisco de Assis Barbosa, ACUSA MÁRIO DE ANDRADE: “TODOS SÃO RESPONSÁVEIS”. OS INTELECTUAIS PUROS VENDERAM-SE AOS “DONOS DA VIDA”, no jornal *Diretrizes*, 6 de janeiro de 1944.

Na mesma “Introdução” ao libreto da ópera, Mário de Andrade explicita o viés de sua criação:

“[...] A minha/ intenção não era, nunca fôra livremente/ estética desde as primeiras preocupações/ que me tomaram com intenção criadora./ Eu carecia da apoteose como uma definição/ que era. Enfim, se tratava muito concien-/temente de um aproveitamento dos valores/ estéticos da beleza para criar uma obra-de-/arte que iria servir de lição. E uma lição,/ eu imaginava, tão intencional,/ que devia se tornar bem clara, bem legível/ e principalmente bem impregnante.[...] Não só a lição do en-/rêdo tinha de ser fácil, não só os textos claros,/ mas a musica facil e clara tambem. Mu-/sica, não banal como certo melodismo ita-/liano, [...] mas/ facil, franca, popular, que o povo saísse can-/tando e assobiando na rua”.

No entanto, o anseio do escritor em ver o povo “assobiando na rua” a música da ópera *Café* não chega a se concretizar. Na “Introdução” ao libreto da ópera, ele mesmo aponta o foco do problema:

“[...] o compositor podia e devia modi-/ficar meus textos livremente, cortando, ajuntando,/ repetindo e o diabo: por outro lado me era/ impossivel deixar de sentir o agrado em que/ ficava de uma ideia mais liricamente expres-/sa, de uma invenção,

⁶² Tese apresentada como um dos requisitos no concurso de livre-docência, no Instituto de Estudos Brasileiros, 2004.

⁶³ V. “Introdução” no manuscrito *Café ópera*, série Manuscritos Mário de Andrade (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

⁶⁴ Idem.

uma imagem, um rit-/mo mais eficaz como valor artistico. Inda por/ cima: sabendo o meu tanto de música, o condicionamento de versos,/ de trechos inteiros à obtenção de um determi-/nado efeito e mesmo de uma exigência tec-/nica exclusivamente de ordem musical, vi-/nham prejudicar inda mais a obra-de-arte/ nos seus textos, isto é, naquilo que, embora secundario como reali-/dade dela, derivava tambem da sua essência mesma,/ do seu assunto e podia, por infeliz, prejudicar a definição ulterior da sua men-/sagem”.

Em dezembro de 1942, o libreto concluído é entregue a Francisco Mignone, a quem cabia transformá-lo em música. No entanto, o excesso de intenções e indicações musicais manifestas por Mário-músico nos próprios poemas e também nas cartas (em que são expostas soluções para a criação) inviabilizam a liberdade artística do compositor que acaba não concluindo o trabalho.

Antes de novembro de 1943, examinando “a possibilidade de transformar” em conto a parcela do romance em que o casal de sírios é apresentado, o escritor relê o manuscrito para localizar os trechos de interesse. Na releitura da 3ª versão da primeira parte do romance *Café*, localiza o trecho em que havia desenvolvido a abordagem do casal de sírios e anota no plano, a grafite, os números das páginas em questão, “p. 20/ p. 32 e ss”; assinala a lápis vermelho trechos das páginas 20, 32, 39-40, 42 e 43 e as páginas de 33 a 38 e 41 inteiras.

Provavelmente derivado da mesma leitura do manuscrito, mas sem deixar marcas no texto, surge o plano de um conto cujo protagonista seria formado pela fusão de dois personagens do romance *Café*: o “aleijado malevo que vivia na escadaria do Correio” e o “marujo que se tatuava”.

Em novembro de 1943, o escritor traça um esquema e o esboço de uma nota para a 2ª edição de *Primeiro andar*, manifestando a intenção de acrescentar ao livro o conto “Os sírios”. A obra de 1926, publicada pela Casa Editora Antonio Tisi, tinha recebido uma “falsa” 2ª edição, em 1932, pela Editora Piratininga, que só havia retirado a advertência inicial e trocado a capa⁶⁵. Em 17 de novembro de 1943, Mário desiste da 2ª edição de *Primeiro andar*, anotando, na folha de rosto do exemplar de trabalho, a tinta vermelha: “Dêste livro/ não se faz reedição/ em vida do autor./ É ruim demais./ S. Paulo, 17-XI-43/ Mario de Andrade”. Em junho 1944, sai, pela Editora Martins,

⁶⁵ MARQUES, Aline Nogueira. “Restituir *Obra Imatura*”. In: ANDRADE, Mário de. *Obra Imatura*. Ed. coordenada por Telê Ancona Lopez. Estabelecimento de texto: Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

Pequena História da Música, volume VIII das Obras Completas. Na lista dessas obras, o número I seria *Obra Imatura*, trazendo: 1 – Introdução, 2 – *Há uma gota de sangue em cada poema*, 3 – Contos, selecionados do *Primeiro Andar*, 4 – *A escrava que não é Isaura*. De fato, a reedição em separado da obra não lhe interessava mais; no conjunto da *Obra Imatura*, no entanto, o texto ganha valor de época. A lista das Obras Completas se repete em setembro de 1944, quando *Macunaíma*, volume IV, chega às livrarias, e em dezembro, na edição de *Amar, verbo intransitivo*, volume III.

Em 25 de setembro de 1944, no papel timbrado do Instituto Nacional do Livro, surge novo plano, intitulado “Os Sirios”, optando-se por esse título em detrimento do título proposto no plano anterior, “O Gamão”; o escritor, a grafite, desenvolve o novo plano, incluindo um fecho para o texto.

Em carta de 20 de agosto de 1944, enviada a Newton Freitas, Mário comenta seu processo de criação e justifica ter deixado o romance *Café* inacabado, revelando as pressões recebidas e, diante delas, a impossibilidade de concluir a grande obra esperada por todos e até por ele mesmo:

“Ah, meu irmãozinho! você alude a sua dificuldade de escrever, dizendo ter inveja da minha facilidade... Si eu lhe confessasse tudo, você ficava horrorizado. [...] A minha única facilidade, acredite, é escrever com regularidade, sempre, nem que seja pra jogar fora. E disso vem a minha produção enorme. E também, esta produção, vem do princípio de transitoriedade da arte que me dei. Como jamais me preocupei de ficar, não faz mal a precariedade que vejo em todas as minhas obras. Só uma vez, o excessivo entusiasmo alheio pela promessa, me pôs na presença do desejo de escrever uma obra que fosse de grande valor, o romance *Café*. Pois tive que desistir: a intenção de escrever uma obra de grande valor (me inculcada pelos outros, isto não há dúvida) me impossibilitou totalmente de escrever e percebi que era uma pretensão. Mas que já não podia mais abandonar. Oh como me perguntavam pelo romance, como me martirizavam o que ia ser. Sofri como um desgraçado e o sofrimento só acabou quando decidi decisivamente abandonar pra sempre o livro. Mas ficou a saudade...”⁶⁶

Na mesma linha de pensamento, refletindo sobre seu processo de criação e o abandono que dá por definitivo ao romance *Café*, expõe a questão a Carlos Drummond de Andrade, em 24 de agosto de 1944:

⁶⁶ FREITAS, Newton (org.). CORRESPONDÊNCIA DE MÁRIO DE ANDRADE. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 17. São Paulo: IEB-USP, 1975, p. 116.

“E então, e também pela criação do *Café* logo depois, principiei dando atenção mais cuidadosa aos meus processos de criação. Não pra modificar coisa nenhuma, não por reconhecer a menor insinceridade nos meus processos de criação, mas pra verificá-los.

“Eu não tenho, como certos escritores dizem ter, pelo menos ‘dizem’, um processo único de criação artística. A não ser isso: estar fatalizado, ser mandado por qualquer coisa que eu não sei bem o que é, que independe de mim, que é superior a mim, e me manda, e sou obrigado a obedecer. Que a ideia primeira seja uma espontaneidade, isso ninguém pode discutir, a psicologia existe. Mas o fato é que jamais, o simples fato de surgir a ideia de tal poema, tal conto, tal isso, me basta. Tomo nota da ideia, isso sim, duns tempos pra cá dato ela e... e espero. Às vezes penso obrigatoriamente nela, pra ver se provooco o estado de criação, [...]. Mas enquanto não estou fora de mim, mandado, não escrevo. E tudo, depois do aparecimento da ideia, varia muito. Às vezes sinto a fatalidade sem que haja ideia primeira. Sento e escrevo o que vem vindo, quando acho bom guardo, quando não presta rasgo. Às vezes o mando vem com a ideia e a coisa se cria imediatamente, mas isto é mais raro. E às vezes espero, espero, e a coisa dura muitos anos pra chegar. [...]

“O resto, as correções, as variantes, tudo isso é duma diversidade de aspectos incontroláveis. Aliás a respeito da minha ideia, ainda tem mais: muitas vezes fica só nisso, e a fatalidade de escrever não chega nunca. O caso mais engraçado disso é o do ‘lindíssimo’ poema da ‘Meditação sobre o Amazonas’, cuja ideia primeira veio nessa viagem. [...] Mas nunca saiu... Abandonei. Abandonei como o romance *Café* só que este, não porque não viesse, mas porque eu não estava mais livre. Quando imaginei neste romance, achei o título tão bom mas tão fácil de qualquer um achar que no primeiro livro que publiquei em seguida anunciei ele entre as ‘Obras a publicar’. Foi o mal. Tanta gente se interessou, tanta imaginou no que ia ser, tanto amigo inocente me perseguiu com perguntas, entusiasmado, aplaudindo preliminarmente aquele... coroamento de carreira que iria enfim justificar o insatisfatório que existe em todas as minhas obras, que me vi, diante do papel branco, não só na obrigação de escrever a obra-prima, mas o que é horrível ainda mais: na intenção, na vontade, de criar uma obra-prima. O que eu sofri, Carlos, você não pode imaginar. Até que um dia desisti, em favor da minha liberdade. Da minha sinceridade.”⁶⁷

⁶⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *Op. cit.*, p. 215-216.

Em 1930, com a publicação de *Remate de males*, o romance *Café* aparecera, como se sabe, na lista de obras em preparo, e a expectativa despertada aos poucos se converte na angústia e no desejo do escritor de criar uma obra-prima. Nesse caso, o inacabamento equivaleria ao resguardo da liberdade, já que permitiria ao criador libertar-se da amarra das especulações dos outros e das cobranças de si mesmo.

Sobre o mesmo problema, Mário de Andrade, em carta de 16 de abril de 1943, pontua sua insatisfação com as especulações de amigos. A Fernando Sabino, que desejava reler a “concepção melodramática” de *Café*, para melhor opinar sobre ela, responde:

“Você me falou que desejava ler outra vez o *Café* pra ter opinião mais livre. Você tem razão, mas antes de mais nada não se esqueça que o *Café* não me satisfaz. Não falo como realização que isso ele não me satisfaça, nem ele nem nenhuma obra minha, nunca. O *Café* não me satisfaz, quero dizer: no sentido de que eu não posso ficar nele. Eu sinto é verdade que, no instante, ele foi um como que completamento de uma etapa. E apenas isso. Está claro que, nesse sentido, ele me completa também, mas eu sei que ele seria um completamento de mim só si eu morresse agora, já, coisa que não parece muito provável. Mas, e agora? o que fazer? Me lembrei de um livro de combate, que se chamaria *Vademecum para os Artistas de boa-intenção*, uma espécie de divagações sobre estética, arte, o artista, funcionalidade da arte, do artista, da obra-de-arte. Guarde pra você o que estou lhe contando. Se trata apenas de um projeto muito vago, de que nada está escrito, só imaginado em desordem. E se você contar vai ser esse sofrimento chato de todo dia a gente escutar ‘E o *Vademecum* como vai?’, coisas assim. [...] Em todo caso, não sei nada e nem a você dou o direito de me perguntar nunca ‘Em que ficou o projeto do *Vademecum*’, te mando naquela parte”.

Décadas depois, outro escritor, João Ubaldo Ribeiro, em entrevista citada por Cecília Almeida Salles em *Gesto inacabado*, declara que, para evitar especulações sobre o progresso de seus textos em fase de criação, nunca os expõe: “Quando você mostra, acontecem duas coisas: ou o sujeito diz que não está gostando e aquilo te traz um grilo horroroso, que te paralisa, ou o sujeito diz que está genial, e você se sente obrigado a ser genial até o fim, o que te paralisa também. Então pra quê mostrar?”⁶⁸.

⁶⁸ Ubaldo se entrega à euforia das palavras. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 4 abr. 1995. Apud: SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado*. São Paulo: FAPESP/ Annablume, 1998, p. 46.

Ao recolher menções ao romance *Café* na correspondência de Mário de Andrade, observa-se como a criação é partilhada com diferentes interlocutores e como, desde o início da redação até a morte do escritor, o texto está presente na preocupação dele.

Um dos dois planos para a transformação do fragmento do romance *Café* em conto – datado “S. Paulo 25-9-44”, isto é, exatos 5 meses antes da morte do escritor – mostra o potencial e a gigantesca carga psicológica do romance *Café*, que, ao não serem objetivados segundo o projeto de Mário de Andrade, haviam-se tornado dínamo gerador de outros projetos. Caixa de Pandora, onde resta a expectativa do vir a ser, promessa anunciada, janela que se abre em janelas nas quais se vislumbram paisagens cada vez mais instigantes.

Bibliografia

1. Obras de e sobre Mário de Andrade

ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. 16^a ed., Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Vila Rica, 1981.

_____. *Aspectos da música brasileira*. São Paulo: Martins, 1965. (Obras Completas de Mário de Andrade).

_____. *Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma*. Edição genética e crítica de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Instituto Moreira Salles/ Instituto de Estudos Brasileiros, 1994.

_____. *Os cocos*. Preparação, ilustração e notas de Oneyda Alvarenga. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: INL/ Fundação Pró-Memória, 1984.

_____. *Contos novos*. 13^a ed. Edição de Maria Célia Paulillo. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Villa Rica, 1990.

_____. *De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade*. Organização, introdução e notas Telê Ancona Lopez. São Paulo: Senac, 2004.

_____. *Dicionário musical brasileiro*. Coordenação de Oneyda Alvarenga e Flávia Toni. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: Ministério da Cultura; São Paulo: IEB-USP/ Edusp, 1989. (Coleção reconquista do Brasil, 2, série. v. 162).

_____. DOIS SÍRIOS. *Ilustração Brasileira*. a. 11, nº 116. Rio de Janeiro, abr. 1930.

_____. *Ensaio sobre a música brasileira*. São Paulo: Martins, 1962. (Obras completas de Mário de Andrade).

_____. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez, coord. 2^a ed., Paris/ Madri/ México/ Buenos Aires/ São Paulo/ Rio de Janeiro/ Lima: Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes du XX^e siècle/CNPq, 1996. (Coleção Archivos).

_____. *As melodias do boi e outras peças*. Preparação, introdução e notas de Oneyda Alvarenga. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: INL, 1987.

_____. *Música e jornalismo: Diário de S. Paulo*. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas de Paulo Castagna. São Paulo: Edusp/ Hucitec, 1993.

_____. A NEGRADA. *Movimento Brasileiro*, a. 2, nº 16. Rio de Janeiro, abr. 1930, p.
10-2. (ilustração: desenho de Di Cavalcanti).

ANDRADE, Mário de. “Na pancada do ganzá. Prefácio”. In: LOPEZ, Telê Ancona. UM PROJETO DE MÁRIO DE ANDRADE. *Arte em revista*, a. 2, nº 3. São Paulo: Centro de Estudos de Arte Contemporânea, p. 52-8, 1980.

_____. *Obra Imatura*. Ed. coordenada por Telê Ancona Lopez. Estabelecimento de texto: Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

_____. *Poesias Completas*. 1ª ed., São Paulo: Martins, 1955.

_____. *Poesias Completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987.

_____. *Quatro pessoas*. Notas críticas de Maria Zélia Galvão de Almeida; posfácio de Tereza de Almeida. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

_____. *O Turista Aprendiz*. 2ª ed., Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

_____. *Vida do cantador*. Edição crítica de Raimunda de Brito Batista. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Vila Rica, 1993.

MACHADO, Marcia Regina Jaschke. *Manuscritos de outros escritores no Arquivo Mário de Andrade*: perspectivas de estudo. São Paulo: Linear B/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2008.

PINTO, Edith Pimentel. *A gramatiquinha de Mário de Andrade*: texto e contexto. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 36. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros-USP, 1993.

2. Correspondência de Mário de Andrade

ALVARENGA, Oneyda (org.). *Cartas Mário de Andrade e Oneyda Alvarenga*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

AMARAL, Aracy (org.). *Correspondência de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral*. São Paulo: Edusp/ Instituto de Estudos Brasileiros, 2001 (Coleção Correspondência de Mário de Andrade; 2).

ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *A lição do amigo – Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

ANTELO, Raúl (org.). *Cartas a Murilo Miranda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

- BANDEIRA, Manuel (org.). *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Simões, 1958.
- BATISTA, Marta Rossetti (org.). *Cartas a Anita Malfatti*. São Paulo: Forense Universitária, 1989.
- BORBA, José César e MOREL, Marco (org.). *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- BRANCO, Heitor Castello. *Macunaíma e a viagem grandota*. São Paulo: Quatro Artes, 1970.
- CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade: exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- FERNANDES, Ligia (org.). *71 cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: São José, s.d., p. 86.
- FROTA, Lélia Coelho (org.). *Cartas de trabalho. Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade. 1936-1945*. Brasília: MEC/SPHAN/PRÓMEMÓRIA, 1981.
- KOIFMAN, Georgina (org.). *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto - 1924/36*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp/ Instituto de Estudos Brasileiros, 2000 (Coleção Correspondência de Mário de Andrade; 1).
- SABINO, Fernando (org.). *Cartas a um jovem escritor*. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- SENA, Homero (org.). CARTAS DE MÁRIO DE ANDRADE A SOUZA DA SILVEIRA. *Revista do Livro*, a. 7, nº 26. Rio de Janeiro, 1964.

3. Estudos de crítica genética

- Avant-texte, Texte, Après-texte*. Paris: CNRS, Budapeste: Akademia Kiado, 1982.
- BIASI, Pierre-Marc de. “La critique génétique”. In: *Introduction aux méthodes critiques pour l’analyse littéraire*. Paris: Bordas, 1990.
- BRUN, Bernard (org.). *Carnets d’écrivains*, nº 1. Paris: CNRS, 1990.
- CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literária* (1959). São Paulo: Humanitas, 2005.
- I Encontro de Crítica Genética e Textual: o manuscrito e as edições*. São Paulo: FFLCH-USP, 1986.

II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: a eclosão do manuscrito. São Paulo: FFLCH-USP, 1990.

III Encontro de Ecdótica e Crítica Genética. João Pessoa: Idéia, 1993.

Essai de critique génétique. Paris: Flammarion, 1979.

Estudos Avançados. São Paulo: IEA-CODAC-USP, jan.-abr. 1991, vol. 5, nº 11.

FARGE, Arlete. *Le gout de l'archive.* Paris: Seuil, 1989.

FIGUEIREDO, Tatiana Longo. “A presença das notas de trabalho, das matrizes e da marginalia na criação do romance *Café*, de Mário de Andrade”. In: *Processo de Criação e Interações: a crítica genética em debate nas artes, literatura e ensino.* IX Congresso da APCG Associação dos Pesquisadores de Crítica Genética. Belo Horizonte, 2008, p. 337-341.

_____. “Viagem e criação em Mário de Andrade”. XI Congresso Internacional da Abralic. Universidade de São Paulo. São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008 (comunicação no simpósio “Crônica e diário: gêneros híbridos I”), publicação eletrônica no *site* da Abralic.

Fronteiras da criação: Anais do VI Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2000, p. 139-162.

Gênese e memória: anais do IV Encontro Internacional do Manuscrito e de Edições. São Paulo: Annablume/ Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, 1995.

Genèses du roman contemporain. Incipit et entrée en écriture. Paris: CNRS, 1993.

GRÉSILLON, Almuth. *Éléments de critique génétique.* Paris: PUF, 1994.

HAY, Louis. *La littérature des écrivains. Questions de critique génétique.* Paris: Corti, 2002.

HAY, Louis (org.). *Les manuscrits des écrivains.* Paris: Hachette/ CNRS, 1988.

_____. *Le manuscrit inachevé: écriture, création, communication.* Paris: Éditions du CNRS, 1986.

JOSSERAND, Sylvie. *Édition génético-critique d'un roman inédit et inachevé de Mário de Andrade: Café.* Orientadores: Prof^ª. Dr^ª. Telê Ancona Lopez e Prof^ª. Dr^ª. Jeanine Potelet. Tese de doutoramento apresentada ao Département d'Études Ibériques et Latino-américaines da Université de Paris X – Nanterre, novembro de 1989.

LEONEL, Maria Célia. *Guimarães Rosa: magma e gênese da obra.* São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

- LIMA, Sônia M. van Dijck. *Gênese de uma poética da transtextualidade*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1993.
- _____. *Escritura de Sagarana*. São Paulo: Navegar, 2003.
- LOPEZ, Telê Ancona. “Matrizes, marginália, manuscrito”. In: *Anais: Congresso da ABRALIC — Literatura e memória cultural*, vol. 1. Belo Horizonte: ABRALIC, 1991.
- _____. *Macunaíma: A margem e o texto*. São Paulo: Hucitec/ Secretaria da Cultura, Esporte e Turismo, 1974.
- _____. *Mário de Andrade: ramais e caminho*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.
- Manuscrita: revista de crítica genética*, nº 1-15. São Paulo: Associação dos Pesquisadores do Manuscrito Literário.
- MARQUES, Aline Nogueira. *Catálogo analítico dos dossiês literários com exemplares de trabalho de Mário de Andrade: caminhos da criação*. Orientador: Marcos Antonio de Moraes. Dissertação de mestrado FFLCH-USP, 2009.
- La Naissance du Texte*. Paris: CNRS, 1987.
- PINO, Claudia Amigo. *Escritura da Ficção*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- Processo de Criação e interações: a crítica genética em debate nas artes, literatura e ensino*. IX Congresso da APCG. Associação dos Pesquisadores de Crítica Genética Belo Horizonte, 2008 (Anais do Congresso).
- SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1992.
- _____. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP/ Annablume, 1998.
- _____. *Redes da criação*. Construção da obra de arte. São Paulo: Ed. Horizonte, 2006.
- SANTOS, Tatiana Maria Longo dos. *Edição genética de Vento, esboço de um romance de Mário de Andrade*. Orientadora: Telê Ancona Lopez. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2001.
- WILLEMART, Philippe. *Além da psicanálise: a literatura e as artes*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.
- _____. *Bastidores da criação literária*. Prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: FAPESP/ Iluminuras, 1999.
- _____. *Crítica genética e psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. *Educação Sentimental em Proust*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- _____. *A pequena letra em teoria literária* (A literatura subvertendo as teorias de Freud, Lacan e Saussure). São Paulo: Annablume, 1997.

- _____. *Proust, poeta e psicanalista*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- _____. *Universo da criação literária*. São Paulo: Edusp, 1993.
- ZULAR, Roberto (org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP/CAPES, 2002.

4. Estudos de folclore

- ARAÚJO, Raimundo. *Cantador, verso e viola*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974.
- AYALA, Maria Ignez Novais. *No arranco do grito: aspectos da cantoria nordestina*. São Paulo: Ática, 1988.
- CARVALHO, Rodrigues de. *Cancioneiro do norte*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1903.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 2ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.
- _____. *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984. (Coleção Reconquista do Brasil, nova série, v. 81).
- _____. *Viajando o sertão*. Natal: Imprensa Oficial, 1934.
- Chico Antônio no balanço do ganzá*. (encarte do disco). Rio de Janeiro: Funarte/ Instituto Nacional do Folclore/ Edições Tacape, 1982 (gravação feita por Cecília Conde, José Maria Neves e Conrado Silva nos dias 28 de agosto e 26 de setembro de 1982).
- GIFFONI, Maria Amália Corrêa. *Danças folclóricas brasileiras e suas aplicações educativas*. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- MELO, Veríssimo de. *Folclore brasileiro: Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Funarte, 1977.
- MOTTA, Leonardo. *Cantadores: poesia e linguagem de sertão cearense*. Rio de Janeiro: Castilho, 1921.
- SOUTO MAIOR, Mário. *Nordeste: a inventiva popular*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978.
- TONI, Flávia. “Mário de Andrade e a missão de pesquisas folclóricas”. *Neo: o 1º CD-ROM multimídia do Brasil*, nº 8. São Paulo, 1996.

EDIÇÃO DA PRIMEIRA PARTE DO ROMANCE.
INTERSECÇÃO DAS TRÊS VERSÕES CONHECIDAS

DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS

C A F É/ (S. Paulo-13-VI-1929)/ INÍCIO

Primeira versão conhecida da primeira parte do romance, datada pelo autor “S. Paulo-13-VI-1929”; datiloscrito original, fita preta; 69 folhas de papel branco, filigrana (33,1 x 21,6 cm), numeradas pelo autor. Marcas de oxidação em todas as folhas; rasgamento na borda direita das folhas 32 e 56; marca de queimado na borda inferior da folha 1. Notas MA: a lápis vermelho: “1ª versão”, na folha 1; a grafite: números entre parênteses destacados por círculo a lápis vermelho, nas páginas 12, 17, 21, 26, 28, 33, 39, 46, 54, 56, 60 e 69, indicando o vínculo com notas de preparo.

C A F É/ (romance)/ (S, Paulo,13-VI-1929)/ INÍCIO

Segunda versão conhecida da primeira parte do romance; versão parcial, datada pelo autor “S, Paulo, 13-VI-1929”; datiloscrito original, fita preta; 9 folhas de papel jornal (32,1 x 21,5 cm), numeradas pelo autor. Canto superior esquerdo e borda direita da folha 1 rasgadas; rasgamentos na borda direita de todas as folhas, exceto folha 5, na borda inferior das folhas 2 e 7, na borda superior das folhas 2, 7 e 8 e na borda esquerda da folha 1. Nota MA: a lápis vermelho: “1ª versão”, na folha 1.

C A F É/ “A Noite de Sábado”/ Primeira Parte

Terceira versão conhecida da primeira parte; datiloscrito original, fita preta; 74 folhas, numeradas pelo autor de 1 a 75; papel verde (32,6 x 21,7 cm); datiloscrito original, fita preta, mimeografada em 1 folha de papel branco (32,8 x 22,0 cm), folha 60. Rasgamentos nas bordas: superior das folhas 1, 10, 13, 17, 69; direita das folhas 1 e 7; inferior das folhas 6 e 7 e esquerda da folha 3. Borda direita da folha 5 amarelada. Bordas corroídas por insetos: superior da folha 20; inferior das folhas 12, 14, 60, 68 e 74; direita das folhas 13, 17 e 60; perfuração na folha 66. Título escrito em duas etapas: 1ª) datiloscrito original, fita preta: “Café” e “Primeira Parte”; 2ª) autógrafo a lápis vermelho entre aspas: “A Noite de Sábado”. Nota MA: a grafite: “Agora vos contarei em seis lições a vida do/ Cantador”.

CÓDIGO DAS CORES UTILIZADAS NA EDIÇÃO

Ao fazer a edição desta parte do romance, tomei por base o texto da terceira versão, a última versão conhecida do texto. Portanto, a transcrição diplomática corresponde a esta versão e engloba a numeração das linhas e das páginas.

Para marcar as alterações que se processam de uma versão para outra utilizei o seguinte código de cores:

Versão 1 – cor preta

Versão 2 (parcial) – cor azul

Versão 3 – cor vermelha

Desta forma, as palavras grafadas em preto foram aquelas que não sofreram alterações na passagem de uma versão para outra. O emprego das cores visou permitir, na leitura do texto, até ao não especialista em crítica genética, o acompanhamento das alterações impostas pelo escritor na passagem das três versões, no movimento da criação. Cabe salientar que a escolha de cores não corresponde à ideia de correção, como a cor vermelha poderia supor; na verdade as cores foram escolhidas porque proporcionam melhor contraste na página.

No aparato genético, aqui apresentado até a página 47, marquei as etapas e rasuras que equivalem a cada uma das diferentes versões usando o mesmo código de cores. Nele são apresentadas as seguintes etapas na escritura:

(A): etapa subjacente, emendas que surgem no correr da escritura;

A: leitura imediata;

(A¹): etapa subjacente à etapa A¹;

A¹: etapa posterior à finalização da versão, quando o escritor, crítico de si mesmo, traça ou sobrepõe reformulações por meio das rasuras;

A²: sobreposição de novas rasuras decorrentes de releitura.

Tipos de rasura:

* * substituição

deslocamento

> < supressão

^ ^ correção

= = confirmação

\ \ inversão na ordem do pensamento

@ @ alteração na pontuação

∫ ∫ hesitação

⊗ ⊗ interpolação

Visando deixar o aparato genético menos anotado, não me ative às rasuras de correção referentes à adequação da divisão silábica em finais de linha ou à correção de erros datilográficos na etapa subjacente, ou seja, aquela em que as emendas surgem no correr da escritura.

Título: “C A F É” (versão 1), substituída a apresentação para duplo sublinhado na versão 2: “C A F É”, mantido inalterado na versão 3.

Identificação de gênero, datiloscrito, fita preta, acrescentada entre o título e a data: “(romance)” na versão 2, suprimida na versão 3.

Data, datiloscrito, fita preta, entre o título e a indicação da parte: “(S. Paulo-13-VI-1929)” (versão 1), é mantida com pequena variação: “(S, Paulo, 13-VI-1929)” na versão 2, suprimida na versão 3.

Nota MA, a lápis vermelho, na margem superior direita, identificação da versão do texto: entre o título e o corpo do texto: “1ª versão”, mantida inalterada na versão 2: “1ª versão”, suprimida na versão 3.

Identificação da parte: “INÍCIO” (versão 1), substituída a apresentação para duplo sublinhado na versão 2: “INÍCIO”, substituída na versão 3 para “Primeira Parte” com o acréscimo do título: “A Noite de Sábado”, entre aspas.

Nota MA, a grafite, antes do início do texto da versão 3: “Agora vou cantarei em seis lições a Vida do Cantador”

linha 2: A': as *vistas* passando A: não >lhe< *permitira* mais (A): passando +pelo trem+ Ficara

linha 3: (A): es-/tado +suave+ de paciência >e doçura< que A: quando >estão<

linha 4: A': ca-/ceteados. >O corpo dele< ^não^ procurara (A): reagir@+,+@ *olhando* os

linhas 4-5: (A): alimentação *do* pensamento A: desaparecido *na alimentação* dum A': desaparecido *nas dobras* dum A': ou *desaparecido na ramagem dum* pensamento

linha 5: (A): relaxação *da vida*

linha 6: (A): com o *vacuo* vazio A: em que *a paciência* se (A): em que *o corpo* se

linhas 6-7: A: vegetalisa, *inexperiente como Deus*

linha 8: A': fora >num côro populoso de Chegança< (A): luzes *cantavam* lá fora *em* fios

linha 9: A: oferecia >pra êle< novamente +ao moço+ o (A): iluminada *oferecia* propiciava novamente *ao moço* o A: iluminada *propiciava* novamente ao cantador *o uso do olhar* A': iluminada *obrigava* >novamente ao cantador a se perceber.< Toda (A): cidade *grande* @+,+@ toda

(A): *Toda aquela gente* ^preparando^ pra descer.

linha 12: (A): Um riso #brus[co]# de frio (A): Um >riso< frio brusco A': brusco +o+ *enlaçou a cintura dele e ficou dependurado* nas mangas A': ergueu >Um frio brusco o rodeou, limitando< +e ficou bem ridiculo =nas+= nas (A): *Chico Antonio* se ergueu@>.<@

linha 13: (A): que >pra cima< alem (A): botinões@+,+@ mostravam

linhas 13-14: A: meia. *A roupa* quase estourou ^abotoada^ (A): estourou@+,+@ abotoado

linha 14: A': abotoado. *Chico Antonio* sacudiu

linha 15: (A): folgado@>,<@ *porêm* a (A): folgado@+,+@ mas A': descendo@+,+@ o

linha 16: (A): planos *de* musculatura A': e *se alisava nas ondas* da (A): nascen- /ça@+,+@ e A: indicando *um* corpo

linha 18: A: >Então< ^o^ trem parou. Chico Antonio deu +um+ bruto

linha 20: A': dona, >eu< tava

linha 21: (A): que *era* fôra de proposito@+,+@ foi (A): Ficou *rindo*. A mulher achou que fôra de-proposito, *foi* se defender (A): >Ficou sorrindo.< A mulher *achou* que fôra de proposito, quis *se defender*@+,+@ mas recebeu em ^coe^ cheio

linha 22: (A): tão *sinceros* que *sofreu.*

linhas 22-23: (A): Chico Antonio continuava *rindo* sem compreender o que se passava na mulher.

(A): Chico Antonio *continuava* +pra ela+ sorrindo >sem compreender o que se passava na mulher.< Era

linha 23: A: ^Fal/tavam-lhe^ os A': os >quatro< dentes (A): *^Faltavam-lhe^* os

linha 24: (A): superior. Isso +a princípio+ desajeitava #a princípio# +um bocado+ o (A): superior@.@ *Isso* a princípio A': contemplar >, porém excitavam a falha uns beijos esbarrados duma permeabilidade conquistadora< Toda (A): contemplar. *Toda a gente já descera,* Perto A': Perto *deles* não (A): +De repente+ a mulher *se sentiu* tão

linha 26: (A): fugindo +incapaz de reagir+ danada

linha 27: A: o “semvergonha”@>,<@ +e+ fragilima. A': o “semvergonha”. >e fragilima.<

linha 28: A: lata@+,+@ >e< A': lata, +=e+= erguia

linha 29: (A): *estava* suspendia A': *suspendia* a trouxa A': fôra >e apesar das janelinhas fechadas:< A: trouxa@+,+@ quando os vidros ^quasi^ quebraram

linha 30: (A): Antonio! ^desce^@!@ é

linha 31: (A): Os olhos do *moço* suspenderam (A): ^Os^ >olhos do<rapaz ^suspenderam^ *a vida de novo, contemplando* a figura

C A F É
“A Noite de Sábado”
Primeira Parte

Agora vos contarei em seis lições a vida do
Cantador

Chico Antonio apenas se percebera um pouco enfarado quando a noite caída não **permitiu** mais enxergar as paisagens passando **pelo trem**. Ficara nesse estado suave de paciência que no geral veste os incultos quando caceteados. Não procurara reagir, **examinando** os outros viajantes ou **metido**
5 **nalgum** pensamento. Se mantinha, um bocado maior pela relaxação **do físico**, nessa intimidade com o vazio, em que **o ser** se vegetaliza, **bom, quase desaparecido**.

Mas agora as luzes **pipocavam** lá fóra, **aos** fios, aos grupos, e uma cidade **enorme**, toda iluminada, **aparecia**. **Os viajantes preparavam** pra descer.

10 – Faz favor, dona, é São Paulo?
– É.

O cantador se ergueu **e ficou bem ridículo** nas mangas curtas e nas calças tão insuficientes que, além dos botões, mostravam um naco de meia. O palitô quasi estourou, abotoado. **O cantador** sacudiu as pernas pra ver si as
15 calças descendo, o deixavam mais folgado, mas a roupa era apertada de nascença, **e se alisava nas ondas** da musculatura, indicando **o** corpo de boa proteção.

O trem parou. Chico Antonio deu um bruto dum encontrão nos vizinhos e caiu na risada. A mulher olhou pra êle com raiva.

20 – Desculpe, dona, tava distraído.

A mulher **achava** que fôra de-proposito, **quis ofender**, mas recebeu em **\$eoe\$** cheio uns olhos tão **bonitos** que **sentiu-se infeliz**. Chico Antonio **olhava pra ela sorrindo**. Era banguela. Faltavam ~~he~~ os dentes da frente no maxilar superior, **o que** a princípio desajeitava um bocado o gosto de o contemplar. **Per-**
25 **to dos dois não tinha mais ninguém**. De repente a mulher **se percebeu** tão sozinha dentro da honestidade que partiu fugindo, **incapaz de reagir**, danada com o “semvergonha”.

Chico Antonio suspendeu do entremeio dos bancos o baúzinho de lata, **e** erguia a trouxa, quando os vidros quase quebraram com as batidas de fóra.

30 – Êh! Chico Antonio! **Desce, é aqui!**

O rapaz suspendeu a colheita dos badulaques, pra contemplar a figura do velhote fóra. Murmurou suavíssimo:

– Ôh, seu João!...

linha 34: A: não *sei o que lá*, “não (A): não se *ouvira* direito
 linha 35: (A): terens”, *desça* logo!”@.@ (A): logo@>!<@”...
 linha 36: (A): vou@>,<@ sim. (A): vou@+,+@ +nhor+ sim.
 linhas 37-38: (A): do ^porta-maletas^ (A): vistosa, +caramelos+ “Renda (A): porta-maleta
 um canudo comprido fechado *nos* lados por *espelhos*@.@ ^de^ lata vistosa, caramelos
 >“< Renda, Piori & Irmão>”<, de (A): o canudo \de lata vistosa, caramelos Renda, Piori
 /ri & Irmão, Recife, tapado aos lados por espelinhos de tostão\ O
 linhas 38-39: (A): canudo *fez* um ruído
 linha 39: (A): a que *Chico Antonio* ligara (A): ganzá@+,+@ a que
 linha 40: A': lapso: “carraga-lo”
 linhas 40-41: (A): tiracolo >Pôs o< Seu A: João@+,+@ +a vista do ganzá+ absorvia A': do
 ganzá absorvia o mundo A: gargalhada. >#á vista do ganzá< (A): gargalhada
 +mãi+. Chico Antonio A': gargalhada ^mãi^. (A): *Chico Antonio* sorriu
 linha 42: (A): trouxa *dos* dedos
 linha 43: A': ondulado >de canavial<. A: bancos@+,+@ num
 linha 44: A: abraçava *de todos os lados e tanto* >que<@+,+@ Chico Antonio
 linha 46: A: gente ir>-se< embora
 linha 47: (A): que eram +por enquanto+ apenas (A): por enquanto #eram# A: Respondia
 ^ás^ próprias
 linha 48: (A): exorbitar *de* numa alegria de saudades *alegres do*\ pelo A: apenas >um<
 pretexto A': saudades *pelo* passado (A): pra *exorbitar* numa
 linha 49: A': sertanejo >que a< +imposto pela+ presença do moço >impunha pra êle<\. Chico
 linha 50: (A): tinha *que* individuo A: sorrindo >sempre< naquele (A): sobre o *velhinho*,
 sorrindo
 linha 51: (A): afeto, seu João *era* bom... A': afeto >, seu João tão bom...< (A): diante
 dum afeto.
 linhas 52-53: A': >E< ^pra^ *Chico Antonio* então +Chico Antonio+\ era (A): *Pra* seu João
 +não dava tento nisso, abraçando mais, beijando com as fra-/ses.+ Chico Antônio era +pra êle+
 uma esperança ^acumulada^ +em admiração+@+,+@ desde
 linha 54: A': Assú, >cheiroso de sujeira<, um (A): em que >sem eira nem beira, piassote< parido
 sem *pais* mãe
 linha 55: A: na *beira* do açude (A): seridôense, +já+ gasto A': dia +Chico Antonio+ surgira
(A): dia/ *Chico Antonio* surgira
 linha 56: (A): e *#depois# de* horas
 linha 57: (A): horas *de espantar* e *acalantar* sertanejo@+,+@ com a preciosidade do canto@, @
 afinal
 linha 58: (A): descansava, *turtuveando* tonto A: mas +com+ algum A': com >algum< brote
(A): descansava +por aí+, tonto
 linha 59: (A): cruzado ^pra >de[sse]<^ que dêsse A': morador *numa* fazenda
 linha 60: (A): Além *de* rezas@+,+@
 linha 62: (A): até +os+ vinte anos
 linha 63: (A): depressa@+,+@ e, (A): *Depois* a aventura (A): depressa, e @>,<@ não
 linha 64: A: que *sem querer*@+,+@ por causa A': que@+,+@ por acaso A': mocidade@+,+@
 êle A: perdera, *Chico Antonio* (A): perdera, *O cantador* (A): que@>,<@ por
 linhas 64-65: (A): Chico Antonio *partira* buscando
 linha 65: A': folha *da^ sertão da* Paraíba
 linha 66: A: dele *foi ganhando* cor e recolheu *calor* e (A): cor@+,+@ *e recolheu* +a+
 quentura e ouro *de* Sol
 linha 67: (A): disposição *Teve que* partir (A): *Sol*. +Chico Antonio+ ^vencia^ facil nos
 desafios@+,+@ #Chico Antonio# ganhava
 linhas 67-70: A: +cil nos desafios e Chico Antonio ganhava sem dis-/posição. Teve que partir outra vez e
 calejou a vaida-/de em Pernambuco, de novo na Paraíba e por/ fim nos engenhos do Estado
 natal, onde parou. Parou/ porquê a Izabel era mais protegida que êle, e não carinhava sem
 casar+
 linha 68: (A): vez e *calejou* a
 linha 69: A: do ^Estado^ natal,
 linha 70: (A): mais *forte* que êle, não *acarinhava* sem casar. *Chico Antonio*, não

- Mas o velhote berrava gesticulado, não se **escutava** direito, “não es-
 35 queça os terens”, “**desce** logo”...
 – Já vou, **nhor** sim.
 Tirou do porta-maleta o canudo **de lata vistosa, caramelos Renda, Prio-**
ri & Irmão, Recife, tapado aos lados por espelinhos de tostão. O canudo **ge-**
meu um ruído chiado de chumbo. Era o ganzá, a que o **coqueiro** ligara as pon-
 40 tas com um barbante pra carr[e]ga-lo a tiracolo. Seu João á vista do instru-
 mento, sorvia o mundo numa gargalhada **mãe.** O **cantador** sorriu de conivência.
 Apertou o baúzinho debaixo do braço, pingou a trouxa **nos** dedos, e sem pres-
 sa foi seguindo de banda entre os bancos, num movimento ondulado.
 Na plataforma seu João o abraçava **que mais o abraçava,** Chico
 45 Antonio principiou desapontando.
 – É melhor a gente ir-**se** embora, seu João...
 Seu João falava. Respondia **às** próprias perguntas que **por enquanto eram**
 apenas pretexto pra **disparar** numa alegria de saudades **do** passado sertane-
 jo, **imposto pela presença do** moço. Chico Antonio, da altura invulgar que tinha
 50 pra individuo nordestino, descia os olhos sobre o **velho,** sorrindo naquele de-
 saponto inexato em que ficava sempre diante **dos afetos.**
Mas seu João não dava tento nisso, abraçando mais, beijando com as fra-
ses. Chico Antônio era **pra êle uma esperança acumulada em admiração,** desde
 os tempos em que, **\$piasote\$** parido sem **\$pais\$** mãe nos carnaubais do Assú, um dia
 55 **o menino** surgira na praia do açude seridôense, **já** gasto de experiência e en-
 vilecido pela magrem. Puxava o ganzázinho do bolso da calça e **por** várias
 horas **espantava** e **acalantava** sertanejo, com a precocidade do canto. **Depois**
 descansava **por aí,** tonto do esforço e de cachaça, mas com brote na barriga e
 algum cruzado pro que desse e viesse. Seu João era casado, morador duma fa-
 60 zenda de algodão. Além **das** rezes, uma filharada na qual tres boiatos na ida-
 de do rapsodinho. Teve pena. Levou mais êsse pra casa, e foi numa bondade in-
 visível que Chico Antonio cantou e trabucou até **os** vinte anos.
Então a aventura deu pra caminhar depressa, e não querendo casar com a
 moça que por acaso, por causa só da mocidade, êle perdera, **Chico Antonio par-**
 65 **tiu** buscando os montes sem folha do sertão da Paraíba. Vivera por lá aven-
 turando. A voz dele ganhava côr, **parecendo recolher** a quentura e ouro **do**
sol. **Chico Antonio** vencia facil nos desafios, ganhava sem disposição. **Deu pra**
 partir outra vez e **andou calejando** a vaidade em Pernambuco, de novo na Pa-
 raíba e por fim nos engenhos do **estado natal,** onde parou. Parou porquê a Iza-
 70 bel era mais **protegida** que êle, não **carinhava** sem casar. **E o coqueiro,** não po-

linha 71: A: Antonio *o quê que havia de fazer?*@+,+@ casou. (A): ^Zó^ Só +ali+ pelo quarto ou quinto dia de casamento >é que< percebeu (A): casou. >Só< Ali

linha 72: (A): e >mais< uma (A): mulher *por continuidade e uma casa com sustento necessario*. Não imaginou nisso >tudo< por

linha 73: (A): pusera +de novo+ na

linha 74: (A): João@+,+@ +que agora êle+ estava repetindo. A: êle *estava repetindo*. Sentiu

linha 75: A: vagamente@+,+@ (A): e *percebeu* que (A): que *seu João* havia

linha 75: A: Paraíba@+,+@ A: que *seu João* andava

linha 77: (A): pro ^sul^. (A):sem os >tres< filhos *moços* que (A): pro ^Sul^.

linha 78: A: Resolveu *visitar o velho* e (A): Resolveu *visita-lo* e (A): *Resolveu* visitar seu João@+,+@ e *nas duas horas da* noite

linha 80: A: arranco@+,+@ aos (A): arranco aos *gritos* >de “Seu João! seu João” de Chico Antonio< *aos chama[dos]* as

linha 82: (A):ali, +era+ outro

linha 83: A: João *fora+se+* embora (A): embora *^pra^ São Paulo* Sul A: João *fôra>-se<* embora pro ^Sul^@, @ ^e^ a

linha 84: A: e *Izabel* deram (A): sensação *de* baque *ou morte*. Na A: Chico Antonio e +a+ mulher

linha 85: A: Parelhas@+,+@ e Izabel fatigada@+,+@ >já< principiou (A): fatigada =já= principiou (A): Izabel@+,+@ *fatigada*, já principiou pesando *pro* moço

linha 86: A: era *do* outro A: que@+,+@ á vista da Borborema@+,+@ teve (A): ^á^ vista +do paredão+ da Borborema@+,+@ *teve desejo de* saber

linha 88: A: tudo >e Chico Antonio soube tudo<. De (A): filhos >pri[meiro]< mandaram

linha 89: A: duzentos *milreis*. (A): +uma+ dinheirama verdadeira, duzentos mirras, +sim senhor!+ Depois

linha 90: A: carta@+,+@ ^porêmem o (A): tempos +que+ ninguém A: recebia \mais carta\, ^porêmem o

linha 91: (A): estava/ *prosperando muito*

linhas 91-92: (A): Santa Eulalia *São Bento de Araraquara* Estado (A): Santa Eulalia, +que ficava mesmo na beira da+ *estrada de [Ferro Paulista, Estado de São Paulo]* +, deram a direção.+ Chico Antonio A: paulista@, @ ^deram^ a

linha 92: (A): um *cartão* lindo

linha 95: (A): saudades *pra* todos do ^João^ o (A): no *cartão*.

linha 97: A: ageitando *bem* o sêlo.

linha 98: A: agencia *mais* feliz. (A): agencia *completamen[te]* =bem= feliz A: da ^agencia,^ bem A: sofria,^

linha 100: (A): frequentando *os caminhos* que

linhas 100-101: A: que +Chico Antonio+ *andava*

linha 101: (A): fazia >de cá pra lá< nos

linha 102: (A): um *dêsses martelos* obsecantes A: sorria. ^Imagina^

linha 103: (A): Santa Eulalia *São Bento de Araraquara* Estado de São Paulo, que alegria que +não+ dava (A): Santa Eulalia, >Estrada de Ferro Paulista, Estado de São Paulo< que alegria que não dava *pra* seu

linha 104: (A): desaparecera ^dos^ sentimento. (A): desaparecera *do sentimento*. Não A: Izabel >já< lhe desaparecera dos ^calculos^. Não

linha 105: (A): mais >#lhe#< daria +pra êle+ (A): mais *daria pra êle* +por causa dela,+ aquela sensação

linha 106: (A): Gosava-a *toda noite* A: desagrada-/vel de *lentidão* que tivera ^á^ vista da Borborema. *Gosava-a* de-noite

linha 107: (A): camarinha #era a# pros dois era a mesma, vivia de corpo *equilibrado* >porquê< completo A: mesma@+,+@ (A): a [camarinha/ rêde] pros dois A: a >camarinha< rêde >pros dois< era

- dendo aguentar mais, casou. Ali pelo quarto dia de **casado**, percebeu que agora possuía mulher **pra sempre e casa pra sustentar**. Não imaginou nisso por estas abstrações, porém a consciência do casamento lhe pusera **de novo** na lembrança a imagem de seu João, **que agora êle repetia**. Sentiu carinho
- 75 e **imaginou** que **o pai** havia de gostar daquele fim. Subera vagamente, inda nos tempos da Paraíba, que o velho andava meio atrapalhado com duas sêcas gêmeas e, de mais a mais, sem os filhos **machos** que tinham partido pro sul. **Decidiu** visitar **seu João, e naquela mesma** noite, êle e Izabel largavam pé na estrada[,] rumo do Seridó.
- 80 Pelo meidia do terceiro arranco, ~~\$aos-chama\$~~ às batidas do cantador, um homem de nariz meio acurvado, olhos suaves e barbinha rala, imagem de Jesus, surgiu na porta do rancho conhecido. Não havia mais seu João ali, **era** outro morador, outra família, seu João fôra-~~se~~ embora **pro \$São-Paulo\$ sul**. **E** a sensação **dum** baque **forte**. Na vila sabiam melhor. Chico Antonio e **a** mulher deram um
- 85 pulo até Parelhas; e Izabel, **fatigadissima**, **já** principiou pesando **ao** moço que, **à vista do paredão** da Borborema, **desejou** saber como era o outro lado de lá.
- Em Parelhas os conhecidos sabiam tudo. De primeiro os filhos mandaram **uma** dinheirama verdadeira, duzentos mirras, **sim senhor!** Depois chamaram o
- 90 pai. Ha que tempos **que** ninguém não recebia **carta mais**, porém o velho estava **enriquecendo completamente**, colono da fazenda Santa Eulalia, **que ficava mesmo na beira do \$estrada-de\$ trem-de-fe[rro] paulista**. **Deram a direção**. Chico Antonio foi comprar um **postal** lindo, moça mais moço se beijando e algumas pombas. “Estou morando no engenho Bom Passar, junto de Penha. Muitas saudades
- 95 **a todos do Chico Antonio**”, o dono da mercearia escreveu pra êle no **postal**.
– Grude o sêlo... Não! passe a língua atrás, tem cola.
- Chico Antonio levou tempo, ajeitando carinhosamente o sêlo. Depois saiu da agência, bem feliz. E desta vez, em dois arrancos, mais a Izabel que sofria, chegou em Bom Passar.
- 100 Porém a imagem de partir ficara frequentando **as caminhadas** que Chico Antonio fazia nos trabalhos soltos do engenho. Às vezes parava de repente **uma dessas emboladas** obsecantes que cantarolava dia inteiro, sorria. **Magina** só êle estourando em Santa Eulalia, que alegria que não dava **a** seu João! Izabel **já** lhe desaparecera **dos cálculos**. Não havia Izabel. Não pesava mais.
- 105 Nunca mais **seria capaz de repetir, por causa dela**, aquela sensação desagradável **de paralisia** que tivera à vista da Borborema. **Gosava a mulher de-noite** porquê a **rêde pros dois** era a mesma, vivia de corpo completo sem pen-

linha 110: (A): desejo@#,#@ +curtido+@+,+@ A: pro ^Sul^ era um desejo *curtido*,
 linha 111: A: física *A* altura (A): quasi >que< uma (A): dele, +partir+ era #quasi# uma
 fatalidade quasi física A: na ^constancia^ dele, A: fatalidade ^quasi física^.
 linha 112: A: vegetação *arborescente* em (A): naquelas *terras* de (A): al-/tura
 desajeitada invulgar >e sem exemplo< naquelas regiões de vegetação arbustiva *em que*
 linha 113: A: andar >mais< rente
 linhas 113-114: (A): solo, +como que+ *os grandes ventos* as ventanias >de ve[rão]< o empurravam.
 linhas 114-116: (A): pesadas, *eram uma tendencia tanto pra cair que Chico Antonio buscava o equilibrio/
 caminhando* pendiam (A): empurravam. *Era meio carcunda* >e, como não sabia
 gesticular,< os A: empurravam. >Meio curvo, os braços com as mãos pesadas,/ pendiam
 >#tanto#< *para* a frente levando +tanto+ o homem pro chão que Chico Antonio *só se sentia
 bem* como/ se sentia melhor era quando apoiado no movimento da marcha. Era< ^andarilho^
 linha 117: A¹: nem >a< noção ^do^ tempo A: por delícia@+,+@ +por destino,+ não (A):
 possuía >nem< noção
 linhas 117-119: (A): espaço. *Por isso* era A: espaço. >E em grande parte por/ tudo isso também, era
 incapaz de amor, o qual ao mesmo tempo que é contí-/nuo repensar-se, é uma limitação.< E
 linha 119: A: E *também* por
 linha 120: A: espaço@+,+@ A: espaço, *era dotado duma* ^paciencia^
 linha 121: (A): até a vitória do *touro*, e nas (A): até *a vitória* do macho@+,+@ e, nas
 linha 122: A¹: que +ê+ exercia (A): que *ê+ exercia (A): tão *mansa* que *Chico
 Antonio* exercia sobre o adversario e *todos* um A: sobre *o adversario e os ouvintes*
 um A¹: que >o coqueiro< exercia
 linha 124: (A): religiosado *ia cedendo* cedia A: cedia@+,+@ sentindo A: gosto *de* ceder
 linha 125: (A): >Mas era capaz dos afetos mais duradouros. A amizade tem mesmo isso de/ feliz que não
 se completa jamais. Não chega a uma satisfação porquê não/ tem finalidade. E um ideal que +a
 gente+ não acaba nunca feito os dicionários. De-/pois que o amor realiza-se< Mas era capaz
 linha 126: (A): raivas@.@ ^Mas^ A: mas ^rarissimas^
 linha 127: A: Odio, ^jamais não^ subera (A): paciencia +extrema+. Odio A: da ^paciencia^
 extrema.
 linha 128: A: companhia de *bandidos* @+,+@
 linha 129: (A): casa a amante *dele*. A (A): casa a *amante de Chico Antonio*. A (A): casa
 a *amasia do coqueiro*. A
 linha 130: A: mais@+,+@ o (A): Medo não *podia* ter@+,+@ e
 linha 131: (A): e *até* já
 linha 132: (A): com *uma coisa dessas* @.@ +e+ ^A^ de (A): com *essas coisas*, >e< a de
 linha 133: (A): Quando *soube do* roubo, acariciou *o punhal*
 linhas 133-141: A: +acariciou o punhal. Si o outro estivesse ali, havia/ peleia. Estava longe. Chico
 Antônio +cotovelo afincado no muro de pedra+ principiou ba-/tendo no canino a unha curta do
 polegar, forte-/mente orlada de carne. O ruído das batidas/ balanceou o cantador. A unha
 embolava bem/ >bastante tempo<. Isso bastou.// – Vou-me embora daqui, falou rindo pro lin-
 /guarudo.// E êste viu com desaponto, Chico Antônio par-/tir, sem pressa, dizendo adeus pra
 todos, ganzá/ no ombro, naquele passo inclinado com que/ mesmo no raso o moço parecia estar
 subin-/do morro sempre. Comendo estrada por mais/ uma vez. +// Estava
 linha 134: (A): pedra, +meditando vingança+, (A): havia *pelea*. Chico Antonio@+,+@ cotovelo
 linha 135: (A): batendo ^can[ino]^ no canino
 linha 136: (A): cantador, +nasceu um ritmo suave+ A²: lapso: “suave/ ,”
 linha 140: (A): raso >o moço< parecia
 linha 142: A: Estava >pois< já
 linha 144: (A): bom. +Abundância, fazenda com tu-/do+

- sar noutra mulher, porêem isso apenas porquê o corpo estava completado. Era capaz de querer bem mas incapaz de amor. Seria duma fidelidade circular si
- 110 não tivesse que partir. No momento, ir-se embora pro sul era um desejo **obje-**
tivo, mas na constância dele, partir era uma fatalidade quase física. De al-
tura ~~\$desajeitada\$~~ invulgar naquelas **regiões** de vegetação arbustiva, **onde**
até o coqueiro se ajeitava recurvo pra andar **mais** rente do solo, **como que**
115 ~~as ventanias \$de ve\$ o empurravam. Meio-curvo, os braços com as mãos pesadas,~~
~~pendiam para a frente levando tanto o homem pro chão que Chico Antonio como~~
~~se sentia melhor era quando apoiado no movimento da marcha. Era Andarilho~~
por delícia, por destino, não possuía noção de tempo nem de espaço. ~~E em grande~~
[parte por
tudo isso também, era incapaz de amor, o qual ao mesmo tempo que é conti-
nuo repensar-se, é uma limitação. E talvez por causa de não perceber tempo e
- 120 espaço, **tinha uma** paciência chegadeira que na sexualidade o levava
até **as vitórias** do **macho**, e, nas noites de desafio, a respostas duma compridez
tão **quieta** que ~~o coqueiro~~ exercia sobre **os ouvintes e o próprio adversário**, um po-
der de encantação. Todo mundo acabava embevecido nele, e o rival religioso cedia, sentindo êsse gosto **em** ceder que os crentes têm.
- 125 Mas era capaz dos afetos mais duradouros, das amizades mais sóbrias,
desque não entrasse uso de pensamento nisso. Tinha raivas, **mas** raríssimas
por causa da paciência **extrema**. Odio, jamais não subera o que é. Na companhia
de cangaceiros, alto sertão de Pernambuco, uma feita um mulatão levou pra ca-
sa a **mulher com que êle andava**. A circunstância de não carecer disputar uma
- 130 posse que não desejava mais, o impediu de enraivecer. Medo não **sabia** ter, e
mesmo já cangaceirara um bocado na politicagem de Catolé do Rocha. Mas a vai-
dade fica sempre espicaçada com uma coisa dessas, **a** de Chico Antônio ficou.
Quando **lhe contaram o** roubo, acariciou **a faca**. Si o outro estivesse ali, havia
a morte. Chico Antônio, cotovelo afincado no muro de pedra, **meditando vingança**,
135 **ça**, principiou batendo no canino a unha curta do polegar, fortemente orlada
de carne. O ruído das batidas balanceou o cantador, **nasceu um ritmo suave[,]**
a unha embolava bem. Isso bastou.
- Vou-me embora daqui, falou rindo pro linguarudo.
- E êste viu com desaponto, Chico Antônio partir, sem pressa, dizendo adeus
- 140 pra todos, ganzá no ombro, naquele passo inclinado com que mesmo no raso, pa-
recia estar subindo môrro sempre. Comendo estrada por mais uma vez.
- Estava **pois** já nesse vai-não-vai, desligado de tudo, quando uma carta
de seu João chegou. Trazia carinhos, censuras, e a sentença de que enfim a
gente acaba sempre acostumando com o que é bom. **Abundância, fazenda com tu-**

linha 145: (A): bom. +Um filho casado, uma filha casad[a], fazenda batuta+ Chico Antonio
 (A): casada >fazenda batuta< +venha, meu filho, venha embora pro Sul.+ A: +dentro,+
 um A: casada@+:+@ venha, meu filho, *venha* embora pro ^Sul^@.@

linhas 146-147: (A): lêra@,@ ^saiu^ por

linhas 147-148: A: carta \+lhe+ dera >pra êle<\ uma

linha 148: (A): do velhote *, que Chico Antonio ficara* numa A: do *velhote*, o cantador ficou
 numa

linhas 149-150: (A): vertiginosa. *Sentia-se rolar por dentro*, o respiro espaçara *fatigado e o moço*
 chorou.

linha 150: (A): dele@:@ os A: Chorou ^á^ moda

linha 151: (A): metálicamente@+,+@ e (A): malestar >por dentro< era A: metálicamente@,@
 ^e^ uma

linha 152: A: repentina, *a vida* faz silêncio e uma acuidade nova *faz* sentir pelos ossos, visceras, pela
 parte interior da pele o escorrimento *das lágrimas*. (A): parte *interior* da (A): nova
 deixa sentir pelos ossos, visceras, pela parte interna da pele o

linha 153: (A): vida. *Andou e* @+,+@ A tarde

linha 154: (A): elevava um *bocado* pra entrar na catinga >e< @+,+@ ^na^ barra

linha 155: (A): desprestigiadas +agora+, canaviais

linha 156: (A): água *por* demais (A): antigamente@...@ Mas o Nordeste *era* assim

linha 157: A¹: pra +aquelas+ vargens (A): pra *aquelas* vargens A: pra aquela ^vargens^ mais
 A²: lapso: “aquela vargen”

linha 158: A¹: areia >inutil<. O

linha 159: A: Da-/va +os+ guaiamuns *prás* fritadas, A¹: Dava os *guaiamuns* das fritadas,

linha 161: (A): Andando andando, *Chico Antonio* o moço foi (A): *Andando andando* >o moço
 foi se embalando< a agitação foi se acalmando +aos poucos e+ Chico Antonio

linha 162: A: musicalizado@+,+@ >e< não

linhas 162-163: A: mais@.@ >Estava< possuído (A): mais, +sem problemas de vida,+ possuído

linha 163: (A): Era uma +tarde+ caindo A: de que +vive+ a natureza >#vive#< . Era uma tarde caindo
 sem *tristeza.* (A): outra vez *daquela* paciência cósmica >de que vive a natureza< . Era

linha 164: A: +O moço+ ^=voltou^= pra (A): *O moço* voltou >pra casa feito uma tarde que cai< .
 Trocou

linha 165: (A): +Depois+ ^acariciou^ o

linha 166: (A): com invenção *sem vontade*, pontecendo. Docemente A: pontecendo@>.<@
 ^Docemente^

linha 167: A: *sopetão* forte, (A): forte, *quatro, cinco* seguidas@+,+@

linha 168: A: malinônico *chiar*. O (A): no *malinônico* chio. (A): estava *alienado*
 irregular A: chio. +O+ Ganzá A²: lapso: “O Ganzá estava”

linha 169: (A): irregular *feito* um

linha 170: (A): imagens, +assustadíssima+ .Lhe deu um pressentimento +horrível, mas+ de A:
 imagens, ^assustadíssima^.

linha 171: (A): o escuro *entrava* nela. (A): escutando +muito+ @+,+@ enquanto *o escuro
 penetrava* nela A: nada@,@ ^não^ pode

linha 172: (A): ergueu *feito* uma (A): ergueu *mesmo que* uma

linha 173: A¹: triste@+,+@ >e< como si o corpo estivesse doente@,@ ^deitou^ na (A): doente.
 Estand[o] *deitou na rede* Armou a rede na camarinha, deitou-se nela@,@ ^fechou^ os

linha 175: (A): noite *caira* sem (A): ocupação@+,+@ e

linha 176: (A): com *desejo* de cantar.

linha 177: A: +“+chama+”+ estava convidando toda a varzea *pra um* zambê (A): chama *estava*
 convidando A: +“+chama+”+ estaria

linha 178: (A): e o *ruidinho* do

linha 179: (A): ouvido. ^mas^

linha 180: (A): quatro *pancadas* batidas A: es-/cuta. ^de^ repente

linha 181: A¹: varzea, *Chico Antonio* apareceu (A): todos os *sentimentos*, num raio grande de
 varzea, a figura *do coqueiro* A: num ^raio^ *grande* ^de^ varzea

- 145 do, dentro, um filho casado, uma filha casada: venha, meu filho, vem embora pro sul... Chico Antônio saiu depressa, amarrotando no bolso a carta que o outro lêra. Saiu por instinto de defêza, a carne apertando de ternura. A carta lhe dera pra êle uma presença tão insatisfatória do pai, o cantador ficou numa comoção vertiginosa. Tudo estava rolando nele, o respiro espaçara angustiado, Chico Antônio chorou. Chorou à moda dele, os olhos abriram muito, parados, relu-meando metalicamente. E uma sensação líquida de malestar era essa queda de corpo repentina, o exterior faz silêncio e uma acuidade nova percebe no ser o escorrimento da vida. Marchou mais. A tarde caía sem tristeza, molestada pelo vôo dos morcegos. O terreno se elevava um pouco pra entrar na catinga. Na barra do plano inclinado as varzeas principiavam, desprestigiadas agora, canaviais antigamente. Mas o Nordeste é assim: agua de menos, agua de demais... Viera uma cheia formidolosa e carreara pra aquela varge[m] mais de metro de areia. O massapê dormira pra sempre debaixo da camada. Não dava cana mais. Dava os pitús das fritadas, colhidos nos lagoões maiores, marginados de sapo e lírio rôxo.
- 160 Com o andar, a agitação foi se acalmando aos poucos e Chico Antônio parou. Estava musicalizado, não sentia nada de novo mais, sem problemas de vida, possuido outra vez duma paciência cósmica. Era uma tarde caindo sem tristura. Chico Antônio voltou. Trocou umas palavras com Izabel, meio sem quefazer. Depois acariciou o ganzá. Foi com êle prá porta do rancho. Se pôs a sacudi-lo, com invenção sem vontade, pontecendo docemente, num arrasto chiado de chumbo. Às vezes uma pancada súbito forte, tres, quatro seguidas, esboçando um ritmo logo esmaecido no melancólico chio. O Ganzá estava \$alienado\$ irregular mesmo que um coração alterado. Izabel tirou os olhos da costurinha e de repente
- 170 ficou sem imagens, assustadíssima. Lhe deu um pressentimento horrível, mas de nada. Não poudé mais trabalhar, de boca aberta, escutando muito, enquanto a escuridão entrava nela. Se ergueu, parecia boba, largadamente triste, como si o corpo estivesse doente. \$Estando\$ Armou a rede na camarinha, deitou-se nela. Fechou os olhos pra dormir.
- 175 A noite viera sem ocupação, e os nordestinos tinham saído de seus ranchos, com vontade de cantar. Si fosse noite de sabado já o mugido de alguma “chama” estaria convidando toda a varzea pro zambê. Mas o ar passava calmo e o cicio do vento só trazia a parolagem das conversas e algum brinquedo de criança. Depois trouxe um chiado mal ouvido. Mas todos se botaram na escuta. De repente o vento contou verdadeiras, tres, quatro batidas de ganzá. Em todos os moradores, num ráio largo da varzea, a figura de Chico Antônio a-
- 180

linha 183: (A): chegando. >Outros dois< +Vieram+
 linha 184: A: boa-noite >pra êle< e (A): outros@.@ ^Mulheres^
 linha 185: (A): que +no geral+ afundava na terra sem A: ^Âs^ vezes uma frase de conversa@+,+@
 linhas 185-186: (A): que *afundava na terra* sem
 linha 186: (A): Um *mulatinho* espigado (A): negrinho *espigado*, *muito* diferente
 A: ninguem >a< recolhesse
 linha 187: (A): atarracados *tapuias*, escrofuloso, A: escrofuloso, >com berevas até na alma,<
 linha 188: A²: nota MA ligada à palavra “sacanage”: “(sem m)” A: trazendo *o* ganzá. >dele<
 Chico Antonio (A): trazendo *outro* ganzá. A: ^prá^ sacanage e >prá< morte,
 chegou tambem@+,+@ trazendo
 linha 189: A: inconsciente >de monarca<. Mal respondia *aos boa-noites* (A): respondia *ao boa-noite*
 A: todos@+,+@ numa
 linha 190: A: Outro *corista* viera (A): feito *com* arame
 linha 191: A¹: de *guaraná*. Mas A: Chico Antonio *estava* (A): Mas *Chico Antonio vivia* lá
 linha 192: A¹: cachaça *pra* êle. (A): Bebeu *sem* agradecer,
 linhas 193-194: (A): já *estava dionisiado* +da música que o movia por dentro, naquela divi-/na macriação dos artistas que sabem possuir seu público.+ Só
 linha 195: (A): que +a gente+ >se< joga
 linha 196: A: que >o copo está lavado e< não ficou resto. (A): no chão pra mostrar
 >delicadamente< que não ficou resto. A: chão@+,+@ *pra mostrar que não ficou resto.*
 Quando
 linha 197: (A): pigarreou. #Erg[ueu]# Se ergueu (A): pigarreou. *Se ergueu* Desencostou
 linha 198: (A): imaginava *descer* folgar (A): porta@.@ ^*Fez*^ aquele
 linhas 199-200: (A): candieiro@>.<@ +que+ ^Dependurou-o^
 linha 200: (A): num prego *da porta*. Se encostou no *batente* e
 linha 201: (A): gente >brasileira< A: ser *^desgraçado^* A¹: gente +inculta+ sabe
 (A): escutando *nessa* indiferença muito aceita com que *a gente* +o nosso+ povo ^inculta^
 A: indiferença *muito aceita* com
 linha 202: A: *sabe* ser
 linhas 202-203: (A): infeliz +Completamente aluada. Chico Antônio olhou pra ela mas já não podia enxergar, era mais um ouvinte que chegava.+>Chico Antonio< *Mui* alto A: olhou
 pra ela @+,+@ mas A: era +apenas+ mais >um< ouvinte
 linha 203: A¹: mui alto@+,+@
 linha 204-205: (A): decisão@.@ +criando o ritmo binário que os outros floream logo.+ Saiu
 linha 205: A¹: >E< ^saiu^ o (A): Saiu o +côco+ “Meu Baraio”
 linha 206: (A): curta@+,+@ enfraquecia
 linha 207: A: aceitador@+,+@ ^e^ >a voz do< moço A: com o [timbre/voz] [tostado A¹: com
 ^o^ >timbre< voz ^tostado^ (A): E *o moço* forte e doce, (A): E Chico Antônio
 forte e doce A: voz >to< / tostada
 linha 208: (A): fiel, *cheiro de terra, ardor de Sol e mel-de-pau satisfatorio,* Chico Antônio *encantava.*
 Todos
 linha 209: A: estavam *no mais íntimo* funcional da vida, >se< ^era^ apenas
 linha 210: A: obscura, >tão< despercebida
 linha 211: A: palpavel, *conciente, prevalecida no canto igual*.
 linha 212: (A): pouco *o pessoal fôra se ajeitando* pra A¹: Durou *meia* hora
 linha 213: A: luz +ignorante+ do candieiro >era ignorante e< (A): ar@.@ ^Havia^
 linha 214: (A): uma +como que+ zona *neutra* @+,+@ A: entre *a sombra* da noite
 linha 215: A: Ali *as gente* ^ficavam^
 linha 216: (A): agachados, outros +deitados, alguns+ de-pé. (A): em *torno*, uns agachados, outros
 deitados +no chão+ >alguns< +outros+ de-pé.
 linha 217: A: mais >pra< longe,
 linha 218: (A): moças, +todas de-pé+ se diferenciavam enlaçadas >aos pares<, uma A: enlaçadas@.,@
 ^uma^ (A): outra +que+

pareceu. E todos partiram pra êle, na pancada do ganzá.

- Na escuridão, Chico Antonio percebeu um vulto chegando. Boas-noites. Vieram outros, mulheres também, principalmente as virgens. Davam boa-noite e ficavam por ali esperando. Às vezes uma frase de conversa, que no geral caía no vago sem que ninguém recolhesse. Um negrinho magruço, bem diferente daqueles atarracados potiguares, escrofuloso, ~~com berevas até na alma~~, preparado pra sacanagem e ~~pra~~ morte, chegou também, trazendo seu ganzá. Chico Antônio tomava posse de todos, numa indiferença inconsciente. Mal respondia às saudações. Outro coqueiro viera também, trazendo um reco precário, feito de arame e cápsulas de garrafa de cerveja. Mas o cantador estava lá nuns mundos, sem nada de principiar. Ofereceram cachaça a êle. Bebeu se esquecendo de agradecer, já meio atordoado da muita música que o movia por dentro, naquela divina macriação dos artistas que sabem possuir seu público. Só a memória do hábito fez êle deixar no fundo do copo a gota de preceito, que a gente joga no chão, cedida aos espíritos do ar. Quando o calor do álcool se estendeu pelo corpo todo, Chico Antônio pigarreou. ~~Se ergueu~~ Desencostou da porta, fazendo aquele gesto de coice com que sempre imaginava folgar as calças mais. Izabel, como uma assombração feridora, apareceu com o candieiro que dependurou num prego do batente. Se encostou nele e ficou ali, de pé, escutando, não escutando, na indiferença conformista com que o nosso povo inculto aceita ser infeliz. Completamente aluada. Chico Antônio olhou Izabel, mas já não podia enxergar, era apenas mais um ouvinte que chegava. Muito alto, entre os dois coristas de bôrra, mexeu o ganzá com decisão, criando o ritmo binário que os outros floream logo. Saiu o côco “Meu Baraio”. Era monotono e lindíssimo. A repetição incansavelmente invariável da linha curta, enfraquecia os corpos num descanso largado e aceitador. E Chico Antônio, doce e forte, com a voz ~~te~~ tostada pela nasalação, voz fiel, voz verdadeira, Chico Antônio hipnotizava. Todos estavam na intimidade mais funcional da vida, eram apenas movimento; e essa fôrça obscura, ~~tao~~ despercebida, da vida animal, se tornava por assim dizer palpável e gosável, nascendo do canto monótono.

- Durou um quarto de hora talvez. Pouco a pouco os presentes tinham se ajeitando pra escutar com mais delícia. A luz do candieiro parava de repente no ar, havia uma como que zona neutra, entre o escuro da noite e a luz, espécie de limbo, nem alegre nem triste, nem vivo nem morto. Ali os presentes ficavam, em círculo, uns agachados, outros deitados no chão, outros de-pé. As crianças corriam brincando mais ~~pra~~ longe, deixando em todos uma ponta de insatisfação. As moças, todas de-pé, se diferenciavam enlaçadas. Uma apoiava a outra que

linha 219: A: ouvintes@+,+@ (A): era *recortada* concebida (A): +se+ ^encostada^ nela. >uma havia de ser mãe boa, outra amante de mais inventos.< Dos ouvintes, só a Izabel na porta, era *concebida* pela

linha 220: (A): *malestar* *de* *pressentimento* (A): pressentimento@+,+@ porém A: nada, >m<

linha 221: A: >muito< calma

linhas 221-222: (A): pressentimento. +Era apenas como si o corpo estivesse doente; e+ ^A^ unica A: ^unica^ prova

linha 222: A: prova de +que+ *sofrimento* era (A): sofria *era a* sua

linha 223: (A): >#Ficara ali# manchada #pela luz# do candieiro< *sem buscar na* entressombra >o recolhimento mais sensível ao som,< (A): pra *gosar* melhor: ficara *ali*

linhas 223-224: (A): *manchada* pela luz >do candieiro< +violentamente visível+

linha 224: A: som@+,+@ e os ouvintes tinham mesmo +às vezes+ que >#às vezes#<

linha 225: (A): pra *ver* dependurado A¹: atenção *do canto* pra enxergar, dependurado *na porta*, o

linha 226: A: Izabel *caindo em sombras* até o chão@+,+@ >e< era

linha 227: (A): +Corrida mais cachaça+ >#No meio da luz#< Chico Antonio *estava* +pro meio da luz+ com

linha 228: (A): em *círculo* @. @ ^Os^

linha 229: A: respondedores *rodeavam* (A): rodavam *seguindo-o*. Às vezes os tres ficavam a \igual distância\ (A): respondedores *rodavam* atrás dele.

linhas 229-230: A: igual *um do outro* e

linha 230: A: todos@+,+@ (A): entontecia +a+ todos (A): entontecia *a todos* melhorando

linha 231: A: Ninguém >mais< não (A): primário@. @ ^Ninguém^

linha 232: (A): bem o *Jurupaná**

linha 233: A: um quarto de hora, *a mulher* *moça* >*não existia mais* nem pra si mesma< +desgraçadíssima,+ suprimida A¹: durava *um quarto de hora*, ela

linhas 234-235: (A): *Principiou* >Saiu outro coco< +Mas o “Jurupaná” durou menos, Chico Antônio estava se animando, virou o côco+ De repente,

linha 235: (A): perceber *porquê*, quando

linha 236: (A): refrão, >Chico Antônio tirou um< em vez

linha 237: (A): embolada +costumeira,+ Chico Antonio *tirou um* canto *novo* A: Partiu *pros*

linha 238: (A): num *contratempo* audacioso (A): audacioso@+,+@ +mais+ pausado +que o ritmo dos instrumentos,+ a

linha 239: (A): voz pareceu *quebrar-se* fatalizada (A): alturas, +mas+ os ganzás

linha 240: (A): hesitação *com* suas pancadas +de sempre,+ chamando@. @ (A): pancadas *de sempre*.

linhas 240-241: (A): voz ^vol tou^ A: chamando@, @ ^a^ voz A: prodigiosa. *Parara.* (A): voltou mas foi pra achar outra saída. >Chico Antonio *ficara* numa exaltação pro/digiosa. Cesara de rodar. Os respondedores pararam atrás dele.< Os respondedores (A): A voz voltou *mas foi pra achar outra saída* +de novo pros sons normais, buscando força nova, tomou novo impulso, subiu+ A: novo *pros* sons

linha 242: (A): respondedores +chocalhando sempre os instrumentos,+ *pararam* +agora+ (A): tinham *parado* agora +de rodar, ambos+

linha 243: (A): atrás +de Chico Antônio+ (A): Chico Antonio, +tambem+ estacado A: Chico ^Antonio^

linha 244: A: >Chico Antonio< ^cessara^ de bater o ritmo com o ganzá >dele,< discursava +em sons+ feito maluco@+,+@ >prá escureza,< a luz (A): *Cessara* de bater >o ritmo com< o ganzá, discursava em sons, feito maluco, +gesticulando+ (A): maluco, >gesticulando, a luz vinha afinal por baixo da aba do chapéu acender-lhe os olhos,< engulia

linha 245: (A): *pra* respirar (A): *sem* respirar@, @ ^os^

linha 246: A¹: intercadente@+,+@ o *moço* (A): coral *intercadente* (A): coral *esboçante* o

linhas 246-247: (A): texto +inventado e+ sem

linha 247: (A): nexo *ajuntando frases-feitas,* sobre bois, (A): nexo, multiplicando versos-feitos >sobre #bois,#< sobre sertão, +despedidas, bois,+ amor

linha 248: (A): lucilação *estrelada* em que

linha 249: A: fragor. +“Olê sabiá!+ ôh sabiá da mata! Simeão! Simeão!”+ Izabel (A): se *ajuntava* com A: se *apinhava* com

linha 250: A: acordada >e< engulia *o fragor*,

linhas 250-251: (A): +“vô-m’imbora! vô-m’imbora!+ #trancelim bateu mancá!# Bela mandô me chamá!\

linha 251-253: (A): >Antonio confundia com a luz em suor, ôh sabia da mata!< +O cantador gesticulava, riscando/ o ganzá no ar. Estava erecto, a luz viera afinal por baixo da aba do chapéu./ acender-lhe os olhos admiráveis, ôh sabia da mata!+ Izabel chorava

linha 253: A: chapéu *acender-lhe os* olhos

linha 254: A¹: porquê@+,+@ no

linhas 254-255: (A): braço. +Os espectadores se mexiam, incomo-/dados pelo excesso de prazer, se entreolhavam sorrindo como pra disfarçar,+

linha 255: A: +agora+ pelo excesso

- se encostava nela. Dos ouvintes, só a Izabel na porta, era atingida pela luz.
- 220 Perseverava nela o malestar do pressentimento, porém não demonstrava nada, ~~m~~ muito calma. Nem se dava bem conta do pressentimento. Era apenas como si o corpo estivesse doente; e a única prova de que sofria estava na sua visibilidade. Não procurava a entresombra pra viver melhor: ficara assim mesmo, maltratada pela luz, violentamente visível. E os ouvintes tinham mesmo às vezes
- 225 que desviar a atenção da cantiga pra enxergar, dependurado no batente, o corpo da Izabel escorrendo até o chão, era desagradável.
- Corrida mais cachaça, Chico Antônio voltara pro meio da luz, com os respondedores. Principiou tirando o “Jurupanã”. Agora andava em roda, os respondedores rodando atrás dele. Às vezes os tres ficavam a distância igual uns
- 230 dos outros e a ciranda entontecia os ouvintes, melhorando a sensação. Todos estavam fixados na terra, em êxtase primário, ninguém não poderia sair dali. Izabel saiu, não se aguentando mais. Deitou na rede outra vez, e nem bem o côco durava uns dez minutos, ela dormia, desgraçadíssima, suprimida pelo sono.
- ~~\$Saiu outro eeee\$~~ Mas o “Jurupanã” durou menos, Chico Antônio estava se
- 235 animando, virou o côco. De repente, sem razão, sem êle mesmo perceber como, quando os respondedores terminaram uma volta do refrão, em vez de seguir na embolada costumeira, Chico Antonio saiu num canto que desconhecia. Partiu para os agudos num fora de tempo audacioso, mais pausado que o ritmo dos instrumentos, a voz pareceu se quebrar fatalizada nas alturas, mas os ganzás sem uma
- 240 hesitação nas suas pancadas binárias, chamando... A voz voltou de novo aos sons normais, buscando fôrça nova, tomou novo impulso, subiu. Os respondedores, chocalhando sempre os instrumentos, tinham cessado agora de rodar, ambos atrás de Chico Antônio, também estacado, enorme, numa exaltação inconcebível. Parara de bater o ganzá, discursava em sons feito maluco, engulia palavras
- 245 pra respirar. Os respondedores imaginavam que era a volta do refrão e o iniciavam, mas no zumbido coral esboçado, o coqueiro continuava num texto inventado e sem nexos, multiplicando versos-feitos, sobre sertão, despedidas, bois, amor e trabalhos de engenho, numa lucilação humana em que todo o Nordeste se animava com fragor. Olê, sabiá! ôh sabiá da mata! Simeão! Simeão!... Izabel
- 250 erguera a cabeça, acordada, e engulia o canto, “vô-m’imbora! vô-m’imbora! Bela mandô me chamá! Trancelim bateu mancá!...” O cantador gesticulava, riscando o ganzá no ar. Estava erecto, a luz viera afinal por baixo da aba do chapéu, relumear nos olhos admiráveis, ôh sabia da mata! Um galo cantou. Izabel chorava sem saber porquê, no ângulo do braço. Os espectadores se mexiam, incomodados agora pelo excesso de prazer, se entreolhavam sorrindo como pra disfarçar,
- 255

linha 256: (A): estava *simples* +pelo prazer virtuosístico que se tornara consciente pra todos+ e porque
(A): +buscando uma normalidade mais humana.+ *Tudo* estava insustentável >pelo prazer
virtuosístico que se tornara consciente pra todos< *e* porquê

linha 257: (A): faltou +de repente+ uma (A): +lhe+ faltou de repente *uma* *a* =uma= rima@+,+@
>pra êle,< Chico Antônio

linha 258: (A): inconcebível de *passarinhos* noite a fôra (A): usinas >noite a fôra< (A): e >de<
usinas

linha 259: (A): +Todos o amavam, é a verdade.+ Chico

linha 260: A: sempre@+...+@ A: afinal *respondiam* A: brejão >a vida estav[a] ali feito coisa
que se pega< Então A: brejão@+,+@ >Então< o (A): sabia >absolutamente< mais o
que cantava, *havia desejos* de dançar nos rapazes, ôh sabiá da mata!@+...+@ alguns
(A): afinal *podiam* responder. >os homens iam fecundar suas mulheres essa noite, Chico
Antonio não sabia mais o que cantava, tinha desejo de dançar nos rapazes, ôh sabiá da mata!...
alguns se ergueram, #brisou um ventinho com cheiro de podre, vindo do brejão.# Então< o canto
A: mata! +mas todos gostavam dêle+ Os

linhas 262-264: (A): mais. + Uma sexualidade profunda pesava/ no ambiente, derivada em gestos, em
caçoadas, os rapazes se davam sôcos, rastei-/ras. Brisou um ventinho com cheiro de pôdre, vindo
do brejão. + As A: caçoadas@, @ ^os^

linha 264: A: >#Os rapazes estavam safadíssimos#< ^as^ crianças +menores+

linha 265: (A): me-/nores +choramingavam+ *chamavam* as mães, pra dormir. +Nisto+

linha 266: (A): galopada@+,+@ fugindo (A): Chegou *um sussurro* de misterio, +de fatalidade,+
que

linha 267: (A): boa-noite >pra acolá< boa-noite

linhas 267-268: (A): *toda a gente ia embora* sem pressa mas com decisão. >Só< Os

linha 269: A: caluniando. +Estavam livremente safados,+ se contando

linha 270: (A): inexatas \sobre #os padrões,# sobre as moças\ +Prás moças+ A: padrões. *Prás*
=moças= tudo *era* +muito+

linha 271: (A): risadas +abertas+ os ditos A: abertas +os segredinhos+ os ditos +altos,+ se espaçando

linhas 271-272: A: pouco@+,+@ *limitavam* (A): pouco, +inda perseveraram tempo,+
envileciam a escuridão (A): tempo +na varzea+ *envilecendo* a escuridão

linha 273: (A): Izabel *ressonava na camarinha.* O

linha 274: (A): O *moço* guardou (A): O *cantador* guardou o ganzá e foi deitar sem +nenhum+
pensamento.

linha 275: (A): atimo +porquê+ estava *fatigadíssimo.*

linha 276: (A): passou *triste*. Izabel entrou >mais< no (A): Chico Antônio *passou* tristonho. Izabel
entrou A²: lapso: “comum/,”

linha 277: (A): comum, +inteiramente+ sossegada. (A): sossegada. +O malestar desaparecera, e a
moça+ readquirira

linha 279: (A): homens *nos trabalhos,* percebendo Chico Antônio tão afastado de tudo@+,+@

linha 280: (A): *perguntavam* si êle estava doente, mas o *moço* ^de verdade^

linha 281: A¹: não >tinha nada<. Sorria (A): não =tinha nada=. Sorria (A): e *respondia* que

linha 282: (A): ao *quefazer*, completando A: entregava@>,<@ inda mais atencioso@>,<@

linha 283: (A): noite@+,+@ (A): *Foi* assim até *a noite*, cujas

linha 284: A: homens@+,+@ gastando

linha 285: (A): conversa *fiada*.

linha 286: (A): pro ^sul^ ver (A): início de parágrafo: “Então bateu nele [...]” A: pro
^Sul^@+,+@ ver

linha 287: (A): foi *crescendo* e (A): ficou +logo+ incômoda. Tudo se *tinha decidido*

linha 288: (A): instante >mesmo e, embora não percebesse< +não preparado e tratava-se de partir #já#
agora já+ Mas

linha 289: A: se tornara >conscientemente< ordinario. >Mas< ^sabia^ (A): se tornara
+imediatamente+ ordinario (A): se tornara+, tambem,+ imediatamente

linhas 289-290: (A): ordinário +não podia contar pra nin-/guem porquê ficava difícil, a Izabel não havia
de ir,+ >Sabia que< ia-se

linha 291: (A): +Era já bem na hora de todos dormirem,+ mas +o moço+ estabanoou-se

linha 292: (A): partir. +tava já representando. Ou melhor perdido na decisão+ (A): partir. +Ficou
mais uns minutos, ciente de disfarçar.+ ^tava^ já

buscando uma normalidade mais humana. A coisa estava insustentável. Mas porquê lhe faltou de repente uma rima, pra-ê, Chico Antônio desemb[e]stou pra uma enumeração inconcebível de nomes de engenhos e de usinas. Todos o perdoavam. Todos o amavam, é a verdade. Chico Antonio podia ser cachaceiro, meio avoadado
 260 sempre, ôh sabiá da mata! mas todos gostavam dêle. Os coristas afinal puderam
 [responder. O canto pa-

rou.
 Ninguém tinha vontade de música mais. Uma sexualidade profunda pesava no ambiente, derivada em gestos, em caçoadas. Os rapazes se davam sôcos, rasteiras. Brisou um ventinho com cheiro de pôdre, vindo do brejão. As crianças me-
 265 nores choramingavam chamando as mães, pra dormir. Nisto passou um burro na galopada, fugindo de algum saci. Chegou uma sensação de misterio, de fatalidade, que inda acendeu mais todos. Boa-noite pra aqui, boa-noite, boa-noite, iam-se embora todos, sem pressa mas com decisão. Os rapazes paravam, guardados na sombra, uns mijando, outros caluniando. Estavam livremente safados, se contando
 270 coisas inexatas sobre as moças, sobre os patrões. Para as moças, tudo ficara muito engraçado, e as risadas abertas, os segredinhos, os ditos altos, se espaçando pouco a
 [pouco, inda perseveraram tempo na varzea, deturpando a escuridão.

Chico Antônio entrou no rancho. Izabel já caíra no sono outra vez. O coqueiro guardou o ganzá e foi deitar sem nenhum pensamento. Dormiu num átimo
 275 porquê estava muito fatigado.

O dia seguinte Chico Antônio andou tristonho. Izabel entrara no comum[,] inteiramente sossegada. O malestar desaparecera, e a moça readquirira essa inexistencia desprovida de reação, que era dela e das nossas mulheres no geral. Os homens, no trabalho, percebendo Chico Antônio tão afastado de tudo,
 280 indagavam si êle estava doente, mas o coqueiro de-verdade não sentia nada e secundava que não tinha nada. Sorria e todos ficavam convencidos, enquanto êle se entregava inda mais atencioso ao trabalho, completando os serviços com uma perfeição pouco dele. Continuou assim até de-noite, cujas primeiras horas passou encostado na porteira do curral com os outros homens, gastando
 285 uns trôcos de conversa mole.

Então bateu nele uma vontade de partir pro sul, ver seu João. Aquilo foi de chôfre e a porteira ficou logo incômoda. Tudo se decidira naquele instante não preparado e tratava-se de partir \$já\$ agora já. Mas Chico Antônio se tornara, também, imediatamente ordinário, não podia contar pra ninguém porquê ficava difícil, a Izabel não havia de ir, ia-se embora fugindo.
 290 Era já bem na hora de todos dormirem, mas o moço estabanou-se pra acabar com a conversa e partir. Ficou mais uns minutos, ciente de disfarçar. Es-

linha 293: (A): Foi *dando* a mão *pra* todos
 linha 294: (A): carinho *novo*. Sorria
 linha 295: (A): afetos@+,+@ (A): afetos, *teve* um
 linha 296: (A): roda@+,+@ quasi (A): Ficou *atra[palhado]* cheio de vergonha, todos A: roda, ^quasi^
 linha 297: (A): êle +meio incomodados e Chico Antonio+ estava (A): incomodados *e* Chico Antonio A: incomodados +com aqueles apertos de mão+ ^mas^ Chico Antonio
 linha 298: (A): +não podia.+ Inventou:
 linha 299: (A): Já *disse adeus pra todos* dei boa-noite =pra todos= ...
 linha 300: (A): Não era *nem pergunta nem resposta* @.@ ^Era^ a comoção contando tudo. *Saiu* rápido. +E+
 linha 301: (A): pra *casa.* (A): logo +depois+ foram
 linhas 302-303: (A): nada porê* +com aqueles modos do Chico Antonio+ a conversa ficara tão só aquela noite, *tiveram* precisão (A): nada *porê* >com< aqueles modos *do* Chico Antonio >a conversa ficara tão só aquela noite,< A: nada +mas+ aqueles modos de Chico Antonio *tinham deixado*
 linha 304: (A): desagradavel *que estava no meio deles* +foram-se embora+.
 linha 305: A: Chico Antonio *conseguiu entrar* *entrou* penetrou no rancho sem fazer bulha. Não quis >entrar< =entrar=
 linha 306: (A): camarinha, *tirar umas roupas* >ver umas [roupas]< Izabel (A): dormindo +e teve medo de acorda-la+@,@ ^ia-se^
 linhas 306-307: (A): embora *assim mesmo* @!@ (A): embora sem nada@...@
 linha 307: (A): mesinha *havia* a carteira +velha+ com (A): cobres do *mês*.
 linha 308: (A): pegou ^o^ ganzá e >*partiu*< saiu. (A): bolso, *pegou o* ganzá +com muito jeito+ e
 linhas 308-309: (A): \Percebeu fóra\ umas
 linha 310: A: Tinha *ũa* muda +completa+ justamente (A): com *um* lenço *da mulher* uma (A): lenço +vermelho+ *de* Izabel
 linha 311: A^l: trouxinha@+,+@ >e< *foi* embora. +E+ ^Quando^ dobrou *no* caminho +do rancho da estrada+ (A): quando *dobrou* do
 linhas 311-312: (A): *poude [deixar]* deixou
 linha 312: A: ressoassem *decididos* A^l: ressoassem *com a verdade*
 linha 313: Nota MA: margem esquerda: cruzeta a lápis vermelho
 linha 314: A: tonta *pelas* estradas (A): +remando na barçaça duns marchantes.+ A: >e< ^continuando^ meio ^á^ tonta A^l: tonta *pelos*
 linhas 314-315: (A): tonta *nas estradas* ^apontadas^ a *dedo* >#pelos#< beoços A: a ^beoço^ pelos caipiras *foi* parar
 linha 315: (A): parar *em Araxá*
 linha 316: (A): cantoria@+,+@ e desde *a entrada em* Minas
 linha 317: (A): tiracolo *Mas* Chico Antonio >#nem#< pensava
 linhas 317-318: (A): pensava \mais nele,\ inteiramente
 linhas 318-319: (A): \E principalmente na\ vontade de chegar
 linhas 319-320: (A): chegar@.@ +porê* às vezes >mesmo< >essa< >vontade era tamanha< +voltava a decisão antiga numa ânsia tamanha,+ A: chegar@,@ ^porê* às^ vezes >voltava< =voltava= a decisão antiga +e voltava+ >e< numa ânsia *tamanha*
 linha 320: (A): que *per[cebendo]* enxergando *as* umas primeiras
 linha 321: (A): era *São José disto ou Santo Antonio daquilo\ porê* por dentro A: São *José* daquilo
 linha 322: A: apressava >sem querer<
 linha 323: (A): terra >mais< (A): terra +=mais+= (A): na terra *mais*
 linha 324: (A): feira e *muita* animação.
 linha 325: A: Se *ligara* com A^l: era *muito* palavriado
 linha 326: A: entendia *mais bem* +Mas isto não prejudicava:+ >e< o grupo
 linhas 327-328: (A): *Era* só *assunto* de ganhar dinheiro, +vendas brutas fa-/bulosas,+ casas-de-jôgo, +safadezas+ e paradas
 linha 329: (A): Ia *haver* umas (A): Schiavone *tinha* um

tava já representando. Ou melhor, perdido na decisão. Foi apertando a mão de todos, fôra de costume, e na voz dele havia um carinho sensível. Sorria naquele desaponto em que ficava nos afetos, houve um instante em que parou no meio da roda, quase que contava tudo. Ficou ~~Satras~~ cheio de vergonha, todos olhavam pra êle meio incomodados com aquêles apertos de mão. Mas Chico Antonio [estava decidido a não contar, não podia. Inventou:

– Já dei boas-noite pra todos...

300 Não era bem uma pergunta, era a comoção contando tudo. Partiu rápido. E também os outros logo depois foram embora pra seus ranchos. Não tinham posto reparo em nada mas aqueles modos de Chico Antonio deixara a conversa tão impossível de continuidade, sentiram precisão de quebrar com o espanto desagradável ficado ali, foram-se embora.

305 Chico Antônio penetrou no rancho sem fazer bulha. Não quis entrar na camarinha, Izabel estava dormindo e teve medo de acordá-la. Ia-se embora sem nada. Na gaveta da mesinha estava a carteira velha com os cobres do casal. Pôs a carteira no bolso, despendurou o ganzá com muito jeito e saiu. Fôra percebeu umas roupas no varal. Se aproximou pra ver si tinha alguma dele. Tinha a muda completa justamente. Fez com o lenço vermelho da Izabel uma trouxinha, foi-se embora. E quando quebrou do caminho do rancho na estrada, deixou que os passos ressoassem à vontade.

De acaso em acaso, de biscate em biscate, afinal subiu o São Francisco remando na barçaça duns marchantes. Continuando meio à tonta nos caminhos apontados a ~~Sdedo pelos~~ beijo pelos caipiras, fôra parar em Uberaba. O ganzá cessara gradativamente as pancadas de cantoria, e desde o meio de Minas não tivera mais função, levado a tiracolo. Nem Chico Antonio pensava nele mais, inteiramente imerso na aventura das estradas. Quase mesmo que perdera a vontade de chegar. Porém às vezes ~~Sessa~~ voltava a decisão antiga e voltava numa ânsia tal, que enxergando umas primeiras casas de vila nalgum longe, sabia que era São Antonio disto ou São João daquilo, mas por dentro as vozes do desejo afirmavam “São Paulo!”, e o passo apressava sem querer, batendo na terra bem.

Uberaba estava em feira e bastante animação. Chico Antônio meio que esqueceu o destino. Se ligou com uns italianos, era aquele palavriado alto, muita “porca la miseria!” numa fala que êle não entendia muito. Mas isto não prejudicava: [o grupo o

entontecia com prazer. Eram só assuntos de ganhar dinheiro, vendas brutas fabulosas, casas-de-jôgo, safadezas e paradas de cem milreis que o assombravam. Ia ter umas corridas de cavalo. O Schiavone possuía um cartão rijo, corre-

linhas 330-331: (A): se assanhara +patrioticamente,+ *principalmente* por
 linha 331: doutor >nada< mas (A): do “su ^dotore” Luis^, que
 linha 333: (A): pesando *a mão* na
 linha 334: A: êle >mas< ^o^ moço (A): fim da segunda versão: “virou zangado pra ê-”
 linha 335: A: língua@+,+@ (A): sacudiu a *cabeça* e
 linha 337: A: cavalo >que inda não vira.< A (A): animal +admiravel+, >de< correr A: mão
 dele escorria
 linhas 337-338: (A): escorria *pesada* no
 linha 338: (A): pelame >fosco< quasi A: pelame@+,+@ quasi (A): empurrando +=que== o
 A: pelame@=,@ quasi empurrando@+,+@
 linha 339: A: firmar +bem.+ Sentia A: moscas@+,+@ porêm (A): imovel@+,+@ recebendo
 linha 340: (A): recebendo *as carícias* com
 linha 341: (A): recuaram >sen[tiram]< por instinto A: era >um< animal (A): instinto@+,+@
 como
 linha 342: (A): Chico Antonio *se* riu.
 linhas 342-343: (A): *Chico Antonio* nem riu. O cavalo +ficara muito descon-/fiado,+ virou +a cabeça+
 pra ver,
 linha 345: (A): coice! ^Os^ italianos
 linha 346: (A): Chico Antonio *satisfeito* +, parecia que o arranjo fôra nele,+ deu
 linha 347: A: banda@+,+@ >e< se ergueu A: banda, >se< ergueu
 linha 348: A: *nas* mãos ^assutado^ (A): >Deu um relincho que cortou a tarde< Cortou A: fogo
 assustando >o moço<. (A): mãos >assustado< cortou a manhã com >um< relincho, ôlho
 de fogo devorando +=o moço+= A: com +o+ relincho,
 linha 349: (A): camaradagem, +“bichinho”+ A: camaradagem *‘bichin’ ”*
 linha 351: A: mais *dum* minuto
 linha 354: A: Montor, *sim senhor*
 linha 356: (A): meso +era+ estragar A: sabia ^meso^ era
 linha 357: A: ganhando@+,+@ A: correr >no animal< ganhando (A): correr +no cartão+
 gahando A: ^gahando,^ recebia
 linha 358: (A): nem *si* sabe
 linha 359: A: experimentar. >primeiro< (A): satisfazer *ao* animal
 linha 361: (A): escarvava *impaciente*. Quis
 linha 362: (A): cima@.@ Chico Antonio
 linhas 363-365: (A): corpo >e de sopetão< #abriu os braços# +olhou em volta meio envergonhado da
 grandeza do seu reino, não se conteve:+ *largou* +completamente+ a rédea, +abriu os
 braços,+ raspou
 linha 365: A: calcanhar@+,+@ +deu+ *e com um* *uivando* uivo de
 linha 366: (A): alegria, *partiu* numa disparada maluca pela rua@.@ *Desapareceu* +lá+

- 330 dor bom pra distância pequena. A italianada se assanhara **patrioticamente, sobretudo** por causa da garganta do “su **dotor**” Luís, que não era doutor mas filho rico passeando pela cidade no meio-sangue inglês que ia ganhar o pá-reo importante. Chico Antônio acariciou o cardão, pesando **os dedos** na crina do animal. O cavalo era inteiro e virou zangado pra êle. O moço fez um som
- 335 com a língua, meio mandador mas bem doce. O cavalo sacudiu a **crina** e chegou o lombo. Chico Antônio estava aluado. Sentia vontade de experimentar o animal **admiravel**, correr nele e ganhar do outro cavalo. A mão **do coqueiro** escorria **pe-sadissima** no pelame, quasi empurrando, que o animal teve **de** mudar passo e firmar bem. Sentia cocegas e estremecia inquietando as moscas, porêim imóvel, recebendo
- 340 **a carícia** com prazer visível. Chico Antônio alisava o rabo dele. Os italianos recuaram por instinto, como si o coice os alcançasse, era animal coiceiro. Avisaram assustados. **O cantador** nem riu. O cavalo **ficara muito descon-fiado**, virou **a cabeça** pra ver, curvou a pata. Chico Antônio repetiu o som com a língua, desembaraçou os cabelos prêsos no rabicho e não sucedia nada, nem
- 345 um coice! **os** italianos estavam pasmos. Quando o arranjo ficou pronto, Chico Antônio **ficou numa alegria tão livre, parecia que o arranjo fôra nele**, deu uma palmada grande na anca do animal. Isso o cardão saltou de banda, ergueu as mãos, cortou a manhã com **o** relincho, ôlho de fogo **devorando o moço**. Chico Antônio avançava pra êle, sorrindo umas palavras de camaradagem, “**bichin’**”...
- 350 Fizeram as pazes logo e o cardão vendo a camisa sempre desabotoada, enfiou o focinho ali, ficou mais **de** minuto cheirando o corpo do homem. Estavam ambos numa ternura simples e conversavam com apalpos. Chico Antônio se virou pra responder ao Schiavone perguntando si êle montava bem.
- Monto, nhor-sim.
- 355 O cardão encostou o osso da testa no lombo do moço. O Schiavone já queria entrar em combinação porquê só sabia mesmo **era** estragar animal, si Chico Antonio quisesse correr no **cardão**, ganhando, recebia duzentos milréis. Mas no momento o que Chico Antônio queria era nem **se** sabe certo si satisfazer-se ou satisfazer **o** animal, queria montar um pouco. Pediu pra experimentar.
- 360 Endireitou melhor a sela gaúcha, desapertou um bocado a barrigueira, não se conteve: tirou o rabicho. O cavalo escarvava **terreno**. Quis sair no tro-te largo quando sentiu o moço em cima, Chico Antônio o prendeu. Alisou gosado o pescoço do bicho, ajeitou mais o corpo, **olhou em volta meio envergonhado da grandeza do seu reino, não se conteve: cedeu completamente** a rédea, **abriu os braços**, raspou a virilha do cardão com o calcanhar, deu um úivo de muita alegria, **partiram** numa disparada maluca pela rua, **desaparecendo lá lon**

linha 369: A: com o *animal* e o

linha 370: A: então@+,+@ no momento@+,+@ A': então@>,<@ no momento,

linhas 371-387: A: +“pois cavalo e cavaleiro voltavam, numa camaradagem espalhafato-/sa prá rua, cavalo a passo, fumegando com inque-/tação, Chico Antônio muito serio tironeando com firmeza, calmando o bicho. //Estava mesmo tão severo nos gestos que o Schiavo-/ne, entrando atrás dele na cocheira, loquaz, gabaro-/la, sentindo-se o cavalo magnifico, nem teve coragem pra perguntar si Chico Antônio aceitava a propos-/ta. Foi perdendo a fala, não compreendendo aque-/le moço tão serio, tão simples, depois duma fa-/çanha daquelas. Chico Antonio enxugava o car-/dão desarreiado. O italiano teve uma explosão/ de carinho. Foi buscar milho, muito milho.// – É demais.// E ficou olhando o cavalo comer enquanto o/ Schiavone desapontado ia guardar o resto do/ milho. Quando Chico Antônio saiu fóra, os italianos estavam/ mudos, esperando. // – Aceito sua proposta, seu Schiavone. // Foram todos beber.”+

linha 371: A: *os dois* voltaram A': A²:

linha 373: A': serio +tironeando com firmeza,+ acalmando *êle* A: firmeza, *calmando* o bicho

linha 375: A: sentindo-se >o< =o= cavalo magnifico, (A): o cavalo >magnifico,< nem

linha 377: A': moço +que ficara+ tão A: tão simples@+,+@ depois (A): depois *duma façanha daquelas*

linhas 378-380: (A): desarreiado. +E agora não havia nenhuma carícia nele,/ pra não excitar, completamente longinquo, deixando o cavalo voltar pros seus/ mundos de novo.+ O A: excitar@+,+@ A: voltar *pros* seus

linha 380: (A): teve uma *explosão de carinho.*@.@ ^Foi^

linha 381: (A): demais +só metade+ A: demais >só metade<

linha 383: (A): ficou *olhando* o

linhas 383-384: (A): o Schiavone *desapontado*@+,+@

linha 387: A': +E+ ^Foram^ todos

linhas 389-390: (A): a *carreira* maluca pela cidade. +O prefeito ficara desesperado de odio por causa da civilização. E+ ^A^ impaciencia A: de ^odio^@+,+@ por

linha 393: (A): \Esse era\ o

linha 394: A: contundido *com a* antipatia A: *pra* compensar o patriotismo@+,+@

linha 395: A: doutor ^Luiz^ andou

linha 396: A: Quis@+,+@ >pelo menos< *meio timido*@+,+@ ver A: meio *timido*, ver (A): ver o *moço mas* +*ficara* era dificil porquê+ Chico Antonio

linha 397: (A): viver com o *cavalo* cardão A: passara *quasi* (A): viver *com o* cardão A: distraidissimo >d<

linha 398: (A): tudo. *Estava* *Esperando* Esperava (A): vida@.@ ^Se^ A: seis >di<

linha 399: (A): cocheira, *olhando

linha 400: A: ^sempensamento^. Ou entrava. A: patio, ^se^ cocoras, sem pensamento. ^Os^ entrava.

linha 401: A: côcho@+,+@ encostando (A): comodo, examinando #, conversando# o cardão, conversando (A): côcho, +se+ encostando, +e+ *examinando* o cardão

linha 402: A: com êle@>,<@ essas (A): com *êle* essas

linha 403: (A): vinha, lambia a cara do >moço< A: vinha, >lambia a cara do< >amigo<, punha o pescoço no ombro >do companheiro< =companheiro= (A): vinha, *punha* o pescoço no ombro do companheiro@+,+@ >e< ficava

longe. Os italianos ficaram receiosos, não explicando aquilo. A galopada chamou gente nas portas. Passou nos italianos a ideia de que Chico Antônio fugira com o **cardão** e o Schiavone insultou Deus. Mas era desconhecer Chico Antônio, então no momento, ingenuizado pelo contacto do animal estupendo. Dez minutos depois cavalo e cavaleiro voltavam, numa camaradagem espalhafatosa pra rua, cavalo a passo, fumegando com inquietação, Chico Antônio muito sério[,] tironeando com firmeza, **calmava** o bicho.

Estava mesmo tão severo nos gestos que o Schiavone, entrando atrás dele na cocheira, loquaz, gabarola, sentindo-se o cavalo, nem teve coragem pra perguntar si Chico Antônio aceitava a proposta. Foi perdendo a fala, não compreendendo aquele moço **que ficara** tão serio, tão simples, depois **de tudo aquilo**. Chico Antônio enxugava o cardão desarreiado. **E agora não havia nenhuma carícia nele, pra não excitar, completamente longinquo, deixando o cavalo voltar aos seus mundos de novo.** O italiano teve uma **invenção explosiva, foi** buscar milho, muito milho.

– É demais, ~~só metade~~.

E ficou **reparando** o cavalo comer, enquanto o Schiavone **desapontadíssimo**, ia guardar o resto do milho. Quando Chico Antônio saiu fóra, os italianos estavam mudos, esperando.

– Aceito sua proposta, seu Schiavone.

E foram todos beber.

A notícia correu facil com as pabulagens dos italianos e principalmente a **disparada** maluca pela cidade. **O prefeito ficara desesperado de ódio, por causa da civilização.** E a impaciência do misterio informava coisas temíveis, que o moço era um gaúcho, que ninguém andava a cavalo que nem ele e era jóquei de profissão vindo do Rio de Janeiro. Enfim se tinha como certo que “o mangalarga vencia o inglês”. **Era êsse** o jeito que os letrados achavam para compensar o patriotismo, contundido pela antipatia embandeirada do Schiavone. Seu doutor Luís andou indagando, teve raiva por dentro e ficou macambúcio. Quis, meio **intimidado**, ver o **jóquei mas era difícil porquê** Chico Antônio passara **quase** a viver **na companhia do** cardão. Estava distraidíssimo **e** da vida, **se** esquecera de tudo. Esperava como si a corrida de domingo, seis **di** dias depois, fosse naquela hora mesmo. Ficava na porta da cocheira, **assuntando** as galinhas do patio, de cocoras, sem pensamento. Ou entrava. Punha os cotovelos pra trás, no côcho, **se** encostando comodo, **e examinava** o cardão, conversando com **êste** essas frases pueris, faceis de animal compreender. Era entorpecente e o cardão vinha, **encostava** o pescoço no ombro do companheiro, ficava assim

linha 404: (A): orelha >do animal< imovel
 linha 405: (A): o *amigo* de (A): de *"bichinho"*.
 linha 406: A: mão, *bichinho*.
 linha 407: A: direito@+,+@>e
 linhas 407-408: (A): que +a frase+ *era* +um+ pedido
 linha 409: (A): mão, *vamo* vam'! (A): vam'@!@
 linha 410: (A): >O cavalo mexia incomodado. Tirava a cara do apôio, olhava pro companheiro sorrindo, fazia um carinho, pensava que o outro estava satisfeito e voltava prá posição.// – Dê a mão, bichinho.//< E estendeu a +propria+ >em cujo ombro o animal se apoiava.< O *animal* deu
 linha 411: (A): Schiavone *estava* >muito< inspirado
 linha 413: (A): fundo *era* +aos poucos se avolumando+ *^um^ receio* dúvida >que viera< no meio
 linha 414: (A): estava \certo mesmo\
 linha 415: (A): cavalo *andar* todos os dias@+,+@ porê* *correr assim, sozinho,* numa
 linha 416: (A): pista@+,+@ *isso* parecia inconcebível >pra êle< @.@ +mas+ >afinal< *cedeu*.
 linhas 416-417: (A): lá *no dia seguinte*@+,+@ com a italiana e >uns< moleques. Sem puxar +muito+, o A: e >os< moleques.
 linha 418: (A): o *galope* sabido do inglês. >O< Schiavone
 linha 419: A: nada, +passou-lhe uns cobrinhos,+ e de
 linhas 419-420: (A): de-tarde, +depois de muita insistência,+ passeou o *estranho* por todos os cafés +e bares+ *conhe[cidos]* frequen-/tados.
 linhas 421-422: A: frequentados >de Uberaba< A²: Nota MA: a grafite, margem direita: "(22)", número destacado por círculo a lápis vermelho, sugerindo acréscimo, a partir de nota de trabalho, a ser efetivado na versão posterior (A): acréscimo provavelmente oriundo da nota de trabalho "(22)": frequentados +Mas não o deixava tomar café, com medo que pusessem suor de cavalo na/ bebida, que dá loucura. E+ Chico Antonio
 linha 424: (A): cresciam +muito+ com a rivalidade que *já estava degenerando* em
 linha 425: (A): +franca+ malquerença. (A): Schiavone +então+ *não* se
 linha 426: A: empenhados@+,+@ êle
 linha 427: (A): enriquecer. *Tinha* surpresas (A): quando a *idea de* seis A²: lapso: "suspresas"
 linha 428: A: contos +lhe+ batia na cabeça *como* um (A): dentro@+,+@ >e<
 linha 429: A: gargalhadas ^amarela^ que ^deixava^ os
 linhas 429-430: (A): *Afinal* >o Schiavone< *achou* +logo+ um
 linhas 430-432: (A): sossegar >Os seis contos eram um saluto a Mussolini,<+lembrando a Italia,+ o grande Duce, >que então enchia os jornais e "libertara" a Italia.< +a honra da Italia que se desafogava num sacrificio de seis contos jogados fôra,+ *Si perdesse não fazia mal,* >era um saluto.<
 linha 432: A: @+,+@ ^e^ o Schiavone (A): tinha >a< certeza
 linha 433: A¹: Na *quinta* feira (A): dia \Chico A[antônio]\ um negrinho (A): Na sexta-feira@+,+@ *durante o dia* A: negrinho >desconhecido< veio
 linha 434: (A): queriam +muito+ *conversar* com
 linha 435: A: foi@+,+@ sem A: sem *imaginar*. Os dois deixaram as últimas chacras@+,+@ e
 linhas 435-436: (A): dum *bom* estirão,
 linha 436: A: uma ^especie^ de
 linha 437: (A): Do outro lado@+,+@
 linhas 438-439: (A): estava \vivendo pro moço\ peocupado em responder á saudação do moço +direito+
 linha 440: A: ^Luiz^ perdera (A): intenção, +estava envergonhado e+ não

- momento longo. Chico Antônio erguia a boca e bem na orelha ~~\$do animal\$~~ imóvel do cardão, continuava falando coisas, chamando o **companheiro** de “bichin’”.
- Dê a mão, **bichin’**.
- O cavalo não entendia direito, ficava inquieto, percebendo bem que **a frase fôra um** pedido.
- Dê a mão, vam’.
- 410 E estendeu a **própria**. O **cavalo** deu a mão.
- Schiavone **andava** inspirado por tudo e queria que Chico Antônio fosse treinar o cardão na pista, como seu doutor Luís fizera. Os cinemas também faziam isso. No fundo **viera aos poucos se avolumando uma \$receio\$ dúvida**, no meio de tantas vitórias que já pabulara por aí. Chico Antônio estava **mesmo certo**
- 415 de fazer o cavalo **galopar** todos os dias, porê **galopar assim, sozinho**, numa pista, **lhe** parecia inconcebível, **mas acabou cedendo**. Foram pra lá **na quarta-feira**, com a italianada e **os** moleques. Sem puxar **muito**, o cardão bateu por mais de cinco segundos o **tempo** sabido do inglês. Schiavone criou alma nova. Perguntava si Chico Antônio não carecia de nada, **passou-lhe uns cobrinhos**, e de-tarde, [depois de muita in-
- 420 **sistência**, passou o **jóquei do Rio** por todos os cafés e bares ~~\$e onhe\$~~ frequentados. **Mas não o deixava tomar café, com medo que pusessem suor de cavalo na bebida, que dá loucura. E** Chico Antônio se deixou fazer um sucesso despercebido, respondendo pra todos com bondade mas fatigadíssimo.
- As apostas cresciam **muito** com a rivalidade que **agora degenerara** em
- 425 **franca** malquerença. Toda a gente apostava. O Schiavone **então nem** se compreendia mais a si mesmo, tinha seis contos empenhados, êle que nunca jogava e penara pra enriquecer. Sofria su[r]presas chocantes quando a **noção dos** seis contos **lhe** batia na cabeça mesmo que um trompaço. Vinha um frio por dentro, dava umas gargalhadas amarelas que deixavam os mineiros muito desconfiados. **Mas**
- 430 **achava logo** um jeito de sossegar, **lembrando a Italia**, o grande Duce, **a honra da Italia que se desafogava num sacrificio de seis contos jogados fôra, não fazia mal que perdesse**. E o Schiavone tinha **a** certeza de ganhar.
- Na sexta-feira, **ali pela uma hora do dia**, um negrinho **desconhecido** veio falar pra Chico Antônio segui-lo que queriam **muito falar** com êle. Chico Antônio foi, sem **maginar**. Os dois deixaram as últimas chacras, e depois dum **pequeno** estirão, tomaram por uma espécie de picada sem utilidade, num caponete ralo. Do outro lado, na entrada dum campo, estava um moço direito. Junto dêle pastava um cavalo maravilhoso, cor-de-chumbo. Mas Chico Antônio estava **preocupado em responder á saudação do** moço **direito**, nem pôs reparo no animal.
- 440 Luís perdera o princípio da intenção, **estava envergonhado e** não sabia

linha 441: (A): disse@+,+@ não
 linha 442: A: monta >a cavalo?<
 linha 444: (A): vez@!@ E A: E ^luiz^ propôs a Chico ^Antônio^
 linha 445: A: ^dele^ no ^pareo^, que
 linhas 445-447: (A): páreo +, que o Schiavone era um italiano, e ele estava com a perna/ machucada não
 poderia montar, Chico Antônio era novato na zona, estava mui-/to enganado, os italianos
 embulhavam, embulhavam, gente ruim.+ Si A: não *poderia* montar@, @ Chico
 ^Antonio^ era
 linha 447: (A): Si *é* era
 linha 448: (A): dinheiro +, não, que+ estava ali@>,<@ um
 linha 449: (A): *bobo*@.@ ^Inda^ não vira A: *Inda não* vira um >conto< =conto= de (A):
 duvidou +um instante+ daquelas +duas+ notas
 linha 450: A: réis! >Era impossível pra ele duvidar de tanto dinheiro< Os olhos (A): tão *lindas*@.@
 ^Era^
 linhas 450-451: (A): dentro +Implorou:+ (A): +o cantor+ *sentia* um *despencar* de >muitas<
 sensações por dentro@.@ ^Implorou^:
 linha 452: A': desculpe@+,+@ >mas< eu
 linha 453: A: +Mas+ ^Falou^ mole,
 linha 454: (A): simplicidade +rebaixada+ com que *nos brinquedos* do ^nordeste^,
 linhas 455-456: (A): portugues +e o envelhecimento ficado da es-/cravidão+ , os cantadores
 linha 456: (A): que os *escuta* ouve (A): pedir, *si* alguém
 linha 457: (A): réis, +seu doutor Luís mandava+ mas A: doutor ^Luiz^ mandava, mas estava >i<
 linha 458: (A): traisse@.@ ^Não^ traia nada@.@ ^Só^ percebia
 linha 459: (A): mais *no* cartão. *Se desolava num* quebra +súbita+ de
 linha 460: (A): cartão era >filho< dele, A: era ^dele^, era carne da carne ^dele^
 linha 461: A: êle@+,+@ Chico Antônio@+,+@ A: car-/dão ^pr^ *prá* à vitória
 linha 462: (A): cartão +que ele amava+@.@ >Que< coisa A: cartão *que ele amava*, coisa
 linha 463: (A): cartão *vencer* o ingêis!...
 linha 464: A: Olhou *^por^* animal. (A): Olhou *o* animal.
 linha 465: (A): rompia *a gr[ama]* o capim
 linha 466: A: veloz. >Era< ^talvez^ muito (A): Chico Antônio, +o inglês+ não
 linhas 466-467: A: inglês não +lhe+ dava >pra ele< essa
 linha 467: (A): familiar *das* +cavalos nacionais, com suas+ formas
 linha 468: A: redondas que >êle< conhecia mais. >Chico Antonio< ^se^ aproximou >do animal,<
 respeitoso, (A): redondas@+,+@ *que conhecia mais* A: receioso, >c<
 linha 470: A: admiravel, *irradiava* luz@, @ ^nem^ se devia tocar, proximo de Deus. >Chico Antonio<
 =Chico Antonio= O moço adorava A': >O moço< *adorava* (A): tocar *parente*
 proximo de Deus. A': tocar, *proximo* de
 linha 471: A: dinheiro@+,+@ >e< esquecera (A): adorado@.@ esquecera A: cartão +,
 adorando.+
 linha 472: A': Chico Antonio *se possuiu novamente* *voltou a si* estremeceu. Passou (A): leve *ũa*
 mão
 linha 473: (A): mão >pouco de poi< sem A': pescoço do *cor-de-chumbo* (A): sem *contacto*
 no pescoço
 linhas 473-474: (A): cavalo \recuou assanhado num primeiro contragolpe\ de relações
 linhas 474-475: (A): tempo *pro moço* voltar
 linha 475: (A): Desistiu ^da^ >domação< +continuar a+ =domação=
 linha 477: (A): não@!...@

começar. Afinal disse, não sabendo o que ia tirar da frase:

– Você monta? ~~a cavalo?~~

– Monto, nhor-sim.

Era melhor falar duma vez. E Luís propôs a Chico Antônio montar o cavalo dêle no páreo, ~~que o Schiavone era um italiano, e êle estava com a perna machucada não podia montar. Chico Antônio era novato na zona, estava muito enganado, os italianos embrulhavam, embrulhavam, gente ruim.~~ Si era questão de dinheiro, ~~não, que~~ estava ali um conto de réis. Chico Antônio ficou meio ~~abobado, nunca~~ vira um conto de réis. Não duvidou ~~um instante~~ daquelas ~~duas~~ notas grandes, tão ~~novas!~~ ~~era~~ um conto de réis! Os olhos não viam nada mais, ~~o cantador sofria um estragoso~~ despencar de sensações por dentro, ~~implorou:~~

– Seu doutor me desculpe, eu vou montar o cardão.

Mas falou mole, já traindo porquê havia de ficar com o conto de réis. Vinha nele aquela simplicidade ~~rebaixada~~ com que ~~nas cantorias~~ do Nordeste, ~~viados pela tradição das janeiras portugues e o envilecimento ficado da escravidão,~~ os cantadores perdem toda vergonha de pedir, ~~se~~ ~~alguem~~ que os ouve tem de seu. Ficava com o conto de réis, ~~seu doutor Luís mandava,~~ mas estava ~~insuportavelmente triste.~~ Não porquê traisse, ~~não~~ traia nada, ~~só~~ percebia que não montava mais o cardão. ~~E isso o maltratava numa~~ quebra ~~súbita~~ de esperança. O cardão era dêle, era carne da carne dêle, estava certo de levar o cardão ~~à vitória.~~ Vitória do cardão. Não era que êle, Chico Antônio, ficasse orgulhoso de vencer, quem vencia era só o cardão ~~amigo dêle,~~ coisa grande o cardão ~~vencendo o~~ ingrêis!...

Olhou ~~pro~~ animal. Teve a surpresa agradável que dão as coisas excelentes. O cor-de-chumbo rompia o capim numa linha tão fina que por si já era veloz. Talvez muito delicado pro costume de Chico Antônio, o inglês não ~~lhe~~ dava ~~pra-êle~~ essa comodidade familiar ~~dos cavalos nacionais, com suas~~ formas redondas, ~~mais conhecidas do cantador.~~ Se aproximou, respeitoso, meio receioso, ~~e~~ como quando aproximava de gente letrada. Estava deslumbrado. Nunca vira um cavalo tão admirável, irradiando luz, nem se devia tocar, ~~perto~~ de Deus. Estava adorando, esquecera o dinheiro, esquecera o cardão, ~~adorando.~~

Quando Luís veio insistir, Chico Antônio estremeceu. Passou de leve a mão sem ~~tacto~~ no pescoço do animal. O cavalo ~~sacudiu a crina e se afastou indiferente, a êsse~~ primeiro ~~golpe~~ de relações. Isso deu tempo ~~pra Chico Antônio~~ voltar a si. Desistiu de ~~\$domação\$~~ continuar a domaçaõ, pensando no conto de réis.

– Seu doutor Luís mas como é... Eu não monto no seu cavalo não! o senhor

linha 478: A¹: sei @...@
 linhas 479-480: (A): jeito +de recusar o que não pretendi-/a mais recusar.+ Acabou
 linha 480: (A): Partiu fugindo, >ageitando as notas dobradinhas< socando A: Partiu *fugindo*,
 (A): socando +cuidadoso+ A¹: recusar@, @ ^acabou^ aceitando. Partiu *fugindo*,
 socando cuidadoso +no bolso+ as
 linhas 480-481: A¹: no *bolsinho* >do paletó< +as notas do conto de réis+
 linha 481: (A): Os olhos >estavam< +muito+ vivos
 linhas 482-484: A: num *gonguê* *galope* “agalopado” (A): >No íntimo< *achava #bobamente#*
 uma graça +boba+ que o fazia sorrir, >muito sozinho, num “agalopado” ritmando o passo com
 estrondo, conto de réis, conto de réis, conto de réis...< +seu doutor Luís pagando/ um conto de
 réis, e eis que ficava inteiramente fácil percebendo uma graça muito sorrateira,/ finoria, na peça
 que pregava no intaliano.+
 linhas 484-485: A²: Nota MA: a grafite: traço dividindo a matéria
 linha 485: (A): +Na cidade, se dirigiu logo prá porta do hotel e+ *Chegou* estabanado A: logo *prá*
 porta
 linhas 488-489: (A): igual@+, +@ que o italiano *desconhecia inteiramente* +no moço+@>.<@ +e+ inda
 >ficou< mais *surpreendido* >com isso< o surpreendeu. A: moço@+, +@ e >inda<
 mais *o surpreendeu*. Chico ^Antonio^
 linhas 489-490: A: músculos *retesados* na (A): Chico Antonio *estava* espigado, *fortissimo*, +se
 via,+ com os músculos *retesos* na frente dele. Enganou *cariciosamente*.
 linha 490: A: frente ^dele^.
 linha 493: (A): Schiavone +, seis contos de réis,+ ficou desesperado. Perdeu +o+ medo
 linha 495: (A): graça *no movimento* do
 linha 497: A: seu *merdinha*, que A¹: >Olha,< ^cala^ a boca, seu merda, que sinão te bato!
 (A): que >sinão< +eu+ te >bato<@!@
 linha 498: A: se ^retorou^ +chorando+ e (A): +Fuzilava.+ O Schiavone se retirou chorando, e ^a^
 duas
 linha 499: A: assitiam ^á^ cena
 linha 500: A¹: na *raivinha* que (A): nelas@.@ ^Partiu^ da comoção *pra um* gesto
 linha 501: A: costumeiro@+, +@ >e< dirigiu-se A: dirigiu-se *prá* cocheira
 linhas 504-505: (A): tarde e do >conto de réis< +cavalo inglês tão sublime.+ O
 linha 505: (A): O *cavalo* +contente+ veio pra êle A: *veio* >pra êle< +logo+@+, +@
 linhas 505-506: (A): moço *acariciou* apenas
 linha 506: A: por costume@+, +@ (A): costume, *pondo* a mão A¹: venta do *cardão*. Vinha
 linha 507: (A): respiro@+, +@ humidecendo (A): respiro, +generoso, como que enobrecendo+
A¹: enobrecendo ^humidecendo^ a
 linha 508: A: Chico ^ntonio^ foi se *alargando,* se sentindo muito grandioso@+, +>e<@
 linha 509: (A): si *a* tarde (A): uma +dessas+ ^tarde^ +do Sul, tristes,+ caisse A: do ^Sul^,
 +tão+ tristes, caisse dentro ^dele^ também.
 linha 510: (A): +Mas+ não era +bem+ tristeza que *sentia*@+, +@ mas uma +certa+ vaga A:
 tristeza +o+ que sofria, *mas* uma
 linha 511: A: ficava@+, +@ (A): *êsse não ser*@+, +@ +muito+ ^malestarento^ A: essa
 ^conciencia^ de ^exiztir^, muito malestarenta@+, +@ em que ficava@>,<@ sempre
 linha 512: A: Olhou *pro* animal
 linha 513: A: suave *o focinho* +do animal+. (A): as narinas +ardentes+ do *animal*.
 linha 514: A¹: hum? *bichinho*...

monta bem que eu sei!...

Falava aos arrancos, não descobria jeito **de recusar o que não pretendi-**
 480 **a mais recusar**. Acabou aceitando. Partiu fugitivo, socando **cuidadoso no bolso as notas**
do conto de réis. Os olhos **muito** vivos, piscando, numa alegria poderosa.
 Decidido. **Achava uma graça boba** que o fazia sorrir, **seu doutor Luís pagando**
um conto de réis, e eis que ficava inteiramente facil percebendo uma graça muito
 [sorradeira,

finoria, na peça que pregava no intaliano.

485 **Na cidade, se dirigiu logo para a porta do hotel e foi falando** estabanado
 pro Schiavone:

– Não monto mais no seu cavalo não.

Tomara um ar de liberdade, de igual pra igual, que o italiano **jamaís vi-**
ra no moço, e inda mais o assustou. Chico Antônio **se erguia** espigado, **for-**
 490 **te, se via**, com os músculos **ótimos** na frente dêle. Enganou **assustado**:

– Mas... porquê!

– Monto o cavalo de seu doutor Luís que é melhor.

Então o Schiavone, **seis contos de réis**, ficou desesperado. Perdeu o me-
 do e se botou xingando o outro com todas as ofensas. Chico Antônio sorria,
 495 muito lerdo, achando graça **na movimentação** do italiano. De repente teve raiva.
 Pegou só no ombro do Schiavone que teve de recuar tres passos.

– Cala a boca, seu merda, que **eu te...**

Fuzilava. O Schiavone se retirou chorando, e **as** duas ou tres pessoas
 que assistiam à cena, se aproximaram do moço pra saber. Chico Antônio estava
 500 tão integrado na raiva que nem reparou nelas, **partiu** da comoção **pro** gesto
 costumeiro, dirigiu-se **à** cocheira do cardão. A meio caminho se lembrou que
 não tinha mais nada que ver com o cardão. O passo apenas pareceu que trope-
 çava no ar, Chico Antônio continuou o caminho. Estava ali na frente dêle um
 cardão distante, já gasto e meio desaparecido nas sombras da tarde e do **ca-**
 505 **valo inglês tão sublime**. O **animal contente se aproximou logo**, mas o moço **acaricia-**
va apenas por costume, **descansando** a mão na venta do **cavalo**. Vinha dali um
 sôpro quente de respiro, **generoso, como que enobrecendo**, umidecendo a pele
 do homem. Chico Antônio foi se alastrando, se sentindo muito grandioso, tris-
 tonho, como si uma **dessas tardes do sul, tão tristes**, caisse dentro dêle também.
 510 **Mas** não era **bem** tristeza o que **sofria, antes** uma **certa** vagueza indisciplinada,
essa consciência de existir, muito malestarenta, em que ficava sempre que in-
 terrompia em caminho algum desígnio ocupador. Olhou o animal bem nos o-
 lhos. Apertou suave as narinas **ardentes** do **bicho**.

– Então? vai perder na corrida, hum? **bichin'**...

linha 515: (A): e sacudiu+-se+ todo, (A): O *animal* se enganou
 linha 516: A: trouxe *prás vizinhanças* de (A): *O gesto* foi eficaz e trouxe +de novo+ *pro amor*
 de
 linha 517: A: do *animal*. Demais A': Demais a mais@+,+@ a (A): do *cardão*. *Demais a
 mais* A: *imagem* generosa do animal. Tanto mais que a ^frsse^@+,+@ nem bem
 pronunciada@+,+@ lhe
 linha 518: A': do *cardão* perder. (A): pensamento a *idea* do
 linha 519: (A): marchar. +Saiu da cocheira meio fugindo,+ foi
 linhas 519-520: A: andando +num desespêro irrespiravel+ insensivelmente
 linha 520: (A): insensivelmente *fazendo* refazendo
 linha 521: (A): caminhada até entrar *na pi[cada]* no caponete. (A): ca-/minhada +dêsse dia+ >até
 entrar no caponete< Não
 linhas 521-522: A: mas *com* o (A): mas *tinha o corpo imaginando em* verdades
 linha 522: A: contraditorias. *fazia* caminho e refazia *um* mesmo
 linha 523: A': caminhar *Não era possível que* >per< (A): caminhar. +Entrou no caponete.+ Ficará
 linha 524: (A): era >é< a coisa A': cardão ^perdesse^. Mas (A): Mas +tambem+ era
 linhas 526-527: (A): social +, moral, humana+ do
 linha 527: A: era um >#bom#< cavalo +bom.+ Era um >bom< companheiro. A: era >um< cavalo
 bom@.@ ^Era^ >um< companhei-/ro
 linha 528: (A): moço@+,+@ +muito+ comovido,
 linha 529: A: réis. Mas >não< +E agitado+ A': réis. >Mas< (A): tinha *de* ganhar
 linha 530: A: +não+ podia mais viver *numa* angustia *insuportavel*.
 linha 531: A': não *tinha* ninguém
 linha 532: A: Mas *teve* uma (A): ninguém. *Mas veio* uma A: Era ^mai^
 linha 533: A: que *obvio* >tambem< que seu doutor ^Luiz^ não
 linha 534: A: pra Chico ^Antonio^
 linha 535: A: um >momento< =momento= A': >e pra sempre inesquecível< da vida A: vida
 ^dele^. Sem seu doutor ^Luiz^ e
 linhas 535-536: A: a surpresa@+,+@ foi A: mãos *ficarem* concebidamente A': pastando
 +tudo ficou sem justificativa+ >foi como a surpresa, foi como quem vai vai pegar um sabão pra
 lavar a mão e o sabão desaparece de repente, que-dele o sabão? E além da surpresa outra
 fixidez contrariadora das mãos permanecerem concebidamente sujas.< Ficou assim,
 (A): pastando, \tudo ficou\ sem
 linha 536: (A): justificativa@+,+@ +espantoso+. >Ficou assim< +Parou atordoado+ *esquecido* de tudo
 A: Parou ^aotrdoad^, *esquecido* de tudo
 linhas 536-537: (A): tudo, +aparentemente esquecido do cardão,do conto de réis, da sua luta moral, só+
 perguntando
 linha 537: A: moral +só+ indagando
 linha 538: (A): +dos ares,+ com *precisão* +absoluta+ de resposta@+,+@ A: dos ares@+,+@ com
 linha 539: (A): Luis >Não< +Aquilo não+ durou (A): Luiz@.@ Aquilo não durou nem um *espaço*
 porquê A: ^Luiz^? Aquilo
 linha 540: A: São Paulo +, vam'bora + A: ^Luiz^ estava em São Paulo, vam'embora pra São
 Paulo@.@
 linha 541: A: já *noite feita* e A: trem +de ferro.+
 linha 542: (A): êle@+,+@ e
 linha 543: A: continuando *percebeu* que eram os ^italianosmais^ uns (A): continuando +no
 passo,+ reparou que eram os italianos mais +alguns+ A: italianos +com+ mais
 linha 544: A: Schiavone@+,+@ *na* alturinha
 linha 545: A: ancas@+,+@ com
 linha 546: (A): você *abandona* o
 linha 547: (A): Olha@+,+@ intaliano@+,+@ você não *mexa* mais *cumigo* >que< ...
 linha 548: A: cacete ^nele^. Chico ^Antonio^ quis
 linha 549: (A): tirar *o facão* A: >mais< , o braço
 linha 550: (A): pau *^na^ nuca* cangote,
 linha 551: (A): recuou +branco de susto,+ e o A: grupo ^despersou^

515 O **cardão** se enganou pensando que era carícia, e sacudiu-se todo, garbo-
so. A **atitude** foi eficaz e trouxe **de novo ao bemquerer** de Chico Antonio a
figura generosa do **animal**. **Tanto mais que** a frase, **nem bem pronunciada**, lhe
fixara no pensamento a **noção** do mangalarga perder. Ficou tão incompatibiliza-
do que tomou o recurso de sempre: marchar. **Saiu da cocheira meio fugindo**, foi
520 andando num desespero irrespirável, insensivelmente **\$fazendo\$** refazendo a ca-
minhada **dêsse dia**. Não levava nenhuma intenção conhecível mas **estava atra-
vessado de** verdades contraditórias. Fizera e refazia o mesmo caminho sem
querer. O importante era caminhar. **Entrou no caponete**. Ficara impossível o
cardão perder. Mas **tambem** era a coisa mais lógica dêsse mundo que o cavalo
525 de raça ganhasse, muito mais bonito, e principalmente duma classe elevada.
Pra Chico Antonio era óbvia, insofismável a superioridade social, **moral, hu-
mana** do senhor-de-engenho. Mas o cardão era **um** cavalo bom, era **um** companhei-
ro. O moço, **muito** comovido, pensou nitidamente o sentimento “companheiro”. Mas
tambem era insofismável que tinha **que** ganhar o conto de réis. Agitadíssimo,
530 não podia mais viver com a angústia frenética.

Detrás do caponete não estava ninguém e mesmo Chico Antonio jamais ti-
vera a intenção de procurar ninguém. **No entanto bateu** uma desilusão. Era mais
que **certo tambem** que seu doutor Luís não havia de estar ali esperando na-
da. Mas pra Chico Antônio o fundo do caponete não era uma paisagem, era ape-
535 nas um momento da vida dêle. Sem seu doutor Luís e o inglês pastando, **ficou
tudo** sem justificativa, **espantoso**. **Parou atordoado**, livre de tudo, **aparen-
temente esquecido do cardão, do conto de réis, da sua luta moral, só indagando
dos ares**, com **necessidade absoluta** de resposta, onde que estava seu doutor
Luís? Aquilo não durou **um segundo** porquê a resposta veio exatíssima: seu dou-
540 tor Luís estava em São Paulo, vam'bora pra São Paulo!

Era já **quase noite** e o moço voltava apressado pra saber si tinha trem **de ferro**.
Logo topou com um grupo grande. O grupo estacou percebendo êle, e Chico Antô-
nio continuando **no passo**, reparou que eram os italianos **com** mais **alguns** brasi-
leiros. Na frente o Schiavone, **da** alturinha dele, erguera o bigode pro ar e
545 dobrara as mãos nas ancas, com jeito de dona-de-casa.

- Então você **deixa** o meu cavalo e vai correr no ingrêis, hé!
- Olha, intaliano, você não **mexe** mais comigo...

Um dos homens descera o cacete nêle. Chico Antônio quis mas não poudé
tirar a faca, o braço não era mais dêle com a porrada no ombro. Foi recuar,
550 levou com o golpe sêco de pau no cangote, caiu prá frente. O Schiavone re-
cuou **branco de susto**, e o pobre lambeu chão, desacordado. O grupo dispersou

linha 553: (A): >Quando< A fresca (A): noite *era* aguda
 linha 554: A: f dila(s)cerada f A: beijo *estava inchado* com a batida no chão, a carne dilacerada
 >por dentro<
 linha 555: (A): abalados@, ,@ ^um^ calor A: cangote@+,+@ >e< o ombro >que< doia
 linha 556: (A): +muito+. Se ergueu. Seguiu inda meio aluado. Lhe *bateu* um *pensamento* facil
 linha 558: (A): daqueles e *o culpado era* quem (A): Schiavone +, batendo no Schiavone a
 vingança passava.+ Mas A: Schiavone, *batendo* *dando* esfaqueando o Schiavone
 linha 559: (A): Chico Antonio >já estava muito ocupado com< +alimentava sobretudo a+ resolução
 A: *alimentava* sobretudo a resolução de *ir-se* embora
 linhas 559-562: (A): São Paulo. +Era o unico jeito/ dêle fugir da sua própria miséria moral, que êle não
 imaginava que fosse mi-/séria, que não era uma nitidez de consciencia, mas que lhe maltratava o
 ser/ pela indecisão angustiosa em que o deixava. +E A: imaginava >que< fosse mi-
 /séria, que não era uma nitidez de consciencia, mas >que< lhe
 linha 562: A: gente ^ordinaria^@, @ seu
 linha 563: (A): ganhava #din[heiro]# corrida A: corrida ^á^ custa de ^d nheiro^, o
 linha 564: (A): custa de *companheiros* patricios A: custa de *patricios*, teve nojo daqueles homens.
 >e mais cresceu nele a indecisão carinhosa pelos dois cavalos< (A): daqueles #terra#
 linha 564: (A): custa de *companheiros* patricios A: custa de *patricios*, teve nojo daqueles homens.
 >e mais cresceu nele a indecisão carinhosa pelos dois cavalos< (A): ^daquela^ #terra#
 linhas 564-567: (A): homens + e a culpa de tudo, de tu-/do o que êle sofria internamente e de tanta gente
 ordinaria era da terra./ Nessa maneira comoventemente ingênua com que o povo classifica bens
 e ma-/les, a terra é que ficara detestavel, infame, ordinária, a terra não prestava.+ O unico
 linha 565: A: gente ordinaria@+,+@
 linhas 569-570: (A): trens *mas* estava (A): trens. +Depois se lembrou de procurar o Schiavone e
 dar uma surra nele+@+,+@ ^estava^ A: trens +, mas trem só no dia seguinte.+ Depois
 linhas 570-571: (A): perdurando +e as dores fortes+ Viu o telégrafo e +se+ lembrou A: >Viu o
 telégrafo e< ^Se^ lembrou
 linha 571: A: de avisar seu João +naquele endereço que trazia no bolsinho+ Foi (A): Foi um \custo
 penoso\
 linhas 572-573: (A): milréis. +Depois o Schiavone não vê que já tinha voltado ao hotel!+ ^saiu^ dali
 A: milréis +, no telégrafo.+ ^depois^ o Schiavone não vê que já *tinha voltado*
 linhas 573-574: (A): cama, >impacientado com a demora de só depois do dia seguinte chegar em São
 Paulo.< +fatigado de acanhamento porquê parecia estarem mangando com êle na estação.+
 A: estação.// >Partiu de-manhã cedo e a impaciencia já se acabara com os prazeres do trem.
 Não demorou nada aquele momento quente, e inesquecível em que puxando seu João do lado,
 com o bauzinho debaixo do braço e gonzá no ombro metia a cara na rua paulistana, andando
 naquele passo inclinado, meio aos arrancos de quem sobe morro.// Era noite de sabado<
 (A): porquê *parecia* A: dali *prá* cama, fatigado de acanhamento@+,+@
 linhas 574-577: (A): estação +, no telégrafo, no hotel. Era um desânimo enor-/me que lhe evitava
 satisfazer o desejo de beber muita cachaça e um qual-/quer uso da faca paraibana emseguida.
 A: de >beber< muita cachaça e um qualquer uso da faca paraibana ^emseguida^ +Pegou nos
 terens, o gonzá sempre a ti-/racolo, comendo estrada na noite.+
 linha 578: A: >Partiu no outro dia cedo, feliz< #com os prazeres inéditos do trem. Mas# +Andando,
 andando, teve que dormir no ar livre o resto da madrugada. Pela manhã chegou/ numa vila de
 estrada-de-ferro. Indagou, esperou sentado cinco horas. De-tardinha/ enfim+ partiu, +todo
 outro,+ feliz
 linhas 579-581: (A): olhado +pelos dois unicos viajantes do vagão,+ se sentindo mal vestido pra primeira
 +classe onde o tinham posto+ A: sentindo *mal vestido prá*
 linha 582: (A): quando *afirmaram pra êle que* lhe garantiram (A): quando +depois de já exaurido e
 totalmente infeliz por causa das paradas, das baldeações e esperas,+ lhe garantiram A:
 quando@+,+@ >depois de< já A: já ^exaurido^ e
 linha 583: A: paradas, >das< baldeações@+,+@ >e< esperas,
 linhas 584-585: (A): vagão +de segunda, muito cômodo porquê estava cheio de gente, e essa gente e-/ra
 que nem êle,+ de-noite
 linha 585: A: de-noite@+,+@ A: de-noite@>,<@
 linha 586: (A): momento *quente*
 linha 587: (A): braço +trouxa na mão+ A: gonzá *a tiracolo,* metia
 linha 588: A: arrancos@+,+@ de
 linha 589: (A): automoveis +se atrapa-lhavam+

fugindo.

- A fresca da noite **estava** aguda e Chico Antonio logo se recuperou. O beijo **inchava** com a batida no chão, a carne dilacerada **por dentro** pelos caninos. Estes abalados. **Um** calor desigual no cangote, o ombro **que** doía **muito**. Se ergueu. Seguiu inda meio aluado. Lhe **batia** um **sentimento** facil de vingança. Não tinha medo de nenhum daqueles e quem tinha a culpa era só o Schiavone, **esfaqueando o Schiavone a vingança passava**. Mas Chico Antonio **sentia sobretudo a** resolução de **ir** embora pra São Paulo. **Era o unico jeito**
- 560 **dêle fugir da sua própria miséria moral, que êle não imaginava que fosse miséria, que não era uma nitidez de consciencia, mas que lhe maltratava o ser pela indecisão angustiosa em que o deixava**. E tanta gente ordinaria: seu doutor Luís ganhava **\$din\$** corrida **à** custa de dinheiro, o Schiavone se vingava à custa de parceiros, teve nojo daqueles **\$terra\$** homens **e a culpa de tudo, de tudo o que êle sofria internamente e de tanta gente ordinaria, era da terra**. Nessa maneira comoventemente ingênua com que o povo classifica bens e males, a terra é que ficara detestavel, infame, ordinária, a terra não prestava. O unico jeito era ir pra São Paulo mesmo, e o mais depressa. Foi na estação saber dos trens, **mas trem só no dia seguinte**. Depois se lembrou de procurar o
- 570 **nele**. Estava muito lânguido por causa da tonteira perdurando **e as dores fortes**. **Viu o telégrafo e** Se lembrou de avisar seu João **naquele endereço que trazia no** [bolsinho. Foi um caro custo trocarem os quinhentos milréis **no telégrafo**. Depois o Schiavone não vê que já **tinha** [voltara
- ao hotel! Saiu dali **em busca da** cama, fatigado de acanhamento, porquê **parecera** estarem mangando com êle na estação, **no telégrafo, no hotel**. Era um **desânimo enorme** que lhe evitava satisfazer o desejo de **beber** muita cachaça e um qual-quer uso da faca paraibana em seguida. Pegou nos terens, o ganzá sempre a tiracolo, comendo estrada na noite.
- Andando, andando, teve que dormir no ar livre o resto da madrugada. Pela manhã [chegou numa vila de estrada-de-ferro. Indagou, esperou sentado cinco horas. [De-tardinha enfim partiu, **todo outro**, feliz com os prazeres **inéditos** do trem. Mas logo a viagem ficou inquieta, muito olhado **pelos outros dois unicos viajantes do vagão**, se sentindo **estranho na primeira classe onde o tinham posto**, mandado por todos, levado, não podendo orientar caminho pelo capricho dos pés. Afinal sossegou mais quando, **depois de já exaurido e totalmente infeliz por causa das paradas, das baldeações, esperas**, lhe garantiram que naquele vagão de segunda, muito cômodo porquê estava cheio de gente, e essa gente **era que nem êle**, de-noite estava em São Paulo. Não demorou nada aquele momento **gostoso**, inesquecível, em que puxando seu João ao lado, baúzinho debaixo do braço, **trouxo na mão, ganzá de banda**, metia a cara na rua paulistana, naquele passo inclinado, meio aos arrancos, de quem sobe môrro.
- Era noite de sabado. Custoso de atravessar, tantos automoveis **se atrapa-**

linha 593: A: vinham >@+,+@ em direção contrária@+,+@<
 linha 594: A: >era< uma (A): viaduto +escuro+, e (A): outra *escada*
 linha 595: (A): +e+ era
 linha 596: A: esperar >quanto< trem >chegava< Chico Antonio só então se lembrou que não *esperava*
 encontrar (A): >só então< se lembrou
 linha 597: A¹: por ^cauda^
 linha 598: (A): povaréu *espantoso* A: vira. ^Luzis^ vermelhas
 linhas 599-600: (A): iluminadíssimas, +praquê tanta luz?+ >*filas* #de bondes#< enfieiras de bondes,
 linha 600: (A): formidável@.@ +Chico Antônio sorriu+
 linhas 601-603: (A): outros, +se entendia quase tudo, muitas+ moças passeando, +mas que rua
 incomparável! muitas moças+ lindas,
 linha 602: A: *quasi* tudo,
 linha 604: A: músicas, ^delens^ A: Chico ^Antonio^ estava
 linha 605: (A): *meio* tonto. \#Estava# principalmente\ deliciado. *Sentia* por
 linhas 605-606: (A): *continuado* enlanguescendo, muito comodo e conhecido que *o dionisiava*. Se
 linha 606: A: muito ^comodo^ e
 linha 607: (A): coco, *depois de* #muit[o]# quando após muito A: no ^coco^, quando
 linha 608: A: pancada >sempre<
 linhas 608-609: A: operando +desintelectualizado+, na (A): operando, #desintelectualizado# na
 pancada +sempre+ do ganzá, +desintelectualizado+, todo
 linha 609: A: fundia >desinteligente< *num estado* de
 linha 610: A: as ^proprias^ palavras
 linha 611: (A): valores de *sons*. (A): sempre@+,+@ e@+,+@ inda por cima@+,+@
 linha 612: A: chegando *por* baixo
 linha 613: (A): de *a-pé*,
 linha 614: A: velhote *parado* confundido (A): +seu João+ puxou o braço dêle. +Então+ Chico
 Antônio
 linha 615: (A): luzes *passando* se cruzando A: numa *atrapalhada* de corpos, sons, luzes >se<
 cruzando
 linhas 616-617: A: condescendente. *Saía de todo êle* uma (A): enormes e >se riam com vastidão,<
 +acariciavam tudo com amor+ banhados duma luz *condescendente*. *Filtrava* dêle +todo+
 uma A: luz *admirável*. Vinha ^dele^ todo
 linha 618: (A): confiantes, *sem hesitação*
 linha 619: (A): boca +ou+ levando
 linha 620: (A): davam *^pra^ moço #essa#* Chico Antonio =essa= A: ^Antonio^ essa ^experencia^
 compassiva@+,+@ de
 linha 622: A: outro *pediu* baixinho A: baixinho *pra seguirem* caminhando.
 linhas 622-623: A²: Nota MA: a grafite: traço dividindo a matéria.
 linha 623: A: O ^extase^ de Chico ^Antonio^
 linhas 623-624: (A): avenida. +Mas ao+ *Atravessando* o
 linha 624: A: Pedro II, *alem da* escurza (A): bateu um *vento* gelado
 linha 625: (A): vida >pou[co]< voltou.
 linha 626: A²: Nota MA: a grafite, margem esquerda: “(21)”, número destacado por círculo a lápis
 vermelho, sugerindo acréscimo a partir de nota de trabalho. (A): Se *via* na

590 lhando, lá na frente muitos bondes parados, um mundo de gente naquela por-
teira...

– Seu João!...

Ficava atrasado, com o baú batendo nos que vinham, ~~em direção contrária~~,
uma especie de viaduto **escuro**, e tanta luz lá fora. Desceram outra **escadinha**
595 e era a rua. Seu João falava sempre, como que tinha ficado fulano, que desde
ontem vinha esperar trem, Chico Antônio se lembrou que não imaginava encon-
trar o velhote na estação. Andava rápido mas com dificuldade por causa da-
quele povaréu **maravilhoso**, como nunca vira. Luzes vermelhas, azuis, verdes, apa-
gavam, acendiam, casas iluminadíssimas, **praquê tanta luz? \$filas de bondes\$ en-**
600 **fieiras de bondes**, moças passeando, misturada formidável, **Chico Antônio sorriu.**
Seu João falava sempre mas havia também as frases dos outros, **se entendia**
quase tudo, muitas moças passeando, **mas que rua incomparável! muitas moças**
lindas, enfeitadas, automovel que não acabava mais, buzinas, uma porta era tea-
tro, músicas, deléns de mais bondes enormes chegando, Chico Antônio estava
605 **bem** tonto. Principalmente estava deliciado. **Gosava** por dentro um chuáá **con-**
tínuo, enlanguescendo, muito cômodo e conhecido, que **adorava**. Se repetia nele
um daqueles momentos de paroxismo a que atingia no côco, quando após muito
esfôrço de canto, muito giro de corpo, e cachaça operando, **na pancada sempre**
do ganzá, desintelectualizado, todo êle se fundia numa nebulosa de inconciên-
610 cia eloquente, em que as próprias palavras não possuíam mais que valores de
som. Era maravilhoso o que sentia. Seu João falava sempre, **e**, inda por cima, es-
sa voz de amigo, chegando de baixo como um apôio pra destruir qualquer inqui-
etação possível, seu João falava que parassem, não valia a pena irem de **apê**,
seu João puxou o braço dêle. **Então** Chico Antônio parou. Viu o velhote estacado, se
[rindo,

615 confundido numa trapalhada de corpos, sons, luzes cruzando. Os olhos do moço
estavam enormes e **acariciavam tudo com amor**, banhados duma luz **pesada**. **Vi-**
nha dêle **todo** uma simpatia voluptuosa, sem requinte, mandada pelo moreno pá-
lido muito igual, e sobretudo pelos traços confiantes, **amaveis**. E na cara os
vincos fundos, caindo da boca **ou** levando aos cantos dos olhos, davam pra Chi-
620 co Antônio essa experiência compassiva, de que é bom a gente se aproximar. O
entusiasmo de seu João cresceu olhando o filho, e foi fácil pra êle ceder
quando o outro implorou baixinho **que seguissem** caminhando.

O êxtase de Chico Antônio perseverou até o fim da avenida. **Mas ao atra-**
vessarem o parque Pedro II, com a escuriza vazia, bateu um **ventinho** gelado e
625 a vida voltou. Chico Antônio principiou examinando tudo com curiosidade.

Se **enxergava** na pouca distância o môrro em que o centro da cidade se

linhas 627-653: A²: Nota MA: a lápis vermelho: colchete na margem esquerda, destacando trecho.

linhas 628-653: (A): acréscimo provavelmente oriundo da nota de trabalho “(21)”: de grandeza +e de
pressa [...] aventuras de todas as importações+

linha 628: A: todo o >falso< esplendor

linha 630: A: ^ignonorante^. Naqueles capiteis, naquelas janelas@>,<@ *naqueles* enfeites@+,+@ todas

linha 631: A: Antiguidade >classica,<

linhas 632-633: A: virtude, >inefica-/zes e< traiçoeiras, A: a \#amarga# realidade\

linha 634: A: experiencia >mal principiada,< desgovernada@+.+@ >e insolúvel, e que< +>Em< =Em=
tudo aquilo+ gritava

linha 635: A: >era aquela pasmosa e< \sorradeira preguiça\ que

linhas 636-637: A: legítima. >O que o leva à aventura é a preguiça, êle< ^carrega^ toda

linha 638: A: sem ^paciencia^, sem ^persistencia^, ou

linha 641: A: >é que< imaginam,

linha 642: A: >todo< enfeitado.

linha 643: A: continuado@+.+@ *cria* >a ideia da< a =aventura=. Somos nós. ^Quedele^

linha 644: A: *aquela* nobre ^persistencia^ no

linha 646: (A): A *sensualidade[de]* preguiça

linha 648: A¹: >Paris.< Pra

linhas 648-649: A: grande. >Renascença. Um colar de diamantes magistrais. O arranhacéu. Tudo falso.<

linha 649: (A): povo >que< nas A: base >no povo< nas

linhas 649-650: A: populares, >porquê< +embora+ aliás, +o+ ^a aventureiro^ bem sucedido *era* tão

linha 651: (A): por #inv[ersão]# uma inversão A: terra@, @ ^mas^ por uma inversão

linhas 651-652: (A): ridícula de *valores* dados A: inversão *ridícula de dados* qualificando >e
caracterizando< a terra, >a< “terra

linha 653: A: de >todas as< aventuras >de todas as importações< .

linha 654: (A): espetáculo +muito+ novo e muito *lindo*.

linhas 655-656: (A): de *inteligência* antinatural, >quasi< desumano >pra Chico Antonio<
+individualista a um excesso monstruoso,+ desmantelava as *grandes* construções
A: antinatural, ^desumano^

linha 657: (A): semostradeira, *duma vaidade* +grandiosamente+ ridícula. A: grandiosamente
ridícula

linha 658: (A): deixando *entre as pernas* aparecer

linha 659: A¹: frontarias >rendadas< e (A): incompetência >grandiosa a< que

linha 660: (A): em *vias* de A: Martinelli ^aufinetava^ por

linhas 660-661: (A): já *da maioria dos andaimes*, com

linhas 661-662: (A): janelas, *dominando com soberania feito uma* ordem e de lei. A: ordem >e de
lei.< Mas

linha 662: (A): ordem de ^Lei.^ lei. A¹: Mas na noite >fraudulenta< o (A): Mas +dentro+ *na*
noite@+,+@ o pequeno princípio de *calma* que

linha 663: (A): fácil@+,+@ porquê

- encarapitava apertadinho, exagerado em valor, dando uma impressão catastrófica de grandeza e de pressa. Resumia todo o ~~false~~ esplendor da aventura americana. Era despidorado, era estupidamente desengonçado, era principalmente
- 630 ignorante. Naqueles capiteis, naquelas janelas e enfeites, todas as importações tragicamente apressadas, em que a Índia, a Antiguidade, ~~elassiea~~, a França, a Alemanha, a América do Norte se recordavam sem virtude, ~~ineficia-~~zes e traiçoeiras, sem realidade nenhuma que não fosse a realidade amarga duma experiência ~~mal-principiada~~ des governada. Em tudo aquilo gritava
- 635 a preguiça sorrateira que faz a base da aventura. O aventureiro é um ser covarde, sem energia legítima. ~~O que o leva à aventura é a preguiça, é~~ Carrega toda a sensualidade, todo o egoísmo da preguiça. Precisão imediata de conseguir imensos lucros, sem paciência, sem persistência, ou vai ou racha! Trabalha duma vez, ferozmente, desarrazoadamente pra poder em
- 640 seguida ser o alguém fútil que só a ignorância, só a sensualidade, só a preguiça ~~é que~~ imaginam, o ser que se pensa grande só porquê tem de seu e está ~~todo~~ enfeitado. Essa violenta preguiça de ser humano, de pensar mais profundo, de trabalhar mais continuado. Nasce a aventura. Somos nós. Quedê a nobre persistência no dia-a-dia que prepara a grandeza através de
- 645 gerações e gerações? Um dia o neto dos bisnetos será raçado e tradicional. Que neto êsse que não conheço nem amo! A ~~Sensualida~~\$ preguiça não admite tamanho sacrifício, embora apenas parcial. Se quer a riqueza pra nós. Para go-sar. Paris. Pra ser grande. ~~Renascença. Um colar de diamantes magistrais. O arrahacéu. Tudo falso.~~ Sem nenhuma base ~~no povo~~ \$que\$ nas camadas populares, ~~por-~~quê embora aliás, o aventureiro bem sucedido fosse tão povo como o mais
- 650 [fisicamente
sordido lixeiro. Sem nenhuma base na terra. Mas por ~~\$inv~~\$ uma inversão risível de equações, qualificando ~~e caracterizando~~ a terra, a “terra da América”, randevú de ~~todas as~~ aventuras. ~~de todas as importações.~~
- 655 Mas era mesmo um espetáculo ~~muito~~ novo e muito impressionante. Um poder de ~~criação~~ antinatural, deshumano, individualista a um excesso monstruoso, desmantelava as ~~enormes~~ construções numa irregularidade semostradeira, numa desconcordância grandiosamente espetada. Eram fundos fenomenais de casas, paredões lisos chapeando o môro, deixando ~~nos vãos~~ aparecer mais longe frontarias e cupulas berrantes. Tudo numa incompetência que o arranhacéu
- 660 Martinelli alfinetava por cima, em ~~via~~ de acabamento, despido já ~~de muito andaime~~, com as suas carreirinhas regulares de janelas, ~~que consolavam num pouco de ordem. e de lei.~~ Mas dentro da noite, o pequeno princípio de ordem que a massa Martinelli despertava, era destruído fácil, porquê os anúncios lumi-

linha 663: A: lumi-/nosos *dominando* o A: *quasi* todos
 linha 664: A: mirim@+,+@ (A): ar *poento duma* neblinha mirim, *mostrando*
 linha 665: (A): incêndio *pavoroso* triste. Uma caieira +formidanda se+ acabava >em brasido tristonho crepitando< @,@ ^um^
 linha 666: (A): desastre, um *valor* de progresso A: desastre, +de rapina+ A^I: desastre, >de rapina<
 linhas 667-668: (A): Light, +moral, evangelista, aconselhando prudencia, menos ousadia,+ exasperando
 A: Light, >moral, evangelista, aconselhando prudencia, menos ousadia,< exasperando
 linha 668: (A): sensação +que ficava+ á espera de que êle *vol[tasse]* A: ficava ^á^ espera >de< que
 linha 669: (A): novo, >moral, protestante, monistico final de fabula, aconselhando prudencia, mais fôrça, menos ousadia,< rompia A: passasse f de novo/ outra vez f, rompia
 linha 670: (A): *pra* >um< espetaculo A: ^pro^ +ver o+ espetaculo
 linha 671: (A): Chico Antonio *toda a vista* =toda a= paisagem A: *Mas* pra (A): *Porê* pra
 linha 672: (A): boniteza *arrebentante*, nunca vira coisa assim, tão linda! >Ficou inquieto e desviou os olhos da grandeza, prestando mais atenção pro que o velhote falava< +parecia o Recife!+
 linhas 676-677: (A): ruas *escuras* mal iluminadas (A): iluminadas@+,+@ cheias (A): andares *berrantes de* branco
 linha 677: (A): e *enfeites ciganos*. Seu João falava que@+,+@ como
 linha 678: (A): partiam *no dia* seguinte A: seguinte *prá* fazenda,
 linha 679: (A): >Chico Anto[nio]< O >Este< quarto era A: >O< =O= quarto A: quarto@+,+@ *pra* depois
 linha 680: A: dum ^sirio^ muito bom, amigo de seu João. Chico ^Antonio^
 linha 681: A: mas >meio< abatido (A): mas +bem+ abatido. Ia macambúcio, *meio* A: cheio *de* ^paciencia^ mas bem abatido. Ia ^macambusio^, um
 linha 682: (A): pelas *tantas* sensações arrancadas dele com brutalidade +, tinha sono.+
 A: sensações *arrancadas dele com brutalidade*
 linha 683: (A): Não *julgava* nada A: com +aquilo+ tudo
 linha 684: (A): tudo, estava *in[feliz]* só tristonho, (A): tudo, *só tristonho, num esgotamento meigo,* talvez
 linhas 685-686: (A): Mas >nem sabia si era preferivel isso.< *Continuava* mandado, +sem objetar nada+
 A: com *seu João*, bem na ^caricia^. Mas
 linha 687: (A): aos gritos >violentos< de luz A: ao *gritos* de luz >que os restaurantes apitavam nas calçadas escuras, nem no< =nem= ao mundo
 linha 688: (A): noite +de sabado+ botava A: de ^sirios^ de voz chacoalhante@+,+@ que o principio da noite de ^sabado^
 linha 689: A: >pra< fôra
 linha 690: A: assim *numa* casa de esquina (A): andares, *alvos,* numa A: a *^uma^ casa* de esquina, *dois andares alvissimos* *estupidamente branco* numa
 linha 691: (A): florões. +No andar terreo,+ ^Um boteguim^ vasto A: florões. *No* andar ^terreo^ +era+ um
 linhas 691-692: (A): vasto >arreganhava uma dentuça de pilastras de cimento-armado,< *uma vitrola* ^emaranhada^ *nas* conversas A: conversas@+,+@ >e< ^a^ luz,
 linhas 692-693: (A): luz@+,+@ *sem discreção* reavivando na A: indiscreta@+,+@ *reavivando* na
 linha 693: A: manchas de cal ^ficados^ da A: manchas de *cal* ficadas
 linha 694: (A): re-/centissima. +Mas a casa já parecia ter vinte anos.+ Ao
 linha 695: A: João indicou>-a<:
 linha 697: (A): botequim. ^Axharam^ >û[a]< = ûa= mesa ^vizialá^ num
 linha 698: (A): o *fu[ndo]* fim do A: uma ^aria^ interna@+,+@ donde
 linha 699: (A): Chico Antonio *meio amed[r]o[ntado]* (A): mijo >e lixo<. Chico Antonio, com muita calma@+,+@ A: Chico ^Antonio^ A: os ^tres^ por
 linha 700: (A): mesinha@+,+@ enquanto seu João \gesticulado berrava\ pra um homem *em pé*

- nosos, em que dominava o encarnado, **quase** todos invisíveis do parque, reverberavam nas fachadas e no ar **empoeirado por uma** neblinha mirim, **criando** um fim de incêndio ~~\$pavoroso.\$~~ triste. Uma caieira **formidanda se** acabava. Um **s** sabor de desastre, ~~de rapina~~, um **exemplo** de progresso desastroso vinha do môro. E o lerdo farol circulante da Light, ~~moral, evangelista, aconselhando prudência;~~ **menos ousadia**, exasperando a sensação **que ficava** à espera **de** que êle ~~\$vo!~~ outra vez
- 670 passasse de novo, rompia os restos de qualquer paciência ali chegada, não pra **ver o** espetáculo, mas pra amar o homem pelo que êle pode ser.
Mas pra Chico Antonio, a paisagem do centro urbano de São Paulo era apenas duma boniteza **violenta**, nunca vira coisa assim, tão linda! **parecia o Recife!**
- 675 Tinham acabado de cortar o parque em diagonal e embocavam por umas ruas mal iluminadas, cheias de espanto, com casas de dois andares **berrando um** branco inda despatinado e **enfeitação cigana**. Seu João falava que, como partiam **na manhã** seguinte pra fazenda, era melhor Chico Antônio deixar os terens no quarto, **e** depois darem uma voltinha na cidade. O quarto era ali
- 680 perto mesmo, pensão dum sírio muito bom, amigo de seu João. Chico Antônio obedecia levado, cheio da paciência mas **bem** abatido. Ia macambúcio, **um tanto** esvaziado pelas **muitas** sensações **brutais, tinha sozinho**. Não **julgara** nada, nem se enriquecera de nenhuma experiência com aquilo tudo, **era tristeza só, tristeza meiga**, talvez preferindo ficar no quarto sem
- 685 sair, conversando com **o pai**, bem na carícia. Mas **prosseguia** mandado, **sem objetar nada**, seguindo aplicadamente o companheiro, não atentando mais nem aos **jôrros de luz que os restaurantes apitavam nas calçadas escuras, nem no** mundo de sírios de voz chacoalhante, que o princípio da noite de sábado bota-
tava **pra** fóra das casas.
- 690 Chegaram assim a **um sobrado** de esquina, **dois andares**, numa pelintragem de colunatas e florões. O andar térreo **era** um botequim vasto **com o radio emaranhado numa bulha enfumaçada de** conversas. **e A luz, sempre indiscreta, reavivava** na calçada as manchas de **tinta** ficadas da construção recentíssima. **Mas a casa já parecia ter vinte anos**. Ao passarem pela porta entreaberta, seu João indicou:
- 695 – É aqui. Mas primeiro vamos tomar um cafêzinho.
Entraram no botequim. Acharam uma mesa ainda vazia, lá num canto, entre o fim do balcão e uma porta dando pra uma ária interna, donde vinha um cheiro ventado de mijo. Chico Antônio, com muita calma, dispunha os **trens** por baixo da mesinha, enquanto seu João **berrava gesticulado** pra um homem **de-pé**, dis-
- 700

linha 701: A: mesa +mais+ longe
 linha 702: A: ^Eh^, seu Nedim! +Chegou!+ (A): Nedim! *Chegou*!
 linhas 702-716: A²: Nota MA: a lápis vermelho: colchete na margem esquerda separando a sequencia em que seu Nedim se destaca para servir de matéria ao conto “Os Sírios”, planejado em setembro de 1944.
 linha 703: (A): sêco@+,+@ de
 linha 704: (A): homem *grande* imponente, +enorme de ossos+
 linha 705: (A): Vestia *sobrio*@>,<@ +uma+ roupa *meio* gasta +mas+ de boa fazenda >, luziluzindo já na corcunda acentuada duma ambição sem prazer.< Uma A: de \#boa# fazenda\
 linha 706: (A): com *um* topete quadrado@+,+@ enrijava inda mais a *cara du[ra]* feição =dura=
 linha 707: (A): desabando +curvo+ em A: sobancelhuda >muito<, com
 linha 708: A: movediças *princiando* quasi (A): *sensualissimas* movediças A: principiadas *quasi* nos
 linha 709: (A): gesto. *Mas* a
 linha 710: (A): que@+,+@ em torno@+,+@ nada tinham que saber da frase *falada*. Pelo
 linha 711: (A): Nedim *se dirigia* falava (A): Nedim *falava* =se dirigia=, recebia A: pessoa ^aquem^
 linhas 711-712: (A): nitidez *ferinte*
 linha 713: A: não *apreciando muito as*
 linhas 713-714: (A): capaz de *brigar*@. @ ^Mas^ A: *brincadeiras*@+,+@ >e< capaz A: *quasi* simpatico,
 linha 714: A: caroavel o Nedim de +até+ um (A): caroavel >o Nedim de até um ano atrás, gostando< +quase simpatico, vaidoso+ de *conversar* as viagens
 linha 715: (A): viagens *fabulosas* que fizera +apê+ por Mato Grosso, ^Goiáz^ e A: por *Mato Grosso*, ^Goiáz^ e
 linha 716: (A): sertão *nordestino*.
 linhas 716-717: A: milréis +em troca+de A¹: de *fazendas* e (A): dera *pousada* pra êste e mais oitenta milréis em troca *de* fazenda +encarnada+ e A: êste@+,+@ e mais
 linha 718: A: Mesmo@+,+@ a A: colonos@+,+@ que +êles+ treleram@>,<@ e (A): Mesmo@>,<@ a besteira *espantou de* tal forma os outros colonos@+,+@ A: que +êles+ treleram,
 linha 719: (A): de-tardinha@+,+@ diz-que
 linhas 720-721: (A): ficada +e nortista gastador+. Seu A: nortista +ser+ gastador. Seu
 linhas 721-722: (A): Seu João +não disse nada mas ficou safado com a trelência do patrão. Passou a noite+ *que não estava mesmo gostando mais* de São Carlos
 linha 723: (A): São Carlos *então é que mudara prá fazenda Araraquarense. Abandona* (A): +e no dia seguinte+ pediu *as contas* pra sair +, saiu+. Abandonara
 linha 725: A: era >bem< dele (A): que *era dele* e espigava bem. >Mudara.< +Patrão tinha muito por aí.+ O que
 linha 726: (A): adiantamentos +necessários,+ Nedim mesmo@+,+@ >inda< pegado na cidade@+,+@ ajudou
 linha 727: (A): milreis e #juro# doirado@>,<@ juro. (A): a *quatrocentos* milreis A: a ^tresentos^ milréis e ^doirado^ *dourado* juro.
 linha 727: A: >(continuar contando as peripecias todas de seu João, como si fosse êle a contar pra Chico Antonio, até que Nedim vem conversar com os dois)<
 linha 728: (A): *Mas* não
 linha 730: (A): vinha +sim,+ A: sim, ^porêmem^ não
 linha 731: A: ^brutissima^, raçada em animalidade por ^seculos^ de vilarejo europeu, +selvagem,+ sem
 linha 732: A: ^esgotos^, sem *encantamentos* de ^especie^ nenhuma, sem luz ^eletrica^, sem
 linha 733: A: sem *quasi* nenhuma A: colonos ^otimos^. E
 linha 734: A: cheias de >mais luta e< *futurosas*, um esbôço de inteligencia@+,+@ A: futuro, +luzira nêles+ um
 linha 735: (A): na ambição >idea-fixa< pra A: neles@+,+@ >e< ^em^ muitos (A): na *ambiçãom* pra não >se< desencaminhar A: desencaminhar >luzira neles.< Em
 linha 737: (A): farinha, +como resmungava a calunia invejosa, mas+ A: a ^calunia^ invejosa@+,+@ mas A¹: calúnia@+,+@ >invejosa,< mas

cutindo noutra mesa **mais** longe:

– Êh! seu Nedim! chegou!

O sírio virou pra ver, fez um gesto sêco, de cabeça, e continuou na discussão. Era um homem **\$grande,** imponente, **enorme de ossos**, com seus quarenta anos. Vestia **sobriamente** uma roupa **meia** gasta **mas** de fazenda boa. Uma cabelacha anelada, com o topete quadrado, enrijava inda mais a **\$serra-du\$** feição dura, sobrancealhuda **muito**, com o nariz sensualíssimo desabando **curvo** em narinas **\$sensualísimas\$** movediças principiadas **quase** nos olhos. Nedim falava baixo, muito sem gesto. Porém a voz era de flexa com direção, pouco discernida pelos que, em torno, nada tinham que saber da frase **pronunciada**. Pelo contrário, a pessoa a quem Nedim **se dirigia**, recebia a frase com uma nitidez **que feria**. Aliás Nedim mudara muito. Seu João conhecera e ficara amigo mas do mascate palavroso, sempre viril, não tem dúvida, não **gostando de brincadeiras**, e capaz de **brigas**, **mas** caroavel, **quase simpático**, **vaidoso** de **contar** as viagens **arriscadas** que fizera **apê** por **Minas, Goiás** e uns fundos de sertão **baiano**. Seu João passara uma noite conversando com Nedim, dera **janta e ceia** pra êste, e mais oitenta milréis em troca **duma** fazenda **encarnada** e badulaques. Mesmo a besteira **espantara por** tal forma os outros colonos que êles treleram, e de-tardinha, diz-que o fazendeiro com ares de pai de quem? passara na casa dêle, fazendo um sermão trouxa sobre a dívida ficada **e nortista ser gastador**. Seu João **não disse nada mas ficou safado com a trelência do patrão**. Passou a noite **achando que não se dava bem naquela zona** de São Carlos **e no dia seguinte** pediu **a conta** pra sair, **saiu**. Abandonara tudo, o trabalho já feito, os trinta mil pés de café novo tratados com dificuldade, e o milho que **lhe pertencia** e espigava bem. **Patrão tinha muito por aí**. O que devia na venda e uns adiantamentos **necessários**, Nedim mesmo, pegado na cidade, ajudou a pagar. E a dívida e amizade subiram a **trezentos** milréis e **bom** juro.

De fato não fôra difícil arranjar emprêgo novo. Não vinha mais italiano pra São Paulo e as lavouras lutavam contra a falta de braços. Isto é: italiano inda vinha **sim**, porém não mais os homens de aldeia com a filharada, gente brutíssima, raçada em animalidade por séculos de vilarejo europeu, **selvagem**,

[sem

esgôtos, sem encanamentos de espécie nenhuma, sem luz elétrica, sem escola, sem **quase** nenhuma reação intelectual. Esses tinham dado colonos ótimos. E ao contágio das atividades novas, cheias de futuro, **luzira nêles** um esbôço de inteligencia, acautelada na **avareza** pra não desencaminhar. **luzira neles**. Em muitos se desenvolvera mesmo esplendidamente. Esses enriqueciam, possivelmente misturando muita areia nos sacos de farinha, **como resmungava a calúnia, invejosa, mas**

linha 738: (A): *ninguem *pode* jurar@;@ ^alguns^, de *vendedores* ambulantes* A: tinha >a< coragem de jurar

linha 739: A: *potentados@,@ *coisa* *Coisa* =coisa= aliás mais ou menos facil aqui@+.+@ >onde< +Já nos+ sobrava uma raça >#já#<*

linhas 740-741: (A): *vaidade >e principalmente< +de ser uma das únicas aristocracias do continente, e em principal+ pelo* A: *uma das >unicas<*

linha 742: (A): *bandeirismo e *ambição* amoralidade. E em* A: *amoralidade +social+. E em* A: *social. >E< ^em^*

linhas 742-743: (A): *parte *enorme**

linha 743: A: *deram *pra**

linha 744: A: *a posição +que tinha de ser+ *dum dos* centros* A^I: *São Paulo *a* posição >que tinha< de ser um dos centros* (A): *São Paulo *a* posição*

linhas 744-748: A: *conseguia@+,+@ pelo menos até o presente@+,+@* (A): *americano. Mas aqui, devido *principalmente* à frouxidão dos nativos, êsse brilho falso não *conseguia*, pelo menos até o presente, se *fundamentar* e legitimar@+,+@ que* A: *americano. >Mas aqui, devido especialmente à frouxidão dos nativos, êsse brilho falso não conseguira, pelo menos até o presente, se nacionalizar e legitimar@+,+@ que nem sucedera nos Estados Unidos da America do Norte e pelo menos em Buenos Aires tambem.<*

linha 749: A: *estrangeiros@+,+@ duma* (A): *ricachos *italicos* e*

linha 750: (A): *contas *miseravel*@+,+@ porquê* A: *porquê os ^Governos^ e*

linha 751: (A): **dûa* mansidão por* A: *duma *mansidão* *paciência* por*

linha 752: A: *italianos e@+,+@ si perseveravam na terra@+,+@ tinham* A: *italianos@,@ ^e^ si perseveravam na terra, tinham de >v<*

linha 753: (A): *sentimentos@>,<@ +e+ orgulhos@>,<@ +e+ ideias* A^I: *e ^ideias^ que ^emvez^*

linha 755: A: *aqui@+,+@ era* (A): *era +em grandissima parte+ porquê*

linha 756: (A): *banda +do mar+, vivendo* A: *chefões ^do^ clan >deles,< organizados*

linha 757: (A): *costumes, >e< parentela e >mo< *psicologi[a]* ordem* A^I: *sempre \#italianos# fundamentalmente\, nada*

linha 758: A: *homens, ^porêm^ intransportaveis*

linha 759: A: *tinham *por cá*. Iam*

linha 760: (A): *passeio@,@ ^mas^ si*

linhas 760-761: (A): *do São Carlos, *sentiam* bem o facil orgulho da patria +velha+, em vez, a* A: *do *São Carlos*, gosavam* A: *a ^imundicie^ da*

linha 762: (A): *aldeia +nativa+, os parentes pobres, +sem educação+, uma*

linha 763: A: *Europa@+,+@ onde +êles+* A: *>e< dos mais *finissimos* da Europa,*

linhas 763-765: A: *apenas +por dinheiro, e sempre com um passado povoado de assombrações desagradaveis “larandja, bânána, friguêis!” e+ alguma* A: *friguêis!” >e+ alguma complacencia achada em viagem,< isso*

linha 766: (A): *os *envergonhava* muito. Os mais *francos* sinceros >que nem meu velho amigo Di Franco< vinham*

linha 767: (A): *que >lá< não se acostumavam mais. lá.* A: *mais@>.<@ lá.* (A): *sim, >que< a Italia era mesmo grandiosa porêm +quanta porcária,+ não* A: *grandiosa@+,+@ ^porêm^ quanta*

linha 769: (A): *Voltavam >não tem dúvida< +pra Italia do Brasil+. Por dentro *deles* grugrulhava* A: *Voltavam *pra* Italia*

linha 770: (A): *terra >nova< onde* (A): **raiva* sincera contra tudo e que se objetivava *bem*@>,<@* A^I: *tudo@+,+@ >e< que*

linha 770: (A): *dinheiro@+,+@ uma*

linha 772: (A): *imprimia >neles a<* A: *réis@+,+@ >o< *Brasil* imprimia*

linha 773: (A): *de *genipapo* urucum* A: *urucum@,@ ^e^ os* (A): *na *vida* deles*

ninguém **tinha a coragem de** jurar. **Alguns**, de **vendeiros** ambulantes chegavam a
 740 potentados, coisa aliás mais ou menos fácil aqui. **Já nos** sobrava uma raça **já**
 desfibrada pela ignorância, pela política, pela vaidade **de ser uma das uni-**
eas aristocracias do continente, e em principal pelo esforço que fizera em
 dois séculos de heroísmo, bandeirismo e **amoralidade** social. **E** Em parte **vul-**
tuosa, é certo que foram os colonos e os ricos italianos que deram a
 São Paulo a posição de ser um dos centros do falso brilho americano. **Mas a-**
 745 **qui, devido especialmente à frouxidão dos nativos, esse brilho falso não con-**
seguiria, pelo menos até o presente, se nacionalizar e legitimar, que nem suce-
dera nos Estados Unidos da América do Norte e pelo menos em Buenos Aires
também.

Aqui os ricos **italianos** e outros trustistas estrangeiros, duma ousa-
 750 dia afinal das contas **não muito difícil**, porquê os **governos** e o povo eram
duma imprevidência por demais semvergonha pra reagir, aqui os italianos se con-
 servavam fundamentalmente italianos. **E** si perseveravam na terra, tinham de **+**
 verdade uma psicologia longínqua, sentimentos **e** orgulhos **e** ideias que em vez
 de nascerem da terra, vinham dalem-mar. E si depois de ricos permaneciam a-
 755 **qui, era em grandíssima parte** porquê aparentados na Itália nova desta ban-
 da **do mar**, vivendo aqui como chefões **de** clan **deles**, organizados em costu-
 mes, parentela e ordem social, sempre fundamentalmente italianos, nada tendo
 da terra e dos seus homens, porém intransportáveis pro “outro lado de lá”, a
 vida na Itália velha não lhes dava os regalos que tinham aqui. Iam de pas-
 760 seio. **Mas** si diante do monumento a Umberto Primo, num camarote do **San Car-**
los, gosavam bem o fácil orgulho da pátria **velha**, em vez, a imundície da al-
 deia **nativa**, os parentes pobres, **sem educação**, uma alta roda de nobres verda-
 deiros **dos** mais **finos** da Europa, onde eles podiam entrar apenas **por**
dinheiro, e sempre com um passado povoado de assombrações desagradáveis, “la-
 765 **randja, bânána, friguêis!”**, **e alguma complacência achada em viagem**, isso os
 chocava, os humilhava, os **destronava** muito. Os mais sinceros vinham falando
 que sim, a Itália era mesmo grandiosa, porém **quanta porcária**, não se acostuma-
 vam mais lá!

Voltavam **para a Itália do Brasil**. Por dentro **da maioria** grugrulhava uma
 770 **raivinha** sincera contra tudo, **e** que se objetivava **logo** contra a terra onde
 eram obrigados a ficar, que lhes dera dinheiro, mas com o dinheiro, uma cir-
 cunstância de vida também. Além dos contos de réis, **São Paulo** imprimia na
existência deles uma tintura indelevel de urucum. **E** os novos peles-vermelhas,
 possuindo no dinheiro a base de todas as facilidades, percebiam espaventa-

linha 777: (A): coincidir e +conseguirem em São Paulo mesmo+ A: Havia ^sem^ um
 linha 778: (A): mundo. >se conciliar aqui também.< Era
 linha 780: A: laboratorios, >jornais< expedições científicas (A): museus, *teatros*, clubes, igrejas, laboratorios, >jornais< expedições científicas
 linhas 780-781: (A): de *função americana* e especialmente *brasileira*. Mas A: de benefício >americano e e especialmente< brasileiro. Mas
 linha 781: (A): Mas +o passado, a ignorancia,+ a avareza
 linha 782: (A): coragem pra >fazerem< tanto
 linha 783: (A): e *vaidosi[ssima]* duma bestice arraigada >num< em
 linhas 783-784: (A): veleidades *sem razão*, embora
 linha 784: (A): com +a aristocracia+ *os italianos* +de cá+
 linha 786: (A): uma, >era< a paulista
 linha 787: A: convertia *quasi* numa
 linha 788: (A): era inculta, >era< frouxa,
 linhas 790-791: (A): sociais, >discretíssimos,< +gente com prática dos séculos:+ mulheres
 linhas 791-794: (A): mulheres +que ao crescer dos anos iam se tornando raçadissimamente feias e autoritarias, mesmo na mocidade+ sem +nada do+ >o< amorismo >das< *melindrosas* +>da brasileira< e o horrído mau-gôsto da brasileira,+ >porê< *recondita* >e imperturbavelmente< elegantes;
 linha 794: (A): fins-de-raça, +com ar de vício calmo, incapazes de rir,+ falando
 linha 795: (A): aristocracia *italiana* paulista A: baixo@+,+@ >e< sem A: falsificação ^inhospita^ da aristocracia *paulista*
 linha 796: (A): vinha *incentivar* mais
 linha 797: (A): desagradavel, +duma+ *feiosa* +discreta+, +quasi invisivel+ desprovida de exotismos A: discreta, *quasi* invisivel, *desprovida de* exotismos
 linha 798: (A): exotismos +berrantes+, e a A: berrantes, >e< a
 linha 799: (A): paulista +ao principiar+ do século
 linha 799: (A): século ^xx^ XX. (A): século *XX*. Fundamentalmente
 linhas 800-801: (A): fundamentalmente *inaccessível*.
 linhas 799-801: A: europeu. >#Era isso apenas a aristocracia paulista do século vinte. Fundamentalmente inculta, fundamentalmente antinacional fundamentalmente [sem valor nenhum# social]. E < ^alguns^ nessa
 linha 801: A²: Nota MA: a grafite, no fim do parágrafo: “(5)” e na margem esquerda: “(16)”, número destacado por círculo a lápis vermelho, sugerindo acréscimos, a partir de notas de trabalho, a serem efetivados na versão posterior.
 linhas 801-814: (A): acréscimo provavelmente oriundo das notas de trabalho “(5)” e “(16)”: “Alguns nessa aristocracia [...] E de merda.”
 linha 802: A: superiores f ao seu/ à f *grupo* +dêles+
 linha 803: A: inteligencia, >ou< pela audácia *atrás* da
 linha 804: A: por si@+,+@ era
 linha 805: A: >comovente< êsse orgulho.
 linha 806: A: de *elan*.
 linha 807: A: tornar f beneficente/ benéfico f
 linha 808: A: si *individualista e reagidor*, se
 linha 810: A: pedaços@, @ ^*quasi*^

775 dos e sem compreender, que as facilidades não eram suficientes pra que êles adquirissem as vaidades novas, consequentes do dinheiro.

Havia sim um jeito de tudo coincidir e **conseguirem em São Paulo mesmo** a felicidade relativa do mundo. Era justamente reforçarem o brilho superficial da patria nova, jogando dinheiro na criação de universidades, bibliotecas, museus, **artes**, clubes, igrejas, laboratorios, expedições científicas de **benefício americano e especialmente brasileiro**. Mas **o passado, a ignorancia**, a avareza não lhes dava coragem pra **tanto**. E não havia estímulo nenhum. A aristocracia paulista, decadente e duma bestice arreigada em veleidades **excessivas**, embora aparentemente relacionada com **a aristocracia italiana de cá**,
 785 opunha uma barreira de bem-educadissimo desprêzo entre os dois clans, fixando duas classes de que uma, a paulista, era da elegancia mais refinada da America, e a outra se convertia **quase** numa classe do oprobrio. Mas essa aristocracia paulista não incentivava nada, era inculta, frouxa, desamericanizada pelo contacto e nostalgia da França. A unica boniteza que tinha era pífia,
 790 se resumindo ao refinamento de costumes sociais, **gente com a prática dos seculos: mulheres que ao crescer dos anos iam se tornando raçadissimamente feias e autoritarias, mesmo na mocidade sem nada do amadorismo melindroso \$da brasileira\$ e o horrído mau-gôsto da brasileira, reconditamente elegantes; homens fins-de-raça, com ar de vício calmo, incapazes de rir, falando baixo, e sem gestos**. A toda essa falsificação inhóspita da aristocracia **estaduana**, inda vinha **justificar e acentuar** mais a excepção climatica da capital paulistana, desagradavel, **duma feiura discreta, bastante invisível, com apenas raros exotismos berrantes, e a que a neblina e o frio davam um silêncio raçado, muito europeu**. ~~Era isso apenas a aristocracia paulista do século vinte. Fundamentalmente inculta, fundamentalmente antinacional fundamentalmente [sem] [valor nenhum social].~~ E Alguns nessa aristocracia, era afinal pelo menos trágico examinar. Se sentindo com valor pessoal e superiores à súcia dêles pela inteligencia, ~~ou~~ pela audacia, por trás da discreção quotidiana que não conseguia ocultar nada, alimentavam um orgulho formidavel. Só por si, era uma grandeza ~~comovente~~ **esse** orgulho. E êsses homens, nostalgicamente fatigados, sentiam bem, criticavam e desprezavam a mesquinhez dos seus parceiros de grupo.

benéfico

Mas por uma herança terrível, êsse orgulho, que podia se tornar beneficente si reagente se convertia num orgulho de classe. Vinha a
 sabida volupia dos desesperados. Se compraziam em pertencer a essa classe
 810 arruinada, que apodrecia aos pedaços. Quase que lhe aplaudiam a desmoralização social, verificando-a, comentando-a, exagerando-a. E o orgulho, que poderia

linhas 812-814: (A): acréscimo provavelmente oriundo das notas de trabalho “(5)” e “(16)”, acréscimo iniciado na linha 801: “Alguns nessa aristocracia”

linhas 812-813: A: estimulante@>,<@ aos outros >enfraquecia totalmente convertido em volupia masochista e< se esperdiçava

linha 814: (A): perdão, *e* de A: perdão@, @

linha 815: (A): paulista +ao principiar+ do seculo ^xx^ XX. (A): seculo *XX*. A: ^seculo^ >vinte.<

linha 816: (A): fundamentalmente *inaccessível* sem \#valor# nenhum\ +valor+ humano. A: sem \#nenhum# valor\ *humano*

linha 818: (A): se retraíram@+,+@ com A: se ^retraíram^, com

linha 819: (A): agora >inda< permanece@+,+@ apesar A: agora *permanece*, apesar

linha 820: A: esquecidos facilmente@+,+@ (A): os *males* >pa< são A: esquecidos *facilmente*, as

linha 821: (A): permanecem +sempre+ vivas A: permanecem >sempre< vivas

linha 822: (A): é +muito+ mais conceituoso que de deveras pensador. >E< permanecia

linha 823: (A): +intacta,+ a lembrança >penosa< das anedotas em que os *aristocraticos* paulistas A: intacta@>,<@ a

linha 824: (A): os ^novos-trcos^ da terra

linha 825: A: brilhante +à vida de negocio,+ *que um* paulista A: brilhante ^á^ vida de negocio@+,+@ dum

linha 826: (A): lindas *italianas* italopaulistas pernacia A: raçadissimo >#á vida de negocio,#< o casamento entre êle e uma das mais lindas italopaulistas ^pernacia^ (A): casamento *entre êle e* uma das mais lindas italopaulistas *permanecia*

linhas 827-828: (A): na *sensação* de todos como vergonhosa mésalliance >e contusão incuravel na tradição paulista.< Se contava >ainda que< +sempre o caso de+ outra

linha 828: (A): italopaulista *quando soltava* gargalhadas

linha 829: (A): baile, *sentira-se* tocada A: velha +“+dama+”+

linha 830: A: Imperio@+,+@ é que

linha 831: A: bem *acostumado* no Brasil?... (A): >Boa-noite< Minha filha, seu pai já está bem aclimatado *no Brasil*?...

linha 832: (A): ainda, >#oferecido#< maravilhosamente

linha 834: (A): grupo de *rapazes*@+,+@ é verdade A: já >meio< tocados

linha 835: (A): tempo a@>...<@ gastar o que o *milionario* expusera

linha 836: A: gasto@, @ ^esvaziavam^ >dezenas< de vidros (A): Esvaziavam +nas flores os+ >de< vidros de perfume das *salas de toilette*, davam

linha 837: (A): champanha pro chão, e +entre frases de caçoada insultante+ >charutos< carissimos +havas+ A: champanha *pro* chão, e entre >frases de< *caçoada insultante* carissimos

linha 838: A: acesos *pros* inda mais ^carissimos^ tapêtes. +Era assim+

linhas 839-842: (A): +Ou permanecia celebrada a ^farse^ dolorosa doutro italiano ricoço, que / diante duma farra aristocratica que lhe desmoralizava o hotel, consolava a/ mulher:/ – Tem paciendza, Carmella! samos hotelêro!+ A: frase >dolorosa< doutro A: aristocratica >que< lhe *desmoralizava* o hotel

linhas 843-844: (A): isso *ficava* no *ressentimento* com *uma* permanencia que inda agora tornava desconfiante A: isso +e muito mais+ ficara A: uma ^permanencia^ >que #inda agora#< +=que= não dava ódio mais porém+ tornava +inda agora+ desconfiante

linha 845: A: ^á^ parte

linha 846: (A): italiana de São Paulo >permanecia mais um >bem< mal que um bem< era A: italiana >de São Paulo< era

ser fecundo, servir de exemplo e estimulante aos outros, ~~enfraquecia totalmente convertido em volupia masochista e~~ se desperdiçava sobre a tropilha decadente feito um orvalhinho de perdão. E de merda. Era isso apenas a aristocracia paulista do século. ~~vinte~~. Fundamentalmente inculta, fundamentalmente antinacional, fundamentalmente ~~sem \$valor\$~~ valor nenhum de humanidade.

Os italianos tentaram com ânsia comovente de despatriados, romper essa muralha. Mas depois se retraíram, com um ressentimento justo que até agora perdura, apesar da liberdade dos costumes já estar abrindo mais o recesso aristocrático. Si em verdade os ~~sofrimentos \$pa\$~~ são esquecidos mais fácil, as anedotas permanecem sempre vivas, porquê principalmente nos povos arrivistas, o individuo é muito mais conceituoso que de deveras pensador. Permanecia intacta a lembrança das anedotas em que os aristocratas paulistas tinham humilhado ferozmente os novos-ricos da terra. Apesar da passagem dos anos e da acomodação brilhante à vida de negocio, dum paulista perdulario e raçadíssimo, o casamento dele com uma das mais lindas italopaulistas ficara na memoria de todos como vergonhosa mésalliance. Se contava sempre o caso de outra deliciosa italopaulista que por soltar gargalhadas indiscretas num buffet de baile, se sentira tocada no ombro. Virou. Uma velha “dama”, filha de barões do Imperio, é que a saudava sorrindo:

– Minha filha, seu pai já está bem aclimatado em São Paulo?...

Noutro baile ainda, maravilhosamente luxuoso e gritalhão, oferecido por um milionario italiano á aristocracia paulista, o desperdicio e a ostentação foram tamanhos, que um grupo de herdeiros, é verdade que já meio tocados, passara o tempo a gastar o que o novo-rico expusera pra que fosse gasto. Esvaziavam nas flores os vidros de perfume das salas-de-tualéte, davam champanha ao chão, e entre frases-de caçadas insultantes, carissimos havanas acesos aos inda mais carissimos tapêtes. Era assim.

Ou permanecia celebrada a frase dolorosa doutro italiano ricoço, que diante duma farra aristocratica que lhe desmoralizando o hotel, consolava a mulher:

– Tem paciendza, Carmella! samos hotelêro!

Tudo isso e muito mais ficara no sentimento com uma permanência que não dava [ódio mais porém tornava inda agora desconfiante qualquer aproximação. Sem incentivo de especie

[alguma, classificada à parte, e tambem rastaqueramente inculta, a alta sociedade italiana de São Paulo era especialmente prejudicial ao Estado. Vivia num isolamento ignorado e ignorante, subrepticamente, como si fosse uma sociedade-secreta do bom-viver. E era duma falta de caracter mesquinha. Apresentava de vez

linha 849: A: que, ^feiot^ as A: extraordinaria@+,+@ ^porêm^ que
 linha 850: A: repolhos ^contraditorios^@+,+@
 linha 851: (A): e *beleza* indiscreta
 linha 852: (A): delas@+,+@ os homens se ajuntavam pra dar fôrça á classe, *nũa mistura* que
 A: fôrça ^á^ classe, numa
 linha 853: (A): arrivistas >e jogadores< felizes.
 linhas 853-854: A: conservavam >pelo menos< nos
 linha 855: (A): tornar *pelo* menos A: tornar *ao* menos
 linhas 855-856: (A): incultura +que os ditava+ a falta de gôsto, >e a falta de visão prática avacalhando as
 invenções< +a italianice grialhona.+ >E< ^pra^
 linha 857: (A): hospital >modelo< as A: hospital@+,+@ as
 linha 859: (A): inutil@;,@ ^pinacotecas^ particulares@+,+@ felizmente
 linha 860: A: nulidades, +um monumento sepulcral destamano com a mais berrante desfacetez esbarrava
 no silêncio em que Campos Salles *morria* dormia...+ (A): ao *público*@+,+@ se
 enchiam de falsos e nulidades@,,@ ^um^ (A): Campos Salles dormia@...@ A:
 esbarrava com a mais berrante desfaçatez@+,+@ *no* silêncio
 linha 862: A: dormia... ^só^ enfeites (A): Só enfeites +, só enfeites+ >como se vê:< ^e^ enfeites
 A: escola +de arte+ então
 linha 863: A: arrastando +fazia+ >a< mais *dum* seculo (A): seculo@+,+@ uma A: uma
 ^decadencia^ aplicada
 linha 864: (A): mesmo +nada+, nada de funcional, nada que iniciasse *na* terra *uma*
 A: nada@,,@ ^nada^ de funcional,
 linha 865: (A): cultura. >Ao lado< (A): cultura +verdadeira+.
 linha 866: A: rastacuerismo *exterior* @+,+@ havia (A): *Ao lado* dêsse rastacuerismo oratorio
 invencível, *havia* muitos
 linha 870: (A): >E a essa classe pouco mais que inu[til]< A: já *refinada* A: indica junção de
 parágrafos: "já bem fina. Aspeto" A: >Um< ^aspeto^ curioso da macaqueação@+,+@
 linha 872: (A): enriquecido >como fazendeiros< +no café+ A: não >se< tinham +se+ enriquecido
 linha 873: (A): jamais *não tinham passado* de
 linha 874: (A): paulistana@+,+@ por não se sabe que vaidade >mais< medieval,
 linha 875: (A): muito >toda< a sua atividade >industrial< no plantio >herdado< do
 linhas 876-877: (A): café, +que ela herdara dos antepassados imperiais+ Aliás se explica \#muito bem#
 psicologicamente\ essa
 linhas 877-878: (A): passeinho +de tarde+, num bonito *mangalarga* ou A: carinho *dos colonos*, dar
 o seu passeinho *de* tarde,
 linha 879: (A): fordeca >pelos carregadores< +vibrante+, vir prá casa grande saber dos preços +do café+
 pelo A: fordeca vibrante, *vir prá* ^casa grande^
 linha 880: A: "Estado+" >de São Paulo< e se queixar dos ^Governos^@,,@ era
 linha 881: (A): *pra* êsses (A): a *êsses* desfibrados. Com rarissimas excepções@+,+@ êsse
 A: a *tamanhos* desfibrados. Com *rarissimas* excepções, ^êsse^ preconceito
 linha 882: (A): só *com o segundo quarto do seculo XX*@+,+@ principiava A: guerra ^europea^,
 princiava
 linhas 882-883: (A): enfraquecia, *devemos* isso
 linha 883: A: estrangeiros@+,+@ que
 linha 884: (A): riquezas >rapidas< do dia (A): paulistas *vi[am]* assistiram ajuntar riquezas
 rapidas do dia prá noite
 linha 885: (A): secular +aos estrangeiros+ de qualquer

em longe, mulheres de beleza extraordinária, porém que, feito as argentinas,
 850 principiavam engordando aos trinta anos, viravam repolhos contraditórios, de
 corpos enjoativos e **boniteza** indiscreta e sempre fresca no rosto. Em torno
 delas, os homens se ajuntavam pra dar fôrça à classe, **numa misturada** que ia
 de valores excepcionais a simples arrivistas felizes. Todos conservavam **pe-**
lo-menos nos gestos exteriores um cabotinismo espevitado de semostração,
 855 que poderia se tornar pelo menos... americano, si não fosse a incultura **que os**
ditava, a falta de gôsto, **a italianice gritalhona**. Pra redarguir ao argumento
 ilustre dum hospital, as praças se erriçavam de estafermos de bronze mais
 ou menos impressionista, um Verdi nú, um Carlos Gomes excessivamente encapo-
 tado, um Garibaldi inutil. **Pinacotecas** particulares, felizmente fechadas ao
 860 **povo**, se enchiam de falsos e nulidades. Um monumento sepulcral destamano
acanalhava com a mais berrante desfaçatez, **o** silêncio em que Campos Sales dor-
 mia. Só enfeites, **só enfeites**. E enfeites provindos duma escola **de arte** então venci-
 da, arrastando, fazia mais de século, uma decadência aplicada e saudosista. Na-
 da que valesse mesmo **nada**. **Nada** de funcional, nada que iniciasse **a terra nu-**
 865 **ma** cultura **verdadeira**.

Apesar dêsse rastacuerismo oratorio invencível, **tinha** muitos italianos
 que perdiam com facilidade a grosseria exterior. Muitos mantinham de verda-
 de uma elegancia de maneiras e de sentir, descaracterizada, macaqueada da a-
 ristocracia estaduana, cheia da mesma circunspeção emburrada e agressiva do
 870 paulista, mas incontestavelmente já **bem fina**. ~~Um~~ Aspetto curioso da macaqueação,
 consistia no sonho de possuir fazen-
 da. No geral os milionarios italianos não **se** tinham **se** enriquecido **no café**, e
 jamais **passaram** de colonos a sitiantes, de sitiantes a fazendeiros e dêstes
 a... milionarios. A aristocracia paulistana, por não se sabe que vaidade me-
 875 dieval, circunscrevera desde muito a sua atividade no plantio **herdade** do ca-
 fé, **que ela herdara dos antepassados imperiais**. Aliás se explica **psicologica-**
mente muito bem essa mania: porquê deixar a terra produzir ao carinho **de**
escravos, dar o seu passeinho **à tarde**, num bonito **cor-de-chumbo** **ingrêis** ou
 na fordeca **vibrante**, **voltar para a casa-grande** saber dos preços **do café** pelo “Es-
 880 tado” ~~de São Paulo~~ e se queixar dos governos: era mesmo o só comércio con-
 veniente a êsses desfibrados. Com **raras** excepções, êste preconceito,
 só **depois da guerra europeia**, principiava enfraquecendo. E si enfraquecia, **se**
deve isso exclusivamente ao estímulo dos novos-ricos estrangeiros, que os
 paulistas ~~\$vi\$~~ **assistiram** ajuntar riquezas **firmes** do dia prá noite.
 885 Pois êsse abandono secular aos estrangeiros, de qualquer atividade que

linha 886: (A): café@+,+@ fôra A¹: italianos +judeus+ sirios, A²: italianos >judeus< sirios,
 linhas 887-888: (A): vapores, +e ainda pelos judeus tranzatlanticos+ A: judeus *tranzatlanticos*
 linha 888: A: seda, *aos* produtos
 linha 889: A: fôrça@+,+@ angloamericanas
 linha 890: (A): numa *feitiçaria* catimbosice A: mais ^trutus^ (A): angloamericanas *em* geral.
 E *numa catimbosice* >ilusionista< *de* trusts >e mais trusts< ,
 linha 891: A: olhos@+,+@ e até *do* descoco A: pra *fechar os olhos*, e até ao ^descoco^
 inominavel de
 linha 892: (A): apenas *com* algum disfarce insolente@+,+@ A: ^Estado^, que
 linhas 892-893: A¹: permaneciam *advogados* +no fôro as causas+ dêsses A²: permaneciam
 =advogando no *fôro* as causas= dêsses (A): *Fôro* as
 linha 893: (A): estrangeirada@+,+@ num
 linha 894: A: suas ^fabricas^ e (A): joias@+,+@ dos +seus+ alambiques, altos-fornos, tecedeiras,
 chaminés >e armazens de suas fábricas< e depósitos
 linha 895: A: ^depósitos^ colossais.
 linha 896: (A): esquivar+-se+ *a* nostalgia *pela
 linha 897: A: parecer: +se davam o luxo de fazendas... de veraneiar, e+ urbanos A: davam +tambem+
 o luxo de +possuir+
 linha 898: (A): e >de< interesses, A: interesses@+,+@ embarcavam (A): fazendas... de
 veraneiar, e, urbanos A: =fazendas=... de veraneio@+,+@ >, e,< ^urbanos^ de
 linha 899: A: espaiar ^na^ fazenda ^recemcomprada^ em
 linha 901: A: talhões *do cafezal* A¹: da plantaço. >E< ^assim^ pelo (A): em torno@+,+@ que
 linhas 902-903: (A): O casarão@+,+@ +logo+ afloretinado@+,+@ às vezes
 linha 904: A¹: rosto@,^ ^mas^ o
 linha 905: A: netinhos ^comlanguidez^, +desprestigiado pelo+ (A): languidez, +citadino
 incorrigivel+ desprestigiado A: citadino *incorrigivel*, desprestigiado
 linha 906: A: enjôo duma vida +fazendeira+ sem razão. (A): enjôo *duma vida fazendeira* sem
 razão.
 linha 907: (A): >E< ^A^ essa classe pouco *mais* que inutil
 linhas 908-909: (A): indiscutivelmente forneceu pelo menos de passagem +á península itálica,+ uma
 (A): indiscutivelmente *forneceu* >pelo menos de passagem< á *península itálica,* uma era
 de certo progresso >economico< e unidade A: do *Fascismo* na Italia. O *Fascismo* >,
 que indiscutivelmente fornecia á Italia mediterranea uma era de certo progresso e unidade
 social,< dera *pros*
 linha 910: (A): Roma *imperial*, uma
 linhas 911-913: (A): porquê os *progressos* ocasionados pela *oligarquia* mussolinica@+,+@ eram
 duma especie enganosa, facil de perceber. ^Eram^ um A: porquê +as aparências de+ >os<
 progressos A: enganosa, *facil* de perceber.
 linha 914: A: numa *relativa* facilidade economica@+,+@ por outro lado (A): numa *fingida*
 facilidade economica *por o[utro lado]* em
 linhas 915-916: A: escravizado. *Porê* imperava (A): animal *domestico*, abulico e
 escravizado. >E< ^imperava^ dentro A: da ^peninsulo^ um malestar medonho@+,+@
 linha 917: A: livre +tristonhos+, inquietos (A): os *nativos* vegetavam despojados de pensamento
 livre, tristonhos +de ser+
 linha 918: (A): seu *chefe*, atravessando
 linha 919: A: aliás *dêsse* estado-de-coisas
 linhas 911-920: A: vergonhosas. >Principalmente porquê as aparências de progresso ocasionados/ pela
 ditadura mussolinica, eram duma especie enganosa, dolorosa de perceber. E-/ra um progresso
 da terra e não do homem. Si a terra produzia mais e a na-/ção se abastava numa possivel
 facilidade economica, em compensação ja-/mais o homem italico não fôra reduzido assim a um
 simples animal domesti-/cado, abulico, escravo. Imperava dentro da península um malestar
 medonho, em/ que os nativos vegetavam despojados de pensamento livre, tristonhos de ser/
 inquietos pela sempre iminencia de morte do seu dono, atravessando quotidiana-/namente as
 lagrimas de milhares de perseguidos. E aliás êsse estado-de-coi-/sas< Isso
 linha 920: (A): patente mesmo nos >proprios< gestos dos fascistas comandantes que@+,+@ ajudados
 A: +Isso+ estava patente >mesmo< +em especial+ nos gestos dos *fascistas* comandantes
 linha 921: (A): raça, *procuravam* cegar a *inquietação* interior,
 linha 922: (A): gargantice, numa *empáfia*, numa gesticulação espetacular cheia (A): gargantice,
 >numa basofia,< numa gesticulação >espetacular< cheia de ameaças a >t<

não fosse o café, fôra inteligentemente aproveitado pelos italianos, ~~judeus~~, sirios, alemães que chegavam na terceira classe dos vapores, e ainda pelos judeus transnacionais. O trigo, o açúcar, a sêda, os produtos quimicos, a tipografia, tudo ficava em mãos de estranhos, alem das grandes empresas de fôrça, anglo-americanas no geral. E ~~na feitiçaria dos~~ trusts, ao sono de governantes esportulados pra ~~dormir~~, e até ao descôco ~~nominavel~~ de presidentes de estado, que apenas ~~sob~~ algum disfarce insolente, permaneciam advogando no fôro as causas dêsses trusts: a estrangeirada, num átimo, entrava núa e saía arreada de joias, dos ~~seus~~ alambiques, altos-fornos, tecedeiras, chaminés e depósitos colossais.

Ricos enfim, não bastara aos italianos esquivar-se da nostalgia da charrete, agora substituída pelas fiates de bom parecer. Se davam ~~tambem~~ o luxo de [possuir fazendas... de ~~veraneio~~. Urbanos de traquejo e interesses, embarcavam no primeiro púlman da Paulista, iam espairar no cafezal recémcomprado, em que logo faziam valer mais em apuro e gasto a casa-grande, a piscina e o jardim em torno, que os talhões da plantação. Assim pelo menos rastreavam de perto a aristocracia paulista que os saudava de longe. O casarão, ~~logo~~ aflorentinado, às vezes se enchia de graça e pagodeiras com as italo-brasileiras novinhas e rapazes corados só na maçã do rosto. Mas o velho no terraço assuntava os netinhos com languidez, ~~citadino irrecorrivel~~, desprestigiado pelo enjão ~~dêsse fazendeirismo~~ sem razão.

A essa classe pouco ~~menos~~ que inutil, viera desvalorizar inda mais o advento do ~~Fachismo~~ na Italia. O ~~Fachismo, que indiscutivelmente fornecia á Italia mediterranea uma era de certo progresso e unidade social,~~ dera aos italianos sempre saudosos da Roma ~~antiga~~, uma vaidade e uma ousadia facil, propriamente vergonhosas. ~~Principalmente porquê as aparências de progresso~~ [ocasionados pela ditadura mussolinica, eram duma especie enganosa, dolorosa de perceber. Era um progresso da terra e não do homem. Si a terra produzia mais e a nação se abastava numa possivel facilidade economica, \$por o\$ em compensação já mais o homem italico não fôra reduzido assim a um simples animal domesticado, abulico, escravo. Imperava dentro da peninsula um malestar medonho, em que os nativos vegetavam despojados de pensamento livre, tristonhos de ser, inquietos pela sempre iminencia de morte do seu dono, atravessando quotidianamente as lagrimas de milhares de perseguidos. E aliás êsse estado de coisas] Isso estava patente em especial nos gestos dos ~~fachistas~~ comandantes que, [ajudados pelas tendencias da raça, ~~campeavam~~ cegar a ~~inquietude~~ interior, caindo numa gargantice, ~~numa basofia~~, numa gesticulação ~~espetacular~~ cheia de ameaças a

linha 923: (A): empafioso >que< atingindo (A): empafioso =que= *atingindo* especialmente
 A: mundo, >cheia dum imperialismo empafioso< que
 linha 924: (A): as *amedrontando*.
 linha 925: (A): aqui@+,+@ na
 linha 926: A: isolamento +nacional+ em que
 linha 927: (A): lhes >f< despertava A: tirania *fascista*, se
 linha 928: (A): mandados #longinquos do# e ameaças longinquos do (A): *mandados* e ameaças
 linhas 928-929: A: Carnaval@, @ no fundo uns farsistas de inconcebível pobreza mental@, @ e por
 (A): cónsules +e embaixadores+ de Carnaval >(no fundo uns farsistas de inconcebível pobreza
 mental)< e por A: jornais >assalariados pra isso<, mussolinicamente
 linha 930: (A): menos >em< =em= proporcionar A: preocupados@>, <@ menos A: paz ^á^
 colonia, que +em+ traze-la
 linha 931: A: ambiencia de *terror*. Os
 linha 932: (A): de *sequaz* sicarios (A): frescamente *de* Italia,
 linha 933: A: mussolinica, *embebedados* de mandachuvismo@, @ (A): espetaculosidade
 mussolinica, bebedos de mandachuvismo@; @ A: mussolinesca, *bebedos* de
 linha 934: (A): ignorantissimos >canzarrões< ladradores A: defendidos *por trás* pelo
 linhas 934-935: (A): pelo *empenachamento* >dos< *bersalheres*, pela
 linhas 935-936: A: berselhere >pela incompetencia de atitude dos ricos italopaulistas, e pela covardia,
 desprestígio< +e+ inadvertência
 linha 936: A: nossos *governos*, se A: nossos *Governos*, se
 linha 937: (A): desmandando >aqui.< (A): Indesejáveis@+,+@ >e< deleterios A: desmandando
 ^á^ sombra
 linhas 938-939: (A): passando >mesmo< +exatamente+ de ladradores promovidos, do dia prá noite se
 viam conselheiros,
 linha 939: (A): intelectual >(!)+ duma A: intelectual >(!)< duma
 linhas 940-941: (A): ignoravam >inda< mais totalmente +ainda+, cujo
 linha 942: (A): êsses +jornalistas e consules+ indesejáveis A: jornalistas@+,+@ >e< consules@+,+@
 +embaixadores+ indesejáveis da pior ^especia^@+,+@ a (A): indesejáveis >da pior
 especie,< a alta
 linha 944: (A): de #futuros# condados\, com A: tremendo ^á^ ameaça
 linha 945: A: á ^patri^ antiga, entre vaidade e sentimentalismo, *condescendia incapaz* de (A): voltar
 á patria antiga, entre vaidade e sentimentalismo, condescendiam@+,+@ A: voltar ^á^
 outra
 linha 946: A: agir como *devia*. A (A): agir *como deviam*. A
 linha 947: A: de ^1928^ >(?)< provara (A): 1929@+,+@ provara A: correrias *antifacistas* de
 1929
 linha 949: (A): desprezível >er[a]< pela (A): gênero@+,+@ foi
 linha 950: A: defeza@+,+@ (A): covardia *dũa* multidão esfrangalhar +as+ oficinas dum jornaleco
 >inerme e< sem defeza
 linhas 952-953: A: é *desfibradamente* manso...), si@+,+@ numa ^civilizaça^ imaginável@+,+@ aos
 Governos é
 linha 953: A: que impunha>-se< reagir, condenar e expulsar@+:+@ (A): condenar@+,+@ >e<
 expulsar
 linha 954: (A): classes *no* Estado A: classes do *Estado* viveram
 linha 955: (A): inexperientes, *sem saber* o que fazer
 linha 956: A: Caribdes@+ - +@ que
 linha 957: (A): compreensível @..., @ todos *guardados no medo de casarões* escondidos no pavor de
 casarões A: pavor *de* casarões
 linha 959: A: acanalhavam@. @ Em (A): acanalharam@! @ [abre outro parágrafo]

todo mundo, ~~cheia dum imperialismo empafioso~~ que atingia especialmente as colônias e as ~~amedrontava~~.

- 925 Foi principalmente o que se deu aqui, na alta sociedade italiana, facilitado pelo isolamento ~~nacional~~ em que êsse clan vivia. Ao mesmo tempo que a [incultura
- lhes despertava o entusiasmo pela tirania ~~fachista~~, se acovardaram ante os ~~mandos~~ e ameaças longínquos do Duce, transmitidos por cônsules e ~~embaixadores~~ de Carnaval e por revistecos e jornais ~~assalariados pra isso~~, mussolinicamente preocupados menos em proporcionar grandeza e paz à colônia, que em
- 930 trazê-la desvirilizada numa ambiência de ~~inquérito~~. Os diretores dessas folhas não passavam de sicários fascistas, desembarcados frescamente ~~da~~ Itália, impregnados da espetaculosidade ~~mussolinesca~~, ~~bêbados~~ de mandachuvismo – ignorantíssimos ladradores que achando-se bem defendidos ~~nas costas~~ pelo ~~penachi-~~
- 935 ~~no bersalhere, pela incompetência de atitude dos ricos italo-paulistas, e pela covardia, desprestígio~~ e inadvertência dos nossos governos, se punham mandando e desmandando à sombra dos jacarandás. Indesejáveis, deletérios, não passando ~~exatamente~~ de ladradores promovidos, do dia pra noite se ~~enxergavam~~ conselheiros, juizes e expressão intelectual (!) duma colônia que não
- 940 entendiam, cujos interesses ignoravam, numa terra que ignoravam mais totalmente ~~ainda~~, cujo modus vivendi lhes era inhospito.

- E com êsses jornalistas, consules, embaixadores indesejáveis, a alta roda italo-paulista condescendia acovardada. Com os beijos melando na promessa de ~~condados futuros~~, com a nostalgia tremendo à ameaça de não poderem mais
- 945 voltar ~~à outra pátria de lá~~, entre vaidade e sentimentalismo, condescendiam, incapazes de agir ~~com dever~~. A atitude vaga que êsses milionários na infinita maioria tomaram quando foi das correrias ~~antifachistas~~ de 1929, provará bem a incapacidade social em que viviam. Si êsse movimento popular, como todos os movimentos populares do gênero, foi eminentemente desprezível pela
- 950 covardia ~~duma~~ multidão esfrangalhar ~~as~~ oficinas dum jornaleco sem defeza, (nem parecerá possível uma atitude corajosa e coletiva do povo paulistano, chamado de “ordeiro” porquê é ~~pàgamente~~ manso...), si, numa civilização imaginável, aos governos é que impunha reagir, condenar, expulsar: todas as classes ~~do estado~~ viveram então dias de intensa vida. Menos os milionários
- 955 italo-paulistas, inexperientes, ~~não sabendo~~ o que fazer, oscilando entre a cruz e a caldeirinha, entre Scila e Caribdes – que talvez lhes fique assim mais compreensível... – todos ~~guardados no medo de casarões escondidos no pavor dos~~ casarões fechados. A não ser que se chame também de “intensa vida” êsse medo em que se avacalharam.

linha 961: (A): pelos fascistas@>,<@ >ou[tros]< e A: pelos *fascistas* e
linha 964: (A): >Meu filho,< Italo, (A): é *brasileiro*, faça como >quiser< +os seus colegas da
Academia,+ *mas* A: Academia, ^porêm^
linha 965: A: não >se< esqueça que seu pai é *^italiano^*...
linha 966: A: distintivos *fascistas* desapareceram *de todos os peitos*, uns
linha 967: (A): outros *rai[va]* revolta (A): exaltados@>,<@ A: exaltados@=,@
linha 968: (A): Governo@+,+@ A: Governo@>,<@
linha 969: (A): dos *insultadores* @.@
linha 970: A¹: >E no meio dêsse malestar insuportavel, unica razão-de-ser da vida/ paulistana daqueles
dias... No Diario Nacional, inda era noite populosa das/ ~~\$vinte horas quando\$~~ vinte-e-uma horas
quando muito, todos exaltados. Vem o/ porteiro avisar que estava na porta um moço querendo
falar com o secreta-/rio. Acrescentou:/ – E é fascista com distintivo.../ – Pois diga pra êle que si
quiser entrar tire êsse distintivo, sinão/ nós arrancamos!/ O porteiro foi. Não durou nem mei’
minuto entrou o moço. Bem apessoa-/do, alto, bonito mesmo e demonstrando raça. Trazia
sempre o distintivo no/ palitô fino. Tremia inteiro. Estava numa agitação que dava respeito,
acentu-/ada na cara, ôlho maluco, boca movente, numa exatidão de dor chegada insu-/portavel.
Andou conversando algum tempo como secretario na salinha de vi-/sitas. De repente passou
que nem furação no meio da gente, desapareceu. O se-/cretario tambem ~~\$chegava quasi\$~~
aparecia quasi sem passo, boquiaberto. o po-/bre, de certo nem sabia o que estava sucedendo na
cidade, arrostava até o pe-/rigo duma sova de morte passeando assim nas ruas como distintivo
no pei-/to. Não savia de nada, queria era encontrar Fulana. Tinha uns quinze dias/ atrás
roubado ãa moça brasileira que os pais não queriam dar pra êle, se/ gostavam, estavam unidos
se amando. Tres dias antes quando chegou na casinha es-/conderijo a moça desaparecera.
Tinha chegado gente e parece que a moça/ partira chorando. O que viera fazer no jornal?
Estava desesperado, dois di-/as de procura, queria, não se sabe, que pusessem anúncio, os
jornais todos, fa-/lando, protestando, tirarem ãa moça de seu moço! fazer uma revolução, uma
gue-/rra, não aguentava mais, foi-se embora...<
linha 970: A²: Nota MA: a grafite, margem esquerda: “(19)”, número destacado por círculo a lápis
vermelho, sugerindo acréscimo, a partir de nota de trabalho, a ser efetivado na versão posterior
linhas 971-992: (A): acréscimo provavelmente oriundo da nota de trabalho “(19)”: vida. +Em São Paulo
o emigrante [...] aqui deu pra comprar doutores.+ Os pequenos
linha 972: (A): proletario #rural# italiano rural A: São Paulo ^e^ emigrante, o ^proletario^ italiano
linhas 973-974: A: dos ^fihlos^. O
linha 981-992: A²: a lápis azul: >Em outras partes do Brasil [...] Si na America do Norte deu pra comprar
príncipes, aqui deu pra comprar doutores.<
linha 983: A: êsse ^animalvirgem^. Só
linha 984: A: o *acto* sexual.
linha 987: (A): pura [quero dizer,/ quer-se dizer, [mais irracional. A: pura >quero dizer,< quer-se
dizer, mais
linha 989: (A): e >trans< agindo
linhas 981-992: A²: e o Conservatorio. >Em outras partes do Brasil, [...] aqui deu pra comprar doutores.<
linhas 993-994: (A): modos +entre nativos e emigrantes,+ não tinham prestígio pra +causar+ nenhuma
linha 995: (A): burgueses >bem arranjados< vivendo A: preconceitos >e rivalidades< de
linha 996: (A): rapidamente +neste seculo+. Sempre A: rapidamente ^neste seculo^. Sempre

960 Em vez, foi pelo menos comoventemente humana a demonstração das outras classes italo-paulistas da cidade, uns torcendo pelos **fachistas \$-ou\$** e a infinita maioria se revoltando francamente contra o pasquineiro e o pasquim.

– Italo, você é **paulista**, faça como **os seus colegas da Academia, porém**
965 não **se** esqueça que seu pai é **italiano**...

Os distintivos **fachistas** desapareceram **das lapelas**, uns covardia, outros revolta. Ninguém sabia o que estava pra suceder, todos exaltados, todos impacientes, a Polícia francamente a favor dos vingadores, o Govêrno hipocritamente conselheiral, francamente a favor dos **estrangeiros!**

970 Ao lado dessa alta sociedade prejudicial pelo pêso do dinheiro, nas outras classes o italiano fundia bem com a terra e a nossa vida. **Em São Paulo o emigrante, o proletário \$rural\$ italiano rural, e mesmo urbano, almeja ficar pequeno proprietário e entrar na burguesia por intermédio dos filhos. O carinho que tem, os sacrifícios que faz pela ascensão do filho, me-**
975 **nos que amor por êste, é ambição de grandeza, é outra maneira de “fazer america”. Tanto mais que, ao exemplo tradicional de sensualidade e ignorancia nacionais, tambem o amor paternal dêle, se reduzia a beijo no filho e medo que êste morra. É o carnicheiro cujo filho estuda medicina, é o turco de bricabraque cujo filho vai ser “doutor”, o italiano que compra a sitio-**
980 **ca de dez mil pés e manda as filhas prá Escola Normal e o Conservatorio.**

Em outras partes do Brasil, como no Nordeste, a entidade do proletario é ainda, mais que americana, bem colonialmente brasileira. Não aspira a coisíssima nenhuma êsse animal virgem. Só vive. Ainda se move pelos imperativos da perfeita escravidão negra, a dormida, a comida, o ato sexual. Alguma vaga
985 **aspiração, tipo senhor de engenho, que sonhar, nunca, principalmente nas zonas rurais, êle terá ânimo pra definir e conceber concientemente. A sua condição será mais pura, quer se dizer, mais irracional. Aqui, a psicologia do proletario mais comum, redunda em fôrça burguesa. O ideal do nosso proletario, aspirando e \$trans\$ agindo pra ingressar na burguesia, é uma noção, não apenas confusionista, como eminentemente perversiva, é um ideal burguês. E ame-**
990 **ricano. Si na America do Norte deu pra comprar principes, aqui deu pra comprar doutores.**

Os pequenos desencontros de caracter e de modos **entre nativos e emigrantes**, não tinham prestígio pra **causar** nenhuma inassimilação. Mesmo entre
995 **burgueses vivendo no ter, os preconceitos e rivalidades** de raça desapareciam cada vez mais rapidamente **nêste século**. Sempre era possível perceber

linha 997: (A): uma *ausencia* de *contato íntimo* entre
 linha 998: (A): vivazes@+,+@ porê mesmo isso parece destinado a *se acabar* com A: vivazes,
 ^porê^
 linha 999: (A): As *bonitas* italobrasileiras\, provindas
 linha 1000: A: facilidade ^á^ calma dos nossos lares ^burgueses^ e
 linhas 1001-1002: (A): Brasil. +Se+ *Abrasileiravam* +bem, e influíam+ *pelo modo e sentimento
 adquirido*, A: adquiridos, +sobre+ a italianidade
 linhas 1002-1003: (A): italianidade *restante dos* pais e manos.
 linha 1003: (A): rapazes italobrasileiros >providos no geral duma inteligencia brilhantissima e exterior<
 italianisavam (A): rapazes *italobrasileiros* italianizavam
 linha 1004: (A): as +nossas+ famílias *paulistas*, sistematizando +em nossa vida familiar+ o
 linha 1005: (A): macarrão@+,+@ >e< o quianti, \#a gesticulação,# a fala alta,\ normalizando *aqui* a
 linha 1006: (A): itálicas@,,@ ^deslumbravam^ A: Deslumbravam@,,@ ^acabavam^ dominando
 linha 1007: A: tardonhos@+,+@ com (A): tardonhos, com +as suas+ demonstrações
 linha 1008: (A): exterior. >Italianos emigrados ou italobrasileiros< +E+ eram
 linhas 1009-1010: (A): lustre@+,+@ >e< *a riqueza* +civilista+ do Estado A: do *Estado*, e
 linha 1010: (A): capital@+,+@ discreta,
 linhas 1010-1012: (A): discreta, +nenhuma beleza excepcional pra admirar, mas agradável, não chamando
 a atenção, não irritando,+ sem
 linhas 1012-1013: (A): mau-gôsto *exacerbado* do Rio de Janeiro
 linhas 1013-1014: (A): viver no bairro, >metido em casa< entre *vitrola e filhos*. A: Recife @-@
 ^cidade^ pra se viver *no bairro* entre *livros, conversa* >e radio< .
 linha 1015: (A): >Principalmente >no interior do< por todo o interior do Estado< (A): italianos
 +uteis,+ que vinham trabucar desilusoriamente@+,+ ou@
 linha 1016: A: arranjar@+,+@ >aqui< não A¹: Italia +agora+ o que nos *mandava* de
 (A): arranjar =aqui=@+,+@ não emigravam mais *pra cá*. A: mais >prás nossas terras<.
 A Italia
 linhas 1017-1018: (A): inteligencia *facista*, uns
 linhas 1019-1020: (A): italianitá >#dos colonos#< ... fascista dos colonos (A): *vinham
 principalmente com a missão* de conservar a italianitá... facista *dos colonos*,
 A¹: italianitá... *fascista* da colonia
 linha 1020: (A): pasquinhos@,,@ ^espíões^ (A): porquê se *dizia* A: porquê >se<
 falava
 linha 1021: (A): fábricas +bancos+ e entepósitos A: fábricas@+,+@ bancos
 (A): entepósitos@+,+@ os A: e ^entepósitos^, os
 linha 1022: A: recémvindo@+,+@ cujo
 linha 1023: (A): era enviar relatórios sobre as condições fascistas da *te[rra]* gente A¹: era +vigiar
 a conduta fascista dos ricos+ enviar A²: era =vigiar a conduta fascista dos ricos=
 enviar (A): fascista dos ricos, >enviar relatórios sobre as condições fascistas da gente
 e< disseminar A: conduta *fascista* dos *ricos*, disseminar
 linha 1024: (A): inacabamente@>,<@ +e+ >de< insatisfação A: as ^ideias^ de ^inacabamente^ e
 linhas 1025-1026: (A): dum *Fascismo* por aqui. *Mas* o descaro do imperialismo fascista mandava +a
 mais,+ pública A: aqui. ^Porê^ o descaro do imperialismo *fascista*
 linha 1026: A: oficialmente@+,+@ ^e missários^ e
 linha 1027: (A): Governos, >os quais< +Essa tropa+ nos *viravam* numa A: nossos
 Governos@^,^@ Essa
 linha 1028: (A): Italia@+,+@ e, repetindo A: ^dependencia^ colonia
 linha 1029: (A): *Idade*, aqui
 linha 1030: (A): >Alem dessa horda oficial ou suboficial,< ^chegavam^ também
 linha 1032: (A): os quais@+,+@ acossados >pela miséria< *na* patria
 linha 1033: (A): nem *estudos* pra vencerem lá, buscavam *noutras* A: nem ^inteligencia^ nem

- ainda uma **falta** de **coincidências íntimas** entre paulistas quietarrões e italianos vivazes, porém mesmo isso parece destinado a **desaparecer** com rapidez. As **italobrasileiras lindinhas**, provindas de familiar gente do povo, se afaziam com facilidade à calma dos **nossos** lares burgueses e se entusiasmavam igualmente por Del Prete e Miss Brasil. **Se apaulistanavam bem, e influíam pelos modos e sentimentos adquiridos, sobre a italianidade mais irreduzível de pais e manos.** Ao passo que os rapazes **italopaulistas** italianizavam as **nossas** famílias **nacionais**, sistematizando **em nossa vida familiar** o macarrão, o quianti, **a fala alta, a gesticulação**, normalizando **entre nós** a inteligência e tradição italianas. **Deslumbravam. Acabavam dominando os paulistas tardinhos, com as suas** demonstrações de inteligência brilhantíssima, embora frequentemente exterior. E eram todos uma gente deliciosa, boa, simpática, utilíssima, os que em parte decisiva tinham feito o lustre, **a normalidade civilista do estado**, e o carácter da sua capital, discreta, **nenhuma beleza excepcional pra admirar, mas agradável, não chamando a atenção, não irritando**, sem a monotonia arquitetônica de Buenos Aires, sem o mau-gosto **de zabumba** do Rio de Janeiro e do Recife. **Cidade pra se viver dentro de casa, entre conversa e livros.**
- 1015 Mas já esses italianos **uteis**, que vinham trabucar desilusoriamente, ou se arranjar **aqui**, não emigravam mais. ~~**prás nossas terras**~~. A Itália agora, o que nos cedia de boamente era apenas o rebotalho da sua inteligência **fachista**, uns mandados oficialmente, outros vindos na cola da ambição. Aqueles **traziam especialmente o ofício** de conservar a italianità... **fachista da colônia**, professores, pasquinhos. Espiões até, porque **se falavam** com insistência que nas grandes fábricas, bancos e entrepósitos, os milionários italianos se viam obrigados a dar emprego a mocinhos recém-vindos, cujo trabalho verdadeiro era vigiar a conduta **fachista** dos **seus chefes**, disseminar nas classes italobrasileiras as ideias de inacabamento e insatisfação, e o desejo
- 1025 dum **Fascio** por aqui. **Porém** o descaro do imperialismo **fachista** mandava **a mais**, pública e oficialmente, emissários e juizes de não-sei-o-quê, tolerados molengamente pelos nossos **governos**. **Essa tropa** nos **virava** numa fácil dependência colonial da Itália, e, repetindo os ouvidores da nossa primeira idade, aqui vinham “fazer correção”.
- 1030 Chegavam também os letrados da aventura. Professores de letras, professores de música, professores de nada, advogados, médicos, negociastas de pequena escala ou aventureiros simplesmente, os quais, **acossados da pátria**, porque não tinham nem inteligência nem **saber** pra vencerem lá, buscavam **noutra**

linha 1034: (A): um *lodaçal* lamedo (A): *terras* de menos A: mais *devassidão* moral, o lamedo ^propicio^ aos

linhas 1036-1037: A: jamais@;@ ^não^ tinham A: luta@, @ ^vinham^ mas

linha 1039: (A): sugando@+,+@ sugando

linha 1040: (A): revoltada, +odientos,+ facilmente (A): E todos, >êstes como aqueles,< vinham

linha 1041: (A): e >odiando< uma terra (A): contra *um povo* e uma A: contra ^uam^ gente e

linha 1042: A: eram. ^Quasi^ que

linhas 1043-1044: A: raras e@+,+@ >#a corrente *imigratoria*# obstaculada com razão pela Italia já sentindo falta de homens@+,+@ mas cuja< *+atrapalhada a corrente migratoria+* atrapalhados por uma propaganda antiemigratoria >era< bem fascista@+,+@ >mesmo< +que era apenas+ um (A): eram >mais que< raras >e,< ^atrapalhados^

linhas 1044-1045: A: bem *fascista*, que era apenas um derrame de +calúnias e+ maus princípios >beligeros e< imperialistas, >e calunias sem vergonha,< os imigrantes

linha 1045: A: imigrantes +uteis+ cessavam

linha 1046: A: pouco de *aportar* em Santos.

linha 1047: (A): colono +italiano+ vinha, (A): si +acaso+ algum colono italiano vinha, expontaneo, *buscando* o *Estado*, só

linha 1048: (A): aqui! >Não só< ^os^ fazendeiros (A): como *era tratado* aqui!

linhas 1049-1050: (A): de >salarios excelentes< +concessões amaveis e condições *fran[camente]* exaustivamente A: concessões *amaveis* >e condições exaustivamente satisfatorias< pra quem

linhas 1051-1052: A: de \#ridicula# fantasia\

linha 1052: (A): inventadas >não apenas< pelos A: tais... +“+ ouvidores+”+ fascistas (A): fascistas +, os quais,+ inspeccionando A: “ouvidores” *facistas*, os quais,

linha 1053: (A): a vida *colonial aqui*, tomados *por um* amor A: das ^colonias^ daqui,

linha 1054: (A): ninharias *inquisilantes* e

linha 1055: (A): analfabetos chegados >não< se veriam (A): desproporcionadas@+,+@ que por pouco os analfabetos *chegados* se veriam

linha 1060: A²: Nota MA: a grafite, margem esquerda: “(20)”, número destacado por círculo a lápis vermelho, sugerindo acréscimo, a partir de nota de trabalho, a ser efetivado na versão posterior.

linhas 1056-1060: (A): acréscimo oriundo da nota de trabalho “(20)”: mel. +Em meio seculo, tinham mudado totalmente as circunstan-/cias que ditaram as lamentações do colno Davatz, nas primeiras tentativas/ de colonização entre nós. Então os colonos pouco se distinguíam dos esca-/vos, hoje pouco dos senhores.+ A: do ^colno^ Davatz, A²: mel. >Em meio seculo, tinham mudado totalmente as circunstan-/cias que ditaram as lamentações do colono Davatz, nas primeiras tentativas/ de colonização entre nós. Então os colonos pouco se distinguíam dos esca-/vos, hoje pouco dos senhores.<

linha 1060: A: de ^paricio^@+...+@ contra (A): patricio@>...<@ *contra a* *em* =contra a= terra *es[tranha]* estranha

linhas 1060-1061: A: que *engulhava* >(?)< *engrossava* chaleirava nos

linha 1061: A: que@+,+@ na patria

linha 1062: A: na ^potria^@+,+@ ^sepre^ tinham

linhas 1063-1064: (A): endividado de *advogados* sem *causa*@+,+@ que A: de ^causidicos^ sem

linha 1064: (A): proteger *os colonos contra o fazendeiro* >#os colonos#< dos fazendeiros os colonos A: proteger +os colonos contra os+ fazendeiros@+,+@ os colonos e

linha 1065: (A): se *proteger melhor,* protegerem inda melhor. A: ^Sia^ defesa

linhas 1065-1066: A: justa@+,+@ numa (A): justa@, @ numa

linha 1066: (A): bem-estar +á mão+ *sobrando* e muita sobra, A: bem-estar ^á^ mão

linha 1067: (A): pra *condicionar* ao (A): atilho@+,+@ de medidas governamentais *bastava* pra *acondicionar* A: atilho@>, <@ de

linha 1068: (A): *vida* mais A: se *formassem* A: mais >elevada e< humana.

linha 1069: (A): *gremios defensivos, orientados* por homens lavados *por* >um< verdadeiro A: *sociedades* defensivas,

- terra de menos cultura e mais **frouxidão** moral, o lamedo propício aos co-
 1035 gumelos. Nem toda e qualquer terra lhes servia não, nem nenhuma como terra
 lhes serviria jamais. **Não** vinham buscando um país de aventura e de luta. **Vi-**
nham mas era talqualmente os virabostas no cangote dos bois pacientes, se
 encarrapatar sobre a colônia, botar a boca chupadeira nela e viver dela, su-
 gando, sugando.
- 1040 E todos, vinham de alma revoltada, odientos, facilmente enraivecidos
 contra **uma gente** e uma terra que não tinham a culpa da miséria que eles e-
 ram. **Quase** que apenas isso a Itália nos mandava agora. Entre os letrados, as
 exceções boas eram ~~\$mais-que\$~~ raras. Atrapalhados por uma propaganda antie-
 migratoria bem **fachista**, que era apenas um derrame de **calúnias e** maus princípios
 1045 ~~geros e~~ imperialistas, ~~e-calunias sem vergonha~~, os imigrantes uteis cessavam
 pouco a pouco de ~~aportar~~ em Santos.
- E si **acaso** algum colono italiano vinha, expontaneo, **buscar** o estado, só
 vendo como **o tratavam** aqui! Os fazendeiros o disputavam numa concorrência
 de ~~\$salários excelentes\$ concessões desviadoras e condições \$fran\$ exaustivamente~~
 1050 ~~satisfatórias~~ pra quem vinha donde vinha e vivera como vivera. A falta de
 braços acovardava os fazendeiros. Se submetiam a condições de **fantasia ridícula**,
 inventadas pelos tais “ouvidores” **fachistas, os quais**, inspeccionando
 a vida **das colônias daqui**, tomados de amor retardatário pelos patricios fu-
 gidos da aldeia dura, exigiam um poder de ninharias **enquisilantes** e despro-
 1055 porcionadas, que por pouco os analfabetos bemvindos se veriam tratados a
 sêda-frouxa e mel. ~~Em meio século, tinham mudado totalmente as circunstan-~~
~~eias que ditaram as lamentações do colono Davatz, nas primeiras tentativas~~
~~de colonização entre nós. Então os colonos pouco se distinguiam dos escr-~~
~~vos, hoje pouco dos senhores.~~
- 1060 E não era apenas êsse amor de patricio contra a terra estranha, que cha-
 leirava nos colonos emigrados a vaidade, a independencia e a pretensão que,
 na patria, sempre tinham dormido sem revolta. Surgiam as defezas do emigran-
 te, gremios trapalhões nascidos do lazer endividado de **causídicos** sem **cau-**
sas, que se dispunham a proteger os colonos contra **os fazendeiros, os colonos** e a
 1065 se protegerem inda melhor. Si a defesa do proletario rural era mais que jus-
 ta: numa terra de analfabetismo comum, de bem-estar à mão e muita sobra, um
 atilho de medidas governamentais **bastaria** pra condicionar ao colono uma
existencia mais **elevada e** humana. Essas medidas não vinham. Que se formasse
entidades defensivas, orientadas por homens lavados **de** verdadeiro amor à
 1070 classe era mais que justo portanto. Mas homens dêstes não havia em nossa

linha 1071: (A): terra de *aventura* (A): de *causidicos* de A: +Os sindicatos inda estavam por
 nascer+ Os
 linha 1072: A: Direito@+,+@ >que numa rabulagem turistica pelo fazendal paulista iam atendo o fogo
 duma< E
 linha 1072-1073: (A): apenas *doutorarem-se* nos
 linha 1073: A: ou +se+ coronelarem>-se< nas
 linha 1074: (A): rabulagem *turist[ica]* de turismo
 linha 1075-1076: A: uma >ficticia< luta de classes *, falsificação mesquinha, sem razão de ser numa terra
 em que não havia nem consciencia de patria nem* =consciencia social= +legítima+
 linha 1078: A: adiantando *aos* outros, os colonos castigavam a andadura dos trabalhos@+,+@ á
 (A): >Mas açaimados por êsse protecionismo de ilusão, repolhudos de petulancia na esperança
 de costas bem defendidas, a experiencia de uns não adiantando a outros, os colonos castigavam
 a andadura dos trabalhos, á complacencia covarde de fazendeiros que inda assim ganhavam
 bem!<
 linha 1078: (A): tudo ^ia^ o proprio (A): isso@+,+@ o proprio seu João sofrera, *chegando* aqui.
 A: ^proprio^ seu João ^sofrêra^@+,+@ chegado
 linha 1079: (A): filhos +homens+ pra que êle viesse >tambem< com a familia >toda<, A: a
 ^insistencia^ dos filhos homens, *pra que êle viesse com a* familia,
 linha 1080: A: expediente de defeza propria *duns* rapazes (A): expediente >de defeza propria<
 de rapazes providos *duma* ambição
 linha 1081: (A): facil *da região*. Mas
 linha 1085-1086: (A): amazonica@+,+@ se dera a fuga pro ^Sul^. O A: ^amazonica^, se dera
 linha 1086-1087: (A): especialmente *^pro^ café* S. Paulo. E >os que vinham< traziam (A): Mato
 Grosso, e *especialmente* ^prncipalmente^ pra *S.* Paulo. E *traziam* consigo A: agora
 >pra Goiás, pra Mato Grosso, e< principalmente pra São Paulo. >E< *trazia* consigo
 linha 1088: A: paulista@+,+@ >^c omo^< +e, alem dessa,+ os que (A): nordestina@+,+@ já de si
 tão diferente da paulista; >e, alem dessa,< +e+ os que A: si *tão* diferente
 linha 1089-1090: A: esforços ^episodicos^ enormes,
 linha 1090: A: quotidiano@, @ +Traziam a+ esperança (A): incapaz *do esforço mesquinho
 quotidiano. Traziam*
 linha 1091: (A): gente *gastava* tambem A: gasta >tambem< num ^atimo^
 linha 1092: (A): atimo@+,+@ pra \#trabucar# de novo\ em A: esforço >brusco< de vida
 linha 1093-1094: (A): morte>pra de novo ganhar<. A *essa vida* >instavel< nem a riqueza aventureira de
 S. Paulo podia corresponder +mais+. Aqui A: podia +mais+ corresponder >mais<
 linha 1094: (A): trabalho *tinha de ser* quotidiano@+,+@ e A: quotidiano@>,<@ e
 linha 1095: (A): isntabilidade >do< paroara se exacerbava com a desilusão@+,+@ *e muitos* dos
 A: ^isntabilidade^ paroara
 linha 1096: A: em *parte nenhuma passando* de (A): nordestinos@+,+@ não
 linha 1097: (A): moços, >juvenais< solteirões
 linha 1097-1098: (A): em *grande* parte@+,+@ A: familias@, @ individuos
 linha 1099: A: farra e >pro< chinfrim (A): farra e =pro= chinfrim *nenhuma prisão de familia
 acovardava*. Nos A: e >pro< chinfrim
 linha 1101: A: era comum *o traço* do (A): era *comum a mão* do nordestino
 linha 1102-1103: (A): abuso *da saudade nutrida* >com razão< pelas *inesqueciveis* cachaças do Norte,
 as monjopinas destiladas em *alambique* A: saudades >nutridas< pelas ^soblimes^
 cachaças do Norte, >monjopinas< destiladas em *=alambiques=* de
 linha 1103-1104: (A): E@+,+@ no dia seguinte@+,+@ as
 linha 1104: (A): despedidas, +chôros+, precisão A: despedidas, *chôros*, precisão
 linha 1105: A: aceitavam >de bom grado< as familias
 linha 1106: (A): vezes >e com razão< não A: vindas do *Norte*, muitas vezes não queriam
 sistematicamente saber
 linha 1107: (A): nordestino *sozinho*.

- terra de **conquista**. Os sindicatos inda estavam por nascer. Os colonos caíam nas
[unhas de **advogados** de escândalo
ou dos frangotes disponíveís do Direito. E êstes, sonhando apenas doutorar-se nos dizquedizques do Automovel Clube, ou se coronelarem nas farras do Tucuruví, seguiam em rabulagem de turismo pelo fazendal paulista, ateando
- 1075 fogo a uma ~~fietieia~~ luta de classes **falsificada, deformada, defraudada, sem uma** consciência social **legítima**.
~~soeial~~.
- De tudo isso, o próprio seu João sofrêra, **chegado** aqui. Já a insistência dos filhos **homens, chamando ele mais o resto da** família, não fôra mais que
- 1080 um expediente de rapazes fortes, providos **da** ambição lhes dada pela riqueza facil **do lugar**. Mas lutavam pra achar emprêgo, preteridos por qualquer concorrente estrangeiro, aceitos com desconfiança pelos administradores, mandados embora na mais leve folga de serviço.
- É que já principiava se alastrando a tradição de que os nordestinos
- 1085 eram imprestaveís para o trabalho rural. Acabada a ilusão da borracha amazônica, se dera a fuga pro sul. O “cearense”, o paroara vinha agora ~~pra Goiás, pra Mato Grosso~~ principalmente pra **São** Paulo. **E Tinha** consigo a psicologia nordestina, já de si **bem** diferente da paulista; e os que vinham traziam especialmente a psicologia paroara de gente instavel, capaz de esforços episódicos enormes, incapaz do **ramerrão trabalhento a vida inteira**. Alimentavam
- 1090 a esperança de lucros imediatos vastos, que a gente **gasta também** num átimo, pra depois **de novo trabucar** em novo esforço ~~bruseo~~ de vida ou de morte. A **essas ilusões** nem a riqueza aventureira de **São** Paulo podia **mais** corresponder. **mais**. Aqui o trabalho **já se tornava** quotidiano e a economia também. A
- 1095 instabilidade paroara se exacerbava com a desilusão, **a maioria** dos nordestinos, não paravam em lugar nenhum, mudando de fazenda a cada colheita nova. Inda mais: que nordestinos vinham? Vinham os moços, solteirões em **grandíssima** parte, não famílias – individuos escoteiros cuja tendencia pra farra e ~~pro~~ chinfrim **não era acovardada por nenhum laço de mãe, de irmãs, de esposa**.
- 1100 **sa**. Nos estupros das colonias, nas facadas das vendinhas de beira-estrada, era **constante a assombração** do nordestino solteiro. O frio paulista convidava ao abuso **das saudades nutridas** pelas **sublimes cachaças do norte, monjopinas** distiladas em alambiques de barro. E vinha o banzé grosso. E, no dia seguinte, as caceteações, fugas, despedidas, **polícia**, precisão de arranjar camarada novo. Por isso fazendeiros e adm[i]nistradores, si inda aceitavam as famílias vindas do **Nordeste**, muitas vezes não queriam **obstinadamente** saber de nordestino **juvenal**.
- 1105

linha 1108: (A): >Porêm< +O indecente é que + essa
 linha 1109: A: importancia@+,+@ >e< até
 linha 1110: (A): nordestino *sem proteção* a
 linha 1111: (A): gente >de importancia< +é que+ contribuia +mais,+
 linha 1112: (A): pelos *jornais* e Camaras@+,+@ *a* generalizar a *falsificação*. O
 linha 1114: (A): mesmo >dentro< *do Instituto do Café*@+,+@
 linha 1116: (A): atacar *êste* que
 linha 1117: (A): politicalha *naci[onal]* brasileira, (A): presidencial +do país+. >Atacar a falta de imigração era salientar a incuria do chefão pelo mais premente problema da vida paulista< Pois
 linha 1118: (A): trazidos *por* agenciadores A: cá ^trazidos^ pelos
 linha 1119: A: dos ^proprioas^ fazendeiros
 linha 1121: (A): gente *se desculpava*@+,+@ e
 linha 1122: A: muitas *feitas* censurava-se o Presidente do Estado@, @ ^mas^ >que< não convinha que essas censura viessem a publico por causa que o Presidente inda *fazia pouco fizera não sei mais que beneficio ao Instituto*. Quanto A': influetissimo *do Instituto do Café*, assim como a explicação porquê não convinha dar sem censura aos jornais as discussões havidas em sessão dentro *do Instituto*. É que *dentro dele* muitas (A): com *a propícia amizade do sr. Presidente do Estado.* >Esta razão de se atacar o nordestino e acentuar os defeitos dele ou dar-lhe outros inexistentes, escutei eu, dada por membro influetissimo da Liga Agrícola, assim como a explicação porquê não convinha dar sem censura aos jornais as discussões havidas em sessão dentro duma companhia. É que nas sessões dela muitas vezes censurava-se o Presidente do Estado. Mas não convinha que essas censura viessem a publico por causa que o Presidente inda podia fazer beneficios á Liga! < Quanto aos ataques ao nordestino@+,+@
 A: nordestino@>,<@
 linha 1124: (A): Nação@+,+@ era
 linha 1125: A': e *só* filhos
 linha 1126: (A): acentuava >a parte< *o ataque* A: acentuava *o ataque* de
 linha 1127: (A): de *leviandade na economia familiar* perdularios, +brigões+ e *de instabilidade* que
 linha 1128: (A): *faziam a êle*. Grande parte dos fazendeiros@+,+@ e até admnistradores@+,+@
 linha 1129: (A): viviam *pelas* exigencias
 linha 1129-1130: (A): exigencias *da colonisação estrangeira*. Um
 linha 1131: (A): admnistradores@+,+@
 linha 1132: (A): que@+,+@ sem
 linha 1133: (A): patrão@+,+@ >e< adquire
 linha 1134: A: como *um* ser
 linha 1135: (A): inerme@+,+@ >e< o sujeitavam
 linha 1137: A: veio. ^Traziam^ a familia (A): resolveu *meio assustado*, veio
 linha 1139: (A): pardieiro *caindo* malsão A: como +seu João+ ainda (A): encafuados *num pardieiro malsão*. E
 linhas 1140-1141: (A): protestar, +e os filhos machos logo tinham readquirido com delícia a lerdia dependencia de filhos,+ *ficou* lá, +todos,+ sempre
 linha 1142: (A): da >aventura e da< viagem.
 linha 1144: (A): pabulagem *das* emboladas

O indecente é que essa tradição pejorativa era injustamente sistematizada e exagerada aqui por gente de importancia, e até homens de Estado, que não se envergonhavam de botar nas costas do nordestino **desprotegido** a culpa da incuria ou das manobras deles. Essa gente é que contribuia **mais**, pelos **diarios** e Camaras, **pra** generalizar a **má tradição**. O Govêrno não se preocupava mais em dirigir pra cá a imigração estrangeira. A falta de braços aumentava cada vez mais. Porém, mesmo **na Liga Agrícola**, ninguém não queria se por em oposição franca ao presidente do Estado. Não convinha atacar **Julio Prestes**, que já vivia hipersensibilizado com o unico problema da politicalha brasileira, a sucessão presidencial **do país**. Pois então ataquemos o nordestino que em grande parte vinha pra cá trazidos **pelos** agenciadores dos proprios fazendeiros paulistas. Atacado o nordestino que vinha, salientava-se a precisão do estrangeiro que não vinha mais. E assim o problema era pôsto em dia, toda a gente **não tinha a culpa**, e ninguém ficava de mal com **o futuro presidente da Republica**. Quanto aos ataques ao nordestino saídos da Camara estadual, nem é preciso estudar um congresso que, como o de todos os estados da Nação, era numerosamente feito de irresponsaveis, filhotes de politicos e apenas filhos de seus pais.

E finalmente: a desproteção do nordestino aqui, inda acentuava a pecha de ~~\$leviandade na economia familiar\$~~ **perdularios**, **brigões** e **instaveis** que **lhe davam**. Grande parte dos fazendeiros, e até adm[i]nistradores, se desforrava no nordestino da raiva contida em que viviam **por causa das** exigencias **das** **colonizações estrangeiras**. Um desprotegido que topavam, se desforravam nele. Até os adm[i]nistradores, porquê é muito comum essa psicologia ilusionista do empregado graduado que, sem virtude nenhuma, por simples auto-sugestão de grandeza, se incorpora ao patrão, adquire os defeitos, as avarezas e prepotencias dêste. Tratavam o nordestino como a ser inferior, se aproveitavam do coitado inerme, o sujeitavam a muitos desprestígios.

Tanto que os filhos chamavam, auxiliados pelos cobres mandados, seu João se resolveu **quasi no susto**, veio. Trazia a familia toda, gente dura, resistente, capaz de vencer o tratamento de talhões gigantes. Mas logo na primeira fazenda, foram todos encafuados **numa tapera malsã**. E como seu João ainda não sabia protestar, **e os filhos machos logo tinham readquirido com delícia a lerda dependencia de filhos**, ficaram lá, **todos**, sempre ainda naquele malestar de susto remanescente da ~~\$aventura e da\$~~ viagem. Nas casas dos italianos tudo estava bonito e caiado. A comparação fazia seu João sofrer. Lhe rebrotavam nalma uns versos de pabulagem **daquelas** emboladas nordestinas

linha 1146: (A): fazenda@+,+@ quando +depois do primeiro pagamento,+ viram
 linha 1147: (A): do *nordestino*, com as filhas, caiaando a casa por conta propria@+,+@
 linha 1148: A²: lapso: “concertaram o fugão. Terminado o concerto”
 linha 1149: (A): janelas *vermelhas*@+,+@
 linha 1151: A: sonho. *Mas* sempre \#no branco# fazia um efeito enorme\ *as janelinhas*
 linha 1152: (A): >a< porta *encarnado*@+,+@ e *o* sofisma
 linha 1155: (A): chope >da cidade,< e tanta A: tanta *felicidade* que
 linha 1157: (A): que >eu< gostei
 linha 1158: (A): *intaliano* é (A): quando >que< casa
 linha 1160: (A): baque@+,+@ percebendo um êrro enorme *por detrás,* pra trás.
 linha 1161: (A): mulher@+,+@ ou
 linha 1164: (A): espantou@+,+@ olhando
 linha 1165: (A): olhar@.@ ^Abaixou^ a
 linha 1167: (A): largou >dela<!
 linhas 1169-1181: A²: Nota MA: a lápis vermelho: traço na margem esquerda separando a sequencia em
 que seu Nedim se destaca para servir de matéria ao conto “Os Sírios”, planejado em setembro
 de 1944.
 linha 1171: (A): Nedim@!@
 linhas 1172-1174: (A): Seu João >dava uma risada feliz, se erguia, estava abraçando o sirio como si o não
 visse desde muito< +a modos que recebia o sirio secamente. Estava era atordoado com a
 revelação em meio de Chico Antonio. Mas poudes se erguer e foi passando o braço ^pelo
 ombro^ alto do sirio, agarrando.+
 linha 1175: (A): \#É# este\ o moço que eu falei, >o< +meu+ Chico Antonio, +seu Nedim+ >que eu criei<
 O
 linhas 1176-1177: (A): vai ver@:@ bom +(Falava ainda devagar, se retomando aos poucos.)+ >Honesto,<
 A: moço. (^falava^ ainda
 linha 1177: (A): mim@+,+@ e
 linha 1178: A¹: nem um *canario*. O (A): um dia@!@ A: >um< galinho de campina.
 linha 1179: (A): vai *lá pra Araraquara* agora?
 linha 1180: (A): >Não posso mais, mesmo.< Agora

- 1145 em que ninguém é mais forte nem maior que eu. E foi até um espanto meditativo na fazenda, quando ~~depois do primeiro pagamento~~, viram o gastador do “cearense”, com as filhas, caíando a casa por conta própria, enquanto os filhos con[s]ertavam o fugão. Terminado o con[s]êrto a casa estava bonita. Mais bonita inda estaria si pintada de amarelo vivo e janelas ~~verde-limão~~, como
 1150 seu João sonhara, mas isso o adm[i]nistrador paulista não deixara por não ter senso de sonho. ~~Porém sempre fazia um efeito enorme no branco, a janelinha e a porta encarnada, e um~~ sofisma de amarelo no beiral das telhas.

- Quando a casa ficou pronta, seu João deu um sabado de festa prá colônia. Teve doces tão bons como jamais intaliano manjara, até um barril de
 1155 chope ~~da cidade~~, e tanta ~~alegria~~ que o João Velho ficou de casar com a filha dum intaliano.

- Até que gostei bem porquê com tanto filho em casa e inda não tenho neto! ~~Intaliano é tão bom como nós mesmos...~~ E você, Chico Antonio, quando casa?

- 1160 Chico Antonio sofreu um baque, percebendo um êrro enorme ~~\$por detrás,\$~~ pra trás. Um êrro qualquer, de ter casado, ou de ter abandonado a mulher, ou de não saber mentir pra seu João, não sabia bem: um êrro enorme.

– Casei, nhor sim.

- Seu João espantou, olhando o moço muito. Chico Antonio não suportou o
 1165 olhar, ~~abaixou~~ a cabeça muito simples, com um riso amarelo na boca.

– Ficou lá.

– Você largou ~~dela~~!

– Larguei, nhor sim.

– Boa-noite, João.

- 1170 Era o Nedim junto deles.

– Ahn, seu Nedim...

Seu João ~~a modos que recebia o sirio secamente. Estava era atordoado com a revelação em meio de Chico Antonio. Mas poudes se erguer e foi passando o braço pelo ombro alto do sirio, agarrando.~~

- 1175 – ~~Este é~~ o moço que eu falei, ~~meu~~ Chico Antonio, ~~seu~~ Nedim. O senhor ha-de conhecer êle melhor, vai ver, bom moço. ~~(Falava ainda devagar, se retomando aos poucos.)~~ Serio, forte, é mesmo que meu filho pra mim, e canta que nem ~~um~~ galinho-de-campina. O senhor ha-de escutar um dia, quando que o senhor vai ~~prá nossa zona~~, agora?...

- 1180 – Agora tenho que ficar aqui.

– Ora seu Nedim, o senhor tá rico, vá ao menos pra descansar. Nossa casa está

linha 1182-1218: A²: Nota MA: a lápis vermelho: traço na margem esquerda separando a sequência em que seu Nedim se destaca para servir de matéria ao conto “Os Sírios”, planejado em setembro de 1944.

linha 1182: (A): ordens, *dô* meu (A): puxado@!@ ^Faça^ cerimonia

linhas 1184-1185: (A): sirio >riu,< +quasi a+ *querendo* bem, +ante aquela espontaneidade que já voltara inteira em seu João+ Mas era impossível +largar do hotel, e+ @>.<@ ^Voltou^ facil

linha 1186: A: Agora *êle* não (A): enquanto *seu João* falava

linha 1187: (A): com *o velho* aqueles desafios de +quasi+ noite

linha 1188: (A): em *S.* Carlos. Nedim mudara *por completo* @+,+@ e

linha 1189: (A): ou +só+ mesmo

linha 1191: (A): função@^.^@ mascateando

linha 1192: A: povo, ^Fez^ tudo (A): povo *fez* tudo

linha 1193-1194: (A): nem ^oq aa^ prejudicou. (A): e *ajuntou* mesmo

linha 1194: (A): miseria@+,+@ >e< muito

linha 1195-1196: (A): que *não atingira a* conciencia,

linha 1197: (A): gosar +riqueza+ ou ser *avarento*. Mas

linha 1199: A: traço sublinhando verbo repetido na frase e arco ligando as palavras: “que o fez mascatear, sofrer e fazer sofrer como fizera” A¹: que o *fez* +a+ mascatear, +a+ sofrer e fazer sofrer >como fizera<. Era

linha 1200: (A): tequeteque *de* Interior

linha 1201-1202: (A): curiosa@+,+@ +de-certo derivada do materialismo com que realizava a sua finalidade. Essa+ altivez >curiosa que< o levava a *muitas* ^discução^ *discussões azedas* por aí tudo@+,+@

linha 1204: (A): mais >do< que deu

linha 1205: (A): palavriado +insultoso,+ arranjando

linha 1206-1207: (A): em que *havia* muito

linha 1208: (A): raiva +mais+, >sem< nenhum

linha 1208-1209: (A): pregando +as+ excelencias (A): pregando *as excelencias* da

linha 1209: (A): não *encontrava* ninguém@+,+@ o

linha 1213: (A): briga *an[terior]* passada A²: lapso: “todas a peripecias”

linha 1214: (A): tempos de *regatão*, ficava >logo< no

linha 1215: A¹: *ficara*. Mas

linha 1216: (A): servira +a+ um (A): Jamais +não+ servira +a+ um

linha 1217: (A): qualquer *espe* genero (A): por *uma* cilada (A): acaso@+,+@

linha 1218: (A): *em alguma* dificuldade

às ordens, **dou** meu quarto pro senhor e vou com os filhos pro puxado, **faça** cerimonia não!

O sirio **chegou** **quasi** a **querer** bem, **ante** **aquela** **expontaneidade** **que** **já**
 1185 **voltara** **inteira** **em** **seu** **João**. Mas era impossível **largar** **do** **hotel**, **e** **voltou**
 fácil á seriedade, enquanto **o** **nordestino** falava pelos tres. Agora Nedim não
 disputava mais com **seu** **João** aqueles desafios de **quasi** noite inteira de lo-
 quacidade, como dantes, em **São** Carlos. Nedim mudara **demais**, e a capacidade de
 antipatia do regatão antigo redobrava nele. Era de só patricio ou só mesmo
 1190 um seu João suportar.

Antipatico por função, mascateando com suplicio por êsse imenso Bra-
 sil, mais nocivo que util, mucuim coçando na mão gastadeira do povo, **fizera** tu-
 do pra ajuntar dinheiro e **ajuntara** mesmo. O que sofreu nem se conta, nem o
 que prejudicou. Acrescentou muita miseria, muito malestar. Não por maldade.
 1195 Nedim concientemente era só bom. Havia nele um ideal que **jamaiz** **se** **si[s]** **tema-**
tizara **na** consciencia, mais ou menos o que se definiria por “ficar rico” si
 por acaso houvesse nele o desejo de gosar **riqueza** ou ser **avaro**. Mas não ha-
 via nada disso não. Havia apenas mas era uma especie de voz antiga, um mando
 irresistivel que o obrigara a mascatear, a sofrer e fazer sofrer. Era então
 1200 tudo o que é um tequeteque **do** Interior, a mais apenas uma certa altivez cu-
 riosa, **de-certo** **derivada** **do** **materialismo** **com** **que** **realizava** **a** **sua** **finalida-**
de. Essa altivez o levava a **muita** ~~**discussão**~~ **discussão** **azed** por aí tudo, e
 duas ou tres vezes a alguma troca de sôcos. Quando a briga chegava a isso,
 apanhou sempre mais que deu. Não sabia brigar. Parava a briga no meio, prin-
 1205 cipiava, com muito palavriado **insultoso**, arranjando as coisas pra partir,
 partia insultando até meia legua longe, com um odio prodigioso em que **ti-**
nha muito de despeito de si mesmo. Achava alguém, uma casa, continuava falan-
 do outros assuntos, sem nenhuma raiva **mais**, nenhum sofrimento, pregando **a**
excelencia da mercadoria. Si não **topava** ninguém, o odio perseverava. Passara
 1210 noites inteiras ruminando raiva, deixando escapar insultos oratorios duma
 constancia expansiva originalissima. Porêr era incapaz de se vingar. Trazia
 todas as brigas e todos os inimigos na memoria, o mais antigo que apareces-
 se Nedim o reconheceria, e todas a[s] peripecias da briga passada voltariam
 no momento. E mesmo, nos tempos de **tequeteque**, ficava **logo** no ponto de reco-
 1215 meçar a briga, retomando-a onde ela parara. Mas, pela mesma especie de fata-
 lidade, era uma especie de bom. **Jamaiz** **não** servira a um odio eterno dêsses
 por **alguma** cilada de qualquer gênero contra o inimigo. E si êste por acaso,
nalguma dificuldade financeira, viesse propor negócio pra êle, a vingança

- linha 1219-1255: A²: Nota MA: a lápis vermelho: traço na margem esquerda separando a sequência em que seu Nedim se destaca para servir de matéria ao conto “Os Sírios”, planejado em setembro de 1944.
- linha 1220: (A): nem +que fosse+ pra
- linha 1221: A²: Nota MA: a grafite, margem esquerda: “(17)”, número destacado por círculo a lápis vermelho, indicando o acolhimento, no manuscrito de *Café*, da página em que foi divulgado, em abril de 1930, o fragmento do romance publicado na revista carioca *Ilustração brasileira* (a. 11, no 116). DOIS SÍRIOS, transformado em OS SÍRIOS pela rasura do escritor que, ainda, impõe outras rasuras, visando a redação de uma nova versão desta primeira parte do romance (A): de *tequeteque* por
- linha 1223: (A): enfeitada >, com dois andares< Botara hotel *e* o café
- linha 1224: (A): baixo. Não devia nada a ninguém. >Mas Nedim ficara desgraçado e o sofrimento mudara inteiramente o geito dele.< Fôra A¹: buscar@+,+@ *ninguem* sabia *donde*@+,+@ uma (A): baixo. >Não devia nada a ninguém< Fôra
- linha 1226: (A): café e@>...<@ no hotel A¹: café@+,+@ ^e^ no hotel
- linha 1227: (A): desgraçado@+,+@ e o sofrimento é que *mudara* >inteiramente< o jeito
- linha 1228: A¹: dele. *Tinha gastado* =tudo= +na construção do hotel. X (Atrás)+ + Ora ele era desses homens que adoravam a posse pela ~~única~~ permanência física iniludível do possuído. Adorava o dinheiro que se via visível, dinheiro mesmo, que faz pêso na mão, que si guarda na ~~af~~ mala escondida. Adorava ainda o terreno comprado, não pelo que êste se valorisara, ~~pra Nedim não~~ mas porque eram tantos metros quadrados de terra que ele podia pisar. Pra Nedim o terreno não se valorisara nada: si conservara apenas o possuído bem concreto que de tão pesado ele não podia levantar com o braço forte. Mas tudo isso desaparecera, todo esse possuído objectivo se evaporara, não apenas pelas dividas que contraira pra terminar a montagem do mosqueiro e do café, mas porquê, estes, no continuo vai-vem de compra e venda, de pagamento em trôco de cama, de jantar, de beber, não parecia ganho mais. Os lucros, o possuído se subtilizara demas pro sentimento de Nedim, êle não os podia compreender bem, e sofria. Na mascateação de dantes, não percebera nunca que ~~sempre~~ estava nesse mesmo processo de dar badulaques e cassas pelo dinheiro que lhe davam. Alem de habito vindo da mocidade, na mascateação o lucro era bem visível, bem despropositado e fisico, lhe pesava no bolso. E agora, inda por cima, o fantasma da divida, perseguindo-o noite e dia, embora ela se amortizasse? com rapidez, o fantasma vinha e ~~he~~ arrancava dele tudo aquilo, tudo não era dele mais, era dos credores. Não possuia nada, estava pobre, com a roupa do corpo só.+ (A): Ora *ele* era dêsses *homens* que A: Gastara *tudo* na construção A: era *dêsses* seres que
- linha 1229: (A): pela >única< permanência (A): *adoravam* a posse
- linha 1230: (A): via@+,+@ visível
- linha 1231: (A): guarda ^no^ >fu[ndo da]< mala escondida. (A): que >êste< se valorizara, A: mala *escondida*. Adorava ^anda^ o
- linha 1232: (A): valorisara, >pra Nedim, não< mas A: eram ^tanos^ metros ^quadros^ de
- linha 1235: (A): forte. *Mas* tudo
- linha 1236: (A): dívidas >que< *contraira* pra
- linha 1237: (A): mosqueiro >e do café<, mas porquê@>, <@ *estes*, no
- linha 1238: A: de *dormida*, de jantar,
- linha 1238-1239: (A): trôco de cama, de *jantar*, >de bebes,< +de roupa que ficava suja e êle é que pagava pra lavar,+ não parecia A: suja e *êle* é que
- linha 1239: A: não parecia *lucro* mais.
- linhas 1239-1240: A: subtilizara *demas* pro
- linha 1240: (A): Nedim, >ele< não os podia compreender *bem*, e
- linhas 1241-1242: (A): nunca que >sempre< estava nesse mesmo processo de dar >pelo[s]< badulaques (A): dantes@>, <@ não se *percebera nunca que estava nesse mesmo processo de dar badulaques e cassas pelo dinheiro que lhe davam* A: badulaques *=e= cassas* por
- linha 1242: (A): mocidade, >na mascateação< o lucro *era* bem
- linha 1243-1247: (A): fisico, +decisivo,+ lhe *pesava* no bolso. +Eram bem coisas pra se vender que vendia, e não como agora coisas pra se possuir, casa del, arroz dele, roupa de cama dele, cadeira dele. E tudo, partido o hóspede, ficava pra lavar, êle que ficava pra pagar a lavagem do que o hóspede sujara, e tinha no fim do mês que pagar os criados...+ E >agora,< inda
- linha 1245: A: dele, *cadeira* dele.

- raivosa de Nedim consistia em não aceitar negócio nenhum com o outro, nem
 1220 **que fosse** pra botar o desgraçado na miséria.
 Um dia afinal, depois de vinte anos de **mascate** por conta própria, se **s**
 soube que aquele terreno valorizadíssimo era propriedade de Nedim. Vendera
 metade. Construiu aquela casa branca enfeitada. Botara hotel **com** o café em
 baixo. Fôra buscar, não se sabia onde, uma companheira tão gasta como êle, si-
 1225 ria medonha de feia e jorrando malvadeza pelos angulos. Ela ficava no ho-
 tel. Ele no café. **E** no hotel também. Tinha olhos pra tudo e a economia era
 insultante. Mas Nedim ficara desgraçado, e o sofrimento é que **mudou** o jeito
 dele. Gastara **mais do que possuía** na construção do hotel. Ora **Nedim** era **dos**
 [seres que
adoram a posse pela permanência física iniludível do possuído. Adorava o
 1230 dinheiro que se via, visível, dinheiro mesmo, que faz pêso na mão, que se guar-
 da na mala **escondido**. Adorava ainda o terreno comprado, não pelo que se valo-
 rizara, mas porquê eram tantos metros quadrados de terra que êle podia pisar.
 Pra Nedim o terreno não se valorizara nada: se conservara apenas o possuí-
 do bem concreto, que de tão pesado êle não poderia levantar com o braço
 1235 forte. **E** tudo isso desaparecera, todo êsse possuído objetivo se evaporara,
 não apenas pelas dívidas **\$que\$** contraídas pra terminar a montagem do mos-
 queiro, mas porquê **êste**, no contínuo vai-vem de compra e venda, de pagamento
 em trôco de cama, de **comida, de roupa que ficava suja e Nedim é que pagava**
pra lavar, não parecia ganho mais. Os lucros, o possuído se subtilizara **em**
 1240 **excesso** pro sentimento de Nedim, não os podia compreender exatamente, e
 [sofria.
 Na mascateação de dantes não se **apercebera jamais das trocas de badulaques e**
fazendinhas por dinheiro. Além de hábito vindo da mocidade, o lucro **ficava**
 [bem
 visível, bem despropositado e físico, **decisivo**, lhe **pesando** no bolso. **Eram**
bem coisas pra se vender que vendia, e não como agora coisas pra se pos-
 1245 **suir, casa dele, arroz dele, roupa de cama dele, terreno dele. E tudo, partido**
o hóspede, ficava pra lavar, êle que ficava pra pagar a lavagem do que o
hóspede sujara, e tinha no fim do mês que pagar os criados... E inda por ci-
 ma o fantasma da dívida perseguindo-o noite e dia, embora ela se amorti-
 zasse com rapidez; o fantasma vinha e arrancava dele tudo aquilo, tudo não
 1250 era dele mais, era dos credores. Não possuía nada, **nem terreno, nem casa, nem**
louça, estava pobre, com a roupa do corpo só! Viera e ficara firme a sensa-
 ção de que principiara novamente do comêço, a ajuntar cruzado por cruzado.
 A coragem fôra mais forte que **Nedim** e o quebrara. Tudo ia muito bem, o ho-
 tel imediatamente imundo e o café lhe davam juro duma grandeza gatuna,
 1255 mas subsistia no coitado a sensação de que **o espoliavam**, que estavam moran-

linha 1248: (A): cima@>,<@ o fantasma da dívida@>,<@ perseguindo-o

linhas 1248-1249: (A): vinha e >lhe< arrancava (A): amortizasse@>?<@ com

linhas 1250-1251: (A): nada, +nem terreno, nem casa, nem louça, + estava

linha 1252: (A): ajuntar *vintem por vin-[tem]* cruzado por cruzado A': que *princiPIava* novamente
 (A): comêço@+,+@ a ajuntar

linha 1253: (A): que *êle* e o quebrara.

linha 1254: A: hotel +imediatamente+ imundo A': gatuna@+,+@ mas

linha 1255: A': coitado *uma* sensação >estragosa< de que (A): de que >era< *espoliado*, que

linhas 1256-1292: A²: Nota MA: a lápis vermelho: traço na margem esquerda separando a sequência em que seu Nedim se destaca para servir de matéria ao conto “Os Sírios”, planejado em setembro de 1944.

linha 1256: (A): dele, >que estavam< comendo

linha 1258: A¹: a *sala de janta* do (A): nela, >e< nem A: a ^sala de jantar^ do

linha 1259: A¹: refeição. *Vinha* impulsos >nele< de botar (A): refeição. *Vinhã-lhe* impulsos

linhas 1260-1261: (A): não *se amolava com* dinheiro. *Sabia* +sempre+ ^de cor^ quanto

linha 1262: (A): confiança >ingenua< dos tempos

linha 1264: (A): dava *o dinheiro* na guarda-roupa. *Mas* não

linhas 1264-1265: (A): audazes@+,+@ >e< +puramente+ bocórias >que fazia nos tempos< do

linha 1267: (A): na *certeza* angustiosa de que o roubavam, de que estava recomeçando *de novo*,

linha 1268: A: mais *economias*, muito

linha 1269: (A): queimavam@+,+@ >e< ^ninguem^ era

linha 1270: (A): martirio. *Tendo que vir pra São Paulo esperar Chico Antonio que chegava,* >seu João logicamente< +Partiu sem mais pensar, e+ não

linha 1273: (A): amigo. >Era até mais um prazer o dinheiro que tinha mesmo de gastar, pois então que fosse pro bolso dum conhecido.< Apareceu

linha 1274: (A): reconheceram ^cheio^ de

linha 1275: (A): amigo. >Mas< ^foi^ um momento só. >Mal< *^respondera^* com

linha 1276: (A): demonstrações >esfogueadas< de seu João. Nedim *ficou* com

linha 1277: (A): medo >de seu João.< Toda aquela jubilosidade +pura de seu João+, de que +Nedim+ se

linha 1279: (A): agora *parecia* >tudo< falso >pra êle<. Seu João estava enganando@, @ ^pagara^ +tudo+ certo@+,+@ é

linhas 1280-1281: (A): termo@;@ vinha pra passar *um pealo* no sirio.

linha 1281: (A): escolher +o+ quarto

linha 1282: (A): atrás, \#observando# >e< na defeza\l. Quando seu João *perguntou* o preço

linha 1283: (A): +Nedim+ sem refletir, sinceramente, >Nedim< aumentara *o pre[ço]* a diaria comum.

linha 1284: (A): freguês@+,+@ nem

linha 1285: (A): falcatrúa >em qu[e]< futura (A): antemão *duma* falcatrúa >futura< em que

linha 1286: (A): seu João. *Seu João* @+,+@ +numa paciência+ *entusiasmado* @+,+@ andava

linha 1287: (A): sem saber *como* por onde

linha 1288: (A): mesmo ^bemdisposto^ e

- do na casa dele, comendo a comida dele. Quando essas fraquezas vinham, fechava os olhos pra não ver os frequentadores do café. Jamais pudera se acomodar com a sala-de-jantar do hotel. Não comia nela, ~~Se~~ nem passava por ela nas horas de refeição. **Lhe vinham** impulsos de botar pela porta fóra toda aquela gente sugadeira, sofria muito. Dinheiro, não **o satisfazia mais nem o vulto do** dinheiro. **Tinha sempre de-cór** quanto ajuntara já de novo, nunca voltava a recontar o dinheiro guardado. Continuava na mesma confiança dos tempos de mascate: não punha no banco nem possuía burra, a mulher que guardava **tudo** na guarda-roupa. **E** não sabia mais fazer as transações audazes, **puramente** bocorias ~~\$que fazia nos tempos\$~~ do mascate. Emprestava seguro, comercialmente, legalizadamente, na certeza de ganhar bem com o empréstimo e sempre na **visão** angustiosa de que o roubavam, de que estava recomeçando **tudo**, com mais economias, muito menos esperanças e nenhuma mocidade. Era horrível. Ficava soturno. As ordens dele queimavam. **Ninguém** era feliz naquele meio.
- 1260 A amizade de seu João era agora pra Nedim um martirio. **Recebido o telegrama de Chico Antonio, seu João resolvera vir buscar o filho em São Paulo. Partiu sem mais pensar, e** não havia de gastar noutro hotel que no do amigo. Apareceu fazendo uma bulha dos demonios, muita gargalhada e abraço, café a dentro. Nedim, os olhos dele reconheceram **cheios** de carícia a imagem
- 1275 antiga do amigo. Foi um momento só. **Secundara** com um bom-dia sêco e um “como vai” de mão entregue às demonstrações de seu João. Nedim **estava** com medo. Toda aquela jubilosidade **pura de seu João**, de que **Nedim** se aproveitara mais duma vez pra passar alguma camelote e o pêso dos juros do empréstimo, agora **lhe soara** falso. Seu João estava enganando. **Pagara tudo** certo, é
- 1280 verdade, mas vinha pra se vingar. Vingar, não é o termo: vinha pra passar **algun calote** no sirio. Foram pra cima escolher **o** quarto. Nedim seguia o amigo, meio atrás, **na defeza, observando**. Quando seu João **pediu** o preço do quarto, **Nedim** sem refletir, sinceramente, **Nedim** aumentara ~~\$o pre\$~~ a diaria comum.
- [Não é
- que preferisse perder o freguês, nem era por nada, fez. Meio que se defendia
- 1285 de antemão **de alguma** falcatrúia em que seria fatalmente embrulhado por seu João. **Este, numa paciencia entusiasmada**, andava da Central prá Estação da Luz, esperando trem numa conta, sem saber por onde nem quando Chico Antonio chegava. No hotel, era o mesmo bem-disposto e palavroso. Mas Nedim não estava vivendo aqueles dois dias. Um medo enorme, sem remorso, apenas medo de
- 1290 seu João, fazendo o sirio desconfiar de tudo, entre indefiníveis sustos interiores.
- Não era a primeira vez que seu João o convidava pra ir passar uns

linhas 1293-1329: A²: Nota MA: a lápis vermelho: traço na margem esquerda separando a sequencia em que seu Nedim se destaca para servir de matéria ao conto “Os Sírios”, planejado em setembro de 1944.

linha 1293: (A): dias >+na fazenda+< de férias

linha 1295: (A): aliás@+,+@ do que pelo prazer de dar e dar-se >até no caso de ser preciso<. Era

linhas 1296-1297: (A): tradicional >de terra farta< , >e< que \#ficara especificado# no Brasil\

especialmente no

linha 1297: (A): dar@+,+@ pela felicidade >manejando um ser estranho< +de dar+ Nedim

linha 1299: (A): gasto@+,+@ mas \#porê# era impossível #mesmo#\ Seu João

linha 1300: (A): qualquer. >E deixar o hotel entregue á mulher pra ela fazer todas as esmolas e melhoras que gastassem, isso então é que nunca.< Crescera

linha 1301: (A): perceber@+,+@ Nedim A: que ^sômesmo^ o

linha 1302: (A): o amigo@+,+@ que

linha 1303-1304: (A): êle@, @ ^e^ \#ainda# o detestava\ +pela amargura de não poder se aproveitar da oferta repisada. Mas agora ficara+ prêso

linha 1305-1309: (A): hotel, +que o martirizavam. Nesses gastos Nedim sentia escoarem todos os restos da riqueza dele mas era por isso mesmo que jamais poderia se afastar deles. Não porquê com êle presente houvesse mais economia, mas por aquele desespero tragicamente avaro com que a gente não pode se afastar, e colhe os ultimos respiros da pessoa amada que se morre.+

linha 1306: A: da +sua+ riqueza@+,+@ >dele< mas

linha 1308: (A): colhe@>,<@

linha 1310: A¹: primeiro@+,+@ (A): >Nedim era um desgraçado.< +Alem do mais Nedim temia a mulher.+ De primeiro, A: mulher. ^Dep^ primeiro

linha 1313: A¹: +de+ a-pé por êsses mundos e em cada paralitico que *via*, se via (A): de ^a-pé^ por êsses mundos@+,+@

linha 1314: (A): profissão +de+ *itinerante*

linha 1315: A¹: física *dum*só. (A): pela *impossibilidade* física

linha 1316: (A): conforme a *impressão* de

linha 1317: A¹: êste@+,+@ mais dava@+,+@ no

linha 1318: A¹: loquaz *nas gratidões* >então< fugia (A): si o *mendigo* era

linha 1319: A¹: indicação: “outra linha”

linha 1320: A¹: Pois *até* o costume

linha 1321: (A): ricos >agora< . Dava

linha 1322: (A): tambem@+,+@ como

linha 1323: (A): do *fisico* horroroso (A): dela@. @ ^Era^

linha 1324: A¹: e *muitas* >vezes< comentara

linha 1325: (A): parar >não< +nas+ mãos A¹: parar *nas* mãos

linhas 1326-1327: A¹: +O+ *Nedim* tomava conta (A): O sírio *tomava* conta

linha 1328: A¹: trestostões >aos sabados< +á sabatina esmoler da companheira,+ não

- dias ~~\$na fazenda\$~~ de férias na casa dele. Seu João nem punha reparo que isso dependia de licença na fazenda. Oferecia de coração, menos levado pela bondade aliás, do que pelo prazer de dar e dar-se. Era aquele maravilhoso desprendimento tradicional ~~\$de terra\$~~, que **no Brasil ficara especificado principalmente** no nordestino de tradição: dar, pela felicidade **de dar**. Nedim recusara com odio por dentro. Bem previu de golpe a possibilidade de se aproveitar do amigo e descansar sem gasto, mas **era mesmo impossível porê**m. Seu
- 1295 João estava mas armando uma cilada qualquer. Crescera uma antipatia visível por seu João, que só mesmo o nordestino era incapaz de perceber. Nedim detestava o amigo, que estava preparando uma cilada clara e indeterminável contra êle. **E o detestava ainda pela amargura de não poder se aproveitar da oferta repisada. Mas agora ficara prêso pra sempre aos gatinhos do hotel, que o martirizavam. Nesses gastos Nedim sentia escoarem todos os restos da sua riqueza, dele mas era por isso mesmo que jamais poderia se afastar deles. Não porquê com êle presente houvesse mais economia, mas por aquele desespero tragicamente avaro com que a gente não pode se afastar, e colhe os ultimos respiros da pessoa amada que se morre.**
- 1300 **Alem do mais Nedim temia a mulher.** De primeiro, por instinto natural mais do que por bondade, tomara o costume de dar esmolas. Dava principalmente aos paralíticos, por uma transposição curiosa de personalidade. Mascateava deapé por êsses mundos, e em cada paralitico que enxergava, se via impossibilitado de caminhar, ou via toda uma profissão **de itinerantes** acabada pela **desgraça** física de um só. Então dava. Dava com a mesma irregularidade sentimental da maioria dos esmoleres, conforme a **sensação** de horror que recebia do mendigo. Quanto mais feio êste, mais dava, no desejo unico de se libertar pelo maior sacrificio, e si o **pobre** era loquaz na gratidão, fugia perseguido, até com raiva do outro.
- 1310 Pois mesmo o costume de dar mudara agora. Vivia numa luta mesquinha com a mulher. Esta era menos sensível e sabia que estavam ricos. Dava esmolas também, como o marido, e embora o gesto físico de dar fosse nela um insulto pro mendigo, isso não era culpa dela, **era** culpa do corpo horroroso. Não concebia as esmolas de mais de tostão e muito comentara com Nedim os desperdícios dêste, algumas vezes até milréis indo parar em mãos emberevadas. E agora Nedim que a censurava pelos poucos tostões dos sabados! O si-
- 1315 rio **dera pra tomar** conta das esmolas da mulher. Achava mesmo sempre um jeito de surripiar uns tres tostões á sabatina esmolar da companheira, não pra conservar mas pra êle dar durante a semana. E êsse dinheiro êle dava
- 1320
- 1325

linhas 1330-1365: A²: Nota MA: a lápis vermelho: traço na margem esquerda separando a sequência em que o casal de sírios se destaca para servir de matéria ao conto “Os Sírios”, planejado em setembro de 1944.

linha 1330: A¹: economia. Dava *pelo* prazer (A): economia@.@ >Dava< com *prazer* pessoal
A: luta ^coma^ economia

linha 1331: A¹: percebia +o roubo,+ e por seu lado *economisava* em

linha 1332: A¹: equivalencia *=do= roubo,* A²: lapso: “pre dar exatamente,”
(A): friamente@+,+@ o

linha 1333: (A): marido@+,+@ mas

linha 1334: A¹: consciencia +de+ ou (A): de@+,+@ ou antes *vergonha* por

linha 1335: A¹: possivel *pra* seres

linha 1336: (A): espôsa@+,+@ e

linha 1337: (A): economisar, *nos roubos,* naqueles roubos. A¹: que +sempre+ tinha A¹: roubos +mutuos+.

linha 1338: A: vida *maravilhosamente* unanime

linha 1339: A¹: falavam >, mas era por essa incompetencia humana dos seres conversarem consigo mesmos.< Não

linhas 1340-1344: A¹: Nota MA: grifos destacando a repetição 7 vezes da forma verbal: “era”

linha 1340: A¹: um *era* a consciencia do outro@.@ *No entanto eram dois* seres (A): dizer@>,<@ pois

linha 1341: A¹: Nedim@+,+@ *era* sistematizado

linha 1343: A¹: ela >era< naturalmente (A): feiúra@+,+@ porém A: ela ^pansava^ na

linhas 1344-1345: A¹: moral. >Era< ^honesta^@+,+@ +sim,+ *porém a* honestidade >dela< +que+

linha 1346: A: a ^pela^ encardida

linhas 1345-1346: A¹: Inda *que* limpa@+,+@ ^o^ saida

linha 1346-1347: (A): encardida *e lisa de brilhar*@+,+@ era sordida@+,+@ +parecia suada,+ cobrindo

linha 1347: (A): arco@.,@ >só capaz de inspirar desconfianças.< O que

linha 1349: (A): atingira *a intelige[n]cia* o conhecimento A: sistematizado *odio*. Está
(A): *desprezo*. Está claro que isso jamais lhe *atingira o*

linhas 1350-1351: A: que *odiava* Nedim. A¹: Vivima *na mais* perfeita A²: lapso: “Vivima em muito”
(A): que *despresava* Nedim +, quando imaginava estar apenas desprezando o marido+ ^Vivima^ em >muito< perfeita harmonia@+,+@ e

linha 1352: A¹: que *era* cadela”

linhas 1354-1355: A²: lapso: “obedecer/ , desobedecia”

linha 1357: A¹: [encontra(ria)/ va [logo (A): encontraria *logo* alguém

linha 1358: (A): subtil@+,+@ feito

linha 1359: (A): reais. *Porém* estes

linha 1360: (A): Nedim@+,+@ não

linha 1361: A¹: gamão@.,@ ^Jogava-o^ >por essa fatalidade com que todos os seres fracos tem um fraco. E< ^o^ fraco dele era *o* gamão, (A): êsse gamão@>,<@

linha 1363: (A): quefazer@+,+@ êles

linha 1364: (A): com *^as^ lutas* terrores financeiros A¹: se *jogava* A¹: agora, ^exausto^ com

linha 1365: A¹: A >alma< danada (A): cadeira@+,+@ na ^entressombra^ familiar

linha 1366: A¹: arranjo@.,@ *e*

1330 bem, sem nenhuma luta com a economia, **com alívio** pessoal de dar. Mas a mulher
 está claro que percebia o roubo, e por seu lado roubava em qualquer compra
 a equivalência do perdido, pra dar exatamente, friamente, o quanto destinava
 a esmola. Não falava nada pro marido, mas Nedim conhecia a mulher e tinha
 consciência de, ou antes **amesquinamento** por ela perceber os roubos. Nem por
 1335 isso deixava de roubar, e numa ilusão só mesmo possível em seres assim tão
 fatais, se desintegrava da vida econômica da esposa, e continuava imaginando
 que sempre tinha alguma forma de economizar, naqueles roubos mútuos.

Afóra isso, que vida terrivelmente unânime a dos dois! Só havia entre
 eles a confiança perfeita e o silêncio. Quasi não se falavam. Não tinham o
 1340 que se dizer pois um bisava a consciência do outro, apesar de seres diferen-
 tissimos. Tudo o que era espontaneidade em Nedim, se repetia sistematizado
 conscientemente nela, e da mesma forma como ele sem querer era naturalmente
 bom, ela naturalmente má. Jamais ela pensara na própria feiúra, porém fôra a
 feiúra física que lhe determinara o ser moral. Honesta, sim, mas duma hones-
 1345 tidade que chocava por causa da impossibilidade de errar. Inda quando lim-
 pa, á saída do banho semanal, a pele encardida, **que brilhava sempre de tão
 lisa**, era sordida, **parecia suada**, cobrindo uma ossatura toda em arco.

O que ela sentia por Nedim era o mais completo, mais frio e mais siste-
 matizado **ódio**. Está claro que isso jamais lhe **chegara ao** conhecimento, mas
 1350 o fato é que **odiava** Nedim, **quando imaginava estar apenas desprezando o ma-
 rido**. Viviam em muito perfeita harmonia, e as rugas que tinham eram rugas
 de Nedim, uns gritos asperos, uns insultos de “cadela por sua mãe que foi
 cadela” pra baixo, tudo parado no meio, de repente, sem razão pra continuar.
 A megera estava acostumada e não sofria. Obedecia quando era justo obedecer[,]
 1355 desobedecia si não. Não se sentia feliz porém não haveria modos de a fa-
 zerem desgraçada. Si o marido morresse, a vida continuava, e na certa que en-
 contraria **mais** alguém que pretendendo lhe gosar a herança, lhe servisse de
 objeto pra supliciar. Suplício subtil, feito mais duma criação de ambiente
 que de gestos reais. **Mas** estes existiam também e eram conscientes.

1360 Uma das formas com que ela supliciava Nedim era o gamão. Nedim, não se
 pode afirmar que gostasse de gamão, jogava-o. O fraco dele era esse gamão
 jogado a leite de pato com a mulher. Desde os tempos de casamento, si estavam
 juntos e sem quefazer, eles jogavam o gamão. Nedim às vezes fadadíssimo
 duma viagem, e agora, exausto com os terrores financeiros do dia, se atirava
 1365 numa cadeira, na entre-sombra familiar. A danada largava o servicinho ou
 calmamente continuava acabando um arranjo. Depois trazia o jogo. Muitas ve-

linhas 1367-1403: A²: Nota MA: a lápis vermelho: traço na margem esquerda separando a sequência em que o casal de sírios se destaca para servir de matéria ao conto “Os Sírios”, planejado em setembro de 1944.

linhas 1367-1368: (A): mexia, *olhos fechados* +pra não ver o jogo+ A

linha 1368: A¹: a >alma< danada

linha 1369: A¹: Nedim se *remoia* desesperado.

linha 1370: (A): despeito por >causa de< ter perdido

linha 1371: (A): na >“< negra>”<...

linha 1372: A¹: com *aplicação*. E ^era^ >então< *uma* ^hora^ >ou mais< de martirio. Uma luta >encarniçada< de

linha 1374: A: em ^smar^ os A²: lapso: “proprios/ , si”

linha 1375: A¹: jamais +que+ errariam (A): se *prejudicar*, mas

linha 1376: A: mas ^ao minimo^ desatenção (A): certo >que< o adversario *trapaceava*

linha 1377: A: ou +na+ conta A¹: pedras. >Era< ^um^ gamão (A): na *conta* dos A: na *soma* dos

linha 1378: (A): consistia >apenas< +angustiosamente+ nisso: não deixar o inimigo *trapacear*.

linhas 1378-1387: A: inimigo trapacear. + >~~Eles tinham transportado~~< Pra esse jogo escuso, das horas noturnas, a leite de pato, separados dos homens, no quarto solitário, eles tinham transportado todo o instinto de roubo que a honestidade não deixava eles praticarem na vida. No gamão é que eles conseguiam a maior intimidade entre si, de seres ávidos, duma ganancia fixada em finalidade, capaz de todos os sacrifícios morais. Se detestando no momento, um buscando de qualquer forma prejudicar o adversario, no jogo é que eles se emparceiravam melhor, um encontrando no outro, como num espelho a única verdade fixa de ambos que uma espécie de puerilidade moral não os deixava realizar na vida.+ E

linha 1380: A: solitário, *êles tinham transportado* todo

linha 1381: (A): roubo@+,+@ que A: honestidade +por uma especie de puerilidade moral,+ não

linha 1382: A¹: é que >êles< conseguiam

linhas 1382-1383: A²: Nota MA: a grafite: sublinha a palavra “ganan-/cia” e na margem esquerda indica: “Quando digo que Nedim não era avaro/ esclarecer que a verdadeira psicologia dele era/ a ganancia”.

linha 1384: (A): adversario, >no jogo< é que

linha 1386: A¹: verdade *firme dêles* >e< que

linhas 1386-1387: A: ambos >que uma especie de puerilidade moral não os deixava realizar na vida<

linha 1388: (A): os *gatosos”, os “filha de cadela”@+,+@

linha 1389: A¹: daquele *jogo infeliz*.

linhas 1389-1394: A: desgraçado. +Mas a verdade é que estavam se insultando a si mesmos. O insulto era uma especie de auto-sugestão com que se incitavam a roubar inda mais, num cilício de excitação e ao mesmo tempo uma especie de qualificação cheia de desprezo pelo que queriam ser. E aquilo esquentava o manejo. Jogavam rapido, numa habilidade prodigiosa de somas e gestos loucos pra andarem mais depressa, acabar com aquilo e fugirem de si mesmos.+ Pouco

linha 1390: A¹: incitavam *pra* roubar

linha 1391: (A): cilício *de excitação* e ao mesmo tempo uma >especie de< qualificação

linha 1392: (A): ser. >E< Aquilo

linha 1393: (A): gestos@+,+@ loucos

linha 1397: A¹: não@+,+@ dava

linha 1398: (A): percebeu, \$tão\$ tá’í!” A¹: de *confissão* deslavada: Roubei e você não percebeu@, @+”+ >tá’í!< Ela (A): percebeu@!@ Ela

linha 1399: A: paixão +mas ambos agastadíssimos.+ E

linha 1400: (A): ia *dormir*, com

linha 1401: (A): e >de< raivas

linha 1402: A¹: desafiando@+,+@ se deitar

- zes a fadiga de Nedim era tamanha que êle nem mexia, **fechando os olhos pra não ver o jôgo**. A danada arranjava as pedras de ambos e ficava ali, sem uma frase, esperando. Nedim se remordia desesperado. Uma vontade imensa de não
- 1370 jogar, despeito por ter perdido na vespera, aquele número seis que não viera nem uma vez pra êle na negra... Abria os olhos e principiava jogando com afobação. E eram duas horas de martirio. Uma luta de espertezas. Os dois roubavam. O interesse do jôgo não estava na vitória, estava na trapaça. Tomavam mais cuidado em somar os pontos do adversario que os proprios. Nos proprios[,]
- 1375 si errassem, nunca jamais que errariam de maneira a se prejudicarem, mas á minima desatenção que tivessem, era certo o adversario **trapacear**. Somava como lhe convinha ou na **conta** dos dados ou no pulo das pedras. Um gamão que consistia **angustiadamente** nisso: não deixar o inimigo **roubar**.
- Pra êsse jôgo escuso das horas noturnas, a leite de pato, separados
- 1380 dos homens, no quarto solitario, **o casal transportara** todo o instinto de roubo, que a honestidade, **por uma especie de puerilidade moral**, não deixava êles [praticarem na vida. No gamão
- é que conseguiam a maior intimidade entre si, de seres avidos, duma ganancia fixada em finalidade, capaz de todos os sacrificios morais. Se detestando no momento, um buscando de qualquer forma prejudicar o adversario, é que
- 1385 êles se emparceiravam melhor, um encontrando no outro, como num espêlho, a unica verdade fixa de ambos ~~que uma espécie de puerilidade moral não os deixava realizar na vida~~. E quando um pegava o outro na trapaça, vinham as palavras asperas, os “**gatuno**”, os “filha de cadela”, cantar os passes daquele gamão desgraçado. Mas a verdade é que estavam se insultando a si mesmos.
- 1390 O insulto era uma especie de auto-sugestão com que se incitavam a roubar inda mais; um cilicio **excitador** e ao mesmo tempo uma qualificação cheia de desprêzo pelo que quereriam ser. Aquilo esquentava o manejo. Jogavam rapido numa habilidade prodigiosa de somas e gestos, loucos pra andarem mais depressa, acabar com aquilo e fugirem de si mesmos. Pouco a pouco a noção do
- 1395 jôgo se transformara inteiramente neles. Não havia a minima consciencia de roubo. Si ganhavam por alguma trapaça escapada, a sensação de vitória vinha absolutamente virtuosa dar um gôso indizível pra Nedim. Pra ela não; dava apenas um olhar de confidência deslavada: Roubai e você não percebeu. Ela jogava friamente, êle com toda a paixão, mas ambos agastadissimos. E continuavam assim, até que o sirio não suportava mais o suplício, ia **deitar**, com um sono inexato, bordado de memorias e raivas. A megera vinha, como um insulto desafiando, se deitar ao lado dele. Nedim recuava com nojo. Outras vezes se lançava sobre ela feito uma furia, mais por vingança que outra coisa. E-

linhas 1404-1430: A²: Nota MA: a lápis vermelho: traço na margem esquerda separando a sequência em que Nedim se destaca para servir de matéria ao conto “Os Sirios”, planejado em setembro de 1944.

linha 1405: (A): suspiro >siquer< de amor.

linha 1406: (A): desclnhecido@+,+@ percebeu A: dum ^desclnhecido^, percebeu

linha 1408: (A): +ecoando+ *num* malestar >insustentavel<. Respondeu@+,+@ mais vago que sêco@+,+@ á

linha 1409: A¹: quem *conversava* fingindo (A): amigo@+,+@ e A: fingindo ^cotinuar^

linhas 1410-1411: (A): uma #fal[sa]# atenção falsa A¹: falsa *pro* >que< *estavam conversando*, se isolava (A): longe@;@ e dando uma atenção falsa *pró conversa, se isolava* em si@+,+@ >mesmo< matutando, A: meio ^dêltes^. Na

linha 1411: (A): procurando >se analisar< pra adquirir *alguma* noção *firme*

linha 1412: (A): que >\#enfim# che[gada]< a chegada (A): *do* que estava A: qual ^eraa^ verdade

linha 1413: A: João +contra êle.+ Não (A): provava@+,+@ a respeito

linha 1414: (A): em que *estava* sufocava. (A): conclusão@+,+@ tal era

linha 1416: (A): Tinha +a+ certeza incontestavel +de+ que

linha 1417: A: um ^malgrand^@+,+@

linha 1418: (A): como@+,+@ nem

linhas 1421-1422: (A): pudor@+,+@ que o impedia de *verificar* francamente A: Nedim *uma especie* pudor

linha 1422: (A): combinado de o >roubar< por na miseria (A): combinado *de o por* na miseria

linha 1423: (A): *Isso consistia numa* falsificação

linha 1424: (A): em que *estava tinha um* limite A: em que >se< +Nedim+ debatia A¹: em que Nedim +se+ debatia

linhas 1425-1426: (A): pudores@+,+@ +de coragens,+ de evidencias@+,+@ e se *espedaçava* num

linhas 1426-1427: (A): insuportavel. >E por essa curiosidade que reinfantilisa todo homem diante *dum* perigo< >que o ameaça< +E+ o pensamento normal de Nedim estava +aliás+

linha 1429: (A): que +lhe+ pudesse esclarecer *dalgum*

linha 1430: (A): vago >que< de A: certeza. >=Foi ver=< +Não pode mais, foi ver.+ (A): o *mal vago* de que tinha +a+ certeza.

linha 1432: (A): atrapalhar@. @ ^Chegara^ ao

linha 1433: (A): o *deslumbrara*, como A¹: como +o deslumbravam+ sempre

linha 1434: (A): importava >de< saber qual >era< o

linha 1435: (A): mulher >si o fato de ser tão primario a ponto de não saber mentir<@;@ ^inda^

linha 1436: (A): fosse uma convicção >de êrro e< não (A): >pouco< +lhe+ importava +menos+ >pra êle< que fosse uma *convicção* +de êrro e+ não de virtude >e honrosa mas de êrro pessoal que deprime.< Como

linha 1437: A: muito *primarios* lhe

linha 1443: A¹: mais ^contante^ vício

linha 1444: (A): de *absoluto* >panteismo e< de aintelectual A: aintelectual >tonteira< diluição de personalidade a que ^atinfia^ na A¹: de ^atintelectual^ diluição

la se deixava gosar pacientemente, pronta sempre. Mas não tivera jamais um
1405 suspiro de amor.

Quando Nedim viu seu João na companhia dum desconhecido, percebeu que
na certa era o moço esperado. Teve um choque desagradável que permaneceu
ecoando no malestar. Respondeu, mais vago que sêco, á saudação gritada do a-
migo, e se virou de novo pros patricios com quem falava, fingindo continuar
1410 no meio deles. Na verdade estava longe, e dando uma atenção falsa **á conversa,**
ficara isolado em si, matutando, procurando adquirir **uma** noção **definida**
de que estava sentindo, de qual era a verdade que a chegada enfim do moço
provava, a respeito das intenções de seu João contra êle. Não chegou a ne-
nhuma conclusão, tal era a perplexidade atemorizada em que sufocava. Perce-
1415 bia apenas que tinha uma noção perfeitamente nitida duma coisa vaguissi-
ma. Tinha **a** certeza incontestável de que aquele era o moço que seria a causa
de que? De não sabia o quê, uma coisa horrível, um mal grande, a perda defini-
tiva não sabia como, nem si dele só, um desastre formidável ia suceder. Só
isso. A própria realidade comesinha de que seu João era mesmo amigo dele, de
1420 que era naturalíssimo chegar um nordestino em São Paulo, todas essas eviden-
cias primárias davam pra Nedim um **tal ou qual** pudor, que o impedia de **afir-**
mar francamente que seu João e o moço tinham combinado **pô-lo** na miséria.
Afirmar semelhante coisa seria uma falsificação tamanha da verdade que
mesmo o cagaço alucinatório em que **Nedim se debatia parava diante dum** limite:
1425 dava de encontro num muro de pudores, **de coragens,** de evidências, e se **despe-**
daçava num vago insuportável. ~~**\$E por essa curiosidade que reinfantiliza to-**~~
~~**\$do homem diante do perigo\$**~~ E o pensamento normal de Nedim estava **aliás** pre-
judicado pelo desejo de ir ver o moço, de conversar com êle, apalpar-lhe as
manhas, os designios secretos, enfim tudo o que pudesse esclarecer **de algum**
1430 jeito o **perigo ignorado** de que tinha **a** certeza. Não podede mais, foi ver.

Chico Antonio não gostou da chegada de Nedim. Estava num momento por
assim dizer feliz da vida, que o turco vinha atrapalhar, **chegara** ao reconhe-
cimento dum êrro qualquer. E essa convicção o **deslumbrava,** como **o deslumbravam**
[sempre, as
raras convicções a que chegava na vida. Pouco lhe importava saber qual o
1435 êrro, si o fato de ter casado, si o fato de ter abandonado a mulher. Inda
lhe importava **menos** que fosse uma **certeza** de êrro e não de virtude. Como
todos os seres muito místicos, lhe era fácil se defender da vergonha pelo
arrependimento. Ia gosar um instante de verificação e nitidez. Si é certo
que tinha o seu mais absoluto prazer e mais constante vício nos momentos
1440 de absoluta, de aintellectual diluição de personalidade a que atingia na

linha 1441: (A): rodada *dos* coco, A¹: surpresas >e<
 linha 1442: A¹: Carmo: >o estado de< +a+ vacuidade (A): de ^a^ pouco
 linha 1443: A¹: estado de >limbo, nem triste nem alegre< *armistício*, tão
 linha 1444: (A): chegava +siquer+ a reconhecimento
 linha 1445: (A): Por isso@+,+@ toda
 linha 1446: (A): perplexos@+,+@ e nele
 linha 1447: A¹: dava >de ^persente^ por assim dizer< um momento (A): ilimitáveis@+,+@ do conhecimento, lhe dava um *momento* instante
 linha 1448: (A): irracionalidade *monotona* >e< insegura (A): humana. >Era um prazer imediato de verificação pessoa[l] e essa vitória sobre si mesmo< @,@ ^êsses^ instantes
 linha 1449: A¹: ser ^abri/ a^ nele (A): uma *primavera* de
 linha 1450: (A): desprendimento >, dadivoso de suas propriedades pessoais pra com os outros homens, pra com as virtudes naturais e primárias que a inteligência pode primariamente tirar das nossa[s] funções físicas, enfim: pra com o Bem. Nesses momentos< Chico Antonio *era* maravilhosamente
 linha 1455: (A): confissão, >que era< mãe
 linha 1457: (A): confortador >dum amigo<, sentir
 linha 1459: (A): malfeito +já+ concertado@+,+@ A²: lapsos: “concertar” e “concertado”
 linha 1460: (A): porquê +Chico Antonio+ o fosse (A): porquê >Chico Antonio< o fosse A²: lapso: “concertar”
 linha 1461: (A): Izabel) *po[rêm]* mas porquê tinha capacidade pra >concertar< isso...
 linhas 1462-1463: A: seu João@+,+@ que ele queria tanto bem e respeitava@+,+@ alegríssimo
 linha 1463: (A): festa +no sábado,+ com
 linha 1464: A¹: cantando@+...+@ >e< ^o^ sirio (A): cachaça@+,+@ ele
 linha 1465: (A): de >simpatia e< conhecimento
 linha 1466: (A): Si *remoía* a chegada
 linha 1467: (A): ninguém@+,+@ e
 linha 1468: (A): cantador@+,+@ com quem toda a gente se *sente*
 linha 1469: (A): conversar *camareadamente* sem *nenhum conhecimento anterior*@,@ diante A¹: conversar camarada@+,+@
 linha 1471: (A): *conhece*@+,+@ mas a segurança >afetiva< +de si mesmo+ de quem *reconhece um conhecido* >antigo e bom<.
 linhas 1472-1477: A²: Nota MA: a lápis vermelho: traço na margem esquerda separando a sequência em que Nedim se destaca para servir de matéria ao conto “Os Sirios”, planejado em setembro de 1944.
 linha 1472: (A): Nedim >, respondendo às frases de seu João,< *der*a a mão *pra* Chico Antonio e o *assuntava* com
 linha 1472-1473: (A): avidez. \Quando seu João deu espaço,\ perguntou abrupto *pra Chico Antonio*:
 linha 1475: (A): nem *você, =Nedim!=*
 linha 1476: (A): Seu João *deu* >uma grande< gargalhada. Nedim olhou \#pra ele# com odio\
 linha 1477: (A): frase @+,+@ que o *moço* vinha ganhar o dinheiro dele@+,+@ Nedim@+,+@ mas

cantiga rodada do coco, em certas cismas ao Sol, ou diante das surpresas e estupendas que nem a de ha pouco atravessando a varzea do Carmo: a vacuidade constante em que vivia o conservava num estado de armistício, tão vegetal que não chegava sequer a reconhecimento de vitalidade – uma interminável monotonia. Por isso, toda convicção, todo e qualquer marco de pensamento que conseguia fincar nos domínios perplexos, e nele especialmente ilimitáveis, do conhecimento, lhe dava um ~~\$momento\$~~ instante de verdadeira vida humana. Esses instantes em que passava da irracionalidade insegura pra uma composição mais firme do ser, abriam nele uma verdadeira sofreguidão de amor e desprendimento, Chico Antonio ficava maravilhosamente bom.

– Larguei, nhor sim.

Como era bom não mentir! Como era bom confessar pra seu João que fôra um malvado, largando a pobre da Izabel! Como se arrependia... de tudo! Como era bom a gente se arrepender pra um amigo, que era pai, que era padre em confissão, mãi nos perdoando, nos castigando, como era bom o castigo!... Estava imóvel, muito sentado, mas as sensações voavam dentro dele, se sentia de joelhos, nessa volúpia implorante de esconder a cara no corpo confortador, sentia um choro interno, uma faculdade consoladora de fazer o bem, percebia que era capaz de con[s]ertar o malfeito, percebia o malfeito já con[s]ertado, não porquê o fosse de fato con[s]ertar (Chico Antonio nunca mais se ligaria com Izabel) mas porquê tinha capacidade pra isso. Se sentia premiado, todos o louvando, Izabel felicíssima, êle felicíssimo, seu João que êle queria tanto bem e respeitava, alegríssimo, uma grande festa no sábado, com muita cachaca, êle cantando... O sirio viera atrapalhar tudo.

Olhou pra Nedim sorrindo aquele sorriso de conhecimento indiferente que sempre tinha diante de qualquer estranho. Si o desagradava a chegada intempestiva do sirio, era incapaz de antipatia por ninguém, e acostumado a uma vida viageira, inda por cima de cantador, com quem toda a gente se acha no direito de conversar camarada, sem nenhuma apresentação prévia: diante de qualquer estranho não tinha a sensação sempre interrogativa de quem vai conhecer, mas a segurança de si mesmo de quem apenas está reconhecendo.

Nedim apalpara a mão de Chico Antonio e o examinava com avidez. Mesmo sem esperar que seu João desse espaço, perguntou abrupto pro moço:

– Você... o que vem fazer em São Paulo?

– Vem ganhar dinheiro que nem o senhor, seu Nedim!

Seu João caiu na gargalhada. Nedim olhou com odio pra êle. Percebia com segurança na frase, que o rapaz vinha ganhar o dinheiro dele, Nedim, mas

linhas 1478-1515: A²: Nota MA: a lápis vermelho: traço na margem esquerda separando a sequência em que Nedim se destaca para servir de matéria ao conto “Os Sirios”, planejado em setembro de 1944.

linha 1479: (A): ela. +Disse convicto:+

linha 1480: (A): pobre@!@

linha 1480-1492: A²: Nota MA: a grafite, margem esquerda: número destacado por círculo a lápis vermelho com a indicação “(pôr por aqui).....(23)”, sugerindo acréscimo a partir de nota de trabalho, não efetivado na versão posterior.

linha 1481: A: Nedim!... *se* o senhor

linha 1482: (A): eu@!...@

linha 1483: (A): +E+ já

linha 1485: (A): calmo, >olhando pro sirio,< voltado á *inconsciencia* habitual.

linha 1487: A¹: Sempre >eu< hei-de (A): bom@:@ agora

linha 1488: (A): café@+,+@ >e< vamos

linha 1489: (A): *Chico Antonio* +obedeceu, levantando da cadeira e+ *carregava* os trens.

linha 1490: (A): mesas em direção das *portas* saídas (A): mesas@+,+@ >em direção das saídas< seu

linha 1491: (A): baixo *pro moço*:

linha 1492: (A): burro@!@

linha 1493: (A): +E+ deu *gargalhada* de confiança *@+,+@ +porque a afirmativa o fizera+ *voltado na* intimidade A: deu +uma+ risada

linha 1496: A¹: dois, >se< saber

linha 1497-1498: A: café. +E um prazer! si ao menos nessa noite de sábado, êle se divertisse uma só vez na vida, com os amigos!... Mas não podia deixar o café.+

linha 1499: A¹: os >dois< nordestinos

linha 1500: (A): porta@+,+@ com um sirio moço >, esperando< . O estado

linha 1501: (A): >em que ficara< fôra tão *doentio* que se

linha 1502: (A): alguém@+,+@ sem especificar praquê. Nem no momento@+,+@

linha 1503-1504: (A): +Nedim+ se prometia (A): Jorge; >o que o salvava< *era* apenas +de+ mandar >o< Jorge

linha 1504: (A): Jorge@+,+@ por

linha 1505: (A): conluio. >O< Jorge

linha 1507: (A): tão insuportavel e #irremovi[vel]# desastre irremovivel (A): tão *insuportavel* @+,+@ >e< +tão+ desastre A: irremovivel@+,+@ que

linha 1508: (A): felicidade@+,+@ ou pelo menos de posse@+,+@ consistia

linha 1509: (A): o >que< mal que (A): o >mal< que

linhas 1509-1510: (A): dele *tomou* uma +certa+ surdina *implorativa pra dizer*:

linha 1512: (A): Nedim@!@ carece não!

linhas 1513-1514: A¹: passeio@+,+@ ^era^ mais (A): *Seu João* até

linha 1514-1515: (A): gosar@.@ *E aliás* havia uma razão +violenta+ de passado

era tal a enormidade da verificação que não podia tomar nenhuma defeza contra ela. **Disse convicto:**

- 1480 – Sou pobre.
 – Ora, seu Nedim!... **si** o senhor é pobre quem que é rico então! De certo, eu!
 – **E** já tem muito imigrante em São Paulo.
 As frases do sirio cortavam, e seu João principiou sentindo um certo
 1485 malestar. Chico Antonio não, estava seguro, muito calmo, voltado á **vacuidade** habitual.
 – Sempre hei-de arranjar êle por aqui. Está bom... agora já tomâmos nosso café, vamos dar um passeio na cidade pra Chico Antonio ver.
O moço obedeceu, levantando da cadeira e carregando os trens. Falaram-se até-logos sem que ninguém desse a mão. Caminhando entre as mesas, seu
 1490 João falou baixo **pra Chico Antonio:**
 – Este Nedim é burro.
E deu uma risada de confiança, **porquê a afirmativa o fizera voltar á** intimidade do sirio outra vez.
 1495 Nedim ficara imovel seguindo os dois com olhar de exame. Nascia nele um desejo doído de seguir os dois, **se** saber o que iam dizer e fazer, mas não podia deixar o café. **E um prazer! si ao menos nessa noite de sábado, êle se divertisse uma só vez na vida, com os amigos!... Mas não podia deixar o café.**
 Quando os nordestinos desceram a escada do hotel, deixados os trens
 1500 no quarto, Nedim estava na porta, com um sirio moço. O estado de curiosidade fôra tão **insuportavel** que se libertara naquele alvitre: mandar alguém com os dois. Só isso, mandar mais alguém, sem especificar praquê. Nem no momento, **Nedim** se prometia interrogar depois o Jorge; **tratava-se** apenas **de** mandar Jorge, por êsse conhecimento instintivo que nós temos de que o número tres
 1505 desintegra a fôrça humana dos conluios. Jorge atrapalhava pelo menos as conversas do momento e tudo ficaria adiado pra mais tarde. Ora pra Nedim a vida se tornara tão **desgraçada, tão** desastre irremovível, que o unico sentimento de felicidade, ou pelo menos de posse, consistia em afastar “pra mais tarde” o que fatalmente havia de chegar. O timbre sibilante da voz dele **ad-**
 1510 **quiriu** uma **certa** surdina pra mandar:
 – João, Jorge vai com vocês pra mostrar...
 – Ara, praquê, seu Nedim, carece não!
O velho até ficara bem contente com o aumento de mais um no passeio. Era mais uma possibilidade pra gosar, **tanto mais que** havia uma razão **vio-**
 1515 **lenta** de passado que não lhe permitia, diante de Chico Antonio, se libertar

linha 1516: (A): +completamente+ da sua
 linhas 1517-1519: (A): explica >a poss[ibilidade]< psicologicamente (A): >de #bem-estar#< @+,+@
 de que Job explica *psicologicamente* +a lição+, >sem< +mas esquece a verdade psicológica.
 São os egoístas do bem-estar, e que por isso levam a *insisten[cia]* prática do conformismo
 +até+ dentro
 linha 1520: (A): dêsse *valor de infância* êle
 linha 1521: (A): duma *honestidade* apriorística,
 linha 1522: (A): +seu+ meio ignorante >que era o< *dêle* não
 linha 1523: (A): de ser@+,+@ sinão nos momentos >imperiosos< em que
 linha 1524: (A): No resto@+,+@ não havia ninguém mais complacente que êle@+,+@ se
 linha 1525: (A): parte@+,+@ colônia@+,+@ >em que vivia< >de Santa Eu[lalia]< uma
 linha 1526: A¹: em que ^iam-se^ perdoar (A): confessorário >ambulante e< prestimoso (A):
 pecadinhos >e dores<. A
 linha 1528: (A): pra *ser ensinado* ensinar,
 linha 1530: A¹: cotidiano@+,+@ que
 linha 1531: (A): após *a* falta +recente+, sem receio duma alusão +, ou pior ainda,+
 linha 1532: (A): que *nós pomos* no gesto,
 linha 1533: (A): prepotência >e injustiça<. Quando um erra todos >os outros< o
 linha 1534: (A): *julgam*@+,+@ e (A): inferioridade *alheia*.
 linha 1537: (A): fato *noventa-e-nove* por cento A: fato ^noventa^ por cento
 linhas 1537-1538: A: *porquê independem* de nós
 linha 1538: (A): ser@>...<@ justos
 linha 1539: (A): da +sua+ precariedade (A): possui@+,+@ e só êle *neste* mundo, (A):
 pessoal@+,+@ mas
 linha 1541: (A): viver@>,<@ +porêem,+ diante A: viver@+,+@ >porêem,< diante
 linhas 1542-1543: (A): perdoa +porquê perdoar é sempre um processo de rendição+, inculpa. *E assim é
 que nós vencemos* >e sobrepujamos os outros: critério irracional da luta pela vida.<
 linha 1543: A¹: rendição@, @ ^inculpa^
 linhas 1544-1552: A²: Nota MA: a lápis vermelho: traço na margem esquerda separando parágrafo em que
 atua Nedim para servir de matéria ao conto “Os Sírios”, planejado em setembro de 1944.
 linha 1544: (A): Seu João >não tinha< instintivamente *nada disso*> Os
 linha 1545: (A): passado +absolutamente+ nenhum pra êle, *êle* se regosava
 linha 1546: (A): paz@:@ sejamos
 linha 1547: (A): juntos@!@ *essa* era
 linhas 1548-1549: (A): que Chico Antonio dava *pro velho* ao protetor. (A): que #Chico Antonio#
 >dava ao protetor< +recebia da existência de Chico Antonio+. Por
 linha 1551: (A): gostando *de vir* um
 linha 1552: (A): fuzilou >na defeza própria e< @+,+@ *impôs* >o< Jorge.

- completamente da sua autoridade. Ora seu João era um desses tipos admiráveis ~~\$de bem-estar\$~~, de que Job explica moralmente a lição, ~~\$sem\$~~ mas esquece a verdade psicológica. São os egoístas do bem-estar, e que por isso levam a ~~\$insisten\$~~ prática do conformismo até dentro da maior desgraça. Tudo estava sem-
- 1520 pre bem pra seu João, e desse bem-estar ele era voluptuoso. Muito correto, duma virtude apriorística, incapaz por natureza de fazer mal a um bicho, no seu meio ignorante ele não servia-se da autoridade natural que lhe vinha da maneira de ser, ~~sinão~~ nos momentos em que se impunha a existência duma verdade fixa. No resto, não havia ninguém mais complacente que ele, se torna-
- 1525 va em toda a parte, e agora na colônia, ~~\$de Santa-Eu\$~~ uma espécie de confessorário prestimoso em que iam se perdoar ou consolar todos os pecadinhos. A autoridade dele era muito subtil mas sem nada de hipocrisia. Achava muitos jeitos de perguntar pra ~~\$ser ensinado\$~~ ensinar, tratava a muitos por “seu Fulano, o senhor”, e punha uma delicadeza tão exata em esquecer o passado a-
- 1530 lheiro nas conversas e trato quotidiano, que toda a gente se aproximava dele, mesmo após uma falta recente, sem receio duma alusão, ou pior ainda, dessa indecisão repreensível que a maioria põe no gesto, diante de alguém que errou. Os homens são insaciáveis de prepotência. Quando um erra todos o condenam, e secretamente se recreiam com a possível inferioridade do outro.
- 1535 E não é pela precisão de nos justificarmos diante de nós mesmos, que agimos assim. É muito fácil a gente achar o perdão das próprias culpas porquê de fato noventa por cento dos erros humanos são dignos de perdão por independerem de nós. Nós podemos ser justos pra conosco mesmos porquê cada um possui, e só ele nesse mundo, os dados da sua precariedade pessoal, mas
- 1540 por isso mesmo que a nossa função física na Terra não é fazer justiça mas viver, ~~porém~~, diante dos outros homens a nossa inteligência procede com a lei dos irracionais, não perdoa porquê perdoar é sempre um processo de rendição. Inculpa, que é sempre uma maneira de vencer.
- Seu João instintivamente nunca agira por essa maneira geral. Os homens
- 1545 não tinham passado absolutamente nenhum pra ele, seu João se regosava nelas pela presença no presente; e si o presente era de paz, sejamos felizes juntos – tal era a lei de seu João. A presença de mais “seu Jorge” no passeio, lhe permitia partilhar com o sírio a autoridade que recebia da existência de Chico Antonio. Por isso gosou com a oferta, recusando só porquê
- 1550 era praxe recusar. Mas Nedim percebeu muito bem que o velho recusara não gostando que viesse um terceiro atrapalhar... que conluio? Um conluio qualquer. A voz dele fuzilou, impondo Jorge.

linha 1553-1554: (A):Nedim! >que diabo< Qual@, @ A²: Nota MA: a lápis vermelho: traço na margem esquerda separando final do parágrafo em que atua Nedim, para servir de matéria ao conto “Os Sírios”, planejado em setembro de 1944.

linha 1554: (A): carecendo >mas< é fazenda!

linha 1555: (A): horas. >da noite.< Iam A: horas. *Iam bem juntos apesar dum* pouco

linha 1556: (A): ainda@+,+@ principalmente

linha 1557: (A): e@+,+@ separado A: meio^,^/, não

linha 1558: (A): um *pouco* livre,

linha 1559: (A): tres@+,+@ >e aliás< recaído

linha 1561: (A): tendo *continuado na* reta +do andar,+ em vez de *quebrar* subindo

linha 1562: (A): sirio *ensinou* > “Por aqui.”,< *retomou* logo a dianteira@+,+@ sem nenhuma *convicção de* ter

linha 1564: (A): João@+,+@ e um

linhas 1565-1566: (A): lento *de todos* por ser o unico *siente de que estavam passeando*. Seu João *falava*@+,+@ contando a vida >dele< pra A: Seu João *conversava* contando

linha 1567: (A): coisas *da vida de Jorge. Este* era

linha 1568: (A): mas *estava respondendo* >com discreção e< sem vontade@. @ *Aliás* escutava >tambem< sem nenhuma *curiosidade* >a vida de seu João<. Afinal

linha 1569: (A): levar *os assuntos* pra São Paulo@+,+@ e

linha 1570: (A): de *tapejara*@+,+@ >então< *pode existir* >falando e< contando

linhas 1570-1571: (A): a *inexistência* de Chico Antonio@+,+@ tão A: tão ^deparado^ dele.

linha 1572: (A): Chico Antonio #tambem# *sentia* +tambem+ um

linha 1573: (A): certo *malestar* porquê

linha 1574: (A): Jorge #apressou o passo#, se maltratando a si mesmo no seu consciente movimento de passeio +apressou o passo,+ Chico (A): Jorge, >se maltratando a si mesmo< +desistindo + *no* seu >consciente< movimento de passeio, apressou +mais+ o passo A: do >seu< movimento

linha 1575: (A): Chico Antonio +simplesmente+ *pode desafogar* >um bocado< mais

linha 1576: (A): iguais. >Então Jorge desistiu e tornou ao passo legítimo.< *Seu João e Jorge conversavam é certo porém*@+,+@ os

linha 1579: (A): Jorge >se< tinham se trocado

linha 1580: (A): é +geralmente+ o jeito com que >nós< transportamos prá nossa *condição* humana

linha 1581-1582: A: que *entre os homen[s] quer* dizer (A): que@+,+@ no caso@+,+@ queria A: especie, +o+ que,

linha 1583: (A): liberdades +um com o outro,+ e se *dizer* muitas

linhas 1583-1584: A: muitas ^co/sas^ *íntimas*. Jorge

linha 1584: (A): Jorge >então< *sentiu* +desde logo+ mais prazer pelo passeio@+,+@ *e*

linha 1585: (A): Chico Antonio +apenas+ *depôs* inteira

linha 1587: (A): isso@+,+@ porém (A): amizade@+,+@ e

linha 1588: (A): não lhe permitia >a mínima< *preocupação* com

linha 1589: (A): Jorge@+,+@ *mais consciente*

– Não zanga, seu Nedim! ~~\$que-diabo\$~~ Qual! ninguém me tira da cabeça que o senhor tá carecendo é fazenda! Amanhã a gente combina isso.

1555 Partiram os tres e era ali pelas vinte-e-uma horas. **Moveram-se** um pouco dispersos ainda, principalmente pela diferença de andar. Chico Antonio caminhava mais rapido e, separado de seu João pelo sirio no meio, não conseguia ritmar o outro nordestino. Ia por isso um **bocado** livre, o mais na frente dos tres, recaído na sua inconsciencia habitual. Não olhava,
1560 não examinava nada, já inteiramente acostumado com São Paulo. Numa esquina, tendo **seguido a** reta **do andar**, em vez de **dobrar** subindo a ladeira, quando o sirio **o chamou**, **foi retomando** logo a dianteira, sem nenhuma **hesitação por** ter errado.

Dois passos atrás de Chico Antonio vinha seu João, e um passo atrás
1565 dêste o sirio, mais lento **que os outros** por ser o unico **a conservar a consciencia, ou melhor, o prazer do passeio**. Seu João **conversava**, contando a vida pra Jorge, perguntando muitas coisas **sobre êste**. Jorge era loquaz tambem mas **secundava** sem vontade, **assim como** escutava sem nenhuma **disposição**. Afinal pode levar **o assunto** pra São Paulo, e unilateralizado pelo seu papel
1570 de **guia, existiu violentamente** contando coisas. Mas doía pra Jorge a **indiferença** de Chico Antonio, tão separado dele. Pretendeu andar mais rapido pra ficar ao lado do outro mas foi impossivel. Chico Antonio **curtia tambem** um certo **desagrado** porquê o andar dos companheiros o prendia atrás. Quando Jorge, **desistindo do seu** movimento de passeio, apressou **mais** o passo, Chico
1575 Antonio **simplesmente desafogou** mais a andadura, e as distancias se conservaram iguais. **E apesar da conversa entre seu João e Jorge**, os tres estavam ainda muito solitarios.

Na porta do hotel, quando Nedim mostrara o companheiro inventado pros nordestinos, Chico Antonio e Jorge ~~\$se\$~~ tinham se trocado um olhar comprido.
1580 Esse é **geralmente** o jeito com que transportamos prá nossa **especie** humana o cheirar dos irracionais. Tinham se reconhecido da mesma especie, **o que**, no caso, queria dizer da mesma idade. Eram moços e ficaram companheiros intimos porquê podiam tomar muitas liberdades **um com o outro**, e se **falar** muitas coisas **secretas**. Jorge **sentira desde logo** mais prazer pelo passeio, **enquanto**
1585 Chico Antonio **apenas depunha** inteira confiança no amigo novo. Agora estavam separados por uma incompetencia fisica no andar, ambos se constrangiam com isso, porêem o mal era pequenissimo pra lhes prejudicar a amizade, e si a dispersão natural de Chico Antonio não lhe permitia **se preocupar** com essas coisas, Jorge, **que sabia claro o que estava se passando**, era praceano de

linha 1590: (A): grande@+,+@ já possuía aquela *paciência* urbana A: dá *tempo* pra
 linha 1591: (A): união de parágrafos distintos na 1ª versão: “vir. Veio”
 linha 1592: (A): logo. *Pararam* Desembocaram da rua João Bricola na A: da rua *João Bricola* na
 (A): rua de *S.* Bento na praça Antonio Prado@+,+@ e
 linha 1593: (A): arranhacéu >Martinelli< os
 linha 1595: (A): *Chico Antonio* obedeceu ao +chamado+ >velho< (A): Jorge@+,+@
 linha 1597: (A): era +o+ só possível A: era >o< só possível
 linha 1598: (A): errar@+,+@ e *quando* acaso
 linha 1599-1600: (A): provar >pra êle< que +êle+ errara@+,+@ não *sentia* a noção do êrro, *sentia*
 apenas +ter havido+ ùa
 linha 1601-1602: (A): assim@+,+@ e num minuto de discurso diante do *arranhacéu*, inda
 linha 1602: (A): João >, já tantas vezes parado ante o Martinelli,< +pelo monstro,+ com A: mais
 ^pôr^ á prova
 linha 1604: (A): Caira *em modorra vazia, exacerbada*
 linha 1605: (A): outros +dois+ até
 linha 1605-1606: (A): continuaram *a andar,* =subindo a rua Quinze cheia de gente,= foi
 linha 1606: (A): posse *completa* do amigo
 linha 1607: (A): Jorge agora \#mal# respondia\ As A: Jorge >agora<
 linha 1608: (A): Chico Antonio, *mas* poucas@+,+@ porquê (A): suave@+,+@
 linha 1609: (A): os #ti[nham]# dois já tinham muito rara coisa a se falar. Havia multidão, a
 A: multidão@>,<@ +=e+= a
 linhas 1610-1611: (A): contrários *com mais coesão* >e< ostensividade *no* prazer. A:
 contrários@+,+@ mais
 linha 1613: (A): Chico Antonio #se# deixou-se pegar (A): entre >os< sirios.
 linha 1615: (A): permitindo *pra êles* total
 linha 1618: (A): felizes@+,+@ *pela dualidade adquirida* @+,+@ porquê
 linha 1619: (A): nos *revelar a integridade do ser,* que
 linha 1620: (A): sozinho \>não< chega >nunca<\ a ser
 linha 1621: (A): a *solidão* entrega
 linha 1623: (A): pensamento +, meio que abandona o corpo,+ e a
 linhas 1624-1626: (A): mesmos *por tudo* >o que< +pelo excesso de presença física que+ organiza o
 prazer coletivo *ou* pelas circunstâncias +violentamente individualistas+ de luta
 linha 1625: (A): o *[?]* coletivo

1590 cidade grande, já possuía aquela **experiencia** urbana que dá **espaço** pra esperar. Sabia que em pouco tempo uma conciliação qualquer havia de vir. Veio logo. Desembocaram da rua de **São** Bento na praça Antonio Prado, e o espanto do arranhacéu os fez parar.

– Para, Chico Antonio!

1595 **O moço** obedeceu ao **chamado** e veio pra junto dos dois. Então Jorge, estimulado pela aparente escuta do amigo, fez uma preleção em decretos, como era **e** só possível a êle. Tinha uma natureza de Deus, simplório e tranchante. Não concebia a dúvida nem a possibilidade de errar, e **si** acaso numa conversa acontecia alguém provar **que êle errara**, não **sofria** a noção do êrro, **perce-**
 1600 **bia** apenas **ter havido** ãa mudança de verdades. Uma verdade fôra trocada por outra verdade. Jorge era assim, e num minuto de discurso diante do **Martinel-**
li, inda mais pôs á prova a admiração de seu João **\$, já\$ pelo monstro**, com uma duzia de afirmações estupidíssimas. Quanto a Chico Antonio, viu um bocado e esqueceu imediatamente quanto ouviu. Caira **num vazio modorrento, exacerbado**
 1605 pelo cansaço de ter puxado os outros **dois** até ali. Quando continuaram **andan-**
do, subindo a rua Quinze cheia de gente, foi êle a ser puxado por Jorge, agora já na
 [posse **legítima** do amigo.

Seu João falava. Jorge **agora respondia mal**. As frases que tinha eram pra Chico Antonio, **porê**m poucas, porquê unidos numa intimidade muito suave, os **\$\$** dois já tinham muito rara coisa a se falar. Havia multidão e a todo mo-
 1610 mento os dois eram seccionados um do outro por grupos contrários, **mais coe-**
sos na ostensividade **do** prazer. Num momento em que a precisão de abrir caminho os uniu por demais, as mãos deles se roçaram. Então deram-se as mãos, como é tanto costume entre sirios. Chico Antonio deixou-se pegar pelos dedos e seguiram mais sossegados. O alvitre fôra bom porquê a velhice de seu
 1615 João, não permitindo **entre os amigos** total liberdade de conversa, os desligava ainda um pouco. Principiou um diálogo de mãos em que puderam finalmente se dizer as melhores verdades.

Avançavam felizes, **no dualismo conquistado**, porquê não tem nada capaz de fundir melhor corpo e espirito, e nos **dar o gôsto do ser integral**, que a
 1620 presença dum companheiro íntimo. O homem sozinho **raramente** chega a ser completo porquê a **unidade** entrega demais a gente a essa contradição naturalmente monstruosa que é o ser racional. O individuo se perde no fio do pensamento, **meio que abandona o corpo**, e a integridade se desequilibra. Também os momentos de vida social nos fazem perder muito de nós mesmos, **quer pelo**
 1625 **excesso de presença física que** organiza o prazer coletivo, **quer** pelas circunstancias **violentamente individualistas** de luta e competencia. O homem só fi-

linha 1627: (A): inteiro@+,+@ +só fica bem equilibrado,+ na *=presença=* de mais um@,,@
^intimidade^ que

linha 1628: (A): que é >um< +puro+ engano a gente imaginar >que< exija

linha 1629: (A): *ou* +até+ amizade.

linha 1630: (A): ou *coincidências momentâneas* de

linhas 1631-1632: (A): igual, +nosso+ idêntico

linha 1632: (A): junção de parágrafos distintos na 1ª versão: “idêntico. Essa” (A): estavam *Chico Antonio e Jorge*: uma

linha 1633: (A): momentânea@+,+@ auxiliada no *primeiro* pela

linha 1634: (A): todos, e >=no segundo= >em Jorge< por (A): todos, >e< >no< +em Jorge+ por

linha 1635: (A): outro, *que* tornava *Jorge* A: outro, >e< *tornava* o sirio

linha 1636: (A): assim@+,+@ nesse A: nesse \#perfeito# prazer\ *de* intimidade

linhas 1637-1638: (A): nada. +Porém a ignorância os tornava muito inexperientes pra que estimassem conservar um prazer assim tão indesejado, só+ *esperando* uma

linha 1639: (A): intimidade se *manifestasse*. A direção *veio logo e foi* >logicamente< a sexualidade A: onde *essa* intimidade

linhas 1640-1641: (A): se *olharam*, olharam

linha 1641: A^I: sexualidade >: o olhar às pernas, deformação mesquinha do olhar ao sexo, causada pelo vestido. Quando a gente olha com intenção sexual um nú pintado ou esculpido, olha o sexo. Os vestidos causaram essa deformação que hoje, principalmente nas classes mais incultas, se tornou que nem o beijo, o abraço, o encosto, um elemento direto de excitação.< ambos A: sexualidade, >ambos<

linha 1642: (A): da *moça*. >*Mas* no momento< >antes de se excitarem, o importante pra eles foi darem uma orientação á intimidade gosada em que estavam.< Um

linhas 1644-1645: (A): do *companheiro*@+,+@ *o coqueiro* num

linha 1645: A^I: a >comum< de (A): junção de parágrafos distintos na 1ª versão: “desaponto. Em Jorge”

linha 1646: A^I: quotidiana@+,+@ mas no cantador >veio< *nascendo* uma

linhas 1647-1648: (A): forte +, abanando+ as narinas, >dando um silvo fungado, bem humano de desejo< +como colhendo no ar a direção das fêmeas+ A

linha 1649: (A): viagem. +E+ agora@+,+@ a todo contacto +novo+ com as mulheres passando@+,+@ o

linha 1650: (A): aspiração *danada*.

linha 1651: (A): passando >e< @+,+@ ^as^ frases A^I: a grafite: pequena cruzeta na margem esquerda

linha 1652: A: ^qunado^ vinham@+,+@ feriam

linhas 1653-1654: (A): Instintivamente *ê* dava de banda, puxando >o< Jorge \#pra# mais longe\ *de seu João*, e o sirio@+,+@ >logo< percebendo que alguma coisa

linha 1654: A: coisa +no velhote+ incomodava

linha 1655-1656: A: irritada *pelo agressor do amigo*

linha 1656: A: desejava@,,@ ^nem^ (A): junção de parágrafos distintos na 1ª versão: “João. Chico Antonio” (A): passagem@,,@ ^Queria^ mulher >, desejava<. Nem

linha 1657: (A): cortar ^o^ #sofrimento# especie de sofrimento A: reparo >conscientemente< que seu João >é que< o incomodava A: que *seu João* o

linha 1658: (A): estava@:,@ +e+ dera A: sofrimento ^mais^ tão

linha 1659: (A): obliquamente@+,+@ e

linha 1663: (A): sem que \#uma noção de perigo# viesse\ pra aqueles olhos húmidos@+,+@ abertos

ca inteiro, **só fica bem equilibrado**, na **intimidade** de mais um. Intimidade que é **puro** engano a gente imaginar exija conhecimento firme, convivência longa e **até** amizade. Prá maioria isso não é necessário. Por um poder invisível de
 1630 simpatia ou **coincidencia momentanea** de destino, ideal, desejo, ofício, às vezes a gente fica íntimo dum ser ignorado faz pouco, mas, acima de igual, **nosso** identico. Essa era a intimidade em que estavam **Jorge e Chico Antonio**: uma congruência momentanea, auxiliada no **último** pela despersonalização contínua que o tornava aceitador de tudo e todos, ~~\$no\$~~ **em Jorge** por causa da sim-
 1635 patia sentida pelo outro, **tornando o sirio** amoldavel e identificador.

Viveram um momento pequeno assim, nesse **prazer perfeito da** intimidade sem mais nada. **Porêem a ignorancia os tornava muito inexperientes pra que estimassem conservar um prazer assim tão indestinado, só esperavam** uma direção por onde **a** intimidade se justificasse. A direção **estava ali mesmo,**
 1640 **era** a sexualidade. Bastou uma mulher cruza-los sozinha, os dois nem se **consultaram**, olharam pra ela. Praticaram êsse rito comum da sexualidade, **ambos** olharam prá s pernas da **mulher**. ~~\$Porêem no momento\$~~ Um apêrto de dedos pelo sirio, os levou prá s costumadas bandalheiras dos homens. Sorriram muito satisfeitos, o sirio pelo exterior, buscando o olhar não dado do **amigo, o coquei-**
 1645 **ro** num recato de desaponto. Em Jorge a excitação foi a de sempre, urbana e quotidiana, mas no cantador nasceu uma sensualidade enorme. Ficou indiscretamente excitado, no poder da angústia. Respirou forte, **abanando** as narinas, **como colhendo no ar a direção das femeas**. A continência fôra comprida na viagem. **E agora,** a todo contacto **novo** com as mulheres passando, o corpo dele
 1650 se sobressaltava numa aspiração **violenta**.

Seu João não maliciava o que estava se passando. **As** frases dele quando vinham, feriam Chico Antonio feito uma censura que surpreende a culpa em meio. Instintivamente **o moço** dava de banda, puxando Jorge **mais pra longe de seu João**, e o sirio, percebendo que alguma coisa no velhote incomodava o amigo,
 1655 passou facil da procura de excitações pra uma raiva irritada contra seu João. Chico Antonio não fazia essa passagem, **queria** mulher. Nem punha reparo que **o pai** o incomodava. Sofria uma frase vinda, capaz de cortar a especie de sofrimento mas tão delicioso em que estava, **e** dera pra andar de banda, fugindo da importunação. Iam quasi obliquamente, e afinal Chico Antonio
 1660 desceu da calçada pro leito da rua. Jorge tambem.

Aí a pressão do povo era menor, Chico Antonio abriu num passo largo, puxando o companheiro pela mão. Os autos passavam rentinho dele sem que **viesse noção de perigo** pra aqueles olhos humidos, abertos prá frente ago-

linha 1665-1666: (A): Isso +enfim+ *destruiu* +subitamente+ >a incompreensão de< Jorge@+,+@ que
 apressando mais o passo >num momento< ficou
 linha 1668: (A): inteiramente *pra fôra* dos desejos
 linha 1669: (A): inimigo@>,<@ incapaz
 linha 1670: A: num ^Café^, eu
 linha 1673: A: mas a *voz* do Jorge do Jorge ferira tanto êle como a +voz+ de (A): sirio. >“Largar o
 velho” vagamente parecia pra êle ùa malvadeza impossivel.< *Não sabia direito mas a =voz=*
 >de Jorge< ferira tanto êle como a +=voz+= de
 linha 1675: (A): Seu João se *aproximava*, achando muita graça *em Chico Antonio* que
 linha 1676: A: dissolvia@+,+@ (A): +inda+ não sabia *passear numa* cidade grande. *O sirio*
 se dissolvia,
 linha 1677: (A): companheiro *que não era capaz* de dar o fôra no velho, pra +ambos+ irem
 linha 1678: (A): as *mulheres* do
 linhas 1681-1682: (A): com >enorme< prazer. A: Triangulo *famanado, realizado* >por êle como
 “estrêla de tres pontas”< lhe (A): calçada. > Virando o angulo fechado da esquina, ùa
 imagem topografica se afincou de repente muito nitida na vacuidade dele. Sentiu que esta rua
 nova, cortando assim num canto estreito a por onde viera, decerto que ia cortar a rua por onde
 desembocara na praça Antonio Prado, e o Triangulo famoso, sentindo assim de repente lhe
 aumentou a volupia e lhe deu uma coisa parecida com prazer. Tambem agora< +Algumas
 vitrinas já estavam se apagando, mas ainda assim+ as luzes +aqui+ eram
 linha 1683: (A): nas *vitrinas* de modas
 linhas 1684-1685: (A): desviar, +quasi+ pisou +em+ gente +e+ desceu A: andar@+,+@
 linha 1686-1688: (A): >com mais geito< +que o passeio ficou mais jeitoso e Chico Antonio poud se
 despreocupar de não esbarrar nos outros, coisa que lhe trouxera mais a atenção prá realidade.
 >O coqueiro< ^reentrou^ na calçada e *enfim* parou@+,+@ vivendo A: não *esbarrar*
 nos outros
 linha 1689: (A): uma ^de-pé^, outra
 linha 1693: (A): humilde@+,+@ porquê si elas fossem vivas +na certa que+ seriam
 linhas 1694-1695: (A): com um *grandioso sonho*, num esvaimento suave *de* excitação A: com
 >um<
 linha 1695: A: beijos >dele< muito ^secur^, se (A): beijos@+,+@ muito
 linha 1696: (A): tinham fechando +reentrando+ um *bocado* pra A: tinham ^fechando^ reentrando
 linha 1697: (A): banguela, >mas< a expressão
 linha 1698: (A): feito@;@ o
 linha 1699: (A): corpo +pesado mas com+ *duma* +juvenilidade+ *esbelteza* >mulata, um pouquinho
 mais cheio,< encurvado
 linha 1700: (A): incorporado ^a^ curva

- ra, regados de simpatia, enquanto na boca entreaberta o ar entrava secando.
- 1665 Seu João atrás quasi gritava que andassem mais devagar. Isso **enfim esclareceu subitamente** Jorge, que apressando mais o passo ficou a par do amigo e meio que tomou a dianteira na fuga. Nele isso era uma deliberação. Estava inteiramente **livre** dos desejos agora, guardava-os pra depois que deixassem o inimigo incapaz de os acompanhar.
- 1670 – Vamos largar o velho num café, eu sei dumas no largo de São Francisco!...
- Chico Antonio não entendeu bem, si entendesse havia de ter raiva do sirio. **Mas a frase de Jorge** ferira tanto êle como a voz de seu João. O andar se irregularizou, como o de alguém que desiste de achar o que procura. Seu João se **aproximara**, achando muita graça **no “brabo” do filho** que **inda** não sabia **andar em** cidade grande. **Jorge** se dissolvia, desanimado com aquele bêsta de companheiro **incapaz** de dar o fóra no velho, pra **ambos** irem gosar com as **putas** do largo de São Francisco. As mãos se desligaram.
- Chico Antonio sôlto, continuara caminhando em plena dor de volupia. Tomou pela rua Direita, admiravelmente sozinho, mais lento, reentrando no apertão da calçada. **Algumas vitrinas já estavam se apagando, mas ainda assim** as luzes **aqui** eram maiores, mais excitantes, deixando as mulheres bem visíveis. E nas **casas** de modas e quinquilharias, manequins, meias, vidros-de-cheiro, Chico Antonio deu um encontrão, “Desculpe, dona”, foi desviar, **quasi** pisou **em** gente **e** desceu prá rua. Vinham músicas lindas do outro lado, movendo o andar, **que o passeio ficou mais jeitoso e Chico Antonio poudes se despreocupar de não dar esbarrões nos outros, coisa que lhe trouxera mais a atenção prá realidade.** Reentrou na calçada e **logo adiante** parou, vivendo com os olhos aquelas banhistas maravilhosas, duas, uma **de pé**, outra já deitando na areia, se rindo pra todos na vitrina da Casa Alemã. Ao longe as dunas, o mar verde do Rio Grande do Norte. Chico Antonio ficou encostado na parede, á beira da vitrina, respirando o prazer daquelas figuras tão lindas, era lindo! num muito respeito humilde, porquê si elas fossem vivas **na certa que** seriam gente de outra classe, filhas de senhor-de-engenho, pros amores dele não. Olhava com ~~um~~ **cisma grandiosa**, num esvaimento suave **da** excitação. Os beijos, muito secos, se tinham fechado **reentrando** um **pouco** pra dentro por causa de Chico Antonio ser banguela, a expressão era de boca voluntariosa. A têtz polida brilhando e os incomparaveis olhos meigos, com o nariz sensual mas bem feito, o corpo **pesado mas com uma juvenilidade esbelta**, encurvado feito uma haste
- 1700 até o braço quebrado na parede, o outro incorporado **á** curva do torso, com a

linha 1701: A¹: baixa”@+,+@ mesmo (A): baixa”@>,<@ mesmo
 linha 1702: (A): o *fitaram* com insistencia. Chico Antonio si *campeasse* +talvez+ não >digo que<
 achasse
 linha 1703: (A): achaveis +se+ barateariam
 linha 1704: A¹: com fessa dor/ o sacrificio f um prazer
 linha 1705: (A): Seu João@+,+@ apesar
 linha 1706: (A): estava *impaciente* amolado, (A): vitrina@, @ ^o^ Jorge >estava< +meio+
 amolado, +parara+ cinco
 linha 1707: (A): calçada +, mandando o mundo á merda+.
 linha 1708: A: ^Sia^ a gente (A): café@?...@
 linhas 1709-1710: (A): lhe *parecia* que os tres não *estavam passeando bem* +, faltava qualquer coisa+
 Pois pagava *um* café
 linha 1712: (A): o frio +delicado da noite+ e o prazer
 linhas 1714-1716: (A): tres *foram* andando. A procura dum café *uniu os* >tres< *em* >nova<
 intimidade +mais legítima. E+ Jorge logo retomou *a posição* de tapejara@+,+@ *porquê
 le[m]brou o Café* dum
 linha 1715: A: tapejara porquê >logo<
 linha 1717: A: a praça *Verdi* (A): >E< Assim (A): a praça *do Correio*
A¹: a praça fVerdi f
 linha 1718: (A): imigrantes, >#o Correio# era ali.< era ali o Correio. (A): de *imigrantes,* era
 linha 1719: (A): caracter *dele, como* emigrante +também,+ assustado, +acachapado,+ cheio de
 linha 1920: (A): *angulos,* de pontas (A): dois *lances* dominadores
 linha 1721: (A): avenida >São João, inclinados< num
 linha 1722: (A): menos *que* oito bocas de ruas, uma *pororoca* de
 linhas 1723-1727; 1736-1743 : A²: Nota MA: a grafite: margem esquerda: traço marcando trecho e o
 apontamento: “milhorar isto”
 linha 1723: A²: Nota MA: a grafite: “(14)”, número destacado por círculo a lápis vermelho, sugerindo
 acréscimo, a partir de nota de trabalho, a ser efetivado na versão posterior
 linha 1724-1725: A: feroz, >de inaceitavel ou pelo menos incompreensivel< a vida
 linha 1725: (A): de #despoliciamento# moral (A): moral@;@ +duma qualquer moral coletiva.+
 ^despoliciamento^
 linha 1727: (A): ambição *de* ganho
 linhas 1727-1736: (A): acréscimo possivelmente oriundo da nota de trabalho “(14)”: competencia. +Des-
 /classificação malestarenta de todos os individuos, familias, grupos, desclas-/sificação que
 insultava sempre, e a todos, a ricos, a pobres como a remedia-/dos, porquê não provinha de
 nenhum nivelamento social organizado. A aparen-/cia de nivelamento, essa desclassificação
 monstruosa, que fazia mesmo os ri-/caços e aristocratas parecerem chãos e “muito
 democraticos”, não derivava/ ~~de nenhuma~~ de nenhuma elevação dos individuos e da
 sociedade a um estadio/ superior de civilização: provinha sim dum verdadeiro desmancho do
 ser, que/ a pobres como a ricos ~~stira~~ desautorizava, lhes tirando qualquer valor tra-/gico de
 classe. + Porém,
 linha 1729: A: a ^podres^ como
 linha 1732: A: democraticos”@+,+@ não
 linha 1733: A: ^>de nenhuma<^ de nenhuma
 linha 1734: A: ser@+,+@ que
 linha 1735: (A): ricos #tira[ndo]# desautorizava,
 linha 1736: (A): mesmo@+,+@ +havia nesta vida americana+ *ũa*

mão enfiada no bolso da calça: apesar de “gente baixa” mesmo as burguesinhas o **fitavam** com insistência. Chico Antonio si **quisesse, talvez** não achasse companheira grátis porquê era noite de sabado, porém as achaveis se ba-
o sacrificio

rateariam facilmente, aumentando com essa dor um prazer verdadeiro.

- 1705 Seu João, apesar da complacência, positivamente não via mais o que olhar naquela beleza de vitrina. O Jorge, **meio** amolado, **parara** cinco passos adiante na beira da calçada, **mandando o mundo á merda**.

– Si a gente fosse tomar um café!...

- Seu João alvitrava assim, com uma certa tristura, porquê afinal lhe **es-**
1710 **tava parecendo** que os tres não **conseguiram passear direito, faltava qualquer coisa**. Pois pagava o café e si quisessem mesmo uma branquinha pra esquentar o frio **delicado da noite** e o prazer.

- Chico Antonio se desenconstou da parede, retomou o equilibrio com mansidão, e os tres **continuaram** andando. A procura dum café **uniu-os numa** intimidade **mais legítima**. E Jorge logo retomou **o seu papel** de tapejara, **atraído pelo café** dum patricio lá no baixo da avenida São João, foi guiando.

do Correio

- Assim chegaram ao ponto capital da vida paulistana, a praça **Verdi**. Numa cidade de **emigrantes**, era ali o Correio. Se via a massa pesada e sem caracter **do edificio, feito** emigrante **tambem**, assustado, **acachapado**, cheio de
1720 **dedos**, de pontas e reminiscências estranhas. E os dois **aclives** dominadores da avenida, num ritmo de despêjo, atiravam a qualquer hora do tempo na pra-
cinha disforme, com nada menos **de** oito bocas de ruas, uma **piracema** de gente. O ponto era bem um dêsses lugares típicos do que tem de novo, de feroz, a vida americana. Liberdade e aceitação pragmáticas. Ausência de tradições
1725 nacionais, ausência de moral, **duma qualquer moral coletiva**. Despolicimento de qualquer espécie, urbano, político, filosófico, racial, financeiro, sexual. Prazeres. O exaspêro do prazer e da ambição **do** ganho em competência. **Des-**
classificação malestarenta de todos os individuos, famílias, grupos, desclas-
sificação que insultava sempre, e a todos, a ricos, a pobres como a remedia-
1730 **dos**, porquê não provinha de nenhum nivelamento social organizado. A aparência de nivelamento, essa desclassificação monstruosa, que fazia mesmo os ricos e aristocratas parecerem chãos e “muito democraticos”, não derivava **de nenhuma** de nenhuma elevação dos individuos e da sociedade a um estadio superior de civilização: provinha sim dum verdadeiro desmancho do ser, que
1735 a pobres como a ricos **\$tira\$** desautorizava, lhes tirando qualquer valor tragico de classe. Porém, e por tudo isso mesmo, **havia nesta vida americana uma** segura invencível, a agressividade, a inassimilação insistente. E todas as

linhas 1738-1739: (A): desfazer *o caracter*

linha 1739: (A): mais ^intrinseco^ da

linha 1740: (A): +dos grandes centros urbanos+ : a *falta de amabilidade*. *Podiam* estar

linha 1741: (A): +da companhia+ e *na* alegria +pessoal+ porêm (A): companhia e *em alegria
pessoal*, *falta* faltava +sempre,+ *pra* todos A: todos *em*

linha 1742-1743: (A): felicidade: +a destinação inviola-/vel, tradicional,+ a inobservancia do
alheio@+,+@ >e< o abandono

linha 1744: (A): de-noite@+,+@ a praça *Verdi* era ainda *um desnorteio* de

linha 1745: (A): Junto *de* casas baixas, >e< ainda (A): dos *tempos em que eram ali o Mercadinho
e o Politeama* A: Imperio, +sempre jorrando luz,+ todas

linha 1746: A: passagem, #sempre jorrando luz,#

linha 1747: (A): com >seu< pêso (A): edificios >mais< modernos,

linha 1748: (A): fachada@+,+@ e

linha 1749: (A): inchada, >inda< mais (A): *alemã* e *inchada* acervejada, mais

linha 1750: A: a +Coletoria (?) + Federal

linha 1750-1751: (A): tambem *aparecia fech* se conservava inteiramente apagada@, @ >guardada por
#carabineiros crianças.#< Lhe

linha 1751: (A): paredes @+,+@ ou

linhas 1753-1754: (A): carabineiros ^criças,^ representantes (A): crianças, *representantes*
>representativos< =representantes= *bem tipicos* da *raça* enfermiza e >dolente< que somos
por +quasi+ *todo* o ^interior,^ A: representantes >quasi sempre< da

linha 1755: A: molhada@+,+@ procissão *horripilante* de bocas *negras* e

linha 1756: (A): olhos #bonitos.# +no geral+ bonitos. A: ^ban-/g5elas^, peitos

linha 1757: (A): nos *fazia* >dessas< +êsse memento+ . Tirava *de* >todo o< ^sertão^

linha 1758: (A): viviam +como herdeiros+ modorrando e trabucando@>,<@ nas

linha 1759: A: de ^fúas^, fandangos (A): *de* fuás, fandangos, brigas, esforços curtos mas
heroicos, >e fadigas pacientes;< lançava

linha 1760: (A): cidades onde ela *colhia #apen[as]#* ^parendia^ apenas (A): cidades, >onde ela
aprendia apenas o dicionario e a prática das doenças venereas< +desherdando-a dentro+ >e<
a marotagem

linhas 1762-1763: (A): brejeiros, +praieiros,+ recebiam com a caderneta *militar* +de que tinham bem
servido a patria,+

linha 1763: (A): a ^>proficção<^ profissão

linha 1764: A: gosarem *no* eterno

linha 1765: (A): militares@+,+@ ou ficavam nas cidades@+,+@ biscateando

linha 1766: (A): façanhas e *maravilha* urbanas,

linha 1767: (A): olhos *pras filhas* do juiz *e* do

linha 1770: (A): seus +maiores+ desclassificados. A: seus >maiores< desclassificados.

linha 1771: (A): fronteira +ao Correio,+ se erguia

linha 1774: A: construida, >tudo #o que#<

- liberdades, aceitações e despolicamentos não conseguiam desfazer a característica mais intrínseca da vida americana verdadeiramente representativa dos grandes centros urbanos: a desamabilidade. Podia-se estar no prazer da companhia e em júbilo do indivíduo, ~~\$falta\$~~ faltava sempre, e a todos no geral, os elementos mais específicos da felicidade: a destinação inviolável, tradicional, a inobservância do alheio, o abandono de si mesmo.
- Aliás de-noite, a praça do Correio era ainda uma barafunda de luzes e escuridões. Junto das casas baixas, ainda dos últimos anos do Império, sempre [jorrando luz, todas tomadas por cafés, restaurantes, barzinhos de passagem, ~~sempre jorrando luz,~~ os edifícios modernos, enormes, achatavam a terra com pêso escuro. O Correio se fechava inteiro, sem uma luz na fachada, e como êle, á direita, ostensivamente germanica e ~~\$sinehada\$~~ acervejada, mais escura ainda que o Correio por causa da enxundiosa deselegancia do estilo, a Coletoria Federal tambem se conservava inteiramente apagada. Lhe escorando as paredes, ou rondando sem vontade, com a maior incompetencia de ferocia que é possível imaginar, guardavam-a carabineiros crianças, ~~\$representativos\$~~ representantes quasi sempre da assombração enfermeira que somos por quasi todo o Interior, escrofulas caipiras côr de areia molhada, procissão dramatica de bocas ridentes e banguelas, peitos fundos e olhos no geral bonitos. A recoltagem do Sorteio Militar é que nos dava êsse memento. Tirava do Sertão os seus filhos legítimos, que lá viviam como herdeiros, modorrando e trabucando nas intermitencias dos fuás, fandangos, brigas, esforços curtos mas heroicos, lançava essa mocidade imperfeita nas cidades, desherdando-a dentro da marotagem beocia do militarismo. Dolorosos caboclos, caipiras, tabaréus, tapuios, sertanejos, brêjeiros, praiheiros, recebiam com a caderneta ~~\$militar\$~~ de que tinham bem servido a patria, a profissão da expectativa. Se assargentavam na inadaptação. Ou viravam sargentos de verdade pra gosarem o eterno das preguiças militares, ou ficavam nas cidades, biscateando sem manha nem luta. Alguns voltavam prá terra deles, semvergonhas, pabulando façanhas e mentiras urbanas, erguendo os olhos prá filha do juiz ou do prefeito, casando com elas muitas vezes, transmitindo males, nunca mais podendo retornar ao caboclismo natural. Numa terra de gente pouca, a Nação mesma tomava pra si o encargo de maiores
- criar seus desclassificados.
- Noutra esquina, fronteira ao Correio, se erguia um fantasma esquipatico e possivelmente mais nosso. A pretexto do estilo que chamavam de Neo-Colonial, a indole enfeitadeira duns arquitetos sem engenharia imaginava servir ás tradições da patria, esvaziando em cada casa contruida, ~~tudo-o-que~~

linhas 1775-1776: (A): apenas +o que+ *sabia de* portais barrocos, janelinhas de rótula, \#beirais inquietos e# azulejos.\ Em cada >pobre...< monumento

linha 1776: (A): dêsses *era* ia

linhas 1777-1779: (A): Néo-Colonial +já+ estava *fazendo de* São Paulo +tão pachorrentamente discreta dos mestres-de-obras do fim do Imperio,+ uma

linhas 1779-1780: (A): desprovida *do* >seu< natural. *Dêsse genero mestiçado* era o *fantasma* em que@+,+@ por

linha 1781: (A): decadente@+,+@ *#se# fora* instalar

linhas 1781-1782: (A): edificio +grande+ da

linha 1783: (A): avenida@+,+@ jorrava

linhas 1783-1784: A: edificio *apontava prá* rua (A): sirio. *O outro lado d[o] edificio* metia pela rua

linha 1784: (A): ninguém *conhecia* pelo nome@+,+@ e

linha 1785: A: ponte *curiosissima* da

linhas 1785-1786: (A): onde >os< \#sirios e# turcos\ pouco a pouco A: onde +arabes,+ turcos e sirios

linha 1786: (A): dela@+,+@ retorcido,

linha 1787: (A): pobres@+,+@ disputando

linha 1788: (A): italianos@+,+@ e principalmente uns *espertos* de

linha 1789: (A): chins e +a esperança+ de >possíveis< comidas *chinesas,* ofereciam

linha 1790: (A): macarrão@+,+@ a canja@+,+@ e o

linha 1791: (A): do Anhangabaú era *a venda de frutas,* as casas de fritas, A: de ^fritas^, monstruosas (A): rua do *An[hangabaú]* Casino Antartica ^era^ as A: frutas@+,+@

linha 1792: (A): Gordo >e encaracolado< , havia *principalmente* um

linha 1795: (A): +como que+ apenas mudar as etiquetas marcando *os preços* da fruta.

linha 1796: (A): calmos@+,+@ enriqueciam nos quartinculos >sordidos – mosqueiros de podridão< , com lixo

linha 1797: (A): polvadeira >da rua< ^agitadissima^ de-dia. (A): polvadeira +da rua+ agitadissima A: cobertas *da* polvadeira

linha 1797-1798: A: praça *Verdi* e adjacencias (A): ainda@+,+@

linha 1799: (A): Café *sirios* e mais (A): o *Café* +do+ sirio e alguns barateiros, *isso* do lado

linha 1800: (A): vez@+,+@ rumo A: o ^cruto^ descanso

linha 1801: (A): >Fundo de noruega, a praça Verdi< Por (A): e *não* assumir

linha 1802: A: praça *Verdi* e >suas< adjacencias, (A): do Correio e +=suas+= *adjacencias* estava

linha 1803: A: curioso e estranho. ^Cinamas,^ (A): curioso >e estranho<. Cinemas, A: ^Possuia^ de mais

linha 1804: (A): tudo ^oq eu e^ o que era (A): frontões, +enfim+ tudo o que \#era# inda não\ caro

linha 1805: (A): caro >e< nem

linha 1806: A: policiavel, *era* por (A): policiavel, +perigo quasi perigoso,+ estava por

linhas 1806-1811: (A): ali. +Estufa de consôlo vário. Ali/ se alapardavam os brasileiros dos outros Estados numa nordestinagem beocia/ ou na eterna carioquice do fila-jantar; ali os sirios principiavam a bancar de senhores; ali a soldadesca safisfazia os desejos, ali/ chins, ali japões, eslovacos, alemães, intalianos, estudantes, caipiras, cons-/critos encontravam um terreno só pra homens, em que a simples complacencia+

linha 1808: (A): do *fila-almoço* fila-jantar A: ou >on< na

linha 1810: A: japões, #^ali[mães]^# eslovacos, alemães,

- 1775 apenas o que a sarapantara em portais barrocos, janelinhas de rótula, azulejos e beirais inquietos. Em cada monumento dêsses ia uma azafama exterior de semostração, tão idiota e repetida, que o Néo-Colonial já estava querendo fazer da São Paulo tão pachorrentamente discreta dos mestres-de-obras do fim do Imperio, uma Baía falsa, muito episódica e desprovida de natural. Des-
- 1780 sa arquitetura mestiçada era o estafermo em que, por instancias do saudosismo decadente, fôra se instalar o Clube Português. Era o unico edificio grande da praça que conservava iluminação nas janelas. No andar terreo, do lado da avenida, jorrava luz um café-expresso ali encaixado por um sirio. A outra face do predio metia pela rua do Anhangabaú que ninguem sabia pelo nome, e
- 1785 era a “rua do Casino Antartica”, ponte curiosa da nossa vida, por onde arabes, turcos e sirios pouco a pouco atingiam o centro da cidade. No corpo dela, retorcido, eles tinham montado uns restaurantes pobres, disputando freguesia com outros italianos, e principalmente uns espertalhões de chineses que aproveitando a curiosidade de serem chins e a esperança de comidas chinas, ofereciam aos fregueses o macarrão, a canja, e o peixe podre paulistano. Mas a especialidade dos sirios da rua do \$An\$ Casino Antartica eram as casas de frutas, monstruosas pela variação dos preços. Gordo, havia notadamente um sirio doido, maneta pela direita, cujas maçãs mudavam do dia prá noite de tresentos réis a milréis cada. Agia feito um rei tirano ou criança: o prazer dele era
- 1795 como que apenas mudar as etiquetas marcando o preço da fruta. Outros mais calmos, enriqueciam nos quartiunculos, com lixo guardado varios dias e as frutas cobertas pela polvadeira da rua agitadissima. E tambem, já pela praça do Correio e adjacencias mais chiques, a turcada aparecia, meia timida ainda, com o café do sirio e alguns barateiros, principalmente do lado em que a avenida, após o curto descanso no vale, empinava outra vez, rumo do poente.
- 1800 Por não ser mais bem o centro urbano e nem assumir ainda a função de bairro, na praça do Correio e suas vizinhanças estava reunido o que São Paulo possuia de mais curioso. Cinemas, circos, teatros, hoteis misteriosos, a “zona estragada”, clubes exquisitos, frontões, enfim tudo o que ainda não era caro nem completamente barato, tudo o que era prazer de emergencia, vício policiavel, perigo quasi perigoso, estava por ali. Estufa de consôlo vário. Ali se alapardavam os brasileiros dos outros Estados numa nordestinagem beocia ou na eterna carioquice do \$fila-almoço\$ fila-jantar; ali os sirios principiavam a bancar de senhores; ali a soldadesca safisfazia os desejos, ali
- 1810 chins, ali japões, eslovacos, alemães, intalianos, estudantes, caipiras, conscritos encontravam um terreno só pra homens, em que a simples complacencia

linhas 1812-1821: (A): + duma parada deteriorava qualquer metal de alma. Porém seria engano afirmar/ só por isso que êsses tipos vindos do estrangeiro eram deteriorados pela/ cidade. Porquê sob um certo aspeto eles também faziam a cidade: era êsse en-/contro assombroso que fazia o nosso mundo americano em sua epiderme repre-/sentativa. E as cidades como São Paulo eram que nem árvores de Natal a que/ êsses polichinelos vinham se dependurar, dando ocasião, vida, brilho. E si a/ cidade acabava deshonrando a muitos, êstes, como no caso dos recrutas caipi-/ras, não a caracterizavam também em nada nas suas validades essenciais. Era/ o proprio exotismo inassimilavel deles que os acabava desfibrando totalmen-/te.+

linha 1822: (A): >E< ^naquela^ mixordia@+,+@ >abracadabrante de lugares iluminadissimos, ruas e até becos escurissimos, prazeres inocentes< , também o que entra pro dominio do *proibido** achara

linha 1823: (A): paz, e prosperar@>,<@ sob A: paz@>,<@ e prosperar@+,+@

linha 1825: (A): sociedades +formadas+ por aceitação tacita *dos associados* que A: ali *viviam* essas

linha 1826: (A): tratavam *de* crimezinhos

linha 1826-1827: (A): sob a *presidencia* dum *italobrasileiro* capenga, A: a ^dir/ção^

linha 1829: A: individuo >capeng[a]<

linha 1830: (A): Era *inexplicavel* o

linhas 1830-1831: A: Gordinho ^exe/cia^

linha 1831: (A): Ficava +ali+ durante

linha 1832: (A): preto ^desababado^, palitô pardo +só+ abotoado no >último< botão

linha 1833: (A): apertada +junto+ >*sobre um* ao pesão disforme com< +das+ botinas

linha 1834: A¹: A²:

linha 1834-1835: (A): como +de+ individuo (A): encarquilhadas@+,+@ *e peguentas por serem duas vezes maiores que os pés* , como de *individuo* que sofre *medonhamente* dos calos@, @ *ficava durante horas* encostado A: completa ^dirformida-/de^

linha 1836: (A): *nas* guardas

linhas 1836-1837: (A): mesmo@>,<@ sentava ali@.@ +sobre um lenço cuidadosamente estendido e certamente muito mais sujo que a pedra.+

linha 1838: (A): nada@^.^@

linha 1839: (A): possível *con[versar]* perceber (A): contando +suas+ coisas. *Nunca me foi* possível

linhas 1839-1846: A¹: Nota MA: a grafite: colchete destacando: “Nunca me/ foi possível perceber o que conversavam. Cheguei mesmo [a] puxar conver-/sa e travar relações nutridas ao possível com um dêsses meninos, só pra/ saber. Depois de quasi um mês disso e de acervejar o amigo novo, saber a re-/alidade quasi tragica e inabalavel de vida desestinada, toquei no capenga./ Mas o rapaz fechou-se em copas, assustado, ficou esquerdo num momento, olhav[a]/ pra mim quasi perdido, pouco depois não se conteve mais, se despediu, partiu/ quasi fugindo do barzinho escondido em que estavam.” e a anotação na margem esquerda: “despersonalisar/ isto”.

linha 1840: (A): travar >uma< *relação nutrida* ao (A): *Cheguei* #mesmo# *e puxar* conversa@+,+@ *e travar* relações

linhas 1840-1843: (A): com *um dêsses meninos* >só pra saber.< +nenhum que não fosse da lei deles, conseguiria que o/ tal desse a trela sobre o chefe.+ >Depois de quasi um mês disso e de< *acervejar o amigo novo, saber* a realidade

linhas 1843-1844: (A): vida *de[sestinada]* indestinada

linha 1844: (A): +mas bastava+ *toquei* no capenga@.@ >Mas< +pronto,+ o rapaz *fechou-se* em copas@>,<@

linha 1845: (A): *ficou* esquerdo num *momento*, olhava >pra mim< *quasi perdido*, pouco

linha 1846: (A): *conteve* >mais< se *despediu* +seco+, *partiu* >quasi< fugindo >do barzinho escondido em que estavam.<

linha 1847: A¹: o ^nenino^ ficava

linhas 1847-1848 : (A): tempo. >Depois< partia #de repente# rapido, *com destino* e sumia

- duma parada deteriorava qualquer metal de alma. Porém seria engano afirmar só por isso que êsses tipos vindos do estrangeiro eram deteriorados pela cidade. Porquê sob um certo aspeto êles também faziam a cidade: era êsse en-
- 1815 contro assombroso que fazia o nosso mundo americano em sua epiderme representativa. E as cidades como São Paulo eram que nem árvores de Natal a que êsses polichinelos vinham se dependurar, dando ocasião, vida, brilho. E si a cidade acabava deshonrando a muitos, êstes, como no caso dos recrutas caipiras, não a caracterizavam também em nada nas suas validades essenciais. Era
- 1820 o proprio exotismo inassimilavel deles que os acabava desfibrando totalmente.
- Naquela mixórdia, também o que entra pro dominio do proibivel achara o lugar mais propício pra viver em paz e prosperar, sob a proteção da Polícia, de cambulhada com os officios e divertimentos permitidos da noite. Por
- 1825 ali assentavam essas sociedades formadas por aceitação tacita de varios, que tratavam dos crimezinhos baratos de toda a natureza. Um tempo mesmo, sob a direção dum italopaulista capenga, baixote, caixadoculos e sujissimo, teve como séde a escadaria do Correio, ás barbas da vida pública, uma curiosa sociedade de meninotes sem lei. Ou por outra, a lei deles era êsse individuo capeng
- 1830 a quem chamavam de “o Gordinho”. Era admiravel o dominio que o Gordinho exercia sobre essa rapaziada. Ficava ali durante horas, na sua roupa barata e sempre a mesma, chapéu preto desabado, palitô pardo só abotoado no botão de baixo, calça branca de brim muito apertada junto das botinas encarquilhadas, mas encarquilhadas a ponto de atingir a completa disformidade,
- 1835 de, como de pessoa que sofre horrorosamente dos calos. Parava imovel, encostado ás guardas de pedra da escadaria. Ás vezes mesmo sentava ali, sobre um lenço cuidadosamente estendido e certamente muito mais sujo que a pedra. Vinha um menino. Não se diziam boa-noite, nada. Se encostava ao lado do capenga e principiava contando suas coisas. Não era possivel perceber o que conversavam. Mesmo puxando conversa, travando relações nutridas ao possivel com algum daqueles rapazes, nenhum que não fosse da lei deles, conseguiria que o tal desse a trela sobre o chefe. Acervejando muito o camaradinho, conseguir-se-ia porventura lhe devassar a realidade quasi tragica de vida \$\$\$ indetida,
- 1840 nada, mas bastava tocar no capenga, pronto, o rapaz fechava-se em copas assustado, ficava esquerdo num instante, olhava ressabiado, pouco depois não se continha, se despedia seco, partia fugindo.
- 1845 Pois o menino ficava ali conversando com o Gordinho algum tempo. De repente partia rapido, certo na direção, e sumia por qualquer das ruas. Agora

linha 1849: (A): dois. +Mas+ a conversa
 linha 1850: (A): rir. ^A^ grupo *jamais* atingia >mais de< cinco A: muito *sizudo*, incapaz
 linha 1851: (A): chegava, +logo+ *alguns* partiam, sempre +com destino certo+
 linha 1853: (A): ali@+,+@ voltava *novamente*. Vinha contando +mais+ *coisas*, +sempre+ num
 linha 1854: (A): visivelmente *homossexuais* @ – @ o que
 linha 1855: (A): +á primeira vista+ imaginar uma caftinagem *hedionda* Alguns, A': numa
 ^caftinagem^ torpe
 linhas 1855-1856: (A): de +tão característicos no gesto,+ tão *esqualidos* @+,+@ podiam
 linha 1856: A: ^alhuma^ quadrilha
 linha 1862: (A): anos@+,+@ e na fala continha uma tristeza rija@+,+@ de A: fala >continha< uma
 linha 1863: (A): +aqueles+ *moços* @+,+@ orfãos
 linha 1864: (A): ali *das vizinhanças* mesmo.
 linhas 1864-1865: (A): mesmo@+,+@ >e tinha o hábito de conservar as unhas tão sujas< +Talvez não
 conhecesse banho mais que mensal, tão sujo+ que
 linha 1866: (A): mas >nada< não (A): se *corrigiu* por isso@+,+@ mas A: mão *pra*
 ninguem
 linhas 1866-1867: (A): ninguém +pra não sofrer o vexame duma repugnância demonstrada sem querer.+
 Não
 linha 1868: (A): ler@+,+@ >e< escrever@+,+@ e,
 linha 1869: (A): *dãa* memória +puramente+ sentimental, êle contava em frases *breves* as A:
 sentimental, >êle< contava
 linha 1870: (A): cordel #apresentava# +e de fascículos+ apresentava. A: fascículos *apresentava*.
 linhas 1871-1872: (A): Não *tivera* jamais *um prazer de* mulher +, não lhe conheciam ligação de
 espécie alguma.+ >e< ^diante^ dos
 linha 1873: (A): tristeza +percuciente+ que trazia na voz, se *adoçava* >com<
 linha 1874: (A): reflexiva *de efeito imediato.* +E+ ^Os^ perdidos
 linhas 1874-1875: (A): perdidos +, a que a própria circunstan-/cia de vida obrigava á inteligência e
 firmeza de observação,+ ficavam
 linha 1876: A': uma *censura* pra (A): *amigos* dele, confiantes e lhe *contavam* a
 linha 1877: (A): Não *existia pra êle* +talvez+ nenhuma
 linhas 1877-1878: A: Não >as< praticava +... proibições+ (A): praticava @>...<@ proibições +, é
 certo,+ *porê* toda
 linhas 1878-1879: (A): em *ve-las* praticadas
 linha 1879: (A): tivera >a< intenção
 linhas 1879-1880: (A): ninguém +não+. Na
 linha 1880: (A): onde *era empregado* qualificado,
 linhas 1880-1881: (A): as *moçinhas*, os
 linha 1883: A: pra @>...<@ dar
 linha 1884: (A): que *andavam torto.* >E< ^a^
 linha 1885: (A): que *exercia* +sempre, mas+ episodicamente, *no correr* dos

- chegavam mais dois. Mas a conversa não animava nunca. O Gordinho falava pouco, sempre muito calmo, incapaz de rir. O grupo nunca atingia cinco pessoas, porquê, si mais gente chegava, logo outros partiam, sempre com destino certo, num ritmo de obediência, como que mandados pra alguma parte. O que primeiro estivera ali, voltava horas depois. Vinha contando mais conversas, sempre num cochicho sereno. Muitos dos rapazes eram visivelmente pederastas, o que fazia á primeira vista imaginar uma cafetinagem torpe. Alguns, de tão característicos no gesto, tão palidos, podiam orientar a gente pra alguma quadrilha de vendedores de drogas. Eram isso tudo e a sociedade não era nada disso. Aquilo não passava duma dessas manifestações de desgraça humana que só as cidades grandes podem produzir.
- 1860 O Gordinho era um tipo abortado. Física e psicologicamente. Pequenino, aleijado, imberbe sempre, não podia nada neste mundo. Tinha já pra mais de trinta anos, e na fala continha uma tristeza rija, de efeito imediato sobre aqueles meninos, orfãos de qualquer finalidade. Estava ha mais de quinze anos empregado numa tipografia italiana ali da vizinhança mesmo. Talvez
- 1865 não conhecesse banho mais que mensal, tão sujo que repugnava aos proprios companheiros. Não se corrigia por isso, mas não dava a mão a ninguém pra não sofrer o vexame duma repugnancia demonstrada sem querer. Não tinha siquer a coragem dos seus vícios, era honesto. Sabia ler, escrever, e, dotado duma memoria puramente sentimental, ele contava em frases escritas as experiencias da vida que a literatura de cordel e de fasciculos apresenta.
- 1870 Não demonstrava jamais atração por mulher, não lhe conheciam ligação de especie alguma. Diante dos rapazes, sempre se conservando impassivel, aquela tristeza percuciente que trazia na voz, se aprofundava, adquirindo uma segurança reflexiva que comovia muito. E os perdidos, a que a propria circunstancia de vida obrigava á inteligencia e firmeza de observação, ficavam logo amicissimos dele, confiantes, lhe contando a existencia. Jamais tivera uma descompostura pra ninguém. Não o assombraria talvez nenhuma “proibição”. Não praticava proibições, é certo, mas toda a felicidade dele consistia em sabe-las praticadas pelos moços. Nem jamais tivera intenção de desencaminhar ninguém não. Na tipografia, onde já tinha emprêgo qualificado, os novatos, as moças, os meninos encontravam nele sempre uma ajuda certa e mesmo conselhos bons.
- 1880 Se servia do prestígio que tinha apenas pra dar coragem. E dava coragem pros que andavam direito como pros que praticavam proibições. A ação noturna que exercera sempre, mas episodicamente, ao acaso dos encontros e das
- 1885

linha 1886: A^l: relações *que êle procurava*, desde (A): e *de* relações procuradas #desde
 principios de 1927# *foi se sistematizando* +afinal+ A: >e das< relações
 linha 1887: A^l: *numa* verdadeira
 linha 1888: A: praça >Verdi.< Aquilo (A): passagem +quasi+ forçada
 linha 1889: (A): *ali.* Trouxeram >os< companheiros.
 linha 1890: (A): duns >quasi< trinta
 linha 1891: (A): *Batedores de miudezas,* inculcadores
 linhas 1891-1909: A^l: Nota MA: a grafite na margem esquerda: “Não me parece bem esta idiosincrasia
 pelo roubo, antes/ pela mentira é que ficava bem.”
 linha 1892: (A): e +principalmente+ ^faz-tudos^ á espera
 linhas 1893-1894: (A): inconcebível #Censurava,# ^aconselhava,^ dirigia, +censurava,+ mandava
 linhas 1894-1903: (A): grupo. +Porquê/ roubara e o Gordinho não suportava o roubo em quanto o roubo
 consiste em/ se apropriar do alheio sem consentimento dêste. Isso êle não tolerava, lhe/
 repugnava porquê seria incapaz de praticar roubo assim, e conseguira incu-/tir nos meninos o
 mesmo sentimento. Permanecera sempre no grupo uma noção/ amargamente tragica da honra,
 em que todos aqueles indesejados como que se/ consolavam da vida, tendo uma profissão
 destinada. E o conceito mais vulgar/ do roubo, por causa de não obter o consentimento dos
 roubados, não era uma/ profissão. como argumentara um dos mais inteligentes da malta! De-
 certo ecoan-/do apenas uma moralidade falada pelo Gordinho. E+ nenhum
 linha 1900: A: vida, *tendo* +seguir+ uma profissão destinada. *E* >o< =o= conceito
 linhas 1901-1902: A: por causa *de* =não= >obter o< consentimento dos roubados, @+“+@ não era
 uma profissão@+”+@, como
 linhas 1903-1904: (A): Respeitavam-*no* e queriam bem êle >quasi filialmente< O Gordinho
 linha 1904: A: O ^gordinho^ dera (A): é +tão+ difícil
 linha 1905: (A): juventude *mesmo* entre *desclassificados*@+,+@ *uma* especie A:
 juventude@+,+@ principalmente
 linha 1906: (A): e +alem disso,+ a volupia *dum* *de* =dum= perigo, +coisa+ >coisa< que *de-
 primeiro* os amedrontava *muito*. O que
 linha 1907: (A): segrêdo. >E< ^Um^ prazer
 linha 1908: (A): *desinfeliz*. Contavam tudo pra êle@+,+@ *e* os que >eram< *batedores de carteira*
 nada A: os >que< chantagistas
 linha 1910: (A): conversas@+,+@ e todos se *sabiam* +uns dos outros+ por *meio* do
 linha 1911: A: Gordinho. >e a promessa de segrêdo.<
 linha 1912: (A): >Postado< ^naquela^ presidencia (A): dia, *aconselhava* uma
 linha 1913: (A): uns, *dirigia* outros
 linha 1914: (A): antes@+,+@ escutava e resolvia as possibilidades +produtivas+ de tal A: antes,
 >escutava e< resolvia
 linha 1915: (A): e *comentava* as marés da população. >urbana< Hoje
 linha 1916: (A): Triangulo@,,@ >ou< ^muitos^ automoveis *tomavam* pelo parque, +si+ no
 linha 1917: (A): não *havia* nada, era de-certo o +cinema+ Paramount.
 linha 1918: (A): Tinha *um coração* maternal
 linha 1921: A: *Ouvindo* pormenorizadamente A^l: *mais de* dois anos. (A): as >façanhas<
 e aventuras dos
 linha 1922: (A): plenitude *incontável* Não

~~e-das~~ relações procuradas, **sistematizou-se afinal**, desde principios de 1927, naquela verdadeira associação de crapulice. Tomara o costume de se postar ali na praça. Lugar de passagem **quasi** forçada, os já conhecidos o encontravam aí. Trouxeram companheiros. Em menos de seis meses estava formada a malta
 1890 duns trinta rapazes de quinze a vinte anos, com as mais diversas “profissões”.
Chantagistas a varejo, inculcadores de femeas, frescos, vendedores de cocaína, e **principalmente faztudos** á espera de patranhas ocasionais.

O prestígio do Gordinho sobre todos era mesmo inconcebível. **Aconselhava**, dirigia, **censurava**, mandava, chegara mesmo a expulsar um do grupo. **Porquê**
 1895 roubara e o Gordinho não suportava o roubo em quanto o roubo consiste em se apropriar do alheio sem consentimento dêste. Isso êle não tolerava, lhe repugnava porquê seria incapaz de praticar roubo assim, e conseguira incutir nos meninos o mesmo sentimento. Permanecera sempre no grupo uma noção amargamente tragica da honra, em que todos aqueles indesejados como que se
 1900 consolavam da vida, imaginando seguir uma profissão destinada. Ora o conceito [mais vulgar

do roubo, por causa do não consentimento dos roubados, “não era um officio”, como argumentara um dos mais inteligentes da malta! De-certo ecoando apenas uma moralidade falada pelo Gordinho. E nenhum reagia. **Respeitavam-o** e queriam bem êle. O Gordinho dera pra êles o que é **tão** difícil de ter na
 1905 juventude, **principalmente** entre **incultos**, **essa** especie de conciencia profissional, e **alem disso**, a volupia dum perigo, **\$eoisa\$** que **dantes** os amedrontava **de-mais**. O que êle exigia era sêgrêdo. **Um** prazer de misterio doirava aquela gentinha **infeliz**. Contavam tudo pra êle, **mas** os **que chantagistas** nada contavam diante dos que vendiam cocaína. Só os parceiros do mesmo trilho se sabiam
 1910 por suas conversas, e todos se **inteiravam uns dos outros** por **intermedio** do Gordinho. ~~e-a promessa do sêgrêdo.~~

Naquela presidencia de pedra, escutava o que fôra o dia, **lembrava** uma festa pra uns, **orientava** outros pra tal cinema ou pra tal bairro. Discutia, ou antes, ~~eseutava-e~~ resolvia as possibilidades **produtivas** de tal luta de
 1915 boxe num circo e **delatava** as marés da população. Hoje todos estavam se dirigindo pro Triangulo. Muitos automoveis **estavam tomando** pelo parque, **si** no Municipal não **tinha** nada, era de-certo o **cinema** Paramount. Acertava sempre. Tinha **uma admiração** maternal pra descobrir as ondulações da cidade e quem se aconselhava com êle saía sempre ganhando.

1920 E foi êsse um tempo de vida gosada pro Gordinho e pros companheiros. Durou quasi dois anos. Escutando pormenorizadamente as **aventuras** dos rapazes, o Gordinho sentia uma plenitude **sublime**. Não deixava escapar um detalhe que

linha 1923: (A): *lhe importasse* @+,+@ e as frases curtas, tão >docemente< tristes
 linha 1924: (A): de si ^mesmos^ em detalhes de perigo, >^,^< de decisão, (A): *recontos* @+,+@
 eram sempre *essa* procura de si mesmo @+,+@ em detalhes de perigo,
 linhas 1924-1925: (A): perigo, +de ação,+ de decisão, >de vitória< a que os
 linha 1927: (A): sen-/sações @+,+@ >e< ^nos^ ofícios A: ^Mos^ ofícios
 linha 1929: (A): tudo @+,+@ sem
 linha 1931: (A): >E,< *reconto* acabado (A): bem @+,+@ *podia* ter , A: Tinham *feito* muito
 linha 1932: (A): *sido mais bem feito o roubo*, tivessem
 linha 1933: (A): não ^fossem^ gastar os cincoentão numa farra só, *guardassem*
 linha 1934: (A): guardava, *quando* insistiam (A): disso @+,+@ mas
 linha 1935: (A): terrível @. @ ^Não^ permitia gasto falso @. @ ^O^ dinheiro
 linha 1936: (A): *pros bolsos* do rapaz
 linhas 1937-1938: (A): ninguém.. +Mas visivelmente lhe agradava+ *^receber^* presentinhos @. @
 ^Gravatas,^ #o anel *de* monograma# +lenços,+ *medalhinhas,* e até >o relógio-pulseira de
 duzentos milreis< o anel com monograma >: presentinhos.<
 linha 1939: (A): acabou @. @ ^Desfez-se.^ *Antes:* modificou-se. A: desfez-se. >Ou melhor:<
 ^modificou-se.^ Pelos
 linha 1940: (A): exatamente @+,+@ setembro,
 linha 1941: A: ^lquasi o >não< matou.
 linha 1942: (A): desejo *enorme* de tomar
 linha 1944: (A): com +certa+ *surpresa* a cura dele @+,+@ e
 linhas 1944-1945: (A): acostumados @. @ +Ha sempre em nós uma tal ou qual decepção contra um
 moribundo que não morre... E+ na
 linha 1947: (A): dado *ũa* meia liberdade *pra eles.* A
 linha 1948: (A): fala @+,+@ >e< desferindo
 linhas 1949-1951: (A): muito @+. @ +Desaparecera do grupo o unico dom purissimo que o justifica-/va,
 a ambiencia maternal. Os rapazes se percebiam homens-feitos ante as in-/quietações que
 afeminavam o Gordinho.+ ^saíam^, voltavam
 linha 1952: (A): bateu *neles* uma desinteresse A²: lapso: “uma desinteresse”
 linhas 1952-1953: A: pelo *Gordinho.* E
 linha 1953: A: começou @+,+@ como de-primeiro @+,+@ as
 linhas 1954-1955: (A): cidade. +Deu pra vender bilhetes de loteria, o que lhe propiciava aproxi-/mar de
 toda a gente.+ Quasi que *noitemente* era
 linha 1955: A: praça *Verdi* porém (A): Correio @+,+@ porém
 linhas 1956-1958 : (A): passagem @, @ +>Sa[bia]< E si não era possível descobrir no aspeto dele
 qualquer/ demonstração de desespero ou desgraça, devia de fato sofrer muito. Não para-/va, lhe
 vinha aquele frenesi novo, que o tomara na convalescença, ia A: não *era possível*
 descobrir
 linhas 1958-1959: (A): prá +porta de+ tal cinema, *pra* tal
 linhas 1959-1960: A: palpitando >que ha/via de< encontrar

sensualizasse, e as frases curtas, tão tristes de som, com que interrompia os relatórios, eram sempre uma procura de si mesmo, em detalhes de perigo, de ação, de decisão, a que os rapazes calejados já não davam mais importância. Insistia, raspava minuto por minuto os casos, chupava o último apôjo das sensações. Nos ofícios mais oprimintes, pela discreção de escolher os momentos em que eram só êle e o confessado, pela ambiência mesma de confissão que criava, conseguia saber tudo, sem que a vergonha amparasse nos coitadinhos um derradeiro resquício de individualidade.

Relatório acabado, vinha o conceito. Tinham agido muito bem, deviam ter demorado mais pra ceder, tivessem pedido seis milréis da moça em vez de cinco. E agora não fosse gastar os cincoentão numa farra só, guardasse. Ele mesmo guardava, si insistiam muito. Não gostava disso, mas guardava. Virava então duma usura terrível, não permitia gasto falso, o dinheiro voltava aos pingos pro bolso do rapaz e com destino sabido. E jamais não exigira dinheiro de ninguém. Mas visivelmente lhe agradava receber presentinhos, gravatas, lenços, distintivos, até o anel com monograma.

Esta prodigiosamente romantica associação não se acabou, desfez-se. Ou milhor, Modificou-se. Pelos fins de 1929, ou exatamente, setembro, o Gordinho teve uma gripe que quasi o não matou. Quando apareceu, mês e meio depois, vinha ardente, empurrado por um desejo selvagem de tomar vingança do tempo perdido. Estava aspero, muito irrequieto, não podia esperar. Os rapazes passavam, festejavam com certa surpresa a cura dele, e parece que já estavam acostumados... Ha sempre em nós uma tal ou qual decepção contra o moribundo que não morre... E na idade em que tudo se modifica do dia prá noite, aquelas fêrias de conselho tinham dado uma meia liberdade pros rapazes. A impaciência do Gordinho, lhe modificando o som da fala, desferindo ordens agudas, não os prendia muito. Desaparecera do grupo o unico dom purissimo que o justificava, a ambiência maternal. Os rapazes se percebiam homens-feitos ante as inquietações que afeminavam o Gordinho. Saíam, voltavam, não voltavam, uma razão verdadeira não existiu, bateu em todos [um] desinteresse contagioso pelo chefe. E o capenga recomeçou, como de-primeiro, as vadiagens mancadas através da cidade. Deu pra vender bilhetes de loteria, o que lhe propiciava aproximar de toda a gente. Quasi que diário era visto na praça do Correio, porêr só de passagem. E si não se podia descobrir no aspeto dele qualquer demonstração de desespero ou desgraça, devia de fato sofrer muito. Não parava, lhe vinha aquele frenesi novo, que o tomara na convalescença, ia prá porta de tal cinema, de tal circo ou frontão, onde estava lhe palpitando que ha

linhas 1959-1960: A: palpitando >que ha/via de< encontrar
 linha 1960: A¹: por +intermedio de+ quem +ê+le+ *vivesse* A¹: algum >moço< +sem-familia+
 =moço= por
 linha 1961: (A): *Essas especies* de *associação tacita,* que não *podem* se confundir
 linha 1962: (A): *reuniões* de camaradas, *são* mais *comuns* do que a gente
 linhas 1963-1964: (A): grandes. +São verdadeiras cooperativas, muito mais de caracter defensivo/ aliás,
 que de auxilio no ofício ou repartição nos lucros.+ Na
 linha 1965: A: turco, passada *a ponte* durante A²: lapso: “passada o viadutinho da rua”
 linha 1966: (A): outra, de ^chofêrrs^ chefêres, (A): se reuniu >uma< outro +associação+, +feita+
 de ^chefêres^, que A²: lapso: “uma outro associação”
 linha 1967: (A): Gente *nascida* de ar-livre,
 linhas 1967-1968: A: todos dotados de *magnifica* beleza fisica (A): todos *dotados de* >certa<
 beleza fisica@>,<@ +polida a banho diario,+ cada *um* dono A¹: fisica@+,+@ polida
 linhas 1969-1970: (A): aproveitavam #milhor# *a farda* +de fazenda boa+ pra \#milhor# mostrarem\ >o
 que possuíam< *de lindo no* corpo. +Eram+ ^Todos^ gigolôs
 linha 1971: (A): caras@.@ #viravam# +e+ depois de acompadrados *na sociedade* +viravam+
 inculcadores
 linhas 1971-1972: (A): caras +viravam depois de acompadrados na sociedade, inculcadores das propria+
A¹: das ^propria^ +amantes e das dos “consocios”+
 linha 1972: A¹: chegando abandonavam os pontos de estacionamento >e< rondavam (A): dos
 consocios”. Noite chegando >abandonavam os pontos de estacionamento< @+,+@
 rondavam
 linhas 1973-1978: (A): novo. +A maioria já tinha pôsto/ de estacionamento nesses lugares propícios,
 vizinhança dos grandes hotéis/ principalmente. Viviam cheios de dinheiro mas abastardados pela
 preguiça,/ não sabiam viver de ricos. Comiam estupidamente mal em freges de comida re-/les, dormiam
 pior em pardieiros sordidos de que não percebiam o contraste/ medonho com os leitos de passagem onde
 pousavam. +>E< ^o^ ponto A: mas@+,+@ abastardados
 linhas 1979-1980: (A): iluminado, +incapaz de possuir uma bebida mais fina, onde nem chôpe havia,+
 servido
 linha 1980: (A): risonha. >A especialidade deles era trabalhar/ os hospedes do Esplanada e do Terminus.
 Viveram no ouro por mais de ano.<
 linhas 1981-1984: (A): isso. +Mas/ na maioria dos casos o que põe fim a elas é um caso grave, uma briga,
 muitas/ vezes um crime. >Mas< Então se desfazem sem a minima resistencia de vitalida-/de.+
 Parece
 linha 1984: (A): mesmo +>ter< alguma profissão >da<+ *o crime* de *muito* perigo
 linha 1986: (A): seja +mais ou menos+ fantasia *romantica* >de romancistas e enredadores de filmes
 cinematograficos<. Não há >um< codigo
 linha 1987-1989: (A): associados@+,+@ e >pra certo genero de individuos< +mesmo quando
 tacitamente reunidos são legitimamente animais de viver solitario. Vivendo+ *fora* da ^Lei^,
 a unica *moral proibitiva* +deles+ é o sentimento.
 linha 1987: A: quando >tacitamente< reunidos
 linha 1988: A: solitario. *Vivendo* ao lado
 linha 1989: A: é *a noção* de traição (A): sentimento. >Tudo< O que *não sentem*, não fazem.
 linhas 1989-1990: A: lei >proibitiva< +deles+ é o sentimento.
 linhas 1989-1995: (A): fazem. +Não podem respirar, si/ contrafeitos. A prática do que não sentem assume
 pra êles a repugnancia dum/ exato crime contra a natureza, e principalmente por isso lhes é
 intoleravel/ a traição. Não podendo se trair a si mesmos, valorizam ao excesso de virtude/ unica
 e universal, a fidelidade profissional.+ >O pressentimento do mal é tão íntimo do homem que
 mesmo< +Isso é que congrega, as mais das/ vezes sem razão, êsses *out-laws* de viver
 solitario, ao mesmo tempo que lhes+ *nutrem essa* possibilidade
 linhas 1995-1996: (A): traição >, qualquer que seja,< é *um* +unico+ crime >pra êles< +que concebem
 como tal.+ *Não posso me esquecer do* Gordinho,
 linha 1996: (A): Gordinho, #uns# quando A: uns >dois< dias

- 1960 ~~via-de~~ encontrar algum ~~sem-familia~~ moço por intermédio de quem êle pudesse viver. Esse gênero de ~~associações tacitas~~, que não ~~pode~~ se confundir com simples ~~agrupamentos~~ de camaradas, é mais ~~comum~~ do que a gente pensa, nas cidades grandes. São ~~verdadeiras cooperativas, muito mais de caracter defensivo aliás, que de auxilio no officio ou repartição nos lucros.~~ Na propria rua do
- 1965 Anhangabaú, em pleno bairro turco, passado o viadutinho, durante muito tempo se reuniu outr[a] ~~associação, feita~~ de chofêres, que era bem uma caftinagem deslavada. Gente ~~feita~~ de ar-livre, moços de vinte a trinta anos, todos ~~possuidos pela~~ beleza física, ~~polida a~~ banho diário, cada ~~qual~~ dono do seu proprio automovel de aluguel, luxuoso, inda aproveitavam ~~\$milhor-a\$ o dólman de fazenda~~
- 1970 boa pra ~~mostrarem milhor a lindeza do corpo.~~ Eram todos gigolôs de femeas caras, e depois de acompadrados ~~no grupo, viravam~~ inculcadores das proprias amantes e das dos ~~manos.~~ Noite chegando, rondavam pela cidade, em especial nos pontos onde era possivel encontrar o serviço novo. ~~A maioria já tinha pôsto de estacionamento nesses lugares propícios, vizinhança dos grandes hoteis principalmente.~~ Viviam cheios de dinheiro mas, abastardados pela preguiça, não sabiam viver de ricos. Comiam estupidamente mal em freges de comida reles, dormiam pior em pardieiros sordidos de que não percebiam o contraste medonho com os leitos de passagem onde pousavam. O ponto de reunião era aquele barzinho, muito iluminado, incapaz de possuir uma bebida mais fina, ~~onde nem chôpe havia,~~ servido por uma garçonete só, risonha.
- 1980 Essas associações acabam sem que ás vezes haja um motivo pra isso. ~~Mas na maioria dos casos o que põe fim a elas é um caso grave, uma briga, muitas vezes um crime. \$Mas\$ Então se desfazem sem a minima resistencia de vitalidade. Parece que só mesmo \$ter\$ alguma profissão \$da\$ criminosa de grande perigo~~
- 1985 firma a estabilidade de certas quadrilhas, a não ser que essa estabilidade seja ~~mais ou menos~~ fantasia ~~inventada.~~ Não ha codigo escrito, não ha juramento que estabilize os associados, e mesmo quando ~~tacitamente~~ reunidos são legitimamente animais de viver solitario. Labutando ao lado da lei, a unica lei deles é o sentimento. O que não sentem, não fazem. Não podem respirar, si
- 1990 contrafeitos. A prática do que não sentem assume pra êles a repugnancia dum exato crime contra a natureza, e principalmente por isso lhes é intoleravel a traição. Não podendo se trair a si mesmos, valorizam ao excesso de virtude unica e universal, a fidelidade profissional. Isso é que congrega, as mais das vezes sem razão, êsses seres de viver solitario, ao mesmo tempo que lhes permite nutrir a possibilidade de serem... morais. A traição é o unico crime que
- 1995 ~~concebem como tal. Ficou inesquecivel o Gordinho, quando uns dois dias depois~~

linhas 1996-1997: A': depois [de eu ter querido fazer o menino falar./ de >lhe< =lhe= *terem* quererem
fazer falar um dos meninos, [+encontrou o curioso.+ *Me olhou* (A): depois +que
lhe+ *quererem* fazer #falar# um dos meninos falar, encontrou +com+ o curioso. *Olhou*

linha 1998: A': desesperado +o inimigo+ que *fiquei* >com medo< =medo= (A): com >um< odio
tão *desvairadamente* desesperado o inimigo, >que< fazia medo@+,+@ >e< +fazia+ pena

linhas 1998-1999: A': Passou *por mim*, teve (A): Passou >pela tal<, teve

linha 1999-2000: A': parar *e* foi A: parar mas >foi< se *postar na* escadaria >como sempre<. Não

linha 2000-2003: A': sempre. +Não cessava de olhar o adversario, e este, apesar de bem confortado pelo
urbanismo, pressentiu o mal da morte.+ *Fui depois várias vezes seguido por um dos rapazes
do grupo.* >Mas pra esse não perguntei nada.< *E parece que afinal vieram a saber quem eu
era* >ou pelo menos o que fazia na vida. De repente< =ninguem mais= *não me seguiu*

linha 2000: (A): de *olhar* o adversario, e este, apesar de >bem< confortado

linha 2001: A': morte. *Foi* >mesmo seguido< +percebeu+ =mesmo seguido=

linha 2002: (A): por *rapazes* do grupo,

linhas 2002-2003: (A): era@.@ +de re-/pente+ ^Ninguem^ mais

linha 2003: A': mesmo *eu* =ali,= francamente (A): atenção@+,@ ^e^ o

linha 2004: (A): ali, #francamente# *presidindo a associação.* >E foi< ^só^ mesmo

linha 2005: A': que >um dia encontrando juntos< *os meus dois conhecidinhos* >os meninos deram<
+alguns dos meninos deram a trela, assim mesmo com+ bastante cerveja, *e tres horas
noturnas num quinze de novembro* >de fontes luminosas no Ipiranga, vim a saber de tudo o
que aqui vai.< (A): que alguns dos *meninos* deram a trela@,@ >assim mesmo com
bastante cerveja e muitos dias de conquista< A: +é+ que

linha 2006: (A): de *fran[ca]* patranhice policiavel, A': pros +grandes+ clubes (A): Mas
dessas associações de

linha 2007: A': +de jôgo+ ^licitamente^ licitos@+,+@ >como o “São Paulo”, o “Comercial” e o
“Automovel Clube”, < vai (A): jôgo, >ilicitamente licitos,< vai

linha 2008: (A): admiraveis *associ[ações]* sociedades carnavalescas (A): admiraveis *sociedades*
carnavalescas

linhas 2008-2009: A': séde mesmo +ali+ na praça >Verdi< Ainda muito (A): duas *paulistas*,
mantiveram séde \#mesmo# ali\ na praça. *Ainda* muito A: praça. Tambem +localizada+
muito

linha 2009: (A): desta, >no largo do Paissandú,< e

linha 2010: (A): e +porventura+ elogiavel

linha 2012: (A): sua *saudade* nostalgia (A): Russia ^tza[rista]^ czarista, (A): czarista, >ela<
tomava A': Russia ^czarista^, ela

linha 2013: (A): casa *velha* envelhecida (A): parte *do* primeiro andar >sordido< duma A:
andar ^duma^ casa A': envelhecida >muito< cedo.

linhas 2013-2016: (A): cedo. +Salas escuras economicamente iluminadas, *de* que nenhuma lavagem
tiraria mais o aspeto de sordidez, com o papel das paredes ^rasgados^ em certos lugares,
noutros despregando, riscado noutros, uma rara cadeira, o piano, o estrado dos cantores.+ O

linhas 2013-2014: (A): escuras@+,+@ economicamente

linhas 2016-2017: (A): O *cantor* sabia regularmente musica@+,+@ e a mulher >dele<, tambem

linha 2017: A: russos@+,+@

linha 2018: (A): ajudava *magnificamente*. >E< #o casal# ^com^ uma paciencia

linha 2019: (A): *reunir* +aquele+ *coral* *estranhissimo* singularissimo pela

linha 2020: (A): principalmente *russos ucrania[nos]* emigrados (A): +dos componentes,+ em que
estavam >principalmente< +numerosos+ emigrados A: numerosos +os+ emigrados

linha 2021: (A): Russia >, pelo que a sociedade se intitulava de Coros Ucrrianos<. Mas *continha*
alemães, A: tchecos@+,+@ >e< húngaros A: fotografos@+,+@

linha 2022: (A): criadas, +pintores,+ mistura (A): criados@+,+@ >e< criadas,

linha 2023: (A): ou +abertamente+ *misteriosos*, numa promiscuidade *muito duvidosa*, incapazes

linha 2024: (A): mal e +todos+ duma dolorosa fatalidade. No meio deles@+,+@ o cantor,

linha 2025: (A): médico@+,+@ e confidente

linha 2026: (A): os grupos se *ajuntavam, riam alto ou coxixavam* numa

linhas 2027-2028: (A): representavam, *sem* não

linha 2028: (A): possuindo *o espirito* da

linhas 2028-2029: (A): mesquinhez. *Se tornavam* facilmente *percebidos* e >eram< fatigantissimos.

- que lhe quiseram fazer um dos meninos falar, encontrou com o curioso. Encarou com odio tão violentamente desesperado o inimigo, fazia medo, fazia pena. Passou, teve a hesitação de quem vai parar mas ~~foi~~ se dirigiu prá escadaria. ~~como sempre~~. Não cessava de ~~espia~~ o adversario, e este, apesar de confortado pelo urbanismo, pressentiu o mal da morte. Se percebeu mesmo seguido algum tempo por meninos do grupo, mas de-certo vieram a saber exatamente quem era, de repente ninguém mais lhe deu atenção. E o Gordinho continuou, mesmo o curioso ali, dirigindo francamente o grupo. ~~E foi~~ Só mesmo depois da associação acabada é que alguns dos rapazes deram a trela.
- Mas de tais agrupamentos de patranhice policiavel pros grandes clubes de jôgo, vai toda uma escala incerta de gradações associativas. Assim essas admiraveis associações carnavalescas, de vida intermitente, de que duas paulistanas, mantiveram séde ali mesmo na praça. Também localizada muito proxima [desta, e
- 2010 aliás perfeitamente licita e porventura elogiavel nos seus fins sociais, uma associação coral interessantissima arrastava todas as noites quasi a sua nostalgia de destêrro. Fundada por um antigo ator da Russia ~~tzarista~~, tomava parte dum primeiro andar numa casa envelhecida muito cedo. Salas escuras, economicamente iluminadas, a que nenhuma lavagem tiraria mais o aspeto de
- 2015 sordidez, com o papel das paredes rasgado em certos lugares, noutros desprezando, riscado noutros, uma rara cadeira, o piano, o estrado dos cantores. O ator sabia regularmente música, e a mulher, também cantora de teatros russos, o ajudava familiarmente. Com uma paciencia maravilhosa, o casal conseguira arrebanhar aquele orfeão ~~sestranhissimo~~ singularissimo pela heterogeneidade
- 2020 de dos componentes, em que eram numerosos os emigrados da Pequena Russia. Mas havia alemães, tchecos, e húngaros também. Modistas, grilos, fotografos, marceneiros, garçonetes, criados, criadas, pintores, mistura de tipos abertamente alegres ou abertamente sombrios, numa promiscuidade assustada, incapazes do mal e todos duma dolorosa fatalidade. No meio deles, o cantor, jamais discutido, era maestro, pai, médico, e confidente. A mulher dele a mesma coisa. Nos
- 2025 intervalos dos cantos, os grupos se faziam, rindo a meia voz ou coixando numa apparencia de segrêdo, inconscientes de toda a fôrça tragica que representavam, não possuindo a prosapia da propria mesquinhez. Todos eram facilmente perceptíveis e fatigantissimos. A unica dor que permanecia comovente naqueles indivíduos é que nenhum não conseguia ser verdadeiramente sereno. Possuiam quasi todos esse movimento de curvatura servil, das raças perseguidas. Embora muito distintos dos brasileiros já raçados, pelas diferenças de linguagem, de costumes, de realidade exterior, alguma coisa misteriosa de fundamen-

linhas 2029-2030: (A): permanecia *valiosa no agrupamento* é que +nenhum+ não *conseguiam se tornar calmos.* Possuiam

linha 2031: (A): de >ombros< curvatura (A): todos >e todas< esse movimento de curvatura +servil,+ das
linhas 2031-2032: A: desesperadamente@+;+@ A: brasileiros *de* alguma (A): perseguidas.
>Se entreamavam desesperadamente; e< *ainda muitissimos desligados* dos brasileiros >com
alguma coisa< já *nacional*, pelas

linhas 2032-2033: (A): exterior, +mas fundamentalmente parecidos conosco,+ não (A): de *fala*, de
costumes, de realidade exterior, +alguma coisa misteriosa de fundamen-/tal+

- linhas 2033-2034: (A): exterior, +alguma coisa misteriosa de+ *fundamen-/tal* +, de essencial, >os< tornava essa gente eslava bem+ *parecida* conosco
- linhas 2034-2037: (A): conseguiam *no entant[o]* por isso nos desprezar +como principalmente faziam norteamericanos, ingleses e argentinos,+ ou (A): conosco@, @ #não conseguiam#+Talvez+ por isso +é que não conseguiam intimamente+ nos desprezar como #principalmente# faziam +com franqueza+ #norteamericanos# ingleses >e< @+,+@ argentinos +e principalmente norteamericanos daqui+ >ou pelo menos< +Não conseguiam nem mesmo+ ignorar a nossa *fraca* realidade de *donos* desta
- linhas 2038-2039: (A): vinha *uma* atitude >, mesmo< #um servilismo# @>,<@ de inferioridade +pra conosco, um servilismo+ *penosamente isolada* Era triste de >se< observar A': triste >de< observar
- linhas 2039-2044: (A): observar. +Nas festinhas muito idio-/tas que se davam entre si, havia doces monotonos, feitos pela patroa da ca-/sa, ou pelas socias, assim como cervejas, guaranás violentamente oferecidos/pelo cantor. Uma saudade, +pela patria+ absolutamente sem criterio, #pela patria# chamava a/ atenção duma possivel visita brasileira, pra certos açúcares enfeitados e/ pro vodka nem bom nem ruim. Era triste, sim, de observar... E+ ^O^ maestro,
- linhas 2046-2047: (A): subalternos *a segura calma* com que *viviam* +de músico+ numa
- linha 2047: A': nem *disputa* de competencias
- linhas 2048-2049: (A): aventura +riqueza,+ >e< desmoralização A: despoliciamento >como a nossa.< Havia (A): camaradagens >mais ou menos socializadas< de criminosos gorados, elas *eram numerosas* >numa terra de tanta< aventura@+,+@ +a+ riqueza >, desmoralização< e +o+ despoliciamento +nosso+ Havia
- linha 2050: (A): porém >inofensivos e< desprezíveis,
- linhas 2052-2053: (A): Amazonia; #vendedores clandestinos d[e]# +tur[cos], vendedores clandestinos de cigarros+ A': macumbas *do Rio e da Baía, ou os Catimbós de Nordeste e Amazonia,* (A): macumbas, catimbós e pagelaças +que vão+ do Rio até o extremo Norte; vendedores >clandestinos< de cigarros >apenas< inofensivamente perfumados com *haxixe* >(dic.)<; >teosofistas e principalmente< espi-/ritistas
- linhas 2054-2055: (A): suas *religiõ[es]* reuniões (A): espi-/ritistas +e demais+ mexedores de mesinhas que >apenas< *seguiram as* suas *reuniões* >apenas< +menos pelo cobre conseguido, que+ pelo gosto de *cumplicidade* >e de conspiração< que
- linha 2056: (A): religiõesinhas *plagiarias* que nem (A): elas >lhes< davam; religiõesinhas bastardas@+,+@ que nem a do indiano *Gaturamo*, *vivendo*
- linhas 2057-2058: A: Catolicismo inda de praxe. >Seitas e práticas ameríndias e afri-/ canas não repercutiam aqui.< (A): Catolicismo +de mistura com vagas recordações in-/dianas.+ A: recordações *in-/dianas*.
- linhas 2059-2068: (A): + Mas tudo gente sem interesse, desprovida de qualquer originalidade. Era/ enorme a falta de seres extravagantíssimos, sob qualquer aspeto. Os proprios/ tipos da rua eram duma vulgaridade insuportável. Apesar de cidade grande,/ São Paulo conservava ainda um provincianismo duro, insolúvel, sem perdão,/ que imediatamente transformava em escandalo e prisão *essas* originalidades/ fatais. >que só podem viver< O proprio estrangeiro se aprocianava logo aqui/ seguindo o destino da serra. Ficava moral... pros outros, principalmente si/ êstes outros eram estrangeiros também. Todos censuradores. Todos aburguesa-/dos no unico ideal de construir casa e descansar. Uma falta rispida de com-/placencia que expulsava por monstro a qualquer personalização insolúvel.+
- linha 2063: A: e *prisão* as
- linha 2064: A: logo aqui@+,+@
- linha 2067: (A): de *construir* casa
- linha 2068: (A): personalização *insolúvel*
- linha 2069: (A): +Assim mesmo,+ ^Num^
- linhas 2069-2070: (A): um >alemão< (A): sugissimos >que existiam< #no proprio quarteirão do Correio,# +da+ rua do Seminario, +no proprio quarteirão do Correio,+ morou quasi um ano um +alemão+ A: um >alemão<

- tal, de essencial, ~~Se~~ tornava essa gente eslava bem parecida conosco. Talvez
 2035 por isso ~~é que~~ não conseguiam intimamente nos desprezar, como faziam com
 franqueza ingleses, argentinos e principal[men]te norteamericanos daqui. Não
 conseguiam nem mesmo ignorar a nossa fragil realidade de senhores desta ter-
 ra. E d'áí lhes vinha a atitude de inferioridade pra conosco, um servilismo
 dolorosamente desamparado. Era triste ~~de~~ observar. Nas festinhas muito idio-
 2040 tas que se davam entre si, havia doces monotonos, feitos pela patroa da ca-
 sa, ou pelas socias, assim como cervejas, guaranás violentamente oferecidos
 pelo cantor. Uma saudade, pela patria absolutamente sem criterio, ~~pela patria~~
 [chamava a
 atenção duma possivel visita brasileira, pra certos a[ç]úcares enfeitados e
 pro vodka nem bom nem ruim. Era triste, sim, de observar... E o maestro, duma
 2045 admiravel e bem cabotina confiança em si mesmo, apesar de dominar todos, não
 conseguia infundir nos subalternos aquela serenidade gorda com que blasona-
 va de músico numa terra sem contrôle nem inquirição de competencias.
 Quanto a essas camaradagens de criminosos gorados, elas proliferavam
 muito com a aventura, a riqueza e o despolicimento nosso. Havia na cidade
 2050 milhares de Gordinhos, porêem desprezíveis, por não possuírem a veemencia a-
 paixonada do capenga. Semifeiticeiros, incapazes duma organização fixa que
 nem as macumbas, catimbós e pagelanças que vão do Rio até o extremo Norte;
 vendedores de cigarros inofensivamente perfumados com drogas célebres; espi-
 ritistas e demais mexedores de mesinhas que ~~Sapenas~~ perseveravam nas suas
 2055 mistificações menos pelo cobre conseguido, que pelo gôsto de aventura que
 elas davam; religiõesinhas bastardas, que nem a do indiano Huaquidí, feitas
 de plagios miseráveis do Catolicismo de mistura com vagas recordações asi-
 aticas.
 Mas tudo gente sem interesse, desprovida de qualquer originalidade. Era
 2060 enorme a falta de seres extravagantissimos, sob qualquer aspeto. Os proprios
 tipos da rua eram duma vulgaridade insuportavel. Apesar de cidade grande,
 São Paulo conservava ainda um provincianismo duro, insolvavel, sem perdão,
 que imediatamente transformava em escandalo e xilindró as originalidades
 fatais. ~~Se só podem viver~~ O proprio estrangeiro se aprovincianava logo aqui,
 2065 seguindo o destino da serra. Ficava moral... pros outros, principalmente si
 êstes outros eram estrangeiros tambem. Todos censuradores. Todos aburguesa-
 dos no unico ideal de possuir casa e descansar. Uma falta rispida de com-
 placencia que expulsava por monstro a qualquer personalização extravagante.
 Assim mesmo, num daqueles pardieiros seminovos e sugissimos da rua do
 2070 Seminario, no proprio quarteirão do Correio, morou quasi um ano um alemão

linha 2071: (A): alemão *interessantissimo*. Muito viajado, com seus *trinta* anos
 linha 2075: (A): sem +nenhuma+ pressa A: sem >nenhuma< pressa
 linha 2076: (A): linguas@+,+@ e@>,<@ curiosamente, um português asiático, mais doente +ainda+ e
 linhas 2076-2077: A: ^coloridos^ que
 linha 2077: (A): ninguém@+,+@ >e< ^o^ próprio
 linha 2080: A^I: espetacular. *Pedia-se*, tirava (A): Solicitado, *tirava* o dolman
 linha 2081: (A): repugnar@+,+@ mas
 linha 2082: (A): e *secular*. Principalmente isso: uma +tamanho+ anormalidade *epidermica* que
 linha 2083: (A): velhice *imortal*.
 linha 2084: (A): impressão >exquisita< a fantasia (A): início de parágrafo: “Ainda ajudava [...]”
 linhas 2084-2085: (A): horripilante +da maioria+ *dos desenhos*, tão *corajosa* na sua pornografia
 litúrgica a ponto de *aparentar* ou
 linha 2086: (A): ser *uma* inocência +amedrontadora+ *de* paranoico.
 linha 2087: (A): des-/crever +aquele mundo de+ >as< *tatuagens* >dele< , *algumas* pueris
 linhas 2087-2088: (A): nada, +mas chocando por essa mesma violência de contraste+ a grande A:
 contraste +com+ a grande
 linha 2089: (A): religiosidade >masoquista< *da* >mais< sensualíssima
 linhas 2090-2091: (A): irregulares@+,+@ *dum desenho meticolosíssimo*, *aparentando* chumaços
 linha 2091: (A): depilado +por natureza+ , apenas
 linha 2092: (A): penugem *doirada* nas partes e +nos+ sovacos,
 linhas 2093-2094: (A): tatuagens *nem* sei como explique a sensualidade@+,+@ +a por-/nografia+ que
 emanavam.
 linha 2095: (A): feito *asas* >artríticas< *nodosas* pelas
 linhas 2095-2096: (A): peitaria. \Na #direita#\ ^o^ chumaço acabava +á direita+ na boca *aberta* dum
 linha 2097: (A): nome *debaixo*.
 linha 2098: A²: Nota MA: a grafite: “(12)”, número destacado por círculo a lápis vermelho, sugerindo
 acrêscimo, a partir de nota de trabalho, a ser efetivado na versão posterior (A): nos
 corpos@>,<@
 linha 2099: (A): distintivos de *corpos* clubes, (A): figurinhas de *revista* A: de
 revistas@+,+@ A^I: de clubes +esportivos+ , frases
 linha 2101: (A): imoralidades. E sempre estas A: imoralidades. +Só então não exigia modelos,
 inventava;+ ^E^ =sempre= >estas< saiam
 linha 2102: (A): eivadas de *religiosidade*, de interpretação A: religioso. +Eram+ =de= interpretação
 linhas 2102-2103: (A): deixavam ^tatuado^ , gente (A): pouco *sedutora* >em geral< pros
 linha 2104: (A): fute-/boleres, *beatos*. Mas no caso de fazer alguma, >ela< vinha sempre acompanhada
 de algum
 linha 2107: (A): boçais. +Muitos mulatos.+ *Estes* é que *atraiam* fregueses, A: mulatos. >E<
 ^essa^ roda
 linhas 2107-2108: (A): fregueses, +alguns+ acolitavam

- marinheiro alemão **de tipo raro**. Muito viajado, com seus **quarenta** anos talvez, êsse era bem capaz dos crimes piores, só que tinha a paciência maruja de não procurar coisa nenhuma, esperando. E como no tempo em que viveu em São Paulo nenhuma falcatrua lhe surgiu, viveu sem nenhuma, perfeitamente adaptado e sem **nenhuma** pressa de viver. Sabia muita coisa, falava mal várias línguas, e curiosamente, um português asiático, mais dolente **ainda** e menos colorido que os diversos portugueses do Brasil. Tatuava como ninguém. **O** próprio corpo dele era uma renda minuciosa, já muito escalavrada por berevas antigas estrelando em franziduras e beijos polidos de cortes. Mostrava o corpo com uma indiferença espetacular. Solicitado, **retirava** o dolman e a calça e já estava nú. Não chegava a repugnar, mas afastava com um quê de sobreumano e **de reliquia**. Principalmente isso: uma **tamanha** anormalidade **de epiderme** que impressionava como si fosse o resultado duma velhice **milénar**.
- Ainda ajudava essa impressão a fantasia horripilante **da maioria das** **tatuagens**, tão **audaz** na sua pornografia **religiosa** a ponto de **parecer** ou realmente ser **aquela** inocência **amedrontadora do** paranoico. É impossível descrever **aquele mundo de desenhos**, alguns pueris e não interessando nada, **mas chocando por essa mesma violência de contraste com** a grande maioria cultivando uma religiosidade **de** sensualíssima espécie. A particularidade inesquecível eram uns a modo de borrões irregulares, **duma grafia meticolosíssima, representando** chumaços de pêlos. Totalmente depilado **por natureza**, apenas com uma penugem **dourada** nas partes e **nos** sovacos, essas restingas de pêlo abundante e crespino das tatuagens **não** sei como explique a sensualidade, **a pornografia** que emanavam. Sobretudo a quasi cabeleira em torno do umbigo e se alongando feito **asa nodosa** pelas pregas entre a barriga e a peitaria. **O chumaço** acabava **à direita** na boca **escancarada** dum perfil feminino, boniteza de folhinha, topete e birote ainda, com um nome **em baixo**.
- Esse marinheiro tatuou muita gente em São Paulo. Copiava nos corpos distintivos de clubes esportivos, frases votivas de amor, bandeiras, figurinhas de **[revistas,**
- que reduzia com admirável habilidade a uma bastante viva síntese linear. Mais raro, e só com previo consentimento gravava imoralidades. **Só então não exigia [modelos, inventava;** e sempre **as imoralidades** saíam eivadas de **ardor religioso**. Eram de interpretação obscura, pouco **sedutoras** pros que se deixavam tatuar, gente simples, operários moços, amantes, futeboleres, **vadios**. Mas no caso de fazer alguma, vinha sempre acompanhada **dum** chumaço de pêlo.
- Pois o alemão conseguira aqui uma rodinha nutrida, feita principalmente de brasileiros boçais. **Muitos mulatos**. Essa **roda** é que **atraia** freguêses, **al-**

topo da página: (A): 58 ^>guns acolitavam as tatuagens, e[mprestavam]<^
 linhas 2107-2108: (A): fregueses, +alguns+ acolitavam
 linhas 2108-2109: A^l: tatuagens, >lhe< emprestavam (A): tatuagens@, @ +O alemão+
 ^emprestavam^ dinheiro +deles e todos da-/vam+ sem discussão@+, @ >e< +embora a
 importancia+ jamais *voltado* ao dono.
 linhas 2109-2111: A: dono. *Dando comigo* @+, @ que engrolava o alemão, deu a trela. Se A^l:
 alemão, +o marujo+deu (A): dono. >Me conhecendo, que engrolava o alemão, o
 marujo< +Mas o tipo era tão sustuoso de si, duma afabilidade que êle deixava cair sobre todos
 com tamanha sobrançeria, + e *deu* a trela +com tão discreta indiscrição...+ Se A: tão
 ^sustuoso^ de si, duma afabilidade que >êe< deixava
 linha 2112: (A): bem, +de resto, + com uma dóse enorme de cabotinismo >e mentira< . *Mas* parece
 linha 2113: A: de ^Haidelbergue^ >e< +como contava, pois+ sabia (A): Heidelbergue@+, @ como
 linha 2114: (A): marinheiro +ou ginasiano+ saber. Curiosa *ainda* era
 linha 2115: (A): flores@, @ (A): abre parágrafo: “Socialmente falando [...]”
 linha 2117: (A): inteiro *sozinho*, sem
 linha 2118: (A): Estirado *nũa* maqueira e *tocando cordeona* +bem movido, com uma virtuosidade
 enorme que nos poderia distrair cinco minutos.+ No
 linha 2121: (A): laranjas@+, @ que
 linha 2122: A: despediu dos *parceiros, dizendo* que (A): despediu >dos admiradores< , falando que
 ia viajar@, @ >o certo é que< +E+ desapareceu. A: despediu@+, @ falando
 linha 2123: (A): negros *sempre deram entre nós* *#sempre# deram em ge[ral]* davam quasi sempre o
 linha 2124: (A): *de* desperdicio
 linha 2125: A^l: *muito tempo* numa
 linha 2126: (A): emigrado@+, @ com mais
 linha 2127: (A): +os quarenta anos duma *senhora*+ mulher argentina. Os “cavalheiros” que o ajudavam
 form[avam] eram um A^l: anos *duma* da mulher argentina. Os “cavalheiros” *que o
 ajudavam eram* um (A): ^um^ sucia
 linha 2128: A: +semi+criminosos.
 linha 2129: (A): +á custa+ de *roubo*. Ao contrário *de todas as* congeneres@+, @ as damas é que
 pagavam@+, @ >e< *tinham*,
 linha 2130: A: escolher >o< cavalheiro (A): compensação@+, @ o direito *a* escolher
 linha 2132: (A): baile@+, @ elas
 linhas 2133-2134: (A): pelo *Segundo Secretario* e +pelo+ *Segundo Tezoureiro* (os
 linhas 2134-2135: (A): os *Primeiros* apenas escrituravam *dũa* maneira policiavel *as reuniões
 sociais* na frente *dũa* mezinha coberta com um ^pano-de-chá^ muito
 linha 2136: (A): parava@+, @ e o *Orador* oficial
 linha 2137: (A): chamaram *a* “dispensa”
 linha 2139: (A): tudo. >E< ^o^ dispenseiro
 linha 2140: (A): tudo@+, @ pra
 linha 2144: A: á +nossa+ Sociedade (A): @#“#@ ilustrar @+“+@ pela

guns acolitavam as tatuagens. O alemão emprestava dinheiro deles e todos davam sem discussão, embora a importância jamais voltasse ao dono. Mas o tipo
 2110 era tão suntuoso de si, duma afabilidade que deixava cair sobre todos com tamanha sobranceira, e dava a trela com tão discreta indiscrição... Se exprimia bem, de resto, com uma dóse enorme de cabotinismo. Porém parece mesmo que fôra estudante de Heidelbergue, como contava, pois sabia coisas impossíveis dum apenas marinheiro ou ginásiano saber. Curiosa também era a paixão
 2115 que tinha pelas flores...

Socialmente falando era um safado de marca maior, aproveitando de todos. Egoísta e triunfalmente egotista. Passava o dia inteiro no quarto, sem fazer nada. Estirado numa maqueira e embocando o berimbau, bem movido, com uma virtuosidade enorme que nos poderia distrair cinco minutos. No fogareirinho
 2120 fazia café e fritava algum ovo muito raro. No geral vivia de frutas e pão. Gostava especialmente de laranjas, que comia vorazmente, com casca. Um dia se despediu, falando que ia viajar. E desapareceu.

As sociedades de negros ~~\$sempre deram em ge\$~~ davam quasi sempre o exemplo do desperdício moral e do chinfrim. Uma das mais curiosas foi a mantida
 2125 muitos meses numa rua escusa da Barra-Funda. O presidente perpétuo era um mulato da maior mulataria, baiano emigrado, com mais carnes e gorduras que os quarenta anos da mulher argentina. Os “cavalheiros” do conluio formavam uma sucia de espertalhões semicriminosos. A sociedade era de baile e se mantinha de roubos. Ao contrário das congeneres, as damas é que pagavam, tendo,
 2130 em compensação, o direito de escolher cavalheiro prás danças e pra depois das danças. Não havia mensalidade estipulada e nem se aceitava dama que não fosse criada. Nos dias de baile, elas chegavam, entravam e procedia-se á coleta. O presidente, acompanhado pelo segundo secretário e pelo segundo tesoureiro (os primeiros apenas escrituravam de maneira policiável o movimento
 2135 social) na frente duma mesinha coberta com um pano de chá muito fino, tocava num gongo de prata. Tudo parava, e o orador oficial saudava o belo-sexo. Depois é que principiava o que eles chamaram de “dispensa” pra dansar. As damas vinham, uma por uma, e deixavam sobre as rendas da toalha, anéis, estatuetas, colheres de prata, gravatas, combinações, broches, tudo. O dispenseiro
 2140 vinha, arrebanhava tudo, pra em seguida o presidente encerrar a cerimônia com um discurso de congratulações em que se salientava o papel da “senhorinha” Rosalia que truxera um anel cabochão, a senhorinha Eloiza que se “dispensava” sempre com colheres e garfos de prata, assim sim! moças que haviam de se ilustrar “pela dedicação á nossa Sociedade e a haviam de elevar apesar de

linha 2145: A: contemporanea. +Tenho dito”.+
 linha 2146: (A): manifestação *curi[osa]* notavel (A): dando *ũa manifestação* notavel entre as
 ^gente^ de
 linha 2147: (A): *no* Estado e especialmente *na* capital:
 linha 2148: (A): >em< sistematizado (A): >das< +contra as+ outras raças. *Estavam rareando* cada
 linha 2149: (A): entre *pretos* e individuos A: outra >qualquer< côr.
 linha 2151: (A): predominava *prin[cipalmente]* e sobretudo (A): predominava >e sobretudo
 predominara< aqui.
 linhas 2152-2153: (A): possuem +diante do corpo negro.+ Uma (A): americanas, *o mesmo alvôrço
 de atração* que@+,+@ +por exemplo,+ \#portugueses e# franceses\ *possuem* diante do
 corpo negro. >Uma< ^simples^ questão
 linha 2154: (A): de +bastante+ raros
 linha 2155: (A): italianos@>,<@ (o contrário *inda* era
 linha 2157: (A): Mas *essa* separação
 linha 2158: (A): de côr@>,<@ um
 linha 2159: (A): se *organisarem* (A): >social< sexual,
 linha 2160: (A): tribus, *sociedades,* companheirices que@+,+@ embora sem a *mais minima* intenção
 linha 2161: (A): se compunham >na maioria< exclusivamente
 linhas 2163-2164: (A): audacia +ou que o animasse uma aberração gostadora exclusivamente de negras+ ,
 não
 linhas 2164-2165: (A): conseguia *sustentar-se nelas,* principalmente porquê a negrada brasileira@+,+@
 bem
 linha 2167: (A): sobre >a cor que tinham< +o negrume racial,+
 linha 2168: (A): sem #nenhuma# amargura@>,<@ nenhuma, se chamando
 linhas 2168-2169: (A): Por >tudo< is-/so@>,<@ o branco não tinha >nesses< +dentro dos+ clans
 linha 2170: (A): individualidade@+,+@ porquê
 linha 2171: (A): dos *parceiros* negros,
 linha 2172: (A): numa +enorme+ subalternidade A¹: +pobre+ aventureado
 linha 2173: (A): *É* possivel que *o* simples *fenomeno* visual
 linhas 2173-2174: (A): proporcionasse *a esse recrudescimento negro* dos pretos uma aparência
 estrondosa@>,<@ que
 linha 2175: A: incontestavel >que< que A: estatística, ^porêr^ era
 linhas 2176-2177: (A): optimista >(?)< dos sociologos@+,+@ profetizando o \#desaparecimento# total\
 da raça
 linha 2177: (A): faziam *ante* prever
 linha 2178: (A): novo *de* raça >negra< entre nós;
 linha 2179: (A): tipo *africano* puro
 linha 2180: (A): velho >de Minas ou da Baía< , era
 linha 2181: A²: Nota MA: a grafite: “(18)”, número destacado por círculo a lápis vermelho, sugerindo
 acréscimo, a ser efetivado na versão posterior A: puro +(1)+

- 2145 tantos precarços da nossa vida contemporanea. Tenho dito”.
- Aliás estava se dando **um fenomeno** notavel entre **as gentes** de raça negra **do** Estado e especialmente **da** capital: uma especie de seccionamento sistematizado **\$das\$ contra as** outras raças. **Rareavam** cada vez mais as uniões físicas entre **negros** e individuos de outra **qualquer** côr. Apesar da vastissima
- 2150 proporção de letões, sirios, estonianos, alemães, russos, polacos, sempre o italiano inda predominava aqui. Ora o italiano jamais demonstrara, mesmo vindo viver em terras americanas, **a mesma atração alvoroçada** que, **por exemplo, franceses e portugueses demonstram** diante do corpo negro. **Simples** questão de tendência fisiologica, pois que apesar de **bastante** raros os casamentos entre
- 2155 pretas e italianos (o contrário **ainda** era mais raro), não se criara aqui o mais minimo preconceito social de côr, capaz de preparar uma futura questão negra, que nem nos Estados Unidos. Mas **a** separação obscura, vaga, não [determina-
- da mas real, ocasionara nos individuos de côr um isolamento por assim dizer **\$social\$** sexual, que os fez de novo se voltarem pra si mesmos e se reunirem
- 2160 em tribus, **associações**, companheirices que, embora sem a **menor** intenção de classe, de raça e reivindicação social, se compunham exclusivamente de pretos. Um ou outro branco raro que se aventurava nessas rodas, a não ser que tivesse mesmo uma constancia prodigiosa de audacia **ou que o animasse uma aberração gostadora exclusivamente de negras**, não conseguia **sustentar em**
- 2165 **tais associações**, principalmente porquê a negrada brasilica, bem aceita em qualquer meio e não sofrendo de nenhuma humiliação de côr, não alimentava o sonho de clarear pigmentação. Eles mesmos blagueavam sobre **o negrume racial**, desinteressados, sem amargura nenhuma, se chamando de “jaboticabas”. Por isso o branco não tinha **dentro dos** clans negros nenhum prestigio especial, antes se via espesinhado como individualidade, porquê a beleza e elasticidade física dos **rivaís** negros, a natural loquacidade viva dêstes, deixavam o branco **pobre** aventurado nessas rodas, numa enorme subalteridade de brilhação.
- Bem** possivel que **a** simples **sensação** visual da côr proporcionasse **ao seccionamento \$negro\$ dos pretos** uma aparencia estrondosa que êle estivesse
- 2175 longe de ter na realidade estatistica, **porém** era incontestavel que o fenomeno desmentia a visão optimista dos sociologos, profetizando o **total desaparecimento** da raça negra no Brasil. Os fatos paulistas faziam **antes** prever um apuramento novo **da** raça entre nós; e si de fato, como afirmavam os etnólogos, o tipo negroafricano puro já era mais que raro no país, só persistindo
- 2180 nalgum exemplar velho, era possivel imaginar que estavamos testemunhando a fixação dum tipo novo, o do negrobrasileiro puro **(1)**.

linha 2181: Nota MA: a tinta preta: “Nota no baixo da página, em tipo menor.// (1)”

⊗ “BANDIDOS”// “ELEMENTOS CORRONPIDOS DO POVO NEGRO,// SALTEADORES DE NOSSA CLASSE...// ENVERGONHADORES DO PASSADO.// – GENTE SEM INSTINTO, GENTE PERVERSA, GENTE SEM CORAGEM, GENTE/ DESANIMADA E PANDEMONIO DO POVO NEGRO.// OH! GENTE SEM CORAGEM, NÓS ESTAMOS EM LUCTA PARA O BEM E A MORAL/ DA RAÇA, E VÓS BANDIDOS SEM INSTINTOS CONTINUEIS A PARAR NAS ESQUI-/NAS DE PERNAS BAMBAS, DANDO CAMPO AO ATAQUE DA IMPRENSA E MESMO/ A DIFAMAÇÃO DE SEU PROPRIO POVO!...// – BANDIDOS, REGENEREM-SE BANDIDOS.”// _____// “AQUELE”// “COVARDE!... ESTUDOU E ANDA CALADO, PERMITINDO QUE OUTROS ATAQUEM/ A SUA PROPRIA RAÇA, SEU PROPRIO SANGUE, SUA PROPRIA PATRIA, E SEUS/ INDEFEZOS PAES!...// E QUEM É ESSE? É O GRANDE COVARDE DA RAÇA NEGRA./ E QUEM É O GRANDE COVARDE? É AQUELE QUE EMBORA SENDO UMA GRAN-/DE MENTALIDADE DA RAÇA, É O MAIOR CANALHA E FARIZEO DE SEU PO-/VO.// ACORDA-TE COVARDE, E VENHA AO NOSSO ENCONTRO. ACOR-/DA-TE FARIZEO. E ELE NÃO ACORDA, OU POR OUTRA, QUER PERTENCER COM/ TODAS AS POMPAS E REGALIAS A UMA CLASSE QUE DIA A DIA, MAIOR/ ULTRAJE ATIRA A SUA FAMILIA, ESTA GRANDE FAMILIA NEGRA DO BRA-/SIL.//CANALHA, ACORDA-TE.// COVARDE, LEVANTA-TE// FARIZEO, DESPERTA-TE PARA A LUCTA.// – S. PAULO, 16 de Fevereiro de 1932.// – O Frentenegrino-// PEDRO PAULO BARBOZA.” ⊗ +Documentos como êstes, a criação curiosa e bastante ridícula dessa Fren-/te Negra, viriam em breve testemunhar que de fato a gente negra se tornara/ conciente do seccionamento em que aos poucos principiara a viver neste se-/culo vinte. Si por 1928 fatos tão comprobantes assim ainda não tinham se/ passado, o fenomeno já rumorejava muito e se tornava perceptível a qualquer/ observador.// _____ +

Nota no baixo da página, em tipo menor.

(1)

(“BANDIDOS”

“ELEMENTOS CORRONPIDOS DO POVO NEGRO,
SALTEADORES DE NOSSA CLASSE...
ENVERGONHADORES DO PASSADO.

– GENTE SEM INSTINTO, GENTE PERVERSA, GENTE SEM CORAGEM, GENTE
DESANIMADA E PANDEMONIO DO POVO NEGRO.

OH! GENTE SEM CORAGEM, NÓS ESTAMOS EM LUCTA PARA O BEM E A MORAL
DA RAÇA, E VÓS BANDIDOS SEM INSTINTOS CONTINUEIS A PARAR NAS ESQUI-
NAS DE PERNAS BAMBAS, DANDO CAMPO AO ATAQUE DA IMPRENSA E MESMO
A DIFAMAÇÃO DE SEU PROPRIO POVO!...

– BANDIDOS, REGENEREM-SE BANDIDOS.”

“AQUELE”

“COVARDE!... ESTUDOU E ANDA CALADO, PERMITINDO QUE OUTROS ATAQUEM
A SUA PROPRIA RAÇA, SEU PROPRIO SANGUE, SUA PROPRIA PATRIA, E SEUS
INDEFEZOS PAES!...

E QUEM É ESSE? É O GRANDE COVARDE DA RAÇA NEGRA.
E QUEM É O GRANDE COVARDE? É AQUELE QUE EMBORA SENDO UMA GRAN-
DE MENTALIDADE DA RAÇA, É O MAIOR CANALHA E FARIZEO DE SEU PO-
VO.

ACORDA-TE COVARDE, E VENHA AO NOSSO ENCONTRO. ACOR-
DA-TE FARIZEO. E ELE NÃO ACORDA, OU POR OUTRA, QUER PERTENCER COM
TODAS AS POMPAS E REGALIAS A UMA CLASSE QUE DIA A DIA, MAIOR
ULTRAJE ATIRA A SUA FAMILIA, ESTA GRANDE FAMILIA NEGRA DO BRA-
SIL.

CANALHA, ACORDA-TE.
COVARDE, LEVANTA-TE
FARIZEO, DESPERTA-TE PARA A LUCTA.

– S. PAULO, 16 de Fevereiro de 1932.

– O Frentenegrino-
PEDRO PAULO BARBOZA.”

Documentos como êstes, a criação curiosa e bastante ridícula dessa Fren-
te Negra, viriam em breve testemunhar que de fato a gente negra se tornara
conciente do seccionamento em que aos poucos principiara a viver neste se-
culo vinte. Si por 1928 fatos tão comprobantes assim ainda não tinham se
passado, o fenomeno já rumorejava muito e se tornava perceptível a qualquer
observador.)

linha 2183: (A): novo, >e< o americanismo, >#cria[ndo]#< e a *ignorancia dos* falta de (A):
 americanismo, >e< a
 linha 2185: (A): afeta >logicamente< muito
 linha 2186: (A): paulistas, *na* grande A: os >clans de< negros
 linha 2187: (A): crença@+,+@ que A: bandalheira *gosada e traiçoeira*. A
 linha 2188: (A): religiosidade *sentimental* >e< supersticiosa
 linha 2190: (A): sinão *muito poucos*. Estes A: resguardavam >mais< honestos
 linha 2191: (A): Rosario@+,+@ tendo
 linha 2192: A: mais a *crença* *a reli[giosidade]*, quando inda existia, era apenas ^episodica^
 linha 2195: A: *cuja* unica (A): senhor@+,+@ cujo
 linha 2198: (A): sem *leis*. Assim,
 linha 2200: (A): mostravam@, @ e (A): ostentação \#neles# descambava\ =neles=
 linha 2202: (A): de *maneiras* costumes A: de ^mostumes^ em
 linha 2203: (A): com +certa+ frequencia
 linha 2204: (A): eram *moças* novinhas (A): *pretas* novinhas ainda, em plena rua@+,+@
 bebadas@+,+@ se
 linha 2205: (A): *Acabada* ^a^ brincadeira\ acaba no xadrez@>, <@ *qu[a]ndo* A: A brincadeira
 ^acava^ no
 linha 2206: A^I: si ^protegidos^
 linha 2207: (A): pra *ir* A: pra >irem<
 linha 2208: (A): amor@+,+@ inda
 linha 2209: (A): Recrudescia +muito+ com
 linha 2211: (A): Negrinhas *limpas*, de (A): Direito >e mais conquistas< que@+,+@ diziam, era
 apreciador de negras. *Negrinhas* barateiras
 linha 2212: (A): e +sempre+ limpo A: limpo@+,+@ apesar
 linha 2212-2213: A^I: traços sublinhando e arco ligando palavras do mesmo radical: “delas preferirem o
 meretricio de rua, mais semostrador e divertido que o de espera. O lugar preferido delas [...]”
 linhas 2213-2214: (A): eram #os jardins do# +ali mesmo junto da praça do Correio,+ =os jardins do=
 Anhangabaú. A: mesmo@+,+@
 linha 2216: (A): baixas e *copa* folhudas,

Contra isso vinha se opor, em dose que inda não se pode garantir suficiente, a mudança de costumes que o tempo novo, o americanismo, a falta de organização tradicional de negros, estava criando aqui. A liberdade de costumes afeta muito mais os ignorantes e sem tradição. Isso a gente notava muito entre os ~~elans-de~~ negros paulistas, ~~em~~ grande maioria caídos numa promiscuidade, numa bandalheira ~~que na certa os atraía bem~~. A crença, que entre eles, [sempre

conservados na ignorância, fôra apenas uma religiosidade supersticiosa fundamentada numa confusão de assombros católicos e mitológicos, não prendia 2190 sinão ~~a menor parte~~. Estes se resguardavam ~~mais~~ honestos sob a confraria do Rosario, tendo á frente sempre algum zumbi arranjado, com vasto correntão de ouro no colete. Nos mais ~~o Catolicismo~~, quando inda existia, era apenas ~~episodico~~ e cedia ao primeiro convite da vida.

O conceito de família inda era mais vago nesses descendentes de escravos, dos quais a única família fôra o senhor, cujo sobrenome herdavam. Nenhuma tradição de nenhuma espécie salvaguardava êsses pobres. E o que o mundo lhes mostrava de brilhante era a liberdade de maneiras, a ostentação combativa do corpo e do luxo, um intuitivismo sem ~~lei~~. Assim, imitavam ridiculamente os brancos, exagerando naturalmente o que os patrões e os jornais mostravam; e o que nos brancos era ostentação ~~\$neles\$ descambava neles~~ pro mais repugnante despudor, o que era intuitivismo em animalidade, o que era liberdade de costumes em bandalheira completa. Desaparecidos os tipos populares de bebidas velhas, agora o que se via com ~~certa~~ frequência eram 2200 ~~negras~~ novinhas ainda, em plena rua, bebidas, se encostando nos transeúntes com grandes risadas e convites abertos. ~~A brincadeira acabava~~ no xadrêz ~~si~~ realizada em pleno dia, ou nas mais fabulosas noites de gôso, si protegido pela condescendência do escuro, algum mais safado as tomava pra si, pra ~~irem~~ saber como eram certos passes de amor, inda não conseguidos.

Recrudescia ~~muito~~ com tudo isso o meretrício negro, dantes tão raro na 2210 circumspecta São Paulo, em que sempre fôra pedra de escândalo um lente de Direito que, diziam, era apreciador de negras. ~~Pretinhas~~ barateiras, de corpo alinhado e sempre limpo, apesar delas preferirem o meretrício de rua, mais semostrador e divertido que o de espera. O lugar preferido delas eram ~~\$os\$ \$jardins-de\$~~ ali mesmo, junto da praça do Correio, os jardins do Anhangabaú. Jardins escuríssimos porquê neles a pessima iluminação paulistana inda se via 2215 estorvada pelas árvores baixas e folhudas, eram perfeitamente propícios às negrinhas. Não que elas se envergonhassem de si, mas a escuridão lhes protegia os amadores brancos que inda guardavam um preconceito. Por ali pas-

linha 2219: A: praça *Verdi* pra (A): praça >do Correio< pra
 linha 2221: (A): *passavam*, num
 linha 2222: (A): parava >^, ma^< mais
 linha 2223: A: elegante *fechando* com
 linha 2225: (A): espera, ^olhavam^ com
 linha 2228: (A): ^de cór^ que A^l: riqueza *alguma* f^verdadeira (comprovada) f^
 linha 2229: (A): sábado *principalmente*, os
 linhas 2230-2231: A^l: luxo *deles* a qualidade (A): luxo *dos jardins* a qualidade *desses* contratos
 linha 2231: (A): Mas >ás vezes< +o parque+ regorgitava@>,<@ curiosissimo
 linhas 2232-2233: (A): praça ^Verdi^ o
 linha 2235: (A): ninguém *se mexia* na A: ninguém ^podei^ se ^moxer^ na
 linhas 2235-2236: (A): Tudo *fôra* aproveitado.
 linha 2236: (A): onde o +proprio+
 linha 2239: (A): balcão *do* café >expresso< e >da< garapa >gelada<. Mas
 linha 2240: (A): o *lugar* era
 linha 2241: A: bilhetes@+,+@ num
 linha 2242: (A): +perfeitamente+ inutil A: inutil@+,+@ porquê
 linha 2243: (A): gesto *pra* pagar coisa nenhuma@,@ ^já^ estava
 linha 2244: (A): capital >e< @,@ ^quanto^ a Chico Antonio, *êle* nem sabia@>,<@ +mais o que se
 passava+ estava
 linha 2245: (A): tomar a *direção* iniciativa (A): Caira >no seu torpor< \#habitual# de scisma\,
 recebendo
 linha 2248: A: Chico Antonio *nessa* noite,
 linhas 2250-2251: (A): fadiga >do passeio que êle mesmo inda não tinha percebido.< +dolente ocasionada
 pelas sensações descompassadas da noite+. >Mas< ^impulsionado^ por *alguem* um freguês
 que A: dolente *ocasionada pelas* sensações
 linhas 2252-2253: (A): rua, *sorrindo* +do ocorrido+ , que (A): Chico Antonio *descera* o
 linha 2254: (A): e@+,+@ encostado na parede +da rua+, dobrara a perna esquerda@+,+@ prendendo
 linha 2255: (A): braços >longos< lhe caiam *no* longo do corpo@+,+@ e@+,+@ mandado

- savam muitos dos que buscavam a praça pra se orientar no divertimento da
 2220 noite. De lá vinham muitos buscando as aventuras da noite. As negrinhas pas-
 seavam, **passeavam**, num vagamundear galinaceo, passos lerdos, ritmo
 [incompara-
 vel. Às vezes era até uma baratinha que parava mais adiante. A safadinha nem
 apressava o andar. Fechando os ombros, num gesto elegante apertando com as
 duas mãos cruzadas a golinha de pele do casaco, passando pelo motorista á
 2225 espera, olhava com indiferença traiçoeira. Si chamada, debruçava na portinho-
 la do auto e sabia responder com voz arrastada e sem medo. A conversa era
 curta no geral, e a safadinha deixava-se raptar por pouco preço. Já sabiam
 de-cór que automovel não queria dizer riqueza verdadeira (**comprovada**).
 Em noite de sábado **então**, os jardins do Anhangabaú eram um vi-
 2230 veiro de contratos amorosos. E contrastava ironicamente com o luxo **da ambi-
 encia** a qualidade **dos** contratos. Mas **o parque** regorgitava curiosissimo. E de-
 le principalmente é que no curiangular do seu vôo curto, ia ter na praça **do
 Correio** o rebotalho do meretricio e da viadagem paulistana.
 Jorge conduzira os companheiros até o café expresso do sirio. Era um
 2235 quartinho sem ar quasi, onde ninguém **podia se mexer** na estreiteza. Tudo **esta-
 va** aproveitado. Uma das portas se transformara em janela por onde o **proprio**
 dono do café vendia doces gelados. Da outra unica porta sobrada, metade se
 tomara com uma vitrina de pasteis e empadas quentes. Dentro havia o espaço
 apenas prá menina que vendia os bilhetes e pro balcão **de** café e garapa. Mas
 2240 o **ponto** era excelente e o café do sirio regorgitava a qualquer hora do dia.
 Seu João foi logo comprando os bilhetes, num estardalhaço de obsequio-
 sidade **perfeitamente** inutil, porquê o Jorge, está claro, não fizera o minimo
 gesto **de** pagar coisa nenhuma. Já estava bem carioquizado pela vida da capi-
 tal. Quanto a Chico Antonio, **êsse** nem sabia **mais o que se passava**, estava man-
 2245 dado, sem tomar a iniciativa de nada. Ca[í]ra **na cisma habitual**, recebendo
 [como
 um eco as sensações do exterior, divagando por dentro sem um tema.
 O café estava tão cheio que foram obrigados a esperar na porta. Jorge
 ainda guardava a idea duma farrita com Chico Antonio **essa** noite, olhou pra
 êle sorrindo. Mas o nordestino já estava longe da sensualidade, apenas viven-
 2250 do o mundo, numa certa fadiga **dolente nascida das sensações descompas-
 sadas da noite**. Impulsionado por **Salguem\$ um freguês** que saía, estreitou o pei-
 to contra a porta num gesto tão gracioso, virado o rosto pra rua, **se rindo
 do ocorrido**, que Jorge olhou pra êle extasiado. Chico Antonio **desceu** o degrau
 e, encostado na parede da rua, dobrara a perna esquerda, prendendo o pé numa
 2255 saliencia da arquitetura. Os braços lhe caíam **ao** longo do corpo, e, mandado

linha 2256: (A): aquecimento *do passeio* @+,+@ encostara
 linha 2258: (A): +masculina tão+ macia @+,+@ >tão deliciosa < duma *elegancia sensual* tão *inata*,
 que
 linhas 2258-2259: A: uma >dessas< mocidades
 linha 2259: (A): imagina *tendo* a perfeição
 linhas 2261-2262: (A): quem *a* sente *ũa* \#maravilhosa# satisfação\
 linha 2263: (A): conseguem +quasi+ tudo
 linha 2265: A: prestar >um< serviço,
 linha 2266: (A): de ^pegir^ compensação A^I: minima f'intenção/ intento f' de pedir
 linha 2268: (A): simpatia *maravilhosa* e sem
 linha 2269: (A): dadia +dela+>de< ser (A): um *mundo* bom
 linha 2271: (A): ^Ôh^, seu
 linha 2272: (A): >- Chico Antonio!< // – Você por aqui!
 linha 2273: (A): é @+,+@ +nhor sim+ ... Não
 linha 2274: (A): Allô, *mas Chico Antonio aqui!...*
 linha 2275: (A): +E+ *Eram* abraços,
 linhas 2275-2276: (A): altas, *lançadas como* quem
 linha 2278: (A): Astrogildo +Pinto de+ Brito >Colaço<, um
 linhas 2279-2280: A: ninharia. >Muito< ^palido^, moreno (A): ninharia @. @ +protótipo do cabeça
 chata.+ Palido, morenoe \#de madeira# >bem< forte\, duma A: Palido, ^morenoe^ forte
 de madeira, duma
 linhas 2280-2281: (A): braços @+,+@ +e+ *duma* ironia (A): tamanhos @+,+@ apesar
 linha 2282-2283: (A): espaçados *bem* amarelos A: amarelos @+,+@ côr
 linha 2283: (A): finissimos @+,+@ >e< duma
 linha 2284: (A): Vestia bem mas *atabalhado* coisas atrapalhadas, (A): Vestia *bem* >mas< coisas
 linha 2285: (A): +reclamista+ de inverno
 linhas 2285-2286: (A): banda, *auxiliando a ironia* avacalhando =a ironia= +tão+ *antipatica* dos olhos.
 linha 2287: (A): deputado, *secretario* chefe A: pai >dele< fôra (A): deputado +estadual+,
 chefe
 linhas 2287-2288: (A): polícia *terrivel*, secretário
 linhas 2289-2290: (A): advocacia *uma fazenda vizinhando com a em que* seu João
 linhas 2290-2291: A: Astrogildo >ne[la]< passou nela (A): Astrogildo *passou nela várias* férias
 linha 2291: A: em que *estudou nos* ginásios
 linha 2292: (A): adquirir *o direito* de (A): *foi* o *eterno* Direito,

pelo aquecimento **da caminhada**, encostara a cabeça na parede, oferecendo o pescoço á viração. Todas as atitudes e gestos dele eram assim, duma graça **masculina tão macia**, duma **sensualidade tão improvisada**, que se diria uma ~~des-~~
 2260 **perfeição do agradável**. Si era de fato bonito, era principalmente simpático, uma dessas simpatias envolventes, invencíveis, que dão a quem **as sente uma satisfação maravilhosa**.

Individuos dêsses conseguem **quasi** tudo e poderiam dominar mundo si subessem se aproveitar do invencível dom que possuem. Porquê nós nos sentimos
 2265 tão amigos deles, e especialmente tão alegres em lhes prestar serviço, que **intento**

não temos jamais a mínima intenção de pedir compensação. Nós mesmos é que nos compensamos com a alegria de prestar serviço. O favor não é nosso, é antes deles, dessa simpatia **encantada** e sem promessa, da qual, porquê é tão raro um **universo** bom assim, a gente não pede sinão a ddiva dela ser simpática.

2270 – Mas é o João!

– Ô, seu Astrogildo!

– Você por aqui!

– Pois é, **nhor sim**... Não conhece mais êste?...

– Chico Antonio! Allô, **Chi-co-An-to-ni-o por a-qui!!...**

2275 **E vieram** abraços, batidas nas costas, uma zuada de palavras altas, **ditas com a comodidade de** quem está dentro de sua casa, toda a gente virava pra ver.

Astrogildo era Astrogildo **Pinto de Brito**, um sujeitinho atarracado, bai-xote que só ninharia, **protótipo do cabeça chata**. Palido, moreno **forte de ma-**
 2280 **deira**, duma horizontalidade sistemática de linhas, olhos maravilhosos de tamanhos, apesar de meio baços, e com uma ironia despeitada se escondendo por detrás da morbidez. Boca bem sã, com dentes perfeitos espaçados, muito amarelos, côr de fôrça. Os cabelos, castanho claro, eram finíssimos, duma lisura perfeita. Vestia **do quasi bom**, coisas atrapalhadas, seu brilhante na gravata, so-
 2285 bretudo **reclamista** de inverno polar, e um chapéu de palha meio de banda, ~~Sau-\$~~
~~\$xiliando a ironia\$~~ **avacalhando** a ironia **tão inteligente** dos olhos.

Cearense legítimo. O pai fôra deputado **estadual**, chefe de polícia **de as-**
sassinar, secretário geral de Estado e mais outras coisas de homem com in-fluência e politicagem condescendente. Herdara por questões de advocacia **o**
 2290 **naco de sertão seridôense em que** seu João fôra morador, e Astrogildo **lá vive-**
ra muitas férias, no tempo em que passeou pelos ginasios recifenses. Depois **viera o indiscutível** Direito, estudado malemal, só pra adquirir a senha de

linha 2293: A: decisão *tomada*. O pai (A): *aventura*. Nem bem formado, +Astrogildo+ já
 linha 2294: (A): preferisse +mais razoavelmente+ pro
 linhas 2294-2295: (A): fizera@+,+@ porê^m A: ^porê^m^ o moço
 linha 2296: (A): o ^sul^. Veio pro ^sul^.
 linha 2297: (A): mais *ũa* amostra +, entre muitissimas,+ dêsse >miseravel< fenomeno
 linha 2298: (A): do ^sul^. Em tudo@>,<@ amostra
 linha 2300: (A): numa >inteligencia de e[xistencia]< =existencia= variada (A): apenas se
 avacalhar numa existencia >variada e< aventureira A: aventureira@+,+@ de
 linha 2301: (A): inteligencia ^vivasci^ vivacissima A: tão ^exteior^ de
 linha 2302: (A): proprias *noções* de ambição e de *ilusão* de que
 linha 2303: (A): impedia >paciencia e< constancia.
 linha 2304: (A): emprêsa@+,+@ tinham
 linhas 2305-2313: (A): comêço. + Era mais raro, e tanto mais espantoso, um maranhense tendo de seu, ca-
 /sado rico no Nordeste mesmo, e preferindo vir, depois da viagem aos hospitais/ de Viena,
 montar o melhor \$consultorio\$ laboratorio de garganta e ouvido numa/ cidade do Interior
 paulista, a ficar na sua capital vivendo em grande esca-/la. Casos dêsses até horrorizam pela
 estranhêz. A maioria principiava mesmo/ pelo comêço. Um empreguinho lhes bastava, aos que
 não tinham mais que uma as[-]/piração fisica de atividade, um empreguinho no Correio, noutra
 repartição/ qualquer, doutores a vender selos, a colecionar papeis, engenheiros pagando viúvas
 pensio-/nistas da Nação.+
 linha 2308: A: na >sua< capital +de seu Estado,+ vivendo
 linha 2314: (A): >E< #o comêço# +Mas+ *pra grande maioria* dêsses
 linha 2315: (A): facil, +o comêço+ era
 linha 2316: (A): dotados +não+ os sujeitasse A: a ^vergueira^ de
 linhas 2316-2317: A^l: sujeitasse *á carreira*, mandados (A): sujeitasse *ao [magisterio]*,
 mandados
 linha 2317: (A): estaduana@+,+@ pros
 linha 2319: A: loquacidade@+,+@ carregados
 linhas 2319-2321: A: prognosticos nunca realizados de “grande futuro” +numa cidadinha qualquer+
 =mas= *de* São Paulo, (A): prognosticos *nunca realizados* #de “grande futuro”#\
 +ativos e muitas vezes realmente civilizadores,+ numa cidadinha
 linhas 2319-2320: A^l: de “grande futuro” jamais ^realizados^, ativos
 linha 2321: (A): com *mais importancia* regional@+,+@
 linha 2322: (A): +mais necessarios,+ e muito mais felicidade +essencial+ *pelos* >sublimes<
 coqueirais do ^norte^!
 linha 2323: (A): principiar +de+ mais
 linhas 2326-2328: (A): esperança +, não “tinha futuro”+. >A não ser que a< ^nobreza^, >a<
 dignidade@+,+@ >fossem esperanças...< +humanidade,+ *Mas êsse não era jamais o* ideal
 de quem +deixara a conciencia na ilha de Marapatá e+ vinha
 linha 2327: A²: Nota MA: a grafite: “(11)”, número destacado por circulo a lápis vermelho, sugerindo
 acréscimo, a partir de nota de trabalho, a ser efetivado na versão posterior

doutor. Nem bem formado, **Astrogildo** já estava com a decisão firme. O pai talvez preferisse **mais razoavelmente** pro filho uma carreira igual á que fizera, porém o moço esgotara a paciência de viver numa semi-riqueza nortista e sonhava só com o Sul. Veio pro Sul.

Astrogildo era apenas mais **uma** amostra, **entre muitíssimas**, dêsse fenómeno da atração do Sul. Em tudo amostra miseravel, porquê si alguns exemplos havia de nortistas que faziam carreira e se enriqueciam por cá, a maioria alcançava apenas se **esperdiçar** numa existencia aventureira, de expedientes. A propria inteligencia vivacissima e tão exterior de que eram dotados no geral êsses nortistas, as proprias **miragens** de ambição e de **conquista** de que vinham gerados, lhes impedia constancia. Quasi todos sem uma base de dinheiro que lhes permitisse fundar qualquer emprêsa, tinham que principiar pelo comêço. **Era mais raro, e tanto mais espantoso, um maranhense tendo de seu, casado rico no Nordeste mesmo, e preferindo vir, depois da viagem aos hospitais de Viena, montar o melhor \$consultorio\$ laboratorio de garganta e ouvido numa cidade do Interior paulista, a ficar na sua capital de seu Estado, vivendo em grande escala. Casos dêsses até horrorizam pela estranhêz. A maioria principiava mesmo pelo comêço. Um empreguinho lhes bastava, aos que não tinham mais que uma as[-] piração fisica de atividade, um empreguinho no Correio, noutra repartição qualquer, doutores a vender selos, a colecionar papeis, engenheiros pagando viúvas** [pensio-

nistas da Nação.

Mas pra um bem forte número dêsses filhos-familias burgueses, sem dinheiro, moldaveis e de inteligencia facil, **o comêço** era o jornalismo. A não ser que a vesgueira de ilusão de que vinham dotados **não** os sujeitasse **\$ao\$ á magistratura**, mandados pela nossa condescendencia estaduana, pros fundos do Estado, nalguma delegaciazinha, nalgum juizado de merda. Preferiam isso, brilhar pela loquacidade: carregados de prognosticos **de “grande futuro” já mais realizado, ativos e muitas vezes realmente civilizadores**, numa cidadinha qualquer mas de São Paulo, a viverem com **maior significação regional, mais necesarios**, e muito mais felicidade **essencial pelas terras do Norte!** Porém os mais pacientes, ou mais espertos, preferiam principiar **de** mais baixo, ficavam nas capitais e ingressavam no jornalismo. Que jornalismo lhes convinha? Jornalismo de deveras independente não havia em nossa terra, e isso e[-]ra carreira sem esperança, **não “tinha futuro”**. Nobreza, dignidade, **humanidade, tudo isso não podia ser ideal pra quem deixara a consciencia na ilha de Marapatá e** vinha pra um meio de financismo e aventura feito o nosso. Só havia jornalismo de Govêrno ou oposicionista. Ambos convinham pra essa moçarada

linha 2330: (A): debandavam *de* Manaos A: Baía, ^campendo* *o* “sul” (A): com
fome @+,+ @ que (A): um ^^“sul”^ lá A: deles@^,^@
linhas 2333-2334: (A): aleive@>,<@ >pelo impulso de que vivem,< facilitaram
linha 2334: (A): Pois *ai* ficavam
linha 2335: (A): vinha *quasi sempre*.
linha 2337: (A): paulistas@>,<@ sentissem
linha 2338: (A): em *servir a uma coisa dessas*. Talvez
linha 2339: (A): regionalista@>,<@ impedisse *êsses* estaduanos >de< ajudar
linha 2341: (A): raros ^conseguia as^ aguentar (A): neles@+,+@ e
linha 2342: (A): defensores *literarios.* impressos. (A): defensores *impressos*. Era
linha 2343: (A): que ^namorasse^ os A: >que< namorassem
linha 2344: (A): que >já< assuntara A: da terra@^,^@ Tanto (A): amor *da* terra,
linhas 2344-2345: A': que =já= *assuntara* já com facilidade a... psicologia (A): que já *tinham
assuntado* já +bem+ *com facilidade* a @>...<@ psicologia
linha 2345: (A): animava *êsses* arrivistas.
linha 2346: (A): nossas *vergo[nhas]* indecencias,
linha 2347: (A): estrangeiros. >Senhores,< +Sim,+ sou sergipano, sou isto, sou aquilo, *porê* o
linha 2348: (A): não *vibra* de entusiasmo
linhas 2349-2350: (A): que +a todos recebe de braços abertos e+ é o +mais justo padrão de+ *orgulho* do
linha 2350: A: dos >nossos< chefes, (A): chefes@>,<@ que
linha 2351: (A):que ^conduzirã* ^ á >nossa< grandeza do presente >a nossa< *terra* paulista? ^etc.^ etc.
linhas 2352-2364: (A): E aliás,/ nada lhes incomodaria a êsses nortistas que isto aqui fosse por agua abai-
/xo, possuídos no fundo, daquele despeito enorme que os do Norte tinham pelo/ progresso do
Sul, especialmente de São Paulo. Até que ponto mesmo o ódio, o/ despeito não moveria a
muitos dêsses? que aqui vinham banzar a sua ideolo-/gia de horas vagas, de excessivas horas
vagas, brincando de Comunismo, malba-/ratando o Comunismo, formando a quasi unica e
mesquinha especie de comunis-/tas de emergencia que tinhamos por aqui, até que ponto? Até
que ponto não/ lhes era grato, pragmaticamente olê! serem comunistas de boca, mas em troca/
de elogio abocanharem as sobras dos nossos Govêrnos, pragmaticamente olê!/*apressando*
salientando a infamia dum regime, introduzindo a inquietação na/ terra, apressando uma morte
certa, porquê, pragmaticamente sempre, isso era se-/guir a Lei vinda da Russia!+ O Correio
linha 2359: (A): @+(+@ de emergencia@+)+@ que
linha 2365: (A): pecuniaria >muito< reles.

- 2330 com **frio**, que debandavam desde Manaos até a Baía, campeando um “Sul” lá deles, visão infantil de inteligencia desabrida e sem mobilia. Mas si ingressavam no jornalismo de oposição, isso era apenas pra brilhar, mostrarem o que valiam, se valorizarem, porquê sempre o ataque a descompostura, o aleive facilitaram a brilhação. Pois **lá** ficavam brilhando apenas á espera do primeiro o-
- 2335 lhar de namôro que o Govêrno lhes lançasse. E êsse olhar vinha **muitas vezes**. O descaro, a prepotencia, a inominavel imoralidade governamentais já faziam com que os proprios desfibrados escritores paulistas sentissem uma certa repugnancia em **se porem do lado de Govêrnos dêsses**. Talvez tambem um resqui-
- 2340 cio de patriotismo regionalista impedisse **aos** estaduanos ajudar os oligarcas no malbarateamento de quanto São Paulo pudera ser. Se afastavam discretamente dos jornais governistas, raros conseguiam se aguentar neles, e os Govêrnos se debatiam numa carestia temivel de defensores **imprimiveis**. Era natural **que** namorassem os que vinham de longe, sem a tradição da terra, sem o amor **á** terra, sem a vergonha da terra. Tanto mais que já **estava já bem conhe-**
- 2345 **cida** a psicologia que animava **êstes** arrivistas. O Correio Paulistano então, eternamente o jornal oficial das nossas indecencias, pululava dessa especie de estrangeiros. **Sim**, sou sergipano, sou isto, sou aquilo, **mas** o meu coração é paulista! Quem não **se deixa empolgar** de entusiasmo e de amor ante esta terra maravilhosa que **a todos recebe de braços abertos e é o mais justo padrão**
- 2350 **de glória** do Brasil? Quem não sente a nobreza honestissima dos chefes que conduziram á grandeza do presente **o povo** paulista? **Repitamos com o mestre: São Paulo é uma locomotiva que puxa vinte vagões vazios. Etc. etc. E aliás, nada lhes incomodaria a êsses nortistas que isto aqui fosse por agua abaixo, possuidos no fundo, daquele despeito enorme que os do Norte tinham pelo**
- 2355 **progresso do Sul, especialmente de São Paulo. Até que ponto mesmo o ódio, o despeito não moveria a muitos dêsses? que aqui vinham banzar a sua ideologia de horas vagas, de excessivas horas vagas, brincando de Comunismo, malbaratando o Comunismo, formando a quasi unica e mesquinha especie de comunistas (de emergencia) que tinhamos por aqui, até que ponto? Até que ponto não**
- 2360 **lhes era grato, pragmaticamente olé! serem comunistas de boca, mas em troca de elogio abocanharem as sobras dos nossos Govêrnos, pragmaticamente olé! \$apressando\$ salientando a infamia dum regime, introduzindo a inquietação na terra, apressando uma morte certa, porquê, pragmaticamente sempre, isso era seguir a Lei vinda da Russia!** O Correio Paulistano transbordava de gente assim,
- 2365 sim, era um engenho. Engenho de bêsta, á moderna, em que o Govêrno aboiava uma cantiguinha pecuniaria reles, pagando realmente com muito pouco, alguns contecos

linha 2367: (A): e *promess[a]* esperança, (A): e +a+ esperança, +a+ êsses
 linhas 2368-2369: (A): a >estonteante< amabilidade
 linha 2370: (A): Era >um< +tudo+ engano >dramatico< , *dũa* amargura
 linha 2371: (A): geral@>,<@ e
 linha 2372: (A): *relativa* ao Sul (da mesma forma com que o Sul *era* pauperrimo
 linha 2373: (A): *em relação* á Argentina@+,+@ >ou< os Estados Unidos@>,<@ ou *outro qualquer*
 país europeu@+...+@ >quasi<)@>,<@
 linha 2374: A: por *ser uma luta* em
 linhas 2375-2376: (A): desprovida >ainda< dos erros essenciais que faziam a *infelicidade* indignidade
 racial do Sul@, @ abandonavam
 linhas 2376-2378: (A): com *intelectualidade* , psicologia, costumes \#bem brasileiros# e tradicionais\
 +já+ @, @ ^abandonavam^
 linha 2378: (A): nuvem@, @ ^se^ despaisavam
 linha 2380: (A): não@, @ o
 linha 2381: (A): ridiculos@+,+@ #e# +mais+ desprezíveis +e gorados+. Conseguiram@>,<@ \#mas# na
 generalidade\
 linha 2382: A: sobretudo *polar* com (A): sobretudo *do Polo* com
 linha 2384: (A): +O grupo+ *agora estavam recostados no* balcão,
 linha 2385: (A): opinara >que era melhor< *ficarem* ali@+,+@ apesar
 linha 2387: (A): passar, >pensara rá[p]ido Astrogildo< e (A): fóra *um* conhecido
 linhas 2387-2388: (A): e +ao palheta, bem adaptado ao meio, apesar da palheta,+ não
 linhas 2388-2389: (A): gente @+“+@ baixa @+”+@.
 linha 2391: (A): noutras +não.+ A: outra@+:+@ havia ^sem^ mas
 linha 2392: A: uma +parte+ complicada (A): psicologia +burguesa+ nordestina
 linhas 2392-2395: (A): nordestina. +Aceita/ a promiscuidade, mas baseada sempre nos costumes da
 escravidão, e si a carí-/cia não tem olhos pra saber onde que pousa, não se concebe a
 independencia/ do inferior e muito menos personalidade.+ Astrogildo
 linhas 2396-2397: (A): conversando@+,+@ >e< mesmo quotidianamente@+,+@ +com+ gente do povo.
 Não *podia* fazer
 linha 2397: (A): amigo *carapina*. Nem +mesmo+
 linha 2398: (A): abraço *o perfume caro e a roupa boa ao passo que no outro* > roupa de poeira < e suor
 A: abraço >a< gente
 linha 2399: (A): escravatura +com que+ fixara
 linha 2401: (A): distinção *sensual* de classe que se *exteriorisara* magnificamente

e a esperança, a êsses que tinham vendido quasi tudo o que era deles. Do Norte só lhes sobrava o tipo gordote e horizontal, a fala aberta e a amabilidade.

- 2370 Era **tudo** engano, **duma** amargura insuportavel. Abandonavam uma terra pobre mas cuja pobreza desaparecia por ser uma normalidade geral e só se concebia **relativamente** ao Sul (da mesma forma com que o Sul **seria** pauperrimo **si relacionado** á Argentina, os Estados Unidos ou **muito** país europeu...) abandonavam uma terra cuja luta era muito mais atraente por estar inda em comê-
- 2375 ço, desprovida dos erros essenciais que faziam a **\$infelidade\$ indignidade social** do Sul; abandonavam uma terra dotada de adaptação nacional, com **inteligencia**, psicologia, costumes **tradicionais e bem brasileiros já...** Abandonavam um corpo pra se tornarem uma nuvem. **Se** despaisavam ridiculamente, precariamente, pra se engordar de avacalhamento quasi que sem excepção. Dispostos
- 2380 a tudo pra enriquecer. Mas não conseguiam isso não – o que os tornava inda mais ridiculos, **mais** despreziveis **e gorados**. Consequiam **na generalidade mas** era quando muito combinar um sobretudo **polar** com a palheta de banda do Astrogildo.
- O grupo afinal se recostara ao** balcão, bebericando um café conversadissimo. Seu João quisera sair mas Astrogildo opinara **ficassem** ali, apesar de amassados contra um canto de parede pelo entra-e-sai contínuo do café. Lá fôra **algum** conhecido podia passar, e **ao palheta, bem adaptado ao meio, apesar da palheta**, não convinha que o vissem naquela amizade camarada com gente “baixa”.
- 2390 Não havia em Astrogildo a minima parte de preconceito de classe. Ou por outra: havia sim mas episódica, se mostrando numas coisas e noutras não. Essa é toda uma parte complicada da psicologia **burguesa** nordestina. **Aceita a promiscuidade, mas baseada sempre nos costumes da escravidão, e si a carícia não tem olhos pra saber onde que pousa, não se concebe a independencia**
- 2395 **do inferior e muito menos personalidade.** Astrogildo não teria jamais vergonha de estar conversando, mesmo quotidianamente, **com** gente do povo. Não **poderia** fazer distinção em abraçar um amigo rico e um amigo **seu João**. Nem **mesmo** como prazer físico de sentir num abraço **a gente limpa, e noutro**, suor de corpo. A promiscuidade lusoaficana dos tempos da escravatura **como que** fixara
- 2400 no nordestino mais que em qualquer outro dos tipos etnicos do Brasil, uma indistinção **atrapalhada** de classe que se **exemplificara** magnificamente no tipo da mulata sarará. A amizade, a riqueza de assunto, as manifestações físicas de companheirice perseveravam na mesma liberdade cordeal entre nordestinos de

linha 2406: (A): que o > pelo menos < de
 linhas 2407: (A): país. *Alem de* A: o *praceano*. A A^l: homem *extraurbano* ser
 (A): país. >Existia já essa circunstancia internacional de sempre o homem rural ser muito mais
 limpo que o pracista. A sujeira, os cheiros dele são os da natureza, não indicam falta de
 higiene. Mas alem disso < @+.+@ ^o^ nordestino
 linhas 2408-2409: (A): limpo. +A qualidade das terras influiu nisso muito, mas havia tambem+ @>.<@
 ^êsse^ contacto
 linha 2409: (A): limpa”, *tradicionalisava* nele
 linha 2410: (A): habitos e +principalmente+ aspetos
 linhas 2411-2412: (A): dêstes. >Individuos< +Ha+ =individuos= (A): importante@+,+@
 especialmente +se tratando+ *num caso dêstes*. Ha
 linha 2412: (A): Outros@+,+@ que
 linhas 2413-2414: (A): por *tres semanas* não A: limpam@+,+@ +como era o caso da mulher
 encardida de Nedim.+
 linha 2414: (A): da \#mulher# encardida\ de Nedim. E *ainda* @+...+@ *é* possivel
 linha 2415: (A): nesses +nordestinos,+ \#ainda# tão tapuios\, um grão
 linha 2416: A: coisa *daqueles* numerosos
 linha 2419: (A): tem >pelo< por exemplo
 linha 2420: (A): fenomenos *tinham sido* bem outros. Das aldeias mais *porcas* da
 linha 2422: (A): tão *incomensuravelmente desaguada* e cheirosa,
 linha 2423: (A): mesmo, >a sujidade era< o (A): #chofêres,# carpinteiros, nos verdureiros,
 jornaleiros, +chofêres,+ até
 linhas 2424-2425: (A): em *certos* cobradores de onibus e >especialmente< *dos* bondes, gente A:
 cobradores >de onibus e< de ^bondes^, gente
 linha 2425: A: imundicie tão *ostensiva*, tão
 linha 2426: (A): que *vencia* qualquer
 linhas 2428-2429: A^l: azul, era #porquice de recém-chegado# porquice (A): mental, >de< indigencia
 de gosto de ser +porquice de recém-chegado.+ Porquê (A): mental, +se percebia,+
 indigencia de gôsto de ser, *porquice* de recém-chegados
 linha 2430: (A): America, *num carinho* dominical. A: America, ^numacaricia^ dominical
 linha 2432: A^l: inventara o \#novo# uniforme\ Limpos (A): grandeza *de quem inventara* o
 uniforme novo
 linha 2435: (A): passeavam *pelas ruas* numa A^l: Nota MA: traço destacando a palavra:
 “sportsmen”
 linha 2436: (A): nordestino@>,<@ serviria
 linhas 2437-2438: (A): cordialidade >entre o< que o *nordestino intelectualizado* mantinha
 linhas 2438-2439: A^l: mantinha >pra< com (A): cordealidade +antes+ \se explicava >antes<\ pela
 linha 2439: (A): indistinguia *classes* no
 linha 2440: (A): pela >amovel< naturalidade nordestina – a gente mais amavel, #do mun[do]# mais
 (A): >social< +do dia+, pela

classe diferente.

- 2405 Também, fôrça é reconhecer que o proletario, o individuo de classe inferior nordestino era fisicamente muito menos repugnante que o de certas outras partes principalmente urbanas do país. O nordestino popular era especialmente limpo. **A qualidade das terras influia nisso muito, mas havia também** êsse contacto real, quotidiano com “gente limpa”, **tradicionalizando** nele
- 2410 habitos e **principalmente** aspetos de limpeza. Porquê o “aspeto de limpeza” é muito importante, **principalmente se tratando do homem proletario**. Ha individuos que são sujos de fisionomia. Outros, que mesmo saídos do banho, pela qualidade de pele, côr, exalação, parece que por quinze dias não se limpam, como era o caso da **encardida mulher** de Nedim. E **mesmo... seria** possivel imaginar nesses **nordestinos, tão tapuios ainda**, um grão de ancestralidade mandando permanecer neles alguma coisa **dos** numerosos banhos quotidianos que os brasis tomavam...

- Enfim a gente, cercado de povo nordestino, não sentia aquela vontade fisica de se afastar que tem por exemplo quando cercado da multidão paulistana. Aqui os fenomenos **eram** bem outros. Das aldeias mais **selvagens** da Italia, de Portugal, do velho mundo inteiro, vinha uma gente tão ostensivamente porca, tão **irracionalmente sem banho** e cheirosa, o nojo era invencível. Nos carpinteiros, nos verdulheiros, jornaleiros, **chofêres**, até nos chofêres mesmo, o desleixo pela higiene era sistematico. E culminava então em **galegos** cobradores **de onibus e de bonde**, gente duma imundicie tão semostradeira, tão repugnante que **era difficil sustentar** qualquer idea de solidariedade humana. Não se tratava não de sujeira de trabalho, como a que marchetava por exemplo os mecanicos de macacão azul, era porquice de atraso mental, **se percebia**, indigencia de gôsto de ser, **irracionalidade** de recém-chegados. Porquê os moços
- 2430 logo se afeiçoavam aos habitos higienicos da America, **numa caricia** dominical. Então os que ingressavam na Guarda Civica, se viam tomados do delirio panico de grandeza **dos que inventaram** o uniforme novo. Limpos, grandes e lindos, tinham se tornado a coqueluche da cidade milionaria. Namorados pelas moças dos autos, presenteados pelas criadinhas, florões de raças presumivelmente
- 2435 arianas, passeavam **pela rua** numa grilagem beocia a sua limpeza de sportsmen.

- Mas a circunstancia da limpeza do popular nordestino serviria apenas pra justificar a permanencia de cordialidade ~~Sentre-o\$~~ que o **cabeça-chata alfabetizado** mantinha com as classes inferiores. Essa cordealidade **antes se** [explicava ~~Santes\$~~ pela promiscuidade tradicional que indistinguia **classe** no manejo
- 2440 **do dia**, pela naturalidade nordestina – a gente mais amavel, mais amovel do

linha 2241: (A): bocado *^pela^ necessidade* de (A): mundo@, @ e tambem um bocado pelo
prazer de

linha 2242: (A): teria, *pra si*, vergonha

linha 2243: (A): inata@+, +@ elegantissima,

linha 2244: A: as *causas* intelectuais, morais +dele, + que A': que *poderiam* >naturalmente<
produzir (A): produzir *um*

linha 2445: (A): desequilibrio >fatal< de assunto, (A): mutua@+, +@ e matar

linhas 2445-2453: A': conversa. +E de resto quando necessario ou mesmo sem necessidade, sabia
estadear seus conhecimentos de “seu dotô Astrogildo” que lhe enfumavam aos olhos dos
>po[bres]< conterraneos humildes, aquela hórrida prepotencia, mando insolente, autoritarismo
rebaixante com que em nosso tempo livre, entre os “seu dotores” e o povo, se conservara no
nordeste a >mesma< forma hedionda de relações em que permanecia intacta a miseria da
Escravidão.+

linha 2445: (A): conversa. >E< ^de^ resto,

linhas 2447-2449: (A): Astrogildo”, +introduzindo na conversa alguma palavra dos dicionarios, ou nome
de sabio alemão, como uma desinvoltura perfeitamente afavel e sincera.+ >que lhe
enfumavam< ^aos^ olhos

linhas 2449-2450: (A): humildes@>, <@ +êe ficava então admiravel; e podia manter com isso+ aquela
horrida prepotencia, +aquele+ mando

linha 2451: (A): +aquele+ autoritarismo

linhas 2451-2454: (A): livre, +permanecia ainda muito no Nordeste,+ entre >os< “seu dotores” e povo,
#*se conservara* #no Nordeste# a forma >hedionda< de relações >em que permanecia intacta
a miseria< da escravidão. >E< ^ainda^, como *todo nordestino* @+, +@ Astrogildo *tinha*
uma

linha 2454: (A): adaptação@, @ ^ou^ por

linha 2454-2455: A: propriamente >uma< faculdade

linha 2455: (A): indiferença *nirvanisante*, um

linhas 2456-2457: (A): permite ^a^ gente

linha 2457: (A): outros >sem buscar< vivendo-os antes (A): outros@+, +@ vivendo-os@+, +@
antes que se *viver* numa

linha 2458: A': integridade *insolente*. Esta

linha 2459: A': Esta integridade >insolente< é que (A): abre parágrafo: “Esta integridade é que@+, +@
ajudando o ciume despeitado que >todos< os brasileiros [...]”

linha 2461: (A): desprezador@+, +@ >que vivia< *na tradição* brasileira.

linhas 2462-2473: A': Nota MA: na margem esquerda: “Desenvolver mais isto”

linhas 2462-2463: (A): todo. >Fenomeno que tinha mais ou menos a sua razão de ser< +e si a antipatia do
paulista legítimo era *real* verdadeira, principalmente por causa+ da lerdeza

linhas 2463-2464: (A): intelectual +que nos diferenciava tanto dos outros brasileiros, a lenda do nosso
desprêzo e prepotencia+ >, porêem que< era

linha 2465: (A): recebido >secamente< aqui A: recebido >aqui< sem (A): pois >que< si

linha 2466: A: era +mesmo+ êsse o nosso geito, +por outro lado+ nenhum A': era mesmo >êsse<
=êsse= o nosso (A): +êsse+ não era mesmo #êsse# o nosso ^geito^, por outro lado
nenhum brasileiro *teve que*

linha 2467: (A): esperteza, >ou< valor ou canalhismo A: esperteza >valor< *ou* >e< canalhismo
(A): estaduanos@+, +@ e atingia@+, +@ com *esperteza*, canalhismo

linhas 2468: A: +e brilhação+, ^os^ maiores *cargos* do Estado@>, <@ e da (A): +ou pura+ >e<
brilhação,

linha 2469: A: que +êles+ nos deslumbravam@+, +@ embora (A): êles +, principalmente os
nordestinos,+ nos

linha 2470: (A): qual >desprezo< +, não desprêzo, mas esquecimento de amar,+ na maneira

linha 2471: (A): que *o paulista sentia* os manos mais pobres. >Isso era indiscutivel.< Ora essa
>mesma< faculdade

linha 2472: (A): outros@>, <@ é que

linhas 2472-2473: (A): preferir +o canto escuso do café-expresso, pra+ não ser visto >pelos paulistas,<

linha 2474: (A): falasse, >o ne[gocio]< ficava (A): reparava. >E< ^mesmo^ que não falasse +nada+,
ficava

linha 2475: (A): era *mesmo o caracter* a ^caracterimais^ caracteristica mais *odioso* do paulista,

linha 2476: (A): que *mani[festa]* exteriorizada (A): *inabitavel*, muito

linhas 2476-2477: (A): exteriorizada@+, +@ é *verdade*, mas que@+, +@ *como* um efluvio@+, +@

mundo – e também um bocado pelo **vício** de conversar.

- Astrogildo jamais teria, **dentro consigo**, vergonha de conversar com Chico Antonio e seu João, e sabia com uma naturalidade inata, elegantíssima, por de parte as riquezas intelectuais, morais dele, que pudessem produzir **algum** 2445 desequilíbrio de assunto, de compreensão mútua, e matar a conversa. De resto, quando necessário, ou mesmo sem necessidade, sabia estadear seus [conhecimen-
tos de “seu dotô Astrogildo”, **introduzindo na conversa alguma palavra dos dicionários, ou nome de sabio alemão, como uma desinvoltura perfeitamente a-favel e sincera**. Aos olhos dos conterrâneos humildes **êle ficava então admi-** 2450 **ravel; e podia manter com isso** aquela horrida prepotência, **aquele** mando insolente, **aquele** autoritarismo rebaixante com que, em nosso tempo livre, [permane-
cia ainda muito no Nordeste, entre “seus doutores” e povo, a forma de relações da escravidão. Ainda, como **a generalidade dos nordestinos**, Astrogildo [pos-
suia uma faculdade enorme de adaptação. Ou por outra, não era propriamente 2455 faculdade de adaptação, mas antes uma espécie de indiferença **preguiçosa**, um abandono caroável de personalidade, essa difícil graça social que permite **á** gente se afeiçoar aos outros, vivendo-os, antes que se **vivendo** numa integridade insolúvel.
- Esta integridade é que, ajudando o ciúme despeitado que os brasileiros 2460 tinham pela grandeza da cafelândia, criara a imagem do paulista orgulhoso e desprezador, **da lenda** brasileira. Paulista e antipatia eram sinônimos no país todo. **E si a antipatia do paulista legítimo era ~~\$real\$~~ verdadeira, principalmente por causa** da lerdeza intelectual **que nos diferenciava tanto dos outros brasileiros, a lenda do nosso desprezo e prepotência** era duma flagrante 2465 injustiça histórica, pois si recebido sem excesso de cordialidade, que **êsse** não era mesmo o nosso jeito, por outro lado nenhum brasileiro **tinha a** lutar aqui contra preconceitos estaduanos, e atingia, com **valor**, canalhismo **ou pura** brilhação, as maiores posições do Estado e da família paulistas. E é certo que eles, **principalmente os nordestinos**, nos deslumbravam, embora hou- 2470 vesse um tal ou qual, **não desprezo, mas esquecimento de amar**, na maneira com que **os paulistas sentiam** os seus manos mais pobres. Ora essa faculdade de ser conforme aos outros é que fizera Astrogildo preferir **o canto escuso do café-expresso, pra** não ser visto em companhia de gente de outra classe. Paulista reparava. Mesmo que não falasse **nada**, ficava chocado por dentro. Isso 2475 era **de fato a ~~\$caracterimais\$~~ característica** mais **odiosa** do paulista, essa integridade **insolúvel**, muito mais propriamente íntima que exteriorizada, é **certo**, mas que, **feito** um eflúvio, cercava o indivíduo, o isolava, o tornava longin-

linha 2478: (A): incompreensível +e divino.+ Imperdoável (A): *incompreensível* e divino.
 Imperdoável@+,+@ principalmente.

linhas 2479-2480: (A): tinha +bastante+ razão: paulista e antipatia eram > muitas vezes< sinônimos.

linha 2480: (A): prêgo *já fatigado* de jornalista

linha 2481: (A): *que inda estava sem os jornais da noite.* Tirou

linha 2482: (A): naquele *apêto* de lugar:

linha 2483: (A): compre +o Diário e+ a Folha

linha 2485: (A): foi@+,+@ esgueirando

linha 2486: (A): pra *especificar* > melhor< a cordialidade de *classes* que

linha 2488: (A): ^sul^ *que viajara*, a dizer o “faz favor”, o “tenha a bondade”, >o “muito obrigado”,< o
 “^Deus^ lhe pague”>, conforme a classe do indivíduo solicitado<.

linha 2489: (A): Mas@>,<@ pra com seu João@>,<@ adquirira +instintivamente+ os

linha 2490: A: +“Me compre o Diário e a Folha”, uma ordem.+ Talvez (A): compre >o Diário e< a
 Folha”, *uma ordem*. Talvez que #mesmo# a seu João não importasse +mesmo+ nada

linhas 2491-2492: (A): que >tanto< *da parte de Astrogildo fôra unicamente uma ordem/ mando*.

linha 2492: A': unicamente ^uma^ f ordem/ mando f.

linha 2494: (A): conservação +muito generalizada ainda+ *duma* >especie de< psicologia A:
 conservação@+,+@ muito generalizada ainda@+,+@ dessa

linhas 2495-2496: (A): classes: *os senhores de engenho* e *os escravos*. No A': o senhor>-de-
 engenho< e o escravo.

linhas 2496-2497: (A): indivíduo #intelectualizado# nordestino intelectualizado

linhas 2497-2498: (A): maneira de *ordenar* +um simplesmente de pedir,+ é a >desprezante e<
 intimativa@+,+@ que \#nós do Sul# hoje\ apenas A: >um< +ou+ simplesmente

linha 2498: A': nós +do Sul+ hoje apenas >já< podemos

linha 2499: (A): +Foi,+ por (A): escravos. >Foi, por infâmia de classe e por necessidade...< O
 nordestino

linha 2500: A: sertão@>,<@ +e+ (A): *a mandar* dêsse jeito. Si na viagem de auto@>,<@ se

linha 2501: (A): vaqueiro, >e< vai (A): dum @>“<@morador@>”<@ um dum A': morador
 >um< +ou+ dum

linha 2503: (A): fôra e *não conhece os costumes* da

linha 2504: (A): Recife, +â squatorze horas,+ chama A: Recife, ^â squatorze^ horas

linha 2508: (A): Ora >dêsse< deixa (A): besteira! ^Este^ moço

linha 2510: (A): carregador@+,+@ com um pouco mais de recusas@+,+@ acaba

linha 2512: (A): viajante >as curiosidades e< +os+ prazeres >da terra<, vida

quo, **inabitavel** e divino. **Insolúvel**, principalmente. O brasileiro tinha **bastante** razão: paulista e antipatia eram sinônimos.

2480 Um prêgo **fresco** de jornaleiro veio lá de fóra lembrar a Astrogildo **uma edição nova de jornal**. Tirou a moeda do bolso, deu-a a seu João que estava peito a peito com êle naquele **apertume** de lugar:

– Me compre a Folha.

– Pois não, seu Astrogildo.

2485 E lá foi, esgueirando entre o povo, com uma diligencia servil.

O incidente chegara bem pra **exemplificar** a cordialidade de **classe** que havia entre nordestinos. Astrogildo já bem que aprendera em São Paulo e mais **Sul viajado**, a dizer o “faz favor”, o “tenha a bondade”, o “**deus lhe pague**”.

Mas pra com seu João readquirira **instintivamente** os habitos nordestinos:

2490 “Me compre a Folha”, **um mando**. Talvez que a seu João não importasse

[mesmo na-

da que um “faz favor” viesse converter em pedido o que **pra êle era**

sentido e aceito simplesmente como ordem.

Uma das manifestações humanas mais chocantes de todo o Nordeste é a conservação, **muito generalizada ainda**, dessa psicologia escravagista que di-

2495 vide claramente a coletividade nordestina em duas classes: o senhor-~~de-en-~~
~~genho~~ e o escravo. No individuo ~~\$intelectualizado\$~~ **nordestino intelectualiza-**
do a psicologia do mandão permanece intimamente viva. E a maneira de

[**mandar**

ou simplesmente de pedir, é a intimativa, que **hoje nós do Sul** apenas podemos imaginar que foi a do senhor de escravos. O nordestino intelectualizado con-

2500 tinua **mandando** dêsse jeito. Si na viagem de auto se descaminha no sertão e readquire a rota ao conselho dum morador ou dum vaqueiro, vai embora sem agradecer. Si na sua afabilidade incomparavel busca por todos os meios agradar uma visita, um amigo que veio de fóra e **se interessa pelas coisas** da terra, em plena rua do Recife, **às quatorze horas**, chama o carregador esperando

2505 serviço na esquina:

– Você canta coco?

– Ah... não sei não senhor...

– Ora deixa de besteira! **êste** moço é de São Paulo, tire um coco pra êle ouvir.

2510 E o carregador, com um pouco mais de recusas, acaba cantando coco, plena rua do Recife, às quatorze horas.

Na dedicação hospitaleira de mostrar ao viajante **os** prazeres, vida de engenho, a moenda chia...

– Antonio! ôh!... largue o banguê, venha cá!

linha 2515: (A): banguê >no< carregado
 linha 2518: (A): aquela *cara* que
 linha 2520: (A): do >Bumba< Boi, faz A': faz a +tal *cara* pro+ >O< senhor-de-engenho ^ri^.
 (A): brinquedos do *Boi*, faz
 linha 2525: (A): agradável de *guardar os seicentos* réis
 linha 2526: (A): carecia. >Mas si< ^não^ carecia daquilo +mas+ *permanecia* #nele a ta[ra]# ancestral
 linha 2527: (A): nele@>,<@ a tara do pedinte. Guardou *agradecido os seicentos réis*.
 linha 2528: (A): >Mas< +Agora+ a conversa entre êle e Astrogildo >já< meio
 linha 2529: (A): olhos *nos diários.* no escrito. (A): ser. *A presença dos jornais comprados
 pusera entre ambos o desejo de liberdade pra Astrogildo passar os olhos no escrito.* +Quanto
 a+ Chico Antonio@+,+@ se
 linha 2531: (A): Mas >facilmente desprendível,< sem
 linha 2532: (A): perguntavam. >Livre de tudo outra vez, sem forças pessoais nem vontade, numa fadiga
 bem gosada que a lufalufa do café enchia de variedade vistosa e exterior, o melhor prazer de
 cantador.< Jorge,
 linha 2533: (A): *a razão de ser no grupo* e inda
 linha 2534: (A): apenas *uma* dificuldade *pra* se despedir
 linha 2535: (A): *prá* farra. Farra que pra êles seria a *de gente pobre* @:@ um
 linha 2536: (A): de *risadas* e frases >indecentes< pela rua das mulheres@, @, jeito
 linhas 2536-2537: (A): excitar@>,<@ correspondente ^aosbeijos^ e contactos *das aventuras mais
 verdadeiras*. Depois
 linha 2538: (A): sua, >se separavam cada um la no seu quarto< +o prazer rapido,+ e a volta
 linhas 2538-2543: (A): novo, +mais amigos+ *a se contar* coisas. +Mas a volta de seu João com o jornal,
 em vez de/ faze-lo compreender que o grupo se desmancharia, acabou por desespera-lo,/ Jorge
 era muito curto. Espiou sorrateiro pra trás, partiu fugindo sem se des-/pedir de ninguém. Mas
 partiu tristissimo, cego, em busca dum corpo de mulher/ que o anulasse.+
 linha 2545: (A): agradecia, +mas que logo+ de-manhã
 linha 2546: (A): de *partir*@+,+@ >e a firmeza dum destino seguro,< deu pra êle e >pra< Chico
 linha 2547: (A): nitidez >de vida< agradável. Principalmente *pra Chico Antonio*@+,+@ dentro
 linha 2548: (A): era *rarissima* e \#sempre# chegava\ como
 linha 2549: (A): afirmador. >Apoiava-se aí, >^fixava-^< se fixava, permanecia algum tempo inteirame[n-
]/te desprovido das suas vacuidades e vagezas *contumazes* permanentes, inte-/ligente,
 consciente, mais homem, burramente unilateral./ Jorge pressentiu isso e aproveitando o
 exemplo da partida do Astrogil[l-]/ do que afrouxara o sentido de grupo >nos quatro< e
 (A): *uma* >especie de< trago de cachaça afirmador. >Apoiava-se aí, se fixava, permanecia
 algum tempo inteirame[n-]/te desprovido das suas vacuidades e vagezas permanentes, inte-
 /ligente, consciente, mais homem, burramente unilateral./ Jorge pressentiu isso e aproveitando
 o exemplo da partida do Astrogil[l-]/ do que afrouxara o sentido de grupo e individualisara
 todos, se/ despediu tambem tristissimo. Partiu rapido, cego, em busca dum corpo de mu-lher
 que o anulasse.
 linhas 2549-2550: A': importava >^ma[is]^< mais, nem sentia. Seu João vibrou, porquê sabia dum
 passeio que acabaria os tres sempre juntos. Era uma pena@.@ >Por outro lado a rua se
 espaçava mais, no bater das onze horas< +porque estava se divertindo enormemente.+
 (A): *Pra seu João a partida de Jorge fôra uma surpresa (dic.) dolorosa. Pra Chico Antonio
 quasi que indiferente.* >Estava nitido e nada lhe importava mais, nem sentia. Seu João vibrou,
 porquê sabia dum passeio que acabaria os tres sempre juntos. Era uma pena, porque estava se
 divertindo enormemente.<
 linha 2551: +E+ ^Os^ dois amigos se sentiram mais entregues á amizade. Tinham *passado*

- 2515 Antonio depõe custoso o banguê carregado de bagaço no chão, deixa o
parceiro esperando e vem.
– Boa tarde.
– Faça aquela **careta** que você fazia no Mateus do Boi.
Antonio, meio fatalizado, pleno trabalho do dia, os Reis estão longe pra
2520 pensar nos brinquedos do **Bumba**, faz a tal careta pro senhor-de-engenho rir.
Antonio já vai outra vez, fortíssimo tronco atarracado, seminú, cobreado em
suor ao Sol, carregando o banguê rumo da bagaceira.
Seu João trazia os jornais.
– Guarde os trócos.
- 2525 O velhote sentiu a sensação agradável de **ficar com os trezentos** réis
de que não carecia. Não carecia daquilo **mas perdurava \$nele-a-ta\$** ancestral
nele a tara do pedinte. Guardou **contente os tostões**.
Agora a conversa entre êle e Astrogildo meio que perdera a razão de
ser. **Astrogildo queria passar os olhos no jornal. Quanto a** Chico Antonio, se
2530 conservava sempre ali, numa presença delicada, vivendo as frases de Astrogil-
do e a ascendencia dêste. Mas sem uma palavra realmente dele, só respondendo
quando perguntavam. Jorge, na porta, estava desesperado. Perdera completamente
qualquer significação e inda por cima estava querendo mulher. O que o pren-
dia ali era apenas **a** dificuldade **de** se despedir e uma vaga esperancinha de
2535 levar Chico Antonio **na** farra. Farra que pra êles seria a **deles**, um vagamunde-
ar cheio de **risadinhas** e frases pela rua das mulheres – jeito de se exci-
tar correspondente aos beijos e contactos **dos mais refinados**. Depois cada
um escolhia a sua, **o prazer rapido**, e a volta confiante, juntos de novo, **mais**
amigos, se contanto coisas. **Mas a volta de seu João com o jornal, em vez de**
2540 **faze-lo compreender que o grupo se desmancharia, acabou por desespera-lo,**
Jorge era muito curto. Espiou sorrateiro pra trás, partiu fugindo sem se des-
pedir de ninguém. Mas partiu tristíssimo, cego, em busca dum corpo de mulher
que o anulasse.
Astrogildo se despedia. Uns oferecimentos vagos, muito caídos de cima
2545 porém falados com sinceridade. Seu João agradecia, **mas que logo** de-manhã to-
mavam o trem prá fazenda. A lembrança de **que partiam**, deu pra êle e Chico An-
tonio uma nitidez agradável. Principalmente **pro coqueiro**, dentro do qual a
noção de verdade era **rara** e **chegava sempre** como si fosse uma luz confortan-
te, **um** trago de cachaça afirmador. **Por isso a partida de Jorge foi muito in-**
2550 **diferente pra êle, ao passo que ecoava dolorosamente em seu João.**
E os dois amigos se sentiram mais entregues á amizade. Tinham **acabado**

linha 2555: (A): manso. >Não falavam.< Uma
 linha 2556: (A): no Sul@>,<@ não
 linha 2557: (A): e ^frexado^ sem
 linha 2558: (A): *subito* no corpo a escuriza >esgarçada< do Anhangabaú,
 linha 2560: (A): vai. >+Era+ o instinto por onde os aventureiros da sexualidade sabem sempre se encontrar.< Seu
 linhas 2561-2562: (A): nada@.@ ^Mas^ +sobretudo lhe doeu o perigo que corria Chico Antonio. De fato,+ *Chico Antonio* o *cant[ador]*@+,+@ que vinha
 linha 2563: (A): quasi, +principiou+ *tomou* a dianteira, entrou pela *escuriza*, corpo
 linhas 2563-2564: (A):empinado, *trotado* com panache, *feito* garanhão
 linha 2565: (A): moça *que o* ventinho >trazia<, o olhar *mexia* inquieto,
 linhas 2566-2567: (A): pisado, +meio que escutou como um gemido atrás “Chico Antonio!”+, parou,
 linhas 2567-2569: A^I: Seu João #roçou leviano por êle# chegando e (A): Seu João*chegando* +e como censura duma delicadeza sublime, apenas+ roçou *leviano por êle* @,@ ^a^ presença
 linha 2570: A^I: impossível. *A incerteza era* desagradavel >dêsse geito<, com (A): impossível. *O desejo* ficou
 linha 2571: (A): olharam *profundamente*. Sofreram (A): olharam profundo@.@ ^Sofreram.^
 linha 2572: (A): se *adoravam* amavam (A): se *deixarem*, cada
 linha 2573: (A): lado@+,+@ e aquela irredutibilidade >dos anos e< +de+ posição
 linhas 2574-2575: (A): com aquela suficiencia *desleixada* dos amores *familiares*, em vez *de estarem* estavam *assim* quasi inimigos, se querendo bem >\quasi com >antipa[tia]< rancor< com A: com *aquela* suficiencia
 linhas 2575-2576: A^I: inimigos@+,+@ se querendo +bem+ quasi com antipatia. *Se entendiam com* evidencia,
 linha 2576: A^I: *Se entendiam com evidencia*, a solução (A): +Era só se largarem+ ^Compreenderam^ *a evidencia*, a solução
 linha 2577: A^I: dois +não+ tinha
 linha 2578: (A): prá *se separarem* @+,+@ e aliás,
 linha 2579: A^I: de +os+ maltratar
 linha 2580: (A): temiveis >aqueles buscando uma solução.< +Mas+ ^O^ velho, >mais< por
 linhas 2581-2582: (A): segurando *o* braço de Chico Antonio, era um conselho +de não+. >Quebrara a primeira aléa do jardim,< +E logo adiante, por trás da Coletoria, fugira dos jardins+ , retornando
 linhas 2583-2584: (A): E +então+, >coisa curiosa,< por necessidades e razões diversas@+,+@ a mesma imagem *se descerrara ao* pensamento
 linha 2585: (A): uma *razão pra* (A): mudos@+,+@ >e< *fatigados*. Seu João
 linha 2586: (A): dado >a< liberdade (A): filho. +Pois si Chico Antonio+ ^Era^ casado
 linha 2587: A^I: como #foi# o caso, censurar (A): tinha +já+ que (A): con[s]ertar. ^Ta’i^@!@
 linha 2588: (A): si *Chico Antonio* tivesse A: o ^fihlo^ tivesse trazido a cabocla@,@ não...

as perguntas, as expansões, o desejo de olhar: estavam mais amigos. Uma calma confiança de intimidade, muito comoda, foi substituindo tudo e garantiu um prazer novo. Agora estavam apenas amigos e era uma felicidade. Foram andando
 2555 sem destino, de manso. Uma frase, uma palavra de seu João. A noite esfriava. Tomasse cuidado que aqui no Sul não tem clima bom não. Fadiga.

Tinham saído do café e frechado sem destino, prá frente. Bateu-lhes quase
 de sopetão no corpo a escuriza do Anhangabaú, maltratando. Sem terem percebido ainda nada, os dois pressentiram que entravam por lugares onde família
 2560 não vai. ~~\$Era o instinto por onde\$~~ Seu João não gostou porquê era casado e não desejava nada, mas sobretudo lhe doeu o perigo que corria Chico Antonio. De fato, o ~~\$eant\$~~ moço, que vinha imóvel, até ali puxado por seu João, sem andar quase, princípios tomando a dianteira, entrou pela escuridão, corpo empinado, trotando com panache, ver garanhão que soltam de repente em campo aberto. As narinas enguliam os anúncios de moça do ventinho, o olhar movia inquieto, a cara relumeava desejando. Avançou firme, trotando bem pisado, meio que escutou como um gemido atrás “Chico Antonio!”, parou, esperando seu João. Seu João se aproximou e como censura duma delicadeza sublime, apenas roçou levianinho no braço de Chico Antonio. A presença do pai foi tão desesperante, tão malvada,
 2570 da, Chico Antonio viu que era impossível. Tudo ficou desagradável, com o contraste do velho ali, se olharam profundo, sofreram. Sofreram com amor porquê se amavam fixamente como filho e pai. Era só se largarem, cada um pra seu lado, e aquela irredutibilidade de posição os punha se amando de novo com a suficiência cheia de desleixo dos amores de família, em vez, ~~\$de estarem\$~~
 2575 estavam ali quase inimigos, se querendo bem ~~\$quasi com antipa rancor\$~~ com antipatia, quasi com rancor. Era só se largarem, compreenderam isso, a solução era fácil, porém nenhum dos dois não tinha coragem nem inteligência pra tanto. Não acharam por onde ver um pretexto prá separação, e aliás, o que era bem a incompatibilidade do homem com a vida, a separação havia sempre de os maltratar também. Foram segundos temíveis. Mas o velho, por instinto de ascendência, pegara segurando no braço de Chico Antonio, era um conselho de não. E logo adiante, por trás da Coletoria, fugira dos jardins, retornando prá luz e muita gente. E então, por necessidades e razões diversas, a mesma imagem ~~\$se\$~~ veio
 2580 pousar no pensamento de ambos, Isabel.

2585 Estavam mudos, largadíssimos. Seu João achava em Izabel uma desculpa de não ter dado liberdade ao filho. Pois si Chico Antonio era casado como é agora que!... E tinha já que saber como o caso foi, censurar, con[s]ertar. T’ái, si o filho tivesse trazido a cabocla: não... Mas achava dificuldade em prin-

linha 2589: A': praça *Verdi*. Frontões (A): volta *prá* praça
 linha 2590: (A): restaurantes +noturnos+. ^*Quartinho*^ abertos
 linhas 2591-2592: (A): Sirios@+,+@ +mendigas,+ encostados +nas paredes+ >de metros em metros,<
 vendendo A: Pouco *[?]* de meia-noite
 linhas 2592-2593: (A): ônibus +cheios+. Ondas de gente, +era+ um mar A: bondes, >ônibus< cheios
 linha 2594: A': vinha +nela? quem que vinha?+ Pra (A): Alemã. ^uma^ jangada >no< longe, quem
 que vinha nela? quem que vinha@?@ Pra
 linhas 2598-2599: (A): velho *imagin[ara]* estava imaginando A': proibitivo +de outros prazeres,+
 como o velho estava imaginando, era uma salvação momentânea. +Chico Antonio+^Estava^
 real, (A): prazeres, *como* o velho estava imaginando, era uma *salvação* momentânea.
 linha 2600: A': sensualidade >erecta< que êle
 linha 2602: (A): as *moças* do A': engenho@>,<@ tomando banho >naquela vitrina,< eram
 (A): Isabel. >aquela forma de sexo feminino que êle tinha de andar de novo linha por linha pra
 ver< ^o^ mar
 linhas 2603-2604: (A): vitrina +era agora um mar verdadeiro onde os manequins se moveram logo em
 caboclas peitudas, bem núas; eram Isabel, e+ Chico Antonio
 linha 2605: (A): povaréu +da calçada+, puxado >pelo braço< por seu João,
 linha 2608: A': velhote *achava* um desafôgo enquanto não *vinha um* geito (A): achava >um< jeito
 linhas 2611-2612: (A): de *dizer* essa frase pura, >sem rebuços< @:@ a discreção de +não se mostrar+
 >ser< mais
 linhas 2613-2614: A: duma ^perfeição^ maravilhosa, apesar de *inculta*.
 linha 2615: (A): ambos, *conhecedoramente*
 linha 2616: (A): no *Café* de faz pouco.
 linha 2617: (A): tirara *Chico Antonio* duma
 linha 2618: (A): Percebeu >que< ingenuamente,
 linha 2619: (A): *que fizera* Chico Antonio... *turco* safado!
 linhas 2619-2620: (A): desesperadamente@, @ ^os^ sentidos
 linhas 2621-2622: (A): triste. *Tinha posto* a imagem de Isabel *no* pensamento do velho@+,+@ e \#só
 mesmo# agora\ um
 linha 2622: (A): pai@+,+@ +o+ havia de #o# repor na sua >delícia< de inconsciência
 linha 2623: A': Mas +a+ pipoca, (A): pipoca, *o velho* de novo espertinho, o ralho não *vinha*, era
 linhas 2624-2625: (A): mais... +e Chico Antonio começava insistindo, agora só com a cabeça, de pique,
 na+ >no entanto que< vontade de mulher@!@ Os A: não ^virmais...^

2590 cipiari a conversa. Vinham de volta á praça do Correio. Frontões. Muitos res-
taurantes **noturnos**. **Quartiunculos** abertos na boca da rua, muita luz, muita
gente dentro. Entrando, saindo. Sirios, **mendigas**, encostados **nas paredes**, venden-
do amendoim. Pouco mais de meia-noite. Multidões penduradas nos bondes, **ôni-**
bus cheios. Ondas de gente, **era** um mar. O mar verde, nordestino da vitrina da
Casa Alemã. **Uma** jangada longe, quem que vinha nela? quem que vinha?... Pra Chi-
2595 co Antonio a imagem de Isabel era mais íntima, saída duma precisão sexual,
Isabel era o amor casado que êle poderia gosar na frente mesmo de seu João,
Isabel conciliava nele o desejo da noite com o pai. Os tres juntos, sem se
separar. Não era um caso proibitivo de outros prazeres, **que nem** o velho esta-
va imaginando, era uma **conciliação** momentanea. Chico Antonio estava real, ir-
2600 real. Numa sensualidade que êle nem pensava em disfarçar, não pondo reparo.
Magnificamente pensando Isabel. Um detalhe de corpo. Um abôio, cheiro pesado
de engenho, as filhas do senhor de engenho tomando banho, eram Isabel. O mar
da vitrina **era agora um mar verdadeiro onde os manequins se moveram logo**
em caboclas peitudas, bem nûas; eram Isabel, e Chico Antonio nadava custoso
2605 no meio do povaréu **da calçada**, puxado por seu João, quem que vinha na janga-
da?

–Vam’ comer pipoca!

O velhote inventava um desafio enquanto não achava jeito de entrar
no assunto. Nem era dificuldade de entrar no assunto que isso em gente do
2610 povo se entra de sopetão, olhe, Chico Antonio, vamos falar duma coisa séria, **e**
como foi o caso com a Isabel?, era mas a dificuldade de **falar** essa frase pu-
ra, a discreção de **não se mostrar** mais serio e mais perfeito, aquela delica-
deza de alma que no velho era mesmo duma perfeição maravilhosa, apesar de
não cultivada.
2615 Comiam pipoca na esquina. Os olhos de ambos, **reconhecendo**, atravessaram
a praça, foram penetrar no **café-expresso** de faz pouco. Astrogildo. Seu João
pensava no Jorge e estava satisfeito porquê tirara **o filho** duma aventura
sem-vergonha. Percebeu ingenuamente, com verdade e sem ela, que fôra o Jorge
a causa de Chico Antonio... **turquinho** safado! Chico Antonio calmava desespe-
2620 radamente. **Os** sentidos se fechavam como asas sonolentas, mas o moço estava
muito triste. **Pusera** a imagem de Isabel **do** pensamento do velho, e **agora só**
mesmo um ralho bem firme do pai, **o** havia de repor na sua incon[s]ciência habi-
tual. Mas a pipoca, **seu João** de novo espertinho, o ralho não **chegava**, era ca-
paz de não vir mais... **e Chico Antonio começava insistindo, agora só com a**
2625 **cabeça, de pique, na** vontade de mulher. Os olhos foram ondulando sobre os ma-

linha :2626: A^I: no ^aldo^ donde (A): esparsos +agora+, até
 linha 2627: (A): +sobre a praça+ como um enorme vagalhão. De repente *pensou* nitido
 linha 2628: (A): *via* Isabel numa barca >vindo< +bem+ no meio
 linhas 2629-2630: (A): êle *no meio do* verde mar de navegar. +Brotaram-lhe+ ^Ritmos^@>.<@ +do
 coração, mais inquietado. De navegar...+ Uma
 linhas 2630-2631: (A): imaginada@+,+@ de melodia@...@ Mas
 linha 2632: (A): da *barca*, diz-que vindo mas não *fazia* nada
 linha 2633: (A): a *barca* desapareceu subito. Chico Antonio enfiava maquinalmente >os<
 linha 2634: (A): boca, *desejando* que
 linha 2635: (A): esforço +cabeçudo+ pra
 linhas 2635-2636: (A): que *vira*@>,<@ +e+ não
 linha 2636: (A): sentido, >que bobagem!< +mas êle enxergara sim.+ Ê
 linha 2637: (A): porquê *ela* estava sem remo... +Por isso é que estava de-pé na barquinha...+
 linha 2638: (A): Seu João@+,+@ >que< ficara muito serio@>,<@ +e+ falou
 linha 2639: (A): >Chico Antonio,< ^vamos^ sentar.
 linha 2640: (A): +Entraram no bar da esquina. Seu João+ ^Pediui^ cerveja
 linha 2642: (A): >Casei,< ^nhor^ sim.
 linha 2645: (A): chorava *por dentro*, numa
 linhas 2645-2646: (A): felicissima. +A sexualidade, a vontade de mulher desaparecera por completo.+ Os
 linhas 2646-2648: A^I: olhos *dele* se entregaram pra seu João *assuntando e era sempre* uma censura
 cariciosa, seu João *mexia* lento (A): João@+,+@ em busca *do* castigo. Mas +seu
 João+ *era* +ainda+ apenas
 linha 2649: A^I: uma *vontade* >invencível< de botar (A): Izabel@.@ ^Porêmem^ jamais
 linha 2650: (A): *pensara* nisso e não mentia@.@ ^Se^ lembrou A^I: *imaginara* nisso
 linha 2651: (A): >Ah< ... nunca que ela quis ter um filho +de mim+ ...
 linha 2652: A²: Nota MA: a grafite, canto superior esquerdo: “(1)” e “(2)”, números destacados por
 círculos a lápis vermelho, sugerindo acréscimos, a partir de notas de trabalho, não efetivados
 na versão posterior. (A): *Se arrependeu* logo
 linha 2654: (A): bem +^com^+ êle >falasse muito porquê assim o estado musical em que ficara,
 balanceava com intransigência á presença do nome de Izabel.< *E* seu João
 linha 2656: (A): tão *da natureza* *natural* =da natureza= e A: da natureza@+,+@ e
 linha 2657: (A): isso *fazia mal pra* Chico Antonio *porquê* *que* =porquê=
 linhas 2658-2659: (A): *pelas* ausencias repentinas *de ritmo seguro* +não tinham mais nexos pra êle,+
 lhe ^interceptava^ a liberdade
 linha 2660: (A): infancia *de Chico Antonio*, pra
 linhas 2661-2662: (A): poder *perdoar e condenar* censurar perdoando. *Aquilo* se arranjava.
 (A): perdoando. >O caso se arranjava.< Chico Antonio estava *deliciado, olhos nas mãos*
 arrependido.
 linhas 2662-2663: (A): arrependido. >Voltava a imagem de/ Izabel, de barca, na dificuldade do mar. Aos
 poucos êle se infantilizava nu-/ma puerilidade magnifica. Eram palavras, rodas de meninas
 boas pra se apro-/veitar num coco, toadas que desde a infancia parece que nunca mais... A ca-
 /noa virou...// Foi deixar ela virá,/ Foi pur causa ~~\$d\$~~ de Zabé/ Que num sôbe remá...// Partiu
 feito pra uma embolada mais dele:// Diz, lá na baica/ Quebrô remo/ P’a morena/ Num passá/
 Diz, a canoa/ Num é boa,/ Trupelão,/ Rio, caná!...// A canoa virô...// Vibrava tão triste pela
 [pela] figura abatida/ que seu João não acabava mais de dar as desculpas do filho,< +Seu João,
 a voz de seu João o botava numa perfeição agradabilissima, [...]+

- gotes de gente, mais esparsos **agora**, até lá no alto donde a avenida escachoa-
va **sobre a praça** como um enorme vagalhão. De repente **acreditou** nitido que
enxergava Isabel numa barca **bem** no meio dum mar de navegar. Isabel vinha
pra êle, sentiu, vinha pra êle **atravessando o** verde mar de navegar. **Brotaram-**
2630 **lhe** ritmos **do coração, mais inquietado. De navegar...** Uma linha apenas imagi-
nada, de melodia. Mas como Isabel não pudesse vencer as ondas, parada de-pé
no meio da **barquinha**, diz-que vindo mas não **fazendo** nada pra chegar junto
dele, a **barquinha** desapareceu subito. Chico Antonio enfiava maquinalmente pu-
nhados de pipoca na boca, **esperando** que seu João falasse de Isabel e o cen-
2635 surasse. Fazia esforço **cabeçudo** pra recordar como era a barca que **enxer-**
gara e não via mais. A miragem não tinha sentido, **mas êle enxergara sim**. É
porquê **Isabel** estava sem remo... **Por isso é que estava de-pé na barquinha...**
Seu João, ficara muito serio **e** falou de Isabel.
– Vam’ sentar. Se toma um trago.
2640 **Entraram no bar da esquina. Seu João** pediu cerveja e:
– Você casou com ela?
– Nhor sim...
– Ela era boa?
– Boa... ela era.
2645 Todo o ser dele chorava **internamente**, numa desgraça felicissima. **A**
sexualidade, a vontade de mulher desaparecera por completo. Os olhos do co-
queiro se entregaram pra seu João, em busca **de** castigo. Mas **seu João estava**
ainda apenas uma censura insuficiente, mexendo lento a cabeça. Chico Antonio
teve uma raiva de botar um defeito bem grande em Izabel, **porém** jamais que
2650 **imaginasse** nisso e não mentia, **se** lembrou que ela estava prenhe.
– ... nunca que ela quis ter um filho **de mim...**
Teve medo logo do que falara sem querer, só pelo desejo invencível de
prejudicar Isabel. Não pela falsidade mas porquê estava desejando que seu
João ralhasse bem **com** êle, **e a frase o defendia**. Mas seu João ralhava mesmo.
2655 Principiou de mansinho, voz grave, falando vagarento. Ainda não estava bem no
movimento da parolagem que lhe era tão da natureza, e às vezes en-
treparava esperando uma deixa. E isso **maltratava** Chico Antonio porquê
as ausencias repentinas de **voz não tinham mais nexo pra êle**, lhe **intercep-**
tavam a liberdade de cismar. Porém seu João aos poucos agarrara num discurs-
2660 so muito igual e sem parada, indo até as portas da infancia **do coqueiro**, pra
poder censurar perdando. Chico Antonio estava **imovel, de cabeça baixa**, arre-
pendido. **Seu João, a voz de seu João o botava numa perfeição agradabilissi-**

linhas 2662-2700: (A): +agradabilissima, lhe recordava tantas coisas de si mesmo, como que lhe dava passado, tra-/dição, como que lhe juntava tudo o que êle já fôra e fizera no ser de ago-/ra. No seu natural desmancho de ser, o moço criava a sua vida apenas do mo-/mento que tinha na frente, jamais o moviam as experiencias do passado. Por is-/so o deliciavam sensualmente êsses momentos de conciencia de ser, tão raros,/ como o que as palavras de seu João lhe estavam dando agora. A voz, as expres-/sões às vezes duras mas conhecidas, lhe batiam no corpo feito mão que acari-/nhasse. Sirgiam detalhes, às vezes provocados por alguma frase, alguma expres-/são que já escutara num tempo vastamente atrás, em circunstancias especiais. / Viu, viu de fato a famosa vaca vermelha correndo que enlouquecera de com/ sêde, seu João agarrara êle, enganchara êle no pescoço do cavalo, mais o Rami-/ro com o Dico na garupa, galoparam fugindo, depois mataram a vaca, ficava/ ~~Ssempre~~ com raiva porquê era sempre êle que mandava arrancar mandioca, um/ dia fugiu, havia de mandar buscar Isabel porquê seu João havia de abraça-lo/ quando êle voltou não aguentando mais de fome... Havia poucos fregueses no/ bar. E o grupo, lá junto do balcão tomando café expresso, Jorge, se ligava/ mais era com o Ramiro, muito forte, que ensinava bem as habilidades do sertão/ e o amava por causa da cantoria, agora ia casar, seu João contara, êle tambem/ já estava casado, e aquela feita em que os dois foram, qual o quê não conse-/guiram espantar a boisada que arrebentara a cêrca do açude, sujara toda a /agua onde seu João até batia neles por causa de irem brincar com asbarqui-/nhas sempre amarradas com linha de carretel de Mãi, porquê sinão a barqui-/nha ia lá pro meio do açude, seu João via, quem foi? foi Isabel... Seu João pa-/gava a cerveja, se levantavam, era bem tarde, seu João mostrara que eram qua-/si duas horas, estavam limpando o bar, já meio descidas as portas de ferro./ Sairam na praça outra vez. Mas Chico Antonio estava completamente atordoado/ em plena integridade. Tomara com uma esfrega mão, seu João dissera boas pra/ êle, e Chico Antonio forte, com o corpo retesado numa plenitude perfeita, in-/da se sentia mais forte aguentando as censuras do pai. Bastava um peteleco/ seu João ia longe, mas seu João que batia, Chico Antonio se deixava bater, o/ que inda mais lhe dava uma masculinidade absurda, heroica, cheia de compla-/cencia.// Seu João estava bastante fatigado, quando pararam na esquina, se orien-/tando. A praça estava monumental assim, quasi vazia, sem bonde, nem onibus mais./ Os homens solitarios, parados nas esquinas, vindos de algum trabalho noturno/ de alguma farra, com medo de arrancar apé pros bairros longinquos, esperavam/ o primeiro bonde da madrugada. Tinha dois sentados na calçada em frente.

Outros+

linha 2664: A: fizera@+,+@ *no ser* de

linha 2670: A: ^Sirgiam^ detalhes,

linha 2679: A: Ramiro, *muito* forte,

linha 2681: A: quê@+!+@ não

linhas 2683-2684: A: com ^asbarquinhas^ sempre

linha 2688: A: atordoado@+,+@

linha 2696: A: praça *estava* monumental assim, quasi vazia, sem bonde >, nem onibus< mais.

linha 2697: A: noturno@+,+@

- ma, lhe recordava tantas coisas de si mesmo, como que lhe dava passado, tradição, como que lhe juntava tudo o que êle já fôra e fizera, ao homem de agora.
- 2665 ra. No seu natural desmancho de ser, o moço criava a sua vida apenas do momento que tinha na frente, jamais o moviam as experiencias do passado. Por isso o deliciavam sensualmente êsses momentos de consciencia de ser, tão raros, como o que as palavras de seu João lhe estavam dando agora. A voz, as expressões às vezes duras mas conhecidas, lhe batiam no corpo feito mão que acarinhasse.
- 2670 Surgiam detalhes, às vezes provocados por alguma frase, alguma expressão que já escutara num tempo vastamente atrás, em circunstancias especiais. Viu, viu de fato a famosa vaca vermelha correndo que enlouquecera de com sêde, seu João agarrara êle, enganchara êle no pescoço do cavalo, mais o Ramiro com o Dico na garupa, galoparam fugindo, depois mataram a vaca, ficava
- 2675 ~~\$sempre\$~~ com raiva porquê era sempre êle que mandava arrancar mandioca, um dia fugiu, havia de mandar buscar Isabel porquê seu João havia de abraça-lo quando êle voltou não aguentando mais de fome... Havia poucos fregueses no bar. E o grupo, lá junto do balcão tomando café expresso, Jorge, se ligava mais era com o Ramiro, tão forte, que ensinava bem as habilidades do sertão e o amava por causa da cantoria, agora ia casar, seu João contara, êle também já estava casado, e aquela feita em que os dois foram, qual o quê! não conseguiram espantar a boisada que arrebentara a cêrca do açude, sujara toda a agua onde seu João até batia neles por causa de irem brincar com as barquinhas sempre amarradas com linha de carretel de Mãi, porquê sinão a barquinha ia lá pro meio do açude, seu João via, quem foi? foi Isabel... Seu João pagava a cerveja, se levantavam, era bem tarde, seu João mostrara que eram quasi duas horas, estavam limpando o bar, já meio descidas as portas de ferro. Sairam na praça outra vez. Mas Chico Antonio estava completamente atordoado, em plena integridade. Tomara com uma esfrega mãi, seu João dissera boas pra
- 2690 êle, e Chico Antonio forte, com o corpo retesado numa plenitude perfeita, inda se sentia mais forte aguentando as censuras do pai. Bastava um peteleco seu João ia longe, mas seu João que batia, Chico Antonio se deixava bater, o que inda mais lhe dava uma masculinidade absurda, heroica, cheia de complacencia.
- 2695 Seu João estava bastante fatigado, quando pararam na esquina, se orientando. A praça ficara monumental assim, quasi vazia, sem bonde ~~nem onibus~~ mais. Os homens solitarios, parados nas esquinas, vindos de algum trabalho noturno, de alguma farra, com medo de arrancar apê pros bairros longinquos, esperavam o primeiro bonde da madrugada. Tinha dois sentados na calçada em frente. Ou-

linhas 2699-2712: (A): + Outros não esperavam nada, esperavam a vida, sabendo que a praça do Cor-/reio era o lugar mais propício para esperar a vida. Passou um automovel des-/lumbrante, chato, branco e preto, moços chiques dentro e aquela menina/ sem chapéu, olhando francamente pra êle. Chico Antonio baixou os olhos.// Caminharam silenciosos, subindo á praça Antonio Prado, donde seu João/ podia se orientar. O velho ia meio com medo do moço. Chico Antonio estava/ tão mudo, não falara nada, tão vago, tão úmido de saúde alumeada na pele bri-/lhante, seu João teve receio, como si estivesse junto dum animal bravo. Tomou/ instintivamente o partido de enfraquecer, a ladeira era tão ingreme que ex-/plicava tudo. // – Não posso mais... Me ajude, Chico Antonio.// O moço esbarrou no velho que pretendeu se apoiar mas foi levado feito/ pluma. Seu João sentiu que dominava inteiramente o animal bravo, + que Chico

linha 2700: (A): esperavam >nada< a vida

linha 2706: (A): saúde ^alucada^ na pele A^l: tão ^humido^ de

linha 2710: (A): Me *de* ajude,

linhas 2712-2713: A^l: +que Chico Antonio+ estava muito arrependido, e logo tendo uns cobres >Chico Antonio< mandava

linha 2713: (A): logo@+,+@ tendo

linha 2714: (A): falavam +mesmo+ que gastava por demais #mesmo# @!@ ^deu^*uma risada* >superior< :

linhas 2715-2716: A^l: polenta@, @ ^ajuntar^

linha 2715: (A): estar *comen* manjando polenta,

linha 2716: (A): não tem *onde* gastar

A: Fim da Primeira Parte +(7-XI-1930)+ (A): @+(+ Fim da Primeira Parte @+)+@ >(7-XI-1930)<

2700 tros não esperavam nada, esperavam ~~\$nada\$~~ a vida, sabendo que a praça do Correio era o lugar mais propício para esperar a vida. Passou um automovel deslumbrante, chato, branco e preto, moços chiques dentro e aquela menina sem chapéu, olhando francamente pra êle. Chico Antonio baixou os olhos.

2705 Caminharam silenciosos, subindo á praça Antonio Prado, donde seu João podia se orientar. O velho ia meio com medo do moço. Chico Antonio estava tão mudo, não falara nada, tão vago, tão úmido de saúde alumeada na pele brilhante, seu João teve receio, como si estivesse junto dum animal bravo. Tomou instintivamente o partido de enfraquecer, a ladeira era tão ingreme que explicava tudo.

2710 – Não posso mais... Me ~~\$de\$~~ ajude, Chico Antonio

O moço esbarrou no velho que pretendeu se apoiar mas foi levado feito pluma. Seu João sentiu que dominava inteiramente o animal bravo, que Chico Antonio estava muito arrependido e logo, tendo uns cobres, mandava buscar Isabel, êle ajudava, já falavam **mesmo** que gastava por demais!... Deu **um riso**:

2715 – Não vê que sou intaliano pra estar ~~\$eomen\$~~ **manjando** polenta, polenta. A-juntar é pros ricos que não têm **no quê** gastar...

(Fim da Primeira Parte)

EDIÇÃO GENÉTICA E CRÍTICA DO ROMANCE INÉDITO DE MÁRIO DE ANDRADE, *CAFÉ*

A transcrição diplomática de cada documento se faz acompanhar da análise documentária, da reprodução fac-similar e do aparato genético que exhibe as seguintes etapas na escritura:

(A): etapa subjacente, emendas que surgem no correr da escritura;

A: leitura imediata;

(A¹): etapa subjacente à etapa A¹;

A¹: etapa posterior à finalização da versão, quando o escritor, crítico de si mesmo, traça ou sobrepõe reformulações por meio das rasuras;

A²: sobreposição de novas rasuras decorrentes de releitura.

Tipos de rasura:

* * substituição

deslocamento

> < supressão

^ ^ correção

= = confirmação

\ \ inversão na ordem do pensamento

@ @ alteração na pontuação

∫ ∫ hesitação

⊗ ⊗ interpolação

Antecedentes da criação do romance *Café*

Antecedentes : [post. 31 dez. 1924] - fev. 1929.

— [jan. 1925]: início da redação do esboço de um romance, tendo como personagens o casal de amantes Carlos e Maria. *Vento* e *Noite* são os títulos aventados. No verso da nota fiscal da Casa Di Franco, datada de 31 de dezembro de 1924, a nota de planejamento resolve a hesitação em favor de *Vento*. Em carta a Manuel Bandeira, atestada como posterior a 11 de maio de 1925, confirma-se o título.

— 28 abr. 1926: envolvido pelo romance *Vento*, durante concerto da Sociedade Quarteto Paulista, MA lança mão do único papel que tinha disponível no momento: o ingresso da apresentação.

— 27 nov. 1928 – 15 fev. 1929: viagem de Mário de Andrade Turista Aprendiz ao Nordeste brasileiro, para pesquisa do folclore da região; descobre o cantador de cocos Chico Antônio, no Rio Grande do Norte.

— 14 dez. 1928 – 29 mar. 1929: Mário de Andrade, como correspondente do *Diário Nacional* de São Paulo, desenvolve sua coluna de 70 crônicas/diário “O Turista Aprendiz”, nas quais declina, no cabeçalho, a data de redação. A crônica “Automóvel, 27 de janeiro de 1929”, publicada em 13 de março, expressa intenção possivelmente ficcional do escritor: “O coqueiro Chico Antonio que ei-de celebrar melhor em livro [...]”.

Fases da criação do romance *Café*

1ª fase: [após 15 fev. 1929] – 13 jun. 1929.

— [após 15 fev. 1929]: abandono do romance *Vento*, enquanto narrativa autônoma; o título *Café* surge em planos para redação de um segundo romance. Transferência do manuscrito de *Vento* para o dossiê de *Café*.

— [após 15 fev. 1929]: possível início da redação de notas de trabalho. Assim que inicia a tarefa, o escritor lança mão de um caderno de notas e de lá recolhe frases que julga de interesse para a sua criação. Um dos recortes permite atestar a data das anotações como início da década de 1920, já que apresenta duas datas. Na frase destacada, “30 de Agosto” e, no verso, no texto descartado, surge a data completa “29-8-921”.

— [após 15 fev. 1929]: esquema do romance: desenho e explicação.

— [após 15 fev. 1929]: redação do esboço “Café/ Carlos - Maria” que integra textualmente o casal protagonista de *Vento* ao romance *Café*.

— [após 15 fev. 1929]: 6 notas propondo personagens ou sequências, 2 esboços e 1 plano demarcando núcleos; folhas milimetradas, com furos, retiradas de agenda de bolso.

— [após 15 fev. 1929]: redação do plano mais detalhado “Café/ Ritmo psicológico”.

Café/ Titulos das Partes:

Plano [após 15 fev. 1929]; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel branco (10,4 x 6,8 cm), borda superior picotada.

Nota da edição: plano provavelmente escrito no início de fevereiro de 1929, quando, de volta a São Paulo o escritor faz um balanço de sua viagem ao Nordeste. Em planos, notas e nas versões posteriores de *Café* não prevalecerão estes títulos para as partes do romance. No entanto, o título da terceira parte, “O Par”, sugere a utilização de esboços de *Vento*, abandonado como narrativa autônoma.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Café

Titulos das Partes:

(A): ^Titulos^ das

- 1ª. Prelúdio –
- 2ª. Família –
- 3ª. O Par –
- 4ª. Pobres ensimes-
mados –
- 5ª. Final –

VENTO/ ESTÉTICA/ (Noite)/ 'Mau Estar'/(nome do romance).

Esboço de sequências, planos e notas prévias. Caderneta costurada, corte vermelho, 41 folhas brancas (15,3 x 10,5 cm), papel milimetrado e folha de guarda final lisa; cantos superior e inferior direito roídos por inseto; marca de folhas arrancadas; perfuração por ferrugem na folha 20. Capa dura encapada com papel salmão colado; no anverso, inscrição em 3 etapas: 1ª) a tinta preta: “ESTÉTICA”; 2ª) a lápis azul: riscos anulando o primeiro título e acrescentando “VENTO”; 3ª) a grafite: “(Noite)/ ‘Mau-Estar’/(nome do romance)”. Escrita em autógrafo a tinta preta e a grafite, ocupando a frente e o verso das folhas e um terço do anverso da 3ª capa, abrigava outros 22 documentos anexos: esboços, notas de trabalho e 2 recortes de periódico.

Nota da edição: Fac-símile, transcrição diplomática, aparato genético e estudo do esboço de romance estão também na minha dissertação de mestrado no Programa de pós-graduação em Literatura Brasileira na FFLCH-USP, em 2001 (orientadora: Therezinha A. Porto Ancona Lopez):

SANTOS, Tatiana Maria Longo dos. *Edição genética de Vento, esboço de um romance de Mário de Andrade* (digitada).

VENTO

ESTETICA

(Morte)

"Mau-Estet"
(nome do Romance)

VENTO

ESTÉTICA

(Noite)

“Mau-Estar”
(nome do romance)

— Vento —

Romance de um só capítulo
sem mesmo subdivisões de
espaços como um 4º rãu lein.
Os episódios apontados mista
com os outros simultaneos.

Estudo de psicologia, principal-
mente de simultaneidade psi-
cologica. Todo é simultaneo, mas
principalmente simultaneidade
de psicologia

O romance passa-se numa noi-
te inteira, das 10 1/2 horas em
que os amigos de Carlos se reu-
nem na Praça Verdi até as 4 1/2
da madrugada em que ele par-
te da casa de Luiza

«Ela não era muito elegante não,
porque tinha um espirito muí-
to inventivo»

Scene da separação — Ela está dei-
tada no sofá com a cabeça nos
pernes de Carlos. Ele lhe aca-
ma os cabelos carinhosamente.
Afim de quando ela pergunta o
que ele sente com a outra de-
que vai ficar novo, ele fala:
«A Confissão do que ele sente
com a outra. É bem o amor
aquele. Ela percebe-se e se ergue,
rígida, afastada no outro canto
do sofá, inteiramente fechada»

- Vento -

Romance de um só capítulo
sem mesmo subdivisões de
espaços como em Fräulein.
Os episódios ajuntados uns
com os outros simultaneos.

(A): ajuntados ^uma^ com os

Estudo de psicologia, principal-
mente de simultaneidade psi-
cologica. Todo êle simultaneo, mas
principalmente simultaneida-
de psicologica

O romance passa-se numa noi-
te inteira das 20 22 horas em
que os amigos de Carlos se reu-
nem na Praça Verdi até as 4 ^{1/2}
da madrugada em que ele par-
te da casa de Luisa

A: das *20* 22 horas

“Ela não era muito elegante não
porquê ‘tinha um espírito mui-
to inventivo’”

Scena da separação – Ela está dei-
tada no sofá com a cabeça nas
pernas de Carlos. Ele lhe aca-
ma os cabelos carinhosamente.
Afinal quando ela pergunta o
que ele sente com a outra de
que vai ficar no[i]vo, ele fala.
~~Ele~~ Confissão do que êle sente
com a outra. É bem o amor
aquilo. Ela percebe e se ergue,
rígida, afastada no outro canto
do sofazão, inteiramente fechada.

A: cabeça ^nos^

A¹: lapso: “novo”

A: #Ele# Confissão

Era tão gostoso aquele acariciar
da mãe dele sobre os cabelos.
Bastava ela & era magnífico! Então
ela percebe como não fazia ou
confundir os carinhos sinceros
e os indiferentes. Por um momen-
to ela desconfiou que Carlos nada
lhe tivesse dito e continuasse
a fingir. Que se casasse, se que-
ria, que amasse outra mulher,
mas que continuasse a acariciá-
la, continuasse a vir que não
era quanto, continuasse a fingir
que a amava. O importante pra
ela era o gozo próprio e o empri-
go do amor dela. Mas foi uma
fantasia rápida. Ela percebia
já que aquilo era impossível
& que «amor de um só não se
vêdo, não é».

Estão de pé. Carlos vai partir. Ela
melhora não lhe brilharam os olhos
de esperança como se ali, ainda
se agarrasse alguma dorapitada
ilusão. Mas vem pra frente dele,
entre as pernas, braços caídos, pronta
pra pesar nos braços dele, ex-
que o momento. - Mas, se algum
dia você ~~bater~~ vier bater
na minha porta como é que
eu devo receber você? Com odio,
com desprezo, com indiferença,
como filho prodigo, com paixão,
com piedade... Carlos olha-a.
Um sorriso quis adotar. Ela
a rir a língua pura da boca. Se
contive. Pensou um momento
crocando a mão direita com a

folha 1 verso (autógrafo a tinta preta):

Era tão gostoso aquele acariciar da mão dele sobre os cabelos. ~~Então ela~~ E era maquinal! Então ela percebe como são faceis de confundir os carinhos sinceros e os indiferentes. Por um momento ela desejou que Carlos nada lhe tivesse dito e continuasse a fingir. Que se casasse, si queria, que amasse outra mesmo, mas que continuasse a acariciá-la, continuasse a vir de vez em quan[d]o, continuasse a fingir que a amava. O importante pra ela era o gôso proprio e o emprêgo do amor dela. Mas foi uma fantasia rapida. Ela percebia já que aquilo era impossivel e que o amor de um só não satisfaz nem êsse.

Estão de pé. Carlos vai partir. Ela embora não lhe brilhem os olhos de esperança como se diz, ainda se agarra numa desesperada ilusão. ~~Ent~~ Vem prá frente dêle, entregue, braços caídos, pronta pra pesar nos braços dele, ergue o mento. – Mas si algum dia você ~~bater~~ vier bater na minha porta, como é que eu devo receber você? Com ódio, com desprêso, com indiferença, como filho pródigo, com paixão, com piedade...” Carlos olha-a. Um sorriso quis adoçar-lhe a rija linha pura da boca. Se conteve. Pensou um momento co[ç]ando a mão direita com a

A: #Então ela# E

(A): a vir *que* de
A¹: lapso: “quanto”

(A): do *se[u]* amor dela

(A): pé. *E[le]* Carlos

(A): agarra *e[m]* numa
(A): ilusão. >Ent[ão]< Vem

(A): mento: – *E* Mas
A: você #bater n[a]# vier bater

A¹: lapso: “cocando”

outra. Responderam: - Com delicadeza, com afeição Afável. Então Ruína percebeu que tudo acabara mesmo entre os dois. No vestíbulo sombrio a temperatura era outra, Tinha um cheiro singulto de pó. Eles se lembraram que era noite de vento lá fora.

Entre os amigos de Carlos por Rubens. Descrever a psicologia do Rubens de Moraes. Isso porque é ele que recebe as confidências de Ruína quando erguidos todos da mesa da casa, os outros vão pro hall fumar. Rubens volta buscar a flor que deixara sobre a toalha. Ruína que estava ali dando ordens pro criado, elle dirige a uma conversa. Soubera ficada em que ela tem um sarcoma. - Ruína, você está nervosa. # Ela ri aquarelado meio forçado. - Eu! Que ideia! Sente a le abulta. Ela então confessa que está singulta. Sente que Carlos vai deixa-la. Isso de ser sempre egoísta, de lá pra ele só e agora, de repente esta caia pro amigo. Sabe que ele vai deixa-la. Foi 7 anos que estão juntos. Quando em 1922 ele teve aquele robicheu com a aluna, ele eligia pra ela que tivesse paciência, aquilo passava. Só que ele quando via a aluna sentia um deslumbramento, uma vontade e não resistia. Isso era capricho. Que tivesse paciência. Aquilo passava. Tinha paciência. E passou mesmo. Mas depressa

folha 2 anverso (autógrafo a tinta preta):

outra. Respondeu: – Com delicadeza. ~~com afabi~~ Afavel”. Então Luisa percebeu que tudo acabara mesmo entre os dois. No vestibulo sombrio a temperatura era outra; [t]inha um cheiro inquieto de pó. Eles se lembraram que era noite de vento lá fora.

Entre os amigos de Carlos por o Rubens. De[s]crever a psicologia do Rubens de Moraes. Isso porquê é ele que recebe as confidencias de Luisa quando erguidos todos da mesa da ceia, os outros vão pro hall fumar. Rubens volta buscar a flor que deixara sobre a toalha. Luisa que estava ali dando ordens pro criado lhe dirige uma conversa. Conversa fiada em que ela tem uns sarcasmos. – Luisa, você está nervosa. Ela ri amarelo, meio forçado. – Eu! Que idea!” Senta Ele senta. Ela então confessa que está inquieta. Sente que Carlos vai deixa-la. Isso de ser sempre egoista, te-la pra êle só e agora, de repente esta ceia pros amigos. Sabe que ele vai deixa-la. Faz 7 anos que estão juntos. Quando em 1922 êle teve aquele rabicho com a alemã, ele dizia pra ela que tivesse paciencia, aquilo passava. Só que êle quando via a alemã sentia um deslumbramento, uma vontade e não resistia. Isso capítulo era capricho. Que tivesse paciencia. Aquilo passava. Tive paciência. E passou mesmo. Mais depressa

A: delica-/deza@, @ *com afabi[lidade]* Afavel”

(A): acaba-/ra ^mem^ mesmo

A¹: lapso: “outra; Tinha”

A¹: lapso: “Dercrever”

(A): . #Conf[essa]# Conversa

A: nervosa. >^ – ^< Ela

A¹: era ∫capricho/ capítulo ∫. Que

que eu esperava. Mas desta vez
é diferente. Não disse nada. Não
percebi nada. Até é: percebi. E le-
vem sido mais regular agora. Co-
meçou a ter dias certos de vir.
Ante, não. As vezes passava duas
semanas sem vir. Depois vinha.
Aquilo era amor. Duma vez foi
pro Rio sem me avisar. Passei
uma semana sem ver ela. Não sabia
o que era. Passei na casa dele. Fa-
zi até telefonar pro escritório, coisa
que ele não queria. Mas de repente
é isso. Vi. Uma quarta-feira e
quando foi pra sair me disse:
— quarta-feira eu volto. Estranhei.
E as foi um dia depois que nem
tudo os quartos. De repente está
ela pra me mostrar. E pra me
mostrar sim! Não... Não é pra
me mostrar... Disse ele não cari-
ca... Então pra quê? E tenho certeza
que a colou tudo. » Vem alguém
chama. Co.

Quando os amigos se reunem na
Praça Verdi o céu está azul,
noite quente. Vai chover. A simulação
particular que eles estão conhecendo

E quando ali pelas 7 e meia os
amigos partem que se percebe a
nebulosidade. Gaias uma nuvem
muito baixa sobre S. Paulo. As
árvores. Folhas. Poeira Descrição
O céu está limpo, limpo.
Estrelas brilhando em multi-
tude. Misa vai no vento. E a
amizade partem ela alegre, nervosa.

folha 2 verso (autógrafo a tinta preta):

que eu esperava. Mas desta vez
é diferente. Não disse nada. Não
percebi nada. Isto é: percebi. Ele
tem sido mais regular agora. Co-
meçou a ter dias certos de vir.
Antes não. As vezes passava duas
semanas sem vir. Depois vinha.
Aquilo era amor. Duma vez foi
pro Rio sem me avisar. Passei
um mes sem ver ele. Não sabia
o que era. Passei na casa dêle. ~~Fa-~~
~~le~~ Até telefonei pro escritorio, coisa
que êle não queria. Mas de repente
é isso. Veio uma quarta-feira e
quando foi pra sair me disse:
– Quarta-feira eu volto. Estranhei.
E ~~ag~~ faz uns tres meses que vem
todas as quartas. De repente esta
ceia pra me mostrar. É pra me
mostrar sim! Não... Não é pra
me mostrar... Disso ele não care-
ce... Então praquê! É: tenho certeza
que acabou tudo.” Vem alguém
chama-los.

Quando os amigos se reúnem na
praça Verdi o céu está escuro,
noite quente. Vai chover. A Lincoln
particular que eles não conhecem

É quando ali pela 1 e meia os
amigos partem que se percebe a
ventania. Caiu uma venta-
nia doida sobre S. Paulo. As
arvores. Folhas. Poeira. Descrição
O céu está limpido, limpido.
Estrelas brilhando em multi-
dão. Luisa sai no vento. Os
amigos partem. Ela alegre, nervo-

(A): um ^mez^ sem

(A): dele. *Fale[i]* Até telefonei

(A): E >ag[ora]< faz

(A): ali ^pelas^ 1 e meia

na, dizendo ademeis. Portam. Bar-
los, puxa a porta pra dentro. Ela
quer ficar na neutralidade. Vem to-
da despenhada, com os cabelos á
americana revoltos, elle caíndo
na cara. Elle atira com a porta, fe-
chando-a com um estorço de heró-
ismo, na penumbra tenebrosa do
hall. (No principio falar na pe-
rsona da moçoira, familiar do
vestibulo. No fim falar na penum-
bra fria e seca do vestibulo.) Elle
abre a porta do hall e entra nele.
— Pense pra eu fechar a porta. Elle
passa. Elle fecha a porta suave-
mente. Elle vai sentar-se no sofá,
um canto, perto do tamborete de
espartos. Acende o cigarro. — Aqui
tão aqui sente-se aqui. Aqui lo elle
bate mais que a porta. É a ordem
terrível. Ela se enrola no outro canto
do sofá, pegue nimmilla. Elle olha pra
ela. — Vai se despenhou toda no vento.
Bate o dragão e elle acama os cabelos. Ela
então não pode mais e se abandona
ao homem que a domina. Deita-se no
sofá e encosta a cabeça na concha
feita pelos braços cruzados de Carlos.
(A horas tanto dizer que Ruiza sente
sono)

Quando elle descreve o novo amor-por-
ta notar que elle sente o mesmo
que mostrava sentir quando con-
sola com ela. (É lógico, pois elle fin-
ge e descreve por reminiscencia).

Carlos portava muito de sujeito de
múrias

folha 3 anverso (autógrafo a tinta preta):

sa, dizendo adeuses. Partem. Carlos precisa puxa-la pra dentro. Ela quer ficar na ventania. Vem toda despenteada, com os cabelos á americana revoltos, lhe caindo na cara. Ele atira com a porta, fechando-a com um estrondo horrendo na penumbra tenebrosa do vestibulo. (No princípio falar na penumbra mansa, familiar do vestibulo. No fim falar na penumbra fria e seca do vestibulo). Ele abre a porta do hall e entra nele. – Passe pra eu fechar a porta. Ela passa. Ele fecha a porta suavemente. Ele vai sentar-se no sofa, num canto, perto do tamborete de cigarros. Acende o charuto. – Luisa ~~senta-te aqui~~ sente-se aqui. Aquilo lhe bate mais que a porta. E a ordem terrível. Ela se encolhe no outro canto do sofá, pequeninha. Ele olha pra ela. – Você se despenteou toda no vento”. Estira o braço e lhe acama os cabelos. Ela então não pode mais e se abandona ao homem que a domina. Deita-se no sofá e encosta a cabe[ç]a na concha feita pelas pernas cruzadas de Carlos. (A horas tantas dizer que Luiza sente sono)

Quando ele descreve o novo amor Luisa notar que ele sente o mesmo que mostrava sentir quando começara com ela. (É logico, pois ele finge e descreve por reminiscencia).

Carlos gostava muito de queijo de Minas

A¹: *hall*. (No

A¹: lapso: “vestibulo.)”

A: Luisa ^*senta-te*^ =aqui= sente-se

A¹: lapso: “cabeça”

- Você não leva nada daqui?
- Não. Pra quê?
- Nem seus livros. (Ele pensa)
- Não. Não leve nada.

Ele conta pro Rubens que agora Carlos é Todo mais de circunstâncias. Não tem mais aquelas naturalidades de antes. Não toma mais banho em casa dela. Não entra mais no quarto. O ar não recupe de pipama. Rubens: - De certo é doença, hein. Ele anda que pro, você não reparou? Palido... Tão é ~~essa~~ doença, causo. Par. na. - Não para não... Nem é doença.

Ele na mesma se explica, ali, que é melhor ele mudar de Terra. - Você não é daqui, mesmo. Foi só pro Rio.

Ele vem na Avenida até a garco. niere da rua Ribera. Depois sai com a noeta. Vai ~~até~~ até de a pé pela madrugada exausta, quente, fria até o Largo da Li. Lá vê um Topi desconfiados. Toma-o por hora. - Tem bastante popelina? Dirige a viagem sem dizer nada vai. ~~Se~~ Logo se conta sua. Depois viram pra direita. Cam. por. Foi parar o topi na porta do Leprosario. A porta do Leprosario se fechou atrás dele.

Episodio do cachimbo do de
que do pé e começa a recordar
o passado enquanto conversa e ri

folha 3 verso (autógrafo a tinta preta e trecho final em autógrafo a grafite):

- Você não leva nada daqui?
- Não. Praquê?
- Nem seus livros. (Ele pensa)
- Não. Não levo nada.

Ela conta pro Rubens que agora Carlos é todo cheio de circunstâncias. Não tem mais aquelas naturalidades de amante. Não toma mais banho em casa dela. Não entra nú no quarto. Dorme sempre de pijama. Rubens: – De certo é doença, Luisa. Ele anda magro, você não reparou? Palido... Isso é ~~algu~~ doença, cansaço. Passa.” – Não passa não... Nem é doença.

(A): mais ^aqueas^

(A): Isso é >algu[ma]< doença,

Ele na scena de explicação diz que é melhor ela mudar de terra.
– Você não é daqui, mesmo. Pois vá pro Rio.

Ele vem na Lincoln até a garçonière da rua Líbero. Depois sai com a mala. Vai ~~não ap~~ de a pé pela madrugada exausta, poenta, fria até o largo da Sé. Escolhe um taxi desconjuntado. Toma-o por hora. – Tem bastante gasolina? Dirige a viagem sem dizer onde vai. ~~La~~ La[d]os de Santa Ana. Depois viram prá direita. Campos. Faz parar o taxi na porta no Leprosario. A porta do Leprosario se fechou atrás dele.

(A): Vai >não< #^ap[é]^# de a pé

(A): largo da ^sé^. Escolhe

(A): vai. = La[dos]= A¹: lapso: “Laoos”
A: viram *a* prá

Episodio do cachimbo dêle queda pega e começa a recordar o passado enquanto conversa e ri

com todos, aparentemente alegre. A duela tantas vezes tem uma verdadeira alucinação. Nesse a boca de Carlos na ponta do casimbo e o rosto, e um corpo a sulaca e quebra e... - Não furo assim. Ar. quefante. Pode se muito bem viver... em... S. Paulo... Tome um gosto inusado com o corpo de Carlos que a sulaca. Não pôde ir mais adiante na sala. Parou. E os outros curvaram-se quanto havia muito se ta, esguia, alta e apaiada um as outras mãos na encimada neta, onde parecia o cara e capimbo inutil. Dou calar quibria por ela. Tarpar. Havia foi adquirindo curvas, e encurvou-se. Estava mole com um cangaço que enlaçava. Estante-se até um cadeira. E ficou jogada ali que nem escharpe. Desparava a delicia com risadas exteriores, e razeando a graça dos rapazes.

O portas se fechou. Havia a vista dela. Carlos olhou o chão. Foi ao um segundo. Depois o rosto dela se curvou porquê tinha um derisório. - Pra casa... »

A horas tantas na conversa geral um dos amigos inusado em Carlos pra que volte pro Clube de Regatas. Foi tanto tempo que não vai lá. Carlos se nega por agora que tem um pouco de trabalho. E foi o primeiro partido donde se levantou a en-

com todos, aparentemente ale-
gre. A horas tantas Luisa tem uma
verdadeira alucinação sente a bo-
ca de [C]arlos na ponta do caximbo
e o rosto, e um corpo a enla[ç]a
e quebra e... – Não penso assim. Ar-
quejante. Pode-se muito bem viver
... em... S. Paulo... Teve um gosto imen-
so com o corpo de Carlos que a en-
laçava. Não pôde ir mais adiante
na fala. Parou. E ~~ou~~ outros [conver-]
saram enquanto Luisa muito rec-
ta, esguia, alta se apoiava com
as duas mãos na escrivaninha,
onde poisava agora o caximbo
inutil. Doce calor subia por ela.
Torpor. Luisa foi adquirindo
curvas. Encurvou-se estava mole
com um cansaço que enlangue-
cia. Arrastou-se ate uma cadei-
ra. Ficou jogada ali que nem
écharpe. Disfarçava a deli-
cia com risadas exteriores, e-
xagerando a graça dos rapazes.

O portão se fechou. Livre da
vista dela Carlos olhou o chão.
Foi só um segundo. Depois o
rosto dele se enrijou porquê
tinha um designio. – Pra casa.”

A horas tantas na conversa geral
um dos amigos insiste com Car-
los pra que volte pro Clube de Rega-
tas. Faz tanto tempo que não vai lá.
Carlos se nega por agora que tem
muita preocupação. Episodio es-
portivo donde sobressairá a ener-

A¹: lapso: “carlos”
A¹: lapso: “enlaca”

(A):laçava. #P[ôde]# Não ^pôude^ (A):
E =ou[tros]= outros

(A): o ^cac[himbo]^
(A): calor >q[ue]< subia
(A): Luisa #*a[dquiriu]*# foi
(A): curvas @,@ Encurvou-se

(A): segundo. >E< Depois *s[eu]* o

(A): agora >p[orque]< que

gia disciplinada de Carlos. Meu
pai sempre ~~de~~ descreve uma
carrida de cavalo entre dois poles
a dele perder. Empolgado pra Horta.
Tristeza dele quando eu me
da descrição para sabido. Todos
esperam no silêncio ofegante. E
ele simples. Perdeu. Daí rápido,
instante da as causas.

Quando Carlos explica a Luiza que
precisa casar. de lá entre as ban-
das a mãe de Campinho que
instante. Que compreende, Luiza,
a velha está lá com muita ida-
de. Só vendo as cartas que me
enxame. Dig que ao மற்றera' Tran-
quila que voudo casado. Eu tem
horror a homem solteiro. E
fica impaciente. - E depois, Luiza
eu já te disse pra não praucha
muito. Eu amo muito casar. me
e... deves superlativos. Isto não
pode continuar mais? Acabou-se!

Um homem que tinha fortunas
enormes.

Au tive por você, Luiza, uma
amor eterno. Mas eu não sabia
que era só isso. Que desmorte

Entre as recordações dos amigos
cair em pândegas a tolas tantas.
Recordar auctor de tudo, como
os defunctos de claudar, Thom
etc. E as do collegio como a quella
do padre Duunont que não no-

folha 4 verso (autógrafo a tinta preta e dois últimos trechos em autógrafo a grafite):

gia disciplinada de Carlos. Um
dos amigos ~~deseo~~ descreve uma
corrida de ensaio entre duas ioles
a dele perdeu. Empolgante pra todos.
Tristeza dele quando no meio
da descrição para subi[t]o. Todos
esperam no silencio ofegante. E
ele simples. Perdemos. Daí rapido,
insistente dá as causas.

A: amigos ^desco^ descreve

A¹: lapso “subido”

Quando Carlos explica a Luisa que
precisa casar-se dá entre as cau-
sas a mãe de Campinas que
insiste. Você compreende, Luisa,
a velha está já com muita ida-
de. Só vendo as cartas que me
escreve. Diz que so morrerá tran-
quila me vendo casado. Que tem
horror a homem solteirão. E
fica impaciente: – E depois, Luisa
eu já te disse pra você franca-
mente: Eu amo. Quero casar-me
e... devemos sujeitar-nos. Isto não
pode continuar mais e [a]cabou-se!

(A): #C[arlos]# Quando

A: já *#te#* disse

A: mais @>.<@ +e+ A¹: lapso: “Acabou-
se”

Um homem que tinha pestanas
inquieta

A¹: lapso “uma”

“Eu tive por você, Luisa, [um]
amor erotico. Mas eu não sabia
que era só isso. Me desculpe

Entre as recordações dos amigos
cair em pandegas a horas tantas.
Recordar anedoctas de grupo, como
as defini[ç]ões de elevador, trem
etc. E as do colegio como aquela
do padre Dumont que não sa-

A¹: lapso: “definicoes”

Acendo bem ainda o parlupin-
tiare que Giovanni na aula
de física que Galvani corre-
quia tirar estinellas das gre-
nallias.

« Na contrada da Justi-
ca, senhores jurados, o crime
danza de vis-à-vis com a
peça» praxe do dr. Leite
Mehala, meu avô

O momento de fazer a psicologia
e descrição de Carlos é quando ele
chegado na praça Verde, depois de
se despedir do amigo que muito
conveniente com ele e que depois de
despedido ainda volta pra sala
ver qual quer coisa, ao que Carlos
responde recto e seguro, e senta
Carlos remota os amigos dirigidos
no pro automovel: - É a gente. É jun-
to, imaginando a cara de humilhação.
Fazer-lhe a descrição e a psico-
logia pelo que se vê sentado
nos bancos de trás do automovel,
isto é, que fazer a psicologia
e descrição física pelos cortes,
pelo perfil eufónico e pelos
gestos de motarista. Fazer obser-
vações sobre o automovel que vai
recto não busca passar adeante
com volta ao lado do outro
outro, porém vai recto e parece
que o outro é que se porm de
lado pra ele dar caminho.

No momento em que os amigos de

folha 5 anverso (autógrafo a grafite):

bendo bem ainda o português
disse ~~que Galvani~~ na aula
de física que Galvani conse-
guia tirar etincelhas das gre-
nulhas.

A: disse #que Galvani# na aula

“Na contradansa da Justi-
ça, senhores jurados, o crime
dansa de vis-à-vis com a
pena” frase do dr Leite
Morais, meu avô

O momento de fazer a psicologia
e descrição de Carlos é quando ele
chegado na praça Verdi, depois de
se despedir do sujeito que vinha
conversando com ele e que depois de
despedido ainda volta pra escla-
recer qualquer coisa, ao que Carlos
responde recto e decisivo, e então
Carlos sauda os amigos dirige-
se pro automovel: – Eu guio. E guia
a maquina até a casa de Luisa.
Fazer-lhe a descrição e a psico-
logia pelo que se vê sentado
nos bancos de trás do automovel,
isto é, lhe fazer a psicologia
e descrição física pelas costas,
pelo perfil entrevisto e pelos
gestos de motorista. Fazer obser-
vação sobre o automovel que vai
recto não busca passar adeante
com voltas ao lado dos outros
autos, porém vai recto e parece
que os outros é que se poem de
lado pra lhe dar caminho.

(A): isto é, #f[azer]# lhe fazer

No momento em que os amigos de

[illegible]

Fazer a paixotinha apressada
de dentro com que está cheia,
por cima da ventania. O goro
desesperado, censural que ela
sente na ventania que a leva,
que arrebatava, que parece querer
acabar com tudo.

Antes da guerra depois
da ~~era~~ ~~uma~~ ruína o drama a
diferença que existe entre Car-
los, que é um tipo, uma person-
alidade realmente e os seus am-
igos, figuras apagadas, interpe-
ntradas, melatinas. Forer estas

folha 5 verso (autógrafo a grafite):

Carlos saem da casa, depois da
ceia, abrem a porta do hall que
dá pro vestibulo e naturalmente
oferecem pra que Luisa passe pri-
meiro. Ela entra no vestibulo
e é então que a luz é agressiva
e ela tem medo. O horror do
vestibulo vazio pra Luisa que qua-
si nem pode atravessa-lo e ~~aju-~~
~~dar os rapazes~~ distribuir os cha-
peus aos amigos de Carlos que
ela tem então desejo desespera[-]
do de reter ainda, reter sempre.
Fazer a psicologia dela no mo-
mento, pelo vestibulo. Quando
eles dois, depois de despedidos
dos amigos na ventania, entram
de novo no vestibulo, não tem
mais este aquele gesto agressi-
vo. Esta muito manso, abatido,
conformado, silencioso e vazio
por demais

Fazer a psicologia apreensiva
de desastre em que está Luisa,
por meio da ventania. O goso
desesperado, sensual que ela
sente na ventania que a leva,
que arrebenta, que parece querer
acabar com tudo.

~~Mostrar~~ Na conversa depois
da ceia ~~que~~ Luisa observa a
diferença que existe entre Car-
los, que é um tipo, uma persona-
lidade realmente, e os seus ami-
gos, figuras apagadas, interpene-
tradas, relativas. Fazer então

A: a ^porda^ do

(A): *aju-/dar os rapazes* distribuir

A¹: lapso: “desespera/do”

(A): sensual >em< que

A: >Mostrar< ^na^ conversa

A: ceia >que< Luisa

Observações psicológicas sobre os
tipos mais exactos, filhos dum tem-
peramento absoluto em concorran-
cia com as necessidades indi-
viduais e da época e do lugar
e os tipos vagos, suplicados, que são
a grande maioria e que adqui-
rem caracteres conforme as occasiões.
Nunca, apesar de Carlos não ser
bonito tem o brilho da e da
mulher que ela fez entre os homens.
Estas observações são de autor, mas
nunca as deuteia também, e mais
ainda ainda Carlos, agora que
se deute deitada.

Papel de Nina. Tipo bem brasi-
leiro de mulher. Carlos tipo bra-
sileiro também mas alligado
pelas circunstancias parcellas do
tempo moderno, ao passo que
Nina é brasileira a antiga.
Dá em grande parte a auctoridade
dela ao amante. A outra grande
parte deriva do proprio caracte-
r dominador deste. Tudo em
capitulo nas observações a esse
respeito, quando ambos estão
já não na scena de separa-
ção.

O livro realmente tem 2
grandes partes: Beia e Nina
de separação, intervaladas pe-
lo intermedio longo, mas
mais curto que elas, da ven-
tura.

folha 6 anverso (autógrafo a grafite):

observações psicologicas sobre os tipos ~~me~~ exactos, filhos dum temperamento absoluto em concordancia com as necessidades individuais e da epoca e do lugar e os tipos vagos, ineficazes, que são a grande maioria e que adquirem caracteres conforme a ocasião. Luisa, apesar de Carlos não ser bonito tem orgulho dêle e da escolha que ela fez entre os homens. Estas observações são de autor, mas Luisa as sentia tambem. E mais ama ainda Carlos, agora que se sente deixada

Fazer de Luisa tipo bem brasileiro de mulher. Carlos tipo brasileiro tambem mas afinado pelas circunstancias paulistas do tempo moderno, ao passo que Luisa é brasileira á antiga. Daí em grande parte a sujeição dela ao amante. A outra grande parte deriva do proprio caracter dominador deste. Tudo em capitulo de observações a esse respeito, quando ambos estão já sós na scena de separação.

O livro realmente tem 2 grandes partes: Ceia e scena de separação, intervaladas pelo intermedio longo, mas mais curto que elas, da ventania

(A): tipos *me[didos]* exactos,

~~Quando falar na~~
na via tem seu capítu-
lo em que farei a dife-
renciação entre o brasileiro
e o paulista, compararei
o arte, que precedeu a
que se está a estudar, noutro
colocando. Carlos não é re-
paratista. Os outros são, me-
nos mais. A tirada sobre
fogueiras, pauletas, paulis-
ta sem bandeira) e de Car-
los.

Seria talvez melhor iniciar
o livro por um capítulo que
tivesse as estas palavras «Car-
los está esproso». Assim e-
mitira o trunfo da surpresa
final, que é romântico.

O Fôrde é um ser intermediário
entre a caralhadura e o automa-
vel

«Je odeio de amor» comentário so-
bre a verdade desta frase, porqu-
mo desejo tem uma tal abundân-
cia, despois de de si mesmo
que a pessoa não pode mais
malquerer, quem lhe dá a
sentimentos aparentemente vis-
comentários também sobre a de-
licadeza suprema do «beijo de-
negadas e das mãos» Ambos du-
rante a vida

folha 6 verso (autógrafo a grafite):

~~Quando falar na~~

Na ceia tem um capitulo em que farei a diferenciação entre o brasileiro e o paulista, conforme o artigo que premeditava e que já está anotado noutra caderneta. Carlos não é separatista. Os outros são, menos Luisa. A tirada sobre fazendeiros paulistas (paulista sem bandeira) é de Carlos.

Seria talvez melhor iniciar o livro por um capítulo que tivesse só estas palavras “Carlos está leproso”. Assim evitava o truque da surpresa final, que é romantico.

O Forde é um ser intermediario entre a cavalgadura e o automovel

“Te odeio de amor” Comentario sobre a verdade desta frase, porquê no desejo tem um ~~tal~~ abandono tal, desposseção de si mesmo que a pessoa não pode sinão malquerer quem lhe dá tais sentimentos aparentemente vis – Comentarios tambem sobre a de[-] licadeza infinita do “beijo devagar as suas mãos” Ambos durante a Ceia

A: >Quando falar na<

(A): paulistas @,@ (paulista

(A): tem ^uma^ #tal# abandono

A¹: lapso: “de/licadeza”

Quando Luiza e Carlos entram
no vestibulo depois de se des-
pedirem dos amigos e que em face
a psicologia da Luz que está
abatida, que está quasi confusio-
mada, que accute por assim
dizer o comando do alono mostra
que hũa ama Carlos e quer
mo que sua amara de amar
tinha no minimo era manei-
ra de amar que vem do ha-
bito, do costume de viver jun-
to. O amor continuado não abun-
ta de habito e faz falta sempre
por esse motivo que quando
os dois cores se separam e se
carecem de criar um novo habi-
to e o antigo faz falta. Deven-
talver ainda a psicologia do
amar continuado, mostrar a
grandeza animal e humana
de.

Quando os amigos se despe-
dem Luiza dehem a modali-
dade que da grandeza vai
para pardin. São 5º degraus ape-
nas. Ficou no peltimo. Carlos
vai atire portão, que como a
grandeza tem uma falha de
juro e é completamente por
tapado, escondendo pois o
pardin e o cara, allem do ca-
breira de acacitar pinto da
grade. Fecha o portão e novo
brincando com as chaves. So-
be a escadilha. No degrau de
cima volta a: e Vamo, entra,

folha 7 anverso (autógrafo a grafite):

Quando Luisa e Carlos entram no vestibulo depois de se despedirem dos amigos [é] que eu faço a psicologia da luz que está abatida, que está quasi conformada, que aceita por assim dizer o mando do dono mostrar que Luisa ama Carlos e mesmo que não amasse de amar tinha no minino essa maneira de amar que vem do habito, do costume de viver junto. O amor continuado tem muito de habito e faz falta sempre por isso mesmo que quando os dois seres se separam ~~é pr~~ carecem de criar um novo ha[bi-]to e o antigo faz falta. (Desenvolver ainda a psicologia do amor continuado, mostrar-lhe grandeza animal e suavidade.

Quando os amigos se despedem, Luisa desceu a escadinha que da varanda vai pro jardim. São 5 degraus apenas. Ficou no ultimo. Carlos vai até o portão, que como a grade tem uma folha de zinco e [é] completamente fe tapado, escondendo pois o jardim e a casa, alem d[a] ca[r]-reira de acacias junto da grade. Fecha o portão e vem brincando com as chaves. Sob a escadinha. No degrau de cima volta-se: “Vamos entrar,

(A): ^despedir^ dos amigos A¹: lapso: “e que”
A: a ^psicologia^ da

(A): mesmo *nã[o amando]* que

(A): separam >é pr[a]<
(A): novo ^halido^ e o A¹: lapso: “halito”

A¹: lapso: “e e”
(A): completamente *fe[chado]* tapado,
A¹: lapsos: “acasa”, “do” e “ca-/reira” (A):
junto *a*

fuires. Ela abre os braços volup-
tuosa: «Está tão bom» e a
montaria recrudescendo um
copro num fantástico que faz
Lúcia sujar assim os
braços abertos como um mar-
to de navio. Pacirada barro-
rosa. Carlos ~~abre~~ espregan-
do os olhos como uma mãe
sem uma impaciência. Sai-
ra fura pelo pulso e puxa-
a. «~~Quem é que~~ Ora não! -
Ele que poltra: entre!» Ela su-
bim e sobra-o admirada ~~por~~
~~porque~~ não estava acostumada
da a ver ele aspergar
com ela. Mas Carlos já a em-
purraça docemente pela
cintura e Pade ~~ela~~ Pade
fazer mal fura» Docimen-
te. Ela entre falando «Não fazia...»

Ne conversa falar sobre a be-
leza dos carlos e um atira a
elez uma esbelta do cavalo
irijer e defende a shjanua
natural do arabe. Dize então
sobre a beleza mostrando do que
avista a nuca e de farya outra
tambem. O cavalo ~~irijer~~ está para
a beleza natural do cavalo como
o apolo do Pto. (ideal) veder este
para a hellyon ideal do pomen-
grejo.

O forte é um ar intermedia-
rio entre a almanira e o

folha 7 verso (autógrafo a grafite):

Luisa”. Ela abre os braços volup-
tuosa: “Está tão bom” E a
ventania recrudesce. Um
sopro vem fantastico que fa[z]
Luisa oscilar assim de
braços abertos como um mas-
tro de navio. Poeirada horro-
rosa. Carlos ~~eebrind~~ esfregan-
do os olhos com uma mão,
tem uma impaciencia. Segu-
ra Luisa pelo pulso e puxa-
a. “~~Vamos entrar~~ Ora sebo! o-
lhe que poeira: Entre!” Ela su-
biu e olha-o admirada. ~~Essas~~
~~aspere~~ Não estava acostuma[-]
da a ver ele asperejar
com ela. Mas Carlos já a em-
purra docemente pela
cintura “~~Pode Esta~~ Pode
fazer mal Luisa” Docemen-
te. Ela entra falando “Não fazia...”

Na conversa falar sobre a be-
leza dos cavalos e um ataca a
elegancia estilizada do cavalo
ingles e defende a elegancia
natural do arabe. Digressão
sobre a beleza mostrando que
nesta a sensação de força entra
tambem. O cavalo inglês esta para
a beleza natural e ideal do cavalo como
o Apolo do Belveder está
para a beleza ideal do homem
grego.

O forte é um ser intermedia-
rio entre a alimaria e o

A¹: lapso: “fas”

(A): Carlos >coibrind[o]< esfregan-/do

A: puxa-a #*Vamos entrar*# Ora

A: admirada. >Essas< *aspere[zas]*
Não A¹: lapso: “acostuma/do” (A): a
ve-lo asperejar

A: *Pode* *Esta* =Pode= fazer

A: Bel- ↓+e ideal+↓ veder A¹: lapso:
“Bel-veder”

automovel

This is the disintegrating power
of a great wind: it isolates one
from one's kind.

Conrad Typhoon ps 44

Nota II vol. de Notas, a nota
98

Ela quis de repente num desejo
louro e que tinha a coragem de
não recuar repetir muitas vezes
horas compridas de amor em
que lhe parecia percorrer toda
a idade do homem. Começava
criança aos pés delas, praquinhão,
cuidado e protegido, num pedun-
ho choramingado quasi de
afagos. Depois a força dele ia cres-
cendo aos poucos até sabermos na
ponte do homem viril, marulão,
muitas vezes possuído, possuído
tudo pra depois esballecer numa
quebreira caduca ~~na~~ que ela, fi-
elha velava e agasalhava sem
proteger, pequena, adormecendo.

Na arena da luta em que ela quer abraçar-
se (seja lá) Maria agarrava o pelo do braço.
Tão caído e esprezava o corpo nele senti-
do instintivamente que o corpo tem
garra mas poderoso que os mios,
depois os pelos. E aí que ele pra
se libertar porque não pode mais
permanecer. E aí se estremece com

folha 8 anverso (autógrafo a grafite):

automovel

This is the desintegrating power
of a great wind: it isolates one
from one's kind

Conrad Typhoon pg 44

Veja II vol de Notas, a nota
48

E ele quis de repente num desejo
louco e que tinha a coragem de
não realizar repetir uma dessas
horas compridas de amor em
que lhe parecia percorrer toda
a idade do homem. Começava
criança aos pés delas, fraquinho,
cuidado e protegido, num pedin-
char choramingado quasi de
afagos, depois a força dele ia cres-
cendo aos poucos ate rebentar na
posse do homem viril, masculos,
muitas vezes possuido, possuindo
tudo pra depois envelhecer numa
quebreira caduca ~~em~~ que ela fi-
lha velava e agasalhava sem
proteger, pequena, adivinhando.

(Na scena da luta em que ela quer abraça-lo
beija-lo) Maria agarrava-o pelos braços
tão caídos e esfregava o corpo nele sentin-
do instintivamente que o corpo tem
garras mais poderosas que as mãos,
dos joelhos ao peito. É aí que ele pra
se libertar porque não pode mais
pergunta: E si eu estivesse com

A: Veja *2[°]* vol

(A): afagos @.@ ^Depois^ a

A: caduca >em< que

A¹: lapso: "Marria"

uma doceira barreira, efprova!
(3) Teve um medo que se tivesse
conferido, acrescentou de pressão:
tático, liberalismo, qualquer coisa
assim. Maria parou. Seu rosto
imperceptível, inconsciente, em
recuo de espírito quasi que não,
clandestino. Foi um segredo. Carlos
denotou uma gargalhada batra-
ciniva, - a boca está areditando!
Mas ela já voltara a luta, se ex-
primando nele uma fúria de
persecutor - lhe no corpo. - Não
foi mal. Eu quero assim mes-
mo! Tu tratas-me, Carlos! Sei de
matemática toda a vida! Vou
pra longe daqui! Não! Não é verdade.
Não é verdade! Não não tem
nada, se não bem! Carlos agarrou-
a pra se libertar. Minha mãe
era sempre mesmo a fôrça.
agarrar a com o dragão. Toda
a vida. Ela não me quer não tanto
nada! Foi só pra te arrastar etc

Depto Britânico Janeiro 1925 contra-capa

Na cena de recitação Maria não
queria entrar pra dentro porque o seu
rosto aflicto em que se refletia a
natureza insuportável a consolava. Não é
bem que a consolasse não. Ele dava
mas que um sentimento de comparti-
lização da natureza na dor dela. Maria
das mais trágicas expressões que o ho-
mem pode ter quando sopra vento dele
reparar na trágica inconsciência com
que o resto dos homens e da terra segue
o seu caminho nas calmas aparente

folha 8 verso (autógrafo a grafite):

uma doença horrível, leproso!
(E teve um medo que el tivesse
confessado, acrescentou depressa:
tísico, tuberculoso, qualquer coisa
assim. Maria parou. Um recuo
imperceptível, inconsciente, um
recuo de espirito quasi que só,
olhando. Foi um segundo. Carlos
desatou numa gargalhada teatra-
líssima. – A boba está acreditando!
Mas ela já voltara á luta se es-
fregando nele numa furia de
penetrar-lhe no corpo: - Não
faz mal. Eu quero assim mes-
mo! Eu trato voce, Carlos! hei-de
tratar você toda a vida! Vamos
pra longe daqui! Não! não é verda-
de: Não é verdade! você não tem
nada, se vê bem! Carlos agarrou-
a pra se libertar. Unico meio
era empregar mesmo a força.
Afastou-a com os braços. Toli-
nha! Você não vê que não tenho
nada! Foi só pra te assustar etc

Veja Criterion Janeiro 1925 contra-capá.

Na scena de ventania Maria não
queria entrar pra dentro porquê o sen-
tir a aflição em que se revolia a
natureza meio que a consolava. Não é
bem que a consolasse não. Lhe dava
como que um sentimento de comparti-
lhação da natureza na dor dela. Uma
das mais tragicas impressões que o ho-
mem pode ter quando sofre vem dele
reparar na tragica inconsciencia com
que o resto dos homens e da terra segue
o seu caminho na calma aparente

(A): horrível, ^lleproso!^

(A): que >el[e]< tivesse

A: mal. ^Em^

A: braços @!@ Toli-/nha!

(A): ventania *ela* Maria

A¹: dela. *Numa*

[illegible]

folha 9 anverso (autógrafo a grafite):

que é a fisionomia quotidiana e epidérmica da vida. Se sente só o homem afligido. Mesmo o mais forte sofre porque nesse descalabro em que a dor o coloca tem então diante do sossego da vida a sensação física do desmembramento de que ficou deslocado na procissão que não para e ficou pra trás. Tudo foi se embora e ele vê longe na volta do caminho os últimos viventes dobrando. O sofrimento aproxima da morte. E aumentado da solidão é a previdência da morte. Alguns poucos se comprazem nesta. A grande maioria não. O fio da tecedeira vai se tecendo e o homem é o fiapo de algodão que o vento separou dos outros e o que mais sente então é a ansia de povo, ansia de humanidade, de vida, de confundir-se e anular-se na grande tecelagem universal. Porém a tecelagem não vai buscar o fiapo que o vento levou. Então essa coitada da Maria brasileira, que nem aprendera a sentir por si e a se organizar-se na sua personalidade, que nunca adquirira a liberdade sutil do seu um ñ dentro do múltiplo velocíssimo pra ela o vento fez bem. Dum descalabro geral de que ela participava. Que a envolvia e a fazia ela ir junto no vortice pegão vasculhado das folhas das nuvens e das roupas inquietas

(A): #d[a]# e epidérmica da

A¹: porque *esse#des/membramento#* em

A¹: lapso: “colo-/loca”

(A): diante ^de^ sossego

A: pra ^tráz^. Tudo (A): foi #e[mhora]# se

(A): não. ^A^ O fio

A¹: *fiandeira* vai

(A): de #se# confundir-se

A: Então *a* coitada

(A): que *nã[o]*

A: a +se+

A: organizar-^se^ na

(A): um >no<

(A): no *vortic[e]* pegão

tas dos homens. Se assim fosse
nessa, tirando-a urandimbra
monstruosa do vento, e era no
se acumulando que se acotia
moneta, porque a dar dela era
apenas, sem fiapo da dar
que a natureza estava te cun-
do.

Para a alma da despedida:

Carlos: Te mouro a omimha cara... Tu-
do o que esta aqui, Maria. E' mais
ou menos tudo o que pude guardar
do dinheiro que ganhei a seu lado.
Ele reparou que as lagrimas recadas
tinham deixado na pele brilhando
na luz. Pela bonita esticada. Conti-
nuou: Vou vender tudo, sem dezentos
contos, deve dar... Vanda, ou não? Não
guarde não. Si você fica aporando
aqui, começa a se lembrar, não se es-
quece e você não tem direito de multi-
nar a dar de sua manobra, Maria.
Você é moça. Olhava aqueles ídolos
barrifados em cima de uma columna
abandonada, se acitamento não
se sabe como. Ela ataxara o rosto
trazendo as mãos à boca. Você é
solta e precisa viver. E' fácil esque-
cer e você precisa esquecer. Arran-
je outro que seja melhor do que eu.
Além do, ou não? Não se meta sem
pessoas que é uma vida horrível.
Você é capaz de perder o que eu
deixo pra você. Nunca de dinheiro,
Maria! O dinheiro eu dei pra
você, pra você viver mais sossega-
da. Vinha isso. A columna de me-

folha 9 verso (autógrafo a grafite):

tas dos homens. Se anulou
nessa Ciranda-cirandinha
monstruosa do vento. E era so
se anulando que se sentia
viver, porque a dor dela era
apenas um fiapo da dor
que a natureza estava tecen-
do.

Na scena da despedida:

Carlos: Te deixo a minha casa... Tu-
do o que está aqui, Maria. É mais
ou menos tudo o que pude guardar
do dinheiro que ganhei a seu lado.
Ele reparou que as lagrimas secadas
tinham deixado a pele brilhando
na luz. Pele bonita esticada. Conti-
nuou: Voce venda tudo. Uns duzentos
contos deve dar... Venda, ouviu? Não
guarde não. Si você fica morando
aqui, começa a se lembrar, não se es-
quece e você não tem direito de culti-
var a dor dessa maneira, Maria.
Você é moça. Olhava aqueles cabelos
borrifados em cima duma calma
abandonada, se sustentando não
se sabe como. Ela abaixara o rosto
trazendo as mãos á boca. Você é
moça e precisa viver. É facil esque-
cer e você precisa esquecer: arran-
je outro que seja melhor do que eu.
Um só, ouviu? Não se meta em
pensões que é uma vida horrivel.
Você é capaz de perder o que eu
deixo pra voce. Nunca dê dinhei-
ro, Maria! O dinheiro eu dei pra
você, pra você viver mais sossega-
da. Vincule isso. A coluna se me-

(A): fica #aqui# morando

sem. E le teve a impressão de que
si a tocasse com um do dor, sem
dedos fortes, ela não caia mais. Foi
uma vontade clorada de morrer,
mas uma vez Maria. Era uma
estupidez. Garçon. e. Mas, que dia-
bo! não se entregue. Derra, mas não
mais pra ninguém! Foi carcere
de cuidar sem ponto mais de
si mesma! Foi sem vontade, era
o sangue sem independência,
era só eu que queria, só eu
que fazia... Lembra-se que você
não é escrava de ninguém? E...
e quem sabe si não foi por
causa disso que eu, que tudo aca-
bou? Adios Maria, seja forte...

Na scena da entrada no Sanatório:
Carlos bateu. Ollava pelo portão
aquella sua arcaia que seria
pra sempre. Um riso muito li-
ve quiz mexer a bo-
ca. Se lembrava de que podia
se vultar, abrir os braços e fazer
um discurso de despedida pro
mundo. Ardeu graça. Se viu.
O portão estava sempre aberto. Car-
los entrou num passo prumo. Do-
mitos raras, pensava.

Viço com a minha idea nella (de-
sempre mais calorosamente). Foi um
desculpe de falar isso pra você
porque me parece até que era um
pustido de si pelo meu pensamen-
to, que si eu deixasse de pensar eu -

folha 10 anverso (autógrafo a grafite):

xeu. Ele teve a impressão de que si a tocasse com um só dos seus dedos fortes ela não caía mais. Veio uma vontade doida de possuir mais uma vez Maria. Era uma estupidez. Zangou-se. Mas, que diabo! não se entregue dessa maneira mais pra ninguém! Você carece de cuidar um pouco mais de si mesma! Fica sem vontade, ~~era só eu que~~ sem independencia, era só eu que queria, só eu que fazia... Lembre-se que você não é escrava de ninguém! E... e quem sabe si não foi por causa disso que eu, que tudo acabou? Adeus Maria, seja forte...

Na scena da entrada no Sanatorio: Carlos bateu. Olhava pelo portão aquela rua areiada que seria pra sempre. Um riso muito leve quis lhe mexer a boca. Se lembrou de que podia se voltar, abrir os braços e fazer um discurso de despedida pro mundo. Achou graça. Se riu. O portão estava sendo aberto. Carlos entrou num passo franco. Bonitas rosas, pensava.

Vivo com a minha idea nela (desenvolver isso calorosamente). Você me desculpe de falar isso pra você porem me parece ate que ela vive sustida de pé pelo meu pensamento, que si eu deixar de pensar ne-

(A): vontade, #era só eu que# sem

(A): fazia... *T[ente lembrar]* Lembre-se

(A): #Bate[u]# Na scena

A: leve ^quiZ^ #mex[er]# lhe

(A): *^A [porta]^* portão

la, ela vai despenca, e se des-
faz, no chão (depois pulando a nota
certa cedente, a outra. Por nela, uma
frase dizendo que quando for
mim Maria que nem uma colu-
na caída, virilar no leurolon-
do que tinha falado e da vontade
psicológica na verdade que dir-
seira.)

Não dizer no principio que Carlos
está leproso. Nem terminar com
a ideia pro sanatório. Terminar ele
nomeado da garçomiere de de até
o largo da Id. e de um ardeum
motuista que regulara a mobilidade
e automotiva da liberação. Na
verdade de amor despendido Carlos
conta que parte por andar (e andar
de da mesma) depois diz que vai
confirmar a verdade e diz que está
seproso. As notas expõem no curso
dudam a acrescentar mais. Per-
tencem. Quando ele não quer que
condamne queixo de Onino. Estabe-
lece-se uma desordem sobre
lepra. Fala-se também em lepra.
Assim o leitor fica na clusão
se é lepra ou amor. Deixar bem
indeciso isso. A alegria de Maria
quando sabe que é lepra. Agarra-
se a ela e quer se esconder, quer
que pareça nada. Esforço dele.

Quando ela insiste perguntando coi-
sas, insistindo com ele pra ela fi-
car junto dele, como é a doença,

folha 10 verso (autógrafo a grafite):

la, ela ~~cai~~ despenca e se des-
faz no chão (Veja pulando a nota
antecedente, a outra. Por nela uma
frase dizendo que quando Carlos
viu Maria que nem uma colu-
na largada, oscilar se lembrou
do que tinha falado e da exatidão
psicológica da verdade que dis-
sera).

(A): ela *cai* despenca

A: ^antecedende^, a

A¹: lapso: “dis-/sera.)

Não dizer no principio que Carlos
está leproso. Nem terminar com
a ida pro sanatorio. Terminar ele
saindo da garçonnière indo ate
o largo da Sé. “Deu uma ordem ao
motorista que segurava a maleta
O automovel debralhou”. Na
scena de ~~amor~~ despedida Carlos
conta que parte por amor (1ª meta-
de da scena) depois diz que vai
confessar a verdade e diz que está
leproso. As notas esparsas no livro
ajudam a acreditar nisso. Ape-
nas. Quando ele não quer que
comam queijo de Minas estabe-
lece-se uma discussão sobre
lepra. Fala-se muito em lepra.
Assim o leitor fica na duvida
si é lepra ou amor. Deixar bem
indeciso isso. A alegria de Maria
quando sabe que é lepra. Agarra-
se nele e quer se esfregar, quer
que passe nela. Esfôrço dele.

(A): de *amor* despedida

A¹: lapso: “scena.)”

(A): *em [Carlos]* nele

Quando ela insiste perguntando coi-
sas, insistindo com ele pra ela fi-
car junto dele, como é a doença,

se ele tem bem certeza de que está doente, ai ele jura que está doente (ele já tinha jurado que amava outra) & ele jura e tem um que se Paromilha bonita, Maria, em tempo a olheira & um pequeno movimento de impaciência. Carlo, em fado, não sabe... Ele prende. Ele as mãos, caíram. Ele os olhos e a voz, grande falava que ela o fazia sofrer. Então ele chorou. Quando os olhos dele voltaram, a prender Maria nos olhos, oscilavam ligeiramente sem saber pra que lado cair. Deixas lagrimas grandes. Ela o contemplava, com a cabeça inclinadamente torta, engravidando-se toda num estado incompreensível. Depois, com um gesto sem vontade, talvez, devidado, de se compreender foi tocar com os dedos as lagrimas recém-choradas; & assim ficou tempo tirando a gota, tirando como se separendo traços a dar que fizesse Carlos chorar. Mas não, não é possível Carlos! Você não está doente! Eu fico com você, vou pra onde você for, você ama outra? eu sei... e tu...

Seu da boia? Ela percebeu que se pusera a amar Carlos com tanta intensidade que até sofria. Não se pela perspectiva de deixar. Co que sofria, sofria porque amava com ardor excessivo num transportamento impaciente de depois e a-

folha 11 anverso (autógrafo a grafite):

si êle tem bem certeza de que está doente, si ele jura que está doente (ele já tinha jurado que amava outra). Ele jura ~~e tem um mo~~ “Por minha honra, Maria, eu tenho a doença” e um pequeno movimento de impaciencia. Carlos eu faço você sofrer... Ele prendeu-lhe as mãos, caíram-lhe os olhos e a voz grave falava que ela o fazia sofrer. Então ele chorou. Quando os olhos dele voltaram a prender Maria nos olhos, oscilavam indecisas sem saber pra que canto cair duas lagrimas grandes. Ela o contemplava com a cabeça inteiramente torta, engruvinhando-se toda num extase incomparavel. Depois com um gesto sem vontade, talvez duvidando, sem se compreender foi tocar com os dedos as lagrimas verdadeiras. E assim ficou tempo tirando a gota, tirando como desejando tirar a dor que fizera Carlos chorar. – Mas não, não é possível Carlos! Você não está doente! Eu fico com voce, vou pra onde voce for, você ama outra! eu sei... etc...

Scena da Ceia = Ela percebeu que se pusera a amar Carlos com tanta intensidade que até sofria. Não só pela perspectiva de deixa-lo que sofria, sofria porque amava com ardor excessivo num transporte impaciente de desejos e a-

A: jura #*e tem um mo[vimento]*#

(A): de ^impaciencia^. Carlos

A: gota, *tirando* como

finiçães que a que viviam e a
excluíam todo prazer pessoal de
la. Era como um arrancar-se
de si pro outro ao mesmo tem-
po que uma amedonha de espas-
mos seguidos em que um pa-
rten nãolidade do que passou e
fai não pôe reparo em si pensan-
do que que havia de vir depois.
Aqui lo doia. Se recordam então
que também fora assim nos
primeiros tempos de união com
ele em que ota puderam gozar
bem a plenitude do amor feliz
e realizado porqu se amavam
por demais. (Ninguem taça, causaco
que tem medo de si do amor por
demais e impaciente, sufim! Deu-
ralvar mais esse. Uma, não
se mostrando o reprimido de um
amor excessivo e extranatural
(indicar as causas dele) como,
antes deira conglicão que grisei
fazer passar pela memoria de-
le sentimentos reuacões e
factos dos primeiros tempos
mostrando que a fufaciência
e a presença impediavam o
gozo pleno do amor.) Amavam
por demais no presente.

Eu te amo Maria. & não foi deli-
rid não. Tãmen um extare calmo
contínuo, vigilante... Que nem
sol de verão. Le rim da poesia da
frase. Porém era de verdade. Repe-
tin guardando-a todinha no
olho de paz, com voz profunda: Que
nem sol de verão.

folha 11 verso (autógrafo a grafite):

finidades que a quebravam e a
excluía do prazer pessoal de-
la. Era como um arrancar-se
de si pro outro ao mesmo tem-
po que uma ansiedade de espas-
mos seguidos em que um já
tem saudade do que passou e
já não põe reparo em si pensan-
do no que havia de vir depois.
Aquilo doia. Se recordou então
que também fôra assim nos
primeiros tempos de união com
êle em que não puderam gosar
bem a plenitude do amor feliz
e realizado porque se amavam
por demais. (Inquietação, cansaço
que tem medo de si do amor por
demais e impaciente, enfim: desen-
volver mais esses temas não
só mostrando o sofrimento dum
amor excessivo e extranatural
(indicar as sensações dele) como,
antes dessa conclusão que grifei
fazer passar pela memória de-
la sentimentos sensações e
factos dos primeiros tempos
mostrando que a impaciência
e a fremencia impediam o
goso pleno do amor). Amavam
por demais no presente.

Eu te amo, Maria. E não foi deli-
rio não. Te ameí num extase calmo
continuado, vigilante... Que nem
Sol de verão. Se riu da poesia da
frase. Porém era de verdade. Repe-
tiu guardando-a todinha nos
olhos de paz, com voz profunda: Que
nem Sol de verão.

(A): do #^q[ue]^# no que

A: ^desen-/volner^ mais

(A): ^de-/le^ sentimentos

(A): a #f[remencia]# impaciência

A¹: lapso: “amor.)”

(A): te ^ama^, Maria.

Se lembrava daqueles momentos sublimares
de após-ventura em que ele deitado de
cama pesava sobre o corpo dela ~~deitado~~
protegido pelas cobertas castas e sua suor-
te sua. Depois aquela mão que ~~se~~
se exprimia nella pessão apertando
tiranico calava feliz o corpo dela.

E a vida assim toda entreaberta
entre que inspuritamente a espera
ela não ao desejo dela, a sua a-
parição a ela.

A paixão de Carlos é sobretudo sa-
nual, de corpo de corpo, aqui do corpo
contra o corpo. A de Maria é mais
espiritualizada, o espírito trabalha
contra mais que o corpo, no mesmo-
tempo, na acção, na repressão.

No fim quando ela se agarra a ele,
ela está completamente sem razão,
sem se fulgar, fora de si porque du-
rante toda a ~~noite~~ noite tinha ha-
vido um desequilíbrio real nela
entre o espírito trabalhando e o cor-
po morto. Um esforço sobre si mes-
ma fez com que ela usasse o argu-
mento do corpo eufem para vencer
Carlos. Então ela se equilibra, se
rende Maria eufem na posse de si
mesma. D'aí o desequilíbrio começa
na vida durante toda a noite.
acorda, porque desconfia de si mais
do corpo que do espírito. E o espírito

folha 12 averso (primeiro trecho: autógrafo a tinta preta, os seguintes: autógrafo a grafite):

Se lembrava daqueles momentos sublimes
de após-ventura em que ele sentado na
cama pesava sobre o corpo dela ~~enrolado~~
protegido pelas cobertas castas uma enor-
me mão. Depois aquela mão que ~~relav~~
se esfregava nela pesada apertando
tirando calma feliz do corpo dela.

(A): sentado >ain[da]< na

A: dela *enrolado*

(A): que *relav[a]*

E a vendo assim boca entreaberta
entregue infinitamente a espera
ele caiu no beijo dela, amas-
sando ela

A paixão de Carlos é sobretudo sen-
sual, desejo de corpo, sai do corpo
entra no corpo. A de Maria é mais
espiritualizada, o espirito trabalha
muito mais que o corpo, no mime-
tismo, na servidão, na sujeição.

No fim, quando ela se agarra a ele,
ela está completamente sem razão,
sem se julgar, fora de si porque du-
rante toda a ~~di~~ noite tinha ha-
vido um desequilíbrio real nela
entre o espirito trabalhando e o cor-
po morto. Um esforço sobre si mes-
ma faz com que ela use o argu-
mento do corpo enfim pra vencer
Carlos. Então ela se equilibra, se
sente Maria enfim, na posse de si
mesma. D'ai o desespero louco que
não tivera durante toda a noite
ainda, porque desespero vem mais
do corpo que do espirito. E o espirito

A: ele@.@

A: ^Ela^ está

(A): toda *^o^ di[a]*

A: e ^a^cor-/po

A: que *^ele^* use

se afoguetara de autamã de non-
tade al baron. De homem, seria
até snoblar falar.

Entre os amigos de Carlos botar
um tipo que represente a snobaria
evolução seu prol de ser epistemo-
ta pra todo o Brasil e não divi-
tido apenas pro grupinho. Discus-
são de todos contra ele. (Ele chegou
mais tarde porque estava ocupa-
do, da a causa da ocupação, la-
cuna de seriedade, e todos saem
na rigada e caem de lá, causa
da discussão). Ele se explica,
ataca o dilettantismo dos ou-
tros, arte de vida das coisas, arte
excitante, arte, coitell. Se ex-
plica o tipo de ingenuidade mos-
trando no fim que ele a reedi-
quira a coragem da própria
ingenuidade. Carlos chega perto
dele, dar-lhe um olho verde co-
rto, e fala sério; - Muito bem,
fui. Você é um homem direi-
to. / o fuis falara que não fica-
ra marcando passo na extra-
vagância e ataca os outros, os
papeis, Rautenmont, Thun-
band.) Fuis quanto do claxio
de Carlos foga uma expressão
da rapidez pra amigos que
toda a coisa em patriso modo
desapontado. Maria está allan-
do pra ele com solidariedade
de nos olhos. Fuis cora, teve
medo de ter idlo muito alto
e de mancha tudo ne-
rundo desapontado com

folha 12 verso (autógrafo a grafite):

se sugitava de antemão á vontade de Carlos. Do homem, seria até melhor falar.

Entre os amigos de Carlos botar um tipo que represente a minha evolução em prol de ser eficiente pra todo o Brasil e não divertido apenas pro grupinho. Discussão de todos contra êle. (Ele chegou mais tarde porque estava ocupado, dá a causa da ocupação, coisa cheia de seriedade, e todos caem na risada e caçoam dele, causa da discussão). Ele se explica, ataca o diletantismo dos outros, arte de chá-das-cinco, arte excitante, arte cocteil. Se explica cheio de ingenuidade mostrando no fim que êle “readquirira a coragem da propria ingenuidade”. Carlos chega perto dele, da-lhe um soco nas costas, e fala sério; – Muito bem, Luis. Você é um homem direito. (o Luis falara que não ficava marcando passo na extravagancia e ataca os extras, os Laforgue, Lautreamont, Rimbaud). Luis diante do elogio de Carlos joga uma espreitada rapida pros amigos que todos caçôa em sorriso meio desapontado. Maria está olhando pra êle com solidariedade nos olhos. Luis cora, teve medo de ter ido muito alem e desmancha tudo se rindo desapontadissimo

(A): se *aj[eitava]* de antemão

A¹: lapso: “brasil”

A: ^atacao^ o diletantismo

A: ter ^il^

e cando pra trás na poetho-
ma, p'ra expi'ção os deicos mo-
dr, deixando tambem i-
-Pois que reuniam os Marca-
-ridas de Navarra. Mulla Woa
esta as ordens

O porque tem 2 capitulos: Beia
Vento, Diabolo. Cada um subdi-
vidado em pequenas partes ou
apargadas, par sepaio maior como
no "Verdi" de Wefel, ou nem
nenhuma separação mais que
ponto á linha, par mais diferen-
te que sepaio e broo acunty, que
creu em Dia Arner, de Wauri-
que Inam.

O segundo cap. Vento Termina
assim: 8' e' uma coisa curiosa
como ceteros acontecimentos gran-
des e eues que eues tornam
mas que eues os casos nem
importancia que succedem
frente de eues acontecimentos
grandes. Par muito tempo
frase que eues par S. Pau-
lo par como no sentido des-
ta

- Espirito grande deis lavado
dei eue... magela mto da
ventania, se eue tra?

- Semelh, como mto!

- Tem tres avos. Na eue na
noite do vento.

- Alu.

Ele a recordou daquelles momentos
de felicidade tao absoluta com

folha 13 anverso (autógrafo a grafite):

e caindo pra trás na poltro-
[n]a ~~põe~~ espicha os beijos no
ar, caçoando também:
– Pois que venham as Marga-
ridas de Navarra. Minha boca
está às ordens

O romance tem 3 capítulos: Ceia,
Vento, Dialogo. Cada um subdi-
vidido em pequenas partes ou
separadas por espaço maior como
no “Verdi” de Werfel, ou sem
nenhuma separação mais que
ponto á linha, por mais diferen-
te que seja, novo assunto, que
nem em Die Armen, de Henri-
que Mann

O segundo cap. Vento termina
assim: É uma coisa curiosa
como certos acontecimentos gran-
des e inesquecíveis tornam
inesquecíveis os casos sem
importância que sucedem
junto desses acontecimentos
grandes. Por muito tempo
frase que correu por S. Pau-
lo foi ~~como~~ no sentido des-
ta:

– Espirro ~~grande dei~~ danado
dei eu... naquela noite da
ventania, se lembra?
– Lembro, como não!
– Tem tres anos. Nasceu na
noite do vento.
– Ahn.

Ele se recordou daqueles momentos
de felicidade tão absoluta com ~~ela~~,

A¹: lapsos: “cando” e “poltro-/ma”
(A): *poe* espicha

A¹: lapso: “Dia Armer”

A: foi *como* no

A: Espirro *grande* =dei= danado

(A): com *ela,*

Maria, de felicidade tão in-
terminável, momentos que duraram
talvez dois dias, três em que
elas se reconheciam tão felizes
que a bem dizer se embriate-
ram. Era mesmo. Era tão fe-
liz que eram tristes. Porquê a
falsidade de felicidade como
todas as falsidades tem em si
qualquer coisa de extenuante, de tão
voluntariamente e artificialmente
que se evaziava das realidades
e das condições da natureza e da
terra. Elas como que se sentiram
profundamente extenuadas contra
a natureza, desiludidas, desiludidas
das terrestres e artificiais. In-
tão o trabalho foi um acomoda-
mento, ela vista como a luz
excessiva, careceram de apertar
um pouco as pálpebras, dimin-
uam o volume da luz, das as-
coisas como os atos e os senti-
mentos, aquela sombria que
acompanha tudo o que vive e
se agita, debaixo do sol. Os dias
que continuaram esses mo-
mentos conscientes, de pluri-
tudão, da vida de felicidade, de
conservação, um trabalho
secreto e persistente delas,
procurando uma singulari-
dade, uma contradição, uma ver-
dade necessária que ellas
amargarem um pouco mais
a vida. E quando conseguiram
isto, não se adquiriu essa clar-
za, sendo a pobreza de indi-
vidualidade da consciência

folha 13 verso (autógrafo a grafite):

Maria, de felicidade tão intensa, momentos que duraram talvez dois dias, tres, em que eles se reconheceram tão felizes que a bem dizer se entristeceram. Era mesmo. Eram tão felizes que eram tristes. Porquê a plenitude de felicidade como todas as plenitudes tem em si qualquer coisa de extático, de tão sobreterrestre e antihumano que se esvaziava das realidades e das condições do homem e da terra. Eles ~~como~~ ~~que~~ se sentiram profundamente ~~antihu~~ contra a natureza, desindividualizados, ~~des~~ aterrestres e antisociais. Então o trabalho foi um acomodamen[t]o da vista com a luz excessiva, careceram de apertar um pouco as palpebras, diminuir o volume de luz, dar as coisas como aos atos e os sentimentos aquela sombra que acompanha tudo o que vive e se agita debaixo do Sol. Os dias que continuaram esses momentos conscientes de plenitude doída de felicidade se consumiram num trabalho secreto e insistente deles, procurando uma inquietação, um contra[s]te, uma verdade desilusoria que lhes amargasse um pouco mais a vida. E quando conseguiram ~~eles~~ ~~pel~~ ~~ess~~ adquirir essa dor, ele vendo a pobreza de individualidade da companheira

A: dias, ^treis^, em

A¹: Eles >como que< se sentiram
(A): profundamente *antihu[manos]*
contra

A: >dos< aterrestres

A¹: lapso: “acomoda-/mendo”

A: e ^insistente^ deles,

A¹: lapso: “contrante”

(A): >eles [pel] ess[a]< adquirir

folha 14 anverso (autógrafo a grafite):

e Maria verificando o egoísmo de Carlos, então é que se sentiram ~~real~~ felizes realmente, numa felicidade bem dentro das condições vitais do homem, uma felicidade que readquirira a sombra dela, um equilíbrio, de do[sa]gem de gozo e sofrimento, porquê a felicidade neste mundo não ~~tem~~ tem de ser pura, sendo pura é inodora é insossa e criminosa. [A] felicidade gostosa, a felicidade do homem na terra é ~~uma~~ ãa mistura ~~em~~ ~~que~~ a de que a dor participa. Só quando a inquietação e a imperfeição da realidade lhes pôde novamente circular na consciencia e nos atos e que eles penetraram dentro daquela felicidade acomodada e condimentada, saborosa e perceptível que permanecera fiel, guardando ~~eom~~ ver um cachorro ardente a união bonita deles dois.

A inteligencia da mulher é tão grande como a do homem? Discussão larga entre os amigos: Blagues. [A] opinião dum deles, professor: É. Porém a mulher aplica a inteligencia dela pra sensibilidade, pra afectividade principalmente. D'aí a sua inferioridade intelectual historica. Maria interrompe: “—De certo é verdade isso. Você se lembra Carlos? como eu era burrinha quando come[ç]amos.

(A): e #v[erificando]# Maria

(A): sentiram #real[mente]# felizes

A: ^readiquiriu^ a

A¹: lapso: “dosangem”

A: =tem= tem

A¹: inodora >é< insossa

A¹: lapso: “criminosa. a”

A: é *uma* ãa A: mistura *em*

A: =que a= de

(A): pôde >ai[nda]< novamente

(A): guardando >como< #u[m]# ver

A¹: lapso: “Blagues. a”

A: a >^a^< mulher

(A): in-/ferioridade #his[torica]#

intelectual A: >^ – ^< Maria

A¹: lapso: “comecamos”

— Não, minha mãe. — O que faltava era involução. — É verdade. Também. Pariu o que eu sei, não é? Não é por saber não, saber por ter aprendido... me parece que o que eu sei, o que eu sei, em penhas, tudo me vem de você. O professor: Ficou inteligente por afecção... — Aíto que não... Por afecção. Ollon entregue pra Carlos. — Disse volver este tema e o da inteligência tuolide feminisimo despersa pelo sentimento e aplicada na afetividade. O que ela inventa no domínio dos afetos. Muna inteligência aplicada a uma subalternidade física natural (esta conclusão é de Carlos).

Quando Carlos chega com os seus, e apresenta Maria, ali, boa noite pra ela e pra a mãe. Seolou-se na sala. Contraposto. Todos pelo início de conhecimento. Maria sorri e desfarça. — Eu não gosto desta apresentação, Carlos. — Porquê? — Não me apresenta pro meu amigo e me filou comigo... Vou bem podia me beijar como os outros nozes. Tere vergonha. — Carlos maluta. Depois: — Mãe, Maria. — Mãe é. Não me me beija! Carlos contraposto se aproxima della. Assenta no braco da poltrona e que ela está. ^{Depois} a mãe os olhos de Maria. Ela ergue a cabeça e encroja a boca, cerrando os olhos. (Dai-la a cabeça pra trás. Carlos trança e beija a boca de Maria por fim.

Ela mudava macanicamente os ollos cor da falada. E ele sepa.

folha 14 verso (autógrafo a grafite):

– Não, burra não... O que faltava era instrução. – É verdade também. Porém o que eu sei [tão míope], não é por saber não, saber por ter aprendido... me parece que o que eu falo, o que eu penso, tudo me vem de você. O professor: Ficou inteligente por afeição... – Acho que sim... Por afeição. Olhou entregue pra Carlos. – Desenvolver este tema e o da intelectualidade feminina dispersa pelo sentimento e aplicada na afetividade. O que ela inventa no domínio dos afetos. Uma inteligência aplicada á sua subalter[ni]dade física natural (esta conclusão é de Carlos).

Quando Carlos chega com os amigos e apresenta Maria, dá boa-noite pra ela só com a mão. Sentam-se na sala. Contrafeitos todos pelo início de conhecimento. Maria sorri e disfarça: – Eu não gostei desta apresentação, Carlos. – Porquê?– Você me apresenta pros seus amigos e nem falou comigo... Você bem podia me beijar como de outr[a]s vezes. Teve vergonha. – Carlos matuta. Depois: – Não, Maria. – Pois é. Voce nem me beijou! Carlos contrafeito se aproxima dela. Assenta no braço da poltrona em que ela está. Descansa a mão no ombro de Maria. Ela ergue a cabeça e entrega a boca, cerrando os olhos. (Deita a cabeça pra trás). Carlos hesita e beija a boca de Maria por fim.

Ela mudava mecanicamente os discos da fanola. E ele repa-

(A): sei #sa[ber]# [tão míope]

A¹: lapso: “subalterindade”

(A): só >qu[e]< com

(A): *^no^ so[fã]* na sala.

A¹: lapso: “outrs”

A¹: está. *Passa* a mão

raído, se esqueceu familiar-
mente: — Mude a agulha! E
essa frase bateu na cara dela
como a revelação de um grande
símbolo oculto. Era horrível
de escutar aquilo. Porém quan-
do fingiu-se de ocupar-se com
a colocação do olho no lugar,
ela procurou o significado da
quele símbolo que de primeiro
lhe parecia tão fulminante-
mente claro, então ela percebeu
que a frase não significava
nada, ~~a frase~~ não tinha sím-
bolo nenhum, não era nada,
não, era pra mudar a agulha
e nada mais. E teve ~~tudo~~ desa-
ponto causado de quando a seu-
te espera uma desgraça e a
desgraça não vem. Matéria in-
consciente mente elusiva a de-
sejar o acabamento daquela u-
nião, ao parir os filhos isso
vinha concordar com a con-
sciência fixada desde o princi-
pio das noites. E si esse desen-
lace não fosse ela estaria in-
terramente desapaisada dentro
de si mesma, ignoraria a pro-
pria verdade como quem está
dentro da consciência. Rapidamente
ele passaram nitidos
no ~~seu~~ estado físico aquelas
Inermes pouções perplexas,
do seu 18 anos quando o pai
teve a primeira ~~ataque~~ ~~proveniu~~
congestão cerebral. Sabia que
o pai estava à morte. Sabia que
o pai devia morrer. E quando

folha 15 anverso (autógrafo a grafite):

rando, se esqueceu familiarmente: – Mude a agulha! E essa frase bateu na cara dela como a revelação dum ~~grande~~ simbolo enorme. Era horrível de escutar aquilo. Porém quando fingindo se ocupar ~~quer~~ com a colo[ca]ção do disco no lugar ela procurou o significado daquele simbolo que de primeiro lhe parecera tão fulminantemente claro, então ela percebeu que a frase não significava nada, ~~a frase~~ não tinha simbolo nenhum, não era nada não, era pra mudar a agulha e nada mais. E teve esse desaponto causado de quando a gente espera uma desgraça e a desgraça não vem. Maria inconscientemente chegava a desejar o acabamento daquela união, só porquê ao menos isso vinha concordar com a convicção fixada desde o principio da noite. E si esse desenlace não viesse ela estaria inteiramente despaisada dentro de si mesm[a], ignoraria a propria verdade como quem erra dentro da consciencia. Rapidamente lhe passaram nitidos no ~~sensa~~ estado fisico aquelas mesmas pu[l]sações perplexas dos seus 18 anos quando o pai teve a primeira ~~ataque~~ ~~pneum~~ congestão cerebral. Sabia que o pai estava á morte. Sabia que o pai devia morrer. E quando

A: dum *#grande#*

A: ocupar >quer< com

A¹: lapso: “colocão”

A¹: nada, >a frase< não

A¹: nada @,@

A¹: teve *um* A¹: lapso: “desa-/pondo”

(A): causado #q[uando]# de

A: ao ^nenos^ isso

A: si *o* esse

A¹: lapso: “mesmo”

(A): *^na^ sensa[ção]* no estado

A: mesmas ^pousações^ perplexas

A¹: lapso: “o primeira” A: *ataque

pneum[onico]* (A): #O# Sabia

A: á ^mote^. Sabia

de manhainginha e a saltana da casa dos amigos que lhes pouparam as noites em claro e inquietas do lar, era sempre aquela mesma delicada breu bem feliz quando chejava e o pai ainda não estava morto. Só quando alguma vez ele se levantou ela pôde adquirir a consciência de que a cura dele era seu prazer. Percebendo que a frase de Carlos não tinha nenhum símbolo e nenhum sentido escondido, deu-lhe então a mesma delicada breu muito pizica daqueles manhãs dos antigos anos. Aumentaram a insurrança que é mais dolorosa que a própria dor.

Sintomas de lepra:

Atrofia dos músculos da mão, do esqueleto. Placas de insensibilização (na palma). Grossarias nos lobos das orelhas. Queda de sobrancelhas nas extremidades externas. Di, cura calvicie

Conversa:

Depois de isso tudo todos conver-
saram e a hora tanta, Maria de pé
um pouco retrada, ouvia a con-
versa e simmetaneamente cop-
sta nem os pensamentos que pas-
sam na cabeça dela mostrando
a superioridade de Carlos sobre os
outros amigos, a última delas re-

folha 15 verso (autógrafo a grafite):

de manhanzinha ela voltava
da casa dos amigos que lhes
poupavam as noites em claro
e inquietas do lar, era sem-
pre aquela mesma desilusão
nem bem feliz quando chega-
va e o pai ainda não estava
morto. Só quando duma vez
ele se levantou ela pode
adquirir a consciencia de que
a cura dele era um prazer.
Percebendo que a frase de
Carlos não tinha nenhum
símbolo e nenhum sentido
escondido, lhe veio ~~aquela~~ a
mesma desilusão muito
física daquelas manhãs
dos dezoito anos. Aumentavam
a insegurança que é mais
dolorosa que a propria dor.

Sintomas de lepra:
atrofia dos musculos da mão, de-
dos esqueleticos. Placas de insen-
sibilidade (na perna). Grosseiras
nos lobos das orelhas. Queda de
sobrancelhas nas extremidades
externas. Ligeira calvicie

Conversa:

Depois da ceia estão todos conversan-
do e a horas tantas Maria de pé
um pouco retirada escuta a con-
versa e simultaneamente com
esta vem os pensamentos que pas-
sam na cabeça dela mostrando
a superioridade de Carlos sobre os
outros amigos. A ultima destas re-

(A): ela *r[eadquiriu]* pode adquirir

(A): =p[ercebendo]= ^percebendo^ que

(A): escondido, ^seu^ A: meio *aquela*
a

(A): ^Grosseras^

flexões e': Em tão pouco tempo e pas-
sou na idea della a verdade que
ella não sabia bem realizar em
palavras. A idea muito que me fez
sem palavras parir a esta no-
ção pensando que a superioridade ver-
dadeira de Carlos sobre os outros
dele e que este eram humanos
e Carlos era Carlos. Eles tinham
qualidades e defeitos, a gente per-
cebia muito ~~de~~ as qualidades
e os defeitos deles os passos que
Carlos era tipico, era um, não
possuía nem qualidades, nem
defeitos, era um tipo, tudo concor-
ria nele para formar Carlos. Era
Carlos superior, como ela pensava
absolutamente. (Sem raso de re-
pente conta a superioridade de um
dos outros sobre Carlos. E para isto.
Outra mostra no mesmo argumento
que também é superior a Carlos.)
Bancillon Maria pra malda-
de, ela reflectiu que era superiorida-
de de Carlos sobre os outros, de ser
um tipo, não era nem mesmo pra
amar nem pra desamar. Carlos
era tão amavel como os outros. Ape-
nas ela é que agora sentindo que
o amar fazia, tendo certeza de
um vez de a amar, um vez de pra-
parar um futuro novo de a
amar com o que ia a acontecer.
Um vez se agarrava mais no amar
dela infamidade. e não ~~secessi-~~
precisa nenhuma, amava tudo
mais agora que carecia ~~para~~ ~~para~~
~~para~~ ~~para~~ amando muito. Po-

folha 16 anverso (autógrafo a grafite):

flexões é: Então num atimo passou na ideia dela a verdade que ela não sabia bem realizar em palavras. A ideia meio que vinha sem palavras porêla estava pensando que a superioridade verdadeira de Carlos sobre os amigos dele é que estes eram humanos e Carlos era Carlos. Eles tinham qualidades e defeitos, a gente percebia muito bem as qualidades e os defeitos deles ao passo que Carlos era típico, era um, não possuía nem qualidades, nem defeitos, era um tipo, tudo concorria nele pra formar Carlos. Era Carlos enfim, como ela pensou atabalhoadamente. (Um rapaz de repente conta a superioridade de um dos outros sobre Carlos. Frase curta. Outro mostra no mesmo assunto que também é superior a Carlos). Isso chamou Maria pra realidade. Ela refletiu que essa superioridade de Carlos sobre os outros, de ser um tipo, não era nem motivo pra amar nem pra desamar. Carlos era tão amável como os outros. Apenas ela é que agora sentindo que o amor fugia, tendo certeza disso, em vez de aceitar, em vez de preparar um futuro novo se acostumando com o que ia suceder, em vez de agarrar mais no amor dela, engrandecia-o sem ~~necessi~~ precisão nenhuma, amava ainda mais agora que carecia principiar ~~em amar menos~~ amando menos. Po-

(A): muito *na[turalmente]*

A¹: lapso: “Carlos.)”

A: Maria *a* prá

(A): Carlos ^no[s]^ sobre

(A): agora #q[ue]# sentindo

A: ^acos-/tumanto^ com

(A): sem *necessi[dade]* precisão

A: *em amar menos* amando

Não contra isso Maria não podia
nada. Amava ardem. Por Maria
não invejava que ela ela que
amava ardem, e pensamento de
de foi: o amor o ardem. E parece
com a gente generaliza e põe sobre
a outros os seus vícios, pessoas que
só como são infelizes. A gente
carrega então com uma infelicidade
de universal e isso é errado. Maria
sentiu-se amando como mu-
co. Então chegou perto de Carlo, por
a mão no ombro dele, se encolheu.

Nos amos por demais de ser-
felizes porque segundo a just-
ça dos homens todos tiverem
todas as qualidades ~~de~~ de co-
racter, podem contrariar um
defeito. A ~~gente~~ ^{gente} possui uma tal
providencia da perfeição que
a gente pode ~~uma~~ ^{uma} aceitar sem
conhecido tal como é mas o de-
feito dele a gente não esquece
nunca. Tudo isso é mais boni-
to que seio, acho eu, porque a fi-
nal das contas prova que o ho-
mem vive sempre mais liber-
tado da realidade. A gente não
deve viver fora da realidade,
isso é panemice, e idealismo,
e não cruggelas, a gente deve de
viver dentro da realidade mas
porem sempre se libertando
dela, eia e a sabedoria

No dialogo final. De repente com
quanto conversam e ela insiste
pra ele não abandonar a chapel.

folha 16 verso (autógrafo a grafite):

rêm contra isso Maria não podia nada. Amava assim. ~~Por~~ Maria não imaginava que era ela que amava assim, o pensamento dela foi: o amor é assim. É porque ~~nós~~ a gente generaliza e põe sobre os outros os seus casos pessoais que nós somos tão infelizes. A gente carrega então como uma infelicidade universal e isso é pesado. ~~Ama~~ Maria sentiu-se amando como nunca. Então chegou perto de Carlos, pos a mão no ombro dele, se encostou.

Nós somos por demais desinfelizes porque segundo a justiça dos homens intuitiva nem todas as qualidades ~~dêste~~ de caracter podem contrapesar um defeito. O homem possui uma tal presciencia da perfeição que a gente pode ~~vive~~ aceitar um conhecido tal como é mas o defeito dele a gente não esquece nunca. Tudo isso é mais bonito que feio, acho eu, porquê afinal das contas prova que o homem vive sempre meio libertado da realidade. A gente não deve viver fora da realidade, isso é panemice, é idealismo, é mãos cruzadas, a gente deve de viver dentro da realidade mas porem sempre se libertando dela, essa é a sabedoria

No dialogo final – De repente e[n-] quanto conversam e ela insiste pra ele não abandona-la choran-

(A): assim. >Por< Maria

A: *nós* a gente

(A): infelizes. *Nós* ^=c[arregamos]=^
A gente

A: pesado. #*Ama[va]*#

A: a ^juz-/tiça^

A: qualidades >dêste< de

A¹: defeito. *A gente* possui

(A): pode *vive[r]* aceitar

A¹: Lapso: “em/quanto”

de ela começa simultaneamente
fazendo uma jornada noutra coisa;
que tudo é culpa dela, que mon-
torizara o amor e não aubiera inven-
tar maneiras novas de amar e variar
o amar deles. De repente elle sentiu
que se elle quizesse ela seria capaz
das maiores barregas de amor re-
zeimadas da acunhabilidade pa-
tente que fosse pra conservar Carlos
com ela. Não aubiera nada disso,
mas pra ela nada do que natu-
ralmente foziam, não se supitaram
e ele estava cansado, ia se embalar.
Até que se ficara muito tempo sem
dela, se acripando. De repente
ela reparou que se a estava pro-
curando de culpar Carlos, procurava
também no por torturar Carlos sem cul-
pa e multar-lo. Então elle sentimen-
to raivoso de perolla sacudiu Maria
mas era só porque ella sabia que
tudo estava acabado mesmo, e se
tentasse ou não ele ia se embalar
mesmo. Então podia quebrar in-
do porque era só quebrar e foi
quebrado. A culpa era dele. (b. tudo.
isto que fora pensado intercalando
com frases de insistencia e de pedi-
do da parte d'ella, tudo e pensado
e agora continuação de apelações
fala d'ella nem que Carlos apun-
ta do porra e o inicio daquelles
preludios pra comprehender
aquella coisa) — a culpa é de você,
mesmo! Pára então que eu brava
de me supitar como se eu soubes
de porta-aberta, é! Pois não aubora!
Bom ele não pode por o seu

folha 17 anverso (autógrafo a grafite):

do ela começa simultaneamente
~~pensar~~ imaginando noutra cousa:
que tudo era culpa dela, que mono-
tonizara o amor e não soubera inven-
tar maneiras novas de amar e variar
o amor deles. De repente ele sentiu
que se ele quisesse ela seria capaz
das maiores baixezas ~~de amor~~ re-
quintadas da sensualidade ~~pra~~ con-
tanto que fosse pra conservar Carlos
com ela. Não soubera nada disso,
não fizera nada do que sabia que
as outras faziam, não se sujeitara
e ele estava cansado, ia-se embora.
Até que já ficara muito tempo junto
dela, se sacrificando. ~~De repente~~ Então
ela reparou que inda estava pro-
curando desculpar Carlos, procurava
até no pior tornar Carlos sem cul-
pa e milhora-lo. ~~Então~~ Um sentimen-
to raivoso de revolta sacudiu Maria
mas era só porquê ela sabia que
tudo estava acabado mesmo, e se
revoltasse ou não ele ia-se embo-
ra mesmo. Então podia quebrar tu-
do porque era só quebrar o já
quebrado. A culpa era dele. (E tudo
isto que fora pensado intercalando
com frases de insistencia e de pedi-
do, da parte dela, todo o pensado
só agora continuou de sopetão na
fala dela sem que Carlos espanta-
do possuísse o início daqueles
pensamentos pra compreender
aquela raiva) – a culpa é de você,
mesmo! Pensa então que eu havia
de me sujeitar como essas outras
de porta-aberta, é! Pois vá embora!
Com elas voce pode [fazer] o que

A¹: >pensar< imaginando

A¹: baixezas >de amor< re-/quintadas A:
sensualidade #pra# com-/tanto

A: sacrificando. *De repente* Então

A: milhora-lo. >Então< Um

A: quebrado >E< A

A¹: >só< agora

quizer. Comigo não arranja nada mais, não, não, não cachorro! Sem cachorro!

E já falava Tremendo, aterrorizado mas sem raiva, o arreando pra se proteger o cachorro e escondendo no corpo dela a nojeira, as lágrimas desesperadas e o pesar da caracena que tiveram. Estava aterrorizada de si mesma e lhe parecia assim numa impressão não bem percebida que tinha outra mulher na sala que era e não era ela falando aquelas palavras vivas. Estava Tremendo Tremendo, a falar Tremendo como cartas verdes.

O hús (um dos personagens da obra) era, sem dúvida, conhecido que depois de um período de divisão artística e de crítica ali pelos 22 anos, tinha largado tudo e se instalado confortavelmente na sua personalidade de anulo. Nesse tronco ali decretava males e guerras com a maquiagem máxima pela justiça e pelo inferno de pensar. Não pensava ~~em pensar~~ com o desejo de dividir um orgasmo fatigado prematuramente.

(Diálogo) = Ela tinha paradas exaustivas, aquela luta feroz pela sua alma. E mais do que isso, de se e começo e durante aquelas horas de luta ela lutava mas lutava fatigada, com um grande desânimo interior que não

folha 17 verso (autógrafo a grafite):

quiser. Comigo não arranja na-
da não, seu, seu cachorro! Seu
cachorro!
E já falava tremendo, surda mas
sem raiva, agarrando pra se pro-
teger o cachorro e escondendo no
corpo dele a vergonha, as lágrimas
desesperadas e o pavor da cora-
gem que tivera. Estava apavorada
de si mesma e lhe parecia as-
sim numa impressão não bem
percebida que tinha outra mulher
na sala que era e não era ela
falando aquelas palavras ruins.
Estava tremendo tremendo, a pobre!
tremendo como varas verdes

O Luis (um dos personagens da
ceia) era um desses conhecidos
que depois dum pruridinho de
criação artística e de crítica
até pelos 22 anos, tinha largado
tudo e se instalado confortavel-
mente na sua personalidade de
nulo. Desse trono decretava
valores e genios com a indife-
rença maxima pela justiça
e pelo esforço de pensar. Não
pensava ~~que~~ ^{que} sinão com os dese-
jos brisando dum organismo
fatigado prematuramente

(Dialogo) = Ela tinha paradas exaus-
tas daquela luta hedionda pelo
seu amor. E mais do que isso des-
de o começo e durante aquelas
horas de luta ela lutava mas
lutava fatigada, com um gran-
de desanimo interior que não

(A): *a[rte]* criação

A¹: lapso: “de decretava”

(A): com a #m[axima]# indife-/rença

A¹: pensava >que< ^comos^

A: brisando #^o[rganismo]^# dum

aparecia e que era a certa, a
certa ele que seria vencida. Não
tanto porque ele fosse maior forte,
mas era mais, nem mesmo por-
que ela sabia que ele não gostava
na maior culpa ou que tinha um
reparar porque leproso, não
sabia, não pensava nada disso
não. Só o que existia era uma
tradição maior que aculava que
a obriçora inelutavelmente a
obedecer. Ele guardava, e a vida
e costume, a tradição dela era
obedecer, obediência. Isso ainda
tornava maior medinho o aspi-
mento dela vivendo fora de
si. Inguente por dentro obede-
cia, obediência, já estava obedien-
do, o corpo, a fala, o gesto tudo seta-
va combatendo como forçando, pita,
como pra fingir não fingimen-
to, combatendo, combatendo, nem
Dêus do céu! eu sei o jogo. (e
muito baixinho) barba!... de ati-
mando nos pés dele e como dormin-
do com a cabeça no joelho preso
dele, parada, boca aberta, ven-
do na parte de um prento, um
stereótipo. E dentro dela o reflexo
do desentido onirístico in-
compreensivelmente «Di Caval-
canti» e agora parece

Beia: Melilina/clique de Pau-
lica!...

folha 18 anverso (autógrafo a grafite):

aparecia e que era a certeza
certa de que seria vencida. Não
tanto porque ele fosse mais forte,
não era não, nem mesmo por-
que ela sabia que ele não gostava
mais dela ou que tinha de
se separar porque leproso, não
sabia, não pensava nada disso
não. Só o que existia era uma
tradição mais que secular que
a obrigava invencivelmente a
obedecer. Ele mandava. E a vida
o costume, a tradição dela era
obedecer, obedeceria. Isso inda
tornava mais medonho o sofri-
mento dela vivendo fora de
si. Enquanto por dentro obedeceria,
obedecia, já estava obedecendo,
o corpo, a fala, o gesto tudo estava
combatendo como fazendo fita,
como pra fingir sem fingimento,
combatendo, combatendo... Meu
Deus do céu! eu enlouqueço! (e
muito baixinho) Carlos!... se atirando
nos pés dele e como dormindo
com a cabeça no joelho frio
dele, parada, boca aberta, vendado
na parede em frente, um
desenho. E dentro dela o reflexo
do desenho murmurou incompreensivelmente
“Di Cavalcanti” e desapareceu

Ceia = Neblina/ chiquê de Paulicea!...

A: desenho *murmurava* in-
/compreensivelmente

Coisa — Carlos fala atarazado
do os amigos que caíram de
tudo. É que estavam cavando
ou cederam, eles que tinham
criado o movimento. — Não
reculamos, garanto que vocês con-
tinuam com tudo o possível.
Lições que tinham para se-
rem artífices, a fonte ~~de~~ re-
construção uma obra! (alguém
falava antes que a fonte re-
con) o que vocês têm é ver po-
nha de si mesmos, e por isso
~~estão~~ ~~se~~ ~~aproximam~~ no come-
ço. É agora esta coisa de
vida trágica, cheia de
dilemas, uma rejei-
ção de convulsões, ganhando
quadrado pra jogar de noite
e só. O qual de vocês par-
te, saíram do dilema.
que mais estéril, vivem a
vida, que vivem nada, mas
falavam ~~que~~ ~~eram~~ a vida
mas a vida de vocês não
para uma milésima.
É assim que vocês dizem que
não mudamos, não mudamos.
ham o repuxo e não tiveram
courage pra se mudar.
já que significa no entan-
to, e finalmente, nem
bem ~~para~~ depois de tudo o
reclamação e idealista em
literário de século dezanove,
acertar a realidade. Praticar
a vida tal como ela é, com
toda a normalidade dela

folha 18 verso (autógrafo a grafite):

Ceia – Carlos fala atacando os amigos que caçoam de tudo. E que estavam caçoando da literatura, eles que tinham criado o modernismo: – Não senhores, garanto que vocês continuam com todas as possibilidades que tinham pra serem artistas, a fonte ~~não~~ secou mas uma ova! (alguem falara antes que “a fonte secou) o que vocês tem é vergonha de si mesmos, e por isso ~~não~~ ag afrouxaram no começo. E agora estão com essa vida horrorosa, cheia de diletantismo, numa vegetação de cogumelo, ganhando dinheiro pra gastar de noite e só. O mal de vocês foi esse, caíram no diletantismo mais esteril, vivem a vida, que vivem nada, voces falam que gosam a vida mas a vida de vocês não passa duma vilegiatura. [É] assim que vocês dizem que são modernos! Não aguentaram o repuxo e não tiveram coragem pra se modernizar que significa no entanto, e unicamente, vejam bem, ~~ser~~ depois de todo o diletantismo idealista ou literario do seculo dezenove, aceitar a realidade franca da vida tal como ela é, com toda a sensualidade dela

(A): Ceia – *Mar[ia]* fala

A: fonte >não< se-/cou

(A): *não ag[üentaram]* afrouxaram

(A): caíram #^d[iletantismo]^# no

(A): falam #^g[osam]^# que

A¹: lapso: “E”

A¹: bem, >ser< depois

e com toda a imbecillidade
do homem! Serem francos!
Vocês não tiveram coragem
de serem francos. Vencer
se poliuando no que vocês
chamam de sentimento.
Limo. E todo vos chamam
de literatura e caçando.
Pois nunca vocês foram tão
muito de literatura como ago-
ra que não acreditam mais
em nada. Parece a gente
ver. Ver no homem, na
vida, ver ali na literatu-
ra, ver esta! Vocês não têm
cabo, em pra de perto, e
por isso mesmo vocês cum-
cu estoverem tão perto do
nervoso dezanone como ago-
ra! Estão fazendo discursos...
parou. Maria não esutava ou-
vidos as palavras euz, i cas
sentindo que Carlos tinha
razão, não, sentindo que ele
achava Carlos e por isso
ele tinha razão. Os rapazes
calaram com uma vontade
bruta de continuarem a ca-
çada. Afinal Carlos estava
inveniente mente ridiculo. Pidi-
mo afinal só pra rapazes.
No fundo ele devia ter razão.
~~depois eu, quando sou, rapazes
de poluição da vida, por isso
fazer de tudo, que se polui na
literatura, em, e por isso.~~
Ser desta as parvo que o
nervoso dezanone foi idiota.

folha 19 anverso (autógrafo a grafite):

e com toda a imbecilidade
do homem! Serem francos!
Voces não tiveram coragem
de serem francos. Vivem
se policiando no que voces
chamam de sentimenta-
lismo. E tudo voces chamam
de literatura e caçoando.
Pois nunca vocês foram tão
cheios de literatice como ago-
ra que não acreditam mais
em nada. Carece a gente
crer. Crer no homem, na
vida, crer até na literatu-
ra, ser besta! Vocês não têm
coragem pra ser bestas e
por isso mesmo voces nun-
ca estiveram tão perto do
seculo dezenove como ago-
ra! Estou fazendo discurso...
Parou. Maria não escutava ou-
vindo as palavras energicas
sentindo que Carlos tinha
razão, não, sentindo que ela
adorava Carlos e por isso
ele tinha razão. Os rapazes
calaram com uma vontade
bruta de continuarem a ca-
çoada. Afinal Carlos estava
imensamente ridiculo. Ridi-
culo afinal só pros rapazes.
No fundo ele devia ter razão.

~~— Acho engraçado! você caçoar
da religião catolica porêr no
fundo nunca vocês foram tão
catolicos como agora~~
— Ser besta ao passo que o
seculo dezenove foi idiota.

A¹: literatura >e< caçoando.

A¹: >— Acho engraçado! você caçoar
da religião catolica porêr no
fundo nunca vocês foram tão
catolicos como agora<

8
E eis i' tão verdades, ach' berta
em creio i' que eu posso falar;
que os homens que a, e, e, e,
mais respeito no mundo
de agora foram os que eram
em alguma coisa. Whittman,
Wagner... Os outros? ou não
lamentam-se como um pobre
diu. Leopoldo ou não idio-
ta, como esse Wilde de tão
romela. E eis i' que não se
deixam. Foram uns idio-
tas. Não saubemos ser berta.
Vou a a mesma coisa! Não
não acreditam... dizem que
não acreditam, em Deus
e vivem calando os olhos.
Mas não separem si não
é mesmo profundamente
idiota a, e, e, e, e, e,
uma coisa que não existe!
Eu acredito me sem de pa-
ra porque apinal... fme!

Eu Carlos o ideal de se tor-
nar um homem moderno
foi sempre seguindo feito
uma puerilidade e era bem
mais autocomsciente que re-
al. Mas impedira ele de cri-
ar em tese os seus acutimen-
tos ou pelo contrário as ações
dos seus acutimentos de lá. E
na realidade e sempre a gente quan-
do o enxergava ele estava dis-
posto pro divertimento, pra

folha 19 verso (autógrafo a grafite):

E isso é tão verdade, ser besta
em crer é que eu quero falar,
que os homens que a gente
mais respeita no século
dezenove foram os que creram
em alguma coisa. Whitman,
Wagner... Os outros? ou são
lamentáveis como um pobre
dum Leopardi ou são idio-
tas como esse Wilde intole-
ravel. Estes é que são século
de[z]enove. Foram uns idio-
tas. Não souberam ser bestas.
Vocês é a mesma coisa! Não
Não acreditam... dizem que
não acreditam! em Deus,
e vivem caçoando deles!
Mas ~~vejam~~ reparem si não
é mesmo profundamente
idiota a gente caçoar du-
ma coisa que não existe!
Eu acredito que Jesus seja
Deus porque afinal... bom!

Em Carlos o ideal de se tor-
nar um homem moderno
fôra sempre sequestrado feito
uma puerilidade e era bem
mais subconsciente que re-
al. Isso impedira ele de eri-
gir em tese os seus sentimen-
tos ou ~~pele~~ melhor as ações
dos ~~seus~~ sentimentos dele. E-
ra alegre e sempre a gente quan-
do o enxergava ele estava dis-
posto pro divertimento, pra

A¹: lapso: “desenove”

A: coisa! =Não=

A: Mas *vejam* reparem

A: ou >pele< melhor

A: dos *seus* sentimentos

se vir mas porém estava a
trinta seguras da ideia da ac-
ção e na figura dele e nas
seus gestos e vida interior
Carlos pudera conservar ~~em~~
que nem uma essência ev-
dando um aroma profun-
damente humano essa pro-
priedade ~~para~~ de sofrimen-
to e desgraça que distingue
dos seres terrosos os homens
desta ~~com~~ ~~permanente~~
vida comum e permanen-
te.

Final:

Depois Carlos ajudou o motoris-
ta a botar a mala na maqui-
na. Depois entrou. O motoris-
ta ficou bravo, mais estupefacto
com o primeiro da sua desgra-
da. Carlos o motorista se
virou. Carlos falou com ele.
O motorista partiu.
E pronto. ~~Assim~~ ~~acaba~~ aqui
não sei sinceramente pra onde
Carlos foi. Nem posso perceber
por direito por qual que me
parece se ele gosta ou não
de outra ou se está sempre
minha invenção acaba aqui.
Toda pra fazer inventar uma
nova, escolher uma das re-
luzes, porém tudo isso me
repugna. Não ~~admito~~ ~~admito~~ ~~admito~~ ~~admito~~
para nada como arte e não to-
lher a naturalidade do ~~meu~~

folha 20 averso (autógrafo a grafite):

se rir mas porém estava a
trinta leguas da idea da ale-
gria e na figura dele e nos
seus gestos e vida inteirinha
Carlos pudera conservar ~~es~~
que nem uma es[s]encia evo-
lando num aroma profun-
damente humano essa pro-
babilidade ~~pra~~ de sofrimen-
to e desgraça que distingue
dos seres teori[c]os os homens
desta ~~consta~~ permanente e
vida comum e permanen-
te.

Final:

~~Deu~~ a Carlos ajudou o motoris-
ta a botar a mala na maqui-
na. Depois entrou. O [mo]tor
roncou bravo, meio estarrecido
com o friume da madruga-
da. ~~Carlos~~ O motorista se
virou. Carlos falou com êle.
~~E~~ O automovel partiu.
E pronto. ~~O romance acaba aqui.~~
Não sei sinceramente pra onde
Carlos foi. Nem posso perceber
~~por~~ direito por mais que me
vasculhe si ele gosta mesmo
de outra ou si está [le]proso.
Minha invenção acaba aqui.
~~Seria~~ Era facil inventar uma
saida, escolher uma das so-
luções porém tudo isso me
repugnou. Não ~~adiantav~~ milho-
rava nada como arte e era to-
lher a naturalidade do ~~mis~~

(A): conservar >es[sa essencia]<

A¹: lapso: “escencia”

A: pro-/babilidade *pra [sofrer]* de

A¹: lapso: “teorios”

(A): >*consta[n]te]* A: #permanente e#

A: \#*Deu a*#\ Carlos

A¹: lapso: “montor”

A: madruga-/da. #Carlos# O

A: >E< ^o^ (A): >seu< automovel

A¹: pronto. >O romance acaba aqui.<

A: #por# direito

A¹: lapso: “lemproso”

A: *Seria* Era

(A): Não *adiantav[a]* milho-/rava

(A): naturalidade ^da^ >mis[teriosa]<

folha 20 verso (autógrafo a grafite):

meu sentimento. A invenção
acaba aqui e não consigo nem
mesmo perceber si o moto-
rista abaixou a bandeirinha
do taxímetro, o que já era uma
indicação preciosa. Não sei
de nada mais. ~~Esta~~ A inven-
ção deste livro veio num mo-
mento de minha vida em
que eu carecia absolutamen-
te de ~~la dar largas~~ sublimar
uma coragem bonita e um
chamego sem limites. Θ
~~resto não tinha importância~~
~~não~~. E uma perplexidade timi-
da, ressabiada como o quê.
O resto não tinha importan-
cia pra mim... Ficou na
sombra, no indiscernível
na minha ~~nao indiferença~~
~~pelos~~ indiferença pelos mi-
niaturistas. (Ou: na minha
incompreensão dos miniatu-
ristas) (ou: das miniaturas).

~~Duas das paginas eroticas:~~ Uma
o momento em que Maria
vê a sombra de Carlos projeta-
da no ~~parede~~ chão pela forte
luz central da sala e sente um
desejo louco de que a sombra
caísse nela. Disfarçadamente
ela estira o braço pra cadeira
de que Carlos se levantou pra
falar e a sombra da cabeça
dele pousa na mão dela. Des-
crever as sensações de doçura

A: mais. *Esta* A

A: de ^#la[rgas]#^ >dar largas< sublimar

A¹: limites. >O
resto não tinha importância
não.< E

(A): minha >nao< =indiferença
pelos= indiferença

A¹: >Duas das paginas eroticas:< Uma

A: *^na^ parede* chão

A: *em* que

voluptuosa e nefanda que Maria sente e o desejo louro de sentir no chão ~~para que a~~ por trás de Carlos para que a sombra cubra ela toda. Passa-lhe agora pela memória uma porção de Carlos andando parado, se afastando ao sol brilhando e aquela sombra bem preta, bem forte pesada acalorante do lado dele, passando por tudo, quebrando tudo, atingindo tudo. Ela deseja que Carlos passe ao lado dela ao sol forte, e que a sombra passe por ela, bem preta e a ninguém se dê conta. O braço em que a sombra de Carlos pousa sente um arrepio e Maria estira o corpo para trás largando a cabeça, boca aberta no ar. Se inclina e vai passando doce-mente a outra mão sobre a sombra pousada no braço dela. — Você está significando, Maria! — Não tenho nada, não! — E ela sente arrepenhimento dessa frase reflexo, falada irrefletidamente, sacada sem querer. Podia, sim, não, ao menos ter falado a frase com certa inflexão de modo a provar que não, que tenha alguma coisa, um soprismento louro por causa dela a abandonar. Uma frase que atingisse o andar dele, ao menos que des-

folha 21 anverso (autógrafo a grafite):

voluptuosa inefável que Maria sente e o desejo louco de sentar no chão ~~pra que a~~ por trás de Carlos pra que a sombra cubra ela toda. Passa-lhe agora pela memória uma porção de Carlos andando parado, se afastando ao Sol brilhante e aquela sombra bem preta, bem ~~for~~ pesada acabrunhante ao lado dele, passando por tudo, quebrando tudo, aniquilando tudo. Ela deseja que Carlos passe ao lado dela ao Sol forte, e que a sombra passe por ela, bem preta e a aniquile numa vez. O braço em que a sombra de Carlos pousa sente um arrepio e Maria estira o pescoço pra trás largando a cabeça, boca aberta no ar. Se reclina e vai passando docemente a outra mão sobre a sombra poisada no braço dela. – Você está esquisita hoje, Maria!... – Não tenho nada, não!” E ela sente arrependimento dessa frase reflexo, falada irrefletidamente, saída sem querer. Podia, imagina, ao menos ter falado a frase com certa inflexão de modo a provar que sim, que tinha alguma coisa, um sofrimento louco por causa dele a abandonar. Uma frase que atingisse o amor dele, ao menos que des-

A: chão #pra que a#

A¹: lapso: “brilhante”

(A): bem *for[te]* pesada

A: ^Preta^ e

(A): reflexo, #sa[ida]# falada

A: causa ^dela^ a

portar-se a piedade dele
e ele ficasse pra sempre
ao meu por piedade junth.
mho dela. (Aqui uma troca
de frases entre os presentes)
ao meu por pieda-
de juntho dela, mas si isso
era impossível, ela beui
que sabia. Carlos é incapaz
de ter uma piedade assim.
Uma piedade falsa que se
portar-se no sacrificio de
dois seres. Não era egoismo
dele não, era realismo. Pois
que um podia sofrer sozi-
nho, praticamente era sacri-
ficio inútil fazer dois so-
frem juntos. Não adianta-
va nada e era fraqueza an-
tiga. Carlos não, meu piedade
era possível, e ela citava nó.
Maria sentiu-se imensamen-
te só, que terror deu nela em
falta de apoio, ficou fria de
pavor. Um estremeção brus-
co, parada, desnairada, não
escutando nada do que se
falava. (Retomar a conversa-
bana entre os presentes)...

Daquella Carlos usou uma
~~colher~~ e o deixou sobre o pra-
to já desentil depois de co-
mido. Maria enxergou ~~que~~
~~la garri solliera que eu que~~
~~a boca dele tocava a~~
a boca de Carlos tocando na

folha 21 verso (autógrafo a grafite):

pertasse a piedade dele
e ele ficasse pra sempre
ao menos por piedade juntinho dela. (Aqui uma troca de frases entre as pessoas presentes) ao menos por piedade juntinho dela, mas si isso era impossivel, ela bem que sabia. Carlos é incapaz de ter uma piedade assim. Uma piedade falsa que importasse no sacrificio de dois seres. Não era egoismo dele não, era realismo. Pois que um podia sofrer sozinho, francamente era sacrificio inutil fazer dois sofrerem juntos. Não adiantava nada e era fraqueza antiga. Carlos não. Nem piedade era possivel. Ela estava só. Maria sentiu-se imensamente só, que terror deu nela essa falta de apôio, ficou fria de pavor. Um estremeção brusco, parada, desvairada, não escutando nada do que se falava. (Retomar a conversa banal entre os presentes)...

Na mesa Carlos usou uma colher e o deixou sobre o prato já inutil depois de comido. Maria enxergou ~~aque-la garf~~ colher que em que a boca dele tocara a a boca de Carlos tocando na

(A): entre *d[uas]* as

A: imensamen-/^{so} só,

A¹: usou ^{um}

A¹: *garfo* e o

(A): já #de[pois]# inutil

A: enxergou >^{aque-}

le[^] *garf[o]* #colher# *que* em que<

#=a boca= *dele tocara a*#

colher e sente um desejo
longo de comer com a colher.
Não se recusa e com um
gesto falso de estabandamento
derribou a colher delas no
chão. (8ª colher de sobremesa,
um doce pudim qualquer
que se comen). Carlos sorri
— Ô Maria!... Ela muito de-
sapontada fingido — Pois é! Sou
sua esta banada mesmo.
~~Então~~ Carlos mira pro criado
chegando. — Pegue essa Traga
sua colher pra senhora. Ela
sente um desejo, não sabe
que vai fazer, quasi não sabe
sabe mais porque foi que deixou
cair a colher, afinal uma de-
fesa audaz, recusando o
humulto que elle vai por den-
tro, com voz alterada: — Não ca-
rice, Carlos. E rapidamente
como com medo que ele não
deixe, tira a colher delle e
apenada no doce, põe na boca
e allia todo feliz. E agora era
o desejo voluptuoso de comer
com a colher de Carlos. Foi to-
mada por um orgulho muito
certo de poder, de intimida-
de com Carlos, até comia com
a colher delle, não era natural?
mariaum finto, não podia ha-
ver mais intimidade entre
os dois. Comia com a colher de
Carlos!... Os outros não podiam
comer assim com a colher
delle... Que bom que estava o

folha 22 anverso (autógrafo a grafite):

colher e sente um desejo
louco de comer com a colher.
Não se vence e com um
gesto falso de estabanamento
derruba a colher dela no
chão. (É colher de sobremesa,
um ~~doce~~ pudim qualquer
que se comeu). Carlos sorri
– Ôh, Maria!... Ela muito de-
sapontada fingindo – Pois é! Sou
uma estabanada mesmo.

~~A-cria~~ Carlos vira pro criado
chegando. – ~~Pegue essa~~ Traga
uma colher prá senhora. Ela
sente um desespêro, não sabe
que vai fazer, quase não ~~sente~~
sabe mais porquê foi que deixou
cair a colher, afinal uma de-
fesa audaciosa, vencendo o
tumulto que lhe vai por den-
tro, com voz alterada: – Não ca-
rece, Carlos. E rapidamente
como com medo que ele não
deixe, tira a colher dele e
afunda no doce, põe na boca
e olha todos feliz. Esquecera
o desejo voluptuoso de comer
com a colher de Carlos. Foi to-
mada por um orgulho muito
casto de posse, de intimida-
de com Carlos, até comia com
a colher dele, não era natural?
viviam juntos, não podia ha-
ver mais intimidade entre
os dois. Comia com a colher de
Carlos!... Os outros não podiam
comer assim com a colher
dele... Que bom que estava o

A: ^lougo^ de

A: um *doce* pudim

A: >-< Ela

(A): #*A cria[da]*# Carlos

A: chegando. – >Pegue essa< Traga

A: não *sente*

(A): ^via[m]^ juntos,

orgulho deuti-la, que
felicidade aquella obse-
te de revaldão feita por ou-
tro. E o pensamento acabou
arrim breu dentro della.
Não dava mais desenhamen-
to nenhum. Era só isso mes-
mo: orgulho feliz de ~~se~~ re-
velar por outro a intimida-
de dela com Carlos. Ela ia
repetindo isso consigo sem
mais nada. O sentimento fe-
liz já acabara. O doce já aca-
bára. Só esta ela se lembrava
que a colher fora tocada
pela boca dele. E ela comera
com a mesma colher. Qual
seria mesmo bem certinho
o lugar em que a colher
fora tocada pelos beijos de
Carlos? Maria sempre pensou
arrim: crava a boca dele que
tocara na colher, nem uma
vez só ela imaginou que a
colher é que tocara na boca
de Carlos. Ela pôs reparo nes-
sa delicadeza feminina de
ser possuída. Entressarriu
amargamente humilhada. De
certo fora na ponta da colher.
E lentamente foi passando
pelo beijos a colher. Era uma
delícia inesfante. O corpo dela
se impregnou todo de reuer-
sidade. Berrou o olho pra
~~imaginar~~ ~~melhor~~ ~~gorar~~ mi-
lhar a transmutação de con-
tato do beijo dele, se apu-

folha 22 verso (autógrafo a grafite):

orgulho dentro dela, que
felicidade aquela objetivida-
de de revelação feita pros ou-
tros... E o pensamento acabou
assim brusco dentro dela.
Não dava mais desenvolvimen-
to nenhum. Era só isso mes-
mo: orgulho feliz de ~~mes~~ re-
velar pros outros a intimida-
de dela com Carlos. Ela ia
repetindo isso consigo sem
mais nada. O sentimento fe-
liz já acabara. O doce já aca-
bara. Só então ela se lembrou
que a colher fora tocada
pela boca dele. E ela comera
com a mesma colher. Qual
seria mesmo bem certinho
o lugar em que a colher
fora tocada pelos beijos de
Carlos? Maria sempre pensou
assim: era a boca dele que
tocara na colher. Nem uma
vez só ela imaginou que a
colher é que tocara na boca
de Carlos. Ela pôs reparo nes-
sa delicadeza feminina de
ser possuída. Entressorriu
amargamente humil[h]ada. De
certo fôra na ponta da colher:
E lentamente foi passando
pelos beijos a colher. Era uma
delícia inefável. O corpo dela
se impregnou ~~todo~~ de sensua-
lidade. Cerrou os olhos pra
~~imaginar~~ ~~melhor~~ gosar mi-
lhor a transmissão de con-
tacto dos beijos deles se aju-

(A): de *mos[trar]* re-/velar

(A): colher >j[á]< fora

A: assim: ^eram^ a

A: imaginou ^qua^ a

A¹: lapso: “humiliada”

A¹: impregnou >todo< de

A: *imaginar* =melhor= gosar

(A): dos *lab[ios]* beijos

dando com a imaginação
repetindo sempre « ele tocou
a boca dele tocou na colher »
« a boca dele tocou na colher »
« a boca dele tocou na colher ».
Minutos nizes, repetiu assim até
que o ~~seu~~ ^{seu} volúpia violenta
por demais feccion o pensa-
mento della, ela sentiu que a
boca de Carlos tocou roçando
a dela, teve um clarão, ela en-
tre respirou tremendo com as
narinas e a boca aberta e
ela guardou um poelho com
o outro. Veio uma prostração.
Ela não sentiu mais nada
com a colher. Deitou-a no
prato lentamente. Tristemen-
te.

—
A despedida entre Carlos e
Maria até literariamente é pe-
nosa; difícil, monótona, repetida
exaustiva, irritante de ler, com
50 vezes a frase "Me carque, Ma-
ria!" Maria agarra Carlos e
tem uma luta, de primeiro fo-
gora com frases apaixonadas,
depois luta pra gozar de esple-
gando nele, agarrando a cara
delle, puxando a roupa delle
pra beijar. Depois luta surda
porquê Carlo evitando ser
beijado, gozado e ser tentado
quer repar. Maria do corpo
bele se ela se esquece (nao
esquecer esta nota psicológica)

folha 23 anverso (autógrafo a grafite):

dando com a imaginação
repetindo sempre “~~ele tocou~~
a boca dele tocou na colher”
“a boca dele tocou na colher”
“a boca dele tocou na colher”...
Muitas vezes repetiu assim até
que a ~~senti~~ volúpia violenta
por demais fechou o pensa-
mento dela, ela sentiu que a
boca de Carlos tocou sorvendo
a dela, teve um clarão, ela en-
terrespiroou tremendo com as
narinas e a boca aberta e
ela mordeu um joelho com
o outro. Veio uma prostração.
Ela não sentiu mais nada
com a colher. Deitou-a no
prato lentamente. Tristemen-
te.

A despedida entre Carlos e
Maria até literariamente é pe-
nosa: difícil, monotona, repetida
exaustiva, irritante de ler, com
50 vezes a frase “Me largue, Ma-
ria!” Maria agarra Carlos e
tem uma luta, de primeiro fo-
gosa com frases apaixonadas,
depois luta pra gosar se esfre-
gando nele, agarrando a cara
dele, puxando a roupa dele
pra beijar; depois luta surda,
porquê Carlos evitando ser
beijado, gosado e ser tentado
quer separ[ar] Maria do corpo
dele “e ela se esquece” (não
esquecer esta nota psicológica)

A: sempre “*~~ele tocou~~*”

(A): que ^o ^o *senti[mento]* volúpia

(A): exaustiva, ⁱirritante^e de

(A): agarra >q[ue]< Carlos

A¹: lapso: “separ”

que estava gozando Carlos
e tentando-o de esguelha des-
de a conquista a alencão seu
mãe ~~deixou~~ largar dele, uma
cinta de farça com habilida-
dade em seu primeiro re-
parar o corpo a corpo foi
retativamente fácil pra
Carlos porém depois afastar
as mãos dela foi um por-
nel, Carlos conseguiu tirar um
mão dela do pescoço parou
a outra está agarrada no
pulso dele, não trata de
desmanchar o pulso e
a outra mão de Maria já
agarrou no outro pulso de-
le, tem que desmanchar
este, ela agarra o peito
dele etc. apertar ele mette
a cabeça irritado, muito
desorientado um instante
como que abandona a luta
e se entrega ela aproveita
pra agarrar e intercalando
outra vez, da um beijo com-
pleto na boca dele e a
luta recomeça, agora mul-
tiplos de frases, de gozo,
de desmanchar, muitos mi-
surados, um trator, pali-
gautismo. De a peito de Ma-
ria fica imóvel, inerte, de-
se, nada, não faz um gesto
nada tenta mais nada. Car-
los estava livre. Ela compre-
endeu que era inútil lu-
tar, que Carlos a abandonou.

folha 23 verso (autógrafo a grafite):

que estava gosando Carlos
e tentando-o se esquece dis-
so e concentra a atenção em
não ~~deixar~~ largar dele, uma
luta de força com habili-
dade em que primeiro se-
parar o corpo a corpo foi
relativamente fácil pra
Carlos porê depois afastar
as mãos dela foi impossi-
vel, Carlos consegue tirar ãa
mão dela do pescoço porê
a outra está agarrada no
pulso dele, vai tratar de
desvencilhar o pulso e
a outra mão de Maria já
agarrou no outro pulso de-
le, tem que desvencilhar
este, ela agarra o paletó
dele etc. Afinal ele mexe
a cabeça irritado, meio
desorientado um instante
como que abandona a luta
e se entrega, ela aproveita
pra agarra-lo inteirinho
outra vez, dá um beijo com-
pleto na boca dele e a
luta recomeça, agora mul-
tipla de frases, de gosos,
de desvencilhamentos mis-
turados. Um horror. Fati-
gantissimo. De sopetão Ma-
ria fica imóvel, inerte, de
pé, rija, não faz um gesto,
não tenta mais nada. Car-
los estava livre. Ela compre-
endera que era inútil lu-
tar, que Carlos a abando-

A: não *deixar* largar

A: *o* este,

A: de ^desvencilhamentos^

nao mesmo, fosse agora,
fosse uma hora depois,
fosse dez dias depois, o
tempo era indiferente,
abandonava? abandonava
mesmo, pois, tudo era in-
util lutar. Veio a apatia,
era inutil lutar, e Maria
nao lutou mais, ficou ali
de pé, apesante, absorta,
inutil, com um grande
seu falar, inutil, stan-
te de Carlos, feito uma
boba, e por fim que elle
tinha sentido uma sanda-
de impelli, de nao poder che-
gar de do, porque a cabeça
delle encostou em um lado
pra dentro cuspindo com
boa fozendo um sorriso
tão delirio, tão e com uma
do, que não era dela, apertal
pouco falar — Adeus, Maria.
Vo sem grave, e la deitando
parecia calma, muito bem —
pela: Adeus. Carlos partiu.
Teu um momento em
que finalizando a fase
social, gonada da luta, Maria
vai se deixando esmi-
regar caindo, espreitando no
corpo de Carlos, com o que-
xo contendo um par de
os botões do cinto. d'elle e
se agarra ~~mas~~ se caída no-
cillo mas perbes d'elle, lar-
los acrim com o pé agarra-
dos juntamente perde o equilíbrio.

folha 24 anverso (autógrafo a grafite):

nava mesmo, fosse agora,
fosse uma hora depois,
fosse dez dias depois, o
tempo era indiferente,
abandonava? abandonava
mesmo, pois então era i-
nutil lutar. Veio a apatia,
era inutil lutar, e Maria
não lutou mais, ficou ali,
de pé, ofegante, abatida,
inutil, com um grande
sem falar, inutil, dian-
te de Carlos, feito ~~uma~~
boba. É possível que ele
tenha sentido uma sauda-
de infeliz de não poder cho-
rar de dó, porquê a cabe[ç]a
dele mexeu dum lado
pra outro censurando com
boca fazendo um sorriso
tão amargo, tão! e com uma
voz que não era dele, afinal
poude falar. – Adeus Maria.
Voz bem grave. Ela secundou,
parecia calma, muito sim-
ples: Adeus. Carlos partiu.
Tem um momento em
que finalizando a fase
sexual, gosada da luta, Ma-
ria vai se deixando escor-
regar caindo, esfregando no
corpo de Carlos, com o quei-
xo contando um por um
os botões do colete dele e
se agarra ~~nas~~ já caida no
chão nas pernas dele. Car-
los assim com os pés agarra-
dos juntinhos perde o equi-

A¹: feito >uma<

(A): a ^bebeca^ A¹: lapso: “cabeca”

A: pra >o< outro

A¹: lapso: “vez que não era dela”

A: agarra #nas# já

Pedro e quasi cal pra
tras, do mesmo lado, num
humido bruto, maxugando
maria, consegue levantar
sua perna e pincar o
pe mais pra longe, readqui-
rindo a estabilidade.
Nao pode evitar de se-
guir do lado, falando ou-
tra coisa: Me deira Maria,
parem ela agarrara o
antra perna dele e essa
carlos nao podia levantar.
Agarrou na 1ª cadeira perto
levantou a perna agarran-
do e dava esticões (es-
ticões) delicados com ela
pra não machucar "Ma-
ria, que bobagem, me deira-
ta! ela parou agarrara o
pe dele contra o peito. E
quando podia inclina adun-
tando o chapéu dos braços
relevar o peito contra o
pe dele apertado no peito
esportando com volupia
a cara, o rosto, a boca os
olhos contra a perna agar-
rada. Era impossível Car-
los se levantar, então, deram
com o pe ~~parado~~ e peito de
ela acuada, ele abandona
a cadeira ~~o~~ (apoiando no)
e se abaixa pra neto
na coisa que com as mãos
abrir os braços de Maria
e libertar o pe. Faz um
espanto muito novo e ela

folha 24 verso (autógrafo a grafite):

librio e quasi cai pra
trás. Só mesmo com um
puxão bruto, ma[chu]cando
Maria, consegue livrar
uma perna e fincar o
pé mais pra longe, readqui-
rindo a estabilidade.
Não pode evitar de se
rir do caso, falando ou-
tra feita: Me deixe Maria.
Porem ela agarrara as
outra perna dele e essa
Carlos não podia livrar.
Agarrou na 1ª cadeira perto
levantou a perna agarra-
da e dava esticões (es-
ticões) delicados com ela
pra não machucar “Ma-
ria, que bobagem! Me dei-
xe! ela porê agarrara o
pé dele contra o peito e
quando podia inda ajun-
tava a arapuca dos braços
retesos crusados contra o
pé dele afincado no peito
escostando com volupia
a cara, o mento, a boca os
olhos contra a perna agar-
rada. Era impossivel Car-
los se livrar. Então, assim
com o pé apoiando no peito de-
la sentada, ele abandona
a cadeira de
e se abaixa pra ver
se consegue com as mãos
abrir os braços de Maria
e libertar o pé. Faz um
esforço musculoso e ela

A: ^equi-/libro^ e

A: trás @,@ Só mesmo #um# com

A: bruto, ^maxugando^ A¹: lapso:
“maxucando”

A: poude ^evictar^ de

A: deixe ^maria.^

A: agarrara >as<

A: dava ^esticões^

A: a ^arapuga^ dos

A: pé *puxando o* =apoioando= *o*

↓+apoioando no+↓ peito

A: cadeira >de< +e se abaixa pra ver+ se

presa pelos mamillos, sen-
tando a pressão dos pro-
prios braços contra o peito
e adocando-se a cabeça e
se afasta pra trás. Então
Carlos perde o equilíbrio
duma vez e cai morto por
cima dela, duro, bague-
tico, sonoro, sentado no
chão, paum! Tene raiva, In-
solia, Maria! Porém ela não
falava um jota. E vendo ele
curvado pra ela, tentando
librar o pé, com um gesto
rápido abracou a nuca dele
com um dos braços, depois
com o outro, tentando deixar
Carlos inteiro por cima dela
e se estirando apertada
no chão. E lá porém foi se
erguendo e chegou ela sem
gritar, agarrada ao pesco-
ço. Então que boba, Maria! Vi-
ram os braços pra trás, e foram
só nas mamillos dela, e
com um impulso de bi-
vrum apertou trazendo as
mãos delas bem presas pra
frente, corpo afastado lon-
ge um do outro. Ficaram
assim um momento de
luta pensada, braços estir-
ados um diante do outro.
- Tere não tem propósito, Maria,
que boba! Que ridículo! Sem
parte mesmo, Maria! É inútil
estar com eles, com esses
bobeios, boba! Maria não

folha 25 anverso (autógrafo a grafite):

presa pelas munhecas, sentindo a pressão dos próprios braços contra o peito ir adoçando se sacode e se afasta pra trás. Então Carlos perde o equilíbrio duma vez e cai meio por cima dela, duro, baque seco, sonoro, sentado no chão, pam. Teve raiva. Que boba, Maria! Porém ela não falava um isto. E vendo ele curvado pra ela, tentando livrar o pé, com um gesto rapido abraçou a nuca dele com um dos braços, depois com o outro, tentando deitar Carlos inteiro por cima dela se estirando oferecida no chão. Ele porém foi se erguendo, e ergueu ela sem querer, agarrada ao pescoço. ~~Entã~~ Que boba, Maria! Vi-rou os braços pra trás, agarrou rijo nas munhecas dela, e com um impluso se livrou afinal trazendo as mãos dela ~~inu~~ presas prá frente, corpos afastados longe um do outro. Ficaram assim um momento de luta pensada, braços esticados um diante do outro. – Isso não tem proposito, Maria. ~~Que boba!~~ Que ridículo! Eu parto mesmo, Maria! É inutil estar com essas, com essas bobagens, boba! Maria só

(A): dos #bra[ços]# pro-/prios

A: pam @!@ Teve

A: ela, ^tendendo^

(A): pesco-/ço. >Entã[o]< Que

A: nas ^munhacas^

A: impulso # li[vrou]# se

A¹: lapso: “delas” (A): dela *inu[teis]* presas

A¹: >Que boba!< Que

abandonando os olhos dele, e pe-
rando um, certo do dele, pra
agarrar-lo outra vez. Estava
frendo, porém era gostoso
pra ela porque na verdade
dele é que estava preso,
não podendo largar dela.
— Maria, cria filho, Maria!
Faz fazer! Que diabo! ~~mas a~~
~~essa gente~~ não é mais
criança pra estar assim...
Ora! deixa eu ir embora...
Dáira? — Não dá! — Puxa!
você está me fazendo perder
paciência Maria. Se você não
deixa por bom... dá-do de-
ixar por mal, que bato, em?
E sentara-se num murmuro!
E imaginando ela distraí-
da com as palavras proci-
rou seguir as duas, mu-
ltiplas vezes, como já não
se. Porém Maria não estava
esutando nada não, e pro-
xando violento levou uma
das mãos e agarrou o braço
dele. E principiou uma
luta feroz, habil, rápida,
implacável, além do que de antes.
(É aqui descrevendo a terceira
fase da luta, aquela em
que ela esquece o próprio
objetivo por que estava lu-
tando, esquece o gôro e luta
de mãos dadas.)

Ver minha nota (pg 146 do

folha 25 verso (autógrafo a grafite):

olhando os olhos dele, espe-
rando um gesto so dele pra
agarra-lo outra vez. Estava
presa porêem era gostoso
pra ela porque na verda-
de ele é que estava preso,
não podendo largar dela.
– Maria, cria juízo, Maria!
Faz favor! Que diabo! ~~Nos~~ A
~~não-som~~ gente não é mais
criança pra estar assim...
Ora! deixa eu ir embora...
Deixa? – Não deixo! – Puxa!
você está me fazendo perder
paciencia Maria. Si você não
deixa por bem... ha-de dei-
xar por mal, que bobagem!
Ir embora eu vou mesmo!
E imaginando ela distrai-
da com as palavras procu-
rou segurar as duas mu-
nhecas presas com ãa mão
só. Porem Maria não estava
escutando nada não, e pu-
xando violento livrou uma
das mãos e agarrou dois
dedos dele. E principiou uma
luta penosa, habil, rapida,
ingloria, sem gôso de mãos.
(E aqui descrevo a terceira
fase da luta, aquela em
que ela esquece o proprio
objetivo por que estava lu-
tando, esquece o gôso e luta
de mãos só!)

A: diabo! *Nos* A

A: *não som[os]* gente

(A): Maria #p[uxando]#

(A): agarrou *u[m]* dois

A: *e* principiou

A: (*e* aqui

Ver minha nota (pg 146 do

exemplar de Amar Verbo, In-
transitivo corrigido por Tio Pio.
E arranfar um jeito de mor-
tar a obra tanta Maria se
leudivando e em coninencia
consiço mesma, por um sim-
ples olhar de piedade e uma
frase lembrando a união dela
com Carlos, dita na ceia por
algum dos rapazes, que preehou
tudo e se apiedou dela.

Da discussão grande sobre o es-
tado contemporaneo das artes mo-
dernas no Brasil, os rapazes ceian
do thotem em fundação de uma
revista dirigida sob, seu modelo,
excluindo dela fulano e sicrano.

Carlos: — Porquê exclusões.
— Mas ai eles não fazem moderno
— os meus são antigos.
— Amigo de você!
— Quem sabe! mas eu não faço
a parte da revista assim.

— Porquê!
— Porquê não. Simples questão de
localidade.

— Legal pra com ocalair...
— Pelo menos é um jeito de gente
conservar individualidade.
A ley gibrou mas no cristão e
mas pra metais porque a frase
era bem achada. Porém Maria
imagina que Carlo não tomara
parte na revista porque iria par-
tir, em breve estaria longe, e
ela ficava. O ambiente ameno
era feito isolado pra ela.

folha 26 anverso (autógrafo a grafite):

exemplar de Amar Verbo Intransitivo corrigido por tio Pio). e arranjar um geito de mostrar a horas tantas Maria se iludindo e em convivencia consigo mesma, por um simples olhar de piedade e uma frase lembrando a união dela com Carlos, dita na ceia por algum dos rapazes, que percebeu tudo e se apiedou dela

Na discussão grande sobre o estado contemporaneo das artes modernas no Brasil, os rapazes ceian-do tratam da fundação duma revista direita ~~sob~~, bem moderna, excluindo dela fulano e cicrano. Carlos: – Praquê exclusões. – Mas si eles não fazem moderno – Ao menos são amigos. – Amigos de você! – Quem sabe!... mas eu não faço parte de revista assim. – Porquê[?] – Porquê não. Simples questão de lealdade. – Leal pra com desleais... – Pelo menos é um geito da gente conservar individualidade. A luz vibrou mais nos cristais e ~~nas pra~~ metais porque a frase era bem achada. Porém Maria imagina que Carlos não tomava parte na revista porque iria partir, em breve estaria longe. E ela ficava. O ambiente morno era ~~frio~~ isolado pra ela.

(A): #a[rranjar]# e
A¹: lapso: “oras”

A: ^as^ rapazes

A: direita >sob,< bem

A: não ^faça^

A: >^ – ^< parte

A¹: lapso: “Porquê!”

(A): *nas pra[tas]* metais

(A): O #m[orno]# ambiente

A: era *frio* isolado

A força do vento era tão grande
que puxou o olho de Carlos até o
corpo de Maria, corpo vacilando
no vento. Ele estava sempre ao
mesmo jeito, encurvadado, sem con-
tato nos braços, olhando para
para além sem furado pelo
ventania fugindo. Porém a
quelbra leve da cintura mos-
trava bem que ela estava do-
brada em dois como feito
uma roupa no varal. Os olhos
de Carlos se arredondaram por
baixo com que piedade da
roupa e o vento o levou. Maria,
era impossível compreender
Maria isolada, a pobre! Bravia
de se dobrar no vento. Feito
sem roupa numa va-
rial. Parecia incrível a lon-
gura que ~~de~~ Carlos Maria
estava dele por causa do
vento. Tanto mais ainda
que a lampada baixa da
sacacinella estava ilu-
minando entre os dois.
Carlos se apantou de ter
chegado junto dela tão depressa,
em tres passos curtos, ~~para~~
encontrou. Maria, vai, virou
com rapidez, governando com
desespero, agarrou nas orelhas
dele e ~~para~~ apressou. Ele com
beijo na boca em que se
percebia ela procurava com
tanta vontade ligada, não ser
~~acertada~~ mesmo, ser mal trata-
da. Carlos não puxou a tem-

folha 26 verso (autógrafo a tinta preta):

A força do vento era tão grande
que puxou os olhos de Carlos até o
corpo de Maria, corpo oscilando
no vento. Ela estava sempre do
mesmo jeito, erguida, sem von-
tade nos braços, olhando vago
pro alem ~~sem~~ furado da
ventania fingindo – porem a
quebra leve da cintura mos-
trava bem que ela estava do-
brada em dois ~~eome~~ feito
uma roupa no varal. Os olhos
de Carlos se arredondaram por
baixo com que piedade da
roupa e o vento o levou. Maria,
era impossivel compreender
Maria isolada, a pobre! havia
de se dobrar nos ventos. Feito
~~um pano~~ roupa num va-
ral. Parecia incrível a lon-
jura que ~~entre el~~ Carlos Maria
estava dele por causa do
vento. Tanto mais ainda
que a lampada baixa da
sacadinha estava ilu-
minando entre os dois.
Carlos se espantou de ter
chegado junto dela tão depres-
sa, tres passos curtos, ~~e por~~
encostou. Maria, vai, virou
com rapidez, governando com
desespêro, agarrou nas orelhas
dele e ~~pra~~ esfregou-lhe um
beijo na boca em que se
percebia ela procurava com
tanta brutalidade, não ser
aceita mesmo, ser maltrata-
da. Carlos não pensou a tem-

A: alem >sem< furado A¹: lapso: “do”

A: dois *como* feito

A: *um pano* roupa

A: va-/ral. ^Carecia^ incrível

A: que >entre< *e[le]* *Carlos* Maria

(A): causa *^da^ [ventania]*

A: curtos, >e por<

(A): e >pra< esfregou-lhe

A¹: *querida* mesmo,

ho, gozara, e o gemido por isso
velo de amito do fundo e
no vento que puxava, se en-
compridos com os felhas
arrancadas, com a poeira,
com tudo o virilha alongan-
do no turbilhão. Mas d'oi
ja Carlos concertara no o
pensamento de pã-lofe. Ma-
ria era assim arreendo am-
paro, por desleixo, por sem-
montade de se apoderar de
si, por equatorialidade fale-
mos. Era praça por preguiça
de ter força. Ou por alr amu-
to antiga. Podia bem ficar
sozinha, primeiro um mês
dolorada batida pelo vento, mas
depois quando o isolamento
tivesse do' dela e fosse ~~na~~
encontrar nela pra proteger,
então ela agarrara com de-
aspero as brellas do isola-
mento, bem firme riça com
luta, pra vencer? Vencer era
o de-menos, pra viver. E viveria.
~~Quem~~ Quamais Carlos não ~~a~~
dominara tanto ~~ela~~ Maria como
pegando no cabega ~~bracos~~ ante-
braços dela e cruzando. ~~po~~
entre os dois pra se parar.
— Malvado...
— Não vouca, Maria!

Bateu a porta, saiu fugindo pelo
fardiuminho, nem pensar, nem ma-
da, a chova mista dar a volta,
deixo o portão aberto, se arrependeu

folha 27 anverso (autógrafo a tinta preta):

po, gosava, e o gemido por isso
veio de muito do fundo e
no vento que puxava, se en-
comprido[u] com as folhas
arrancadas, com a poeira,
com tudo o [que] vinha alongan-
do no turbilhão. Mas d'aí
já Carlos con[s]ertara ~~nu~~ o
pensamento de já-hoje. Ma-
ria era assim carecendo am-
paro, por desleixo, por sem-
vontade de se apoderar de
si, por equatorialidade fale-
mos. Era fraca por preguiça
de ter força. Ou por ser mui-
to antiga. Podia bem ficar
sozinha, primeiro um mês
dobrada batida pelo vento, mas
depois quando o isolamento
tivesse dó dela e fosse se
encostar nela pra proteger,
então ela agarrava com de-
sespêro as orelhas do isola-
mento, bem firme, rija, com
luta, pra vencer? Vencer era
o de-menos, pra viver. E viveria.
~~Nunca~~ Jamais Carlos não se
dominara tanto Maria como
pegando os ~~cabeça~~ braços ante-
braços dela e os cruzando-
entre os dois pra separar.

– Malvado...

– Não comece, Maria!

//

Bateu a porta, saiu fugindo pelo
jardinzinho, sem pensar, sem na-
da, a chave custou dar a volta,
deixo[u] o portão aberto, se arrependeu

A¹: lapso: “en-/compridos”

A¹: lapso: “tudo o vinha” (A): o
#a[longando]# vinha

A: concertara *nu[m]* o A¹: lapso:
“concertara”

(A): de ^já-lhoje^

(A): mui-/to ^angiga^. Podia

A¹: fosse >se<

A¹: lapso: “isola-/mente”

(A): *Nunca e[le]* Jamais A¹: não >se< A¹:
tanto *ela* como

A: pegando *^a^ cabeça* *braços* ante-
/braços A¹: e +os+ cruzando-#os#

A¹: lapso: “deixo o portão”

nam ao ver porquê, voltou pra fe-
cha-lo, se arrependeu também,
fez com ao o trineu, seguiu... No
fundo era muita da sua ma-
do terror que Maria ainda se arre-
pendia da desistência que a
deixara esgotada caída no chão.
Foi afogado e ao último, na esgu-
na, virou-a e parou na sua
deserta e sem quantia. Tudo já
estava claro, porém com um
ar de fadiga enorme, e de ar de
coisas empoeiradas. Não tinha
ninhuma na sua. Doravante.
So o bonde de um na outra esgu-
na, lá na sua principal, fez
bulha passando. Carlos com um
seus passos pra trás saindo da
frieira da calçada, ficou mais
perto do muro, buscando se pro-
teger. Se proteger de quê? Da bulha
de certo dos bulhos que poderiam
vir da sua principal. De Maria
talvez. E lá se chegasse no portão
nem a dramaticamente a sua havia
de desenvolver-lo ainda ali. Imagi-
nem que devia de ter tomado pro
lado contrario. Ficava ainda livre...
Carlos estava com medo de pen-
sar porém por vergonha de si
mesmo, por vergonha dos preceitos
que escolhera pra que o governas-
sem na vida, queria pensar pra
estabelecer bem o que fizera, es-
clarecer-se de si. E parou. Esta-
va com uma irritação de si
mesmo formidável que doia.
Tudo mais era procedimento de

folha 27 verso (autógrafo a tinta preta):

sem saber porquê, voltou pra fecha-lo, se arrependeu também, fechou só o trinco, seguiu... No fundo era antes de mais nada o terror que Maria inda se arrependesse da desistencia que a deixara esgotada caída no chão. Foi afobado e só alem, na esquina, virou-a e parou na rua deserta e sem manhã. Tudo já estava claro, porém com um ar de fadiga enorme, esse ar de coisas empoeiradas. Não tinha ninguém na rua. Dormiam. Só o bonde à leu na outra esquina, lá na rua principal, fez bulha passando. Carlos ~~in~~ deu uns passos pra trás saindo da beira da calçada, ficou mais perto do muro, buscando se proteger. Se proteger de quê? Da bulha de certo, das bulhas que podiam vir da rua principal. De Maria talvez. Ela si chegasse no portão nem atravessando a rua havia de descobri-lo inda ali. Imaginou que devia de ter tomado pro lado contrario. Ficava mais livre... Carlos estava com medo de pensar porém por vergonha de si mesmo, por vergonha dos preceitos que escolhera pra que o governassem na vida, queria pensar já, estabelecer bem o que fizera, esclarecer-se de si. E pensou. Estava com uma irritação de si mesmo formidavel que doia. Isso não era procedimento de

(A): que #in[da]# Maria

(A): deixara #ca[ida]#

(A): Carlos >in[da]< deu

A: de *descobrir [ele]*

homem forte, ouera aquelas duas
raças de afastamento. Talvez
mas ouera uma no, a realidade.
na a pronto, o mesmo custo pra
nair suas apical para como a
de fato rain. Pragma, tudo pra-
gma. O sentimento do de ma-
ria e que senti ficava um
povo aquela pragma involunt-
pavel. Pafuso... e agora? e ofi-
nal mas a que que de realidade
em homem moderno, esse
escolade involunt, magninal
que ele queria ser. Uma inau-
ficancia enorme, supla a
pragmas, e o que deslumbr-
na-o no momento e que ele
pugna percalhar em todas as
notras da personalidade de-
le essa pragma real, essa
simetria pra consigo e em
o outro, essa retidão rapida de
gosto, essa talia organizada,
este homem socialmente nobre,
em sua mente nobre que ele
era uma misteriosa falta de
nobreza. Ele significava esse
quasi presciencia, sem paura-
mente, sem razão, sem racio-
nista, essa consciencia de des-
moldura que ele perdia no ho-
mem moderno que pulgata
esse sem ser e realidade? Falta-
va clareza na analise tão condi-
cional que fopia de si no mo-
mento, estava muito proximo
daquela tragedia toda. E era
de certo essa mesma proximi-

folha 28 anverso (autógrafo a tinta preta):

homem forte, dera aquelas duas razões de afastamento. Porquê não dera uma só, a verdadeira e pronto, o mesmo custo pra sair mas afinal saia como se de fato saiu. Fraqueza, tudo fraqueza. O sentimento dó de Maria é que justificava um pouco aquela fraqueza indesculpável. E afinal... E agora? E afinal ~~que~~ a quê que se reduzia êsse homem moderno, essa lealdade moderna, maquinal que ele queria ser. Uma ineficiência enorme, sujeita a fraquezas. E o que deslumbrava-o no momento é que ele julgava perceber em todas as nobrezas da personalidade dele, essa franqueza leal, essa sinceridade pra consigo e com os outros, essa retidão rápida de gestos, essa calma organizada, esse homem socialmente nobre, humanamente nobre que ele era uma misteriosa falta de nobreza. Que significava essa quasi presciência, sem pensamento, sem razão, sem raciocínio, essa consciência de desnobreza que ele percebia no homem moderno que julgara [um-se] ser e realizava? Falta-va clareza na análise. Tão condicional que fazia de si no momento, estava muito próximo daquela tragédia toda. E era de certo essa mesma proximi-

A: como >se<

A: afi-/nal #quê# a quê

A¹: lapso: “inen-/ficiência”

A: fraqueza @,@ E

(A): da *#s[ua]#* personalidade

A: ^racioci-/niu^, essa

(A): >um< = se[r] = ser

idade que dava mais clareza
para a presciência. No momento,
as vaidades, os egoísmos, tudo
o que a calma e a incerteza for-
tíssimas não podiam vir de
a, nada do ideal do homem
moderno que ele retirara da
sociedade histórica do tempo
dele e realizara tão bem com o
seu ser. A proximidade ~~de~~
traz da Tragedia Troia, uma
muitas pra consciência, mas
era isto mesmo, ele queria
ou não, realizava o homem só.
O homem do homem que ele
realizava. Não tinha relação,
nem com os outros homens, nem
nem com nada, com qual tou-
do. Era um ser desrelacionado,
e ele teve horror da coragem da
consciência que ele dizia que
ele era um homem desrelacionado,
no não só dos outros homens,
mas dos fatos exteriores,
inconciliáveis que... que existi-
riam mesmo? Não podia saber,
não chegava a saber, estava
perdido organizado pelos
conhecimentos que ele tinha
dado o estudo, e pelos práticos
que a vida lhe dera, estava
por demais organizado por...
por tudo terrestre pra poder
saber se existiam fatos mis-
teriosos...
- Estou ficando maluco...
que ele murmurava quasi
falado. Se pôs a andar rapi.

folha 28 verso (autógrafo a tinta preta):

dade que dava mais clareza
prá presciencia. No momento,
as vaidades, os egoismos, tudo
o que a calma e a isenção for-
tificam não podiam vir em
ajuda do ideal de homem
moderno que ele retirara da
sociedade historica do tempo
dele e realisara tão bem com o
seu ser. A proximidade ~~dava~~
~~trazi~~ da tragedia trazia uma
nitidez prá consciencia, ~~um~~
era isso mesmo, ele quisesse
ou não, realisava o homem só.
O homem só homem que ele
realisava. Não tinha relação,
nem com os outros homens, nem
nem com nada, com mil bom-
bas. Era um ser desrelacionado,
e ele teve horror da coragem da
consciencia que lhe dizia que
ele era um homem desrelaciona-
do não só dos outros homens,
mas das forças misteriosas,
inconcebiveis que... que existi-
riam mesmo? Não podia saber
não chegava a saber, estava
por demais organizado pelos
conhecimentos que lhe tinham
dado os estudos, e pelas praticas
que a vida lhe dera, estava
por demais organizado por...
por tudo terrestre pra poder
saber si existiam forças mis-
teriosas...
– Estou ficando maluco...
que ele murmurou quasi
falado. Se pôs a andar rapi-

A: ajuda ^da^ ideal

A: historica ^de^ tempo

A: proximidade *dava*

(A): #trazi[a]# da

A: consciencia >um<

A¹: lapso: “homens, nem/ nem”

A¹: lapso: “desrelaciona-/no”

do pro lado don onde podia
acchar bonde. Forças misterio-
sas. Na esquina comprava o
jornal Publicidade? Praquê
jornal? O autônomo ficava
pra Maria ficava pra ela,
sigua voltava nele pra ~~essa~~
chateau. Assim como estava,
homem moderno, ele não ti-
nha explicação... Não tinha
razão de ser. Ele explicava a
pregueira de dar duas razões
pra Maria. Afinal a escola
tinha essa explicação de ser
moralista. Então praquê ficava
tanta força pra ficar homem
moderno... Que queria dizer
"homem moderno"... Não
basta pra explicar tudo o
que ele era e tudo o que
quereria ser... E percebia mais
quinta que além do que
queria ser e ~~podia~~ era,
tinha mais alguma coisa
que ele queria ser, queria
ser, não sabia o que era, mas
queria ser, estava fatalidade
presentia que queria ser
mais alguma coisa. O que?
Quis respirar, não podia mais,
foi milhar milhar pra mais
tarde, isso de matutar... Ta
tar calma bastante. Veio como
um glúrio grande a ideia
de que afinal o caso estava
resolvido. Maria... Tinha me-
do de pensar em Maria, não
era nem mais não mas uma

folha 29 anverso (autógrafo a tinta preta):

do pro lado ~~don~~ onde podia
achar bonde. Forças misterio-
sas. Na esquina comprava o
jornal anunciado? Praquê
jornal? O automovel ficava
pra Maria, ficava pra ela,
sinão voltava nele pro ~~easa~~
chateau. Assim como estava,
homem moderno, ele não ti-
nha explicação... Não tinha
razão de ser. Ele explicava a
fraqueza de dar duas razões
pra Maria. Afinal a vida
tinha essa explicação de ser
vivida. Então praquê fizera
tanta força pra ficar homem
moderno... Que quererá dizer
“homem moderno”... Não
bastava pra explicar tudo o
que ele era e tudo o que
quisera ser... E percebia ~~mai-~~
ainda que alem do que
qui[s]era ser e ~~realis~~ era,
tinha mais alguma coisa
que ele queria ser, queria
ser, não sabia o que era, mas
queria ser, estava fatalisado,
pressentia que queria ser
mais alguma coisa. O que?
Quis respirar, não podia mais.
Era melhor deixar pra mais
tarde isso de matutar... Ia
ter calma bastante. Veio como
um alivio grande a idea
de que afinal o caso estava
resolvido. Maria... Tinha me-
do de pensar em Maria, não
era remorso não mas uma

(A): lado *don[de]* onde

A: jornal @?@ # O au[tomovel]#

A: nele *^pra^ casa*

(A): *queri[a]* quisera

(A): percebia >mai[s]<

A¹: lapso: “quirera” (A): e *realis[ara]*
era,

(A): um #g[rande]# alivio

curiosidade assumtada que
chora de saber como que ia
ser com ela. Barba? picada
solitaria? se amariano? se per-
cia?... E que infancia era
de levar os amig, os pra vultu-
la. Afinal, fizera mesmo is
no apuro pra que algum se
curalibasse nem que fosse
por pouco tempo, contanto que
desparasse Maria, a consolo-
se, fizesse ela esquecer. Pois
de primeiro ~~tem~~ ^{tem} uma ~~ma~~ ^{ma}
bem com calma se levava os
amig, os lá e jamais que não
miera essa clareza de que o
procedimento era infame.
Depravada Maria, ela, os
amig, os. Depravada os senti-
mentos. Era infame. Porém
era por causa que Tinha do
de Maria, do que ela ia de.
Prer... E nera com algum de-
les... Não Tinha ciúmes não...
Fargos misteriosos... Não que-
ria ~~matar~~ ^{matar} e estava ~~plena~~ ^{plena}
do. Continuou ~~para~~ ^{para} au-
tudando. E não coube, mira
mesmo fazer dela uma ~~ela~~
como ela, moderna. E oficial
militarona os cois, ser mo-
derno, moderno no sentido
maior, nobre da palavra? E
era o sentido maior, nobre o
que ele realizara. Tinha to-
da a nobreza exterior, em
ele não. Tinha a nobreza. E to-
da a mesma? Não fallava "revol."

folha 29 verso (autógrafo a tinta preta):

curiosidade assustada me-
drosa de saber como que ia
ser com ela. Casava? ficava
solitaria? se amasiava? se per-
dia?... E que infamia essa
de levar os amigos pra conhece-
la. Afinal fizera mesmo is-
so apenas pra que algum se
enrabixasse nem que fosse
por pouco tempo, contanto que
disfarçasse Maria, a consolas-
se, fizesse ela esquecer. Pois
de primeiro ~~pen~~ imaginara
bem, com calma se levava os
amigos lá e jamais que não
viera essa clareza de que o
procedimento era infame.
Degradava Maria, ele, os
amigos. Degradava os senti-
mentos. Era infame. Porém
era por causa que tinha dó
de Maria, do que ela ia so-
frer... E será com algum de-
les... Não tinha ciumes não...
Forças misteriosas... Não que-
ria matutar e estava matutan-
do. Continuou ~~pensando~~ ma-
tutando. E não conseguira
mesmo fazer dela uma ~~ele~~
como ele, moderna. E afinal
milhorava as coisas ser mo-
derno, moderno no sentido
mais nobre da palavra? E
era o sentido mais nobre o
que ele realizara. Tinha to-
da a nobreza exterior, isso
ele não tinha duvida. E to-
da mesmo? Não faltava “revol-

A¹: lapso: “infamia”

A: conhece-/la. #Apenas# Afinal

A¹: ^enrabichasse^ nem

(A): primeiro *pen[sara]* imaginara

A¹: que-/ria ↑*pensar*↑ e estava ↑*pensan-
/do*↑ A: Continuou *pensando* ma-/tutando.

A: uma #ele#

ta" na vida dele. Afinal era
ou para um conde. Muito
cansa deixava passar, um
muito coisa não. Tomava par-
te. Sorria um amargo que
era quasi desesperto. Se lam-
beron que era eleitor. Acheu
graça de estar pensando ima-
ginando em coisas tão ele-
vadas, tão nobres e de repente
essa particularidade infirma
pro caso, ele ser eleitor, votar,
não se revoltar, não lutar, que
um voto de realiação devido.
na não era luta, enfim tudo
o que continha aquela simples
lembrança de que ele era elei-
tor... Acheu graça em se
prender numa particularida-
de. Forças mais fortes... Afir-
mal por causa dos outros e por
causa dele mesmo, ele não
passava mesmo na felicidade.
ou não passava um homem
infinitamente miseravel,
infinitamente miseravel.
Tive também pena de ai...
Tinha que descer do trude. Va-
lia a pena descer... E Carlos
não ~~era~~ ~~o~~ ~~homem~~ ~~moderno~~ ~~que~~ ~~porque~~
ele faltou franqueza. Tive
um desesperto também que
se iludia. Apece, todos os for-
ços dele se apresentaram. E ele
se dirigiu forte, certo, decidido
pro chateau. Se ~~for~~ ~~sempre~~
a porta direita, ia subir calmo

folha 30 anverso (autógrafo a tinta preta):

ta” na vida dele. Afinal era
ou fôra um covarde. Muita
coisa deixava passar, em
muita coisa não tomara par-
te. Sorriu um amargo que
era quasi desespero. Se lem-
brou que era eleitor. Achou
graça de estar ~~pensar~~ ima-
ginando em coisas tão ele-
vadas, tão vagas e de sopetão
essa particularidade infima
pro caso de ser eleitor, votar,
não se revoltar, não lutar, que
um voto de realização duvido-
sa não era luta, enfim tudo
o que continha aquela simples
lembrança de que “era elei-
tor”... Achou graça em se
prender numa particularida-
de. Forças misteriosas... Afĩ-
nal por causa dos outros e por
causa dele mesmo, ele não
passava mesmo na felicida-
de, não passava dum homem
infinitamente miseravel,
infinitamente miseravel.
Teve tamanha pena de si!...
Tinha que descer do bonde. Va-
lia a pena descer... E Carlos
não ~~era~~ ~~mais~~ foi ~~o~~ ~~h~~ mais
o homem moderno ~~que~~ porquê
lhe faltou franqueza. Teve
um desespero tamanho que
se iludiu. Apeou, todas as for-
ças dele se ajuntaram. E ele
se dirigiu forte, certo, decidido
pro chateau. Ia ~~subir~~ empurrar
a porta direito, ia subir calmo

(A): *pensan[do]* ima-/ginando

A¹: lapso: “miserabel”

A: não *era* #mais# foi #o h[omem]# mais

A: moderno *que* porquê

A: Ia *subir* empurrar

no elevador, ia fazer tudo o
que já estava decidido que
faria, tudo certo, forte, deci-
sivo. Uma espécie de quem
cede, última salvação dos
desgraçados, o compromisso res-
ponsável. Se para forte apenas
até a desgraça. De sorte não
deixa coragem pra aceitar as
forças misteriosas.

Um momento em que Maria
chora e se lamenta, no diálogo
final: (Maria)

Neste momento, assim apresen-
tando a figura mais completa
da infelicidade, tem como um
desequilíbrio na sala. Carlos
percebeu muito bem isso. De-
sse pareceu que Maria assim
desempalga e que era feliz. Por-
que vivia com mais integri-
dade a sua realidade de ser
humano. Se dava com tudo o
que era ela pra dar. Sufria e
se lamentava com espontanei-
dade. Tinha nela, não tão des-
provido de defesas, pareceu tão
dentro de uma tradição na-
cionalidade e de raízes cul-
tura paranaense brasileira, porém
para sempre uma cultura
vitalizada, uma cultura par-
te de um lugar, prática, tinha ne-
la uma superioridade enorme,
a de ser um ser humano, procura
unidade em si mesma. E
por isso havia um desequilí-

folha 30 verso (autógrafo a tinta preta):

no elevador, ia fazer tudo o
que já estava decidido que
fazia, tudo certo, forte, deci-
dido. Uma especie de quem
cede, ultima salvação dos
desgra[ç]ados, o ~~cinismo~~ scep-
ticismo. Ele fora forte apenas
até a desgraça. De certo não
tinha coragem pra aceitar as
forças misteriosas...

//

Um momento em que Maria
chora e se lamenta, no dialogo
final:

Neste momento assim Maria apresen-
tando a figura mais completa
da infelicidade, teve como um
desequilíbrio na sala. Carlos
presenciou muito bem isso. ~~M~~
Lhe pareceu que Maria assim
desinfeliz é que era feliz. Por-
que vivia com mais integrali-
dade a sua realidade de ser
humano. Se dava com tudo o
que era ela prá dor. Sofria e
se lastimava com expontanei-
dade. Tinha nela, ser tão des-
provido de defezas, porem tão
dentro duma tradição de
nacionalidade e de ~~má~~ cul-
tura ~~porêm sem~~ brasileira ruim
mas sempre uma cultura
vitalisada, uma cultura por
assim dizer pratica, tinha ne-
la uma superioridade enorme:
a de ser um ser unido, possuia
unidade em si mesma. E
por isso havia um desequili-

A¹: lapso: “desgracados” A: o *cinismo*
scep-/tismo

A: que ^maria^

A: ^Nesse^ A: assim +Maria+

(A): isso. #M[aria]#

A: ^lhe^ pareceu

(A): vivia #m[ais]# com

A¹: de >má< cul-/tura

A: cul-/tura >porêm sem< brasileira

A: *p[orem]* sempre (A): ^cultira^

A: >uma< unidade

terro enorme no ambiente por-
que dos dois seres brizando, o
mais desinfeliz era o mais
feliz, porque Tullia espontanei-
dade, Tullia na igualdade por
de trás, Tullia unidade. Os
dois nunca chegariam a se
compreender porque nada por-
ra duas pessoas tão incompa-
tíveis como a desigualdade de
felicidade.

Diante de uma frase qualquer
que um amigo fala pra ele
Carlos se abalouba e diz:

- Isso não que era vaidade. E
sou orgulhoso por demais pra
ser vaidoso.

Maria tem uma raiva copiosa
ante aquela afirmativa de superbi-
dade:

- E vou achá bonito, não? ~~meu~~ ^{eu} ~~meu~~
ser orgulhoso assim.

- Não ~~é~~ ^é bonito, mas é bonito, Maria
mas é forte.

Ele ~~continua~~ ^{continua} ~~pro~~ ^{pro} Turturcara
antes de pronunciar esta pala-
vra. Falava mauço. Porém Qua-
ria parecia toda numa decisão
irrevocável, e a dar como
estrelou quase do dentro dela.

“
Maria: Era ~~forte~~ ^{forte} ~~at~~ ^{at} ~~e~~ ^e ~~quasi~~ ^{quasi} ~~baixa~~ ^{baixa}
e devesa contextura maura que lhe dava
um corpo desamparado que era bom
amor pra confundir amor com proteção.
Mas tinha quasi mãos e por isso as

brio enorme no ambiente por-
que dos dois seres brigando, o
mais desinfeliz era o mais
feliz, porque tinha espontanei-
dade, tinha nacionalidade por
detrás, tinha unidade. ~~Eles~~ Os
dois nunca chegariam a se
compreender porquê nada tor-
na duas pessoas tão incompati-
veis como desigualdade de
felicidade.

//

Diante duma frase qualquer
que um amigo fala pra ele
Carlos se abespinha e diz:
– Isso não que era vaidade. E
sou orgulhoso por demais pra
ser vaidoso.
Maria teve uma raiva sofrida
ante aquela afirmativa de superio-
ridade:

– E voce acha bonito, não? a gente
ser orgulhoso assim.
– Não ~~é boni~~ sei si é bonito, Maria[,]
mas é forte.

Ele ~~matutara pra~~ turtuveara
antes de pronunciar estas pala-
vras. Falara manso. Porém Ma-
ria percebeu toda uma decisão
irrevogável nelas e a dor ~~eome~~
estralou guascado dentro dela.

//

Fal

Maria: Era ~~baixa até a e~~ quasi baixa
e dessa textura mansa que lhe dava
um corpo desamparado que era bom
amar pra confundir amor com proteção.
Não tinha quasi mãos e por isso as

A: unidade. *Eles* Os

(A): não? *um in[dividuo]*

A: Não #é boni[to]# sei

A: Ele *matutara pra* turtuveara

A: pronunciar *as* estas

A: falara >a< manso. Porém ^maria^

A¹: lapso: “irrevocavel” A¹: dor
>como<

(A): >Fal<

A: Era #baixa# >até a e< quasi

mulheres não podiam ficar bonitas.
Olhava pra gente com esse espanto
grande de indiferença de quem achou
seu mundo e que não tem mais pre-
ocupações. Ela não queria coletivamente
nenhuma parte que a
coletividade. Tinha até a evidência
desconcertante e fatigante a existência
da felicidade. Parte, isto é, vestir
as modas, saber do lugar da moda,
dormir na moda, saber as linguas
e fatos, as preocupações, o do
dia, fazer o esparto do dia. A
cabeça dela era uma glória do
Brasil. Nem tanto que ela fosse
uma rainha na beleza brasileira
não, não era rubra. Mas era de
boniteza maravilhosa. A boca era
curta mas larga, os olhos pretos e
os cabelos azuis e negros e o do
olho amarello nos reflexos que o sol
dava. Mas os olhos claros que acentuava,
com uma cor vermelha que nunca se
parece com o vermelho, cor de veste do
por ser um algar, cor voluntária que
se adornava de tons pra combinar
bem com o vestido e com o dia. O ma-
ria de um certo, um de vagar, in te-
ligente. Tão perfeita e diria mas na-
rizar que não tinha traço da Africa
nem aquele mínimo de alastramen-
to que fez a cara ficar mais, humm...
do com um desejo, uma vontade que
era uma tendência de um. E com ex-
cepção mesmo os dentes marinhos silvestres,
tudo nela era um, bem cortado, muito
feito avagado, o que a reparando das
mulheres do Brasil, e fazia ela ser

folha 31 verso (autógrafo a grafite):

unhas não podiam ficar bonitas.
Olhava prá gente com esse espanto
grande de indiferença de quem achou
seu mundo e que não tem mais pre-
ocupações. Ela não vivia coletivamente
sinão ~~porquê~~ nessa parte em que a
coletividade torna até a evidencia
desconcertante e fatigante a existencia
da felicidade á parte, isto é, vestir
na moda, saber dos livros da moda,
dansen na moda, saber as linguas
os fatos, as preocupações ~~es-es~~ do
dia, fazer os esportes do dia. A
cabeça dela era uma gloria do
Brasil. Nem tanto que ela fosse
uma sintese da beleza brasileira
não, não era palida. Mas era de
boniteza maravilhosa. A boca era
curta mas larga, os olhos pretos e
os cabelos daquele negro cheio de
azul marinho nos reflexos que o sol
dá. Mas ~~mor~~ clara que morena,
tinha essa cor sensual que nunca se
parece consigo mesma, cor de vestido
por assim dizer, cor voluntaria que
se adornava de tons pra combinar
bem com o vestido e com o dia. O na-
riz descia curvo, curvo devagar, inte-
ligente. Tão perfeito e discreto nas na-
rinas que não tinha trazido da Africa
sinão aquele minimo de alastramen-
to que fez a cara pesar mais, humanisan-
do com um desejo uma boniteza que
era uma tendencia de céu. E com ex-
cepção mesmo só dessas narinas silvestres
tudo nela era assim, bem cortado, nitido
feito maquina, o que a reparando das
mulheres do Brasil, a fazia ela ser

A: sinão >porquê< nessa

A: dansar na ^nooda^

(A): preocupações #os es[portes]# do

(A): Mas #mor[ena]# clara

A¹: lapso: “na-/ris”

A: Brasil, ^o^ fazia

aincra no pericó ante o mesmo ole
na incera no coração. Não se parou.
suava por isso com os cabelos e as
mãos. Era inabarcável e o perfil dela,
refo com um ~~colado~~ proscrito se destacava
com a soberania das coisas que o rodeavam
como uma beleza ou uma verdade. Era
qualidade de beleza e das suas perigosas
porque nada como isso pra excitar a son-
quista e manter o desejo de por. O ho-
mem com sua verdade e que quer a sua mas
e mesmo porvir o que ninguém porvir,
e que está pra fora ali das molduras
naturais do ambiente. ~~Como Maria igno-~~
~~ra a melhor qualidade que presenciar~~ Es-
sa espécie de inabarcabilidade de
certos mulheres, nem ver o raro e o
certo tipo que pela própria originalidade
desencantam imediatamente porém
fatigam logo também porque nada de
torna uma conclusão que o original
por demais, essa soberania direta
por um orgulhoso de tipo de curio-
e do mais perigoso, e o das poções
~~personais~~ mais das grandezas. Po-
rém Maria ignorava a melhor quali-
dade do seu corpo. Como é comum
nas mulheres honestas ela abandonava,
desastrosamente pra si, os elementos
os dotes e as intuições do perigo.

O que torna simbólica a Ven-
tania do modo do livro e o
título "Vento". Arrastar outro
parque de fato a simbologia
da ventania central é pueril
e artificial gaste

folha 32 anverso (autógrafo a grafite):

sincera no físico antes mesmo de ser sincera no coração. Não se harmonizava por isso com as ambiências não. Era insubmersível e o perfil dela, rijo como um ditado, se destacava com soberania das coisas que o rodeavam como uma realeza ou uma verdade. Essa qualidade de beleza é das mais perigosas porquê nada como isso pra excitar a conquista e manter o desejo de posse. O homem com sua vaidade o que quer é mas é mesmo possuir o que ninguém possui, o que sai pra fora até das molduras naturais do ambiente. ~~Porem Maria ignorava a melhor qualidade que possuía~~ Essa especie de insubmersibilidade de certas mulheres, sem ser o rarismo de certos tipos que pela propria originalidade deslumbram imediatamente porem fatigam logo tambem porque nada se torna mais conhecido que o original por demais, essa sombranceria discreta porem orgulhosissima do tipo de Maria é dos mais perigosos, é o das paixões permanentes mais des grandiosas. Porém Maria ignorava a melhor qualidade do seu corpo. Como é comum nas mulheres honestas ela abandonava, desastrosamente pra si, os elementos os dotes e as subtilezas do perigo.

O que torna simbolica a Ventania do meio do livro é o titulo "Vento". Arranjar outro porquê de fato a simbologia da ventania central é pueril e artifício gasto

A: sincera ^na^ coração.

A: um *ditados* proverbio

(A): quer #é m[esmo]# mas

A: ^e^ que

A: ambiente. >Porem Maria ignorava a melhor qualidade que possuía< Es-/as

A: *permanentes* mais (A): *des[medidas]* grandiosas.

Educada numa tradição re-
ligiosa apesar de não venerada,
de, isto de primeir, fizera ela
muito sofrer. Depois a religião
ela se fatigou do contraste e
os terrores, os maus-entendidos se iram
por de baixo dela, caindo como
poeira sobre o sentimento de
Maria. Tudo calmo porém a
crença, fé, fé, fé, fé, fé, fé,
os ritos, continuaram como de
muito longe não agindo porém
vivendo na existência dela.
Eram como retratos feitos para
não na parede onde eles não
existiam, pra não ~~poter~~
mas na lembrança dela po-
rém e a amante submissa
tomara gosto de se pôr. Tão visi-
vel que Carlos esquecera os
milhares de anos da ~~fonte~~ seu-
validade.

O que fora mais doloroso pra
ela fora a ausência do comu-
nido. Deu após do outro lado
ela não podia mais se com-
par. Se sentia perdura e
se adquirira uma faculdade
perfeita e ~~com~~ tornou con-
sistente de rezar fora do gre-
mio, comunhão isto não podia
mesmo mais receber porque
o arrependimento de ser amou-
te não vinha e ~~valia~~ o sacri-
fício, até elle parecia mais na-
tural no seu raciocínio
protetor estar amante dela.
Mas que falta a comunhão

folha 32 verso (autógrafo a grafite):

Educada numa tradição religiosa apesar de sem severidade, isso de primeiro fizera ela muito sofrer. Depois a religiosidade[de] se fatigou do contraste e os terrores, os maus-estares ficaram por debaixo dela caída como poeira sobre o sentimento de Maria. Tudo calmo porêm a crença, Jesus, Nossa Senhora, os ritos, continuaram como de muito longe não agindo porêm vivendo na existencia dela. Eram como retratos familiares não na parede onde eles são inexistentes pra nós ~~poem~~ mas na lembrança dela porêm e a amante submissa tomara geitos de espôsa tão visíveis que Carlos sequestrara os menores abusos da ~~fanta~~ sensualidade. O que fôra mais doloroso pra ela fôra a ausencia da comunhão. Dêsse apôio do outro lado ela não pudera mais se conformar. Se sentia pecadora e si adquirira uma faculdade perfeita e ~~eense~~ tornada consciente de reza fora do grêmio, comunhão isso não podia mesmo ~~aei~~ receber porquê o arrependimento de ser amante não vinha e ~~voltar~~ o sacrificio, até lhe parecia mais sacrificio no seu raciocínio protetor estar amante dele. Mas que falta a comunhão

A¹: lapso: “religiosi-/da”

A: maus-estares >se< ficaram

A: ^crança, ^ >^e^< Jesus,

(A): longe #a[gindo]# não

A: retratos ^familiares^

A: nós *#poem#*

A: visi-/veis >e< que

(A): da *fanta[sia]* sen-/sualidade.

(A): fôra *ba[stante]* mais

A: ausencia *de* comu-/nhão

A: sentia ^peeadora^ e

(A): e #consc[iente]# tornada

A: reza >no< fora ^da^

(A): mesmo *acei[tar]* receber

A¹: e >voltar< o

A¹: lapso: “raciocino”

fazia pra ela! Nem era falta
deu, dava terrores angustia-
mos pra ela. Porquê ~~era~~ o
não poder coexistir era a
profunda palmaria de que estava
pra fora do catolicismo e
então as submissões respos-
sivas apertadas como reflexo
medonho do pensamento. Não
tanto que pôdesse pôr o pou-
co ir afastando dos pensa-
mentos com atenção toda e
qualquer referência ao sacra-
mento. Mas o maior castigo
eram as missas de que não
podia ter a força pra se afastar
dominialmente. E por causa
dos cuidados que tinha de
ter dentro de casa, as missas
seu que ia era em hora de
comunhão, baixava os olhos.
Tomou o costume de passar
a missa inteira de olhos
~~com~~ os olhos baixos, rezando
com mais ardor pela posição
fatigante. Se acostumou
tanto com isso que o gesto
de olhos baixos se tornou
cavete delas. ~~As rezas ativas.~~
Muitas vezes mesmo falando
de com alguém os olhos de-
la caíam sob as pálpebras o
que tornava a fala dela
grandiosamente muda. Ad-
quirira mais encanto porquê
não eram os olhares fugiti-
vos nem resvaladiços dos

folha 33 anverso (autógrafo a grafite):

fazia pra ela! Nem era falta bem, dava terrores ~~ang~~ enor-
mes pra ela. Porquê ~~essa~~ o
não poder comungar era a
prova pal[p]avel de que estava
pra fora do Catolicismo e
então as entranhas resfria-
vam apertadas como reflexo
medonho do pensamento. Doia
tanto que poudo pouco a pou-
co ir afastando dos pensa-
mentos com atenção toda e
qualquer referencia ao sacra-
mento. Mas o maior castigo
eram as missas de que não
~~nao~~ tivera fôrça pra se afastar
dominicalmente. E por causa
dos cuidados que tinha de
ter dentro de casa, a missa
em que ia era em hora de
comunhão, baixava os olhos.
Tomou o costume de passar
a missa inteira de joelhos,
~~em~~ os olhos baixos, rezando
com mais ardor pela posição
fatigante. Se acostumou
tanto com isso que o geito
de olhos baixos se tornou
cacoete nela. ~~Às vezes até fa-~~
Muitas feitas mesmo falan-
do com alguém os olhos de-
la caíam sob a palpebra, o
que tornava a fala dela
grandiosamente muda. Ad-
quirira mais encanto porquê
não eram os olhares fugiti-
vos nem resvaladiços dos

A: era ^fata^

(A): terrores *ang[ustiosos]* enor-/
mês A: Porquê >essa< o

A¹: lapso: “palvavel”

A: que ^poudo^ pouco

A: missas ^da^ que

A: >^não^< tivera

A: a ^minsa^

A¹: >com os< olhos

(A): nela. *Ás vezes até* =fa[lando]=
Muitas

A: sob ^as^ palpebra,

hipocrisias que ella adquirira
nao. Era mais uma calva
apenas, que punha a sombra de
sinceridade no brilho moreno,
por demais millesito, da cara
della. E quando adivinha o olhar
grande pra algum clava
uma surtida. Tão liada
que o pente se encantava como
quando teve revelação bene-
fica.

Maria estava horrorizada com a
liberdade de assumto de Carlos.
Falar assim em mulheres
mudando de dono, etc. Maria
estava horrorizada. Aquilo era
convite pra ela se acomodar com
o mundo, aquilo era suplicação.
Aquilo era sobredito era a sepa-
ração. Jeito de Carlos não era, ela
sabia. Nunca ela o vira junto dos
amigos, porém Maria não o ge-
nero dos que sabem tudo por amor.
Carlos não podia de se interes-
sar por uma suplicação daquelas.
E os assumtos, as palavras certas
que montam o dia de certo que tra-
viam de ferir alcançando as honer-
tades sensivel de Maria, agora
batiam nela sem dar a mini-
ma reacção da sensibilidade. Po-
deram Maria se horrorizada.

Quando entraram do pente, tudo
estava tão exato, tão conhecido
que Maria se acalorou e per-

folha 33 verso (autógrafo a grafite):

hipocritas que ela adquirira
não. Era mais uma calma
apenas que punha sombra de
surdina no brilho moreno,
por demais violento da cara
dela. E quando abria olhar
grande pra alguém dava
uma surpresa tão linda
que a gente se encantava como
quando tem revelação bene-
fíca.

(A): uma ^surpeeza^ tão

A: quando ^ter^ revelação

Maria estava horrorisada com a
liberdade de assuntos de Carlos.
Falar assim em mulheres
mudando de dono, etc. Maria
estava horrorisada. [A]quilo era
convite pra ela se acomodar com
o mundo, aquilo era inquietação.
Aquilo era sobretudo era a sepa-
ração. Jeito de Carlos não era, ela
sabia. Nunca ela o vira junto dos
amigos porê Maria era do ge-
nero dos que sabem tudo por amor.
Carlos não havia de se interes-
sar por uma linguagem daquelas.
E os assuntos, as palavras cruas
que outro dia de certo que ha-
viam de ferir chocando a hones-
tidade sensível de Maria, agora
batiam nela sem dar a mini-
ma reação da sensibilidade. Po-
rem Maria se horrorisava

A¹: lapso: “horrorisada. aquilo”

(A): que *noutr[o]* ^outo^ outro

A: Po-/rem ^maria^ se

Quando entraram do vento, tudo
estava tão exato, tão conhecido
que Maria se acalmou e per-

cabem que tudo era nervosismo. Sentaram-se numa sala e Carlos principiou falando. Porém Maria estava com vontade de ficar com ele pra se perder numa conversa. E todo o resto passando, agora dava tamanha alegria nela, que ela sentia o amplexo de agradar o amante. Agradar era, pra ela, se adivinhar com ele, ser inteligente pra ele. Maria ficava inteligente e sabia quando o amar a fazia querer isso. Falou:

- Carlos, fique calado. É tão gostoso a gente ficar assim não falando, pronto. Repare que com a gente estar juntos e estar se lembrando um do outro...

Porem ela ficava muito parem ela ficou ~~repentinamente~~ ^{maravilhada} com a inutilidade das habilidades. Ela era incapaz de sentir a delicia enorme de ~~delicias~~ que ela realizava intelectualmente com a frase. Carlos é que deliciosamente agradado com a fineza de observação da amante, sentiu que o corpo se enaltecera pra ela e pensou nela. Quissem bem poder reagir. Valtou pro jeito de dançar, ficou frio, as mãos principia-ram trabalhando umas noutras. Então Carlos falou:

- Maria, sente bem. Fique assim calma que temo muito que conversar.

folha 34 anverso (autógrafo a grafite):

cebeu que tudo era nervosismo. Sentaram no sofá e Carlos principiou falando. Porem Maria estava com vontade de ficar com ele pra se perder numa conversa. E todo o susto passado, agora dava tamanha alegria nela, que ela sentiu o imperativo de agradar o amante. Agradar era, pra ela se acomodar com ele, ser inteligente pra ele. Maria ficava inteligentissima e subtil quando o amor a fazia querer isso. Falou:

– Carlos, fique calado. É tão gostoso a gente ficar assim não falando; ~~junto~~ Repare que bom a gente estar junto e estar se lembrando um do outro...

~~Porem~~ ela Ficaram mudos porem ela ficou matutando na inutilidade das subtilezas. Ela era incapaz de sentir a delicia mesmo sublime que ela realisara intelectualmente com a frase. Carlos é que deliciosamente agradado com a fineza de observação da amante, sentiu que o corpo se inclinava pra ela e pensou nela. Custou bem poder reagir. Voltou pro geito de dantes, ficou frio, as mãos principia-ram trabalhando uma noutra. Então Carlos falou:
– Maria, escute bem. Fique bem calma que temos muito que conversar.

A: Porem ^maria^

A: fazia ^queria^ isso.

A: falando; >junto< Repare

A: #Porem ela# Ficaram

A¹: ficou *reparando*

A: realisara ^intecani^

A: Carlos ^falos^:

O mais importante neste
livro será a aplicação incan-
navel das duas leis aqui-
tas: O homem que distingue
o homem dos animais é ser
na escala dos seres vivos a-
penas o ser mais evoluído
intelectualmente. Isso pro-
veio naturalmente das
realidades físicas do ho-
mem. Se o pato tivesse as
realidades físicas do homem
e as necessidades concomi-
tantes de despesa física, ele
seria o ser mais evoluído
mas não o homem. Se o ho-
mem tivesse as realidades
físicas do pato e as neces-
sidades concomitantes (resul-
tas) de despesa, ele estaria
agora no estado páro-fisi-
co do pato. Agora; isso não
implica nem materialis-
mo nem ~~anti~~ negação da
alma. Porquê pra ter as neces-
sidades físicas do homem
o ser tinha de ser fatalmente
o que é o ser humano fisi-
camente. Tinha que ter pele.
Tinha que ter desenvolvimento
infantil difícil. Tinha que
ter cérebro mais desenvolvi-
do e empregar tudo pela sua
despesa de ~~forças~~ físicas
o resto do organismo. Tinha
que por causa de cérebro
maior ter maior liberdade
de pensamentos, vontades, o

folha 34 verso (autógrafo a grafite):

O mais importante neste livro será a aplicação incansável das duas teses seguintes: O ~~homem~~ que distingue o homem dos animais é ser na escola dos seres vivos apenas o ser mais evoluído intelectualmente. Isso proveio naturalmente das realidades ~~pro~~ físicas do homem. Si o pato tivesse as realidades físicas do homem e as necessidades concomitantes de defeza física, ele seria o ser mais evoluído ~~[em]~~ e não o homem. Si o homem tivesse as realidades físicas do pato e as necessidades concomitantes (resultantes) de defeza, ele estaria agora no estadio psico-físico do pato. Agora: isso não implica nem materialismo nem ~~a cab~~ negação da alma porquê pra ter as necessidades físicas do homem o ser tinha de ser fatalmente o que é o ser humano fisicamente. Tinha que ter pele. Tinha que ter desenvolvimento infantil difícil. Tinha que ter cerebro mais desenvolvido e enfraquecendo pela sua despesa de forças físicas o resto do organismo. Tinha que por causa de cerebro maior ter maior liberdade de ~~pensamentos~~ vontades, o

A: seguin-/tes: >(< O #homem# que

(A): realidades *pro[prias]* físicas

(A): >em< e

A: necessi-/dades #resu[ltando]#
concomitantes

(A): nem >a cab[o]< negação
A¹: lapso: “Porquê”

(A): de *sa[crificios]* forças

A: de *pensamentos* vontades,

que vai directamente de encontro aos instantos. Des-
fium pra encontrar: o ser hu-
mano podia ter o cerebello
na ponta da mão direita
podeo suporta, porém si
racionais e racionalmente
nos tinhamos que construir
um ser com as necessidades
e realidades físicas do
homem, ~~era~~ e si prin-
cipalmente por obter a
quantidade necessaria de
cerebello pra esse ser, nas
mãos ~~da~~ ou pata direita
dele, as necessidades racio-
nais e lógicas da constru-
ção levariam a destruir
logo o conceito de mão
pra esse lugar, que fica-
ria sendo cerebello e d'aí
construiriam todas as ne-
cessidades lógicas, neces-
sidade da criação da mão
direita, da esquerda, ~~etc~~ e
do alcegar, etc etc etc que
o ser criado, enfim pra
deve dissemelhá-lo do
homem, havia de ser pra-
tica e teoricamente identi-
co a ele. Não parecido po-
dem identificar. E quem
não até si parecessem
no? E essa lógica da natu-
reza era identidade de
dissemelhância, que permiti-
te os erros ~~da~~ existentes na
construção do universo

folha 35 anverso (autógrafo a grafite):

que vai diretamente de
encontro aos instintos. En-
fim pra encurtar: o ser hu-
mano podia ter o cerebro
na ponta da mão direita
pouco importa, porêm si
racional e scientificamente
[nós] tivéssemos que construir
um ser com as necessidades
e realidades físicas do
homem, esse e si princi-
piássemos por botar a
quantidade necessaria de
cerebro pra esse ser, na
mão ~~ou~~ ou pata direita
dele, as necessidades racio-
nais e logicas da constru-
ção levariam a destruir
logo o conceito de mão
pra esse lugar, que fica-
va sendo cerebro e d'ai
concorreriam todas as ne-
cessidades logicas, necessi-
dade da criação da mão
direita, da esquerda ~~ete~~ e
só dessas, etc etc até que
o ser criado, embora pu-
desse dissemelhar-se do
homem, havia de ser pra-
tica e teoricamente identi-
co a êle. Não parecido po-
rem identico. E quem
sabe até si parecidissi-
mo? É essa logica da natu-
reza, essa identidade dentro
da dissemelhança que permi-
te os erros ~~da~~ existentes na
constituição do universo

A¹: lapso: “nos”

A: homem, >esse< e

A: mão =ou= ou

(A): sendo *^selere^* cerebro

(A): *cor[reriam]* concorreriam

A¹: esquerda #etc# +e+

A: criado, ^emfora^ pu-/desse

(A): homem, *se[ria]* havia de ser

(A): erros >da fis< existentes

astronómico como os erros
na construção dos indivi-
duos, que 'erros que um
astrónomo, um medico, um
naturalista, um matema-
tico, um agricultor, facilmén-
te evitaria se tivesse um
construtor o seu próprio, e se.

uma intell. gen. afun-
na faulidade de lierdade de
deito da norma, essa
identidade ~~na~~ ~~da~~ ~~de~~ ~~de~~ ~~de~~
da dissimellancia, que im-
plica necessariamente
a existência de um ser á par-
te. Se a natureza se construi-
se por si, sendo regida como
é por leis fataes, ella seria
falacamente sem exphredade
dentro da norma, identica
dentro da dissimellancia.
Porque ~~ella~~ ~~falta~~ ~~o~~ ~~a~~ ~~na~~ ~~tu~~ ~~re~~ ~~za~~
se não tem vontade nem
intelligencia. É apenas uma
força e regida pelas leis fa-
taes da força. É assim tem
as duas hipoteses, ou nada
ex tudo que no parece existir,
existe de fato e nesse caso
foi creado por um ser á parte
que necessariamente é o que
o dicionario chama de Deus,
ou nada existe de fato e tudo
é criação fantasiosa de um es-
pirito, de uma vira, qual quer
criadora ~~ou~~ ~~a~~ ~~im~~ ~~ag~~ ~~in~~ ~~o~~ ~~ra~~ ~~o~~
é essa coisa e tambem ne-
cessariamente Deus. Bis

folha 35 verso (autógrafo a grafite):

astronomico como os erros
na construção dos indivi-
duos, ~~que~~ erros que um
astronomo, um medico, um
naturalista, um matema-
tico, um agricultor
uma inteligencia enfim, facilmen-
te evitariam si tivessem que
construir o universo, é es-
sa faculdade de liberdade
dentro da norma, essa
identidade ~~nos dias~~ dentro
da dissemelhança, que im-
plica necessariamente
a existencia dum ser á par-
te. Si a natureza si construis-
se por si, sendo regida como
é por leis fatais, ela seria
fatalmente sem liberdade
dentro da norma, identica
dentro da semelhança.
Porquê ~~he falta u~~ a natu-
reza não tem vontade nem
inteligencia. É apenas uma
fôrça e regida pelas leis fa-
tais da força. E assim temos
as duas hipoteses: ou ~~nada~~
~~ex~~ tudo que nos parece existir
existe de fato e nesse caso
foi criado por um ser á-parte
que necessariamente é o que
o dicionario chama de Deus,
ou nada existe de fato e tudo
é criação fantasiosa dum es-
pirito, duma coisa qualquer
criadora e ~~m~~ e imaginosa.
E essa coisa é tambem ne-
cessariamente Deus. Eis

A: #que# erros

A: agricultor ↓+uma inteligencia enfim+↓
facilmente

A: identidade >nos dias< dentro

A: por ^eeis^ fatais,

A: sem ^liferdade^

A: da ^semilhança^

(A): Porquê >lhe falta u[ma]< a

(A): ou *nada*

(A): #ex[istir]# tudo

(A): e nec[essariamente]* nesse *como*

A: ^caso^

(A): criadora #e# >m[uito]< e

perguntar em qualquer senti-
do que a gente tome ~~o~~
os fenômenos do universo,
decarre deles necessaria-
mente a realidade? Deu.
Por outro lado reconhece
que o homem é apenas
um ser mais evoluído
intelectualmente que os
outros seres, e que a in-
teligência e a vontade, tanto
em seu o animal, o radio-
pro como o homem, só que
muito necessariamente mais
desenvolvida só por causa
das realidades físicas
dele, não implica a nega-
ção da alma. Se visto na
natureza dupla do homem,
corpo e alma porque nada
implica a existência
de uma dualidade. O que
faz o erro grande desse
scholasticismo tal como ele
está concebido é a gente
dar pra alma as funções
e aparentemente mais eleva-
das do organismo, intui-
ção, vontade etc. Ora
alma não implica intui-
ção.
— Mas então o que é alma
pra você?
Carlos se enlucrou. Bem,
Alma. Os olhos dele se espa-
receram na luz que vinha
do rosto negro. Foi sincero:
— Alma... não sei não... Eu

folha 36 averso (autógrafo a grafite):

porquê em qualquer senti-
do que a gente tome ~~as coisas~~
os fenomenos do universo,
decorre deles necessaria-
mente a realidade: Deus.
Por outro lado reconhecer
que o homem é apenas
um ser mais evoluído
intelectualmente que os
outros seres, e que a in-
teligencia e a vontade, tanto
as tem o molusco, e o cachor-
ro como o homem, só que
neste necessariamente mais
desenvolvida só por causa
das realidades físicas
dele, não implica a nega-
ção da alma. Eu creio na
natureza dupla do homem,
corpo e alma porquê nada
implica a inexistencia
dessa dualidade. O que
faz o erro grande desse
dualismo tal como ele
esta concebido é a gente
dar pra alma as funções
aparentemente mais eleva-
das do organismo, inteli-
gencia, vontade etc. Ora
alma não implica inteli-
gencia.

– Mas então o que é alma
pra você?

Carlos se embarassou bem.
~~Abria~~ Os olhos dele se espar-
ramaram na luz que vinha
do sofá vazio. Foi sincero:
– Alma... Não sei não... Eu

A: tome *as coisas* os

A: fenomenos *no* universo,

A¹: lapso: “cacho-/rro”

A: #*Abria*# A¹: lapso: “espar-
/samaram”

simto que tem no complexo do
meu ser uma força contrá-
ria... Vaso é água... Não
tem dado científico nenhum
que me possa dar prova
de que essa força contrária
ao ser, contrária, não impas-
sível pelas passivas, ~~mas~~
nada me pode dar prova
que essa força contrária
existe ou não existe no
cachaorro e no molusco, se
existe é que eles tem alguma
também, isso não sei nada.
A inteligência não é contrária
ao homem porque ela pelas
próprias faculdades que
possui é lógica. ~~Alguns~~
da inteligência me depende
da vida e da natureza. A
alma não me depende de
nada. Pelo contrário: ela
se me entrega e me entrega
me dando necessidades
com os quais a inteligência
não tem nada que ver; a
necessidade da inadaptat-
ção, a complacência no satis-
feito nato de existir. Essa
força contrária não é a que
faz o prazer do estético que
é fisiológico ou intelectual,
mas é o que criou o conceito
de arte que é a maior prova
de inadaptação. Entre um pau
risado por indio e a plu-
meja cirrissima ou o pelo
luzido de outro animal,

folha 36 verso (autógrafo a grafite):

sinto que tem no complexo do
meu ser uma força contrá-
ria... Isso é alma... não
tem dado científico nenhum
que me possa dar prova
de que essa força contraria
ao ser, contrária, não impas-
sível mas passiva, ~~dar~~
nada me pode dar prova
que essa força contraria
existe ou não existe no
cachorro e no molusco. Si
existe é que eles tem alma
tambem, isso não sei nada.
A inteligencia não é contraria
ao homem porquê ela pelas
próprias faculdades que
possui é logica. ~~A alma~~
A inteligencia me defende
da vida e da natureza. A
alma não me defende de
nada. ~~Em~~ Pelo contrario: ela
só me entrega e me estraga
me dando necessidades
com as quais a inteligencia
não tem nada que ver: a
necessidade da inadapta-
ção, a complacencia no sacri-
ficio vasto de existir. Essa
força contrária não é a que
faz o prazer ~~de~~ estetico que
é fisiologico ou intelectual,
mas é o que criou o conceito
de arte que é a maior prova
de inadaptção. Entre um pau
riscado por indio e a plu-
magem lindissima ou o pelo
luzidio de outro animal,

(A): #p[assiva]# mas A: , #dar#

A: logica. #A alma# >e< A

A: nada. >Em< Pelo

A: prazer >do< estetico

A: fisiologico *e* ou

A: lizidio *do* outro

é que aquela referecia a inadaptacão, é uma expansão do inadaptado ao meio que ~~se~~ ^{se} pleu-
ma, em, ~~no~~ pelo etc de outro
dele que não seja um homo
referecia a adaptacão, é uma
expansão do adaptado. As
manifestações tais como podem
ser percebidas pela gente,
falamos bem claro que os
outros animais não possuem
essa força contraria que
o homem carrega... O que
concorda com a tese cristã,
revelada...

- Mas aí a intelligencia não
faz parte da alma, que é essa
força, como então?

- Como que ela poderá con-
templar Deus?

- É comprehender Deus, barão!

- A alma é uma força
voluntaria... A alma não
querer se comprehender
Deus. Deus não é intelligível.
Te parça é onisciente, Deus
é logico por fatalidade e não
em relação a si mesmo,
Deus comprehendido por nós
com os nossos dedos e em
relação aos phenomenos da
natureza, de que a intelligencia
ela, então faz parte, Deus assim
é uma monothoidade.
A intelligencia pode compre-
ender Deus e em consequencia
compreender Ele por meio

folha 37 anverso (autógrafo a grafite):

é que aquela reforça a inadaptação, é uma expansão do inadaptado ao passo que a plumagem, o pelo etc de outro ser que não seja um homo reforça a adaptação, é uma expansão do adaptado. As manifestações tais como podem ser percebidas pela gente, falam bem claro que os outros animais não possuem essa força contrária que o homem carrega... O que concorda com a tese cristã, senhores...

– Mas si a inteligencia não faz parte da alma, o que é essa força, ~~eome~~ então?

– Como que ela poderá contemplar Deus?

– E compreender Deus, Carlos!

– A alma é uma força contrária... A alma não carece de compreender Deus. Deus não é inteligente porquê é onisciente, Deus é logico por fatalidade e só em relação a si mesmo. Deus compreendido por nós com os nossos dados e em relação aos fenomenos da natureza, de que a inteligencia da gente faz parte, Deus assim é uma monstruosidade.

A inteligencia pode compreender Deus e eu cheguei a compreender Ele por meio

(A): aquela >e[legancia]< reforça

A: que *na* plu-/magem,

A: plu-/magem, *no* pelo

A: alma +, + (A): alma #q[ue]# o que

A: força, >#como#< então?

A: compreender ^ele^ por

della, parem deprecação -
clamante, só dando pra ele
conceitos de dignatários. A
alma é como Deus numa forma
contrária à natureza e es-
pecialmente à nossa natu-
reza humana. A religião cris-
tã compreendendo isso tão-
bem que accitando a união
futura do corpo e alma, no
Paraiso, tirou desse corpo
os seus phenomenos naturaes
de vida, crescimento, fome,
morte, etc. a alma é uma
forma contraria que quando
for para Deus ou pra ponto
delle, não sei, perde a sua
contrariedade, fica igual
a si mesma.

« 8 milhar nos de falar
catolico de uma vez e ir
se confessar.

Barth estava tão fatigado
que se sentiu sozinho. Care-
cia de Maria e voltou pra
ela, sem ser infinitamente
pequeno na novidade, em
tanta plenitude de adoração
amadora que não agudava
nada. Maria se sentia per-
dida no ambiente, e tão
catolico pelas necessidades
logicas do raciocinio do
momento, que estava sem
par reparo, separado das ma-
rias eternizadas e velo-
zes. Mas sem que falta-
va qual alguma coisa pro

folha 37 verso (autógrafo a grafite):

dela, porê[m] desrelaciona-
damente. Só dando pra ele
conceitos antinaturais. A
alma é como Deus uma força
contrária á natureza e es-
pecialmente á nossa natu-
reza humana. A religião cris-
tã compreendeu isso tão
bem que aceitando a união
futura do corpo a alma, no
Paraizo, tirou desse corpo
os seus fenomenos naturais
de vida, crescimento, fome,
morte, etc. A alma é uma
força contraria que quando
for para Deus ou pra junto
dele, não sei, perde a sua
contrariedade, fica igual
a si mesma...

– É melhor você se falar
catolico duma vez e ir
se confessar.

Carlos estava tão fatigado
que se sentiu sozinho. Care-
ceu de Maria e olhou pra
ela, um ser infinitamente
pequeno na almofada, em
tanta plenitude de adoração
amorosa que não ajudava
nada. Maria se sentia per-
dida no ambiente, e tão
catolica pelas necessidades
logicas do raciocinio do
amante, que estava sem
por reparo, rezando ave-ma-
rias atemorizadas e velo-
zes. Mas sentiu que falta-
va ~~qual~~ alguma coisa pro

(A): porê[m] ^derrelaciona-/damente

A: logicas ^de^ raciocinio

(A): que #q[ualquer]# falta-/va

(A): falta-/va *qual[quer]* alguma

amante a abrir os lábios
reindo com desaponto da
confiança e goz para ele. Carlos
sentiu confiança e chion far-
ço. Tere coragem de:

— Não é melhor não. Uma
cura dessa não é melhor,
não... era... nem pior!... é
uma fatalidade. Eu sou
católico.

Foi um triunfo para ami-
gos fracos, estirados pelo
tanto racionalismo. ~~Perceberam~~
Perceberam logo o confor-
to do catolicismo na naquela
casa de amantes, e de
seu em seu foram par-
tando pela sala sem
sellar de ironia. Maria
se mortificou tanto que
não pôde se ofender; a-
mor o amante com nich-
tismo. Carlos quis citar sozi-
nhos. Foi preciso mudarem
de assunto. E como o afeto
se dispõe para caçador Paulo
se erguem e deu dois raios
de si com riso em Carlos.

— Você hoje está dogmático,
o que é raro!

Também mudado de as-
sunto.

Maria é que sofreu enor-
meamente. Carlos estava de
fato diferente dos outros
dias... (a continua o romance)

2ª tese: Tratar sempre os

folha 38 anverso (autógrafo a grafite):

amante e abriu os lábios
rindo num desaponto de
confiança cega pra ele. Carlos
sentiu confiança e criou for-
ça. Teve coragem de:

– Não é melhor não. Uma
coisa dessa não é melhor
não... era... nem pior!... É
uma fatalidade. Eu sou
católico.

Foi um triunfo pros ami-
gos fracos, estragados por
tanto raciocínio. ~~Vareiam~~
Perceberam logo o contras-
te do catolicismo naquela
casa de amantes, e de
um em um foram pas-
sando pela sala um
olhar de ironia. Maria
se mortificou tanto que
não pôde se ofender: a-
mou o amante com mar-
tírio. Carlos quis estar sozi-
nho. ~~Foi~~ Careceu mudarem
de assunto. E como o afeto
se dispõe pra caçoadá Paulo
se ergueu e deu dois socos
~~de ri~~ com riso em Carlos

– Você hoje está dogmático,
O que é isso!

Tinham mudado de as-
sunto.

Maria é que sofreu enor-
memente. Carlos estava de
fato diferente dos outros
dias... (e continua o romance)

2ª tese: Tratar sempre as

A: estragadas *pelo*

A: raciocínio. *Vareiam*

A: sozi-/nho. *Foi* Careceu

A: dois ^sacos^

(A): *de ri[so]* com

personalidades comparem
o conceito de inteligência
como faculdade psicológi-
ca do homem. Como conse-
quência: uma tal ou qual
atuação permanente que ~~for~~
~~estas~~ ~~dilui~~ os ~~se~~ indivi-
dualidades na ambigüidade
exterior. Criar um compro-
misso permanente entre
o indivíduo e o que o
cerca: objetos, temperatura,
outros indivíduos, ideias alheias,
etc.

O barão tremeu um dos sapatos
pergunta pra Carlos:

- Si você pudesse escolher a
época da sua vida, qual que-
ria viver agora mesmo

- Três minutos!

Quis se aborrecer.

- Porquê, agora!

Carlos se emboracou mas foi
francos:

- Porquê eu gosto de viver.

A conversa passava de mão
em mão e ninguém não ~~se~~
~~afastava~~ ~~que~~ ~~estava~~ ~~do~~

~~frase de Carlos~~ pôde desepar
pela frase ~~pra~~ ~~compre~~ ~~em~~
ble-la. Foi Maria se metaca-
na da cadeira querendo o ar.
Porque Carlos era de fato um
homem que queria e ela não
possuía deus de se dele. Car-
los sentiu uma piedade pro-

folha 38 verso (autógrafo a grafite):

personalidades conforme
o conceito de inteligencia
como faculdade fisiologi-
ca do homem. Como conse-
quencia: uma tal ou qual
abulia permanente que ~~faz~~
~~estas~~ dilui as ~~re~~ indivi-
dualidades na ambiencia
exterior. Criar um compro-
misso permanente entre
o individuo e o que o
cerca: objetos, temperatura,
outros individuos, ideias alheias
etc.

//

A horas tantas um dos rapazes
pergunta pra Carlos:

– Si voce pudesse escolher a
epoca da sua vida, voce que-
ria viver agora mesmo

– Isso nunca!

Luis se irritou.

– Porquê, agora!

Carlos se embarassou mas foi
franco:

– Porquê eu gosto de querer.

A conversa passava de mão
em mão e ninguem não espe-
~~eficamente que entendia na~~
~~frase de Carlos~~ pode desejar
pela frase pra compreen-
de-la. Só Maria se destaca-
va da cadeira quebrando o ar.
Porque Carlos era de fato um
homem que queria e ela não
passava dum desejo dele. Car-
los sentiu uma piedade pro-

A: que *faz estas* dilui

(A): as >re< indivi-/dualidades

(A): o ^individuo^ e

A: >essa< em A: não >espe-
cificamente que entendia na
frase de Carlos< pode

(A): Só >(< Maria

fundos da amante e orga-
nizou-a carinhosamente, in-
ventando um;

- Maria, operaria indo até pro
leis.

(Pois é? Rubens, um melodia-
tamente sensual, um despeito do
contra todas as superioridades, um
abuleco bem da época atual)

//

De repente houve uma repara-
ção dura na sala e quatro
ou cinco rapazes falavam baixo
num canto. A conversa do ou-
tro lado não pôde conti-
nuar e a desordem se tornou in-
portável de aguentar. Maria se
dirigiu pro grupo com a ideia
de ligar a lâmpada. Foi im-
paciência dela porque os rapazes
não puderam deixar de conti-
nuar diante de mim o que
se contavam baixinho. A ideia
do tempo nasceu porque tudo
parou. Mas era cedo e não
foi possível para ninguém
reparar a conexão de rua. Ma-
ria teve horror de uma partida
cedo que acabasse com aquela
incerteza que afinal das contas
mala era uma continuação.
Estava muito boba parada
numa ideia por dentro. Ideia
que ela mesma não sabia
qual era não. Alguém a sal-
vou dizendo assim:

- Já foi ver a revista do

folha 39 anverso (autógrafo a grafite):

funda da amante e organizou-a carinhosamente, inventando um:

– Maria, ofereça isso aí pro Luis.

(Luis é o Rubens, um imediatamente sensual, um despeitado contra todas as superioridades, um abulico bem da época atual)

//

De repente houve uma separação dura na sala e quatro ~~ou em~~ rapazes falavam baixo num canto. A conversa do outro lado não pôde continuar e a desordem se tornou insuportável de aguentar. Maria se dirigiu pro grupo com a ideia de ligar o ambiente. Foi impaciência dela porque os rapazes não puderam ~~dizer~~ ~~dian~~ continuar diante da moça o que se contavam baixinho. A ideia do tempo nasceu porque tudo parou. Mas era cedo e não foi possível pra ninguém suportar a sensação de rua. Maria teve horror duma partida cedo que acabasse com aquela incerteza que afinal das contas ainda era uma continuação. Estava muito boba parada numa ideia por dentro. Ideia que ela mesma não sabia qual era não. Alguém a salvou dizendo assim:

– Já foi ver a revista do

A¹: lapso: “ofereça”

(A): >ou cinc[o]< rapazes

A: puderam *dizer* =#dian[te]# = conti-/nuar

(A): possível #nin[guem]# pra

Apollo?

11

Quando Carlos consegue desligar-se de Ma-
ria e sai ora sua, para indesejar. Tinha um de-
sacento enorme dele. Afinal tinha mesmo apido
bem? Mas podia se falar aquela separação da
própria vida organizada que se deu porque a
separação não deu apenas uma consequência, era
uma a própria permanência da organização. Fazia
parte desta não como a voz que não das bocas mas
como a boca mesmo. E não fugindo por aquela mi-
te não pode reagir e Carlos viu na frente dele a
imagem associada que realizava-se na boca
de Maria. Tinha algo e começou andando. M-
tas. Desde então seguir seguindo da simplicidade
medonhos de uma imagem que participava o
racionalismo e da ~~possibilidade~~ ~~objeto~~ ~~nação~~ ~~da~~
imagem na boca de Maria. Os dois senti-
do de amarelição e uma incógnita que não se
termina... A separação por fugia parte da vida or-
ganizada que se deu ~~como~~ ~~que~~ ~~seu~~ ~~uma~~ ~~boca~~
foz parte do corpo. Mas teria valido a pena se
boca? A boca ou o corpo? A de Maria não, ele
desgostava perguntar se a boca tão linda de
Maria tinha valido a pena, valeu a pena. Mas
a outra boca? Ele parecia tão falsa... Ele ti-
nhava criado ela justo para reagir contra a tenden-
cia da época, toda uma vida organizada con-
tra o espírito do tempo e por isso ~~era~~ ~~uma~~ ~~uma~~ ~~uma~~ ~~uma~~
que ele tinha se apegado do tempo? Não para
de aprofundar isso, andava pensando, aquela
maneira andando formal, que palavra deira
nesta sua, era uma boca feia, não as de
Maria! um desejo óbvio, de certo autêntico her-
ta qualquer ~~honestidade~~ ~~de~~ ~~marxista~~ ~~no~~ ~~clã~~,
escapando um piro, solução por ele, mas de

Apollo?

//

Quando Carlos consegue desligar-se de Maria e sai na rua, para indeciso. Tinha um desalento enorme dele. Afinal tinha mesmo agido bem? Não podia parar aquela separação da própria vida organizada que se dera porque a separação não era apenas uma consequência, era mas a própria permanência da organização. Fazia parte desta não como a voz que sai da boca em vez como a boca mesmo. O ser fatigado por aquela noite não podesse reagir e Carlos viu na frente dele a imagem raciocinada que realizava-se na boca de Maria. Teve desgosto e recomeçou andando. ~~Então~~ Desde então seguiu fugindo da duplicidade medonha duma imagem que fortificava o raciocínio e da ~~personificação~~ objetivação da imagem na boca de Maria. Os dois sentidos se emaranhavam numa inconsequência temível... A separação pois fazia parte da vida organizada que se dera ~~como~~ que nem uma boca faz parte do corpo. Mas teria valido a pena a boca? A boca ou o corpo? A de Maria não, lhe desgostava perguntar si a boca tão linda de Maria tinha valido a pena, valeu sim. Mas a outra boca?... Lhe parecia tão falsa... Ele tinha criado ela justo pra reagir contra a tendência da época, toda uma vida organizada contra o espírito do tempo e ~~por isso mesmo~~ será que ele tinha escapado do tempo? Teve pavor de aprofundar isso, carroça passando, aquele menino vendendo jornal, que polvadeira nesta rua, era uma boca feia, não a de Maria! um desejo doído, de certo entreaberta naquela lascitude desmoralizada no chão, escapando suspiro, soluço por ela, mas des-

A: podia >se< parar

A: andando. #En-/tão#

(A): *personifica[ção]*

A¹: lapso: "de" (A): se
^emarrav^

A: dera *como* que

A: e >por isso mesmo<
será

A: ^der-//gostava^

gostava muito porque ele falsificava tudo
tempo que não ando contra o tempo, mas rea-
gindo contra ele ao' pelo processo de elei dar
uma organização pessoal, possivelmente mais
notre... ~~Ele~~ O que interessava nobrega pra
ele, um cinico?... Nada. E a boca inventa da
ficara feiosa... Ele viu claro atrás que por
causa da propria reacção toda a vida orga-
nizada que inventara pra si inda era
mais escrava do tempo do que esse que
desavau-se levar no balanco do pacupei-
no brabo. "Boca feia", "Boca feia" bulavara no-
le com uma clã, com sinceridade sendo
seu si a graça de Maria. Escravos do tempo,
isto sim... Escravos pelo tempo, isso sim...
Esguado por ai meamo, isso sim... E re-
sentiu tão cheio de contrários que o respi-
ro desesperado abafou o pensamento, um-
ma aspiração prodigiosa de imortalida-
de. Sentiu assim uma reacção de que
no ar, em torno dele, tinha o novo pe-
nerando... Mas ele... ele era um poço.
Achou graça em ter a parecido a palavra
"poço" de sapetão. Si o espirito inventara
outra imagem, não autendia, "poço" não
significava nada. O lugar-comum chegou
de que poço tem agua que mas poeiras
costumam reflectir a sua... Reflectir os al-
mas... Por ai a imagem podia se explicar
mas o certo é que não tivera nenhuma
intenção clara. Mas ele era um poço.
Achou que tinha uma verdade crua
na frase. Que verdade? Tambem "poço" po-
dia ter nascido por causa que lava
uma sonoridade burba, chiata, sem
grandeza. Ele era um poço. Só isso é
que ele sabia de certo: era um poço. Co-
municava mais avregado agora. Tinha
entrado no ritmo do tempo, estava av-

folha 40 anverso (autógrafo a tinta preta):

gostava muito porquê ele falsificara tudo
~~corpo~~ ~~que~~ não indo contra o tempo, mas rea-
gindo contra êle só pelo processo de lhe dar
uma organização pessoal, possivelmente mais
nobre... ~~Que~~ O que interessava nobreza pra
êle, um cinico?... Nada. E a boca inventada
ficara feiosa... Ele viu claro atrás que por
causa da propria reação toda a vida orga-
nisada que inventara pra si inda era
mais escrava do tempo do que êsses que
deixavam-se levar no balanço do pampei-
ro bravo. “Boca feia”, “boca feia” balavava ne-
le com uma dor, com inverdade vendo
em si a graça de Maria. Escravo do tempo,
isso sim... Errado pelo tempo, isso sim...
Enganado por si mesmo, isso sim... E se
sentiu tão cheio de contrarios que o respi-
ro desesperado abafou o pensamento, nu-
ma aspiração prodigiosa de imortalida-
de. Sentiu assim uma sensação de que
no ar, em torno dele, tinha almas pe-
nerando... Mas êle... êle era um poço.
Achou graça em ter aparecido a palavra
“poço” de sopetão. Si o espirito inventara
outra imagem, não entendia, “poço” não
significava nada. O lugar-comum chegou
de que poço tem agua que nas poesias
costuma refletir a Lua... Refletir as al-
mas... Por aí a imagem podia se explicar
mas o certo é que não tivera nenhuma
intenção disso. Mas ele era um poço.
Achou que tinha uma verdade crua
na frase. Que verdade? Tambem “poço” po-
dia ter nascido por causa que dava
uma sonoridade burra, chata, sem
grandeza. Ele era um poço. Só isso é
que ~~ele~~ sabia de certo: era um poço. Ca-
minhava mais sossegado agora. Tinha
entrado no ritmo do tempo, estava aco-

A: >corpo que< não

A: nobre... *Que* O

(A): ficara ^feis^ feiosa...

A: #si# em si

A: ^indenção^ disso.

A¹: que >ele< sabia

modesto como as tendências atuais e
depois, durante noite daquele, notadamente
também não era mesmo ocasião pra
se principiar reagendo mesmo argui-
rãois outra outra vez. E depois algum dia
"pois" o libertaria das bocas de Maria...
"De & das bocas me taforicas" se não
falando quase alto. E continuou o que
era traço de terminando pra fazer de-
pois das separação.

//
Tem pelo menos duas verdades nes-
te mundo: a que funciona socialmente
e a individual. E quando as vezes
quando as gente reflete sobre si mes-
mo, como a outra verdade fica ampo-
sibilitada.

//
Não houve noção de continuidade,
se, não houve princípio, nada. O
certo partiu. Todos ficaram isolados
dos fatos paracomidade de Carlos.
dependiam de Carlos. Porém
ele soubera apenas sorrir cum-
primentando e por isso os tempos
fornecia moços amplexando a sua
guineta, depois tinham pretexto ha-
verem rir, não riam. As linhas dos
ombros dele ~~horizontalizavam~~
~~a mesma~~ aplainava a roupa.
que de todos, estavam possuídos
por Carlos e olhavam mal luz
intercaderita (?) das sua as mãos
dele sobre a guineta. Não alguma
verdade nítida, morenosa, com
os dedos iguais cortados com
reta nas unhas. Não davam
nenhumas esperanças, não seria
possível remane- las mas a

folha 40 verso (autógrafo a tinta preta):

modado com as tendencias atuais e
depois duma noite daquelas, sofrimento
tamanho não era mesmo ocasião pra
já principiar reagindo numa organi-
sação nova outra vez. E ~~depois~~ alem disso
“poço” o libertara da boca de Maria...
“~~De~~ E das bocas metaforicas” se riu
falando quasi alto. E continuou o que
~~tin~~ trazia determinado pra fazer de-
pois da separação.

//

Tem pelo menos duas verdades nes-
te mundo: a que funciona socialmente
e a individual. É medonho ~~como~~ às ve-
zes quando a gente reflete sobre si mes-
mo, como a outra verdade fica empo-
brecida.

//

Não houve solução de continua-
de, não houve princípio, nada. O
auto partiu. Todos ~~ficaram domina-~~
~~dos pela personalidade de Carlos.~~
dependeram de Carlos. Porem
ele soubera apenas sorrir cum-
primentando e por isso os ~~rapazes~~
~~homens~~ moços encheram a má-
quina, ~~havia~~ tinham pretexto bom
pra rir, não riram. A linha dos
ombros dele ~~horizontalizavam~~
~~a sensação~~ aplainava a sensa-
ção de todos, estavam possuidos
por Carlos e olhavam na luz
intercadente (?) da rua as mãos
dele sobre o guidão. Mãos duma
verdade nitida, morenas, com
os dedos iguais cortados com
reta nas unhas. Não davam
nenhuma esperança, não seria
possivel amansa-las mas a

A: E *depois* alem

A: #*De*# E das

(A): *tin[ha]* trazia

A¹: medonho >como< ás

A: Todos *ficaram domina-/
dos pela personalidade* =de
Carlos.=

A: os *rapazes*

A: *homens* moços

A: má-/quina, *havia* tinham

A: dele *^horizontalizavam^*

A: =a sensação= aplainava

(A): de ^tondos^

[illegible]

folha 41 anverso (autógrafo a tinta preta):

calma era definitiva por causa da certeza delas. Ha sempre nas arraiadas e nos crepusculos um momento em que a gente se decide e pensa “é dia”, “é noite”. Era a sensação que as mãos de Carlos davam pros amigos dele. Sentiam-se chegados. Carlos de tão decisivo abolia ~~a-ten~~ o moto ~~vimento~~ das decisões. Ele conduzia as ruas noturnas para o ponto de chegada e sempre, a quem ja andava com ele dum ponto a outro, ~~si punha reparo~~ a caminhada era um sentimento de peroração. Ao contacto da vida gosada Carlos talvez fosse desilusorio, porém ele não dava lazer pra um juizo dêsses, normalisava todos e de resto por mais desamparado que a gente seja, ninguém deixava de sentir junto dele êsse orgulho modesto dos momentos de pureza vital. Carlos era assim. ~~E todo o ser. Carlos era~~ Duma continuidade tão anterior que quando os amigos refletiam sobre uma influência dele era como si caissem em si mesmos, não podiam mais constatar sinão uma tendencia pessoal. As mãos se moviam pouco parecendo mais uma caricia severa sobre o guidão. A maquina siquer podia imaginar que estava obedecendo, obedecia. Estava influenciada tambem. Era natural que ela amasse Carlos de ~~igual~~ natureza igual á dela e fôrça mais possan-

A¹: dele. ⊗ Sentiam-se [...] era assim.

(A): abolia >a ten< o A: o *mo-/vimento* moto das

A¹: sempre, +a+ quem A: ^anda-/ra^ com

A¹: outro, >si punha reparo< a

A¹: lapso: “horgulho”

A¹: dele. ⊗ Sentiam-se [...] era assim. ⊗

A: >E todo o ser. Carlos era<

A: ^duma^ continuidade

A¹: sobre *a* influência

A¹: mais #sinão# constatar

A: de #igual# natureza

Mulheres saíam para um juízo de-
zer, mas amaldiçoavam todos e de res-
to por mais decomprometido que a
gente seja, ninguém deixava
de sentir junto dele esse orgulho
modesto dos momentos de purga-
mental. Carlos era assim.

Um momento, quando um boia-
do os olhos da rua adiante, ele
recontava os próprios erros. Estava
tão pouco perto, lá, que se enganava.
Percebia que os amigos o verifica-
vam. Sim, verificavam porém
naquela Carlos de lá e não na
que ia se passar.

- Falem, gente!

Os amigos se tiravam disfarça-
do, pensavam na os falas e Bar-
to ficava lá.

Maria era um desses tipos
que não conseguia se calar
por causa da submissão. Atin-
gia apenas a linha da alma.

Maria ficou muito comovida com
as palavras de Carlos, e o espírito
dele quasi que se alargou até o
seio porém a tensão da angus-
tia lhe fatigava por demais a
vontade. A inquietação fechoa o
coração como uma pane que cai
sobre os sonhos.

Com uma desconfiança com o Catolico
de quem. No fundo, Catolico, se tem mes-
mo convencido que isso se religião
é só mesmo tendência a colação.

folha 41 verso (autógrafo a tinta preta):

te. Adquirira por ele uma competência humana que a exaltava a ponto de ~~tornar~~ justificar os próprios defeitos. Si o pneu estourava ela sentia honêstidade em dizer “Me enganei”. Carlos a corrigia como quem restabelece a verdade.

Um momento, caindo um bocado os olhos da rua adiante, êle reconheceu as próprias mãos. Estava tão num ponto, lá, que se enganou. Acreditou que os amigos o verificavam. Sim, verificavam porém naquele Carlos deles e não no que ia se passar.
– Falem, gente!
Os amigos se riram disfarçando, puseram-se a falar e Carlos ficou só.

//

Maria era um ~~dêsses~~ tipos que não conseguira a beleza por causa da submissão. Attingia apenas a lindeza alheia.

//

Maria ficou muito comovida com as palavras de Carlos, e o espirito dela quasi que se alargou até o beijo porém a tensão da angustia lhe fatigara por demais a vontade. A inquietação fechou o amor como um pano que cai sobre a scena.

//

C. numa discussão, com o Catolico diz que: No fundo, Catolico, estou mesmo convencido que isso de religião é só mesmo tendencia e educação.

A¹: Adquirira *assim* uma

A: de *tornar* justificar

A¹: sentia *prazer* em

A: Carlos +a+ corrigia

(A): verifica-/vam. #V[erificavam]#
Sim,

A¹: um >dêsses< tipos

A: não *conseguiu* a

A: como ^uma^ pano

Com muita educação, Assado, as-
peros, vida activa. Não deixa a vida ma-
terial nas suas rotinas. Vários católicos podem
sophismar, sophismar a vontade, o catolici-
smo, como aliás todos as religiões, teolo-
gias... Falo e tonto, isso porque hoje, a
«mistica» da hora, no fundo das con-
troversas, pauperismo. Tão inventando
do a falsaria substituído o templo, de-
minuindo os ícones, romaria no
templo de dentro, o fascismo está ven-
do falar! Estupidos!... Si tem. nunca reli-
gião possível pro's tendências sociais,
«mitos!», mitos, e unicamente mitos des-
nos é aplicar a religião de não ter me-
ninguna religião. Radicamente. Como eu
fiz. Não me contemporizadores, mas co-
nhecidos. E na maioria mecum uma
egotistas da pragmática. Para não di-
zer os pragmáticos do Egotismo... Mas
eu ia falando que as religiões no fun-
do são extáticas tão. O ideal das reli-
giões católicas é a vida monástica.
Entre a abnegação, teologicamente concebida,
e o corpo, há um contraste tão radical,
tão fundamental que não se resolve. No
caso de homem e mulher, há fatalmen-
te uma, além da função, das carícias
familiares, há fatalmente uma adu-
lterio sensualidade, uma provocação
mutua de... de tédio, é isso! É inevitá-
vel. Si estou ferindo o recato aliás
molre de voz, mas não posso falar
de outra maneira pra me explicar
bem claro. Essa provocação já se sa-
be que é fenomenal. Não se evita
mais matematicamente sublime, mitamen-
te recuante, incomparável do que
um beijo nos ferido mesmo numa

folha de guarda anverso (autógrafo a tinta preta):

com minha educação, Anglo, esporte, vida ativa. Não digo “vida material” mas “ativa”. Vocês católicos podem sofismar, sofismar à vontade, o Catolicismo, como aliás todas as religiões teológicas... Falo “teológicas” porque hoje, os “místicos” da hora, no fundo uns sentimentalões pauperrimos ’tão inventando a fábrica substituindo o templo, Lenin substituindo os ícones, romaria no tumulto de Lenin, o fascismo então nem se fala! Estupidos!... Si tem uma religião possível para as tendências sociais, “vitais!”, vitais e unicamente vitais dêses é aplicar a religião de não ter nenhuma religião. Radicalmente. Como eu fiz. São uns contemporizadores, uns covardes. E na maioria mesmo uns egotistas da pragmática. Para não dizer os pragmáticos do Egotismo... Mas eu ia falando que as religiões no fundo são extáticas. São. O ideal da religião católica é a vida monástica. Entre a alma, teologicamente concebida, e o corpo, há um contraste tão radical, tão fundamental que não se resolve. No amor de homem com mulher, há fatalmente uma, além da função, das carícias familiares, há fatalmente uma admirável sensualidade, uma provocação mútua de... de tesão, é isso! Desculpe si estou ferindo o recato aliás nobre de você, mas não posso falar de outra maneira para me explicar bem claro. E essa provocação já se sabe que é fecundíssima. Não há coisa mais naturalmente sublime, vitalmente veemente, incomparável do que um beijo mas ferrado mesmo numa

A: ^substituindo^ o

A: fascismo ^estão^ nem

A: mesmo ^um^

A: ^pra^ não

(A): corpo +,+ >d[e]< há

A¹: homem *e* mulher,

A: ferindo ^a^ recato

Bom que a gente gosta de merdade,
gosta mais do que por um simples
brioso semanal, seu princípio axioma. E
isso é pecado! Não! Não precisa respon-
der não, que já não os argumentos. E não
preciso queimar sobre si os seus sagãos!...
Ah... sabe de que se está falando? Está
claro que eu não digo a mesma Verdade
pelas regiões de vocês, nações católicas
que todos os católicos e os países portos
chamam de Verdade porque já se auto-
matizam tinham tendência para as coisas
como Verdade. E quando queriam ir
além, não se dá a ação Fran-
cisco! 8. "Anodermisamos religiosos!...
Mas é isso, vocês sabem que existe a
Graça de Deus. Mas não temo, apesar
que acreditamos a pra «oportunidade»
que Deus nos oferece, pra falar em
linguagem tão de si mesma. O mais ar-
guente é que trata a gente de quem
não tem em absoluto a ocasião pro-
pícia pra fazer os seus negócios,
as «oportunidades». Pois aí a graça
de Deus vem sobre mim, não parece.
Ah! Quem sabe se está aí ainda!...
Carlos morre a cabeça, não podia nem
respirar de dor. Aí então:
-De certo fui arara, não pagui, não
sinto a oportunidade. Pobre por que
pode com a do meu príncipe e
não tenha outros pra receber o
comunicado... Mas de quem é
culpa!... Quem Deus, a culpa não
é da linguagem, católicos! Não ha-
veria culpa se não... Se Deus existe e de-
pois que existe porque a justiça de
Deus há de ser outra! Assim a cabeça
é um caso tão exato que, pode ser que
seja uma classificação para o car-
to, que eu não tenho nada do da per-
suação de Deus!

folha de guarda verso (autógrafo a tinta preta):

boca que a gente gosta de verdade,
gosta mais do que por um simples
desejo sensual ou função sexual. E
isso é pecado! Não! Não precisa respon-
der não, que já sei os argumentos. E no
fundo quem sabe si eu tenho razão!...
Ah!... sabe do que eu stô rindo? Está
claro que eu não chego a “sua” Verdade
pelas razões de você, razoes catolicas
que todos os catolicos e os predispostos
chamam de a Verdade porquê já de ante-
mão tinham tendencia pra as aceitar
como Verdade. E quando querem ir
alem, veja no que deu a Action Fran-
çaise! E o modernismo religioso!...
Mas é isso, vocês falam que existe a
Graça de Deus. Que nós temos apenas
que aceitarmos a ~~pra~~ “oportunidade”
que Deus nos oferece, pra falar em
linguagem tão de cinema. O mais en-
graçado é que toda a gente diz que
sou tacho em descobrir a ocasião pro-
pícia pra fazer os meus negocios,
as “oportunidades”. Pois si a graça
de Deus caiu sobre mim, não perce-
bi! Quem sabe si está caindo!...
Carlos moveu a cabeça não podia nem
respirar de dor. Acabou:
– De certo fui arara, não peguei, não
sinto a oportunidade. Pode ser que
por causa do meu princípio eu
não tenha antenas pra receber o
comunicado... Mas de quem a
culpa!... Meu Deus, a culpa não
é de ninguém, Catolico! Não ha
culpa nisto... Si Deus existe e de-
sejo que exista porquê a justiça de
Deus ha-de ser outra! Minha cabeça
é um caos tão exato que, pode ser que
eu diga uma blasfêmia porêem o cer-
to é que eu não tenho medo da jus-
tiça de Deus!...

A: mais >e< que

A¹: de +a+ Verdade

(A): alem *o[lhe]* veja

A: a #pra# “oportunidade”

Ver sobre pra aumentar a per-
tipicar esta pequena o artigo de Pierre
Dominique "Général de Bess" que
está apontado a este livro. Fazer
diversas entre o Catalão e Carlos.

3ª capa (autógrafo a grafite):

Ler ~~sobre~~ pra aumentar e fortificar esta pagina o artigo de Pierre Dominique “Emmanuel Berl” que está ajuntado a este livrinho. Fazer discussão entre o Catolico e Carlos.

A¹: Ler >sobre< pra

Notas inseridas entre a capa e a 1ª folha da caderneta Vento:

Vento

Esboço de trecho; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (14,2 x 10,4 cm), borda superior picotada; marcas de oxidação.

Vento
Carlos lhe falou com doçura e era
o ~~do~~ sublimar o que ela sentia porque
a doçura do homem é muito mais doce
que a da mulher. O homem pela força e
pela sede se acostuma com durezas e
com asperos, por isso a doçura dele, nunca
é bem natural, nunca é bem pura. A mulher
por si mesma tem mais delicada e mais
doçura, traz a doçura em si mesma, a doçura
é o seu natural e quando ela não fala
ou se move para gente com doçura, está em
sua permanência e naturalidade, o seu
sentimento é perfeito e completo, ~~é~~ o gesto
é o seu por completo e é a doçura. O homem
quando quer por a doçura nas palavras e no
gesto dele, por isso, porém a doçura não
acompanha sempre ~~em~~ certo exagero.
mesmo é uma doçura mal acabada que traz
sempre muito da aspereza habitual, muito
de brutalidade e de rigidez. Se pensando pois
a doçura no homem é ~~de~~ ridícula ~~para~~
muita. Mas no sentimento dela, é muito mais
serenamente e eficaz. Porquê tem essa rigidez
essa aspereza e brutalidade que ~~aparecem~~ ~~tem~~
parecem e sobram até mesmo dentro da doçura
na do homem não como elemento de culpa.
Largam permanentemente, mostram o esforço e mostram
mais a doçura. É uma doçura que manda a
gente senti-la e a gente se sente por isso mais
lento. É a própria impureza da doçura do
homem que se torna ainda mais violenta, e que neste
para quem dizer, mais doce. Quase obra a boca
ferrada, no gesto de carnis e parece amantado.

Vento

Carlos lhe falou com doçura e era ~~A~~ sublime o que ela sentiu porquê a doçura do homem é muito mais doce que a da mulher. O homem pela força e pela vida só se acostuma com durezas e os gestos asperos, por isso a doçura dele, nunca é bem natural, nunca é bem pura. A mulher por si mesma bem mais delicada vive na doçura, traz a doçura em si mesma, a doçura é o seu natural e quando ela nos fala ou se move prá gente com doçura, esta na sua permanência e naturalidade, o seu sentimento é perfeito e completo, ~~é doce~~ o gesto é doce por completo e é só doçura. O homem quando quer por a doçura na fala e no gesto dele, põe sim, porém a doçura vem acompanhada sempre dum certo desageitamento, é uma doçura mal acabada que traz sempre muito da aspereza habitual, muito de brutalidade e de rigidez. Se pensando frio a doçura no homem é até ridícula ~~porém~~ mas em se sentindo ela, é muito mais comovente e eficaz. Porquê toda essa rigidez essa aspereza e brutalidade que ~~aparecem~~ trans- parecem e mesmo são reais dentro da doçura do homem são como elementos de comparação permanentes, provam o esforço e mostram mais a doçura. É uma doçura que manda a gente senti-la e a gente a sente por isso melhor. É a própria impureza da doçura do homem que a torna mais violenta, o que neste caso quer dizer, mais doce. Maria abria a boca parada, [num] gôso de carne e parecia encantada.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

A: doçura +e era+
(A): #A do[çura]# sublime

A: com *purezas* e

A: vive *a*
A¹: lapso: “natural. e”
(A): doçura, ^eta^

A¹: completo, #é doce# o

A: muito *^da^* aspereza

(A): é #ridi[cula]# até A: ridícula
porém

A: que *aparecem* trans-/parecem

Vento Prefacio

Depoimento e análise da criação; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (15,3 x 10,4 cm).

Vento Prefacio

Eu me diverti nesta duz-de-
arte a fazer um livro cheio
de traços do português velho. Bre-
ve sobre o convencional, me utilizan-
do do aneddotico, do romance preco-
lógico principalmente. Mas dois
problemas me dão a ideia que
eu não sou o suficiente, tipos saídos
da galeria classica, duas entidades
de cores, prosa e poesia
a vida heróica da criação conven-
cional a que me dá de leve reali-
dade: o tipo do homem moderno, o
herói forte, e o tipo da mulher
francês conformes a tradição
burguesa romana

Porém não tenho religião po-
rém minha de família que a
tradição e a moralidade me

podia imaginar muito sem nada
de 7º dia um amor fecundo sem
casamento, e só mesmo o desejo
segundo que tivera juntamente
com o amor por Carlos a figura
acertada por minha dele. Porém
nunca pensei na situação dela
sem esse molestar fixo no
estomago que nem quando a
gente imagina um mal ou
um defeito horrível, sofre sem
pre não jamais se acurta.

Historia presa numa escuridão
de preconceitos convencionais que
tanto rejeita não são mais que
maneira de se manifestar de um
mundo e universal. O
tudo de dor que é da profunda
essencia da humanidade
mas os meus inconscientes
que não são o povo brasileiro
mas sim um povo grande de tra-
dição e de honrando.

Vento Prefacio

Eu me diverti nesta obra-de
arte a fazer um livro cheio
de traços do pratica velha. Cri-
ei sobre o convencional, me utilizan-
do do simbolo, e do romance psico-
logico principalmente. Nem dois
protagonistas são dois ideais que
eu pus em oposição, tipos saídos
da galeria classica, duas entida-
des irreais, possuindo e vivendo
a vida heroica da criação conven-
cional a que vesti de leve reali-
dade: o tipo do homem moderno, o
heroi forte, e o tipo da mulher
brasileira conforme a tradição
burguesa nossa

A¹: simbolo, +e+ do

(A): #d[oís]# são (A): dois #q[ue]# ideais

A: a ^dradição^

Maria não tinha religião po-
rem vinha de familia que a
tivera talvez e onde ainda não se
podia imaginar morto sem missa
de 7º dia nem amor fecundo sem
casamento, e só mesmo o desejo
cegante que tivera juntamente
com o amor por Carlos a fizera
aceitar ser moça dele. Porém
nunca pensara na situação dela
sem esse malestar físico no
estomago que nem quando a
gente imagina um mal ou
um defeito horrível, sofria sem-
pre sem jamais se acostumar.
Estava presa numa enormidade
de preconceitos convencionais que
tantas vezes não são mais que
maneiras de se manifestar desse
misterioso e universal cul-
tivo-da-dor que é da propria
essencia da humanidade
mais ou menos inconsciente.
Ela não era o foco minha eu
mantinha um peso grande de tra-
dições a empurrando.

(A): amor #s[em]# fecundo

A: universal ^cu-/tivo^ da

Vento

Esboço de fala de Maria; lembrete: “Manuel/ livros”; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (15,3 x 10,3 cm).

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Vento
Maria se chega pra Carlos
e fala
Esta boca ja tantas
vezes beijada

A: ^Mara^ se

Manuel
livros

(*Vento*)

Esboço de cena; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (15,3 x 10,5 cm).

Nota da edição: O esboço se liga diretamente ao lembrete no verso da folha 5, encerrando a nota de planejamento intitulada *Café “Final”/ Chico Antonio*: “(Contar aqui/ os amores com o jacarandá roxo, num/ ponto qualquer de tomar bonde, ate que/ um dia de sol quente, esperando o/ bonde, Chico Antonio tem emoção sexual/ com a arvore. Todos os dias porêem ele antes/ disso tinha que tocar com a mão no tronco/ da arvore.)”. Transcrição que se relaciona à carta de Mário de Andrade ao amigo Rosário Fusco, datada de São Paulo, 5 de julho 1934: “[...] O vulcão existe. Vou lhe contar uma coisa muito absurda, mas espantosamente verdadeira e que fica entre nós. Imagine que, faz isso uns oito anos talvez, mas muito me deixou assombrado, sabe que eu descobri que seria capaz de ter relações sexuais com uma árvore! Não ria não, e talvez faça passar o caso no *Café* com Chico Antônio, o homem mais espantoso que conheci. Está claro que não continuei a experiência, mas foi o caso que num dia de grande quentura, um cheio de sol, junto dum tronco admirável que me dera sombra, principiei passando a mão pelo simples prazer das coisas, e esse prazer se intensificou, tive uma fraqueza, encostei o rosto no tronco, e só então tive consciência duma realidade que no primeiro momento me deslumbrou e achei lindo. Só continuei na ventura descoberta o tempo pra me analisar, ou melhor, adquirir apenas consciência incontestável do que estava se passando em mim. Nem depois pude me analisar, mas toda a essencialidade do meu ser se recusa a ver no caso uma perversão sequer momentânea, ou efeito por tabela de alguma continência longa, que não existia. Mas hoje sei que estaria em condições de ter relações com árvores, e que mesmo entre elas me descubro em preferências! Não estou blagueando não, e nem poderia me envergonhar de ser assim. Se aceito isso como se quiser, mesmo como horrenda perversão, não sei eu, não tenho elementos morais nem religiosos que me permitam chamar de perversão, o que me dá esta maravilhosa comunhão e sublime capacidade de compreender tudo e todos [...]” (Apud: CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade Exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 99).

(Vento)

- O que?

- Pois é. Ando estupefacto desde então por-
que percebi uma coisa incrível.

- O que...?

- Eu eu tenho sensação sensuiva em os
membros.

- Porquê? Avia os

- Não é primário não! Percebi por acaso,
na rua como foi, rei que estava
então com a minha mãe que ficou
na cozinha onde estava a trabalhar e
de repente percebi muito bem não só
no momento, mas quanto ao tempo, já
tinha tudo isso, nem perceber. Eu vivo
me encontrando com o vento. Até a
hora já fui muito. O mais engraçado
é que quando percebi sobre a perna
também era táctil na árvore e senti,
senti sem sentir, que aquilo era, só.
Tudo absolutamente, inteiro.

- É isso de você plantar um milha-
real e dar um pedaço de vida com um
pequeno milha real.

- Ando a fazer isto! Além disso não
há imitação na natureza que me
sensuiva sobre a forma da minha
continuação... satisfatório para o
fato é que senti sem continuar por
isso é... não é... mas logo depois
uma parte do espírito... criou o mundo.

(Vento)

– O que?

– Pois é. Ando estupefato desde ontem porque percebi uma coisa terrível.

– O que...?

– Que eu tenho sensações sensuais com as árvores.

Risadas levianas

– Não é brincadeira não! Percebi por acaso, nem sei bem como foi, sei que estava encostado com a mão numa que fica na esquina onde espero bonde e de repente percebi muito bem não só no momento, mas quantas vezes antes já tinha tido isso, sem perceber. Eu vivo me encostando em árvores. Até a boca já pus nelas. O mais engraçado é que quando percebi botei a perna também encostando na árvore e senti, senti sim senhor, que aquilo era gostoso sensualmente gostoso.

– É caso de você plantar um milharal e dormir cada noite com um pé-de-milho arrancado.

– Não seja besta! Aliás isso não tem importancia nem disse que uma sensação dessas possa ter maior continuidade... satisfatória porém o fato é que senti. Quis continuar pra ver até onde ia mas logo principia essa parte de espírito-critico observan-

A: onde #mas# ia

do e esculhamba tudo. Não
se continua, não ha meios.

“Essa moça so”

Esboço de trecho; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (15,3 x 10,3 cm).

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Essa moça so
~~Ela~~ me podia dar
um prazer sensual
e isso era im-
possível porque
ela era uma des-
sas mulheres
destinadas ao ca-
samento

A: *+Essa moça so+*

A: *>Ela<* me

A: des-/sas #des[tinadas]# mulheres

Vento

Esboço de cena [28 abr. 1926]; autógrafo a grafite; cartão, papel branco (6,9 x 11,3 cm), impresso: ingresso para concerto da Sociedade Quarteto Paulista do dia 28 de abril de 1926; autógrafo a tinta preta: nome de Mário de Andrade, sócio.

Vento
Realmente não azara a
realização na compreensão
Todas essas experiências per-
tados de que não aproveitamos
na porque tinham ficado
incoscientemente dentro dela,
mortos. Agora ela parecia
como era quando o can-
to depois do amor, como
esse era o momento au-
têntico porque antes de
isso a gente vive intensi-
ficamente por dentro
para poder superar a a-
propriação bem. Realmente
não tem mais fim de

deveros si a inteligência
não participa nele
e não o realiza.

SOCIEDADE QUARTETTO PAULISTA
INGRESSO PARA SOCIO E DUAS SENHORAS
INTRANSMISSIVEL

Sr. *Mário de Andrade*
25.º concerto a realizar-se no
SALÃO DO CONSERVATORIO
em saída às 21 horas em ponto do dia 28
de Abril de 1926.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Vento

Realmente só agora ela
realizava na compreensão
Todas essas experiencias pas-
sadas de que não aproveita-
ra porque tinha ficado
inconscientes dentro dela,
mortas. Agora ela percebia
como era gostoso o cansa-
[ç]o depois do amor, como
[era] esse o momento su-
premo porque antes do
gôso a gente vive inten-
samente por demais
pra gosar mesmo e a-
proveitar bem. Realmente
não tem goso físico de
deveras si a inteligencia
não participa nele
e não o realiza

(A): pas-/sadas >re[alizadas]< de

(A): não *g[ostara]* aproveita-/ra

A¹: lapso: “cansa-/co”

A¹: lapso: “erra”

Vento

Esboço de trecho; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (14,1 x 10,6 cm), borda superior picotada.

Vento
E se deixavam os Aois
ficar para gostando da
sentença. Ela porém am-
parada, abraçada, mistu-
rada em tudo, desapare-
cia ~~realis~~ anulada numa
coisa igualzinha às ou-
tras. Ela porém assim
dentro da sentença não
percebia bem no seu
permanecer, distraído
e sorregido, consolado.

Vento

E se deixavam os dois
ficar fora gostando da
ventania. Ela porquê assim
puxada, revirada, mistu-
rada em tudo, desapare-
cia ~~muti~~ anulada uma
coisa igualzinha às ou-
tras. Ele porque assim
diante da ventania não
pensava bem nos seus
pensamentos, distraído
e sossegado. Consolado.

(A): *muti[lada]* anulada

A: sossegado @,@ Consolado.

Vento

Nota de planejamento; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (14,3 x 10,4 cm), borda superior picotada; marcas de oxidação; rasgamento no canto inferior direito.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Vento

Quando ela sofre percebe que parece que mudou de vida e a felicidade passada era não dela, e agora que ela tinha continuado a vida.

Vento

Nota de planejamento; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (14,2 x 10,4 cm), borda superior picotada; marcas de oxidação; rasgamento no canto superior esquerdo. Pequenos riscos a tinta vermelha feitos na frente da folha inadvertidamente.

Vento
Num instante (na casa) Maria é tomada de uma volúpia estranha e gozava em pensar que B. partiria mesmo e ela ia sofrer muito, sofrer por demais, pra sempre... Mas como não ia amar, havia de se lembrar sempre dele e a sede e havia de sofrer sempre por causa dele. (A cultura da dor) O retrato de ele ela guardaria pra sempre dentro na sala e tirava miniatura num brinde. (E a volúpia voltava variando e num momento tão intensa que B. chuz a ade- sejar que Carlos parta. "Todos

seus pensamentos lhe mostram va- gos por demais no espírito porque ne- perdoava ela estava presente à consciência e isso que afastava esse pensamento de si. Porém se eles aparecessem em suas ideias e não compreendia ainda a razão de o afastar de si. Ela compreendia com toda, certeza, que a verdade que não era pouco forte, e compreendia um pouco ex- cessivo de palavras, e a ela a- dos, porém ela estava sem vacilar e a vontade de seu próprio pen- samento. Porque é uma fatali- dade de muitos dos que a- tizam, os seus falsificam a própria natureza que espírito que eles deixam os pensamentos e os atos, e não ao seu de um primeiro movimento e a- do, sem mais fazerem reparo neles. Eles não gostam muito dos seus próprios pensamentos. Eles têm medo de se reconhe- cerem falsários. Pois então a quem assim, Maria era falsa.

Vento

Num instante (na ceia) Maria é tomada duma volupia estranha e gostosa em pensar que C. partia mesmo e ela ia sofrer muito, sofrer por demais, pra sempre... Havia de nunca mais amar, havia de se lembrar sempre dele e so dele e havia de sofrer sempre por causa dele. (A cultura da dor) O retrato dele ela guardaria pra sempre bem na sala e ãa miniatura num broche. (E essa volupia voltará varias vezes e num momento tão intensa que M. chega a desejar que Carlos parta. “Todos esses pensamentos lhe vinham vagos por demais no espirito porquê na verdade ela estava presente á conversa e como que afastava esse pensamento de si. Porquê si eles aparecessem nitidos ela os não compreenderia ainda e havia de os afastar de si. Ela conversava com todos, olhava, ria, é verdade que ria um pouco forte, e conversava um pouco em excesso de palavras, ~~apre~~ afobada, porém ela estava bem na ceia, e ausente dos seus proprios pensamentos. Porque é uma fatalidade de muitos dos que ~~cultivam~~ ~~coisas~~ falsificam o proprio ~~vida~~ ~~que~~ espirito que eles deixam os pensamentos e os atos irem ao leu de um primeiro movimento errado, sem mais porem reparo nesses. Eles não gostam muito dos seus proprios pensamentos. Eles têm medo de se reconhecerem falsarios. Pois então agem assim. Maria era falsaria.

(A): *apres[sada]* afoba-/da,

A: que *cultivam/ coisas*
falsificam ^a propria^ *vida
=que=*

A¹: lapso: “porém reparo”

Vento – 48 –

Esboço; autógrafo a grafite e a tinta preta; 2 folhas de papel branco (15,0 x 10,6 cm), milimetrado; numeradas pelo autor; corte vermelho; borda esquerda irregular; folhas destacadas de caderneta presas originalmente por 2 alfinetes de cabeça. Notas MA: no anverso da folha 1: a grafite: supressão das notas ali contidas; a lápis vermelho: cruzeta indicando a utilização das anotações ali contidas; no verso da folha 1: a lápis azul: risco vertical selecionando trecho de três linhas; na parte inferior do anverso e no verso da folha 2: a lápis azul: riscos e cruzetas indicando a necessidade de reformular o texto.

Nota da edição: O escritor aponta, no anverso da folha 8 da caderneta *Vento*: “Veja II vol de Notas, a nota 48”, remetendo a este esboço *Vento – 48 –*, 2 folhas arrancadas de caderneta de bolso. O anverso da folha, em que no verso se inicia a “nota 48”, apresenta as notas “46” e “47”, encimadas por uma parcela do que possivelmente seria a nota 45; já a parte final do anverso da 2ª folha, além de trazer o final da nota “48”, mostra o início da nota “49”, que continua no verso da folha. Pelo que sobrou da caderneta de notas tratava-se de um receptáculo de ideias que iam sendo ali jogadas no fluxo em que surgiam. Nela cabiam: esboços de textos ficcionais, estudos de música, apontamentos para artigos, material enfim atinente à atuação e aos interesses do polígrafo, que numerava sequencialmente as matérias para mais tarde as aproveitar. A nota “49”, por exemplo, é fragmento de esboço fragmentário da conferência “Na sombra das moças brasileiras”, preparado em 1925 para a festa do dia 25 de setembro da Capela de Santa Cecília, texto recuperado das anotações de uma aluna de Mário de Andrade, Carmem Borelli, publicado por Flávia Toni na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 36 (São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1994). Talvez, até pela proximidade numérica, esta mesma caderneta de notas, tenha recebido o primeiro momento conhecido da escrita de *Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma*, que, em folhas idênticas a estas, traz, antes do título, o número “56” e em seu topo 4 linhas com anotação de natureza diversa: nomes de compositores e comentário musical conciso.

que abastecem a isto para mais revolta. Mas os
casos que se reparam a. dar assim, tanto
esta até conseguir. Escalhe de deslousa eimen-
te a aversão que põe. Para outros. Pois então
e os outros de cá, defende a revista,
procura apanhar. Para empregados, há novos.
Mas há a for, caridade. Consegue com intri-
gas para redator pra fora. Há uma nova
revista sobre este, a imprensa, presente da
revista está que quer os membros do Flare
esta deslousa. Afinal o Flare vai sempre a
sobre a redação onde há esta e novo redator.
Afinal, acaba-se a revolta e a revolta e novo
redator de caridade e a revolta. Agora
a nova revista vai prosseguir. Abre-se man-
dam a revolta. E mais, não dá a que devesse
fazer uma revista com o Flare no clube. Tal?
Abre-se a revolta e a revolta e a revolta.
Afinal, a revolta e a revolta e a revolta. No caso
de se fazer a revolta e a revolta e a revolta.
Um dos conteúdos para a revolta e a revolta.
A revolta e a revolta e a revolta e a revolta.
imediatamente.

46

Uma pessoa que tinha essa gran-
de bondade e a revolta e a revolta e a revolta.
que está a revolta e a revolta e a revolta.

47

Uma pessoa pode ter a chri-
stianidade de uma coisa e a revolta e a revolta.
e a revolta e a revolta e a revolta e a revolta.
e a revolta e a revolta e a revolta e a revolta.
e a revolta e a revolta e a revolta e a revolta.

que abandona e não põe na revista. Mas as casas que se recusam a dar anuncios tanto luta ate conseguir. Escolhe discrecionariamente os anuncios que porá. Tira outros. Põe outros e no entanto dedica-se, defende a revista, procura assinantes. Tira empregados, põe novos. Maltrata e faz caridade. Consegue com intrigas por o redactor pra fora. Ha uma scena violenta entre este, a emprêsa pagante da revista em que quasi os manejos do Flores são descobertos. Afinal o Flores sai limpo e sobe á redacção onde já está o novo redactor. Uff! senta-se aliviado e cumula o novo redactor de carinhos e servilidades. Agora a nossa revista vai progredir. Arranjei mais dois anuncios. O snr. não acha que devemos fazer um clichê com o baile do clube tal? Arranjamos assim mais assinantes. Afinal fecha a redacção e vai pra casa. No caminho da Lapa a briga ~~M~~ a que assiste. Um dos contendores puxa o revolver e atira. Acerta no Flores expectador que morre imediatamente.

_____ 46 _____

Um homem que tinha essa grande bondade um pouco ironica dos que estão cansados de sofrer

_____ 47 _____

Uma pessoa pode ter a erudição duma coisa sem que essa coisa de que ela tem erudição chegue a ser pra ela um objeto de conhecimento

Aparato genético.

Etapas e rasuras

A¹: >que abandona [...] objeto de conhecimento<

(A): briga >M<

Vento

48

C

Se costuma dizer que o verdadeiro
amar é uma fusão de dois se-
res. Eu estou tentado a dizer que
ele é uma confusão de dois se-
res logo amou. A gente tem muito
mistura o sentimento de si mes-
mo, de si para ela ou por ela.
~~Quando se ama uma confusão~~
~~também de si mesmo que se tem~~ Ca-
reci de distinguir entre o amor
sentimento que integra em si
o ato sexual. E o ato sexual
que nem este é uma fusão por-
que é dualmente nele que a
gente tem mais mistos o combi-
namento de si mesmo ou de por
por ela. É a falta de sexual
sentimento. Nele também a
gente conserva a intenção de
que é um e tem o desejo o
máximo prazer de dizer eu sou
dela, ela é minha. Foi muito
de laudável que disse muito
bem sobre que no romance
della, que todos os dias se ama.
É isso mesmo.

Maria? Não pôde mais, não sou-
tar-se na guarda da poltrona
donde habia falado. Berrou que
o ombro com o braço

— Que é

— É um correr numa expressão
de paor quasi que fez.

— Nada. Pois você está é meu

Vento _____ 48 _____ (1

Se costuma dizer que o verdadeiro amor é uma fusão de dois seres. Eu estou tentado a dizer que ele é uma confusão de dois seres isso sim. A gente tem muito nitido o sentimento de si mesmo, ~~ele de posse ela de possuída. Apenas se da-se uma confusão dos tal dos dois seres que É precei~~ Carece ~~não~~ distinguir entre o amor sentimento que integra em si o acto sexual e o acto sexual que nem este é uma fusão porque é justamente nele que a gente tem mais nitido o conhecimento de possuir ou de ser possuída. Eu falo de amor sentimento. Nele também a gente conserva a intuição de que é um e tem o divino o maximo prazer de dizer eu sou dela, ela e minha. Foi Mario de Andrade que disse muito bem, parece que no romance dêle, que todos se dão no amor. É isso mesmo.

Maria? Não pôde mais, veio sentar-se na guarda da poltrona donde Carlos falava. Cercou-lhe o ombro com o braço

– Que é

Ela quis sorrir numa expressão de pavor quasi que fez.

– Nada. Pois voce não é meu

A: >ele de posse ela de possuída.

Apenas se da-se uma confusão #dos#

tal dos dois seres que< (A): *É preci[so]* Care-

/ce A: Care-/ce >não< distinguir

(2)

Entregada.
— Pais, é, como é' que ia dizer
no... — Eu penso assim... Ah! a
prima não deu gente ne' saute
priso, dada, é' uma prova de
que se guarda uma comprehen-
são exalta da personalidade... —
Lampo e alma. Sabe quem é'.
Apesar não sabe mais onde
está. O lampo dela parece que
é da gente. Quando ela per-
de a sua gente. Ela repete, inven-
ta uma esca. nova. Tão não
é' fustos, é' confusões. Uma con-
fusão deitada.

Maria pegou no ombro de
Carlos para não se sentia o
que elle falava. Sentiu uma
roupa que elle sabia guarda-
na um ombro que ella podia
mover deitando. Deito a vonta-
de e ella abraçou-o se vendendo
a cara dele pra no corpo res-
tado pra baixar contra a luz.
Mas entregou todo o gorgoteo ri-
do mudo por causa do outro.

— 49 —

Nô acultura das moças brasileiras

Introdução — Da moça brasileira —
Caracteres gerais — Simpatia — e pouco de
curiosidade de amor — e pouco de flirt — e
submissão — e pouco de curiosidade das ideias
de raízes e de amor — e pouco de auto-
festiva da moça brasileira, uma inconsistência
indiferença ante a situação de vida — e pou-

Entregada

(2)

– Pois é, como é que ia dizendo?... Eu penso assim... Ah! a ~~pr~~ova isso da gente se sentir prêso, dado, é uma prova de que se guarda uma compreensão exacta da personalidade... Corpo e alma. Sabe quem é. Apenas não sabe mais onde está. O braço dela parece que é da gente. Quando ela fere-se doi na gente. Ela repete, inventa uma ideia nossa. Isso não é fusão, é confusão. Uma confusão danada.

Maria pegou no ombro de Carlos pra ver se sentia o que ele falava. Sentiu uma roupa que ela sabia guardava um ombro que ela podia morrer beijando. Veio a vontade e ela abraçou-o escondendo a cara dele ~~pr~~o no corpo revirado pra beijar contra a luz. Mas estragou todo o gosto rindo muito por causa dos outros.

49

Na sombra das moças brasileiras

Introdução – Dia da moça brasileira – Caracteres gerais – Curiosidade o perigo da curiosidade de amor – O ~~intre~~ flirt – A intrepidez [?] – Discussão das ideias de casamento e de amor – Humanidade subjectiva da moça brasileira, sua ~~inconstancia~~ indiferença ante a natureza, a objetividade – Con-

A: Ah! #*a*/ prova#

(A): isso ^dag[ente]^ da gente

A: dele >pro< no

A¹: >Na sombra das [...]
objetividade – Con-<

A: amor – ^A^#intre[pidez]# flirt

A: sua *inconstancia*

durad: A força careu de se conservar de
que é a essência de uma flor. Não vale nada
a vida de convento da fruta. A mulher
brasileira considerada como fruta útil

(A hora tantas: Partem quem foi que
disse, que a mulher é objeto de
matéria de preocupação? A mulher
é objeto de amor, isto é, de con-
preensão sentimental, ou melhor
de intuição. // Acabar quando
a moçoila Lila dormindo ter-
minado o seu dia. Não
apareceu muito a confusão.
La. As palavras da mulher a
pobre,inha da guerra. // Hora
de uma festa em escola de
pauca... futuros? Não, como po-
deria ser? Não, que não se
pode esquecer, sobre as moças.
Pois começa? Onde está
pauca? Não. Pois é assim: As
moças (bom de confusão)
// Maria, como se disse -- A
hora para ser a hora de ser
de Alexandra a mulher pra
ser mulher, tem de ser Maria
Maria // Maria contempla. For-
mas, rega. Seus pensamentos de
intuição, que passam pela me-
moria. Formas com que estabele-
ce uma conversação rápida:
Bom dia! -- Bom dia! Maria con-
tinha um pensamento ou no pre-
sente de Chopin, enquanto o primo
vai se sentar. E assim, geralmente
é com primo. Ah! o parigo dos

Aparato genético.
Etapas e rasuras

clusão: A moça carece de se convencer de que é apenas uma flor. Não vale nada si não se converte em fruta. A mulher brasileira considerada como fruta util

(A horas tantas: Porem quem foi que disse que a mulher é ~~objecto de~~ materia de compreensão? A mulher é objecto de amor, isto é, de compreensão sentimental, ou melhor de intuição. // Acabar quando a mocinha esta dormindo terminado o seu dia. Psiu! Não aplaudam muito o conferencista. As senhoras vão acordar a pobrezinha da Maria // ~~Uma~~ Duma feita eu escrevi uma poesia... futurista? Sim, como poderei fazer poesias que não sejam futuristas, sobre as moças. Posso começar dizendo essa poesia? Posso. Pois é assim: As moças (Começo da conferência) // Maria, nome tão doce... A rosa para ser rosa tem de ser de alexandria a mulher pra ser mulher tem de se chamar Maria // Maria contempla. Formas vagas meio memorizadas meio intuitivas lhe passam pela memoria. Formas com que estabelece uma conversação rapida: Bom Dia! – Bom dia! E Maria continua no trabalhinho ou no Preludio de Chopin enquanto o primo vai-se embora. Sim, geralmente é um primo. Ah! O perigo dos

A¹: >clusão: A moça [...] O perigo dos<

A: é *objecto de*

A: Maria // *Uma*

A¹: lapso: “memoriadas”

“O que era sublime nele e-/ra a decisão -”

Nota de planejamento mesclada a anotações de outro teor; autógrafo a grafite no verso de folha de papel amarelo milimetrado (11,0 x 7,9 cm); 2 furos. Nota MA: a grafite e a lápis azul: supressão das anotações alheias ao romance.

2 soluções
H alcol 40° 500 gr.
Sublimado corr. 10 gr.
B alcol 40° 500 gr.
Timol 20 gr.
Essencia de Alfazema 30 gr.
Mistura na
hora de usar

Jaborandi pintado

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Elsa Camargo
rua Martinico Prado, 2

O que era sublime nele e-
ra a decisão recta com que di-
rigia a maquina. As suas mãos
rondando no volante uma
dansa serena ~~seve~~ severa
e incessante mantinham o
automovel numa reta abso-
lutamente implacavel que
comovia (Vento)

(A): =seve[ra]= severa

Ästhetik und Allgemeine Kunst-
wissenschaft
Max Dessoir
Stuttgart
Ferdinand Erke

Vento

Nota de planejamento; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (14,2 x 10,4 cm),
borda superior picotada. Folha dobrada abrigando as cinco próximas notas:

Vento

O livro que está numa das
páginas do livro, será Rubens
misturado com Tarcis Talvez.

Dar outro tipo que será mis-
tura do Gilberto Freyre, Pruden-
tius e Rodrigues de Melo
Francisco, isto é, o tipo típico, "ho-
mo" do ratado que caça
do não ratado.

Outro tipo misturado Carlos Pin-
t. Alves, Couto de Barros e
Yara. Homossexual casado com
muito parafuso que os outros
percebiam nele o homossexual.
Do primeiro não caçava de
amigo comum homossexual
declarado, mas percebendo que
isso o podia condenar, pois
caçava de todos, caçava daque-
le com mais intensa perversidade.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Vento

O Luis que está numa das
paginas do livro, será Rubens
misturado com Tacito talvez.

=

Dar outro tipo que será mis-
tura do Gilberto Freyre, Pruden-
tinho e Rodriguinho de Melo
Franco, isto é, o tipo típico, “he-
roico” do ratado que caçoa
dos não ratados

=

Outro tipo misturar Carlos Pin-
to Alves, Couto de Barros e
Yan. Homossexual casado com
medo pavoroso que os outros
percebiam nele o homossexual.
De primeiro não caçava dum
amigo comum homossexual
declarado, mas percebendo que
isso o podia condenar, pois
caçava de todos, caçou daque-
le com mais intensa perversidade.

(A): #N[ão]# De

Vento/ Coisa importantissima

Nota de planejamento; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel branco (14,2 x 10,4 cm),
borda superior picotada; marcas de oxidação.

Vento
Coisa importantissima:
Fazer de Maria um tipo
característico de amorosa.
O romance todo duma
paixão veemente, duma
sensualidade sadia.
Carlos também. Enfim
dois tipos. Dois heróis

Vento

Coisa importantissima:
Fazer de Maria um tipo
característico de amorosa.
O romance todo duma
paixão veemente, duma
sensualidade sadia.
Carlos também. Enfim
dois tipos. Dois heróis

~~“Noite”~~ Vento

Esboço de cena; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (14,2 x 10,6 cm), borda superior picotada; rasgamento na borda superior.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

~~“Noite”~~ Vento

- Será que você construiu uma filosofia, Carlos
- Eu leio muito pouco os filósofos... Não sei pensar não... Desde eu princípio dentro de mim pensando, meu pensamento fica religioso...

A: Eu *sei* A¹: lapso: “filósofos”

“E a gente tem que aguentar”

Nota de planejamento; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (14,2 x 10,6 cm),
borda superior picotada; rasgamento no canto superior esquerdo.

E a gente tem que aguentar
eternamente o dualismo
do homem. Cada um é
indivíduo mas é ~~tam~~ o
Homem também. O Homem
essa coisa boba, fatalizada
mas comovente bem, nós
todos.

—

O ato de fulano de tal
não era uma posição era
~~apenas~~ uma atitude. Gestos
assim não estão siste-
matizados na vida hu-
mana

Aparato genético.
Etapas e rasuras

E a gente tem que aguentar
eternamente o dualismo
do homem. Cada um é
indivíduo mas é ~~tam~~ o
Homem também. O Homem
essa coisa boba, fatalizada
mas comovente bem, nós
todos.

=

O ato de fulano de tal
não era uma posição era
~~apenas~~ uma atitude. Gestos
assim não estão siste-
matizados na vida hu-
mana

=

(A): é #tam[bem]# o

(A): *A* O

A¹: >apenas< uma

Noite/ Vento

Esboço de cena; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (14,3 x 10,5 cm), borda superior picotada.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Noite Vento

Quando Carlos fala que
“a alma é uma força
contrária”
um dos amigos retruca
– Mas força é matéria!
Carlos se enquisila muito
e quasi grita.
– Falo força num sentido abs-
trato, metaforico! Porquê não
tenho palavras pra expli-
car o que eu quero!...

(A): #f[orça]# a

Nota de planejamento; autógrafo a grafite no verso de nota fiscal da Casa Di Franco, datada de 31 de dezembro de 1924; 1 folha de papel branco, filigrana; impresso preenchido em autógrafo a tinta preta.

[illegible]

Documentos encontrados entre as folhas 7 e 8 da caderneta:

Vento

Esboço de trecho; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (15,3 x 10,3 cm).

Vento

E ela recordava então esses momentos que tacitamente os dois preferiam, essas fadigas grandes de amar depois do amor, em que os dois ficavam largados meio um por cima do outro, se encostando, mexendo, dentro da noite quente, sem vontade, amando pela pele inteirinha e só por ela, sem beijo sem nada. Era esplendido! Eles nas noites melhores, chegavam a não poupar as forças no principio de modo a cansarem logo, se esgotarem, pra então poderem gosar bem.

“Quando Carlos rememora o seu amor por Maria,”

Esboço; autógrafo a grafite no verso de pedaço de recibo de entrega de partituras pela Wilhelm Ludw. Meess., 1 folha; papel branco (10,4 x 13,7 cm), filigrana; borda inferior e direita irregulares.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Quando Carlos rememora o seu amor por Ma[ria], pra engana-la êle é tomado dum grande sentimento de piedade. Da piedade por aquela mulher incapaz de compreender e aceitar a realidade da situação, essa mesma piedade que lhe vinha dirigindo o gesto fazia desde a resolução. E se lembrando assim, e criando agora pela primeira vez exactamente o que fora a verdade, a naturalidade [dum] mutuo e feliz amor ele sentiu de que duma certa forma ele agradecia a Maria e a santificava

Vento

A¹: lapso: “Maira”

A: fazia ^desde^ a

A: *deste* mutuo

Documento encontrado entre as folhas 22 e 23:

Vento -

Nota de planejamento; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (14,1 x 10,5 cm),
borda superior picotada.

- Vento -
Explicar porquê chamamos de
"idílico" este livro bem como o
Amar Verbo "Guttraugitive" e o futu-
ro Tempo da Maria: "Gótilis" foi
o que tem mais a objetividade de
pastoral: "Gótilis" para quem é
toda parte de amor, cheio de
doçura e sobriedade cheio de
pureza. Ora assim como o
eduto de ~~Franklin~~ e Carlos Sou-
za Costa de Amar Verbo "Guttrau-
gitivo" é puríssimo. Mas o de
pureza tradicional, do conceito
relativo do pecado original, está
claro. É puro porque tem uma
pureza de fatalidade. Tudo
que sucede e não tem cor-
malnada consciente, impu-
reza consciente nenhuma que
o que é. É sincero, é fatal, é puro.

Uma mais fácil de provar
é a pureza idílica deste
livro.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

- Vento -

Explicar porquê chamo de
“idílio” este livro bem como o
Amar Verbo Intransitivo” e o futu-
ro Tempo da Maria. Idílio já
não tem mais a objetividade
pastoral. Idílio pra mim é
todo passe de amor, cheio de
doçura e sobretudo cheio de
pureza. Ora assim como o
idílio de Fräulein e Carlos Sou-
sa Costa de Amar Verbo Intran-
zitivo é purissimo. Não da
pureza tradicional, do conceito
relativo ao pecado cristão, está
claro. É puro porquê tem essa
pureza da fatalidade. Tinha
que suceder e não tem ~~cons-~~
malvadeza consciente, impu-
reza consciente nenhuma que
o dite. É sincero, é fatal, é puro.
Inda mais facil de provar
é a pureza idilica deste
livro

(A): #fa[talidade]# pureza

(A): tem #consciente#

Documentos encontrados entre a folha de guarda e 3ª capa da caderneta

DOMINIQUE, Pierre. NON-CONFORMISME ET REVOLUTION. *Les Nouvelles littéraires*. s.l., maio 1929.

Texto de periódico, recorte (34,8 x 27,0 cm) em 4 colunas sem subtítulos.

LES NOUVELLES LITTÉRAIRES

maio 1929

NON-CONFORMISME ET RÉVOLUTION EMMANUEL BERL

D'abord qu'il soit bien établi que, comme Lampito, M. Emmanuel Berl est d'un tempérament excessif, encore qu'il ne s'agisse pas des mêmes excès. Comme l'autre, il se bat — par pure joie de vivre — et fume, les coups pleuvent. Au surplus, M. Berl étant riche d'ironie, d'une certaine verve féroce et froide, comme il déchiffre bien, proprement et joyeusement et qu'il apparaît d'abord pour l'assassinat, on peut se trouver un peu étonné, en recevant son pamphlet par la figure. Au premier moment... Et puis... C'est un non-conformiste, voilà tout. Et marquer notre étonnement ou que nous sommes scandalisés, serait tout juste prouver à M. Berl qu'il a raison puisque sa grande thèse est que notre époque peut être dite de conformisme à outrance, et que la littérature est conformiste, et l'art, et la philosophie et le reste et que l'esprit de négation se meurt et que le clerc, si clerc il y a, n'est qu'un esclave livré des coups de fouet qu'il reçoit, les genoux cassés de génuflexions ininterminables.

Admettons tout cela d'ailleurs et que l'on ne trouve opposition ni négation debout à l'heure qu'il est. Mais il faudrait en chercher la raison.

Or M. Berl ne pousse pas jusque-là et son livre plein d'idées paraît une charge lancée à fond de train où, — aveuglé par la poussière du combat, — il bouscule, assomme et pourfend sans se soucier d'autre chose. C'est d'un très bel exemple, mais nous demandons mieux et sommes tout réjouis quand, par hasard, M. Berl précise une véritable critique d'ensemble de notre temps. Tout à coup, il signale :

L'ouvrier qui ne voit plus la raison de sa misère. Le bourgeois qui ne voit plus la raison de sa richesse. L'individu qui ne croit plus à son objet. L'individu qui ne croit plus à sa conscience, ni à l'immortalité. Le mâle qui doute de son travail. La femme qui doute de la gestine. Et il ajoute : L'homme cesse-t-il de se considérer comme une fin ?

Ici, M. Emmanuel Berl met le doigt sur le grand trouble moderne, car n'en déplaise au sceptique, la grande affaire est la suivante : « Que fait l'homme sur la boule ? Pourquoi y est-il ? Dans quel but ? Que veut-il y devenir ? » Et plus précisément : « Quelles sont les fins de l'homme ? » Ou encore : « Quel est le devoir de tout homme vis-à-vis de lui-même et vis-à-vis de la communauté humaine ? » Voilà des questions. Tout le conformisme de l'heure présente est suspendu à l'impossibilité, — je ne dis pas à l'impossibilité, — d'y répondre.

Quand M. Berl blâme ses contemporains d'être des conformistes, il ne s'aperçoit pas qu'on ne peut être que conformiste quand on est sans âme, nous voulons dire quand on est réduit à une physiologie. — A moins de donner des coups de pied dans le vide, bien entendu. — Or, pour ne parler que de nous, Occidentaux, notre grande âme collective qui était chrétienne — ou juive pour le petit groupe dont faisaient partie les ancêtres de M. Berl — est mourante et très malade et cette âme collective meurt ou du moins s'étirole partout, chez les musulmans comme chez les bouddhistes et partout. L'homme moderne se trouve, comme on dit, libéré, mais incertain et dépourvu d'une raison de vivre.

Jadis, Luther était non-conformiste, et les Albigeois et tant d'autres, mais il était naturel qu'il le fût, puisqu'ils avaient une raison de vivre et pouvaient toujours s'adresser à Dieu, à l'éternité. D'où la masse des hérésies qui jaillissent du moyen âge. Que l'on compare les grandes hérésies moyenâgeuses à nos pauvres mouvements modernes. Remontons.

Où est la dernière hérésie ? Cherchons. Le dernier grand mouvement non-conformiste dans l'ordre chrétien ? Le protestantisme. Car tout le reste — quétisme, modernisme, jansénisme même, ce sont des feux de paille ou bien alors brûlures profondes, mais très localisées. Or, veut-on remarquer que la fin du xiv^e est précisément le moment où la pensée moderne commence à dominer et à enseigner à l'homme que les fins dites chrétiennes sont une duperie ? Et il ne s'agit pas ici de les défendre sur le plan du vrai ni sur celui de l'idée, mais de noter que depuis l'humanisme renaissant, une grande flamme s'éteint et qu'il y a alors commencement de rupture d'avec Dieu.

Rupture avouée aujourd'hui. Pour la grande masse, les ponts sont en 1929 coupés avec le ciel, donc avec l'éternité. L'homme est rabattu sur la terre. C'est le fond de la doctrine positiviste et de la religion positiviste, et de tout le système moderne, et de celui de Marx et de celui de Lénine, mais c'est une source importante de non-conformisme qui disparaît. Que M. Berl songe que pour se dresser en opposant, l'homme ne peut plus s'appuyer que sur la misère matérielle, l'espoir d'un bien-être, la si vague idée de justice et que toute une classe devient conformiste par droit de naissance, tandis que l'autre résolue à ne se battre que pour son bien-être, sur le plan matériel, se trouve dominée par de puissants moyens temporels. Dans le système moderne, en effet, les forces temporelles prennent une puissance

Emmanuel Berl

qu'elles n'avaient pas autrefois où le « protestant » les niait tout bonnement et avec raison. Ajoutons encore que l'hérésie brouille les cartes en maintenant dans nos consciences les souvenirs des Vieilles lois spirituelles, et si claires que nous les prenons souvent pour des réalités vivantes.

Je ne défends pas le conformisme contemporain, bien entendu. J'essaie de l'expliquer. Je constate que l'état d'incertitude et de trouble où se débat l'humanité est presque tout naturel et qu'il ne faut pas trop blâmer ces gens de n'être qu'un troupeau perdu. Il n'est rien, aucun espoir de s'élever et pour beaucoup Dieu est mort. Etombez-vous qu'ils se rabattent désespérément sur ce qu'ils trouvent de solide tout près d'eux, sur quoi ? Sur le mur, la palissade, l'enceinte, la frontière, sur la Nation par exemple. Eh oui, peut-être bien que la Nation a remplacé Dieu. Demain, ce sera la Classe, dites-vous. Peut-être. D'autres disent : la Propriété. Il est bien permis de dire que l'humanité tourne autour de faux dieux. Je ne sais jusqu'à quel point il faut la fustiger pour cela. On même fustiger ses chefs. C'est le radeau de la Méduse, tout simplement. Faut-il y casser tout ?

En somme, le conformisme actuel me paraît être lié à l'absence d'une doctrine relative aux fins de l'homme. Tout simplement. Le manque d'âme fait des esclaves. Et j'accorde bien que les grands esprits, les chefs subsistent. Mais les volontaires, la masse « spiritualiste » qui justement portait les chefs et permettait qu'ils soient mieux que des pamphlétaires a disparu. Et l'on voit mal, par exemple, Luther essayant d'entraîner un troupeau de moutons ou de bœufs. Toute la question revient ainsi à rendre une âme au bœuf humain. En littérature comme ailleurs.

Ce sera long ? Sans doute. Et d'ici là ? D'ici là, il va falloir raisonner sur ce que nous avons en main. C'est peu de chose, d'accord, et il est clair, d'une part, qu'un ordre n'est acceptable que dans la mesure où il ne peut être remplacé, d'autre part, que presque tout le nôtre peut et doit l'être assez promptement. Mais l'essentiel c'est que la distinction soit méthodique et que l'on sache très précisé-

ment ce que l'on veut et où l'on va. Le mot de Révolution brouille beaucoup de cervelles. Tout de suite, ces bons néo-niens voient la flamme courir au carrefour au lieu d'imaginer l'ouvrier méthodique détruisant en plein Paris et sans gêner la circulation une vieille baraque à remplacer par un building. L'émoussé, l'espèce, c'est le romantique. Et je ne dis pas que M. Berl le soit, mais enfin, romantique et révolutionnaire font deux, il faut insister sur ce point. Dans tout baricadeur, il y a un génère. Et l'émoussé, ce désordre porté au maximum, est le contraire de la Révolution, celle-ci pouvant être définie l'hygiène qui empêche les émeutes, ces infections.

Je sais bien qu'en raisonnant comme je raisonne, je vais m'attirer les foudres de M. Emmanuel Berl qui a écrit une manière de préface pour très précisément nous dire qu'il ne veut pas qu'on lui demande : où voulez-vous en venir ? mais qu'on le suive où qu'on lui laisse la paix.

Nous tenons à ne pas la lui laisser, l'évidence révolutionnaire ne nous paraissant pas entraîner la destruction irraisonnée. La Révolution sans doute est le « non », mais doublé d'une proposition positive, c'est un coup de pioche plus un programme. Et sans doute, il ne faut pas nier le drame, la difficulté, l'orage, la guerre, vouloir tout réduire à des identités, il faut marquer les oppositions, et pour comprendre, il faut nier. C'est bien vrai. Cet amour du « non » est d'une bonne hygiène spirituelle. Mais Luther ne fait pas que nier la Rome du xvi^e, il lui oppose quelque chose. Lénine a tenté cela et puis il est revenu en arrière et sur tous les points : le point économique, le point social, le point moral, le point religieux, il a été vaincu en Russie même. Ce n'est pas un très grand mérite.

M. Berl parle d'or quand il dit que l'intellectuel moderne se défie de la puissance explosive des idées, qu'il porte sa tête, avec « précaution » et que cependant l'on ne voit pas jouer avec des idées comme avec des signes, un peu comme on joue, en province, des haricots. Dans tout ce qu'il dit en général, de la lâcheté moderne, approuvons-le, et puis, le voyant terminer son livre qui n'est à vrai dire qu'un chapitre de son œuvre, sur une vague promesse, et somme toute tourner court, disons-nous que sans doute lui aussi est gêné pour poser sa dynamite.

Et cela se comprend. M. Pagnol donne au théâtre : *Topaze*, satire du politicien véreux. On accepte le personnage qui est une coupe, on en rit, mais l'affaire se termine en triomphe pour lui et le public approuve ce dévouement. C'est que *Topaze* apparaît comme un mal nécessaire et que nous ne pouvons pas le remplacer.

M. Berl s'épouvante que Juvenal soit mort. Usé le fouet de la satire, comme image et comme instrument. Pardon ! Juvenal proposait de revenir aux anciennes mœurs. M. Berl non. C'est la supériorité et aussi la sottise de Juvenal. Que propose M. Berl ? Molière attaque les prêcheurs, puis les savants, puis les dévots, les bons gens affolés de noblesse, les marquis ridicules, les nobles cyniques et cruels dans cette pièce plus osée sans doute que *Tartuffe*, le *Don Juan*. Il n'apporte rien, dites-vous. Si, tout le monde moderne qui déjà naissait et devait triompher cent ans plus tard. En vérité, aujourd'hui, on ne sait plus pour quoi se battre. Et voilà pourquoi peut-être on ne se bat plus.

On m'accusera de n'avoir peut-être pas donné une idée très claire d'un livre un peu discursif, très riche d'idées, d'aperçus, difficile à mettre en formules — ou alors elles seraient trop simples. Il faut, en effet, tenir grand compte de la puissance explosive des paquets de dynamite que M. Emmanuel Berl pose de tous côtés. Avec, et ce sera mon dernier mot, une injustice souvent profonde. Beaucoup en prennent pour leur grade qui, franchement, n'ont pas mérité ces violences. J'entends que M. Emmanuel Berl ne juge que du point de vue du conformisme. Même de ce point de vue ranger Joseph Joliot par exemple dans l'école de l'acceptation me paraît une aberration, de même que d'y ranger Frédéric Lefèvre qui, très précisément est au fond, un non-conformiste, comme tout homme de soufre payanné et qui, sans en avoir l'air est en état de perpétuelle et judicieuse révolte. Même raisonnablement pour plusieurs autres. La justice rendue par une injure se défie à l'égard d'Edmond Jaloux. Comme si politesse était nécessairement conformisme. Pour Dieu l'inclinerait à croire qu'en se raccrochant à l'idée de décadence, il voit « notre société déjà morte et par

conséquent se met dans la position du non-conformiste, chère à l'auteur. On voudra bien, tout compte fait, tenir le livre pour un assaut, encaisser les coups même injustes, et se dire, — j'en parle aisément, me dira-t-on, puisque je n'y suis point attaché, mais, justement, je puis mieux de la sorte conseiller la patience, — se dire donc que, après tout, un assaut fait toujours plaisir et qu'il y a toujours agrément à se froter, — frotée avec rudesse, — sans parler bien entendu de la joie de la riposte — à un vigoureux combattant.

Pierre DOMINIQUE.

(*) Mort de la pensée bourgeoise (Grasset, éd.)

NÃO CONFORMISMO E REVOLUÇÃO EMMANUEL BERL

Está bem estabelecido que, como Lapito, Emmanuel Berl é dono de um temperamento excessivo, apesar de não se tratar dos mesmos excessos. Como o outro ele luta - por pura alegria de viver - e os golpes chovem. Além disso, possuindo rica ironia e uma certa veia furiosa e fria e, ele próprio afirmando de modo limpo e com alegria que parece destinado ao assassinato, Berl nos espanta um pouco com sua aparência ao recebermos seu panfleto. No primeiro momento... E depois... É um não conformista, eis tudo. E assinalar nosso espanto ao nos scandalizarmos é provar a Berl que ele tem razão pois sua grande tese é que nossa época é, talvez com exagero, considerada conformista; que a literatura é conformista, assim como a filosofia, que o espírito de negação morreu e que o clérigo, sim, o clérigo, não é mais que um escravo inebriado pelas chicotadas que recebe, os joelhos partidos pelas inumeráveis gnuflexões.

Admitamos tudo isso e que não existe oposição nem negação onde ele se encontra. Mas é necessário procurar a razão.

Ora, que o Sr. Berl não alcança seu livro cheio de idéias é uma acusação lançada a esmo onde, como cegado pelo contacto com a poeira, ele empurra, se desconcerta e se quebra de cima abaixo sem se importar com mais nada. É um belo exemplo, mas perguntamos melhor e ficamos felizes por Berl fixar com precisão uma verdadeira crítica do conjunto do nosso tempo. De repente, ele especifica:

“O operário que não mais enxerga a razão de sua miséria. O burguês que não mais enxerga a razão de sua riqueza. O amor que não mais acredita em seu objeto. O indivíduo que não crê em sua consciência nem na imortalidade. O homem que duvida de seu trabalho. A mulher que duvida do parto.”

E ainda acrescenta:

“O homem deixa de se considerar como um fim?”

Aqui, Emmanuel Berl coloca o dedo sobre a grande preocupação moderna pois não desagrada ao céptico o grande assunto que é o seguinte: “Que faz o homem sobre a bola? Por que ele ali se encontra? Com que finalidade? O que acontecerá?” Mais precisamente: “Quais os propósitos do homem?” Ou ainda: “Qual o dever de todo homem diante de si mesmo e diante da comunicação humana?” Eis as questões. Todo o conformismo da hora presente está suspenso pela impotência - não digo pela impossibilidade - de responder a estas questões.

Quando Berl acusa seus contemporâneos de conformismo ele não percebe que não podemos deixar de sê-lo porque não temos alma, isto é, porque estamos reduzidos a uma fisiologia - a menos que queiramos chutar o vazio, bem entendido. Ora, para deixar de falar de nós, ocidentais, nossa grande alma coletiva que era cristã - ou judia, para o pequeno grupo do qual fazem parte os ancestrais de Berl - está morrendo ou está extremamente doente, e essa alma coletiva morre ou pelo menos murcha em toda a parte, entre muçulmanos e entre budistas; em toda parte o homem moderno se encontra, como se diz, liberado porém incerto e desprovido de razão para viver.

No passado, Lutero foi inconformista como os Albigenses e tantos outros, mas era natural que o fossem pois tinham razão para viver e podiam recorrer a Deus e à eternidade. Esse o motivo da grande quantidade de heresias próprias da Idade Média nos nossos pobres movimentos modernos. Recapitulemos;

Onde está a última heresia? Investiguemos. O último movimento não conformista dentro da ordem cristã? O Protestantismo. Porque todos os outros, quietismo, modernismo, jansenismo, são fogo de palha ou queimaduras profundas porém muito localizadas. Ora, desejamos observar que o fim do século XVI é precisamente o momento em que o pensamento moderno começa a dominar e ensinar ao homem que os chamados fins cristãos são um logro? E não se trata aqui de defendê-los sobre o plano da verdade nem da utilidade, e sim notar que desde o humanismo uma grande chama se extinguiu e que neste momento tem início a ruptura com Deus.

Ruptura confessada, hoje em dia. Para a grande massa, em 1929 partem-se as pontes que levam ao céu, portanto à humanidade. Esse é o fundamento da doutrina e da religião positivista, e de todo o sistema moderno, de Marx e de Lênin. Mas é uma parte importante do inconformismo que desaparece.

Que o Sr. Berl sonhe que para ser opositor o homem não pode se apoiar na miséria material, esperança de bem-estar, a ideia tão vaga de justiça que toda uma classe se torna conformista por direito de nascença enquanto que outra, resolvida a não lutar a não ser por seu bem-estar, sobre o plano material, se encontra

dominada pelos poderosos meios temporais. Com efeito, em um sistema moderno as forças temporais adquirem um poder que não possuíam no passado, que o protestante negava, e com razão. Acrescentemos ainda que a hereditariedade embaralha as cartas mantendo em nossa consciência as lembranças que com frequência tomamos por realidades vivas.

Não defendo o conformismo contemporâneo, bem entendido. Tento explicá-lo. Constatamos que o estado de insinceridade e de perturbação em que se debate a humanidade é quase natural e que é necessário culpar as pessoas por não passarem de uma tropa perdida. Elas não têm nada, nenhuma esperança de fugir porque Deus está morto. Espantem-se por elas repisarem desesperadamente sobre o que consideram sólido perto delas. Sobre o quê? Sobre o muro, a paliçada, o recinto, a fronteira, sobre a Nação, por exemplo. Sim. Talvez a Nação tenha substituído Deus. No futuro será a Classe, você poderá dizer. Talvez. Outros afirmarão: a Propriedade. Pode-se dizer que a humanidade rodeia esses falsos deuses. Não sei até que ponto é preciso açoita-la por isso. Ou açoitar seus chefes. É a balsa da Medusa. É necessário despedaçar tudo?

Em suma, o conformismo atual parece estar vinculado a uma doutrina ligada ao fim do homem. É simples. Falta-lhe alma feita de escravos. Concordo que os grandes espíritos e os chefes subsistam. Mas desaparecerão os voluntários, a massa “espiritualista” que justamente levava os chefes permitindo que fossem mais que panfletistas.

Pierre Dominique segue desenvolvendo esse tema, expondo seus pontos de vista e discutindo os de Emmanuel Berl.

ATHAYDE, Tristão de. SER E VIR A SER. s.n.t. [28-31 ago. 1928].

Texto de periódico, recorte (25,8 x 45,3 cm) em 8 colunas sem subtítulos.

Nota da edição: Pode-se datar aproximadamente o artigo de Tristão de Athayde por notícia no verso do recorte: "A comemoração a 27 do corrente do centenário do tratado de paz entre o Brasil e a República Argentina", tratado celebrado em 27 de agosto de 1828.

VIDA LITERARIA

SER E VIR-A-SER

Tristão de ATHAYDE

O homem moderno é essencialmente uma criatura sedenta de imediato. E como todas as coisas empíricas têm uma origem metafísica, — muito ao contrário do que hoje se crê correntemente, nos botiquins ou nas universidades, — essa obsessão das coisas imediatas nasceu da descrença na immortalidade. O homem moderno começou por matar a immortalidade. E Descartes foi o primeiro "homem moderno" no sentido em que estou empregando o termo. A filosofia da Escola partia de princípios impessoais e, portanto, não sujeitos, à morte. Descartes partiu de si próprio e, portanto, do próprio domínio da morte. A verdade, até então, existia por si. Descartes a fez dependente do homem. A verdade nasceu do absoluto; passou a nascer do relativo.

Mas como nenhuma revolução se realiza integralmente de uma só vez, — só lentamente é que se foi desdobrando a lógica inflexível dessa filosofia da morte.

Não ha nada mais impressionante, por exemplo, do que cortar as raízes de uma trepadeira. No momento da operação nada revela o que se passou. Uma árvore cortada cae. Uma trepadeira, nem isso. Contida de pé. As folhas verdes como dantes. As flores não perdem, nem a cor nem o perfume. As hastes se enroscam sempre fortemente, segurando a parede com o mesmo vigor. Toda a planta continua a viver despreocupada, e recebendo ainda alegremente a seiva que flui nos troncos. Passam-se dias, semanas assim. E imperceptivelmente é que vamos reparando como uma nova tonalidade sobe da terra e vai cobrindo as folhas, immobilizando as hastes, levando a morte lá pra cima, onde apenas os brotos mais tenros a tinham presenciado. E como a morte é em regra tanto mais lenta quanto mais proxima da materia a vida que desaparece, — a planta vive assim muito tempo morrendo sem saber.

O que se passa no mundo vegetal, tambem se dá por vezes entre os homens. A imagem da trepadeira servirá para attenuar um pouco a aridez destas considerações. A escolástica era assim como essa trepadeira. Nasceu da realidade dos sentidos e expandia-se até abraçar toda a realidade especulativa, como os braços da trepadeira tomam toda uma parede. Veiu Descartes, jardineiro subtil e sem piedade e cortou-lhe o tronco mestre, aquelle mesmo que alimentava a planta no humus do chão. Não fez por mal; fez por bem. Não recoupe nada do que defendia a

"trepadeira" medieval. E pensou, ao contrario, trazer mais "vida" á arvore da vida. E da vida completa, da vida immortal.

Mas lentamente a seiva de vida foi secando. E o pensamento moderno veiu supprimindo uma por uma as immortalidades que Descartes julgou defender melhor que os seus mestres. Tornou o universo autónomo. Tornou as ciencias autónomas. Tornou o homem autónomo. E neste foi proclamando, passo a passo, a autonomia das funções mais inferiores. De ser racional, que pela intelligencia conseguia sair de si mesmo e elevar-se até Deus, o homem passou a ser um ser racional que podia quando fultu eliminar a Deus ou separar-o definitivamente do universo, mas nunca estabelecer qualquer laço de união entre a Eternidade e a ephemeridade. Foi então o racionalismo do século XVIII, o delírio dos encyclopedistas. Mas a marcha proseguiu. A razão diminuiu, veiu logo a ser ultrapassada. E o sentimento, — de subordinado que era se tornou autónomo, pela superação dos interiores aos superiores, que é um dos processos paradoxais do pensamento moderno. Na psychologia, como na philosophia do século XIX, notamos a cada passo esse primado do coração. Como na psychologia e na philosophia dos nossos dias o que vemos é o primado dos instinctos. Um degráo abaixo.

Tudo o delírio de psychanalyse, que anda pelo mundo inteiro, é a manifestação mais visível dessa lenta ascensão dos interiores, pela qual o instincto hoje domina a intelligencia, como o inconsciente domina o consciente. Estamos vivendo a era do sonho e do sexo.

O pensamento moderno, portanto, eliminou a immortalidade de Deus; eliminou a immortalidade das idéas; eliminou a immortalidade da alma. Não conservou immortalidade alguma. Deixou-se vencer pelo sentimento integral da morte. E a philosophia, que se julgara uma philosophia da vida, por lançar as suas raízes no proprio homem (esquecida de que se prendia ao que era "mortal" por excellencia), veiu a ser com o tempo uma philosophia da morte.

De modo que o homem chegou hoje — uma absoluta descrença na immortalidade. A sciencia, que para elle tomou o lugar da metaphisica e da theologia, no desvendear os segredos do Universo, só cre na lenta desagregação de todas as realidades. Começa reduzindo a essencia da realidade a qualquer coisa de indistincto e amorfo. "A

realidade não é mental, nem physica, mas de substancia neutra", como dizem concordemente James, Russell, Alexander ou Whitehead. E conserva em toda a plenitude essa fusão de todos os contrarios.

Mas a propria fusão de todas as realidades, physicas ou mentaes, essa "mesma" é mortal, aos olhos da philosophia scientista contemporanea. Eis, por exemplo, como se exprime um dos grão-mestres desse scientismo, o grande astrónomo inglês Jeans: — "A observação e a theoria concordam em indicar que o universo está desaparecendo pela radiação. Nossa situação é a mesma dos ursos polares em um bloco de gelo que se tenha desprendido do campo gelado que rodeia o polo e se vai derretendo, inexoravelmente. A medida que avança para latitudes mais quentes, até a sua destruição definitiva". (J. H. Jeans. Nuevos aspectos de la cosmogonia, in Rev. de Occ. maio, 1925).

Pois a sciencia do século passado que reduziu o espirito a materia, hoje em dia reduz a materia a espirito ou aquella substancia "neutral", entre uma e outra. De modo que a metaphisica extrema desse scientismo é apenas a evaporação final no nada: — "o universo que estudamos com tanto cuidado, pode ser um sonho e nós outros cellulas cerebraes na imaginação do sonhador", como diz ainda o mesmo Jeans, que cito por ser um homem de sciencia pura, que vai encontrar, em seus devaneios, o dilettantismo de um Franco, o nihilismo de um Valéry ou a contemplação do brahmane, para quem o mundo é "um sonho de Brahma".

O pensamento do homem, desprendido assim de suas bases naturaes, libertado de todo contacto espontaneo com o mundo exterior, transformado o senso commun em senso proprio, — chegou assim de inversão em inversão ao aniquilamento de todas as permanencias, á absoluta mortalidade. A maioria se resigna. Ou antes exulta, com aquella mesma olhar guleoso do velho Karamazoff, ao exclamar: — "Se Deus não existe, Ivan, então tudo é permitido".

E aquellos, de alma mais alta, que não se conformam com essa mortalidade integral, — mas não têm a coragem de subir de novo toda a corrente de erros para voltar ás fontes sempre puras, tarefa mais ardua hoje do que nunca e por isso mesmo mais indispensavel que nunca — esses se limitam a brucejar no vazio, romanticamente como esse emphático Unamuno: — "Quando tratamos de dar forma concreta, concebible, es decir, racional, a nuestro anhelo primario, primordial y fundamental de vida eterna conciente de si y de su individualidad personal, los absurdos estéticos (?), lógicos, y éticos se multiplican... Sin embargo, si, hay que anhelarlo, por absurda que nos parezca; es mas — hay que creer en ella, de una manera o de otra para vivir". (M. de Unamuno. El Sentimiento Tragico de la Vida,

p. 253. Salamancas, 1912).
Homem, criança tragica e grotesca, que quebra os proprios brinquedos e depois chora para rehavê-los...

Foi, portanto, de todo esse aniquilamento da immortalidade e, portanto, de uma tração primordial ao proprio Ser, que nasceu no homem a obsessão das coisas imediatas. E como o mal é immediato dos objectos que lhe escavam, depois de supprimida a immortalidade, era elle mesmo, o homem se lançou ao culto de si mesmo. Do humanismo, do Renascimento, ao humanitarismo moderno, o que vemos é o desenvolvimento logico de uma subjectivação absoluta do universo. O homem moderno é incapaz de sair de si mesmo. Systemas economicos, variedades politicas, novidades catheticas, especulações philosophicas, descobertas scientificas, tudo gira em torno d'elle mesmo. E se isso não é motivo para lançarmos um anathema collectivo, é razão para julgarmos com mais isenção e equilibrio. Pois nós, os adversarios dessa philosophia do vir-a-ser, não queremos senão a integridade do ser e nos insurgimos justamente contra a sua multiplicação, pelo orgulho de que se parta. E o que a inversão moderna de valores philosophicos provocou foi justamente um rebatimento da totalidade do ser e uma hypertrophía do individuo. E esse mesmo Unamuno, figura typica desse illuminismo subjectivista moderno, é quem exprime admiravelmente essa hypertrophía, quando escreve: — "El fin de la Historia y de la Humanidad son los seres de los hombres, cada hombre, cada individuo. Homo Sum, ergo cogito; cogito ut sim Michael de Unamuno. El individuo es el fin del Universo" (op. cit. p. 304).

O homem, diante da morte inexoravel e total, reduziu o universo á sua propria medida, como queria Protágoras e fez Deus á sua imagem. Ou como diz um philosopho norte-americano, professor em Lowell, num livro luminoso de clari-dade e formidavel de dialectica: — "Este é o espirito da philosophia moderna — divinização do Homem e humanização de Deus. Accentuando a sua propria sufficiency, tornando-se a si mesmo a medida do Ser e da Verdade, attribuindo-se um conhecimento divino e uma natureza divina por participação, o homem arrancou a Deus dos céos e o reduziu a uma sombra de Si mesmo" (Fulton A. Sheen. God and Intelligence, p. 256. Londres, 1925).

Ou, como dizia orgulhosamente William James, a figura mais typica de toda essa absurda humanização da experiencia religiosa: — "O homem tomou a medida de Deus" ("Pragmatism", n. 58).

E na sua louca illusão de deificar-se, o resultado foi contraditório, materializando-se (note que hoje, o que corre mundo sob o nome de espiritismo, não é mais do que um materialismo do espirito em vez de elevar-se. E um dos aspectos mais curiosos dessa

Concepção/ do/ Romance

Pasta improvisada; autógrafo a lápis vermelho; 1 folha de papel jornal (22,3 x 33,1 cm); marcas de oxidação. No interior da pasta, em autógrafo a grafite: “Café/ Índice das partes do livro”. Nota MA: na vertical, margem direita: “(Quem sabe si dando os nomes das/ partes do nomos gregos ficava bom?)”.

Nota da edição: Segundo plano conhecido do romance, em que as cinco partes do plano inicial desdobram-se em 9. Depois de repetir o título da primeira parte no primeiro plano, “Prelúdio”, o escritor o substitui por “Prologo” e, logo depois, por “Preambulo”. A parte denominada “Familia”, no primeiro plano, torna-se, neste, “Duas Irmãs”.

Capa das partes
Introdução do livro

I
~~Prelúdio~~ ~~Prelúdio~~ Prelúdio

II
~~Prelúdio~~ Prelúdio

III
As Duas Grimas

IV
Transição ~~Interlúdio~~

V
A grade

VI
Umbilico ~~Interlúdio~~
~~Postlúdio~~

VII
O. Catolico

VIII
Final ~~Postlúdio~~

IX
Epilogo

(Quem sabe se stando o nome das
partes do nome prego ficara bom?)

Aparato genético.
Etapas e rasuras

	Café		
	Índice das partes do livro	<u>A</u> ^I : Índice +das partes+	
	I		
	Preludio Prologo Preambulo	<u>A</u> : *Preludio* *Prologo*	
	II		
	Preludios / Início	<u>A</u> : *Preludios*	
	III		
	As Duas Irmãs		
	IV		
Tranzição	Interlúdios	<u>A</u> : *Interludios*	
	V		
	A geada		
	VI		
Umbilico	Interlúdios	<u>A</u> : *Postludios*	<u>A</u> ^I : (Interlúdios/ Umbilico (
	VII		
	O Católico		
	VIII		
Final	Postludios	<u>A</u> : *Postludios*	
	IX		
	Epílogo		

Café

Esquema: desenho e explicação; autógrafo a grafite; 1 folha de papel jornal (33,1 x 22,3 cm); marcas de oxidação.

Nota da edição: Baseado no plano anterior, o esquema do livro demonstra, graficamente e na “Explicação”, a intersecção de temas e núcleos ficcionais; explicita a transferência para *Café* de personagens que nasceram na caderneta em que o escritor esboçara o romance *Vento*: o casal de protagonistas, Carlos e Maria e Católico.

Café

Romance de tragedias intensas. A grande miseria humana. Livro tristissimo porem firme, conciso, sobrio na sua ardente dor.

Forma do livro

Explicação: O tema de Café percorre todo o livro e tem sua explosão com a geada central.

O tema de amor Carlos e Maria percorre quasi todo o livro menos Inicio e Epilogo e tem seu climax com a separação

Os temas As Duas Irmãs e O Catolico, episodios violentos, rapidos, tempestades.

Café/ O Nordestino

Nota de planejamento; autógrafo a grafite; 1 folha de papel jornal (33,1 x 22,3 cm); marcas de oxidação.

Nota da edição: Utilizando suporte idêntico ao do esquema do livro, a nota expande a “Explicação” e realiza a intenção anunciada na crônica do Turista Aprendiz “Automóvel, 27 de janeiro de 1929”, publicada em 13 de março: “O coqueiro Chico Antonio que ei-de celebrar melhor em livro [...]”. Surge, no romance *Café*, o personagem Chico Antônio.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Café

O Nordeste

O Chico Antonio do livro, figura macha
em que botarei ~~todo~~ o pendant de grandeza mas-
culina que equilibrará com a grandeza fe-
minina de Maria. Atravessará por isso todo
o livro

A': +em+ que botarei >todo< o

Café/ Epilogo

Nota de planejamento; autógrafo a grafite; 1 folha de papel jornal (33,1 x 22,3 cm); marcas de oxidação, dobrada em quatro, abrigando cinco notas de trabalho: *Fim de Carlos*; *Café/ Final*; “*Les grandes tragédies*”; “*Às vezes um grande sofrimento se reduz*”; “*Hier, un intellectuel*”. Nota MA: a lápis azul, no verso: “*Café*”.

Nota da edição: Utilizando suporte idêntico ao do esquema do livro, a nota anuncia o projeto de captar em *Café* a cidade de São Paulo com sua “grandeza e miséria juntas [...] nos seus bairros, gentes [...] tudo”. Neste substrato entrariam além dos migrantes nordestinos, também os imigrantes de várias partes do mundo. Optei por associar “*Les grandes tragédies*”; “*Às vezes um grande sofrimento se reduz*”; “*Hier, un intellectuel*”, recortes de caderneta, às demais notas que vieram do mesmo tipo de suporte, nesta fase de criação.

Café
Epilogo

Acabar com o nordestino depois de se despedir do amigo que, voltado do Nordeste, onde não pode viver mais, vai de novo com a família como ~~pa~~ colono, pra uma fazenda, elvico Antonio que está sem quarto, sem nada, arranjou o gajão no onibus, pra pra gostosura do dia, e se interna pela zona sul dentro da cidade ilustre. Acabar então o livro numa descrição de S. Paulo, de sua grandeza que não é mais a acentuação analítica, permenorizada, infatigável de todas as misérias conscientes e inconscientes. Grandeza e miséria juntas. Descrição Topográfica geral com base urbano-psicológica de S. Paulo, nos seus bairros, gentes, meteres, clima etc etc Tudo.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Café
Epilogo

Acabar com o nordestino depois de se despedir do amigo que, voltado do Nordeste, onde não poudé viver mais, vai de novo com a família como ~~fa~~ colono, pra uma fazenda, Chico Antonio que está sem quarto, sem nada, arranja o ganzá no ombro, ri pra gostosura do dia e se interna ~~pela desa~~ nulo dentro da cidade ilustre. Acabar então o livro numa descrição de S. Paulo, de sua grandeza que não é mais a acentuação analítica, pormenorizada, infatigável de todas as miserias conscientes e inconscientes. Grandeza e miséria juntas. Descrição topográfica geral com base urbano-psicológica de S. Paulo, nos seus bairros, gentes, mesteres, clima etc etc tudo.

(A): como *fa[zendeiro]*

(A): >pela desa[?]<

Fim de Carlos

Nota de pesquisa; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (14,1 x 20,5 cm), borda superior picotada, guardada originalmente na nota de planejamento dobrada *Café/Epilogo*.

Nota da edição: O exemplar de MA de *Les Conquérants* (Paris: Grasset, 1928) de André Malraux não traz anotação de leitura às páginas 253-256, às quais seguem, em fac-símile, juntamente com a capa e folha de rosto da edição.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Fim de Carlos

As considerações ~~prin-~~
~~eipiadas~~ do paragrafo
principiado na pg 253 dos
Conquérants de André
Malraux, mostram cer-
ta afinidade do estado
psicologico de Garine
com o de Carlos. Rele-
las e aproveita-las. Du-
ram até umas 5 li-
nhas da pg. 256

A: ~~##principiadas*#~~ ^no^ paragrafo

ANDRÉ MALRAUX

Les
Conquérants

ROMAN

GRASSET

20^e Edition

ANDRÉ MALRAUX

LES
CONQUÉRANTS

PARIS 26⁴⁹
BERNARD GRASSET
61, RUE DES SAINTS PÈRES

la conscience individuelle, vois-tu, c'est la maladie des chefs. Ce qui manque le plus, ici, c'est une vraie Tchéka...

*
* *

10 heures.

Clapotis, sons de jonques qui se heurtent. La lune cachée par le toit anime l'air tiède et sans brouillard. Contre le mur, sous la vérandah, deux valises : Garine a résolu de partir demain matin. Depuis longtemps il réfléchit, assis, le regard perdu, les bras ballants. Au moment où je me lève pour prendre un crayon rouge et annoter la *Gazette de Canton* que je viens de lire, il sort de sa torpeur :

« Je pensais encore à la phrase de mon père : « Il ne faut jamais lâcher la terre. » Vivre dans un monde absurde ou vivre dans un autre... Pas de force, même pas de *vraie vie* sans la certitude, sans la hantise de la vanité du monde... »

Je sais qu'à cette idée est attaché le sens même de sa vie, que c'est de cette sensation profonde d'absurdité qu'il tire sa force : si le monde n'est pas absurde, c'est toute sa vie qui se disperse en gestes vains, non de cette vanité essentielle qui, au fond, l'exalte, mais d'une vanité désespérée. D'où le besoin qu'il a d'imposer sa pensée. Mais tout en moi cette nuit se défend contre lui ; je me débats contre sa vérité qui monte en moi, et à qui sa mort prochaine donne une approbation sinistre.

10 horas

Marulho, sons de juncos se entrecrocando. A lua oculta pelo teto anima o ar morno e sem nevoeiro. Contra a parede, sob a varanda, duas malas: Garine resolveu partir amanhã de manhã. Há muito tempo ele reflete, sentado, o olhar perdido, os braços oscilantes. No momento em que me levanto para pegar um lápis vermelho e anotar a *Gazeta de Cantão* que acabei de ler, ele sai de seu torpor: "Ainda pensava na frase de meu pai: 'Não se deve jamais abandonar a terra'. Viver em um mundo absurdo ou viver em outro... sem força, nem mesmo uma *vida verdadeira* sem a certeza, sem a obsessão da vaidade do mundo..."

Sei que esta ideia está ligada ao próprio sentido da vida, que extrai sua força dessa sensação profunda do absurdo: se o mundo não for absurdo, toda sua vida se dispersa em gestos vãos, não da vaidade essencial que no fundo a exalta mas de uma vaidade desesperada. Vem daí a necessidade que ele tem de impor seu pensamento. Mas nessa noite tudo em mim se defende contra ele; debato-me contra essa sua verdade que cresce em mim, à qual a morte próxima confere uma aprovação sinistra.

Ce que j'éprouve, c'est moins une protestation qu'une révolte... Il attend ma réponse, comme un ennemi.

— Ce que tu dis est peut-être vrai. Mais ta façon de le dire suffit à le rendre faux, absolument faux. Si cette vraie vie s'oppose à... l'autre, ce n'est pas ainsi, pas de cette façon pleine de désirs et de rancune !

— Quelle rancune ?

— Il y a ici de quoi lier un homme qui a derrière lui les preuves de force qui sont derrière toi, de quoi...

— Posséder les preuves de sa force, c'est pire...

— De quoi le lier pour toute sa vie, pour...

— Je compte sur toi pour m'en instruire par l'exemple !

Il a répondu avec une ironie presque haineuse. Nous nous taisons tous deux. Je voudrais soudain dire quelque chose qui nous rapproche ; j'ai peur, peur comme un enfant d'un pressentiment, de voir finir ainsi cette amitié, de quitter ainsi cet homme que j'ai aimé, que j'aime encore, malgré ce qu'il dit, malgré ce qu'il pense, et qui va mourir... Mais, une fois de plus, il est plus fort que moi. Il a posé sur mon bras sa main droite, et, avec une lenteur amicale il dit :

« Non, écoute : Je ne cherche pas à avoir raison. Je ne cherche pas à te convaincre. Je suis simplement loyal à l'égard de moi-même. J'ai vu souffrir beaucoup d'hommes, beaucoup. Parfois d'une façon abjecte. Parfois d'une façon terrible. Je ne suis pas un homme doux, mais il m'est arrivé d'avoir profondément pitié, de cette pitié qui

O que experimento é menos um protesto que uma revolta... Ele espera pela minha resposta como um inimigo.

— O que você diz talvez seja verdade. Mas sua maneira de dizer a torna falsa, absolutamente falsa. Se for certo que essa vida verdadeira se opõe à... outra, não é desse modo repleto de desejos e de rancor!

— Que rancor?

— Aqui é possível ligar um homem que, atrás dele, tem as mesmas provas de força que estão atrás de você, é possível...

— Possuir provas de sua força é pior...

— Ligar por toda a vida, por...

— Conto com você para me instruir, por exemplo!

Sua resposta foi dada com uma ironia quase odiosa. Nós dois nos calamos. De repente tive vontade de dizer qualquer coisa que nos reconciasse; tenho medo, como uma criança temo um pressentimento, tenho medo de ver terminar essa amizade, de deixar assim esse homem que eu amei, que ainda amo apesar do que ele diz, apesar do que pensa, e que vai morrer... Porém, outra vez é mais forte que eu. Ele pousa sobre meu braço sua mão direita e, com uma lentidão amigável, diz:

— “Não, ouça: Não quero ter razão. Não tento convencê-la. Simplesmente sou leal por respeito a mim mesmo. Vi muitos homens sofrerem, muitos. Certas vezes de um modo abjeto. Outras, de maneira terrível. Não sou um homem doce mas já senti profunda piedade, essa piedade

serre la gorge. Eh bien ! quand je me suis retrouvé seul avec moi-même, cette pitié a toujours fini par se désagregar. La souffrance renforce l'absurdité de la vie, elle ne l'attaque pas ; elle la rend dérisoire. La vie de Klein appelle parfois en moi quelque chose comme... comme...

Ce n'est pas d'une recherche que vient son hésitation ; c'est d'une sorte de gêne. Mais il continue, me regardant dans les yeux : « Allons, assez : comme un certain rire. Comprends-tu ? Il n'y a pas de compassion profonde pour ceux dont la vie n'a pas de sens. Vies murées. Le monde se reflète en elles grimaçant, comme dans une glace tordue. Peut-être montre-t-il là son véritable aspect ; peu importe : cet aspect-là, personne, personne, entends-tu ! ne peut le supporter. On peut vivre en acceptant l'absurde, on ne peut pas vivre dans l'absurde. Les gens qui veulent « lâcher la terre », s'aperçoivent qu'elle colle à leurs doigts. On ne la fuit pas, on ne la trouve pas de propos délibéré...

Et, martelant du poing son genou :

— On ne se défend qu'en créant. Borodine dit que ce qu'édifient seuls les hommes comme moi ne peut durer. Comme si ce qu'édifient les hommes comme lui... Ah ! que je voudrais voir cette Chine, dans cinq ans !

La durée ! Il s'agit bien de ça !

Nous nous taisons tous deux.

— Pourquoi n'es-tu pas parti plus tôt ?

— Pourquoi partir, tant qu'on peut faire autrement ?

— Par prudence...

que fecha a garganta. Pois é! E quando me encontro sozinho comigo mesmo essa piedade sempre acaba por se desagregar. O sofrimento reforça o absurdo da vida, não o ataca; ele a torna irrisória. A vida de Klein às vezes provoca em mim como que...

Não é uma busca que vem sem hesitação; é uma espécie de incômodo. Mas ele continua, olhando nos meus olhos: "Vamos, já chega: como um certo riso. Você entende? Não existe compaixão profunda para aqueles cuja vida não tem sentido. Vidas muradas. O mundo se reflete nelas em esgares, como em um vidro defeituoso. Talvez apareça com seu verdadeiro aspecto; pouco importa: Compreenda! Ninguém consegue suportar esse aspecto. É possível viver aceitando o absurdo mas não se pode viver dentro do absurdo. As pessoas que querem "abandonar a terra" percebem que ela gruda em seus dedos. Não se foga dela, não é possível encontrar seu propósito deliberado...

E, martelando o punho sobre o joelho:

— Só é possível se proteger criando. Borodine diz que o que edifica homens como eu não pode durar. Como se o que edifica os homens como ele... Ah! Eu gostaria de ver essa China daqui a cinco anos!

A duração! Trata-se disso, realmente!

Nós dois nos calamos.

— Por que você não partiu mais cedo?

— Por que partir, se é possível fazer diferente?

— Por prudência...

Il hausse les épaules puis, après un nouveau silence :

« On ne vit pas selon ce qu'on pense de sa vie... »

Encore un silence.

« Et la bête se cramponne, quoi ! »

Il se tait. Un bruit singulier, indéfinissable, imprécis, venu je ne sais d'où, lointain et comme amorti, monte... Il commence à prêter l'oreille, lui aussi. Mais nous entendons un crépitement mou de pneus sur le gravier ; un cycliste vient d'entrer dans la cour. Un son net de pas monte vers nous. Précédé du boy, un courrier apporte deux plis.

Garine ouvre le premier et me le tend : *Toutes les troupes de Tcheng-Tioung-Ming, et les corps de l'armée rouge qui ont gagné le front, sont aux prises. La bataille décisive commence.*

Pendant que je lis, il ouvre le second, hausse l'épaule, le roule en boule et le jette : « Ça, ça m'est égal. Maintenant, ça m'est égal. Qu'ils s'arrangent. Tout ça... »

Le Secrétaire s'en va. Nous entendons son pas qui s'éloigne, la grille qu'il referme. Mais Garine s'est ressaisi ; debout à la fenêtre, il l'appelle.

La porte encore. Le secrétaire revient. Arrivé sous la fenêtre il parle à Garine ; mais celui-ci tousse et je ne distingue pas les paroles.

Le secrétaire, de nouveau, s'en va. Garine marche de long en large, furieux maintenant.

« Qu'est-ce qu'il y a ? »

— Rien ! »

Bon. Ça se voit. Il ramasse la boule de papier, la plie et la lisse de la main droite, non sans peine, à

Ele levanta os ombros depois de um novo silêncio:

“Só é possível viver de acordo com o que você pensa de sua vida...”

Um outro silêncio.

“E a besta se agarra!”

Ele se cala. Um ruído singular, indefinível, impreciso, vindo não sei de onde, de longe e como que amortecido, cresce... Ele também começa a prestar atenção. Ouvimos um barulho surdo de pneus sobre cascalho; um ciclista acaba de entrar no pátio. Um som claro chega até nós. Precedido do boy, um correio traz duas cartas.

Garine abre a primeira e me entrega: *Todas as tropas de Tcheng-Tioung-Ming, e os batalhões do exército vermelho que chegaram ao front estão se enfrentando.* A batalha decisiva começara.

Enquanto eu leio ele abre a segunda, levanta o ombros, a amassa e atira: “Não me importa. Não me importa. Agora tanto faz. Eles que se arranjam. Tudo isso...”

O Secretário se retira. Escutamos seus passos enquanto ele se afasta, o portão que ele fecha. Mas Garine a carta apanha novamente; em pé diante da janela, ele o chama.

Ainda a porta. O secretário volta. Sob a janela, ele fala com Garine; ele tosse e não consigo distinguir as palavras.

O secretário novamente se retira. Garine caminha de lá para cá, agora furioso.

— O que houve?

— Nada!

Bem, dá para ver. Ele pega novamente a bola de papel que abre e alisa com a mão direita, não sem dificuldade...

Café/ Final

Nota de pesquisa; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel branco (14,0 x 10,5 cm), borda superior picotada, abrigada originalmente pela nota de planeamento *Café/ Epilogo*.

Nota da edição: A nota remete ao texto de *Waldo Frank* “Re-Decouverte de l’Amérique – Introduction a une philosophie de la vie américaine”, publicado em *Europe* n.º 79 (Paris, 15 jul. 1929); segue o fac-símile da capa da revista e “todo o n.º 4” com marca de destaque de MA na página 367.

Café. Final
Ler "Europe" 15 Julho 1929, p. 367,
Todo o n.º 4 do livro de Waldo
Frank.
Citar esse separatismo pri-
mordial da guerra civil
ianque, como prevenção con-
tra um separatismo
nosso. Nossas diferencia-
ções por maiores que se-
jam, não evitam esta
unidade enorme da nos-
sa fatalidade lusitana
e especialmente fatali-
dade de preguiça. (Ver
enfim isso ou outra
coisa melhor que eu
possa tirar d'aí.

Café

Final

Ler “Europe” 15 Julho 1929, p. 367,
todo o n.º 4 do livro de Waldo
Frank.

Citar esse separatismo pri-
mordial da Guerra Civil
ianque, como prevenção con-
tra um separatismo
nosso. Nossas diferencia-
ções por maiores que se-
jam, não evitam esta
unidade enorme da nos-
sa fatalidade lusitana
e especialmente fatali-
dade de preguiça. (Ver
enfim isso ou outra
coisa melhor que eu
possa tirar d’aí.

Numéro 79

15 Juillet 1929

EUROPE

Revue mensuelle

WALDO FRANK.. .. Re-Découverte de l'Amérique (I).
PANAIT ISTRATI Le pêcheur d'éponges.
CHARLES VILDRAC Poèmes.
JOSEPH JOLINON. Les revenants dans la boutique (III).
ERNEST GLAESER.. .. Classe 1922 (I).

COMMENTAIRES

JEAN-RICHARD BLOCH: PESSIMISME ÉGALE ESPOIR

NOTES DE LECTURE

JEAN GUÉHENNO: EN DEÇA DE LA RÉVOLUTION

Chronique, Comptes-rendus, Correspondance: JEAN PRÉ-
VOST (Ernest Glaeser). — DANIEL-ROPS (Rosamond Lehman). —
RENÉ GLOTZ (Emil Ludwig). — PHILIPPE SOUPAULT (Anthologie
des conteurs chinois modernes). — MAURICE BOUCHER (Thomas
Mann). — GEORGES DUPEYRON (François Mauriac). — GEORGES
BARBARIN (Fernand Divoire). — Une lettre de M. Élie Richard.

Chronique des Idées: LÉON PIERRE-QUINT (Les caractères reli-
gieux du communisme). — ANDRÉ CHAMSON (Sur « Mort de la pen-
sée bourgeoise »). — JEAN PRÉVOST (Lettres de P.-J. Proudhon).

LES ÉDITIONS RIEDER - PARIS
7, PLACE SAINT-SULPICE, 7

5 fr. 50

4.

Il est inexact que dans la Guerre Civile le Sud ait été vaincu et le Nord victorieux. Cette lutte représente le dernier spasme de toutes les sections, de tous les passés. L'Amérique en sortit exempte désormais de tout sectionnalisme, exempte de tout passé organique. Ayant ainsi fait table rase, elle n'était plus qu'une masse informe d'atomes. Certes, quelques individus perpétuaient encore l'Amérique d'autrefois. Mais l'idée et l'impulsion qui les avaient produits n'existaient plus. Comme un fleuve déchainé, l'Amérique s'étala sur un siècle sans chefs et sans idéologie. Les forces naturelles continuaient leur œuvre : l'oppression capitaliste, le mouvement d'expansion industrielle et territoriale. Mais elles agissaient sans règle, sans justification. Aucun Calhoun ne s'est dressé pour prêter un sens idéal à la Machine; aucun Wendell Phillips pour le réfuter; aucun Daniel Boone pour éclairer la Frontière au loin. Nous avons eu des hommes politiques et pas d'hommes d'État; des humoristes, des journalistes, des snobs littéraires et pas de poètes, pas d'hommes de lettres authentiques.

Transplantés ici, les fragments de l'Europe ont eu leur période de floraison, puis se sont définitivement étiolés. A la fin du siècle, la décomposition était si avancée que la plus petite parcelle vint à s'en détacher, la dernière réduction de l'atome humain : l'individu, l'homme anarchique, évoluant séparément au milieu de la foule, à travers une étourdissante cohue de mouvements.

C'était un atome, un être barbare, du fait qu'il se trouvait absolument seul, n'ayant absolument aucun contact avec un ensemble organique, ni par lui-même ni par sa famille ou son existence sociale. Les politi-

E inexacto dizer que, na guerra civil, o Sul foi vencido e o Norte venceu. Essa luta representa o último espasmo de todas as separações. A América saiu dela livre de todo o separatismo, de todo o passado orgânico. Assim, tendo feito "tabula rasa", ela não era mais que uma massa informe de átomos. É certo que alguns indivíduos ainda perpetuavam a América de antes. Mas a ideia e o impulso que os produzira não mais existe. Como um rio desacorrentado, a América se derramou sobre um século sem chefes e sem ideologia. As forças naturais continuavam sua obra: a opressão capitalista, o movimento de expansão industrial e territorial. Mas elas agiam sem regras, sem justificativa. Nenhum Calhoun se levantou para dar um sentido ideal à Máquina, nenhum Wendell Phillips para o contestar; nenhum Daniel Boone para clarear a Fronteira longínqua. Tivemos homens políticos, não homens de Estado; humoristas, jornalistas, esnobes literários e não poetas ou autênticos homens de letras.

Transplantados para cá, os fragmentos da Europa tiveram seu período de floração e depois murcharam definitivamente. No final do século, a decomposição estava tão avançada que a menor parcela se soltou: o indivíduo, o homem anárquico, evoluindo separadamente em atordoante confusão de movimentos.

Era um átomo, um ser bárbaro que se encontrava só, sem contacto algum com um organismo orgânico, nem por si mesmo nem por sua família ou sua existência social. Os

ciens et les prêcheurs l'inondaient de réminiscences. Mais leurs paroles évoquaient un corps idéologique disparu. L'Américain du xx^e siècle naissant était l'homme le plus seul au monde : l'univers de ses ancêtres s'était évanoui, et nulle Amérique n'avait été créée pour le remplacer.

Cet atome américain est un aboutissement de l'Europe. Mais il n'a plus rien d'euro péen. La débâcle européenne ne pouvait le déposer qu'en dehors de l'Europe. Il est la semence tombée sur le sol...

WALDO FRANK.
Traduit de l'américain par
LUDMILA SAVITZKY.

A SUIVRE

políticos, os pregadores o inundavam de reminiscências. Mas suas palavras evocavam um corpo ideológico desaparecido. O americano do século XX nascente era o mais solitário no mundo: o universo de seus ancestrais desaparecera e nenhuma América fora criada para substituí-lo.

Esse átomo americano é um resultado da Europa. Porém não tem mais nada de europeu. A derrocada europeia não podia fazer mais que depositá-lo fora da Europa. Ele é a semente caída sobre o solo...

Café/ Carlos Maria

Esboço do episódio Carlos e Maria; autógrafo a grafite; 9 folhas de papel jornal (33,1 x 22,3 cm), numeradas pelo autor, cabeçalho no anverso das folhas a partir da 2ª folha: "Episódio Carlos-Maria"; folhas presas originalmente por alfinete; marcas de oxidação.

Nota da edição: Utilizando suporte idêntico ao do esquema do livro e das notas *Café/ O Nordestino* e *Epílogo*, o esboço integra textualmente em *Café* o casal protagonista de *Vento*, abandonado como narrativa autônoma ao romance *Café*. Traz, resumidamente, em forma de itens, elementos melhor desenvolvidos no esboço presente na caderneta *Vento*, funcionando como complemento dela, já que acrescenta um novo episódio, item V: "Principia o calvario de Maria. [...]"

Café

Carlos Maria.

I Lutas de Maria pra abandonar a casa.
Ela no seu tipo psicológico de mulher brasileira
sofre um horror com isso.
II Aperfeiçoamento gradativo de Maria á per-
sonalidade de Carlos. Consequencia: enjôo
gradativo deste. Mecanização do amor
III Carlos prepara a separação fingindo-se lepro-
so. No fundo não pensa mais no que está fa-
zendo porquê teria vergonha dessa fraqueza. Vem
rapidos fulgores na cabeça dele, rapidamen-
te afastados pra não pensar, em que ele sen-
te que inda ama Maria, e si se afasta dela
é por desilusão do amor não continuar sen-
sual. E nem também a noção de um tanti-
nho de cultivo da dor.
IV Separação. Na scena da luta, salientar que
Carlos nunca teve um desejo tamanho de
Maria, como nesse momento em que ela lu-
ta contra ele, ela deixa de ser ele. Porem tanto
educara a vontade ao cultivo das desilusões
que não sabe voltar atrás. Parte
V Principia o calvario de Maria. Calvario pe-
noso, mesquinho, desgraçado. A procura na
manhã, dia e noite através [de] S. Paulo, de Carlos.
Ida na casa da familia dele. A mãe de Carlos:
– Ponha essa mulher pra fora. Procura. Acha na
fazenda. Escandalo. Carlos foge fingindo que par-
te pro Rio e vai pra Europa. Jornais dão. Maria
~~não acredita~~ depois duma noite louca parte pro
Rio de diurno. Procura na noite carioca. Procu-
ra nos teatros e cinemas. Afinal vai comprar uma
entrada não tem mais dinheiro. Não tinha tra-
zido dinheiro. Ofertas. Luta interior. Não pode
estar em todas as saídas de teatros, nem sabe
quantos são. Não conhece bem o Rio. Volta pro ho-
tel, miserável. Dia seguinte corrida na Avenida.
Ofertas. Vontade doida de aceitar mas recusa
não sabe mais si medo, si ~~pra~~ repugnância, si
por fidelidade a Carlos. Topa um amigo deste
afinal. Pede dinheiro chorando. Ele dá porê

A^I: lapso: “através S. Paulo”

(A): Procura. #N[a]#

A^I: parte ^pra ^*Europa* e vai
até o Rio.

A^I: >não acredita< depois

A: dinheiro. ^Ofertar^

(A): se *pra* repugnância,

por tudo pra que ela se desanxane de Carlos
e Maria volta pra S. Paulo, abastando muito.
nel. Vai espreitar o carteiro da família de Car-
los quem sabe, ai elle dá uma carta dele
pra ela saber qual o endereço de Carlos. Roba-
gem! muita facilidade. Porém a ideia cresce
um dia gelado, dia de frio, de chuva, nem bem
acorda vai espreitar o carteiro. Não foi de au-
tomoveel porque não maluco. Pois, cumpre
o carteiro nela. Quando ela viu que estava en-
charrada e não pode suportar mais o pro-
blema um taxi. Mas pra falar com o cartei-
ro, que chegara, desceu, foi chama-lo. Trouxe-o
pra dentro do taxi e curto. O carteiro acabou fa-
cendo que não tinha carta de Europa nesse
dia e saiu brutal do taxi. Maria volta pra
casa desesperada. Arde um febre e não pouca
se amola, agora o ideal é ler uma carta
de Carlos pra saber onde ele está. (já tinha
usado todos os subterfugios, pergunta pro
amigo, telefonou mesmo para família Car-
los, mas inutilmente pra que não desconfias-
sem, chamou um moço que passava,
seus 16 annos, pediu pra ele telefonar, com mi-
tas caricias safadas, o moço telefonou. De lá
responderam. Mas quem fala aí. O moço
paritou, botou a mão no bocal, - Querem saber
quem está falando. - Burro, diga ^{depressa!} ~~uma coisa~~
Diga que é amigo dele!! - É um amigo dele,
João... - Parre! diga João Torres! - É João
Torres! - De lá falarão que não sabem.
Maria tem oido do rapazinho mas abateu
na uma cadeira. O rapazinho doído. pra
continuar a aventura. Esperando uma paz
também. - O senhora não precisa de mais
nada? Maria numa absurdidade em
que nem se sente responde - Não, não.
fale. O rapazinho está enfiado. Não
tem coragem. Pega os livros. Estende a
mão pra ela. - Passa bem. Eu... eu estou sem-
pre as asas ardendo. Maria entrega a mão
pra ele. Ele aperta. Vai sair muito com
raiva do respeito que tem por ela. Se sente

faz tudo pra que ela se desengane de Carlos e Maria volta pra S. Paulo. Abatimento miserável. Vai espreitar o carteiro da família de Carlos quem sabe si êste dá uma carta dele pra ela saber qual o enderêço de Carlos. Bobagem! volta desiludida. Porem a idea cresce. Um dia gelado, dia de frio e chuva, nem bem acorda vai espreitar o carteiro. Não foi de automovel porque saiu maluca. Pede, implora: o carteiro nega. Quando ela viu que estava encharcada e não poudes suportar mais o frio alugou um taxi. Mas pra falar com o carteiro, que chegava, desceu, foi chama-lo. Trouxe-o pra dentro do taxi a custo. O carteiro acabou falando que não tinha carta de Europa nesse dia e sai brutal do taxi. Maria volta pra casa desesperada. Arde em febre mas pouco se amola, agora o ideal é ler uma carta de Carlos pra saber onde êle está. (Já tinha usado todos os subterfugios, pergunta pros amigos. Telefonou mesmo casa família Carlos, mas habilmente pra que não desconfiassem, chamou um mocinho que passava, seus 16 anos, pediu pra ele telefonar, com muitas caricias safadas, o mocinho telefonou. De lá responderam. – Mas quem fala aí. O mocinho hesitou, botou a mão no bocal, – Querem saber quem está falando. – Burro, diga um nome depressa! Diga que é amigo dele!! – É um amigo dele, João... – Torres! diga João Torres! – É João Torres! – De lá falaram que não sabem. Maria tem odio do rapazinho mas abatida cai numa cadeira. O rapazinho doido pra continuar a aventura. Esperando uma paga também. – [A] senhora não precisa de mais nada? Maria numa absurdidade em que nem se sente responde – Naão. fatigadissima. O rapazinho está enleiado. Não tem coragem. Pega os livros. Estende a mão pra ela. – Passe bem. Eu... eu estou sempre as suas ordens. Maria entrega a mão pra ele. Ele aperta. Vai sair muito com raiva do respeito que tem por ela. Se sente

(A): frio #, n[em]# e

A: amigos@,@ Telefonou

A^l: anotação telegráfica:
“Telefonou mesmo casa
família Carlos,”

A^l: nome + depressa! +

(A): doido *pe[la]*

A^l: lapso: “O senhora”

A: sente @,@ responde –

3. Pedro Carlos - Maria

(2

corarde e alta. Quando está na frente
dela para por tenidez. Maria alla admiro-
la pro estrangeiro. Agora é que ela perce-
be que além de um estudante capaz
se telefonar e porinamente receber um
endereço em francês m. (ela só pensa-
ra em Paris quando Carlos podia estar
na --- Europa) havia um individuo
~~na~~ na frente dela. Quasi que se per-
guntou quem era aquele moço. O elle
inda mais atrapallhou o rapaz. Quis estar
a cem leguas no fundo da Terra mas
era tarde. Tene uma idea geral. Tiram
a carteira e um cartão dela. - Aqui es-
ta minha direção. Maria também in-
timidada agora, não tanto pelo moço
na frente dela, como pela audácia que
tivera em introduzir ^{um} moço na casa
sem ninguém, aceita o cartão obedien-
te. - A senhora quando precisar de mim,
telefone que eu venho. - Muito obriga-
da. - Simpatizei muito com a senho-
ra. Maria já estava inerra nume adi-
vinhação de péto pra botar o rapaz pela
porta a fora. Sem responder. O rapaz
embrasado pela plaidiz dela não não
sabia era o que dizer, como fazer. So-
pria tanto a vergonha de sua propria
pobreza que se acovardou de uma vez
e ~~que~~ decidiu ir embora. - Então adan
entendem a mão. Ela sorriu para por
conta dele partir. Imaginou que sorriu-
do, se fazendo amavel ele obedecia. O
rapaz pegou na mão dela. Apertou. Ela
apertou por obediencia. O rapaz caiu
filialmente de joelhos agarrado ao

covarde e volta. Quando está na frente dela para por timidez. Maria olha admirada pro estrangeiro. Agora é que ela percebe que além dum estudante capaz de telefonar e possivelmente receber um endereço em francês ou... (ela só pensava em Paris quando Carlos podia estar na... Europa) havia um indivíduo ~~moço~~ na frente dela. Quasi que se perguntou quem era aquele moço. O olhar ainda mais atrapalhou o rapaz. Quis estar a cem leguas no fundo da Terra mas era tarde. Teve uma ideia genial. Tirou a carteira e um cartão dela. – Aqui está minha direção. Maria também intimidada agora, não tanto pelo moço na frente dela, como pela audácia que tivera em introduzir um moço na casa sem ninguém, aceita o cartão obediente. – A senhora quando precisar de mim, telefone que eu venho. – Muito obrigada. – Simpatizei muito com a senhora. Maria já estava imersa numa adivinhação de gesto pra botar o rapaz pela porta a fora. Nem respondeu. O rapaz encorajado pela placidez dela só não sabia era o que dizer, como fazer. Sofria tanto a vergonha de sua própria pobreza que se acovardou numa vez e ~~quis~~ decidiu ir embora: – Então adeus. Estendeu a mão. Ela sorriu grata por causa dele partir. Imaginou que sorrindo, se fazendo amável ele obedecia. O rapaz pegou na mão dela. Apertou. Ela apertou por obediência. O rapaz caiu filialmente de joelhos agarrado no

A^I: #moço# na

A^I: introduzir *o* moço

A: e *quis* decidiu

A^I: lapso: “Apertou Ela”

corpo dela, buscando-lhe os seios ~~para~~
com o rosto. Ela teve uma tremenda ex-
ploração de sexualidade que pra expulsá-lo
do corpo dela por dever o apertou de
tal jeito com os braços e pernas que o
rapaz pressionou a mais desusada glo-
ria do momento. Não era não. Maria
puxava-lhe os cabelos com furia, se
esprezava nele, rolou no chão,
caiu por cima dele dominando-o
e pelo desespero de ter, por dever,
de se apartar daquele corpo útil,
enfocou na garganta - Baciarro! - dele
os dedos fortíssimos, inteiros com braços
e mãos ficando de ta em cima do
enfocado. - Você vai cair daqui, ca-
chiarro! Sem vergonha!" Fricou-lhe o
pochillo na boca - do estomago. O rapaz
se estorcia na morte exagerada e
de paror pôde se libertar. Fugiu.
Maria rolava no chão, chamando sem
saber porquê. Mas Maria voltou pra
casa trintando a sua febre. Mas nos-
sara nela uma esperança fantos-
tica. Sonhava que o carteiro não dera
a carta porquê não tinha mesmo ne-
nhuma carta da Europa, se tivesse
dado. No entanto devia não porquê
Maria se informara e a exploração de
ir buscar o carteiro a briga da diu-
a do pão e porquê sabia que a dis-
tribuição das malas do Correio da Euro-
pa era esse dia. Não viera carta. Si-
niera o carteiro dava. Pareu na fanta-
sia que se dava quasi por pra finta.

corpo dela, buscando-lhe os seios pra com o rosto. Ela teve uma tamanha explosão de sensualidade que pra expulsa-lo do corpo dela por dever o apertou de tal jeito com os braços e pernas que o rapaz pressentiu a mais desejada glória do momento. Não era não. Maria puxava-lhe os cabelos com furia, se esfregava nele, rolaram no chão, caiu por cima dele dominando-o e pelo desespero de ter, por dever, de se afastar daquele corpo util, enfiou na garganta – Cachorro! – dele os dedos fortísimos, inteiriçou braços e mãos ficando alta em cima do sufocado. — Você vai sair daqui, cachorro! Semvergonha! Fincou-lhe o joelho na boca-do-estomago. O rapaz se estorcia na morte exagerada e de pavor poudes se libertar. Fugiu. Maria rolava no chão, chorando sem saber porque. Mas Maria voltou pra casa tiritando e em febre. Mas nasceu nela uma esperança fantástica. Imaginava que o carteiro não dera a carta porquê não tinha mesmo nenhuma carta da Europa, si tivesse dava. No entanto devia vir porquê Maria se informara e a explosão de ir buscar o carteiro atravez da chuva e do frio é porquê sabia que a distribuição das malas do Correio da Europa era êsse dia. Não viera carta. Si viesse o carteiro dava. Porem na fantasia que se dava quasi que pra justi-

Aparato genético.

Etapas e rasuras

A: seios >pra<

A: nele, *rolavam* no

A^l: lapso: fecha aspas não abertas: Semvergonha!”

A^l: lapso: fecha parênteses não aberto: porque.)

(A): #se# Maria se

ficar o carteiro, não tinha bem certeza
mas que a carta existisse. Ele a da-
ria. Imaginava no meio de conseguir
a carta. Dinheiro. Nem que fosse
muito dinheiro, nem que fosse o
corpo dela, dava. Dava o que queria
a carta. De repente se lembrou que a
carta podia não trazer direção e
ela ficava na mesma. Dava o cor-
po mas só depois de ler a carta.
E sem saber a ideia fixa de que ti-
nha era ler a carta, conseguir a
direção e enganar o carteiro. Nem
que tivesse de fazer com ele o que
fizera com o rapaz. E era até mais
fácil porque a imagem do cartei-
ro tinha pra parecer as imagens
dela e era indivíduo frágil, não
muito, de olhos. Sem idade e con-
vinco mas certamente mais fraco
que o rapaz. E ela deixava a porta
aberta porque assim, sem intenção, ca-
pitava e escutavam da rua. O car-
teiro não podia contar o que era por-
que não perdia o emprego. Tudo ela
argumentava firmemente, muito certo,
ela acreditava, numa arquitetura
desprezível, parecia experta, de
expertise fácil, enquanto um mal-
tar medonho ~~trazia~~ principiava a
tremor de fôlego. Nem imaginava
mais em dinheiro porque sentia
que o corpo era preferível. Se brava-
lou com dificuldade e foi se olhar
no espelho. Tudo estava bonito. Mas

Episódio Carlos-Maria
ficar o carteiro, não tinha bem certeza
não que si carta existisse êle a da-
ria. Imaginava meios de conseguir
a carta. Dinheiro. Nem que fosse
muito dinheiro, nem que fosse o
corpo dela, dava. Dava mas queria
a carta. De repente se lembrou que a
carta podia não trazer direção e
ela ficava na mesma. Dava o cor-
po mas só depois de ler a carta.
E sem saber a ideia fixa que ti-
nha era ler a carta, conseguir a
direção e enganar o carteiro. Nem
que tivesse de fazer com ele o que
fizera com o rapaz. E era até mais
fácil porque a imagem do cartei-
ro vinha pra favorecer as imagens
dela e era individuo fraquinho,
magro, de olhos. Sem idade reconhe-
cível mas certamente mais fraco
que o rapaz. E ela deixava a porta
aberta porque assim, em último caso
gritava e escutavam da rua. O car-
teiro não podia contar o que era por-
que sinão perdia o emprêgo. Tudo ela
arquitetou friamente, muito certo,
ela acreditava, numa arquitetura
desregradissima porem esperta, de
esperteza facil, enquanto um males-
tar medonho ~~tremia~~ principiava a
tremar de febre. Nem imaginava
mais em dinheiro porquê sentia
que o corpo era preferível. Se levan-
tou com dificuldade e foi se olhar
no espêlho. Inda estava bonita. Maqui-

(A): fixa ^#ti[nha]#^

A: ^ele^ acreditava

A: *tremia* principiava

nalmente principiou a enfeitando.
de. e entao teve por isso uma reve-
lacao. Dava mesmo a enfeitar ja por-
que havia duas distribuicoes de
cartas por dia quem sabe se na
segunda... minha carta de Carlos!...
15 horas. Nem reparou que nao se
enfeitava bem, foi se enfeitando no
caminho, usando o recurso ha tanto
nao usado da bolsa que levava
principalmente porque incerta, nem
clarezza, na ultima hora resolveu
levar tam bem dinheiro. Levava
quanto dinheiro tinha em casa,
nem sabia quanto, nem prezado
milreis em mundo que enfiara na
bolsa. Ha febreil no taxi alugado.
Parou na esquina, um ~~ferro~~
momento de crime a que a febre
~~comprometia~~ um boado, abatendo o
corpo ja por demais. Estava calmo,
aem pensar. Atonia maior que a
da rua. Ideias, lembrancas, nao bem
conscientes. A clusa parava. O preto
se continuava inerte e Maria ti-
pitava na capa de luxo pra apagar
carteiros. Pague o chofer, si pretaise
dava o resto pro carteiro. Quando este
apareceu, minha bem refletido
sobre o que ~~avudera~~ na manha,
certo de encontrar a moça maluca.
Quasi ate sarriu ao ve-la se diri-
gindo pra ele. parou nao estava acor-
tuado ainda a praticar cavalhi-
ces, olha em redor. Se deixa arrastar para
pro automovel por que neste momen-

nalmente principiou se enfeitando. E então teve por isso uma revelação. Devia mesmo se enfeitar já porque havia duas distribuições de cartas por dia quem sabe si na segunda vinha carta de Carlos!... 15 horas. Nem reparou que não se enfeitava bem, foi se enfeitando no caminho, usando os recursos há tanto não usados da bolsa que levava principalmente porque incerta, sem clareza, na última hora resolvera levar também dinheiro. Levava quanto dinheiro tinha em casa, nem sabia quanto, uns trezentos milreis em miúdo que enfiara na bolsa. Ia febril no taxi alugado. Parou na esquina. Um fervor imenso de crime a que a febre compensava um bocado, abatendo o corpo já por demais. Estava calma, sem pensar. Atonia maior que a da rua. Ideias, lembranças não bem conscientes. A chuva parara. O frio ~~ime~~ continuava imenso e Maria tiritava na capa de luxo pra agradar carteiros. Pagou o chofêr. Si precisasse dava o resto pro carteiro. Quando este apareceu, vinha bem refletido sobre o que sucedera na manhã, certo de encontrar a moça maluca. Quase até sorriu ao vê-la se dirigindo pra êle – porém não estava acostumado ainda a praticar canalhices, olha em redor. Se deixa arrastar fácil pro automovel porquê neste ninguém

A: esquina. *Uma agitação*
^imensa^

A: *disfarçava* um

(A): #ime[nso]# continuava

(A): de ^encontraar^

~~ela~~ Maria. - É melhor mandar o autismo-
mel andar. O clasper estava numa curti-
cidade grande. Maria. - Faz favor de cum-
prir o seu serviço e não olhar pra trás.
Oferece tudo. - ~~Dão o que~~ Veio carta. - Veio
uma de França, não sei se é a que a
sempre quer. - Eu dou tudo o que
você pedir! Dou duzentos milreis! Apos-
talamente acertam por trezentos. (Não se fala
mais dele trepar nela. A carta fala
dos hotéis e que mudara pra um
mais barato, "encrenha pro courelado".
Maria fica louca. "O courelado" como
é que não se tem brava do courel-
ado! Ideia fixa de partir. A carta
falava um tudo caro. Dinheiro pra par-
tir. Um desespero. Febre. Pneumonia.
Venda do auto, gasta febre com medi-
co e tudo. Um amigo de Carlos, o Catal-
ino é que traz enfermeira, trata de tudo
com uma piedade dolorosa. Maria
o recusa e finge confusão. Quer
se retirar. Vender a casa, ir pra
longe, pra Minas viver sossegada
numa cidadezinha. Ele vende a
casa e ela se põe do dinheiro
parte pra Europa. Quando Carlos
chega. Ela parte um dia, ele che-
ga no outro. Chega parva e enfraque-
cida não podia se sustentar mais
na Europa. Vai pra fazenda. É rotun-
tado por causa de Maria.
Quer e não pier, um desespero
interior formidável. Catalino quer falar
nela, ele proíbe. Catalino insiste e

Episódio Carlos Maria

via via. — É melhor mandar o automovel andar”. O chofer estava numa curiosidade grande. Maria: — Faz favor de cumprir o seu serviço e não olhar pra traz. Oferece tudo, — ~~Dou o qu~~ Veio carta. — Veio uma de França, não sei si é a que a senhora quer. — Eu dou tudo o que você pedir! Dou duzentos milreis! Afinal acertam por trezentos. (Não se fala mais dele trepar nela. A carta fala dos hotéis e que mudava pra um mais barato, “escrevam pro consulado”. Maria fica louca. “O consulado” Como é que não se lembrara do consulado! Idea fixa de partir. A carta falava em tudo caro. Dinheiro pra partir. Um desespero. Febre. Pneumonia. Venda do auto, gasto feroz com medico e tudo. Um amigo de Carlos, o Catolico é que traz enfermeira, trata de tudo com uma piedade dolorosa. Maria o escuta e finge conformação. Quer se retirar. Vender a casa, ir pra longe, pra Minas viver sossegada numa cidadinha. Ele vende a casa e ela de posse do dinheiro parte pra Europa. Quando Carlos chega. Ela parte um dia, ele chega no outro. Chega porquê empobrecido não podia se sustentar mais na Europa. Vai prá fazenda. E voltou tambem por causa de Maria. Quer e não quer, num desespero interior formidavel. Catolico quer falar nela, ele proíbe. Catolico insiste e

(4

Aparato genético.
Etapas e rasuras

(A): =via= via

A^l: lapso: fecha aspas não abertas: andar”.

A: #\Dou o qu[e]\# Veio

A^l: lapso: não fecha parênteses: “nela. A”

A^l: lapso: “Carlos, chega”

conta tudo. Carlos está horrorizado amu-
namente com o calvário de Maria. Ela
depois de um inferno de três volta à
procura dele. Vai pra fozenda. Ele está
em S. Paulo com a família. Ela volta
pra S. Paulo. Carlos voltou pra fozenda.
Ela volta pra fozenda. Nova scena
penosa, nova luta física. Partida de
Carlos de automovel. Maria despara-
cha quer se matar. Não deixam. Ela
fica feita louca um dia na fozenda.
Espera. O administrador insiste com
ela pra sair. Ela não quer porque Car-
los tem que saltar. Ela a expulsa.
Ela se agacha nas portas, nas grades,
é arrastada pro automovel com a
muleta contendo ainda os cinquen-
ta e tantos mil francos que eram
com ela da Europa. Recobra-se mas
é só pra imaginar um jeito de encon-
trar Carlos. Agora quer mas é matar
Carlos. Ela também por seu lado
não pode mais sem ela. Partiu
pro Rio. Espiar. Maria que agora
compra noticias duma criada hum-
grada na casa da familia de
Carlos sabe o hotel dele e parte.
Se encontram no bot do hotel on-
de ela o esperava. Ela tira o revolver
(dificuldades que teve pra conseguir
um) Carlos avança pra ela, ela ati-
ra, não acerta um sequer do
dois diabolos, Maria horrorizada depois
do primeiro tiro, lança-se sobre Car-
los que a esfaqueia numa reação
inconsciente. Apesar de ser de ma-

conta tudo. Carlos está horrorizado amorosamente com o calvario de Maria. Ela depois dum inferno de mês volta á procura dele. Vai prá fazenda. Ele está em S. Paulo com a família. Ela volta pra S. Paulo. Carlos voltou prá fazenda. Ela volta prá fazenda. Nova scena penosa, nova luta fisica. Partida de Carlos de automovel. Maria desvairada quer se matar. Não deixam. Ela fica feito louca uns dias na fazenda. Espera. O administrador insiste com ela pra sair. Ela não quer porque Carlos tem que voltar. Ele a expulsa. Ela se agarra nas portas, nas grades, é arrastada pro automovel com a maleta contendo ainda os cincoenta e tantos mil francos que vieram com ela da Europa. Recobra-se mas é só pra imaginar um geito de encontrar Carlos. Agora quer mas é matar Carlos. Ele tambem por seu lado não pode mais sem ela. Partiu pro Rio espairecer. Maria que agora compra notícias duma criada hungara na casa da familia de Carlos sabe o hotel dele e parte. Se encontram no hol do hotel onde ela o esperava. Ela tira o revolver (dificuldades que teve pra conseguir um) Carlos avança pra ela, ela atira, não acerta um escandalo dos diabos, Maria horrorizada depois do primeiro tiro, lança-se sobre Carlos que a esbofeteia numa reação inconsciente. Apesar de ser de ma-

(A): maleta *r[epleta]*

(A): lapso: “Rios”

Episodio Carlos Maria

5

inha, ela não Anoturno, tanta gente. Carlos convergonha, a gente demonstração dela. - Vamos lá em cima. leva-a pro quarto. - Você não tem vergonha, Maria! Disse-me - Não, não tenho! e você! - Eu!! - Sim, sempre, não que não tem vergonha de me deixar assim. etc. Ela o censurava por tudo. Dança tudo em roda dele. Carlos desce dela. Não sabe mais o que sente que a desceza do por, meu Deus! por contradição. Que não a ama, isso é certo. Que não volta a monotonia intolerável. Batem. É uma carta do gerente avisando que depois do sucesso dele, pede Carlos se retirem do hotel. - Veja que vergonha você me fez passar! - Você! e eu! não tenho passado todas as vergonhas por causa de você! - Mas o que você quer, Maria! o que você quer! Ela ia responder, não consegue o que responder. Vir de repente que depois de todo o sucedendo a vida de ambos juntos era uma recordação viva, um vexame quotidiano diante do mundo, porque eles não eram convergonha. Mas também agora como não continuar até conseguir o que queria. E no fundo o coração feito de vidro, não podia passar sem ele. - Vamos sair daqui, fui expulso por uma causa! Arruma a mala. Ela pensa em o ajudar mas tem vergonha dele. Carlos pede a conta. a conta vem. Pede automovel e que vai

Episódio Carlos Maria
 nhã, ela veio Noturno, tanta gente. Carlos envergonhado, aquelas demonstrações dela, – Vamos lá em cima. Leva-a pro quarto. – Você não tem vergonha, Maria! Discussão – Não, não tenho! e você! – Eu!! – Sim, semvergonha que não teve vergonha de me deixar assim etc. Ela o censura por tudo. Lança tudo em rosto dele. Carlos desejoso dela. Não sabe mais lutar. Sente que a deseja só por, meu Deus! por contradição. Que não a ama, isso é certo. Que vai voltar a monotonia intolerável. Batem. [É] uma carta do gerente avisando que depois do sucedido, pode Carlos se retirar do hotel. – Veja que vergonha você me faz passar! – Você! e eu! não tenho passado todas as vergonhas por causa de você! — Mas o que você quer, Maria! o que você quer! Ela ia responder, não soube o que responder. Viu de repente que depois de todo o sucedido a vida de ambos juntos era uma recordação viva, um vexame quotidiano diante do mundo, porque eles não eram semvergonhas. Mas também agora como não continuar até conseguir o que queria. E no fundo o amava feito doida, não podia passar sem ele. — Vamos sair daqui, fui expulso por sua causa! Arruma a mala. Ela pensa em o ajudar mas tem vergonha dele. Carlos pede a conta. A conta vem. Pede automovel e que avi-

Aparato genético.
 Etapas e rasuras

(5)

A: veio ^noturno^, A¹: lapso: “veio Noturno”

A: #L[ança]# Você

(A):contradição \am[a]\

A¹: lapso: “E uma carta do gerente avisando”

(A): *a[contecido]* pode

(A): Arruma *as*

sem do auto. Já está na porta. Saem
rápidos, correndo de vergonha entre os
olhares curiosos. — Cidade! Carlos vai
comprar duas passagens pra S. Paulo.
Maria só se deslumbrava de felicidade
quando percebe que a cabina
é pro dois. Então ela o possui pela
primeira vez, feito uma furia. O rauer
não chega já no dia seguinte. Maria
cada vez mais louca de amor por
quem a despreza e não sabe entre
mais. Ela não dorme, não come. Um
festado medonho. ~~Um dia depois~~
~~o~~ Doente. Doente de amor. Não
tem nada parem todos os órgãos estão
afetados. Médicos etc. Nada se conse-
gue. Carlos tem uma última pie-
dade que nos últimos dias dela, pie-
dade que ainda mais o afasta dela,
mais o faz despreza-la: finge carinho
«pra ela morrer iludida» ele pensa.
Mas Maria não aceita mais. — Vá-se
embora, Carlos. (momento suave mas
pírrico.) — Ô Maria, você me fez insu-
— Fago Carlos. Eu não quero você perto
de mim mais. Deixe eu morrer
sozinha. — Mas você não vai mor-
rer, Maria, que ideia! — Vou sim. Mas
deixe eu morrer sozinha. Não faz
mal não que eu morra... — Fago
maria! f... eu. — Você, ô Carlos, não
fale assim. Você está mentando pra
eu morrer sozinha. f... eu... eu não
posso morrer sozinha assim porque
tenho a rainha de você. Vá-se embora.

sem do auto. Já está na porta. Saem rápidos, corridos de vergonha ante os olhares curiosos. – Cidade! Carlos vai comprar duas passagens pra S. Paulo, Maria só se deslumbra de felicidade quando percebe que a cabina é pros dois. Então ela o possui pela primeira vez, feito uma furia. O ramerrão chega já no dia seguinte. Maria cada vez mais louca de amor por quem a despreza e não sabe lutar mais. Ela não dorme, não come. Um fastio medonho. ~~Nem mês depois~~ até Doente. Doente de amor. Não tem nada porem todos os órgãos estão afetados. Medicos etc. Nada se consegue. Carlos tem uma última piedade ~~que~~ nos ultimos dias dela, piedade que inda mais o afasta dela, mais o faz despreza-la: finge carinho “pra ela morrer iludida” ele pensa. Mas Maria não aceita mais. – Vá-se embora, Carlos. (muito suave mas firme). – Ôh Maria, você me faz isso! – Faço Carlos. Eu não quero você perto de mim mais. Deixe eu morrer sossegada. – Mas você não vai morrer, Maria, que ideia! — Vou sim. Mas deixe eu morrer sossegada. Não faz mal não que eu morra... – Faz Maria! E... eu. – Você, olhe Carlos, não fale assim. Você está mentindo pra eu morrer sossegada. E eu... eu não posso morrer sossegada assim porque tenho até raiva de você. Vá-se embo-

A: medonho. >Nem mês depois/ até< Doente.

A: #que# nos

A^l: lapso: “firme.)”

(A): deixe ^em^ morrer

6
ra! Pelo amor de Deus, vá-se embora!
Carlos estava num desaponto feio.
Não sabia se tinha despedido ou satis-
feito de ficar livre de ver aquela
morte, o sentimento era principa-
lmente de um passmo inanaliza-
vel. Porém no momento é que não
sabia como fazer e estava desapon-
tado. — Mas, Maria... — Carlos, vá-se
embora, Carlos!... Deixe-me morrer...
Derribou a cabeça no peito. Va falar
numa iluminação amarga "Deixe-
me morrer de amor" porém reparou
que era uma frase que parecia fei-
ta e Carlos não gostava de frase
bonita. Por isso mesmo é que ela
pressentia que ele não estando
puro ela morria melhor. Sem
preconceitos. A palavra «preconceitos»
«preconceitos de Carlos» que ele também
os tinha, ela sentiu uma orgulhosa
verdade na palavra. E sentiu com
ela um desprezo apartado por
esse Carlos que agora ela não podia
desfazer mais, impermeabilizada
pela presença da morte. De longe
ele não seria senão o que a nota-
va de amor e esse Carlos longe
ela ainda podia amar ardentemen-
te, feito um sonho. Ergueu o rosto e
arranhou uma última energia.
— Carlos, eu te amo, vou rabe... Fizer
braca de novo porque a primeira frase
que ia dizer, mal principiada, derribou-

Episódio Carlos Maria

6

ra! Pelo amor de Deus, vá-se embora!
Carlos estava num desaponto feio.
Não sabia si tinha despeito ou satisfação de ficar livre de ver aquela morte, o sentimento era principalmente dum pasmo inanalisevel. Porém no momento é que não sabia como fazer e estava desapontado. – Mas, Maria... – Carlos, vá embora, Carlos!... Deixe eu morrer... ~~Der~~ Derrubou a cabeça no peito. Ia falar numa iluminação amarga. “Deixe eu morrer de amor” porém reparou que era uma frase que parecia feita e Carlos não gostava de frase bonita. Por isso mesmo é que ela pressentia que ele não estando perto ela morria melhor. Sem preconceitos. A palavra “preconceitos” “preconceitos de Carlos” que ele também os tinha, ela sentiu uma orgulhosa verdade na palavra. E sentiu com ela um desprezo afastado por esse Carlos que agora ela não podia desejar mais, impermeabilizada pela presença da morte. De longe ele não seria sinão o que a matava de amor e esse carlos longe ela inda podia amar ardentemente, feito um sonho. Ergueu o rosto e arranjou uma ultima energia.
– Carlos, eu te amei, voce sabe... Ficou fraca de novo porque a ~~princi~~ frase que ia dizer, mal principiada desen-

(A): morrer... =Der[rubou]=

A¹: lapso: “carlos”

(A): a #princi[piada]#

carinhada o ~~acento~~ que lá dizer.
Fuipe força e fora e acabou. - Vá-se
embora e não volte mais. Não quero
ver você quando ~~for~~ ~~em~~ eu
tiver (estiver) morrendo. Carlos teve
uma última, desgrazada covardia.
- Maria, você quer mesmo que eu vá
embora! Não estou fazendo sacrifi-
cío ficando junto de... - Não se
trata de sacrificio, não penso mes-
mo, Carlos, vá embora! Deixe eu mor-
rer sozinha!... Carlos se levantou.
Saiu como um cão. Ele é que sen-
tia que saiu como um cão. Como
ela era enorme pra ele! Como a
última prore dele fora cachorra,
perversa, egoísta, besta... Saiu como
um cão. Mas pra Maria, nem
bem ele saiu, virou o Carlos dela.
O que ela adorava. O que ela oser-
tava dela pra poder morrer de
amar por ele. Como ele fora bom
em não dizer adeus pra ela. Seria
um adeus penoso sem nenhum
gosto de parte a parte. Saiu bom.
Saiu fiel. Carlos... sorriu. - Você pre-
cisa de alguma coisa, Maria? - Não!
Leitão! Não volta depois, não? Queria
afastar-te, ficar só pra poder reaver
o Carlos dela mais inteiramente.
Carlos se afastou. Declínio rápido da

caminhara o assunto que ia dizer.
 Fingiu fôça agora e acabou. – Vá-se embora e não volte mais. Não quero ver você quando [eu for morrer] eu tiver (estiver) morrendo. Carlos teve uma última, desgraçada covardia.
 – Maria, você quer mesmo que eu vá embora! Não estou fazendo sacrifício ficando junto de... – Não se trata de sacrifício, não penso nisso, Carlos, vá embora! Deixe eu morrer sossegada!... Carlos se levantou. Saiu como um cão. Ele é que sentia que saiu como um cão. Como ela era enorme pra êle! Como a ultima frase dele fôra cachorra, perversa, egoista, besta... Saiu como um cão. Mas pra Maria, nem bem ele saiu, virou o Carlos dela. O que ela adorava. O que ela afastava dela pra poder morrer de amor por êle. Como êle fôra bom em não dizer adeus pra ela. Seria um adeus penoso sem nenhum gôsto de parte a parte. Saiu bom. Saiu fiel. Carlos... Sorriu. – Você precisa de alguma coisa, Maria? – Não Catolico! Você volta depois, sim? Queria afastar todos, ficar só pra poder reaver o Carlos dela mais inteirinhamente. Catolico se afastou. Declinio rapido da

Aparato genético.

Etapas e rasuras

A: o *assunto* que ia

A: quando >+=eu=+ for morrer<

vida de Maria. Catolico conseguiu
que ela aceitasse padre. Padre Luis. Vol-
ta a Maria crenga e fervores. Oficial
confessa. Quando padre vem de des-
pedir. - E... padre, eu posso pensar
nele, posso. P. Luis hesita. - Pense em
Deus, Maria? - Sim padre, eu penso!
Porém eu queria poder pensar nele,
padre! só pensar! sem mal! mas eu
não sei não pensar nele... - Pense, mi-
nha filha, reza pra que ele tenha
a graça de Deus. - E a reza padre,
lá tenho rezado pra ele muito
estes dias... mas, mas não é isso!...
Eu penso muito em Deus mas...
padre! é difficil explicar!... eu não
quero ele, padre Luis! não é querer, é
só pensar! não é pecado, não? - Não
é, Maria! Maria beijou a mão do
padre, numa exaltação. Estava certo!
Tudo estava tão bem!... Comunha
e marre, enfim. A communha a
desviara. Se desinteressou de Carlos
que apenas era uma especie de paralela
ao pensamento que a levava em communha
com a Divindade. Ela não pensava
mais. Caia em extase e em extase
morreu. Não eram trombetas que es-
cutava, nem luzes que via, estava numa
perfeita presença do absoluto, um incom-
paravel ser não sendo. Morreu sem
dizer nada. Sem Carlos. Sem repar. ~~Carlos~~ Mar-

Episódio Carlos Maria

vida de Maria. Católico consegue
que ela aceite padre. Padre Luis. Vol-
ta a Maria crença e fervores. Afinal
confessa. Quando padre vem se des-
pedir. – E... padre, eu posso pensar
nele, posso. P. Luis hesita. – Pense em
Deus, Maria!... – Sim padre, eu penso!
Porém eu queria poder pensar nele,
padre! só pensar! sem mal! mas eu
não sei não pensar nele... – Pense, mi-
nha filha, reze pra que ele tenha
a graça de Deus. – Eu rezo padre,
já tenho rezado pra ele muito
estes dias... mas, mas não é isso!...
Eu penso muito em Deus mas...
padre! é difícil explicar!... eu não
quero ele, padre Luis! não é querer, é
só pensar! não é pecado, não? – Não
é, Maria! Maria beijou a mão do
padre, numa exaltação. Estava certo!
Tudo estava tão bem!... Comunga
e morre enfim. A comunhão a
desviara. Se desinteressou de Carlos
que apenas era uma espécie de paralela
ao pensamento que a levava em comunhão
com a Divindade. Ela não pensava
mais. Caira em extase e em extase
morreu. Não eram trombetas que es-
cutava, nem luzes que via, estava numa
perfeita presença do absoluto, um incom-
parável ser não sendo. Morreu sem
dizer nada. Sem Carlos. Sem rezar. ~~Corr~~ Mor-

A: rezo ^padee^,

A: Maria^@?@^

(A): >Corr< Mor-

sem como quem não existia jamais. A educação dela, a tradição, tudo para um desindividualizar-se fatal. Porém ela se recusou. Trara nessa grandeza que pra vida só fora trinar mas que na hora da morte lhe dera isso que ninguém pode conceber, paz, palavra desvirtuada pra quem a empresa se referindo a coisa deste mundo. Não ha paz.

Carlos despiu-a de uma vez. Primeiro é apenas a consciencia da famulancia a respeito. Relação de Maria sobre ela que o tortura. Uma desilusão medonha de si mesmo, uma aridez incomparavel no espirito. Se sentia incapaz de afirmações. Ele sentia uma pressão profunda de se retirar dela. Tentava em per-
feito milisimo. Nada. Não havia nem mesmo razão nenhuma pra existir. A existencia por si só não justifica nem condiciona o fato da gente existir. Imaginou se dar uma função drástica, arrebutar tudo como pela volta de Maria arrebutara nem pesar as relações de familia. Aliás a familia já se aproximara dele de novo e aceitara a aproximação porque não havia razão nenhuma pra aceitar ou não aceitar, aceitar. Mas se dar uma função, ser comunista, ser fascista, ser democratico, matar o Washington, a função dava uma finalidade pro existir mas não pra existencia. Pra que agora suportar tanta dor, tanta contrariedade, tanta cacetagem e até tanto gozo, assim tanto gozo também, pra que aceitar tudo isso dentro duma existencia consciente. O Pra que existir conscientemente, não havia justificação nenhuma. Não é, havia. Só Deus justificava a vida consciente. E ele não acreditava, ou melhor: não sentia Deus. Toda a intelligencia o levava pra Deus porém Carlos sentava abalado por demais e calafado pela relatividade pra ter uma consciencia luminosa de Deus. Mesmo porque essa consciencia, ele sabia não existir, ser uma invenção padreira. Se analisa-

reu como quem não existira jamais. A educação dela, a tradição, tudo fora um desindividualizar-se fatal. Porém ela se reencontrara nessa grandeza que pra vida só fora ruim mas que na hora da morte lhe dera isso que ninguém pode conceber, paz, palavra desvirtuada pra quem a emprega se referindo a coisa dêste mundo. Não ha paz.

Carlos degradingola duma vez. Primeiro é apenas a consciencia da formidável superioridade de Maria sobre êle que o tortura.

Uma desilusão medonha de si mesmo, uma aridez incomparável no espirito. Se sentia incapaz de afirmações. Ele sentia uma precisão profunda de se vingar dela. Estava em perfeito niilismo. Nada. Não havia mesmo razão nenhuma pra existir. A existência por si só não justifica nem condiciona o fato da gente existir. Imaginou se dar uma função drástica, arrebentar tudo como pela volta de Maria arrebentara sem pesar as relações de familia. Aliás a familia já se aproximara dele de novo e aceitara a aproximação porque não havia razão nenhuma pra aceitar ou não aceitar, aceitara. Mas se dar uma função, ser comunista, ser fascista, ser democrático, matar o Washington, a função dava uma finalidade pro existir mas não prá existencia. Praquê agora suportar tanta dor, tanta contrariedade, tanta caceteação e até tanto gôso, sim tanto gôso também, praquê aceitar tudo isso dentro duma existencia consciente. Θ Praquê existir conscientemente. Não havia justificação nenhuma. Isto é, havia. Só Deus justifica a vida consciente. E ele não acreditava, ou melhor: não sentia Deus. Toda a intelligencia o levava pra Deus porém Carlos estava abatido por demais e calejado pela relatividade pra ter uma consciencia universal de Deus. Mesmo porque essa consciencia, ele sabia não existir, ser uma invenção padresca. Se analisa-

(A): pra #f[ora]# vida

A: >O< Praquê

na por demais pra afastar as dúvidas e o
passado. A resposta do Catolico elle sera uma
montada negativa de ser catolico e mostrar
o que e ser catolico. Se atirara nos livros. Teve
um surto, dois dias talvez em que foi
o mais verdadeiro dos que acreditam de
repente, por intelligencia só. Mas não basta
porque a intelligencia rapinha, sai do corpo,
mora pueril, inconsistente no homem. Car-
los fora tambem o pior dos catolicos porque
por acreditar demais queria ser santo. E não
a noção certa de que acreditava pra se
vingar do Catolico que não acreditava
mais. E pôs repara que no fundo ele con-
servava sempre uma bruta esperança
no Catolico tão inferior a elle em força,
intelligencia, energia tães. Parêem o que
o afastou de uma vez da montada vin-
garia de se tornar catolico foi a
certeza nua de repente de que assim
não se vinjava porque o Catolico
se resalando na verdade estava ^{sempre} com-
pletamente proximo de Deus, crendo
feliz em Deus. E mais dia menos dia
moltava pra Deus, isso era certo. E que
ele se ficasse catolico estava sendo nitida
de um surto que ele mesmo se prepara-
ra porque nem disse o Catolico tivera
intenção. Carlos estava assim. (Prosperi-
dade material de novo. Alta do cabé-
 estava bem. Descrição de novo progresso.
Bibicultura. Gado. Gente, gado. O Brasil
maior fornecedor de gado do mundo!
etc.) Carlos resolve se matar. Pensa um
beto suicidio. Não deixar carta. Plena prospe-
ridade. Tem raiva de estar ordenando cons-
cientemente uma coisa que reputa apenas

Episódio Carlos Maria

va por demais pra suportar as dúvidas e o passado. A revolta do Catolico lhe dera uma vontade vingativa de ser catolico e mostrar o que é ser catolico. Se atirara nos livros. Teve um momento, dois dias talvez em que foi o mais verdadeiro dos que acreditam de repente, por inteligencia só. Mas não basta porquê a inteligencia sozinha, sai do corpo, vira pueril, inconsistente no homem. Carlos fôra também o pior dos catolicos porquê por acreditar demais queria ser anjo. E veio a noção certa de que acreditava pra se vingar do Catolico que não acreditava mais. E pôs reparo que no fundo ele conservara sempre uma bruta esperança no Catolico tão inferior a êle em força, inteligencia, energia tudo. Porém o que o afastou duma vez da vontade vingarenta de se tornar catolico foi a certeza vinda de repente de que assim não se vingava porque o Catolico se revoltando na verdade estava sempre e completamente proximo de Deus, crendo feliz em Deus. E mais dia menos dia voltava pra Deus, isso era certo. E que ele si ficasse catolico estava sendo vitima dum embuste que ele mesmo se preparara porque nem disso o Catolico tivera intenção. Carlos estava assim. (Prosperidade material de novo. Alta do café estava bem. Descrição de novo progresso Citricultura. Gado. Gente, gado! O Brasil maior fornecedor de gado do mundo! etc.) Carlos resolve se matar. Pensa num belo suicídio. Não deixar carta. Plena prosperidade. Tem raiva de estar ordenando conscientemente uma coisa que reputa apenas

A: estava +sempre e+

simples, um suicídio. É melhor dar por
última blague uma satisfação ao mundo.
Deixar uma carta bem feita pro jornal
publicarem. Vender tudo e apertar o dinheiro
no quarto pra fazer se passar por ava-
rento, uma blague assim. Tem medo de
estar pensando no suicídio ainda, fica
desesperado de pensar, tira o revólver,
o corre apobadissimo pro quarto, fa-
zendo «lé-lé-lé» eterno com a boca,
pra se enurdecer, louco de desesper-
pêro tira o revolver da joweta e ma-
ta-se. Matou-se não pensando que
se matava, um verdadeiro acesso
de loucura, sem pierer talu, quasi
que se pode dizer que por acaso. Houve
de fato muito de racional no sui-
cídio dele. Si achou a paz, ninguém
o cobardá fazeir.

Na auponhamos 3ª vez que Maria se encontra e
diverte com Carlos pra rebe-la de novo, ele perde a
cabeça e dá uma avocula. Ela vai, moída de pancada
e quando pode se erguer, vai pra casa, mas já vai invegi-
quando um jeito de Carlos ceder. ~~Seu que Maria amava sim-~~
~~de Carlos. É impossível saber porquê não tinha mais a~~
~~pressão de Carlos. Já se aumentara a sua. Não pôde. Quer~~
Carlos, a avo não aumentara nem divisiouira de modo
a amar por ele. Não existia a avo. Não tinha mais o de-
sejo, a paixão fixa de ver dele. Pouco importava relações re-
tuais, porém ver dele, errada, criada, companheira, qual-
quer coisa ou tudo como a educação e tradição tinham fei-
to ela ver a Maria se acostumara a ver com perfeição
inconexedível. Era um direito adquirido. Por que? Maria
nem sabia dos sacrificios que fôra, das muitas noites de
aluno que tivera sempre, fôra por estar pra fôra da religião,
pra fôra da sociedade, da família, pra fôra do casamento.
E não era nada disso. Era apenas um direito ad-
quirido pelo convívio. Era um direito de paixão. Não podia
passar na cabeça, na cabeça!... na paixão dela que não
tinha o direito de estar ao lado de Carlos. Era i sua
tinha de ver. E de ter: o direito de estar ao lado dele pra
ela e pro mundo, pouco importava o resto, sacrificios e morte,
de alguma maneira se repetir de novo, e novos sacrificios, novas mortes
e a vida, dos seus fôra, pela humilhação de ver Chris-

simples, um suicídio. É melhor dar por ultima blague uma satisfação pro mundo. Deixar uma carta bem besta pros jornais publicarem. Vender tudo e ajuntar o dinheiro no quarto pra fazer se passar por avaro, uma blague assim. Tem odio de estar pensando no suicidio ainda, fica desesperado de pensar, ~~tira o revolver~~ e corre afobadissimo pro quarto, fazendo “lêlêlê” eterno com a boca, pra se ensurdecer, louco de desespero tira o revolver da gaveta e mata-se. Matou-se não pensando que se matava. Num verdadeiro acesso de loucura, sem querer talvez, quasi que se pode dizer que por acaso. Houve de fato muito de ocasional no suicidio dele. Si achou a paz, ninguem o saberá jamais.

A: pensar #tira o revolver# >o<

Na suponhamos 3ª vez que Maria se encontra e insiste com Carlos pra recebe-la de novo, ele perde a cabeça e dá uma sova nela. Ela cai, moida de pancada e quando pode se erguer, vai pra casa, mas já vai imaginando num jeito de Carlos ceder. “~~Será que Maria amava ainda Carlos. É impossível saber porêem não tinha mais a precisão de Carlos. Já se acostumara sem êle porêem.~~ Quer Carlos, a sova não aumentara nem diminuía de nada o amor por êle. Não existia a sova. Não tinha sinão o desejo, a paixão fixa de ser dele. Pouco importava relações sexuais, porêem ser dele, escrava, criada, companheira, qualquer coisa ou tudo como a educação e tradição tinham feito ela ser e Maria se acostumara a ser com perfeição inexcédível. Era um direito adquirido. Por que? Maria nem sabia dos sacrifícios que fizera, ~~das~~ muitas mortes de alma que tivera sempre, ~~por~~ por estar pra fóra da religião, pra fóra da sociedade, da familia, pra fóra do casamento. Não era nada disso. Era apenas um direito adquirido pelo convívio. Era um direito de paixão. Não podia passar na cabeça, na cabeça!... na paixão dela que não tivesse o direito de estar ao lado de Carlos. Isso é que tinha de ser. E de ter: o direito de estar ao lado dele pra ela e pro mundo, pouco importava o resto, sacrifícios e mortes de alma vindo se repetir de novo, e novos sacrifícios, novas mortes por contensão dos desejos basicos pelas humilhações de ser cria-

A¹: ceder. >Será que Maria amava ain-/da Carlos. É impossível saber porêem não tinha mais a precisão de Carlos. Já se acostumara sem êle porêem<. Quer

A: fizera, >das< muitas
A: sempre, >por< =por=

da dele. Tudo isso pra ela com a educação que
tinha e os exemplos eram como constantes de vida,
normas de viver e de cultura inconvencionalmente ha-
bitada da dor, provavelmente mesquinha da dor. Era. Não
se revoltava porque não via que isso tudo podia
se acabar e uma pessoa espiritual se nobilitava mais
acabando com elas. A verdade objetiva, humana por
assim dizer não existia na educação e psicologia ~~da~~
~~que~~ tradicional de que ela era um reflexo. As
verdades objetivas pra elas eram as verdades que a gen-
te cria nos espaços, com o pensamento moral: fidelida-
de, obrigação de amar, jamais sacrificar a possumel
simulação dos acurimentos. Amigo: amigo; esposa: esposa.
Ela não podia pois, que amava com paixão deixar de
apaixonadamente amar. E amava apaixonadamente.
Era uma mulher que jamais poderia suportar a ideia a
ideia de amar outra vez. E recarar na morte, indo re-
posar a orada junto do marido morto. E na verda-
de depois de todo o sucedido ni tivesse ligação nova
entre os dois qual seria havia de ser que as fusões
indiferente na inconvicência alguma coisa não? Ma-
ria estava morta sem dor. Carlos a tinha ma-
chado. Não podia odiar-lo porque o adorava e adorava
com paixão. Os gestos dela, as insistências eram a
personíssima seguinte ao morto que procura pelo
humulo. E qual outra esta havia de ser coisa fun-
da de Carlos. Ela voltava pra Carlos que não as
alguas voltando pra Deus em vez de odiar esse
que os mata horrendamente dando ~~uma~~ pra elas
deixando um corpo. A educação primeira, asprimante
devotamente operava ^{um} milagre de fé. Ela não sabia
nada amar quem a matara e as forças dela, e que
ela tirava dele, enfraquecendo-o dos poucos que dava
uma fé de arredar morto, Carlos havia de ceder.

Episódio Carlos-Maria

9

da dele. Tudo isso pra ela com a educação que tivera e os exemplos, eram como constantes de vida, normas de viver e de cultura inconscientemente heroica da dor, fragilmente mesquinha da dor. Era. Não se revoltava porque nem via que isso tudo podia se acabar e uma pessoa afinal se nobilitava mais acabando com elas. A verdade objetiva, humana por assim dizer não existia na educação e psicologia ~~de que ela~~ tradicional de que ela era um reflexo. As verdades objetivas pra essas eram as verdades que a gente cria nos espaços, com o pensamento moral: fidelidade, obrigação de amar, jamais verificar a possível mutação dos sentimentos. Amigo: amigo; espôsa: espôsa. Ela não podia pois que amara com paixão deixar de apaixonadamente amar. E amava apaixonadamente. Era uma viúva que jamais poderia suportar sequer a ideia de casar outra vez. Só recasar na morte, indo repousar a ossada junto do marido morto. E na verdade depois de todo o sucedido si tivesse ligação nova entre os dois qual mais havia de ser que a fusão indiferente na inconsciência duma cova só? Maria estava morta bem morta. Carlos a tinha matado. Não podia odia-lo porquê o adorara e adorava com paixão. Os gestos dela, as insistências eram a penosíssima cegueira do morto que procura pelo tumulo. E qual mais êste havia de ser sinão junto de Carlos. Ela voltava pra Carlos que nem as almas voltando pra Deus em vez de odiar Esse que as mata horrendamente ~~dando um~~ pra eles dando um corpo. A educação pessima, espesinhante, desonrante operava um milagre de fé. Ela não sabia sinão amar quem a matara e as fôrças dela, e que ela tirava deles, enfraquecendo-o aos poucos, lhe davam uma fé de arredar môro, Carlos havia de ceder.

A: psicologia #de/ que ela#

A: #dando um# pra

A^l:*o* milagre

“Às vezes, um grande sofrimento [...]”

Nota de pesquisa; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel branco, pautado (5,0 x 15,1 cm); bordas inferior e esquerda irregulares. Nota MA: a grafite: chaves selecionando a frase; a lápis vermelho: cruzeta indicando utilização; a lápis tinta: traços anulando o verso.

Nota da edição: Assim que inicia a redação de notas de trabalho vinculadas ao romance *Café*, o escritor lança mão de um caderno de notas e de lá recolhe frases que julga de interesse para a sua criação. Este recorte permite atestar a data de tais anotações como sendo do início da década de 1920, já que apresenta, na frase destacada: “30 de Agosto” e, no verso, descartado, uma data completa “29-8-921”. O último, alude ao livro de seu amigo modernista Guilherme de Almeida *A fruta que eu perdi: canções gregas*, publicado em 1924. Pelo que se depreende da nota, é possível que o manuscrito tenha passado pelas mãos de Mário de Andrade.

Às vezes, um grande sofrimento se
reduz, quando passado, a uma ane-
docta. X 30 de Agosto

Às vezes, um grande sofrimento se
reduz, quando passado, a uma ane-
docta. X 30 de Agosto

ões Gregas do Guilherme. Creio que êle
tinge a maturidade. 29-8-921
Guilherme é o silên[cio]

ões Gregas do Guilherme. Creio que êle
[a]tinge a maturidade. 29-8-921

Guilherme é o silên[cio]

“Há muitos homens [...]”

Nota de pesquisa; autógrafo a tinta preta e a lápis tinta; 1 folha de papel branco (7,6 x 15,4 cm), pautado; bordas superior e direita irregulares. Nota MA: a grafite: chave destacando o trecho para ser recortado.

Nota da edição: O verso da nota não foi reproduzido por estar em branco. A frase perdida no ato de recortar é recuperada pelo escritor que a copia na margem inferior.

Aparato genético.

Etapas e rasuras

Ha muitos homens condenados que merecem o perdão. O sentir-se um fraco diante dos vencedores, dos vitoriosos, ou dos apenas fortes dá-nos uma errupção de ódio, de maldade que é toda a força ~~artificial~~ da nossa fraqueza. Matar, ser ingrato, trair é muitas vezes uma forma de ilusão.

A': >artificial< da

A': +muitas vezes uma forma de ilusão+

“O terrível é a gente [...]”

Nota de pesquisa; autógrafo a lápis-tinta e a tinta preta; 1 folha de papel branco (4,3 x 15,6 cm), pautado; bordas inferior e direita irregulares. Notas MA: a grafite: chave destacando o texto e riscos anulando o texto escrito no verso; a lápis vermelho no verso: cruzeta indicando a utilização da frase: “Leitor que se presa é absolutamente despresível”.

Nota da edição: A frase, no manuscrito de *Café*, ao ser recortada, perde a parte inicial que é recuperada pela cópia, a lápis-tinta, na margem superior.

O terrível é a gente se sentir quotidiana,
irremediavelmente castigado, e não poder
compreender a legitimidade do castigo.

Leitor que se presa é absolutamente
despresível. X

“O homem é um prisioneiro de Deus [...]

Nota de pesquisa; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel branco (3,2 x 15,2 cm),
pautado; bordas superior, inferior e esquerda irregulares. Notas MA: a lápis-tinta: riscos
anulando o texto escrito no verso; a lápis vermelho: cruzeta indicando a utilização da
frase.

O homem é um prisioneiro de Deus.
A Terra é o carcere. Que se ame
o carcereiro, vá! mas a prisão! X

O homem é um prisioneiro de Deus.
A Terra é o carcere. Que se ame
o carcereiro, vá! mas a prisão! X

ciencia transcendental, é de supor
se que entre amorosos e religioso
porá todos aqueles, ignaros e pobre
zinhos op[erarios]

ciencia transcendental, é de supor
se que entre amorosos e religioso[s]
porá todos aqueles, ignaros e pobre[-]
zinhos op[erarios]

“Les grandes tragédies [...]”

Nota de pesquisa; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel branco (3,4 x 15,4 cm),
pautado; bordas superior, inferior e direita irregulares. Nota MA: a lápis tinta: traço
anulando o verso da anotação.

~~Lirique!~~ Les grandes tragédies vécues,
si ce n'est pas la mort qui les ter-
mine finissent toujours dans le
ridiculé.

Aparato genético.

Etapas e rasuras

A: >lirique!<

(A): ^ter-/minent^ finissent

Tradução: As grandes tragédias vividas, se não é a morte que as termina, acabam
sempre no ridículo.

O capítulo XI de “Dorian Gray” é um resumo
[q]uási das extravagâncias de Des Esseintes do
“A Rebours”. O livro de Wilde é de 1890. O de Huys-

“Hier, un intellectuel (O.A.) [...]”

Nota de pesquisa; autógrafo a tinta preta, escrita ocupando a frente e o verso de 1 folha de papel branco, pautado (5,0 x 15,0 cm); bordas superior, inferior e direita irregulares; rasuras a tinta preta e a lápis-tinta: supressão de todo verso da folha. Nota MA: a lápis: traço vertical destacando trechos a lápis vermelho, cruzeta indicando utilização do trecho.

Hier, un intellectuel (O.A.) a cru me
consoler. Il m'a laissé dans une
détresse catastrophique. Toujours.
Seuls les ignorants peuvent conso-
ler, parce que devant le malheur
d'autrui ils ne disent rien.

Hier, un intellectuel (O.A.) a cru me
consolar. Il m'a laissé dans um
détresse catastrophique. Toujours.
Seuls les ignorants peuvent conso-
ler, parce que devant le malheur
d'autrui ils ne disent rien.

Tradução: Ontem, um intelectual (O.A.) acreditou me consolar. Deixou-me em uma
aflição catastrófica. Sempre. Apenas os ignorantes podem consolar porque diante da
infelicidade de outrem eles não dizem nada.

os meus segredos e pecados.
Li todo o dia. Dizem que a lei-
tura consola e faz esquecer... Mas
não me consolei, nem esqueci.
Que golpe!

os meus segredos e pecados.

Li todo o dia. Dizem que a lei-
tura consola e faz esquecer... Mas
não me consolei, nem esqueci.
Que golpe!

Café Introdução

Nota de planejamento; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel branco (14,3 x 10,4 cm), borda superior picotada.

Nota da edição: Desenvolvida já na 1ª versão conhecida da parte inicial de *Café*, a anotação escapou do descarte pelo qual passaram outras possíveis notas. Da 1ª versão para a 3ª, apesar das rasuras, não há mudança substancial no texto. Segue, a guisa de exemplo, dois parágrafos em que a cor vermelha marca palavras ou períodos modificados na passagem para a 3ª versão.

“Aqui os ricos **italianos** e outros trustistas estrangeiros, duma ousadia afinal das contas **não muito difícil**, porquê os **governos** e o povo eram **duma imprevidência** por demais semvergonha pra reagir, aqui os italianos se conservavam fundamentalmente italianos. **E** si perseveravam na terra, tinham de verdade uma psicologia longinqua, sentimentos **e** orgulhos **e** ideias que em vez de nascerem da terra, vinham dalem-mar. E si depois de ricos permaneciam aqui, era **em grandissima parte** porquê aparentados na Italia nova desta banda **do mar**, vivendo aqui como chefões **de** clan organizados em costumes, parentela e ordem social, sempre fundamentalmente italianos, nada tendo da terra e dos seus homens, porém intransportaveis pro “outro lado de lá”, a vida na Italia velha não lhes dava os regalos que tinham aqui.” (p. 20, 1ª versão e p. 21, 3ª versão)

“A aristocracia paulistana, por não se sabe que vaidade medieval, circunscrevera desde muito a sua atividade no plantio do café, **que ela herdara dos antepassados imperiais**. Aliás se explica **psicologicamente muito bem** essa mania: porquê deixar a terra produzir ao carinho **de escravos**, dar o seu passeinho **à tarde**, num bonito **cor-de-chumbo ingênis** ou na fordeca **vibrante**, **voltar para a casa-grande** saber dos preços **do café** pelo “Estado” e se queixar dos governos: era mesmo o só comércio conveniente a êsses desfibrados. Com **raras** exceções, êste preconceito, só **depois da guerra europeia**, principiava enfraquecendo. E si enfraquecia, **se deve** isso exclusivamente ao estímulo dos novos-ricos estrangeiros, que os paulistas **assistiram** ajuntar riquezas **firmes** do dia prá noite.” (p.23, 1ª versão e p. 24, 3ª versão)

Café' Introdução
Ao falar na aristocracia paulista
dizer que não aceitando intransi-
gentemente a mobilidade de clas-
ses que era condição mesma e nova
das sociedades americanas indepen-
dentes, ela obrigava a criação de uma
classe nova ainda mais pernicio-
sa e absolutista que ela: a aristo-
cracia do dinheiro. E esta, por maior
dos males era estrangeira e se fazia
do dia prà noite, sem o menor amor
por coisa nenhuma, sem o menor
apêgo à terra, sem a menor força de
tradição. Enquanto isso o Governo cuida-
va de mandar, fazendo politiquice, sem
a menor providencia, já não direi na-
cional, simplesmente humana. E sem
ter a menor consciencia do destino ame-
ricano.

Café Introdução
Ao falar na aristocracia paulista
dizer que não aceitando intransi-
gentemente a mobilidade de clas-
ses que era condição mesma e nova
das sociedades americanas indepen-
dentes, ela obrigava a criação de uma
classe nova ainda mais pernicio-
sa e absolutista que ela: a aristo-
cracia do dinheiro. E esta, por maior
dos males era estrangeira e se fazia
do dia prà noite, sem o menor amor
por coisa nenhuma, sem o menor
apêgo à terra, sem a menor força de
tradição. Enquanto isso o Govêrno cuida-
va de mandar, fazendo politiquice, sem
a menor providencia, já não direi na-
cional, simplesmente humana. E sem
ter a menor consciencia do destino ame-
ricano.

“Pirapora”

Nota de pesquisa; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel branco (17,8 x 11,0 cm), pautado; bordas esquerda, direita e inferior irregulares.

Nota da edição: Percurso e, provavelmente, horários de trens da Estrada de Ferro Central do Brasil, a serem utilizadas para subsidiar a cena em que Chico Antonio parte de trem de Minas Gerais para São Paulo. Saindo de Pirapora (MG) ele tomaria um trem para Corinto (MG), esperaria outro trem para Conselheiro Lafayete (MG), de lá seguiria para Juiz de Fora (MG), partiria para Barra do Pirai (RJ) e, finalmente, chegaria em São Paulo. Cuidando da verossimilhança de sua criação, o escritor desiste dos nomes das cidades por onde passava esta linha férrea, já que, a cidade de Uberaba (MG), onde Chico Antônio estava, dista mais de 500 km delas. No romance, o trecho fica mais desenvolvido na 3ª versão: “O unico jeito era ir pra São Paulo mesmo, e o mais depressa. Foi na estação saber dos trens, **mas trem só no dia seguinte.** [...] **Pegou nos terens, o ganzá sempre a tiracolo, comendo estrada na noite. //Andando, andando, teve que dormir no ar livre o resto da madrugada. Pela manhã chegou numa vila de estrada-de-ferro. Indagou, esperou sentado cinco horas. De-tardinha enfim partiu, todo outro,** feliz com os prazeres **inéditos** do trem. (p. 16, 1ª e 3ª versões, em vermelho o novo texto criado para a 3ª versão).

	502	2042
Pirapora	16.00	- 9.55
Corinto	20.42	- 17.42
Expens outstare	7.53	ou \$ 21.00
Lafaye Nec. 20.48	20.48	- 9.34
" p. 0.04		11.00
Juiz & Fora c. 4.36		14.46
" p. 4.38		14.50
B. Pirai c. 8.27		18.39
" p. 10.00		21.14
S. Paulo	18.47	6.31

Aparato genético.
Etapas e rasuras

	[502]	[?]
Pirapora	16.00	– 9.35
Corintho	20.42	– 17.42
Espera outro trem	7.53	ou 21.00
Lafayette c.	20.48	– 9.34
" p.	0.04	11.00
Juiz de Fora c.	4.38	14.46
" p.	4.38	14.50
B. Pirahy e.	8.27	18.39
" p.	10.00	21.14
S. Paulo	18.47	6.31

A: Forac. ^4.36^

Café/ Personagens

Nota de planejamento; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel azul (15,3 x 8,9 cm), milimetrado; 6 furos.

Nota da edição: planejamento inicial dos personagens que integrariam o enredo de *Café*. Chico Antônio seria casado e pai de 2 filhos, sendo que outro personagem seria um cantador de 22 anos que casaria com a filha dele. Os demais personagens não chegam sequer a ganhar espaço em outras notas e, muito menos, integram alguma das versões do romance que chegaram a ser escritas.

Personagens Café'

Fazendeiros:
João Barreira (café)
Pedro de Alencar de Pires (café)
Luiz Claro (café, frutas, gado)

Jose' Maria (Zé Maria) Santo da
Vermã Fúria (situa-se no
zangado dos dois)

Filhos dos Fazendeiros:
João Barreira Filho (João Fi-
lho) estudante de direito, comu-
nista
Mari' Carlos de Alencar de Pires
Santo Fúria, estudante de di-
reito, fascista, depois brasileiro,
afinal comunista que ele da-
ra no internacionalismo o
gesto de conciliar a Itália e o
Brasil, espartano, amante
baldeira

Colonos
Gambareira, mulher e ^{reis} ~~seito~~
filhos.
Blanco Antonio, nordestino, ca-
nado e dois filhos, da Paraíba
Ditão (o que restava do no-
me de Benedito) baiano do
sul, mulher e oito filhos

Personagens Café (2)

Camaradas
Santo Barreira que acaba
matando Zé Maria Fúria, pa-
trão, pra rubar 40 contos
Lauro Lima, nordestino,
um sapado, ga ladrão de
gado, cantador, moço de 22
anos, cara com a filha do
Blanco Antonio e foge afinal
com uma irmã dela, trata
do gado de Luiz Claro.

Amigos importantes
O dr. Schweitzer amigo alemão
de 45 anos estrangeiro no Bra-
sil com falras de língua

Café
Personagens

Fazendeiros

João Correia (café)
Pedro de Almeida Pires (café)
Luis Claro (café, frutas, gado)

José Maria (Zé Maria) Santi [Ca-]
[Vanoni] Furia (sitiante vi-
zinho dos dois)

(A): *Santi[nho]* *[Ca-Vanoni]* Furia

Filhos dos Fazendeiros:

João Correia Filho (João Fi-
lho) estudante de direito, comu-
nista

Mario ~~Carlos~~ de Almeida Pires

A: Mario *Carlos*

Santo Furia, estudante de di-
reito, fascista, depois brasileiro,
afinal comunista que lhe da-
va no internacionalismo o
geito de conciliar a Italia e o
Brasil, esportivo, saúde

~~Caldeira~~

A: >Caldeira<

Colonos

Gambarossa, mulher e seis
filhos.

A: mulher e *oito*

Chico Antonio, nordestino, ca-
sado e dois filhos, da Paraíba
Ditão (o que restava do no-
me de Benedito, baiano, do
sul, mulher e oito filhos

Café (2)

Personagens

Camaradas

Enzo Carlino que acaba
matando Zé Maria Furia, pa-
trão, pra roubar 80 contos

Lauro Lins, nordestino,
um safado, ga ladrão de
gado, cantador, moço de 22
anos, casa com a filha do
Chico Antonio e foge afinal
com uma irmã dela, trata
do gado de Luis Claro.

(A): *ga[tuno]* ladrão

Avulsos importantes

O dr. .Schwaizer suíço alemão
de 45 anos enriquecido no Bra-
sil com fabrico de seda

Café/ João Filho

Nota de planejamento; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel azul (15,3 x 8,9 cm), milimetrado; 6 furos.

Nota da edição: planejamento inicial de personagem que integraria o romance *Café*. Além da nota anterior que apresenta o nome dele junto de outros personagens, João Filho só integra mais um plano incipiente do romance, mas não chega a aparecer novamente em outras notas e, conseqüentemente, não está em nenhuma das versões do texto.

*João Filho - Character fraco, um
Touro de corpo, grandão, esporti-
vo, tímido. Campeão de fute-
bol, full-back. Discute com o
pai e com todos. Um dia num
passeio com amigos insulta
a família, todas as mães
são umas putas. Santo con-
tradiz. Ficam inimigos.
Santo tem medo da força
de J. Filho. Este abusa e em
todas as partes caçoa do
Fascista.*

Café

João Filho – Character fraco, um
touro de corpo, grandão, esporti-
vo, tímido. Campeão de fute-
bol, full-back. Discute com o
pai e com todos. Um dia num
passeio com amigos insulta
a família, todas as mães
são umas putas. Santo con-
tradiz. Ficam inimigos.
Santo tem medo da força
de J. Filho. Este abusa e em
todas as partes caçoa do
Fascista.

Café/ Casos Decisórios

Plano; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel azul (15,3 x 8,9 cm), milimetrado; marcas de oxidação.

Nota da edição: Além de “A geada”, título de uma das partes do romance, posteriormente substituído para “A crise”, os outros núcleos do plano não chegam a ser desenvolvidos.

Café
Casos Decisórios

A geada

=

Morte do Zé Maria

=

Luta do João Filho com o pai

=

Aparato genético.
Etapas e rasuras

(A): do *[^]J[oão][^]*

Café

Nota de planejamento; autógrafo a grafite; 1 folha de papel azul (15,3 x 8,9 cm), milimetrado; 6 furos; marca de ferrugem de alfinete.

Nota da edição: Nota utilizada parcialmente, no que diz respeito à má fama dos nordestinos sem família. No romance: “A instabilidade paroara **se** exacerbava com a desilusão, **a maioria** dos nordestinos, não paravam em lugar nenhum, mudando de fazenda a cada colheita nova. Inda mais: que nordestinos vinham? Vinham os moços, solteirões em **grandíssima** parte, não famílias – indivíduos escoteiros cuja tendencia pra farra e chinfrim **não era acovardada por nenhum laço de mãe, de irmãs, de espôsa**. Nos estupros das colonias, nas facadas das vendinhas de beira-estrada, era **constante a assombração** do nordestino solteiro. O frio paulista convidava ao abuso **das saudades** pelas **sublimes** cachaças do **norte**, destiladas em alambique de barro. E vinha o banzé grosso. **E**, no dia seguinte, as caceteações, fugas, despedidas, **polícia**, precisão de arranjar camarada novo. Por isso fazendeiros e adm[i]nistradores, si inda aceitavam as famílias vindas do **Nordeste**, muitas vezes não queriam **obstinadamente** saber de nordestino **juvenal**”. (V. p. 29, 1ª versão e p. 30, 3ª versão, aqui, em vermelho, destaca-se as palavras ou períodos reescritos na 3ª versão).

Café

O patrão de seu João
não queria receber
Olivio Audo, porque
nordestino sem fa-
mília não presta.

João pergunta pro
jornalista que pin-
terou o Olivio alagoano
se não, um alagoano
que sabe fazer a
vida, quando esteve
na Penha, o senhor se
lembra, já tinha ido
até aos mandados! O
jornalista conta a vida
do Olivio que tinha vin-
do pra empregado de uma
companhia de pregos.

- De prego!...

- Você, inda citas mu-
to feio de prego!
Por isso que o João
é uma merda, lá to-
do mundo só pensa
em burocracia, em
ser empregado do
Governo. Ahem é que
tinha coragem de di-
zer que era empregado

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Café

Os patrões de Seu João
não querem receber
Chico Ant. porquê
nordestino sem fa-
mília não presta.

=

S. João pergunta pro
jornalista que fim
levou o Olivio ~~alag~~ “es-
se sim, um alagoano
que sabe fazer a
vida, quando estive
na Penha, o senhor se
lembra, já tinha ido
até em Manaus!” O
jornalista conta a vida
do Olivio que tinha vin-
do pra empregado numa
companhia de pregos
– De pregos!...
– Vocês inda estão mui-
to jecas. De pregos!
Por isso que o Rio
é uma merda. Lá to-
do mundo só pensa
em burocracia, em
ser empregado, do
Govêrno. Quem é que
tinha coragem de di-
zer que era empregado

(A): ^Jornalista^

(A): Olivio #alag[oano]#

numa fábrica de pe-
go!... Aqui não, a gente
até diz com orgulho, por-
que ao se trata de ne-
gócio! Mas quando che-
gon a fábrica foi tudo
falecido. Não sei, parece
que não gostou foi pro
Rio Grande do Sul,
sei que andou preitan-
do nervos pra política
de lá, mas no pouco
mesmo e muito bem.
Depois foi obrigado a
fugir com a vida que
não se dava em um mu-
zido por ela. Um parto-
alegre não se aceita,
nem de novo pra l.
Paulo e agora dizem
que adroga aqui, ad-
rojado de siros, com
uma parca de fallen-
cia pra ~~destruir~~ abran-
çar, ganhando um di-
nhelão. Mas quando
me vê, fuge de perto,
só com alguns siros.
Mas quando chegou
do sul, dormiu no
meu quarto 5 dias, sem
ter dinheiro nem pro forro!

Aparato genético.
Etapas e rasuras

numa fabrica de pre-
go!... Aqui não, a gente
até diz com orgulho, por-
que só se trata de ne-
gocios! Mas quando che-
gou a fabrica já tinha
falido. Não sei, parece
que não gostou foi pro
Rio Grande do Sul,
sei que andou prestan-
do serviço prá politica
de lá, mas no pampa
mesmo e muito bem.
Depois foi obrigado a
fugir com a vida que
não se dava um cru-
zado por ela. Em Porto-
Alegre não se ageitou,
veio de novo pra S.
Paulo e agora dizem
que advoga aqui ad-
vogado de sirios, com
uma porção de falen-
cias pra ~~destru~~ arran-
jar, ganhando um di-
nheirão. Mas quando
me vê, foge de mim,
só com amigos sirios.
Mas quando chegou
do sul, dormiu no
meu quarto 5 dias, sem
ter dinheiro nem pro fosforo!

(A): *destru[ir]* arranjar

Café/ Chico Antonio vi-/ra futeboler

Nota de planejamento; autógrafo a grafite; 1 folha de papel azul (15,4 x 8,8 cm), milimetrado; marcas de oxidação.

Nota da edição: A nota de preparo 6, numeração do escritor, desenvolve a ideia de Chico Antônio jogador de futebol.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Café

Chico Antonio vi-
ra futeboler

==

Ele gostava sempre
de seu João porquê
este o consolava
um bocado dos
proprios erros, tornan-
do-os conscientes
contando pra Chico
Antonio que tinha
sido crapula. Isso
consolava C. Antonio
porque ao menos assim
ele adquiriu um
não pensamento mas
sentimento de que
os crapulas tambem
vivem, tambem
têm amigos, tambem
são capazes de
felicidade. E por
isso a ausencia
definitiva de seu
João na vida dele
lhe era into-
leravel

A^I: lapso: “contanto”

A^I: lapso: “erra”

Café/ Partido Democrático

Esboço; autógrafo a grafite; 1 folha de papel azul (15,4 x 8,8 cm), milimetrado; 6 furos; marcas de oxidação.

Café
Partido Democrático.
No fundo esses de-
mocratas e que eram
eram uma resolta de
elite que nada tinha
a perder, e não queria
perder o que tinha. Ha-
via fundamentalmente
em todos estes um
espírito de egotismo
tão, um espírito auto-
matizado, um espí-
rito contemplativo não
percebendo mais na
vida do que um certo
feito espetáculo. O de-
mocratismo deles
era tão ideológico
como aqueles de
do império, gente de
tradição, nobreza
velha do país, in-
fluentemente sendo
liberais, ingenuamente

abolicionistas, nada
de fundamental, de
nobre, de originário.
Assim também eram
os cabanos do Partido
Democrático. Representa-
vam bem, até
na fundação do par-
tido idealistamente
falso, o que ainda res-
ta da nobreza pau-
lista. Tinha sido
naquela contemplati-
vidade de elite com
que depois do bandei-
rismo pelas máquinas
picadas que alisava no
corpo brasileiro. O
bandeirismo tinha vol-
tado pro virado natal,
e tinham apoiando
no café e aí ficando
nos redes, nos sala-
de jantar ecurum, es-
perando que a frutificação
amadurecesse brasileiro.

Café

Partido Democratico

No fundo esses democráticos o que eram eram uma revolta de elite que nada tinha a perder e não podia perder o que tinha. Havia fundamentalmente em tudo neles um espírito antidemocrático, um espírito anti-pragmático, um espírito contemplativo não percebendo mais na vida do que ver tudo feito espetáculo. O democratismo deles era tão ideológico como aqueles barões do império, gente de tradição, nobreza velha dos pais, inglesamente sendo liberais, inglesamente abolicionistas, nada de fundamental, de nosso, de originário. Assim também eram os cabeças do Partido Democratico. Representavam bem, até na fundação do partido idealistamente falso, o que inda restava da nobreza paulista. Tinham caído naquela contemplatividade de elite com que depois do bandeirismo pelas mesmas picadas que abrira no corpão brasileiro os bandeirantes tinham voltado pro rincão natal, se tinham afazendado no café e aí ficado nas redes, na sala de jantar enorme, esperando que a frutinha madurasse. Era assim.

A¹: lapso: “do país”

Café/ O caso da Planaltina

Nota de planejamento; autógrafo a grafite; 1 folha de papel azul (15,4 x 8,8 cm), milimetrado; 6 furos.

Café

O caso da Planaltina
que vendeu 80 mil
lotes de terreno no
planalto central.

==

Grilos em terras
do norte paranaense
qual! tudo já estava
na mão do Geraldo
Rocha que tem
um milhão de al-
queires lá no Paraná.

Café/ Episódio do Católico

Nota de planejamento e esboço de diálogo; autógrafo a grafite; 1 folha de papel azul (15,4 x 8,9 cm), milimetrado; 6 furos; marcas de oxidação.

Café
Episódio do Católico
Numa conversa com Carlos, Católico e Carlos passam em revista, letras, políticas, atacam Mario Pinto Serva. O outro responde: – Não existe. D’ái raciocinam que existe porquê apesar, da nulidade absoluta, é o que a gente lê, é a opinião citada, que rege etc. Passam então a ver a baixez de tudo que nos rege. Paulo Setubal, Viriato Correia, poetas pífiros como Bilac, políticos pífiros etc. De repente param. Carlos exclama com amargura: – E nós!... Nós estamos falando de todo mundo, atacando todo mundo, mas o que foi que nós fizemos?... Eles pelo menos fizeram mas e nós!... Isso é que impressiona

Café

Episódio do Católico

Numa conversa com Carlos, Católico e Carlos passam em revista, letras, políticas, atacam Mario Pinto Serva. O outro responde: – Não existe. D’ái raciocinam que existe porquê apesar, da nulidade absoluta, é o que a gente lê, é a opinião citada, que rege etc. Passam então a ver a baixez de tudo que nos rege. Paulo Setubal, Viriato Correia, poetas pífiros como Bilac, políticos pífiros etc. De repente param. Carlos exclama com amargura: – E nós!... Nós estamos falando de todo mundo, atacando todo mundo, mas o que foi que nós fizemos?... Eles pelo menos fizeram mas e nós!... Isso é que impressiona

acima o Catolico e vai,
porque a religião o per-
turba, provocar a revol-
ta contra a religião, e o
desejo de atividade terre-
na pragmatica. Vira co-
munista e no episodio
dele, se mete numa
greve violenta que abala
S. Paulo, tiros, mortes,
revolta de caracter rea-
cionista, antifascista,
como sempre nem ele
um dos cabeças, nem
nenhum dos grevistas
(a greve assume propor-
ções de revolta por uma
semana) sabiam já
muito bem o que que-
riam. Carlos ferido.
Acusado de traição pelos
comunistas porque aca-
ba desfalecendo, preso,
mentindo, se desculpan-
do.

demais o Catolico e vai,
porquê a religião o per-
turba, provocar a revol-
ta contra a religião, e o
desejo de atividade terre-
na pragmatica. Vira co-
munista e no episodio
dele, se mete numa
greve violenta que abala
S. Paulo, tiros, mortes,
revolta de caracter rea-
cionista, antifascista,
como sempre nem ele
um dos cabeças, nem
nenhum dos grevistas
(a greve assume propor-
ções de revolta por uma
semana) sabiam já
muito bem o que que-
riam. Carlos ferido.
Acusado de traição pelos
comunistas porque aca-
ba desfalecendo, preso,
mentindo, se desculpan-
do.

Café/ Chico Antonio e os Bois

Esboço de cena; autógrafo a grafite; 2 folhas de papel azul (15,3 x 8,9 cm), milimetrado; presas originalmente por alfinete de cabeça; marcas de oxidação; 6 furos.

Nota da edição: Cena desenvolvida na última lição de *Vida do cantador*, publicado na *Folha da Manhã*, em 23 de setembro de 1943.

Café
Chico Antonio e os Bois
Matarão um novilho e os cinco touros da fazenda por um desculido foram deixados no mangueiro onde estava o sangue. Principiam fazedo um barulhão medonho e Chico Antonio nem nem ouvia foi lá. Trepou num dos mourões do mangueiro redondo e principiava admirando os touros caracis feiçosos e lamentos. Todo o gado aliá está se lamentando, as vacas e as novilhada. Toda a fazenda se esvalha num aiueiro medonho e a tarde matafa até os muros da na casa grande. Então Chico Ant. batou a mão no ouvido esquerdo e muito agudo, sem agredir-se que se agitou qui cometeu longe saltou num longu apolinarão.
Oooooo, boi!

Café

Chico Antonio e os Bois

Mataram um novilhinho e os cinco touros da fazenda por um descuido foram deixados no mangueiro onde estava o sangue. Principiaram fazendo um barulhão medonho e Chico Antonio nem bem ouvi[u] foi lá. Trepou num dos mourões do mangueirão redondo e principiava admirando os touros caracús furiosos e lamentosos. Todo o gado aliás está se lamentando, as vacas e a novilhada. Toda a fazenda se envolveu num sinistro medonho e a tarde mata-[r]a até os moços lá na casa grande. Então Chico Ant. botou a mão no ouvido esquerdo e muito agudo, um agudissimo que se escutou quilômetros longe soltou uma longa vocalização

Ooooooooo, boi!

(A): *F[icaram]* fazendo

A²: lapso: “ouvio”

(A): ^as *novilhas*^. Toda

A¹: lapso: “mata-/fa”

(A): moços #na#

(A): *esqui[varam]* quilômetros

Oooooooooooooo... foi, dá!
Mau boooi!...
O canto, lento longo
agudissimo perpe-
rava o lancido ri-
mido dos Touro e
apesar de forte domi-
nava pela suavida-
de apenas. Pouco a
pouco as vacas, os
bezerros cessavam
de berrar. Os Touro
mugiam ainda
e o dialogo do homem
e dos Touro era no
o que havia na fazenda.
Na casa grande todos
pulavam vindo pro
terraceo. Os camaradas
contavam ai cento, e
lá da porta da co-
lônia um arrotava seu-
to pra saber. O aboi
de Olrico Antonio apical
dominava os Touro
tambem. E os beza-
ram de mugir. Encau-
chado no topo do morão
o grito continuava sem-
pre!... Ooooooooo, boi! Queu
boi! Boi Espao mun-
ganguê-eeeeêê, ooooooooo.
Onde é tua moradea
aaah... a voz nozoe
se enrolava, deixava no

Oooooooooooooooooo... boi, dá!

Meu boooooi!...

O canto lento longo
agudissimo perfu-
rava o lamento si-
nistro dos touros e
apesar de forte domi-
nava pela suavida-
de apenas. Pouco a
pouco as vacas, os
bezerros cessaram
de berrar. Os touros
mugiam ainda
e o dialogo do homem
e dos touros era só
o que havia na fazenda.

Na casa grande todos
tinham vindo pro
terra[ç]o. E Os camaradas
escutavam silentes. E
lá das portas da co-
lonia Um brotava gen-
te pra saber. O abôio
de Chico Antonio afinal
dominava os touros
tambem. E só Cessa-
ram de mugir. Escan-
chado no tope do mourão
o moço continuava sem-
pre!... Ooooooooo, boi! Meu
boi! Boi Espaço Mun-
ganguê – eeeeero, ooooooh...
Onde é tua moradiaa
aaaêh... a voz nazal
se enrolava flexivel no

A²: lapso: “terrasso” A: >E<
^os^ camaradas

A²: lapso: “co-/lonia Um
brotava”

A: >E só< Cessaram

(A): boi! ^boi^ Espaço

Olho de Boi 2

espaço como uma lua
flexível. "Deixo da
Pedra Vencedora
junto da pedreira
lanceada da adro
Boi... meu Boi!...
Era a voz armente e
de repente, cabeça vi-
radar pro vulto doira-
do olhando o suculen-
tor. Na vasta cerca
redonda do manguei-
re os camaradas que
trataram o gado se
debruçavam religiosos.
Os touros não mexiam
com o grande olho
de olhando o moço
cantador. Olho autônomo
olhava pra eles e
cantava um prelo. E
todos horrorizados viaam
ele saltar pro man-
gueiro e se aproximar
dos bichos tímidos.
Mas não sucedem na-
da porquê. Olho au-
tônomo acaricio os tou-
ros um por um,
balando bobagem de-
má poder sublime.
de Boi safado», «Bichinhos
que ele dizia. Abriu a

espaço como uma cana
 flexível. “Debaixo da
 Pedra Veeerdeeeeeôh...
 Junto da peeeeeedra
 lacaaaadaaaaôh...
 Boi... meu boi!...
 Era a voz somente e
 trezentas cabeças vi-
 radas pro vulto doira-
 do, olhando o encanta-
 dor. Na vasta cerca
 redonda do manguei-
 ro os camaradas que
 tratavam do gado se
 debruçavam religiosos.
 Os touros não mexiam
 com os grandes olhos
 de olhando o moço
 cantador. Chico Antonio
 olhava pra eles e
 cantou comprido. E
 todos horrorizados viram
 ele saltar pro man-
 gueiro e se aproximar
 dos bichos temíveis.
 Mas não sucedeu na-
 da porê. Chico An-
 tonio acaricio os tou-
 ros um por um,
 falando bobagens du-
 ma poder sublime.
 “Boi safado”, “Bichinho”
 que êle dizia. Abriu a

(A): #o[s]# com os
A: >de< olhando

(A): ^canta^ comprido

A²: lapso: “acaricio[u]”

A: ^du-/ma^ poder

porteira que dava
pronde os touros tinham
que ficar. Tocou-o
pra lá. Os touros fo-
ram, mauros como
bois. O lico Antonio
fez a porteira, tu-
do tão simples, e foi
~~diminuir~~ sem querer
destruindo a vida
inocente que os cama-
radas sentiam pe-
dindo fôrno por es-
tara sem. Não não
pode e perguntou:
- Como é que vão fazer
pra amansar aquela
fera.
- Tão simples.
E saiu pro sol, sentiu
que era hora da boia
e foi pra casa do
Fidélis onde comia.

porteira que dava
 pronde os touros tinham
 que ficar. Tocou-os
 pra lá. Os touros fo-
 ram, mansos como
 bois. Chico Antonio
 fechou a porteira, tu-
 do tão simples, e ~~fe~~
~~desmanxar~~ sem querer
 desmanchou a vida
 imensa que os cama-
 radas sentiam pe-
 dindo fumo por es-
 tava sem. Um não
 poud e perguntou:
 – Como é que você fez
 pra amansar aquelas
 feras.
 – Tão simples.
 E olhou pro Sol, sentiu
 que era hora da boia
 e foi pra casa do
 Faustino onde comia.

A: simples >foi
 #^desmanxar^#< sem

A: você ^faz^

Café (Ritmo psicológico)

Plano [após fev. 1929]; autógrafo a tinta preta, títulos das partes destacados com duplo grifo, intervalo entre as linhas pintado a lápis vermelho; 1 folha arrancada de caderno brochura, papel branco (22,3 x 15,9 cm), pautado; borda esquerda irregular, marcas de oxidação.

Nota da edição: Possivelmente, a folha que contém este planejamento mais esmiuçado das partes do livro pertencia a um caderno em que o escritor lançou rascunhos de trechos da parte inicial do romance, destruídos quando do surgimento da primeira versão em datiloscrito. A sobrevivência deste plano se deve ao fato de tratar de partes do texto ficcional que não chegaram a ser desenvolvidas.

Café' (Ritmo psicológico)

Introdução = Muita gente. Formigamento. Inquietação concreta da vida. O povo.

Dois Irmãos = A família. Lutas de lar. Inquietação concreta do problema do pai que não manda e relações entre parentes.

Geada = O par. Lutas de isolamento de amor. Inquietação do casal.

Batolico = O indivíduo. Lutas de eu. Inquietação egotista e ego-cêntrica, procurando se libertar nas vidas amorosas de todos, por meio de união ao par (relações do Batolico com Carlos e Maria) e família (relações do Batolico com os parentes dele, nova família que entra em cena) ao povo (relações com operários comunistas). Assim todos os elementos sociais vão se encontrando e se unindo para culminar a fusão de tudo no

Final = Muita gente. Formigamento feérico do final. Novo psicológico que introduz e mais brilho de ação, mais vida objetiva. A existência de Chico Antonio apenas dada em toques, leve nos 3 capítulos centrais, e aqui relatada detalhadamente em todos os personagens, ações, diálogos, movimentos sociais (futebol, chopp, operário, camarada, etc.) que a figura mais do que ele próprio.

Café (Ritmo psicologico)

Introdução = Muita gente. Formigamento. Inquietação concreta da vida. O povo.

Duas Irmãs = A família. Lutas de lar. Inquietação concentrada do problema do pai que não manda e relação entre parentes.

Geada = O par. Lutas do isolamento de amor. Inquietação do casal.

Geada = O individuo. Lutas do Eu. Inquietação egotista e egocentrica, procurando se libertar na vida unanime de todos, por meio da união ao par (relações do Catolico com Carlos e Maria) á família (relações do Catolico com os parentes dele, nova família que entra em scena) ao povo (relações com operarios comunistas). Assim todos os elementos sociais vão reentrando em scena pra culminar a fusão de tudo no

Final = Muita gente. Formigamento feerico do final. Menos psicologia que Introdução e mais brilho de ação, mais vida objetiva. A existencia de Chico Antonio apenas dada em toques leves nas 3 partes centrais, é aqui relatada detalhadamente em todos os personagens, ações dispares, movimentos sociais (futeboler, chofêr, operario, camarada, etc.) que a fizeram mais do que êle proprio.

Café/ Início

Plano; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (33,1 x 22,3 cm), borda superior picotada; marcas de oxidação; rasgamento na borda superior.

Nota da edição: Planejamento detalhado da parte inicial de *Café*, anterior à primeira versão conhecida do romance, já que “seu Dotó/ Zé Castro,/ nordestino jornalista” que Chico Antonio encontra em São Paulo, como especifica o plano, torna-se, na versão, Astrogildo Pinto de Brito, o cearense formado em direito que trabalhava em São Paulo como jornalista.

Início Café

I No início apresento Carlos no seu tipo de
peior.
Carlos se instrui porquê reparou que os Estados
Unidos sepeis de se fortificarem (esporte) esta-
nem se fortificando no espírito (ciência, artes,
esforçando por adquirir tradição, inteligência).

II Além o livro a chegada de Chico Antonio cha-
mado por outro nordestino com família e pai
colono se fixou aqui. Que veio a S. Paulo
além gastar dinheiro só pra esperar Chico An-
tonio. Menos ele conta pra até que o Dell'Agua
tinha dito pra ele porque não esperava na fa-
zenda nem gastar com a mãe, mas o Dell-
Agua é um bandido, que tem agora mais
seu ou menos cem milreis! Isso não faz for-
tuna de ninguém não!" Encontram seu Dotó
Zé Castro, nordestino jornalista e etc. Estudam
o tipo desta quando é encontrado pelo, dois
que não tomam café. O outro que tinha o
Café Expresso. Analisar.

Café

Início

I No início apresento Carlos no seu tipo de herói.

Carlos se instrui porquê reparou que os Estados Unidos depois de se fortificarem (esporte) estavam se fortificando no espírito (sciencia, artes, esforçando por adquirir tradição inteligentzia).

II Abre o livro a chegada de Chico Antonio chamado por outro nordestino com família e já colono de fazenda aqui. Que veio a S. Paulo aliás gastar dinheiro só pra esperar Chico Antonio. Mesmo ele conta pra este que o Dell'agua tinha dito porque ele não esperava na fazenda sem gastar com a viagem “mas o Dell'agua é um brocoió” que tem agora mais cem ou menos cem milreis! Isso não faz fortuna de ninguém não!!! Encontram seu Dotó Zé Castro, nordestino jornalista e etc. Estudar o tipo deste quando é encontrado pelos dois que vão tomar café. O sirio que tinha o Café Expresso. Analisar.

2ª fase: 13 jul. 1929 – 7 nov. 1930

- 13 jul. 1929: início, em São Paulo, da 1ª versão conhecida da primeira parte do romance, datiloscrito datado.
- [após 13 jul. 1929]: redação do esboço *Patria-Nova Taxi/ Modernismo*. Destinado inicialmente à coluna “Táxi”, no *Diário Nacional*, o texto é transformado em carta a Tristão de Athayde. Optando por não enviar a carta, o texto torna-se subsídio para, na criação de *Café*, possibilitar que Carlos, em discussão com O Católico, seu amigo, reprove Tristão de Athayde como crítico e que se oponha também à prática dele enquanto seguidor da religião católica, como se depreende da nota de pesquisa e dos 3 esboços abrigados por este documento quando dobrado em quatro.
- [após 13 jul. 1929]: redação de notas de trabalho, numeradas para facilitar a própria consulta. Envolvido pelo romance, o escritor traça notas de pesquisa que remetem a livros de sua biblioteca ou que servem de lembretes fundamentais para o desenvolvimento da criação, por exemplo, o apontamento em uma das notas: “Ler sempre”.
- abr. 1930: publicação de fragmentos do romance *Café* em revistas cariocas: A NEGRADA em *Movimento brasileiro* (a. 2, nº 16) e DOIS SÍRIOS na *Ilustração brasileira* (a. 11, nº 116).
- 28 jul. 1929 – [nov.?] 1930: busca de subsídios para calçar a verossimilhança da ficção em notícias e reportagens extraídas de periódicos, as quais focalizam colônias de imigrantes fixadas na cidade de São Paulo. A busca inclui artigo sobre a necessidade de uma seleção imigratória e questões relacionadas ao café e à crise da exportação do produto. As matrizes do escritor abarcam, inclusive, as cartas que recebe de amigos.
- 7 nov. 1930: término, datado pelo escritor, da 1ª versão conhecida da primeira parte do romance.

C A F É/ (S. Paulo-13-VI-1929)/ INÍCIO

Primeira versão conhecida da primeira parte do romance, datada pelo autor “S. Paulo-13-VI-1929”; datiloscrito original, fita preta; 69 folhas de papel branco (33,1 x 21,6 cm), filigrana, numeradas pelo autor. Marcas de oxidação em todas as folhas; rasgamento na borda direita das folhas 32 e 56; marca de queimado na borda inferior da folha 1. Notas MA: a lápis vermelho: “1ª versão”, na folha 1; a grafite: números entre parênteses destacados por círculo a lápis vermelho, nas páginas 12, 17, 21, 26, 28, 33, 39, 46, 54, 56, 60 e 69, indicando o vínculo com notas de trabalho.

C A F É

(S. Paulo-13-VI-1929)

INÍCIO

Chico Antonio apenas se percebêra um pouco enfarado quando a noite caída não lhe permitira mais enxergar as ^{paisagens} ~~vistas~~ passando. Ficara nesse estado ^{suave} de paciência ~~que~~ que no geral veste os incultos quando estão ca-
ceteados. O corpo dele não procurara reagir olhando os outros viajantes ou desaparecido ^{na} ~~na~~ ^{mal dobrado} ~~na~~ ^{dum} ~~na~~ pensamento. Se mantinha, um bocado maior pe-
la relaxação da vida, nessa intimidade com o ~~habito~~ ^{travagem} vazio em que a pacien-
cia se vegetalisa, inexperiente como Deus.

Mas agora as luzes cantavam lá fora num côro populoso de Chegança, em
fios, aos grupos e uma cidade grande, toda iluminada oferecia ~~pra~~ ^{ao novo} ~~ela~~ nova-
mente o uso do olhar. Toda aquela gente preparando pra descer...

-Faz favor, dona, é São Paulo?

-É.

Chico Antonio se ergueu. Um riso ~~de~~ ^{de} frio brusco enlaçou a cintura
dele, ~~e~~ e ficou dependurado nas mangas curtas e nas calças tão
insuficientes que ~~dele~~ ^{dele} alem dos botinões mostravam um naco de meia. O
^{palete} ~~roupa~~ ^{roupa} quase estourou abotoada. Chico Antonio sacudiu as pernas pra ver si
as calças descendo o deixavam mais folgado ^{mas} ~~que~~ a roupa era apertada de
nascença e as sombras se quebravam nos planos da musculatura, indicando um
corpo de boa proteção.

Então ^{um} O trem parou. Chico Antonio deu ^{um} ~~bruto~~ ^{bruto} dum encontrão nos vizinhos
e caiu na risada. A mulher olhou pra ele com raiva.

-Desculpe, dona, eu ^{estava} ~~estava~~ distraído.

Ficou rindo. A mulher achou que ~~ela~~ ^{ela} fôra de proposito, foi se defender
mas recebeu em cheio uns olhos tão sinceros que sofreu. Chico Antonio conti-
nuava rindo. Era banguela. Faltavam-lhe os quatro dentes da frente no maxi-
lar superior. Isso ^{a princípio} ~~desagaitava~~ ^{um bocado} ~~desagaitava~~ o gosto feminino de o contemplar
porém excitavam a falha uns beijos esbarrados numa permeabilidade conqui-
tadora. Toda a gente já descera e a mulher se sentiu tão sozinha dentro da
honestidade que partiu fugindo, danada com o "semvergonha" ^{fragilima}.

Chico Antonio suspendeu do entremeio dos bancos o baúzinho de lata, ^{erguia} ~~suspendia~~ a trouxa quando os vidros quasi quebraram com as batidas
de fóra: e ~~apesar das janelinhas fechadas:~~

-Eh! Chico Antonio! desce! é aqui!...

C A F É

(S. Paulo – 13-VI-1929)

INÍCIO

1ª versão

Chico Antonio apenas se percebêra um pouco enfarado quando a noite caída não lhe permitira mais enxergar as paisagens passando. Ficara nesse estado suave de paciência ~~Se de cura~~ que no geral veste os incultos quando estão caceteados. O corpo dele não procurara reagir olhando os outros viajantes ou desaparecido na ramagem dum pensamento. Se mantinha, um bocado maior pela relaxação da vida, nessa intimidade com o ~~vácuo~~ vazio em que a paciência se vegetalisa, inexperiente com Deus.

Mas agora as luzes cantavam lá fôra num côro populoso de Chegança, em fios, aos grupos e uma cidade grande, toda iluminada oferecia ~~pra-ê~~ novamente ao moço o uso do olhar. Toda aquela gente preparando pra descer...

– Faz favor, dona, é São Paulo?

– É.

Chico Antonio se ergueu. Um riso ~~brus~~ de frio brusco enlaçou a cintura a dele, ~~desagradável~~ e ficou dependurado nas mangas curtas e nas calças tão insuficientes que ~~pra cima~~ além dos botões mostravam um naco de meia. O paletô quasi estourou abotoado. Chico Antonio sacudiu as pernas pra ver si as calças descendo o deixavam mais folgado mas a roupa era apertada de nascença e as sombras se quebravam nos planos da musculatura, indicando um corpo de boa proteção.

~~Então~~ O trem parou. Chico Antonio deu um bruto dum encontrão nos vizinhos e caiu na risada. A mulher olhou pra êle com raiva.

– Desculpe, dona, tava distraído.

Ficou rindo. A mulher achava que ~~era~~ fôra de proposito, foi se defender mas recebeu em cheio uns olhos tão sinceros que sofreu. Chico Antonio continuava rindo. Era banguela. Faltavam-lhe os quatro dentes da frente no maxilar superior. Isso a princípio desageitava um bocado o gosto feminino de o contemplar porém excitavam a falha uns beiços esbarrados duma permeabilidade conquistadora. Toda a gente já descera e a mulher se sentiu tão sozinha dentro da honestidade que partiu fugindo, danada com o “semvergonha” e fragilima.

Chico Antonio suspendeu do entre meio dos bancos o baúzinho de lata, e ~~estava~~ erguia a trouxa quando os vidros quasi quebraram com as batidas de fôra: ~~e apesar das janelinhas fechadas:~~

– Êh! Chico Antonio! desce! é aqui!...

Os olhos do moço suspenderam a vida de novo, contemplando a figura do velhote fóra. Chico Antonio murmurou suavíssimo:

-Ôh, seu João...

Mas o velhote berrava gesticulado, não ~~sei o que lá~~ ^{se ouvia direito}, "não esqueça os terens", "desça logo!".

-Já vou, sim.

Tirou do porta-maleta ^{caramelos} um canudo comprido fechado nos lados por es-
pelhos. De lata vistosa, "Renda, Priori & Irmão", de Pernambuco. O canudo fez
um ruído chiado de chumbo. Era um ^{ganzá} a que Chico Antonio ligara as pon-
tas com um barbante pra poder carrega-lo a tiracolo. ^{a vista do instrumento} ~~Seu João, absor-~~
^{norma} ~~via~~ o mundo numa gargalhada, ~~a vista do ganzá~~. Chico Antonio sorriu de co-
nivencia. Apertou o baúzinho debaixo do braço, pingou a trouxa dos dedos e
sem pressa foi seguindo de banda entre os bancos num movimento ondulado
de canavial.

Na plataforma seu João o abraçava de todos os lados e tanto que Chi-
co Antonio principiou desapontando.

-É melhor a gente ir-se embora, seu João...

Seu João falava. Respondia às proprias perguntas que eram ^{(por enquanto} apenas um
^{(numa alegria de} pretexto pra exorbitar ^{(pelo} ~~saudades~~ ~~passado sertanejo~~ que o mo-
ço impunha pra ele. Chico Antonio, da altura invulgar que tinha ^{pra} ~~indivi-~~
duo nordestino, descia os olhos sobre o velhinho, sorrindo ~~sempre~~ naquele
desaponto ine^{xi}to em que ficava sempre diante dum afeto.

Seu João era bom. É pra Chico Antonio era um carinho acumulado desde
os tempos em que sem eira nem beira, piassote parido sem mãe nos carnaubais
do Assú, ~~cheiroso de sujeira~~, um dia surgira na ^{praia} ~~beira~~ do açude seridoense,
gasto de experiencia e envilecido pela magrem. Puxava o ganzázinho do bol-
so da calça e depois de várias horas de espantar e acalantar sertanejo
com a precocidade do canto, afinal descansava, ~~tonto do esforço~~
e de cachaça, mas ^{(com} ~~algum~~ brote na barriga e algum cruzado ~~pro~~ ~~que~~ ~~dêsse~~
e viesse. Seu João era casado, morador duma fazenda de algodão. Além de re-
zes, uma filharada na qual tres boiotos na idade do rapsodinho. Teve pena.
Levou mais êsse pra casa e foi numa bondade invisível que Chico Antonio
cantou e trabucou até vinte anos.

Depois a aventura deu pra caminhar depressa e, não querendo casar com
a moça que ^{por acaso} ~~era~~ ~~querer~~, por causa só da mocidade, ^{o cantador} ~~Chico Antonio~~
partira buscando os montes sem folha ^{(monte da} ~~Paraíba~~. Vivera por lá aventuran-
do. A voz dele ^{ganhava} ~~foi~~ ganhando cor e recolheu ^{quantos} ~~salor~~ e ouro de Sol. Vencia fa-

Os olhos do moço suspenderam a vida de novo, contemplando a figura do velhote fóra. Chico Antônio murmurou suavíssimo:

– Ôh, seu João...

Mas o velhote berrava e gesticulado, não se ouvia direito, “não esqueça os terens”, “desça logo!”...

– Já vou, sim.

Tirou do porta-maleta um canudo comprido fechado nos lados por espelhos. De lata vistosa, caramelos “Renda, Priori & Irmão” de Pernambuco. O canudo fez um ruído chiado de chumbo. Era o ganzá a que Chico Antonio ligara as pontas com um barbante pra poder carrega-lo a tiracolo. ~~SPôs-o~~ Seu João, à vista do

[instrumento

sorvia o mundo numa gargalhada, ~~á vista do ganzá~~. Chico Antonio sorriu de conivência. Apertou o bauzinho debaixo do braço, pingou a trouxa dos dedos e sem pressa foi seguindo de banda entre os bancos num movimento ondulado de canavial.

Na plataforma seu João o abraçava de todos os lados e tanto que Chico Antonio principiou desapontando.

– É melhor a gente ir-se embora, seu João...

Seu João falava. Respondia às próprias perguntas que eram por enquanto apenas um pretexto pra exorbitar numa alegria de saudades ~~Salegre-do~~ pelo passado sertanejo que

[o mo-

ço impunha pra êle. Chico Antonio, da altura invulgar que tinha pra individuo nordestino, descia os olhos sobre o velhinho, sorrindo ~~sempre~~ naquele desaponto inexato em que ficava sempre diante dum afeto.

Seu João era bom. E pra Chico Antônio era um carinho acumulado desde os tempos em que sem eira nem beira, piassote parido sem mãe nos carnaubais do Assú, ~~cheiroso de sujeira~~, um dia surgira na praia do açude seridoense, gasto de experiência e envilecido pela magrem. Puxava o ganzázinho do bolso da calça e depois de várias horas de espantar e acalantar sertanejo com a precocidade do canto, afinal descansava, ~~sturtuaveando~~ tonto do esforço e de cachaça, mas com ~~algum~~ brote na barriga e algum cruzado pro ~~Sde~~ que desse e viesse. Seu João era casado, morador duma fazenda de algodão. Além de rezes, uma filharada na qual três boiatsos na idade do rapsodinho. Teve pena. Levou mais êsse pra casa e foi numa bondade invisível que Chico Antonio cantou e trabucou até vinte anos.

Depois a aventura deu pra caminhar depressa e, não querendo casar com a moça que, por acaso, por causa só da mocidade, êle perdera, o cantador partira buscando os montes sem folha do sertão da Paraíba. Vivera por lá aventurando. A voz dele ganhava cor e recolheu quentura e ouro de Sol. Vencia fa-

al nos desafios e Chico Antonio ganhava seu dis-
posição. Teme que partir outra vez e calçou a maldade
de um Pernambuco, de novo na Paraíba e por
fim nos engenhos do Estado natal, onde parou. Parou
porque a ~~Izabel~~ ^{Izabel} era mais forte que ele, e não ca-
minhava seu casar. Chico Antonio, ^{não podendo argumentar mais} o ~~que~~ ^{que} havia de fazer, ca-

Só ali
sou, ~~de~~ pelo quarto ou quinto dia de casamento ~~depois~~ percebeu que agora por-
sua mulher por continuidade e mais uma casa com sustento necessario. Não
imaginou nisso tudo por estas abstrações, porém a consciencia do casamento
lhe pusera na lembrança a imagem de seu João. Sentiu carinho e percebeu que
seu João havia de gostar daquele fim. Subera vagamente, inda nos tempos da
Paraíba, que ~~seu João~~ ^{o velho} andava meio atrapalhado com duas sêcas gêmeas e de-
mais a mais sem os tres filhos moços que tinham partido pro sul. Resolveu
visitar ~~o velho~~ ^o e nas duas horas da noite, ele e Izabel largavam pé na es-
trada, rumo do Seridó.

Pelo meidia do terceiro arranco, aos gritos de "Seu João! seu João" de
Chico Antonio, um homem de nariz meio acurvado, olhos suaves e barbicha ra-
la, imagem de Jesus, surgiu na porta do rancho conhecido. Não havia mais seu
João ali, outro morador, outra familia, seu João fôra ^{al} embora pra São Paulo, e
a sensação de baque ou morte. Na vila sabiam milhor. Chico Antonio e ^{mulher} Izabel
deram um pulo até Parelhas; e Izabel fatigada, ^{já} principiou pesando pro moço
que, á vista da Borborema, teve desejo de saber como era ^o ~~de~~ outro lado de
lá.

Em Parelhas os conhecidos sabiam tudo, e ~~Chico Antonio soube tudo~~. De
primeiro os filhos ~~depois~~ mandaram dinheirama verdadeira, duzentos ^{mil} ~~milreis~~ ^{milhas}. De-
pois chamaram o pai. Ha que tempos ninguem não recebia mais carta, porém o
velho estava prosperando muito, colono da fazenda Santa Eulalia, São Bento
de Araraquara, Estado de São Paulo. Chico Antonio foi comprar um cartão lin-
do, moça mais moço se beijando e algumas pombas. "Estou morando no engenho
Bom-Passar, junto de Penha. Muitas saudades pra todos do João." o dono da
mercearia escreveu pra ele no cartão.

-Grude o sêlo... Não! passe a lingua atrás, tem cola.

Chico Antonio levou tempo, ageitando ^(carinhosamente) bem o sêlo. Depois saiu da agenci-
a, ^{seu} ~~mais~~ feliz. E desta vez em dois arrancos, mais a Izabel que sofria, chegou
em Bom-Passar.

Porém a imagem de partir ficara frequentando os caminhos que ^{Chico Antonio fazia} ~~andava~~
de cá pra lá nos trabalhos soltos do engenho. Ás vezes parava de repente

cil nos desafios e Chico Antônio ganhava sem disposição. Teve que partir outra vez e calejou a vida em Pernambuco, de novo na Paraíba e por fim nos engenhos do Estado natal, onde parou. Parou porquê a Isabel era mais forte que ele, e não ca-
 rinha sem casar. Chico Antonio, não podendo aguentar mais, ca-
 sou. Só ali pelo quarto ou quinto dia de casamento ~~Se que~~ percebeu que agora pos-
 suia mulher por continuidade e mais uma casa com sustento necessário. Não
 imaginou nisso tudo por estas abstrações, porêm a consciencia do casamento
 lhe pusera na lembrança a imagem de seu João. Sentiu carinho e percebeu que
 seu João havia de gostar daquele fim. Subera vagamente, inda nos tempos da
 Paraíba, que o velho andava meio atrapalhado com duas sêcas gemeas e de-
 mais a mais sem os tres filhos moços que tinham partido pro sul. Resolveu
 visita-lo ~~e velho~~ e nas duas horas da noite, ele e Isabel largavam pé na es-
 trada, rumo do Seridó.

Pelo meidia do terceiro arranco, aos gritos de “Seu João! seu João!” de
 Chico Antonio, um homem de nariz meio acurvado, olhos suaves e barbicha ra-
 la, imagem de Jesus, surgiu na porta do rancho conhecido. Não havia mais seu
 João ali, outro morador, outra família, seu João fôra-se embora pra São Paulo, e
 a sensação de baque ou morte. Na vila sabiam melhor. Chico Antonio e mulher
 deram um pulo até Parelhas; e Izabel fatigada, principiou pesando pro moço
 que, á vista da Borborema, teve desejo de saber como era o outro lado de
 lá.

Em Parelhas os conhecidos sabiam tudo. ~~e Chico Antonio soube tudo.~~ De
 primeiro os filhos ~~Spri~~ mandaram dinheirama verdadeira, duzentos mirras. De-
 pois chamaram o pai. Ha que tempos que ninguem não recebia mais carta, porêm o
 velho estava prosperando muito, colono da fazenda Santa Eulalia, São Bento
 de Araraquara, Estado de São Paulo. Chico Antonio foi comprar um cartão lin-
 do, moça mais moço se beijando e algumas pombas. “Estou morando no engenho
 Bom-Passar, junto de Penha. Muitas saudades pra todos do João”, o dono da
 mercearia escreveu pra ele no cartão.

– Grude o sêlo... Não! passe a língua atrás, tem cola.

Chico Antonio levou tempo, ageitando carinhosamente o sêlo. Depois saiu da

[agenci-

a, bem feliz. E desta vez em dois arrancos, mais a Izabel que sofria, chegou
 em Bom Passar.

Porêm a imagem de partir ficara frequentando os caminhos que Chico Antonio fazia
 de cá pra lá nos trabalhos soltos do engenho. Às vezes parava de repente

um desses martelos obsecantes que cantarolava dia inteiro no ~~trabalho~~, sorria. Imagina só ele estourando em Santa Eulalia, São Bento de Araraquara, Estado de São Paulo, que alegria que dava pra seu João! Izabel já lhe desaparecera do sentimento. Não havia Izabel. Não pesava mais. Nunca mais lhe daria aquela sensação desagradável que por causa dela tivera á vista da Borema. Gosava-a toda noite porquê a camarinha ~~pros dois~~ ^{pros dois} era a mesma, vivia de corpo ~~completo~~ ^{completo} sem pensar noutra mulher, porêm isso apenas porquê o corpo estava completado. Era capaz de querer bem mas incapaz de amor. Seria duma fidelidade circular si não tivesse que partir. No momento, ir-se embora pro sul era um desejo, mas na constancia dele era quasi que uma fatalidade física. ^{Q2} A altura desageitada e sem exemplo naquelas terras de vegetação ^{arborescente} ~~arborescente~~ em que até o coqueiro se ageitava recurvo pra andar mais rente do solo, os grandes ventos o empurravam. Era ~~meio~~ meio carcunda e como não sabia gesticular, os braços com as mãos pesadas, ~~pendiam tanto pra frente levando o homem pro chão, que Chico Antonio só se sentia bem quando apoiado no movimento da~~ ^{da} ~~marcha~~ ^{marcha}. Não possuia nem ~~a~~ noção de tempo nem de espaço. Por isso era incapaz de amor ~~o~~ ^o qual ao mesmo tempo que é um contínuo repensar-se, é uma limitação. E também por causa de não perceber tempo e espaço, era dotado duma paciencia chegadeira que na sexualidade o levava até a vitória do touro e nas noites de desafio a respostas duma compridez tão mansa ^{de} que exercia sobre o adversario e todos um poder de encantação. Todo mundo acabava embevecido nele e o rival religiosado ~~cedia~~ ^{cedia}, sentindo esse gosto de ceder que os crentes têm.

Mas era capaz dos afetos mais duradouros. A amizade tem mesmo isso de feliz que ~~não~~ ^{se} completa jamais. Não chega a uma satisfação porquê não tem finalidade. É um ideal ^{agente} que não ~~se~~ acaba nunca feito os dicionários. Depois que o amor ~~realiza~~ ^{realiza}

Mas era capaz dos afetos mais duradouros, das amizades mais sobrias, desde não entrasse uso de pensamento nisso. Tinha raivas. Rarissimas por causa da paciencia. Odio, jamais ~~não~~ ^{não} subera o que é. Na companhia de ^{cangaceiros} ~~bandidos~~, alto sertão de Pernambuco, uma feita um mulatão levou pra casa a amante de ^{Chico Antonio} ~~leu~~. A circunstancia de não carecer disputar uma posse que não desejava ~~ma~~ mais, o impediu de enraivecer. Medo não podia ter e até já cangaceirara um bocado na politicagem de Catolé do Rocha. Mas a vaidade fica sempre espicada com uma coisa dessas. A de Chico Antonio ficou. Quando soube do roubo

um dêses martelos obsecantes que cantarolava dia inteiro ~~no trabalho~~, sorria. Imagina só êle estourando em Santa Eulalia, São Bento de Âraraquara, Estado de São Paulo, que alegria que não dava pra seu João! Izabel já lhe desaparecera dos sentimento. Não havia Izabel. Não pesava mais. Nunca mais lhe daria aquela sensação desagradavel que por causa dela tivera á vista da Borema. Gosava-a toda noite porquê a camarinha ~~Sera-a~~ pros dois era a mesma, vivia de corpo ~~Sequilibrado porquê~~ completo sem pensar noutra mulher, porêisso apenas porquê o corpo estava completado. Era capaz de querer bem mas incapaz de amor. Seria duma fidelidade circular si não tivesse que partir. No momento, ir-se embora pro Sul era um desejo, mas na constancia dele era quasi que uma fatalidade fisica. De altura desageitada e sem exemplo naquelas terras de vegetação arbustiva em que até o coqueiro se ageitava recurvo pra andar mais rente do solo, os grandes ventos o empurravam. Era ~~\$mei\$~~ meio carcunda e como não sabia gesticular, os braços com as mãos pesadas, ~~\$eram uma tendencia tanto pra cair que Chico Antonio buscava o equilibrio \$~~ ~~\$caminhando.\$~~ pendiam tanto pra frente levando o homem pro chão, que Chico Antonio só se sentia bem quando apoiado no movimento da marcha. Não possuia nem noção do tempo nem de espaço. Por isso era incapaz de amor o qual ao mesmo tempo que é contínuo repensar-se, é uma limitação. E tambem por causa de não perceber tempo e espaço, era dotado duma paciencia chegadeira que na sexualidade o levava até a vitória do touro e nas noites de desafio a respostas duma compridez tão mansa que êle exercia sobre o adversario e todos um poder de encantação. Todo mundo acabava embevecido nele e o rival religiosado ~~\$ia cedendo\$~~ cedia, sentindo êsse gôsto em ceder que os crentes têm.

~~Mas era capaz dos afetos mais duradouros. A amizade tem mesmo isso de feliz que não se completa jamais. Não chega a uma satisfação porquê não tem finalidade. É um ideal que a gente não acaba nunca feito os dicionarios. Depois que o amor realiza~~

Mas era capaz dos afetos mais duradouros, das amizades mais sobrias, desde que não entrasse uso de pensamento nisso. Tinha raivas. Rarissimas por causa da paciencia. Odio, jamãis não subera o que é. Na companhia de cangaceiros, alto sertão de Pernambuco, uma feita um mulatão levou pra casa a amante de Chico Antonio. A circunstancia de não carecer disputar uma posse que não desejava ~~ma~~ mais, o impediu de enraivecer. Medo não podia ter e até já cangaceirara um bocado na politicagem de Catolé do Rocha. Mas a vaidade fica sempre espicada com uma coisa dessas. A de Chico Antonio ficou. Quando soube do roubo

acariciou o punhal. Se outro estivesse ali, havia
paleia. Estava longe. Chico Antonio principiou ba-
tendo no canivete a unha curta do polegar, forte-
mente arlada de carne. O ruídozinho das batidas
balanceou o contador. A unha embolava bem
basta tempo. Tiro bastou.

- Vou-me embora daqui, falou riendo pro lin-
guarudo.

Estê veio com desaponto Chico Antonio par-
tir, sem pressa, dizendo adeus pra todos, ganhá
no ombro, naquele passo inclinado com que
mesmo no raro o moço parecia estar subin-
do morro sempre. Comendo estrada por mais
uma vez.

Estava pois já nesse vai-não-vai, desligado de tudo, quando uma carta de
seu João chegou. Trazia carinhos, censuras e a sentença de que enfim a gente
acaba sempre acostumando com o que é bom. Chico Antonio saiu depressa, amar-
rotando no bolso a carta que o outro lêra, saiu por um instinto de defesa,
a carne apertando de ternura. A carta dera pra ele uma presença tão insatis-
fatoria do velhote que Chico Antonio ficara numa comoção vertiginosa. Sen-
tia-se rolar por dentro, o respiro espaçara fatigado e o moço chorou. Chorou
á moda dele: os olhos abriram muito, parados, relumeando metalicamente e uma
sensação líquida de malestar por dentro era essa queda de corpo repentina,
a vida faz silêncio e uma acuidade nova ^{deixa} sentir pelos ossos, visceras, pe-
la parte interior da pele o escorrimento das ^{nada} lágrimas. Andou e a tarde caia
sem tristeza molestada pelo vôo dos morcegos. O terreno se elevava um boca-
do pra entrar na catinga, e na barra do plano inclinado as varzeas principi-
avam, desprestigiadas, canaviais antigamente... Mas o Nordeste era assim: água
de menos, água por demais. Viera uma cheia formidolosa e carreara prás var-
gens mais de metro de areia inutil. O massapé dormira pra sempre debaixo da
camada. Não dava cana mais. Dava guaiamuns prás fritadas, colhidos nos lagoões
maiores, marginados de sapo e lírio roxo.

Andando andando, ^{o moço} ~~Chico Antonio~~ foi se embalando, a agitação foi se acal-
mando e Chico Antonio parou. Estava musicalizado, não sentia nada de novo
mais, ~~mas~~ possuía outra vez daquela paciência cósmica de que ^{que} natureza.
Era uma tarde ^{tarde} caindo sem tristeza. ^{um moço voltou} Voltou pra casa feito uma tarde que cai.
Trocou umas palavras com Izabel, meio sem que fazer. Acariciou o ganzá. Foi com
ele prá porta do rancho. Se pôs a sacudi-lo com invenção esgarçada, pon-
teando. Docemente, num arrasto chiado de chumbo. Ás vezes uma pancada de so-

acariciou o punhal. Se o outro estivesse ali havia peleia. Estava longe. Chico Antonio, cotovelo afincado no muro de pedra, principiou batendo no canino a unha curta do polegar, fortemente orlada de carne. O ruído das batidas balanceou o cantador, a unha embolava bem. ~~bastante tempo~~. Isso bastou.

– Vou-me embora daqui, falou rindo pro linguarudo.

E êste viu com desaponto Chico Antonio partir, sem pressa, dizendo adeus pra todos, ganzá no ombro, naquele passo inclinado com que mesmo no raso, o moço parecia estar subindo morro sempre. Comendo estrada por mais uma vez.

Estava pois já nesse vai-não-vai, desligado de tudo, quando uma carta de seu João chegou. Trazia carinhos, censuras e a sentença de que enfim a gente acaba sempre acostumando com o que é bom. Chico Antonio saiu depressa, amarrando no bolso a carta que o outro lêra, saiu por instinto de defesa, a carne apertando de ternura. A carta dera pra êle uma presença tão insatisfatória do velhote que Chico Antonio ficara numa comoção vertiginosa. Sentia-se rolar por dentro, o respiro espaçara fatigado e o moço chorou. Chorou á moda dele: os olhos abriram muito, parados, relumeando metalicamente e uma sensação líquida de malestar por dentro era essa queda de corpo repentina, o exterior faz silêncio e uma acuidade nova deixa sentir pelos ossos, visceras, pela parte interior da pele o escorrimento da vida. Andou e a tarde caía sem tristeza molestada pelo vôo dos morcegos. O terreno se elevava um bocadinho pra entrar na catinga, e na barra do plano inclinado as varzeas principiavam, desprestigiadas, canaviais antigamente... Mas o Nordeste era assim: água de menos, água por demais. Viera uma cheia formidolosa e carreara prás vargens mais de metro de areia inutil. O massapê dormira pra sempre debaixo da camada. Não dava cana mais. Dava guaiamuns prás fritadas, colhidos nos lagoões maiores, marginados de sapo e lírio roxo.

Andando andando, o moço foi se embalando, a agitação foi se acalmando e Chico Antonio parou. Estava musicalizado, e não sentia nada de novo mais, ~~Estava~~ possuindo outra vez daquela paciência cósmica de que vive a natureza. ~~vivo~~. Era uma tarde caindo sem tristura. O moço voltou pra casa feito uma tarde que cai. Trocou umas palavras com Izabel, meio sem quefazer. Acariciou o ganzá. Foi com êle prá porta do rancho. Se pôs a sacudi-lo com invenção esgarçada, pontando. Docemente, num arrasto chiado de chumbo. Às vezes uma pancada de so-

^{bito}
~~petão~~ forte, quatro, cinco seguidas esboçando um ritmo logo esmaecido no ma-
linconico ^{chico} ~~chico~~. O ganzá estava irregular feito um coração alterado. Isabel
tirou os olhos da costurinha e de repente ficou sem imagens. Lhe deu um pres-
sentimento de nada, não ^{ver} pode mais trabalhar, ficou de boca aberta escutando,
enquanto o escuro entrava nela. Se ergueu feito uma boba, largadamente tris-
te, como si o corpo estivesse doente. Deitou na rede, fechou os olhos pra
dormir.

A noite ^{viera} ~~chica~~ sem ocupação e os nordestinos tinham saído de seus ran-
chos, com desejo de cantar. Si fosse noite de sábado já o mugido de alguma
"chama" estava convidando toda a varzea ^{pro} ~~pra~~ um zambê. Mas o ar passava calmo
e o ruído do vento só trazia a parolagem das conversas e algum brinque-
do de criança. Depois trouxe um chiado mal ouvido. Mas todos se botaram na
escuta. De repente o vento contou, verdadeiras, tres, quatro batidas de ganzá.
Em todos os sentimentos, num raio grande da varzea, ^{a figura do coqueiro} ~~Chico Antonio~~ apareceu.
E todos partiram pra êle, na pancada do ganzá.

Na escuridão Chico Antonio percebeu um vulto chegando. Outros dois, outros.
As mulheres também, principalmente as virgens. Davam boa-noite ~~pra êle~~ e fica-
vam ali esperando. Às vezes uma frase de conversa que afundava na terra sem
que ninguém recolhesse. Um ^{negrinho} ~~negro~~ espigado, muito diferente daqueles atar-
racados tapuias, escrofuloso, com berevas até na alma, preparado ^{outro} ~~pra~~ sacanage
e ^{outro} ~~pra~~ morte, chegou também trazendo a ganzá. ~~dele~~. Chico Antonio tomava posse
de todos numa indiferença inconsciente. ~~dele~~. Mal respondia aos ~~boa-noi-~~
~~tes~~. Outro corista viera também, trazendo um reco precário feito com arame e
capsulas de garrafa de ^{cerveja} ~~guaraná~~. Mas Chico Antonio ^{vivia} ~~estava~~ lá nuns mundos, sem
nada de principiar. Ofereceram pachaça pra êle. Bebeu sem agradecer, já estava
dionisiado. Só a memória do habito fez êle deixar no fundo do copo a gota de
preceito que se joga no chão pra mostrar delicadamente que ~~o copo está la-~~
~~vado~~ e não ficou resto. Quando o calor do álcool se estendeu pelo corpo todo
Chico Antonio pigarreou. ~~Se~~ Se ergueu da porta. Fez aquele gesto de coice
com que sempre imaginava ~~se~~ folgar as calças mais. Isabel como uma asom-
bração feridora apareceu com o candieiro. Dependurou-o num prego da porta.
Se encostou no batente e ficou ali, de pé, escutando, não escutando, nessa in-
diferença muito aceita com que a gente ^{inútil} ~~se~~ sabe ser ^{inútil} ~~degrada~~. Chi-
co Antonio mui alto, entre os dois coristas de bôrra mexeu o ganzá com deci-
são. Saiu o "Meu Baraio". Era monotono e lindissimo. A repetição incangavel-
mente invariavel da linha curta enfraquecia os corpos num descanso largado
e aceitador. ~~E~~ ^{voz} ~~o~~ moço forte e doce, com o timbre tostado pela nasala-

bito forte, quatro, cinco seguidas, esboçando um ritmo logo esmaecido no malinconico chio. O ganzá estava irregular feito um coração alterado. Izabel tirou os olhos da costurinha e de repente ficou sem imagens. Lhe deu um sentimento de nada, não poudé mais trabalhar, ficou de boca aberta escutando, enquanto o escuro entrava nela. Se ergueu feito uma boba, largadamente triste, como si o corpo estivesse doente. Deitou na rede, fechou os olhos pra dormir.

A noite viera sem ocupação e os nordestinos tinham saído de seus ranchos, com desejo de cantar. Si fosse noite de sábado já o mugido de alguma “chama” estava convidando toda a varzea pro zambê. Mas o ar passava calmo e o ruído do vento só trazia a parolagem das conversas e algum brincado de criança. Depois trouxe um chiado mal ouvido. Mas todos se botaram na escuta. De repente o vento contou, verdadeiras, tres, quatro batidas de ganzá. Em todos os sentimentos, num raio grande de varzea, a figura do coqueiro apareceu. E todos partiram pra êle, na pancada do ganzá.

Na escuridão Chico Antonio percebeu um vulto chegando. Outros dois, outros. As mulheres também, principalmente as virgens. Davam boa-noite ~~pra-ê~~ e ficavam ali esperando. Às vezes uma frase de conversa que afundava na terra sem que ninguém recolhesse. Um negrinho espigado, muito diferente daqueles atarracados tapuias, escrofuloso, com berevas até na alma, preparado pra sacanage (sem m) e prá morte, chegou também trazendo outro ganzá. ~~dele~~. Chico Antonio tomava posse de todos numa indiferença inconsciente. ~~de-monarca~~. Mal respondia aos boas-noites. Outro corista viera também, trazendo um reco precário feito com arame e capsulas de garrafa de cerveja. Mas Chico Antonio vivia lá nuns mundos, sem nada de principiar. Ofereceram cachaça pra êle. Bebeu sem agradecer, já estava dionisiado. Só a memória do habito fez êle deixar no fundo do copo a gota de preceito que se joga no chão pra mostrar delicadamente que ~~o copo está lavado~~ e não ficou resto. Quando o calor do álcool se estendeu pelo corpo todo Chico Antonio pigarreou. ~~Se~~ Se ergueu da porta. Fez aquele gesto de coice com que sempre imaginava ~~desceer~~ folgar as calças mais, Izabel como uma assombração feridora apareceu com o candieiro. Dependurou-o num prego da porta. Se encostou no batente e ficou ali, de pé, escutando, não escutando, nessa indiferença muito aceita com que a gente inculta sabe ser infeliz e Chico Antonio mui alto, entre os dois coristas de bôrra mexeu o ganzá com decisão. E Saiu o “Meu Baraio”. Era monotono e lindissimo. A repetição incansavelmente invariável da linha curta enfraquecia os corpos num descanso largado e aceitador. E o moço forte e doce, com a voz tostada pela nasala-

ção, voz fiel, cheiro de terra, ardor de Sol e mel-de-pau satisfatório, Chico Antonio encantava. Todos estavam ^{na intimidade mais} ~~no mais íntimo~~ funcional da vida, ~~se~~ era apenas movimento; e essa força obscura tão despercebida da vida animal se tornava por assim dizer palpável, consciente, ritualizada pelo canto igual.

~~~~~ Durou meia hora talvez. Pouco a pouco o pessoal ^{ignorante} ~~era ignorante~~ parava de repente no ar. Havia uma zona distinta entre a sombra da noite e a luz, uma espécie de limbo estático, nem alegre nem triste, nem vivo nem morto, limbo. Ali ~~as~~ ^{o pessoal} ~~gente~~ ficavam, em torno, uns agachados, outros de-pé. As crianças corriam brincando mais pra longe, deixando todos uma ponta de insatisfação. As moças se diferenciavam enlaçadas aos pares, uma apoia a outra encostada nela: uma havia de ser mãe boa, a outra amante de mais inventos. Dos ouvintes, só a Izabel na porta era ~~~~~ concebida pela luz. Perseverava nela o malestar de presentimento porém não demonstrava nada muito calma. Nem se dava bem conta do presentimento. A única prova de ^{que} ~~sofrimento~~ era a sua visibilidade. Ficara ali manchada pela luz do candieiro, sem buscar na entressombra o recolhimento mais sensível ao som; e os ouvintes tinham mesmo ^{as vezes} ~~que~~ ~~as~~ ~~vezes~~ desviar a atenção do canto pra ver pendurado na porta o corpo de Izabel caindo em sombras até o chão. E era desagradável.

No meio da luz Chico Antonio estava com os respondedores. Principiou tirando o "Jurupaná". Agora andava em círculo. Os respondedores rodavam seguindo-o. Às vezes os tres ficavam a igual distancia um do outro e a ciranda entontecia todos, melhorando a sensação. Todos estavam fixados na terra, em extase primário. Ninguém ~~mais~~ não poderia sair dali. Izabel saiu, não se aguentando mais. Deitou na rede outra vez e nem bem o "Jurupaná" durava um quarto de hora, ~~a~~ ^{pois ela dormia, a agitação diminuía} ~~mulher~~ não existia mais nem pra si mesma, suprimida pelo sono.

Principiou outro coco. De repente, sem razão, sem ele mesmo perceber porquê, quando os respondedores terminaram uma volta do refrão, ~~~~~ ~~~~~~~~~, em vez de seguir na embolada, Chico Antonio tirou um canto novo. Paf-tiu pros agudos, num contratempo audacioso, pausado, a voz pareceu quebrar-se fatalizada nas alturas, os ganzás sem uma hesitação com suas pancadas, chamando. A voz ~~~~~ voltou mas foi pra achar outra saída. Chico Antonio estava numa exaltação prodigiosa. ^{Cessara de rodar.} ~~Parara.~~ Os respondedores pararam atrás dele. ~~Chico Antonio~~ ^{Cessara de bater} ~~Cessara~~ de bater o ritmo com o ganzá ~~dele~~, ^{com o} discursava feito maluco, ~~pra~~ ^{na} ~~escuridão~~, a luz vinha afinal por baixo da aba do chapéu dar olhos pra ele, engolia palavras pra respirar, os respondedores imaginavam que era volta do refrão e o iniciavam, mas no zumbido coral intercadente, ^{coquelho} ~~o~~ ~~meio~~

ção, voz fiel, cheiro de terra, ardor de Sol e mel-de-pau satisfatório, Chico Antonio encantava. Todos estavam na intimidade mais funcional da vida, eram apenas movimento; e essa força obscura tão despercebida da vida animal se tornava por assim dizer palpável, consciente, ritualizada pelo canto igual.

~~\$O canto\$~~ Durou meia hora talvez. Pouco a pouco o pessoal fôra se ageitando pra escutar com mais delícia. A luz ignorante do candieiro ~~era ignorante e~~ parava de repente no ar. Havia uma zona distinta entre a sombra da noite e a luz, uma especie de limbo estatico, nem alegre nem triste, nem vivo nem morto, limbo. Ali o pessoal ficava, em torno, uns agachados, outros de-pé. As crianças corriam brincando mais pra longe, deixando em todos uma ponta de insatisfação. As moças se diferenciavam enlaçadas aos pares, uma apoiava a outra encostada nela: uma havia de ser mãe boa, a outra amante de mais inventos. Dos ouvintes, só a Izabel na porta era ~~\$recoitada\$~~ concebida pela luz. Perseverava nela o malestar de pressentimento porêem não demonstrava nada muito calma. Nem se dava bem conta do pressentimento. A unica prova de que sofria era a sua visibilidade. Ficara ali manchada pela luz do candieiro sem buscar na entressombra o recolhimento mais sensível ao som; e os ouvintes tinham mesmo às vezes que ~~às vezes~~ desviar a atenção do canto pra ver dependurado na porta o corpo de Izabel caindo em sombras até o chão. E era desagradável.

No meio da luz Chico Antonio estava com os respondedores. Principiou tirando o “Jurupanã”. Agora andava em círculo. Os respondedores rodavam seguindo-o. Às vezes os tres ficavam a igual distancia um do outro e a ciranda entontecia a todos, melhorando a sensação. Todos estavam fixados na terra, em extase primario. Ninguém ~~mais~~ não poderia sair dali. Izabel saiu, não se aguentando mais. Deitou na rede outra vez e nem bem o “Jurupanã” durava um quarto de hora, ~~a moça~~ ela dormia, desgraçadíssima, suprimida pelo sono.

Principiou outro coco. De repente, sem razão, sem êle mesmo perceber porquê, quando os respondedores terminaram uma volta do refrão, ~~\$Chico Antonio\$~~ ~~\$tirou um\$~~ em vez de seguir na embolada, Chico Antonio tirou um canto novo. Partiu pros agudos, num contratempo audacioso, pausado, a voz pareceu quebrar-se fatalizada nas alturas, os ganzás sem uma hesitação com suas pancadas, chamando. A voz ~~\$voltou\$~~ voltou mas foi pra achar outra saída. Chico Antonio estava numa exaltação prodigiosa. Cessara de rodar. Os respondedores pararam atrás dele. ~~Chico Antonio~~ Cessara de bater o ritmo com o ganzá ~~dele~~, discursava em sons feito maluco, ~~pra escurza~~, a luz vinha afinal por baixo da aba do chapéu dar olhos pra êle, engulia palavras pra respirar, os respondedores imaginavam que era a volta do refrão e o iniciavam, mas no zumbido coral intercadente, o coqueiro

continuava num texto sem nexos, ajuntando frases-feitas, sobre bois, sobre sertão, amor e trabalhos de engenho, numa lucilação estrelada em que todo o Nordeste se ajuntava com fragor. ^{Oh sabid!} Oh sabia da mata! Simeão! Simeão! Izabel erguera a cabeça, ^{acordada,} na rede e engulia o fragor, Oh sabid da mata! trancelim bateu mancá! Bela mandô me chamá! Chico Antonio confundia com a luz em suor, Oh sabia da mata! Um galo cantou. Izabel chorava sem saber porquê no angulo do braço. Tudo estava simples e porquê faltou uma rima pra êle de repente, Chico Antonio desembestou pra uma enumeração inconcebível de passarinhos noite a fóra. Todos o perdoavam. Chico Antonio podia ser cachaceiro, meio avoadado sempre, Oh sabia da mata! ^{hordam responder} os coristas afinal ~~respondiam~~, os homens iam fecundar suas mulheres essa noite, Chico Antonio não sabia absolutamente mais o que cantava, havia desejos de dançar nos rapazes, Oh sabid da mata! alguns se ergueram, brisou um ventinho com cheiro de podre vindo do brejão, ~~a vida estava ali~~ ~~feito coisa que se pega.~~ Então o canto parou.

Ninguém tinha vontade de música mais. ~~Os rapazes estavam safoadissimos.~~ ^{querer} As crianças chamavam as mãis pra dormir. Passou um burro na galopada fugindo de algum saci. Chegou um sussurro de misterio que inda acendeu mais todos. Boa-noite pra aqui, boa-noite pra acolá, toda a gente ia embora, sem pressa mas com decisão. Só os ^{rapazes} ~~soiteiros~~ paravam guardados na sombra uns mijando, outros caluniando, ^{batavam livremente sapados,} e contando coisas inexactas sobre os patrões, sobre as moças. Tudo era engraçado pra êles e as risadas, os ditos, se espaçando pouco a pouco, ^{enfileciavam} ~~limitavam~~ a escuridão.

Chico Antonio entrou no rancho. Izabel rressonava na camarinha. O moço guardou o ganzá e foi deitar sem pensamento. Dormiu num atimo, estava fatigadissimo.

O dia seguinte Chico Antonio passou triste. Izabel entrou mais no comum, sossegada. Readquirira essa inexistencia desprovida de reação, que era dela e das nossas mulheres no geral. Os homens nos trabalhos, percebendo Chico Antonio tão afastado de tudo perguntavam si êle estava doente mas o moço de verdade não sentia nada e respondia que não, ~~tinha nada.~~ Sorria e todos fidavam convencidos enquanto êle se entregava inda mais atencioso ao que fazer, completando os serviços com uma perfeição pouco dele. Foi assim até a noite cujas primeiras horas passou encostado na porteira do curral com os outros homens, gastando uns trôcos de conversa fiada. Então bateu nele uma vontade de partir pro sul ver seu João. Aquilo foi crescendo e a porteira ficou incomoda. Tudo se tinha decidido naquele instante mesmo e, embora não percebesse, Chico Antonio se tornara ~~conscientemente~~ ordinario. ~~Mas~~ Sabia

continuava num texto sem nexo, ajuntando frases-feitas, sobre bois, sobre sertão, amor e trabalhos de engenho, numa lucilação estrelada em que todo o Nordeste se ajuntava com fragor. “Olê, sabiá! ôh sabiá da mata! Simeão! Simeão!...” Izabel [erguera

a cabeça, acordada, e engulia o fragor, “ôh sabiá da mata! trancelim bateu man-cá! Bela mandô me chamá!” Chico Antonio confundia com a luz em suor, “ôh sabia da mata!” Um galo cantou. Izabel chorava sem saber porquê no angulo do braço. Tudo estava simples e porquê faltou uma rima pra êle de repente, Chico Antonio desembestou pra uma enumeração inconcebível de passarinhos noite a fô-ra. Todos o perdoavam. Chico Antonio podia ser cachaceiro, meio avoadado sempre... “ôh sabiá da mata!” os coristas afinal podiam responder, os homens iam fecundar suas mulheres essa noite, Chico Antonio não sabia absolutamente mais o que cantava, havia desejos de dançar nos rapazes, ôh sabiá da mata! alguns se ergueram, brisou um ventinho com cheiro de podre vindo do brejão, ~~a vida estava ali feito coisa que se pega. Então~~ o canto parou.

Ninguém tinha vontade de música mais. ~~Os rapazes estavam safadíssimos.~~ As crianças menores chamavam as mãis pra dormir. Passou um burro na galopada fugindo de algum sací. Chegou um sussurro de misterio que inda acendeu mais todos. Boa-noite pra aqui, boa-noit[e] pra acolá, toda a gente ia embora, sem pressa mas com decisão. Só os rapazes paravam, guardados na sombra, uns mijando, outros caluniando. Estavam livremente safados, se contando coisas inexatas sobre os patrões, [sobre as mo-

ças. Tudo era engraçado pra êles e as risadas, os ditos, se espaçando pouco a pouco, envileciam a escuridão.

Chico Antônio entrou no rancho. Izabel ressonava na camarinha. O moço guardou o ganzá e foi deitar sem pensamento. Dormiu num atimo, estava fatigadíssimo.

O dia seguinte Chico Antonio passou triste. Izabel entrou mais no comum, sossegada. Readquirira essa inexistencia desprovida de reação, que era dela e das nossas mulheres no geral. Os homens nos trabalhos, percebendo Chico Antonio tão afastado de tudo perguntaram si êle estava doente mas o moço de verdade não sentia nada e respondia que não ~~tinha nada~~. Sorria e todos ficavam convencidos enquanto êle se entregava inda mais atencioso ao que fazer, completando os serviços com uma perfeição pouco dele. Foi assim até a noite cujas primeiras horas passou encostado na porteira do curral com os outros homens, gastando uns trôcos de conversa fiada. Então bateu nele uma vontade de partir pro sul ver seu João. Aquilo foi crescendo e a porteira ficou incomoda. Tudo se tinha decidido naquele instante mesmo e, embora não percebesse, Chico Antonio se tornara ~~conscientemente~~ ordinario. Mas Sabia

-Já ##### dei boa-noite pra todos...

Chico Antonio ~~conseguiu entrar~~^{entrou} no rancho sem fazer bulha. Não quis ~~en-~~^{entrar}

~~ter~~ na camarinha tirar umas roupas, Izabel estava dormindo, ia-se embora as-
 sim mesmo!... Na gaveta da mesinha havia a carteira com os cobres do mês. Po-
 a carteira no bolso, pegou o ganzá e partiu. Percebeu fóra umas roupas no va-
 ral. Se aproximou pra ver si tinha alguma dele. Tinha ^a ~~de~~ ^{umpleta} muda ^{completa} justamente. Fez
 com um lenço da mulher uma trouxinha, ^e foi embora. Quando dobrou ^o caminho do
^{travessa na estrada} ~~onde~~ deixou que os passos ressoassem ~~de cima~~ ^{verdade a'} montado.

Uberaba estava em feira e muita animação. Chico Antonio meio que esqueceu o destino. Se ligara com uns italianos, era muito palavriado alto, muita "porca la miseria!" numa fala que ele não entendia mais bem e o grupo o entontecia com prazer. Era só assuntos de ganhar dinheiro, e mais casa de jôgo, paradas de cem milreis que o assombravam. Ia haver umas corridas de cavalo. Schiavone tinha um cardão rijo, corredor bom pra distancia pequena. A italianada se assanhara principalmente por causa da garganta do "su doto-re" Luis, que não era doutor ^{pela} ~~nada~~ mas filho rico passeando ~~na~~ cidade no meio-sangue inglês que ia ganhar o pareo importante. Chico Antonio acariciou o cardão, pesando a mão na crina do animal. O cavalo era inteiro e virou zan-

que ~~/ia embo/~~ ia-se embora fugindo. Mas estabanou-se pra acabar com a conversa e partir. Foi dando a mão pra todos, fôra de costume, e na voz dele havia um carinho novo. Sorria naquele sempre desaponto em que ficava nos afetos. Teve um instante em que parou no meio da roda. Quasi que contava tudo. Ficou atrapalhado, todos olhavam pra êle e estava decidido a não contar. Inventou:

– Já ~~\$disse adeus pra todos\$~~ dei boas-noite pra todos...

Não era nem pergunta nem resposta. Era a comoção contando tudo. Saiu rápido. Também os outros logo foram embora pra casa. Não tinham posto reparo em nada porêem a conversa ficara tão só aquela noite, tiveram precisão de que[-] brar com o espanto desagradavel que estava no meio deles.

Chico Antonio ~~entrou~~ penetrou no rancho sem fazer bulha. Não quis entrar na camarinha tirar umas roupas, Izabel estava dormindo, ia-se embora assim mesmo!... Na gaveta da mesinha havia a carteira com os cobres do mês. Pos a carteira no bolso, pegou o ganzá e partiu. Percebeu fôra umas roupas no varal. Se aproximou pra ver si tinha alguma dele. Tinha a muda completa justamente. Fez com um lenço da mulher uma trouxinha, e foi-se embora. E quando dobrou o caminho do rancho na estrada, deixou que os passos ressoassem ~~com a verdade~~ á vontade.

X De acaso em acaso, de biscate em biscate, afinal subiu o São Francisco e continuando meio á tonta nas estradas apontadas a dedo pelos caipiras, foi parar em Uberaba. O ganzá dele cessara gradativamente as pancadas de cantoria e desde os altos de Minas não tivera mais função, ~~mudissimo~~, levado a tiracolo. Mas Chico Antonio nem pensava mais nele, inteiramente imerso na ~~av~~ aventura das estradas. E principalmente na vontade de chegar. Às vezes mesmo a vontade era tamanha que percebendo umas primeiras casas de vila nalgum longe, sabia que era São José disto ou Santo Antonio daquilo porêem por dentro as vozes do desejo firmavam “São Paulo!” e o passo apressava sem querer, batendo na terra. ~~mais~~.

Uberaba estava em feira e muita animação. Chico Antonio meio que esqueceu o destino. Se ligara com uns italianos, era muito palavriado alto, muita “porca la miseria!” numa fala que êle não entendia mais bem e o grupo o entontecia com prazer. Era só assuntos de ganhar dinheiro, e mais casa de jogo, paradas de cem milreis que o assombravam. Ia haver umas corridas de cavalo. O Schiavone tinha um cardão rijo, corredor bom pra distancia pequena. A italianada se assanhara principalmente por causa da garganta do “su doto-re” Luis, que não era doutor ~~nada~~ mas filho rico passeando pela cidade no meio-sangue inglês que ia ganhar o pareo importante. Chico Antonio acariciou o cardão, pesando a mão na crina do animal. O cavalo era inteiro e virou zan-

gado pra êle ~~mas~~ O moço fez um som com a língua, meio mandador mas bem doce. O cavalo sacudiu a cabeça e chegou o lombo. Chico Antonio estava aluado. Sentia vontade de experimentar o animal, de correr nele e ganhar do outro cavalo. ~~que ainda não vira.~~ A mão dele escorria pesada no pelame, ~~\$foseo\$~~ quase empurrando que o animal teve que mudar passo e firmar bem. Sentia cocegas e estremecia inquietando as moscas, porém imóvel recebendo as carícias com prazer visível. Chico Antonio alisava o rabo dele. Os italianos recuaram ~~\$ser\$~~ por instinto como si o coice os alcançasse, era ~~um~~ animal coiceiro. Avisaram assustados. Chico Antonio nem riu. O cavalo estava inquieto, virou pra ver, curvou a pata. Chico Antonio repetiu o som com a língua, desembaraçou os cabelos presos no rabicho e não sucedia nada, nem um coice! Os italianos estavam pasmos. Quando o arranjo ficou pronto, Chico Antonio satisfeito deu uma palma da grande na anca do animal. Isso o cardão saltou de banda, ~~e-se~~ ergueu as mãos assustado. ~~/Deu um relincho que cortou a tarde/~~ Cortou a manhã com um relincho, ôlho de fogo desconfiando ~~e moço.~~ Chico Antonio avançava pra êle, sorrindo umas palavras de camaradagem. Fizeram as pazes logo e o cardão vendo a camisa sempre desabotoada, enfiou o focinho ali, ficou mais dum minuto cheirando o corpo do homem. Estavam ambos numa ternura simples e conversavam com apalpos. Chico Antonio se virou pra responder ao Schiavone perguntando si êle montava bem.

– Monto, nhor-sim.

O cardão encostou o osso da testa no lombo do moço. O Schiavone já queria entrar em combinação porquê só sabia mesmo estragar animal. Si Chico Antonio quisesse correr ~~no animal,~~ ganhando, recebia duzentos milreis. Mas no momento o que Chico Antonio queria era nem si sabe certo si satisfazer-se ou satisfazer ao animal, queria montar um pouco. Pediu pra experimentar. ~~primeiro~~

Endireitou melhor a sela gaúcha, desapertou um bocado a barrigueira, não se conteve: tirou o rabicho. O cavalo escarvava impaciente. Quis sair no trote largo quando sentiu o moço em cima. Chico Antonio o prendeu. Alisou gosado o pescoço do bicho, ageitou o corpo e de sopetão abriu os braços, largou redea, raspou a virilha do cardão com o calcanhar, deu um uivo de muita alegria, partiu numa disparada maluca pela rua grande. Desapareceu no longe. Os italianos ficaram receiosos, não explicando aquilo. A galopada chamara gente nas portas. Passou nos italianos a ideia de que Chico Antonio fugira com o animal e o Schiavone insultou Deus. Mas era desconhecer Chico Antonio, então no momento, ingenuisado pelo contacto do animal estupendo. Dez minutos de-

cavalo e cavaleiro 11 (com firmeza) (Tornear, dar puxões na redea) (11)
pois ~~os~~ ^{os} voltaram numa ~~cama~~ ^{cama} da ~~gama~~ ^{gama} arpa ~~chafa~~ ^{chafa} to-
ra pra' rua, ~~o~~ ^o cavalo a ~~parar~~ ^{parar} ~~surtegando~~ ^{surtegando} com inq-
uição, ~~Chico Antonio~~ ^{Chico Antonio} muito ~~serio~~ ^{serio} ~~acalmando~~ ^{acalmando} ~~ele~~ ^{o bicho}.

Estava mesmo tão sereno nos gestos que o Schiavone,
me, entrando atrás dele na cocheira, logo, gabarola,
sentindo-se o cavalo magnífico, nem teve coragem
pra perguntar si Chico Antonio aceitava a propos-
ta. Foi perdendo a fala, não compreendendo a que-
le moço tão sério, tão simples depois de uma fa-
ganha daquelas. Chico Antonio enxugava o car-
dão desbarreado. O italiano teve uma explosão
de carinho. Foi buscar milho, muito milho.

- É demais.

É ficou olhando o cavalo comer enquanto o
Schiavone ~~de~~ ^{de} ~~para~~ ^{para} ~~portado~~ ^{portado} ia guardar o resto do
milho. Quando ~~Chico Antonio~~ ^{Chico Antonio} saiu fora, os italianos estavam
mudos, esperando.

- Aceito sua proposta, seu Schiavone.
Foram todos beber.

A notícia correu fácil com as pabulagens dos italianos e principalmen-
te a carreira maluca pela cidade. A impaciência do misterio informava coi-
sas temíveis, que o moço era um gaúcho, que ninguém andava a cavalo que nem
êle e era jóquei de profissão vindo do Rio. Enfim se tinha como certo que "o
mangalarga vencia o inglês". Esse era o geito que os letrados achavam pra com-
pensar o patriotismo contundido ~~com~~ ^{pela} antipatia embandeirada do Schiavone.
Seu doutor Luis andou indagando, teve raiva por dentro e ficou macambusio.
Quis, ~~pelo menos~~ ^{muito tímido}, ver o moço porém Chico Antonio passara quasi a viver com o
cardão. Estava distraídissimo da vida. Se esquecera de tudo. ~~Esperava~~ ^{Esperava} como si a corrida de domingo, seis dias depois, fosse naquela hora
mesma. Ficava na porta da cocheira, olhando as galinhas do pátio, de cocoras,
sempre pensando. Ou entrava. Punha os cotovelos pra trás no côcho, encostando
comodo, examinando ~~o~~ ^o cardão, conversando com êle, essas frases pu-
eris fáceis de animal compreender. Era entorpecente e o cardão vinha, lambia
a cara do ~~cardão~~ ^{amigo}, punha o pescoço no ombro ~~do companheiro~~ ^{do companheiro} e ficava assim
momento longo. Chico Antonio erguia a boca e bem na orelha imóvel do cartão
continuava ~~o~~ ^o falando coisas, chamando o amigo de "bichinho".

- Dê a mão, bichinho.

O cavalo não entendia direito e ficava inquieto percebendo bem que ~~o~~
era pedido.

pois cavalo e cavaleiro voltavam numa camaradagem espalhafato-sa prá rua, cavalo a passo, fumegando com inquietação, Chico Antonio muito serio tironeando com firmeza, acalmando o bicho.

Estava mesmo tão severo nos gestos que o Schiavone, entrando atrás dele na cocheira, loquaz, gabarola, sentindo-se o cavalo magnifico, nem teve coragem pra perguntar si Chico Antonio aceitava a proposta. Foi perdendo a fala, não compreendendo aquele moço tão serio, tão simples depois duma façanha daquelas. Chico Antonio enxugava o cardão desarreiado. O italiano teve uma explosão de carinho. Foi buscar milho, muito milho.

– É demais.

E ficou olhando o cavalo comer enquanto o Schiavone desapontado ia guardar o resto do milho. Quando Chico Antonio saiu fóra, os italianos estavam mudos, esperando.

– Aceito sua proposta, seu Schiavone.

Foram todos beber.

A notícia correu facil com as pabulagens dos italianos e principalmente a carreira maluca pela cidade. A impaciencia do misterio informava coisas temiveis, que o moço era um gaúcho, que ninguem andava a cavalo que nem êle e era jóquei de profissão vindo do Rio. Enfim se tinha como certo que “o mangalarga vencia o inglês”. Esse era o geito que os letrados achavam pra compensar o patriotismo contundido pela antipatia embandeirada do Schiavone. Seu doutor Luis andou indagando, teve raiva por dentro e ficou macambusio. Quis, meio timido, ver o moço porêr Chico Antonio passara quasi a viver com o ~~Seu~~ ~~cavalo~~ cardão. Estava distraidissimo da vida. Se esquecera de tudo. ~~Estava~~ Esperava como si a corrida de domingo, seis dias depois, fosse naquela hora mesmo. Ficava na porta da cocheira, olhando as galinhas do pateo, de cocoras, sem pensamento. Ou entrava. Punha os cotovelos pra trás no côcho, encostando comodo, examinando ~~o~~ ~~cardão~~ ~~o~~ ~~cardão~~, conversando com êle, essas frases pueris faceis de animal compreender. Era entorpecente e o cardão vinha, ~~lambia~~ ~~a cara do amigo~~, punha o pescoço no ombro do companheiro e ficava assim momento longo. Chico Antonio erguia a boca e bem na orelha imovel do car[d]ão continuava ~~se~~ falando coisas, chamando o amigo de “bichinho”.

– Dê a mão, bichinho.

O cavalo não entendia direito e ficava inquieto percebendo bem que ~~er~~ era pedido.

-Dê a mão, ~~esses~~ vam' !

O cavalo mexia incomodado. Tirava a cara do apêio, olhava pro companheiro sorrindo, fazia um carinho, pensava que o outro estava satisfeito e voltava prá posição.

-Dê a mão, bichinho.

E estendeu a em cujo ombro o animal se apoiava. O animal deu a mão.

O Schiavone estava muito inspirado por tudo e queria que Chico Antonio fosse treinar o cardão na pista, como seu doutor Luis fizera. Os cinemas também faziam isso. No fundo era um receio que viera no meio das tantas vitórias que já pabulara por aí. Chico Antonio estava certo mesmo de fazer o cavalo andar todos os dias porém correr sozinho numa pista isso parecia inconcebível pra ele. Afinal cedeu.

Foram pra lá no dia seguinte com a italianada e uns moleques. Sem puxar, o cardão bateu por mais de cinco segundos o galope sabido do inglês. O Schiavone criou alma nova. Perguntava si Chico Antonio não carecia de nada e de tarde passeou o estranho por todos os cafés frequentados. ~~de Uberaba.~~ (22) Chico Antonio se deixou fazer um sucesso despercebido, respondendo pra todos com bondade mas fatigadissimo.

As apostas cresciam com a rivalidade que já estava degenerando em malquerença. Toda a gente apostava. O Schiavone não se compreendia mais a si mesmo, tinha seis contos empenhados, ele que nunca jogava e penara pra enriquecer. ^{Sofria} ~~esses~~ ^{Surpresa} ~~surpresas~~ chocantes quando a ideia de seis contos ^{batia} na cabeça ^{como} ~~como~~ ^{um} ~~um~~ ^{trompaço}. Vinha um frio por dentro e dava umas gargalhadas amarelas que deixava os mineiros muito desconfiados. Afinal o Schiavone achou um jeito de sossegar. Os seis contos eram um saluto a Mussolini, o grande Duce que então enchia os jornais e "libertara" a Italia. Si perdesse não fazia mal, era um saluto. ~~E~~ ^o Schiavone tinha certeza de ganhar.

Na ^{sexta} ~~quinta~~-feira durante o dia ~~esses~~ um negrinho desconhecido veio falar pra Chico Antonio segui-lo que queriam conversar com ele. Chico Antonio foi, sem imaginar. Os dois deixaram as ultimas chabras e depois dum bom estirão, tomaram por uma especie de picada sem utilidade num caponete ralo. Do outro lado na entrada dum campo estava um moço direito. Junto dele pastava um cavalo maravilhoso, cor-de-chumbo. Mas Chico Antonio estava vivendo pro moço ~~e~~, nem pôs reparo no animal.

Luis perdera o princípio da intenção, não sabia começar. Afinal disse não sabendo o que ia tirar da frase:

-Você monta a cavalo?

– Dê a mão, ~~\$vamos\$~~ vam’!

O cavalo mexia incomodado. Tirava a cara do apôio, olhava pro companheiro sorrindo, fazia um carinho, pensava que o outro estava satisfeito e voltava prá posição.

– Dê a mão, bichinho.

E estendeu a em cujo ombro o animal se apoiava. O animal deu a mão.

O Schiavone estava muito inspirado por tudo e queria que Chico Antonio fosse treinar o cardão na pista, como seu doutor Luis fizera. Os cinemas também faziam isso. No fundo era um receio que viera no meio das tantas vitórias que já pabulara por aí. Chico Antonio estava certo mesmo de fazer o cavalo andar todos os dias porêem correr sozinho numa pista isso parecia inconcebível pra êle. Afinal cedeu.

Foram pra lá no dia seguinte com a italianada e uns moleques. Sem puxar, o cardão bateu por mais de cinco segundos o galope sabido do inglês. O Schiavone criou alma nova. Perguntava si Chico Antonio não carecia de nada e de-tarde passeou o estranho por todos os cafês frequentados. ~~de Uberaba.~~ (22) Chico Antonio se deixou fazer um sucesso despercebido, respondendo pra todos com bondade mas fatigadissimo.

As apostas cresciam com a rivalidade que já estava degenerando em malquerença. Toda a gente apostava. O Schiavone não se compreendia mais a si mesmo, tinha seis contos empenhados, êle que nunca jogava e penara pra enriquecer. Sofria surpresas chocantes quando a idea de seis contos lhe batia na cabeça mesmo que um trompaço. Vinha um frio por dentro e dava umas gargalhadas amarelas que deixavam os mineiros muito desconfiados. Afinal o Schiavone achou um geito de sossegar. Os seis contos eram um saluto a Mussolini, o grande Duce que então enchia os jornais e “libertara” a Italia. Si perdesse não fazia mal, era um saluto. E o Schiavone tinha certeza de ganhar.

Na sexta-feira durante o dia ~~\$Chico-A\$~~ um negrinho desconhecido veio falar pra Chico Antonio segui-lo que queriam conversar com êle. Chico Antonio foi, sem imaginar. Os dois deixaram as ultimas chacras e depois dum bom estirão, tomaram por uma especie de picada sem utilidade num caponete ralo. Do outro lado na entrada dum campo estav[a] um moço direito. Junto dele pastava um cavalo maravilhoso, cor-de-chumbo. Mas Chico Antonio estava vivendo pro moço e, nem pôs reparo no animal.

Luis perdera o princípio da intenção, não sabia começar. Afinal disse não sabendo o que ia tirar da frase:

– Você monta a cavalo?

-Monte, nhor sim.

Era melhor falar duma vez! E Luis propôs a Chico Antonio montar o cavalo dele no pareo. Si ~~§~~ era questão de dinheiro estava ali, um conto de ~~\$\$\$~~ réis. Chico Antonio ficou meio bobo. Inda não vira um conto de réis. Não duvidou daquelas notas grandes, tão lindas. Era um conto de réis! ~~Era impossível pra ele duvidar de tanto dinheiro.~~ Os olhos dele não viam nada mais. Sentia um despencar de muitas sensações por dentro. *Triplurou!*

-Seu doutor me desculpe, ~~mas~~ eu vou montar o cardão.

mas falou mole, já traindo porquê havia de ficar com o conto de réis. Vinha nele aquela simplicidade com que nos brinquedos do nordeste, viciados pela tradição das Janeiras portuguesas, os cantadores perdem toda vergonha de pedir si alguém que os ~~ouve~~ *ouve* tem de seu. Ficava com o conto de réis mas estava insuportavelmente triste. Não porquê traisse. Não traia nada. Só percebia a que não montava mais no cardão. Se desolava num quebra de esperança. O cardão era filho dele, era carne da carne dele, estava certo de levar o cardão prá vitória. Vitória do cardão. Não era que ele, Chico Antonio, ficasse orgulhoso de vencer. Quem vencia era só o cardão. Que coisa grande o cardão vencer do ingréis!...

Olhou ~~o~~ animal. Teve a surpresa agradável que dão as coisas excelentes. O cor-de-chumbo rompia ~~o~~ *o* capim numa linha tão fina que por si já era veloz. ~~Era~~ *Talvez* muito delicado pro costume de Chico Antonio, *o inglês* não dava pra ele essa comodidade familiar das formas redondas que ~~ele~~ *ele* conhecia mais. ~~Chico Antonio~~ *Se* ~~aproximou do animal,~~ *aproximou* ~~respeitoso, meio receioso, como quando~~ *respeitoso, meio receioso, como quando* aproximava de gente letrada. Estava deslumbrado. Nunca vira um cavalo tão admirável, irradiava luz. *Nem se devia tocar, ~~de~~ *proximo* de Deus. Chico Antonio ~~via~~ *via* ~~o~~ *o* dinheiro, *esquecera* o cardão.*

Quando Luis veio insistir, Chico Antonio ~~se~~ *se* ~~possuiu novamente.~~ *possuiu novamente.* Passou de leve ãa mão ~~sem contacto no pescoço do~~ *animal.* ~~o~~ *o* cavalo recuou assanhado num primeiro contragolpe de relações. Isso deu tempo pro moço voltar a si, desistiu de continuar a domaçaõ pensando no conto de réis.

-Seu doutor Luis...mas como é! Eu não monto no seu cavalo não!...O senhor monta bem que eu sei...

Falava aos arrancos, não descobria geito. Acabou aceitando. Partiu ~~fugitivo,~~ *fugitivo,* ~~de~~ *de* ~~socando as notas no bolsinho do paletó.~~ *socando as notas no bolsinho do paletó.* Os olhos estavam vivos piscando, numa alegria poderosa. Decidido. No íntimo achando bobamente uma graça que o fazia sorrir, muito sozinho, num ~~passo~~ *passo* ~~agapado~~ *agapado*

– Monto, nhor sim.

Era melhor falar duma vez! E Luis propôs a Chico Antonio montar o cavalo dele no pareo. Si era questão de dinheiro estava ali, um conto de ~~\$reis\$~~ réis. Chico Antonio ficou meio bobo. Inda não vira um conto de réis. Não duvidou daquelas notas grandes, tão lindas. Era um conto de réis! ~~Era impossível pra êle duvidar de tanto dinheiro.~~ Os olhos dele não viam nada mais. Sentia um despencar de muitas sensações por dentro. Implorou:

– Seu doutor me desculpe, ~~mas~~ eu vou montar o cardão.

Mas falou mole, já traindo porque havia de ficar com o conto de réis. Vinha nele aquela simplicidade com que nos brinquedos do nordeste, viciados pela tradição das Janeiras portuguesas, os cantadores perdem toda vergonha de pedir si alguém que os ~~\$escuta\$~~ ouve tem de seu. Ficava com o conto de réis mas estava insuportavelmente triste. Não porquê traisse. Não traia nada. Só percebia que não montava mais no cardão. Se desolava numa quebra de esperança. O cardão era filho dele, era carne da carne dele, estava certo de levar o cardão prá vitória. Vitória do cardão. Não era que êle, Chico Antônio, ficasse orgulhoso de vencer. Quem vencia era só o cardão. Que coisa grande o cardão vencer o ingrêis!...

Olhou o animal. Teve a surpresa agradável que dão as coisas excelentes. O cor-de-chumbo rompia ~~\$a gr\$~~ o capim numa linha tão fina que por si já era veloz. ~~Era~~ Talvez muito delicado pro costume de Chico Antonio, o inglês não dava pra êle essa comodidade familiar das formas redondas que ~~ê~~le conhecia mais. ~~Chico Antonio~~ Se aproximou ~~do animal~~, respeitoso, meio receioso, como quando aproximava de gente letrada. Estava deslumbrado. Nunca vira um cavalo tão admirável, irradiando luz. Nem se devia tocar, proximo de Deus. ~~Chico Antonio o moço~~ Estava adorando. Esquecera o dinheiro, e esquecera o cardão.

Quando Luis veio insistir, Chico Antonio estremeceu. Passou de leve ãa mão ~~\$pouco de pos\$~~ sem contacto no pescoço do animal. O cavalo recuou assanhado num primeiro contragolpe de relações. Isso deu tempo pro moço voltar a si, desistiu de continuar a domaçaõ pensando no conto de réis.

– Seu doutor Luis... mas como é! Eu não monto no seu cavalo não!... O senhor monta bem que eu sei...

Falava aos arrancos, não descobria geito. Acabou aceitando. Partiu fugitivo, ~~\$ajeitando as notas dobradinhas\$~~ socando as notas no bolsinho do paletó. Os olhos estavam vivos piscando, numa alegria poderosa. Decidido. No íntimo achando bobamente uma graça que o fazia sorrir, muito sozinho, num “agalopado”

ritmando o passo com estrondo, conto de réis, conto de réis, conto de réis...

Chegou estabonado pro Schiavone.

-Não monto mais no seu cavalo não.

Tomara um ar de liberdade, de igual pra igual que o italiano desconhecia inteiramente. Inda ficou mais surpreendido com isso. Chico Antonio estava espigado, fortíssimo, com os músculos ^{retesados} na frente dele. Enganou cariciosamente:

-Mas...porquê!

-Monto o cavalo de seu doutor Luis que é melhor.

Então o Schiavone ficou desesperado. Perdeu medo e se botou xingando o outro com todas as ofensas. Chico Antonio sorria, muito lerdo, achando graça no movimento do italiano. De repente teve raiva. Pegou só no ombro do Schiavone que teve de recuar tres passos.

-~~Ora~~, ^{merda} ~~cala~~ a boca, seu ^{merdinha}, que sinão te bato!

O Schiavone se ^{chegando} retirou e a duas ou tres pessoas que assintiam á scena se aproximaram do moço pra saber. Chico Antonio estava tão integrado na ^{raiva} ~~raivinha~~ que nem reparou nelas. Partiu da comoção pra um gesto costumeiro: dirigiu-se prá cocheira do cardão. A meio caminho se lembrou que não tinha mais nada que ver com o cardão. O passo apenas pareceu que tropeçava no ar, Chico Antonio continuou ^{o caminho} ~~na direção~~. Estava ali na frente dele um cardão distante, já gasto e meio desaparecido nas sombras da tarde e do conto de réis. O cavalo veio pra ele mas o moço acariciou apenas por costume, pondo a mão na venta do animal. Vinha dali um sôpro quente de respiro, humidecendo a pele do homem. Chico Antonio foi se alargando, se sentindo muito grandioso e tristonho como si ^{uma} ~~a~~ tarde caísse dentro dele também. Não era tristeza que sentia mas uma vagueza indisciplinada, ^{esse} não-ser malestareto em que ficava, sempre ~~que~~ ^{que} interrompia em caminho algum designio ocupador. Olhou pro animal bem nos olhos. Apertou suave o ^{narinas do animal.} ~~focinho~~.

-Então? vai ~~perder~~ a corrida, hum? bichinho...

O animal se enganou pensando que era carícia e sacudiu ^{pro ar} ~~todo~~, garboso. O gesto foi eficaz e trouxe ^{para} ~~prás~~ vizinhanças de Chico Antonio a imagem generosa do animal. Demais a mais, a frase dita lhe fixara no pensamento a ideia do ^{cardão} ~~cardão~~ perder. Ficou tão incompatibilizado que tomou o recurso de sempre: ^{comum descrepito irrespiravel} ~~marchar~~. Foi andando, insensivelmente refazendo a caminhada até entrar ~~no~~ ^{linha} ~~no~~ caponete. Não levava nenhuma intenção conhecível mas ~~coxa~~ o corpo imaginando em verdades contraditorias. ^{ficava} ~~Fazia~~ caminho e refazia ~~o~~ ^o mesmo caminho sem querer. O importante era caminhar. Não era possível ~~que~~ ^{ficava impossível} ~~que~~ por-

ritmando o passo com estrondo, conto de réis, conto de réis, conto de réis...

Chegou estabonado pro Schiavone.

– Não monto mais no seu cavalo não.

Tomara um ar de liberdade, de igual pra igual que o italiano desconhecia inteiramente. Inda ficou mais surpreendido com isso. Chico Antonio estava espigado, fortissimo, com os musculos retesos na frente dele. Enganou cariciosamente:

– Mas... porquê!

– Monto o cavalo de seu doutor Luis que é melhor.

Então o Schiavone ficou desesperado. Perdeu medo e se botou xingando o outro com todas as ofensas. Chico Antonio sorria, muito lerdo, achando graça no movimento do italiano. De repente teve raiva. Pegou só no ombro do Schiavone que teve de recuar tres passos.

– ~~Ola~~, Cala a boca, seu merda, que sinão te bato!

O Schiavone se retirou chorando e a[s] duas ou tres pessoas que assistiam á scena se aproximaram do moço pra saber. Chico Antonio estava tão integrado na raiva que nem reparou nelas. Partiu da comoção pra um gesto costumeiro: dirigiu-se prá cocheira do cardão. A meio caminho se lembrou que não tinha mais nada que ver com o cardão. O passo apenas pareceu que tropeçava no ar, Chico Antonio continuou o caminho. Estava ali na frente dele um cardão distante, já gasto e meio desaparecido nas sombras da tarde e do conto de réis. O cavalo veio pra êle mas o moço acariciou apenas por costume, pondo a mão na venta do animal. Vinha dali um sôpro quente de respiro, humidecendo a pele do homem. Chico Antonio foi se alargando, se sentindo muito grandioso e tristonho como si uma tarde caísse dentro dele também. Não era tristeza que sentia mas uma vagueza indisciplinada, esse não-ser malestareto em que ficava, sempre ~~parando~~ que interrompia em caminho algum designio ocupador. Olhou pro animal bem nos olhos. Apertou suave as narinas do animal.

– Então? vai perder a corrida, hum? bichinho...

O animal se enganou pensando que era caricia e sacudiu-se todo, garboso. O gesto foi eficaz e trouxe pro amor de Chico Antonio a imagem generosa do cardão. Demais a mais, a frase dita lhe fixara no pensamento a ideia do mangalarga perder. Ficou tão incompatibilizado que tomou o recurso de sempre: marchar. Foi andando num desespero irrespiravel, insensivelmente refazendo a [caminhada até entrar ~~na pia~~ no caponete. Não levava nenhuma intenção conhecivel mas tinha o corpo imaginando em verdades contraditorias. Fizera caminho e refazia o mesmo caminho sem querer. O importante era caminhar. Ficara impossível

o cartão perdido. Mas era a coisa mais logica desse mundo que o cavalo de raça ganhasse, muito mais bonito e principalmente duma classe elevada, Pra Chico Antonio era obvia, insofismavel a superioridade social do senhor de engenho. Mas o cartão era um ~~bom~~ ^{com} cavalo. Era um ~~bom~~ ^{com} companheiro. O moço comovido pensou nitidamente o sentimento "companheiro". Mas tambem era insofismavel que tinha de ganhar o conto de réis. Mas ~~ele~~ ^{agradecido não} podia mais viver ~~uma~~ ^{uma} angustia ~~insuportavel~~. ^{breve} ~~insuportavel~~.

Detrás do caponete não ~~estava~~ ^{estava} ~~ninguem~~ e mesmo Chico Antonio jamais tivera a intenção de procurar ~~ninguem~~ ^{ninguem}. Mas ~~teve~~ ^{teve} uma desilusão. Era mais que obvio tambem que seu doutor Luis não havia de estar ali esperando nada. Mas pra Chico Antonio o fundo do caponete não era uma paisagem, era apenas um ~~homem~~ ^{momento} to e pra sempre inesquecivel da vida dele. Sem seu doutor Luis e o inglês pastando ~~foi como a surpresa~~ ^{tudo ficou sem justificativa}, foi como quem vai vai pegar um sabão pra lavar a mão e o sabão desaparece de repente, que dele o sabão? E alem da surpresa outra fixidez contrariadora das mãos ~~estavam~~ ^{permaneceram} concebidamente sujas. Ficou assim, esquecido de tudo, perguntando com ~~a~~ ^{Aquilo não} precisão de resposta onde que estava seu doutor Luis. ~~Essa~~ ^{Essa} durou nem um espaço porque a resposta veio exatissima: seu doutor Luis estava em São Paulo, ~~vam' bora pra São Paulo~~.

Era já noite feita e o moço voltava apressado pra saber si tinha trem. Logo topou com um grupo grande. O grupo estacou percebendo ~~ele~~ ^{reparou} e Chico Antonio continuando ~~percebeu~~ ^{percebeu} que eram os italianos mais uns quatro brasileiros. Na frente o Schiavone na alturinha dele, erguera o bigode pro ar e dobrara as mãos nas ancas com geito de dona-de-casa.

-Então você abandona o meu cavalo e vai correr no ingrêis, hé!

-Olha intaliano você não mexa mais cumigo que...

Um dos homens descera o cacete nele. Chico Antonio quis mas não poud tirar ~~o cacete~~ a faca ~~mais~~, o braço não era mais dele com a porrada no ombro. Foi recuar, levou com o golpe seco de pau na ~~coxa~~ ^{coxa} cangote, caiu prá frente. O Schiavone recuou e o pobre lambeu chão, desacordado. O grupo dispersou fugindo.

~~Essa~~ A fresca da noite era aguda e Chico Antonio logo se recuperou. O beijo estava inchado com a batida no ~~chão~~ ^{chão}, a carne dilacerada por dentro pelos caninos. Estes abalados, um calor desigual no cangote e o ombro que doia forte. Se ergueu. Seguiu inda meio aluado. Lhe bateu um pensamento facil de vingança. Não tinha medo de nenhum daqueles e ~~esses~~ ^{esses} quem tinha a culpa era só o Schiavone. Mas Chico Antonio já estava muito ocupado com a resolução de ir-se embora pra São Paulo. E tanta gente ordinaria, seu dou-

o cartão perder. Mas era a coisa mais logica dêsse mundo que o cavalo de raça ganhasse, muito mais bonito e principalmente duma classe elevada. Pra Chico Antonio era obvia, insofismavel a superioridade social do senhor de engenho. Mas o cartão era um ~~bom~~ cavalo bom. Era um ~~bom~~ companheiro. O moço comovido pensou nitidamente o sentimento “companheiro”. Mas tambem era insofismavel que tinha de ganhar o conto de réis. Mas E agitadoíssimo não podia mais viver com [a angustia frenetica.

Detrás do caponete não estava ninguém e mesmo Chico Antonio jamais tivera a intenção de procurar ninguém. Mas veio uma desilusão. Era mais que obvio tambem que seu doutor Luis não havia de estar ali esperando nada. Mas pra Chico Antonio o fundo do caponete não era uma paisagem, era apenas um momento e pra sempre inesquecível da vida dele. Sem seu doutor Luis e o inglês pastando tudo ficou sem justificativa. ~~foi como a surpresa, foi como quem vai vai pegar um~~ [sabão pra la-

~~var a mão e o sabão desaparece de repente, que dele o sabão? E alem de surpresa outra fixidez contrariadora das mãos permaneciam concebidamente sujas.~~ Ficou assim, esquecido de tudo, perguntando com precisão de resposta onde que estava seu doutor Luis. Aquilo não durou nem um espaço porquê a resposta veio exatissima: seu doutor Luis estava em São Paulo, vam'bora pra São Paulo.

Era já noite feita e o moço voltava apressado pra saber si tinha trem. Logo topou com um grupo grande. O grupo estacou percebendo êle e Chico Antonio continuando reparou que eram os italianos mais uns quatro brasileiros. Na frente o Schiavone na alturinha dele, erguera o bigode pro ar e dobrara as mãos nas ancas com geito de dona-de-casa.

– Então você abandona o meu cavalo e vai correr no ingrêis, hé!

– Olha intaliano você não mexa mais cumigo que...

Um dos homens descera o cacete nele. Chico Antonio quis mas não poudes tirar ~~So facão mais~~ a faca mais, o braço não era mais dele com a porrada no ombro. Foi recuar, levou com o golpe seco de pau no ~~Snuca~~ cangote, caiu prá frente. O Schiavone recuou e o pobre lambeu chão, desacordado. O grupo dispersou fugindo.

~~Quando~~ A fresca da noite era aguda e Chico Antonio logo se recuperou. O beijo estava inchado com a batida no chão, a carne dilacerada por dentro pelos caninos. Estes abalados, um calor desigual no cangote e o ombro que doia forte. Se ergueu. Seguiu inda meio aluado. Lhe bateu um pensamento facil de vingança. Não tinha medo de nenhum daqueles e ~~So culpado era~~ quem tinha a culpa era só o Schiavone. Mas Chico Antonio já estava muito ocupado com a resolução de ir-se embora pra São Paulo. E tanta gente ordinaria, seu dou-

tor Luis ganhava corrida a custa de dinheiro, o Schiavone se vingava a custa de ~~patricios~~ ^{parcursos} patricios, teve nojo daqueles homens. ~~e mais cresceu nele a indecisão carinhosa pelos dois cavalos.~~ O unico geito era ir pra São Paulo mesmo e o mais depressa. Foi na estação saber dos trens ~~que~~ ^e estavam muito languido por causa da tonteira perdurando. Viu o telegrafo e lembrou de avisar seu João. Foi um custo penoso trocarem os quinhentos milreis e Chico Antonio saiu dali prá cama, ~~imaginando que se encontraria na estação~~ ^{fatigado de acanhamento porque parecia estaremman} gando com ele na estação.

~~Partiu na outro dia cedo e a impaciência já se acabara com os prazeres do trem. Não demorou nada aquele momento quente, é inesquecível em que puxando seu João do lado, com o bauzinho debaixo do braço e ganzá no ombro, metia a cara na rua paulistana, andando naquele passo inclinado, meio aos arrancos de quem sobe morro.~~

Era noite de sábado

Partiu no outro dia cedo feliz com os prazeres do trem. Mas logo a viagem ficou inquieta, muito olhado, se sentindo mal vestido na primeira, ^{capricho} mandado por todos, levado, ~~que~~ não podendo orientar caminho pelo ~~dos~~ dos pés. Afinal sossegou mais quando ~~lhe~~ ^{lhe} garantiram que naquele vagão, de-noite estava em S. Paulo. Não demorou nada aquele momento quente, inesquecível em que puxando seu João ao lado, bauzinho debaixo do braço e ganzá no ombro, metia a cara na rua paulistana, andando naquele passo inclinado, meio aos arrancos, de quem sobe morro.

Era noite de sábado. Custoso de atravessar, tantos automoveis, pra diante muitos bondes parados, muita gente na porteira... Meteram por uma escada em corredor, escurissima,...

-Seu João!

Ficava atrasado, com o baú batendo nos que vinham em direção contrária, ~~era~~ ^e uma especie de viaduto, e tanta luz lá fora. Desceram outra escada ^e pra a rua. Seu João falava sempre, como tinha ficado fulano, que desde ontem vinha esperar ~~quando~~ ^{imaginava} trem chegava, Chico Antonio só então se lembrou que não ~~esperava~~ ^{imaginava} encontrar o velhote na estação. Andava rapido, mas com dificuldade por causa daquele povaréu espantoso, como nunca vira. Luzes vermelhas azuis verdes, apagavam, acendiam, casas iluminadissimas, fila de bondes, moças passeando, ãa misturada formidavel. Seu João falava sempre mas havia tambem as frases dos outros, moças passeando, lindas, enfeitadas, automovel ~~que~~ ^{que} não acabava mais, buzinas, uma porta era teatro, musicas, delens de mais bondes chegando, Chico Antonio estava meio tonto. Estava principalmente ~~na~~

tor Luis ganhava corrida a custa de dinheiro, o Schiavone se vingava a custa de ~~\$companheiros\$~~ parceiros, teve nojo daqueles homens. ~~e mais cresceu nele a indecisão carinhosa pelos dois cavalos.~~ O unico geito era ir pra São Paulo mesmo e o mais depressa. Foi na estação saber dos trens e estava muito languido por causa da tonteira perdurando. Viu o telegrafo e lembrou de avisar seu João. Foi um custo penoso trocarem os quinhentos milreis e Chico Antonio saiu dali prá cama, fatigado de acanhamento porquê parecia estarem mandando com êle na estação.

~~Partiu de manhã cedo e a impaciencia já se acabara com os prazeres do trem. Não demorou nada aquele momento quente, e inesquecível em que puxando seu João do lado, com o bauzinho debaixo do braço e ganzá no ombro, metia a cara na rua paulistana, andando naquele passo inclinada, meio aos arranços de quem sobe morro.~~

~~Era noite de sábado~~

Partiu no outro dia cedo feliz com os prazeres do trem. Mas logo a viagem ficou inquieta, muito olhado, se sentindo mal vestido na primeira, mandado por todos, levado, ~~\$ser\$~~ não podendo orientar caminho pelo capricho dos pés. Afinal sossegou mais quando ~~\$afirmaram pra êle que\$~~ lhe garantiram que naquele vagão, de-noite estava em S. Paulo. Não demorou nada aquele momento quente, inesquecível em que puxando seu João ao lado, bauzinho debaixo do braço e ganzá no ombro, metia a cara na rua paulistana, andando naquele passo inclinado, meio aos arrancos, de quem sobe morro.

Era noite de sábado. Custoso de atravessar, tantos automoveis, pra diante muitos bondes parados, muita gente na porteira... Meteram por uma escada em corredor, escurissima...

— Seu João!

Ficava atrasado, com o baú batendo nos que vinham em direção contrária, ~~era~~ uma especie de viaduto, e tanta luz lá fora. Desceram outra escada e era a rua. Seu João falava sempre, como tinha ficado fulano, que desde ontem vinha esperar ~~quanto~~ trem ~~e chegava~~, Chico Antonio só então se lembrou que não imaginara encontrar o velhote na estação. Andava rapido, mas com dificuldade por causa daquele povaréu espantoso, como nunca vira. Luzes vermelhas azúis verdes, apagavam, acendiam, casas iluminadissimas, fila de bondes, moças passeando, ãa misturada formidavel. Seu João falava sempre mas havia tambem as frases dos outros, moças passeando, lindas, enfeitadas, automovel que não acabava mais, buzinas, uma porta era teatro, musicas, delens de mais bondes chegando, Chico Antonio estava meio tonto. Estava principalmente de

deliciado. Sentia por dentro um chuuá continuado enlanguescendo, muito comodo e conhecido que o dionisiava. Se repetia nele um daqueles momentos de paroxismo a que atingia no coco, ~~desintelle e lualizado~~ quando após muito esforço de canto, muito giro de corpo, a cachaça operando, na pancada do ganzá, todo êle se fundia ~~desinteligente~~ ^{nebulosa} num estado de inconsciencia eloquente, em que as proprias palavras não possuíam mais que valores de sons. Era maravilhoso o que sentia. Seu João falava sempre e inda por cima essa voz de amigo chegando ^{de} ~~por~~ baixo como um apôio pra destruir qualquer inquietação possivel, seu João falava que parassem, não valia a pena irem de a-pé, puxou o braço dele. Chico Antonio parou. Viu o velhote ~~parado~~ ^{atirado,} confundido numa Atrapalhada de corpos, sons, luzes ~~desintelle e lualizado~~ ^{nebulosa} cruzando. Os olhos do moço estavam enormes e se riam com ~~desintelle e lualizado~~ ^{nebulosa} vastidão, banhados duma luz condescendente. ~~Saia de todo êle~~ ^{Filtrava dele} uma simpatia voluptuosa, sem requinte, mandada pelo moreno palido muito igual, e sobretudo pelos traços confiantes, sem hesitação. E na cara os vincos fundos, caindo da boca, ~~levando~~ ² aos cantos dos olhos, davam pra ~~desintelle e lualizado~~ ^{nebulosa} Chico Antonio essa experiencia compassiva de que é bom a gente se aproximar. O entusiasmo de seu João cresceu olhando o filho e foi facil pra êle ceder quando o outro ^{implorou} ~~pediu~~ baixinho pra seguirem caminhando.

O extase de Chico Antonio perseverou até o fim da avenida. Atravessando o parque Pedro II, ~~alem da~~ ^{com a} escuraleza vazia, bateu um vento gelado e a vida ~~desintelle e lualizado~~ ^{nebulosa} voltou. Chico Antonio principiou examinando tudo com curiosidade.

(21) Se via na pouca distância o môro em que o centro da cidade se encapitava apertadinho, exagerado em valor, dando uma impressão catastrophica de grandeza. Mas era mesmo um espetaculo novo e muito lindo. Um poder de inteligencia antinatural, quasi desumano pra Chico Antonio, desmantelava as grandes construções numa irregularidade semostradeira, duma vaidade ridicula. Eram fundos fenomenais de casas, paredões lisos chapeando o morro, deixando entre as pernas aparecer mais longe frontarias ~~ondadas~~ e cupulas berrantes. Tudo numa incompetencia grandiosa a que o arranhacéu Martinelli alfinetava, por cima, em vias de acabamento, despido já da maioria dos andaimes, com as suas carreirinhas regulares de janelas, dominando com soberania feito uma ordem de ~~desintelle e lualizado~~ ^{nebulosa} lei. Mas na noite ~~fraudulenta~~ o pequeno princípio de calma que a massa Martinelli despertava, era destruido facil porque os anuncios luminosos, ~~dominando~~ ^{em que dominava,} o encarnado, quasi todos invisiveis do parque, reverberavam nas fachadas e no ar poento duma neblinha mirim,

deliciado. Sentia por dentro um chuáa continuado enlanguescendo, muito comodo e conhecido que o dionisiava. Se repetia nele um daqueles momentos de paroxismo a que atingia no coco, ~~\$depois de mais\$~~ quando após muito esforço de canto, muito giro de corpo, a cachaça operando, desintelectualizado na pancada [do gan-

zá, todo êle se fundia ~~desinteligente~~ numa nebulosa de inconsciencia eloquente, em que as proprias palavras não possuiam mais que valores de sons. Era maravilhoso o que sentia. Seu João falava sempre e inda por cima essa voz de amigo chegando de baixo como um apôio pra destruir qualquer inquietação possível, seu João falava que parassem, não valia a pena irem de a-pé, puxou o braço dele. Chico Antonio parou. Viu o velhote estacado, confundido numa trapalhada de corpos, sons, luzes ~~\$passando\$~~ cruzando. Os olhos do moço estavam enormes e se riam com ~~\$de\$~~ vastidão, banhados duma luz condescendente. Filtrava dele uma simpatia voluptuosa, sem requinte, mandada pelo moreno palido muito igual, e sobretudo pelos traços confiantes, sem hesitação. E na cara os vincos fundos, caindo da boca, levando aos cantos dos olhos, davam pra ~~\$moço-essa\$~~ Chico Antonio essa experiencia compassiva de que é bom a gente se aproximar. O entusiasmo de seu João cresceu olhando o filho e foi facil pra êle ceder quando o outro implorou baixinho pra seguirem caminhando.

O extase de Chico Antonio perseverou até o fim da avenida. Atravessando o parque Pedro II, com a escuriza vazia, bateu um vento gelado e a vida voltou. Chico Antonio principiou examinando tudo com curiosidade.

(21) Se via na pouca distância o môrro em que o centro da cidade se enca-
 rapitava apertadinho, exagerado em valor, dando uma impressão catastrophica de grandeza. Mas era mesmo um espetaculo novo e muito lindo. Um poder de inteligencia antinatural, quasi desumano pra Chico Antonio, dismantelava as grandes construções numa irregularidade semostradeira, duma vaidade ridicula. Eram fundos fenomenais de casas, paredões lisos chapeando o morro, deixando entre as pernas aparecer mais longe frontarias ~~rendadas~~ e cupulas berrantes. Tudo numa incompetencia grandiosa a que o arranhacéu Martinelli alfinetava por cima, em vias de acabamento, despido já da maioria dos andaimes, com as suas carreirinhas regulares de janelas, dominando com soberania feito uma ordem de ~~\$Lei\$~~ lei. Mas na noite ~~fraudente~~ o pequeno princípio de calma que a massa Martinelli despertava, era destruido facil porquê os anuncios luminosos, em que dominava o encarnado, quasi todos invisiveis do parque, reverberavam nas fachadas e no ar poento duma neblinha mirim,

⁵ mostrando um fim de incendio pavoroso. Uma caieira acabava em brando tristonho crepitando, Um sabor de desastre, um valor de progresso desastroso, vinha do morro. E o lerdo farol circulante da Light exasperando a sensação á espera de que êle passasse de novo, moral, protestante, monistico final de fabula, aconselhando prudencia, mais fôrça, menos ousadia, rompia os restos de qualquer paciencia ali chegada não pra um espetaculo mas pra amar o homem pelo que êle pode ser.

^{Porém} Mas pra Chico Antonio ~~#####~~ toda a paisagem do centro urbano de São Paulo era apenas duma boniteza arrebatante, nunca vira coisa assim tão linda! Ficou inquieto e desviou os olhos da grandeza, prestando mais atenção pro que o velhote falava.

Tinham acabado de cortar o parque em diagonal e embocavam por umas ruas ~~#####~~ mal iluminadas cheias de espavento com as casas de dois andares berrantes de branco inda despatinado e enfeites ciganos. Seu João falava que como partiam no dia seguinte prá fazenda, era melhor Chico Antonio deixar os terens no quarto pra depois darem uma voltinha na cidade. ^{O quarto} ~~#####~~ era ali perto mesmo, pensão dum sirio muito bom, amigo de seu João. Chico Antonio obedecia levado, cheio de paciencia mas ~~mas~~ abatido. Ia macambusio, meio esvaziado pelas tantas sensações arrancadas dele com brutalidade. Não julgava nada, nem se enriquecera de nenhuma experiencia com ^{aquilo} tudo, estava ~~se~~ só tristonho, num esgotamento meigo, talvez preferindo ficar no quarto sem sair, conversando com seu João, bem na carici-a. Mas nem sabia si era preferivel isso. Continuava mandado, seguindo aplicadamente o companheiro, não atentando mais nem ~~se~~ aos gritos violentos de luz que os restaurantes apitavam nas calçadas escuras nem ao mundo de sirios de voz chacoalhante que o principio da noite ^{de sabado} botava pra fóra das casas.

Chegaram assim ^{a uma} ~~numa~~ casa de esquina, dois andares, alvos, numa pelin-tragem de colunatas e florões. ^{No andar terreo,} ~~um~~ botequim vasto arreganhava uma dentuça de pilastras de cimento-armado, uma vitrola emaranhada nas conversas e a luz sem discreção reavivando na calçada as manchas de cal ^a ficadas da construção recentissima. Ao passarem pela porta entreaberta da casa, seu João indicou:

-É aqui. Mas primeiro vamos tomar um cafêzinho.

Entraram no botequim. Acharam ~~se~~ ^{uma} mesa vazia ^{lá} num canto entre o ~~se~~ fim do balcão e uma porta dando pra uma ária interna donde vinha um cheio ro ventado de mijo e lixo. Chico Antonio ~~#####~~ com muita calma dis-

mostrando um fim de incendio pavoroso. Uma caieira acabava em brasido tristonho crepitando. Um sabor de desastre, um valor de progresso desastroso, vinha do morro. E o lerdo farol circulante da Light exasperando a sensação á espera de que êle passasse de novo, moral, protestante, monistico final de fabula, aconselhando prudencia, mais fôrça, menos ousadia, rompia os restos de qualquer paciencia ali chegada não pra um espetaculo mas pra amar o homem pelo que êle pode ser.

Porêem pra Chico Antonio ~~\$toda a vista\$~~ toda a paisagem do centro urbano de São Paulo era apenas duma boniteza arrebatante, nunca vira coisa assim tão linda! Ficou inquieto e desviou os olhos da grandeza, prestando mais atenção pro que o velhote falava.

Tinham acabado de cortar o parque em diagonal e embocavam por umas ruas ~~\$escuras\$~~ mal iluminadas cheias de espavento com as casas de dois andares berrantes de branco inda despatinado e enfeites ciganos. Seu João falava que como partiam no dia seguinte prá fazenda, era melhor Chico Antonio deixar os terens no quarto pra depois darem uma voltinha na cidade. ~~\$Chico Anto\$~~ O quarto era ali perto mesmo, pensão dum sirio muito bom, amigo de seu João. Chico Antonio obedecia levado, cheio de paciencia mas ~~meio~~ abatido. Ia macambusio, meio esvaziado pelas tantas sensações arrancadas dele com brutalidade. Não julgava nada, nem se enriquecera de nenhuma experiencia com aquilo tudo, estava ~~\$im\$~~ só tristonho, num esgotamento meigo, talvez preferindo ficar no quarto sem sair, conversando com seu João, bem na carícia. Mas nem sabia si era preferivel isso. Continuava mandado, seguindo aplicadamente o companheiro, não atentando mais nem ~~\$as\$~~ aos gritos violentos de luz que os restaurantes apitavam nas calçadas escuras nem no mundo de sirios de voz chacoalhante que o princípio da noite de sabado botava pra fóra das casas.

Chegaram assim a uma casa de esquina, dois andares, alvos, numa pelin-tragem de colonatas e florões. No andar terreo, um botequim vasto arreganhava uma [dentuça de pilastras de cimento-armado, uma vitrola emaranhada nas conversas e a luz sem discreção reavivando na calçada as manchas de cal ficadas da construção recentissima. Ao passarem pela porta entreaberta da casa, seu João indicou:

— É aqui. Mas primeiro vamos tomar um cafèzinho.

Entraram no botequim. Acharam ãa mesa vazia lá num canto entre o fim do balcão e uma porta dando pra uma ária interna donde vinha um cheiro ventado de mijo e lixo. Chico Antonio ~~\$meio amed-o\$~~ com muita calma dis-

punha os trens por baixo da mesinha enquanto seu João gesticulado berrava pra um homem em pé, discutindo noutra mesa longe:

– Êh, seu Nedim! Chegou!

O sirio virou pra ver, fez um gesto seco de cabeça e continuou na discussão. Era um homem grande com seus quarenta anos. Vestia sobrio, roupa meio gasta de fazenda boa, luziluzindo já na corcunda acentuada duma ambição sem prazer. Uma cabelação anelada, com um topete quadrado enrijava ainda mais a cara dura, sobrancelhuda muito, com o nariz sensualíssimo desabando em narinas movediças principiadas quasi nos olhos. Nedim falava baixo, muito sem gesto. Porém a voz era de flexa, com direção, pouco discernida pelos que em torno nada tinham que saber da frase falada. Pelo contrário, a pessoa a quem Nedim ~~se dirigia~~ falava, recebia a frase com uma nitidez ferinte. Aliás Nedim mudara muito. Seu João conhecera e ficara amigo mas do mascate palavroso, sempre viril, não tem dúvida, não apreciando muito certas brincadeiras e capaz de brigar. Mas era caroavel o Nedim de até um ano atrás, gostando de conversar as viagens fabulosas que fizera por Mato Grosso, Goiás e uns fundos de sertão nordestino. Seu João passara uma noite conversando com Nedim, dera pousada pra êste ás escondidas do fazendeiro e mais oitenta milréis em troca de fazenda e badulaques. Mesmo, a besteira espantou de tal forma os outros colonos, que êles treleram e de-tardinha diz-que o fazendeiro com ares de pai de quem? passara na casa dele, fazendo um sermão trouxa sobre a dívida ficada. Seu João que não estava mesmo gostando mais de São Carlos, pediu as contas pra sair. Abandonara tudo, o trabalho já feito, os trinta mil pés de café novo tratados com dificuldade e o milho que era ~~bem~~ dele e espigava bem. Mudara. O que devia na venda e adiantamentos, Nedim mesmo inda pegado na cidade ajudou a pagar. E a dívida e amizade subiram a quatrocentos milréis e ~~seu~~ doirado juro. ~~(continuar contando as peripecias todas de seu João, como si fosse~~
~~êle a contar pra Chico Antonio, até que Nedim vem conversar com os dois)~~

Mas não fôra difícil arranjar emprêgo novo. Não vinha mais italiano pra S. Paulo e as lavouras lutavam contra a falta de braços. Isto é: italiano inda vinha porém não mais os homens de aldeia com a filharada, gente brutíssima, raçada em animalidade por seculos de vilarejo europeu, sem esgotos, sem encanamentos de especie nenhuma, sem luz eletrica, sem escola, sem quasi nenhuma reação intelectual. Esses tinham dado colonos otimos. E ao contagio das atividades novas, cheias de ~~mais luta~~ e futuro, um esbôço de inteligencia, acautelada na ambição ~~idea-fixa~~ pra não se desencami-

nhar, luzira neles, ~~e~~ ^{em} muitos se desenvolvêra mesmo esplendidamente. Esses enriqueciam, possivelmente misturando muita areia nos sacos de farinha, ⁿninguem pode jurar; alguns, de vendedores ambulantes chegavam a potentados, coisa aliás mais ou menos facil aqui onde sobrava uma raça já desfiada pela ignorancia, pela politica, pela vaidade e principalmente pelo esforço que fizera em dois seculos de heroismo, bandeirismo e ~~amor~~ ^{social} amoralidade. E em parte enorme, é certo que foram os colonos e os ricos italianos que deram pra São Paulo ^{era} a posição ^{que tinha de ser um dos} dum dos centros do falso brilho americano. Mas aqui, devido principalmente á frouxidão dos nativos, esse brilho falso não conseguia, pelo menos até o presente, se fundamentar e legitimar que nem sucedera nos Estados Unidos da America do Norte e pelo menos em Buenos Aires tambem.

Aqui os ricos italianos e outros trustistas estrangeiros, duma ousadia afinal das contas miseravel porquê os Governos e o povo eram duma mansidão por demais semvergonha pra reagir, aqui os italianos se conservavam fundamentalmente italianos e, si perseveravam na terra, tinham de verdade uma psicologia longinqua, sentimentos, orgulhos, ideias que em vez de nascerem da terra, vinham dalem-mar. E si depois de ricos permaneciam aqui, era porquê aparentados na Italia nova desta banda, vivendo aqui como chefões do clan deles, organizados em costumes, parentela e ~~em~~ ^{em} ordem social sempre italianos fundamentalmente, nada tendo da terra e de seus homens, porêem intransportaveis pro "outro lado de lá", a vida na Italia velha não lhes dava mais os regalos que tinham ^{aqui} ~~por lá~~. Iam de passeio, mas si diante do monumento a Umberto I, num camarote do São Carlos, sentiam bem o facil orgulho da patria, em vez, a imundicie da aldeia, os parentes pobres, uma alta roda de nobres verdadeiros e os mais finissimos da Europa, onde ^{ela} podiam entrar apenas uma vez por alguma complacencia achada em viagem, isso os chocava, os humilhava, os envergonhava muito. Os mais ~~sinceros~~ sinceros que nem meu velho amigo Di-Franco vinham falando que sim, que a Italia era mesmo grandiosa porêem que ~~ela~~ não se acostumavam mais, lá.

Voltavam não tem dúvida. Por dentro deles grugrulhava uma raiva sincera contra tudo e que se objetivava bem, contra a terra ~~onde~~ onde eram obrigados a ficar, que lhes dera dinheiro mas com o dinheiro uma circunstancia de vida tambem. Alem dos contos de réis, o Brasil imprimia ~~na~~ na vida deles uma tintura indelevel de ~~urucum~~ urucum e os novos peles-vermelhas ~~possuindo~~ possuindo no dinheiro a base das facilidades percebiam espantados e sem compreender que as facilidades não eram suficientes pra

nhar luzira neles. e Em muitos se desenvolvêra mesmo esplendidamente. Esses enriqueciam, possivelmente misturando muita areia nos sacos de farinha, ninguém pode jurar; alguns, de vendedores ambulantes chegavam a potentes, coisa aliás mais ou menos fácil aqui onde sobrava uma raça já desfiada pela ignorância, pela polit[i]ca, pela vaidade e principalmente pelo esforço que fizera em dois séculos de heroísmo, bandeirismo e ~~Sambição~~ amoralidade social. E em parte enorme, é certo que foram os colonos e os ricos italianos que deram pra São Paulo essa posição ~~que tinha~~ de ser um dos centros do [falso bri-

lho americano. Mas aqui, devido principalmente á frouxidão dos nativos, esse brilho falso não conseguia, pelo menos até o presente, se fundamentar e legitimar que nem sucedera nos Estados Unidos da America do Norte e pelo menos em Buenos Aires também.

Aqui os ricos italianos e outros trustistas estrangeiros, duma ousadia afinal das contas miserável porquê os Governos e o povo eram duma mansidão por demais semvergonha pra reagir, aqui os italianos se conservavam fundamentalmente italianos e, si perseveravam na terra, tinham de verdade uma psicologia longínqua, sentimentos, orgulhos, ideias que em vez de nascerem da terra, vinham dalem-mar. E si depois de ricos permaneciam aqui, era porquê aparentados na Italia nova desta banda, vivendo aqui como chefões do clan deles, organizados em costumes, ~~Se~~ parentela e ~~smo~~ ~~psicologi~~ ordem social sempre fundamentalmente italianos, nada tendo da terra e de seus homens, porém intransportáveis pro “outro lado de lá”, a vida na Italia velha não lhes dava mais os regalos que tinham aqui. Iam de passeio, mas si diante do monumento a Umberto I, num camarote do São Carlos, sentiam bem o fácil orgulho da patria, em vez, a imundície da aldeia, os parentes pobres, uma alta roda de nobres verdadeiros e os mais finíssimos da Europa, onde eles podiam entrar apenas uma vez por alguma complacência achada em viagem, isso os chocava, os humilhava, os envergonhava muito. Os mais ~~frances~~ sinceros que nem meu velho amigo Di Franco vinham falando que sim, que a Italia era mesmo grandiosa porém que ~~lá~~ não se acostumavam mais lá.

Voltavam não tem dúvida. Por dentro deles grugrulhava uma raiva sincera contra tudo e que se objetivava bem, contra a terra ~~neva~~ onde eram obrigados a ficar, que lhes dera dinheiro mas com o dinheiro uma circunstância de vida também. Além dos contos de réis, o Brasil imprimia ~~neles a~~ na vida deles uma tintura indelevel de ~~genipapo~~ urucum e os novos peles-vermelhas ~~des~~ possuindo no dinheiro a base das facilidades percebiam espantados e sem compreender que as facilidades não eram suficientes pra

que eles adquirissem as vaidades novas consequentes do dinheiro.

Havia sim um geito de tudo coincidir e a felicidade relativa do mundo se conciliar aqui tambem. Era justamente reforçarem o brilho superficial da patria nova, jogando dinheiro na criação de universidades, bibliotecas, museus, teatros, clubes, igrejas, laboratorios, ^{jornais,} expedições scientificas de função americana e especialmente brasileira. Mas isso a avareza não lhes dava coragem pra fazerem. E não havia estimulo nenhum. A aristocracia paulista, decadente e ~~decaída~~ duma bestice arraigada ~~em~~ em veleidades ~~se~~ sem razão, embora aparentemente relacionada com os italianos, opunha uma barreira de bem-educadissimo desprêzo entre os dois clans, fixando duas classes de que uma, ~~era~~ a paulista, era da elegancia mais refinada da America e a outra se convertia quasi numa classe de oprobio. Mas essa aristocracia paulista não incentivava nada, era inculta, era frouxa, desamericanizada pelo contacto e nostalgia da França. A unica boniteza que tinha era pífia, se resumindo ao refinamento de costumes sociais, discretissimos, mulheres sem o amadorismo das melindrosas porém recondita e imperturbavelmente elegantes; homens fins-de-raça falando baixo e sem gestos. A toda essa falsificação inospita da aristocracia ~~decaída~~ paulista, inda vinha incentivar mais a excepção climatica da capital paulistana, desagradavel, feiosa, desprovida de exotismos a que a neblina e o frio davam um silêncio ^{ao principiar} raçado, muito europeu. Era isso apenas a aristocracia paulista do século ~~de~~ XX. Fundamentalmente inculta, fundamentalmente antinacional, fundamentalmente inacessivel. (7)

(16) Os italianos tentaram com ansia comovente de despatriados romper essa muralha. Mas depois se retrairam com um ressentimento justo que até agora inda permanece apesar da liberdade dos costumes já estar abrindo ~~a~~ mais o recesso aristocratico. Si em verdade os males se esquecem facilmente, as anedotas permanecem vivas, porque principalmente nos povos arrivistas, o individuo é mais conceituoso ~~que~~ de deveras pensador. E permanecia a lembrança penosa das anedotas em que os aristocraticos paulistas tinham humilhado ferozmente os novos-ricos da terra. Apesar da passagem dos anos e da acomodação brilhante ^{a vida de negocio,} ~~que um~~ paulista perdulario e raçadissimo ~~de~~ ^{dum} ~~da~~ de negocio, o casamento entre ele e uma das mais lindas ~~decaídas~~ italo-paulistas ^{permanecia} na sensação de todos como vergonhosa mésalliance e contusão incuravel na tradição paulista. Se contava ainda que outra deliciosa italo-paulista quando soltava gargalhadas indiscretas num buffet de baile, sentira-se tocada no ombro. Virou. Uma velha dama, filha de barões do

que êles adquirissem as vaidades novas consequentes do dinheiro.

Havia sim um geito de tudo coincidir e a felicidade relativa do mundo se conciliar aqui tambem. Era justamente reforçarem o brilho superficial da patria nova, jogando dinheiro na criação de universidades, bibliotecas, museus, teatros, clubes, igrejas, laboratorios, jornais, expedições scientificas de função americana e especialmente brasileira. Mas isso a avareza não lhes dava coragem pra fazerem. E não havia estimulo nenhum. A aristocracia paulista, decadente e ~~vaidosi~~ ~~\$num\$~~ duma bestice arraigada ~~\$num\$~~ em veleidades ~~se~~ sem razão, embora aparentemente relacionada com os italianos, opunha uma barreira de bem-educadissimo desprezo entre os dois clans, fixando duas classes de que uma, ~~Sera~~ a paulista, era da elegancia mais refinada da America e a outra se convertia quasi numa classe de oprobio. Mas essa aristocracia paulista não incentivava nada, era inculta, era frouxa desamericanizada pelo contacto e nostalgia da França. A unica boniteza que tinha era pifia, se resumindo ao refinamento de costumes sociais, discretissimos, mulheres sem o amadorismo das melindrosas porém recondita e imperturbavelmente elegantes; homens fins-de-raça falando baixo e sem gestos. A toda essa falsificação inospita da aristocracia ~~Sitalianas~~ paulista, inda vinha incentivar mais a excepção climatica da capital paulistana, desagradavel, feiosa, desprovida de exotismos a que a neblina e o frio davam um silêncio raçado, muito europeu. Era isso apenas a aristocracia paulista ao principiar do século ~~xxx~~ XX. Fundamentalmente inculta, fundamentalmente antinacional, fundamentalmente inacessível. (5)

(16) Os italianos tentaram com ansia comovente de despatriados romper essa muralha. Mas depois se retrairam com um ressentimento justo que até agora inda permanece apesar da liberdade dos costumes já estar abrindo ~~m~~ mais o recesso aristocratico. Si em verdade os males se esquecem facilmente, as anedotas permanecem vivas, porquê principalmente nos povos arrivistas, o individuo é mais conceituoso que de deveras pensador. E permanecia a lembrança penosa das anedotas em que os aristocraticos paulistas tinham humilhado ferozmente os novos-ricos da terra. Apesar da passagem dos anos e da acomodação brilhante à vida de negocio dum paulista perdulario e raçadissimo ~~e vida de negocio~~, o casamento entre êle e uma das mais lindas ~~Sitalianas~~ italo-paulistas permanecia na sensação de todos como vergonhosa mésalliance e contusão incuravel na tradição paulista. Se contava ainda que outra deliciosa italo-paulista quando soltava gargalhadas indiscretas num buffet de baile, sentira-se tocada no ombro. Virou. Uma velha dama, filha de barões do

Imperio é que a saudava sorrindo:

-Boa-noite, minha filha, seu pai já está bem ^{aclimatado} ~~acostumado~~ no Brasil?...

Noutro baile ainda, ~~esses~~ maravilhosamente luxuoso e grialhão, o-
ferecido por um milionario italiano á aristocracia paulista, o desperdi-
cio e a ostentação foram tamanhos, que um grupo de rapazes é verdade que
já meio tocados, passara o tempo a...gastar o que o milionario expusera
pra que fosse gasto. Esvaziavam ~~dezenas~~ de vidros de perfume das salas de
toilette, davam champanha pro chão e charutos carissimos acesos pros inda
mais carissimos tapêtes.

Tudo isso ficava no ressentimento com uma permanencia que inda ago-
ra tornava desconfiante qualquer aproximação. Sem incentivo de especie al-
guma, classificada á parte, e tambem rastaqueramente inculta, a alta socie-
dade italiana de São Paulo ~~esses~~ era es-
pecialmente prejudicial ao Estado. Vivia num isolamento ignorado e igno-
rante, subrepticamente, como si fosse uma sociedade-secreta do bom-viver.
E era duma falta de character mesquinha. Apresentava de vez em longe mu-
lheres de beleza extraordinaria porêem que, fei^{to} as argentinhas, principia-
vam engordando aos trinta anos, viravam repolhos contraditorios de corpos
enjoativos e beleza indiscreta e sempre fresca no rosto. Em torno delas
os homens se ajuntavam pra dar fôrça á classe, nãa mistura que ia de valo-
res excepcionais a simples arrivistas e jogadores felizes. Todos conser-
vavam pelo menos nos gestos exteriores um cabotinismo espevitado de se-
mostração que poderia se tornar pelo menos...americano si não fosse a in-
cultura, a falta de gôsto, e a falta de visão prática avacalhando as inven-
ções. E pra redarguir ao argumento illustre dum hospital, ~~esses~~ as praças
se erriçavam de estafermos de bronze mais ou menos impressionista, um Ver-
di nú, um Carlos Gomes excessivamente encapotado, um Garibaldi inutil; pina-
cotecas particulares felizmente fechadas ao público se enchiam de falsos
um monumento repulsa de tamanho com a mais berrante desfachatez esbarrava no silêncio
e nulidades. Só enfeites como se vê: enfeites provindos duma escola en-
tão vencida, arrastando ^{faz} ~~mais~~ ^{de} ~~dum~~ seculo uma decadencia aplicada e sau-
dosista. Nada que valesse mesmo, nada de funcional, nada que iniciasse na
terra uma cultura. ~~esses~~

Ao lado dêsse rastacuerismo ^{oratorio invencivel} ~~exterior~~ havia muitos italianos que
perdiam com facilidade a grosseria exterior. Muitos mantinham de verdade
uma elegancia de maneiras e de sentir, descaracterisada, macaqueada da a-
ristocracia estaduana, cheia da mesma circunspecção emburrada e agressiva
do paulista, mas incontestavelmente já refinada.

...e que chamavam de belle...

Imperio é que a saudava sorrindo:

– Boa-noite, minha filha, seu pai já está bem aclimatado no Brasil?...

Noutro baile ainda, ~~\$oferecido\$~~ maravilhosamente luxuoso e gritalhão, oferecido por um milionário italiano á aristocracia paulista, o desperdício e a ostentação foram tamanhos, que um grupo de rapazes é verdade que já meio tocados, passara o tempo a... gastar o que o milionário expusera pra que fosse gasto. Esvaziavam ~~dezenas [de]~~ vidros de perfume das salas de toilette, davam champanha pro chão e charutos caríssimos acesos pros inda mais caríssimos tapêtes.

Tudo isso ficava no ressentimento com uma permanencia que inda agora tornava desconfiante qualquer aproximação. Sem incentivo de especie alguma, classificada á parte, e tambem rastaqueramente inculta, a alta sociedade italiana de São Paulo ~~\$permanecia mais um \$bem\$ um mal que um bem\$~~ era especialmente prejudicial ao Estado. Vivia num isolamento ignorado e ignorante, subrepticamente, como si fosse uma sociedade-secreta do bom-viver. E era duma falta de caracter mesquinha. Apresentava de vez em longe mulheres de beleza extraordinaria porêem que, feito as argentinas, principiavam engordando aos trinta anos, viravam repolhos contraditorios de corpos enjoativos e beleza indiscreta e sempre fresca no rosto. Em torno delas os homens se ajuntavam pra dar fôrça á classe, nũa mistura que ia de valores excepcionais a simples arrivistas e jogadores felizes. Todos conservavam pelo menos nos gestos exteriores um cabotinismo espevitado de semostração que poderia se tornar pelo menos... americano si não fosse a incultura, a falta de gôsto, e a falta de visão prática avacalhando as invenções. E pra redarguir ao argumento ilustre dum hospital, ~~\$modelos\$~~ as praças se eriçavam de estafermos de bronze mais ou menos impressionista, um Verdi nú, um Carlos Gomes excessivamente encapotado, um Garibaldi inutil; pinacotecas particulares felizmente fechadas ao público se enchiam de falsos e nulidades, um monumento sepulcral destamanho com a mais berrante desfaçatez

[esbarrava no silêncio em que Campos Salles dormia...

[Só enfeites como se vê: e enfeites provindos duma escola então vencida, arrastando fazia mais de seculo uma decadencia aplicada e saudosista. Nada que valesse mesmo, nada de funcional, nada que iniciasse na terra uma cultura. ~~\$ao lado\$~~

Ao lado dêsse rastacuerismo oratorio invencivel havia muitos italianos que perdiam com facilidade a grosseira exterior. Muitos mantinham de verdade uma elegancia de maneiras e de sentir, descaracterisada, macaqueada da aristocracia estaduana, cheia da mesma circunspecção emburrada e agressiva do paulista, mas incontestavelmente já refinada.

~~E a essa classe pouco mais que inu~~

Um aspecto curioso da macaqueação consistia no sonho de possuir fazenda. No geral os milionários italianos não se tinham enriquecido como fazendeiros e jamais não tinham passado de colonos a sitiantes, de sitiantes a fazendeiros e destes a...milionários. A aristocracia paulistana por não se sabe que vaidade mais medieval, circunscrevera desde muito toda a sua atividade industrial no plantio do café. Aliás se explica muito bem psicologicamente essa mania: porquê deixar a terra produzir ao carinho dos colonos, dar o seu passeinho num bonito mangalarga ou na fordeca pelos carregadores, e vir^{prá} casa grande saber dos preços pelo "Estado de São Paulo" e se queixar dos Governos, era mesmo o só comércio conveniente a ~~esses~~ ^{esses} desfibrados. Com raríssimas exceções esse preconceito só com o segundo quarto do século XX principiava se enfraquecendo. E si enfraquecia, devemos isso exclusivamente ao estímulo dos novos-ricos estrangeiros que os paulistas viam ajuntar riquezas ~~esses~~ do dia prá noite.

^(aos estrangeiros) Pois esse abandono secular de qualquer atividade que não fosse o café fôra inteligentemente aproveitado pelos italianos, sírios, alemães que e ainda pelos judeus transatlânticos transnacionais. chegavam na terceira classe dos vapores, o trigo, o assucar, a seda, ~~os~~ produtos químicos, a tipografia, tudo ficava em mãos de estranhos, além das grandes empresas de força, angloamericanas em geral. E numa ~~esses~~ catimbose ilusionista de trusts e mais trusts, ao sono de governantes esportulados pra fechar os olhos, e até ^{ao} ~~de~~ descoco inominável de presidentes de Estado, que apenas com algum disfarce insolente permaneciam ~~adivogando no~~ fora as causas, ~~esses~~ trusts, a estrangeirada num atimo, entrava nua e saía arreada de joias dos alambiques, altos-fornos, tecedeiras, chaminés e armazens de suas fábricas e depósitos colossais.

Ricos enfim, não bastara aos italianos ~~esquivar~~ ^{se davam o luxo de fazendas... de veraneio, e} a nostalgia pela charette agora substituída pelas fiates de bom parecer: ~~urbanos de traquejo~~ e ~~os~~ interesses, embarcavam no primeiro pullman da Paulista, iam espaiar-se no ~~fazenda~~ ^{café} recémcomprado em que logo faziam valer mais em apuro e ~~gasto~~ ^{plan} a casa-grande, a piscina e o jardim em torno que os talhões da ~~tação~~ ^{tação}. Assim pelo menos rastreavam de perto a aristocracia paulista que os saudava de longe. O casarão aflorentinado às vezes se enchia de graça e pagodeiras com as italo-brasileiras novinhas e rapazes corados só na maçã do rosto, mas o velho no terraço assuntava os netinhos com languidez, ~~desprestigiado pelo~~ ^{fazendeiro} ~~esses~~ enjão duma vida sem razão.

E a essa classe pouco mais que inútil viera ~~d~~ desvalorizar inda mais

~~E a essa classe pouco mais que inu~~

Um aspecto curioso da macaqueação consistia no sonho de possuir fazenda. No geral os milionários italianos não se tinham enriquecido como fazendeiros e jamais não tinham passado de colonos a sitiantes, de sitiantes a fazendeiros e dêstes a... milionários. A aristocracia paulistana por não se sabe que vaidade mais medieval, circunscrevera desde muito toda a sua atividade industrial o plantio do café. Aliás se explica muito bem psicologicamente essa mania: porquê deixar a terra produzir ao carinho dos colonos, dar o seu passeinho num bonito mangalarga ou na fordeca pelos carregadores, vir prá casa grande saber dos preços pelo “Estado de São Paulo” e se queixar dos Governos, era mesmo o só comercio conveniente a êsses desfibrados. Com raríssimas exceções êsse preconceito só com o segundo quarto do século XX principiava se enfraquecendo. E si enfraquecia, devemos isso exclusivamente ao estímulo dos novos-ricos estrangeiros que os paulistas viam ajuntar riquezas ~~\$rapidass\$~~ do dia prá noite.

Pois êsse abandono secular aos estrangeiros de qualquer atividade que não fosse o café fora inteligentemente aproveitado pelos italianos, sirios, alemães que chegaram na terceira classe dos vapores e ainda pelos judeus ~~tranzatlânticos~~

[tranznacionais. O trigo, o assucar, a seda, os produtos quimicos, a tipografia, tudo ficava em mãos de estranhos, alem das grandes empresas de fôrça, angloamericanas em geral. E numa ~~\$feitiçaria\$~~ catimbosice ilusionista de trusts e mais trusts, ao sono de governantes esportulados pra fechar os olhos, e até ao descoco inominavel de presidentes de Estado, que apenas com algum disfarce insolente permaneciam advogando no Fôro as causas dêsses trusts, a estrangeirada num atimo, entrava nua e sa[í]a arreada de joias dos alambiques, altos-fornos, tecedeiras, chaminés e armazens de suas fábricas e depositos colossais.

Ricos enfim, não bastara aos italianos esquivar a nostalgia pela charrete agora substituída pelas fiates de bom parecer; se davam o luxo de fazendas... de

[veranear e, urbanos de traquejo e interesses, embarcavam no primeiro pullman da Paulista, iam espairecer no cafezal recémcomprado em que logo faziam valer mais em apuro e ~~ga~~ gasto a casa-grande, a piscina e o jardim em torno que os talhões da plantação. ~~E~~ Assim pelo menos rastreavam de perto a aristocracia paulista que os saudava de longe. O casarão aflorentinado às vezes se enchia de graça e pagodeiras com as italobrasileiras novinhas e rapazes corados só na maçã do rosto, mas o velho no terraço assuntava os netinhos com languidez, desprestigiado pelo enjôo duma vida fazendeira sem razão.

E a essa classe pouco mais que inutil viera desvalorisar inda mais

o advento do Fascismo na Italia. O Fascismo que indiscutivelmente forne-
ceu à península italica, ce pelo menos de passagem uma era de certo progresso economico e unidade
social, dera pros italianos sempre saudosos da Roma imperial, uma vaidade
e uma ousadia facil, propriamente vergonhosas. Principalmente porque os pro-
gressos ocasionados pela oligarquia mussolinica eram duma especie enga-
nosa, facil de perceber. Eram um progresso da terra e não do homem. Si a
terra produzia mais e a nação se abastava numa ^{fungida} ~~relativa~~ facilidade econo-
mica, por outro lado jamais o homem italico não fôra reduzido assim a um
simples animal domestico, abulico e escravizado. ^E ~~Porém~~ imperava dentro da
peninsula um malestar medonho em que os italianos vegetavam despojados
de pensamento livre, ^{tristemente} inquietos pela sempre iminencia de morte de seu che-
fe, atravessando quotidianamente as lagrimas de milhares de perseguidos.
E aliás ~~Esse~~ estado-de-coisas estava patente mesmo nos proprios gestos
dos fascistas comandantes que ajudados pelas tendencias da raça, procura-
vam cegar a inquietação interior, caindo numa gargantice, numa ^{basofia} ~~basofia~~, numa
gesticulação espetacular cheia de ameaças a Deus e todo mundo, cheia
dum imperialismo empafioso ~~que~~ atingindo especialmente as colonias e as
amedrontando.

Foi principalmente o que se deu aqui na alta sociedade italiana, faci-
litado pelo isolamento em que esse clan vivia. Ao mesmo tempo que a incul-
tura lhes ~~des~~ despertava o entusiasmo pela tirania fascista, se acovarda-
ram ante os mandados ~~de~~ e ameaças longinquos do Duce, trans-
mitidos por consules de Carnaval (no fundo uns farsistas de inconcebivel
pobreza mental) e por revistecos e jornais assalariados pra isso, mussoli-
nicamente preocupados, menos ~~em~~ em proporcionar grandeza e paz á colonia,
que trazia-la desvirilisada numa ambiencia de terror. Os diretores dessas
folhas não passavam de ~~de~~ sicarios fascistas, desembarcados frescamen-
te de Italia, impregnados da espetaculosidade mussolinica, ~~embebidos~~ ^{de} de
mandachuvismo; ignorantissimos canzarrões ladradores que achando-se bem
defendidos por trás pelo empenachamento dos bersalheres, pela incompeten-
cia de attitude dos ricos italopaulistas e pela covardia, desprestigio e
inadvertencia dos nossos Governos, se punham mandando e desmandando ~~de~~
á sombra dos jacarandás. Indesejaveis e deleterios, não passando mesmo de
ladradores promovidos, do dia prá noite se viam conselheiros, juizes e ex-
pressão intelectual duma colonia que não entendiam, cujos interesses ig-
noravam, numa terra que ignoravam inda mais totalmente, cujo modus vivendi
lhes era inospito.

o advento do Fascismo na Italia. O Fascismo que indiscutivelmente forneceu pelo menos de passagem á península italiana, uma era de certo progresso economico e [unidade

social, dera pros italianos sempre saudosos da Roma imperial, uma vaidade e uma ousadia facil, propriamente vergonhosas. Principalmente porquê os progressos ocasionados pela oligarquia mussolinica eram duma especie enganosa, facil de perceber. Eram um progresso da terra e não do homem. Si a terra produzia mais e nação se abastava numa fingida facilidade economica, por outro lado jamais o homem italico não fôra reduzido assim a um simples animal domestico, abulico e escravizado. E imperava dentro da península um malestar medonho em que os italianos vegetavam despojados de pensamento livre, tristonhos, inquietos pela sempre iminencia de morte do seu chefe, atravessando quotidianamente as lagrimas de milhares de perseguidos. E aliás êsse estado-de-coisas estava patente mesmo nos proprios gestos dos fascistas comandantes que ajudados pelas tendencias da raça, procuravam cegar a inquietação interior, caindo numa gargantice, numa basofia, numa gesticulação espetacular cheia de ameaças a Deus e todo mundo, cheia dum imperialismo empafioso ~~que~~ atingido especialmente as colonias e as amedrontando.

Foi principalmente o que se deu aqui na alta sociedade italiana, facilitado pelo isolamento em que êsse clan vivia. Ao mesmo tempo que a incultura lhes ~~se~~ despertava o entusiasmo pela tirania fascista, se acovardaram ante os mandados ~~longinquos de~~ e ameaças longinquos do Duce, transmitidos por consules de Carnaval (no fundo uns farsistas de inconcebivel pobreza mental) e por revistecos e jornais assalariados pra isso, mussolinicamente preocupados menos ~~em~~ em proporcionar grandeza e paz á colonia, que trazê-la desvirilisada numa ambiencia de terror. Os diretores dessas folhas não passavam de ~~se~~ sicarios fascistas, desembarcados frescamente de Italia, impregnados da espetaculosidade mussolinica, bebedos de mandachuvismo; ignorantissimos canzarrões ladradores que achando-se bem defendidos por trás pelo empenachamento dos bersalheres, pela incompetencia de attitude dos ricaços italo paulistas e pela covardia, desprestigio e inadvertencia dos nossos Governos, se punham mandando e desmandando ~~aqui~~ á sombra dos jacarandás. Indesejaveis e deleterios, não passando mesmo de ladradores promovidos, do dia prá noite se viam conselheiros, juizes e expressão intelectual duma colonia que não entendiam, cujos interesses ignoravam, numa terra que ignoravam inda mais totalmente, cujo modus vivendi lhes era inospito.

(jornalistas, ~~a~~ consules, ~~embaixadores~~)
 E com esses indesejáveis da pior espécie, a alta roda italo paulista

condescendia acovardada. Com os beijos melando na promessa de futuros condados, com a nostalgia tremendo á ameaça de não poderem mais voltar á pátria antiga, entre vaidade e sentimentalismo, condescendia "incapaz" de agir como devia. A atitude vaga que esses milionários na infinita maioria tomaram quando foi das correrias antifascistas de 1929 ~~W~~provara bem a incapacidade social em que viviam. Si esse movimento popular, como todos os movimentos populares do genero foi eminentemente desprezível ~~os~~ pela covardia d'ua multidão esfrangalhar oficinas dum jornaleco inerme e sem defeza, (nem parecerá possível uma atitude corajosa e coletiva do povo paulistano, chamado de "ordeiro" porquê é desfibradamente manso), si numa civilização imaginavel aos Governos é que impunha ~~me~~ reagir, condenar e expulsar: todas as classes no Estado viveram então dias de intensa vida. Menos os milionários italo paulistas, inexperientes, sem saber o que fazer, oscilando entre a cruz e a caldeirinha, entre Scila e Caribdes — que talvez lhes fique assim mais compreensivel... todos guardados no medo de casarões fechados. A não ser que se chame tambem de "intensa vida" esse medo em que se avacalharam! Em vez, foi pelo menos comoventemente humana a demonstração das outras classes italo paulistas da cidade, uns torcendo pelos fascistas e a infinita maioria se revoltando francamente contra o pasqureiro e o pasquim.

-~~#####~~ Italo, você é brasileiro, faça como quiser mas não se esqueça que seu pai é italiano...

Os distintivos fascistas desapareceram de todos os peitos, uns covardia, outros ~~os~~ revolta. Ninguém sabia o que estava pra succeder, todos exaltados, todos impacientes, a Polícia francamente a favor dos vingadores, o Govêrno hipocritamente conselheiral, francamente a favor dos insultadores.

~~E no meio desse malestar insuportavel, unica razão-de-ser da vida paulistana daqueles dias... No Diario Nacional, inda era noite populosa das ~~#####~~ vinte-e-uma horas quando muito, todos exaltados. Vem o porteiro avisar que estava na porta um moço querendo falar com o secretario. Acrescentou:~~

~~-E é fascista com distintivo...~~

~~-Pois diga pra êle que si quiser entrar tire esse distintivo, sinão nós arrancamos!~~

O porteiro foi. Não durou nem mei' minuto entrou o moço. Bem apessoado, alto, bonito mesmo e demonstrando raça. Trazia sempre o distintivo no

E com êsses jornalistas, consules, embaixadores indesejaveis da pior especie, a alta
[roda italopaulista

condescendia acovardada. Com os beijos melando na promessa de futuros con-
dados, com a nostalgia tremendo á ameaça de não poderem mais voltar á pa-
tria antiga, entre vaidade e sentimentalismo, condescendiam incapazes de agir
como deviam. A atitude vaga que êsses milionarios na infinita maioria toma-
ram quando foi das correrias antifascistas de 1929 provara bem a inca-
pacidade social em que viviam. Si êsse movimento popular, como todos os mo-
vimentos populares do genero foi eminentemente desprezível pela covar-
dia dũa multidão esfrangalhar oficinas dum jornaleco inerme e sem defeza,
(nem parecerá possivel uma atitude corajosa e coletiva do povo paulista-
no, chamado de “ordeiro” porquê é desfibradamente manso), si numa civilisa-
ção imaginavel aos Governos é que impunha reagir, condenar e expulsar:
todas as classes no Estado viveram então dias de intensa vida. Menos os
milionarios italopaulistas, inexperientes, sem saber o que fazer, oscilan-
do entre a cruz e a caldeirinha, entre Scila e Caribdes – que talvez lhes
fique assim mais compreensivel... todos guardados no medo de casarões fe-
chados. A não ser que se chame tambem de “intensa vida” êsse medo em que
se avacalharam! Em vez, foi pelo menos comoventemente humana a demonstra-
ção das outras classes italopaulistas da cidade, uns torcendo pelos fas-
cistas e a infinita maioria se revoltando francamente contra o pasquinei-
ro e o pasquim.

— ~~Meu filho,~~ Ítalo, você é brasileiro, faça como quiser mas não se es-
queça que seu pai é italiano...

Os distintivos fascistas desapareceram de todos os peitos, uns covar-
dia, outros ~~raí~~ revolta. Ninguém sabia o que estava pra suceder, todos exal-
tados, todos impacientes, a Polícia francamente a favor dos vingadores, o
Govêrno hipocritamente conselheiral, francamente a favor dos insultadores.

~~E no meio dêsse malestar insuportavel, unica razão de ser da vida~~
~~paulistana daqueles dias... No Diario Nacional, inda era noite populosa das~~
~~\$vinte horas quand\$ vinte e uma horas quando muito, todos exaltados. Vem o p~~
~~porteiro avisar que estava na porta um moço querendo falar com o secretar-~~
~~rio. Acrescentou:~~

— ~~E é fascista com distintivo...~~

— ~~Pois diga pra êle que si quiser entrar tire êsse distintivo, sinão~~
~~nós arrancamos!~~

~~O porteiro foi. Não durou nem mei' minuto entrou o moço. Bem apessoa-~~
~~do, alto, bonito mesmo e demonstrando raça. Trazia sempre o distintivo no~~

palitô fino. Tremia inteiro. Estava numa agitação que dava respeito, acentuada na cara, olho maluco, boca movente, numa exatidão de dor chegada insuportável. Andou conversando algum tempo com o secretário na salinha de visitas. De repente passou que nem furacão no meio da gente, desapareceu. O secretário também ~~desapareceu~~ aparecia quasi sem passo, boquiaberto. O pobre, de certo nem sabia ^o que estava sucedendo na cidade, arrostando até o perigo duma sova de morte passeando assim nas ruas com o distintivo no peito. Não sabia de nada, queria era encontrar Fulana. Tinha uns quinze dias atrás roubado ãa moça brasileira que os pais não queriam dar pra êle, se gostavam, estavam unidos se amando. ^{Uns dias antes} ~~na véspera~~ quando chegou na casinha esconderijo a moça desaparecera. Tinha chegado gente e parece que a moça partira chorando. O que viera fazer no jornal? Estava desesperado, dois dias de procura, queria, não se sabe, que pusessem anúncio, os jornais todos, falando, protestando, tirarem ãa moça de seu moço! fazer uma revolução, uma guerra, não aguentava mais, foi-se embora...

(19) Ao lado dessa alta sociedade prejudicial pelo peso do dinheiro, nas outras classes o italiano fundia bem com a terra e a nossa vida. Os pequenos desencontros de caracter e de modos não tinham prestigio pra nenhuma inassimilação. Mesmo entre burgueses ~~desapareciam~~ vivendo no ter os preconceitos e rivalidade de raça desapareciam cada vez mais rapidamente. Sempre era possível perceber uma ausencia de contacto íntimo entre paulistas quietarrões e italianos vivazes porém mesmo isso parece destinado a se acabar com rapidez. As bonitas italobrasileiras, provindas de familiar gente do povo, se afaziam com facilidade á calma dos lares burgueses e se entusiasmavam igualmente por Del Prete e Miss Brazil. Abrasileiravam pelo modo e sentimento adquirido, a italianidade restante dos pais e manos. Ao passo que os rapazes italobrasileiros ~~italianizavam~~ italianizavam as familias paulistas, sistematizando o macarrão e o quiante, a gesticulação, a fala alta, normalizando aqui a intelligencia e tradição italicas, deslumbravam e acabavam dominando os paulistas tardonhos, com demonstrações de intelligencia brilhantissima, embora frequentemente exterior. Italianos emigrados ou italobrasileiros eram todos uma gente deliciosa, boa, simpatica, utilissima, os que em parte decisiva tinham feito o lustre e a riqueza do Estado e o caracter de sua capital discreta, sem a monotonia arquitetonica de Buenos Aires, sem o mau gosto exacerbado do Rio de Janeiro e do Recife - cidade pra se viver no bairro, metido em casa entre vitrola e filhos.

palitô fino. Tremia inteiro. Estava numa agitação que dava respeito, acentuada na cara, olho maluco, boca movente, numa exatidão de dor chegada insuportável. Andou conversando algum tempo com o secretário na salinha de visitas. De repente passou que nem furação no meio da gente, desapareceu. O secretário também ~~chegara quasi~~ aparecia quasi sem passo, boquiaberto. O pobre, de certo nem sabia o que estava sucedendo na cidade, arrostando até o perigo duma sova de morte passeando assim nas ruas como distintivo no peito. Não sabia de nada, queria era encontrar Fulana. Tinha uns quinze dias atrás roubado ãa moça brasileira que os pais não queriam dar pra êle, se gostavam, estavam unidos se amando. Tres dias antes quando chegou na casinha esconderijo a moça desaparecera. Tinha chegado gente e parece que a moça partira chorando. O que viera fazer no jornal? Estava desesperado, dois dias de procura, queria, não se sabe, que pusessem anúncio, os jornais todos, falando, protestando, tirarem ãa moça de seu moço! fazer uma revolução, uma guerra, não aguentava mais, foi se embora...

(19) Ao lado dessa alta sociedade prejudicial pelo pêsso do dinheiro, nas outras classes o italiano fundia bem com a terra e a nossa vida. Os pequenos desencontros de caracter e de modos não tinham prestigio pra nenhuma inassimilação. Mesmo entre burgueses ~~bem arranjados~~ vivendo no ter os preconceitos e rivalidade de raça desapareciam cada vez mais rapidamente. Sempre era possível perceber uma ausencia de contacto íntimo entre paulistas quietarrões e italianos vivazes porêem mesmo isso parece destinado a se acabar com rapidez. As bonitas italobrasileiras, provindas de familiar gente do povo, si afaziam com facilidade á calma dos lares burgueses e se entusiasmavam igualmente por Del Prete e Miss Brasil. Abrasileiravam pelo modo e sentimento adquirido, a italianidade restante dos pais e manos. Ao passo que os rapazes italobrasileiros ~~providos no geral duma inteligência~~ ~~seia brilhantissima e exterior~~ italianisavam as familias paulistas, sistematizando o macarrão e o quiente, a gesticulação, a fala alta, normalizando aqui a inteligencia e tradição italicas, deslumbravam e acabavam dominando os paulistas tardonhos, com demonstrações de inteligência brilhantissima, embora frequentemente exterior. Italianos emigrados ou italobrasileiros eram todos uma gente deliciosa, boa, simpatica, utilissima, os que em parte decisiva tinham feito o lustre e a riqueza do Estado e o caracter de sua capital discreta, sem a monotonia arquitetônica de Buenos Aires, sem o mau-gosto exacerbado do Rio de Janeiro e do Recife – cidade pra se viver no bairro, metido em casa entre vitrola e filhos.

~~~~~

Mas já êsses italianos que vinham trabucar desilusoriamente ou se arranjar, ^{agora} ~~aqui~~ não emigravam mais pra cá. A Italia ^{cedia} ~~o~~ que nos mandava de boamente era apenas o rebotalho da sua intelligencia fascista, uns mandados oficialmente, outros vindos na cola da ambição. Aqueles vinham principalmente com a missão de conservar a "italianitá" ~~~~~ ...fascista dos colonos, professores, pasquineiros, ~~espiões~~ ^{espiões} até, porque se dizia com insistencia que nas grandes fábricas ^{bancos} e entrepósitos os milionarios italianos se viam obrigados a dar emprego a mocinhos recémvindos, cujo trabalho verdadeiro era ^{vigiar a conduta fascista dos ricos,} enviar relatorios sobre as condições fascistas da ~~de~~ gente e disseminar nas classes italobrasileiras as ideias de incabamento, de insatisfação e o desejo dum Fascismo por aqui. Mas o descaro do imperialismo fascista mandava pública e oficialmente emissarios, e juizes de não-sei-quê, tolerados molengamente pelos nossos Governos, os quais nos viravam numa facil dependencia colonial de Italia e, repetindo os Ouvidores da nossa primeira Idade, aqui vinham "fazer correição".

Alem dessa horda oficial ou suboficial, chegavam tambem os letrados da aventura. Professores de letras, professores de música, professores de nada, advogados, medicos, engenheiros, negociastas de pequena escala ou aventureiros simplesmente, os quais acoissados pela miseria na patria, porque não tinham nem intelligencia nem estudos pra vencerem lá, buscavam noutras terras de menos cultura e mais devassidão moral um ~~~~~ lamedo propício aos cogumelos. Nem toda e qualquer terra lhes servia não, nem nenhuma como terra lhes serviria jamais; não vinham buscando um país de aventura e de luta, vinham mas era talqualmente os virabostas no cangote dos bois pacientes, se encarrapatar sobre a colonia, botar a boca chupadeira nela e viver dela, sugando sugando.

E todos, êstes como aqueles, vinham de alma revoltada, ^{odientos,} facilmente enraivecidos contra um povo e ~~~~~ uma terra que não tinham a culpa da miseria que êles eram. Quasi que apenas isso a Italia nos mandava agora.

Entre os letrados as excepções boas eram mais que raras e, ~~a corrente i-~~ migratoria, ^{atrapalhada e viciada} ~~obstaculada com razão pela Italia já sentindo falta de ho-~~ ^{atrapalhados por uma} ~~mens mas cuja~~ propaganda antiemigratoria ^{que era apenas} ~~era~~ bem fascista, mesmo um derame de maus principios imperialistas e calunias semvergonha, os imigrantes ^{então} cessavam pouco a pouco de aportar em Santos.

da \$te\$ gente e disseminar nas classes italo-brasileiras as ideias de incabamento, de insatisfação e o desejo dum Fascismo por aqui. Mas o decaro do imperialismo fascista mandava pública e oficialmente emissários e juizes de não-sei-quê, tolerados molengamente pelos nossos Governos, os quais nos viravam numa facil dependencia colonial de Italia e, repetindo os Ouvidores da nossa primeira Idade, aqui vinham “fazer correição”.

Alem dessa horda oficial ou suboficial, chegavam tambem os letrados da aventura. Professores de letras, professores de música, professores de nada, advogados, medicos, engenheiros, negociastas de pequena escala ou aventureiros simplesmente, os quais acossados pela miseria na patria, porquê não tinham nem inteligencia nem estudos pra vencerem lá, buscavam noutras terras de menos cultura e mais devassidão moral um ~~\$lodaçal\$~~ ~~\$lodaçal\$~~ lamedo propício aos cogumelos. Nem toda e qualquer terra lhes servia não, nem nenhuma como terra lhes serviria jamais; não vinham buscando um país de aventura e de luta, vinham mas era talqualmente os virabostas no cangote dos bois pacientes, se encarrapatar sobre a colonia, botar a boca chupadeira nela e viver dela, sugando sugando.

541

italiano

E si algum colono vinha, espontaneo, buscando o Estado, só vendo como era tratado aqui! ~~Os~~ Os fazendeiros o disputavam numa concorrência de salarios excelentes e condições exaustivamente satisfatorias pra quem vinha donde vinha e vivêra como vivêra. A falta de braços aco-
vardava os fazendeiros. Se submetiam a condições de ridicula fantasia, inventadas ~~pelos tais...~~ pelos tais... "ouvidores" fascistas que inspeccionam-
do a vida colonial aqui, tomados ~~de~~ amor retardatario pelos patri-
cios fugidos da aldeia dura, exigiam um poder de ninharias inquisilan-
tes e desproporcionadas que por pouco os analfabetos chegados ~~se~~ se
veriam tratados a seda-frouxa e mel.

20) E não era apenas esse amor de páricio...contra a terra estranha que ~~empunhava a chalcirava~~ ~~empunhava~~ ~~tinham~~ nos colonos emigrados a vaidade, a independência e a pretensão que na pátria sempre tinham dormido sem revolta. Surgiam as defesas do emigrante, gremios trapalhões nascidos do lazer endividado de advogados sem causa que se dispunham a proteger os colonos contra o fazendeiro e a se ~~protegerem~~ protegerem inda melhor. Si a defeza do proletário rural era mais que justa, numa terra de analfabetismo comum, de bem-estar ~~de mão~~ e muita sobra, um atilho de medidas governamentais bastava pra ~~condicionar~~ ~~condicionar~~ ao colono uma vida mais elevada e humana. Essas medidas não vinham. Que se formasse gremios defensivos, orientados por homens lavados por um verdadeiro amor á classe era mais que justo portanto. Mas homens destes não havia em nossa terra de aventura. Os colonos caíam nas unhas de causidicos de escandalo ou dos frangotes dispo-niveis do Direito. ~~que numa rabulagem turistica pelo fazendal paulista iam atendo o fogo a uma~~ ~~doutorar-se~~ E estes sonhando apenas ~~nos diz-~~ quedizques do Automovel Clube ou coronelarem-se nas farras do Tucuruví, seguiam em rabulagem ~~de~~ de turismo pelo fazendal paulista, ateando fogo a uma ficticia luta de classes, falsificação mesquinha, sem razão-de-ser numa terra em/que não havia nem consciencia de pátria nem consciencia social. Mas açaimados por esse proteccionismo de ilusão, repolhu-dos de petulancia na esperança de costas bem defendidas, a experiencia de uns não adiantando aos outros, os colonos castigavam a andadura dos trabalhos, á complacencia covarde de fazendeiros que inda assim ganhavam bem!

1880

De tudo ¹⁸⁸⁸ ~~se~~ o proprio seu João sofrera chegando aqui. Já a insistência dos filhos pra que Ele viesse tambem com a familia toda, não fôra mais que um expediente de defeza propria ^{de} ~~das~~ rapazes fortes, providos

E si algum colono italiano vinha, expontaneo, buscando o Estado, só vendo como era tratado aqui! ~~\$(Não só\$~~ Os fazendeiros o disputavam numa concorrência de salários excelentes e condições exaustivamente satisfatórias pra quem vinha donde vinha e vivêra como vivêra. A falta de braços acovardava os fazendeiros. Se submetiam a condições de ridícula fantasia, inventadas ~~\$(não apenas\$~~ pelos tais... “ouvidores” fascistas que inspecionando a vida colonial aqui, tomados de amor retardatário pelos patri-cios fugidos da aldeia dura, exigiam um poder de ninharias inquisilantes e desproporcionadas que por pouco os analfabetos chegados ~~\$(não\$~~ se veriam tratados a seda-frouxa e mel.

(20) E não era apenas êsse amor de patricio... contra a terra estranha que chaleirava nos colonos emigrados a vaidade, a independência e a pretensão que na pátria sempre tinham dormido sem revolta. Surgiam as defesas do emigrante, gremios trapalhões nascidos do lazer endividado de advogados sem causa que se dispunham a proteger os colonos contra o fazendeiro e a se ~~\$(proteger melhor.\$~~ protegerem inda melhor. Si a defesa do proletário rural era mais que justa, numa terra de analfabetismo comum, de bem-estar á mão e muita sobra, um atilho de medidas governamentais bastava pra acondicionar ao colono uma vida mais elevada e humana. Essas medidas não vinham. Que se formasse gremios defensivos, orientados por homens lavados por um verdadeiro amor á classe era mais que justo portanto. Mas homens dêstes não havia em nossa terra de aventura. Os colonos caíam nas unhas de causidicos de escandalo ou dos frangotes disponiveis do Direito. ~~que numa rabulagem turistica pelo fazendal paulista iam atendo e fogo duma~~ E êstes sonhando apenas doutorar-se nos diz-que-dizes do Automovel Clube ou coronelarem-se nas farras do Tucuruví, seguiam em rabulagem ~~\$(turista\$~~ de turismo pelo fazendal paulista, ateando fogo a uma ficticia luta de classes, falsificação mesquinha, sem razão-de-ser numa terra em que não havia nem consciencia de pátria nem consciencia social. Mas açaimados por êsse protecionismo de ilusão, repolhudos de petulancia na esperança de costas bem defendidas, a experiencia de uns não adiantando a outros, os colonos castigavam a andadura dos trabalhos, á complacencia covarde de fazendeiros que inda assim ganhavam bem!

De tudo isso o proprio seu João sofrera chegando aqui. Já a insistência dos filhos pra que êle viesse tambem com a familia toda, não fôra mais que um expediente de defeza propria de rapazes fortes, providos

duma ambição episódica lhes dada pela riqueza fácil da região. Mas lutavam pra achar emprego, preteridos por qualquer concorrente estrangeiro, aceitos com desconfiança pelos administradores, mandados embora na mais leve folga de serviço.

É que já principiava se alastrando a tradição de que os nordestinos eram imprestáveis para o trabalho rural. Acabada a ilusão da borracha amazônica se dera a fuga pro sul. O “cearense”, o paroara vinha agora pra Goiás, pra Mato Grosso e especialmente pra ~~Seafé~~ S. Paulo. E ~~Sos~~ ~~que vinham~~ traziam consigo fatalmente a psicologia nordestina já de si tão diferente da paulista; e, além dessa, os que vinham traziam especialmente a psicologia paroara de gente instável, capaz de esforços episódicos enormes, incapaz do esforço mesquinho quotidiano. Traziam a esperança de lucros imediatos vastos que a gente gastava também num atimo pra depois trabucar de novo em novo esforço brusco de vida ou de morte pra de novo ganhar. A essa vida instável nem a riqueza aventureira de S. Paulo podia corresponder. Aqui o trabalho tinha de ser quotidiano e a economia também. A instabilidade do paroara se exacerbava com a desilusão e muitos dos nordestinos não paravam em lugar nenhum, mudando de fazenda a cada colheita nova. Inda mais: que nordestinos que vinham? Vinham os moços, juvenis solteirões em grande parte e não famílias, indivíduos escoteiros cuja tendência pra farra e ~~pro~~ chifrim nenhuma prisão de família acozardava. Nos estúpro das colônias, nas facadas das vendinhas de beira-estrada, era comum a mão do nordestino solteiro. O frio paulista convidava ao abuso da saudade nutrida com razão pelas inesquecíveis cachangas do Nordeste, as monjopinas destiladas em alambique de barro. E vinha o banzé grosso e no dia seguinte as caceteações, fugas, despedidas, precisão de arranjar camarada novo. Por isso os fazendeiros e administradores se inda aceitavam ~~de bom grado~~ as famílias vindas do norte, muitas vezes e com razão não queriam sistematicamente saber de nordestino só-zinho.

Porém essa tradição pejorativa era injustamente sistematizada e exagerada aqui por gente de importância e até homens de Estado que não se envergonhavam de botar nas costas do nordestino sem proteção a culpa da incuria ou das manobras deles. Essa gente de importância contribuía pelos jornais e Camaras a generalizar a falsificação. O Governo não se preocupava mais em dirigir pra cá a imigração estrangeira. A falta de braços aumentava cada vez mais. Porém mesmo dentro do Instituto

do Café ninguém não queria se por em oposição franca ao presidente do Estado. Não convinha atacar este que já vivia hipersensibilizado com o unico problema da politicalha ~~da~~ brasileira, a sucessão presidencial. Atacar a falta de imigração era salientar a incuria do chefão pelo mais premente problema da vida paulista. Pois então ataquemos o nordestino que em grande parte vinha pra cá trazido por agenciadores dos proprios fazendeiros paulistas. Atacado o nordestino que vinha, salientava-se a precisão do estrangeiro que não vinha mais. E assim o problema era posto em dia, toda a gente se desculpava e ninguém ficava de mal co a propícia amizade do sr. Presidente do Estado. Esta razão de se atacar o nordestino e acentuar os defeitos dele ou dar-lhe outros inexistentes, escutei eu, dada por membro influentissimo do ^{Liga Agrícola} ~~Instituto do Café~~, assim como a explicação porquê não convinha dar sem censura aos jornais as discussões havidas em sessão dentro ^{da imprensa} ~~do Instituto~~. E que ^{mas dentro dela} muitas ~~vezes~~ censurava-se o Presidente do Estado, ^{mas} ~~que~~ não convinha que essas censuras viessem a publico por causa que o Presidente inda f ^{havia fazer benefícios a} ~~fazia pouco fizesse~~ não sei mais que beneficio ^{da} ~~do~~ Instituto. Quanto aos ataques saídos da Camara Estadual, nem é preciso estudar um congresso que como o de todos os Estados da Nação era numerosamente feito de irresponsaveis, filhotes de politicos e ^{apenas} ~~de~~ filhos de seus pais.

E finalmente: a desproteção do nordestino aqui, inda acentuava ~~§~~ ^{hecho} ~~§§§§§~~ a ~~ataque~~ de levandade na economia familiar e de instabilidade que faziam a êle. Grande parte dos fazendeiros e até administradores se desforrava no nordestino da raiva contida em que viviam pelas exigencias da colonisação estrangeira. Um desprotegido que topavam, se desforravam nele. Até os administradores porquê é muito comum essa psicologia ilusionista do empregado ^{graduado} (que sem virtude nenhuma, por simples autos sugestão de grandeza, se incorpora ao patrão e adquire os defeitos, as avarezas e prepotencias d'êste. Tratavam o nordestino como ~~um~~ ser inferior, se aproveitavam do coitado inerme e o sugeitavam a muitos despres tigos.

Tanto que os filhos chamavam, auxiliado pelos cobres mandados, seu João se resolveu meio assustado, veio. Trazia a familia toda, gente dura resistente, capaz de vencer o tratamento de talhões gigantes. Mas logo na primeira fazenda foram todos encafuados num pardieiro ~~§§§§§~~ malsão. E como ^{seu João} ~~ainda~~ não sabia protestar, ficou lá, sempre ainda naquele males-tar de susto remanescente da aventura e da viagem. Nas casas dos inta-

do Café ninguém não queria se por em oposição franca ao presidente do Estado. Não convinha atacar êste que já vivia hipersensibilizado com o unico problema da politicalha ~~\$naei\$~~ brasileira, a sucessão presidencial. Atacar a falta de imigração era salientar a incuria do chefão pelo mais premente problema da vida paulista. Pois então ataquemos o nordestino que em grande parte vinha pra cá trazido por agenciadores dos proprios fazendeiros paulistas. Atacado o nordestino que vinha, salienta[-]va-se a precisão do estrangeiro que não vinha mais. E assim o problema era posto em dia, toda a gente se desculpava e ninguém ficava de mal co[m] a propícia amizade do sr. Presidente do Estado. Esta razão de se atacar o nordestino e acentuar os defeitos dele ou dar-lhe outros inexistentes, escutei eu, dada por membro influentissimo da Liga Agrícola, assim como a explicação porquê não convinha dar sem censura aos jornais as discussões havidas em sessão dentro duma companhia. É que nas sessões dela muitas vezes censurava-se o Presidente do Estado. Mas não convinha que essas censuras viessem a publico por causa que o Presidente inda podia fazer beneficios á Liga! Quanto aos ataques saídos da Camara Estadual, nem é preciso estudar um congresso que como o de todos os Estados da Nação era numerosamente feito de irresponsaveis, filhotes de politicos e apenas filhos de seus pais.

E finalmente: a desproteção do nordestino aqui, inda acentuava ~~\$a\$~~ ~~\$parte\$~~ a pecha de levandade na economia familiar e de instabilidade que faziam a êle. Grande parte dos fazendeiros e até administradores se desforrava no nordestino da raiva contida em que viviam pelas exigencias da colonisação estrangeira. Um desprotegido que topavam, se desforravam nele. Até os administradores porquê é muito comum essa psicolo[-]gia ilusionista do empregado graduado que sem virtude nenhuma, por simples auto[-]sugestão de grandeza, se incorpora ao patrão e adquire os defeitos, as avarezas e prepotencias dêste. Tratavam o nordestino como a ser inferior, se aproveitavam do coitado inerme e o sugeitavam a muitos despres[-]tigios.

Tanto que os filhos chamavam, auxiliados pelos cobres mandados, seu João se resolveu meio assustado, veio. Trazia a familia toda, gente dura resistente, capaz de vencer o tratamento de talhões gigantes. Mas logo na primeira fazenda foram todos encafuados num pardieiro ~~\$eando\$~~ malsão[.] E como seu João ainda não sabia protestar, ficou lá, sempre ainda naquele males-tar de susto remanescente da aventura e da viagem. Nas casas dos inta-

lianos tudo estava bonito e caído. A comparação fazia seu João sofrer. Lhe rebrotavam na alma uns versos da pabulagem das emboladas nordestinas em que ninguém é mais forte nem maior que eu. E foi até um espanto meditativo na fazenda quando viram o gastador do nordestino, com as filhas caíndo a casa por conta própria enquanto os filhos concertavam o fúgão. Terminado o concerto a casa estava bonita. Mais bonita inda estaria si pintada de amarelo vivo e janelas vermelhas como seu João sonhara, mas isso o administrador paulista não deixara por não ter senso de sonho. Mas sempre no branco fazia um efeito enorme as janelinhas e porta encarnado e o sofisma de amarelo no beiral das telhas.

Quando a casa ficou pronta, seu João deu um sábado de festa pra colônia. Teve doces tão bons como jamais italiano manjara, até um barril de chope e tanta felicidade que o João Velho ficou de casar com a filha dum italiano.

-Até que eu gostei bem porquê com tanto filho em casa e inda não tenho neto! Intaliano é tão bom como nós mesmos... E você, Chico Antonio, quando que casa?

Chico Antonio sofreu um baque percebendo um erro enorme pra trás. Um erro qualquer, de ter casado, ou de ter abandonado a mulher ou de não saber mentir pra seu João, não sabia bem: um erro enorme.

-Casei, nhor sim.

Seu João espantou olhando o moço muito. Chico Antonio não suportou o olhar. Abaixou a cabeça muito simples com um riso amarelo na boca.

-Ficou lá.

-Você largou!

-Larguei, nhor sim.

-Boa-noite, João.

Era o Nedim junto deles.

-Ah, seu Nedim!

Seu João dava uma risada feliz, se erguia, estava abraçando o sirio como si o não visse desde muito.

-É este o moço que eu falei, o Chico Antonio que eu crisei. O senhor ha-de conhecer êle melhor, vai ver: bom moço. Honesto, serio, forte, é mesmo que meu filho pra mim e canta que nem um ^{canário de canário} canário. O senhor ha-de escutar um dia! Quando que o senhor vai lá pra Araraquara agora?

-Não posso mais, mesmo. Agora tenho que ficar aqui.

-Ora seu Nedim, o senhor tá rico, vá ao menos pra descansar. Nossa

lianos tudo estava bonito e caiado. A comparação fazia seu João sofrer. Lhe rebrotavam nalma uns versos da pabulagem das emboladas nordestinas em que ninguém é mais forte nem maior que eu. E foi até um espanto medi[-]tativo na fazenda quando viram o gastador do nordestino, com as filhas caiando a casa por conta própria enquanto os filhos con[s]ertavam o fugo. Terminado o con[s]êrto a casa estava bonita. Mais bonita inda estaria si pintada de amarelo vivo e janelas vermelhas como seu João sonhara, mas isso o administrador paulista não deixara por não ter senso de sonho. Mas sempre no branco fazia um efeito enorme as janelinhas e porta encarnado e o sofisma de amarelo no beiral das telhas.

Quando a casa ficou pronta, seu João deu um sabado de festa prá co[-]lonia. Teve doces tão bons como jamais intaliano manjara, até um barril de chope e tanta felicidade que o João Velho ficou de casar com a filha dum intaliano.

– Até que eu gostei bem porquê com tanto filho em casa e inda não tenho neto! inta[l]iano é tão bom como nós mesmos... E você, Chico Antonio, quando que casa?

Chico Antonio sofreu um baque percebendo um êrro enorme pra trás. Um êrro qualquer, de ter casado, ou de ter abandonado a mulher ou de não saber mentir pra seu João, não sabia bem: um êrro enorme.

– Casei, nhor sim.

Seu João espantou olhando o moço muito. Chico Antonio não suportou o olhar. Abaixou a cabeça muito simples com um riso amarelo na boca.

– Ficou lá.

– Você largou!

– Larguei, nhor sim.

– Boa-noite, João.

Era o Nedim junto deles.

– Ah, seu Nedim!

Seu João dava uma risada feliz, se erguia, estava abraçando o sirio como si o não visse desde muito.

– É êste o moço que eu falei, o Chico Antonio que eu criei. O senhor ha-de conhecer êle melhor, vai ver: bom moço. Honesto, serio, forte, é mesmo que meu filho pra mim e canta que nem um galinho de campina. O senhor ha-de escutar um dia! Quando que o senhor vai lá pra Araraquara agora?

– Não posso mais, mesmo. Agora tenho que ficar aqui.

– Ora seu Nedim, o senhor tá rico, vá ao menos pra descansar. Nossa

casa está ás ordens,dô meu quarto pro senhor e vou com os filhos pro p
puxado!Faça cerimonia não!

O sirio riu,querendo bem.Mas era impossivel.Voltou facil á serie-
dade enquanto seu João falava pelos tres.Agora ^{Nedim} ~~ele~~ não disputava mais
com o velho aqueles desafios de noite inteira de loquacidade,como dant
tes,em S.Carlos.Nedim mudara por completo e a capacidade de antipatia
do regatão antigo redobrava nele.Era de só patricio ^{só} ou mesmo um seu
João suportar.

Antipatico por função.mascateando com suplicio por êsse imenso
Brasil,mais nocivo que util,mucum coçando na mão gastadeira do povo,
fez tudo praa ajuntar dinheiro e ajuntou mesmo.O que sofreu nem se con
ta,nem o ~~que~~ prejudicou.Acrescentou muita miseria e muito malestar.Não
por maldade.Nedim conscientemente era só bom.Havia nele um ideal que n
não atingira a consciencia,mais ou menos o que se definiria por "ficar
rico" si por acaso houvesse nele o desejo de gosar ou de ser avarento.
Mas não havia nada disso não.Ha via apenas mas era uma especie de voz
antiga,um mando irresistivel que o ^{obrigava} ~~fazia~~ mascatear,sofrer e fazer sofrer.
~~como vivara~~.Era então tudo o que é um tequeteque de interior,a mais a-
penas uma certa altivez curiosa que o levava a muitas discussões aze-
das por aí tudo e duas ou tres vezes a alguma troca de sôcos.Quando a
briga chegava a isso,apanhou sempre mais do que deu.Não sabia brigar.
Parava a briga no meio,principiava com muito palavriado arranjando as o
coisas pra partir,partia insultando até meia legua longe,com um odio
prodigioso em que havia muito de despeito de si mesmo.Achava alguém,u-
ma casa,continuava falando outras assuntos,sem nenhuma raiva,sem nenhu
sofrimento,pregando ^{as} excelencias da mercadoria.Si não encontrava ningue
o odio perseverava.Passara noites inteiras ruminando raiva,deixando es
capar insultos oratorios duma cmstancia expansiva originalissima.Porê
era incapaz de se vingar.Trazia todas as brigas e todos os inimigos na
memoria,o mais antigo que aparecesse Nedim o reconheceria e todas as
peripecias da briga ~~se~~ passada voltariam no momento.E mesmo,nos tempos
de regatão, ficava no ponto de recommear a briga retomando-a onde ela
^{parava} ~~ficava~~.Mas,pela mesma especie de fatalidade,era uma especie de bom.Ja-
mais servira um odio eterno dêsses por uma cilada de qualquer ~~esse~~ ge-
nero contra o inimigo.E si este por acaso,em alguma dificuldade finan-
ceira,viesse propor negócio pra ele,a vingança raivosa de Nedim era
não aceitar negocio nenhum com o outro,nem pra botar o desgraçado na

casa está ás ordens, dô meu quarto pro senhor e vou com os filhos pro puxado! Faça cerimonia não!

O sirio riu, querendo bem. Mas era impossivel. Voltou facil á seriedade enquanto seu João falava pelos tres. Agora Nedim não disputava mais com o velho aqueles desafios de noite inteira de loquacidade, como dan[-]tes, em S. Carlos. Nedim mudara por completo e a capacidade de antipatia do regatão antigo redobrava nele. Era de só patricio ou só mesmo um seu João suportar.

Antipatico por função mascateando com suplicio por êsse imenso Brasil, mais nocivo que util, mucuim coçando na mão gastadeira do povo, fez tudo pra ajuntar dinheiro e ajuntou mesmo. O que sofreu nem si con[-]ta, nem o que prejudicou. Acrescentou muita miseria e muito malestar. Não por maldade. Nedim conscientemente era só bom. Havia nele um ideal que não atingira a consciencia, mais ou menos o que se definiria por “ficar rico” si por acaso houvesse nele o desejo de gosar ou de ser avarento. Mas não havia nada disso não. Havia apenas mas era uma especie de voz antiga, um mando irresistível que o obrigara a mascatear, a sofrer e fazer sofrer. ~~e como fizera~~. Era então tudo o que é um tequeteque de interior, a mais apenas uma certa altivez curiosa que o levava a muitas discussões azedas por aí tudo e duas ou tres vezes a alguma troca de sôcos. Quando a briga chegava a isso, apanhou sempre mais do que deu. Não sabia brigar. Parava a briga no meio, principiava com muito palavriado arranjando as coisas pra partir, partia insultando até meia legua longe, com um odio prodigioso em que havia muito de despeito de si mesmo. Achava alguém, uma casa, continuava falando outr[o]s assuntos, sem nenhuma raiva, sem nenhu[m] sofrimento, pregando as excelencias da mercadoria. Si não encontrava ningue[m] o odio perseverava. Passara noites inteiras ruminando raiva, deixando es[-]capar insultos oratorios duma constancia expansiva originalissima. Porê[m] era incapaz de se vingar. Trazia todas as brigas e todos os inimigos na memoria, o mais antigo que aparecesse Nedim o reconheceria e todas as peripecias da briga passada voltariam no momento. E mesmo, nos tempos de regatão, ficava no ponto de recommear a briga retomando-a onde ela parara. Mas, pela mesma espec[i]e de fatalidade, era uma especie de bom. Jamais servira a um odio eterno dêsses por uma cilada de qualquer ~~sespe~~ genero contra o inimigo. E si êste por acaso, em alguma dificuldade financeira, viesse propor negócio pra êle, a vingança raivosa de Nedim era não aceitar negocio nenhum com o outro, nem pra botar o desgraçado na

miseria.

Um dia afinal, depois de vinte anos de tequeteque por conta própria se soube que aquele terreno valorisadíssimo era propriedade de Nedim. Vendera metade. Construíra aquela casa branca enfeitada, com dois andares. Botara hotel e o café em baixo. Não devia nada a ninguém. ~~Para buscar~~ ^{mas ele} ninguém sabia onde, uma companheira tão gasta como ele, síria medonha de feia e jorrando malvadeza pelos angulos. Ela ficava no hotel. Ele no café e... no hotel também. Tinha olhos pra tudo e a economia agora era insultante. Mas Nedim ficara desgraçado e o sofrimento é que mudara inteiramente o geito dele. ^{Gastara tudo na construção do hotel. X (Atuio)} ~~Vinham gastado tudo.~~ Vierá e ficara firme a sensação de que principiara novamente do começo a ajuntar ~~o~~ cruzado por cruzado. A coragem fôra mais forte que ele e o quebrara. Tudo ia muito bem, o hotel ^{imediatamente} ~~amundo~~ e o café lhe davam juro duma grandeza gatuna, mas subzistia no coitado ^a ~~uma~~ sensação ~~estragosa~~ de que era espoliado, que estavam morando na casa dele, que estavam comendo a comida dele. Quando essas fraquezas vinham fechava os olhos pra não ver os frequentadores do café. Jamais pudera se acomodar com a sala de jantar do hotel. Não comia nela e nem passava por ela nas horas de refeição. Vinham ~~lhe~~ impulsos ~~para~~ de botar pela porta fôra toda aquela gente sugadeira, sofria muito. Dinheiro, não se amolava com dinheiro. Sabia de cor quanto ajuntara já de novo, nunca voltava a recontar o dinheiro guardado. Continuava na mesma confiança ingenua dos tempos de mascate: não punha no bolso nem possuía burra, a mulher que guardava o dinheiro na guarda-roupa. Mas não sabia mais fazer as tranzações audazes e bocorias do mascate. Empréstava seguro, comercialmente, legalisadamente, na certeza de ganhar bem com o empréstimo e sempre na certeza angustiosa de que o roubavam, de que estava recomeçando de novo, com mais economias, muito menos esperanças e nenhuma mocidade. Era horrível. Ficara soturno. As ordens dele queimavam e ninguém era feliz naquele meio.

A amizade de seu João era agora pra Nedim um martírio. Tendo que vir pra São Paulo esperar Chico Antonio que chegava, seu João logicamente não havia de gastar noutro hotel que no do amigo. Era até mais um prazer o dinheiro que tinha mesmo de gastar, pois então que fosse pro bolso dum conhecido. Apareceu fazendo uma bulha dos demonios, muita gargalhada e abraço, café a dentro. Nedim, os olhos dele reconheceram cheio de carícia a imagem antiga do amigo. Mas foi um momento só. Mal responde

miseria.

(17) Um dia afinal, depois de vinte anos de tequeteque por conta propri[a] se soube que aquele terreno valorisadíssimo era propriedade de Nedim. Vendera metade. Construíra aquela casa branca enfeitada, com dois andares. Botara hotel e o café em baixo. ~~Não devia nada a ninguém. Mas Nedim fica~~ ~~\$ra desgraçado e o sofrimento mudara inteiramente o geito dele.~~ Fôra bus[-] car, não se sabia donde, uma companheira tão gasta como êle, síria medonha de feia e jorrando malvadeza pelos angulos. Ela ficava no hotel. Ele no café e... no hotel também. Tinha olhos pra tudo e a economia agora er[a] insultante. Mas Nedim ficara desgraçado e o sofrimento é que mudara inteiramente o geito dele. Gastara tudo na construção do hotel. X (Atrás) Viera e ficara

[firme a sensação de que principiara novamente do comêço a ajuntar ~~\$vintem por vin-~~ cruzado por cruzado. A coragem fôra mais forte que êle e o quebrara. Tudo ia muito bem, o hotel imediatamente imundo e o café lhe davam juro duma

[grandeza gatuna, mas subzistia no coitado a sensação ~~estragosa~~ de que era espo[-] liado, que estavam morando na casa dele, que estavam comendo a comida de[-] le. Quando essas fraquezas vinham fechava os olhos pra não ver os frequentadores do café. Jamais pudera se acomodar com a sala de jantar do hotel. Não comia nela e nem passava por ela nas horas de refeição. Vinham-lhe impulsos de botar pela porta fôra toda aquela gente sugadeira, so-fria muito. Dinheiro, não se amolava com dinheiro. Sabia de cor quanto ajuntara já de novo, nunca voltava a recontar o dinheiro guardado. Continuava na mesma confiança ingenua dos tempos de mascate: não punha no ba[n-] co nem possuía burra, a mulher que guardava o dinheiro na guarda-roupa. Mas não sabia mais fazer as tranzações audazes e bocorias do mascate. Emprestava seguro, comercialmente, legalisadamente, na certeza de ganhar bem com o empréstimo e sempre na certeza angustiosa de que o roubavam, de que estava recomeçando de novo, com mais economias, muito menos esperanças e nenhuma mocidade. Era horrível. Ficava soturno. As ordens dele queimavam e ninguém era feliz naquele meio.

A amizade de seu João era agora pra Nedim um martírio. Tendo que vir pra São Paulo esperar Chico Antonio que chegava, seu João logicamente não havia de gastar noutro hotel que no do amigo. Era até mais um prazer o dinheiro que tinha mesmo de gastar, pois então que fosse pro bolso dum conhecido. Apareceu fazendo uma bulha dos demonios, muita gargalhada e abraço, café a dentro. Nedim, os olhos dele reconheceram cheio de carícia a imagem antiga do amigo. Mas foi um momento só. Mal responde[-]

Ora ele era desses homens que adoravam a posse pela ~~única~~ permanência física iniludível do possuído. Adorava o dinheiro que se via visível, dinheiro mesmo, que faz pêso na mão, que se guarda na ~~as~~ mala escondida. Adorava ainda o terreno comprado, não pelo que êste se valorisara, ~~pra Nedim não~~ mas porque eram tantos metros quadrados de terra que ele podia pisar. Pra Nedim o terreno não se valorisara nada: se conservara apenas o possuído bem concreto que de tão pesado ele não podia levantar com o braço forte. Mas tudo isso desaparecera, todo esse possuído objectivo se evaporara, não apenas pelas dividas que contraira pra terminar a montagem do mosqueiro e do café, mas porquê, estes, no continuo vai-vem de compra e venda, de pagamento em trôco de cama, de jantar, de beber, não parecia ganho mais. Os lucros, o possuído se subtilisara demas pro sentimento de Nedim, êle não os podia compreender bem, e sofria. Na mascateação de dantes, não percebera nunca que ~~sempre~~ estava nesse mesmo processo de dar badulaques e cassas pelo dinheiro que lhe davam. Alem de habito vindo da mocidade, na mascateação o lucro era bem visível, bem despropositado e físico, lhe pesava no bolso. E agora, inda por cima, o fantasma da divida, perseguindo-o noite e dia, embora ela se amortizasse? com rapidez, o fantasma vinha e ~~lhe~~ arrancava dele tudo aquilo, tudo não era dele mais, era dos credores. Não possuía nada, estava pobre, com a roupa do corpo só.

ra com um bom-dia seco e um "como vai" de mão entregue ás demonstrações esfogueadas de seu João. Nedim ficou com medo de seu João. Toda aquela jubilosidade de que se aproveitara mais duma vez pra passar alguma camelóte e o pês dos juro do emprestimo, agora parecia tudo falso pra ele. Seu João estava enganando, pagara certo é verdade, mas vinha pra se vingar. Vingar, não é o termo; vinha pra passar um pealo no sirio. Foram pra cima escolher quarto. Nedim seguia o amigo, meio atrás, observando e na defeza. Quando seu João perguntou o preço do quarto, sem refletir, sinceramente, Nedim aumentara a diaria comum. Não é que preferisse perder o freguês nem era por nada, fez. Meio que se defendia de antemão duma falcatrua ~~de~~ futura em que seria fatalmente embrulhado por seu João. Seu João entusiasmado andava da Central prá estação da Luz, esperando trem numa conta, sem saber ~~de~~ por onde nem quando Chico Antonio chegava. No hotel, era o mesmo bemdisposto e palavroso. Mas Nedim não estava vendo aqueles dois dias. Um medo enorme, sem remorso, apenas medo de seu João, fazendo o sirio desconfiar de tudo entre indefiniveis sustos interiores.

Não era a primeira vez que seu João o convidava pra ir passar uns dias de ferias na casa dele. Seu João nem punha reparo que isso dependia de licença na fazenda. Oferecia de coração, menos levado pela bondade aliás do que pelo prazer de dar e dar-se até no caso de ser preciso. Era aquele maravilhoso desprendimento tradicional de terra farta, e que ficara especificado no Brasil especialmente no nordestino de tradição: dar pela felicidade contemplativa de ver a felicidade manejando um ser estranho. Nedim recusara com odio por dentro. Bem previu de golpe a possibilidade de se aproveitar do amigo e descansar sem gasto mas porêr era impossivel mesmo. Seu João estava mas armando uma cilada qualquer. E deixar o hotel entregue á mulher pra ela fazer todas as esmolas e milhoras que gastassem, isso então é que nunca. Crescera uma antipatia visivel por seu João que só mesmo o nordestino era incapaz de perceber. Nedim detestava o amigo que estava preparando uma cilada clara e indeterminavel contra ele, e ainda o detestava por causa de estar prêso prá sempre aos gastinhos do hotel.

Nedim era um desgraçado. De primeiro, por instinto natural mais do que por bondade, tomara o costume de dar esmolas. Dava principalmente aos paraliticos por uma transposição curiosa de personalidade. Mascateava ^{de} a-pé por êsses mundos e em cada paralitico que ^{encontrava} via, se via impossi-

ra com um bom-dia seco e um “como vai” de mão entregue às demonstraçõe[s] esfogueteadas de seu João. Nedim ficou com medo de seu João. Toda aquela jubilosidade de que se aproveitara mais duma vez pra passar alguma camelóte e o pês[o] dos juro[s] do empréstimo, agora parecia tudo falso pra êle. Seu João estava enganando, pagara certo é verdade, mas vinha pra se vingar. Vingar, não é o termo; vinha pra passar um pealo no sirio. Foram pra cima escolher quarto. Nedim seguia o amigo, meio atrás, observando e na defeza. Quando seu João perguntou o preço do quarto, sem refletir, sin[-] ceramente, Nedim aumentara a diária comum. Não é que preferisse perder o freguês nem era por nada, fez. Meio que se defendia de antemão duma falcatrua ~~Sem-quê~~ futura em que seria fatalmente embrulhado por seu João. Seu João entusiasmado andava da Central prá estação da Luz, esperando trem numa conta, sem saber ~~Scomo~~ por onde nem quando Chico Antonio chegava[-] va. No hotel, era o mesmo bemdisposto e palavroso. Mas Nedim não estava vivendo aqueles dois dias. Um medo enorme, sem remorso, apenas medo de seu João, fazendo o sirio desconfiar de tudo entre indefiníveis sustos inte[-] riores.

Não era a primeira vez que seu João o convidava pra ir passar uns dias de férias na casa dele. Seu João nem punha reparo que isso dependia de licença na fazenda. Oferecia de coração, menos levado pela bondade aliás do que pelo prazer de dar e dar-se até no caso de ser preciso. Era aquele maravilhoso desprendimento tradicional de terra farta, e que ficara especificado no Brasil especialmente no nordestino de tradição: dar pela felic[i]dade contemplativa de ver a felicidade manejando um ser estranho. Nedim recusara com odio por dentro. Bem previu de golpe a possibilidade de se aproveitar do amigo e descansar sem gasto mas po[-] rêm era impossível mesmo. Seu João estava mas armando uma cilada qualquer. E deixar o hotel entregue á mulher pra ela fazer todas as esmolas e melhoras que gastassem, isso então é que nunca. Crescera uma antipatia visível por seu João que só mesmo o nordestino era incapaz de perceber[.] Nedim detestava o amigo que estava preparando uma cilada clara e indeterminável contra êle, e ainda o detestava por causa de estar prêso prá sempre aos gatinhos do hotel.

Nedim era um desgraçado. De primeiro, por instinto natural mais do que por bondade, tomara o costume de dar esmolas. Dava principalmente aos paralíticos por uma transposição curiosa de personalidade. Mascateava de a-pé por êsses mundos e em cada paralítico que enxergava, se via impossi-

bilitado de caminhar, ou via toda uma profissão itinerante acabada pela impossibilidade física de um só. Então dava. Dava com a mesma irregularidade sentimental da maioria dos esmoleres, conforme a impressão de horror que recebia do mendigo. Quanto mais feio este, mais dava, no desejo único de se libertar pelo maior sacrifício, e se o mendigo era loquaz na gratidão ~~então~~ fugia perseguido, até com raiva do outro.

Pois mesmo o costum[e] de dar mudara agora. Vivía numa luta mesquinha com a mulher. Esta era menos sensível e sabia que estavam ricos. Dava esmolas também como o marido, e embora o gesto físico de dar fosse nela um insulto pro mendigo, isso não era culpa dela. Era culpa do corpo horroroso. Não concebia as esmolas de mais de tostão e muito comentara com Nedim os desperdícios deste, algumas vezes até milréis indo parar em mãos em[-]brevadas. E agora Nedim que a censurava pelos poucos tostões dos sabados! O sirio tomava conta das esmolas da mulher. Achava mesmo sempre um ge[i-]to de surripiar uns trestostões á sabatina esmolar da companheira, não pra conservar [mas pra

êle dar durante a semana. E esse dinheiro êle dava bem, sem nenhuma luta com a economia. Dava com prazer pessoal de dar. Mas a mulher está claro que percebia o roubo e por seu lado roubava em qualquer compra a equivalen[-]cia do perdido, [pra] dar exatamente, friamente o quanto destinava a esmola. Não falava nada pro marido mas Nedim conhecia a mulher e tinha consciên[-]cia de ou antes vergonha por ela perceber os roubos. Nem por isso deixava de roubar e numa ilusão só mesmo possível em seres assim tão fatais, se desintegrava da vida econômica da esposa e continuava imaginando que sempre tinha alguma forma de economizar, ~~nos roubos.~~ naqueles roubos mutuos.

Afora isso, que vida terrivelmente unanime a dos dois. Só havia entre eles a confia[n]ça perfeita e o silêncio. Quasi não se falavam. ~~mas era por essa incompetência humana dos seres conversarem consigo mesmos~~ Não tinham o que se dizer, pois um bisava a consciência do outro, apesar de seres diferentíssimos. Tudo o que era espontaneidade em Ne[-]dim, se repetia sistematizado conscientemente nela, e da mesma forma como êle sem querer era naturalmente bom, ela ~~era~~ naturalmente má. Jamais ela pen[-]sara na própria feiúra porê[m] fôra a feiúra física que lhe determinara o ser moral. ~~Era~~ Honesta, sim, mas duma honestidade que chocava por causa da impossibilidade de errar. Inda quando limpa, á saída do banho semanal, a pele encardida e lisa de brilhar era sórdida cobrindo uma ossatura toda em arco ~~/só capaz de inspirar desconfianças/~~. O que ela sentia por Nedim era o mais completo, mais frio e mais sistematizado desprezo. Está claro que

isso jamais lhe atingira ~~o~~ o conhecimento, mas o fato é que ~~des-~~
~~jurava~~ ^{era muito} Nedim. Vivima ~~na~~ ^{em} perfeita harmonia e as rugas que tinham e-
ram rugas de Nedim, uns gritos asperos, uns insustos de "cadela por sua
mãe que ~~era~~ ^{foi} cadela" pra baixo, tudo parado no meio ^{de repente} sem razão pra e nti-
nuar. A megera estava acostumada e não sofria. Obedecia quando era justo
obedecer, desobedecia si não. Não se sentia feliz porêr não haveria mo-
dos de a fazerem desgraçada. Si o marido morresse, a vida continuava e na
certa que encontraria ^(va) logo alguém que pretendendo lhe gosar a herança,
lhe servisse de objeto pra supliciar. Suplício subtil feito mais duma c
criação de ambiente que de gestos reais. Porêr estes existiam também e
eram conscientes.

Uma das formas com que ela supliciava Nedim era o gamão. Nedim não
se pode afirmar que gostasse de gamão, ~~jogava-o, por essa fatalidade com~~
~~que todos os seres fracos tem um fraco.~~ ^{me} O fraco dele era o gamão, jo-
gado a leite de pato com a mulher. Desde os tempos de casamento, si esta-
vam juntos e sem quefazer êles jogavam gamão. Nedim ás vezes fatigadis-
simo duma viagem e agora exausto com os ~~terrores~~ ^{atrasa} financeiros do
dia, se ~~jogava~~ ^{parava} numa cadeira na entressombra familiar. A ~~danada~~ ^{danada} lar-
gava o servicinho ou calmamente continuava acabando um arranjo. ^{Depois} tra-
zia o jogo. Muitas vezes a fadiga de Nedim era tamanha que êle nem me-
xia, olhos fechados. A ~~danada~~ ^{danada} arranjava as pedras de ambos e ficava
ali, sem uma frase, esperando. Nedim se ~~somosa~~ ^{remordia} desesperado. Uma vontade i-
mensa de não jogar, despeito por causa de ter perdido na verpera, aquele
número seis que não viera nem uma vez pra êle na "negra"... Abria os o-
lhos e principiava jogando com ~~aplicação~~ ^{afobação}. E era ~~então~~ ^{então} uma hora, ou mais
de martirio. Uma luta ~~encarnizada~~ ^{que} de espertezas. Os dois roubavam. O in-
teresse do jogo não estava na vitória, estava na trapaça. Tomavam mais
cuidado em somar os pontos do adversari que os proprios. Nos proprios,
si errassem, nunca jamais ~~errariam~~ ^{que} de maneira a se prejudicar, mas de mi-
nima desatenção que tivessem, era certo que o adversario trapaceava. Soma-
va como lhe convinha ou ^{na} conta dos dados ou no pulo das pedras. Era um
gamão que consistia apenas nisso; não deixar o inimigo trapacear. E quan-
do um pegava o outro na trapaça, vinham as palavras asperas, os "gatunos"
e os "filha de cadela" cantar os passes daquele ~~jogo infeliz~~ ^{ganho desachado}. Pouco a
pouco a noção do jogo se transformara inteiramente neles. Não havia a
minima consciencia de roubo. Si ganhavam por alguma trapaça escapada, a

Para o leitor que não conhece o jogo de gamão, direi que é um jogo de azar, muito comum no Brasil, especialmente no Nordeste. É jogado com pedras e dados, e o vencedor é aquele que consegue fazer o maior número de pontos. O jogo é muito simples, mas requer muita estratégia e habilidade. É comum jogar gamão em festas e reuniões familiares, e é uma ótima maneira de passar o tempo e se divertir.

Uma vez a verdade é que se estavam se divertindo a si mesmos. O insulto era uma ex-
pressão de auto-sugestão com que se ~~afobavam~~ ^{afobavam} ~~os~~ ^{os} ~~roubados~~ ^{roubados} ~~na~~ ^{na} ~~hora~~ ^{hora} ~~mas~~ ^{mas} ~~um~~ ^{um} ~~ilício~~ ^{ilício} ~~de~~ ^{de} ~~trai-~~ ^{trai-}
ção e ao mesmo tempo uma ~~exaltação~~ ^{exaltação} ~~na~~ ^{na} ~~qualificação~~ ^{qualificação} ~~deles~~ ^{deles} ~~de~~ ^{de} ~~desprezo~~ ^{desprezo} ~~pelo~~ ^{pelo} ~~que~~ ^{que} ~~ganhavam~~ ^{ganhavam}
e aquilo exaltava o ~~maquiavel~~ ^{maquiavel} ~~jogador~~ ^{jogador} ~~rápido~~ ^{rápido} ~~na~~ ^{na} ~~habilitação~~ ^{habilitação} ~~própria~~ ^{própria} ~~de~~ ^{de} ~~homens~~ ^{homens} e ~~de~~ ^{de} ~~mulheres~~ ^{mulheres}.

Logo pra andar mais depressa, acabar com aquilo e fugiram da si mesmos.

isso jamais lhe atingira ~~sa inteligência~~ o conhecimento, mas o fato é que despresava Nedim. Vivi[am] em muito perfeita harmonia e as rugas que tinham eram rugas de Nedim, uns gritos asperos, uns insultos de “cadela por sua mãe que foi cadela” pra baixo, tudo parado no meio de repente, sem razão pra continuar. A megera estava acostumada e não sofria. Obedecia quando era justo obedecer, desobedecia si não. Não se sentia feliz porê[m] não haveria modos de a fazerem desgraçada. Si o marido morresse, a vida continuava e na

certa que encontraria^[va] logo alguém que pretendendo lhe gosar a herança, lhe servisse de objeto pra supliciar. Suplício subtil feito mais duma criação de ambiente que de gestos reais. Porê[m] êstes existiam tambem e eram conscientes.

Uma das formas com que ela supliciava Nedim era o gamão. Nedim não se pode afirmar que gostasse de gamão, jogava-o. ~~por essa fatalidade com que todos os seres fracos tem um fraco.~~ O fraco dele era esse gamão, jogado a leite de pato com a mulher. Desde os tempos de casamento, si esta[-]vam juntos e sem quefazer êles jogavam gamão. Nedim às vezes fatigadissimo duma viagem e agora exausto com os terrores financeiros do dia, se atirava numa cadeira na entressombra familiar. A danada largava o servicinho ou calmamente continuava acabando um arranjo. Depois trazia o jôgo. Muitas vezes a fadiga de Nedim era tamanha que êle nem mexia, olhos fechados. A danada arranjava as pedras de ambos e ficava ali, sem uma frase, esperando. Nedim se remordia desesperado. Uma vontade imensa de não jogar, despeito por causa de ter perdido na ve[s]pera, aquele número seis que não viera nem uma vez pra êle na “negra”... Abria os olhos e principiava jogando com afobação. E eram ~~então~~ duas horas ~~ou mais~~ de martirio. Uma luta ~~encarniçada~~ de espertezas. Os dois roubavam. O interesse do jôgo não estava na vitória, estava na trapaça. Tomavam mais cuidado em somar os pontos do adversari[o] que os proprios. Nos proprios, si erras[s]em, nunca jamais que errariam de maneira a se prejudicar, mas á minima desatenção que tivessem, era certo que o adversario trapaceava. Somava como lhe convinha ou na conta dos dados ou no pulo das pedras. ~~Era~~ Um gamão que consistia apenas nisso: não deixar o inimigo trapacear. ~~Eles tinham~~

~~[transportado]~~ Pra esse jogo escuso, das horas noturnas, a leite de pato, separados dos [homens, no quarto solitario, eles tinham transportado todo o instinto de roubo que a [honestidade não deixava eles praticarem na vida. No gamão é que conseguiam a [maior intimidade entre si, de seres ávidos, duma ganancia fixada em finalidade, [capaz de todos os sacrifícios morais. Se detestando no momento, um buscando de [qualquer forma prejudicar o adversario, no jôgo é que eles se emparceiravam melhor, [um encontrando no outro, como num espelho a única verdade fixa de ambos [que uma espécie de puerilidade moral não os deixava realizar na vida. E quan[-] do um pegava o outro na trapaça, vinham as palavras asperas, os “gatunos[”], os “filha de cadela” cantar os passes daquele gamão desgraçado. Mas a verdade é que [estavam se insultando a si mesmos. O insulto era uma especie de auto-sugestão com [que se incitavam a roubar inda mais, num cilicio de excitação e ao mesmo tempo [uma especie de qualificação cheia de desprêzo pelo que quereriam ser. E aquilo [esquentava o manejo. Jogavam rapido, numa habilidade prodigiosa de somas e gestos [loucos pra andarem mais depressa, acabar com aquilo e fugirem de si mesmos. Pouco a pouco a noção do jôgo se transformara inteiramente neles. Não havia a minima consciencia de roubo. Si ganhavam por alguma trapaça escapada, a

sensação de vitória vinha absolutamente virtuosa dar um gôzo indizível pra Nedim. Pra ela não; dava apenas um olhar de confiança deslavada: “Rou[-] bei e você não percebeu!” ~~Stão tá!~~ Ela jogava friamente, êle com toda a paixão, mas ambos agastadíssimos. E continuavam assim até que o sirio não suportava [mais o suplício, ia dormir, com um sono inextato, bordado de memórias e de raivas. A me[-] gera vinha como um insulto desafiando, se deitar ao lado dele. Nedim recuava com nojo. Outras vezes se lançava sobre ela feito uma furia, mais por vingança que outra coisa. Ela se deixava gosar pacientemente, pronta sempre. Mas não tivera jamais um suspiro ~~si quer~~ de amor.

Quando Nedim viu seu João na companhia dum desconhecido percebeu que na certa era o moço esperado. Teve um choque desagradável que permaneceu num malestar insustentável. Respondeu mais vago que sêco á saudação gritada do amigo e se virou de novo pros patricios com quem falava, fingindo continuar no meio deles. Na verdade estava longe; e dando uma ~~fal~~ atenção falsa pr[a] conversa, se isolava em si mes[-]mo matutando, procurando se analisar pra adquirir alguma noção firme do que estava sentindo, de qual era a verdade que ~~se fim que~~ a chegada enfim do moço provava a respeito das intenções de seu João contra êle. Não chegou a nenhuma conclusão tal era a perplexidade atemorizada em que ~~estava~~ sufocava. Percebia apenas que tinha uma noção perfeitamente nitida duma coisa vaguíssima. Tinha certeza incontestável de que aquele era o moço que seria a causa de que? De não sabia o que, uma coisa horrível, um mal grande, a perda definitiva não sabia como nem si dele só, um desastre formidável ia suceder. Só isso. A própria realidade comestinha de que seu João era mesmo amigo dele, de que era naturalíssimo chegar um nordestino em São Paulo, todas essas evidências primárias davam pra Nedim uma espécie de pudor que o impedia de verificar francamente que seu João e o moço tinham combinado de o ~~roubar~~ por na miséria. Isso consistia numa falsificação tamanha da verdade que mesmo o cagaço alucinatorio em que estava tinha um limite como que objetivo: dava de encontro num muro de pudores e evidências e se espedaçava num vago insuportável. E por essa curiosidade que reinfantiliza todo homem diante dum perigo que o ameaça, o pensamento normal de Nedim estava prejudicado pelo desejo de ir ver o moço, de conversar com êle, apalpar-lhe as manhas, os designios secretos, enfim tudo o que lhe pudesse esclarecer dalgum jeito o mal vago ~~que~~ de que tinha certeza. Não pôde mais, foi ver.

Chico Antonio não gostou da chegada de Nedim. Estava num momento por assim dizer feliz da vida que o turco vinha atrapalhar. Chegara ao reconhecimento dum erro qualquer. E essa convicção o deslumbrara como sempre as raras convicções a que chegava na vida. Pouco lhe importava de saber qual era o erro, si o fato de ter casado, si o fato de ter abandonado a mulher, si o fato de ser tão primário a ponto de não saber mentir; inda pouco importava pra ele que fosse uma convicção ~~de~~ não de virtude e honrosa mas de erro pessoal que deprime. Como todos os seres muito ^{matricos} ~~primários~~ lhe era facil se defender da vergonha pelo arrependimento. Ia gosar um instante de verificação e nitidez. Si é certo que tinha o seu mais absoluto prazer e mais constante vicio nos momentos de absoluta ~~de~~ de aintellectual ~~total~~ diluição de personalidade a que atingia na cantiga rodada dos cocos, em certas scismas ao Sol ou diante das surpresas estupendas que nem a de a pouco atravessando a varzea do Carmo: ~~o estado de~~ ^{armistício} vacuidade constante em que vivia o co servava num estado de limbo, ~~nem triste nem alegre~~, tão vegetal que não chegava a reconhecimento siquer de vitalidade - uma interminavel monotonia. Por isso toda convicção, todo e qualquer marco de pensamento que conseguia fincar nos dominios perplexos e nele especialmente ilimitáveis do conhecimento, lhe dava de ~~presente por assim dizer~~ um momento de verdadeira vida humana. Era u prazer imediato de verificação pessoal e essa vitória sobre si mesmo, esses instantes em que passava da irracionalidade ~~de~~ insegura pra uma composição mais firme do ser abri-
nele toda uma primavera de amor e desprendimento dadivoso de suas propriedades pessoais pra com os outros homens, pra com as virtudes naturais e primarias que a inteligencia pode primariamente tirar das nossas funções físicas, enfim: pra com o Bem. Nesses momentos Chico Antonio era maravilhosamente bom.

-Larguei, nhor sim.

Como era bom não mentir! Como era bom confessar pra seu João que fôra um malvado largando a pobre da Izabel! Como se arrependia... de tudo! Como era bom a gente se arrepender pra um amigo que era amigo, que era pai, que era padre em confissão, que era mãe nos perdoando, nos castigando, como era bom o castigo!... Estava imovel, muito sentado, mas as sensações voavam dentro dele, se sentia de joelhos, nessa volupia implorante de esconder a cara no corpo confortador dum amigo, sentir ãa mão passando no cabelo da gente, sentia um choro interno, uma faculdade consola

Chico Antonio não gostou da chegada de Nedim. Estava num momento por assim dizer feliz da vida que o turco vinha atrapalhar. Chegara ao reconhecimento dum êrro qualquer. E essa convicção o deslumbrara como sempre as raras convicções a que chegava na vida. Pouco lhe importava de saber qual era o êrro, si o fato de ter casado, si o fato de ter aban[-] donado a mulher, si o fato de ser tão primário a ponto de não saber men[-] tir; inda pouco importava pra êle que fosse uma convicção ~~de êrro e~~ não de virtude e honrosa mas de êrro pessoal que deprime. Como todos os se[-] res muito místicos lhe era fácil se defender da vergonha pelo arpen[-] dimento. Ia gosar um instante de verificação e nitidez. Si é certo que tinha o seu mais absoluto prazer e mais constante vício nos momentos de absoluta ~~spanteismo e~~ de aintellectual ~~tonteira~~ diluição de personalidade a que atingia na cantiga rodada dos cocos, em certas scismas ao Sol ou diante das surpresas estupendas que nem a de a pouco atravessan[-] do a varzea do Carmo: a vacuidade constante em que vivia o co[n-] servava num estado de armistício, tão vegetal que não chegava a reconhecimento sequer de vitalidade – uma interminável mono[-] tonia. Por isso toda convicção, todo e qualquer marco de pensamento que conseguia fincar nos domínios perplexos e nele especialmente ilimita- veis do conhecimento, lhe dava ~~de presente por assim dizer~~ um momento de verdadeira vida humana. Era u[m] prazer imediato de verificação pessoa[l] e essa vitória sobre si mesmo, êsses instantes em que passava da irraci[o-] nalidade ~~monotona e~~ insegura pra uma composição mais firme do ser abriam nele toda uma primavera de amor e desprendimento dadivoso de suas pr[o-] priedades pessoais pra com os outros homens, pra com as virtudes natu- rais e primárias que a inteligência pode primariamente tirar das nossa[s] funções físicas, enfim: pra com o Bem. Nesses momentos Chico Antonio era maravilhosamente bom.

– Larguei, nhor sim.

Como era bom não mentir! Como era bom confessar pra seu João que fôra um malvado largando a pobre da Isabel! Como si arrendia... de tu- do! Como era bom a gente se arrepender pra um amigo que era amigo, que era pai, que era padre em confissão, que era mãe nos perdoando, nos casti[-] gando, como era bom o castigo!... Estava imóvel, muito sentado, mas as sen[-] sações voavam dentro dele, si sentia de joelhos, nessa volúpia imploran- te de esconder a cara no corpo confortador dum amigo, sentir ùa mão pas[-] sando no cabelo da gente, sentia um choro interno, uma faculdade consola[-]

dora de fazer o bem, percebia que era capaz de con[s]ertar o malfeito, per[-]cebia o malfeito con[s]ertado não porque Chico Antonio o fosse con[s]ertar (Chico [Antoni[o]

nunca mais se ligaria com Izabel) ~~po~~ mas porquê tinha capacidade pra ~~se~~ ~~certar~~ isso... Se sentia premiado, todos o louvando, Izabel felicíssima, êle felicíssimo, seu João, que êle queria tanto bem e respeitava, alegríssimo, uma grande festa com muita cachaça êle cantando... O sirio viera a[-]trapalhar tudo.

Olhou pra Nedim sorrindo aquele sorriso de simpatia indiferente e ~~re~~ conhecimento que sempre tinha diante de qualquer estranho. Si remoía a chegada intempestiva do sirio, era incapaz de antipatia por ninguém e acostumado a uma vida viageira, inda por cima de cantador com quem toda a gente se sente no direito de conversar camar[a]damente sem nenhum conhe[-]cimento anterior, diante de qualquer estranho não tinha a sensação sempre interrogativa de quem conhece mas a segurança afetiva de quem reconhece um conhecido antigo e bom.

Nedim, respondendo às frases de seu João, dera a mão pra Chico Anto[-]nio e o asuntava com avidez. Quando seu João deu espaço, perguntou abru[p-]to pra Chico Antonio:

– Você... o que vem fazer em São Paulo?

– Vem ganhar dinheiro que nem ~~voce, Nedim!~~ o senhor, seu Nedim!

Seu João deu uma grande gargalhada. Nedim olhou pra êle com odio. Pe[r-]cebia com segurança na frase que o moço vinha ganhar o dinheiro dele Nedim mas era tal a enormidade da verificação que não podia tomar nenhu[-]ma defeza contra ela.

– Sou pobre!

– Ora, seu Nedim!... si o senhor é pobre quem que é rico então! De certo eu!...

– Já tem muito imigrante em São Paulo.

As frases do sirio cortavam e seu João principiou sentindo um cer[-]to malestar. Chico Antonio não, estava seguro, muito calmo, olhando pro si[-]rio, voltado á inconsciencia habitual.

– Sempre eu hei-de arranjar êle por aqui. Está bom: agora ja tomamos nosso café e vamos dar um passeio na cidade pra Chico Antonio ver.

Chico Antonio carregava os trens. Falaram-se até-logos sem que nin[-]guem desse a mão. Caminhando entre as mesas em direção das ~~portas~~ saídas seu João fa[!]lou baixo [pr]o moço:

– Este Nedim é burro!

(23).....
(pôr por aqui)

Deu uma gargalhada de confiança já voltado na intimidade do sirio outra vez.

Nedim ficara imovel seguindo os dois com olhar de exame. Nascia nele um desejo doído de seguir os dois, de saber o que iam dizer e fazer mas não podia deixar o Café.

Quando os ~~dois~~ nordestinos desceram a escada do hotel, deixados os trens no quarto, Nedim estava na porta com um sirio moço, esperando. O estado de curiosidade em que ficara fôra tão doentio que se libertara naquele alvitre: mandar alguém com os dois. Só isso: mandar mais alguém sem especificar praquê. Nem no momento se prometia interrogar depois o Jorge; o que o salvava era apenas mandar o Jorge por êsse conhecimento intuitivo que nós temos de que o número tres desintegra a fôrça humana dos conlúios. O Jorge atrapalhava pelo menos as conversas do momento e tudo ficaria adiado pra mais tarde. Ora pra Nedim a vida se tornara tão insuportavel e ~~desastre~~ desastre irremovível que o unico sentimento de felicidade ou pelo menos de posse consistia em afastar "pra mais tarde" o ~~mal~~ mal que fatalmente havia de chegar. O timbre sibilante da voz dele tomou uma surdina implorativa pra dizer:

-João, Jorge vai com vocês pra mostrar...

-Ara, praquê, seu Nedim! Não carece não!

Seu João até ficara bem contente com o aumento de mais um no passeio. Era mais uma possibilidade pra gosar. E aliás havia uma razão de passado que não lhe permitia, diante de Chico Antonio, se libertar da sua autoridade. Ora seu João era um desses tipos admiraveis de bem-estar de que Job explica ~~psicologicamente~~ psicologicamente a insistencia do conformismo dentro da maior desgra. Tudo estava sempre bem pra seu João edêsse valor de infancia ^{virtude} ele era voluptuoso. Muito correto, duma ~~aprioristica~~ ^{virtude} aprioristica, incapaz por natureza de fazer mal a um bicho, no meio ignorante que era o dele, não servia-se da autoridade natural que lhe vinha da maneira de ser sinão nos momentos imperiosos em que se impunha a existencia duma verdade fixa. No resto não havia ninguém mais complacente que êle e se tornava em toda a parte e agora na colonia e que vivia uma especie de confessorio ambulante e prestimoso em que iam se perdoar ou consolar todos os pecadinhos e dores. A autoridade dele era muito subtil mas sem nada de hipocrisia. Achav muitos geitos de perguntar pra ser ensinado, tratava a muitos por "seu Fulano, o senhor", e punha uma delicadeza tão exacta no esquecer o passado alheio nas conversas e trato quotidiano que toda a gente se aproximava de-

Deu uma gargalhada de confiança já voltado na intimidade do sirio outra vez.

Nedim ficara imóvel seguindo os dois com olhar de exame. Nascia nele um desejo doído de seguir os dois, de saber o que iam dizer e fazer mas não podia deixar o Café.

Quando os dois nordestinos desceram a escada do hotel, deixados os trens no quarto, Nedim estava na porta com um sirio moço, esperando. O estado de curiosidade em que ficara fôra tão doentio que si libertara naquele alvitre: mandar alguém com os dois. Só isso: mandar mais alguém sem especificar praquê. Nem no momento se prometia interrogar depois o Jorge; o que o salvava era apenas mandar o Jorge por esse conhecimento instintivo que nós temos de que o número tres desintegra a fôrça humana dos conlúios. O Jorge atrapalhava pelo menos as conversas do momento e tudo ficaria adiado pra mais tarde. Ora pra Nedim a vida se tornara tão insuportável e ~~irremovível~~ desastre irremovível que o unico sentimento de felicidade ou pelo menos de posse consistia em afastar “pra mais tarde” o ~~que~~ mal que fatalmente havia de chegar. O timbre sibilante da voz dele tomou uma surdina implorante pra dizer:

– João, Jorge vai com vocês pra mostrar...

– Ara, pra quê seu Nedim! Não carece não!

Seu João até ficara bem contente com o aumento de mais um no passeio. Era mais uma possibilidade pra gosar. E aliás havia uma razão de passado que não lhe permitia, diante de Chico Antonio, se libertar da sua autoridade. Ora seu João era um desses tipos admiráveis de bem-estar de que Job explica ~~sa-poss~~ psicologicamente a insistência do conformismo dentro da maior desgraça. Tudo estava sempre bem pra seu João e desse valor de infância ele era voluptuoso. Muito correto, duma virtude apriorística, incapaz por natureza de fazer mal a um bicho, no meio ignorante que era o dele, não servia-se da autoridade natural que lhe vinha da maneira de ser sinão nos momentos imperiosos em que se impunha a existência duma verdade fixa. No resto não havia ninguém mais complacente que ele e se tornava em toda a parte e agora na colônia ~~e[m]~~ que vivia uma espécie de confessionário ambulante e prestimoso em que iam se perdoar ou consolar todos os pecadinhos e dores. A autoridade dele era muito subtil mas sem nada de hipocrisia. Achava muitos gestos de perguntar pra ser ensinado, tratava a muitos por “seu Fulano, o senhor”, e punha uma delicadeza tão exacta no esquecer o passado alheio nas conversas e trato quotidiano que toda a gente se aproximava de-

le, mesmo logo após a falta, sem receio duma alusão ou dessa indecisão re-
preensiva que nós pomos no gesto diante de alguém que errou. Os homens são
insaciáveis de prepotência e injustiça. Quando um erra todos os outros o
julgam e secretamente se recreiam com a possível inferioridade alheia. E
não é pela precisão de nos justificarmos diante de nós mesmo, que agimos
assim. É muito fácil a gente achar o perdão das próprias culpas porque de
fato noventa-e-nove por cento dos erros humanos são dignos de perdão por-
quê independem de nós. Nós podemos facilmente ser... justos pra conosco mes-
mos porque cada um possui e só ele neste mundo, os dados da precariedade
pessoal mas por isso mesmo que a nossa função física na Terra não é fazer
justiça mas viver, diante dos outros homens a nossa inteligência procede
com a lei dos irracionais, não perdoa, inculpa. E assim é que nós vencemos e
sobrepujamos os outros: critério irracional da luta pela vida.

Seu João não tinha instintivamente nada disso. Os homens não tinham p^a
passado nenhum pra ele, ele se regosava neles pela presença no presente; e
si o presente era de paz: sejamos felizes juntos! essa era a lei de seu Jo-
ão. A presença de mais "seu Jorge" no passeio lhe permitia partilhar com o
sirio a autoridade que Chico Antonio dava ~~ao protetor~~ ao protetor. Por isso
gosou com a oferta, recusando só porque era praxe recusar. Mas Nedim perceb-
eu muito bem que o velho recusara não gostando de vir um terceiro atrapa-
lhar... que conluio? Um conluio qualquer. A voz fuzilou na defeza própria e
impôs o Jorge.

-Não zanga, seu Nedim, que diabo! Qual, ninguém me tira da cabeça que o
senhor tá carecendo mas é fazenda! Amanhã a gente combina isso.

Partiram os tres e era ali pelas vinte-e-uma horas. ~~~~~~~~~ Iam bem
juntos apesar dum pouco dispersos ainda principalmente pela diferença de
andar. Chico Antonio caminhava rapido e separado de seu João pelo sirio no
meio, não conseguia ritmar o outro nordestino. Ia por isso um pouco livre, o
mais na frente dos tres e aliás recaído na inconsciencia habitual. Não o-
lhava, não examinava nada, já inteiramente acostumado com São Paulo. Numa es-
quina tendo continuado na reta em vez de quebrar subindo a ladeira, quando
o sirio ensinou "Por aqui.", retomou logo a dianteira sem nenhuma convic-
ção de ter errado.

Dois passos atrás de Chico Antonio vinha seu João e um passo atrás
dêste o sirio, mais lento de todos por ser o unico sciente de que estavam
passeando. Seu João falava contando a vida dele pra Jorge, perguntando mui-
tas coisas da vida de Jorge. Este era loquaz tambem mas estava respondendo

le, mesmo logo após a falta, sem receio duma alusão ou dessa indecisão re-preensiva que nós pomos no gesto diante de alguém que errou. Os homens são insaciáveis de prepotencia e injustiça. Quando um erra todos os outros o julgam e secretamente se recreiam com a possível inferioridade alheia. E não é pela precisão de nos justificarmos diante de nós mesmo, q[ue] agimos assim. É muito fácil a gente achar o perdão das próprias culpas porquê de fato noventa-e-nove por cento dos erros humanos são dignos de perdão porquê independem de nós. Nós podemos facilmente ser... justos pra conosco mes[-]mos porquê cada um possui e só êle neste mundo, os dados da sua precariedade pessoal mas por isso mesmo que a nossa função física na Terra não é fazer justiça mas viver, diante dos outros homens a nossa inteligencia procede com a lei dos irracionais, não perdoa, inculpa. E assim é que nós vencemos e sobrepujamos os outros: criterio irracional da luta pela vida.

Seu João não tinha instintivamente nada disso. Os homens não tinham passado nenhum pra êle, êle si regosava neles pela presença no presente; e si o presente era de paz: sejamos felizes juntos! essa era a lei de seu João. A presença de mais “seu Jorge” no passeio lhe permitia partilhar com o sirio a autoridade que Chico Antonio dava ~~pro velho~~ ao protetor. Por isso gosou com a oferta, recusando só porquê era praxe recusar. Mas Nedim percebe[-]u muito bem que o velho recusara não gostando de vir um terceiro atrapa[-]lhar... que conluio? Um conluio qualquer. A voz fuzilou na defeza propria e impôs o Jorge.

– Não zanga, seu Nedim, que diabo! Qual, ninguém me tira da cabeça que o senhor tá carecendo mas é fazenda! Amanhã a gente combina isso.

Partiram os tres e era ali pelas vinte-e-uma horas. ~~da noite.~~ Iam bem juntos apesar dum pouco dispersos ainda principalmente pela diferença de andar. Chico Antonio caminhava rapido e separado de seu João pelo sirio no meio, não conseguia ritmar o outro nordestino. Ia por isso um pouco livre, o mais na frente dos tres e aliás recaído na inconsciencia habitual. Não olhava, não examinava nada, já inteiramente acostumado com São Paulo. Numa es[-]quina tendo continuado na reta em vez de quebrar subindo a ladeira, quando o sirio ensinou “Por aqui.”, retomou logo a dianteira sem nenhuma convicção de ter errado.

Dois passos atrás de Chico Antonio vinha seu João e um passo atrás dêste o sirio, mais lento de todos por ser o unico sciente de que estavam passeando. Seu João falava contando a vida dele pra Jorge, perguntando muitas coisas da vida de Jorge. Este era loquaz tambem mas estava respondendo

~~com discrição~~ e sem vontade. Aliás escutava também sem nenhuma curiosidade a vida de seu João. Afinal ponde levar os assuntos pra São Paulo e unilateralizado pelo seu papel de tapejara então ponde existir falando e contando coisas. Mas dóia pra Jorge a inexistência de Chico Antonio tão separado de le. Pretendeu andar mais rápido pra ficar ao lado do outro mas foi impossível. Chico Antonio também sentia um certo malestar porquê o andar dos companheiros o prendia atrás. Quando Jorge ~~se maltratando a si mesmo~~ ^{apressou o passo,} no seu consciente movimento de passeio, Chico Antonio ponde desafgar um bocado mais a andadura e as distancias se conservaram iguais. Então Jorge desistiu e tornou ao passo legítimo. Seu João e Jorge conversavam é certo porém os tres estavam ainda muito solitarios.

Na porta do hotel, quando Nedim mostrara o companheiro inventado pros nordestinos, Chico Antonio e Jorge tinham trocado um olhar comprido. Esse é o geito com que nós transportamos prá nossa condição humana o cheirar dos irracionais. Tinham se reconhecido da mesma especie, que ~~entre os homens~~ ^{no caso} quer dizer da mesma idade. Eram moços e ficaram companheiros intimos porquê podiam tomar muitas librdades e se dizer muitas coisas íntimas. Jorge então sentiu mais prazer pelo passeio e Chico Antonio depôs inteira confiança no amigo novo. Agora estavam separados por uma incompetencia fisica no andar, ambos se constrangiam com isso porém o mal era pequenissimo pra lhes prejudicar a amizade e si a dispersão natural de Chico Antonio não lhe permitia a minima preocupação com essas coisas, Jorge mais consciente, era praceano de cidade grande e já possuia aquela paciencia urbana que da tempo pra esperar. Sabia que em pouco tempo uma conciliação qualquer havia de vir.

Veio logo. ~~Desembocaram~~ ^{de J. Bento} da rua ~~João Bricola~~ na praça Antonio Prado e o espanto do arranhacéu Martinelli os fez parar.

-Para, Chico Antonio!

Chico Antonio obedeceu ao velho e veio pra junto dos dois. Então Jorge estimulado pela aparente escuta do amigo, fez uma preleção em decretos, como era só possivel a êle. Tinha uma natureza de Deus, simplorio e tran-chante. Não concebia a dúvida nem a possibilidade de errar e quando acaso numa conversa acontecia alguém provar pra êle que errara não sentia a noção do êrro, sentia apenas uã mudança de verdades. Uma verdade fôra trocada por outra verdade. Jorge era assim e num minuto de discurso diante do arranhacéu inda mais pôs á prova a admiração de seu João, já tantas vezes parado ante o Martinelli, com uma dúzia de afirmações estupidiissimas. Quanto

~~com discrição e~~ sem vontade. Aliás escutava também sem nenhuma curiosidade a vida de seu João. Afinal pôde levar os assuntos pra São Paulo e unilate[-] ralizado pelo seu papel de tapejara então pôde existir falando e contand[o] coisas. Mas doía pra Jorge a inexistência de Chico Antonio tão separado de[-] le. Pretendeu andar mais rápido pra ficar ao lado do outro mas foi impossível. Chico Antonio também sentia um certo malestar porquê o andar dos co[m-] panheiros o prendia atrás. Quando Jorge ~~\$apressou o passo\$,~~ se maltratando a si mesmo no seu consciente movimento de passeio, apressou o passo, Chico Antonio [pode desaf[o-]

gar um bocado mais a andadura e as distancias se conservaram iguais. Então Jorge desistiu e tornou ao passo legítimo. Seu João e Jorge conversavam é certo porêem os tres estavam ainda muito solitarios.

Na porta do hotel, quando Nedim mostrara o companheiro inventado pros nordestinos, Chico Antonio e Jorge tinham trocado um olhar comprido. Esse é o geito com que nós transportamos prá nossa condição humana o cheirar dos irracionais. Tinham se reconhecido da mesma especie, que no caso queria dizer da mesma idade. Eram moços e ficaram companheiros intimos porquê podiam tomar muitas liberdades e se diz[e]r muitas coisas íntimas. Jorge então sentiu mais prazer pelo passeio e Chico Antonio depôs inteira confiança no amigo novo. Agora estavam separados por uma incompetencia fisica no andar, ambos se constrangiam com isso porêem o mal era pequenissimo pra lhes prejudicar a amizade e si a dispersão natural de Chico Antonio não lhe permitia a minima preocupação com essas coisas, Jorge mais consciente, era praceano de cidade grande e já possuia aquela paciencia urbana que da tempo pra esperar. Sabia que em pouco tempo uma conciliação qualquer havia de vir.

Veio logo. ~~\$Pararam\$~~ Desembocaram da rua de S. Bento na praça Antonio Prado e o espanto do arranhacéu Martinelli os fez parar.

– Para, Chico Antonio!

Chico Antonio obedeceu ao velho e veio pra junto dos dois. Então Jorge estimulado pela aparente escuta do amigo, fez uma preleção em decretos, como era só possivel a êle. Tinha uma natureza de Deus, simplorio e tran-chante. Não concebia a dúvida nem a possibilidade de errar e quando acaso numa conversa acontecia alguém provar pra êle que errara não sentia a no-ção do êrro, sentia apenas ãa mudança de verdades. Uma verdade fôra trocada por outra verdade. Jorge era assim e num minuto de discurso diante do arra[-] nhacéu inda mais pôs á prova a admiração de seu João, já tantas vezes pa-rado ante o Martinelli, com uma dúzia de afirmações estupidissimas. Quanto

a Chico Antonio, viu um bocado e esqueceu imediatamente quanto ouviu. Cai ra em modorra vazia, exacerbada pelo cansaço de ter puxado ou outros ate ali. Quando continuaram a andar, subindo a rua Quinze cheia de gente, foi ele a ser puxado por Jorge, agora já na posse completa do amigo.

Seu João falava. Jorge mal respondia. As frases que tinha eram pra Chico Antonio, mas poucas porquê unidos numa intimidade muito suave os dois já tinham muito rara coisa a se falar. Havia multidão e a todo momento os dois eram seccionados por grupos contrarios com mais coesão e ostensividade no prazer. Num momento em que a precisão de abrir caminho os uniu por demais, as mãos deles se roçaram. Então deram-se as mãos, como é tanto costume entre os sirios. Chico Antonio ~~se~~ deixou-se pegar pelos dedos e seguiram mais sossegados. O alvitre fôra bom porquê a velhice de seu João, não permitindo pra êles total liberdade de conversa, os desliga va ainda um pouco. Principiou um diálogo de mãos em que puderam finalmente se dizer as melhores verdades.

Avançavam felizes pela dualidade adquirida porque não tem nada capaz de fundir melhor corpo e espirito, e nos revelar a integralidade do ser, que a presença dum companheiro íntimo. O homem sozinho não chega nunca a ser completo porque a solidão entrega demais a gente a essa contradição naturalmente monstruosa que é o ser racional. O indivíduo se perde no fio do pensamento e a integridade se desequilibra. Também os momentos de vida social nos fazem perder muito de nós mesmos por tudo o que organiza o prazer coletivo ou pelas circunstâncias de luta e competência. O homem só fica inteiro na intimidade de mais um, intimidade que é um engano a gente imaginar que exija conhecimento firme, convivência longa ou amizade. Prá maioria isso não é necessário. Por um poder invisível de simpatia e coincidências momentâneas de destino, ideal, desejo, ofício, às vezes a gente fica íntimo dum ser ignorado faz pouco, mas, acima de igual, idêntico.

Essa era a intimidade em que estavam Chico Antonio e Jorge: uma con-
gruencia momentanea auxiliada no primeiro pela despersonalisação conti-
nua que o tornava aceitador de tudo e todos, e ^{no segundo} ~~no segundo~~ por
causa da simpatia sentida pelo outro, que tornava Jorge amoldavel e iden-
tificador.

Viveram um momento pequeno assim nesse perfeito prazer de intimida-
de sem mais nada, esperando uma direção por onde essa intimidade se ma-
nifestasse. A direção veio logo e foi logicamente a sexualidade. Bastou

a Chico Antonio, viu um bocado e esqueceu imediatamente quanto ouviu. Ca[í-] ra em modôrra vazia, exacerbada pelo cansaço de ter puxado os outros ate ali. Quando continuaram a andar, subindo a rua Quinze cheia de gente, foi êle a ser puxado por Jorge, agora já na posse completa do amigo.

Seu João falava. Jorge mal respondia. As frases que tinha eram pra Chico Antonio, mas poucas porquê unidos numa intimidade muito suave os dois já tinham muito rara coisa a se falar. Havia multidão e a todo momento os dois eram seccionados por grupos contrarios com mais coesão e ostensividade no prazer. Num momento em que a precisão de abrir caminho os uniu por demais, as mãos deles si roçaram. Então deram-se as mãos, como é tanto costume entre os sirios. Chico Antonio ~~\$\$e\$~~ deixou-se pegar pelos dedos e seguiram mais sossegados. O alvitre fôra bom porquê a velhice de seu João, não permitindo pra êles total liberdade de conversa, os desliga[-] va ainda um pouco. Principiou um diálogo de mãos em que puderam finalmen[-] te se dizer as milhores verdades.

Avançavam felizes pela dualidade adquirida porquê não tem nada capaz de fundir melhor corpo e espirito, e nos revelar a integridade do ser, que a presença dum companheiro íntimo. O homem sozinho não chega nun[-] ca a ser completo porquê a solidão entrega demais a gente a essa contra[-] dição naturalmente monstruosa que é o ser racional. O individuo se perde no fio do pensamento e a integridade se desequilibra. Tambem os momentos de vida social nos fazem perder muito de nós mesmos por tudo o que orga[-] nisa o prazer coletivo ou pelas circunstancias de luta e competencia. O homem só fica inteiro na intimidade de mais um, intimidade que é um enga[-] no a gente imaginar que exija conhecimento firme, convivencia longa ou amizade. Prá maioria isso não é necessário. Por um poder invisível de sim[-] patia e coincidencias momentaneas de destino, ideal, desejo, oficio, ás vezes a gente fica íntimo dum ser ignorado faz pouco, mas, acima de igual, identico.

Essa era a intimidade em que estavam Chico Antonio e Jorge: uma con[-] gruencia momentanea auxiliada no primeiro pela despersonalisação contí-nua que o tornava aceitador de tudo e todos, e no segundo ~~Sem Jorge\$~~ por causa da simpatia sentida pelo outro, que tornava Jorge amoldável e iden[-] tificador.

Viveram um momento pequeno assim nesse perfeito prazer de intimida[-] de sem mais nada, esperando uma direção por onde essa intimidade se manifestasse. A direção veio logo e foi logicamente a sexualidade. Bastou

ua mulher cruza-los sozinha, os dois nem se olharam, olharam pra ela. Praticaram esse rito comum da sexualidade: ~~o olhar ás pernas, deformação mesquinha do olhar ao sexo, causada pelo vestido. Quando a gente olha com intenção sexual um nú pintado ou esculpido, olha o sexo. Os vestidos causaram essa deformação que hoje, principalmente nas classes mais incultas, se tornou que nem o beijo, o abraço, o encôsto, um elemento direto de excitação.~~

Ambos olharam prá's pernas da moça, mas no momento, antes de se excitarem, o importante pra eles foi darem uma orientação á intimidade gosa-da em que estavam. Um apêto de dedos pelo sirio, os levou prá's costuma-das bandalheiras dos homens. Sorriram muito satisfeitos, o sirio pelo exterior, buscando o olhar não dado do companheiro e Chico Antonio num re-cato de desamento.

Em Jorge a excitação foi a ~~de sempre~~ de sempre, urbana e quotidiana, mas no cantador ~~vai~~ nascendo uma sensualidade enorme. Ficou indiscretamente excitado, no poder da angustia. Respirou forte com as narinas, dando um si-silvo fungado, bem humano de desejo. A continencia fôra comprida na viagem. Agora a todo contacto com as mulheres passando o corpo dele se sobressu-tava numa aspiração danada.

Seu João não maliciava o que estava se passando e as frases dele quando vinham, feriam Chico Antonio feito uma censura que surpreende a o culpa em meio. Instintivamente ele dava de banda, puxando o Jorge pra mais longe do velho e o sirio logo percebendo que alguma coisa ^{com o velho} incomodava o amigo, passou com facilidade da procura de excitações pra uma raiva irri-tada ^{contra seu João} pelo ~~agressor do amigo~~.

Chico Antonio não fazia essa passagem. Queria mulher, desejava. Nem punha reparo ~~conscientemente~~ que seu João ~~que~~ o incomodava. Sofria uma frase vinda, capaz de cortar a ~~essas~~ especie de sofrimento mas tão delicioso em que estava: dera pra andar de banda, fugindo da importunação iam quasi obliquamente e afinal Chico Antonio desceu da calçada pro lei-to da rua. Jorge também.

Aí a pressão de povo era menor, Chico Antonio abriu num passo largo puxando o companheiro pela mão. Os autos passavam rentinho dele sem que uma noção de perigo viesse pra aqueles olhos humidos abertos prá frente agora, regados de simpatia, enquanto na boca entreaberta o ar entrava sec-cando. Seu João atrás quasi gritava que andassem mais devagar. Isso des-truiu a incompreensão de Jorge que apressando mais o passo num momento

ũa mulher cruza-los sozinha, os dois nem se olharam, olharam pra ela. Praticaram êsse rito comum da sexualidade: ~~o olhar às pernas, deformação mesquinha do olhar ao sexo, causada pelo vestido. Quando a gente olha com intenção sexual um nú pintado ou esculpido, olha o sexo. Os vestidos causaram essa deformação que hoje, principalmente nas classes mais incultas, se tornou que nem o beijo, o abraço, o encôsto, um elemento direto de excitação.~~

ambos olharam prá s pernas da moça, mas no momento, antes de se excitarem, o importante pra êles foi darem uma orientação á intimidade gosa-da em que estavam. Um apêto de dedos pelo sirio, os levou prá s costuma-das bandalheiras dos homens. Sorriram muito satisfeitos, o sirio pelo exterior, buscando o olhar não dado do companheiro e Chico Antonio num recato de desaponto.

Em Jorge a excitação foi a ~~comum~~ de sempre, urbana e quotidiana, mas no cantador nasceu uma sensualidade enorme. Ficou indiscretamente excitado, no poder da angustia. Respirou forte com as narinas, dando um si silvo fungado, bem humano de desejo. A continencia fôra comprida na viagem. Agora a todo contacto com as mulheres passando o corpo dele se sobressaltava numa aspiração danada.

Seu João não maliciava o que estava se passando e as frases dele quando vinham, feriam Chico Antonio feito uma censura que surpreende a culpa em meio. Instintivamente êle dava de banda, puxando o Jorge pra mais longe do velho e o sirio logo percebendo que alguma coisa no velhote incomodava o amigo, passou com facilidade da procura de excitações pra uma raiva irritada contra seu João.

Chico Antonio não fazia essa passagem. Queria mulher, desejava. Nem punha reparo ~~conscientemente~~ que seu João ~~é que~~ o incomodava. Sofria uma frase vinda, capaz de cortar a ~~sofrimento~~ especie de sofrimento mas tão delicioso em que estava: dera pra andar de banda, fugindo da importunação iam quasi obliquamente e afinal Chico Antonio desceu da calçada pro leito da rua. Jorge também.

Aí a pressão de povo era menor, Chico Antonio abriu num passo largo puxando o companheiro pela mão. Os autos passavam rentinho dele sem que uma noção de perigo viesse pra aqueles olhos humidos abertos prá frente agora, regados de simpatia, enquanto na boca entreaberta o ar entrava se-cando. Seu João atrás quasi gritava que andassem mais devagar. Isso destruiu a incompreensão de Jorge que apressando mais o passo num momento

ficou a par do amigo e meio que tomou a dianteira na fuga. Nele isso era uma deliberação. Estava inteiramente pra fóra dos desejos agora, guardava-os pra depois que deixassem o inimigo, incapaz de os acompanhar.

-Vamos largar o velho num ^{Safé}, eu sei dumas no largo de São Francisco.

Chico Antonio não entendeu bem e si entendesse havia de ter raiva do sirio. "Largar o velho" vagamente parecia pra ele ãa malvadeza impossível. Não sabia direito, mas a ^{idea} ~~vez~~ do Jorge ferira tanto ^o ~~de~~ seu João. O andar se irregularizou, como o de alguem que desiste de achar o que procura. Seu João se aproximava achando muita graça em Chico Antonio que não sabia passear numa cidade grande. O sirio se dissolvia, desanimado com aquela bêsta de compameiro que não era capaz de dar o fóra no velho, pra irem gosar com as mulheres do largo de São Francisco. As mãos se desligaram.

Chico Antonio ^{caminhando} sôlto, continuara ~~seguindo~~, em plena dor de voluptia. Tomou pela rua Direita, admiravelmente sozinho, mais lento, reentrado no apertão da calçada. Virando o angulo fechado da esquina, ãa imagem topografica se afinçou de repente muito nitida na vacuidade dele. Sentiu que esta rua nova, cortando assim num canto estreito a por onde viera, decerto que ia cortar a rua por onde desembocara na praça Antonio Prado, e o Triangulo ^{famoso, sentido assim de repente} ~~famado, realizado por ele como a "estrela de tres pontas"~~ lhe aumentou a voluptia e lhe deu uma coisa parecida com ~~o~~ prazer. Também agora as luzes eram maiores, mais excitantes, deixando as mulheres bem visíveis. E nas vitrinas de modas e quinquilharias, manequins, meias, vidros-de-cheiro, Chico Antonio deu um encontrão, "Desculpe, dona", foi desviar, pisou gente, desceu prá rua. Vinham músicas lindas do outro lado, movendo o andar com mais jeito. O coqueiro reentrou na calçada e enfim parou vivendo com os olhos aquelas banhistas maravilhosas, duas, uma de-pé, outra já deitando na areia, se rindo pra todos na vitrina da Casa Alemã. Ao longe as dunas, o mar verde do Rio Grande do Norte. Chico Antonio ficou encostado na parede, á beira da vitrina, respirando o prazer daquelas figuras tão lindas, era lindo! num muito respeito humilde porquê si elas fossem vivas seriam gente de outra classe, filhas de senhor-de-engenho, pros amores dele não. Olhava com um grandioso sonho, num esvaimento suave da excitação. Os beijos ~~dele~~ muito secos, se tinham fechado um bocado pra dentro, por causa de Chico Antonio ser banguela, mas a expressão era de boca voluntariosa. A tez polida brilhando e os incomparaveis olhos meigos, com o nariz

ficou a par do amigo e meio que tomou a dianteira na fuga. Nele isso era uma deliberação. Estava inteiramente pra fóra dos desejos agora, guardava-os pra depois que deixassem o in[i]migo, incapaz de os acompanhar.

– Vamos largar o velho num café, eu sei dumas no largo de São Francisco.

Chico Antonio não entendeu bem e si entendesse havia de ter raiva do sirio. “Largar o velho” vagamente parecia pra êle uma malvadeza impossível. Não sabia direito, mas a idea do Jorge ferira tanto êle como a voz de seu João. O andar se irregularizou, como o de alguém que desiste de achar o que procura. Seu João se aproximava achando muita graça em Chico Antonio que não sabia passear numa cidade grande. O sirio se dissolvía, desanimado com aquela bêsta de companheiro que não era capaz de dar o fóra no velho, pra irem gosar com as mulheres do largo de São Francisco. As mãos se desligaram.

Chico Antonio sôlto, continuara caminhando, em plena dor de voluptia. Tomou pela rua Direita, admiravelmente sozinho, mais lento, reentrado no ape[r]tão da calçada. Virando o angulo fechado da esquina, ãa imagem topografi[-]ca se afincou de repente muito nitida na vacuidade dele. Sentiu que esta rua nova, cortando assim num canto estreito a por onde viera, decerto que ia cortar a rua por onde desembocara na praça Antonio Prado, e o Triangu[-]lo famoso, sentindo assim de repente lhe aumen[-]tou a voluptia e lhe deu uma coisa parecida com ~~Senorme~~ prazer. Tambem ago[-]ra as luzes eram maiores, mais excitantes, deixando as mulheres bem visíveis. E nas vitrinas de modas e quinquilharias, manequins, meias, vidros-de[-]cheiro, Chico Antonio deu um encontrão, “Desculpe, dona”, foi desviar, pisou gente, desceu prá rua. Vinham músicas lindas do outro lado, movendo o andar com mais geito. O coqueiro reentrou na calçada e enfim parou vivendo com os olhos aquelas banhistas maravilhosas, duas, uma de-pé, outra já deitando na areia, se rindo pra todos na vitrina da Casa Alemã. Ao longe as dunas, o mar verde do Rio Grande do Norte. Chico Antonio ficou encostado na parede, á beira da vitrina, respirando o prazer daquelas figuras tão lindas, era lindo! num muito respeito humilde porquê si elas fossem vivas se[-]riam gente de outra classe, filhas de senhor-de-engenho, pros amores dele não. Olhava com um grandioso sonho, num esvaimento suave da excitação. Os beiços ~~dele~~ muito secos, se tinham fechado um bocado pra dentro, por causa de Chico Antonio ser banguela, mas a expressão era de boca voluntariosa. A tez polida brilhando e os incomparaveis olhos meigos, com o nariz

sensual mas bem feito; o corpo duma esbelteza mulata, um pouquinho mais cheio, encurvado feito uma haste até o braço quebrado na parede, o outro encorporado a curva do torso, com a mão no bolso da calça: apesar de "gente baixa", mesmo as burguesinhas o fitaram com insistência. Chico Antonio si campeasse não digo que achasse companhia grátis porquê era noite de sabado, porém as achaveis ^{se} barateariam facilmente, aumentando com essa dor um prazer verdadeiro.

Seu João apesar da complacência, positivamente não via mais o que olhar naquela beleza de vitrina, o Jorge estava ~~sempre~~ amolado, cinco passos adiante, na beira da calçada.

-Si a gente fosse tomar um café?...

Seu João alvitrava assim, com uma certa tristura, porquê afinal lhe parecia que os tres não estavam passeando bem. Pois pagava um café e si quisessem mesmo ãa branquinha pra esquentar o frio e o prazer.

Chico Antonio se desencostou da parede, retomou o equilibrio com mansidão e os tres foram andando. A procura dum ^{Café} ~~Café~~ uniu os tres em nova intimidade. Jorge logo retomou a posição de tapejara porquê ~~logo~~ le brou o Café dum patricio lá no baixo da avenida São João, foi guiando.

E assim chegaram ~~ao~~ ponto capital da vida paulistana, a praça ^{do} ~~Ver-~~
^{Verde} ~~di~~. Numa cidade de imigrantes, ~~sempre~~ era ali o Correio. Se via a massa pesada e sem caracter dele, como emigrante, assustado, cheio de angulos, de pontas e reminiscências estranhas. E os dois lances dominadores d avenida São João, inclinados num ritmo de despejo, atiravam a qualquer hora do tempo, na pracinha disforme com nada menos que oito bocas de ruas, uma pororoca de gente. ⁽¹⁴⁾ O ponto era bem um desses lugares típicos do que tem de novo, de feroz, ~~de inaceitável ou pelo menos incompreensível~~ a vida americana. Liberdade e aceitação pragmáticas. Ausência de tradições nacionais, ausência de ~~qualquer~~ moral; despoliciamento de qualquer especie, urbano, politico, filosofico, racial, financeiro, sexual. Prazeres. O exaspêro do prazer e da ambição de ganho em competencia. Porém, e por isso mesmo, ãa secura invencível, a agressividade, a inassimilação insistente. E todas as liberdades, aceitações e despoliciamentos não conseguiam desfazer o caracter mais intrinseco da vida americana verdadeiramente representativa: a falta de amabilidade. Podiam estar no ^{da companhia} prazer e ^{personal} alegria, porém faltava pra todos em geral os elementos mais especificos da felicidade: a inobservancia do alheio e o abandono de si mesmo.

Aliás de-noite a praça Verdi era ainda um desnorteio de luzes e es-

melhorar isto

sensual mas bem feito; o corpo duma esbelteza mulata, um pouquinho mais cheio, encurvado feito uma haste até o braço quebrado na parede, o outro incorporado a curva do torso, com a mão no bolso da calça: apesar de “gen[-]te baixa”, mesmo as burguesinhas o fitaram com insistência. Chico Antonio si campeasse não digo que achasse companhia grátis porquê era noite de sabado, porém as achaveis se barateariam facilmente, aumentando com essa dor um prazer verdadeiro.

Seu João apesar da complacência, positivamente não via mais o que olhar naquela beleza de vitrina, o Jorge estava ~~\$impaciente\$~~ amolado, cinco passos adiante, na beira da calçada.

– Si a gente fosse tomar um café?...

Seu João alvitrava assim, com uma certa tristura, porquê afinal lhe parecia qu os tres não estavam passeando bem. Pois pagava um café e si quisessem mesmo ãa branquinha pra esquentar o frio e o prazer.

Chico Antonio se desenconstou da parede, retomou o equilibrio com mansidão e os tres foram andando. A procura dum café ~~\$os\$~~ uniu os tres em nova intimidade. Jorge logo retomou a posição de tapejara porquê ~~logo~~ le[m-]brou o Café dum patricio lá no baixo da avenida São João, foi guiando.

E assim chegaram ao ponto capital da vida paulistana, a praça do Correio. Numa cidade de imigrantes, ~~\$o Correio era ali.\$~~ era ali no Correio. Se via a massa pesada e sem caracter dele, como emigrante, assustado, cheio de angulos, de pontas e reminiscencias estranhas. E os dois lances dominadores d[a] avenida São João, inclinados num ritmo de despejo, atiravam a qualquer hora do tempo, na pracinha disforme com nada menos que oito bocas de ruas, uma pororoca de gente. (14) O ponto era bem um dêsses lugares tipicos do que tem de novo, de feroz, ~~de inaceitavel ou pelo menos incompreensivel~~, a vida america[-]na. Liberdade e aceitação pragmaticas. Ausencia de tradições nacionais, ausencia de ~~\$despoliciamento\$~~ moral; despoliciamento de qualquer especie, urbano, politico, filosofico, racial, financeiro, sexual. Prazeres. O exaspêro do prazer e da ambição de ganho em competencia. Porém, e por isso mesmo, ãa secura invencivel, a agressividade, a inassimilação insistente. E todas as liberdades, aceitações e despoliciamentos não conseguiam desfazer o caracter mais intrinseco da vida americana verdadeiramente representativa: a falta de amabilidade. Podiam estar no prazer da companhia e em alegria pessoal porém [faltava pra todos em geral os elementos mais especificos da felicidade: a inobservancia do alheio e o abandono de si mesmo.

Aliás de-noite a praça Verdi era ainda um desnorteio de luzes e es-

melhorar isto

das curidões. Junto ~~das~~ casas baixas, ~~as~~ ainda dos tempos em que eram ali o Mercadinho e o Politeama, todas tomadas por cafés, restaurantes, barzinhos de passagem, os edifícios mais modernos, enormes, achatavam a terra com ~~um~~ péso escuro. O Correio se fechava inteiro, sem uma luz na fachada e como êle, á direita, ostensivamente alêma e inchada, ~~mais~~ mais escura ainda que o Correio por causa da enxundiosa deselegancia do estilo, a *Boletimial?* Federal também ~~se conservava inteiramente apagada,~~ ~~se conservava inteiramente apagada,~~ ~~Lhe estorando as paredes ou rondando sem vontade,~~ com a maior incompetencia de ferocia que é possível imaginar, guardavam-a carabineiros ⁽ⁿ⁾crianças, representantes bem típicos da raça ~~enfermiza~~ e dolente que somos por todo o interior, escrofulas caipiras cor de areia molhada, procissão ~~horripilante~~ ^{dramática} de bocas ~~negras~~ ^{ridentes} e banguelas, peitos fundos e olhos ~~no geral bonitos.~~ A recolutagem do Sorteio Militar é que nos fazia dessas. Tirava de todo o sertão os seus filhos legítimos, que lá viviam modorrando e trabucando, nas intermitencias de fúas, fandangos, brigas, esforços curtos mas heroicos, e fadigas pacientes; lançava essa mocidade imperfeita nas cidades onde ela ~~parendia apenas o dicionario e a prática das doenças venereas e a marotagem beocia do militarismo.~~ Dolorosos caboclos, caipiras, tabaréus, tapuios, sertanejos, brêjeiros, recebiam com a caderneta militar a ~~profissão da expectativa.~~ Se assargentavam na inadaptação. Ou viravam sargentos de verdade pra gosarem ~~do~~ eterno das preguiças militares ou ficavam nas cidades biscateando sem manha nem luta. Alguns voltavam pra terra deles, sem vergonhas, pabulando façanhas e maravilha urbanas, erguendo os olhos pras filhas do juiz e do prefeito, casando com elas muitas vezes, transmitindo males, nunca mais podendo retornar ao cabocismo natural. Numa terra de gente pouca, a Nação mesma tomava pra si o encargo de criar seus desclassificados.

Noutra esquina fronteira se erguia um fastasma esquipatico e possivelmente mais nosso. A pretexto de estilo que chamavam de Neo-Colonial, a indole enfeitadeira duns arquitetos sem engenharia, imaginava servir ás tradições da patria, esvaziando em cada casa construida tudo o que apenas sabia de portais barrocos, janelinhas de rótula, beirais inquietos e azulejos. Em cada pobre... monumento dêsses ~~ia~~ ia uma azáfama exterior de semostração, tão idiota e repetida, que o Neo-Colonial estava fazendo de São Paulo uma Baía falsa, muito episodica e desprovida do seu natural. Dêsse genero mestiçado era o fantasma em que por instancias do saudosismo decadente se fôra instalar o Clube Português. Era o unico edificio da praça que

curidões. Junto das casas baixas, ainda dos tempos em que eram ali o Mercadinho e o Politeama, todas tomadas por cafés, restaurantes, barzinhos de passagem, os edificios mais modernos, enormes, achatavam a terra com seu péso escuro. O Correio se fechava inteiro, sem uma luz na fachada e como êle, á direita, ostensivamente alem[ã] e inchada, ~~Sinda~~ mais escura ainda que o Cor[-]reio por causa da enxundiosa deselegancia do estilo, a Coletoria (?) Fede[-]ral tambem ~~aparecia fech~~ se conservava inteiramente apagada, ~~guardada por~~ ~~carabineiros-crianças~~. Lhe escorando as paredes ou rondando sem vontade, com a maior incompetencia de ferocia que é possivel imaginar, guardavam-a carabineiros crianças, representantes bem tipicos da raça enfermiça e dolen[-]te que somos por todo o interior, escrofulas caipiras cor de areia molhada, procissão dramatica de bocas ridentes e banguelas, peitos fundos e olhos ~~bonitos~~ no geral bonitos. A recolutagem do Sorteio Militar é que nos fazia dessas. Tirava de todo o sertão os seus filhos legitimos, que lá viviam modorrando e trabucando, nas intermitencias de fuás, fandangos, brigas, esfor[-]ços curtos mas heroicos, e fadigas pacientes; lançava essa mocidade imperfei[-]ta nas cidades onde ela ~~colhia-apes~~ aprendia apenas o dicionario e a prá[-]tica das doenças venereas e a marotagem beocia do militarismo. Dolorosos caboclos, caipiras, tabaréus, tapuios, sertanejos, brêjeiros, recebiam com a ca[-]derneta militar a ~~profissão~~ profissão da expectativa. Se assargentavam na i[-]nadação. Ou viravam sargentos de verdade pra gosarem o eterno das preguiças militares ou ficavam nas cidades biscateando sem manha nem luta. Alguns voltavam prá terra deles, semvergonhas, pabulando façanhas e maravilha urbanas, erguendo os olhos prá filhas do juiz e do prefeito, casando com elas muitas vezes, transmitindo males, nunca mais podendo retornar ao cabocismo natural, Numa terra de gente pouca, a Nação mesma tomava pra si o en[-]cargado de criar seus desclassificados.

Noutra esquina fronteira se erguia um fa[n]tasma esquipatico e possivelmente mais nosso. A pretexto do estilo que chamavam de Neo-Colonial, a indole enfeitadeira duns arquitetos sem engenharia, imaginava servir ás tradições da patria, esvaziando em cada casa contruida tudo o que apenas sabia de portais barrocos, janelinhas de rótula, beirais inquietos e azulejos. Em cada pobre... monumento dêsses ~~Sera~~ ia uma azáfama exterior de semostração, tão idiota e repetida, que o Neo-Colonial estava fazendo de São Paulo uma Baía falsa, muito episodica e desprovida do seu natural. Dêsse ge[-]nero mestiçado era o fantasma em que por instancias do saudosismo decadente se fôra instalar o Clube Português. Era o unico edificio da praça que

conservava ~~de~~ iluminação nas janelas. E no andar terreo, do lado da avenida jorrava luz um café-expresso ali encaixado por um sirio. O outro lado do edificio ~~apontava~~ ^{metia pela} pra rua do Anhangabaú que ninguém conhecia pelo nome e era a "rua do Casino Antartica", ponte curiosíssima da nossa vida, por onde os sirios e turcos pouco a pouco atingiam o centro da cidade. No corpo della retorcido, eles tinham montado uns restaurantes pobres disputando freguesia com outros italianos e principalmente uns espertos de chineses que aproveitando a curiosidade de serem chins e de possiveis comidas chinas, ofereciam aos fregueses o macarrão a canja e o peixe podre paulistano. Mas a especialidade dos sirios da rua do Anhangabaú era ~~as casas de frutas~~ ^{as casas de frutas}, monstruosas pela variação dos preços. Gordo e encacacolado, havia principalmente um sirio doido, maneta pela direita, cujas maçãs mudavam do dia pra noite de trezentos réis a milréis cada. Agia feito um rei tirano ou criança: o prazer dele era apenas mudar as etiquetas marcando os preços da fruta. Outros mais calmos enriqueciam nos quartunuculos sordidos - mosqueiros de podridão, com lixo guardado varios dias e as frutas cobertas da polvadeira ~~agitadissima~~ ^{agitadissima} de-dia. E tambem já pela praça ^{do Correio} ~~Verdi~~ e adjacencias mais chiques, a turcada aparecia, meia timida ainda com o Café sirio e mais alguns barateiros, isso do lado em que a avenida, após o curto descanso no vale, empinava outra vez rumo do poente.

~~Por não ser mais bem o centro urbano e~~ ^{do Correio} não assumir ainda a função de bairro, na praça ~~Verdi~~ ^{do Correio} e suas adjacencias, estava reunido o que São Paulo possuia de mais curioso e estranho. Cinémas, circos, teatros, hotéis misteriosos, a "zona estragada", clubes exquísitos, frontões, tudo ~~o que era inda não caro e nem completamente barato,~~ ^{o que era inda não caro e nem completamente barato,} tudo o que era prazer de emergencia, vício policiavel, ^{estava} ~~era~~ por ali. E naquela mixórdia abracadabrante de lugares iluminadissimos, ruas e até becos escurissimos, prazeres inocentes, tambem o que ~~entra~~ ^{entra} pro dominio do "proibido" achara o lugar mais propício pra viver em paz, e prosperar, sob a proteção da Polícia, de cambulhada com os officios e divertimentos permitidos da noite. Por ali viviam essas sociedades por aceitação tacita dos associados, que tratavam de crimezinhos baratos de toda a natureza. Um tempo mesmo, sob a presidencia dum italobrasileiro capenga, baixote, caixadoculos e sujissimo, teve como séde a escadaria do Correio, ás barbas da vida pública, uma curiosa sociedade de meninotes sem lei. Ou por outra, a lei deles era esse individuo capenga a quem chamavam de "o Gordinho". Era inexplicavel o dominio que o Gordinho exercia sobre essa rapaziada. Ficava durante ho-

conservava ~~luz~~ iluminação nas janelas. E no andar terreo, do lado da avenida jorrava luz um café-expresso alí encaixado por um sirio. O outro lado d[o] edificio metia pela rua do Anhangabaú que ninguém conhecia pelo nome e era a “rua do Casino Antartica”, ponte curiosa da nossa vida, por onde os sirios e turcos pouco a pouco atingiam o centro da cidade. No corpo dela retorcido, êles tinham montado uns restaurantes pobres disputando freguesia com outros italianos e principalmente uns espertos de chineses que aproveitando a curiosidade de serem chins e de possiveis comidas chinesas, ofereciam aos fregueses o macarrão a canja e o peixe podre paulistano. Mas a especialidade dos sirios da rua do Anhangabaú era ~~sa renda de fru-~~ ~~stas~~ as casas de frutas, monstruosas pela variação dos preços. Gordo e encacacolado, havia principalmente um sirio dôido, maneta pela direita, cujas maçãs mudavam do dia prá noite de trezentos réis a milréis cada. Agia feito um rei tirano ou criança: o prazer dele era apenas mudar as etiquetas marcando os preços da fruta. Outros mais calmos enriqueciam nos quartiunculos sordidos – mosqueiros de podridão, com lixo guardado varios dias e as frutas cobertas da polvadeira ~~da rua~~ agitadissima de-dia. E tambem já pela praça do Correio e adjacencias mais chiques, a turcada aparecia, meia timida ainda com o Café sirio e mais alguns barateiros, isso do lado em que a avenida, após o curto descanso no vale, empinava outra vez rumo do poente.

~~Fundo de noruega, a praça Verdi~~ Por não ser mais bem o centro urbano e não assumir ainda a função de bairro, na praça do Correio e ~~suas~~ adjacencias, es[-]tava reunido o que São Paulo possuia de mais curioso e estranho. Cinemas, circos, teatros, hotéis misteriosos, a “zona estragada”, clubes exquisitos, frontões, tudo ~~se que e~~ o que era inda não caro e nem completamente barato, tudo o que era prazer de emergencia, vício policiavel, estava por ali. E naquela mixordia abracadabrante de lugares iluminadissimos, ruas e até becos es[-]curissimos, prazeres inocentes, tambem o que ~~Sera~~ entra pro dominio do “proi[-]bido” achara o lugar mais propício pra viver em paz, e prosperar, sob a proteção da Polícia, de cambulhada com os officios e divertimentos permitidos da noite. Por ali viviam essas sociedades por aceitação tacita dos associa[-]dos, que tratavam de crimezinhos baratos de toda a natureza. Um tempo mesmo, sob a presidencia dum italobrasileiro capenga, baixote, caixadoculos e sujissimo, teve como séde a escadaria do Correio, ás barbas da vida pública, uma curiosa sociedade de meninotes sem lei. Ou por outra, a lei deles era êsse individuo capenga a quem chamavam de “o Gordinho”. Era inexplicavel o dominio que o Gordinho exercia sobre essa rapaziada. Ficava durante ho-

de personalidade
 ras, na sua roupa barata e sempre a mesma, chapéu preto desababado, paletó pardo abotoado no último botão de baixo, calça branca de brim muito apertada sobre um pêsão disforme com botinas encarquilhadas e preguentas por serem duas vezes maiores que os pés, como indivíduo ^{de} que sofre medonhamente dos calos, ficava durante horas encostado nas guardas de pedra da escadaria. Às vezes mesmo, sentava ali. Vinha um menino. Não se diziam boa-nite, nada. Se encostava ao lado do capenga e principiava contando coisas. Nunca me foi possível ~~ver~~ perceber o que conversavam. Cheguei mesmo e puxar conversa e travar ~~uma~~ relações nutritivas possível com um desses meninos, só pra saber. Depois de quasi um mês disso e de acervejar o amigo novo, saber a realidade quasi tragica e inabalavel de vida desestiniada, toquei no capenga. Mas o rapaz fechou-se em copas, assustado, ficou esquerdo num momento, olhava pra mim quasi perdido, pouco depois não se conteve mais, se despediu, partiu quasi fugindo do barzinho escondido em que estavamos.

Pois o ^{menino} ficava ali conversando com o Gordinho, algum tempo. Depois partia de repente, rapido, com destino, e sumia por qualquer das ruas. Agora chegavam mais dois. A conversa não animava nunca. O Gordinho falava pouco, sempre muito sizudo, incapaz de rir. A grupo jamais atingia mais de cinco pessoas porque si mais gente chegava, alguns partiam, sempre num ritmo de obediencia, como que mandados pra alguma parte. O que primeiro estivera ali voltava novamente. Vinha contando coisas, num cochicho sereno. Muitos dos rapazes eram visivelmente homossexuais - o que fazia imaginar uma caftinagem hedionda. Alguns de tão esqualidos podiam orientar a gente pra alguma quadrilha de vendedores de drogas. Eram isso tudo e a sociedade não era nada disso. Aquilo não passava duma dessas manifestações da desgraça humana que só as cidades grandes podem produzir.

O Gordinho era um tipo abortado. Fisica e psicologicamente. Pequenino, aleijado, imberbe sempre, não podia nada neste mundo. Tinha já pra mais de trinta anos e na fala uma tristeza rija de efeito imediato sobre os moços orfãos de qualquer finalidade. Estava a mais de quinze anos empregado numa tipografia italiana ali das vizinhanças mesmo e tinha o hábito de conservar as unhas tão sujas que repugnava aos proprios companheiros. Não se corrigiu por isso mas ~~isso~~ não dava a mão pra ninguém. Não tinha siquer a coragem dos seus vícios, era honesto. Sabia ler e escrever e dotado duma memoria sentimental. Ele contava em frases breves as experiencias da vida que a literatura de cordel ~~apresentava~~ e de fasciculos apresentava.

Não tivera jamais um prazer de mulher e diante dos rapazes, sempre se

ras, na sua roupa barata e sempre a mesma, chapéu preto desababado, paletó pardo abotoado no último botão de baixo, calça branca de brim muito apertada[-] da sobre um pêsão disforme com botinas encarquilhadas e preguntas por serem duas vezes maiores que os pés, como de individuo que sofre

[medonhamente

dos calos, ficava durante horas encostado nas guardas de pedra da escadari[-]

a. Às vezes mesmo, sentava ali. Vinha um menino. Não se diziam boa-n[o]ite,

[nada[.]

despersonalisar
isto

Se encostava ao lado do capenga e principiava contando coisas. Nunca me foi possível ~~se~~ perceber o que conversavam. Cheguei mesmo e puxar conver[-]sa e travar ~~uma~~ relações nutridas ao possível com um dêsses meninos, só pra saber. Depois de quasi um mês disso e de acervejar o amigo novo, saber a re[-]alidade quasi tragica e inabalavel de vida destinada, toquei no capenga. Mas o rapaz fechou-se em copas, assustado, ficou esquerdo num momento, olhav[a] pra mim quasi perdido, pouco depois não se conteve mais, se despediu, partiu quasi fugindo do barzinho escondido em que estavamos.

Pois o menino ficava ali conversando como o Gordinho, algum tempo. Depois partia de repente. rapido, com destino, e sumia por qualquer das ruas. Agora chegavam mais dois. A conversa não animava nunca. O Gordinho falava pouco, sempre muito sizudo, incapaz de rir. [O] grupo jamais atingia mais de cinco pessoas porquê si mais gente chegava, alguns partiam, sempre num ritmo de obediencia, como que mandados pra alguma parte. O que primeiro estivera ali voltava novamente. Vinha contando coisas, num cochicho sereno. Muitos dos rapazes eram visivelmente homossexuais – o que fazia imaginar uma caftinagem hedionda. Alguns de tão esqualidos podiam orientar a gente pra alguma quadrilha de vendedores de drogas. Eram isso tudo e a sociedade não era nada disso. Aquilo não passava duma dessas manifestações da desgraça humana que só as cidades grandes podem produzir.

O Gordinho era um tipo abordado. Fisica e psicologicamente. Pequenino, aleijado, imberbe sempre, não podia nada neste mundo. Tinha já pra mais de trinta anos e na fala uma tristeza rija de efeito imediato sobre os moços orfãos de qualquer finalidade. Estava a mais de quinze anos empregado numa tipografia italiana ali das vizinhanças mesmo e tinha o hábito de conservar as unhas tão sujas que repugnava aos proprios companheiros. Não se corrigiu por isso mas ~~Snada~~ não dava a mão pra ninguém. Não tinha siquer a coragem dos seus vícios, era honesto. Sabia ler e escrever e dotado dũa memoria sentimental êle contava em frases breves as experiencias da vida que a literatura de cordel ~~Sapresentara~~ e de fasciculos apresentava.

Não tivera jamais um prazer de mulher e diante dos rapazes, sempre se

conservando impassível, aquela tristeza que trazia na voz, se adoçava com uma segurança reflexiva de efeito imediato. Os perdidos ficavam logo amigos dele, confiantes e lhe contavam a existência. Jamais tivera uma ^{denunciação} censura pra ninguém. Não existia pra ele nenhuma "proibição". Não ~~em~~ praticava porém toda a felicidade dele consistia em vê-las praticadas pelos moços. Nem jamais tivera a intenção de desencaminhar ninguém. Na tipografia, onde era empregado qualificado, os novatos, as moçinhas, os meninos encontravam nele sempre uma ajuda certa e mesmo conselhos bons.

Se servia do prestígio que tinha apenas pra ~~ver~~ dar coragem. E dava coragem pros que andavam direito como pros que andavam torto. E a ação noturna que exercia episodicamente, no correr dos encontros e de relações ~~que~~ ^{naquela} ele procurava, desde princípios de 1927 foi se sistematizando numa verdadeira associação de crapulice. Tomara o costume de se postar ali na praça. ~~For~~ Aquilo foi uma invenção genial pra ele. Lugar de passagem forçada, os já conhecidos o encontravam ali. Trouxeram os companheiros. Em menos de seis meses estava formada a malta duns quasi trinta rapazes de quinze a vinte anos, com as mais diversas "profissões". Batedores de miudezas, inculcadores de femeas, frescos, vendedores de cocaína, e faz-tudos á espera de patranhas ocasionais.

O prestígio do Gordinho sobre todos era inconcebível. Censurava, aconselhava, dirigia, mandava, chegara mesmo a expulsar um do grupo. Nenhum reagia. Respeitavam-no e queriam bem ele quasi filialmente. O Gordinho dera pra eles o que é difícil de ter na juventude, mesmo entre desclassificados uma especie de consciencia profissional, e a volupia dum perigo que de primeiro os amedrontava muito. O que ele exigia era segredo. E um prazer de misterio doirava aquela gentinha desinfeliz. Contavam tudo pra ele e os que eram batedores de carteira nada contavam diante dos que vendiam cocaína. Só os parceiros do mesmo trilho se sabiam por suas conversas e todos se sabiam só com ordem de segredo e por meio do Gordinho.

Postado naquela presidencia de pedra, escutava o que fôra o dia, aconselhava uma festa pra uns, dirigia outros pra tal cinema ou pra tal bairro. Discutia ou antes escutava e resolvia as possibilidades de tal luta de boxe num circo e comentava as marés da população urbana. Hoje todos estavam se dirigindo pro Triangulo, ou muitos automoveis tomavam pelo parque, no Municipal não havia nada, era de-certo o Paramount. Acertava sempre. Tinha um coração maternal pra descobrir as ondulações da cidade e quem se aconselhava com ele saia sempre ganhando.

conservando impassível, aquela tristeza que trazia na voz, se adoçava com uma segurança reflexiva de efeito imediato. Os perdidos ficavam logo amigos dele, confiantes e lhe contavam a existência. Jamais tivera uma descompostura pra ninguém. Não existia pra êle nenhuma “proibição”. Não praticava ... proibições porê[m to[-] da a felicidade dele consistia em ve-las praticadas pelos moços. Nem jamais tivera a intenção de desencaminhar ninguém. Na tipografia, onde era empregado qualificado, os novatos, as mocinhas, os meninos encontravam nele sempre uma ajuda certa e mesmo conselhos bons.

Se servia do prestígio que tinha apenas pra dar coragem. E dava coragem pros que andavam direito como pros que andavam torto. E a acção noturna que exercia episodicamente, no correr dos encontros e de relações ~~que~~ ~~ê~~le procuradas, desde principios de 1927 foi se sistematizando naquela verdadeira associação de crapulice. Tomara o costume de se postar ali na praça. ~~Ver~~ ~~ê~~ Aquilo foi uma invenção genial pra êle. Lugar de passagem forçada, os já conhecidos o encontravam ali. Trouxeram os companheiros. Em menos de seis meses estava formada a malta duns quasi trinta rapazes de quinze a vinte anos, com as mais diversas “profissões”. Batedores de miudezas, inculcadores de femeas, frescos, vendedores de cocaína, e faz-tudos á espera de patranhas ocasionais.

O prestígio do Gordinho sobre todos era inconcebível. Censurava, aconselhava, dirigia, mandava, chegara mesmo a expulsar um do grupo. Nenhum reagia. Respeitavam-no e queriam bem êle quasi filialmente. O Gordinho dera pra êles o que é difícil de ter na juventude, mesmo entre desclassificados uma especie de consciencia profissional, e a volupia dum perigo que de-pri[-]meiro os amedrontava muito. O que êle exigia era segrêdo. E um prazer de misterio doirava aquela gentinha desinfeliz. Contavam tudo pra êle e os que eram batedores de carteira nada contavam diante dos que vendiam cocaína. Só os parceiros do mesmo trilho se sabiam por suas conversas e todos se sabiam só com ordem de segrêdo e por meio do Gordinho.

Postado naquela presidencia de pedra, escutava o que fôra o dia, aconselhava uma festa pra uns, dirigia outros pra tal cinema ou pra tal bairro. Discutia ou antes escutava e resolvia as possibilidades de tal luta de boxe num circo e comentava as marés da população urbana. Hoje todos estavam se dirigindo pro Triangulo, ou muitos automoveis tomavam pelo parque, no Municipal não havia nada, era de-certo o Paramount. Acertava sempre. Tinha um coração maternal pra descobrir as ondulações da cidade e quem se aconselhava com êle saia sempre ganhando.

E foi esse um tempo de vida gosada pro Gordinho e pros companheiros. Durou ^{quase} ~~mais de~~ dois anos. ^{Insistindo} ~~Contando~~ pormenorizadamente as façanhas e aventuras dos rapazes, o Gordinho sentia uma plenitude incontável. Não deixava escapar um detalhe que lhe importasse e as frases curtas, tão docemente tristes de som, com que interrompia os recontos eram sempre essa procura de si mesmo em detalhes de perigo, de decisão, de vitória a que os rapazes calejados já não davam mais importancia. Insistia, raspava minuto por minuto os casos, chupava o último apoio das sensações e nos ofícios mais oprimentes, pela discreção de escolher os momentos em que eram só ele e o confessado, pela ambiência mesma de confissão que criava, conseguia saber tudo sem que a vergonha amparasse nos coitadinhos um derradeiro resquício de individualidade.

E, reconto acabado, vinha o conceito. Tinham feito muito bem, podia ter sido mais bem feito o roubo, tivessem pedido seis milréis da moça, em vez de cinco. E agora não fosse gastar os cincoentão numa farra só, guardassem. Ele mesmo guardava, quando insistiam muito. Não gostava disso mas guardava. Vira então duma usura terrível. Não permitia gasto falso. O dinheiro voltava aos pingos pros bolsos do rapaz e com destino sabido. Mas jamais não exigira dinheiro de ninguém. Recebia presentinhos. Gravatas, o anel de monograma, medalhinhas, e até o relógio-pulseira de duzentos milreis: presentinhos.

Esta prodigiosamente romantica associação não se acabou. Desfez-se. Antes: modificou-se. Pelos fins de 1929, ou exatamente setembro, o Gordinho teve uma gripe que quase o não matou. Quando apareceu, mês e meio depois, vinha ardente, empurrado por um desejo enorme de tomar vingança do tempo perdido. Estava aspero, muito irrequieto, não podia esperar. Os rapazes passavam, festavam com alegria a cura dele e parece que já estavam acostumados. Na idade em que tudo se modifica do dia pra noite, aquelas férias de conselho tinham dado uma meia liberdade pra eles. A impaciência do Gordinho, lhe modificando o som da fala e desferindo ordens agudas, não os prendia muito e saíam, voltavam, não voltavam, uma razão verdadeira não existiu, bateu neles um desinteresse contagioso do Gordinho. E o capenga recomeçou como de-primeira as vadiagens mancadas através da cidade. Quasi que noitemente era visto na praça ^{de Carneiro} ~~Vera~~ porém só de passagem, ia pra tal cinema, pra tal circo ou frontão onde estava lhe palpitando que havia de encontrar algum moço por quem ^{intermittente de} ~~ele pudesse viver~~ ^{viver}.

Essas especies de associação tacita, que não podem se confundir com simples reuniões de camaradas, são mais comuns do que a gente pensa, nas ci

E foi êsse um tempo de vida gosada pro Gordinho e pros companheiros. Durou quasi dois anos. Escutando pormenorisadamente as façanhas e aventuras dos rapazes, o Gordinho sentia uma plenitude incontável. Não deixava escapar um detalhe que lhe importasse e as frases curtas, tão docemente tristes de som, com que interrompia os recontos eram sempre essa procura de si mesmo em detalhes de perigo, de decisão, de vitória a que os rapazes calados já não davam mais importancia. Insistia, raspava minuto por minuto os casos, chupava o último apoio das sensações e nos officios mais oprimentes, pela discreção de escolher os momentos em que eram só êle e o confessado, pela ambiencia mesma de confissão que criava, conseguia saber tudo sem que a vergonha amparasse nos coitadinhos um derradeiro resquicio de individualidade.

E, reconto acabado, vinha o conceito. Tinham feito muito bem, podia ter sido mais bem feito o roubo, tivessem pedido seis milréis da moça, em vez de cinco. E agora não fosse gastar os cincoentão numa farra só, guardassem. Ele mesmo guardava, quando insistiam muito. Não gostava disso mas guardava. Vira então duma usura terrível. Não permitia gasto falso. O dinheiro voltava aos pingos pros bolsos do rapaz e com destino sabido. Mas jamais não exigia dinheiro de ninguém. Recebia presentinhos. Gravatas, o anel de monograma, medalhinhas, e até o relógio-pulseira de duzentos milreis: presentinhos.

Esta prodigiosamente romantica associação não se acabou. Desfez-se. Antes: modificou-se. Pelos fins de 1929, ou exatamente setembro, o Gordinho teve uma gripe que quasi o não matou. Quando apareceu, mês e meio depois, vinha ardente, empurrado por um desejo enorme de tomar vingança do tempo perdido. Estava aspero, muito irrequieto, não podia esperar. Os rapazes passavam, festavam com alegria a cura dele e parece que já estavam acostumados. Na idade em que tudo se modifica do dia pra noite, aquelas férias de conselho tinham dado ãa meia liberdade pra êles. A impaciencia do Gordinho, lhe modificando o som da fala e desferindo ordens agudas, não os prendia muito e saíam, voltavam, não voltavam, uma razão verdadeira não existiu, bateu neles um desinteresse contagioso do Gordinho. E o capenga recomeçou como de-primeiras vadiagens mancadas através da cidade. Quasi que noitemente era visto na praça do Correio porém só de passagem, ia pra tal cinema, pra tal circo ou frontão onde estava lhe palpitando que havia de encontrar algum moço por intermédio de quem êle pudesse viver.

Essas especies de associação tacita, que não podem se confundir com simples reuniões de camaradas, são mais comuns do que a gente pensa, nas ci-

dades grandes. Na propria rua do Anhangabaú, em pleno bairro turco, passada ^{redução da rua -} a ponte, durante muito tempo, mais de ano, se reuniu uma outra, de \$\$\$\$\$\$ chefêres, que era bem uma caftinagem deslavada. Gente nascida de ar-livre, moços de vinte a trinta anos, todos dotados de ^{certa} ~~ma~~ magnifica beleza fisica, cada um dono do seu proprio aotomovel de aluguel, luxuoso, inda aproveitavam a farda pra melhor mostrarem o que possuiam de lindo no corpo. Todos gigolôs viravam depois de acompadrados na sociedade, inculcadores das propria femeas caras. Noite chegando, abandonavam os pontos de estacionamento e rondavam pela cidade, em especial nos pontos onde era possivel encontrar o serviço novo. E o ponto de reuniões era aquele barzinho, muito iluminado, servido por uma garçonete só, risonha. A especialidade deles era trabalhar os hospedes do Esplanada e do Terminus. Viveram no ouro por mais de ano.

Essas associações acabam sem que às vezes haja um motivo pra isso. Parece que só mesmo o crime de muito perigo firma a estabilidade de certas quadrilhas, a não ser que essa estabilidade seja fantasia romantica de romancistas e enredadores de filmes cinematograficos. Não ha um codigo escrito, não ha um juramento que estabilise os associados e pra certo genero de individuos fóra da Lei a unica moral proibitiva é o ^{sentimento} ~~negao~~ de traição. Tudo o que seja trair, não fazem. O pressentimento do mal é tão íntimo do homem que mesmo esses ~~os~~ out-laws nutrem essa possibilidade de serem...morais. A traição, qualquer que seja, é um crime pra eles. Não posso me esquecer do

Gordinho, ~~que~~ quando nos encontramos uns dois dias depois de eu ter querido fazer falar um dos marinheiros, encontrou o curioso. Olhou do fazer o menino falar. Me olhou (com um odio tão desvairadamente desesperado o inimigo que fugia medo pelo tal do que fiquei com medo e pena. Passou por mim, teve a hesitação de quem vai parar e foi se postar na escadaria como sempre. Foi depois várias vezes se apareceu, a cada, apesar de bem confortado pelo urlianiismo, apresentando o sinal da morte. Foi guiado por um dos rapazes do grupo. Mas pra esse não perguntei nada. E pare- ce-me que depois de algum tempo ce que afinal vieram a saber quem eu era ou pelo menos o que fazia na vi- da. De repente ninguém mais não me seguiu da. (e o Gordinho continuou, mesmo eu curioso ali) francamente presidindo a associação. E foi só mesmo depois da associa- ção acabada que um dia encontrando juntos os meus dois conhecidinhos, bastante cerveja e tres horas noturnas num quinze de novembro de fontes i- minosas no Ipiranga, vim a saber de tudo o que aqui vai.

Mas dessas associações de ~~2000~~ patranhice policialvel, pros clubes ~~ilicitamente~~ licitos, como o "São Paulo", o "Comercial" e o "Automovel Clube", vai toda uma escala incerta de gradações associativas. Assim essas admiráveis ~~33~~sociedades carnavalescas, de vida intermitente, de que duas paulistas, mantiveram sede mesmo na praça, ^{Ali}Verdi. Ainda muito proxima desta, no largo do Paissandú, e aliás perfeitamente licita e elogiavel nos seus fins

dades grandes. Na propria rua do Anhangabaú, em pleno bairro turco, passada o viadutinho da rua, durante muito tempo, mais de ano, se reuniu uma outra, de ~~Schofers~~ chefêres, que era bem uma caftinagem deslavada. Gente nascida de ar-livre, moços de vinte a trinta anos, todos dotados de certa beleza fisica, cad[a] um dono do seu proprio a[u]tomovel de aluguel, luxuoso, inda aproveitavam a farda pra melhor mostrarem o que possuiam de lindo no corpo. Todos gigolôs de femeas caras. Noite chegando, abandonavam os pontos de estacionamento e viravam depois de acompanhados na sociedade, inculcadores das proprias amantes

[e das dos “consocios”.

rondavam pela cidade, em especial nos pontos onde era possivel encontrar o serviço novo. E o ponto de reuniões era aquele barzinho, muito iluminado, servido por uma garçonete só, risonha. A especialidade deles era trabalhar os hospedes do Esplanada e do Terminus. Viveram no ouro por mais de ano.

Essas associações acabam sem que ás vezes haja um motivo pra isso. Pa[-] rece que só mesmo o crime de muito perigo firma a estabilidade de certas quadrilhas, a não ser que essa estabilidade seja fantasia romantica de romancistas e enredadores de filmes cinematograficos. Não ha um codigo escri[-] to, não ha um juramento que estabilise os associados e pra certo genero de individuos fóra da Lei a unica moral proibitiva é o sentimento de traição. Tudo o que seja trair, não fazem. O pressentimento do mal é tão íntimo do homem que mesmo êsses out-laws nutrem essa possibilidade de serem... morais. A traição, qualquer que seja, é um crime pra êles. Não posso me esquecer do

de ~~lhe~~ ~~lhe~~ ~~terem~~ ~~terem~~ quererem fazer falar um dos meninos.

Gordinho, quando nos encontramos uns dois dias depois de eu ter querido fazer o menino falar.

Encontrou o curioso. Olhou com um odio tão desvairadamente desespera[-] do o inimigo que fazia medo e pena. Passou pelo tal, teve a hesitação de quem vai parar mas foi se postar na escadaria como sempre. Não usava de olhar o adversario, e êste, apesar de bem confortado pelo urbanismo, pressentiu o mal da morte. percebeu mesmo seguido algum tempo por rapazes do grupo, mas

de certo vieram a saber exatamente que era. Ninguem mais lhe deu atenção e o Gordinho

[continuou, mesmo

o curioso ali, francamente presidindo a associação. E foi só mesmo depois da associação acabada que alguns dos meninos deram a trela, assim mesmo com bastante cerveja e muitos dias de conquista.

Mas dessas associações de ~~Sfran~~ patranhice policialvel, pros grandes clubes de jôgo ilicitamente licitos, como o “São Paulo”, o “Comercial” e o “Automovel Clube”, vai toda uma escala incerta de gradações associativas. Assim essas admiraveis sociedades carnavalescas, de vida intermitente, de que duas paulistas, mantiveram séde mesmo ali na praça. ~~Verdi~~. Ainda muito proxima desta, no largo do Paissandú, e aliás perfeitamente licita e elogiavel nos seus fins

sociais, uma associação coral interessantíssima arrastava todas as noites quase a sua ~~\$saude\$~~ nostalgia de destêrro. Fundada por um antigo ator da Russia ~~\$tza\$~~ czarista, ela tomava parte do primeiro andar sordido duma casa ~~\$velha\$~~ envelhecida muito cedo. O cantor sabia regularmente música e a mulhe[r] dele, também cantora de teatros russos, o ajudava magnificamente. E o casal, com uma paciência maravilhosa conseguira reunir coral estranhíssimo pela heterogeidade em que estavam principalmente ~~\$russos-ucranias\$~~ emigrados da Pequena Russia, pelo que a sociedade se intitulava de Coros Ucrânicos. Mas continha alemães, tchecos e húngaros também. Modistas, grilos, fotografos, mar[-] cineiros, garçonetes, criados e criadas, pintores, mistura de tipos abertamente alegres ou misteriosos, numa promiscuidade muito duvidosa, incapazes do mal e duma dolorosa fatalidade. No meio deles o cantor, jamais discutido, era maestro, pai, medico e confidente. A mulher dele a mesma coisa. Nos intervalos dos can[-]tos, os grupos se ajuntavam, riam alto ou coixavam numa aparência de se-grêdo, inconscientes de toda a força tragica que representavam, ~~\$sem\$~~ não pos[-]suindo o espirito da propria mesquinhez. Se tornavam facilmente percebidos e eram fatigantíssimos. A unica dor que permanecia valiosa no agrupamento é que não conseguiam se tornar calmos. Possuíam quasi todos e todas esse m[o-]vimento de ~~\$sombros\$~~ curvatura das raças perseguidas. Se entreamavam desesper[a-]damente; e ainda muitíssimos desligados dos brasileiros com alguma coisa já nacional, pelas diferenças de fala, de costumes, de realidade exterior, mas [fundamentalmente parecidos conosco, não conseguiam ~~\$no-entant\$~~ por isso nos desprezar como principalmente faziam [norte-americanos, ingleses e argentinos, ou pelo menos ignorar a nossa fraca realidade de donos desta terra. E d'aí lhes vinha uma atitude, mesmo um servilismo, de inferioridade, penosamente isolada. Era triste de se obser[-]var. O maestro, duma admiravel e bem cabotina confiança em si mesmo, apesar de dominar todos, não conseguia infundir nos subalternos a segura calma com que vivia numa terra sem controle nem inquisição de competencias.

Quanto a essas camaradagens mais ou menos socializadas de criminosos gorados, elas eram n[um]eras numa terra de tanta aventura riqueza, desmoralização e despolicamento. ~~como a nossa.~~ Havia na cidade milhares de Gordinhos, porém inofensivos e desprezíveis, por não possuírem a veemência apaixonada do capenga. Semifeiticeiros, incapazes duma organização fixa que nem as macumbas, catimbos e pagelaças do Rio, até o extremo Norte; ~~\$vendedes\$~~ ~~\$turs\$~~ ~~\$res-clandestinos-de\$~~ turcos, vendedores clandestinos de cigarros apenas inofensivamente perfumados com haxixe (dic.); teosofistas e principalmente es[-]piritistas mexedores de mesinhas, que seguiam as suas ~~\$religião\$~~ reuniões ape[-]nas pelo gosto de cumplicidade e de conspiração que elas lhes davam; reli[-]

bastardas
giõesinhas ~~que~~ ~~que~~ nem a do indiano Gataramo, vivendo de plagios miseráveis do Catolicismo inda de praxe. ~~Seitas e práticas ameríndias e africanas não repercutiam aqui.~~

Num daqueles pardieiros seminovos e ~~súgissimos~~ que existiam no proprio quarteirão do Correio, rua do Seminario, morou quasi um ano um ~~marinheiro~~ marinheiro alemão interessantissimo. Muito viajado, com seus trinta anos ta vez, esse era bem capaz dos crimes piores, só que tinha a paciencia maruja de não procurar coisa nenhuma, esperando. E como no tempo em que viveu em São Paulo nenhuma falcatruea lhe surgiu, viveu sem nenhuma, perfeitamente adaptado e sem pressa de viver. Sabia muita coisa, falava mal várias linguas e, curiosamente, um português asiático, mais dolente e menos colorido que os diversos "portugueses" do Brasil. Tatuava como ninguem e o proprio corpo dele era uma renda minuciosa, já muito escalavrada por berevas antigas estrelando em franziduras e beijos polidos de cortes. Mostrava o corpo com uma indiferença espetacular. ^{Exibido} ~~Exibia-se~~, tirava o dolmam e a calça e já estava nu. Não chegava a repugnar mas afastava com um quê de sobreumano e secular. Principalmente isso: uma anormalidade epidérmica tamanha que impressionava como si fosse o resultado duma velhice imortal. Ainda ajudava essa impressão ~~de~~ a fantasia horripilante dos desenhos, tão corajosa na sua pornografia liturgica a ponto de aparentar ou realmente ser uma inocencia de paranoico. É impossivel descrever as tatuagens dele, algumas pueris e não interessando nada, a grande maioria cultivando uma religiosidade masoquista da mais sensualissima especie. A particularidade inesquecivel eram uns a modo de borrões irregulares dum desenho meticulosissimo, aparentando chumaços de pêlos. Totalmente depilado, apenas com uma penugem doirada nas partes e sovacos, essas restingas de pêlo abundante e crespinho das tatuagens nem sei como explique a sensualidade que emanavam. Sobretudo a quasi cabeleira entorno do umbigo e se alongando feito asas artríticas e ~~do~~ das ⁽¹²⁾ ~~de~~ pregas entre a barriga e a peitaria. Na direita o chumaço acabava na boca aberta dum perfil feminino, boniteza de folhinha, topete e birote ainda, com um nome debaixo.

Esse marinheiro tatuou muita gente em São Paulo. Copiava nos corpos, distintivos de ~~clubes~~ clubes, frases votivas de amor, bandeiras, figurinhas de revista que reduzia com admiravel habilidade a uma bastante viva sintese linear. Mais raro e só com previo consentimento gravava imoralidades. E sempre estas saiam eivadas de religiosidade, de interpretação obscura,

giõesinhas bastardas que nem a do indiano Gaturamo, vivendo de plagios miseráveis do Catolicismo inda de praxe. ~~Seitas e práticas ameríndias e africanas não repercutiam aqui.~~

Num daqueles pardieiros seminovos e sugíssimos que existiam no próprio quarteirão do Correio, rua do Seminário, morou quasi um ano um ~~Salemão~~ marinheiro alemão interessantíssimo. Muito viajado, com seus trinta anos ta[-] vez, êsse era bem capaz dos crimes piores, só que tinha a paciência maruja de não procurar coisa nenhuma, esperando. E como no tempo em que viveu em São Paulo nenhuma falcatrúia lhe surgiu, viveu sem nenhuma, perfeitamente adaptado e sem pressa de viver. Sabia muita coisa, falava mal várias línguas e, curiosamente, um português asiático, mais dolente e menos colorido que os diversos “portugueses” do Brasil. Tatuava como ninguém e o próprio corpo dele era uma renda minuciosa, já muito escalavrada por breves antigas estre[-]lando em franziduras e beijos polidos de cortes. Mostrava o corpo com uma indiferença espetacular. Solicitado, tirava o dolman e a calça e já estava nu[.] Não chegava a repugnar mas afastava com um quê de sobreumano e secular. Principalmente isso: uma anormalidade epidermica tamanha que impressionava como si fosse o resultado duma velhice imortal. Ainda ajudava essa impr[es-] são ~~Sesquisita~~ a fantasia horripilante dos desenhos, tão corajosa na sua pornografia liturg[i]ca a ponto de aparentar ou realmente ser uma inocência de paranoico. É impossível descrever as tatuagens dele, algumas pueris e não interessando nada, a grande maioria cultivando uma religiosidade masoquista da mais sensualíssima espécie. A particularidade inesquecível eram uns a modo de borrões irregulares dum desenho meticolosíssimo, aparentando chumaços de pêlos. Totalmente depilado, apenas com uma penugem doirada nas partes e sovacos, essas restingas de pêlo abundante e crespinho das ta[-]tuagens nem sei como explique a sensualidade que emanavam. Sobretudo a qua[-]si cabeleira entorno do umbigo e se alongando feito asas artríticas e no[-]dosas pelas pregas entre a barriga e a peitaria. Na direita o chumaço acab[a-]va na boca aberta dum perfil feminino, boniteza de folhinha, topete e birote ainda, com um nome debaixo.

Esse marinheiro tatuou muita gente em São Paulo. (12) Copiava nos corpos, distintivos de ~~Serpos~~ clubes, frases votivas de amor, bandeiras, figurinhas de revista que reduzia com admirável habilidade a uma bastante viva síntese linear. Mais raro e só com prévio consentimento gravava imoralidades. E sempre estas saíam eivadas de religiosidade, de interpretação obscura,

pouco sedutora em geral pros que se deixavam tatuar, gente simples, operários moços, amantes, futeboleres, beatos. Mas no caso de fazer alguma, ela vinha sempre acompanhada de al[g]um chumaço de pêlo.

Pois o alemão conseguira aqui uma rodinha nutrida, feita principalmen[-] te de brasileiros boçais. Estes é que atraíam fregueses, acolitavam as ta- tuagens, emprestavam dinheiro sem discussão e jamais voltado ao dono. Me conhecendo, que engrolava o alemão, o marujo deu a trela. Se exprimia bem, com [uma

dose enorme de cabotinismo e mentira. Mas parece mesmo que fôra estudante de Heidelbergue como contava, pois sabia coisas impossíveis dum apenas marinheiro [saber. Cu[-]

riosa ainda era a paixão que tinha pelas flores. Socialmente falando era um safado de marca maior, aproveitando de todos. Egoísta e triunfalmente egoísta. Passava o dia inteiro sozinho, sem fazer nada. Estirado numa maqueira e tocando cordeona. No fogareirinho fazia café e fritava algum ovo muito raro. No geral vivia de frutas e pão. Gostava especialmente de laranjas que comia vorazmente, com casca. Um dia se despediu dos admiradores, falando que i[-] a viajar, o certo é que desapareceu.

As sociedades de negros sempre deram entre nós o exemplo do desperdi[-] cio moral e do chinfrim. Uma das mais curiosas foi a mantida muitos meses numa rua escusa da Barra-Funda. O presidente perpetuo era um mulato da maior mulataria, baiano emigrado com mais carnes e gorduras que os quarenta anos da mulher argentina. Os cavalheiros do conluio, formavam um sucia de espertalhões semi criminosos. A sociedade era de baile e se mantinha á custa de roubo. Ao contrário de todas as congeneres as damas é que pagavam e tinham em compensação o direito a escolher o cavalheiro prá s danças e pra depois das danças. Não havia mensalidade estipulada e nem se aceitava dama que não fosse criada. Nos dias de baile elas chegavam, entravam e procedia-se á coleta. O presidente, acompanhado pelo Segundo Secretario e Segundo Tezoureiro (os Primeiros apenas escrituravam dũa maneira policiavel as reuni[-] ões sociais) na frente dũa mezinha coberta com um pano-de-chá muito fino, tocava num gongo de prata. Tudo parava e o Orador oficial saudava o belo-sexo, Depois é que principiava o que êles chamavam a “dispensa” pra dançar. As damas vinham, uma por uma, e deixavam sobre as rendas da toalha, aneis, estatuetas, colheres de prata, gravatas, combinações, broches, tudo. E o dispenseiro vinha, arrebanhava tudo pra em seguida o presidente encerrar a cerimonia com um discurso de congratulações em que se salientava o papel da “senhorinha” Rosalia que truxera um anel cabochão, a senhorinha Eloisa que se “dispensava” sempre com colheres e garfos de prata, assim sim! moças

que haviam de se "ilustrar pela dedicação a Sociedade e a haviam de elevar apesar de tantos precargos da nossa vida *hontemporanea. Tenho dito*".

Aliás estava se dando ~~uma~~ manifestação ~~notavel~~ notavel entre as gente de raça negra no Estado e especialmente na capital: uma especie de seccionamento ~~do~~ sistematizado das outras raças. Estavam rareando cada vez mais as uniões fisicas entre pretos e individuos de outra qualquer cor. Apesar da vastissima proporção de letões, sirios, estonianos, alemães, russos, polacos, se pre o italiano inda predominava ~~o~~ e sobretudo predominara aqui. Ora o italiano jamais demonstrara, mesmo vindo viver em terras americanas, o mesmo alvorço de atração que portugueses e franceses possuem. Uma simples questão de tendencia fisiologica, pois que apesar de raros os casamentos entre pretas e italianas, (o contrário inda era mais raro), não se criara aqui o mais minimo preconceito social de cor, capaz de preparar uma futura questão negra, que nem nos Estados Unidos. Mas essa separação obscura, vaga, não determinada mas real, ocasionara nos individuos de cor, um isolamento por assim dizer se xual, que os fez de novo se voltarem pra si mesmos e se ~~reunirem~~ em tribus, sociedades, companheirices que embora sem a mais minima intenção de classe, de raça e reivindicação social, se compunham na maioria exclusivamente de pretos. Um ou outro branco raro que se aventurava nessas rodas, a não ser que tivesse mesmo uma constancia prodigiosa de audacia, não conseguia sustentar-se nelas, principalmente porquê a negrada brasilica bem aceita em qualquer meio e não sofrendo de nenhuma humiliação de cor, não alimentava o sonho de clarear pigmentação. Eles mesmos blagueavam sobre a cor que tinham desinteressados, sem ~~amargura~~ nenhuma, se chamando de "jaboticabas". Por tudo isso, o branco não tinha nessas clans negros nenhum prestigio especial, antes se via espesinhado como individualidade porquê a beleza e elasticidade fisica dos parceiros negros, a natural loquacidade viva destes, deixavam o branco aventurado nessas rodas, numa subalternidade de ^{enorme} brilhação.

É possivel que o simples fenomeno visual da cor proporcionasse a esse recrudescimento negro uma apparencia estrondosa, que elle estivesse longe de ter na realidade estatistica, porém era incontestavel ~~que~~ que o fenomeno desmentia a visão optimista (?) dos sociologos profetizando o desaparecimento total da raça negra no Brasil. Os fatos paulistas faziam ante prever um apuramento novo de raça negra entre nós; e si de fato, como afirmavam os etnologos, o tipo ^{negroafricano} ~~puro~~ puro já era mais que raro no país, só persistindo ~~na~~ algum exemplar velho de Minas ou da Baía, era possivel imaginar que estavamos testemunhando a fixação dum tipo novo, o do negrobrasileiro puro.

que haviam de se “ilustrar pela dedicação á nossa Sociedade e a haviam de elevar apesar de tantos precarços da nossa vida contemporanea. Tenho dito”.

Aliás estava se dando ãa manifestação ~~Seuri~~ notavel entre [a] gente de raça negra no Estado e especialmente na capital: uma especie de seccionamento ~~Sem~~ sistematizado das outras raças. Estavam rareando cada vez mais as uniões fisicas entre pretos e individuos de outra qualquer cor. Apesar da vastissima proporção de letões, sirios, estonianos, alemães, russos, polacos, se[m-]pre o italiano inda predominava ~~Sprin~~ e sobretudo predominara aqui. Ora o italiano jamais demonstrara, mesmo vindo viver em terras americanas, o mesmo alvoroço de atração que portugueses e franceses possuem diante do corpo negro. Uma [simples questao

de tendencia fisiologica, pois que apesar de raros os casamentos entre pretas e italianos, (o contrário inda era mais raro), não se criara aqui o mais minimo preconceito social de cor, capaz de preparar uma futura questão negr[a,] que nem nos Estados Unidos. Mas essa separação obscura, vaga, não determinada mas real, ocasionara nos individuos de cor, um isolamento por assim dizer se[-]xual, que os fez de novo se voltarem pra si mesmos e se reunirem em tribus, sociedades, companheirices que embora sem a mais minima intenção de cla[s-]se, de raça e reivindicação social, se compunham na maioria exclusivamente de pretos. Um ou outro branco raro que se aventurava nessas rodas, a não ser que tivesse mesmo uma constancia prodigiosa de audacia, não conseguia sustentar-se nelas, principalmente porquê a negrada brasilica bem aceita em qualquer meio e não sofrendo de nenhuma humilhação de cor, não alimentava o sonho de clarear pigmentação. Eles mesmos blagueavam sobre a cor que tinham desinteressados, sem ~~Snenhuma~~ amargura nenhuma, se chamando de “jaboticabas”. Por tudo isso, o branco não tinha nesses clans negros nenhum prestigio especial, antes se via espesinhado como individualidade porquê a beleza e ela[s-]ticidade fisica dos parceiros negros, a natural loquacidade viva dêstes, dei[-]xavam o branco aventurado nessas rodas, numa enorme subalteridade de brilhação.

É possivel que o simples fenomeno visual da cor proporcionasse a esse recrudescimento negro uma aparencia estrondosa, que êle estivesse longe de ter na realidade estatistica, porém era incontestavel ~~que~~ que o fenomeno desmentia a visão optimista (?) dos sociologos profetizando o desaparecimento total da raça negra no Brasil. Os fatos paulistas faziam ante ver um apuramento novo de raça negra entre nós; e si de fato, como afirmavam os etnologos, o tipo negroafricano puro já era mais que raro no país, só persistindo nalgum exemplar velho de Minas ou da Baía, era possivel imaginar que estavamos testemunhando a fixação dum tipo novo, o do negrobrasileiro puro. (18)

Contra isso apenas vinha se opor, em dose que inda não se pode garantir suficiente, a mudança de costumes que o tempo novo, o americanismo, e a falta de organização tradicional de negros, estava criando aqui. A liberdade de costumes afeta logicamente muito mais os ignorantes e sem tradição. Isso a gente notava muito entre os clans de negros paulistas, na grande maioria caídos numa promiscuidade, numa bandalheira gosada e traiçoeira. A crença que entre eles, sempre conservados na ignorância, fôra apenas umas religiosidade supersticiosa fundamentada numa confusão de assombros católicos e mitológicos, não prendia sinão muito poucos. Estes se resguardavam mais honestos sob a confraria do Rosario tendo a frente sempre algum zumbi arranjado, com vasto correntão de ouro no colete. Nos mais a crença, quando inda existia, era apenas episódica e cedia ao primeiro convite da vida.

O conceito de família inda era mais vago nesses descendentes de escravos, ^{dos negros} a única família fôra o senhor cojo sobrenome herdavam. Nenhuma tradição de nenhuma espécie salvaguardava êsses pobres. E o que o mundo lhes mostrava de brilhante era a liberdade de maneiras, a ostentação combativa do corpo e do luxo, um instintivismo sem leis. Assim, imitavam ridiculamente os brancos, exagerando naturalmente o que os patroes e os jornais mostravam, e o que nos brancos era ostentação neles descambava pro mais repugnante despudor, o que era instintivismo em animalidade, o que era liberdade de costumes em bandalheira completa. Desaparecidos os tipos populares de bebidas velhas, agora o que se via com frequência eram ^{pretas} novinhas ainda, em plena rua bebidas se encostando nos tranzeuntes com grandes risadas e convites abertos. Acabava a brincadeira no xadrez, quando realizada em pleno dia, ou nas mais fabulosas noites de ^{ôso}, si protegidos pela condescendência do escuro, algum mais safado as tomava pra si, pra ir saber como eram certos passes de amor inda não conseguidos.

Recrudescia com tudo isso o meretrício negro, dantes tão raro na circumspecta São Paulo, em que sempre fôra pedra de escândalo um lente de Direito e mais conquistas que diziam, era apreciador de negras. Negrinhas ^{bá} teiras ^{sempre} de corpo alinhado e limpo apesar delas preferirem o meretrício de rua, mais semostrador e divertido que o de espera. O lugar preferido delas eram os jardins do Anhangabaú. Jardins escuríssimos porquê neles a pessima iluminação paulistana inda se via estorvada pelas árvores baixas e folhudas, eram perfeitamente propícios ás negrinhas. Não que elas se envergonhassem de si, mas a escuridão lhes protegia os amadores brancos que inda guar-

Contra isso apenas vinha se opor, em dose que inda não se pode garanti[r] suficiente, a mudança de costumes que o tempo novo, ~~Se~~ o americanismo, ~~Seria~~ e a ~~Signorancia~~ dos falta de organização tradicional de negros, estava criando aqui. A liberdade de costumes afeta logicamente muito mais os ignorantes e sem tradição. Isso a gente notava muito entre os clans de negros paulistas, na grande maioria caídos numa promiscuidade, numa bandalheira gosada e traiçoeira. A crença que entre eles, sempre conservados na ignorancia, fôra apenas [uma] religiosidade ~~Ssentimental~~ e supersticiosa fundamentada numa confusão de assombros católicos e mitológicos, não prendia sinão muito poucos. Estes se resguardavam mais honestos sob a confraria do Rosario tendo a frente sempre algum zumbi arranjado, com vasto correntão de ouro no colete. Nos mais a crença, quando inda existia, era apenas episódica e cedia ao primeiro convite da vida.

O conceito de família inda era mais vago nesses descendentes de escrava[-] vos, dos quais [a] única família fôra o senhor c[u]jo sobrenome herdavam. Nenhuma tradição de nenhuma espécie salvaguardava êsses pobres. E o que o mundo lhes mostrava de brilhante era a liberdade de maneiras, a ostentação combativa do corpo e do luxo, um intuitivismo sem leis. Assim, imitavam ridiculamente os brancos, exagerando naturalmente o que os patões e os jornais mostravam, e o que era intuitivismo em animalidade, o que era liberdade de ~~Smaneiras~~ costumes em bandalheira completa. Desaparecidos os tipos populares de bebidas velhas, agora o que se via com frequência eram pretas novinhas ainda, em plena rua bebidas se encostando nos tranzeuntes com grandes risadas e convites abertos. Acabava a brincadeira no xadrez, qu[a]ndo realizada em pleno dia, ou nas mais fabulosas noites de gôso, si protegidos pela condescen[-] dencia do escuro, algum mais safado as tomava pra si, pra ir saber como eram certos passes de amor inda não conseguidos.

Recrudescia com tudo isso o meretrício negro, dantes tão raro na cir[-] cunspecta São Paulo, em que sempre fôra pedra de escândalo um lente de Direito e mais conquistas que diziam, era apreciador de negras. Negrinhas bara[-] teiras de corpo alinhado e sempre limpo apesar delas preferirem o meretrício de rua, mais semostrador e divertido que o de espera. O lugar preferido delas eram os jardins do Anhangabaú. Jardins escuríssimos porquê neles a pessima ilumi[-] nação paulistana inda se via estorvada pelas árvores baixas e ~~Scopas~~ folhudas, eram perfeitamente propícios às negrinhas. Não que elas se envergonhassem de si, mas a escuridão lhes protegia os amadores brancos que inda guar-

davam um preconceito. Por ali passavam muitos dos que buscavam a praça ^{de Leões} ~~pra~~ pra se orientar no divertimento da noite. De lá vinham muitos buscando as aventuras da noite. As negrinhas passeavam, passavam, num vagamundear galinaceo, passos lerdos, ritmo incomparavel. Às vezes era até uma baratinha que parava ~~mais~~ mais adiante. A safadinha nem apressava o andar. Fechando os ombros, num gesto elegante ^{aperfeiçoando} fechando com as duas mãos cruzadas a golinha de pele do casaco, passando pelo motorista á espera, olhava com indiferença traiçoeira. Si chamada, debruçava na portinhola do auto e sabia responder com voz arrastada e sem medo. A conversa era curta no geral, e a safadinha deixava-se raptar por pouco preço. Já sabiam de cór que automovel não queria dizer riqueza alguma.

Em noite de sábado principalmente, os jardins do Anhangabaú eram um viveiro de contratos amorosos. E contrastava ironicamente com o luxo ^{dos jardins} ~~deles~~ a qualidade desses contratos. Mas às vezes regorgitava, curiosissimo. E dele, principalmente é que no curiangular do seu vôo curto, ia ter na praça Verdi o rebotalho do meretrício e da viadagem paulistana.

Jorge conduzira os companheiros até o café expresso do sírio. Era um quartinho sem ar quasi, onde ninguem se mexia na estreiteza. Tudo fôra proveitado. Uma das portas se transformara em janela por onde o dono do café vendia doces gelados. Da outra unica porta sobrada, metade se tomara com uma vitrina de pasteis e empadas quentes. Dentro havia o espaço apenas prá menina que vendia os bilhetes e pro balcão do café expresso e da garapa gelada. Mas o lugar era excelente e o café do sírio regorgitava a qualquer hora do dia.

Sem João foi logo comprando os bilhetes numa estardalhaço de obsequiosidade inutil porquê o Jorge, está claro, não fizera o minimo gesto pra pagar coisa nenhuma, já estava bem carioquisado pela vida da capital e, quanto a Chico Antonio, êle nem sabia, estava mandado, sem tomar a ~~iniciativa~~ ^{iniciativa} de nada. Caira no seu torpor habitual de scisma, recebendo como um eco as sensações do exterior, divagando por dentro sem um tema.

O café estava tão cheio que foram obrigados a esperar na porta. Jorge ainda guardava a idea duma farrita com Chico Antonio nessa noite, olhou pra êle sorrindo. Mas o nordestino já estava longe da sensualidade, apenas vivendo o mundo, numa certa fadiga do passeio que êle mesmo inda não tinha percebido. Mas impulsionado por alquem que saía estreitou o peito contra a porta num gesto tão gracioso, virado o rosto prá rua, sorrindo, que Jorge olhou pra êle estasiado. Chico Antonio descera o degrau e encostado na parede, do-

davam um preconceito. Por ali passavam muitos dos que buscavam a praça do Correio pra se orientar no divertimento da noite. De lá vinham muitos buscando as aventuras da noite. As negrinhas passeavam, passavam, num vagamundear gali[-] naceo, passos lerdos, ritmo incomparavel. Às vezes era até uma baratinha que parava \$,ma\$ mais adiante. A safadinha nem apressava o andar. Fechando os ombros, num gesto elegante apertando com as duas mãos cruzadas a golinha de pe[-] le do casaco, passando pelo motorista á espera, olhava com indiferença trai[-] çoeira. Si chamada, debruçava na portinhola do auto e sabia responder com vo[z] arrastada e sem medo. A conversa era curta no geral, e a safadinha deixava-se raptar por pouco preço. Já sabiam de cór que automovel não queria dizer riqueza alguma.

Em noite de sábado principalmente, os jardins do Anhangabaú eram um vi[-] veiro de contratos amorosos. E contrastava ironicamente com o luxo dos jardins a qualidade dêsses contratos. Mas às vezes regorgitava, curiosissimo. E dele [p]rincipalmente é que no curiangular do seu vôo curto, ia ter na praça Verdi o rebotalho do meretrício e da viadagem paulistana.

Jorge conduzira os companheiros até o café expresso do sírio. Era um quartinho sem ar quasi, onde ninguem se mexia na estreiteza. Tudo fôra [a]pro-veitado. Uma das portas se transformara em janela por onde o dono do café vendia doces gelados. Da outra unica porta sobrada, metade se tomara com uma vitrina de pasteis e empadas quentes. Dentro havia o espaço apenas prá meni[-] na que vendia os bilhetes e pro balcão do café expresso e da garapa gelada[.] Mas o lugar era excelente e o café do sirio regorgitava a qualquer hora do dia.

Seu João foi logo comprando os bilhetes numa estardalhaço de obzequio[-] sidade inutil porquê o Jorge, está claro, não fizera o minimo gesto pra pagar coisa nenhuma, já estava bem carioquisado pela vida da capital e, quanto a Chico Antonio, êle nem sabia, estava mandado, sem tomar a \$direção\$ iniciativa de nada. Caira no seu torpor habitual de scisma, recebendo como um eco as se[n-] sações do exterior, divagando por dentro sem um tema.

O café estava tão cheio que foram obrigados a esperar na porta. Jorge ainda guardava a idea duma farrita com Chico Antonio nessa noite, olhou pra êle sorrindo. Mas o nordestino já estava longe da sensualidade, apenas viven[-] do o mundo, numa certa fadiga do passeio que êle mesmo inda não tinha percebido. Mas impulsionado por al[g]uem que saía estreitou o peito contra a por[-] ta num gesto tão gracioso, virado o rosto prá rua, sorrindo, que Jorge olhou pra êle estasiado. Chico Antonio descera o degrau e encostado na parede, do-

brara a perna esquerda prendendo o pé numa saliência da arquitetura. Os braços longos lhe caíam no longo do corpo e mandado pelo aquecimento do passeio, encostara a cabeça na parede, oferecendo o pescoço á viração. Todas as atitudes e gestos dele eram assim, duma graça macia tão deliciosa, duma elegância sensual tão inata, que se diria uma dessas mocidades de conto de fadas, em que tudo é o que a gente imagina tendo a perfeição do agradável. Si era de fato bonito, era principalmente simpático, uma dessas simpatias envolventes, invencíveis, que dão a quem a sente ãa maravilhosa satisfação.

Individuos dêsses conseguem tudo e poderiam dominar o mundo si subessesem se aproveitar do invencível dom que possuem. Porquê nós nos sentimos tão amigos deles, e especialmente tão alegres em lhes p estar um serviço, que não temos jamais a mínima intenção de pegar compensação. Nós mesmos é que nos compensamos, com a alegria de prestar serviço. O favor não é nosso, é antes deles, dessa simpatia maravilhosa e sem promessa, da qual, porquê é tão raro um mundo bom assim, a gente não pede ^{dela} ~~sinão~~ a ~~dadiva~~ ~~de~~ ser simpática.

-Mas é o João!

-Oh, seu Astrogildo!

§§§§§§§§§§§§§§§§§§

-Você por aqui!

-Pois é... Não conhece mais este?...

-Chico Antonio! Allô, mas Chico Antonio aqui!...

Eram abraços, batidas nas costas, uma zuada de palavras altas, lançadas como quem está dentro de sua casa, toda a gente virava pra ver.

Astrogildo era Astrogildo de Brito Colaço, um sujeitinho atarracado, baixote que só ninharia. Muito ~~Muito~~ ^{Muito} Palido, moreno de madeira bem forte, duma horizontalidade sistemática de linhas, olhos maravilhosos de tamanhos apesar de meio baços, ^{e com uma} ~~uma~~ ironia despeitada se escondendo por detrás da morbidez. Boca bem sã, com dentes perfeitos espaçados, ^{muito} ~~§§§~~ amarelos cor de fôrça. Os cabelos, castanho claro, eram finíssimos e duma lisura perfeita. Vestia bem mas ~~§§§§§§§§§§§§§§§§§§~~ coisas atrapalhadas, seu brilhante na gravata, sobretudo de inverno polar, e um chapéu de palha meio de banda, auxiliando a ironia antipática dos olhos.

Cearense legítimo. O pai ~~dele~~ ^{dele} fôra deputado, ~~§§§§§§§§§§§§§§§§§§~~ chefe de polícia terrível, secretario geral de Estado e mais outras coisas de homem com influência e politicagem condescendente. Herdara por questões de advocacia uma fazenda vizinhando com a em que seu João fôra morador, e Astrogildo ~~no~~

brara a perna esquerda prendendo o pé numa saliência da arquitetura. Os braços longos lhe caíam no longo do corpo e mandado pelo aquecimento do passeio encostara a cabeça na parede, oferecendo o pescoço á viração. Todas as atitudes e gestos dele eram assim, duma graça macia tão deliciosa, duma elegância sensual tão inata, que se diria uma dessas mocidades de conto de fadas, em que tudo é o que a gente imagina tendo a perfeição do agradável. Si era de fato bonito, era principalmente simpático, uma dessas simpatias envolventes, invencíveis, que dão a quem a sente ãa maravilhosa satisfação.

Individuos dêsses conseguem tudo e poderiam dominar o mundo si subessem se aproveitar do invencível dom que possuem. Porquê nós nos sentimos tão amigos deles, e especialmente tão alegres em lhes prestar um serviço, que não temos jamais a mínima intenção de pedir compensação. Nós mesmos é que nos compensamos, com a alegria de prestar serviço. O favor não é nosso, é antes deles, dessa simpatia maravilhosa e sem promessa, da qual, porquê é tão raro um mundo bom assim, a gente não pede sinão a dádiva dela ser simpática.

– Mas é o João!

– Ôh, seu Astrogildo!

~~\$ Chico Antonio!~~

– Você por aqui!

– Pois é... Não conhece mais êste?...

– Chico Antonio! Allô, mas Chico Antonio aqui!...

Eram abraços, batidas nas costas, uma zuada de palavras altas, lançadas como quem está dentro de sua casa, toda a gente virava pra ver.

Astrogildo era Astrogildo de Brito Colaço, um sujeitinho atarracado, baixote que só ninharia. ~~Muito~~ Palido, moreno de madeira bem forte, duma horizontalidade sistemática de linhas, olhos maravilhosos de tamanhos apesar de meio baços, e com uma ironia despeitada se escondendo por detrás da morbidêz. Boca bem sã, com dentes perfeitos espaçados, muito amarelos cor de fôrça. Os cabelos, castanho claro, eram finíssimos e duma lisura perfeita. Vestia bem mas ~~\$atabalhado\$~~ coisas atrapalhadas, seu brilhante na gravata, sobretudo de inverno polar, e um chapéu de palha meio de banda, auxiliando a ironia antipática dos olhos.

Cearense legítimo. O pai dele fôra deputado, ~~\$secretario\$~~ chefe de polícia terrível, secretario geral de Estado e mais outras coisas de homem com influência e politicagem condescendente. herdara por questões de advocacia uma fazenda vizinhando com a em que seu João fôra morador, e Astrogildo ~~no~~

passou nela várias férias, no tempo em que ^{passou pelos} ~~arquivos~~ ginásios recifenses. Depois foi o eterno Direito, estudado malemal só pra adquirir ^{a senha} ~~o direito~~ de aventura. Nem bem formado, já estava com a decisão ^{firme} ~~toma~~. O pai talvez preferisse pro filho uma carreira igual á que fizera porê o moço esgotara a paciência de viver numa semi-riqueza nortista e sonhava só com o sul. Veio pro sul.

Astrogildo era apenas mais ã amostra dêsse miseravel fenomeno da atração do sul. Em tudo, amostra miseravel, porquê si alguns exemplos havia de nortistas que faziam carreira e se enriqueciam por cá, a maioria alcançava apenas se avacalhar numa ~~existencia~~ existencia variada e aventureira de expedientes. A propria inteligencia ~~vivacissima~~ vivacissima e tão exterior de que eram dotados no geral êsses nortistas, as proprias noções de ambição e de ilusão de que vinham gerados, lhes impedia paciência e constancia. Quasi todos sem uma base de dinheiro que lhes permitisse fundar qualquer empreza tinham que principiar pelo comêço. E o comêço prá grande maioria dêsse fillos-familias burgueses, sem dinheiro, moldaveis e de inteligencia facil, era o jornalismo. A não ser que a vesgueira de ilusão de que vinham dotados os sugeitasse ^{as maguêrias} ~~a carreira~~, mandados pela nossa condescendencia estaduana pros fundos do Estado, nalguma delegaciazinha, nalgum juizado de merda. Preferiam isso, brilhar pela loquacidade, carregados de prognosticos nunca realizados de "grande futuro", ^{ou uma cidadezinha qualquer mais do} ~~para~~ São Paulo, a viverem com mais importancia regional e muito mais felicidade pelos sublimes coqueirais do norte! Porê os mais pacientes, ou mais espertos, preferiam principiar mais baixo, ficavam nas capitais e ingressavam no jornalismo. Que jornalismo lhes convinha? Jornalismo de deveras independente não havia em nossa terra, e isso era carreira sem esperança. A não ser que a nobreza, a dignidade fossem esperanças. ⁽¹⁷⁾ Mas êsse não era jamais o ideal de quem vinha pra um meio de financiamento e aventura feito o nosso. Só havia jornalismo de ~~Governo~~ ^{desde} ou oposicionista. Ambos convinham pra essa moçarada com fome que debandavam ~~de~~ Manaos ate a Baía, campêdo ~~o~~ "sul" lá deles, visão infantil de inteligencia desabrida e sem mobilia. Mas si ingressavam no jornalismo de oposição, isso era apenas pra brilharem, mostrarem o que valiam, se valorisarem, porquê sempre o ataque a descompostura, o aleive, pelo impulso de que vivem, facilitaram a brilhação. Pois aí ficavam brilhando apenas á espera do primeiro olhar de namôro que o Governo lhes lançasse. E êsse olhar vinha quasi sempre. O descaro, a prepotencia, a inominavel imoralidade governamentais já faziam com que os propri desfibrados escritores paulistas, sentissem uma certa repugnancia em ser-

passou nela várias férias, no tempo em que passeou pelos ginasios recifenses. Depois foi o eterno Direito, estudado malemal só pra adquirir a senha de aventura. Nem bem formado, já estava com a decisão firme. O pai talvez preferisse pro filho uma carreira igual á que fizera porê o moço esgotara a paciência de viver numa semi-riqueza nortista e sonhava só com o sul. Veio pro sul.

Astrogildo era apenas mais uma amostra dêsse miseravel fenomeno da atração do sul. Em tudo, amostra miseravel, porquê si alguns exemplos havia de nortistas que faziam carreira e se enriqueciam por cá, a maioria alcançava apenas se avacalhar numa ~~inteligencia de e~~ existencia variada e aventureira de expedientes. A propria inteligencia ~~vivasei~~ vivacissima e tão exterior de que eram dotados no geral êsses nortistas, as proprias noções de ambição e de ilusão de que vinham gerados, lhes impedia paciência e constancia. Quasi todos sem uma base de dinheiro que lhes permitisse fundar qualquer empreza tinham que principiari pelo comêço. E o comêço prá grande maioria dêsses filhos-familias burgueses, sem dinheiro, moldaveis e de inteligencia facil, era o jornalismo. A não ser que a vesgueira de ilusão de que vinham dotados os sugeitasse ao magisterio, mandados pela nossa condescendencia estaduana pros fundos do Estado, nalguma delegaciazinha, nalgum juizado de merda. Preferiam isso, brilhar pela loquacidade: carregados de prognosticos nunca realizados de “grande futuro”, numa cidadinha qualquer mas de São Paulo, a viverem com [mais importan[-]

cia regional e muito mais felicidade pelos sublimes coqueirais do norte! Porê os mais pacientes, ou mais espertos, preferiam principiari mais baixo, ficavam nas capitais e ingressavam no jornalismo. Que jornalismo lhes convi[-] nha? Jornalismo de deveras independente não havia em nossa terra, e isso era carreira sem esperança. A não ser que a nobreza, a dignidade fossem esperanças... (11) Mas êsse não era jamais o ideal de quem vinha pra um meio de fnancismo e aventura feito o nosso. Só havia jornalismo de Govêrno ou oposicionista. Ambos convinham pra essa moçarada com fome que debandavam desde Manaos ate a Baía, campeando um “sul” lá deles, visão infantil de inteligencia desabrida e sem mobilia. Mas si ingressavam no jornalismo de oposição, isso era apenas pra brilharem, mostrarem o que valiam, se valorisarem, porquê sempre o ataque a descompostura, o aleive, pelo impulso de que vivem, facilitaram a brilhação. Pois aí ficavam brilhando apenas á espera do primeiro olhar de namôro que o Govêrno lhes lançasse. E êsse olhar vinha quasi sempre. O descaro, a prepotencia, a inominavel imoralidade governamentais já faziam com que os propri[os] desfibrados escritores paulistas, sentissem uma certa repugnancia em ser-

vir a uma coisa dessas. Talvez também um resquício de patriotismo regionalista, impedisse esses estaduanos de ajudar os oligarcas no malbarateamento de quanto São Paulo pudera ser. Se afastavam discretamente dos jornais governistas, raros conseguia^m se aguentar neles e os Governos se debatiam numa carestia temível de defensores ~~esses~~ impressos. Era natural que namorasse^m os que vinham de longe, sem a tradição da terra, sem o amor da terra, sem a vergonha da terra, Tanto mais que ^{já tinham assumido} ~~se assumiram~~ já com facilidade a... psicologia que animava esses arrivistas. O Correio Paulistano então, eternamente o jornal oficial das nossas ~~essas~~ indecências, pululava dessa espécie nova de estrangeiros. Senhores, sou sergipano, sou isto, sou aquilo, porém o meu coração é paulista! Quem não vibra de entusiasmo e de amor ante esta terra maravilhosa que é o orgulho do Brasil? Quem não sente a nobreza honestíssima dos ~~nossos~~ chefes, que conduziram á ~~essas~~ grandeza do presente a nossa terra paulista? etc. etc. O Correio Paulistano transbordava de gente assim, era um engenho. Engenho de bôsta, é moderna, em que o Governo aboiava, uma cantiguinha pecuniária ~~muito~~ reles, pagando realmente com muito pouco, alguns contocos e ~~essas~~ esperança, esses que tinham vendido quasi tudo o que era deles. Do Norte só lhes sobrava o tipo gordote e horizontal, a fala aberta e a ~~essas~~ amabilidade.

Era um engano dramático, d'ua amargura insuportável. Abandonavam uma terra pobre mas cuja pobreza desaparecia por ser uma normalidade geral, e só se concebia relativa ao Sul (da mesma forma com que o Sul era pauperrimo em relação á Argentina ou os Estados Unidos, ou outro qualquer país europeu quasi), abandonavam uma terra cuja luta era muito mais atraente por ^{estar indo} ~~ser uma~~ ~~ta~~ em começo, desprovida ainda dos erros essenciais que faziam a infelicidade racial do Sul, abandonavam uma terra dotada de adaptação nacional, com inteectualidade, psicologia, costumes, bem brasileiros e tradicionais, abandonavam um corpo pra se tornarem uma nuvem, se despaisavam ridiculamente, precariamente, pra se engordar de avacalhamento quasi que sem excepção. Dispostos a tudo pra enriquecer. Mas não conseguiam isso não, o que os tornava ainda mais ridiculos e desprezíveis. Consequiam, mas na geralidade era quando muito combinar um sobretudo ^{do bolo} ~~polar~~ com a palheta de banda do Astrogildo.

Agora estavam recostados no balcão, bebericando um café conversadíssimo. Seu João quisera sair mas Astrogildo opinara que era melhor ficarem ali apesar de amassados contra um canto de parede pela entra-e-sai contínuo do café. Lá fora um conhecido podia passar, ~~esses~~ e não convinha que o vissem naquela amizade camarada com gente baixa.

vir a uma coisa dessas. Talvez também um resquício de patriotismo regionalista, impedisse esses estaduanos de ajudar os oligarcas no malbarateamento de quanto São Paulo pudera ser. Se afastavam discretamente dos jornais governistas, raros conseguiam se aguentar neles e os Governos se debatiam numa carestia temível de defensores ~~\$literários\$~~ impressos. Era natural que namorassem os que vinham de longe, sem a tradição da terra, sem o amor da terra, sem a vergonha da terra, Tanto mais que ~~\$já\$~~ já tinham assuntado com facilidade a... psicologia que animava esses arrivistas. O Correio Paulistano então, eternamente o jornal oficial das nossas ~~\$vergo\$~~ indecências, pululava dessa espécie nova de estrangeiros. Senhores, sou sergipano, sou isto, sou aquilo, porém o meu coração é paulista! Quem não vibra de entusiasmo e de amor ante esta terra maravilhosa que é o orgulho do Brasil? Quem não sente a nobreza honestíssima dos ~~nossos~~ chefes, que conduziram à ~~\$nossa\$~~ grandeza do presente a nossa terra paulista? etc. etc. O Correio Paulistano transbordava de gente assim, era um engenho. Engenho de bêsta, á moderna, em que o Govêrno aboiava uma cantiguinha pecuniária ~~muito~~ reles, pagando realmente com muito pouco, alguns contocos e ~~\$promess\$~~ esperança, esses que tinham vendido quasi tudo o que era deles. Do Norte só lhes sobrava o tipo gordote e horizontal, a fala aberta e a ~~\$sestonteante\$~~ amabilidade.

Era um engano dramático, d'ua amargura insuportável. Abandonavam uma terra [r]a pobre mas cuja pobreza desaparecia por ser uma normalidade geral, e só se concebia relativa ao Sul (da mesma forma com que o Sul era pauperrimo em relação á Argentina ou os Estados Unidos, ou outro qualquer país europeu quasi), abandonavam uma terra cuja luta era muito mais atraente por estar inda em comêço, desprovida ainda dos erros essenciais que faziam a infelicidade racial do Sul, abandonavam uma terra dotada de adaptação nacional, com in[-]tellectualidade, psicologia, costumes, bem brasileiros e tradicionais, abandonavam um corpo pra se tornarem uma nuvem, se despaisavam ridiculamente, precariamente, pra se engordar de avacalhamento quasi que sem excepção. Dispostos a tudo pra enriquecer. Mas não conseguiam isso não, o que os tornava inda mais ridiculos e desprezíveis. Consequiam, mas na geralidade era quando muito combinar um sobretudo do Polo com a palheta de banda do Astrogildo.

Agora estavam recostados no balcão, bebericando um café conversadíssimo. Seu João quisera sair mas Astrogildo opinara que era melhor ficarem ali apesar de amassados contra um canto de parede pelo entra-e-sai contínuo do café. Lá fora um conhecido podia passar, ~~\$pensara rápido Astrogildo\$~~ e não conv[i-]nha que o vissem naquela amizade camarada com gente baixa.

Não havia em Astrogildo a mínima parte de preconceito de classe. Ou por outra havia sim mas episódica, se mostrando numas coisas e noutras. Essa ^{não.} é toda uma ^{parte} complicada da psicologia nordestina. Astrogildo não teria jamais vergonha de estar conversando e mesmo praticando quotidianamente gente do povo. Não podia fazer distinção em abraçar um amigo rico e um amigo carapina. Nem como prazer físico de sentir num abraço o perfume caro e a roupa boa ao passo que no outro roupa de poeira e suor de corpo. A promiscuidade luso-africana dos tempos da escravatura fixara no nordestino mais que em qualquer outro dos tipos étnicos do Brasil, uma indistinção sensual de classe que se exteriorisara magnificamente no tipo da mulata sarará. A amizade, a riqueza de assunto, as manifestações físicas de companheirice perseveravam na mesma liberdade cordeal entre nordestinos de classe diferente.

Também, força é reconhecer que o proletário, o indivíduo de classe inferior nordestino era fisicamente muito menos repugnante que o pelo menos de certas outras partes principalmente urbanas do país. ^{Existia já essa} ~~circunstancia~~ ^{circunstancia} internacional de sempre o homem ^{rural} ~~extraurbano~~ ser muito mais limpo que o ~~praticista~~ ^{praticista}. A sujeira, os cheiros dele são os da natureza, não indicam falta de higiene. Mas além disso o nordestino popular era especialmente limpo. Esse contacto real, quotidiano com "gente limpa", tradicionalisava nele hábitos e aspectos de limpeza. Porquê o "aspecto de limpeza" é uma coisa muito importante especialmente num caso destes. ^{Ha} ~~Individuos~~ ^{Individuos} que são sujos de fisionomia. Outros que mesmo saídos do banho, pela qualidade de pele, cor, exalação, parece que por ^{quinze dias} ~~se não se limpam~~, ^{como era o caso da mulher encardida de Oedém.}

E ainda é possível imaginar nesses ainda tão tapuios nordestinos, um grão de ancestralidade mandando permanecer neles alguma coisa daqueles numerosos banhos quotidianos que os brasis tomavam...

Enfim a gente, cercado de povo nordestino, não sentia aquela vontade física de se afastar que tem ~~por~~ ^{por} exemplo quando cercado da multidão paulistana. Aqui os fenómenos tinham sido bem outros. Das aldeias mais porcas da Itália, de Portugal, do velho mundo inteiro, vinha uma gente tão ostensivamente porca, tão incomensuravelmente desaguada e cheirosa, o nojo era inventível. Nos chofêres, nos carpinteiros, nos verdureiros, jornaleiros, etc etc. até nos chofêres mesmo, ~~o desleixo~~ ^{o desleixo} pela higiene era sistemático. E culminava então em certos cobradores de onibus e especialmente dos bondes, gente duma imundície tão ^{remota} ~~extensiva~~, tão repugnante que vencía qualquer idea de solidariedade humana. Não se tratava não de sujeira de traba-

Não havia em Astrogildo a mínima parte de preconceito de classe. Ou por outra havia sim mas episódica, se mostrando numas coisas e noutras não. Essa é toda uma parte complicada da psicologia nordestina. Astrogildo não teria jamais vergonha de estar conversando e mesmo praticando quotidianamente gente do povo. Não podia fazer distinção em abraçar um amigo rico e um amigo carapina. Nem como prazer físico de sentir num abraço o perfume caro e a roupa boa ao passo que no outro roupa de poeira e suor de corpo. A promiscuidade luso-africana dos tempos da escravidão fixara no nordestino mais que em qualquer outro dos tipos étnicos do Brasil, uma indistinção sensual de classe que se exteriorisara magnificamente no tipo da mulata sarará. A amizade, a riqueza de assunto, as manifestações físicas de companheirice perseveravam na mesma liberdade cordeal entre nordestinos de classe diferente.

Também, força é reconhecer que o proletário, o indivíduo de classe inferior nordestino era fisicamente muito menos repugnante que o pelo menos de certas outras partes principalmente urbanas do país. Existia já essa circunstância internacional de sempre o homem rural ser muito mais limpo que o praticista. A sujeira, os cheiros dele são os da natureza, não indicam falta de higiene. Mas além disso o nordestino popular era especialmente limpo. Esse contacto real, quotidiano com “gente limpa”, tradicionalisava nele hábitos e aspectos de limpeza. Porquê o “aspecto de limpeza” é uma coisa muito importante especialmente num caso destes. Há indivíduos que são sujos de fisionomia. Outros que mesmo saídos do banho, pela qualidade de pele, cor, exalação, parece que por quinze dias não se limpam, como era o caso da mulher encardida de Nedim.

E ainda é possível imaginar nesses ainda tão tapuios nordestinos, um grão de ancestralidade mandando permanecer neles alguma coisa daqueles numerosos banhos quotidianos que os brasis tomavam...

Enfim a gente, cercado de povo nordestino, não sentia aquela vontade física de se afastar que tem ~~pelos~~ por exemplo quando cercado da multidão paulistana. Aqui os fenómenos tinham sido bem outros. Das aldeias mais porcas da Itália, de Portugal, do velho mundo inteiro, vinha uma gente tão ostensivamente porca, tão incomensuravelmente desaguada e cheirosa, o nojo era invencível. Nos chofêres, nos carpinteiros, nos verdureiros, jornaleiros, etc etc. até nos chofêres mesmo, ~~a sujeira era~~ o desleixo pela higiene era sistematizado. E culminava então em certos cobradores de onibus e especialmente dos bondes, gente duma imundície tão semostradeira, tão repugnante que vencia qualquer ideia de solidariedade humana. Não se tratava não de sujeira de traba-

lho, como a que marchetava por exemplo os mecanicos de macacão azul, era ~~por~~ ~~quice de recém-chegado~~ porquice de atraso mental, ~~de~~ indigencia de gôsto de ser porquice de recém-chegado. Porquê os moços, logo se afeiçoavam aos habitos [higienicos da America, num carinho dominical. Então os que ingressavam na Guarda Civica, se viam tomados do delirio panico de grandeza de quem inventava o uniforme novo. Limpas, grandes e lindos, tinham se tornado a coqueluche da cidade milionaria. Namorados pelas moças dos autos, presenteados pelas criadinhas, florões de raças presumivelmente arianas, passeavam pelas ruas numa grilagem beocia a sua limpeza de sportsmen.

Mas a circunstancia da limpeza do popular nordestino, serviria apenas pra justificar a permanencia de cordealidade que o nordestino intelectualizado mantinha ~~pra~~ com as classes inferiores. Essa cordealidade se ex[p]licava antes pela promiscuidade tradicional que indistinguia classes no manejo so[-]cial, pela ~~amoravel~~ naturali[d]ade nordestina – a gente mais amavel, ~~do mun~~ [mai[s] amoravel do mundo, e tambem um bocado pelo prazer de conversar.

Astrogildo jamais teria, pra si, vergonha de conversar com Chico Antonio e seu João, e sabia com uma naturalidade inata elegantissima, p[ô]r de parte todas as riquezas intelectuais, morais dele, que pudessem naturalmente produzir um desequilibrio fatal de assunto, de compreensão mutua e matar a conversa. E de resto quando necessario, ou mesmo sem necessidade, sabia estadeear seus conhecimentos de “seu dotô Astrogildo”, que lhe enfumavam aos olhos dos conterraneos humildes, aquela horrida prepotencia, mando insolente, autoritarismo rebaixante com que em nosso tempo livre, entre os “seu dotores” e o [povo, se conservara no Nordeste a forma hedionda de relações em que permanecia intacta a miseria da Escravidão. E ainda, como todo nordestino Astrogildo tinha uma faculdade enorme de adaptação, [ou por outra,

não era propriamente ~~uma~~ faculdade de adaptação, mas antes uma especie de indiferença nirvanisante, um aband[o]no caroavel de personalidade, essa difficil graça social que permite a gente se afeiçoar aos outros ~~sem buscar~~ vivendo-os antes que se viver numa integridade insolúvel. Esta integridade ~~insolvente~~ é que ajudando o ciume despeitado que todos os brasileiros tinham pe[-]la grandeza da cafelandia, criara a imagem do paulista orgulhoso e desprezador que vivia na tradição brasileira. Paulista e antipatia eram sinonimos

no país todo. Fenomeno que tinha mais ou menos a sua razão de ser pela lerdeza intelectual do paulista legítimo, porém que era duma flagrante injustiça historica, pois que si recebido ~~seecamente~~ aqui sem excesso de cordialidade, que não era mesmo êsse nosso geito, por outro lado, nenhum brasileiro teve [que lutar aqui contra preconceitos estaduanos e atingia com esperteza, ~~Sou~~ valor ou canalhismo e brilhação, as maiores posições do Estado e da familia paulistas. E é certo [que êles nos deslumbravam, embora houvesse um tal ou qual desprêzo na maneira com que o paulista sentia os seus manos mais pobres. Isso era indiscutivel.

Ora essa mesma faculdade de ser conforme aos outros, é que fizera Astrogildo preferir não ser visto pelos paulistas, em compa[n]hia de gente ~~pr~~

Desenvolver mais isto

de outra classe. Paulista reparava. E mesmo que não falasse, ~~o~~ ficava chocado por dentro. Isso era mesmo o caracter mais odioso do paulista, essa integridade inabitavel, muito mais propriamente íntima que ~~o~~ exteriorizada é verdade, mas que como um efluvio cercava o individuo, o isolava, o tornava longinquo, incompreensível, ^{de dentro.} Imperdoavel principalmente. O brasileiro tinha razão: paulista e antipatia eram muitas vezes sinonimos.

Um prégão já fatigado de jornaleiro veio lá de fóra lembrar a Astrogildo que inda estava sem os jornais da noite. Tirou a moeda do bolso, deu-a a seu João que estava peito a peito com êle naquele apêto de lugar:

-Me compre o Diario e a Folha.

-Pois não, seu Astrogildo.

E lá foi esgueirando entre o povo, com uma diligencia servil.

O incidente chegara bem pra especificar melhor a cordialidade de classes que havia entre nordestinos. Astrogildo já bem que aprendera em São Paulo e mais sul que viajara, a dizer o "faz favor", o "tenha a bondade", o "muito obrigado", o "Deus lhe pague", conforme a classe do individuo solicitado. Mas, pra com seu João, readquirira os habitos nordestinos. Talvez que mesmo a seu João não importasse nada que um "faz favor" viesse converter em pedido o que da parte de Astrogildo ~~fôra~~ ^{mandado.} unicamente uma ordem.

Uma das manifestações humanas mais chocantes de todo o Nordeste é a conservação ^{de uma} especie de psicologia escravagista que divide claramente a coletividade nordestina em duas classes: o ^{senhor-de-engenho} e o escravo. No individuo intelectualizado nordestino a psicologia do mandão permanece intimamente viva. E a maneira de ordenar é a desprezante e intimativa que nós ^{de hoje} apenas podemos imaginar que foi a do senhor de escravos. Foi, por infamia de classe e por necessidade... O nordestino intelectualizado continua a mandar dêsse geito. Si na viagem de auto, se descaminha no sertão, readquire a rota ao conselho dum "morador" ou dum vaqueiro, vai embora sem agradecer. Si na sua afabilidade incomparavel busca por todos os meios agradar uma visita, um amigo que veio de fóra e não conhece os costumes da terra, em plena rua do Recife, chama um carregador esperando serviço na esquina:

-Você canta coco?

-Ah... não sei não senhor...

-Ora ~~o~~ deixa de besteira! Este moço é de São Paulo, tire um coco pra êle ouvir.

E o carregador com um pouco mais de recusas acaba cantando o coco, plena rua do Recife, ás quatorze horas.

de outra classe. Paulista reparava. E mesmo que não falasse, ~~Se-ne\$~~ ficava chocado por dentro. Isso era mesmo o caracter mais odioso do paulista, essa integridade inabitavel, muito mais propriamente íntima que ~~Smam\$~~ exteriorisada é verdade, mas que como um efluvio cercava o individuo, o isolava, o tornava longinquo, incompreensivel, e divino. Imperdoavel principalmente. O brasileiro

[tinha ra-

zão: paulista e antipatia eram muitas vezes sinonimos.

Um prêgão já fatigado de jornaleiro veio lá de fóra lembrar a Astrogildo que inda estava sem os jornais da noite. Tirou a moeda do bolso, deu-a a seu João que estava peito a peito com êle naquele apêrto de lugar:

– Me compre o Diario e a Folha.

– Pois não, seu Astrogildo.

E lá foi esgueirando entre o povo, com uma diligencia servil.

O incidente chegara bem pra especificar melhor a cordialidade de classes que havia entre nordestinos. Astrogildo já bem que aprendera em São Paulo e mais sul que viajara, a dizer o “faz favor”, o “tenha a bondade”, o “mui[-]to obrigado”, o “Deus lhe pague”, conforme a classe do individuo solicitado.

Mas, pra com seu João, readquirira os habitos nordestinos: “Me compre o Diario e a [Folha], uma ordem. Talvez que mesmo a seu João não importasse nada que um “faz favor” viesse converter em pedimando

do o que da parte de Astrogildo fôra unicamente uma ordem.

Uma das manifestações humanas mais chocantes de todo o Nordeste é a conservação dessa especie de psicologia escravagista que divide claramente a coletividade nordestina em duas classes: o senhor-de-engenho e o escravo. No individuo intelectualisado nordestino a psicologia do mandão permanece intimamente viva. E a maneira de ordenar é a desprezante e intimativa que nós do Sul hoje apenas já podemos imaginar que foi a do senhor de escravos. Foi, por infamia de classe e por necessidade... O nordestino intelectualisado continua a mandar dêsse geito. Si na viagem de auto, se descaminha no sertão e readquire a rota ao conselho dum “morador” ou dum vaqueiro, vai embora sem agradecer. Si na sua afabilidade incomparavel busca por todos os meios agradar uma visita, um amigo que veio de fóra e não conhece os costumes da terra, em plena rua do Recife, chama um carregador esperando serviço na esquina:

– Você canta coco?

– Ah... não sei não senhor...

– Ora ~~deêsse\$~~ deixa de besteira! Este moço é de São Paulo, tire um coco pra êle ouvir.

E o carregador com um pouco mais de recusas acaba cantando coco, plena rua do Recife, ás quatorze horas.

Na dedicação hospitaleira de mostrar ao viajante as curiosidades e prazeres da terra, vida de engenho, a moenda chia...

-Antonio!ôh!largue o banguê, venha cá!

Antonio depõe custoso o banguê ~~do~~ carregado de bagaço no chão, deixa o parceiro esperando e vem.

-Boa tarde.

-Faça aquela cara que você fazia no Mateus do Boi.

Antonio meio fatalizado, pleno trabalho do dia, os Reis estão longe pra pensar nos brinquedos do ~~Boi~~ Boi, ^{tal careta pro} faz a cara o "senhor-de-engenho" ri. Antonio já vai outra vez, fortissimo tronco atarracado, seminú, cobreado em suor ao Sol, carregando o banguê rumo da bagaceira.

Seu João trazia os jornais.

-Guarde os trócos.

O velhote sentiu a sensação agradável de guardar os seicentos réis de que não carecia. Mas si não carecia daquilo permanecia ancestral nele, a tara do pedinte. Guardou agradecido os seicentos réis.

Mas a conversa entre êle e Astrogildo já meio que perdera a razão de ser. A presença dos jornais comprados pusera entre ambos o desejo de liberdade pra Astrogildo passar os olhos ~~no escrito~~ no escrito. Chico Antonio se conservava sempre ali, numa presença delicada, vivendo as frases de Astrogildo e a ascendencia d'êste. Mas facilmente desprendível, sem uma palavra realmente dele, só respondendo quando perguntavam. Livre de tudo outra vez, sem fôrças pessoais nem vontade, numa fadiga bem gosada que a lufalufa do café enchia de variedade vistosa e exterior, o melhor prazer de cantador.

Jorge, na porta, estava desesperado. Perdera completamente a razão de ser no grupo e inda por cima estava querendo mulher. O que o prendia ali era apenas uma dificuldade pra se despedir e uma vaga esperancinha de levar Chico Antonio prá farra. Farra que pra êles seria a de gente pobre: um vagamundear cheio de risadas e frases indecentes pela rua das mulheres, gesto de se excitar, correspondente aos beijos e contactos das aventuras mais vedadeiras. Depois cada um escolhia a sua, se separavam cada um la no seu quarto, e a volta confiante, juntos de novo, a se contar coisas.

Astrogildo se despedia. Uns oferecimentos vagos, muito caídos de cima porém falados com sinceridade. Seu João agradecia, de-manhã tomavam o trem prá fazenda. A lembrança de partir e a firmeza dum destino seguro deu pra e

Na dedicação hospitaleira de mostrar ao viajante as curiosidades e prazeres da terra, vida de engenho, a moenda chia...

– Antonio! ôh! largue o banguê, venha cá!

Antonio depõe custoso o banguê no carregado de bagaço no chão, deixa o parceiro esperando e vem.

– Boa tarde.

– Faça aquela cara que você fazia no Mateus do Boi.

Antonio meio fatalizado, pleno trabalho do dia, os Reis estão longe pra pensar nos brinquedos do ~~\$Bumba\$~~ Boi, faz a tal careta pro “senhor-de-e[n]genho” rir. Antonio já vai outra vez, fortíssimo tronco atarracado, seminú, cobreado em suor ao Sol, carregando o banguê rumo da bagaceira.

Seu João trazia os jornais.

– Guarde os trócos.

O velhote sentiu a sensação agradável de guardar os seicentos réis de que não carecia. Mas si não carecia daquilo permanecia ancestral nele, a tara do pedinte. Guardou agradecido os seicentos réis.

Mas a conversa entre êle e Astrogildo já meio que perdera a razão de ser. A presença dos jornais comprados pusera entre ambos o desejo de liber[-]dade pra Astrogildo passar os olhos ~~\$nos diários\$~~ no escrito. Chico Antonio se conservava sempre ali, numa presença delicada, vivendo as frases de Astrogildo e a ascendência dêste. Mas facilmente desprendível, sem uma palavra realmente dele, só respondendo quando perguntavam. Livre de tudo outra vez, sem fôrças pessoais nem vontade, numa fadiga bem gosada que a lufalufa do café enchia de variedade vistosa e exterior, o melhor prazer de cantor.

Jorge, na porta, estava desesperado. Perdera completamente a razão de ser no grupo e inda por cima estava querendo mulher. O que o prendia ali era apenas uma dificuldade pra se despedir e uma vaga esperancinha de levar Chico Antonio prá farra. Farra que pra êles seria a de gente pobre: um vagamundear cheio de risadas e frases indecentes pela rua das mulheres, ge[i-]to de se excitar, correspondente aos beijos e contactos das aventuras mais verdadeiras. Depois cada um escolhia a sua, se separavam cada um la no seu quarto, e a volta confiante, juntos de novo, a se contar coisas.

Astrogildo se despedia. Uns oferecimentos vagos, muito caídos de cima porêm falados com sinceridade. Seu João agradecia, de-manhã tomavam o trem prá fazenda. A lembra[n]ça de partir e a firmeza dum destino seguro deu pra e

Ele e pra Chico Antonio uma nitidez de vida agradável. Principalmente pra Chico Antonio dentro do qual a noção de verdade era raríssima e sempre chegava como si fosse uma luz confortante, uma especie de trago de cachaça afirmador. Apoiava-se aí, ~~se fixava~~ se fixava, permanecia algum tempo inteiramente desprovido das suas vacuidades e vagezas ~~permanentes~~ permanentes, inteligente, consciente, mais homem, burramente unilateral.

Jorge pressentiu isso e aproveitando o exemplo da partida do Astrogido que afrouxara o sentido de grupo ~~no~~ ~~quatro~~ e individualisara todos, se despediu tambem tristissimo. Partiu rapido, cego, em busca dum corpo de mulher que o anulasse.

Pra seu João a partida de Jorge fôra uma surpresa (dic.) dolorosa. Pra Chico Antonio quasi que indiferente. Estava nitido e nada lhe importava ~~ma~~ mais, nem sentia. Seu João vibrou, porquê sabia dum passeio que acabaria os tres sempre juntos. Era uma pena, ~~Por outro lado a rua se espaçava mais, no~~ ^{porque estava se divertindo} ~~bater das onze horas.~~ ^{enormemente.}

Os dois amigos se sentiram mais entregues á amizade. Tinham passado as perguntas, as expansões, o desejo de olhar: estavam mais amigos. Uma calma confiança de intimidade, muito comoda, foi substituindo tudo e garantiu um prazer novo. Agora estavam apenas amigos e era uma felicidade. Foram andando sem destino, de manso. Não falavam. Uma frase, uma palavra de seu João. A noite esfriava. Tomasse cuidado que aqui no Sul, não tem clima bom não. Fadi ga.

Tinham saído do Café e frexado sem destino prá frente. Bateu-lhes quasi subito no corpo a escuriza esgarçada do Anhangabaú, maltratando. Sem terem percebido ainda nada, os dois pressentiram que entravam por lugares onde familia não vai. -o instinto por onde os aventureiros da sexualidade sabem sempre se encontrar. Seu João não gostou porquê era casado e não desejava nada. Mas Chico Antonio que vinha imovel, até ali pexado por seu João, sem andar quasi, tomou dianteira, entrou pela escuriza, corpo empinado, trota do com panache, feito garanhão que soltam de repente em campo aberto. As narinas enguliam todos os anuncios de moça que o ventinho trazia, o olhar mexia inquieto, a cara relumeava desejando. Avançou firme, trotando bem pisado, parou, esperando seu João. Seu João roçou leviano por ele chegando, e a presença do pai foi tão desesperante, tão malvada, Chico Antonio viu que era impossível. ^{O desejo ficou} ~~A incerteza~~ era desagradavel ~~dêse~~ ~~goito~~, com o contraste do velho ali, se olharam profundo ~~desse~~. Sofreram. Sofreram com amor porquê se ~~amavam~~ amavam fixamente como filho e pai. Era só se deixarem, cada um

êle e pra Chico Antonio uma nitidez de vida agradável. Principalmente pra Chico Antonio dentro do qual a noção de verdade era raríssima e sempre ch[e-]gava como si fosse uma luz confortante, uma especie de trago de cachaça afirmador. Apoiava-se aí, ~~\$fixava\$~~ se fixava, permanecia algum tempo inteirame[n-]te desprovido das suas vacuidades e vaguezas ~~\$contumazes\$~~ permanentes, inteligente, consciente, mais homem, burramente unilateral.

Jorge pressentiu isso e aproveitando o exemplo da partida do Astrogil[-] do que afrouxara o sentido de grupo ~~nos quatro~~ e individualisara todos, se despediu também tristíssimo. Partiu rápido, cego, em busca dum corpo de mulher que o anulasse.

Pra seu João a partida de Jorge fôra uma surpresa (dic.) dolorosa. Pra Chico Antonio quasi que indiferente. Estava nitido e nada lhe importava ~~ma~~ mais, nem sentia. Seu João vibrou, porquê sabia dum passeio que acabaria os tres sempre juntos. Era uma pena, porque estava se divertindo enormemente.

Os dois amigos se sentiram mais entregues á amizade. Tinham passado as p[e]rguntas, as expansões, o desejo de olhar: estavam mais amigos. Uma calma confiança de intimidade, muito comoda, foi substituindo tudo e garantiu um prazer novo. Agora estavam apenas amigos e era uma felicidade. Foram andando sem destino, de manso. Não falavam. Uma frase, uma palavra de seu João. A noite esfriava. Tomasse cuidado que aqui no Sul, não tem clima bom não. Fadi[-]ga.

Tinham saído do Café e frexado sem destino prá frente. Bateu-lhes qua[-] si subito no corpo a escuraleza esgarçada do Anhangabaú, maltratando. Sem terem percebido ainda nada, os dois pressentiram que entravam por lugares on[-] de familia não vai. [O] instinto por onde os aventureiros da sexualidade sa[-] bem sempre se encontrar. Seu João não gostou porquê era casado e não desejava nada. Mas Chico Antonio que vinha imovel, até ali puxado por seu João, sem andar quasi, tomou dianteira, entrou pela escuraleza, corpo empinado, trota[-] do com panache, feito garanhão que soltam de repente em campo aberto. As na[-] rinas enguliam todos os anuncios de moça que o ventinho trazia, o olhar me[-] xia inquieto, a cara relumeava desejando. Avançou firme, trotando bem pisado, parou, esperando seu João. Seu João chegando roçou leviano por êle e a presença do pai foi tão desesperante, tão malvada, Chico Antonio viu que era impossivel. O desejo ficou desagradavel ~~dêsse jeito~~, com o contraste do velho ali, se olharam profundo ~~\$mente\$~~. Sofreram. Sofreram com amor porquê se ~~\$adoravam\$~~ amavam fixamente como filho e pai. Era só se deixarem, cada um

pra seu lado e aquela iredutibilidade dos anos e posição os punha se a-
mando de novo com a suficiencia desleixada dos amores familiares, em vez d
de estarem assim quasi inimigos, se querendo ^{sem} quasi com antipatia. ^{comprometiam} Se entend-
^{deram a} ~~diam com~~ evidencia, a solução era facil porém nenhum dos dois ^{mas} tinha cora-
gem nem inteligencia pra tanto. Não acharam por onde ver um pretexto pra
se separarem e aliás, o que era bem a incompatibilidade do homem com a vid,
a separação havia sempre de ^{se} maltratar tambem. Foram segundos temiveis aque-
les buscando uma solução. O velho, mais por instinto de ascendencia, pegara
segurando o braço de Chico Antonio, era um conselho. Quebrara a primeira al
aléa do jardim, retornando prá luz e muita gente. E, coisa curiosa, por neces-
sidades e razões diversas a mesma imagem se descerrara ao pensamento de ~~a~~
ambos, Izabel.

desculpa de
Estavam mudos e fatigados. Seu João achava em Izabel uma ~~desculpa de~~
não ter dado ~~a~~ liberdade ao filho. Era casado como é agora que!... E tinha
que saber como ^{foi o caso}, censurar, concertar. Ta'í! si Chico Antonio tives-
se trazido a cabocla não... Mas achava dificuldade em principiar a conver-
sa. Vinham de volta prá praça ^{de letters} Verdi. Frontões. Muitos restaurantes. Quartinho
abertos na boca da rua, muita luz, muita gente dentro. Entrando, saindo. Sirio,
encostados de metros em metros, vendendo amendoim. Pouco mais de meia-noite
Multidões penduradas nos bondes, onibus. Ondas de gente, um mar. O mar verde,
nordestino da vitrina da Casa Alemã. uma jangada no longe, quem que vinha ^{nela?}
^{quem que vinha?} Pra Chico Antonio a imagem de Izabel era mais íntima, saída duma precisão
sexual, Izabel era o amor casado que êle podia gosar na frente mesmo de
seu João. Izabel conciliava nele o desejo da noite com o pai. Os tres jun-
tos, sem se separar. Não era um caso proibitivo, ^{de outros prazeres} como o velho ~~estava~~
imaginando, era uma salvação. ^{Chico Antonio} momentanea. Estava real, irreal. Numa sensualida-
de ~~erecta~~ que êle nem pensava em disfarçar, não pondo reparo. Magnificamen-
te pensando Izabel. Um detalhe de corpo. Um abôio, cheiro pesado de enge-
nho, as ~~filhas~~ ^{filhas} do senhor de engenho, tomando banho ~~naquela vitrina~~, eram Iza-
bel, aquela forma de se^xo feminino que êle tinha de andar de novo linha
por linha pra ir ver o mar da vitrina, Chico Antonio nadava custoso no mei-
do povaréu, puxado pelo braço por seu João, quem que vinha na jangada?

-Vam^{os} comer pipoca!

O velhote ^{achava um} ~~achava um~~ desafôgo enquanto não ~~vinha~~ ^{achava um} um geito de entrar
no assunto. Nem era dificuldade de entrar no assunto que isso em gente do
povo se entra de sopetão, olhe, Chico Antonio, vamos falar duma coisa séria,
como foi o caso com a Izabel? era mas a dificuldade de dizer essa frase pu

pra seu lado e aquela ir[r]edutibilidade dos anos e posição os punha se a-
mando de novo com a suficiencia desleixada dos amores familiares, em vez
de estarem assim quasi inimigos, se querendo bem quasi com antipatia. Compreen-
deram a evidencia, a solução era facil porêem nenhum dos dois não tinha cora-
gem nem inteligencia pra tanto. Não acharam por onde ver um pretexto pra
se separarem e aliás, o que era bem a incompatibilidade do homem com a vid[a],
a separação havia sempre de os maltratar tambem. Foram segundos temiveis aque[-]
les buscando uma solução. O velho, mais por instinto de ascendencia, pegara
segurando o braço de Chico Antonio, era um conselho. Quebrara a primeira
aléa do jardim, retornando prá luz e muita gente. E, coisa curiosa, por neces[-]
sidades e razões diversas a mesma imagem se descerrara no pensamento de a
ambos, Izabel.

Estavam mudos e fatigados. Seu João achava em Izabel uma desculpa de
não ter dado a liberdade ao filho. Era casado como é agora que!... E tinha
que saber como o caso foi, censurar, con[s]ertar. Ta'í! si Chico Antonio tives-
se trazido a cabocla não... Mas achava dificuldade em principiar a conver[-]
sa. Vinham de volta prá praça do Correio. Frontões. Muitos restaurantes. Quartinho
abertos na boca da rua, muita luz, muita gente dentro. Entrando, saindo. Sirios
encostados de metros em metros, vendendo amendoim. Pouco mais de meia-noite[.]
Multidões penduradas nos bondes, onibus. Ondas de gente, um mar. O mar verde,
nordestino da vitrina da Casa Alemã[,], uma jangada no longe, quem que vinha nela?
quem que vinha? Pra Chico Antonio a imagem de Izabel era mais íntima, saída duma
[precisão

sexual, Izabel era o amor casado que êle podia gosar na frente mesmo de
seu João. Izabel conciliava nele o desejo da noite com o pai. Os tres jun-
tos, sem se separar. Não era um caso proibitivo de outros prazeres, como o velho
[imaginando] estava
imaginando, era uma salvação[,], momentanea. Chico Antonio estava real, irreel. Numa
[sensualida[-]

de erecta que êle nem pensava em disfarçar, não pondo reparo. Magnificamen-
te pensando Izabel. Um detalhe de corpo. Um abôio, cheiro pesado de enge-
nho, as filhas do senhor de engenho, tomando banho ~~naquela vitrina~~, eram Iza-
bel, aquela forma de sexo feminino que êle tinha de andar de novo linha
por linha pra ir ver o mar da vitrina, Chico Antonio nadava custoso no mei[o]
do povaréu, puxado pelo braço por seu João, quem que vinha na jangada?

—Vamo comer pipoca!

O velhote inventava um desfôgo enquanto não achava um geito de entrar
no assunto. Nem era dificuldade de entrar no assunto que isso em gente do
povo se entra de sopetão, olhe, Chico Antonio, vamos falar duma coisa séria,
como foi o caso com a Izabel? era mas a dificuldade de dizer essa frase pu[-]

ra, sem rebuços: a discreção de ser mais serio e mais perfeito, aquela delicadeza de alma que no velho era mesmo duma perfeição maravilhosa. apesar de inculta.

Comiam pipoca na esquina. Os olhos de ambos, conhecedoramente atravessaram a praça, foram penetrar no Café de faz pouco. Astrogildo. Seu João pensava no Jorge e estava satisfeito porquê tirara Chico Antonio duma aventura sem vergonha. Percebeu ~~que~~ ingenuamente, com verdade e sem ela, que fôra o Jorge que fizera Chico Antonio... turco safado! Chico Antonio calmava desesperadamente, os sentidos se fechavam como asas sonolentas, mas o moço estava muito triste. Tinha posto a imagem de Izabel no pensamento do velho e só mesmo agora um ralho bem firme do pai havia de o repor na sua delíquia de inconsciencia habitual. Mas ^o pipoca, o velho de novo espertinho, o ralho não vinha, era capaz de não vir mais, no entanto que vontade de mulher! Só o pai mesmo que o salvava si falasse de Izabel. Os olhos foram ondulando sobre os magotes de gente, mais esparsos, até lá no alto ^{to} donde a avenida escachoava comê um enorme vagalhão. De repe te pensou nitido que via Izabel numa barca vindo no meio dum mar de navegar. Izabel vinha pra êle, sentiu, ~~que~~ vinha pra êle no meio do verde mar de navegar. Ritmos. Uma linha apenas imaginada de melodia... De navegar... Mas como Izabel não pudesse vencer as ondas, parada de-pé no meio da barca, ~~diz~~-que vindo mas não fazia nada pra chegar junto dele, a barca desapareceu subito. Chico Antonio enfiava maquinalmente os punhados de pipoca na boca, desejando que seu João falasse de Izabel e o censurasse. Fazia esforço pra recordar como era a barca que vira, não via mais. A miragem não tinha sentido, que bobagem! ~~E~~ porquê ela estava sem remo... Seu João que ficara muito serio, falou de Izabel.

-Chico Antonio, vamos sentar. Se toma um trago.

Pediu cerveja e:

-Você casou com ela?

-Casei, nhor sim.

-Ela era boa?

-Boa...ela era.

Toda o ser dele chorava por dentro, numa desgraça felicissima. Os olhos ^{do coqueiro} dele se entregaram pra seu João ^{para a banca do catife. Mas era apenas} assentando ~~e era sempre~~ uma censura ^{insuficiente} ~~capitosa~~, seu João ^{queixando} mexia lento a cabeça. Chico Antonio teve uma ^{raiva} vontade ~~in-~~ ^{vencível} de botar um defeito bem grande em Izabel. Porém jamais que pensara nisso e não mentia. Se lembrou que ela estava prenhe.

-Ah...nunca que ela quis ter um filho...

ra, sem rebuços: a discreção de ser mais serio e mais perfeito, aquela delicadeza de alma que no velho era mesmo duma perfeição maravilhosa. [A] pesar de inculta.

Comiam pipoca na esquina. Os olhos de ambos, conhecedoramente através[-] saram a praça, foram penetrar no Café de faz pouco. Astrogildo. Seu João pensava no Jorge e estava satisfeito porquê tirara Chico Antonio duma aventura sem vergonha. Percebeu ~~que~~ ingenuamente, com verdade e sem ela, que fôra o Jorge que fizera Chico Antonio... turco safado! Chico Antonio calmava desesperadamente, os sentidos se fechavam como asas sonolentas, mas o moço estava muito triste. Tinha posto a imagem de Izabel no pensamento do velho e só mesmo agora um ralho bem firme do pai havia de o repor na sua delicadeza de inconsciência habitual. Mas a pipoca, o velho de novo espertinho, o ralho não vinha, era capaz de não vir mais, no entanto que vontade de mulher! Só o pai mesmo que o salvava si falasse de Izabel. Os olhos foram ondulando sobre os magotes de gente, mais esparsos, até lá no alto donde a avenida escachoava como um enorme vagalhão. De repente pensou nitido que via Izabel numa barca vindo no meio dum mar de navegar. Izabel vinha pra êle, sentiu, vinha pra êle no meio do verde mar de navegar. Ritmos. Uma linha apenas imaginada de melodia... De navegar... Mas como Izabel não pudesse vencer as ondas, parada de-pé no meio da barca, diz-que vindo mas não fazia nada pra chegar junto dele, a barca desapareceu subito. Chico Antonio enfiava maquinalmente os punhados de pipoca na boca, desejando que seu João falasse de Izabel e o censurasse. Fazia esforço pra recordar como era a barca que vira, não via mais. A miragem não tinha sentido, que bobagem! É porquê ela estava sem remo... Seu João que ficara muito serio, falou de Izabel.

– Chico Antonio, vamos sentar. Se toma um trago.

Pediu cerveja e:

– Você casou com ela?

– Casei, nhor sim.

– Ela era boa?

– Boa... ela era.

Todo o ser dele chorava por dentro, numa desgraça felicissima. Os olhos do coqueiro se entregaram pra seu João em busca do castigo. Mas era apenas uma [censura] insuficiente, seu João mexendo lento a cabeça. Chico Antonio teve uma raiva in-
~~venível~~ de botar um defeito bem grande em Izabel. Porém jamais que pensara nisso e não mentia. Se lembrou que ela estava prenhe.

– Ah... nunca que ela quis ter um filho...

(1) (2) Se arrependeu logo do que falara sem querer, só pelo desejo invencível de prejudicar Izabel. Não pela falsidade mas porque estava desejando que seu João ralhasse bem êle, falasse muito porque assim o estado musical em que ficara, balanceava com intranzigência á presença do nome de Izabel. E seu João ralhava mesmo. Principiou de mansinho, voz grave, falando vagarente. Ainda não estava bem no movimento da parolagem que lhe era tão da natureza e ás vezes entreparava esperando uma deixa. E isso fazia mal pra Chico Antonio porque pelas ausências repentinas de ritmo seguro, lhe interceptava a liberdade de scismar. Porém seu João aos poucos agarrara num discurso muito igual e sem parada indo até ás portas da infância de Chico Antonio, pra poder ~~se arranjava~~ censurar perdoando. ^{O caso} se arranjava. Chico Antonio estava deliciado, olhos nas mãos, arrependido. Voltava a imagem de Izabel, de barca, na dificuldade do mar. Aos poucos êle se infantilizava numa puerilidade magnífica. Eram palavras, rodas de meninas boas pra se aproveitar num coco, toadas que desde a infância parece que nunca mais... A canoa virou...

Foi deixar ela virá,
Foi pur causa ~~de~~ de Zabé
Que num sôbe remá...

Partiu feito pra ãa embolada mais dele:

Diz, lá na baíca
Quebrô remo
P'á morena
Num passá;
Diz, a canoa
Num é boa,
Trupelão,
Rio, caná!...

A canoa virô...

Vibrava tão triste pela pela figura abatida ^{que Chico Antonio} que seu João não acabava mais de dar as desculpas do filho, estava muito arrependido, e logo tendo uns cobres Chico Antonio mandava buscar Izabel, êle ajudava, já falavam que gastava por demais mesmo! deu uma risada superior:

-Não vê que sou italiano pra estar comendo polenta, polenta, juntar é pros ricos que não tem onde gastar!...

Fim da Primeira Parte (7-XI-1930)

(1) (2) Se arrependeu logo do que falara sem querer, só pelo desejo invencível[1] de prejudicar Izabel. Não pela falsidade mas porquê estava desejando que seu João ralhasse bem êle, falasse muito porquê assim o estado musical em que ficara, balanceava com intranzigência á presença do nome de Izabel. E a seu João ralhava mesmo. Principiou de mansinho, voz grave, falando vagarento[.] Ainda não estava bem no movimento da parolagem que lhe era tão da natureza e às vezes entreparava esperando uma deixa. E isso fazia mal pra Chico Antonio porquê pelas ausências repentinas de ritmo seguro, lhe interceptava a liberdade de scismar. Porém seu João aos poucos agarrara num discurso muito igual e sem parada indo até às portas da infância de Chico Antonio, pra poder ~~\$perdoar e condenar\$~~ censurar perdoando. O caso se arranjava. Chico Antonio estava deliciado, olhos nas mãos, arrependido. Voltava a imagem de Izabel, de barca, na dificuldade do mar. Aos poucos êle se infantilizava numa puerilidade magnífica. Eram palavras, rodas de meninas boas pra se aproveitar num coco, toadas que desde a infância parece que nunca mais... A canoa virou...

Foi deixar ela virá,
Foi pur causa ~~\$di\$~~ de Zabé
Que num sôbe remá...
Partiu feito pra uma embolada mais dele:
Diz, lá na baica
Quebrô remo
P'a morena
Num passá;
Diz, a canoa
Num é boa,
Trupelão,
Rio, caná!...

A canoa virô...

Vibrava tão triste pela ~~[pela]~~ figura abatida
que seu João não acabava mais de dar as desculpas do filho, que Chico Antonio estava
[muito
arrependido, e logo tendo uns cobres ~~Chico Antonio~~ mandava buscar Izabel,
êle ajudava, já falavam que gastava por demais mesmo! deu uma risada superior:

– Não vê que sou italiano pra estar comendo polenta, polenta. Ajuntar é pros ricos que não tem onde gastar!...

Fim da Primeira Parte (7-XI-1930)

1a parte
1a parte
1a parte

Patria Nova/ Taxi/ Modernismo

Esboço de artigo [post. 13 jul. 1929]; datiloscrito original, fita preta; autógrafo a tinta preta; 2 folhas; a 1ª: papel jornal (32,3 x 22,5 cm) e a 2ª: papel branco (33,1 x 21,6 cm), filigrana; marcas de oxidação. Título escrito em 2 etapas: a 1ª em datiloscrito: “Patria Nova” e a 2ª: em autógrafo a tinta preta: o título “Patria Nova” é riscado e substituído para: “Taxi”, em seguida é feito o acréscimo de um subtítulo: “Modernismo”.

Nota da edição: O suporte da folha 2 é idêntico aquele usado por Mário na redação da 1ª versão conhecida do romance *Café*. A 2ª etapa de redação do título mostra a intenção de tornar o esboço uma crônica a sair na coluna “Táxi”, publicada por Mário de Andrade de 9 de abril de 1929 a 21 de janeiro de 1930, no *Diário Nacional*. Desistindo da publicação, a versão/ rascunho seria remetida ao crítico Tristão de Athayde acompanhada de bilhete, a qual, ao que tudo indica, não foi enviada. Este esboço, dobrado em quatro, abrigava os próximos 4 documentos: uma nota e três esboços.

Modernismo

O sr. Tristão de Athayde fez outro dia uma porção de considerações e elogios justos ~~em~~ ^{em} a ~~revista~~ ^{em quanto} revista "Patria Nova", órgão do Centro Monarquista de Cultura Social e Política, em S. Paulo, ~~do qual~~ ^{do qual} se referiu á revista, muito embora eu esteja no polo oposto ás ideias monarquicas, acho que o justamente célebre crítico andou perfeitamente com as iluminações possíveis a um espirito praticamente catolico do nosso tempo. Mas me dou observar que as tendencias atuais do sr Tristão de Athayde, não digo que lhe tenham tirado a liberdade, coisa de relativissima importancia numa epoca em que a pragmatica está afetando todos e intensamente os catolicos, ^{pelo menos por um momento} mas lhe tenha tirado ~~esse~~ ^{esse} a-quele senso das proporções com que nos estudos dele sempre encontraram o possível da justiça humana, os gregos e os troianos.

Foi o caso que me espantei deveras vendo o sr. Tristão de Athayde iniciar o artigo dele com uma porção de afirmativas de ilusão, cujo contacto com a realidade é apenas aquele minimo pela qual as mais livres fantasias do espirito sempre serão criadas com os dados da sensação.

O sr. Tristão de Athayde principia se servindo duma entidade obscura, muito difficil de verificar, o que elle chama de "modernismo intencional". Não nego, Deus me livre! a existencia dum modernismo intencional entre nós, mas é incontestavelmente uma capa de sombra com que injustamente podemos lançar na ignorancia e no desprezo todas as tentativas que escapolirem da nossa simpatia e compreensão. E depois: como verificar que num mocinho de vinte anos, já perfeitamente se movendo através dum decenio de modernismo brasileiro e muitas obras, o que elle ~~faz~~ ^{faz} é "modernismo intencional" e não extrema naturalidade, quando os proprios homens-feitos da Semana de Arte Moderna, nenhum não escapou ao titulo de falsificador e insincero? Será melhor afirmar que noventa-e-cinco por cento ^{do} ^{do} que fazem os meços imberbes de agora é simplesmente detestavel. Principalmente porquê viciado pela imitação dos cacoetes de dois ou tres. E o que eu faço principalmente porquê certamente não sou a menor vitima do salão de espelhos em que ficamos.

Em seguida o crítico afirma sentir que "o movimento literario que abalou os grandes centros no decorrer dos ultimos annos", "vai morrendo". E as afirmativas que seguiram mostram que o sr. Tristão de Athayde considera o "Modernismo" como um movimento apenas estetico. Ora me parece muito pouco pra um espirito elevado como o do crítico, imaginar que o modernismo pode ser e-

Modernismo

- O sr. Tristão de Athayde fez outro dia uma porção de considerações e elogios justos sobre a ~~\$aparecimento da\$~~ revista “Patria Nova”, órgão do Centro Monarquista de Cultura Social e Política, em S. Paulo. Em quanto se referiu á revis-
ta, muito embora eu esteja no polo oposto ás ideas monarquistas, acho que o jus-
tamente célebre crítico andou perfeitamente com as iluminações possíveis a
um espirito praticamente catolico do nosso tempo. Mas me doeue observar que as
tendencias atuais do sr Tristão de Athayde, não digo que lhe tenham tirado a
liberdade, coisa de relativissima importancia numa epoca em que a pragmatica
está afetando todos e intensamente os catolicos, mas lhe tenha tirado pelo menos por
[um momento a-
quele senso das proporções com que nos estudos dele sempre encontraram o pos-
sível da justiça humana, os gregos e os troianos.
- Foi o caso que me espantei deveras vendo o sr. Tristão de Athayde ini-
ciar o artigo dele com uma porção de afirmativas de ilusão, cujo contacto com
a realidade é apenas aquele minimo pela qual as mais livres fantasias do es-
pirito sempre serão criadas com os dados da sensação.
- O sr. Tristão de Athayde principia se servindo duma entidade obscura,
muito difícil de verificar, o que êle chama de “modernismo intencional”. Não
nego, Deus me livre! a existencia dum modernismo intencional entre nós, mas é
incontestavelmente uma capa de sombra com que injustamente podemos lançar na
ignorancia e no desprezo todas as tentativas que escapolirem da nossa simpa-
tia e compreensão. E depois: como verificar que num mocinho de vinte anos, já
perfeitamente se movendo através dum decenio de modernismo brasileiro e mui-
tas obras, o que êle ~~\$inda\$~~ faz é “modernismo intencional” e não extrema natu-
ralidade, quando os proprios homens-feitos da Semana de Arte Moderna, nenhum
não escapou ao titulo de falsificador e insincero? Será melhor afirmar que
noventa-e-cinco por cento do que fazem os moços imberbes de agora é simples-
mente detestavel. Principalmente porquê viciado pela imitação dos cacoetes de
dois ou tres. É o que eu faço principalmente porquê certamente não sou a me-
nor vítima do salão de espelhos em que ficamos.
- Em seguida o crítico afirma sentir que “o movimento literario que aba-
lou os grandes centros no decorrer dos ultimos annos”, “vai morrendo”. E as
afirmativas que seguiram mostram que o sr. Tristão de Athayde considera o
“Modernismo” como um movimento apenas estetico. Ora me parece muito pouco pra
um espirito elevado como o do crítico, imaginar que o modernismo pode ser e-

Título: A: *Patria Nova* Taxi A: +Modernismo+

linha 2: A: justos >sobre< (A): *o* >aparecimento da<

linha 3: A: *No que* se

linha 6: A: tempo@, @ ^mas^ me

linha 9: (A): tirado >até< +pelo menos por um momento+ aquele

linha 14: A: apenas *aquela minima* pela

linha 23: (A): êle >inda< faz

linhas 23-24: A: natu-/ralidade@+,+@

linha 26: A: por ^centro^ do

(A): os ^maços^ imberbes

linha 30: (A): #a[firma]# o critico afirma

quiparado por exemplo ao Parnasianismo francês. Este é fruto dum grupo res-
trito de ~~homens~~ ^{estetas} e teve apenas algumas ramificações de imitação num ou nou-
tro raríssimo país. O Modernismo, fruto dum novo estado-de-coisas humano e uni-
versal só pode ser comparado com os grandes movimentos históricos da humani-
dade, com o Romantismo por exemplo. A prova é que nós incluímos na mesma espe-
cie romantica personalidades tão distintas como Hölderlin e Gonçalves Dias.
Da mesma forma com que dentro do Modernismo cabem os "ismos" mais dispa-
res. Movimentos destes não se acabam num decenio, vão mas é se transformando com
as gerações e até dentro dos proprios homens. Si na obra de Leopardi como na
de Alvares de Azevedo ha uma unidade profunda, podemos dizer que Musset ou
Varella de desfiliaram da vaga escola em que estavam só porquê alem do Evan-
gelho das Selvas ou dos Proverbios, escreveram o Diario de Lazaro ou Rolla,
coisas de outro lado do individuo? Hoje, é certo que as inquietações inda es-
tão mais exacerbadas e ^{a gente vê} ~~vamos~~ (Picasso ou Strawinsky, mudarem de tentativa e de
camisa, porém qual os valores marcados que repudiaram a obra já feita, pra que
a gente possa afirmar que mudaram? Não mudaram não e estão todos perfeitemen-
te conscientes da epoca que vivem e fazem. Mas é verdade que se transformam. E
graças a Deus! Teve um homem de espirito aqui em S. Paulo (e não é modernista)
que repondeu a alguém que afirmava termos voltado pra trás só porquê nos
transformavamos: "É engraçado... a arte brasileira dormia numa pasmaceira de
morte. Vocês vieram e gritaram "Alarma!". Todo mundo acordou. Agora querem que
vocês continuem gritando sempre "Alarma! Alarma!" "Não carece mais pois que to-
dos já estão acordados!" O sr. Tristão de Athayde mesmo, num artigo clarivi-
dente sobre "Paulicea Desvairada", não me concedia o direito de melhorar? Con-
cedia. Por mim não posso saber si milhorei, mas, sem repudiar nem um segundo o
meu livro, o certo é que me transformei tão profundamente que não poderia com
honradez, repetir a aventura.

Aí vai, só pra você. Resolvi não
publicar porquê ^{Mário de Andrade} você teria direito de
responder e isso quebrava meus
designios. Vai com o mesmo abra-
ço verdadeiro do amigo que honra
sempre você como dentre os mais
honráveis. Este verbo «honrar» está
claro que significa prestar honra-
gem.

linhas

- 35 quiparado por exemplo ao Parnasianismo francês. Este é fruto dum grupo res-
trito de estetas e teve apenas algumas ramificações de imitação num ou nou-
tro rarissimo país. O Modernismo, fruto dum novo estado-de-coisas humano e uni-
versal só pode ser comparado com os grandes movimentos historicos da humani-
dade, com o Romantismo por exemplo. A prova é que nós incluímos na mesma espe-
cie romantica personalidades tão distintas como Hölderlin e Gonçalves Dias.
40 Da mesma forma com que dentro do Modernismo cabem os “ismos” mais dispa-
res. Movimentos dêstes não se acabam num decenio, vão mas é se transformando com
as gerações e até dentro dos proprios homens. Si na obra de Leopardi como na
de Alvares de Azevedo ha uma unidade profunda, podemos dizer que Musset ou
45 Varella [s]e desfiliaram da vaga escola em que estavam só porquê alem do Evan-
gelho das Selvas ou dos Proverbios, escreveram o Diario de Lazaro ou Rolla,
coisas de outro lado do individuo? Hoje, é certo que as inquietações inda es-
tão mais exacerbadas e a gente vê Picasso ou Strawinsky, mudarem de tentativa e de
camisa, porêem qual os valores marcados que repudiaram a obra já feita, pra que
50 a gente possa afirmar que mudaram? Não mudaram não e estão todos perfeitemen-
te conscientes da epoca que vivem e fazem. Mas é verdade que se transformam. E
graças a Deus! Teve um homem de espirito aqui em S. Paulo (e não é modernista)
que respondeu a alguém que afirmava termos voltado pra trás só porquê nos
transformavamos: “– É engraçado... a arte brasileira dormia numa pasmaceira de
55 morte. Vocês vieram e gritaram sempre “Alarma!”. Todo mundo acordou. Agora
[querem que
você continuem gritando sempre “Alarma! Alarma!” Não carece mais pois que to-
dos já estão acordados!” O sr. Tristão de Athayde mesmo, num artigo clarivi-
dente sobre “Paulicea Desvairada”, não me concedia o direito de melhorar? Con-
cedia. Por mim não posso saber si milhorei, mas, sem repudiar nem um segundo o
60 meu livro, o certo é que me transformei tão profundamente que não poderia com
honradez, repetir a aventura.

Mario de Andrade

- Aí vai só pra você. Resolvi não
publicar porquê você teria direito de
65 responder e isso quebrava meus
designios. Vai com o mesmo abra-
ço verdadeiro do amigo que honra
sempre você como dentre os mais
honráveis. Este verbo “honrar” está
70 claro que significa prestar homena-
gem.
o
Mario

linha 36: A: de *homens* e

linhas 40-41: A: Dias@,@ ^da^ mesma

linha 45: A¹: lapso: “Varella de desfiliaram”

linha 48: (A): e *vemos* Picasso

linha 49: A¹: lapso: “qual os valores”

linha 54: A: +“+ – É

linha 57: A: acordados!+”+

linha 62: A: >Mario de Andrade<

linhas 63-71: A¹: +Aí vai só pra você [...] homenagem./ o / Mario+

linha 37: (A): o ^modernismo^, fruto

linha 56: A: ^você s^

Café/ Tristão de Ataíde e/ seu catolicismo

Nota de pesquisa; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (10,5 x 6,8 cm), borda superior picotada; marcas de oxidação.

Nota da pesquisa: MA não faz anotações nas margens da página 98 da revista *Europe* de maio de 1930, a qual segue em fac-símile juntamente com a capa.

Café
Tristão de Ataíde e
seu catolicismo
Veja "Europe"
maio de 1930
pg. 98

Numéro 89

15 Mai 1930

EUROPE

Revue mensuelle

LETTRES DE SACCO ET DE VANZETTI
présentées et traduites par Pierre Vignard.

PHILIPPE CHABANEIX Poèmes.
DOMINIQUE BRAGA Grève.

TOSHIKIKO KATAYAMA, KIHACHI OZAKI,
AKIO UEDA

D'un pays lointain.

EUGENE O'NEILL *Le singe velu (fin).*

COMMENTAIRES

JEAN-RICHARD BLOCH : *Sur la mort du mot « Révolution ».*

NOTES DE LECTURES

JEAN GUÉHENNO : *Les Réfractaires.*

Chroniques, Comptes rendus : GEORGES ALTMAN (Sur la mort du poète Vladimir Malakovsky). — EMMANUEL BERL (Sur « Byron » par André Maurois). — JACQUES ROBERTFRANCE (Romain Rolland). — ANDRÉ BAILLON (Roger Avermaet). — EMMANUEL BERL (P. Drieu la Rochelle). — JEAN GUÉHENNO, PHILIPPE SOUPAULT, DOMINIQUE BRAGA, JACQUES ROBERTFRANCE (Les spectacles : théâtre, sports, disques).

CHRONIQUE DES IDÉES

BERTRAND RUSSELL (L'Amour dans la vie humaine). — G. CANGUILHEM (La renaissance du Vitalisme?). — RAYMOND LENOIR (R. N. Coudenhove-Kalergi). — P. NIZAN (Ch. Turgeon). — ANDRÉ PHILIP (G. Renard et G. Weulersse). — MASSOT (Emmanuel Aegerter, Uya Ehrenbourg).

LES ÉDITIONS RIEDER - PARIS

7, PLACE SAINT-SULPICE, 7

6 fr.

efficacité, il se produit semblable, désarroi. Les esprits tourbillonnent pendant quelques années. Ils ont quitté le robuste piquet auquel ils s'amarraient. Personne ne leur a encore désigné celui qui va leur en tenir lieu dans l'avenir. Ils recourent alors à tous ceux qui ont montré jadis quelque résistance. Ils cherchent si ces vieux appuis ne pourraient pas servir une fois de plus, s'ils n'auraient pas repris quelque solidité, pendant tout le temps que l'on ne s'est pas occupé d'eux.

Etienne Burnet, dans son article sur Metchnikoff (Europe, 15 septembre 1926), écrivait très justement : « les esprits forts d'aujourd'hui sont ceux qui redemandent l'autorité de l'Eglise ».

Le néo-thomisme traduit un besoin d'ordre intérieur et d'oubli, — mais non pas de foi ou de sacrifice. On l'a défini : un catholicisme anti-chrétien, une religion d'athées. Construction purement dialectique dans l'ordre privé, politique dans l'ordre social. Il est conforme à la logique naturelle d'aller demander appui aux parties les plus anciennes de la pensée occidentale, les plus violemment opposées aux disciplines du XIX^e siècle, et dont l'efficacité, depuis trois cents ans, a été le moins fréquemment mise à l'épreuve.

Quant à certains jeunes bourgeois qui se croient communistes, ils cherchent simplement Saint-Thomas dans Lénine, — dans Saint-Lénine.

Tous ces esprits errants, flottants, qui s'accrochent aux bouées catholiques ou communistes, oublieront tout d'un coup cet avatar de leur destinée, le jour où une grande voix, comparable à celles de Rousseau, des Encyclopédistes, de Proudhon, de Marx, aura nommé le mythe nouveau.

Le mythe du XX^e siècle n'est pas en deçà de la révolution. Il n'est pas une régression ni une réaction par rapport au mythe révolution. De toute nécessité, il est au delà. Il l'honore, la respecte, prend l'appui sur elle, l'enjambe et la dépasse.

Quand il nous sera désigné et nommé pour la première fois, ne croyez pas qu'il nous soulage et nous libère. Il commencera par nous blesser, il nous outragera d'abord, il nous paraîtra injurieux et inacceptable, il soulèvera contre lui toutes les résistances. Et parmi les premières, les plus furieuses, se dresseront les habitudes mentales que la vieille idée de révolution a placées en nous.

Le mythe du XX^e siècle, qui n'est déjà plus la révolution, qui est bien davantage que la révolution, existe. Il est en chaque homme qui passe.

Etienne Burnet, em seu artigo no Metchnikoff (*Europe*, 15 de setembro de 1926), escreve com muita justeza: “os espíritos fortes de hoje são os que recorrem à autoridade da Igreja”

O neo-tomismo traduz uma necessidade de ordem interior e de esquecimento – mas não de fé ou de sacrifício. Por definição: um catolicismo anti-cristão, uma religião de ateus. Construção puramente dialética na ordem privada, política na ordem social. É conforme a lógica natural procurar apoio nos locais mais antigos do pensamento ocidental, os mais violentos oponentes da disciplina do século XIX, e cuja eficiência, depois de trezentos anos, foi colocada à prova com menor frequência.

Quanto a certos jovens burgueses que se creem comunistas, eles procuram simplesmente São Tomas em Lénine – em São Lénine.

Café/ Tristão de Ataíde

Esboço; autógrafo a tinta preta; 3 folhas de papel branco (30,0 x 10,5 cm), borda superior picotada; folhas originalmente presas por alfinete de cabeça; rasgamento provocado pela dobra do papel separando-o em duas partes; marca de grampo nas folhas 1 e 2.

Nota da edição: Documento abrigado originalmente entre as folhas de ~~Patria Nova/~~
Taxi/ Modernismo. O esboço ao trazer discussão entre Carlos e O Católico demarca além da questão religiosa, o problema da crítica, o Modernismo, mencionando *Retrato do Brasil* (1928) de Paulo Prado, além de outras questões.

Café
Tristão de Ataíde

...mas depois que virou católico prático perdou a liberdade, ficou não digo pau, como todos dizem, mas ineptia até pro Catolicismo. Vars é que me dá mais raiva, Taulo horror a essa palavra liberdade, que pensando bem não significa mais coisa nenhuma, não como no Porém sempre afasta por completo a maior simpatia que um... ~~leigo~~ ^{do} ~~co~~ Catolicismo possa ter pela religião católica, nem um indivíduo assim, que fogendo da religião nunca se perde de vista pro altar, perde os negos, sepa por ardoir sepa não sei pelo quê, até as noções de justiça elementar. Então Tristão católico mirou logo. Pi já entendia um bocadinho apenas de poesia, agora não entende mais coisa nada. Artista ~~visto sobre versos~~ já sabe: primar de incompreensão.

- Você viu o que ele escreveu foi, tempo sobre o Muriel e Muriel?

- Primar de incompreensão, do que sepa lirismo, do que sepa poesia, ~~do que sepa até~~

- ~~Tudo isso~~ Mas é questão que ele fez crítica dogmática. Não sendo católico, ~~sempre~~ disse não é tanto não sendo católico, mas não compreende mais o que não corresponde a um certo espírito de ordem intelectual, de metragem legítima.

- Mas não me parece é que ele perdeu todo apicacia que podia ter.

- Virou um remembrador mau, no modo das incompreensões mais bobas. Li as suas versas, como devia e como compreendo que um católico verdadeiro deve ser, um não conformado!

Café

Tristão de Ataíde

... mas depois que virou catolico prático perdeu a liberdade, ficou não digo pau, como tôdos dizem, mas ineficaz até pro Catolicismo. Isso é que me dá mais raiva. Tenho horror a essa palavra Liberdade, que pensando bem não significa mais coisa nenhuma ~~nem como no~~ Porêem sempre afasta por completo a menor simpatia que um leigo do ~~lo~~ Catolicismo possa ter pela religião catolica, ver um individuo assim, que fazendo da religião uma especie de venda pros olhos, perde às vezes, seja por ardor, seja não sei pelo quê, até a noção de justiça elemental. ~~Outro~~ Tristão catolico virou cego. Si já entendia um bocado apenas de poesia, agora não entende nem sente nada. Artigo dele sobre versos já sabe: primor de incompreensão
 – Você vio o que ele escreveu faz tempo sobre o Murilo Mendes?
 – Primor de incompreensão do que seja lirismo, do que seja poetica. ~~do que seja até~~
 – ~~Inda si~~ Mas é questão que ele fez crítica dogmatica. Não sendo catolico, enfim... ~~disse~~ não é tanto não sendo catolico, mas não compreende mais o que não corresponda a um certo espirito de ordem intelectual, de cultura legítima.
 – Mas nisso mesmo é que êle perdeu toda eficacia que podia ter.
 – Virou um censurador manso, no meio das incon-

(A): >nem como no< Porêem

A: leigo *pe-/lo* Catolicismo

A^I: lapso: “individuo”

A: *Outro* Tristão

A: poetica >do que seja até<

A: *Inda si* Mas é >questão<

A: >disse< não

gruencias mais bobas. Si
ao menos virasse, como
devia e como compreen-
do que um catolico ver-
dadeiro deve ser, um
não conformado!

mas o que elle fez foi meter
~~uma~~ conformista paladar
— Tristão não é conformista,
Catolico!

— Não é? Conformista sim.
Vare de metter paladar por
ai que um varro não presta
porqu^{ta} catolico, ni quasi, em
devamos fazer um movimento
de ~~renovação~~ renovação intellec-
tual... Devamos? devamos!...
Renovação pra ~~se~~ ficar o que
ele ficou? Um conformista
inconformado, falando man-
to tornando no contrario, uma
atitude dubia, prova de
delicadeza e condescendência.
Por causa de um não sei
que catolicismo conforma-
do com o governo, morar-
guizado, moralisado, con-
formado até com o Papa
que deu o exemplo ba-
tico de proximidade catoli-
ca cadoendo Roma. Confor-
mismo e conformismo
indecente. Dig. que ataca-
dor da pragmatice moder-
na e mirado predilecto
a um pragmatico do Cato-
licismo nem nem getras,
um pragmatico... conforma-
do! Ora que leve as mãos
a parede! Tristão virou na
mistura bedionda de
intemperancia a procedi-
mentos prejudiciais ao
Catolicismo — isso é me
me del mais haia.

— Outro elle comparava
o movimento contemporaneo
especialmente ao o Brasilai-
ro, com o Parmarismo.

— Pois está certo.

— Está certo! Pois então um
movimento que toma o
mundo, que guarda em
si uma quantidade de
ismos e orientações dife-
rentes se pode equiparar
a um movimento de ca-
pela literaria, de um pon-
to a um país só a
sua tributario! Pi ha um
movimento revolucionario
no espirito de hoje, ele não

Mas o que ele fez foi virar
um conformista falador
– Tristão não é conformista,
Catolico!

– Não é? Conformista sim.
Isso de andar falando por
aí que um verso não presta
porquê não é catolico, ou quasi, que
devemos fazer um movimento
de ~~revolt~~ renovação intelec-
tual... Devemos, devemos!...
Renovação pra ã ficar o que
êle ficou? Um conformista
inconformado, falando man-
so, tornando no contrariar uma
atitude dubia, frouxa de
delicadeza e condescendencia.
Por causa dum não sei
quê Catolicismo conforma-
do com o governo, monar-
quisado, mussolinisado, con-
formado até como Papa
que deu o ã exemplo ba-
sico de frouxidão catoli-
ca cedendo Roma. Confor-
mismo e conformismo
indecente... Diz-que ataca-
dor da pragmatica moder-
na e virado hediondamen-
te um pragmatico do Cato-
licismo mas sem [garras]
um pragmatico... conforma-
do! Ora que leve as mãos
à parede! Tristão virou ãa
mistura hedionda de
incongruencias e procedi-
mentos prejudiciais ao
Catolicismo – isso é que
me dá mais raiva.

Outro dia comparava
o movimento contemporaneo
especialmente ã o brasilei-
ro, com o Parnasianismo.

– Pois está certo.
– Está certo! Pois então um
movimento que toma o
mundo, que guarda em
si uma quantidade de

Aparato genético.

Etapas e rasuras

A: que ^efe^ fez

(A): *duma* um conformista

A: porquê +não+ é

(A): de *revolt[a]* renovação

A: Devemos@!@ devemos!

(A): pra =fi[car]= ficar

(A): condescendencia@;@ Por

(A): o #*fr[ouxo]*# exemplo

A¹: lapso: “lave as mãos à
parede”

(A): >—< Outro

(A): especialmente *no
[Brasil]* o brasileiro

ismos e orientações diferentes se pode equiparar a um movimento de capela literaria, duns poucos ~~em~~ num pais só a seus tributarios! Si ha um movimento revolucionario no espirito de hoje, ele só

(A): pou-/cos *em* num

2
pode ser equiparado a um
Romantismo por exemplo, que
foi universal e não se res-
tringiu às artes.

- Pois é nisso que Tristão
foi muito atacado. Mo-
dernismo brasileiro que fi-
cou com vestígios de eu-
comenda e muitas pinturi-
nhas dilettantes.

- Pois é nisso mesmo que
o sr. Tristão de Ataíde foi
tolamente exposto e levia-
do. O que se a' ficar só
nas artes! Ou será que moder-
nismo brasileiro pra Tristão
de Ataíde não fica na
mesmo conceito pieceço dos
poetinhas que diziam ser
modernos e o a' os
de café puro? Modernismo
revolucionando e mudando
o aspecto do Brasil pra uma
contemporaneidade legítima
e ~~de~~ ~~onde~~ ~~própria~~ ~~da~~ ~~ra-~~
ça brasileira também que afi-
nal das contas é um au-
mento que pensa, e bem ou
mal, bom ou ruim traz
ideias novas também. E
o movimento político, apa-
recimento de partidos,
bom ou ruim não fazem
parte também de uma
verdadeira inovação no
Brasil Republicano.

- O movimento comunis-
ta do Rio...

- Também! E o sr. Tristão
de Ataíde também! E
as velhadas dos liberais
também. E a policultura
também, um país que
ora só foi amassar,
ora só ouro, ora só
farracha, ora só café.

- Aliás...

- Deixa eu falar. E mes-
mo dos jogos brasilei-
ros que andaram faze-
do o cenário literário em

pode ser equiparado a um Romantismo por exemplo, que foi universal e não se restringiu às artes.

– Pois é nisso que Tristão foi justo atacando o modernismo brasileiro que ficou nuns versinhos de encomenda e numas pinturinhas diletantes.

– Pois é nisso mesmo que o sr. Tristão de Ataíde foi toalmente injusto e leviano. O quê que é ficar só nas artes (Ou será que Modernismo Brasileiro pra Tristão de Ataíde inda fica no ~~em~~ mesmo conceito picego dos poetinhas que diziam ser modernos só eles e os amigos de ~~capela~~ grupo? Modernismo revolucionando e mudando o aspeto do Brasil pra uma contemporaneidade legítima é ~~alem doutro pregador~~ Graça Aranha também que afinal das contas é um sujeito que pensa. E bem ou mal, bom ou ruim traz ideias novas também. E o movimento politico, aparecimento de partidos, bons ou ruins não fazem parte também duma verdadeira inovação no Brasil Republica.

– O movimento comunista do Rio.

– Também! E o sr. Tristão de Ataíde também! E as veleidades dos liberais também. E a policultura também, num pais que ora só foi assucar, ora só ouro, ora só borracha, ora só café.

– Aliás...

(A): no #con[ceito]# mesmo conceito

(A): de *capela* grupo

A: é >alem doutro pregador< Gra-/ça Aranha

– Deixa eu falar. E mesmo dos moços brasileiros que andaram fazendo escarcéu literario em

Aparato genético.
Etapas e rasuras

São Paulo principalmente,
então a obra deles ~~pai-~~
~~ra~~ está sendo de mera
~~arte~~ [panemice] cantadei-
ra? Quantos não estão
dando obras uteis? E o
escandalo provocado pelo
“Retrato do Brasil” não
provou que o livro fe-
ria fundo.

– Ou que era injusto.

– Injusto o quê! Si apre-
sentava causas e heredi-
tariedades discutíveis,
o retrato saiu fiel. E
Paulo Prado não foi o
unico, antes: foram ra-
ríssimos os que se con-
servaram puramente
artistas.

– É, mas você não nega
que essa gentinha apa-
recendo por aí tudo, só
pensa em cantar Mã-
Preta, “Me parece”, ma-
cumba e outras mo-
das bestas do... ~~Mario~~

– Esta aí você caindo
na mesma bobagem de
diletante enfarado em
que cai Tristão. É por
essa gente que pode-se
julgar dum movimen-
to em que não apenas
recemvindos, recrutas
pegadores de cacoetes
e não ainda calejados
no ofício? Digo mais:
é por essa gente que
se pode julgar dessa
gente mesmo? Você
como Tristão, ignorará
por acaso que é tudo
ũa moçada de 18,
20 anos, ignorantes
ainda não por si mes-
mos, porêem porquê
o país e os pais não os

A: deles *pai-/ra* está sendo

(A): mera *arte*

(A): do... >Mario [de Andrade]<

3
obrigam a actuar? São
ignorantes, são caçoteiros,
são modestos, são futur-
ristas — que estão pa-
rendo e felicisando.
Pai, mas o que um in-
dividuo de 18 anos es-
creve em dica e que
ele será depois? Prin-
cipalmente um clipe
e um pai como este
onde ~~o pai~~ ~~o pai~~
~~forfeitando aos 16 anos~~
~~mas só ficam homens~~
~~forfeitando aos 35?~~ os
indivíduos não gerios
forfeientes desde os
15 anos só se tornam
homens gerios aos
35?

— Cortei da frase...

— Deixa de bobagem

Carlos que não vale
a pena crimiar. Toda
essa suposta serão os
autodidactas de amanhã
que serão enquanto...
gerios colheita de en-
dos, modernos vocabu-
lários, e nervos ~~da~~
~~com~~ com isso. Antes
isso que as meus pai
é documentação em
pai indocumentado
como o nosso.

— Pai sei! não vá me
repetir que o Brasil
não presta!

— Não vou repetir nada.
Então falando é do
Brasil. Que benefício
ele trouxe com a mun-
dança dele. De um
certo espantamento não

Aparato genético.
Etapas e rasuras

obrigam a estudar? São
ignorantes, são cacoeteiros,
são modistas, são futu-
ristas – o que estão fa-
zendo é relíssimo.

Sei, mas o que um in-
dividuo de 18 anos es-
creve indica o que
êle será depois? Prin-
cipalmente num clima
e num país como êste
onde ~~os genios surgem~~
~~fosforecendo aos 16 anos~~
~~mas só ficam homens~~
~~fecundando aos 35?~~ os
individuos são genios
fosforecentes desde os
15 mas só se tornam
homens fecundos aos
35?

– Gostei da frase!...

– Deixa de bobagem

Carlos que não vale
a pena brincar. Toda
essa moçada serão os
autodidatas de amanhã.
Que façam enquanto...
genios colheita de len-
das, modismos vocabu-
lares, e versos ~~de [seus]~~
~~nada~~ com isso. Antes
isso que ao menos já
é documentação num
país indocumentado
como o nosso.

– Já sei! não vá me
repetir que o Brasil
não presta!

– Não vou repetir nada.
Estou falando é do
Tristão. Que beneficio
ele trouxe com a mu-
dança dele. Θ Um
certo espivitamento na

A: onde *os genios surgem
fosforecendo aos 16 anos
mas só ficam homens
fecundando aos 35? os

A: versos >de [seus] nada<
com

(A): dele. *O* Um
(A): espivitamento ^nas^

cordelizada virgem do
abbaia católica, e virar
a maneira da Europa
na modéstia de poe-
ta catolicoides que per-
na a noite na ~~parra~~ parra
pra de madrugada
de invocar Nossa Senhora
com a mesma
incompetência com
que os macumbeiros
~~invocam~~ invocam os
seus deuses e de-
sarramundi.

— Quando não ha-
be grandes conselhos,
ele tira peito.

— Não sei, mas o que
nego é o afastamento
quasi em massa de
muitos... catolicizantes,
dos artigos dele. Que
ninguém não te mais
porque é pau. É n'ele
virar peitor, darancas.
se essa gente, darancas.
se esse governo dele
maldade que ele claria
por causa de ideias
teogônicas teocráticas,
parece incrível!... Ser-
vão de pedra bosta,
que não tem esperte-
za pra atrair e unfor-
mista. Perdoai-nos
e perdoai-me... rebo!

Aparato genético.
Etapas e rasuras

cordeirada virgem dos
arraiais catolicos, o criar
á maneira da Europa
ũa modinha de poe-
tas catolicoides que pas-
sa a noite na farra
pra de madrugada
invocar Nossa Senho-
ra com a mesma
incompetencia com
que os macumbeiros
invocam Iemanjá ou
os catimbozeiros os Xa-
ramundi.

– Mas você não sa-
be quantas conversões
ele terá feito.

– Não sei, mas o que
vejo é afastamento
quasi em massa de
muitos... cotolicisantes,
dos artigos dele. Que
ninguem não lê mais
porque é pau. E si êle
virasse feitor, desancas-
se essa gente, desancas-
se esse governo de
merda que êle elogia
por causa de ideas
~~teogoni~~ teocraticas,
parece incrivel!... Ser-
mão de padre besta,
que não tem esperte-
za pra atrair e confor-
mista. Perdoai-vos
e perdoai-me... sebo!

(A): *teogoni[cas]* teocraticas,

Café/ (Tristão de Ataíde)

Esboço de cena; autógrafo a tinta preta; 3 folhas de papel branco (14,4 x 10,5 cm),
borda superior picotada; folhas presas originalmente por alfinete de cabeça.

Nota da edição: Documento abrigado originalmente entre as folhas de Patria Nova/
Taxi/ Modernismo. O diálogo continua no mesmo viés do esboço anterior.

Café
(Tristão de Ataíde)

- Sim não tem dúvida que o artigo
de contras o livro de Graça Aranha é
uma página magistral de elevação
moral, de cultura, de coragem e até de
estilo poria quando a gente se põe
acumando e já pronto pra insultar-se
homem admirável, que tem a coragem
de sua crônica e a grandeza de se tor-
nar pragmático por ela e pra ela, topa
com o que? com um sujeito que se
proclama governista.

- Tinha de ser necessariamente um
não-conformista...

- Até é difícil a gente fazer a prisão.
Logo de Tristão, porque até que ponto
é respeito ao indivíduo não, nem ser feliz
e respeito ao seu ordenamento, ao par-
te do indivíduo - quando não podemos
ver indivíduos sua relação a Deus e
com Deus - até que ponto as partes do in-
divíduo se interpenetram com as
ideologias pra a ação em governos con-
stituídos, se esse governo é como o nosso,
comete todas as espécies de ~~injustiças~~
anticonstitucionais do individualismo Brasi-
leiro...

- E esse vira Brasileiro, tem bem
a ponto de praticamente não ter
tendo, ainda na família.

- até que ponto? É horrível a gente estar
ambulando com um ser tão mo-
ralmente elevado como Tristão de Ataí-
de, a ponto de fazer esta pergunta de-
baixo, não ele está presente pra
se defender.

Café

(Tristão de Ataíde)

- Sim não tem duvida que o artigo “contra” o livro de Graça Aranha é uma pagina magistral de elevação moral, de cultura, de coragem e até de estilo porêm quando a gente se põe amando e já pronto pra imitar êsse homem admiravel, que teve a coragem da sua crença e a grandeza de se tornar pragmatico por ela e pra ela, topa com o que? com um sujeito que se proclama governista.
 - Tinha de ser necessariamente um não-conformista...
 - Até é dificil a gente fazer a psicologia de Tristão, porquê até que ponto num individuo rico, num lar feliz é respeitoso da ordem organizada, as partes do individuo – quando nós podemos ser individuos em relação a Deus e com Deus – até que ponto as partes do individuo se interpenetraram com as ideologias pra aceitar um Govêrno constituido, si esse Governo é como o nosso, comete todas as especies de ~~indi avilta~~ envilecimentos do individuo brasileiro...
- E da coisa brasileira também a ponto de praticamente só não ter tocado ainda na familia.
- Até que ponto? É horrivel a gente estar esculhambando com um ser tão moralmente elevado como Tristão de Ataíde, a ponto de fazer esta pergunta rebaixante, sem ele estar presente pra se defender.

(A): de *indi[vidualismos]* *avilta/[mentos]*
envilecimentos

- Isso não porque ele tem as cortas bem
quentes com o mesmo conformismo
sangue azul no abade de S. Bento e
o arcebispo de S. Paulo. Todo o anelão
tirando retrato do lado de Julio Proa,
Es, miseráveis! Essa é a religião de
nós.
- Essa frase é que é indigna de vo-
cê, Carlos. Não é uma religião, é não homens.
- ~~Essa frase~~ Desmexa.
- Tristão... A gente só não tem destino
pra um homem que como ele se
faz tão elevado e tão nobre: o martí-
rio. Não conformista religioso, não é em
nome de uma ideologia mesmo justa
que ele podia vir no magistralismo
insolente de ~~essa~~ de conformar com
um governo destes. O destino de
Tristão era o martírio. A esta hora
já devia estar preso, e sem preso trun-
do como se derrama, assassinado
pelos delegados.
- E ele dirá que formalismo tem bem
a ação.
- E ação, E ação pro ~~formalismo~~ con-
templativo mas pra quem chega a
uma convicção sublime, não. E Tris-
tão se atende, pelo menos pelo artigo
dela, chegou a uma convicção subli-
me. Isso é que não é desta terra,
ou é mas pra ~~essa~~ determinar o
martírio, a ação direta. Mas agora
ele é que podia perguntar até que pon-
to nós, em a pagar da ação dele, na fran-
queza e elevação dele, pelo o martírio
dela pra que livra dele? e está
certo. até que ponto?
- O grande defecto das religiões mo-
notestas - o que aliás me ~~aparece~~

– Isso não porquê ele tem as costas bem quentes como mesmo conformismo sangue azul do abade, da S. Bento e o arcebispo de S. Paulo, todo anchos tirando retrato ao lado de Julio Pres-tes, miseraveis! Essa é a religião de você

– Essa frase é que é indigna de você, Carlos! Eu sigo uma religião, e não homens.

– ~~É verdade~~ Desculpe.

– Tristão... A gente só vê um destino pra um homem que como ele se faz tão elevado e tão nobre: o martirio. Não conformista religioso, não é em nome duma ideologia mesmo justa que ele podia cair no maquiavelismo indecente de [?] se conformar com um Governo destes. O destino de Tristão era o martirio. A estas horas já devia estar prêso, e bem preso tomando cano de borracha, assassinado pelos delegados.

– Ele dirá que jornalismo também é ação.

– É ação. É ação pros ~~que chegam~~ contemplativos mas pra quem chega a uma convicção sublime, não! E Tristão de Ataíde, pelo menos pelos artigos dele, chegou a uma convicção sublime. Isso é que não é desta terra, ou é mas pra ~~criar~~ determinar o martirio, a ação direta. Mas agora ele é que podia perguntar até que ponto nós, incapazes da ação dele, da franqueza e elevação dele, peço o martirio dele pra me livrar dele? e está certo. Até que ponto?

– O grande defeito das religiões monoteístas – o que aliás me parece

A: >e< não

A: >É verdade< Desculpe.

(A): indecente de >[?]< se conformar

A: pros >que chegam< con-/templativos

A: pra >criar< determinar

A: me ^aparece^

uma grande prova da existência
de Deus — e Terceira, os homens são
muito mais capazes do que se
pretendem, e muito mais capazes
do que eles próprios são.

— De todos os monoteísmos, não. Do
catolicismo. O individualismo
interpreta todo sistema tirado pelo
Protestantismo, sem imposição de
reformas terrenas, com carac-
ter e Bíblia para cada um, sem
que os protestantes se igualem
~~com os católicos~~ comodamente a si
mesmos.

— O que é um bem enorme para
eles.

— Um bem, não! um benefício. Um
benefício terreno. O catolicismo
tem mesmo isso de desfigurante-
mente grande: levado, sem acomodações
camufladas com o mundo, não se
deixa levar, e não se dá. E não se
dá gente pro martírio que é o suicídio
católico. A Terra e o homem bruto
d'ábre a seu modo. Um indivíduo a
que não prenda uma proclamação reli-
giosa não tem por onde escapar ao auto-
lício. O amor, a humanidade, pátria,
amorulismo, moral sacra, a vida,
o dilettantismo, a curiosidade, a ino-
mnia, tudo isso se torna prodigiosa-
mente quinquilharia ante o alto dis-
par que pensa aguentar a omnia pra
toda a eternidade que é a existência. A
humanidade consagrada sem Deus
se torna um belo fenómeno de covardia.

Aparato genético.

Etapas e rasuras

uma grande prova da existencia de Deus – e tornar ~~os homens si-~~
~~multaneamente~~ os homens que as praticam, simultaneamente maiores do que eles proprios são!

– De todos os monoteismos, não. Do Catolicismo. O individualismo interpretativo sistematico pelo Protestantismo, sem imposição de deformações terrenas, com casamento e Biblia pra cada um, faz com que os protestantes se igualem ~~bem~~
~~a si mesmos~~ comodamente a si mesmos.

– O que é um bem enorme pra eles.

– Um bem, não! um beneficio. Um beneficio terreno. O Catolicismo tem mesmo isso de desfigurantemente grande: levado, sem acomodações casuisticas com o mundo, não vem, deixa levar, conduz a gente. E conduz a gente pro martirio que é o suicidio catolico. A Terra e o homem hurlent d'être ensemble. Um individuo a que não prenda uma proibição religiosa não tem por onde escapar ao suicidio. O amor, a humanidade, patria, amoralismo, moral leiga, a vida, o diletantismo, a curiosidade, a ironia, tudo isso se torna prodigiosamente quinquilharia ante o caso dum ser que pensa aguentar a omissão pra todos dolorosa que é a existencia. A humanidade concebida sem Deus se torna um reles fenomeno de covar-

(A): tornar \os homens si-/multaneamente\ os

(A): igualem *bem =a si mesmos=*
comodamente

dia. É de covardia mais real, a
covardia de se suicidar! Mas o
indivíduo com religião, ao menor
com catolicismo, ~~que~~ também não
pode se conformar, já não digo com
a Terra natural, mas com a huma-
nidade tal como está constituída.
— Se pode ser um não-conformis-
ta.
— Se tem um destino, a revolta
agente. É essa revolta agente, sem
restrições porque não é possível
se arrancar a vida de Deus, com Deus,
e com o catolicismo pro suicídio tam-
bém. Suicídio ^{que} que todas as práticas
anti-terrenas da religião, jejum,
cicício, celibato, são elementos provo-
catórios. Toda a religião eclesiástica
do catolicismo é um vasto comi-
tê ao suicídio. É o suicídio físico,
o suicídio religioso, o suicídio em
Deus por excelência é o martírio.
É quando um homem atinge ao
menor no que preza, a psicolo-
gia religiosa perfeita, isto de
aguentar apenas o «calvário da
vida» não basta. Qualquer confor-
mismo ao abate propugnado.
mente porque não se pode reir-
to de covardes é que ele chegue
logicamente ao seu destino pra
que pelo menos assim possamos
nos emorgulhar de nós.
— mas Tristão de repente Tris.

dia. E da covardia mais reles, a covardia de se suicidar! Mas o individuo com religião, ao menos com Catolicismo, ~~que~~ também não pode se conformar, já não digo com a Terra natural, mas com a humanidade tal como está constituída.

– Só pode ser um não-conformista.

– Só tem um destino, a revolta agente. E essa revolta agente, sem restrições porquê não é possível se arranjar acomodações com Deus, leva o catolico pro suicídio também. Suicídio de que todas as praticas anti-terrenas da religião, jejum, cilício, celibato etc., são elementos provocatorios. Toda a religião eclesiastica do Catolicismo é um vasto convite ao suicídio. E o suicídio licito, o suicídio religioso, o suicídio em Deus por excelencia é o martirio. E quando um homem atinge ao menos no que prega, a psicologia religiosa perfeita, isso de aguentar apenas o “calvario da vida” não basta. Qualquer conformismo nos abate profundamente porque nosso desejo secreto de covardes é que êle chegue logicamente ao seu destino pra que pelo menos assim possamos nos envergonhar de nós.

– Mas Tristão desmente Tris-

A: >que< também

A: Suicídio +de+ que

A: celibato +etc.+ , são

Tão.

- Isso é' certo. Mas é' incontes-
tável que a elevação religiosa es-
crita a sua Tristão alcançou, pra
nós, pra mim que sou tendo ape-
nas pra ele, não dá paciência
pra elle apresentar ~~seus~~ os razões.
E aí' nossa incorrupção está cheia
talvez de impurezas... Nós estamos
vivendo do tempo dele, só mais
tarde se poderá' ser criticado.

Carlos além de me ler. Esta co-
nórdia final do Catolico ~~seu~~
mortificação a ~~método~~ razão
de crítica pragmática de Car-
los. De resto, si' ele se tem orem
de se analisar bem, conferência
lealmente, talvez um pouco
surpreendido, que chocava uma
antipatia secreta mas muito
decidida por Tristão de Ataíde.

tão.

– Isso é frase. Mas é incontestável que a elevação religiosa escrita a que Tristão alcançou, pra nós, pra mim que ~~vou~~ tendo apenas pra êle, não dá paciência pra lhe aguentar ~~{mais}~~ os senões. E d’áí nossa incompreensão cheia talvez de injustiças... Nós estamos vivendo do tempo dele, só mais tarde ele poderá ser criticado. Carlos deu de ombros. Esta covardia final do Católico ~~lhe~~ mortificava a ~~nitidez~~ coragem da nitidez pragmática de Carlos. De resto, si êle se lembrasse de se analisar bem, confessaria lealmente, talvez um pouco surpreendido, que chocava uma antipatia secreta mas muito decidida por Tristão de Ataíde.

(A): que >vou< tendo

A: aguentar >mais< os

A: Catolico >lhe<

(A): a #nitidez# coragem/ da nitidez

Café

Esboço de trecho; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel branco (14,4 x 10,5 cm), borda superior picotada.

Nota da edição: Documento abrigado originalmente entre as folhas de Patria Nova/ Taxi/ Modernismo. O esboço testemunha a amplitude de assuntos que Mário de Andrade pretendia impor a seu romance *Café*.

Café
No trecho sobre Tricão de Atai.
de e a crítica literária.
Se não temos literatura é
em principal pela horrenda
falta de críticos ~~mas~~ literários
verdadeiros.
Nenhum por ex. que estudasse
a forma um autor. Está sa-
do que se algum fizesse um
soneto com 16 versos os críticos
iriam se protestar, mas não
é ter 14 versos que constitui
mesmo a forma do soneto
quanto mais a um escritor
de sonetos. Para é quando mui-
to a «simetria» do soneto,
o até onde ele vai.
No Modernismo nunca carece-
mos tanto de um crítico de
forma como então e um não
houve. Quem que por ex. estu-
dou os diversos processos de
enumeração? A enumeração
disfarçada de episódio de Mário
de Andrade, a enumeração em
versos, whitmaniana de
Practical, o pontilhismo que

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Café

No trecho sobre Tristão de Ataíde e a crítica literária.

Si não temos literatura é em principal pela horrenda falta de criticos ~~ver~~ literarios verdadeiros.

(A): criticos #ver[dadeiros]#

Nenhum por ex. que estudasse a forma dum autor. Está claro que se alguém fizesse um soneto com 16 versos os criticos haviam de protestar, mas não é ter 14 versos que constitui mesmo a forma do soneto quanto mais a dum escritor de sonetos. Isso é quando muito a “motricidade” do soneto, o até onde ele vai.

No Modernismo nunca carecemos tanto de um crítico de forma como então e um não houve. Quem que por ex. estudou os diversos processos de enumeração? A enumeração disfarçada de episodios de Mario de Andrade, a enumeração em [versetes], [subitomania] de Ronald, o pontilhismo que

Graca Aranha elevou ao obar-
do errado por exemplo no
carnaval de "Viagem Mara-
vilhosa"? Os diversos transportes
artísticos de formas populares
como o de batuto nos meus
poemas, ou de Arcene Falcão,
ou de Jorge de Lima e outros?
Mas isso querendo mais penetrar
nas consciências com estilo!

Tristão estava mais preocupado
em mostrar que tudo que
focíamos já pelo menos um
indivíduo já fizera na Eu-
ropa como se isso tivesse al-
gum interesse mais que de uma
parada falsa, não de erudi-
ção, mas de demonstração
informativa. Isso é ser bem
informado e não erudito.
- mas não não quer erudi-
ção no Tristão.
- não nego mas foi erudição
literariamente toda malha-
rada. É suficiente que essen-
cialmente individualista, mas
no quando posta ao serviço da
religião.

Graça Aranha elevou ao absurdo errado por exemplo no Carnaval da “Viagem Maravilhosa”? Os diversos transportes artísticos de formas populares como o de Catulo nos seus poemas, os de Ascenso Ferreira, os de Jorge de Lima e outros? Nem isso quanto mais penetrar nas constancias dum estilo! Tristão estava mas preocupado em mostrar que tudo que fazíamos já pelo menos um individuo já fizera na Europa como si isso tivesse algum interesse mais que duma parada falsa, não de erudição, mas de semostração informativa. Isso é ser bem informado e não erudito.

– Mas você não nega erudição ao Tristão.

– Não nego mas foi erudição literariamente toda malbaratada. E sustento que essencialmente individualista, mesmo quando posta ao serviço da religião.

Café/ Introdução

Pasta improvisada; autógrafo a grafite; 1 folha de papel jornal (22,1 x 33,0 cm); marcas de oxidação e rasgamentos na borda superior e perfurações por inseto. No verso, lembretes: “Ir ao Tisi/ Comprar fita datilográ-/fica/ Ramiro/ Dico} filhos de seu João”, números de 1 a 10 e traços. Abrigava notas de trabalho.

Nota da edição: No intuito de organizar as notas de trabalho vinculadas à primeira parte do romance, o escritor improvisa uma pasta. O caráter provisório do invólucro transparece na sem cerimônia com que se permite traçar. Por um destes lembretes: “Comprar fita datilogra-/fica” pode-se entender que, para a reescrita do romance, o escritor tinha em sua mesa de trabalho, além das duas versões, esta pasta com as notas vinculadas à primeira parte, já que, de fato, trocara a fita da sua Remington para datilografar a folha 27 da 3ª versão.

Café Iª Parte/ Páginas pra pensar e corrigir

Plano/ balanço; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel jornal (21,8 x 16,2 cm). Nota MA: autógrafo a lápis vermelho: cruzeta anulando trecho referente à página 29.

Nota da edição: Balanço da criação vinculado à primeira versão da primeira parte do romance, já que a temática apresentada corresponde às páginas mencionadas. Repensando a questão referente à p. 29 da 1ª versão, o escritor desconsidera o problema levantado, anulando a indicação. Na 3ª versão, o trecho permanece textualmente bastante próximo ao da 1ª.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

Café Iª Parte
Páginas pra pensar e corrigir

p. 18: descrição da city e do carater aventureiro.

=====

p. 29: o problema da falta de braços fazendo disputar colonos e dando mais facilidades a este, não está bem tratado e não me fez entender. Como está, parece que os colonos obtinham muito mais que o apenas justo!

A: ^tradado^

Café

Nota de planejamento; autógrafo a lápis-tinta; 1 folha de papel branco (10,5 x 6,8 cm), borda superior picotada; marcas de oxidação e de grampo.

Café
Salientar melhor de
princípio a fim
o erro fundamen-
tal de civilização
importada e
não nascida das
constâncias antro-
pogeográficas do
Brasil.

Café
Salientar melhor de
princípio a fim
o erro fundamen-
tal de civilização
importada e
não nascida das
constâncias antro-
pogeográficas do
Brasil.

4 Café/ (Chico Antonio)

Nota de pesquisa; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel branco (10,1 x 7,0 cm), borda superior picotada. Nota MA: a grafite: canto superior esquerdo: “4”.

Nota da edição: Para facilitar o manuseio, o escritor numera as notas de trabalho que até então estavam escritas, a grafite, no canto superior esquerdo. Na 5ª fase, visando a reescrita da primeira parte do romance, relendo o manuscrito da 1ª versão em busca de pontos para a inserção dos trechos referentes a estas notas, nem todas encontram lugar adequado e, conseqüentemente, não chegam a ser usadas. Como esta nota de pesquisa que se refere a *Hölderlin* (Paris: Stock, 1928), livro de Stefan Zweig, cujo exemplar pertencente a MA, não possuía qualquer anotação à página 27 apesar de MA ter extraído dela a citação. Segue o fac-símile da capa, folha de rosto e p. 27.

Tradução: ... algum mundo/ Onde música e luar e sentimento/ São um.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

4 Café
(Chico Antonio)

... some world
Where music and moon-
light and feeling
Are one.

A: moon- + light
and feeling+ Are

citado por S. Zweig
em “Hölderlin” p27

STEFAN ZWEIG

LE COMBAT AVEC LE DÉMON

HÖLDERLIN

Traduit de l'allemand par

A. HELLA ET O. BOURNAC

1928

4^e ÉDITION

LIBRAIRIE STOCK

Delamain et Boutelleau

7, rue du Vieux-Colombier

PARIS

STEFAN ZWEIG

LE COMBAT AVEC LE DÉMON

HÖLDERLIN

Traduit de l'allemand par
ALZIR HELLA et OLIVIER BOURNAC

1928

Tous droits réservés.

LIBRAIRIE STOCK

DELAMAIN ET BOUTELLEAU

7, rue du Vieux-Colombier

PARIS

3492

*Ma vocation, à moi,
Est de célébrer les choses sublimes ; c'est pourquoi Dieu
M'a donné le langage et a mis la reconnaissance dans
[mon cœur.*

proclame-t-il fièrement. Il veut rester pur dans sa résolution et fermé dans sa substance. Il ne veut pas la réalité « destructrice », mais il cherche éternellement le monde de la pureté ; il cherche avec Shelley

*some world
Where music and moonlight and feeling
Are one,*

un monde où ne sont nécessaires ni les compromissions, ni les accointances avec les choses basses et où l'esprit peut se maintenir pur dans un élément pur et sans mélange. C'est dans cette résistance fanatiquement inébranlable, dans cette grandiose inconciliabilité par rapport à l'existence réelle que se manifeste, plus fortement encore que dans n'importe laquelle de ses poésies, le sublime héroïsme d'Hölderlin : il sait dès le premier moment qu'avec de telles exigences il renonce à toute sécurité de l'existence, qu'il renonce à avoir une maison et un foyer, qu'il renonce à toutes les commodités d'une vie bourgeoise ; il sait qu'il serait facile « d'être heureux avec un cœur léger » ; il sait qu'il restera éternellement « étranger à la joie ». Mais il ne veut pas que sa vie soit un banquet joyeux de convive repu, il faut qu'elle soit un destin poétique. Fixant son regard vers le Ciel, l'âme raidie dans son corps

...ele quer permanecer puro em sua resolução e fechado em sua substância. Não deseja a realidade “destruidora” mas procura eternamente o mundo da pureza, procura com Shelley

*algum mundo
Onde música e luar e sentimento
Sejam um,*

Um mundo onde não sejam necessários os compromissos nem a familiaridade com as coisas baixas e onde o espírito possa se manter puro em um elemento puro e sem mistura. É nessa resistência fanaticamente inabalável, nessa grandiosa impossibilidade de reconciliação com relação à existência real que se manifesta, ainda mais fortemente que em qualquer de suas poesias, o sublime heroísmo de Hölderlin: desde o primeiro momento ele diz que, com tais exigências, renuncia a toda a segurança da existência, que renuncia à posse de uma casa e de uma lareira, que renuncia a todas as comodidades de uma vida burguesa; diz que seria fácil “ser feliz com o coração leve”, diz que permanecerá para sempre “estranho à alegria”. Mas não quer que sua vida seja um banquete alegre de convívio farto, é preciso que seja um destino poético.

6 Café/ Introdução

Nota de planejamento; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (14,1 x 10,4 cm), borda superior picotada.

Nota da edição: Na reescrita da primeira parte do romance (5ª fase), o escritor recorre às notas que até então possuía, mas não chega a utilizar esta nota.

Aparato genético.

Etapas e rasuras

6 Café
 Introdução
Nedim apresenta um
sirio moço no Café.
Esse sirio é que quan-
do (depois da parte As
Duas Irmãs, passada
na fazenda) na parte
central de Carlos com
Maria, Chico Antonio
vem morar em S. Pau-
lo, esse sirio é que intro-
duz Chico Antonio num
joguinho de futebol de
varzea, do qual ele pas-
sará pro clube sirio onde
entre dez estrangeiros ele
será o unico brasileiro.

(A): parte ^as^

(A): Chico ^antonio^

8 Café/ Imigração

Nota de pesquisa; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (14,1 x 10,4 cm), borda superior picotada.

Nota da edição: Do “padre Ivo d’Evreux” (D’EVREUX, Yves) encontra-se na biblioteca de MA *Viagem ao Norte do Brasil* (Trad. César Augusto Marques. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1929). Na página 232, pertencente ao capítulo XLVIII “Resposta a muitas perguntas, que fazem n’aquela país a respeito das índias ocidentais”, não há notas de Mário, no entanto, o trecho citado é o 3º parágrafo do texto. Na 5ª fase, reescrevendo a primeira parte do romance, o escritor não encontra o ponto adequado para inserção desta nota e, portanto, não a desenvolve. Segue o fac-símile da capa, folha de rosto e p. 232 do livro.

8 Café Imigração
O padre Ivo d'Evreux
p.232 respondendo à pergun-
ta sobre si se adaptariam
os franceses no Maranhão
disse « Responde que na
verdade todos os principios
são difíceis porém pouco
a pouco aparece a facili-
dade »

8 Café Imigração

O padre Ivo d’Evreux
p.232 respondendo à pergun-
ta sobre si se adaptariam
os franceses no Maranhão
disse “Responde que na
verdade todos os principios
são difíceis porém pouco
a pouco aparece a facili-
dade”

=

BIBLIOTHECA DE ESCRIPTORES MARANHENSES

II

VIAGEM
AO
NORTE DO BRASIL

PELO PADRE

IVO D' EVREUX

TRADUÇÃO

DO

Dr. CESAR AUGUSTO MARQUES

DEPOSITARIOS

FREITAS BASTOS & CIA
LIVRARIA LEITE RIBEIRO

Rio de Janeiro
1929

BIBLIOTHECA DE ESCRIPTORES MARANHENSES

II

VIAGEM
ao
NORTE DO BRASIL

PELO PADRE

IVO D' EVREUX

Traducção

DO

Dr. CESAR AUGUSTO MARQUES

DEPOSITARIOS
FREITAS BASTOS & Cia.
LIVRARIA LEITE RIBEIRO
RIO DE JANEIRO
1929

4459

banhar* suas azinhas para mais facilmente voarem alto. Ahi perto fazem seos ninhos, e imaginae o tamanho dos ovos, que chegam de 5 a 7: seos filhinhos ainda são de mais admiravel pequenez.

São tão fecundos, que os meninos enchem cabaças de ovos d'elles.

Ha de diversas cores, amarellas, violetas, pardos, etc.

CAPITULO XLVIII

RESPOSTA A MUITAS PERGUNTAS, QUE FAZEM N'AQUELLE PAIZ A RESPEITO DAS INDIAS OCCIDENTAES.

Para perfeição d'este primeiro tratado, julguei acertado responder a todas ás perguntas, que se fazem n'esse paiz.

1.^a Si esta terra de equinoccio pode ser habiada por francezes delicados, naturaes de um paiz temperado, criados com cuidado e bons alimentos, pois não parece poderem se accommodar n'um paiz agreste, selvagem, cheio de mattas, entre barbaros, e debaixo da zona tórrida e ardente.

Respondo, que na verdade todos os principios são difficeis, porem pouco a pouco apparece a facilidade.

Não ha no mundo villa ou aldeia, que não cause susto e encommo no principio, porem depois de alguns annos tudo vae bem, e os nossos padres já ahi deixaram o fructo de suas fadigas.

Não eram mui delicados os cidadãos romanos? E comtudo não deixaram Roma e Italia para plantarem suas colonias nas florestas gaulezas e allemans?

O portuguez não é, como nós os francezes, na Europa sugeito a todas as molestias, trabalhos e fadigas? Sim! porem é neste ponto mais soffredor do que nós, pois bem sabe

9 Chico Antonio Café

Nota de planejamento; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (14,1 x 10,4 cm), borda superior picotada; marcas de oxidação e ferrugem de grampo. Nota MA: lápis vermelho: duplo grifo no lembrete: "Ler sempre".

Nota da edição: Percebendo a amplitude desta nota, que não se restringe a um trecho ou a uma parte do texto, o escritor exclui o número "9" e guarda o lembrete que por sua importância é destacado com duplo grifo a lápis vermelho: "Ler sempre".

Aparato genético.

Etapas e rasuras

9 Chico Antonio Café

A todo momento mis-
turar as ideias de
Chico A. e seus pen-
samentos com coisas
do mundo exterior vis-
tas no momento, de
maneira a caracteri-
sar a scisma constan-
te e principalmen-
te o panteísmo da
natureza dele

A¹: >9< Chico

(A): ^pen-/sa[b]mentos^ com

Ler sempre

40 Café/ Partido Democrático

Nota de planejamento; autógrafo a grafite; 2 folhas de papel branco (14,0 x 10,5 cm), borda superior picotada; folhas presas originalmente por alfinete de cabeça.

Nota da edição: Na primeira parte do romance, o escritor não se aprofunda na questão político-partidária e, provavelmente, por este motivo retira o número "10" que marcava esta anotação. Aliás, reformulando ainda a 1ª versão da parte inicial, o escritor exclui a narração de um caso que teria ocorrido nas dependências do *Diário Nacional*.

~~10~~ Café
Partido Democrático
O caso do Nordestino
pelos jornais. Sim, mas
a Associação Comercial
andava de navinho com
o presidente do Estado,
não queria atacar direta-
mente este pela falta
de imigração estrangei-
ra, meio jeito que achou
foi atacar o imigrante
nordestino. Isso mesmo o
presidente da Associa-
ção declarara pra
seus amigos jornalís-
tas. Porém como é que

amigos tinham de ex-
pressar isso no jornal?
Eram amigos e prínci-
pes minam, gente? O
Diário Nacional quando
apareceu a esperança ba-
tera na terra, de se ter
suprim, quem falasse
tudo às claras. Mas o
orgão do Partido Demo-
crático perdeu mesmo
entre os directores dele
uma noção de autori-
dade porque no fundo
o partido como o jor-
nal não eram nem

Aparato genético.
Etapas e rasuras

10 Café

Partido Democrático

O caso do Nordeste
pelos jornais. Sim, mas
a Associação Comercial
andava de namôro com
o presidente do Estado,
não queria atacar direta-
mente este pela falta
de imigração estrangei-
ra, unico geito que achou
foi atacar o imigrante
nordestino. Isso mesmo
o presidente da Associa-
ção declarara pra
uns amigos jornalís-
tas. Porém como é que
amigos haviam de es-
crever isso no jornal?
Eram amigos e primei-
ro vivamos, gente! O
Diário Nacional quando
apareceu a esperança ba-
tera na terra, de se ter
enfim, quem falasse
tudo às claras. Mas o
orgão do Partido Demo-
crático perdeu mesmo
entre os diretores dele
sua noção de autori-
dade porquê no fundo
o partido como o jor-
nal não eram nem

A': >10<

mais nem menos que
criaturas do Capital. Um
capital porventura com
vontade de... De quê?
De quê?... Sempre era o
mesmo egoísmo indi-
vidualista do Capital.
E o Diário Nacional não
atacava o Instituto de
Café porque nem fula-
mo-de-tal, nem dos che-
fes do partido tinham
ligações no Instituto.
Foi pegado numa ra-
padeira infame fulano.

de tal, ~~um~~ vindo na gover-
nança e acolito esperto
e bem falante do presi-
dente. Diziam que se-
ria o próximo prefeito
de S. Paulo. Veio Outro
chefão veio no Diário
jurar que toda a ver-
dade era calúnia: no
dia seguinte havia
fauquete de denaço
ao tal racana de gover-
nista gatuno. O nome
do chefão democrata
estava lá, eram amigos.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

mais nem menos que
criaturas do Capital. Um
capital porventura com
vontade de... De quê?
Do quê!... Sempre era o
mesmo egoísmo indi-
vidualista do Capital.
E o Diário Nacional não
atacava o Instituto de
Café porquê seu fula-
no-de-tal, um dos che-
fões do partido tinha
ligações no Instituto
Foi pegado numa sa-
fadez infame fulano-
de tal, subindo na gover-
nança e acolito esperto
e bem falante do presi-
dente. Diziam que se-
ria o próximo prefeito
de S. Paulo. ~~Veio~~ Outro
Chefão veio no Diário
jurar que toda a ver-
dade era calúnia. No
dia seguinte havia
banquete de desagra[v]o
ao tal sacana de gover-
nista gatuno. O nome
do chefão democrático
estava lá, eram amigos.

A: #Veio# Outro

A²: lapso: “desagrabo”

12 *Café/ Como se tatua*

Nota de pesquisa; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (10,4 x 6,7 cm), borda superior picotada.

Nota da edição: O livro citado, *História do fado* de Pinto de Carvalho (Lisboa: Emp. História de Portugal, 1903), não possui destaques na página 39. O texto, ao tratar do aspecto geral do fadista, pormenorizando o tipo de sapato, o anel, o penteado e o uso freqüente de tatuagens, apela para uma nota de rodapé sobre o processo de tatuar. O texto em questão serviu como matriz para a composição de um dos personagens de passagem do romance, o marinheiro alemão que se tatuava e tatuava outras pessoas, mas em *Café*, o escritor não chega a esmiuçar o processo da tatuagem, por esse motivo, provavelmente, a nota não foi descartada. Além disso, em 1944, buscando recriar cenas e personagens do romance inacabado, MA planeja escrever um conto, criando um personagem que seria formado pela fusão do “marujo que se tatuava” e do “aleijado malevo que vivia na escadaria do Correio”. Segue o fac-símile da capa, folha de rosto e p. 39 de *História do fado*.

12 Café

Como se tatua

nº 49 p 39

Pinto de Carvalho (Tinop)

HISTORIA do FADO

Livraria Moderna
Editora
Rua Augusta, 95

• 1910 •

Typographia
45, Rua Ivens, 47
Lisboa

Pinto de Carvalho (Tinop)

HISTORIA DO FADO

(COM 13 ILUSTRAÇÕES)

LISBOA
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
R. Augusta 95 || 45, R. Ivans, 47
1908

JOHAY

marinheiros de guerra—ou sapatos de polimento, que era a moda das modas para os que tinham mais *maco* ou mais *massa*, como diriam hoje, e *cachucho* (anel) de latão ou de oiro no indicador ou no annular. *Le chic type!* . .

O seu penteado — que não era certamente devido á arte capillar do Baron, do Godefroy ou do Filisbert — consistia em trazer o cabello cortado de meia cabeça para traz, mas comprido para diante, de maneira que formasse melenas ou *bellezas* empastadas sobre a testa. Desnecessario será dizer, que os toutiços assim preparados não faziam lembrar as cabeças doutrinarias de Guizot e de Royer-Collard, nem as cabeças catitas de Antonio da Cunha ou do Villar Perdizes. . .

O fadista usava, frequentemente, tatuagens ou desenhos impressos na epiderme, que elle ou algum artista anthropographo traçava nas mãos, entre o indicador e o pollegar, nos braços e no peito, illuminuras a carmin que representavam âncoras, navios, guitarras, flores, animaes, inscrições diversas, corações traspassados, corações unidos, a cruz, as Cinco Chagas, o signo saimão, e outros emblemas amorosos, religiosos, metaphoricos e phantasistas. ¹

¹ A operação da tatuagem pratica-se por meio de tres agulhas fixas a um cabo de madeira ou simplesmente unidas por um fio, e previamente embebidas n'um liquido còrante, que póde ser tinta da China, tinta de eserever, carvão triturado, polvora moida ou azul das engonmadeiras. Applicam-se por meio de picadas dirigidas obliqua ou perpendicularmente, e, para estas serem inapagaveis, devem attingir os ganglios lymphaticos. Entre nós, os tatuadores existem em geral, nas cadeias, nos quarteis e nas populações maritimas. Nem só as classes baixas se tatuam. No numero dos tatuados contam se alguns membros da familia imperial russa, a princeza Valdemar da Dinamarca, o principe Henrique da Prussia, Lord Chesterfield, *Lady* Randolph Churchill, etc. Em Londres, ha virtuosos da tatuagem japonezes e dois operadores afamados no genero: Alfred South e Macdonald.

13 Café/Valorização

Nota de pesquisa; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (10,4 x 6,7 cm), borda superior picotada.

Nota da edição: A indicação: “nº 43 p 422” remete ao livro *História do Brasil (1500-1627); por Frei Vicente do Salvador, natural da Bahia* (Nova ed. rev. São Paulo: Weisflog Irmãos, 1918). Apesar de pinçar a citação do 1º parágrafo da p. 422, o exemplar pertencente a MA não possuía nenhuma marca. Ao reescrever a primeira parte do romance, o escritor não acha o ponto adequado para inserção desta nota e, portanto, não a desenvolve. Segue, o fac-símile da capa, folha de rosto e p. 422 .

13 Café
Valorização.
nº 43 p 422
Frei Vicente do Sal-
vador já dizia
o mesmo do
assucar: “mas
que aproveita fa-
zer-se tanto assu-
car si a cópia lhe
tira o valor e dão
tão pouco preço por
ele que nem o custo
se tira?”

13 Café

Valorização.

nº. 43 p 422

frei Vicente do Sal-
vador já dizia
o mesmo do
assucar: “mas
que aproveita fa-
zer-se tanto assu-
car si a cópia lhe
tira o valor e dão
tão pouco preço por
ele que nem o custo
se tira?”

FREI VICENTE DO SALVADOR
HISTORIA DO BRASIL
1500-1627

NOVA EDIÇÃO
REVISTA POR CAPISTRANO DE ABREU

EDITORES-PROPRIETARIOS WEISZFLOG IRMÃOS S. PAULO E RIO

1918

MARIO DE ANDRADE

F	I
c	48

HISTORIA DO BRASIL

POR

FREI VICENTE DO SALVADOR

NATURAL DA BAHIA

NOVA EDIÇÃO

REVISTA POR CAPISTRANO DE ABREU

Editores-proprietarios
WEISZFLOG IRMÃOS
S. PAULO E RIO
1918

3.953

na Bahia cincoenta, em Pernambuco cento, em Tamara-cá dezoito ou vinte, e na Parahiba outros tantos; mas que aproveita fazer-se tanto assucar si a copia lhe tira o valor, e dão tão pouco preço por elle que nem o custo se tira?

A figura das entrosas e engenhos de assucar, que agora se usam assim de agua, como de bois, é a seguinte.

Neste mesmo tempo que governava a Bahia D. Diogo de Menezes, entrou nella por fazer muita agua uma náu da India, da qual era capitão Antonio Barroso, vindo primeiro em um batel a remos o mestre, que havia ido no galeão o anno passado, chamado Antonio Fernandes, o máu, a pedir soccorro, porque vinha a náu por tres partes rachada e já com quatorze palmos de agua dentro. E o governador mandou logo duas caravelas com pilotos praticos que a trouxessem ao porto, o que não bastou pera que com a corrente da maré que vasava não se encostasse em uma baixa, onde por evitar maior damno lhe cortaram os mastos e descarregaram com muita brevidade e, depois que de todo esteve descarregada, vendo que não tinha concerto, lhe mandou D. Diogo pôr o fogo, chegando quanto puderam á terra pera se aproveitar a pregadura, como se aproveitou muita.

A fazenda se entregou ao provedor-mór, que então era o desembargador Pero de Cosceno, o qual sobre isso foi mandado do reino que fosse preso, como foi. E, pelejando no mar com um cossario o feriram em um pé, de que ficou manco; mas no que toca á fazenda, livrou-se bem. A qual mandou el-rei cá buscar em sete náus da armada por Feliciano Coelho de Carvalho, capitão-mór que havia sido da Parahiba, e a levou a salvamento.

Café 4ª parte/ 15 ~~Final~~

Nota de planejamento, autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel branco (14,3 x 10,5 cm), borda superior picotada; folha presa originalmente à da próxima nota por alfinete de cabeça. Nota MA: em autógrafo a grafite, no canto superior esquerdo: “15” e “4ª parte”. Nota da edição: A nota inicialmente pensada para o “Final” é modificada para a “4ª parte”. O escritor opta por fazer de Chico Antônio vítima do “Sequestro da Dona Ausente” já no final da primeira parte do romance. No entanto, ao invés de morrer, na 1ª versão, o coqueiro transforma em embolada uma das cantigas ligada ao tema e na 3ª versão, suprime a cantiga e a embolada, mas mantém a temática.

15 Café 4ª parte
Final
Será talvez se travante fazer
Chico Antônio morrer após
quando em Santos, continua o
sequestro da Dona Ausente.
Na parte central, como ele,
vai mesmo a Santos e ai
trabalha um tempo, trazen-
do a vista do mar ele tem
uma saudade d'ela do
Nardente. Não vê nela o mar
do Nardente no mar de San-
tos, mas vê a cantiga e
o navio. Ele vê o mar no
porto e do outro lado de lá,
é que ele tem vontade de ir
pra encontrar com uma mu-
lher que na certa está lá.
Depois ele se afortunou, a
saudade desaparece. No
Final então, ele deixa São
Paulo (sem saber se traba-
lhando no Meyrick-Santos)
e chega em Santos. Foi muito
tempo que ficou, mais, triste,

após o sequestro
sempre, bem mais feio, sem o
alívio e o alívio do seu
clar. O dia está frio, am-
do chuva e o mar é horrível.
O Antônio em S. Vicente quando
a tempestade vai. Uma barca
se portuário. A um relâmpago
adquire certeza que uma mu-
lher está no meio da barra,
então uma canoa. É
lá para ele e é linda.
Então embarca e parte. A lu-
ta é terrível contra o mar da
barra. Os relâmpagos o giram
e ele não vê mais a mu-
lher mas tem certeza que
ela está por ali ou do outro
lado de lá. Qualra ne se-
mo. Afinal a canoa se
espedaça na ilha dos Pelos.
Ou quando pelo furo da
mvela, noite fechada, o Anto-
nio se perde do no alto mar.

Café 4ª. parte

15 ~~Final~~

Será talvez interessante fazer
Chico Antonio morrer afo-
gado em Santos, vítima do
Sequestro da Dona Ausente.
Na parte central, como êle,
vai mesmo a Santos e aí
trabalha um tempo, chegan-
do á vista do mar ele tem
uma saudade dôida do
Nordeste. Não que veja o mar
do Nordeste no mar de San-
tos, mas vê a caatinga e
o sertão. Ele vê o mar no
porto e do outro lado de lá,
é que êle tem vontade de ir
pra encontrar com uma mu-
lher que na certa está lá.
Depois ele se acostuma, a
saudade desaparece. No
Final então êle deixa São
Paulo (quem sabe si traba-
lhando no Mayrinck-Santos
e chega em Santos. Faz muito
tempo que banza, magro, triste
sujo, bem mais feio, sem di-
nheiro e sobretudo sem mu-
lher. O dia está feio, anuncian-
do chuva e o mar bravissimo.
C. Antonio em S. Vicente quando
a tempestade cai. Uma barca
no portinho. A um relampago
adquire certeza que uma mu-
lher está no meio da barra,
lutando numa canoinha. E-
la vem pra êle e é linda.
Então embarca e parte. A lu-
ta é terrível contra o mar da
barra. Os relampagos o guiam
e êle não vê mais a mu-
lher mas tem certeza que
ela está por alí ou do outro
lado de lá. Quebra-se um re-
mo. Afinal a canoinha se
espedaça na ilha das Palmas.
Ou enganado pelo farol da
suvela, noite fechada, C. Anto-
nio se perde lá no alto mar.

Aparato genético. Etapas e rasuras

A¹: +4ª. parte+

A¹: +15+ >Final<

4ª parte

Nota de planejamento; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (14,5 x 10,4 cm), borda superior picotada; nota anexada à anterior por alfinete de cabeça.

Nota da edição: presa por alfinete de cabeça à nota anterior que trata dasobre o “Sequestro da Dona Ausente”, não chega a ser utilizada.

4ª parte ...
Não. Isto será quando no início da 4ª parte, Carlos fugindo de Maria encontra Chico Antonio que já largara dele na 2ª parte, e o agrega à sua pessoa. (C. Antonio ficará pouco com ele, e o deixa pelo serviço do Católico). Nesse 1º encontro de Carlos com C. Antonio é que conto qual foi a vida deste, em S. Paulo e Santos, depois que fugira da fazenda. Atingiu

4ª. parte

Não. Isto será quando no início da 4ª. parte, Carlos fugindo de Maria encontra Chico Antonio que já largara dele na 2ª parte, e o agrega à sua pessoa (C. Antonio ficará pouco com ele, e o deixa pelo serviço do Católico). Nesse 1º. encontro de Carlos com C. Antonio é que conto qual foi a vida deste, em S. Paulo e Santos, depois que fugira da fazenda. Atingiu

todas as desmoralizações, vendeu bilhete de loteria, foi macho pago de um homossexual em Santos, trabalhou na pelota etc. Contar Nedim

todas as desmoralizações, vendeu bilhete de loteria, foi macho pago de um homossexual em Santos, trabalhou na pelota etc. Contar Nedim

20 Café/ Introdução

Nota de pesquisa; autógrafo a tinta preta e a grafite; 1 folha de papel branco (14,1 x 10,4 cm), borda superior picotada.

Nota da edição: A indicação “nº 217” corresponde ao livro de Thomas Davatz. *Die Behandlung der Kolonisten in Provinz St. Paulo in Brasilien; und deren Erhebung gegen ihre Redrücker...* (Shur: Drud von Leonh, 1858), cuja folha de rosto segue em fac-símile. Na “Bibliografia para *Na pancada do ganzá*”, ao lado do título, uma nota indica que o exemplar consultado pertencia à biblioteca de Yan [João Fernando] de Almeida Prado, escritor e bibliófilo amigo de MA, cujo acervo, pertence ao patrimônio do IEB desde 1962. O exemplar não traz, logicamente, qualquer anotação marginal de Mário, leitor/ bibliófilo no livro do amigo. A nota de pesquisa, identificada pelo número “20” é também assim indicada quando, na página 28 da 1ª versão da primeira parte do romance, o escritor encontra o momento para utilizá-la. Na passagem do texto para a 3ª versão, apesar da nota indicar “o livro todo”, o trecho inserido é praticamente idêntico ao que já estava na nota: “Em meio século, tinham mudado totalmente as circunstâncias que ditaram as lamentações do colono Davatz, nas primeiras tentativas de colonização entre nós. Então os colonos pouco se distinguiam dos escravos, hoje pouco dos senhores.” Como a criação está em constante mutação, o acréscimo passa novamente pelo crivo do leitor/escritor que, finalmente, o exclue, rasurando com o lápis azul.

20 Café
Introdução
Exigências dos colonos e
dos conselheiros aos fazendeiros
As circunstâncias em
meio século tinham mudado
totalmente daquelas
que em que o colono
Davatz (n.º 217 o livro todo)
se lamentava em nome
seu e dos patrícios nas
tentativas de colonização
~~ganzá~~ sua então
fazia o senador Vergueiro.
Então os colonos pouco
se distinguiam dos
escravos, hoje pouco,
dos senhores.

20 Café

Introdução

Exigências dos colonos e dos consulados dos fazendeiros.

As circunstâncias em meio século tinham mudado totalmente daquelas ~~que~~ em que o colono Davatz (nº 217 o livro todo) se lamentava em nome seu e dos patricios nas tentativas de colonização suíça que então fazia o senador Vergueiro. Então os colonos pouco se distinguiam dos escravos, hoje pouco, dos senhores.

(A): #^que^# em que

A¹: *germanica* que

Die
Behandlung der Kolonisten

in der Provinz St. Paulo in Brasilien

und

deren Erhebung gegen ihre Bedrucker.

Ein Roth- und Hilfsruf an die Behörden und Menschen-
freunde der Länder und Staaten, welchen die
Kolonisten angehörten.

Dargestellt von dem ehemaligen Kolonisten

Thomas Davatz.

Chur 1858.

Druck von Leonh. H. H.

2641

23 Café

Nota de pesquisa; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (10,5 x 6,8 cm), borda superior picotada.

Nota da edição: A nota remete à *Revista da Academia Brasileira de Letras* (nº 34, Rio de Janeiro, outubro de 1930), ao exemplar em que a página 216 citada pertence ao artigo de Rodrigues de Carvalho “Língua Nacional”. O texto, organizado em verbetes, traz “contribuição de diversas origens, compreendendo modismos, hibridismos, plebeísmos e particularidades idiomáticas”. A expressão “nem mode coisa” e o exemplo citado por MA encontram-se no verbete “Não se dar por achado” que é assim definido: “Não fazer caso do que lhe acontece. João Ribeiro diz que neste caso achar vale por achacar. Assim o dar-se por achado, é dar-se por achacado, por ofendido. O nosso povo tem uma expressão muito original para esse estado de indiferença e diz: nem mode coisa. ‘Cortei o burro na espora, e ele nem mode coisa, não saiu do lugar’. ‘O patrão passou-lhe uma sarabanda assim e o sem vergonha nem mode coisa... Não se deu por achado’”. Na página 39 da 1ª versão da primeira parte, sem encontrar o lugar mais adequado para inserir a expressão, o escritor anota na margem esquerda “pôr por aqui.....(23)”, justamente no trecho em que ocorre diálogo dos personagens Chico Antônio, seu João e Nedim. No entanto, a 3ª versão se realiza com algumas substituições de palavras, mas sem o acréscimo da expressão nordestina. Segue o fac-símile da capa e p. 216 da revista.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

23 Café
“nem mode coisa”
expressão nordes-
tina/ “[~~Aeh~~] Cortei
o burro na espora
e ele nem mode
coisa, não saiu
do lugar”

Rev. da Academia
X de 1930
p 216

(A): nordes-/tina ^*[Achr]*^ Cortei

(A): >*N[°]*< Rev.

ANO XXI

OUTUBRO — 1930

N.º 106

REVISTA
DA
Academia Brasileira
DE
Letras

(PUBLICAÇÃO MENSAL)

VOLUME XXXIV

SUMARIO

- 1—FREDERICO MISTRAL — Gustavo Barrozo e Affonso Celso.
- 2—UMA VIAJEM AO NORTE DO BRAZIL — Humberto de Campos.
- 3—DOIS DISCURSOS — Gustavo Barrozo.
- 4—HISTORIA DA ACADEMIA BRAZILEIRA DE LETRAS.
- 5—A VOLTA DO CARDEAL — D. Aquino Corrêa.
- 6—INELEJIBILIDADE DE SENHORAS — Constancio Alves.
- 7—UM PASSEIO EM PARIS COM DOMICIO DA GAMA — Heitor Lyra.
- 8—LINGUA NACIONAL — Rodrigues de Carvalho.
- 9—EPISTOLARIO ACADEMICO — Cartas a Euclydes da Cunha.
- 10—REZUMO DAS SESSÕES DO MEZ DE SETEMBRO DE 1930.

EDIÇÃO DO
ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

sentido: «*arredar* da fazenda a herança; excluir (para não ter parte nos bens)».

ACATRUZAR — Castigar, causar dano, acintozamente, inventar constantes torturas contra alguém. «Certo homicida disse perante a autoridade ao se lhe formar a culpa: «Mandei-o p'r'o céu porque vivia a me *acatrizar* constantemente». Brunswick consigna o verbo *atrizar*, significando «encafiar».

ARRANJO — Termo muzical: arranjar a muzica, dispôr a peça em varias partituras.

FAZER UNS ARRANJOS — Acertar negocios, adquirir objetos, viveres nas feiras.

ARMAÇÃO — O conjunto de prateleiras de uma loja.

ATIRAR UMA VERDE PARA COLHER UMA MADURA — Modismo popular que significa fazer uma interrogação capiciosa para obter injenua resposta.

ACHADO — Coiza preciosa que se encontra sem se esperar. «Foi um *achado* esse documento».

BEM ACHADO — Descoberto com excelente aplicação. Equivale ao «bem cavado», isto é, obtido apóz investigações constantes.

NÃO SE DAR POR ACHADO — Não fazer cazo do que lhe acontece. João Ribeiro diz que neste cazo *achar* vale por *achacar*. Assim o *dar-se por achado*, é dar-se por achacado, por ofendido. O nosso povo tem uma expressão muito original para esse estado de indiferença: e diz: *nem mode coiza*. «Cortei o burro na espora, e ele *nem mode coiza*, não saiu do lugar». «O patrão passou-lhe uma sarabanda assim... e o sem vergonha *nem mode coiza*... Não se deu por *achado*».

ARRANHAR — Falar mal uma lingua estranha, dizer algumas palavras: «Elle *arranha* o francez».

ABARROAR — Investir o cão contra alguém. Brunswick

Português

Nota de pesquisa, datiloscrito original, fita preta; 1 folha de papel jornal (16,9 x 22,0 cm); borda irregular; perfuração por inseto; presa originalmente, por alfinete à próxima nota.

Nota da edição: Trecho transcrito por MA do fim da página 65, início da 66, do volume I do livro de Auguste de Saint-Hilaire, *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes* (Paris: Grimbert et Dorez, 1830). Não pudemos verificar anotações de leitura porque não se localizou na biblioteca de Mário de Andrade o exemplar da obra; segue o fac-símile da capa, folha de rosto e páginas 65 e 66.

Tradução: Foi como negociantes em vendas que muitos portugueses europeus de classe inferior começaram sua fortuna. Esses homens que em geral se distinguem por uma extrema economia, gozam de uma espécie de abandono que caracteriza os americanos, e enriquecem às suas custas fingindo desprezá-los. Porém, com muita frequência, os bens desses parcimoniosos Europeus são dissipados por seus filhos que, nascidos na América, tomam os costumes e o espírito de sua pátria; e assim, vemos se realizar o provérbio repetido no Brasil: O pai taberneiro; o filho cavalheiro; o neto mendicante.

Português

C'est en tenant des vendas que beaucoup de Portugais européens, d'une classe inférieure, ont commencé leur fortune. Ces hommes, qui généralement se distinguent par une extrême économie, profitent de l'espèce d'abandon qui caractérise les Américains, et s'enrichissent ~~bien~~ à leurs dépens, en affectant de les mépriser. Mais les biens de ces parcimonieux Européens ont été trop souvent dissipés par leurs enfans qui, nés en Amérique, prennent les moeurs et l'esprit de leur patrie; et l'on voit ainsi se vérifier ce proverbe répété chez les Brésiliens: "O pai taberneiro; o filho cavalheiro; o neto mendicante" (le père cabaretier; le fils chevalier; le petit-fils mendiant).

A: >bien< à

VOYAGE
DANS LES PROVINCES
DE RIO DE JANEIRO
ET
DE MINAS GERAES;

PAR AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE,

Chevalier de la Légion-d'Honneur, membre de l'Académie royale des Sciences de l'Institut de France, des Sociétés philomatique et d'Histoire Naturelle de Paris, de la Société Linnéenne de Londres, de l'Académie de Lisbonne, de la Société des Sciences Physiques de Genève, de l'Académie Léopoldine, de la Société des Sciences Physiques d'Orléans, etc.

TOME PREMIER.

PARIS.

GRIMBERT ET DOREZ, LIBRAIRES,
RUE DE SAVOIE, N° 14.

1830.

L 1193

derrière un comptoir qui fait face à la porte, et c'est sur ce comptoir qu'il distribue aux buveurs le tafia appelé *cachaça*, dont le goût détestable participe de celui du cuivre et de la fumée. On ne trouve dans les *vendas* aucun siège, et par conséquent on est obligé de s'y tenir debout. C'est là que les esclaves passent une grande partie des instans de liberté qu'on leur accorde et de ceux qu'ils peuvent dérober à leurs maîtres; c'est là qu'ils apportent le fruit de leurs larcins, dont les propriétaires de *vendas* n'ont peut-être été que trop les complices; c'est là qu'ils achèvent de se corrompre, en se communiquant réciproquement leurs vices, et qu'ils oublient, en buvant, leur esclavage et leurs misères. Rien n'égale le bruit confus et discordant qui règne dans les *vendas* très-fréquentées : les uns rient, les autres se disputent; tous parlent avec volubilité : celui-ci, sans remarquer ce qui se passe autour de lui, danse en trépignant des pieds; celui-là, appuyé nonchalamment contre la muraille, chante d'une voix juste un air barbare, en s'accompagnant d'un instrument plus barbare encore. C'est en tenant des *vendas* que beaucoup de Portugais européens, d'une classe inférieure, ont commencé leur fortune. Ces hommes, qui généralement se distinguent par une extrême économie, profitent de l'espèce d'abandon qui caractérise les Américains, et s'enrichissent à leurs dépens, en affectant de les mépriser. Mais les biens de ces parcimonieux Européens ont été trop souvent dissipés par leurs enfans qui, nés en Amérique, prennent les mœurs et l'esprit de leur patrie; et l'on

TOME I.

5

voit ainsi se vérifier ce proverbe répété chez les Brésiliens : *O pai taberneiro; o filho cavalheiro; o neto mendicante* (le père cabaretier; le fils chevalier; le petit-fils mendiant).

Les seuls mulets sont employés au transport des marchandises qui sortent de la province des Mines et de celles que les habitans de cette province tirent de la capitale. On donne le nom de *tropeiros* aux hommes qui conduisent les troupes de mulets destinés à faire ces voyages et d'autres semblables. Les caravanes un peu considérables sont divisées en lots de sept mulets, et chaque lot est confié à la conduite d'un nègre ou d'un mulâtre qui, marchant derrière les animaux dont il est chargé, les excite et les dirige par ses cris ou par un sifflement assez doux. On a coutume de faire porter aux mulets huit arobes (environ 240 liv.); et, pour ne les pas blesser, on égalise leur charge avec le plus grand soin. Chaque caravane qui arrive sous un *rancho* y prend sa place; les mulets sont bientôt déchargés; on range les marchandises avec ordre; chaque bête reçoit sa ration de maïs; on les mène au pâturage; on raccommode leurs bâts, et l'on redresse les clous destinés à les ferrer. Pendant ce temps, le plus jeune de la troupe va chercher de l'eau et du bois, allume du feu, il plante autour trois bâtons qui se rencontrent à leur sommet, il les attache, y suspend une marmite, et fait cuire les haricots noirs destinés au souper du jour et au déjeuner du lendemain. Les muletiers des différentes caravanes se rapprochent, se racontent leurs voyages, leurs aventures

Portugueses

Nota de pesquisa; autógrafo a grafite; 1 folha de papel branco (10,6 x 6,8 cm), borda superior picotada; presa originalmente, por alfinete de cabeça, à nota anterior.

Nota da edição: Funcionando como um fichamento, a anotação inclui a informação de interesse do texto publicado no periódico, dispensando, deste modo, a necessidade de acrescentar o recorte ao dossiê.

Portugueses -
O barão Forth Rouen
(Jornal do Comercio, Rio, 27-
VII-30) numa das duas
cartas sobre a Baía (1847)
diz que todo o comercio da
cidade e do Brasil es-
tava nas mãos dos por-
tugas. "Os brasileiros
ainda mais vaidosos e
preguiçosos que os habi-
tantes de Portugal, que
êles desprezam, vivem
numa apatia e numa
ignorancia completas".

Portugueses

O barão Forth Rouen
(Jornal do Comercio, Rio, 27-
VII-30) numa das duas
cartas sobre a Baía (1847)
diz que todo o comercio da
cidade e do Brasil es-
tava nas mãos dos por-
tugas. "Os brasileiros
ainda mais vaidosos e
preguiçosos que os habi-
tantes de Portugal, que
êles desprezam, vivem
numa apatia e numa
ignorancia completas".

ANDRADE, Mário de. A NEGRADA. *Movimento brasileiro*. a. 2, nº 16. Rio de Janeiro, abr. 1930, p. 10-12 (ilustração de Di Cavalcanti).

Nota da edição: O número 16, da revista carioca, que estampa A NEGRADA foi guardado pelo escritor em sua biblioteca. Este exemplar de trabalho mostra o fragmento do romance *Café* com traços que destacam trechos e na margem esquerda da p. 10, sinônimos da palavra “chinfim”, estampada no texto, “algazarra/ desordem” como uma possível substituição. Ao contrário de DOIS SÍRIOS, MA não seleciona para integrar o manuscrito de *Café* este exemplar de trabalho, documento anexado pela pesquisa.

A NEGRADA

(DO ROMANCE «CAFE»)

MARIO DE ANDRADE

As sociedades de negros sempre deram entre nós o exemplo do desperdício moral e do chinfrim. Uma das mais curiosas foi a mantida muitos meses numa rua escusa da Barra-Funda. Fazia de presidente perpétuo um mulato da maior mulataria, baiano emigrado, com mais carnes e gordura que os quarenta anos da mulher argentina. Os «cavalheiros» que o ajudavam eram uma súcia de espertalhões criminosos. A sociedade parecia um baile mas se mantinha á custa de roubo. Ao contrário de todas as congeneres, as damas é que pagavam, tendo por compensação o direito de escolher cavalheiro prás danças e pra depois das danças. Não havia mensalidade estipulada nem

aceitavam sócia que não fosse criada. Nos dias de baile, elas entravam, e iam sentando. Procedia-se então á coleta. O presidente, acompanhado pelo segundo secretário e segundo tesoureiro (os primeiros apenas escrituravam duma maneira policiável os movimentos sociais), na frente duma mesinha coberta com um pano-de-chá muito fino, tocava num gongo de prata. A zoadá parava e o orador oficial saudava o belo-sexo. Depois é que principiava o que eles chamavam a «dispensa» pra dançar. As damas vinham, uma por uma, e deixavam sobre as rendas da toalha, anéis, estatuetas, colheres de prata, gravatas, combinações, guardachuvas, broches, tudo. O dispenseiro vinha, arrebanhava os objectos, pra em

seguida o presidente encerrar a dispensa com um discurso de congratulações em que salientava o procedimento da «senhorinha» Rosalia que truxera um anel cabochão, a «senhorinha» Eloisa que se «dispensava» sempre com facas e garfos de prata, assim sim! mademuazéles que haviam de «se ilustrar pela dedicação á nossa Sociedade e a haviam de elevar apesar de tantos precarços da nossa vida contemporânea. Tenho dito».

Aliás estava se dando uma manifestação notável entre a gente de raça negra no Estado e especialmente na capital: uma especie de sequestração meia inconsciente das outras raças. Iam rareando cada vez mais as uniões legais entre pretos e individuos de qualquer outra cor. Apesar da vastíssima proporção de leões, arabes, estonianos, alemães, russos, polacos, sempre o italiano inda predominava aqui. Ora o italiano jamais demonstrara, mesmo vindo viver em terra americana, o mesmo alvoroço amoroso que portugueses e franceses diante do corpo negro. Uma simples questão de tendencia fisiologica, parece, pois que, apesar de raros os casamentos entre pretas e italianos (o contrario inda era mais raro), não se criara nenhum preconceito de cor, capaz de preparar uma futura questão negra. Porém a sequestração vaga, obscura, não determinada mas real, ocasionara nos individuos de cor um por assim dizer isolamento sexual que os fez de novo se voltarem pra si mesmos e se reunirem em tribus, sociedades, companheirices que, embora sem a mais minima intenção de classe, de raça ou reivindicação social, se compunham exclusivamente de pretos. Um ou outro branco raro que se aventurava nessas rodas, a não ser que tivesse mesmo uma constancia prodigiosa de audacia, não conseguia sustentar-se nelas, principalmente porque a negrada brasileira, bem aceita em qualquer meio e não sofrendo de nenhuma humilhação de cor, não alimentava o desejo de clarear a pigmentação. Eles mesmo blagueavam sobre a cor que tinham, desinteressados, sem amargura nenhuma se chamando de «jaboticabas». O branco não tinha nesses clans negros nenhum prestigio especial. Antes se via espesinhado como individualidade porque a beleza e elasticidade fisica dos parceiros negros, a natural loquacidade viva destes, deixavam o branco aventurado nessas rodas, numa subalternidade enorme de brilhação.

E' possivel que o simples fenomeno visual da cor proporcionasse a esse recrudescimento negro uma apparencia estrondosa que elle estava longe de ter na realidade estatística, porém era incontestavel que o fenomeno desmentia a visão... optimista dos sociologos profetizando, pra breve o total desaparecimento da raça negra no Brasil. Os fatos paulistas faziam antes prever um apuramento novo da raça entre nós; e si de fato, como afirmavam os etnografos, o tipo negroafricano puro já estava mais que raro no pais, era possivel imaginar que testemunhávamos a fixação dum tipo novo, o do negrobrasileiro puro.

Contra isso apenas vinha se opor, em dose que ainda não se podia garantir sufficiente, a mudança de costumes que o tempo novo, o americanismo e a falta de organização tradicional dos negros, estava criando aqui. A liberdade de costumes afeta logicamente muito mais os ignorantes e sem tradição. Isso a gente notava muito entre os clans de negros paulistas, na grande maioria caídos numa promiscuidade, numa bandalheira social gosada mas traiçoeira. A religião que entre elles, sempre conservados na ignorancia, fôra apenas religiosidade supersticiosa fundamentada numa confusão de assombros catolicos e miticos, não prendia sinão muito poucos. Estes se resguardavam mais honestos sob a Confraria do Rosario, tendo á frente algum zumbi arranjado, com vasto correntão de ouro no colete. Nos mais a crença, quando inda existia, era apenas episodica, cedendo ao primeiro convite da vida.

O conceito de familia inda podia se dizer mais vago nesses descendentes de escravos, cuja unica familia fôra o senhor de que herdavam o nome. Nenhuma tradição de nenhuma especie defendia esses pobres. E o que o mundo, lhes mostrava de brilhante era a liberdade de maneiras, a ostentação combativa do corpo e do luxo, um instinctivismo sem lei. Assim, imitavam ridiculamente os brancos, exagerando naturalmente o que os patrões e os jornais mostravam; e o que nos brancos era ostentação, descambava neles pro mais irrisorio despudor, o que era instinctivismo em animalidade, a liberdade de costumes em bandalheira completa. Desaparecidos os tipos populares de bebidas macrobias, agora o que a gente via com frequencia eram pretas novinhas ainda, em plena

D. H. LAWRENCE

TEIXEIRA SOARES

O que distinguia, antes de tudo, D. H. Lawrence — cuja morte ocorreu, ultimamente, em Vence, no sul da França —, entre os melhores escriptores da literatura moderna ingleza, era o sentimento tragico da vida. Seria preciso dizer, para que esse conceito não se perdesse no vago que, melhor do que qualquer outro, Lawrence tinha esse sentimento exasperado da vida em profundidade. Os seres nos seus romances agitavam-se como creaturas marinhas nas profundezas oceanicas. O livre arbitrio lhes faltava. Elles existiam por qualquer coisa que se poderia comparar a um fatalismo atroz, perfido e

sombrio. Por isso, as suas figuras têm uma vida tão intensa, que julgamos que seja a nossa propria vida, com as suas raizes tentaculares lançadas sobre o solo, o passado, as tradições de toda a sorte. Quando elle publicou em 1912 o seu extraordinario *Filhos e Amantes*, Henry James, então no fastigio da sua gloria, saudou vehementemente o escriptor que se lançava com um trabalho tão grande, hoje uma das obras primas da literatura ingleza do seculo XX. Seria descabido dizer que Lawrence tivesse sofrido a acção impiedosa dos russos. Que os lia, sabemos pelos seus preciosos ensaios. Não ha

rua hebedas, se encostando nos tranzeúntes com grandes risadas e convites. A brincadeira acabava no xadrêz, quando realisada em pleno dia, ou em fabulosas noites de gôso si, protegido pela condescendencia do escuro, algum mais safoado as tomava pra si, aproveitando as inconscientes pra ir saber como eram certos passes menos pagaveis do amor.

Recrudescia com tudo isso o meretricio negro, dantes tão raro na circumspecta S. Paulo, em que sempre fôra pedra de escandalo um branco nacional de posição que, diziam, era apreciador de pretas. Negrinhas barateiras, de corpo alinhado e sempre limpo apesar delas preferirem o meretricio de rua, por mais semostrador e divertido que o de espera.

O lugar mais apreciado por elas eram os jardins do Anhangabaú. Jardins escurissimos em que a pessima iluminação paulistana inda se via estorvada pelas árvores baixas e folhudas, eram perfeitamente propicios ás negrinhas. Não que elas se envergonhassem de si, mas a escuraleza lhes protegia os amadores brancos que inda guardavam algum preconceito.

Por ali passavam muitos dos que bus-

cavam a praça Verdi pra se orientar nos divertimentos da noite. E da praça vinham muitos buscando as aventuras da noite. As negrinhas passeavam, passeavam num vagamundear galinaceo, passos irregulares, ritmo incomparavel. A' vezes era até a báata vermelha que parava mais adiante. A safadinha nem apressava o andar. Fechando os ombros, num gesto elegante apertando com as mãos cruzadas a gola de pele do casaco, passando pelo motorista á espera, olhava com indiferença convidativa. Si chamada, vinha se debruçar na portinhola do auto, sabendo responder com voz arrastada e sem medo. A conversa era curta no geral, e a safadinha deixava-se raptar por pouco preço. Já sabiam de cór que automovel não queria dizer riqueza alguma.

Em noite de sábado principalmente, o Anhangabaú era um viveiro de contratos dêsses. E contrastava ironicamente com o luxo dele a qualidade dêsses contratos. Mas sempre regorgitava curiosissimo. E dele é que no curiangular do seu vôo curto, espraia-se até a praça Verdi o rebotalho do meretricio e da vadiagem paulistana.

CUNHA, C. A. Nobrega da. A SITUAÇÃO DO CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS/ OPINIÕES DO CÔNSUL BRASILEIRO EM CHICAGO SOBRE A ATITUDE DOS IMPORTADORES. s.n.t., 28 jul. 1929.

Texto de periódico, recorte (27,8 x 11,4 cm), matéria dividida em 2 colunas com 1 subtítulo; trecho de continuação de outra matéria cortada na diagonal no canto inferior esquerdo. Nota MA: autógrafo a grafite: data.

A situação do café nos Estados Unidos

Opiniões do consul brasileiro em Chicago sobre a attitude dos importadores

28-VII-29 C. A. Nobrega da CUNHA
(Enviado especial d'O JORNAL, do "Diário de S. Paulo" e do "Estado de Minas" aos Estados Unidos)

O dr. A. A. Delucca, que está dirigindo interinamente o consulado do Brasil em Chicago, conhece bem todos os negócios do café.

As suas opiniões, acerca da attitude dos importadores americanos, têm, por isso, dobrado valor.

— "Os importadores de Chicago — escreveu, na sua entrevista, o consul brasileiro — sempre se têm mostrado muito cederes em suas attitudes para com o Instituto de Defesa do Café de São Paulo. Até os que acreditavam num fracasso não deixam de externar admiração pelos membros de seu directorio. Não dão credito ao que se diz a respeito de methodos menos licitos e, por vezes, expressam verdadeira confiança na sincera honestidade do Instituto. Quando falam nas pessoas directamente ligadas ao nosso aparelho de defesa, sempre o fazem em termos que deixam patente a alta consideração de que são mercedores.

O consumo de café neste paiz está aparentemente em constante progresso. A intensificação do cultivo no Brasil, auxiliada pelos methodos de estabilização do Instituto, reflectiu poderosamente no augmento das procuras.

Os importadores têm se conduzido como "gentlemen". A maior parte delles não se sente affectada pela obra da organização brasileira. Apenas uns poucos dizem que os seus freguezes protestam cada vez mais contra o preço do café, que está hoje mais alto do que nunca. Mas não se affligem com a possibilidade da baixa do consumo, nem jámais protestaram contra a média dos preços.

Um monumento em Paris ao maior poeta nacional da Polonia — Mickiewicz

(conclusão da 7ª pag.)

de sua fraternização a solidariedade de merces, cavados na Polónia, acenta o aliado e indistincto.

Mickiewicz, sua abençoada, tornando para um, torna-se um symbolo da França e da Polónia.

LE

deco

de,

er

Sentem em geral que hoje conseguem um producto mais efficiente e que se lhes assegura, com os planos do Instituto, uma melhora constante na qualidade do café.

Os interessados aqui comprehendem muito bem que sómente por intermedio do Instituto é que os preços se mantêm estabilizados. Ha alguns mesmo que sempre estão demasiadamente occupados com a venda da mercadoria para andar se importando com os preços.

UMA COISA SIMPLEMENTE ADMIRAVEL

Como é natural, julgo ser o plano do Instituto do Brasil, uma coisa simplesmente admiravel. As minhas observações feitas sobre a situação geral e as opiniões dos vendedores aqui, são as mais optimistas. Tanto o importador como o torrador do café brasileiro parece estar contente com a presente ordem de coisas.

Os homens interessados no café nesta cidade se podem dividir em tres grupos: os que acreditam ser o Instituto uma organização admiravel, mas que não podem comprehendere como se haverá no caso de um fracasso; os que têm o Instituto como prestando um grande auxilio tanto ao Brasil como aos Estados Unidos e que consideram certo o seu continuo successo e, finalmente, aquelles que não condemnar o Brasil por estabilizar o preço do seu producto principal, mas que receberiam alegremente a dissolução do Instituto de Defesa.

Segundo me parece, os que vêem a obra daquella organização com máos olhos estão em minoria.

Os admiradores commentam os planos com termos ardorosos. A mór parte das criticas que já se fez até agora tem sido facilmente contestada.

O importador correcto manifesta-se contrario ao jogo, conforme os planos do Instituto, que, segundo os proprios negociantes tende para a estabilização.

Os importadores de Chicago á vezes se mostram scepticos quanto a limitação do commercio exportador. Vêem nisso uma restrição no mercado ou uma diminuição nos abastecimentos para, dessa fórma, provocar a alta.

Mas, no entanto, não reclamam contra o facto de estar o Instituto conservando os preços numa base capaz de lhes permittir bons lucros. Multos delles admittem mesmo que talvez os plantadores estejam obtendo apenas um lucro razoavel sobre as suas mercadorias. Não lhes parece que os planos do Instituto, postos em pratica depois de longos annos de estudos, estivessem promptos para o fracasso. Pelo contrario, a idéa predominante entre elles é de que o plano resulta de uma evolução natural.

Mas o certo é que mesmo os que não concordam com os methodos do Instituto de Defesa, admiram o Brasil pelo facto de os ter adoptado."

MAIA, Raul de Araújo. A POSIÇÃO ATUAL DO CAFÉ. O Jornal. São Paulo, 28 jul. 1929.

Texto de periódico, 2 recortes, o 1º recorte, 33,3 x 27,5 cm, matéria dividida em 5 colunas com subtítulos; o 2º recorte, 24,0 x 11,8 cm, com 2 colunas; parte inferior direita do 2º texto cortada na diagonal, trecho de outro artigo. Nota MA: autógrafo a grafite no 1º recorte: data.

A POSIÇÃO ACTUAL DO CAFÉ

(Conclusão da 4ª pagina)
 dos o que lhes competia o que era
 ouro que entrava para o país.

De futuro, o café passa em transito por Santos, recebendo o país o ouro desfalçado da importância correspondente ao lucro dos intermediários e da diferença de preços que estes intermediários conseguiam obter para os seus committentes.

CAFÉS NOVOS E CAFÉS VELHOS

Este assumpto envolve uma outra verdade que aparentemente está sendo desmentida.

Era, fóra de qualquer duvida, que o café era tanto melhor quanto mais velho.

Havia fazendeiros ricos que só consumiam cafés de 7 annos, e só com estes se obsequiavam a pessoas gradas.

Hoje tenta-se provar que os consumidores reclamam cafés novos, evidenciando-se assim que estes são melhores do que aquelles.

A verdade dos factos é a seguinte:

No fim das safras, quando só se encontrava nos mercados cafés velhos, os compradores passavam a procurar cafés novos e assim logo que as safras se iniciavam faziam-se bons negocios para os cafés novos, que alcançavam preços de estimativa.

Entrada a safra nova, só havia cafés novos e estes iam perdendo a estimativa, que se passava para os cafés velhos, que não mais existiam.

Era uma consequencia da lei da offeria e da procura.

Hoje, com a retenção, acabaram-se no Brasil os cafés novos, só ha cafés velhos e a estimativa dos novos passou-se inteira e exclusivamente para os nossos concorrentes.

A meu vêr, este assumpto será facilmente removido com uma providencia muito simples. Quando fosse liberada nos reguladores uma partida de café, ficava ao arbitrio do possuidor retirar a partida que mais lhe conviesse, desde que fosse a mesma a quantidade de saccos.

Afim de attender a esta necessidade o Instituto Paulista, além dos reguladores no interior, fez contracto com diversas companhias particulares para exercerem as mesmas funcções.

No Estado do Rio, seria facilissimo, permitindo que os autorizados tivessem a liberdade de assim proceder.

No Estado de Minas, os serviços até hoje têm funcionado obscuramente e com muita confusão, mas com a criação do Instituto, actualmente em organização e entregue á competencia e boa vontade do dr. J. G. Pereira Lima, tão acertada-

mente escolhido, muito se tem a esperar.

CONCLUSÃO

Façamos, para concluir, um resumo dos conceitos expendidos.

a) a actual politica de defesa permanente foi sempre reclamada e em boa hora posta em pratica, dando os melhores resultados.

b) o augmento actual da produção, pondo de parte o augmento ficticio sujeito a desaparecer, não corresponde ainda ás necessidades do consumo grandemente augmentado;

c) não como medida economica para o café em si, mas como medida financeira para o país era de toda conveniencia, necessario mesmo, procurar-se a liquidação do actual stock dos reguladores;

d) a propaganda do café pelo Brasil tem dado optimos resultados, pois, apesar dos preços se manterem relativamente altos, o consumo está augmentando sensivelmente;

e) se houver uma baixa de preços, esta será passageira, pois, a produção diminuirá immediatamente e o consumo augmentará.

Sangrento desfecho de uma questão commercial

ALVEJADO. A BALA. PELO CONTENDOR. TOMOU-LHE A ARMA. FERINDO-O GRAVEMENTE — A PRISÃO DOS ACCUSADOS

A tarde de hontem, em Marechal Hermes, empenharam-se em lucto dois amigos de longa data, ambos negociantes, ficando um d'elles vemente ferido.

O facto, como era de esperar, sou admiração, visto ser conhecido de todos a amizade que os ligava.

Era proprietario de um estabelecimento a rua VI, naquella estação, o mercante Manoel Philippe de 47 annos de idade, brasileiro e residente á rua... Ha tempos, passou elle a seu amigo Augusto da... doso, de 29 annos de... guez, solteiro e tar... em Marechal Hermes.

Sendo grande a... não houve nenhuma... comprovasee a... ella puramente...

Tomando conta... gosto passou a... ctuar o pagar...

Por diversas... visitar o am... da importan... outro respo... curando a... quivar ao...

Os dias... te, até q... gico dea... Cans...

mou um... glia-se... ultimo...

A prin... oug... Am... re...

TAUNAY, Affonso de. A EVOLUÇÃO DO BENEFICIAMENTO DO CAFÉ/ O MONJOLO DE RABO. *Ilustração brasileira*. Rio de Janeiro, jul. 1929.

Texto de periódico (37,1 x 27,5 cm); texto em 2 colunas com 5 fotos; borda esquerda irregular com rasgo; marca de grampo.

J U L H O
1 9 2 9

Esta curiosa machina primitiva hoje abandonada e quasi, senão inteiramente, ignorada pelos nossos contemporaneos, já representou um passo vencido á frente, na industria do beneficiamento do café.

Quando a "preciosa rubiacea" do famoso super-chavão nacional, talvez o mais celebre e espalhado dos innumeros que correm pelos nossos Brasis, quando a preciosa rubiacea começou a ser cultivada nos districtos centraes do paiz, viram-se os productores em serios apuros para obter-se o descascamento do grão.

Recorreram ao processo da vara, como se opera com o feijão e sabe-se que em muitos logares faziam os fazendeiros passar a boiada nos terreiros por sobre as colheitas que seccavam ao sol.

Muitos productores houve que para a operação primordial da separação da casca e do grão appellaram para os serviços do modesto, humilde, incansavel e paciente monjolo, a velha e lerda machina cuja invenção a malicia secular anti-lusitana no Brasil quer a todo o panno que constitua o maior florão da inventividade mechanica portugueza, assim provocando um caso de "sic vos non vobis" pois é geralmente sabido que o monjolo é tão velho na China como exemplo o "chaduf", no Egypto.

E se os portuguezes a elle se apegaram e propagaram no Brasil é que o pilão hydraulico, de celeste invenção, se por um lado tem um rendimento util minimo é, por outro, a expressão mechanica da cordura, da complacencia, da obstinação no trabalho, da naciencia, da submissão aos máos tratos, da robustez e da eterna promptidão para o serviço.

Poço legitimo de virtudes o humilde monjolo, encerra no intimo de seus madeiros toscos, a alma extactica, soffredora e mystica do bonzo seu provavel inventor. Pois se é machina que se desengonça de meio seculo em meio seculo. Qual a outra que neste particular lhe leva a palma?

A questão é de se a fazer com determinadas madeiras! Só pede isto... Em Campinas, e em priscas eras, reza a tradição, deram-lhe um appendice caudal de pittoresco aspecto e tiraram-lhe o propulsor hydraulico, substituindo-o por um motor animado!

...Monjolo de rabo e uma fazenda de café em Campinas em 1836. Soledade, propriedade de Hercules Florence

A evolução do beneficiamento do café O monjolo de rabo Affonso Taunay

Era este um cavallinho a virar á roda, pobresinho! na mais enfiante e tediosa das fainas repisadas e neurasthenisantes, movendo um braço de almanjarra que

ia successivamente fazendo cair, sobre os coxos dos pilões a bateria conjugada dos monjolos de rabo.

E. o que illustra um quadro da collecção do Museu Paulista, reconstituição de Alfredo Norfini, o pintor italiano de bellas qualidades que se nacionalisou fundamente, delle existindo magnificos documentos de nossos aspectos colonias transportados pra a uma serie de lindas aquarellas.

Assim reconstituii diversas feições da velha industria do café e com a maior felicidade. Quicá esteja o negrinho que collocou no seu quadro, encarregando-o de manter a uniformização da marcha do pobre cavallinho fadado a incuravel neurasthenia, quicá esteja o moleque a philosophar sobre a natureza das suas

funções e no intimo a bem dizer o Altissimo recordando a phrase profunda de melancolica philosophia de seu velho parceiro africano: "A coisa "mais melhor" que Deus botou no mundo não foi fumo, nem cachaça, nem mulher, foi cavallo porque senão branco montava na nossa cacunda, de relho e espora".

O PILÃO MECANICO

Continuava a rubiacea a ferrar a morte á selva multiseccular dos valles do Parahyba e do Tieté. Ante a sua investida rolavam, vencidas aos golpes dos machadeiros, as immensas perobas, as colossaes braunas, os gigantescos jequitibás, as pluricentenares cabreuvras, cujos cernes, frequentemente contemporaneos de Colombo e de Cabral, lambidos pelo fogo, iriam lentamente apodrecer nas roças, onde se enfileiravam perfilados, os cafeeiros na soberbia de sua primeira mocidade e da eugenia conferida pela terra virgem e as condigões climatericas ideais para o seu vicejamento perfeito.

Augmentavam as lavouras e os monjolos, os monjolos de rabo e os carretões não venciam as colheitas. Foi então que os lavradores, para poupar a sua negrada, pensaram no beneficio

Beneficiamento primitivo do café pelo monjolo

Pintura de Alfredo Norfini

Collecção do Museu Paulista

ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA

mecânico do café obtido por intermédio do motor hidráulico.

O pilão se lhe afigurava o *nec plus ultra* em materia de mecanismo eficiente, o pilão commum, o velho pilão dos minerados de ouro; que a competencia do illustre Eschwege introduzira no territorio mineiro, nas lavras auríferas de Congonhas do Campo e de Congonhas de Sabará.

E assim, sob este modelo vetusto, se fizeram verdadeiras cathedraes de madeira, tão toscas quanto brutaeas, com aquelles lenhos immensos, que a matta offercia aos milheiros.

Nada mais simples do que tal machina: uma roda hydraulica conjugada a um rodete dentado transmittia o movimento a outra grande roda dentada com que se engranzava o rodete.

Era elle que punha em andamento um eixo armado de aspas cuja rotação transformava o movimento circular continuo em rectilineo alternativo, aproveitado para se alvarem as mãos de pilões.

Estas, ferradas na ponta, cahiam sobre os coches onde o café em coco se depositava e onde, em breve, estava em condições de ser ventilado.

Estupendo machinismo! Glorificador excelso do attrito de escorregamento! Relicario de resistencias passivas! Como que punha o ponto de honra em aproveitar o minimo da energia motora que lhe era fornecida. Mas era esta enorme e de graça e o material de fabricação da machina não tinha preço.

Escravos carapinas que fazenda não os tinha? A despesa era só da ferragem. E depois tudo ia tão devagarinho naquelles bons tempos. O importante era qu'eo café sahisse com bom typo e sob este ponto de vista nada havia a exprobar ao rude pilão.

Derrubada em Campinas, em 1836, para plantação de café
(Desenho de Hercules Florence)

Tudo é de madeira. Nada mais simples nem nada mais tosco!

Pertencia esta machina ao Major Manuel de Freitas Novaes, de Cruzeiro, que em seu tempo foi dos maiores lavradores não só de S. Paulo como do Brasil e chefe politico de grande prestigio do Norte paulista. Homem conhecidissimo pela fidalguia do trato, a generosidade da hospedagem, a largueza da vida, professava verdadeira veneração pela pessoa de D. Pedor II que frequentemente esteve em sua fazenda.

De seu neto e homonymo, um das mais distinctas figuras dentre a joven officialidade de nosso exercito, veio ao Museu esta machina archeana que hoje descansa das tradições de São Paulo, cercada pela veneração que conquistou nos seus 80 annos de ininterrupto trabalho em prol da civilização do Brasil, descascando mais de um milhão de arrobas de café de bom typo.

Ao se desmontar para o transporte a S. Paulo, verificou-se quanto os nabos dos seus montantes eram immensos, verdadeiros pylons de impenetravel braúna, essencia desaparecida de São Paulo, rijos como ferro e intactos em sua constituição inalteravel ao enterramento quasi secular...

Existe no Museu Paulista um dos mais bellos specimens deste apparelho beneficiador ancestral. Consta de um eixo de seus 40 centimetros de diametro e seus cinco metros de comprimento que p e em acção seis mãos ferradas.

A armação que supporta o megadendrico eixo e os coches e constituida pelo travajamento de enormes madeiros asperamente falquejados.

A roda impulsionadora dispõe de engrenagem bem feita que engranza com o rodete movido pelo motor hydraulico.

ESTADO

DE

MINAS

GERAES

Rio
São Francisco

Barra
do
Paraopeba

O GRANDE POVO QUE NÃO TEM PÁTRIA/ OS HEBREUS QUE VIVEM CONOSCO, SUAS CRENÇAS,/ SEUS HÁBITOS, SUAS TRADIÇÕES. *Diário Nacional*. São Paulo, 26 out. 1929.

Texto de periódico, recorte (49,7 x 22,4 cm), matéria dividida em 4 colunas com subtítulos e 2 fotos.

O grande povo que não tem pátria

Os hebreus que vivem connosco, suas crenças, seus hábitos, suas tradições

A colônia israelita de S. Paulo é uma colônia diferente de todas as outras — não tem representação oficial. As suas autoridades — além das do país, que espitam — são os sacerdotes. Os seus membros pertencem a diversas nacionalidades.

Em S. Paulo, actualmente, esta colônia é numerosa. Cresceu com a revolução russa que transformou, da noite para o dia, proprietários abatidos em humildes emigrantes que tiveram que fugir ouvindo o crepitar das metralhadoras, por cambalhões divididos pelas chammas sangrentas de suas casas a arderem.

E de novo, a velha lenda do Ashkenaz se repete, como a confirmar as tradições antigas com que o Oriente envolveu a execução de Cristo, a quem muitos negam a divindade, mas ninguém contraria a beleza da doutrina que levou a humanidade e que hoje serve de asilo a chamma bruciante de milhões de vidas.

Mas, falamos da colônia judaica de S. Paulo que reside, principalmente, no bairro do Bom Retiro. É ali que os judeus imigrados estabeleceram os seus pontos, com o intuito de unir-se com os outros, porque a solidariedade entre os israelitas não é apenas uma simples figura de retórica como a liberdade nos discursos do sr. Washington Luís. Serve de alívio a sua, dedicada a observância quasi à letra, dos parágrafos dos seus livros sagrados. E os parágrafos do texto destes são os princípios codificados de leis dos hebreus, comparemos pelas suas crenças, impregnadas de religiosidade.

É PROIBIDO COMER CARNE COM SANGUE

Uma coisa chamam os judeus em todas as pátrias: a observância do jejum ao sábado e que a carne não contenha os menores vestígios de sangue. Não medidas hygienicas de excelente resultado. E, como a religião dos povos orientais não somente se ocupa do do espírito como também do corpo, os livros sagrados ensinam também, da tradição de medicina que tem por base a prevenção de moléstias. Por isso os judeus não devem comer carne sem primeiro ter sido bem lavada.

Quando a carne, os judeus observam um costume curioso. Todos os dias, uma pessoa, estranha, que entra durante dez annos a maneta com se achete um boi e, pelo exame das vísceras, combe-se se está em bom estado de saúde, se dirige ao matadouro da "Armazém", armado de um "cudro" negro. O ritual é quando grito. Não tem posto. Lembra um salte-chim. Não, porém, recorre a um lamina mais larga.

Chamado "Armazém" o "doutor" em alabar boi, examina a res. É reconhecido que o animal está em condições, prende-se. Manda segurar a cabeça. Com a mão esquerda tateia-se o pescoço em procura de tumores. E, depois de ter encontrado, passa-se a lamina afiladíssima, sob o pescoço, cortando-se a paravista. Da esquerda para a direita, porque senta o animal não se move. O golpe tem que ser de parte. O animal cede a escabujar, gotejando sangue, em torrentes. A lamina decompõe as vias principais. E a agonia é breve. O golpe exacto. Se assim não acontecesse o sangue affluiria ao coração do animal e a carne tornaria-se imprópria para o consumo.

O boi é então retalhado. Abre-se o ventre, retiram-se as vísceras. O sacerdote examina-as. Pela aparência reconhece se o animal está em bom estado de saúde. No primeiro caso, o boi é esparilhado. A carne, depois de lavada, é, durante uma hora, metida em sal, friolozada, para que o sangue saia todo. Isto feito é condida para aquecer por pouco em águas escriptivas. Abi, á vendida aos kilos, bem estar assim preparada, os judeus não comem carne.

Na rua José Paulino, e por outras ruas do Bom Retiro, existem agências próprias, tendo á porta taboetas explicativas, escriptas em hebraico.

AS SINAGOGAS

Existendo uma colônia numerosa, os hebreus, em S. Paulo, têm as suas sinagogas, os seus clubes, os seus templos (synagogas). Nos últimos se reúnem frequentemente para orar.

Actualmente, em S. Paulo existem cinco sinagogas. Duas no Bom Retiro, uma no Itaim, uma em Vila Mariana, uma na rua Abolito; outra, finalmente, na Avenida Anhanguera, em construção. É a mais sumptuosa.

Todas ellas se compoem de duas grandes salas — uma, destinada ao culto, onde cabem numerosos fiéis; a outra, destinada á bibliotheca e onde se reúnem conferencias e reuniões. Cantores, Jeshová é considerado. Não se irrita com as manifestações da religião indifferente.

DUAS DIVISÕES DISTINTAS

Os israelitas residentes entre nós, dividem-se em duas partes distintas: os "ashkenazim", oriundos da península hebraica, os mais cultos e mais ricos, e os "sephardim", vindos dos outros países da Europa, que são os mais numerosos.

Os "sephardim", outrora, eram os cultivadores do livro. Nelles repozava a grande ciência hebraica. Por longos annos collaboraram com os hebreos e portugueses no seu desenvolvimento intelectual. Quando se pôde dizer que concorreram para o brilhante período das descobertas hebraicas e cabo pelas duas pátrias. Quando o infante d. Henrique fugiu a escola de Lagos, os conhecimentos astronômicos de então era deficientes. Como a astronomia, as sciencias positivas. Si a philosophia fizera progressos. O resto emergia vagamente de um mar de ignorancia, que se convencia pretensão, por meio de escolas, extinguir. Por isso a acção dos mestres, para as pátrias hebraicas, á um phare de luz christiana, illuminando um passado negro de alvidade...

Nos livros hebreus, no copioso "Talmud", onde repousa grande numero dos conhecimentos scientificos da antiguidade, havia copiosos ensinamentos de astronomia. E foi lá, que o infante d. Henrique, por conselho do israelita Jafoda Cres-

vivo. E, embora se diga que a pátria dos judeus é o universo, nem sempre acontece assim. Ha casos numerosos de amor á terra. Porquê apegar de criados num ambiente exótico de tradições, os hebreus não ficaram como os demais. Têm as

DR. RAFFALOVICH
Grão-Rabbin da colônia israelita do Brasil

que, que traduziu os textos esdras, adquiriu os conhecimentos astronômicos e mathematicos com que, juntos, os outros esdras pelos ares, os navegadores portugueses conquistaram, sem se poder afirmar á aventura, navegar os mares desconhecidos e descobrir as terras novas. Mais tarde, propiciados pela intuição religiosa, os "sephardim", para não esquecerem a sua Deus, emigraram, com a sua crença, que é para elles representada como uma alma colectiva. E ainda hoje, os seus Chach, se são tradutores por suas mesmas fraquezas. A natureza dos "sephardim", ao mais, pelo sentimento exagerado, levado até á paixão. Então, esbarra-se-lhes na alma sentimento religioso. E acabam por se adaptarem ao meio, deixando de observar os antigos costumes. E a que se dá com numerosas famílias estabelecidas entre nós. Mas deixaram de venerar Jeshová. Mas, o cabido daquilo de ser judeus. No jejum, que deviam observar sovranamente, como manda a sua religião, fica reduzida a uma alimentação comum, primitiva.

Interior de uma synagoga israelita de S. Paulo

mento, não deixam de ser ainda hebreus pela crença que professam. Muitos fazem a ligação de seus pais. Escrevem-na até. E acompanham, com grande interesse, as manifestações patrióticas dos israelitas dissimulados por todas as partes do mundo. O exemplo bem frizante está no caso de Babilônia.

Muitos dos manifestantes nunca estiveram na Palestina. Mas bastou um alqueas das suas compatriotas residentes na antiga pátria para melhor recordar o amor á terra de Jeshová, que sua pátria lhes ensinaram.

A SUA VIDA DA VIDA
A vida para os judeus é uma dor que dura pouco e que deve ser sofrida com paciência para dar direito de entrada ao paraíso. Debi a resignação ante os imprevistos da vida fundada na crença de que Deus não allowa tudo observar, e não se abandona.

Para os judeus residentes no Brasil a Terra melhor do mundo é naturalmente o Brasil, onde actualmente

O que só vem mais uma vez comprovar que o estomago tem as suas regras. Também, e muito poderosa. Na frente dos conhecidos não comem, fazem essa irregularidade religiosa. Seria o mesmo que para nós alguns revelasse o desejo forte de matar alguém. Mas, muito silenciosamente, para que nem o proprio Jeshová veja, elles comem da escondebida.

No lar, o pai não é apenas o chefe. É, por vezes, o sacerdote. E em questões com as quaes a lei nada tem que ver.

Os membros da família chegam ao casamento. Um acto de desobediência filial constitui uma das faltas de entrada no paraíso. Debi a resignação excessiva, os pais geralmente não são desobedientes. Os filhos grande liberdade. Deixam que procedam de accordo com as suas inclinações, que devem ser desobedientes, de accordo com a severa educação recebida.

Desde pequena, os judeus educam os filhos no trabalho. Primeiro man-

dando á escola, afim de aprenderem os primeiros rudimentos de hebraico e português. Em casa, ensinam-lhes a Bíblia, onde se encontra grande parte da sua história. Depois, quando já crescidos, empregam-se no commercio, de preferência nas casas dos seus compatriotas, que os tratam, geralmente, com consideração.

Porque todos os membros da família concorrem para a manutenção do lar. Um filho de família raro á um parente. Trabalha, e estuda, e trabalha só. De que ganha não pode dispor individualmente. Entre os ordenados aos pais que o administram.

Desta forma a família vive com relativo desafogo. Assim chegam ao momento de se casarem. O noivado, então, é feito sem as complicações desesperadoras da pátria. O pai se encarrega de casar sua filha, se ella não procurar noivo. Fala com os amigos. Perguntam-lhes se não conhecem um rapaz em condições de servir para marido de sua filha. Os amigos consideram. Sugerem o nome de diversos candidatos, nas mesmas condições economicas, virtuosas, cumpridor da lei.

Os pais da noiva procuram os pais do noivo. E o contrario á feito.

O CASAMENTO

Segue-se o casamento. Marcado o dia, os noivos e convidados dirigem-se ao templo. Abi chegam, o noivo fica só um pallio. É a noiva, acompanhada dos padrinhos, faz sete voltas em redor. No final destas, dirige-se para perto do noivo. Coloca-se ao seu lado. O sacerdote aproxima-se. E, com voz pausada, H, accentuando bem as syllabas, o contrahem.

Então o noivo toma um anel nas mãos. Pega na mão tremula da futura esposa. E, introduz-lhe o anel no indicador, dizendo que promete ser-lhe, dali em diante, tão dedicado como Moysés e foi aos hebreus após a fuga do Egypto.

A cerimonia está acabada. Os noivos retiram-se para casa, onde se preparado um magnifico banquete. E, aqui prolonga-se com as virtuosas falas dos esposos de outras crenças e de outras pátrias.

A PASCOA

Os hebreus têm uma festa exclusivamente sua que outros povos também celebram com grande regozijo. É a festa da Pascoa. Tem por fim commemorar a partida do Egypto e os terríveis sofrimentos dos pillos seus antepassados na terrível esperança vernalha dos estermos desertos de Arábia. Por isso, quando a Pascoa chega, os hebreus quicam e celebram com jejuns, descanço e banquetes, durante oito dias a grande data. O pio que comemora são pequenos bolos de farinha, quasi crus — como o pio inviolado que os fugitivos se viram obrigados a comer no deserto e que á falta de fogo, coziam ao sol.

E esta é a principal festa dos hebreus. O Natal para elles não tem valor algum. É uma festa que desdobram, porque, para elles Jeshová não passa de um grande idealista que, ha 1600 annos, pregava o communismo. Por isso foi crucificado.

A PALESTINA DE HOJE

Apesar de longos annos de destruição os hebreus ainda acreditam no resurgimento da sua pátria, e que um dia, sobre os morros lagrimados de Libano, tremula a bandeira branca com o signo de Salomão ao centro, invicto em azul. Mas, apesar das grandes crenças que se pertencem, hoje, na Palestina, actualmente, vivem poucos mais de 150 mil hebreus.

O dr. Todó Hersel foi o primeiro que agitou a idea do renascimento israelita. Foi um apolo. E em torno delle os judeus juntaram-se. A sua obra não desapareceu. Prosperou. Hoje, um grupo de patriotas trabalha para a formação da nova pátria, levantando cidades, cultivando as terras por seculos e seculos abandonadas.

Richon le Sio, Petach Ticha, Naz Janna e Tel Aviv são as quatro cidades principais das que foram conquistadas recentemente. Hare é o hebreu estabelecido em S. Paulo que não fala illas. Richon le Sio foi mandada construir por Rothschild. É chamada, pela sua belleza, a Paris do Oriente. Ticha, uma das mais importantes do litoral, é uma cidade moderna, de largas ruas, margina das lindas montanhas, que os israelitas dizem de transformar-se em poucos annos um dos maiores portos do Mediterraneo.

Todas essas cidades foram levantadas com grande entusiasmo. Muitas ideas acreditaram que iam, dentro em pouco, ter uma pátria forte. Chegar á Palestina, chamados pelos patriotas, aos milhares.

Mas não só do patriotismo vive o homem. Á situação economica dos que desambarcavam tornou-se precaria. O governo teve de impedir o regresso de quillo. Por sua vez, os israelitas, nascidos em outros países, se á certo que adoravam Jeshová e cumpriam á risca os mandamentos e preceitos da religião, não tinham de sentir o amor á terra onde tinham crescido. E o entusiasmo começou a declinar. E tudo acabou por caber na indifferencia costumeira, que não digna sacrificios e, pelo contrario, efferecia commodidade.

E o sonho não se condensou numa Palestina hebraica, com o alto dos morros coberto de templos, as planícies áridas, escaembadas pelos pozos escavados de que falia a Bíblia, o Velho Testamento. E foi uma vez mais um sonho, um ideal a realizar, que talvez, em futuro distante, se transforme numa grande nagã, com portos modernos, caminhos de camião de ferro, boas estradas de rodagem, e frequentes casados de fabricas erguidas no espaço, como a ordenarem silencio.

ATHAYDE, Tristão de. ESPÍRITO MODERNO. Vida literária, 27 out. 1929.
Texto de periódico, recorte (26,5 x 45,8 cm), texto em 8 colunas sem subtítulos.

VIDA LITERÁRIA

ESPÍRITO MODERNO

27-X-29

We are a dying race
(Cabbot Lodge)

Tristão de ATHAYDE

No numero de fevereiro deste anno da revista euro-norte-americana "Transition", que reflecta a orientação archi-moderna de James Joyce, — o seu director Eugene Jolas traça um perfil do estado actual do mundo e da orientação para um "super-occidentalismo", que será a expressão plena do século XX. É sombrio o quadro que traça da situação presente dos espiritos.

O anno de 1929 começou com uma desordem geral em todas as linhas. Reina a confusão nos varios campos, deste e do outro lado do Atlantico; modalidades positivas e negativas se impõem e por toda a parte o que vemos é a bancarrota do espirito. O materialismo colectivo parece triumphante, a noção do homem em relação á totalidade do real é cada vez mais vaga, o exhibicionismo literário e o esthetismo senti apesados a ideias passadas estão na ordem do dia.

E depois de passar os olhos por varios phenomenos typicos dessa desordem e dessa decadência, em todos os grandes centros de vida do universo, Jolas observa o que lhe parece necessario para salvar o homem desse chão ou dessa ordem servil em que se vão afundando:

— "Na crise actual, temos uma vez mais de voltar ao problema do espirito em relação com o mundo exterior. Que attitude deve tomar o individuo, ao contemplar a centralização sociologica crescente em torno delle, ao passo que observa uma decadência simultânea dos valores intimos... O homem é o problema essencial. E nós estamos esperando por um novo tipo de homem — não um ser colectivo, mas um ser universal, um ser harmonioso, que synthetise em si mesmo as impulsões do espirito e o senso social do século XX".

Todo esse artigo de Eugene Jolas é admiravelmente expressivo dos dias que estamos vivendo. O espirito moderno não é, como por ahi se julga por vezes, uma simples reacção esthetica. Ha, em nossa civilização, um profundo mal estar. Os espiritos mais penetrantes e sensíveis sentem em si e fêza de si que o mundo e o homem se têm alterado mais em 15 annos, do que em toda a vida de nossos ante-

passados mais proximos. E nessa agitação frenetica que se apoderou do século XX, e que nos tem permitido assistir ou tomar parte nos mais formidaveis imprevistos historicos ou intellectuales, — o que vemos é a dissociação fundamental de uma civilização que desdenhou do espirito pela materia. E que á medida que ia criando laços de união no plano das coisas concretas, ia favorecendo alegremente todos os motivos de dissociação nas coisas do espirito. Esse é um dos peccados fundamentais do espirito moderno, libertario, quanto á vida interior e socialitario quanto á vida colectiva. Todos os dias as seções á apologia do nosso século que soube approximar os homens como nunca elles souberam approximar-se. E depois da guerra, então, a partir de 1918 e do horror causado pela hecatombe, só ouvimos falar em pacts internacionais, em paz universal, em supressão de fronteiras, em congressos inter-continentaes de sciencia, de philosophia, de politica, de commercio, de tudo o que possa concorrer para approximar os homens. A volta do mundo em uma semana é um facto. As linhas aeréas tecem entre os mais remotas paizes os laços mais frequentes. As empresas industriales e commerciaes se desnacionalizam, formando as grandes consorçios universaes. A politica internacional é dirigida pelos banqueiros. E se o nacionalismo se exacerbou, juramente em contacto com esse espirito anti-nacionalista, é para chegar ao extremo opposto criando a mystica nacionalista, o imperialismo absoluto do fascismo em face do imperialismo não menos absoluto do communismo.

E a desordem actual provém justamente dessas tentativas crecentes de unidade material e temporal, em contraste com o crescente abandono de toda unidade espiritual e sobrenatural. Enquanto os homens proseguem nessa tentativa absurda de approximar os interesses concretos: de centralizar a sociedade em seus fins puramente temporaes, e por outro lado suscitarem a disseminação nos espiritos, glorificarem a revolução individualista como sendo a libertação das consciências — só poderá haver um remedio para

essa dissociação criadora de uma desordem que não pôde perpetuar-se: o servilismo dos espiritos, a temporalização da nossa liberdade espiritual, o materialismo integral a serviço das ideologias mais grosseiras, como hoje já vemos em todos os laços.

O homem moderno pretendo conservar e desenvolver a sua liberdade de consciência, arrancando-a de suas raizes sobrenaturaes e separando, nitidamente, os interesses temporaes dos interesses espirituales, o que era de Cesar do que era de Deus, o que era do corpo do que era do espirito. E o resultado é o chão actual, essa "desordem em toda a linha" que nos revela os homens mais impregnados de todo o espirito moderno.

Porque a revista "Transition" e o seu guia intellectual James Joyce, — se não possuem essa optimismo modernista que entre nós impregnou de seu veneno tantas de nossas consciências actuaes, e de que todos soffremos em grão variavel, — essa revista que reflecte o pensamento desse genial e terrível James Joyce, não vê para a sanção de hoje senão o remedio que o espirito moderno receita a cada momento: o super-humanismo, que Jolas chama o super-occidentalismo.

"Nós somos", diz elle, "criaturas de criaturas de nossa época. Vendo diante de nós o desenvolvimento de um novo senso da vida, nós já não nos sentimos desesperados. Na vida se contém immensas possibilidades. As coisas do absoluto estão ao alcance de nossos sentidos (the things of the absolute are within our grasp)".

Esta ultima phrase é bem typica do super-humanismo que Nietzsche começou a formular, no século XIX, e que o nosso século está trazendo para a praça publica. O super-humanismo vulgar, que o nosso século está desenvolvendo na grande massa dos homens, é o super-humanismo mecanista. E sobre elle o mesmo Jolas diz o que se deve dizer:

— "A deificação que o idealismo europeu-americano traz á mechanica como qualquer coisa de mystico per se, não nos leva a coisa alguma. Aqui temos, eu creio um phenomeno de nossos tempos, que se está rapidamente desenvolvendo em uma obsessão, em uma histeria, em uma moda para os novos phillistues, os "nepmen" da machina... A sedução magica da dynamica e da violencia americana não pôde ser negada. Mas por baixo della existe uma gordia metafisica que nos repelle. Enquanto a concentração de riquezas se faz cada vez mais absoluta, — desenvolve-se loucamente a auto-satisfação, a megalomania e o cynismo".

Mas logo adiante, o mesmo espirito que soube abonar com o ferre-

em brasa todos os males desse super-humanismo vulgar, mechanista, que se desenvolve diariamente com as novas inventos technicos a fax de Edison a maior figura do mundo actual — logo adiante esse mesmo espirito contaminado pelo mesmo virus archi-modernista, pretende curar o mal com um mal ainda mais grave. E julga ingenuamente que a super-occidentalismo espiritual, a procura do "novo-homem", do novo "life-sense", do contacto "sensível" com o absoluto, da revolução philologica pela "universal word", que é a grande obsessão de James Joyce de depois do "Ulysses" — julga ingenuamente que essa aggravação será a salvação dos nossos males. E pretende conciliar o absurdo do "monismo biologico", isto é, do materialismo quanto ás origens e á constituição íntima do homem, — com o "dualismo psychologico", que se torna assim um falso espiritualismo, nesse mesmo pseudo-religiosidade que infesta parte do modernismo actual.

Devemos pugnar pela dualidade do infinito e do material, do primitivo e do mecanico, do hallucinatório e do concreto. A arte do futuro deve ser concebida como uma arte universal, com autonomia regional. Queremos a mais completa descentralização na vida e na expressão, mas trabalhando ao mesmo tempo pela nova-humanidade, que será, como sempre biologicamente mista, mas evolutiva em suas manifestações, totalista e autochtona".

Não ahi como o "espirito moderno", que mais lucidamente vê os males espirituales do nosso tempo, se deixa levar, nos remedios que propõe, por uma aggravação desses mesmos males. E nesse contra-senso de querer conservar a "dualidade do infinito e da materia", mas considerando ao mesmo tempo o homem como "biologicamente monista" está a perpetuação de todos os males que nos submergem.

De modo que esse "super-occidentalismo" de Eugene Jolas se destrói pelo mesmo veneno que pretende combater. E o resultado será a suberviência ao mesmo materialismo colectivo. A mesma deificação do machinismo mystico, que acha hoje ingenuamente dos novos aliares do seus-irchica na Rússia e nos Estados Unidos.

Eugene Jolas é americano e acredita na America. "A America do Norte, do Centro e do Sul, como a Rússia, contém em si os germens de uma immensa força criadora. A supremacia anglo-saxonica vai cedendo diante do novo homem continental, que bem pôde vir a ser o novo homem universal. Eu gostaria de imaginar uma super-America que seria a intensificação idealista e uma sublimação do Occidente. Se bem que tenhamos ainda diante de nós uma longa luta antes de realirmos um super-occidentalismo".

Jolas acredita, portanto, no super-americanismo, no super-occidentalismo, como expressão do novo super-homem que o mecanicismo moderno procura desesperadamente no meio de um mundo de que elle expulso todos os verdadeiros valores transcendentes. E nesse super-occidentalismo de Joyce e seus discipulos nós sentimos o que representou para um genio como elle a perda da Fé. James Joyce é o mais tipico representante do "homem moderno" que podemos encontrar em face de nós. E se até hoje nunca ouel escrever nada sobre elle é que o considero difficil demais e ainda não conseguí situar a sua monstruosa personalidade. Mas de passagem o que desejo apontar aqui é que o super-occidentalismo, que o seu discipulo Jolas procura systematicamente nessa pagina-manifesto, é uma expressão do mecanicismo de quem deixou de crer no Messias.

E esse me parece ser o "caso" de James Joyce, desse irlandês desconhecido, que trahiu ao Messias e que vive agora, com o seu genio immanente, a recompor fragmento um messianismo fabricado, um anti-christianismo caricatural e tragico, e tanto mais abominavel quanto maiores são de facto a genialidade do seu autor e as proporções gigantescas de sua obra.

Mas se Joyce e seus discipulos norte-americanos, acreditam no super-americanismo, como a grande expressão futura do "espírito moderno" — ha tambem na propria America do Norte outros espiritos que, imbuidos do mesmo veneno super-humanista, apresentam tratando uma face diversa do espirito moderno, do espirito americano.

Essa phrase do poeta Cabio Lodge, que elle como esgrahie deus chronicas, é typica do estado de es-pirito de certas elites norte-americanas, em reacção contra esse espirito de optimismo systemático, de egotismo megalomaniaco, contra o qual tambem reagem Eugene Jolas e seus companheiros. Aquelle volume de estudos sobre a "Civilization in the United States", apparecido ha uns cinco annos e em que trinta americanos dissociavam corajosamente todos os males que se escondem por detras dessa formidavel fachada; o iconoclastismo de Menck-en e de seus companheiros do "American Mercury", com todo o seu materialismo nietzscheano, e da outro lado o espirituismo de Walt do Frank representam tambem manifestações de anti-megalo-mania, todas porém impregnadas do naturalismo revolucionario dos nossos dias e combatendo males com outros males mais graves.

Mas recentemente se publicou nos Estados Unidos, um volume, que não visa apenas estudar o caso do americanismo, como expressão do espirito moderno, mas sim a esse proprio espirito, tal como se apresenta a nossos olhos em todos os continentes e em todas as latitudes

alcangadas por nossa civilização. (Joseph Wood Krutch — The Modern Temper — ed. Harcourt, Brace and Co. — New York, 1929). Pretende ser "um estudo e uma confissão", e é realmente um dos "estudos" mais lucidos que se tem feito do que seja realmente esse, tão falado "espírito moderno" e uma "confissão" interessantissima de quem acritou integralmente todas as demolições desse espirito mas que não consegue vencer o vazio que lhe ficou de toda essa derrocada.

Elle mostra como se deu com a nossa civilização o mesmo que se dá com os homens, que vão perdendo a medida que crescem, todas as illusões infantis. E se na infancia julgamos que o mundo é feito para servir aos nossos desejos, vamos vendo com o correr dos tempos que não é que nos temos de adaptar a natureza.

"Se o mundo da poesia, da mythologia e da religião, representam o mundo como o homem gostaria de tê-lo para si, ao passo que a sciencia representa o mundo, tal como elle lentamente descobre que o mundo é, — basta compararmos as duas concepções para vermos como são incompatíveis" (pag. 6).

E essa dissociação fundamental é que elle vê como sendo a tragedia do homem moderno. Todas as suas enações, todo o seu mundo de valores moraes, está fundado aliada nuaa concepção do universo que a sua intelligencia não consegue mais aceitar, dia elle, pela a "sciencia" destruiu tudo aquillo que a "religião" tinha elevado.

E assim parece o homem preso em um dilemma que sua intelligencia provocou. Toda volta deliberada a um estado de relativa ignorancia, por mais desejavel que possa ser, é obvio que está fóra de qualquer co-situação... E elle se tornou um ser fantástico que desenvolve sensibilibidades e estabeleceu valores independentes e alheios a naturezas que lhe deu a vida. De todas as creaturas vivas é elle aquella para quem o mundo é menos satisfactorio... Os valores que elle julgou bem firmados sobre a natureza das coisas, foram arrancados pelas mesmas regras com as quaes elle julgou atingir-se" (pag. 18).

E capitulo por capitulo esse espirito bem "moderno" vai dissociando valor por valor, desmas, que ainda formam a superestrutura de uma humanidade que demoliu toda a subestrutura que a sustentava. Em "the paradox of humanism" mostra como a "humanismo", que desde o Renascimento é a attitude crescente do homem em face de um mundo desdivinbado, em vez de levar-o ao dominio sobre a natureza, levou-o a um excess de racionalismo e a uma fragilidade e instabilidade crescentes, devidas justamente a essa "antithese entre a finalidades natural e a finalidades humana" (pag. 55).

No capitulo seguinte "the disillusion with the Laboratory" mostra como a "sciencia", que demoliu todo o mundo dos valores moraes modernos, não conseguiu resolver nenhum dos problemas que essa demolição provocou.

Mostra depois como em face dessa sciencia materialista a concepção romantica ou classica do "amor" é absurda (Love — or the life and death of a value), como a "tragedia" em arte, baseada na dignidade humana, é impossível (the tragic fallacy); como os valores moraes absolutos desaparecem de todo em face de uma anthropologia "scientific", que considera — "o homem como um animal" (Life, art and peace); e como a reacção metaphisica e religiosa, que os neo-thomistas procuram realizar é difficil e precaria, e a seu ver impossível (the phantom of certitude).

E termina finalmente esse exame formidavel da "modern temper", mostrando que a nossa civilização está aniquilada pelos proprios males que desenvolveu e que temos de ceder o lugar a novas raças mais primitivas, mais proximas a natureza, que consigam refazer a vida numa base de accordo com a que a sciencia materialista lhes favorecer.

E esses novos barbaros a seu ver não podem vir da civilização norte-americana e sim da Russia.

"Se os povos modernos se divertem construindo fabricas ou cavando minas, elles o fazem exactamente pelas mesmas razões pelas quaes os romanos annexaram as ilhas Britannicas. Ou seja, porque ha pouca tentação de fazer investigações transcendentes enquanto ha muitas coisas tangiveis a fazer e muita energia para empregar. A Russia tem ambas, e por isso mesmo não ha nenhum outro lugar no mundo em que possamos encontrar hoje um optimismo tão simples e tão terrivel. Nós — particularmente, nós da America — ja fizemos tudo isso. Cavamos as nossas minas, canalhamos o nosso petroleo, construímos as nossas fabricas e tendo feito tudo isso começamos a repousar em nossas casas confortaveis e a perguntar "o que vinha depois" (pag. 240).

Ao passo que a Russia chega com a força dos novos barbaros para quem tudo isso é novidade. E ja se elabora, portanto, uma nova "philosophia da vida" fundada sobre a subordinação de todos os valores remotes, transcendentes ou estheticos, aos valores pragmaticos e immediatos.

De modo que, para o "homem moderno" occidental essa volta a "vida vulgar" é tão impossível quanto a que as "religiões" praxaram oferecer-lhe, conclue Krutch (que tem allas de "religião" uma concepção absolutamente insatisfactoria e pueril, e que é a cri-

gem de todos os erros de seus racionalismos).

"O mundo poderá ser rejuvenescido de um ou de outro modo mas nós não poderemos tê-lo. O scepticismo entrou profundamente demais em nossas almas para conseguir ser substituido pela fé, e nós nunca poderemos esquecer tudo aquillo que os novos barbaros nunca sentiram a possibilidade de ter sabida. Este mundo, no qual uma discordia insolvel é o facto fundamental, é o mundo no qual nós estamos condemnados a viver, e para nós a sabedoria deve consistir, não em procurar uma sahida que não existe, mas em fazer as pazes com elle como for possível fazer... Nós sa causa é uma causa perdida e não ha lugar para nós no universo natural, mas apenas digo não nos entistemos de ser homens. Pois preferimos morrer como homens a viver como animaes".

E nesse bello grito de nobreza, de orgulho e de desespero nós sentimos o eco de uma voz millenar que já ressoou na Grecia e que já ressoou em Roma, e que é a voz dos "Estoiolos".

E um eco de Zenon, de Seneca, de Marco Aurelio, de Epicteto que nós ouvimos ressoar do novo, no fundo das phrases desse norte-americano archimoderno. O mundo repugnante de nossos dias recorre mais uma vez, em suas figuras mais nobres, aquelle mesmo orgulho do stoicismo, aquella mesma separação do mundo antigo marcou a separação das almas dianas em face do epicurismo, que currota toda uma civilização em ruínas.

E o neo-stoicismo de alguns espiritos do nosso tempo vem tambem reagir desesperadamente contra o neo-epicurismo que nos sub-barbata.

E no meio de todos esses conflitos tremendo de uma civilização que se despede de outra que se levanta, entre os neo-barbaros do mysticismo mecanista, os super-humanistas do occidentalismo, os epicuristas de uma sociedade que se diversifica antes de morrer, alguns isolados que renovam o sonho impossível e nobre do stoicismo antigo, — só a verdade catholica, se mantem intangivel e immutavel, acima de todas as paixões, desafiando todos os tempos e preparando-se mais uma vez para fazer com os barbaros e civilizados do mundo moderno, o mesmo que ha quinhentos annos teve de fazer com os barbaros e civilizados do mundo antigo: ensinar-lhes a verdadeira civilização terrena e mostrar-lhes de novo o caminho do céu.

HEMORRHOIDAS

Tratamento racional e ambulatorio de hemorroides e varizes, sem operação e sem dor. DR. LAURO BORGES (assessor do DR. LUIZ BORGES), Consultor diário — Curitiba, 6, av. Telephone N. 1212.

A OPINIÃO DE UM BANQUEIRO ESTRANGEIRO SOBRE A ATUAL CRISE e O CAFÉ. *Diário Nacional*. São Paulo, 2 nov. 1929.

Textos de periódico, recorte (50,0 x 21,2 cm): o 1º texto tem sua matéria organizada em 2 colunas e o 2º, está dividido em 4 colunas com subtítulos.

DIÁRIO NACIONAL

III S. PAULO — SABADO, 2 DE NOVEMBRO DE 1929 N

A opinião de um banqueiro estrangeiro sobre a actual crise

Em palestra com um de nossos redactores, esteve ha dias um illustre banqueiro estrangeiro, que, ignorando a qualidade de jornalista de seu interlocutor, não teve duvida em externar-se de maneira franca sobre diversos aspectos de nossa vida economico-financeira que para elle não tem segredos, profundo observador que é das cousas brasileiras ha mais de um decennio.

E' sempre interessante e principalmente no momento actual conhecer-se a opinião de um tecnico imparcial e competente sobre as causas dos males que nos affligem.

A principal determinante da eclosão da actual crise é, segundo o seu modo de vêr, a falta de confiança na estabilidade politica do paiz.

O financiamento das fazendas produtoras de café vinha sendo feito por meio de empréstimos externos garantidos pelo café embarcado: antes da crise financeira mundial recente, (acontecimento previsto, de pequena duração e cuja consequencia será justamente o barateamento do dinheiro nos mercados americanos), já havia difficuldade em se conseguir empréstimos sobre café para S. Paulo e isso porque, devido ás lutas politicas em torno da successão presidencial, a hypothese de uma perturbação da ordem afastava as vistas dos capitalistas do Brasil.

Além disso a falta de orientação economica do paiz fez que a estabilização da moeda não trouxesse para nós todos os beneficios que della se podiam esperar. Assim, em um paiz de grandes possibilidades, onde o juro é muito elevado, uma vez estabilizada a moeda, seria natural o affluxo de ouro estrangeiro que sempre procura o emprego mais compensador: entretanto esse ouro não veio nas proporções devidas e isso porque as nossas leis e as nossas praxes não offerecem as necessarias garantias ao capital que nos procura, como o provam a industria das fallencias e as chicanas que são possiveis em execuções hypothecarias.

A maneira pela qual foi feita a chamada "defesa do café" concorreu muito tambem para o actual estado de cousas: propaganda inefficiente do produto no estrangeiro, limitação desastrosa de entradas em Santos, onde os exportadores encontravam difficuldade em conseguir café para a obtenção de typos facilmente exportaveis. E, principalmente o criterio de manter preços excessivamente altos que, se de um lado permittiam maior entrada de ouro no paiz, por outro incentivavam o plantio de novos cafezaes, em detrimento de outros empreendimentos. Se era absolutamente necessaria para effeito de equilibrio da balança commercial, a manutenção dos preços altos, devia ter o Instituto

nos de "café alto" foram mal applicadas: importação de artigos de luxo, construção de predios e... plantação de novos cafezaes. Relativamente foi muito pequeno o augmento da produção, principalmente de artigos exportaveis nestes ultimos cinco annos e, no entanto, a somma de capital entrado no paiz permittiria o desenvolvimento de grande numero de actividades productivas.

Na situação actual, entretanto, a formação de novos cafezaes em terras de grande fertilidade, com o criterio já consagrado de adubar a terra antes de esgotal-a, será, em futuro, não muito remoto, a salvação da lavoura cafeeira no Brasil, pois que esses cafezaes poderão produzir mais barato, por preços que não poderão ser competidos por outros paizes onde as condições de clima são menos favoraveis.

O modo por que foi desenvolvido o plano de estabilização da moeda merece tambem a sua parte no quinhão das responsabilidades pelas aperturas financeiras actuaes: a estabilização era muito necessaria, preciso se tornava entretanto, que não faltasse a confiança, como agora aconteceu, o que determinou o infallivel phenomeno do desaparecimento da boa moeda conversivel, cedendo lugar á inconversivel.

O proprio governo deu mostras dessa falta de confiança, retendo no Banco do Brasil as notas conversiveis, o que deu causa, em parte, ao retrahimento dos Bancos na pratica dos descontos. O aparelhamento bancario é muito deficiente entre nós e vê-se peado pela falta de garantias ao capital a que já foi feita allusão.

A emissão de papel moeda inconversivel em ouro agora viria agravar ainda mais a situação. Só seria justificada essa emissão em caso de emergencia para evitar uma queda muito grande dos preços do café, o que de facto viria influenciar a economia do paiz. A situação desse produto, entretanto, não é de modo algum precaria: o stock mundial não é mais elevado do que o que tem sido muitas vezes e o consumo tem augmentado e tende a augmentar. Ainda aqui o factor moral, a confiança, é responsavel pela baixa que se tem verificado. Especuladores baixistas aproveitam-se das circumstancias actuaes e forçam a baixa dos preços. Essa baixa tem que ser passageira porque agora justamente é a época em que os Estados Unidos adquirem maior quantidade de café, bastando sómente uma certa firmeza para que tudo se normalize. E' verdade que muito café

do Café estabelecido um preço compensador da compra de café ao produtor, auferindo o Estado os lucros da diferença de preço de venda do produto no estrangeiro, sendo esse dinheiro aplicado em empreendimentos produtivos.

A desorientação do agricultor é outro factor importante. As enormes riquezas que entraram no país durante os cinco an-

que é agora exportado para o exterior foi adquirido do produtor a preços vis com as vendas "na porta", estando, o exportador, já de posse do produto, e não se interessando em adquirir maior quantidade. Por essa situação e pela existência em Santos de um stock de cafés praticamente inexportáveis é responsável o Instituto do Café.

O C A F É

SANTOS, 1 (Da succursal do DIÁRIO NACIONAL) — O mercado de café funcionou hoje. Foi alcançado o preço de 235500, por dez kilos. A praça manteve-se calma.

UMA BUSSOLA DESORIENTADA...

Como o sr. Washington Luis despachou os lavradores RIO, 1 (Da succursal do DIÁRIO NACIONAL) — Pelo telefone — A desilusão com que o sr. Washington Luis se dignou por fim, receber a comissão de lavradores paulistas que aqui veio para acertar com sua exa. medidas atinentes á crise que assobrava o mercado de café, continuando sendo objecto de mais variados comentários nas columnas da imprensa diária do Rio de Janeiro.

Ainda hoje, um vespertino, com muito espirito, narra como se teria dado a scena que precedeu á já celebre conferencia do primeiro magistrado com os technicos enviados pelas praças de Santos e S. Paulo.

Diz o referido vespertino que o sr. Washington veio tarde de mais num mundo muito velho... (Succeia deveria ter vivido naquelles tempos valentes de Buridan, o fello ao vento, o manto ao hombro, a espada ao lado, contribuindo com as suas sensacionais attitudens e os seus arrojados epicos para a gloria da mulher e as fortunas dos escriptores e engraxates... S. exa. é dos taes que não se deixam apunhar de calções. E informado da presença nesta capital da referida delegação, rdeve-a por mais de dezesseis horas além do que ella desejava, sómente porque não quiz mostrar-se á comissão, sem ter, de cór e salteado, todos os termos da crise mais uma daquellas frases que o immortalizaram. Marcou a audiencia para o dia seguinte e entrou em vigília espiritual. Começou a devorar os tratadistas, só quando se julgou seguro no terreno, vestiu o fraque e declarou ao sr. Alarico:

— Faça entrar a comissão! Succede, porém, diz a "Esquerda", que a. c. r. t. ou a. d. r. g. a. Em lugar de ler os tratadistas da escola a que pertence, em economia politica, leu Murtinho e Campos Salles. Este, sobretudo, lhe ficou cantando na cabeça. O sr. Washington leu e releu a pagina 269 do livro "Da propaganda á presidencia", em que Campos Salles, já no Cattie, conta o seguinte:

— "Veio por ultimo, uma comissão representativa dos negociantes de calçados e outras especialidades, sujeitas a serem estampilhadas, conforme as novas disposições legais. Era uma comissão numerosa, constituída em uma

grande reunião, na qual o governo havia sido invectivado com injustiça e acrimonia. Ao entregar a representação escripta, o relator, depois de algumas considerações verbaes, permittiu-se, a liberdade da concluir com estas palavras: "Esperamos despacho com urgencia". Confesso que não me pareceu convenientemente respeitosa essa maneira de exercer o direito de petição, perante um dos poderes da Republica. Foi sob essa impressão que, fundamentando succintamente o meu despacho, de indeferimento, declarei afinal: "Não posso obrigar ninguém a ser patriota; mas hei de fazer cumprir a lei!"

E foi ali, nesse texto de solitario do Banharão, que o sr. Washington se inspirou para dar a sua resposta á delegação que o procurou.

Imitou, calmamente, Campos Salles, quando este despachou os fabricantes de calçados:

— Nem emissão, nem moratoria! O governo não pôde obrigar ninguém a se aguentar com a crise. Mas quem não se aguentar, vá á fallencia! Não cabe ao governo intervir. Que a crise seja resolvida entre os agricultores, os commiscarios e os banqueiros.

Realmente, como bem diz o vespertino carioca, tudo isso seria muito pittoresco se não fosse, porém, profundamente lamentavel.

O presidente, que ainda em maio ultimo se manifestava, em materia economica, pelo methodo intervencionista, não podia mudar de idéa tão rapidamente.

Na sua mensagem, enviada ao Congresso, a tres daquelle mez, elle achava que o apelo "ineffectivel e indispensavel" da União ao Instituto Paulista de Café, era uma obra de patriotismo, era ter os olhos no mais sagrado dos interesses do Brasil. Cinco mezes e pico depois, ell-o invertendo as cousas e dizendo á lavoura:

— Arranje-se como puder!

Essa transformação não seria muito grave, se o sr. Washington não fosse presidente da Republica.

Mas já que o é, ella se torna alarmante.

TOMBOU O EXPRESSO GALATZ-BUCAREST

BUCAREST, 1 (H.) — O expresso Galatz-Bucarest, quando se aproximava da estação de Bazi, tombou, sem que os operarios que trabalhavam na linha, há pouca distancia, tivessem notado o accidente, devido á forte cerração.

Em consequencia do desastre, morreram seis pessoas, ficando outra gravemente ferida.

Della só se pôde tirar uma conclusão: — que o homem que nos dirige aos destinos da nação é uma mentalidade sem bussola; quando declara que vae para o norte rumo para o sul...

COMO O "GLOBO" APRECIOU O PROJECTO DO DEPUTADO FRANCISCO JUNQUEIRA, APRESENTADO ANTE-HONTEM NA CAMARA DE S. PAULO

RIO, 1 - (Da succursal do DIÁRIO NACIONAL) - Pelo telefone — A crise cafeeira continua no cartaz.

Ainda hoje a imprensa, matutina e vespertina, abre columnas e estende-se em longos commentarios sobre o assumpto, apreciando-o em seus diferentes aspectos.

Estampando a photographia do sr. Francisco Junqueira, autor do projecto de emergencia apresentado á Camara paulista, o "Globo" aprecia essa iniciativa, pela qual se cria o imposto de 25000 sobre cada pé de café plantado no espaço de cinco annos.

Os saldos das safras justificam, ao que dizem, a medida de caracter precario.

Seria inutil demonstrar os inconvenientes da super-produção, as quaes se agravam, todos os dias, e que embarçam o plano de defesa, pela opulencia dos stocks.

A bem dizer, a valorização paulista confiava na geada, pois só ella reduziria a produção, permitindo a escassez das offertas, sem os tremendos sacrificios que agora se conhecem...

A geada não veio. Ninguém sabe, por certo, se virá. Limitar as plantações, portanto — dizem — é providencia que se explica ao exame superficial do problema.

O projecto alludido encara outro aspecto, o qual já temos examinado em varias opporrtunidades: o do consumo interno.

O consumo interno de café ha de ter diminuido em virtude dos preços altos.

Para as classes pobres o uso do café se tornou como que um luxo...

O projecto do deputado paulista Francisco Junqueira determina:

"Os cafés inferiores ao tipo 7,

TREMENDO ENCONTRO DE TRENS

MADRID, 1 (H.) — Communicam de Saragoça que se verificou pela madrugada de hoje tremendo choque entre Paracelos e Mires, do expresso de Barcelona, com o cargueiro de Madrid.

Ha quatro mortos, entre os quaes o foguista e o machinista, de ambos os trens, e nove feridos em estado grave.

Numerosos passageiros soffreram contusões e ferimentos leves.

não poderão sahir do territorio do Estado, a não ser torrados ou em pó".

Com isso, o abastecimento dos mercados internos poderá ser feito sem as explorações dos preços altos. E' absurdo que existam formidaveis "stocks" nos armazens reguladores, e que o povo pague o café pelos preços prohibitivos, que vigoram. Ainda agora, a baixa não influiu sensivelmente nos preços do varejo...

O projecto acrescenta que "as cooperativas que se organizarem, entre lavradores, para a distribuição do café torrado ou em pó, no territorio nacional", devem gozar das vantagens de isenção de impostos, pelo prazo de dez annos.

Isso deve influir nos preços. Os preços accessíveis estimulam o consumo.

O que ocorre, a respeito, constitue disparterio incrível.

Enquanto se pensa em preparar o consumo do café, em terras estranhas, o appareho da valorização descura do consumo, dentro do país, e acorrea as cobias do varejo.

E' este, pouco mais ou menos, o espirito do projecto paulista, e que vem demonstrar que a valorização official aberra de todos os principios de economia.

Limitar plantação ou reter stocks é, no fundo, a mesma coisa, já que com ambas se visa a elevação dos preços.

No país, o povo tem que se conformar, pagando o café caro; o estrangeiro, porém, tem os recursos de que já lançam mão: ou nos negam o ouro, para maior valorização, como fizeram os Estados Unidos, ou estimulam os outros concorrentes ao augmento de sua produção.

Ora, essas fantasias da valorização não as criaram os fazendeiros: tudo foi obra do governo e em nome de tudo é o país que se está sacrificando.

Nessas condições o governo não interviu com emissões e moratoria, faz muito bem, não quando, porém, tal attitudo significar, de modo algum, que fique diminuida a sua tremenda responsabilidade na aventura da valorização, que foi uma experiencia desastrosa.

Por essa theoria de inercia, amanhã, provocada a aventura maior do plano financeiro, que é connexo com a importação do ouro baseado no café, o sr. Washington Luis continuaria a dizer que a culpa era dos fazendeiros imprevidentes, ou dos especuladores, e lavaria as mãos, como está lavando agora, depois de haver exigido os maiores sacrificios do país, em nome de suas fantasias de estadista.

OS TCHECO-SLOVENOS/ COSTUMES INTERESSANTES, HISTÓRIA ACIDENTADA E/ HÁBITOS...
 IGUAIS AOS NOSSOS. *Diário Nacional*. São Paulo, 8 nov. 1929.
 Texto de periódico, recorte (65,0 x 26,4 cm), em 5 colunas com subtítulos e 3 fotos.

DIÁRIO NACIONAL

S. PAULO, — SEXTA-FEIRA, 8 DE NOVEMBRO DE 1929

OS TCHECO-SLOVENOS

Costumes interessantes, história acidentada e hábitos... iguaes aos nossos

Ha pouco mais de dez annos a Tcheco-Slovania não era mais do que um grupo de antigas provincias da Austria e da Hungria de que a Alemanha occupava uma pequena parte. Essas provincias eram a Bohemia, a Moravia, e a Silésia, habitadas pelos tcheco-slovenos, povo pertencente a grande familia slava e que por ser o que mais deuseu para o sul e de todos os povos slavs o que mais se deixou impregnar pela civilização occidental.

A raca é esbelta e forte. A moral dos seus costumes, sadia. A lingua, a tcheco, que teve origem no slavo, como o russo, o serbio, o polaco e que de todas foi a que mais evoluiu, polida pelos grammaticos, amaciada pelos literatos. Durante muitos annos serviu de intermediaria entre os slavs, como hoje, entre os povos civilizados, serve de lingua intermediaria o francez.

Foi o tratado que pôz termo á sangrenta guerra de 1914 que levou a independencia aos tchecos e slovenos, ramos de uma antiga nação independente, desaparecida durante um milenio. Exumação? Resurreição? Só o futuro o dirá. Hoje, a Bohemia, a parte mais desenvolvida da Tcheco-Slovania, é rica. Possui numerosas indústrias florestaes. E apesar da depressão austriaca, das emigrações germanicas para o seu territorio, das colonizações alemãs nas fronteiras da fuga de milhares e milhares das melhores familias do país após a desastrosa batalha da Montanha Branca contra os alemães, o elemento tcheco tem o predomínio absoluto. Ainda porque elle seguiu o conselho admiravel de Hegel: "Enriquecei-vos".

Mas, se effectivamente a Bohemia é uma região industrial onde o operário vive com desafago, porque o seu apparellamento economico e financeiro permite uma vida mais ou menos desahogada aos que trabalham nas fabricas, o mesmo se não passa no resto do país. Na Slovania 65 o/o dos habitantes são agricultores e na Moravia 48 o/o. Nem sempre as condições economicas de vida são boas. A grande guerra causou profunda crise na Europa. A lavoura, por vezes, é pouco compensadora. Dahl a emigração, principalmente das familias de lavradores, que vieram a America do Sul em demanda de

viara. Em seguida, deu-se a invasão dos hunos. E, como por onde Attila passava, nunca a herba crescia, a região ficou transformada num deserto e a sua população ficou reduzida á escravidão. Della se

tro das suas fronteiras a Polonia e a Hungria.

Chamava-se, nessa altura, reino da Bohemia.

Extinta a dynastia dos Premyslides, o throno passou para a familia

cadencia, que se accentuou com a paz da Westphalia e foi rematada com a centralização monarchica da Austria-Hungria, iniciada por Maria Theresia. Anexada á coroa austro-hungara, a velha monarchia da Bohemia desapareceu completamente. Até que, em outubro de 1918, o governo provisório de Paris proclamava a independencia da Republica Tcheco-Slovena. A 28 de outubro o governo provisório installava-se em Praga, constituído por tchecos e slovenos. A 14 de novembro, a Assembleia Nacional Constituinte dava inicio ás suas sessões, proclamando a unidade da nação Tcheco-Slovena.

COSTUMES

Os tchecos slovenos são um povo que cresce a dançar... Na Tcheco-Slovania ha 350 danças diferentes. Da lá veio a vertiginosa polka, que fez as delicias das nossas avós nos brilhantes saraus da corte e das casas ricas particularmente.

Por isso os tchecos da S. Paulo, quando realizam qualquer festa comemorativa, estabelecem como base fundamental da santa alegria, um largo programma de danças, geralmente as mais harmoniosas, as que têm mais ritmo. Como todos os povos, têm as suas festas annuaes. As mais importantes dessas são as meimas de todos os christãos. E, então, os usos com que se celebram são os mesmos que os nossos, que se praticam no interior.

No domingo de Ramos vão á igreja benzer ramos de oliveira, que têm grandes e utilissimas applicações na vida domestica... Têm o condão de afastar os raios, de curar molestias, de afastar os maus espiritos, enfim, de livrar do mal o slavo. Vem, em seguida, a Pascoa. E como nós, também, trocam "ovos" e o padre visita as moradias para dar a cruz a beijar.

Os que vivem no interior, em familias numerosas, reúnem-se e praticam festas peculiares. Após o jantar, quando o côco começa a clarear e os chuvas se tornam mais raras, as familias agrupam-se e, entre danças, destroem a Morana — manequim de palha, que lembra o "nosso Judas", e que nada mais é que uma personificação do inverno. Quando chegam as colheitas, dá-se a festa do "Ded" da "Daba".

Os trabalhadores reúnem-se, e passeiam, triumphalmente, em redor das moradias, com feixes de trigo ou de arroz.

Depois, vem o Natal, com os seus presepjos humilissimos, construídos dentro das moradias e os seus fantases de gala, seguido de jogos de cartas e de narrações de historias populares, impregnadas de superstição. E, além destas, outras de menos importancia, que comemoram sem ruido, dentro de portas fechadas, e que são mais uma manifestação de saudade pela patria que deixaram distante do que apego a uma tradição que, pouco a pouco, cas desaparecendo.

Nas moradias dos tcheco-slovenos não é raro encontrar-se uma bomba suspensa á entrada — é o Espirito Santo. Elle se encarrega de defender a residencia de todo o mal que lhes possa advir. Noutros — muito raros, porém — vêem-se, num recanto, pequenas estatuas de barro, reminiscência dos velhos penates romanos. Por elles têm grande devoção. E as mulheres, que no lar occupam um lugar preponderante, concorrem para o bem estar da familia, trabalhando, ao lado dos maridos e dos filhos, nos campos, delles se encarregam, ba-

JOÃO HUSS

tirot Samo, herde lendario, destemido como um deus, que reuniu em torno de si todos os slavs e libertou os seus irmãos escravos. Mas, por sua morte, a nação que formara desapareceu. E as trévas da suposição deuseu sobre os factos que se seguiram, um véo espesso, feito de lendas e de tradições poeticas. Com Carlos Magno os slavs da Bohemia voltam a apparecer na historia, como tributarios do grande imperador. Os seus successores pretenderam dominar aquellas tri-

Apóstolica Romana em meados do século XVII.

Na população total do país, 85 por cento dos habitantes são catholicos; 95 por cento, na Bohemia e na Moravia; 84 por cento, na Silésia; nos departamentos slovenos 73 por cento.

E falamos em departamentos slovenos por que a Tcheco-Slovania é constituída por dois povos diferentes que, ha cerca de mil annos, formaram um povo só — os tchecos e os slovenos.

Os restantes habitantes, 4 000 são gregos orthodoxos; 4,5 000, lutheranos; 3 000, judeus e 2,5 000 calvinistas.

OS CASAMENTOS

O casamento, entre os tchecos residentes entre nós, atrahem a attenção pela cerimonia de regostio que o segue.

Os noivos, vestidos com trajes de gala, dirigem-se á igreja onde o sacerdote lhes lança a benção nupcial. Até ahí tudo decorre muito bem.

Os convidados mostram-se silenciosos. Tem um sorriso amavel nos labios.

Os paes também se mostram tranquilos. Mas, logo que a cerimonia nupcial acaba, o paes da noiva dá inicio a uma longa declamação chorosa, em que é acompanhado pela esposa. Soluç por que vai sentir profundamente a ausencia da sua filha.

E affirma-o com lagrimas nos olhos e na voz a todos os presentes. Acrescenta, secundado pela esposa, de que a noiva era um modelo de respeito filial.

E depois de ter esgotado as lagrimas as palavras, um garçon de honor, dirige-se a uma moçinha vestida de cores garridas, e dá inicio a um dialogo em verso, que começa por uma decompostura e que termina por uma reconciliação suspirada...

O costume, porém, não está generalizado. Depende das regiões de que os noivos são oriundos. Pois ainda não foi desmentido o brocardo que cada terra tem seu uso e cada roça seu fuso.

Casamentos ha, entre os tchecos que são seguidos de festas que se prolongam por alguns dias.

Outros realizam-se mais modestamente, discretamente, sem folguedos publicos e uma hoste de convidados, que sempre acaba por convegar a desfalecer a economia domestica, ainda em inicio...

Tcheco-slovenos que habitam a zona da Noroeste, regressam de uma missa solenne

recompensa mais remuneradora.
OS TCHECO-SLOVENOS EM S. PAULO

Antes de começar a guerra, existiam em S. Paulo cerca de vinte mil austriacos. Austriacos apenas pela nacionalidade, porque muitos delles eram slavos, outros tchecos, outros magyares. Com o tratado de Versailles esses austriacos ficaram pertencendo a outros países, todos elles, actualmente, com consulado em S. Paulo. Mas, como a maioria era constituída por lavradores, gente de poucas letras e poucos numeros, só muito lentamente, se vão inscrevendo nos respectivos consulados. Dahi o não se poder dizer, de uma forma categorica, o numero de tchecos slovenos que labutam connosco, na lavoura e nas industrias.

Sabe-se, somente, que na capital e arredores, ha cerca de mil familias, com um total de quatro mil pessoas. Os restantes estão espalhados no interior. Preferem os campos, a que estão habituados, pois, na nova Republica a lavoura representa um papel preponderante na economia do país, apesar de não ser importante como a industria, principalmente na Bohemia.

São os ex-habitantes da Slovakia e da Russia sub-kharpatia, que mais procuram os campos. No interior, na zona do Noroeste, encontra-se, com frequencia, numerosas familias slavenas, cuidando de milhares de pés de café, ao mesmo tempo que se dedicam a outros cultivos, porque nas suas aldeias faziam plantações de trigo e de legumes.

Na capital, não tem bairro propriamente dito. Vivem dispersos pela Mooca, pela Lapa, pela Penha, pelo Bom Retiro. Na Lapa é que mais se encontram. Vivem a par com os húngaros, dos quaes ainda recentemente eram patricios, quando a Austria, a Hungria, a Tcheco-Slovakia e parte da Yugoslavia não formavam senão um país só.

s.,az,po etaoln etaoln shrdlu mfpyk
A HISTORIA

Para compreender um povo é necessario conhecer a sua historia. A historia é a sua expressão. Define-o. Revela a sua participação no progresso, a sua projecção na terra.

A historia dos tcheco-slovenos começa a definir-se no seculo primeiro da era christã. Nessa altura chegaram ao territorio occupado pela actual republica as primeiras tribus slavas que se dirigiram para o Occidente. Já nesse tempo, porém, habitavam essa região os marcomanos, de raça germanica, e os boios, de raça celta. Dos ultimos derivou o nome de Bohemia e Ba-

bus de homens livres. E nesse sentido serviram-se da religião. Mandaram sacerdotes germanicos evangelizar os pagãos, afim de os fazer abraçar o catholicismo. Ao mesmo tempo que assim procediam os missionarios deviam incutir o respeito pelo Imperio carlovingio.

O principe Rostislav, habil politico, reconheceu o perigo dessa infiltração religiosa. Então, Rostislav tinha sob o seu sceptro os slavos da região. E para conjurar o perigo politico, chamou dois sacerdotes bysantinos afim de pregarem, em lingua slava, a religião orthodoxa.

Slovakia permanecia pobre e desprotegida. Em 1026 Santo Estevam annexara-a á Hungria. E, então, começou a luta dos slavenos para conservação da lingua e da nacionalidade.

Entretanto, na Bohemia, afim de se defenderem da infiltração germanica, os soberanos incrementaram a religião nacional, dando bens immensos ao clero. Isso deu motivo á sua corrupção. Contra ella se ergueu João Huss, que pregou a reforma moral da igreja, e se tornou um verdadeiro chefe do nacionalismo ameaçado da germa-

nhando-os de vez em quando e limpando-lhes o pó.

OS TRAJOS

Variados e lindos são os trajes dos tcheco-slovenos, que só vestem por occasião de festas. Consistem em saia de grande roda, nas mulheres, num chapéo de feltro original, cheio de enfeites originalissimos. No vestuario feminino abundam as rendas largas, os bordados caprichosos, as fitas de muitas cores, porém berrantes, de preferencia.

Os homens usam casaco com talhe curioso, calça estreita, botas altas, chapéo de abas largas, outras vezes semelhantes a "cocos".

Mas não usam esses trajes nos dias vulgares. Nem nos domingos,

Vestuarios característicos dos tcheco-slovenos

Mas a medida não surtiu effeito. O clero allemão venceu. Os allemães uniram-se aos magyares e destruíram a Grande Moravia. Os húngaros receberam, então, como premio, o país. E deu-se a separação dos tchecos e dos slovenos. Sómente a Bohemia não foi incluída. Continuou independente, sob a dinastia dos Premysl, que se afirmou sempre liberta dos czares allemães, recusando pagar-lhes tributo. No reinado de Ottokar, o Grande, o Imperio da Grande Moravia resurgiu. E nos primeiros annos do seculo XIV, estendia-se do mar Adriatico ao Baltico, incluindo de-

nização. Huss pagou as suas doutrinas com a morte. Terminou numa fogueira, em Constança. A execução exasperou os tchecos, que se tornaram hussitas, cuja reforma consistia na liberdade da predica, no regresso do clero á vida simples, no direito das autoridades civis castigarem os padres delinquentes, e a communhão sob duas especies, isto é, com pão e vinho. Então, deram-se diversas revoltas e lutas cheias de heroismo contra a Allemanha.

Terminada a guerra dos hussitas, após alguns annos de breve esplendor, a Bohemia entrou em de-

porque delles se ririam. Se quando se agrupam, por, então, encontrarem coragem no conjunto de que assim estão muito bem vestidos e que delles ninguém tem o direito de se rir...

A RELIGIAO

Os tcheco slovenos são catholicos. Apesar das heresias de João Huss-Huss em lingua tcheco quer dizer "pato" que deu início á revolta contra a igreja romana, e que foi condemnado á fogueira, como hereje, pelo concilio de Constança, em 1415, os tchecos slovenos coltaram á religião Catholica.

A COLÔNIA CHINESA EM SÃO PAULO/ EPISÓDIOS INTERESSANTÍSSIMOS QUE MUITA GENTE IGNORA. *Diário Nacional*. São Paulo, 15 nov. 1929.

Texto de periódico, recorte (36,2 x 28,3 cm), matéria dividida em 5 colunas com subtítulos e 1 foto, rasgamento na borda inferior provocada pela dobra.

S. Paulo, 15. — 11 — 1929

DIÁRIO NACIONAL

A colonia chinesa em São Paulo

Episodios interessantissimos que muita gente ignora

Em virtude do não passarem, aproximadamente, de noventa pessoas, pouca gente sabe que existe uma colônia próspera de chineses em S. Paulo, que tem sua associação, seu representante oficial, e é proprietária de diversos restaurantes de refeições, a preços módicos. A sua parcerias com os japoneses, mais numerosos e mais conhecidos, faz com que sejam confundidos com estes. Contudo, os chineses têm uma vida totalmente à parte, muito diferente da dos nipponicos.

A emigração chinesa para a América do Sul, é recente, e pouco numerosa.

Faz pouco tempo que os filhos do Celeste Imperio procuravam os Estados Unidos, onde a sua colônia é grande e importante. Em S. Francisco têm o seu bairro, que frequentemente se vê aparecer nas fitas, onde personagens cheios de mistério falam e gesticulam de uma forma que mete medo. Mas, isso acontece só nas fitas, pois os chineses desde tempos imemoriais foram considerados como expressões de nacionalismo de tranquilidade, de uma tranquilidade mais serena do que a das próprias águas em repouso...

Isso fez com que a China, apesar de seus seis mil annos de vida, proliferasse e laborasse, tenha uma existência, activa e construtora, e ao lado de outras nações, não seja nova nem velha.

CONFUCIO

A humanidade deve à China um grande pensador — Confúcio, philosopho, historiador e estadista, que, no anno de 531 antes de Christo, prestou relevantes serviços à civilização. Era tal a intelligencia deste sábio que, ainda muito novo, o bom rei Lou lhe confiou funções importantes, que o jovem sábio abandonou para se dedicar exclusivamente ao estudo dos "Kings", ou sejam os livros sagrados que encerravam toda a sabedoria antiga — musica, cerimonia, arithmetica, calligraphia, egrima e arte de conduzir um carro. Disto se pode deduzir que, na antiguidade, era facil ser sábio, na China. Mas é apenas uma dedução errônea. Porque ainda hoje, Confúcio continua a ser grande.

A vida deste philosopho é longa em ensinamentos, que se podem resumir nesta só frase: "A moralidade é superior à natureza e é o principio do universo".

São delle estas palavras "O céu e a terra são grandes, sem divida. No entanto, também elles o homem encontra a imperfeição". Eis porque o sábio, considerando o que a regra moral tem de maior, disse que o mundo não pode contê-lo".

Mesmo, discipulo de Confúcio, que dois seculos depois aperfeiçoou a doutrina do mestre, afirmou que esta podia resumir-se em "amar ao proximo como a nós mesmos". E acrescentou: "Procede com os outros como quizerias que elles procedessem para contigo".

A influencia de Confúcio foi grande na China. Ella foi, para os seus compatriotas, o mesmo que Moysés para os hebreus: um grande reformador e um grande legislador. A sua pregação, por elle é de tal forma verdadeira que, apesar de decorridos mais de dois mil annos, nem um dos seus paragraphos se pode deslizar fora como inutil ou antiquado. Para Confúcio, o equilibrio e harmonia eram as grandes leis do mundo. Um dia, perguntaram-lhe acerca de dois discipulos que mais estimava, qual dos dois melhor o comprehendia.

— Nenhum, redarguiu. Um não

faz o que podia fazer. O outro faz mais do que devia fazer.

O equilibrio para Confúcio era o fiel da tranquillidade. Dahi o motivo principal porque o chinês viveu sempre uma vida agricola, pacifica e cheia de tranquillidade.

A CHINA DE HOJE

A China tem uma historia longa que, nos primeiros annos, apparece cheia de bruma e mais tarde cheia de sangue. Dos primeiros tempos,

outro revolução. Em 28 de março de 1911, outra. Até que em 10 de outubro de 1911 o Filho do Céu foi definitivamente derrubado do throno vacillante. E a bandeira do velho imperio, amarella, com um dragão ao centro, era substituida por nova bandeira composta de tres cores, vermelho, branco e azul — o vermelho significando o sangue dos que morreram; o branco, o sol da liberdade, e o azul, o futuro.

COSTUMES

Os costumes, no capitulo da moral, são perfeitamente identicos aos nossos, embora a primeira vista se julgue que não. Aos seis annos um chinês, que reside no seu país, ensina ao seu filho os algarismos e os quatro pontos cardinaes. Aos oito annos, o chinêsinho aprende a ceder o lugar das pessoas mais velhas, a ser delicado para com todos. Aos nove annos en-

uma mulher não darão a mão, salvo nas cerimoniaes fúnebres. Fora dessas cerimoniaes, se um homem quer apresentar uma mulher com um objecto qualquer, deverá fazê-lo por meio de uma cesta. Se não tiver uma cesta, porá o objecto no chão. A mulher, depois, o apanhará. O que diz respeito as dependencias das mulheres não deverá de lá sair. O que lhes é estranho não deverá lá entrar. A moral tudo prevê e prescreve minuciosamente.

CULTURA

Quasi todos os chineses residentes em S. Paulo, falam mais ou menos correntemente o portuguez e escrevem bem a sua lingua, ou antes, desenhão a sua lingua. Pois, como se sabe, os chineses se expressam na scripta por meio de um desenho representativo. Para escreverem um homem fazes dois traços obliquos, convergindo no alto. São duas pernas. Para significar um rapaz, pintam um trazo ligeiramente curvo, cortado por um travessão. Representa um alumnão curvado sobre uma carteira. E assim successivamente. A palavra amor tem uma construção original. De um lado, um caracter que significa uma mulher — dois accentos circumflexos e cruzados — do outro lado, o caracter de um adolescente.

Dessa maneira, concretizam no papel os seus pensamentos. Assim se expressaram os poetas, que na China são numerosos e escrevem lindos versos. Algumas poesias são bem curiosas.

— "Ao meio dia, diz um poeta chinês, as arvores muito elevadas que têm poucos ramos. Não se pode repousar sob sua sombra. Elles não dão sombra. Ha, sobre as margens de um rio moças que passam. Mas é impossível quebrar a sua virtude como atravessar o rio, que é profundo. Eu queria cortar os arbores espinhosos, que se erguem além, da outra margem. Aquella moça vai celebrar as suas nupcias. Ella é tão bella que eu desejaria levar de caminhar no seu cavallo. Mas é impossível atravessar o rio profundo. E, mesmo a moça, não accetaria..."

Os honrados, como entre nós, também confessam enternecidamente a sua saudade.

— Meu amigo, colhe flores no campo e vem entregar-mas para eu cheirar, escrevia uma poetisa, ha seculos. Um dia passado sem te ver parece-me longo como tres mezes.

Meu amigo, colhe frutos no campo e traz-mos. Um dia passado sem te ver lembro-me tres estações.

E, agora, meu amigo, colhe ramos mortos no campo e traz-mos. Um dia sem te ver parece-me do tamanho de tres annos..."

Lembram poesia moderna...

Mas, essas poesias só se lêem os mais instruidos aos fillos, que nem sempre as comprehendem.

De resto, os chineses domesticados em S. Paulo têm um senso mais pratico da vida. Vêm a facilidade na estabilidade economica.

Aham os nossos costumes excellentes. E a prova está na maneira como vivem. Segundo, em tudo os costumes occidentaes. Resumem, palestram, offercem jantares, vão ao cinema, divertem-se. E, quando chegam as grandes datas nacionaes (da nova China) reúnem-se na rua Associação, o Centro Republicano Chinês de São Paulo, à rua Irmã Simpliciana, d'ampm, bebem bons vinhos e promunciam discursos longos, como os do sr. Irineu Machado...

Aspecto de uma festa no Centro Republicano Chinês

Os poetas contam maravilhas. Dos segundos, os visitantes narram acenas de crueldade. E, então, a China passa a ser a nação dos supplices atrozes, dos mandarinis e dos imperadores, cujas ordens equivaliam a um mandato divino. O imperador era o celebre Filho do Céu, que tinha uma mulher de primeira gerarchia, tres de segunda, vinte e sete de terceira, nove de quarta, oitenta e uma de quinta e um numero infinito de sexta...

Era um homem muito amado o Filho do Céu.

Mas, tudo isso vai longe. E hoje a China é uma nação que está em franco progresso, que cada anno dá mais um passo para a civilização occidental. Abriu a nova era no país remoto do oriente, o dr. Sun Yat Sen, que se dedicou inteiramente à revolução e que viu os seus esforços coroados de exito. O seu objectivo era estabelecer para sempre a liberdade e a igualdade na China, cousas incompatíveis com o velho regime, cujas pedras angulares eram os mandarinis. Elle organizou o partido nacionalista, que teve por norma a observancia de cinco principios considerados maximos: sustentar a unidade politica, desenvolver a autonomia municipal, fortalecer a assimilação da raça, adoptar o melhor systema de administração e manter a paz universal, sob o lema: "Igualdade, Liberdade e Fraternidade".

O primeiro levantamento que os nacionalistas fizeram deu-se em 1905. Fracassou. Nello perderam a liberdade e a vida o jovem patriota Luck Haw Tuny. Em 1906, rebentou nova revolução que foi sufocada também, mas que repercutiu por todo o país, em cujas povoações principaes se registraram diversas revoltas. Em 1908 deu-se

tudo, todas unidas, symbolizando também os tres principios do povo.

Para presidente da Republica foi nomeado o dr. Sun Yat Sen.

De então para cá, a China entrou num novo periodo da vida, reconstructiva, trabalhando para industrializar-se.

OS CHINEZES DE S. PAULO

Os chineses em S. Paulo são quasi todos proprietarios de restaurantes modestos que se encontram espargidos pela cidade. Os que não são proprietarios trabalham nos restaurantes dos seus compatriotas onde, também, diversos imigrantes das outras nacionalidades encontram trabalho. Ahí vão juntando, taoito a taoito, algumas economias. E logo que todas as importancias depositadas lhes permitem a abertura de um restaurante, os antigos criados passam a proprietarios de restaurantes de refeições a 2500.

Porque vieram ainda pequenos, a maior parte assimilos os nossos costumes, adoptou a nossa religião. A maioria é catholica. Não comprehendem muito bem a liturgia. Mas, isso não os impede de adorarem Deus, de serem mais exaltados de santos que fazem milagres, de irem à missa aos domingos pela manhã e de communicarem uma vez por anno.

Conhecem muito pouco a influencia das esposas, que, na sua maioria, são brasileiras. E, se é certo que a creança dos paes muitas vezes é uma mistura complicadissima de reminiscencia do idianismo — velha religião official da China — com o catholicismo, os fillos, nascidos no Brasil, frequentando as nossas escolas e templos, acabam de adquirir uma noção mais perfeita de Deus e mais exacta de patria.

ainam-lhe a fazer contas. Aos dez annos o rapaz sai da casa paterna e é entregue aos cuidados de um mestre que lhe ensina a ler, a raciocinar e a escrever.

Taos costumes o paes chinês não põe, porém, em pratica no Brasil. Mas, como residem no país, geralmente, ha bastantes annos e reconhecem as vantagens da assimilação, em lugar de observarem, ponto por ponto, os paragraphos da educação chinesa, mandam logo aos seis annos os seus fillos ás escolas onde aprendem o ensino official.

Depois, a educação no lar prosegue, docili, cheia de raciocinio e de cortesia. Basta dizer-se que, se num casamento effectuado entre chineses, passados mezes o marido se desgosta da esposa, leva-a a casa dos paes e confessa-lhes:

— Eu não sou sufficientemente intelligente para tornar esta rara criatura feliz.

O paes da esposa, que tudo comprehende, com um sorriso amabilissimo responde:

— Effectivamente, a minha filha faltam boas qualidades. Lastimo não vos haver prevenido com antecedencia.

E a separação faz-se amigavelmente, sem coarctas, sem demora dos processos civis, sem escandalos.

AN LEIS

Desembarcados no nosso país, ficam sujeitos as nossas leis. Mas, quasi sempre não interessam nelleos "patriarchos". Pergue "um bom chinês considera sempre que não ha culpados, mas sobretudo, inoconientes que é preciso conduzir, de nova, para o bom caminho.

A sua moral completa é lei, prescrevendo os deveres de um para com os outros. Por ella os homens não falam do que diz respeito ás mulheres nem estas do que diz respeito aos homens. Um homem e

PENTEADO, Alcides. A GUERRA DO CAFÉ/ A PROIBIÇÃO É UM SUICÍDIO. *Diário de S. Paulo*. São Paulo, 16 nov. 1929.

Texto de periódico, recorte (22,2 x 10,4 cm), matéria dividida em 2 colunas. Nota MA: autógrafo a grafite: nome do jornal e data.

A GUERRA DO CAFÉ
Diário de S. Paulo 16-XI-29
A PROIBIÇÃO É UM SUICÍDIO
(Para o DIÁRIO DE S. PAULO)

Alcides Penteado

E' preciso que se lance, sem mais reboços, o mais energico protesto contra a impatriotica idéa da prohibição de plantações de café, nas zonas novas, que são as unicas que nos habilitarão a enfrentar a concorrência estrangeira, produzindo cafés a baixo custo e com lucro razoavel.

Na guerra que acaba de nos ser declarada — e á qual respondemos mendigando empréstimos ao proprio inimigo — não serão os agonisantes e imprestaveis caféeiros de 100 annos que nos levarão á victoria, mas sim os vigorosos e productivos arbustos das zonas novas e ferteis.

O maior erro da nossa politica caféeira foi justamente esse de querer, á força de injeções de oleo camphorado, sob forma de empréstimos, financiamentos e elevação de preços, teimar em manter as nossas linhas de combates esses soldados caducos e imprestaveis, que consommem sem produzir, difficultam sem ajudar.

Assim como os antigos Spartanos lançavam aos lobos os seus filhos imprestaveis, devemos transformar em lenha, todo caféiro cujas forças não bastem para a produção de 40 ou 50 arrobas por mil pés.

Num gesto de patriotico altruismo, de honesta solidariedade na desgraça, não devemos, porém, deixar de accudir a esses nossos irmãos, proprietarios de fazendas velhas.

Para isso, em vez de adiantar dinheiros sobre cafés armazenados, poderia o Instituto do Café passar a comprar as fazendas velhas, cujos caféeiros fossem decepados, e que seriam pagos ao preço fixo de, digamos, 700 ou 800 réis por caféiro.

As fazendas, suas terras, pastos, mattas, etc., ficariam pertencendo ao proprietario, que se dedicaria a outras culturas, não podendo nellas cultivar a rubiacea, nem seus succedaneos ou plantas concorrentes.

O pagamento seria feito em prestações, por meio do imposto de 1\$000-ouro.

Esta medida, juntamente com a prohibição de commercio para os cafés baixos, viriam reestabelecer o equilibrio, tanto em relação ao actual stock de cafés como em referencia ás super-abundantes safras futuras, attrahindo compradores.

Está claro que só venderiam seus cafezaes, aquelles cuja situação fosse insustentavel, ante a nova phase que se nos apresenta.

Nem foi outra a solução achada pelo sr. presidente da Republica, dando o grito de — “salve-se quem puder”, com a differença que s. excia. accrescentou, baixinho, “e como puder”, sem cogitar da defesa de ninguém, a não ser do seu querido cambio.

Abandonando assim os fazendeiros á propria sorte, veremos fazendas optimas serem devastadas, ao passo que algumas outras, apesar de pessimas, poderão resistir, graças ás injunções do momento, qual verdadeiro “jogo de bicho”.

E é a isto que se chama — ser um grande estadista!...

Uma medida que se impõe, por justa e altamente benefica, que todo bom lavrador já adopta em suas fazendas, é a seguinte e que passará a ser, por força de lei, obrigatoria em todo o paiz:

Art. — Nenhuma propriedade agricola poderá occupar mais de metade de sua area com plantações de café”.

Obter-se-ia, assim, uma limitação benefica, suave, ao passo que teriamos incrementada a cultura de outros productos agricolas e da pecuaria, dispondo, outrossim, dos meios indispensaveis á fabricação de adubos animaes e vegetaes, hoje tão escassos.

A prohibição de cafés novos, no Estado de São Paulo, seria suicidio da lavoura paulista em beneficio do Paraná e dos outros Estados caféeiros. A prohibição, no Brasil, sel-o-ia da mesma forma, em face dos concorrentes estrangeiros.

A PAGELÂNCIA, CERIMÔNIA DO RITUAL AFRICANO, TEM EM SÃO PAULO ADEPTOS FERVOROSOS. *Diário de S. Paulo*. São Paulo, 01 jan. 1930.
 Texto de periódico, recorte (32,2 x 36,8 cm), organizado em 4 colunas com subtítulos e 2 fotos; perfurações por inseto.

São Paulo — Quarta-feira, 1 de Janeiro de 1930

A "pagelância", cerimonia do ritual africano, tem em São Paulo adeptos fervorosos

NA SUA PEREGRINAÇÃO PELOS DOMINIOS DA "MACUMBA", O "DIÁRIO DE S. PAULO" TEVE OCASIÃO DE ASSISTIR A UMA SESSÃO DA BARBARA MAS INNOCUA PRÁTICA FEITICISTA

Uma prospera que viveu no grau de organização de defesa social, não podendo deixar de interessar a feitiçaria, que não se intermedia entre eles e o público. Alguns escrevem, já no século XVIII, a existência de feiticeiros.

Ha ainda a religiosidade política. São Paulo, de uma advocacia claudicante, cujos clientes são freqüentemente inventários das doenças.

Esta gente, aliada aos que, por interesse ou superstição, facilitam o exercício da profissão de curandeiros, feiticeiros, cada vez mais, a rigorosa classe que, dia a dia, cresce em numero e audácia, pretendendo o absurdo de sobreviver a todos os tempos, incluindo os meios de charlatães e servindo-se da lei para manter a ordem moralizadora da imprensa.

UMA SESSÃO DE "PAGELÂNCIA"

A "pagelância", sem fins malevolos, é menos indolente que a charlatania desordenada a respeito de ventos, sem sentir os resultados de sua intrusão.

Dignos produtos, no principio de uma moléstia terrível, como a tuberculose, se entregam a esmerilhadas, só se desprendendo de sua suficiência quando a verdadeira ciência não pôde fazer mais nada!

Confrontando tudo isso com a "pagelância", exercida por descendentes de africanos, outro ritual se revela antiga, sem das malvadas e interesseu qualquer, embora barbaresco, vem no primeiro caso o delicto de que, por contágio, afim de sofrer a pena, não trépica em concorrer para o extermínio de um indivíduo, enquanto que no segundo vem, a pena, o espírito regressado do passado, rendendo aos símbolos da civilização e do porvir.

A "pagelância" raciocínio religioso, utiliza os nomes dos "deuses" e seus adeptos os chamam de "pagelancas".

A "PAGELÂNCIA", TAL COMO SE PRÁTICA NA PAULICIA

pectáculo indolente para a qualidade dos leitores.

Revisamos, mesmo que a política, tão condescendente com a "rei dos curandeiros" e os demais membros da aristocracia da classe, via incommodar aquela velhota de pele negra e alma branca como os seus cabelos, purificada mas senil, sem sempre ao abrigo da civilização humana.

No terceiro tipo, aliado pela sua cheia, uma dúzia de pessoas aguardavam a chegada do estranho sacerdote. Alguns prelo, com quem procuramos co-

versar, guardavam uma reserva respeitosa, respondendo-nos as perguntas insistentemente, com um sorriso triste alumiado pela luz da dor dos dentes de ouro.

Finalmente chegou o velho, apoiado num bastão, arrastando, dificilmente, aquela carcassa curvada que os olhos e os trabalhos não conseguiram, ainda, alisar.

Fez-se a roda. Todos de olhos fechados como as crianças que cantam a candomblé.

O pagel, ao centro, trapeou, no alto, o signo de Salomão, com uma cruz e alto, murmurando, em segredo, um ponto onde se foi

colocar uma rapariga de dezesseis annos, mais ou menos.

Um signal cabalístico seu e a roda passou a movimentar-se em todas as direcções. Começou o canto:

"O' serve as almas do trabalho!
 "O' serve as almas do trabalho!"

Zing, zing, zing, zing, nã!

Cucurá pegou galinha
 Galinha dentro do pudro
 "Pae de santo" fez tortá
 E o mela vassal... Ahumá!

A' arte (zing) o velho resurgiu das cinzas de uma senilidade, relativamente forte, tanto quanto supremacia, dava o poder imovel como o epileptico no surge de uma crise, era se repolhava, acompanhando os ritmos nos ritmos estranhos de um "black box" original.

É a madrugada seria surpreender aquela gente no ceremonial, interrompido, apenas, para a tragédia de candomblé que o dono de casa distribuiu a todos.

A toca fazi-nos lembrar a Josephine Baker.

Era até mais verdadeira que a outra, cujo sentimentalismo religioso se elaborou ao contacto ultra civilizado de sua carreira de artista.

Anunciá e breves uma reportagem illustrada sobre o candomblé de um charlatão, cuja histeria se ergue alguns kilometros afastados de um povoado leito da Capital.

VISTA PARCIAL DAS PROPRIEDADES DO CURANDEIRO GEORGINO

NA SUA PEREGRINAÇÃO PELOS DOMINIOS DA "MACUMBA", O "DIÁRIO DE S. PAULO" TEVE OCASIÃO DE ASSISTIR A UMA SESSÃO DA BARBARA MAS INNOCUA PRÁTICA FEITICISTA

...os flora prospera que viceja, não grado as organizações de defesa social, não podiam deixar de interessar a terceiros, que são os intermediários entre elles e o publico. Alguns exercem, junto ao charlatão, a qualidade de empresario.

Ha ainda a rabelagem policial. Deze... de individuos vivem, em S. Paulo, de uma advocacia clandestina, cujos clientes são os frequentadores involuntarios das delegacias.

Essa gente, affilada nos que, por interesse ou superstição, facilitam o exercicio da profissão de curandeiro, fortalece, cada vez mais, a rrigosa classe que, dia a dia, cresce em numero e audacia, pretendendo o absurdo de subverter a ordem das cousas, tachando os medicos de charlatães e servindo-se da lei para neutralizar a acção moralizadora da imprensa.

UMA SESSÃO DE "PAGELANCIA"

A "pagelancia", sem fins malevolos, é menos odiosa que o charlatanismo despuadorado a embalar os credulos, sem medir os resultados de sua intrujice.

Quantas pessoas, no principio de uma molestia terrivel, como a tuberculose, se entregam a esses miseraveis, só se desprendendo de sua influencia quando a verdadeira sciencia não pôde fazer mais nada?!

Confrontando tudo isso com a "pagelancia" exercida por descendentes de africanos, méro ritual e uma religião antiga, sem fins malevolos e interesses subalteros, embora barbara, vemos no primeiro caso o delicto do que, por omissão, afim de usufruir pecunia, não trepidou em concorrer para o exterminio de uma vida; enquanto que no segundo vemos, apenas, o espirito retrogrado do passado, resistindo aos embates da civilização e do progresso.

A' vista desse raciocinio resolvemos omitir os nomes dos "pae de santo" e seus adeptos que nos porporci naram um es-

A "PAGELANCIA", TAL COMO SE PRATICA NA PAULICEA

pectaculo inédito para a quasi totalidade dos leitores.

Receiamos mesmo que a policia, tão condescendente com o "rei dos curandeiros" e os demais membros da aristocracia dessa classe, vá incommodar aquelle velhinho de pelle negra e alma branca como os seus cabellos, purificada nas senzalas, nem sempre ao abrigo da crueldade humana.

No terreiro limpo, alumado pela lua cheia, uma duzia de pessoas aguardavam a chegada do extranho sacerdote. Alguns prelos, com quem procuramos con-

versar, guardavam uma reserva respeitosa, respondendo-nos as perguntas impertinentes com um sorriso triste alumado pela brancura dos dentes cor de jaspe.

Afinal chegou-o velho, apoiado num bastão, arrastando, difficilmente, aquella carcassa curvada que os annos e os trabalhos não conseguiram, ainda, abater.

Fez-se a roda. Todos de mãos dadas como as crianças que cantam a cirandinha.

O pagé, ao centro, traçou, no sólo, o signo de Salomão, com uma cruz n' alto, marcando, em seguida, um ponto onde se foi

colocar uma rapariga de dezesseis annos, mais ou menos.

Um signal cabalistico seu e a roda passou a movimentar-se em todas as direcções. Começou o canto:

"O' sarve as alma do trabalo!

"O' sarve as alma do trabalo!

Zing, zing, zing, zing, uá!

Crescavé pegou gallinha

Gallinha detrais do pulero

"Pae de santo" fez sortá

E' o mais veio!... Alumia!"

A' certa altura o velho resurgira das ruinas de sua senectude e, relativamente forte, lasto quasi aprumado, ora quedava imovel como o epileptico no auge de uma crise, ora se requiebrava, acompanhando os moços nos rythmos extranhos de um "black botton" original.

E a madrugada veio surpreender aquella gente no cerimonial, interrompido, apenas, para os tragos de caninha que o dono da casa distribuia a todos.

A moça fazia-nos lembrar a Josephine Baker.

Era até mais verdadeira que a outra, cujo sentimentalismo religioso se esborrou ao contacto ultra civilizado de sua carreira de artista.

Amanhã caremos uma reportagem illustrada sobre o consultorio de um charlatão, cuja balúca se ergue alguns kilometros afastados de um populoso bairro da Capital.

VISTA PARCIAL DAS PROPRIEDADES DO CURANDEIRO GEORGINO

Texto de periódico, recorte (65,1 x 33,7 cm), matéria dividida em 6 colunas com subtítulos e 4 fotos; 6ª coluna recortada inadvertidamente.

Verdadeiramente, conta apenas onze séculos. Contudo, a sua história é longa. Herodoto, nas suas crônicas, occupa-se já deste país. Chama aos habitantes "guiruljal". E, segundo as afirmações desse historiador, os gregos iam lá buscar âmbar. Pouco mais adiante. Só depois do século XIII, este povo das brumas da lenda e a história começa a desenhar o seu perfil, de uma forma mais ou menos fiel.

Assim, os lituanos, pertenciam, em sua origem, a um grupo de tribos instaladas na embocadura do Vístula. Essas tribos formaram, com os letões e os velhos prussianos, a família dos povos bálticos, sabida do ramo aria. De origem indo-europeia, não são eslavos nem germanos.

Era um povo sedentário, no começo. Não tomou parte nas invasões da idade média que assolaram as regiões vizinhas.

Agricultores, sentindo na alma o amor ao torrão natal dedicaram-se à agricultura, não seguindo os gregos, seus vizinhos, para o sul nem os finlandeses, seus aliados, estabelecidos na Livônia, nas incursões que fizeram para as terras frias do norte.

Formados em tribos, durante diversos séculos essa situação primitiva concorreu para o seu enfraquecimento, pela luta entre os chefes. Em 1248, porém, esse estado de coisas terminou pela submissão dos outros chefes ao grande Mindaugas.

Mindaugas, guerreiro destemido e político de rara habilidade, veio a integridade do seu país ameaçada pelos cavaleiros "Porta Cruz", converteu-se ao cristianismo. Em 1251 fez-se baptizar, prometendo ao papa converter todo o seu povo, obrigando-o a abandonar a adoração do fogo.

Mas não compreendeu o significado do baptismo. Por isso, para calmar o mais cedo possível na graça de Roma e, lembrando-se que a sua conversão fora solenizada com água, decretou que todos os seus súditos tomassem um banho colectivo nas águas do Niemen, rio que passa a meio da Lituânia.

No ano seguinte, o antigo chefe de tribo, recebia no castelo de Varuta, a coroa de grão-duque que lhe enviara o papa Innocencio IV. Valera a intenção...

O reinado de Mindaugas foi grande em exemplos e caracterizado por uma administração sabia. Nello foram assentes as bases da civilização actual. Nos governos seguintes os lituanos deram início à guerra contra os tartaros, dilatando as fronteiras antigas. E no

ram magníficas. Ainda hoje são citadas como as mais imponentes que se realizaram ali, até hoje. Mas, na véspera da coroação, Vytautas morreu. E não chegou a ser rei.

Antes de Vytautas, pelo casamento da rainha Jogaila, da Polónia com o príncipe Edwige, da Lituânia, os dois países uniram-se. E essa união prolongou-se, por

Casas feitas por uma só pessoa e onde vivem muitas

corrida, se detêm a descansar, em minilaturas graciosas erguidas entre jardins...

E' na Lapa, sobretudo, que se encontra maior numero de lithuanos. A razão dessa aglomeração na Lapa explica-se pelo numero das industrias que existem nesse bairro e onde elles ganham o pão.

Vem, em seguida, o bairro de Sant'Anna, onde moram cerca de

das as dependencias requeridas por um conforto relativo.

Isso pôde parecer estranho, mas uma mulher lithuana, fiel aos costumes da sua terra, embora habite um casebre, gosta de trabalhar num tecto differente daquelle onde dorme. Por isso, essas construções pequenas, são pelo menos, compostas de duas partes; uma, destinada ao repouso e a outra

Um grupo de crianças lithuanas. Morreu-lhes o paé. A mãe trabalha na fabrica

longos lustros, com vantagens para os dois povos que viviam perfeitamente em conjuncto cada qual com o seu governo, administrando-se a si mesmos.

Mas, por meados do século XVII, o príncipe lithuano Janus Rastavičius, resolveu romper com a Polónia. Aproveitou, nesse sentido, a guerra da Suecia contra a Russia. Mas a fortuna foi adversa ao rei da Suecia, Carlos Gustavo. E a Lituania foi annexada á Polónia.

Seguiram-se diversas revoluções que enfraqueceram os dois países. A Russia começava a despertar. A Austria e a Alemanha organizavam-se. Dentro da Polónia começaram a apparecer facções politicas.

E a Russia acabou intervindo, a pedido dos revolucionarios polacos.

dos mil lithuanos, e o bairro de Bom Retiro, com mais de mil. Finalmente, a Mooca é o conhecido bairro de S. Paulo onde os lithuanos estabeleceram os seus penates.

SE CONSTROE UMA CASA

Embora os primeiros lithuanos chegassem ao nosso Estado em 1926, diversos immigrants já são proprietarios de casas e de terras.

As casas pequeninas que se vêem esparçadas por Villa Bella e Villa Alpina, pertencem a alguns dos primeiros lithuanos que chegaram a S. Paulo.

Desembarcaram em Santos, dominados pelo desejo de se transformarem em independentes. Chegados á capital, os que se diri-

guda se realizam todas as manifestações de actividade domestica, — como trabalhos de costura, fabrico de tapetes de cores garridas e tecelagem de linho, em que são peritas.

COSTUMES

A mulher occupa um lugar preponderante no lar. Gosa de grande liberdade. Discute com o marido os problemas de economia domestica e collabora para que os bens de ambos cresçam. Se vivem no interior, acompanham o marido no trabalho. Não lhes mette medo o sol. Com a enxada nas mãos só se retiram quando o marido regressa. Voltam juntos. Dos arranjos da casa e da preparação da comida, ficam encarregadas as filhas, quando as têm. Se têm filhos, a

LEVINSON, André. ÉTUDES ÉTRANGÈRES/ AFAMÉRIQUE. s.n.t., s.d.

Texto de periódico, recorte (22,9 x 42,5 cm), matéria organizada em 6 colunas com 1 subtítulo e 1 foto.

ÉTUDES ÉTRANGÈRES

Aframérique

Ou bien je m'abuserais singulièrement, ou c'est, tout bonnement, un chef-d'œuvre que *Porgy*, petit roman exotique et picaresque dont a été tirée la pièce du même nom qui fit courir New-York et Londres, comme aussi certaine scène inoubliable — celle de la veillée funèbre — du spectacle des « Oiseaux noirs » qui, tout cet été, enchanta les Parisiens. Je manque de renseignements sur l'auteur de ce livre étonnant dont on annonce justement une traduction française. Ce M. Du Bose Heyward est-il un noir d'Amérique, comme M. Du Bois Burghardt, romancier et publiciste, promoteur des congrès panafricains ? Je le présume, tellement ce nom de Du Bois est répandu parmi les nègres de Saint-Domingue ou de la Nouvelle-Orléans. De lui, je ne connaissais qu'un délicieux recueil de chansons de la Caroline et de légendes de la Plaine. Mais ce qui ferait douter de ses origines, c'est la limpidité de son style, la pureté classique de la syntaxe, la réserve dans l'emploi de la couleur locale même la plus truculente, la pondération jusque dans la peinture des paroxysmes les plus sauvages, la savante naïveté du ton. Un Mérimée primitif serait-il chose possible ? M. Heyward en serait un, puisque tout porte à croire qu'il est un auteur « de couleur ».

« *Porgy* vécut à l'Age d'or », nous apprend le narrateur — époque relativement récente, mais, néanmoins, combien lointaine, quand les esclaves libérés menaient encore, dans les faubourgs des calmes cités du Sud et dans les plantations de la « zone du coton », une vie idyllique, indolente et misérable ; quand Washington, capitale de ce peuple de dix millions, n'avait pas encore été supplanté par le quartier de Harlem, le « paradis des nègres » au cœur de New-York. Le cul-de-jatte *Porgy* est mendiant de son métier et joueur dans l'âme ; il habite un réduit dans un vieux hôtel désaffecté du Catfish Row, « ruelle des loups de mer », pittoresque Cour des Miracles où pullule, joyeuse, querelleuse, bigarrée, la plus indescrivable pègre noire. Petit monde à part, car, à toute intrusion brutale des blancs, les hôtes de ce « pot-bouille » pouilleux et loqueteux opposent une solidarité humble, mais obstinée.

Le roman d'amour du bon *Porgy* sert de trame au récit, de prétexte au tableau de mœurs ; il met du mouvement dans le paysage. Il est donné à l'infirme de conquérir, à force de délicatesse innée et de générosité, le cœur d'une femme, la pierreuse Bess, rouleuse de port et maîtresse de Crown, terrible assassin en rupture de ban. Vient l'heure suprême de sa vie quand *Porgy* brave et abat le redoutable rival qui veut lui reprendre sa femme. Mais son geste héroïque reste vain. Bess, sans défense contre l'alcool, la drogue, la violence des mâles en rut, retombe au ruisseau ! Un pareil sujet donne lieu à une foule d'épisodes caractéristiques ; une sensualité exaspérée, une perversion naïve, une imagination hantée par les présages, une douceur naturelle qui, en un clin d'œil, se change en féroce, toutes les fureurs enfin de l'Eros africain animent les scènes de rixes, d'enterrements, de fêtes rustiques, de magie, de liesse et de panique. Et quand les éléments s'en mêlent, le spectacle atteint au grandiose, comme il en est de ce raz de marée sur le littoral de l'Atlantique qui assaillit la vétuste demeure et fit périr en mer la fleur des jeunes hommes noirs. Le dialogue rendu dans un patois savoureux, les chants et les palabres ajoutent considérablement à l'intérêt de ce tableau d'une humanité inférieure, si l'on veut, mais combien spontanée, passionnée, incomparablement vivante !

On conçoit l'attachement attendri de l'auteur, en qui l'artiste a si heureusement dominé l'ethnologue, pour ses personnages « qui ont ri et pleuré dans le giron brun et chaud de la terre ». Et dans un petit poème liminaire, en guise de préface, il adresse une prière au « Dieu des noirs et des blancs » afin qu'il nous « fasse des cœurs assez grands pour pouvoir comprendre » l'âme puérile et obscure de la race des *Porgy* et des Bess.

Ce qui confère à cette simple histoire cette qualité classique que j'ai déjà constatée avec surprise, c'est que l'écrivain se domine, domine son sujet et coule la matière incandescente de la vie instinctive dans une forme plastique. Un tel détachement, nuancé par une teinte de nostalgie à l'égard d'un passé aboli, est le propre de la haute littérature. *Porgy* n'est ni une apologie de la race opprimée ni un réquisitoire contre l'inégalité des hommes. C'est une œuvre d'art qui utilise magistralement les données du folklore « afro-américain ». Cette vue sur les bas-fonds noirs est prise de haut : fait nouveau qui m'a d'autant plus frappé qu'il semble ouvrir une phase nouvelle de cette Renaissance nègre que j'avais cru condamnée à ne jamais pouvoir sortir de « l'enfance de l'art ».

Car, depuis peu, une littérature a surgi, déjà considérable, où les noirs d'Amérique affirment leur originalité en épanchant le trop plein de leur vitalité ingénue. Ils cherchent à s'exprimer sans ambages en maîtrisant ce complexe d'infériorité, ces rancunes de l'indésirable qui les empêchent d'être eux-mêmes. Ce n'est plus un

Le poète nègre Claude McKay

problème qu'ils discutent : c'est une manière d'être qu'ils peignent avec complaisance, voire avec l'orgueil susceptible du paria révolté. Or, peints par eux-mêmes, les noirs nous révèlent les grâces, mais aussi les tares et les limitations de l'état de nature : une sensibilité à fleur de peau aisément excitée, une humeur impulsive, versatile, fantasque, une vie sexuelle exubérante, une nervosité quasi hystérique, les réflexes remplaçant la réflexion, et l'instinct primesautier, les opérations plus subtiles de l'intelligence. L'art de l'homme primitif est intense, coloré, direct : il est aussi superficiel, monotone et court.

Que l'on n'aille pas m'objecter le style monumental de certaine statuaire nègre,

Ou muito me engano ou, muito agradavelmente, *Porgy* é uma obra-prima, um pequeno romance exótico e picaresco do qual foi retirada a peça do mesmo nome que percorreu Nova York e Londres, e também certa cena inesquecível - a do velório - do espetáculo "*Pássaros Negros*" que, durante todo este verão, encantou os parisienses. Não possuo dados sobre o autor desse livro espantoso cuja tradução francesa acaba de ser anunciada. O Sr. Du Bose Heyward é negro americano, como o Sr. Du Bose Burghardt, romancista e publicista, promotor de congressos pan-africanos? Presumo que sim pelo modo como o nome de Du Bose se espalhou entre os negros de São Domingos e de Nova Orleans. Dele não conheço senão uma deliciosa coleção de canções da Carolina e de lendas da Planície. Mas o que faria duvidar de suas origens é a limpidez de seu estilo, a pureza clássica da sintaxe, a reserva no emprego da cor local, mesmo a mais truculenta, a ponderação na descrição dos paroxismos mais selvagens, a sábia ingenuidade do tom. Seria possível um Mérimée primitivo? Em Hayward sim, pois tudo leva a crer que ele é um escritor "de cor".

Porgy vivia na "Idade do Ouro", conta-nos o narrador - época relativamente longínqua, em que os escravos libertos ainda levavam, nos arrabaldes das calmas cidades do Sul e nas plantações da "zona do algodão", uma vida idílica, indolente e miserável. Quando Washington, capital desse povo de dez milhões ainda não fora suplantada pelo bairro do Harlem, no coração de Nova York. O paraplégico *Porgy* é mendigo de profissão e jogador em sua alma. Mora em um quartinho, em um velho hotel instalado em um

vestige d'une tradition immémoriale ! En des siècles d'esclavage, le nègre transplanté à *retrograde* ; il est déchu de cette mystérieuse culture ancestrale. C'est un sauvage, violemment et sommairement assimilé, captif d'une civilisation étrangère au génie de sa race. Écrivain de langue anglaise, il manifeste des dons peu communs : effusion lyrique faillie des entrailles de l'être, vivacité de la vision, verveur du langage puisée dans l'idiome des plantations. Il se raconte, se communique, décrit son ambiance familière. Quant à organiser, construire, équilibrer une œuvre de longue haleine, sélectionner, transposer, dépasser les choses vues et vécues, tout cela lui est encore refusé. C'est pourquoi le récit de M. Du Bose Heyward m'avait frappé par sa parfaite mesure.

Non, toutefois, que je sois porté à dédaigner la soudaine floraison de talents qui, en quelques années, a produit un Jean Toomer, un Eric Walrond, un Claude Mc Kay ; et je suis loin d'approuver la réserve qui fait que, dans le remarquable *Panorama* de M. Régis Michaud, le premier de ces auteurs, n'ait eu que son nom cité, le dernier, trois lignes, et le second, rien. Mais cette floraison portera-t-elle des fruits ? Le mouvement ne menace-t-il pas de s'essouffler ? Ne piétine-t-il pas déjà ? Et les brillants débuts de M. Claude Mc Kay, ce prince de la Bohème noire, n'auront-ils pas été, en somme, un faux départ ? Son cas est tout particulièrement curieux. Né à la Jamaïque, dans une famille d'origine madecasse, autodidacte, réfractaire et nomade, à l'instar d'un Gorki, d'un Jack London, d'un Sherwood Anderson, ayant tâté de tous les métiers, navigué sous tous les ciels, le vagabond « chasseur de singes » (sobriquet des nègres antillais) découvrit un jour qu'il était poète.

Dans un recueil de vers, *les Ombres de Harlem*, il magnifia la ville tentaculaire, la plus grande cité noire de l'univers, métropole d'une culture en gestation, non plus le sombre ghetto des réprimés, mais la Jérusalem du « sionisme nègre ». Ce n'est pas, pourtant, l'avenir de la race qui l'enivre. Il exalte, plutôt, les délices voluptueuses des tripots et des bouges, leurs fortes odeurs et leur joyeux tintamarre, la peau brune et la vêtue éclatante des jeunes filles en fleur, les cris et les rires, l'orgie de la luxure primitive et la subtile mélancolie des *blues*. Et c'est dans des vers d'un jet aisé et mélodieux qu'il déverse son cœur

« ...Que tout irrité
Excepté la candeur de l'antique animal. »

Il y a là certaine ballade des *Danseurs nègres* qui est comme une profession de

foi, cantique, sur un air de jazz, à « l'esprit immortel de la race ». Ces déshérités de la terre qui dansent avec de la poésie dans les yeux, « les dons divins sont leurs, la musique et le rire ; toute autre chose, aussi sublime soit-elle, vient après » (ce « don du rire », Miss Jessie Fauset, auteur de *Il y a confusion*, ce roman de la « presque blanche », et licenciée de la Sorbonne, a cherché à le définir dans un essai qui discrimine entre l'humour noir, à base de pathétique latent, et l'emploi de pître malgré lui imposé à l'artiste noir). Ces thèmes sont familiers à la jeune poésie de couleur ; un Countée Cullen rime l'éloge des lèvres qui savent mieux embrasser que chanter des hymnes blanches, célèbre les « reins joyeux et extatiques », et fait refuser à « celle des pieds dansants » d'aller en paradis, puisque la danse y serait un péché. Et dans un admirable examen de conscience, le soliloque *Héritage*, il confesse à Jésus-Christ sa conversion au paganisme de sa patrie africaine. C'est dans un accès de nostalgie non moins aiguë que Mc Kay fonde en larmes devant une vitrine de fruits exotiques. Cet atavisme, reviviscence de souvenirs obliés, lutte, chez les poètes de Harlem, avec le dépit amoureux qui les attache au sol natal de l'Amérique, la blanche marâtre. « Moi aussi je suis l'Amérique, grogne Langston Hughes. Je suis le frère plus sombre. Ils m'envoient manger à la cuisine quand ils ont du monde. » Cet âcre goût de la honte lue, se surmontant devant l'humiliation gratuite fait voir rouge à Claude Mc Kay, jouisseur indolent, flâneur désabusé. « Ce poète qui est le guide de sa génération est un génie acculé à ce dilemme, remarque W. S. Braithwaite, critique noir. Il est pris entre les courants de la poésie d'expression et de la poésie de protestation ». La fierté ulcérée gronde dans *Maisons blanches*. « Votre porte est close contre ma face crispée ; je suis tranchant comme l'acier, à force de ressentiment... Oh ! il faut que je garde mon cœur inviolé contre le puissant poison de votre haine... » Tels sont les motifs conducteurs de ce lyrisme charnel et aromatique, agité de crises d'indignation. Nous les retrouvons dans l'œuvre du narrateur.

Cependant, il nous faut suivre le Nègre Errant à travers ses métamorphoses et ses caravanes ; il avait été constable à Kingston, plongeur à New-York, aide-cuisinier dans un train Pullman ; pour passer en Europe, il s'inscrit comme chauffeur sur un cargo transatlantique. Moscou le fascine et la Russie des Soviets, lui, dont les premiers vers avaient été une ode à la grève des tramways. Il s'y rend en 1921 ; suspect, comme il l'est, désormais, aux autorités américaines, le chemin du retour lui est coupé. Ce n'est plus que dans son imagination qu'il vit le

grand jour de son *Retour à Harlem*. Tel est aussi le titre de son premier roman qui produisit une certaine sensation. Van Vechten, que M. Paul Morand nous a fait connaître, nous avait bien guidé à travers les cabarets de la Lennox Avenue ; son *Paradis des nègres*, c'est la tournée des grands ducs dans ce Montmartre noir. Avec M. Claude Mc Kay, c'est un homme de couleur qui nous fait faire le tour du propriétaire.

On s'en aperçoit ; car, en le suivant, on erre à l'aventure, dîne à la fortune du pot, ne va nulle part et n'arrive jamais. Les personnages de ce gros livre tout chaud et tout vibrant se laissent vivre au jour le jour ; et autant en emporte le vent ! Reflet d'une existence sans dessein ni direction, s'en allant à la dérive, tel le bateau ivre du poète, ce roman forme un ensemble de traits, d'images, d'anecdotes, bribes et embryons de pensées, une masse incohérente, polychrome, grouillante avec, à peine, les vestiges d'une fabulation. L'être primitif dont une culture hâtivement absorbée augmente la confusion intérieure et qui est inapte à l'irrationnelles velléités, fringales, caprices, bouffées de chaleur, est inapte à la logique rigoureuse de la composition littéraire. Comment bâtirait-il sur le sable mouvant ? Le lecteur est entraîné à travers ce perpétuel carnaval, où s'agitent danseuses de cabaret, filles, proxénètes, tenanciers de tripot, souteneurs et honnêtes manœuvres ; il assiste, non sans perdre patience, aux baveries, ripailles, sanglantes mêlées, ruses, aventures sentimentales et frénésie phalliques dont paraît être faite la vie à Harlem. Ce n'est qu'à l'arrière-plan que l'on voit apparaître la figure de Ray, sosie de l'auteur, nègre lettré, déjà contaminé et désorienté par la civilisation. Il concède la vedette de son roman à Jake, nature robuste et entière, aux appétits voraces et au courage indomptable, volontaire, puis déserteur de la « grande parade », sachant défendre sa place au soleil, inculte, mais d'autant plus d'accord avec son instinct vital. Tandis que brillant, au loin, les lumières de Harlem, Ray-Mc Kay poursuivait son tour d'Europe, vivait à Londres, en Allemagne, s'attardait au carrefour de Montparnasse, et achevait à Barcelone *Banjo* récit de sa dernière escale dans le port de Marseille. Dans notre prochaine chronique nous nous proposons de l'y suivre avant d'appareiller pour d'autres parages de la littérature afro-américaine.

André LEVINSON.

Porgy, by Du Bose Heyward. Jonathan Cape, London. — Claude Mc Kay, *Harlem Shadows*, Harcourt, Brace, N. Y. 1922. — *Home to Harlem*, Harper, N. Y. 1926. — A consulter : *The new Negro*, edited by Alain Locke, A. and C. Boni, N. Y. 1925.

edifício de Catfish Row, "ruela dos lobos do mar", pitoresco Pátio dos Milagres onde pulula, alegre, briguenta, variegada, a mais indescritível ladroagem negra. Um mundinho à parte, pois, a toda a intrusão brutal dos brancos, os anfitriões dessa "panela fervente", piolhentos e andrajosos, opunham uma solidariedade humilde mas obstinada.

O romance de amor do bom Porgy serve de tema à história, é pretexto para um quadro de hábitos e costumes, dá movimento aos vestígios de uma tradição imemorial! Em séculos de escravatura, o negro transplantado *retrocedeu*: foi privado dessa misteriosa cultura ancestral. É um selvagem violenta e sumariamente assimilado, cativo de uma civilização estranha ao gênio de sua raça. Escritor de língua inglesa, ele manifesta dons pouco comuns: fusão lírica salpicada pelas entranhas do ser, vivacidade de visão, frescor de linguagem buscado no idioma das plantações. Ele narra, se comunica, descreve seu ambiente familiar. Quanto a organizar, construir, ultrapassar as coisas vistas e vividas, tudo isso ainda lhe é negado. Mas a narração do Sr. Bose Heyward me atingiu por sua medida perfeita.

Todavia, fui levado a desdenhar um súbito florescimento de talentos que, em alguns anos, produziu um Jean Toomer, um Eric Walrond, um Claude Mc Kay; e estou longe de aprovar a reserva que faz com que, no notável panorama do Sr. Régis Michaud, o primeiro desses autores não tenha tido mais que uma citação de seu nome, o último tenha merecido apenas três linhas e o segundo, nada. Esse florescimento frutificará? Já não está pisoteado? E as brilhantes estréias do Sr. Claude Mc. Kay, esse príncipe negro da Boêmia, talvez já não tenham sido uma falsa partida?

O texto segue estudando a obra de Claude Mc Kay e propõe fazer uma análise detalhada em um artigo posterior.

A HISTÓRIA DE S. VITO DOS BARESES DE S. PAULO/ COMO O ARCEBISPO CONSEGUIU
RESOLVER A VELHA QUESTÃO/ ENTRE OS FILHOS DE POLIGNANO. *Diário Nacional*.
São Paulo, s.d.

Texto de periódico, recorte (55,0 x 28,7 cm), matéria dividida em 5 colunas com
subtítulos e 5 fotos.

A HISTORIA DE S. VITO DOS BARESES DE S. PAULO

Como o sr. arcebispo conseguiu resolver a velha questão entre os filhos de Polignano

A história de S. Vito aqui em S. Paulo é uma história complicada que começou no início do século XIX, quando o sr. arcebispo conseguiu resolver a velha questão entre os filhos de Polignano.

grande e a terra pouca, muitos habitantes da pitoresca povoação emigram para a América do Sul. Foi um hábito econômico, que acabou por ficar consagrado. E hoje, quando um novo se en-

Alveses, também, o domo morto. Mas, quando isso se dava, a "póvoa" estava escripta, no céu, assim linha de ser. E "o" que tem que ser tem muita poder, consolavam os vizinhos aos parentes do morto.

Desta forma a imagem passou a ser de todos. Um dia, Modesto de Luca, talente, mas pertencendo a imagem já a colônia barrea, o moribundo deixava entregue aos cuidados de um compadre.

AS PROCESSÕES DE S. VITO

Em Polignano a Mare, no dia de S. Vito, 15 de junho, costuma-se por organizar concorridíssimas procissões que percorrem as ruas da vila, levando ao centro a imagem do milagre de S. Vito.

Em S. Paulo, havia a imagem. E por isso os bareses resolveram uma procissão. Pediram licença ao proprietário da imagem e, num mês de junho, uma procissão inédita para os paulistas, percorreu as ruas do Brasil com grande acompanhamento. Estava, pois, oficializado o culto.

Por diversos anos a procissão se repetia, homenageando, assim, os bareses a única imagem de São Vito que existia nesta cidade. Mas um dia, um bares residente no Canadá mandou fazer uma imagem de madeira. Mostrou-a aos amigos e disse-lhes:

— Tenho uma imagem de São Vito mais bonita do que a que veio da Itália. Vamos organizar uma procissão em sua honra?

Todos foram concordes. E, uma tarde, após se ter já realizado a procissão do Brasil, pelas ruas de Canadá desfilou uma outra procissão. Isso não foi muito bem visto pelos outros bareses. Mas como uma novidade no Brasil e outros no Canadá, foi tolerada a novidade de São Vito.

Vinte e quatro meses. Estabeleceram-se regras para a procissão. E, a Itália entrou na confusão. E os bareses, solidários com o luto dos seus compatriotas, deixaram de tirar a procissão. A guerra terminou. E foi determinado o renascimento das festividades públicas. Isto passou-se em 1919. Mas daí que surgem complicações.

seus afins de unificar e ordenar o culto. Nessa comissão, representava a classe dos pobres o sr. Paulo Collet e della fazia parte Mestre Chifre, que disse concordar que as

Os adeptos da velha imagem foram prevenidos disso a contratempo. Todas as bandeirolas existentes em S. Paulo. Quando os outros quiseram mudar para a

A capela de S. Vito Martyr por ocasião das últimas festas.

Não a história da vida do milagre de S. Vito, mas a história da sua adoção nesta capital, depois que foi trazida da Itália e a colônia de Bar, passou a organizar festas em sua honra, e a fazer "promessas" de passar a imagem ao longo das ruas do Brasil em concorridíssimas procissões. Como se sabe, S. Vito, martyr, muito venerado pelos bareses, tem a sua capela na rua Alvarez de Azevedo.

E um dos santos mais venerados e mais insistentes do "Etno-Braziliano".

Deus, provas de notável coragem. Contudo, S. Vito morreu criança. Embora se imagine o reverente com uma physiognomia barbaça, de homem forte, o jovem martyr teve uma vida curta que não chegou aos vinte annos. Nasceu em Megara, quando governava na Sicília o feroz Valeriano, pretor de Cesar, o senhor do mundo. Ora Valeriano era, em matéria de religião, mais ignorante do que um escravo.

Desconhecia a existência de Christo e da sua doutrina.

Franco, ali, que do latim nem sabia a primeira dedicação...

Por Deus, tinha Cesar, cujos favores usufruía e pagava com uma habilitação lamentável.

Fôra Cesar que lhe propozera o cargo de governador. Fôra Cesar que lhe dera a ascensão que o rodeava. E Cesar, ainda, era quem approvava as suas tiranias e considerava amigo, lhe assegurava o seu poder.

Valeriano, nestas condições, não podia tolerar que algum desobedecesse a Cesar. Daí o rigor com que mandou punir S. Vito, sabido de família romana que professava o paganismo, e se convertia à doutrina de Christo.

Dalí um acto terrível por parte dos pais do santo que, conhecendo das suas idéas, o denunciaram a Valeriano que o mandou apunhar. Mas o castigo não teve a influencia ao qual o predeterminou. Por isso Valeriano o mandou lançar á fôrca, que o respeitaram, e depois, numa cadeira de chumbo, de onde sahia fumaça.

Isto feriu o orgulho de Valeriano que o mandou retalhar. E S. Vito morreu.

Pois este santo tão insinuante, que soffreu todas as torturas com um sorriso, deu motivo a graves dissensões entre a colônia dos bareses, aqui, que se achou por fracionar-se.

A disputa foi renhida. E a balança da justiça inclinou para ambas as partes, acabando, definitivamente, por pender para o lado dos mais humildes, onde, de facto, estava a razão. A história é longa e pouco se assem.

UM PADROEIRO MUITO MILAGROSO

Polignano a Mare é uma villa da Itália meridional, que fica ao sul da provincia de Bari. A maioria da população vive da pesca.

O que não impede que se dediquem também á cultura de cerejas e lúgumas.

Polignano tornou-se conhecida pelos seus jardins cuidados. Os seus encantos, todavia, não param por aqui.

A natureza, sempre caprichosa na distribuição dos seus dons, dotou Polignano de grutas curiosas que deixam encantados os seus moradores visitantes.

Os 1.400 habitantes de Polignano são muito devotos. E como em todas as povoações da Europa meridional, é costume os moradores estabelecer um padroeiro, desde ha longos hantros que S. Vito vem predominando, com grande zelo e carinho á sua gente.

Rebdo a densidade da população

contra em apenas porque a morte de S. Vito, um parente de S. Vito, e parte para cá. Daí o elevado número de bareses dispersos pelo mundo, e que, sendo capital, nem bem a seia mil.

Ora, há cerca de trinta annos, um habitante de Polignano, de regresso de uma viagem que fizera á sua terra natal, trouxe consigo uma imagem, em cartão, de S. Vito Martyr.

Durante as comemorações há, também, festas profanas durante o dia. Abi estão dois aspectos destas, sempre obrigadas á banda de musica...

O recém-chegado chamava-se Modesto de Luca e negociava em cerejas.

Chagou, abriu a mala e mostrou a família a imagem.

A família viu-a, admirou-a e mostrou-a aos vizinhos.

Isso bastou para que a saudade fizesse voltar a cruz no tradicional padroeiro da aldeia da provincia da Bari.

E cheveram os pedidos á imagem immigrada que, ao que parecia, a todos attendeu, derramando sobre a colônia milagrosos e milagres.

Um aspecto da concorrida procissão de São Vito.

Quando algum adepto e o seu estado se tornava mais grave, a família do enfermo dirigia-se, afflicta, a casa de Modesto de Luca e levava para a cabeceira do doente a imagem de S. Vito.

E logo esse começava a melhorar, que era um gesto vel-

UMA NOVA IMAGEM Francisco Mastrochirico, com arremem de cereja, natural do Polignano, resolveu, nesse anno, mandar fazer uma imagem de S. Vito.

Em seguida, tinha, desenhando, Paulo com os outros bareses negociantes embebedados, dizendo-lhes que ia fazer uma festa á sua imagem. Todos acharam a idéa esplendida. E, quinze dias após ter sabido a cartumada, procissão de S. Vito, num domingo, á tarde, appareceu uma outra procissão de S. Vito em que uma nova imagem foi transportada, num andor rico,

tarde da antiga procissão ter sabido, nova procissão percorreu as ruas do Brasil. E travou-se uma colônia tremenda.

DISSÊNCIAS

Compararam, então, os despojos. Cada facção pretendia supplantar ao trito á outra festa.

Se um andor custava, por exemplo, um conto, a outra gastava dois. Se um recpiendo de um sacro era de ouro, a outra comprava para a sua imagem, um recpiendo de ouro com esmeraldas. E tudo assim por diante. Uns e outros pro-

lam contra a tolerancia da Igreja, e contra as proprias creças.

D. Duarte Leopoldo e D. Carlos chamou os membros da commissão de S. Vito de Itália e disse-lhes que se queriam o apelo espiritual da

Arco de triumpho e guirlandas de lampadas quando tem lugar a grande festa dos bareses.

realizasse uma só procissão. Tanto que offerecia a sua imagem. Mas o proprietário da antiga resolveu offerecer esta á colônia. E como se tratasse da imagem que viera da Itália, os bareses mostraram-se unânimes em reter-na.

Então, Francisco Mastrochirico Mastrochirico da commissão, II no anno seguinte, no dia 22 de junho, isto é, uma semana mais

Está construindo? Installe logo a Hygie. Tel. 2-5531.

Curia, construíram uma capela propria. O culto nas condições em que estava, sendo offerecido á servia. Os membros da commissão sahiram penativos. Convoaram uma assembléa de todos os bareses humildes. E foi deliberada a fundação da Associação de S. Vito Martyr, que tinha por fim a construção do templo exigido e go, depois, continuaria a funcionar como uma sociedade beneficente. A idéa foi recebida com entusiasmo. A associação foi logo fundada, conseguiu fundos e adquiriu um terreno. E, decorridos mezes, todos os associados compareceram, na medida de suas forças, para a construção de um templo. Uns fizeram que davam o seu trabalho gratuito; outros, mandaram tijolos; outros, cal; outros, finalmente, subverberaram dinheiro. E dessa forma, decorridos alguns mezes, S. Vito Martyr, tinha a sua capela erguida no terreno adquirido á rua Alvarez de Azevedo.

Foi um dia de grande satisfação a inauguração da capela.

Mas o S. Vito de cartão que viera da Itália, após tantos annos, estava muito bonita. Era preciso outro, muito bonita, para as procissões. Foi, nessa altura, que Victor Antonio Mastrochirico, proprietário do S. Vito do Canadá, deu a sua imagem para o novo templo.

Uns disseram que davam o seu trabalho gratuito; outros, mandaram tijolos; outros, cal; outros, finalmente, subverberaram dinheiro. E dessa forma, decorridos alguns mezes, S. Vito Martyr, tinha a sua capela erguida no terreno adquirido á rua Alvarez de Azevedo.

Foi um dia de grande satisfação a inauguração da capela.

Mas o S. Vito de cartão que viera da Itália, após tantos annos, estava muito bonita. Era preciso outro, muito bonita, para as procissões. Foi, nessa altura, que Victor Antonio Mastrochirico, proprietário do S. Vito do Canadá, deu a sua imagem para o novo templo.

Uns disseram que davam o seu trabalho gratuito; outros, mandaram tijolos; outros, cal; outros, finalmente, subverberaram dinheiro. E dessa forma, decorridos alguns mezes, S. Vito Martyr, tinha a sua capela erguida no terreno adquirido á rua Alvarez de Azevedo.

Foi um dia de grande satisfação a inauguração da capela.

Mas o S. Vito de cartão que viera da Itália, após tantos annos, estava muito bonita. Era preciso outro, muito bonita, para as procissões. Foi, nessa altura, que Victor Antonio Mastrochirico, proprietário do S. Vito do Canadá, deu a sua imagem para o novo templo.

Uns disseram que davam o seu trabalho gratuito; outros, mandaram tijolos; outros, cal; outros, finalmente, subverberaram dinheiro. E dessa forma, decorridos alguns mezes, S. Vito Martyr, tinha a sua capela erguida no terreno adquirido á rua Alvarez de Azevedo.

Foi um dia de grande satisfação a inauguração da capela.

Mas o S. Vito de cartão que viera da Itália, após tantos annos, estava muito bonita. Era preciso outro, muito bonita, para as procissões. Foi, nessa altura, que Victor Antonio Mastrochirico, proprietário do S. Vito do Canadá, deu a sua imagem para o novo templo.

Uns disseram que davam o seu trabalho gratuito; outros, mandaram tijolos; outros, cal; outros, finalmente, subverberaram dinheiro. E dessa forma, decorridos alguns mezes, S. Vito Martyr, tinha a sua capela erguida no terreno adquirido á rua Alvarez de Azevedo.

Foi um dia de grande satisfação a inauguração da capela.

Mas o S. Vito de cartão que viera da Itália, após tantos annos, estava muito bonita. Era preciso outro, muito bonita, para as procissões. Foi, nessa altura, que Victor Antonio Mastrochirico, proprietário do S. Vito do Canadá, deu a sua imagem para o novo templo.

BARROS, A. C. Couto de. SELEÇÃO IMIGRATÓRIA, s.n.t., p. 45-59.

Texto em caderno destacado de revista não mencionada, borda esquerda irregular, marcas de grampo.

Nota da edição: Artigo publicado provavelmente no *Boletim de higiene mental* da Liga Paulista de Higiene Mental, cujo nº 1 é de 1929.

Seleccção immigratoria

PELO

Dr. A. C. Couto de Barros

O trabalho que vae ser lido devia fazer parte integrante da conferencia que, nesta mesma Liga Paulista de Hygiene Mental, pronunciou o illustre psychiatra dr. Francisco Marcondes Vieira. Entretanto, por conveniencia da leitura, e ainda, para não cansar muito a attenção dos ouvintes, preferiu-se dividir em duas partes distinctas o estudo sobre o problema da selecção immigratoria, encarado, principalmente, sob o ponto de vista da hygiene mental.

Eu peço de antemão desculpas pela tal ou qual desordem que reinar na minha exposição. No trabalho que apresento não ha nada de original nem de surpreendente. Elle deve ser recebido como um punhado de suggestões, podendo servir de roteiro — e este mesmo muito imperfeito — para futuras pesquisas na materia, que outros, mais competentes e melhor documentados, poderão realizar.

O DIREITO DE REGULAR A ENTRADA DE ESTRANGEIROS NO TERRITORIO NACIONAL — E' hoje materia pacifica em direito internacional que os paizes politicamente organizados podem obstar a entrada de quaesquer individuos, que, por este ou por aquelle motivo, são prejudiciaes ao interesse nacional. O criterio do damno provavel é deixado ao arbitrio de cada paiz. Elle varia, portanto, de nação a nação, conforme as exigencias dos agrupamentos sociaes.

O direito de impedir a entrada de indesejaveis decorre do principio de que as condições de vida do individuo e da sociedade devem ser respeitadas. Ainda agora, na Conferencia de Havana, este principio foi solennemente ratificado pelas 21 republicas sul-americanas, presentes no Concilio. Assim estatue o artigo 1.º "Dos direitos e deveres dos Estados: "Todo o Estado tem o direito de assistir, proteger e conservar

a sua existência, mas este direito não implica em poder intervir por meios e processos injustos em Estados não culpados ou inoffensivos”.

Ora, vigiar a entrada não só de mercadorias, mas de seres humanos no território nacional, faz parte integrante das medidas de protecção e conservação da collectividade. Umas, de certo modo, protegem a riqueza material; outras protegem a riqueza humana e biológica e o equilíbrio social. Quanto á entrada de mercadorias, embora theoreticamente ainda se discuta sobre protecção e livre cambio, ninguém estranha a fiscalisação portuaria, a começar pelo filtro das tarifas aduaneiras e a terminar pela rigorosa legislação contra o “dumping”, adoptada pela maioria dos paizes civilizados, menos o Brasil.

Em se tratando, porém, de seres humanos, já ha quem levante objecções de toda a ordem e, o que é mais grave, poucos, muitos poucos comprehendem o alcance das medidas severas que, em alguns paizes, como os Estados Unidos, são postas em pratica contra a entrada de certos elementos immigrantes. Nada mais injustificavel que essa attitudo sceptica e condescendente dos que combatem um excessivo cuidado na selecção immigratoria. Elles, preocupados principalmente com o “homo economicus”, se esquecem que a prosperidade de qualquer agrupamento social é uma funcção das condições biologicas dos elementos que o compõem. Elles se esquecem desse aphorismo de Spencer, que a experiencia de todos os dias confirma: “Ser um bom animal é o primeiro requisito para vencer na vida e ser uma nação de bons animaes é a primeira condição da prosperidade nacional”.

PERIODO COLONIAL.—Nós brasileiros temos seguido á risca o conselho da sabedoria spenceriana? E' triste dizer: não. Desde os mais remotos tempos da colonização, o Brasil tem servido como um paiz de despejo da escoria social de todas as partes do mundo. O povoamento do nosso sólo não se processou da mesma maneira que o dos Estados Unidos da America do Norte. E' curioso observar que os primeiros homens deixados no Brasil pelos capitães da armada de Cabral foram dois degredados, desembarcados de proposito, para que aprendessem o falar dos indios e, mais tarde, pudessem servir de interpretes ou de “lingua” como então se dizia. Ficaram chorando.

Que importancia tem este facto? Elle mostra, evidentemente, da parte dos descobridores, a intenção de voltar. De voltar, para melhor explorarem a terra que elles julgavam uma ilha e verificar, com mais exactidão, a existencia de cousas que valessem para o commercio. Naquelle tempo "cousas que valessem para o commercio" eram sedas, gemmas preciosas, especiarias...

Com effeito, os portuguezes voltaram no anno seguinte. Com elles, veio o celebre florentino Amerigo Vespuccio. O resultado dessa viagem desenganou d. Manuel. Na terra, no dizer do subtil traficante, afóra madeira e vegetaes, não se encontravam cousas "di altro profitto". Apenas infinitas arvores de pau Brasil, de canafistula, as de que se tiravam a myrrha e outras mais maravilhas da natureza, que seriam longas de referir. Era como uma ducha fria esta noticia para o espirito de d. Manuel. O Brasil ficou mais ou menos abandonado. As suas terras foram arrendadas por tres annos a uns christãos novos. Só mais tarde, com d. João III, é que o Brasil voltou a preoccupar Portugal. Para isso concorreram varios factores: a existencia de piratas estrangeiros, a descoberta de ouro e prata no Perú e a convicção de que a America era "um continente unido, desde os gelos do Norte até os gelos do sul". Os piratas significavam que a terra valia alguma cousa; do contrario não andariam por lá. A descoberta de ouro, num ponto do continente não muito distante do Brasil, significava a probabilidade da existencia desse metal na terra descoberta. A expedição de Martim Affonso de Souza marca o periodo inicial dessas phases da colonização. Era preciso defender o Brasil. Logo — pensava d. João III — enchamol-o de gente. O fim da expedição tinha, pois, um character essencialmente militar, assegurando um objectivo ultimo, de character economico: a exploração da terra.

Nesses tempos, era tão difficil a navegação e tão grandes o mysterio e o perigo de que se envolvia a terra descoberta, que poucos se aventuraram até aqui. Daí a celebre carta de d. João III, em que se declaravam as terras "couto e homizio de todos os criminosos que nella quizerem ir morar, ainda que condemnados por sentença até a pena de morte, exceptuados sómente os crimes de heresia, sodomia e moeda falsa". Martim Affonso já trouxera comsigo 600 degredados.

Ao ler essa carta, pensa-se logo no mal terrível que as primeiras levas de immigrants poderiam fazer ao Brasil.

Calogeras observa, porém, no seu livro "A Política do Exterior do Imperio", que "no systema penal da época, a repressão correspondia a uma mentalidade e a necessidades sociaes inteiramente diversas das nossas". Entre os condemnados—diz o autor—"muitos haveria que, segundo as idéas do nosso tempo, seriam considerados innocentes, pelo respeito que tributamos á liberdade de pensar, ou mesmo benemeritos, por se não admittir mais o instituto servil". (pag. 286).

Entretanto, sabemos que grande parte desses degredados era gente ruim. Prova-o a carta de D. Duarte Coelho, em 1846, a d. João III, pedindo-lhe não mandasse semelhante gente ao Brasil, "por serem peores que peste, verdadeira peçonha."

Calogeras lança mão dessa carta, como uma prova subsidiaria para demonstrar que os degredados "offendiam o ambiente social da capitania, minoria que eram em um meio de nivel moral mais alto".

Esse argumento de Calogeras só é bom em parte. Ninguém ainda affirmou que os primeiros colonizadores foram todos aventureiros, criminosos, individuos de um indice moral muito baixo. O que se tem affirmado é o pouco escrupulo que presidiu a iniciativa da colonização. Aliás, mandando degredados para o Brasil, Portugal se aliviava do peso morto dos seus indesejaveis. Estes, aqui, ou desapareciam na luta contra o ambiente hostil e desconhecido ou se regenerariam. A natureza e as condições sociaes do Brasil incumbir-se-iam de expurgar essa humanidade adventicia.

O argumento de Calogeras não colhe de maneira integral, porque os criminosos têm de ser por força uma minoria. Do contrario, seriam elles que dictariam as regras de conducta e os outros, os "bons", é que passariam a ser criminosos.

O que é importante para reter é que a immigração para o Brasil, nos primeiros tempos, tinha o fito de defender a posse da terra e criar as primeiras fontes de producção. "Tudo estava por fazer". Era uma immigração para fazer tudo, desde o começo. As largas concessões aos donatarios das capitancias demonstram sobejamente esse ponto de vista. Mesmo nessa phase, os colonos não eram abundantes. Não havia por assim

dizer imigrantes que viessem em massa, espontaneamente, como aconteceu nos Estados Unidos, em que nas colônias de Nova-Inglaterra motivos religiosos e políticos foram a mola real do assenhoreamento do solo. Nos Estados Unidos, os imigrantes chegavam com a intenção firme "de não voltar mais". Aqui não. Aqui havia sempre o propósito oculto ou manifesto de regressar. Se para os trabalhos rudes da produção escasseava o braço imigrado, o recurso era dar caça á "índia brava". Era uma escravização. Mas álvos, sempre revoltados, os índios não provaram bem. Substituiu-os o negro, mesmo muito antes da inauguração, em grande escala do período do tráfico africano.

A IMMIGRAÇÃO NOS SÉCULOS XIX E XX — Se, no período colonial, a imigração tinha que criar tudo desde o começo, o mesmo não aconteceu nos séculos XIX e XX.

A imigração do século dezenove veio para substituir o braço africano. Ella precisava e tinha que ser toda exclusivamente de trabalhadores agrícolas. E' verdade que muito antes da abolição já entravam no Brasil imigrantes. Data de 1827 a chegada dos primeiros colonos estrangeiros introduzidos em São Paulo, vindos a bordo da galera hollandeza "Maria". Eram allemães contractados, os quaes acabaram constituindo a colônia de Santo Amaro, nesta capital.

Foi em 1847, por iniciativa do senador Vergueiro, que se inaugurou a introdução de colonos por conta de particulares. Mas só depois da promulgação das leis de 4 de setembro de 1850 e 28 de setembro de 1871, conforme refere Antonio Prado, no vol. 4 da "Revista do Brasil", é que se organizaram sociedades, auxiliadas pelo governo do Estado.

O governo imperial, por sua vez, celebrava contractos para a introdução de imigrantes, tendo entrado de 1880 a 1884 para mais de 15.000 estrangeiros.

As leis promulgadas no tempo do imperio sobre imigração, todas ellas concediam vantagens, beneficios e até premios para quem introduzisse maior numero de operarios europeus no Brasil, como é o caso da de 19 de julho de 1851. Depois da proclamação da Republica, o governo provisório, por decreto de 28 de junho de 1890, declarou livre a entrada nos portos brasileiros de todos os individuos validos e aptos para o tra-

balho, que não estivessem sujeitos a processo criminal no paiz de origem. Em seguida, veio a celebre lei do povoamento do solo. Esta lei, é verdade, tinha outro espirito. Fomentava a immigração, não com o intuito de dar um substitutivo a braços que abandonam o trabalho nas fazendas e nos engenhos, mas para estimular a producção em terras, ainda inexploradas.

Entretanto, de uma maneira geral, pôde-se dizer que a grande immigração no Brasil se condensou no Estado de S. Paulo, e, neste Estado, ella veio substituir o braço africano e depois incrementar uma riqueza que preexistia: a lavoura cafeeira.

A SELECÇÃO DESSAS CORRENTES DE QUE MODO SE PROCESSOU?—
Pergunta-se agora: houve selecção nesse affluxo de gente? A resposta negativa impõe-se. Basta considerar um facto: o trachoma. Ouçamos uma autoridade, o dr. Afranio Peixoto:

“O trachoma ou conjunctivite granulosa é uma velha doença, desde muito conhecida no Egypto, na Grecia, na Italia e propagada a toda bacia do Mediterraneo, e, além della, pelos Balkans, na Hungria, na Prussia, na Polonia. Os casos não tratados acabam na cegueira, 3 em 4 vezes; no Egypto existem cegos de um olho, 5 %; e dos dois, 3 por cento do total da população.

E' o typo das doenças que a nossa incuria e desmazelo deixaram penetrar no paiz já numa época em que a hygiene bem podia, com o conhecimento de causa, certamente evital-o. Veio com os immigrants, italianos, polacos, syrios, que nos procuraram, e que recebemos sem escolha, como recebemos estropiados aleijões e até loucos, que nos chegam do estrangeiro e que acceitamos, como se não fossem bastantes as mazellas da terra. A consequencia é que o trachoma ganhou o interior do Brasil e já Neiva foi encontral-o nos sertões de Minas, Bahia e Pernambuco.

Nem depois de roubados fechamos as portas: continuamos a receber os trachomatosos que nos procuram! no crivo da immigração nacional, não ha tamiz para os indesejaveis...

S. Paulo foi, no Brasil, o ponto em que se deu o primeiro alarme contra o trachoma; o numero de infectados, immigrants e contagiados por elles foi tão crescido que os poderes publicos lançaram-se a uma verdadeira campanha de sanea-

mento á calamidade; em 1908 havia ahí 90.000 trachomatosos, sendo 80.000 crianças, para uma população de 2.800.000 homens; nada menos de 40 postos e 300 dispensarios emprehen-deram luta anti-trachomatosa". ("Revista do Brasil", vol. 9). Vamos citar ainda mais duas autoridades, o dr. Theodoro Bayma, que foi director do Instituto Bacteriologico e o dr. Bruno Rangel Pestana, assistente do mesmo Instituto. Eis um trecho do opusculo "Parasitismo Intestinal nos Immigrantes Japonezes", 1918: "Data de 1908 a primeira tentativa de introdução de immigrants japonezes, destinados á lavoura, no Estado de S. Paulo, constituindo um grupo de 780 pessoas. De então até hoje têm sido introduzidos aqui 20.775, sendo neste anno, até o mez de setembro, 3.395 individuos daquela nacionalidade. Nessa questão de immigração estipendiada pelo Estado, em geral, a ganancia das empresas que dellas se encarregam, obscurece-lhes o patriotismo, quando nacionaes, no sentido de seleccionar o rebutalho ou escoria dos trabalhadores, visando exclusivamente o lucro "per capita" da mercadoria importada. Dahi o serem arrebanhados, nos paizes fornecedores de braços, individuos portadores de affecções muitas vezes novas para o nosso meio e outras que já se encorporaram ao nosso patrimonio, augmentando-nos o indice de morbilidade e de letalidade, já tão onerado. Ao lado dos individuos aptos para o trabalho, são pescados os párias da saude que, só no anno de 1913, lançaram ás enfermarias do Hospital da Santa Casa, de uma leva, cerca de 11 atacados de beriberi, havendo em o anno passado, em uma dellas, cinco enfermos dessa poly-nevrite, dos quaes dois foram internados no hospital.

Vem de molde recordar agora que, em um japonês de 16 annos de idade, de nome Natkek Ritkeber, recém-chegado, fallecido na Santa Casa, 1.^a enfermaria de medicina, a 25 de abril de 1909, revelou a necropsia a presença no pulmão do distoma ou Paragonimiasis, molestia endemica em todo o archipelago japonês, onde determina consideravel morbilidade e elevada letalidade..."

Todo o relatório desses eminentes medicos é interessantissimo. Foram elles os primeiros a chamar a attenção para certos parasitas intestinaes, desconhecidos em nosso meio, e de que os immigrants, sobretudo os asiaticos, eram portadores. Em 3.395 individuos foram examinadas 171 fezes, tendo

sido encontradas parasitadas 93, figurando entre os parasitas o "Schistosomus Japonicum".

Relativamente ás molestias mentaes, o illustre psychiatria dr. Marcondes Vieira apresentou, fundado na estatísticas organizadas pelo espirito brilhante do eminente scientista dr. Pacheco e Silva, dados interessantes, demonstrando uma larga percentagem de asylados estrangeiros que constituem um peso incommodo á administração do Estado de São Paulo.

E' um facto que ninguem póde negar que a grande maioria dos nossos immigrants pertence ás baixas estratificações sociaes, quasi todos incultos, analphabetos e mantendo um deploravel "standard of life". Ultimamente, depois da grande guerra, o affluxo desses indesejaveis augmentou. É a grande leva dos sem trabalho, dos esgotados, dos "unskilled workers", dos sub-productos, por assim dizer, dos altos fornos europeus.

Ora, é interessante observar que é dessas camadas baixas e esgotadas que sahe o maior contingente dos que vão provar os hospitaes de caridade e os asylos de alienados. Em recente artigo publicado na "Revue Internationale de Sociologie", o professor russo Pitirin Sorokin, actualmente cathedratico da Universidade de Minnesota (Norte America), apresenta algumas estatísticas interessantes sobre a correlação entre o nivel intellectual dos individuos e o seu estado social. Por ellas se vê, com abundancia de provas, que é das baixas camadas sociaes que emerge o maior numero de degenerados, imbecis, idiotas e criminosos.

Entre o grupo dos sem trabalho de duas cidades, os drs. Pintner e Toops organizaram a seguinte estatística :

Nivel intellectual	Cidade A	Cidade B
Imbecis.	28,7 %	7,5 %
Proximo á imbecilidade.	29,8 %	25,5 %
Atrazados.	23,7 %	32,0 %
Normal	8,5 %	20,0 %
Excellente	4,8 %	15,0 %

Não é de admirar, portanto, que seja tão elevado o numero de estrangeiros recolhidos em nossos hospícios e penitenciarias. Mas é de admirar e de causar espanto que, sendo as classes de que procedem os nossos immigrantes as mais ferteis na produção de individuos tarados, doentes e cacogenicos, as nossas leis não instituem uma fiscalização portuaria mais rigorosa do que a que actualmente existe.

A LEGISLAÇÃO SOBRE IMMIGRANTES — O QUE É PRECISO FAZER RELATIVAMENTE À SELECÇÃO MENTAL—LEIS AMERICANAS—Entre as nossas disposições legais reguladoras da materia, que, no fundo, não é de competencia estadual, figura o decreto numero 16.761, de 31 dezembro de 1924, que, de accordo com a lei federal n. 4.247, de 6 de janeiro de 1921, vigia a entrada de passageiros de segunda e terceira classe no territorio nacional.

O artigo primeiro da lei n. 4.247, de 6 de janeiro de 1921, assim dispõe:

“É lícito ao poder executivo impedir a entrada no territorio nacional:

2) De todo estrangeiro mutilado, aleijado, cego, louco, mendigo, portador de molestia contagiosa grave;

4) Dos maiores de 60 annos;

§ unico — Os estrangeiros a que se referem os ns. 2 e 4 não terão livre entrada no paiz, salvo se: a) provarem que têm renda para custear a propria subsistencia; b) tiverem parentes ou pessoas que por tal se responsabilizem, mediante termo de fiança, assignado perante a autoridade policial”.

Como se vê, o paragrapho como que destróe o rigor da medida, pois é muito facil a qualquer companhia interessada na entrada de immigrantes, cujas passagens o governo paga “per capita”, burlar o intuito do legislador, arranjando com terceiros a assignatura do termo de responsabilidade.

O artigo 3.º do decreto de 31 de dezembro de 1924, diz: “As companhias ou empresas, que transportarem immigrantes com infracção do presente decreto, ficam obrigadas a mantel-os a bordo e reconduzil-os”.

É uma disposição em parte boa, como é boa em parte a contida no § 2.º do art. 7 do mesmo decreto: “Os immigrantes introduzidos pelo porto do Rio de Janeiro passarão obrigatoriamente pela Ilha das Flores, antes de desembarcarem na

cidade, onde serão inspecionados pelo Departamento Nacional de Saude Maritima e identificados pela Policia do Districto Federal”.

Confrontando as duas disposições, vê-se que os imigrantes não desembarcam. São mantidos a bordo, diz o art. 3.º; “passam” pela Ilha das Flores, diz o citado paragrapho do art. 7.

Dentro dessas condições, perguntamos agora: é possível, dentro dos regulamentos que regem a materia, exercer efficazmente esse controle sobre os individuos indesejaveis?

A resposta é, simultaneamente, sim e não. Quanto ás doenças ditas corporeas, se algumas são de diagnostico relativamente facil, como o trachoma, outras exigem um exame mais acurado e um aparelhamento que nós estamos longe de possuir, nos lugares onde esses exames precisam e devem ser feitos. Uma pesquisa trabalhosa e delicada, como a realizaram os drs. Bayma e Rangel Pestana, nos laboratorios bacteriologicos do Estado, como realizal-a a Saude do Porto? O exame, pelo que se deduz do art. 3 do decreto 16.761, de 1924, combinado com o art. 7, deve ser feito a bordo. Elle tem que ser, por força, summario, imperfeito. O “olho” do inspector é, por assim dizer, o supremo criterio. Se, quanto ás doenças ditas corporeas, já se verifica a impossibilidade de um exame consciencioso, que pensar quando a questão é de perquirir se o individuo é psychicamente um tarado? A não ser que elle esteja em estado de mania ou crise allucinatoria, é difficil, *deante das circumstancias de que se rodeia a fiscalização*, formular um diagnostico seguro. Se se trata de um epileptico, a mesma ordem de considerações pode ser allegada. Não ha tempo nem condições de socego para indagar de um imigrante, em geral bisonho e boçal, os seus antecedentes pathologicos e proceder a uma indagação minuciosa sobre a vida dos seus progenitores e ascendentes mais remotos. Por isso, a não ser que se verifique um ataque, no momento em que o medico entra a bordo, nenhum outro dado sobre a hygidez do systema nervoso do imigrante pode ser colhido. Pela nossa lei, art. 2º. do decreto citado, o imigrante deve apresentar documentos que provem a sua boa conducta e bem assim a respectiva carteira de identidade, com photographia, indicação de idade, nacionalidade, estado civil e profissão, impressões digitaes e caracteristicos pessoases. Nessa enumeração,

nenhum attestado medico. Ora, esse devia acompanhar sempre os outros documentos, com a condição, porém, de ser passado por profissional da confiança do agente do governo, no paiz de origem do emigrado.

O attestado, porém, não dispensaria o exame medico, nos portos brasileiros. Seria apenas uma exigencia subsidiaria, a diffcultar a vinda de doentes e tarados de toda a especie.

Falamos nos loucos e nos epilepticos. A só eliminção desses dois elementos já nos proporcionará um grande allivio. Mas temos ainda uma enorme classe de psychopathas, individuos impulsivos, atrasados mentaes, etc., cujo desembarque, no regime das nossas leis, seria difficil impedir, pela deficiencia dos meios que possibilitam a formulação de um diagnostico.

Os "tests" de todo o genero, tão em voga e que tão bons resultados produzem nos Estados Unidos, são completamente desconhecidos em nosso meio.

Não é preciso, entre os membros desta Liga, salientar a importancia da selecção do immigrante, debaixo do ponto de vista mental. Ouçamos, entretanto, mais uma vez, uma autoridade. E' Juliano Moreira. Escreve o grande psiquiatra: "A questão tem de ser individualizada; cada immigrante tem de ser examinado á parte, desde que se não possa fazer em confronto com a propria familia, o que seria o ideal da selecção, porque um individuo, mesmo são, membro de uma familia de alienados, é pouco menos perigoso que um alienado no meio de uma familia de sãos. Emfim, enquanto não se generalizar o uso salutarissimo da ficha genealogica de saude mental de cada individuo, contentemo-nos em pedir observações de cada immigrante".

Harry H. Laughlin, no seu magnifico livro "Eugenical Sterelization in the United States", no paragrapho "Control of Immigration", pag. 394, publicado em 1921, assim se exprime: "Presentemente, além de se limitar a immigração a uma quantidade correspondente a 3 % apenas dos nascidos de estrangeiros nos Estados Unidos, conforme o censo de 1910, a admissão é negada a certas classes de dependentes e defectivos, mas a recusa de admissão é restricta sómente aos individuos pessoalmente defectivos ou degenerados. Quanto ao sangue

e ao "pedigree", que determinam a qualidade da prole, ainda não constituiu materia de consideração legislativa".

Laughlin quer dizer com isso (todos já comprehenderam) que um individuo não deve ser considerado em si, mas em relação aos seus característicos hereditarios. Se é são, embora pertença a uma familia de degenerados, também não deve entrar.

DISPOSIÇÕES LEGISLATIVAS AMERICANAS — O General Immigration Act de 1917, estabeleceu a clausula de deportação aos estrangeiros que se tornarem um onus para o publico, dentro de cinco annos, depois de serem admittidos nos Estados Unidos, a não ser que fique provado, positivamente, que a causa que incapacitou o individuo só surgiu depois da entrada no paiz.

Essa disposição é sabia e vem supprir os erros e enganoses sempre possíveis no exame medico preliminar. Assim, por descuido ou erro, entra no paiz um tarado mental. Um ou dois annos depois, é elle recolhido a um asylo de alienados. Está sujeito, desde então, a ser deportado.

Entre nós, uma disposição dessa ordem produziria excellentes resultados.

Nos Estados Unidos, a existencia dessa disposição é explicada pelo grande numero de estrangeiros que enchem os asylos, cadeias, casas de caridade e hospitaes clinicos. No dizer de Alcott W. Stockwell, em artigo escripto em março de 1927, para o "American Journal of Sociology", as correntes immigratorias que trouxeram consigo elementos indesejaveis, são, segundo se acredita, a genesis desse maravilhoso systema de instituições publicas, que hoje requerem um quarto dos nossos impostos totaes — directos e indirectos — para a sua manutenção".

A clausula de deportação, á maneira da lei norte-americana, alliviará os cofres publicos e nos economizará muito esforço.

Segundo o "report" do Commissariado Geral da Imмиграção, em Norte America, o serviço de deportação de estrangeiros, que se encontram illegalmente nos Estados Unidos, é um dos mais importantes. Só no anno fiscal de 1926, que terminou em junho, foram extraditados cerca de onze mil indesejaveis.

A LEGISLAÇÃO NO ESTADO DE S. PAULO — A legislação immigratoria no Estado de S. Paulo está hoje compendiada pelo

decreto 2.400, de 9 de julho de 1913. Por ella se vê que o rigor da selecção não é o mesmo da lei federal de 1921. Esta lei federal, porém, é a que prevalece, mas até 1921 tínhamos que ficar adstrictos aos dispositivos do decreto 2.400, quanto aos impedimentos e fiscalização dos emigrados.

A lei paulista considera as seguintes especies de immigrantes: a) os espontaneos; b) os subsidiados ou subvencionados, que comprehendem os introduzidos por conta do Estado sem contracto e os introduzidos com contracto; c) os introduzidos pelas companhias de navegação, mediante uma subvenção, que será fixada por decreto; d) os immigrantes por chamada; e) finalmente, os introduzidos por iniciativa privada, restituindo o governo, no todo ou em parte, as respectivas passagens de terceira classe.

Ora, que é que tem acontecido entre nós? O Estado nunca estabeleceu convenios com paizes de immigração, com excepção do que foi firmado recentemente com a Polonia, sendo secretario da Agricultura o exmo. sr. Gabriel Ribeiro dos Santos, no governo Carlos de Campos.

O que o Estado de S. Paulo tem feito de preferencia é dar o seu consentimento para a introducção de immigrantes por iniciativa privada, pagando a passagem "per capita". Essa maneira tem dado lugar a abusos inqualificaveis. A introducção de immigrantes tornou-se, assim, para algumas sociedades, um excellente negocio.

Já no relatorio apresentado pela Directoria da Sociedade Promotora de Immigração ao vice-presidente da provincia de S. Paulo, dr. José Alves de Cerqueira Cesar, se lia a seguinte censura: "Os contractantes, por isso que o pagamento era realizado a tanto por pessoa e segundo as idades, arrebanhavam a torto e a direito lavradores ou não, com officio ou sem elle, validos ou invalidos, a quantidade de immigrantes precisa para completar o numero estipulado em seus contractos".

Esses abusos, porém, nunca diminuíram.

O recrutamento é feito no estrangeiro por agentes pouco escrupulosos, que ganham, naturalmente, as suas porcentagens, quanto maior for o numero de pessoas recrutadas. Dahi o não haver selecção. Com labias, alicantinas, esses correctores de nova especie seduzem facilmente aquelles individuos sem densidade social, por assim dizer, individuos que vivem á tona

da sociedade e os quaes é facil tanger ao sabor de todas as conveniencias.

Ainda recentemente, uma autoridade consular brasileira, na Austria, chamava a attenção, em carta dirigida ao "Estado de S. Paulo", para os abusos que presenciava da parte desses agentes.

Agora, com o problema das minorias ethnicas, o interesse dos paizes que ficaram com populações estrangeiras enkystadas em seu territorio, é pol-as dahi para fóra, o mais depressa possivel. E' que, num caso de guerra, essa gente ser-lhes-ia prejudicial.

Em S. Paulo, ainda está na memoria de todos a questão dos bessarabianos. Houve crise, que quasi assumiu proporções muito serias.

Mas, senhores, não convem insistir mais sobre este assumpto. Não queremos abusar da vossa attenção.

Se nos Estados Unidos, o problema da immigração, depois da guerra, tornou-se uma questão capital, no Brasil ella tambem é um dos nossos problemas de maior importancia.

Lá, o reactivo da grande guerra veio mostrar o erro dos que acreditavam no "melting pot" todo poderoso. O livro recente do sr. Henry Fairchild, "The Melting Pot Mistake", é muito suggestivo a esse respeito.

Aqui, o problema da assimilação será igual ou maior que nos Estados Unidos.

A nossa organização social ainda não attingiu aquella complexidade admiravel que espanta todos os que conhecem os Estados Unidos. Escolas, vias de communicacão, instituições de toda a especie, um meio racial homogeneo, que não se misturou na proporção do nosso com o africano, tudo concorre para facilitar a assimilação dos emigrados. E, no entanto, essa é ainda um problema terrivel. O luminoso livro do dr. Siegfried "Les Etats Unis d'Aujourd'hui" é um testemunho de valor, nesse sentido, porque é de um autor estrangeiro e não pode ser acoimado de parcialidade.

No Brasil, a organização social é ainda deficiente. Poucas escolas, escassas vias de communicacão, meio racial heterogeneo, embora coheso como nacionalidade, — tudo indica que a assimilação aqui será talvez mais difficil que nos Estados Unidos.

Mas não é nosso intuito aprofundar esse ponto, como não foi nosso intuito aprofundar os outros topicos desta dissertação.

Vimos trazer um punhado de sugestões e lançar, por assim dizer, o fermento da curiosidade sobre o thema immigratorio, abandonado em parte pelos nossos estudiosos. Para finalizar, vamos ler um trecho da entrevista que o sr. Amadeu E. Grandi, da Repartição do Trabalho da Liga das Nações, concedeu ao "Correio da Manhã", no Rio de Janeiro, o anno passado :

"Consideremos principalmente o technico e o problema que lhe deve absorver o espirito. O sr. Grandi, quanto á actuação dos paizes de immigração para esse continente, encarando principalmente a Argentina, o Brasil e o Uruguay, pensa que se impõe uma legislação uniforme e uma mesma unidade de acção concorreria para um amparo geral sul-americano contra a entrada de elementos indesejaveis, que têm feito da Sul America um paraíso das suas aventuras.

O sr. Grandi considera que ha na Argentina uns 300.000 desoccupados e pensa que, no Brasil, a questão se apresenta sob o mesmo aspecto critico, não, aliás, fundado em dados seguros... Entende que a grande massa inactiva não decorre da falta de trabalho, mas da inaptidão technica do elemento emigratorio. E é na prohibição da entrada de taes elementos que vê a solução do problema sul-americano. Pondera, a proposito, que, na Inglaterra, ha um milhão de desoccupados; na Alemanha, um milhão e meio; a Italia manda para o estrangeiro, por anno, pouco menos de meio milhão. A immigração desses elementos para colonizar, sem plano, as nossas campinas, poderia ser origem de serias crises economicas, uma vez que não se cuidasse dos aspectos de terem os productos collocação na Europa ou na America do Norte. Considera assim que se deve ter muito em vista a situação das industrias nacionaes que estão em condições desvantajosas em face das industrias europeas e norte-americanas similares, cujos salarios são baixos e os transportes e fretes mais economicos".

Agradeço aos illustres membros da Liga Paulista de Hygiene Mental a attenção dispensada. E acolherei com a maior satisfação quaesquer observações ou censuras que possam ser feitas pelo que acabo de expôr. Meu intuito foi servir a collectividade em que vivo e á qual devo a maior parte dos beneficios que usufruo.

Café Última parte

Nota de planejamento [set. 1930]; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel branco (14,4 x 10,5 cm), borda superior picotada; folha originalmente presa às duas notas anteriores por alfinete de cabeça.

Nota da edição: Data atestada pela menção, na própria nota, à carta de Antônio Bento de Araújo Lima a MA, datada do Rio de Janeiro, 15 set. 1930, na qual o amigo potiguar transmite notícias do nordeste que traduzem o repúdio dos nordestinos à incompetência do presidente da República, o paulista Washington Luís. Como se vê, a criação de Mário não dialoga apenas com textos publicados; avança para a vida ao recorrer a cartas e outros documentos. É assim que junta aos arquivos da criação de *Café*, no mecanismo de apropriação e recriação, um trecho da missiva de Antônio Bento. Deste trecho, a frase original, “Apesar disso, não houve e parece que não haverá nada.”, ganha tom peremptório em *Café*: “Apesar disso não houve e juro e que não haverá (Setembro de 1930) nada.” Paralelamente, a frase “Brasileiro se compra com almoço”, presente nesta nota de planejamento, passa para o romance com pequena alteração: “brasileiro se compra com banquete” (p. 29), pronunciada pelo engenheiro norteamericano, chefe de Celeu ou Leléu, marido de Vivi. Este sai do recinto “num odio mas num odio de estraçalhar o corpo daquele americano filho-da-puta que dissera que brasileiro se compra com banquete, desafôro!” (p. 30), mas a pecha que lhe desencadeara a indignação volta-lhe à mente, em um outro enfoque, na página 38: “Afinal era verdade mesmo que brasileiro se comprava com banquete. O chefe tinha razão, só que não devia ter dito, levandades de iânque...”. Essa questão inscreve-se nas cogitações de Paulo Prado e Mário de Andrade sobre o caráter do brasileiro.

^{o comprador que contém} ^{proprietário do imóvel} ^{que de suas terras} ^{proprietário} ^{revela}
Café! Última parte
Demonstrando o que é moralmente o bra-
si-leiro. Principalmente um animal. Por mais
sensual e reactivo que seja e' um cinico (filos-
ofico) não por pensamento, mas por psicologia.
Beleza, prova de sensualidade, falta de carater, des-
feituração. As de Von Weel. Procurar outras em
Paulo Prado. Ver os livros que atacam o Brasil.
"Brasil eiro se compra com almidão" como dizem
e agiam os americanos olhando a preza sangue
chupando o Brasil e o Brasil. O Brasil que me
dizem estar fatigado de estar angustiado com Brasil-
leiros, e ai ainda vivia no Brasil ao fazer ma-
goas com estrangeiros. O comprador de café por
conta de dinheiro que confessa a sua to (um tipo
de gato, instantâneo) por malícia, que vivia abran-
cando amigos com amigos e foi se insinuando
cada vez mais por causa da exasperação (que na
Europa seria apenas uma ciência normal)
do sentimento de nobreza). As provocações os insult-
os a moral brasileira feitos por Washington Luís
no governo... sua vida com esses acontecimentos
uma carta de amigo meu, a seguir: "Washington
fez todas as provocações de que foi capaz a sua bur-
rice ou inconsciência, apesar disso não houve a
luta que não houve (Setembro de 1930) nada. A
Paralha é que está magnifica. Virei com os
olhos negros. Os nossos amigos se lá viraram fa-
zendo e se encontram num mercado de
de submissão. Não é outra coisa a situação
atual dos brasileiros. De resto o pensamento é
muito de psicologia - o marxismo. Que é mis-
tico por excelência" (Carta de Antonio Bento, da
Tudo de Rio, 15 de Setembro de 1930).
Mas sempre, tão pessimista assim? Sim, mas em
relação a uma moral, a uma civilização deter-
minada, a civilização europeia cristã, tão dura.
Trazendo aplicada a um país tropical. Carlos não
deixa propriamente. É a presença de "barro" se-
gundo a civilização europeia moderna em que
se adentra, a uma readaptação mais leve
de si mesmo com a realidade de si mesmo,
pelo menos a mais íntima e anterior realida-
de de si mesmo. O grande mal do Brasil é
ter sido obrigado pelos circunstâncias do tem-
po a não progredir em relação a si mesmo, mas

Café Ultima parte

Demonstrar o que é moralmente o brasileiro. Principalmente um amoral. Por mais valentão e reactivo que seja é um cinico (filosofico) não por pensamento, mas por psicologia. Citar provas de venalidade, falta de carater, desfibração. As de VonWeach. Procurar outras em Paulo Prado. Ver os livros que atacam o Brasil. “Brasileiro se compra com almôço” como diziam e agiam os americanos duma e[m]preza ianque chingando brasileiro e o Brasil. O [russo] que me disse estar fatigado de tratar negocios com brasileiros, e si inda vivia no Brasil so fazia negocio com estrangeiros. O comprador de café por conta do govêrno que confessou o meu tio (um tipo de Catão, insustentavel prá maioria, que vivia arranjando brigas com amigos e foi se insulando cada vez mais por causa da exasperação (que na Europa cristã seria apenas consciencia normal) do sentimento de nobreza) (o comprador que contou que de quasi todos os fazendeiros recebera propostas desonestas) As provocações os insultos à moral brasileira feitos por Washington Luis no Govêrno... mas vou citar um passo admiravel duma carta de amigo meu á mulher: “Washington fez todas as provocações de que foi capaz a sua burrice ou inconsciencia. Apesar disso não houve e juro e que não haverá (Setembro de 1930) nada. A Paraíba é que está magnifica. Virou Canudos duma vez. Os nossos amigos de lá viraram jagunços e se encontram num verdadeiro estado de sublimação. Não é outra coisa a situação atual dos paraibanos. De resto o fenomeno é muito de psicologia do nordestino. Que é mistico por excelencia” (Carta de Antonio Bento, datada de Rio, 15 de Setembro de 1930). Mas seremos tão pessimos assim? Somos, mas em relação a uma moral, a uma civilização determinada, a civilização europeia cristã, tão desastrosamente aplicada a um país tropical. Carlos não decaíra propriamente. Ele passara de “heroi” segundo a civilização europeia moderna em que se educara, a uma readaptação mais livre de si mesmo com a realidade de si mesmo, pelo menos a mais intima e anterior realidade de si mesmo. O grande mal do Brasil é ter sido obrigado pelas circunstancias do tempo a não progredir em relação a si mesmo, mas

A¹: nobreza +(o comprador que contou que de quasi todos os fazendeiros recebera propostas desonestas)+

em relação à civilização vista europeia que
dominava o mundo e pelos recentes progressos
dos meios de comunicação, esta era uma presen-
ça fortíssima e invencível sobre a América.
O Brasil foi por tudo isso obrigado a importar
a civilização europeia. Ora se em certos pontos
muito gerais, mais da evolução humana que
propriamente da evolução da civilização euro-
peia, se em certos pontos esta civilização podia
ser adaptada (nunca aceita como é) aqui, o
homem ^{americano} ~~europeu~~ e especialmente o homem bra-
sileiro na América não podia se reajustar à psi-
cologia e às exigências morais do homem europeu.
Nos Tumbamos e Tumbos, pra sermos felizes ao mesmo
tempo parte da felicidade que consiste em
fazer coincidir a vida realizada com a predesti-
nação de cada um em particular e das razões cli-
máticas em geral, Tumbamos e Tumbos que viria uma
civilização que seria especificamente tropical
e que deveria desenvolver muito mais pelos civili-
zações da Índia, do Egito, dos Babilônios, da Glei-
ria, que pela do cristianismo europeu. O Brasil
é velho, é sapado nos negócios, tem, mas o
Brasil não pra ganhar a vida e afanar o que lhe
permeia o dinheiro (fim velando primordial-
mente pela noção da posse, de enriquecimento) tem
que trabalhar novo, de novo, por dia. Ora o Brasil não
pode mais responder essa zona barreira de
trabalho. Diante da vida principalmente, lutar
se desmontar, ganhar o mais apressa, por que
meios for; pra deixar a rede que é um dos
pontos da nossa psicologia. É tanto mais
que no que lhe põe o sangue americano,
resta um sentimento comunitário de propriedade
que não se desrespeita o alheio como tem o
Brasilão Brasileiro da nossa liberalidade e
hospitalidade proverbial.

Aparato genético.
Etapas e rasuras

em relação à civilização cristã europeia que dominava o mundo e pelo crescente progresso dos meios de comunicação, [?] era uma pressão fortíssima e invencível sobre a América. O Brasil foi por tudo isso obrigado a importar a civilização europeia. Ora si em certas linhas muito gerais, mais da evolução humana que propriamente da evolução da civilização europeia, si em certas linhas esta civilização podia ser adaptada (nunca aceita como é) aqui, o homem americano e especialmente o homem tropical da América não podia se reajustar à psicologia e às exigências morais do homem europeu. Nos tínhamos e temos, pra sermos felizes ao menos nessa parte da felicidade que consiste em fazer coincidir a vida realizada com a predestinação de cada um em particular e das raças climáticas em geral, tínhamos e temos que criar uma civilização que será especificamente tropical e que deverá se orientar muito mais pelas civilizações da Índia, do Egito, dos Bantús, da China, [dos Incas], que pelo do cristianismo europeu. O brasileiro é venal, é safado nos negócios. Sim, mas o brasileiro pra ganhar a vida e ajuntar o que lhe permita o descanso (fim [sublimado] primordialmente pela noção de posse, de enriquecimento) tem que trabalhar nove, dez horas por dia. Ora o brasileiro não pode dispendir essa soma horária de trabalho. Questão de clima principalmente. Então se desonestiza, ganhar o mais depressa, por que meios for, pra deitar na rede que é um dos símbolos da nossa psicologia. E tanto mais que no que lhe ficou de sangue ameríndio, resta um sentimento comunista de propriedade que não só desrespeita o alheio como tem o ~~lindo~~ traço lindo da nossa liberalidade e hospitalidade proverbiais.

A¹: comunicação, >[?]< era

A: homem *europeu* e

A: deverá +se+ orientar

A¹: Chi-/na +dos Incas,+ que

(A): #lindo# traço lindo